A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1942—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camilo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 2 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A GRANDE GUERRA

Nos theatros da lucta

Em todos elles foi o fim do anno assignalado por uma intensa actividade

PARIS, 31.—(Retardado). — Communicação official das 23 horas:

Na Belgica as nossas baterias bombardearam com successo as trincheiras inimigas da primeira e segunda linhas assim como a linha ferrea em frente de Boesinghe. Na região de Roye o fogo feliz da nossa artilharia [illegible] um deposito de material em Verpilliers. Ao norte do Aisne destruimos um entrincheiramento allemão a sueste de Soupir. Nos altos do Meuse canhoneámos efficazmente os abrigos e «blockhaus» inimigos no bosque de Chevaliers. Nos Vosges depois de violenta preparação pela artilharia, o inimigo dirigiu sobre as nossas posições na região de Hirtzstein, um ataque de infantaria que foi completamente repellido.

Exercito do Oriente: Os «aviatiks» lançaram bombas sobre Salonica no dia 30. Uma d'estas bombas foi lançada sobre o esquadrão grego que manobrava sob a inspecção do principe André. Foi morto um pastor a 50 metros d'aquelle ponto. Os estragos em material foram insignificantes.

Corpo expedicionario dos Dardanellos: No dia 30 em consequencia de um violento bombardeamento executado pela nossa artilharia pesada, as baterias turcas da costa da Asia affrouxou sensivelmente. Foram avariadas algumas peças inimigas bem como um deposito de munições que foi pelos ares.

PARIS, 1.—Communicação official. Em Artois varias patrulhas allemãs foram durante a noite dispersas pelo nosso fogo ao sul de Vailly. Canhoneio intermittente entre o Somme e o Oise e no Woevre, no sector de Flirey. No resto da linha não ha acontecimento algum importante a registar.

PARIS, 1.—Communicação official de hoje ás 23 horas:

Entre o Avre e o Oise a nossa artilharia pesada reduziu ao silencio as baterias inimigas da região de Amy, ao sul de Roye. Entre Soissons e Reims houve lucta de minas na qual fizemos manobrar com successo dois [illegible] Troyon terceira na direcção de La Pompelle, a sudoeste de Reims. Nos Vosges grande actividade da nossa artilharia na região de Mundbach. Official. Esta manhã uma peça inimiga de grande alcance lançou uma [illegible] de projecteis sobre Nancy e os seus arredores. Ficaram mortos 2 habitantes e 7 ligeiramente feridos, mas os estragos materiaes são pouco importantes. A peça que fazia fogo foi immediatamente contrabatida. —(Havas).

LONDRES, 1.—Communicado official. [illegible] Carnoy, ao norte de Loos, os allemães fizeram explodir cinco minas, avariando ligeiramente as trincheiras. Estamos reparando os prejuizos feitos nas alturas de Hulluch, Givenchy e Wilschot. Em Saint Julien houve actividade intensa e reciproca das artilharias. O canhoneio allemão augmentou na direcção de Armentières. Os nossos morteiros pesados avariaram consideravelmente em diversos pontos as linhas allemãs.—(Havas).

PETROGRADO, 31. — Official. Ao sul do Pripet houve combates locaes encarniçados. Na Persia, na região de Urmiah, escaramuças contra os curdo-turcos. Ao sul de Hamadan [illegible] com os gendarmes rebeldes.—(Havas).

PETROGRADO, 1.—Official. No Pripet houve combates encarniçados. Através [illegible] tomámos a aldeia de Kharasi [illegible] repellimos contra-ataques encarniçados assim como a sudeste de Kelki. Ao norte de Olyk progredimos. No Strypa tomámos duas linhas de trincheiras. Entre o Dniester e a Romania destruimos os fios de arame farpados do inimigo e occupámos o local. No Caucaso, ao sul de Kharassan, destruimos um posto turco.—(Havas).

CETTINHE, 1.—No dia 30 de dezembro na direcção de Rozai repellimos o inimigo e occupámos Vloka. Em Voro e Rogova repellimos o inimigo, infligindo-lhe fortes perdas; tomámos-lhe cavallos e munições. Os austriacos occuparam Bogicovitch. Nas boccas do Cattaro houve combates entre as guardas avançadas, sendo sérias as perdas do inimigo. N'um grande numero de pontos houve vivo canhoneio.—(Havas).

ROMA, 1. — Official. Vivo canhoneio reciproco em toda a linha.—(Havas).

Os alliados expulsam de Salonica os consules dos paizes inimigos

SALONICA, 31. Hontem as auctoridades militares dos alliados resolveram, em seguida á incursão, dos [illegible] que fôssem ex[illegible] Allemanha, [illegible] garia. Os con[illegible] ados militar[illegible] eceberam or[illegible] sora. (Ha[illegible]

[illegible] gendas cen[illegible] Bulgaria fite[illegible] electiva jan[illegible] respeito das [illegible] s em Salgai[illegible]

O paquete «Persia» afundado—Duzentas mortes

LONDRES, 1.—O Lloyd annuncia que o paquete «Persia», da Companhia Peninsular, em viagem para Bombaim foi afundado no dia 30 de dezembro, perdendo-se a maior parte dos passageiros e da tripulação. Quatro embarcações poderam afastar-se do navio.—(Havas).

LONDRES, 1.—A lista dos passageiros do vapor «Persia» indica que 230 passageiros tomaram bilhetes em Londres e que entre elles havia 87 mulheres, 25 creanças e 3 cidadãos americanos.—(Havas).

LONDRES, 1.—Calcula-se que no torpedeamento do «Persia» houve 200 mortes.—(Havas).

Saudações e distincções honorificas

LONDRES, 1.—O rei Jorge V enviou ao sr. Poincaré os seus votos e a expressão da sua profunda admiração pelas qualidades dos exercitos francezes de terra e mar, d'um valor inestimavel que são a garantia segura da victoria final. — (Havas).

LONDRES, 31.—Official. O tzar foi nomeado pelo rei Jorge feld-marechal do exercito britannico. — (Havas).

LONDRES, 31.—Sir Carnegie, ministro da Inglaterra em Lisboa, foi nomeado cavalleiro e commendador da Ordem de S. Miguel e S. Jorge.—(Havas).

Afundamento do «Natal»—400 sobreviventes

LONDRES, 1.—O almirantado britannico annuncia que o navio inglez «Natal» se afundou no dia 30 de dezembro á tarde, quando se achava no porto, em resultado de uma explosão interna. Crê-se haver cerca de 400 sobreviventes.—(Havas).

"A Capital" em Hespanha

A absoluta falta de espaço impede-nos de publicar hoje a entrevista do nosso enviado especial com o illustre orador republicano sr. D. Raphael Labra, que sahirá ámanhã.

A CAPITAL DO NORTE

A beneficencia publica melhora

Vae construir-se um grande pavilhão para doidos pobres

Porto, 30

«Bem o disse v. em «A Capital»—affirma-nos um medico distincto—a beneficencia publica melhora, accentua-se. E bem necessario se tornava, especialmente quanto a assistencia a pobres alienados que até agora só tinham guarida no Aljube, como se fossem criminosos—quando são apenas desgraçados—era evidentemente necessaria uma iniciativa de protecção, de humanidade, de solidariedade social.

«Era indigno o que se estava passando. Era uma barbaridade sem nome. Ha este facto que fala por si só eloquentemente, mas pavorosamente:—ha no Aljube 18 doidos, 18 creaturas humanas que se debatem, gritam, rasgam-se, dormem nús, sem um leito, sem uma manta a cobril-os do frio, sem hygiene, alguns de cabello crescido até á cinta, inçados de parasitas, roidos de chagas... E' um horror.

«Ora, é para evitar esta imprevidencia, esta desgraça social que se vae construir um hospital novo, unica e taxativamente consagrado para doidos pobres.

—Mas, então, o hospital do Conde de Ferreira não recolhia, não abriga pobres?

—Não. O hospital de alienados do benemerito conde de Ferreira, administrado pela Misericordia do Porto, «nunca» tem logar para recolher e tratar desgraçados. A obra benemerita da iniciativa do nobre portuguez que deixou toda a sua colossal fortuna repartida em escolas e no manicomio,—alto ideal de um grande espirito e d'um grande coração—no intuito e com o fim de abrir os cerebros das creanças á luz e curar das trevas os que a luz cerebral perderam—essa altissima obra humanitaria tem servido, não para «doidos» como era seu desejo, mas unicamente para os ricos e para os remediados.

«Quem não poder pagar uma diaria, que vae de um escudo a 20 [illegible] não ha hygiene, onde os desgraçados apenas pódem ter a consolação de poder quebrar a cabeça contra as paredes negras e humidas das enxovias.

«Não sei—accrescentou o distincto medico—como, tendo a Santa Casa da Misericordia do Porto dinheiro para instalar um balneario que não é privativo dos «seus» doentes—no hospital dos doidos—mas de que faz commercio e industria de receitas, não tem podido construir um pavilhão para alienados pobres...

—Mas o novo pavilhão, que vae construir-se, não é obra da Santa Casa?

—Qual historia! Deve-se á iniciativa de um grupo de capitalistas, tão generosos como modestos, que—sem descobrir os seus nomes—põem á disposição da Santa Casa a importante quantia de 60 contos para essa benemerita obra de assistencia.

E, sorrindo com certa malicia, terminou:

—O que esses benemeritos cidadãos devem, no entanto, fazer, é acautelar bem a sua iniciativa generosa, fixando e prevenindo em documento publico para que nunca, d'esse pavilhão para infelizes e desgraçados doidos pobres, a Santa Casa do Porto possa fazer... um elemento de receita.

Politica brazileira

[illegible]

NAS MARGENS D'UM LIVRO

Raul Brandão e o seu prefacio ao "Cêrco do Porto"

Eu não falaria do novo livro de Raul Brandão, obra notavel como todas as que sahem da penna do grande publicista,—que ha muito considero o primeiro prosador da nossa geração,—e limitar-me-hia a significar-lhe particularmente o meu agradecimento pela gentilissima offerta do seu livro, visto que já mesmo n'este jornal o seu alto valor foi assignalado, por um dos meus mais distinctos camaradas, se em torno do seu prefacio se não conciassem fazendo uma especie de campanha de caracter politico que na realidade não assenta em verdades reconhecidas. Eu creio na sinceridade absoluta de Raul Brandão, que não é um espirito sectario. Em meu entender, o seu prefacio, de resto magistralmente escripto, representa uma falsa visão dos factos. Não o crimino, mas não posso dar-lhe a collaboração do meu applauso nem a cumplicidade do meu silencio. Raul Brandão pode ser n'este momento uma alma amargurada pelos incertos destinos da Patria. Mas na contemplação dos acontecimentos elle demonstra, d'uma maneira iniludivel, os defeitos das suas qualidades. E' necessario dizel-o, e é facilimo proval-o.

Como essas qualidades são grandes, esses defeitos são graves. Raul Brandão, que aos trabalhos historicos ultimamente se tem dedicado com tamanho talento de evocação, é o Goya da Historia. N'um fundo acarvoado movem-se sombras. Essas sombras rapido se transformam em visões de Apocalypse; por vezes convertem-se em monstros, outras surgem como caricaturas. O grotesco allia-se ao sublime. Ha paginas de Dante que findam em desenhos de Gavarni. Mas uma alta paixão anima, convulsiona o quadro exotico e tragico. Para o auctor de «El-rei Junot» a Historia é um pandemonio e um turbilhão. Imprime-lhe um caracter estranho, insufla-lhe alma; perpassam rajadas em que fusilam relampagos de genio. Ha nos seus livros o claro-escuro do sonho. E' um grande poeta, cuja phantasia creadora e singular não abdica embora procure integrar-se na verdade historica, com uma probidade absoluta da sua consciencia que só o seu poder emotivo desfigura.

* * *

D'ahi muitas vezes o erro, a illusão, o equivoco, as contradições. A magnificencia da sua expressão verbal, a força e o encanto do seu estylo, devem conquistar soberanamente um publico que só belleza de exteriorisações procure. A um attento analysta não escapam esses defeitos, embora brilhantes, da imaginação ardente. E' por isso que o seu prefacio [illegible] quando na realidade as proprias comparações que estabelece invalidam essa exactidão.

O prefacio do «Cerco do Porto» define uma phase de negação. Não é o primeiro symptoma de tal estado de espirito esse prefacio. Já publica ou particularmente elle se evidencia da parte d'alguns dos nossos escriptores e, com magoa o assignalo, dos mais novos, alguns dos quaes são dos mais illustres. Eu não comprehendo essa negação. Afigura-se-me que ella só póde conturbar e affligir os que por ella se deixam conquistar. Nada de grande se faz sem a esperança, sem a fé. Só ellas acalentam ideaes, só ellas dão vida. Trabalhar para a negação é trabalhar para a morte. Não se faz uma obra imperecivel,—e o trabalho do genio só á immortalidade aspira,—quando para a morte se trabalha. E' um esforço suicida. Dil-o-hiamos o melancholico canto dos vencidos, ao prepararem-se para o somno eterno, sob a ramaria triste dos cyprestes.

Felizmente que esse proprio genio a si mesmo se contradiz e fulmina. Tão profunda é a essencia vital da verdade! Que procura Raul Brandão provar nas paginas do seu prefacio? Procura provar que não ha differença nenhuma entre o que se passou em Portugal depois da implantação do constitucionalismo e o que se tem passado depois da implantação da Republica. Hoje como então uma minoria audaciosa domina o paiz, como de resto succedera em França, em 1789; o espirito de ferocidade é o mesmo; houve o mesmo delirio de reformas; uma tyrannia substituiu outra tyrannia; só se pensa nos empregos publicos; derrubámos a Egreja e por isso a questão é essencialmente religiosa; o povo que não lia, lê jornaes e fica horrivel; não ha na realidade, opinião nem povo; com a morte de D. Carlos talvez tivesse morrido mais alguma coisa do que um rei, do que a monarchia, e por fim chega á conclusão de que a Republica tem sido inutil: nem belleza nem grandeza.

* * *

E' uma minoria audaciosa o artifice de revoluções que inegavelmente foram conquistas do progresso? Não precisa Raul Brandão para nol-o fazer acreditar soccorrer-se do parecer de Ramalho Ortigão, a quem chama um desilludido. Ramalho Ortigão não foi um desilludido da Republica, pelos seus actos no poder, porque muito antes [illegible] os seus velhos principios. E' sempre uma minoria audaciosa que faz as revoluções. Foi feita, entre nós, por uma minoria a revolução de 1820 como foi feita a revolução de 1640. Foi realmente feita por uma minoria, 15.000 parisienses, a revolução de 1789, cujos principios dominam o mundo moderno. E que ha n'isso de censuravel? Semelhante inferioridade numerica só glorifica, só engrandece os innovadores. Ha a selecção revolucionaria nos povos como ha outras selecções. E' a do espirito, é a da intelligencia, é a da bravura, é a dos ideaes, animados por uma consciencia clara ou por uma intuição sublime.

Os liberaes eram uma minoria em Portugal. Venceram, e deviam vencer. Se os republicanos eram outra minoria, o seu direito era e é identico. A liberdade, o progresso impõem-se aos povos. Se isso é uma tyrannia, é uma tyrannia abençoada. E' a tyrannia com que se salva os que querem morrer, com que se dá luz aos cegos, com que se dá liberdade aos escravos.

O systema liberal triumphou no nosso paiz, e foi necessario e foi util. As suas reformas não foram estereis. Uma d'ellas, a abolição dos morgados, bastaria para justificar e engrandecer esse novo regimen, porque foi uma obra de altissima justiça social. Da mesma fórma, as reformas da Republica não são nem serão estereis. Bastaria a lei da familia, a da separação da Egreja e do Estado, para nobilitar a sua acção. N'este ponto Raul Brandão exclama que derrubámos a Egreja. E' inexacto. A Egreja continua sendo entre nós o poder espiritual que era, e que nunca devia ter deturpado com intuitos de dominio temporal. Derrubámos a Egreja, ensinámos a ler jornaes,—e o povo fica horrivel. Mas os templos catholicos estão de pé, n'elles se congrega a multidão dos fieis, na plena liberdade do seu culto, e Raul Brandão o diz: «o povo humilde reza». Assim, não só o seu culto é respeitado, como a sua crença permanece. Se esse culto, se essa crença são indispensaveis para se conservarem as virtudes do povo, a Republica não destruiu um nem attinge a outra.

* * *

O povo lê jornaes, e fica horrivel. Que lê elle n'esses jornaes? Não póde nas suas columnas encontrar maiores incentivos á crueldade do que os que ouvia dos pulpitos aos frades miguelistas. Nem a sua ferocidade poderá ser maior do que o foi nas scenas de barbarie a que Raul Brandão allude no seu prefacio, descrevendo as primeiras epochas do dominio dos liberaes. Não lia jornaes quando, no tempo da Inquisição, procurava, com farrunchos aguçados, tirar os olhos aos que caminhavam para o supplicio antes de chegarem á fogueira. E na epocha liberal o sangue corria a jorros; os presos, levados á presença dos juizes, eram mortos no caminho; os seus cadaveres ficavam nas ruas empestando a atmosphera; uma estatistica, feita por um liberal honrado, constata que mais de 5.000 pessoas foram mortas. Tudo isto cita Raul Brandão, e para quê? Para concluir que, na Republica, tudo é o mesmo. Onde estão esses milhares de mortos, Raul Brandão? Onde estão essas scenas de ferocidade? Onde é que fez tanto ou mais, depois da Republica, esse povo que nós, eu e o senhor tambem, ensinamos a lêr jornaes, e que ficou horrivel? Não digo que se não tenham commettido excessos, não digo que tenhamos a perfeição que, porventura, ainda em futuros seculos, se reputará inattingivel, mas tenho o direito de lhe dizer, servindo-me dos seus proprios subsidios, que uma melhoria se observa, que os corações abrandaram, que a ferocidade não é a mesma, e que se esse resultado se comprova é porque a ignorancia não é a mesma.

No advento do regimen constitucional um contemporaneo dizia: «Ha cincoenta para sessenta annos o nosso povo era semi-barbaro». E justificava a sua asserção. Se dizia que elle era semi-barbaro, é porque já o não considerava em tão desgraçado estado de consciencia. Maior differença do que elle então accentuava, ainda com o espectaculo dos horrores que Raul Brandão descreve, podemos nós hoje constatar. Ha então ou não um progresso constante, porventura lento, mas inegavel? Só a má fé o poderia contestar, e Raul Brandão não tem o seu talento envenenado por ella.

Por isso mesmo a Republica não é o mesmo que a monarchia liberal, como esta já não era o mesmo que o regimen absolutista. Uma identidade que Raul Brandão procura estabelecer é a do mesmo interesse pessoal, orientando-se na conquista dos empregos publicos. Os factos respondem-lhe. Ninguem duvida que pelo menos cincoenta por cento do nosso funccionalismo não communga nas ideias republicanas. Nem por outra fórma se comprehenderia que nós fossemos uma minoria audaciosa. Todavia, esses funccionarios conservam os seus logares. Com um sentimento de defeza, porventura assignalado por uma defeituosa formula de execução, ainda ha pouco se tratou de expurgar a administração republicana d'esses elementos. Pois não chegou a quatro ou cinco dezenas o numero dos separados e esses mesmos quem sabe se definitivamente o ficarão sendo? Que ancia é essa, geral, collectiva, absorvente, que a taes resultados chega?

* * *

Não ha opinião: quem se apoderar do Terreiro do Paço é quem manda,—diz o illustre escriptor cujas considerações annoto. A prova de que tal não succede recentemente se patenteou ao mundo inteiro. Mercê d'um «guet-apens» politico, houve quem se apoderasse do Terreiro do Paço, rojando espadas. Pois bem! O Terreiro do Paço não os salvou. O seu dominio foi de mezes. N'este paiz que não tem opinião, que não tem povo, onde só uma minoria audaciosa se impõe, os dictadores que ali se haviam enthronisado foram varridos como palhas seccas. Raul Brandão pergunta: «O paiz só está apto para a dictadura?» Não está. Ella foi tambem a obra d'uma minoria audaciosa, porque Raul Brandão certamente não avançará que n'este paiz, sem opinião para a monarchia e para a Republica, só a houvesse para o sr. Pimenta de Castro. E todavia cahiu. Não basta então ser uma minoria audaciosa? Não basta, meu amigo, meu camarada. Expressas com a linguagem clamorosa da razão ou tendo lançado profundas e obscuras raizes nas almas, só as ideias, vivendo em formulas eloquentes ou em sentimentos poderosos, é que conferem [illegible] madores politicos e sociaes. O senhor mesmo o explica quando diz que já se não póde voltar para traz, que o impulso dado no seculo XVIII ha de ir até ao fim. «Quando um deus morre o seu cadaver corrompe o mundo». A monarchia morreu; embora mesmo possa affigurar-se ao seu espirito que nós nos envenenamos com a sua corrupção, a verdade é que estamos varrendo os seus miasmas.

E não ha povo, porque o povo que ignora tudo, não se altera contanto que lhe não tirem as duas ou trez cousas essenciaes á vida! Mas eu vi esse povo, nas paginas da «Conspiração de 1817», seguindo com os olhos, pensativo, a figura de Gomes Freire, que diz liberdade e futuro; vi esse povo, silencioso, mas já animado de nobres premeditações, assistir ao supplicio dos liberaes no Campo de Sant'Anna. «Desde esse dia, começa-se a murmurar em Lisboa. Os inglezes diziam: «o cheiro da carne assada do Campo de Sant'Anna ha de conter os portuguezes». Os inglezes enganaram-se.» Com effeito, trez annos depois rebenta a revolução de 1820. Esse povo atravessa as paginas admiraveis de «El-rei Junot». Vejo-o desenhado pela sua mão firme, Raul Brandão, na partida de D. João VI para o Brazil, cobrindo de sarcasmos a monarchia que foge; vejo-o nos lances heroicos da reconquista da independencia: «Para deparar com energias capazes de reagir, foi preciso ir buscal-as aonde ainda se encontram: ao povo, aos pobres, á desgraça, porque só a desgraça conserva intacta a fonte capaz de todos os heroismos. E foi assim que, primeiro a fé e depois a dôr, nos conseguiram salvar». E' assim, com effeito, e a primeira de todas as fés tem de ser a fé no povo,—esse povo que não tem opinião, mas que decide sempre no sentido da liberdade e do progresso, sempre forte e sempre bello, na grandeza tragica ou radiante dos seus destinos!

MAYER GARÇÃO

NO SUL DE ANGOLA

Desappareceram os allemães

mas continua o litigio de fronteiras

Quando, n'«A Capital», logo apoz a conquista do Sudoeste Africano Allemão pelas tropas do general Botha, accentuámos a necessidade de se cuidar mais do que nunca do Sul de Angola, possuiamos o nitido presentimento de que os interesses germanicos, antagonicos dos nossos interesses tinham apenas mudado de nacionalidade. Por outras palavras: as dissidencias entre allemães e portuguezes a proposito da linha da fronteira que liga o Cunene ao Cubango não tinham ficado resolvidas com o desapparecimento da soberania allemã na Damaralandia.

Os factos vieram infelizmente darnos razão. Antes porém de nos referirmos a elles, seja-nos licito evocar summariamente a questão da fronteira.

Segundo a convenção de limites feita na carta, a linha divisoria entre o nosso territorio e a antiga colonia allemã deveria partir da catarata do Cunene proxima da região da Hinja, onde fica situada Naulila de triste memoria, e seguir o parallelo até encontrar o rio Cubango. Succede porém que no ponto citado ha mais do que uma catarata [illegible] norte, no passo que os portuguezes affirmavam ser o limite marcado pelo parallelo da cataracta mais ao sul. Assim surgiu uma faxa de territorio litigioso, limitada por dois parallelos que deitam entre si pouco mais de uma dezena de kilometros. Incluidos n'essa faxa havia o antigo posto militar Henrique Couceiro, que abandonámos prudentemente ha annos, e uma missão allemã ao sul de N'giva, residencia do soba do Cuanhama, actualmente refugiado em terras da Damara.

Do rudimentar bom senso diplomatico teria sido o nosso procedimento considerar terminado o litigio sobre a posse da referida faxa de territorio logo que os allemães foram definitivamente vencidos pelas forças do general Botha. Parece, no entanto, que não succedeu assim, pois, segundo nos consta, mal a columna expedicionaria do sr. general Pereira d'Eça chegou victoriosa á residencia abandonada do soba Cuanhama, um emissario da União Sul-Africana comparecia no local para tratar do assumpto, sendo da nossa parte admittido o péssimo principio do proseguimento do litigio sobre a questão de fronteiras.

Este facto, a que é impossivel negar-se uma excepcional importancia, foi cercado de episodios extremamente pittorescos, que não resistimos á tentação de narrar n'um proximo artigo. A politica sul-africana, que tão de perto nos tem interessado, [illegible] Lourenço Marques, [illegible] a interessar-nos [illegible] Angola, [illegible]

RELIQUIAS DO PASSADO

O castello de Leiria

Ameaça imminente ruina, sendo urgente acudir-lhe para o salvar

Na rampa ingreme da Borosa, a locomotiva guincha com mais estridor e os freios, cingindo-se, n'uma abraço de ferro, ás rodas dos vagons, evitam que o comboio role á doida e vá precipitar-se pelos aterros que sustentam a linha. Está um dia de chumbo. Chove a potes. As nuvens parece que veem dançar sobre as cristas hirtas dos pinheiros uma farandula inconstante de doidos. Os bastios mal se desenham, formando apenas, a esta hora parda do começo da tarde, um vago tapete verde-esbatido, que a meia duzia de metros se confunde com o horisonte d'algodão em rama, enfarruscado e sujo. A Marinha, com as suas fabricas e com a sua monotona cercadura verde-negra, ondeiando e sussurrando a eterna lithania do vento coando-se, em dias de invernia desfeita, pelas ramadas entrelaçadas e flexiveis, fica já lá para traz. Um grande rolo de fumo paira no alto d'uma chaminé, como se fosse de pasta e se houvesse collado d'encontro ao céu escuro. Dir-se-hia que tudo está envolto em fumo. Vem-me de fóra, invadindo a carruagem, impregnando tudo, molhando tudo, uma humidade viscosa, que me afflige. Faz-me como que picadas martirisantes, que me mordem os musculos dos braços e me fazem recordar, com saudade dolorosa, os grandes dias de verão em que o sol, ardendo, queimando e illuminando, semeia por toda a parte o riso e faz com que a alegria estále em cada canto, desanuveando as almas e exaltando, em magnificas apotheoses, a graça e a belleza de tudo quanto se acolhe sob a sua chuva benefica de luz...

Galgando a ladeira empinada, a campina suave e lenta apparece de novo, alargando-se para um e outro lado. E' o campo, este tranquillo campo de Leiria, alagado d'agua e coberto de relva tenra, que principia definitivamente. O Sena, d'aguas turvas, arrasta-se cançado por entre os salgueiraes franzinos, que se curvam, em reverencias de namorado, á sua passagem. Vem de longe, [illegible] les, desce, como um cabrito montez, das penedias d'Alvadas e espreguiça-se, como um sultão satisfeito, por entre as varzeas de Porto de Moz e os vinhedos da Batalha, até ir afogar-se no Liz... Tem lenda, o riosito ignorado, que no verão mal se adivinha e no inverno toma proporções ameaçadoras. Ha quem o accuse de maldosas façanhas destruidoras e lhe attribua, quando a chuva cahe em cordas continuas, durante dias e dias, crimes hediondos contra miseras choupanas de cavadores. Mas os poetas tambem o não teem esquecido, enlevados, e até o grande Eça, que por estes sitios viveu largo tempo, em algumas das suas mais limpidas paginas terá exaltado a belleza das suas margens serenas e lindas...

Mal se desemboca na campina, surge-nos deante dos olhos, como uma gloriosa apparição lendaria, o morro alto, o morro denegrido do castello. A vista crava-se n'aquellas muralhas flageladas pelo tempo e não se arreda d'ellas. Tudo o mais, d'ahi em deante, se apaga e desapparece. O Castello é tudo. O Castello suffoca tudo, dilue tudo, esmaga quanto, em volta, se agglomera no socalco do pincaro em que os arabes, á força de tenacidade e de paciencia, o ergueram, para sua defeza. E' o passado heroico que irrompe da terra humida, da terra encharcada, d'este dia tempestuoso de dezembro. E' a alma portugueza, do tempo em que ella tinha de realisar prodigios para construir o seu ninho, que se desprende das arruinadas muralhas, para vir até mim, mostrar-se-me em toda a sua incomensuravel grandeza. Dir-se-hia que a lenda vae materialisar-se e que a cavalgada heroica que assaltou, ha uns poucos de seculos, o castello fortissimo, está prestes a galopar pela encosta áspera para accrescentar, aos dominios de Affonso Henriques, mais um pedaço de terra. A situação do Castello é privilegiada. No meio da verzea, ergue-se um morro granitico. Foi seguramente, um vomito de vulcão que fez aquillo... Em roda, terras planas ou monticulos cultivados pouco pronunciados. Do lado de cá, o vale do Liz. Para o outro lado, a cidade. Ao longe, o Monte da Encarnação, com o seu sanctuario. Mais longe ainda, as serras das Fontes, dando ao quadro um imponente fundo de scenographia.

E, no alto do pincaro que o velho Castello assenta. Ha uns poucos de annos que não o via. Parece-me, cá de baixo, da estrada lamacenta, que uma velha carripana transpõe nos solavancos, que o tempo o não tem poupado. N'esta tarde nublada, as muralhas são mais tristes e as brechas que as recortam aqui e além dir-se-hia que ainda sangram. Havia, quasi á raiz do Monte, paredões que se sumiram. Os annos, rolando sobre elles, despedaçaram-os. O resto está tambem á mercê de tudo o que de destruidor trazem comsigo os invernos, os terramotos e as rugidoras trovoadas. Um [illegible] po que apodrece minuto a minuto e se desfizesse quasi sem se dar por isso. As ruinas do palacio da Rainha Santa, tão bellas, tão caprichosas e, sobretudo, tão ricas de motivos architetonicos, vão-se desconjuntando a pouco e pouco, como uma vasilha sem arcos, cujas aduelas se alargassem cada vez mais, até tombarem separadas umas das outras, pelo chão.

A torre de Menagem está fendida em varios pontos. A capela, com o seu airosissimo portal gothico, tem sido victima de inacreditaveis vandalismos. Não ha, por assim dizer, no Castello, nada que possa considerar-se solido. A ruina apoderou-se de tudo, fincou em tudo, em todas as pedras, em todas as arcarias e em todos os cunhaes, a sua potente garra dilaceradora. E' que Leiria não amou nunca, com esse amor todo espiritual que gera os heroes e os sonhos, o seu Castello. Só agora alguns leirienses illustres começam a voltar para a escalavrada fortaleza sarracena olhos misericordiosos e compassivos. Será ainda tempo? Os entendidos dizem que sim. A preciosa maravilha, que não tem na peninsula nada que a exceda e que só os phantasticos castellos do Rheno, doirados pela lenda, egualam, póde ainda salvar-se. Mas para isso, urge não perder um minuto. Todas as vontades e todos os esforços são poucos para se evitar que esse capitulo vivo, soberbo e ardente da historia de Portugal se apague e se desmorone. Junto d'aquellas muralhas combateu-se pela instituição d'este paiz. O rei sombrio, o guerreiro quasi selvagem que foi Affonso Henriques, esteve ali. E', portanto, indispensavel manter de pé o que ainda resta da cidadela magnifica que o fundador de Portugal arrancou da posse da moirama. Estará o governo, estará o poder, disposto a concorrer para isso? Se d'ahi arredar o sentido, praticará um crime sem nome, levará por deante um torvo attentado contra um dos mais bellos monumentos que o passado nos legou. O Castello de Leiria precisa [illegible] por isso, todos nós de o soccorrer.

Adelino Mendes

O ANNO BOM

A despeito das tristezas do momento, das angustias da crise que cresce de dia para dia, das incertezas do futuro nebuloso e quasi inescrutavel, a festa do Anno Bom decorreu animada em todo o paiz, sem que qualquer incidente a perturbasse. Sendo como que um prolongamento da festa do Natal ou da Familia, até as proprias amarguras que mais ou menos affligem todas as almas n'esta hora lugubre contribuiram para que a entrada do Novo Anno se solemnisasse com o enternecido empenho de quem deseja que melhores, mais tranquillos e mais prosperos tempos surjam dentro em breve. O amor do lar e o amor da Patria afervoraram-se como nunca ante os perigos que podem envolver uma e outro. Em volta da meza domestica, ainda na casa menos provida, se reuniram hontem os que os laços do sangue ou da amizade prendem e jámais se formularam tão ardentes votos por que se desanuviem os céus e se restabeleça a paz fundada no triumpho inevitavel da justiça e do direito...

Em numerosos actos se affirmaram os sentimentos humanitarios do nosso povo, revestindo a festa do Anno Bom em varias instituições, um grande brilho e caracterisando-as um admiravel cunho de solidariedade e de bemfazer.

Cumpre accentuar um facto cuja significação nos abstemos de encarecer: a importancia da recepção official no paço de Belem e as saudações carinhosissimas de que foi alvo o sr. presidente da Republica ao atravessar as ruas de Lisboa quando se dirigiu ao parlamento, a fim de cumprimentar os representantes da nação. Essas saudações foram particularmente enthusiasticas na Avenida dos Côrtes e junto do palacio do Congresso. Ahi agglomeravam-se centenas de pessoas que victoriaram o chefe do Estado cuja commoção era evidente.

A recepção presidencial

decorre com extraordinaria concorrencia e brilhantismo

A primeira recepção do anno novo, a que presidiu o venerando democrata, que hoje occupa a mais alta magistratura do paiz, decorreu brilhantissima, accudindo á residencia presidencial centenas de pessoas tanto da classe civil, como militar e funccionalismo publico, além das camadas populares que tambem se associaram a essa manifestação de sympathia e respeito ao chefe de Estado, já victoriando-o, defronte do palacio, já penetrando nos salões de Belem, a fim de lhe apresentar os seus saudações.

[illegible]

os salões estavam apinhados. Na immediata á da recepção, aguardando o momento de serem introduzidos, os representantes do Congresso, com os respectivos presidentes, envergando «toilette» de ceremonia. A um dos lados do amplo salão, constituindo um bloco doirado e brilhante, a representação da marinha de guerra, com os seus uniformes reluzentes; do lado opposto, o governador civil com o pessoal das repartições e os representantes do municipio. Na sala seguinte predomina o elemento militar, os delegados dos regimentos da guarnição, as escolas militares, os representantes de collectividades scientificas, commerciaes e industriaes, a universidade de Lisboa, o professorado das escolas superiores e technicas, deputação dos alumnos da Casa Pia, etc., etc.

A' hora annunciada, o sr. Luiz Barreto da Cruz, 1.º official da presidencia annuncia o começo da recepção e os visitantes desfilam pela sala doirada, saudando o chefe do Estado, que a todos retribue com uma palavra os cumprimentos.

O sr. dr. Levy Marques da Costa, que está acompanhado pelo presidente do Senado Municipal e outros vogaes d'essa corporação, lê a seguinte saudação:

«A cidade de Lisboa que temos a honra de representar, vem trazer a V. Ex.ª, com as homenagens devidas a quem tão nobremente preside aos destinos da Nação, os votos que esta leal população faz pelas prosperidades da Patria e pelas felicidades de V. Ex.ª».

Depois, o desfile continua, até ser introduzido o elemento popular.

Os registos do palacio cobrem-se de assignaturas, as salvas de prata enchem-se de cartões e telegrammas, sendo materialmente impossivel apontar quantas pessoas estiveram hontem na recepção presidencial.

Entre outras, tomámos nota das seguintes:

Dr. Almeida Lima, Carlos Gomes, Sousa Lara, Albert Macieira, da Associação Commercial de Lisboa; Apolinario Pereira, João José da Costa, da Associação Commercial dos Lojistas, C. Augusto Rego, Joaquim Freire de Andrade, Lisboa de Lima, Joaquim Rodrigues Simões, Eurico de Seabra, Antonio Rodrigues Salgado, governador civil de Ponta Delgada, Ernesto de Vilhena, Abel de Pinho, dr. Salazar de Sousa, dr. Barbosa de Magalhães, engenheiro Manuel Roldan, Emygdio Mendes, dr. João Baptista de Castro, Daniel Rodrigues, Luiz Derouet, C. Bonhorst, dr. Julio Sampaio Duarte, dr. Sá e Oliveira, Caetano Pinto, Manuel Antonio Dias Ferreira, dr. Carlos Olavo, Abilio Trovisqueira, Oliveira Simões, Sebastião Heredia, dr. Callado Crespo, José Alves Torgo, Abel de Sousa Sebrosa, José Maria Cordeiro de Sousa, Ernesto Navarro, Ricardo Paes Gomes, dr. Adelino Furtado, Sebastião Peres Rodrigues, Henrique Lopes de Mendonça, dr. Silva Amado, generaes Rodrigues Ribeiro, Pereira d'Eça, Moraes Sarmento, capitão de fragata Leotte do Rego, 1.º tenente Correia da Silva, capitão de fragata Cabeçadas Junior, Mario de Carvalho; Virgilio Saque, José Maria Pereira, Luiz Filippe da Matta, dr. José de Castro, dr. Santos Lucas, Candido de Figueiredo, major Gonçalves Cabrita, general Carvalhal, dr. Antonio Mattos, Alfredo Soares, João de Menezes, José Cupertino Ribeiro, Levy Marques da Costa, Zacharias Gomes de Lima, Costa Gomes, José Barbosa, Magalhães Fonseca, general Côrte Real, dr. João de Deus Ramos, Francisco Bahia, capitão de fragata José de Sousa e Faro, dr. Carlos Lopes de Quadros, Nunes Loureiro, José Cardoso dos Santos, José Maria Alvarez, Francisco Othero Salgado, Alfredo de Mesquita, Luciano Freire.

Major A. J. Santa Clara Junior, José Cupertino Ribeiro, engenheiro Vasconcellos Correia, Costa Motta, Adães Bermudes, José Campas, João Antonio Piloto, dr. Simões Carneiro, Julio Maria Baptista, João da Costa Couraça, Julio Mauge, consul da Suissa, dr. Manuel de Moraes e Costa, dr. Ferreira da Silva, Cantina escolar da parochia civil de Camões, Rodolpho Bórner, Alfredo José Ferreira, Antonio Martins Coelho, João Lopes Carneiro de Moura, José Borges Branquinho, Domingos Cardoso, Wilfrid Bastos, Alexandre Prazeres, Francisco Ignacio dos Santos, Eduardo Franco, Antonio Nunes Sequeira, José Antonio David, A. Picotas Falcão, J. Vieira dos Santos, Mario Jacome da Silva, Eugenio d'Almeida, Carlos Alberto Boni, Carlos de Brito Lima, Antonio Augusto Cabral, Gilberto Freire, José Augusto Barata, José Nogueira, Vasco Borges, E. Arthur Castello Branco, José da Silva Pregado, João Pedro Homem de Vasconcellos d'Almeida Serra, Miguel David Gomes, João de Mattos Rodrigues, Pedro Augusto Severino Mendes, José do Nascimento, João Mouzaco Alçada, Adelino Simões de Sampaio, Henrique Vaz, major Frederico Lopes, Virgilio Guilherme Lima, Carlos de Lemos, João Cardoso Guedes, José Freire da Cruz, Luiz Bastos de Sousa Rosa, Bernardo Lopes Natario, José Joaquim d'Oliveira, Carlos da Silva Lima, Antonio José Correia, coronel Francisco Esteves Pereira, Filippe J. Fernandes, Raul de Figueiredo, José Augusto Ramos d'Almeida, Abel Teixeira, Lordio Gomes, Marcelo José Rodrigues, João Duarte Costa, Antonio J. Godinho, Paulo Mariano Goulart, Ruy Leitão, tenente-coronel Manuel Alves de Mattos, Antonio da Camara, Antonio Henrique d'Oliveira e Silva, Antonio Maria Dias Pires, Fernando Augusto Cardoso, coronel Eduardo Augusto d'Almeida, Augusto Cesar d'Almeida, major Gregorio de Sousa Mendonça, Antonio Gomes Bebiano, João José Arez, Beja da Silva, Julio da Silva Freitas, Filippe Belford, A. J. Ferros, Armando d'Araujo, Raymundo Pereira de Magalhães, Agostinho Ferreira, João Antonio Martins, Pedro Gomes de Carvalho, Joaquim Henriques, Ricardo Covões, Francisco Augusto da Fonseca, José Estanislau da Silva, Jorge Abecassis, Luiz Machado Pinto, Associação feminina de propaganda democratica, Leopoldo Battistini, direcção da Escola officina n.º 1, Alfredo Lopes Sequeira, Alfredo Guerra Quaresma, Alfredo dos Santos Ferreira, direcção do Atheneu Commercial, Fernando Cailado Nunes, Centro escolar 5 de Outubro, Carlos Gomes Zanatti, Arthur Loup, Justino Teixeira, Claudio Castelbranco, Carlos Maria do Couto, Gregorio Fernandes, Antonio do Carmo Fervença, Arthur Nogueira, José de Carvalho Barroso, Ribeiro Christino, Joaquim Mendes Arnaut, Centro escolar Dr. Bernardino Machado, gremio Luiz de Camões, direcção da Albergaria de Lisboa, Antonio Henrique d'Oliveira e Silva, major Salomão José Guerreiro, direcção da Universidade Livre, Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa.

Nos registos do palacio de Belem inscreveram-se todos os diplomatas acreditados em Lisboa. Os ministros das nações alliadas fizeram-se acompanhar do pessoal das legações. Os ministros da Allemanha e da Austria-Hungria inscreveram-se no livro respectivo. Em Belem deixaram tambem os seus cartões os consules dos principaes paizes.

Deixou ali o seu cartão o sr. dr. Brito Camacho, «leader» do partido unionista.

A retribuição de cumprimentos ao poder legislativo

Pouco depois das 16 horas, o sr. presidente da Republica, seguindo a tradicção, esteve hontem no palacio das Côrtes, a retribuir os cumprimentos aos que lhe haviam sido feitos pouco antes. Cá fóra, o povo era em grande numero, ... entre a assistencia ... batalhão de infanteria 2 ...

da Camara Leme e capitão tenente Trilho. No segundo, os srs. presidente da Republica, dr. Affonso Costa e major Aguas, official ás ordens. A força apresenta armas e a banda executa o hymno nacional. Todos se descobrem. A deputação nomeada para receber o chefe do Estado desce ao encontro do sr. dr. Bernardino Machado, que sobe no elevador até á chamada sala das conferencias. O sr. presidente da Republica depois de apresentar as suas homenagens ao general sr. Correia Barreto, presidente do Senado, leu o seguinte discurso:

Meus Senhores.—Quanto mais com o prolongamento da guerra europeia, que ainda se não descortina termo proximo, se aggrava a sua repercussão geral, mais se nos impõe a nossa estreita união, para premunirmos zelosamente, contra quaesquer contingencias, a sagrada defeza da Patria.

Nunca é licito a uma nação, que se presa, declinal-a seja em quem fôr. Cumpre-lhe valorisar-se resolutamente por um trabalho intensivo de organisação interior, que exige a dedicação e o sacrificio commum de todos os cidadãos. E, só assim, cerradas fileiras, ella pode aperceber-se, para o cabal desempenho das suas obrigações externas, dignificando-se.

Prestigiemo-nos, sempre, pelo brioso esforço da nossa inquebrantavel cohesão nacional para termos direito a que os nossos leaes alliados, honrando o desassombro dos nossos serviços, se orgulhem do valor moral do concurso, que lhes der-mos e até por dever para comsigo proprios cooperem tambem solicitamente comnosco para o nosso engrandecimento. Taes são, meus senhores, os votos ardentes que, do coração, formulo, ao vir hoje aqui saudar fielmente o Congresso da Republica, como seu supremo mandatario, certo de que a nossa solidariedade disciplinadora, da qual tanto dependem os novos dias de ámanhã, será, sobretudo, cimentada pelo seu alto exemplo civico.

Terminada a recepção, o sr. dr. Bernardino Machado desceu novamente no elevador, acompanhado pelo sequito.

As manifestações á saída foram imponentes, levantando a multidão vivas á Republica, á Patria e ao sr. dr. Bernardino Machado.

Cumprimentos e felicitações

No paço de Belem foram recebidos telegrammas de felicitação das seguintes pessoas e collectividades: governador do districto de Moçambique, forças expedicionarias a essa provincia, governador de Quelimane, funccionarios civis e militares e povo da colonia de Angola, secretario do governo e povo de S. Thomé, governador de Angola, governador do territorio da Companhia de Moçambique, consul e pessoal do consulado em Alexandria, forças expedicionarias de Angola.

O sr. presidente da Republica agradeceu e retribuiu ao rei Alberto da Belgica o telegramma de boas festas que lhe enviou e que démos no nosso numero de ante-hontem.

Tambem o sr. dr. Bernardino Machado enviou um telegramma de cumprimentos ao presidente dos Estados Unidos, que se apressou a retribuir-lh'os.

No lactario de S. José

Revestiu grande imponencia a festa que hontem se realisou na séde do Lactario da freguezia de S. José. Estava a solemnidade marcada para as 12 horas, mas muito antes já a vasta sala, corredores e atrio se encontravam repletos, vendo-se entre a numerosa assistencia muitas senhoras. Creanças da cantida subiam e desciam as escadas fazendo um ruido ensurdecedor.

Grande parte da assistencia visita as varias intallações do Lactario. Tudo quanto se vê alli é digno de nota. O asseio é irreprehensivel, merecendo especial menção a estufa e apparelhos de desinfecção das vazilhas em que é fornecido o leite ás creanças. Muitos dos visitantes inscrevem-se como socios do Lactario. Um sexteto sob a direcção do sr. Arthur Vinhó vae executando varias peças de musica. Entretanto a assistencia augmenta de momento a momento. As mães das creanças que vão ser contempladas occupam um banco á esquerda da presidencia. Entre essas creanças vêem-se algumas muito robustas e lindas. Os premios são bem distribuidos; as mães comprehendem bem qual a sua missão e o que recebem do Lactario, á frente do qual se encontram sinceros amigos das creanças. As 14 horas o sr. José Francisco Cesar assume a presidencia, convidando para seus secretarios as sr.as D. Clementina Silva e D. Judith Larrique Coimbra. Abrindo a sessão, agradece a honra de o terem convidado para aquelle logar declarando que era indevida, visto que na sala se encontravam pessoas de maior capacidade intellectual. Espera que lhe seja perdoada qualquer falta que possa commetter. Em seguida usam da palavra o sr. Antonio José da Silva Coimbra, que incita as mães a educarem seus filhos tornando-os dignos de si e dos seus, e D. Judith Larrique Coimbra, que n'um discurso cheio de sentimento lamenta não ter expressões adequadas para se dirigir á assistencia.

As que vae proferir são para as creanças e tambem para as mães, mostrando quaes são os deveres d'estas para com aquellas. Desde o momento que os paes eduquem seus filhos, a Patria e a Republica estarão consolidadas para todo o sempre. Foi cumprimentado no final do seu discurso.

São depois distribuidos os premios pela menina Magdalena Pereira, sendo contempladas 16 mães, que apresentam os filhos explendidamente tratados. O sexteto durante o acto executou alguns numeros de musica. Terminada a distribuição deu-se começo ao sarau dramatico pela menina Magdalena Pereira, que recitou com bella dicção o monologo «A avósinha», Armando Lopes, menina Maria José Sampaio, Albino Silva, que diz varios monologos, D. Celeste Duarte, que diz a «A esmola» e «Lança da duvida», de Julio Dantas, D. Judith Coimbra, que recita a poesia «Salvé», de Julie dos Anjos, Albino Silva, que recitou o «Estudante alsaciano», sendo muito applaudido, e novamente D. Celeste Duarte, em versos de Ribeiro de Carvalho, terminando a festa com variações executadas ao piano pela sr.ª D. Celeste Duarte, que no final foi muito cumprimentada.

Passava das 16 horas quando a sessão foi encerrada, sendo offerecido um copo de agua a todos os amadores, oradores e representantes da imprensa, trocando-se enthusiasticos brindes.

Escolas de S. Nicolau

Hontem e hoje foram muito visitadas as novas escolas de S. Nicolau, sendo inaugurada ámanhã a cantina, onde será fornecida uma sopa diaria aos alumnos mais necessitados.

Acompanhavam os visitantes, mostrando as dependencias das escolas os srs. Francisco Izidro Nunes e Arthur Moreira d'Oliveira.

Juncção do Bem

... Joaquim José Nunes, Arthur Ant...

minada a distribuição, um dos contemplados agradeceu á direcção em nome dos mesmos as esmolas que lhes foram concedidas durante o anno findo, fazendo votos pelas prosperidades da benemerita instituição.

COIMBRA, 1.—A philarmonica 1.º de Maio deu hoje as Boas-Festas á cidade, tocando pelas ruas, em frente do edificio dos paços do concelho e junto das sédes de varias collectividades, as melhores peças do seu escolhido repertorio.

Migalhas

Das duas uma...

O nosso Praxedes veiu dar-me as boas festas. Pela minha parte desejei-lhe um anno muito feliz em companhia de quem mais estimasse. E, como elle, com um certo ar apprehensivo, me dissesse que isto da vida está cada vez mais difficil, eu expliquei-lhe que tudo vae da fórma de n'este mundo se encararem as coisas. Tudo tem dois aspectos: um melhor, outro peor e sempre a peor hypothese se pode encarar de duas fórmas.

Praxedes não dava mostras de entender-me e, para me fazer comprehender, apontei-lhe o exemplo d'aquelle «poilu», que commentava n'um jornal a guerra da seguinte fórma:

—«N'isto da guerra das duas uma: ou um cidadão está mobilisado ou não está. Se não está, não valle a pena ralar-se. Se está das duas uma: ou está no «front» ou não está. Se não está, melhor. Se está, das duas, uma: ou está nas trincheiras ou no serviço da retaguarda. Se está no serviço da retaguarda, as coisas correm optimamente. Se está nas trincheiras, das duas, uma: ou ha combate ou não ha. Se não ha, o perigo não é nenhum. Se ha, das duas, uma: ou se é ferido ou não. Se não, não ha motivo para apoquentações. Se se é ferido, das duas, uma: ou a ferida é grave ou não tem importancia. Se não tem importancia, não valle a pena dar-lh'a. Se tem, das duas, uma: ou se morre ou não. Se se escapa, é caso para dançar o tango e, se se morre, as ralações acabam sem se dar por isso...

Ora applicando um raciocinio semelhante a todos os casos da vida, porque não havemos de ter um anno feliz em companhia da nossa ex.ma familia?

André Brun

Desordens, aggressões e quedas

Um tiro mysterioso — A' navalhada

Adelino Pedro, morador na Cova da Piedade, foi ali aggredido com duas enormes facadas por um individuo por alcunha o «Baralha», sendo conduzido ao hospital de S. José, onde ficou recolhido na enfermaria 4.

Na de S. Francisco ficou internado Antonio Maria da Costa, residente na rua das Canastras, 25, que fracturou a perna direita em resultado de queda, facto occorrido na rua do Arco do Marquez do Alegrete.

O menor de 11 annos Antonio Pedro, que vive em Bobadela, concelho de Loures, andando ali a brincar com outros rapazes, foi attingido por um tiro, disparado não se sabe por quem, ficando com o projectil no peito. Está na enfermaria 4, da alludida casa de soccorros.

Em Torres Vedras foi aggredido com uma navalhada no ventre, por Luiz Brilha, João Paulino, que deu entrada no mesmo hospital, recolhendo á enfermaria 4, onde falleceu pouco depois de soffrer a operação de laparatomia.

Em uma taberna da rua de S. Cyro, á Lapa, pertencente a um tal Silva, deu-se uma grande desordem promovida por Joaquim o «Massinha», na qual tomou parte Alfredo da Cruz, morador na mesma rua, 81, que sahiu da refrega com uma facada no ventre, dando entrada na enfermaria 4.

Tambem houve uma grande desordem na Arrabida, concelho de Almada, entre Antonio d'Almeida e Antonio Marques, ambos do sitio, recebendo o primeiro 4 facadas, uma das quaes no ventre. Depois de lhe ser feita a operação da laparatomia recolheu em estado grave á mesma enfermaria.

No banco recebeu curativo Antonio Marques, soldado n.º 447, da 3.ª companhia do regimento d'infanteria 5, que hontem foi aggredido com uma facada nas costas por um desconhecido.

A's enfermarias 4 e 8 recolheram, respectivamente, Adolpho da Conceição, de 11 annos, de Loures, que ali cahiu, ficando contuso pelo corpo, e Francisco dos Santos Tavares, de 37 annos, morador no largo das Olarias, que ao apear-se de um comboio, na estação do Caes do Sodré, cahiu fracturando a perna esquerda.

Tambem ficou bastante contundido José Sebastião Martins, de 70 annos, que cahiu, ao passar no Rocio, sendo pensado no banco e recolhendo em seguida a uma enfermaria.

Na rua Direita de Marvilla, onde reside no n.º 24 foi atropellado por uma carroça o menor de 5 annos José Nunes Marques, fracturando a perna direita. Conduziram-no ao hospital Estephania, onde recolheu á enfermaria 1.

Lucien Guitry em Lisboa

Lucien Guitry, o grande e extraordinario actor francez, cumprindo uma antiga promessa feita ao seu amigo S. Luiz Braga, illustre emprezario do theatro Republica, vem agora a Lisboa dar apenas oito espectaculos com peças todas differentes no theatro Republica, onde se estreia no dia 18. As oito recitas são com as seguintes peças: *La Griffe*, *Samson*, *L'assaut*, de Bernstein; *L'Emigré*, *Le Tribun*, de Bourget; *La Massière*, de Lemaitre; *Primerose*, de Fleurs e Caillavet; *L'abbé Constantin*, de Halevy e Decourcelle. Para estes oito espectaculos está aberta a assignatura no escriptorio do theatro Republica, tendo os assignantes da actual epocha da companhia portugueza preferencia nos seus logares requisitando os bilhetes até ao proximo sabbado.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

União Operaria Nacional

Realisa amanhã, ás 21 horas, na sua nova séde, rua da Barroca, 59, 2.º, uma sessão de propaganda e homenagem ao camarada Silverio.

Centro eleitoral dos defensores da Republica

Reune a assembléa geral, com qualquer numero, na quinta feira, ás 21 horas, na séde, rua Alves Correia, 85 para eleger os corpos gerentes, discutir os estatutos e resolver outros assumptos importantes.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados seis volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, e o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Interesses regionalistas

Uma sociedade alemtejana de seguros

O Congresso de Evora começa a traduzir-se em resultados praticos, o primeiro dos quaes foi a fundação de uma sociedade de seguros alemtejana denominada «A Patria», que foi já legalmente reconhecida e auctorisada a exercer a sua industria em Portugal, tendo o deposito de garantia dado já entrada nos cofres da Caixa Geral de Depositos.

A séde da companhia é na praça Geraldo, Evora.

ULTIMA HORA

Asylo de Santa Catharina

A' festa do seu anniversario preside o sr. dr. Bernardino Machado

A festa que hoje se realisou no Asylo de Santa Catharina, commemorando o 58.º anniversario da sua fundação, revestiu grande brilhantismo, sendo a concorrencia extraordinaria. O edificio, que possue magnificas salas, foi durante o dia muito visitado. As creanças que são ali educadas receberam hoje uma prova de quanto a Republica as ama. O chefe do Estado, a convite da direcção do asylo, dignou-se assistir á festa, chegando ao asylo acompanhado dos srs. dr. Ferreira Simas, ministro da instrucção, capitão Maia Pinto e Luiz Barreto da Cruz. As creanças e toda a assistencia saudaram o sr. presidente da Republica, que depois, de affagar algumas creanças, tomou a presidencia. Como seus secretarios estão os srs. ministro da instrucção e dr. Borges Grainha. O orpheon do asylo, dirigido pelo sr. Manuel Gomes, executa a «Portugueza». As palmas vibrem com enthusiasmo. O sr. dr. Bernardino Machado agradece as saudações que lhe foram feitas e diz que está sempre prompto a concorrer com a sua presença em festas de creanças. A Republica tambem se encontra ao lado da instrucção e está certo que todos reconhecem o que se tem feito em prol da instrucção.

Segue-se no uso da palavra o sr. dr. Borges Grainha, que durante mais de meia hora prende a attenção da assistencia com um bello discurso de educação para as mães. O orpheon entoa algumas canções e o sr. dr. Bernardino Machado faz a entrega dos premios. São contempladas as meninas Luiza Amaral e Antonia de Jesus, esta com o premio intitulado «Republica». O sr. Agostinho Fortes profere depois ligeiras palavras seguindo-se-lhe os srs. dr. Dagoberto Guedes e ministro da instrucção. As alumnas recitam versos e entoam canções, que são muito applaudidas. A banda da Concentração Musical 24 de Agosto entra no edificio ao som da «Portugueza». O enthusiasmo redobra. O sr. presidente da Republica encerra a sessão indo assistir ao jantar das creanças.

Constava o menu de canja, carne assada, gallinha córada, peru, vinho, pão, fructa e doces. O sr. dr. Bernardino Machado, acompanhado do sr. ministro da instrucção, Luiz Barreto da Cruz, Maia Pinto, José Valentim e demais assistencia, sobe a calçada de S. João Nepomuceno até á entrada do Alto de Santa Catharina. Durante o trajecto o chefe do Estado cumprimenta affectuosamente todas as pessoas que estão pelas janellas e nos passeios. A uma senhora doente que se encontrava á porta de sua casa a fim de o saudar apresenta sentidas palavras. E assim terminou a bella festa. A banda executou durante o jantar varios numeros de musica.

NOTAS DIVERSAS

A camara municipal de Lourenço Marques vae intentar acção de rescisão do contracto com a companhia das aguas d'aquella cidade, em virtude d'esta não fornecer agua sufficiente para a extincção dos incendios que ali se teem dado.

A questão das subsistencias

COIMBRA, 1.—As chuvas teem continuado ininterruptamente, não deixando que os agricultores comecem a fazer as sementeiras proprias da epocha. Os generos de primeira necessidade continuam a subir ao preço de: batatas $06 o kilo, milho a $65 e $70 o alqueire.

Os artigos de mercearia, assucar, café, chá, arroz, bacalhau e as massas alimenticias sobem todos os dias de preço nos retalhistas.

E' caso para se dizer que a guerra é um bello pretexto para que o povo tenha de pagar cada vez mais caro os generos sem que as auctoridades intervenham para meter na ordem os exploradores das classes pobres.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

AR LIVRE

Com difficuldade se transitava nos dois ultimos dias no salão Bobone onde se realisa a exposição de Ar livre, na qual tomam parte Carlos Reis, o eminente pintor, e os seus distinctos discipulos Antonio Saude, Falcão Trigoso, Alves Cardoso e João Reis.

Hontem foram adquiridos os seguintes trabalhos: n.º 31, «Rua d'aldeia», de Alves Cardoso, pelo sr. Frederico Augusto Ribeiro, e n.º 15, «Da minha janella» (Lagos), de Falcão Trigoso, pelo sr. dr. Francisco Falcão.

Entre a numerosa e escolhida assistencia vimos a sr.ª D. Isabel Frederico Ribeiro e irmã, mademoiselle Piedade de Aboim Ascensão, madame Almeida Lima, D. Beatriz de Aragão Victor, D. Laura de Azevedo, D. Maria Luiza Monteiro e irmã, D. Carlota Palma Branco e irmãs, D. Zulmira de Magalhães Cunha, D. Marianna Aragão Chateaubriand, Maria Heloisa Moreira d'Almeida, etc. e os srs. Antonio Ramalho, Camara Leme, Pinto Basto, visconde de Assentis, Columbano Bordallo Pinheiro, Antonio Arroyo, Pedro Guedes, Pereira de Mello, Lima e Cruz, dr. F. Falcão, Ignacio de Lemos Seixas Castello Branco, Rodrigo de Aboim Ascensão, Luiz Maravilhas, dr. Silverio Pinto, João Moreira d'Almeida, dr. Silva Carvalho, J. Pedro Cruz, dr. Rivara, Julio Cesar da Silva, Antonio Ferreira, Americo Teixeira dos Santos, etc. A exposição continua aberta por alguns dias ainda.

NOTAS MUNDANAS

Em Moçambique consorciou-se o sr. Adelino de Figueiredo Lima, director do «Moçambique», com a sr.ª D. Marianna Virginia Ferreira de Carvalho.

—Em Lourenço Marques realisou-se o enlace matrimonial do sr. Eduardo Aldim Pexe, funccionario das finanças, com a sr.ª D. Eugenia da Conceição Correia Farinha, importante proprietaria em Quelimane.

—Passa hoje o anniversario do distincto escriptor João Pinto de Carvalho (Tinop).

CUMPRIMENTOS DE BOAS-FESTAS

Recebemos cumprimentos de boas-festas: de Madrid, do sr. Leonard Parish, o distincto agente artistico e director de varias companhias; dos srs. capitão Bruno do Carmo e José Franco de Mattos, e da sr.ª D. Amelia Silva.

A todos nos confessamos gratos pela sua gentileza e retribuimos os cumprimentos.

DE VIAGEM

S. THOMÉ, 31.—Chegou do norte o paquete «Africa».—(Havas).

LUTUOSA

Falleceu a sr.ª Virginia Marques Serra cujo funeral se ef...

MUSICA

Concerto David de Sousa

Ouvir a 5.ª symphonia de Beethoven é já um prazer sublimado, pois ainda ha pouco m'o repetia o dr. Humberto de Avellar, critico musical da maior cathegoria—é a 5.ª symphonia *a maior maravilha de musica symphonica*—Mas ouvila depois d'uma intelligentissima lição feita pelo mesmo meu amigo, dissertando perto d'uma hora sobre a obra prima do Colosso divino e eu, preso d'um forte encanto como quem se prepara, na *noite de armas* para a prova de cavalleiro, depois da iniciação ouvil-a interpretada por uma orchestra como a de David de Sousa, não é momento de Belleza para muitas vezes ser desejado, porque a ambição desmedida deve, em regra ser castigada.

A extraordinaria partitura foi, na realidade, admiravelmente tocada, sob uma superior e inspirada regencia, fazendo resaltar toda a complicada tessitura do *rude combate com o Destino*.

Não saberiamos distinguir a parte mais sabiamente expressa, porque não houve nenhuma em que a orchestra decahisse, mas, porque da mesma obra resalta a caracteristica, o *alegro presto* encheu de sonoridades gloriosas o meu orgulho de homem que vence.

Os muitos applausos foram, portanto, de todo o ponto justos. Na primeira parte do concerto destaquemos pela interessantissima belleza descriptiva, subtilmente interpretada, o *L'aprenti Sorcier*, de Dukas, que mais vezes desejariamos encontrar no programma.

Em tudo, porém, quanto nos deram os artistas de David de Sousa, tocados pela sua poderosa batuta, foram generosos em belleza communicada.

Na 3.ª parte, *Tristão e Iseida*, muito bem. Depois, a abertura de *Cléopatra*, de Mancinelli, um triumpho innegavel de David e dos seus companheiros.

No domingo passado, referi-me á tosse importuna do publico. Hoje, tenho de fazer aqui um requerimento á policia para que prenda todo o philisteu que não saiba sentar-se, de modo a produzir tanto ruido com os multiplos pés de que usam servir-se.

Quanto ás confidencias em voz alta, o melhor é recommendar, á laia de manual de civilidade, um livro francez de facil acquisição e que se chama—«A arte de ouvir».

Tambem muito agradavel para mim seria que me dissessem porque é que a orchestra nunca mais tocou a «Rhapsodia Eslava», de David de Sousa, que foi uma das suas coroas.

Essa bella composição merece ser ouvida mais vezes e eu, muito particularmente, o desejaria.

P.

Concerto da Orchestra Symphonica Portugueza

A grande commettimento se abalançou hoje a orchestra, em obediencia ao excellente plano traçado por Blanch de iniciar os seus ouvintes nos grandes monumentos da symphonia classica.

Coube a vez á *Symphonia em dó* de Mozart, conhecida pelo nome de *Jupiter*. As grandes obras de musica abstracta carecem, para que se obtenha uma execução perfeita, não só d'aquellas qualidades que são necessarias para toda e qualquer execução, mas ainda d'uma pureza de som, uma perfeição de technica, que transcendem dos limites em que a proficiencia d'um regente se exerce; essas qualidades são inherentes aos instrumentos e aos seus executantes, sendo n'esse campo nulla a acção do director.

D'aqui se conclue que a *Symphonia Jupiter* não teve a execução que nós desejariamos, tanto para deleite proprio, como para convencimento da massa de ouvintes que ainda permanece impassivel perante as altas bellezas do classicismo; não vá, porem, deduzir-se que a execução foi vergonhosa; muito pelo contrario, ella representou um grande e bello esforço, que merece registo e que esperamos que prosiga.

No programma figurava o delicioso esboço de Borodine, tão poderosamente evocador: *Nas estepas da Asia Central*; razões semelhantes fizeram que a sua execução não conseguisse o effeito que o auctor pretende. A impressão do longe, de monotonia grandiosa da interminavel planicie, a tristeza plangente da canção tartara, a marcha da caravana, tudo, emfim, que o trecho tem de descriptivo, mais se adivinhava que sentia.

Correcta, como já tinhamos ouvido, a execução de *Waldweben de Siegfried*; o superiores ás anteriores audições, magnificas de execução, admiravelmente conduzidas, a *Rapsodia hungara em ré*, do Liszt, que desencadeou uma justa tempestade de applausos, e a bella abertura do *Freyschütz* de Weber, em que a orchestra foi, toda ella, perfeita, sendo as trompas de rara felicidade.

Bem se pode dizer que o concerto fechou com chave de ouro.

H. de A.

Academia de Amadores de Musica

Como já noticiamos, realisa-se depois de ámanhã, no Salão do Conservatorio, ás 21 horas, o 2.º concerto da 33.ª série promovido por esta Academia, com o seguinte programma:

1.ª parte: *D. Juan*, ouvertúre, Mozart, pela orchestra; (a) *Nocturne*, Chopin, (b) *La Chasse*, Hellr, para piano por mademoiselle Evangelina Cardoso Teixeira; Versos de Lourenço Casal Ribeiro, pela sr.ª D. Alice Dantas; *Duas dansas hungaras*, Brahms, pela orchestra.

2.ª parte: *Chacone*, Durand, pela orchestra; *Nocturno em mi b-*, Chopin-Sarasate, para violino, por mademoiselle Benedicta Santos de Jesus; Versos da Sr.ª D. Alice Dantas, pela auctora; (a) *Hymne á la nature*, Beethoven, (b) *Choral*, J. S. Bach, sob a direcção do sr. Arnaldo Fortéo Rebello; *Marcha nupcial*, Mendelssohn, pela orchestra.

Festas associativas

O Grupo Recreativo «Os Esturdios», ha pouco fundado, fez hoje a inauguração da sua séde na rua da Bica Duarte Bello, 63, 1.º, com sessão solemne ás 14 horas, havendo recita ás 20 horas e meia, seguida de baile, abrilhantando a festa a troupe de bandolinistas do mesmo Grupo.

No Gremio Lafonense ha hoje recita seguida de baile.

A Dictadura e a Revolução

E' um opusculo em que se faz a historia do gabinete Pimenta de Castro, referindo-se os seus primeiros actos e a espectativa publica e expondo-se todos os factos que precederam a dictadura, o que foi esta e ... que foi a revolução de 14 de maio á qual deu origem ...

Sport

Vence o Sport Lisboa e Bemfica

No Campo de Sete Rios, com enorme concorrencia, realisaram-se hoje os annunciados desafios de *foot-ball*.

Jogou primeiro o grupo suisso de Lausanne contra o grupo de *foot-ball* do Club do Porto, ganhando o primeiro por 6 *goals* a 0.

Depois jogou o Sport Lisboa e Bemfica contra o Racing Club de Madrid, vencendo o S. L. B. por 5 *goals* contra 0.

A arbitragem foi magnifica, tendo o *goal-keeper* madrileno feito prodigios.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 1.—A commissão parochial do partido republicano democratico de Santo Antonio dos Olivaes, congratulando-se pelo completo restabelecimento do eminente estadista sr. dr. Affonso Costa, distribuiu hoje 30 esmolas de 50 centavos aos pobres mais necessitados da freguezia.

—Foi enviado ao poder judicial Ernesto de Jesus, de 18 annos, por ter furtado em casa de José Maria Diogo, da Portella do Mondego, joias e dinheiro no valor de 50 escudos.

THEATROS

Ao correr da pena

Confirma-se a vinda a Lisboa do grande actor Lucien Guitry, que fomos os primeiros a annunciar ha tempos. O theatro da Republica, o hotel das celebridades como lhe chama Sousa Pinto, devia á sua gloria o receber entre os seus muros reconstruidos esse que é hoje o primeiro comediante da França, o supremo artista de um paiz que tantos conta notaveis e gloriosos. Vamos poder applaudir o maravilhoso interprete de Bernstein—para não citar senão um dos auctores preferidos de Guitry—e os que poderem conviver com elle terão ensejo de apreciar o alto valor intellectual d'esse homem privilegiado, de uma rara cultura, nascido para o theatro e possuindo-o nos seus ultimos detalhes, desde os mais largos vôos de interpretação até aos mais habeis artificios de ensecenação. O actor da «Griffe» e o enscenador de «Kismet» é a primeira auctoridade scenica do seu paiz. E' tambem um homem de lettras e um auctor dramatico. Conhecida é a parte importante de collaboração que elle tem tomado em certas peças, entre ellas a de Bourget, como o «Emigré» e «Le Tribun», que tambem vamos vêr em Lisboa.

Recordarei sempre com grato prazer as horas de convivencia que ha annos pude ter com elle. A sua palestra, como a de Zaconi, como a de Huguenet, são das que nunca mais se esquecem. Aquelles que amam verdadeira e sinceramente o theatro sentem um grande consolo espiritual ao trocarem impressões com esses colossos da profissão, com os que fazem da arte de representar uma obra de creação nobilitante para elles e para o mister que exercem. Lembram-se das palavras de Antoine: —«A gente de theatro dividese em duas cathegorias: os que, como os pintores, os esculptores, criam vida e belleza, esses são os comediantes; os que copiam melhor ou peor e esses são os actores».

Cyrano

Noticias

Entre nós

—A primeira recita de assignatura no Republica será a da inauguração. Representar-se-hão «Os Postiços» em cujo desempenho entra toda a companhia. A segunda será com a estreia da nova peça de Schwalbach «Poema de amor» nos ultimos dias de janeiro depois da «tournée» Guitry. A terceira será a 25 de Fevereiro com a primeira representação de «A maluquinha de Arroyos» de André Brun. Depois do Carnaval representar-se-hão «A noite de Santo Antonio» de Vasco Mendonça Alves e «Venesa» de Julio Dantas e Augusto de Castro.

—No Eden-Theatro, depois do «Dominó», far-se-ha «réprise» da revista «31» com montagem inteiramente nova.

—No theatro Polytheama entre as representações de «Ouro sobre azul» e de «O anjo do lar», para o qual o scenographo está pintando scenario inteiramente novo sob indicações de Ignacio Peixoto, reapparecerá a comedia «O sr. juiz».

—No mesmo theatro realisar-se-hão as recitas de Palmyra Torres, Etelvina Serra e Ignacio Peixoto respectivamente com as peças «A garota», «A dama das Camelias» e «A vida de um rapaz pobre».

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Frei Luiz de Sousa—Freira de Beja.
TRINDADE—A's 21— O rei damnado.
POLYTEAMA — A's 21—Oiro sobre azul.
GYMNASIO — A's 21—Soror Marianna—Em boa hora o diga.
EDEN —A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—A viagem de Suzette.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 — Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—A's 21—Não desfazendo...
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—Recita da moda—A's 21—Tosca.

Noticias

Entre nós

No theatro da rua dos Condes reapparece na sexta-feira a revista *A espiga*, que tão grande exito alcançou na epoca passada.

O Colyseu dos Recreios teve hontem uma enchente com o *Rigoletto*, que foi esplendidamente cantado. A *Bohemia* volta a cantar-se hoje e ámanhã, em récita da moda, estreia do soprano lyrico Carmen Toschi com a primeira representação da *Tosca*. A enchente de ámanhã é garantida, pois está vendida quasi toda a lotação, não havendo um unico camarote de 1.ª ordem.

Ainda esta epoca será representada no theatro do Gymnasio a nova peça em 1 acto, de Georges Feydeau, *Léonie est en avances!*

Consta que a actriz Laura Cruz, do theatro Nacional, fará a sua festa com a *reprise* da *Dôr suprema*, do Marcellino Mesquita.

Intitula-se *Os novos* [illegible] a nova peça original [illegible] Augusto [illegible] Lacerda. E' um drama historico, cuja acção se passa no seculo XVI.

Vae ser representada, no theatro Nacional, uma nova peça, em um acto, intitulada *Furtar!*, original de Bento Mantua. E' com esta peça que se estreia o actor Ayres Torres, que concluiu o curso do Conservatorio.

Uma das peças que Joaquim d'Almeida vae representar no Politeama, é *Os Pimentas*, de Eduardo Schwalbach, do antigo reportorio do Theatro do Gimnasio.

Tem experimentado melhoras a actriz Leonor Faria, do Theatro da Republica.

Deve provar-se hoje, no Theatro do Gimnasio, a comedia, em quatro actos, *O manequim*, de Paul Gavault.

Falla-se na reapparição da actriz Esther Dorval em um dos nossos theatros de declamação.

Circos & Music-halls

No theatro Phantastico sobe amanhã á scena, em primeira representação, a opereta em 3 actos *O Palhaço*, original de Leopoldo Teixeira e Luiz Portugal, com musica de Vasco Macedo. Scenario e guarda-roupa são completamente novos, sendo a ensceneção do velho e estimado actor Chaves.

—No Olympia, o bello e tão bem frequentado cinema, ha amanhã, terça e quarta feira, *matinées* com magnificos *films*, como n'outro logar annunciamos, constando de tres sessões unicas: ás 15, 20 e 22 e meia.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite: Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão *Foz*, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Theatro Phantastico, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«O Espelho»

D'este jornal illustrado, o unico em portuguez que se publica em Londres, recebemos o numero 17, que continúa a manter os creditos rapidamente adquiridos, mercê da profusão de gravuras interessantes e palpitantes de actualidade.

«Amor livre»

Na sua «Collecção sociologica», publica a casa Guimarães & C.ª, da rua do Almada, esta obra de Charles Albert, cujo maior elogio está em se dizer que é a segunda edição, coisa rara em traducções e principalmente na epocha que atravessamos. A edição, como todas as d'aquella casa editora, cuidada.

Coadunações notaveis

O sr. Joaquim Alves Pereira e Silva reuniu n'um pequeno volume as ephemerides mais notaveis do anno de 1914, a que poz o titulo de «Coadunações notaveis». E' um trabalho curioso e muito util, sendo o seu preço de $10.

«O Arauto»

O numero de Natal d'esta publicação apresenta-se em fórma de pequeno livro, com variada e escolhida collaboração e annuncios bem illustrados.

SPORT

Noticias

(*Communicados e informações*)

Entre nós

Associação de Foot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes).—Foram concedidas as seguintes passagens:

A' 2.ª cathegoria, pelo Internacional, o sr. José Durão Correia Paias; á 3.ª cathegoria, pelo Lisboa F. C., o sr. José Rodrigues; á 4.ª cathegoria, pelo C. Quebrada, o sr. Arthur Rodrigues.

—Jogadores inscriptos durante a semana: na 3.ª cathegoria, pelo Palmense, os srs. Antonio Gonçalves e Antonio das Dores; pelo Lisboa F. C., o sr. José Rodrigues; na 4.ª cathegoria, pelo C. Quebrada, o sr. José Maria Pinto; pelo Lisboa F. C., os srs. Alberto da Conceição, José Pereira e Filipe Manso.

—Tendo-se extraviado o bilhete n.º 54 do juiz de campo sr. Joaquim Pedro da Silva, foi passada segunda via com o mesmo numero, que torna sem effeito o primitivo bilhete.

Movimento maritimo

R. J., etc. «Amiral V. Joyeuse» (Brz.) 3
B., R. Prata «Kermemerland» (Amst.) 4
N.-York e Providence «Roma» (Gib.) 4
Batavia, etc., «Kavi» (Amsterdam)..... 4
Braz, R. Prata e Pac. «Victoria» (Liv.) 5
Archipelago dos Açores «Funchal»..... 5
Afr. Oriental «Conrrie Castle» (Lond.) 5

MISSA

Major de cavallaria

Luiz Antonio d'Oliveira Miranda

Sua viuva e familia participam a todos os seus parentes, amigos e pessoas das suas relações, que ámanhã 9 do corrente, pelas 11 horas se rezará uma missa, suffragando a alma do saudoso extincto, na egreja de S. Domingos, [illegible] reconhecidos a todos [illegible] a este piedoso [illegible].

[illegible] da Instituição de Beneficencia [illegible] da freguezia de S. Nicolau, testemunham por este meio o seu profundissimo reconhecimento a todos os benemeritos que directa e indirectamente teem contribuido para o seu progredimento, desejando-lhes as mais venturosas felicidades no novo anno de 1915.

intensidade d'alma muito rara. Foi ella quem primeiro pediu que a festa de Joanna d'Arc fôsse nacional. Escreveu a encantadora «Historia de nossa irmãsinha Joanna d'Arc».

Mas a sua mais bella obra foi, sem duvida possivel, seu irmão, pois com os seus conselhos, com a sua ternura, com o seu incitamento concorreu para formar essa alma de eleição, esse homem que tão nobres exemplos tem dado na sua vida.

Geraldo chega aos dezesete annos. E' uma consciencia e uma intelligencia, ambas dignas de tantos cuidados. Fez estudos brilhantes, sempre o primeiro classificado, sargento-mór da sua classe, sem excitar rivalidades, de tal modo todos reconhecem a sua superioridade, de tal modo se soube fazer amar. Hesita um pouco, depois decide-se a entrar em Saint-Cyr. Foi ahi admittido em 1866, não tendo ainda completado os dezoito annos, bem novo ainda para poder soffrer o duro regimen da escola. Não entrou e só um anno depois, em 1867, é que, admittido pela segunda vez, enceta a sua carreira militar. Alumno distincto, adivinha-se já n'elle o homem e o chefe que em breve vae ser.

A guerra rebentou quando elle era alferes d'infantaria. Foi incorporado no 78.º regimento. Sua mãe e sua irmã foram para as ambulancias de Nancy, cuidando dos feridos, consolando os moribundos, trabalhando em favor de todos.

A 6 d'agosto, em Wœrth, Geraldo fôra trez vezes ferido. Ellas sabem-no no dia 31 pela seguinte carta:

«Minha boa mãe, como não sei se alguma das cartas que pedi para te escreverem foi ahi recebida, ou antes como tenho fundadas razões para suppôr que ahi não chegaram, ao passo que d'esta vez espero que recebas o meu autographo, vou narrar-te pormenorisadamente as minhas aventuras.

«E primeiro que tudo a originalidade das linhas precedentes devem ter-te feito suppôr que foi com o pé e não com a mão que foram traçadas.

«Desengana-te e não rias dos primeiros esforços d'uma mão sem exercicio, assim como do estylo. Além d'eu falar agora quasi exclusivamente o allemão, juro-te que as phrases elegantes não sahem com facilidade quando são precisos cinco minutos para escrever uma linha.

«Mas esqueço-me de que ainda lhes não disse o principal. Estou ferido, mas como vêem, não perigosamente. Foi a 6 d'agosto, na batalha de Wœrth. Tinha tido até então a sorte de não ser attingido no meio d'uma verdadeira chuva de ferro e de chumbo, quando um obuz, quebrando uma arvore junto de mim, fez com que um estilhaço de madeira me attingisse na mão direita e me inutilisasse dois dedos.

«Uma hora depois, lastimava muito menos a perda dos dois ditos dedos, porque uma bala bavara despedaçava-me a mesma mão e alojava-se entre os dois ossos do meu pulso, d'onde a tirei com toda a delicadeza. Recebi então ordem de seguir para a ambulancia e foi quando para ahi me arrastava que, obrigado a passar debaixo do fogo das baterias prussianas, recebi um estilhaço de obuz na côxa direita.

«Agora, é escusado dizer-lhes que isto vae muito bem; é verdade que tive de deixar amputar o pulso, mas a operação deu os melhores resultados. E como não havia de ser assim? Estou entre a melhor gente do mundo, tratam de mim como se fosse um filho, as visitas, todas mais affectuosas umas do que outras, não me faltam.

«Não falemos mais de mim.

«Não preciso dizer-lhes que estou inquieto... e a nossa pobre Lorena e a nossa pobre França!...

«Imaginem, queridas almas, que me participaram que, dentro d'alguns dias, me darão licença para voltar para casa. Estarei muito tempo sem voar para Nancy? «Arrastando a aza e coxeando d'um pé», é La Fontaine que nos responde. Entretanto, mil beijos e até breve».

O que elle não dizia era que a sua coragem no campo de batalha fôra brilhante e que na ambulancia, quando esperava a vez de ser operado, ao surprehender uma conversa entre os medicos que diziam que estava faltando [illegible]

França: [illegible] sir Douglas Haig.

Nasceu sir Douglas Haig a 29 de junho de 1861, na Escocia. Em 1885 foi incorporado no regimento n.º 7 de hussards, onde foi promovido a capitão em 1891. Fez a sua carreira na arma de cavallaria; em 1898 combateu no Sudão sob as ordens de lord Kitchener; em 1899 foi mandado para o Natal, onde fez parte do estado maior de sir John French, em Colesburg, e entrou na incursão de Kimberley. Assistiu a todas as acções da campanha e em dezembro de 1900 commandou quatro columnas sahidas em perseguição de Kritzinger. Em julho de 1901 commandava o regimento 17 de lanceiros, e tomou parte com sir John French, na pacificação do Cabo. Já sir Douglas Haig disfructava grande reputação quando em 1903 deixou a Africa do Sul, ficando encarregado da inspecção geral da cavallaria indiana. Promovido a major general, desempenhou varios cargos no ministerio da guerra de 1908 a 1909.

Em 1909 foi nomeado chefe do estado maior da India e tres annos mais tarde foi encarregado do commando militar do districto de Aldershot, correspondente ao primeiro corpo de exercito. Quando em 1914 rebentou a guerra foi o general investido no commando d'este corpo, comprehendendo a primeira e segunda divisões; tomou parte na batalha de Mons, nos combates do Aisne e de Neuve Chapelle, e assumiu o commando em chefe por occasião da tomada de Loos.

Quando, a 22 d'agosto de 1914, o marechal French dispôz o seu exercito na linha Condé-Valenciennes-Mons, sir Douglas aHig commandava a ala direita. Supportou o choque de forças numericamente muito superior e retirou com bom exito as suas tropas para a retaguarda de Bray; em 25 d'agosto chegou a Landrecies e no combate que se seguiu as metralhadoras do 1.º corpo ceifaram uma columna allemã, que deixou no campo de 800 a 900 mortos.

No seu relatorio ácerca d'esse combate o marechal French declarou que fôra devido ao modo brilhante [illegible] sir Douglas Haig havia retirado as suas forças de uma posição que se tornára extraordinariamente perigosa, que o 1.º corpo pudera recuar sem perdas para Guise.

Antes da batalha do Marne, teve ainda sir Douglas Haig de sustentar uma séria acção de retaguarda em Villars Cotterets, onde a 4.ª brigada da guarda soffreu sensiveis perdas.

Chegára o momento de reunir todas as forças para repellir o inimigo. O exercito inglez teve parte na tarefa e não foi das mais faceis.

A 8 de setembro, ao avançar para a frente, encontrou o 1.º corpo forte resistencia na passagem do Petit Morin. Os allemães haviam-se estabelecido n'uma solida posição, apoiando grande numero de canhões a infantaria entrincheirada. O «desprezivel exercito inglez», como os «boches» lhe chamavam, varreu a elevação, onde se apoderou de varias metralhadoras e fez muitos prisioneiros.

Os allemães deixaram no campo duzentos cadaveres. Durante a noite o inimigo contra-atacou vigorosamente, mas foi obrigado a retirar abandonando canhões e prisioneiros. Sir Douglas Haig continuou a sua marcha victoriosa até ao Aisne, que franqueou a 13 de setembro.

O marechal French novamente elogiou o 1.º corpo «pela maneira brilhante e corajosa como se tinha apoderado das posições inimigas».

Mais tarde, declarou que fôra em virtude da acção do 1.º corpo, no dia 13, que pudera conservar, durante tres semanas de duros combates, a sua posição ao norte do rio.

Em virtude da fronte allemã se ir alongando incessantemente para o norte, o generalissimo inglez teve que fazer uma nova distribuição dos seus effectivos e o general Douglas Haig e as suas tropas foram mandadas para o norte, onde occuparam a região situada entre Saint-Omer e La Bassée.

Pouco a pouco o commando do general Haig foi-se tornando mais importante; o 1.º corpo recebeu reforços, novas tropas se lhe juntaram em numero tal que, em setembro, o [illegible]

Virginia Marques Serra Fernandes Gonzalez

Falleceu

José Maria Trigo Gonzales, Agapito Serra Fernandes, Josepha Maria Marques Serra Fernandes, Theresa Fernandes Serra (ausente), Rosalina Marques Serra Fernandes Vidal, Alfredo José Vidal e seu filho, Manuel Serra Fernandes e familia, José Serra Fernandes e familia, Domingos Serra Fernandes e familia, João Antonio Farto, Francisco Vasques Serra, Maria Serra e familia, (ausentes), Joaquina Serra (ausente), Rosaria Serra e familia (ausentes), Assumpção Serra e familia (ausentes), Antonio Tavares e familia, Maria Marques e familia, Adelaide Marques Gomes, José do Sacramento Gomes e familia, Anna Marques e familia, Quintino Tavares e familia, cumprem o doloroso dever de participar o fallecimento da sua muito querida esposa, filha, neta, irmã, cunhada, tia e sobrinha e que o seu funeral se realisará no dia 3 ás 2 horas da tarde, saindo o prestito funebre da egreja [illegible].

Não se fazem convites especiaes devido ao estado de consternação em que toda a familia se encontra.

corpos, aos quaes depois se juntaram os contingentes indianos.

Essa força compunha-se, então, de doze divisões e contando a divisão ingleza 19.000 homens, vê-se que sir Douglas Haig ficou tendo sob as suas ordens pelo menos 200.000 homens.

Essas tropas tomaram parte em varias batalhas, que ficarão celebres nos annaes militares britannicos, bastando para isso recordar as de Neuve Chapelle, d'Aubers e de Loos, especialmente esta ultima, que permittiu aos inglezes fazerem milhares de prisioneiros e apoderarem-se de uns trinta canhões, grande quantidade de metralhadoras, além de muitos outros despojos.

Obrigando os allemães a conservarem em Artois importantes effectivos, sir Douglas Haig facilitou immenso a tarefa das tropas francezas na Champagne, permittindo assim que ellas alcançassem a victoria de setembro.

Alto, bem proporcionado, sempre em uniforme de campanha, sir Douglas Haig é severo para os seus officiaes, que nem por isso o deixam de estimar, porque allia á severidade a justiça.

Tal é o retrato do novo generalissimo inglez em França.

Vejamos agora quem é o novo chefe dos exercitos francezes na frente occidental, o general Pau.

Em julho de 1911, tres semanas apoz o incidente de Agadir, tratava-se de reformar o alto commando dos exercitos francezes. O momento era grave, ninguem podia illudir-se: sentia-se pairar no ar a aggressão imminente. Tinha de se crear o posto de generalissimo. O conselho superior de guerra, consultado pelo ministro, indicára por unanimidade o general Pau. Este, porém, recusava essa honra, a maior a que podia aspirar um soldado, dando como pretexto para a sua recusa o pouco tempo que tinha para exercer esse commando supremo: dois annos e mezes.

Não se sabe bem—nem elle nunca o dirá, porque é escravo do dever—o motivo da sua recusa, mas diz-se [illegible]

collaboradores no estado maior ou nos grandes commandos da fronteira.

Ao recusar-se a ser generalissimo, indicou em sua substituição o general Joffre, mais novo que elle tres annos, escolha que foi ratificada unanimemente pelo conselho superior e acceite pelo governo. O general Pau continuou no commando do 20.º corpo, em Nancy.

A alma do general Pau é a de um heroe, do que deu provas em 1870. Era então um joven alferes, sahido recentemente de Saint-Cyr. Descendia d'uma familia de militares. Seu pae, que tomára parte, no posto de capitão, no cêrco de Roma em 1849, foi obrigado a retirar-se do serviço em 1850, devido a uma grave doença ahi contrahida. Paralytico das duas pernas, o capitão Pau foi habitar em Nancy, onde morreu em 1856. Seu filho, Geraldo, nascera em Montélimar, em 1848. Foi educado por sua mãe, mulher superior, de grande delicadeza de sentimentos.

Póde, porém, dizer-se que teve duas mães, porque sua irmã, Marie-Edmée, apenas dois annos mais velha que elle, teve na sua infancia e na sua mocidade um papel de maternidade espiritual. A mãe e os dois filhos, experimentados pela desgraça, amavam-se ternamente. Entre duas naturezas femininas, d'uma funda piedade e na joven principalmente ardente, generosa, quasi exaltada, Geraldo cresceu n'uma atmosphera moral excepcional.

Marie-Edmée foi uma santa, póde assim dizer-se, uma alma d'uma extraordinaria delicadeza de sentimentos. Mlle Marie Pesnel contou a sua historia n'um commovedor livrinho. Não se póde falar do general Pau sem se fazer referencia a sua irmã. Dotada de viva intelligencia, Marie-Edmée nascera artista e escriptora: as suas cartas, as suas memorias, o seu livro sobre Joanna d'Arc são mimos litterarios.

Foi comtudo pela pintura que ella pensou primeiro fazer carreira. Discipula de Léon Cogniet, abria-se perante ella um futuro luminoso. Era tanto uma enthusiasta como uma pensadora. E o seu culto por Joanna d'Arc, desde a infancia, revela uma [illegible]

O afundamento do «Lusitania»

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1943—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda feira, 3 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Portugal e a Inglaterra

Julgamos ter estabelecido d'uma maneira clara e precisa, a importancia e o caracter da nossa cooperação com a Inglaterra, e por isso mesmo com os alliados. Impedimos á Allemanha de communicar telegraphicamente com as suas colonias, enviámos tropas para Angola para provaveis hostilidades com os allemães, vigiámos e vigiamos os vapores allemães que estão nas nossas aguas, e os inglezes n'ellas vigiam tambem os navios inimigos. Tudo isto fizemos evidentemente não por interesse directo, por uma questão que especialmente nos attingisse, mas para demonstrarmos a nossa situação de alliados, cumprindo os deveres da nossa alliança com a idéa legitima de sermos considerados, sob todos os pontos de vista, como alliados, tendo direito egual a todas aquellas cooperações demonstrativas de que a alliança não é só a nós que esses deveres impõe.

Da attitude moral que tomámos, desde o inicio da guerra, dos serviços que prestámos, não só nos advieram tremendos riscos futuros, como já nos tem resultado graves difficuldades. Assim, os allemães da Africa Occidental, considerando-nos seus adversarios, não hesitaram em incitar á revolta contra o nosso dominio os indigenas do Cuanhama. Tivemos que fazer grandes sacrificios, derramou-se o sangue dos nossos soldados, gastámos rios de dinheiro para os submetter, e ainda temos que manter ali, para assegurar a sua submissão, contingentes importantes. Foi uma consequencia bem evidente da nossa attitude perante a guerra.

Entretanto, e tendo para isso contribuido sem duvida efficazmente, a presença das nossas tropas em Angola, as forças sul-africanas conseguiram vencer os allemães na Africa Occidental. Nós tinhamos um litigio de demarcação de fronteiras com esses allemães, cuja colonia era limitrophe da nossa. Seria de esperar que esse litigio se não renovasse depois da victoria das tropas sul-africanas. Tal não succede, porém. O litigio renova-se, e os novos occupantes da colonia, nossos alliados, transigem tanto nas suas pretensões como transigiam os allemães, nossos inimigos.

E ha mais ainda. Na lucta que travámos contra os cuanhamas, os chefes das forças sul-africanas offereceram-se para conduzir negociações de paz. Quer dizer: davam a qualidade, a cathegoria de belligerantes a indigenas rebeldes. Este singular offerecimento foi declinado, como não podia deixar de ser, pelo commandante das nossas forças.

A exploração politica quererá vêr nas nossas palavras a expressão de qualquer intuito desfavoravel á velha alliança que nos liga á Inglaterra. Tal intuito não existe, nem pode existir. O que nós desejamos é que a alliança se esclareça; o que nós pretendemos é que d'ella derivem todas as consequencias logicas que um pacto de tal natureza comporta. Entendemos que é sempre util a clareza; que é sempre necessario que paizes ligados por taes elos saibam quaes são os deveres que assumiram e os direitos que lhes correspondem. Não é nem pode ser outro o fim que os tratados teem em vista.

O esclarecimento d'uma alliança, a limpidez das suas clausulas garantindo obrigações mutuas, só é util para os paizes que a contrahem. Por isso mesmo n'esse genero de documentos cada vez se tem maior cuidado em prever todas as hypotheses, em acautelar todos os interesses. Quando, para qualquer parte, no momento em que se torna necessaria, uma alliança falha, as consequencias d'esse facto podem ser gravissimas e irremediaveis. A Inglaterra sabe o que pode reclamar de Portugal, e sabe já como nós damos uma expressão de absoluta lealdade e dedicação á cooperação em que os nossos serviços teem de se traduzir. E' justo, necessario, indispensavel que Portugal saiba, por seu turno, o que tem direito a esperar, tendo absolutamente certo que esse direito é o de uma cooperação identica.

Estamos ao lado da Inglaterra e ao lado da Inglaterra estaremos sempre. E' o nosso dever, e é tambem o resultado dos sentimentos que nos dominam perante a actual guerra, em que por palavras solemnes e actos insophismaveis nos encontramos envolvidos. Pode o sr. ministro da Allemanha ir inscrever-se no palacio de Belem. Nada temos com o seu procedimento, do qual só ao seu governo dará contas. Portugal é que continuará a ser contra a Allemanha, em primeiro logar por que ella é inimiga da Inglaterra e em segundo porque foi ella que desencadeiou esta lucta monstruosa, que offende os nossos sentimentos humanitarios, que attenta contra os nossos principios de liberdade, que já fez derramar o sangue portuguez, e que ao nosso paiz, como a todo o mundo, só tem produzido ruina, dôr e miseria.

A "CAPITAL,, EM HESPANHA

O que diz D. Raphael Labra

O illustre senador republicano falla-nos das relações com Portugal e da attitude da Hespanha perante o conflicto europeu

D. Raphael Labra, presidente do Atheneu, senador e por certo o decano dos republicanos hespanhoes, é uma figura sympathica e interessante, com a barba muito branca e o aspecto cavalheiresco de velho fidalgo castelhano. Pois nem é fidalgo nem é castelhano visto ter nascido em Cuba e ter sido toda a sua vida um austero democrata. O nosso entrevistado de hoje que nos recebe em sua casa na calle Serrano é um dos mais antigos e sinceros amigos de Portugal. Antes de lhe formularmos qualquer pergunta é elle proprio quem nos interroga sobre Portugal, sobre os partidos e sobre a marcha da Republica. Nas suas palavras ha interesse sincero, ha enthusiasmo e paixão pela nossa terra e pelos seus progressos. Tem-nos visitado muita vez e conhece os nossos homens publicos mais importantes.

Fala-nos de Magalhães Lima, Bernardino Machado, João Chagas e Affonso Costa, de alguns dos nossos litteratos e artistas, de muitos já fallecidos e que elle recorda com verdadeira saudade.

A sua amizade por Portugal é muito sincera e d'ella tem dado amplos testemunhos, erguendo a sua voz no parlamento hespanhol em nossa defeza quando do «ultimatum» da Inglaterra, e já em pleno regimen republicano, quando os inimigos das instituições tramavam em territorio hespanhol os preparativos da incursão. D. Rafael Labra, n'um memoravel discurso, obrigou o governo a prestar declarações á Camara e a tomar uma attitude definida sobre o assumpto. Em revistas, em artigos, em conferencias, em tudo D. Rafael Labra tem sido para comnosco da mais gentilissima amizade. Pois em sua casa nos recebeu D. Rafael Labra, n'um salão que lhe serve de escriptorio, mobilado com muito bom gosto e onde podemos admirar os bronzes artisticos que lhe foram offerecidos pelos cubanos seus patricios; e a proposito vem dizer que em toda a conversação, a proposito de tudo, vem sempre a America.

A America e o Atheneu são os dois centros em torno dos quaes gira toda a vida d'este velho republicano. Fazer progredir o Atheneu, estreitar cada vez mais os laços que prendem a Hespanha á America, eis o seu sonho constante, a sua grande aspiração e desejo.

Pois da America se occupou largamente e então nos falou de Portugal e das relações com a Hespanha que urge estreitar cada vez mais intimamente.

—Eu tenho empregado, diz-nos D. Rafael Labra, os maximos esforços para conseguir este meu proposito e espero alcançar alguns resultados. Assim, falei em tempos com o dr. Bernardino Machado para que elle viesse realisar uma conferencia ao Atheneu, ao que o illustre estadista generosamente accedeu, mas que n'este momento dada a sua situação official não póde effectivar.

«Outros homens notaveis de Portugal virão a Hespanha estreitar relações, crear amisades e verificar «de visú» que não existe entre nós a minima má vontade contra Portugal e que, áparte alguns reaccionarios e ultramontanos, todos os demais hespanhoes desejam as melhores relações entre os dois paizes.

O inicio de um estreitamento de relações—Viagens escolares—Visitas mutuas de intellectuaes e propagandistas

«Torna-se pois necessario que os portuguezes visitem a Hespanha e que muitos hespanhoes visitem Portugal. Antes das relações commerciaes, economicas, financeiras e até de politica externa urge estreitar as relações pessoaes. Geographicamente unidos, quasi sem fronteiras naturaes a separal-os, os dois paizes teem entretanto vivido sempre separadissimos e sem se conhecerem, como se barreiras inexpugnaveis estivessem de permeio a separal-os. Urge pôr termo a um tal estado de coisas e immediatamente.

«E' costume todos os mezes sahirem para o estrangeiro alguns professores superiores e costume, é tambem irem alumnos das nossas escolas pensionados pelo Estado frequentar alguns cursos n'outros paizes. A guerra impede esses estudos na França, na Belgica, na Allemanha e na Inglaterra e o antigo ministro da instrucção tinha resolvido já, segundo m'o disse, que esses professores e alumnos fossem para Portugal e para a America. O actual por certo manterá as resoluções do seu antecessor n'este sentido.

«Estou convencido que esta é uma medida de grande alcance e de explendidos resultados».

Nós já sabiamos d'esta resolução do ministro que vinha satisfazer negociações iniciadas e criteriosamente orientadas pelo nosso ministro sr. dr. Augusto de Vasconcellos, a quem o sr. D. Rafael Labra, durante toda a entrevista se referiu sempre nos termos mais elogiosos e amigaveis.

Por largo tempo ainda o illustre senador republicano esteve falando do nosso paiz, das suas viagens a Lisboa, das relações que tem entre nós, prometendo-nos para muito breve uma visita pois ha no nosso paiz, tanto na politica, como na litteratura, gente nova que não conhece e deseja conhecer.

Depois a conversa derivou naturalmente para a politica interna, para as luctas partidarias dos monarchicos, na ancia constante de possuirem o poder.

O partido republicano hespanhol—A propaganda do regionalismo—Uma opinião sobre o rei

—Quasi nem vale a pena falar dos monarchicos, diz-nos o nosso amavel entrevistado; quanto aos republicanos, desunidos como estão, pouco fazem e pouco progridem. Devem unir-se e crear novas bases de propaganda, pois em verdade lhe digo que pelo que respeita a liberdades de pensamento, de escripta, de opinião e até de tribuna pouco mais nos poderia dar a Republica do que já temos agora na monarchia.

«O regionalismo deve ser, a meu vêr, a base da propaganda republicana; estudar os desejos e aspirações de cada região e pugnar pelo que fôr justo e digno, eis o que os republicanos devem fazer, tirando é claro d'essa propaganda o maximo proveito para a causa da democracia.

Emquanto falamos vamos queimando magnificos charutos havanos «La Corona» e creio que está é a maneira mais ardente do austero democrata combater o regimen monarchico.

Ha um ponto de toda esta nossa conversa sobremodo interessante e extraordinario, é a opinião do sr. Labra sobre o rei.

—Eu falei com Affonso XIII algumas vezes já, diz-nos o velho republicano, e tenho d'elle a melhor impressão. E' um rapaz muito intelligente, muito instruido e muito amigo da sua terra. E' um espirito ponderadissimo e superiormente delicado. Lá no Atheneu, continua o sr. Labra, está inscripto como qualquer cidadão e figura nas folhas como socio numero sete mil e tal, de nome Affonso de Bourbon, profissão rei de Hespanha, casado e morador no Palacio do Oriente. Tudo quanto ha de mais democratico.

«As vezes que falámos nunca trocou commigo uma palavra sobre politica. Delicadissimo e muito bom rapaz. Digo-lhe mais, taes qualidades lhe reconheço que talvez não tivesse duvidas em votar n'elle para presidente da republica».

Como o leitor vê não deixa de ser interessante a opinião que forma do rei o decano dos republicanos hespanhoes. E a proposito do rei que toda a gente me diz ser muito partidario dos alliados; a proposito da lucta dos partidos e da politica externa, vem a neutralidade a ser assumpto da conversa.

—Todo o paiz deseja essa politica, diz-nos o sr. Labra, embora todos nós tenhamos sympathias muito grandes pelos alliados e se da neutralidade tivessemos de sahir, póde crêr, a Hespanha só combateria ao lado da França e da Inglaterra, paizes a que já hoje a prendem compromissos formaes.

A falta de propaganda dos alliados—Os fins da neutralidade—A conferencia da paz em Madrid

«Muita gente julga lá fóra, que entre nós ha muitos germanophilos, mas é puro engano, o que entre nós ha é muita e intensa propaganda germanophila. Servida, auxiliada e difundida pelos reaccionarios e militaristas, a propaganda germanophila segue livremente, pois contra ella os alliados não oppõem a minima propaganda em seu favor. E é para lastimar que o não façam e varias vezes tenho manifestado esta opinião, pois os alliados não tinham nada mais a fazer para conquistar todas as sympathias que merecem do que expôr, com toda a verdade, os crimes, os atropellos e as violencias que desde o inicio da guerra os austro-allemães teem commettido.

—E quanto tempo durará ainda a guerra?

—Não se póde calcular; agora quanto a quem vence, em minha opinião devem vencer os alliados, pelo menos é o meu desejo ardentissimo e o de todos que amam a Liberdade e o Progresso.

—Calcula então que a Hespanha não sáia da neutralidade?

—Não deve sahir, porque todo o paiz o deseja e porque esse é o papel que mais nos convém.

«Devemos manter durante toda a guerra uma attitude tal que nos permitta alimentar a esperança de servirmos de mediadores da paz.

«Esse deve ser o nosso papel e creio que n'esse sentido se tem feito já alguma coisa.

«Comprehende que seria um justo titulo de gloria para nós se Madrid fosse a cidade escolhida para os delegados dos paizes belligerantes effectuarem o seu congresso discutindo as condições da paz.

«E' por isso que eu e todos desejamos muito que a neutralidade se mantenha pois assim estaremos sempre em condições de tomarmos toda e qualquer iniciativa para a paz».

Assim nos falou o velho e austero republicano, cuja visita nos deu muito prazer.

Quando sahimos de sua casa era já noite. Toda a «calle» Serrano, Cibeles e «calle» d'Alcalá brilhavam nas suas dezenas de focos electricos dando á vastissima arteria um tom deslumbrante e feerico e instinctivamente recordamos a illuminação das ruas de Lisboa tão minguada e tão triste, que fechando os estabelecimentos, muitas ruas ha onde se não vê nada, sendo a escuridão quasi completa. Aos que veem de Madrid—ou de outra qualquer capital acontecerá o mesmo—ao chegarmos aqui temos a impressão de que Lisboa está ás escuras.

Mas, emfim, seja tudo para maior gloria das nossas vereações municipaes e para maior interesse das companhias fornecedoras.

Edmundo Porto

Entrevistas publicadas:

D. Eduardo Dato, chefe do partido conservador e ex-presidente do governo.
Conde de Romanones, chefe do partido liberal e actual presidente do governo.
D. Melquiadez Alvarez, chefe do partido reformista.
D. Juan Vazquez Mella, «leader» do partido jaimista.
D. Alexandre Lerroux, chefe do partido republicano radical.
D. Pablo Iglezias, chefe do partido socialista.
D. I. Sanches de Toca, ex-presidente do Senado.
D. Rafael Labra, senador republicano e presidente do Atheneu.

A seguir:

D. Rodrigo Soriano, deputado da conjuncção republicana.
D. Antonio Maura, chefe do partido conservador maurista.
Dr. Augusto de Vasconcellos, ministro de Portugal.

17-N

Um projecto imprudente

Dado para ordem do dia, foi distribuido na Camara dos Deputados um projecto de lei apresentado pelo sr. Ramos da Costa, para o qual se torna preciso chamar a attenção dos nossos legisladores, não seja elle approvado á pressa, sem que lhe notem o seu caracter profundamente inopportuno e pouco justo.

Trata-se de fazer incidir sobre as contribuições pagas pelas pessoas abastadas residentes no estrangeiro, um imposto supplementar a que, no parecer da respectiva commissão, se attribue o fim de «augmentar as receitas publicas, que a guerra europeia fez diminuir espantosamente».

Facilmente se reconhece que esta lei, a sel-o pela approvação da Camara, não dá resultados apreciaveis visto que nada menos difficultoso do que collocar em nome differente os bens que hajam de soffrer o projectado imposto. Por processos similares se acautellam vulgarmente os nossos capitalistas.

Affigura-se-nos que não será com medidas quejandas que regeneraremos a situação economica do paiz porque d'ellas, forçadamente, apenas se obtem o que em linguagem vulgar se chama «dois patacos».

Parallelamente essa medida antolha-se-nos perigosa, porquanto d'ella só pode resultar um augmento de irritação para os descontentes com o regimen que vivem no estrangeiro e que, longe de serem obrigados ao regresso, lá se deixarão ficar com mais um argumento para o seu imaginario martyrio, recorrendo á facil fraude para proteger os seus haveres.

De resto, não nos parece ainda tempo de estabelecer com segurança quaes são as pessoas que definitivamente assentaram residencia no estrangeiro, por incompatibilidade absoluta com a Republica. Seriam precisos mais alguns annos, dado o periodo agitado que o regimen tem atravessado, para fixar esse criterio.

Estes aspectos do projecto em questão provam bem a sua inopportunidade e a sua inconsistencia.

Mas da mesma redacção advem a sua caracterisada injustiça visto que se não attende n'ella ás pessoas que por doença se vejam obrigadas a permanecer fóra de Portugal por mais de seis mezes, limite marcado pelo projecto, nem tão pouco aos proscriptos que não o são por sua livre vontade, mas por uma lei que a tal os condemnou.

Bom é, pois, que se considere n'estas razões, antes que tenhamos de lamentar o tempo que se perde e os prejuizos que nos veem com estas medidas, cujo aspecto politico sobreleva as suas hypotheticas vantagens economicas.

Migalhas

Os gregos

Os subditos do rei Constantino fazem-me lembrar aquelles cavalheiros imprudentes á porta dos quaes se arma um grande barulho. Em vez de se fecharem a sete chaves com a tranca da neutralidade ou de entrarem desembaraçadamente na baralha, molhando a sua sopa dentro da capacidade da tigella, que Deus lhe deu, deixam-se estar de porta aberta, ora dizendo a um dos litigantes: —«Anda-me com elle!», ora gritando a outro: —«Chega-lhe, que ainda mexe».

O caso é que os desordeiros, ora um de cima, ora de baixo, acabam por lhe invadir a casa escancarada e a peleja passa a mais. Primeiro esmurram-se no pateo de entrada. O desgraçado grita:—«Não entrem!» Qual historia! Elles entram e começam a partir os tarecos. D'alli por um bocado, passam a outro compartimento e continuam escavacando o mobiliario. O encravado quer defender o que é seu. No ardor da baralha, os litigantes malham-lhe em cima como se elle fosse inimigo intimo. Elle acaba por se zangar. N'essa altura voltam-se todos contra elle e perguntam-lhe a que proposito se vem intrometter onde não é chamado. E, com o nariz a pingar sangue, os trastes escavacados, a casa destroçada, emquanto os da briga acabam de tirar as tripas uns aos outros, o infeliz fica meditando em que, n'isto de barulhos, o mais prudente é pôr-se ao largo, sendo possivel ou, não o podendo fazer pela força das circumstancias, ha que ver a tempo qual dos partidos convem tomar.

N'um café é dos livros que quem leva mais é o creado que quer salvar as chavenas e os marmores das mezas.

André Brun

EM TORNO DA GUERRA

A situação no fim do anno

O serviço obrigatorio em Inglaterra e os allemães—A Allemanha e a Austria arruinadas

Paris, 31 de dezembro

O *Temps*, occupando-se da situação militar, diz hoje o seguinte:

«Ao findar o anno, a situação tornou-se favoravel para nós e inquietadora para o inimigo. O povo allemão, tão convencido durante 1914 do seu rapido e brilhante triumpho, começa já a alarmar-se e a comprehender a inutilidade dos sacrificios que se lhe pedem. Para alentar os seus compatriotas, o major Morath affirma que a França está exhausta e compara-a a um cavallo de corridas que realisa um supremo esforço para chegar á méta, mas que desfallece a cada passo.

Isto é falso. Nem nós nem os nossos alliados tinhamos ao começar a guerra sufficiente preparação para luctar contra um exercito minuciosamente organisado pelos paizes germanicos.

Não dispunhamos nem do necessario numero de soldados, nem da sufficiente quantidade de munições e, todavia, a Allemanha, tão pujante nos primeiros mezes, não logrou vencer-nos.

As suas forças decaem já progressivamente e quem está exhausto é o nosso inimigo, ao passo que nós ainda podemos utilisar um numero infinito de homens, aos quaes a industria, hoje adaptada ás necessidades da guerra, se encontra em condições de prover todas as armas e munições que as circumstancias exijam.

Onde e em que ponto d'esse circulo que rodeia a Allemanha podem os soldados do kaiser obter essa victoria que obrigará os seus adversarios a depôr as armas?

Desde o Mar do Norte á Suissa as tropas germanicas teem ante si uma solida linha contra a qual se hão de despedaçar todos os seus esforços. Na Italia, os austro-hungaros apenas podem aspirar a defender-se e se nos Balkans, bulgaros, allemães e austro-hungaros reunidos, poderam vencer o tão reduzido como heroico exercito da Servia, em cujo auxilio não chegámos a tempo, nem por isso tudo ali está terminado, visto que os 190.000 anglo-francezes que se encontram em Salonica não abandonam os Balkans. Que resultado pratico obteve o adversario n'esta campanha?

Não encontrou aquillo que mais precisava, que eram viveres. Explorou a Bulgaria á qual tirou toda a sua provisão de trigo, e d'esta arte os bulgaros carecem hoje de recursos, não estando os turcos melhor abastecidos.

As tropas moscovitas, embora repellidas para o outro lado das suas fronteiras, não estão desorganisadas nem dispersas e renovam a offensiva nas regiões de Czernovitz e Tarnopol. E não são, por certo, as communicações dos nossos alliados que dão conta d'essa offensiva, mas os austro-hungaros a quem devemos prestar inteiro credito, já que nada commentam, limitando-se a affirmar que os seus soldados combatem duramente contra um exercito russo procedente da Bessarabia.

Trata-se, sem duvida, das forças concentradas nas margens do Danubio e que se dirigem á Galicia.

E aqui fica um imparcial resumo da situação ao terminar o anno de 1915.

Os nossos adversarios realisam o seu ultimo esforço, symptoma que nos garante o triumpho em 1916.»

Madrid, 1 de janeiro

Os commentarios da imprensa allemã com respeito á implantação do serviço militar obrigatorio em Inglaterra são breves, segundo noticias de Berlim. A Inglaterra, no dizer dos commentadores, imita mais uma vez a organisação allemã, de que tanto desdenhou. Perguntam os periodicos allemães se a Inglaterra continuará affirmando que combate o militarismo allemão e accrescentam que esta phrase está em completa contradicção com a attitude da Grã-Bretanha, sempre contradictoria porque, dizendo defender os direitos das nações pequenas, viola a neutralidade grega.

A imprensa allemã recorda, além d'isso, a illusão de sir Edward Grey, ao assegurar solemnemente, antes de se romperem as hostilidades, que a Inglaterra não soffreria mais tomando parte na guerra do que ficando neutral.

Inspira grande curiosidade na Allemanha a attitude de Henderson, *leader* do partido operario, attitude que parece depender dos accordos que hão de tomar os chefes dos gremios operarios inglezes convocados em todo o reino. Tambem se diz que é critico o estado de alma das classes operarias.

Segundo uma declaração feita na assembleia do comité de recrutamento dos gremios, 60 por cento dos que não entraram nas fileiras são *inuteis* para o serviço militar e os restantes 20 por cento são indispensaveis para a industria. Apesar d'isso opinou-se que não era necessaria a resolução tomada pelo governo. Como quer que seja, concede-se grande importancia ao discurso que dentro em breve deve proferir Henderson, definindo a attitude do partido operario.

Nova York, 27 de dezembro

O sr. Montagu, secretario financeiro do thesouro, foi entrevistado pelo correspondente da *Tribuna de Nova York* em Londres, a proposito do discurso proferido pelo sr. Helfferich no Reichestag em que se referiu á situação financeira da Allemanha eda Inglaterra.

«O sr. Helfferich disse o sr. Montagu, está historico. Faria a guerra com reservas accumuladas e queria esmagar a Inglaterra antes que esta podesse constituir as suas, mas a Inglaterra estabeleceu facilmente a situação do cambio na America, sem precisar fazer uso dos valores americanos que aqui possue o que só agora está mobilisando.

A libra sterlina subiu ao passo que o marco desceu e continua descendo estando actualmente em Nova York a 20 % abaixo do par.

O thesouro organisou um quadro synoptico em que se vê as fluctuações do cambio depois da guerra; este quadro terá que ser alongado para baixo, aliás o curso do marco terá que ser inscripto na margem, tanto tem vindo descendo.

Se tal é a situação, da Allemanha n'este momento em que não póde fazer compras alem mar, o que será depois da guerra, quando para comprar mercadorias tiver que offerecer papel depreciado!

O sr. Helfferiche, se podesse toria feito o mesmo que fariam a França e a Inglaterra: contrahir emprestimos na America; é sempre facil encontrar dinheiro quando se inunda de papel o paiz.

Se a divida em Berlim desceu somente sete pontos desde o começo da guerra, em Nova York desceu vinte e oito.

A ruina financeira da Austria é completa e a Allemanha está esgotada; olhamos o futuro confiadamente, porque a Inglaterra, embora começasse mais tarde a prevenir-se, dispõe ainda de enormes recursos»

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

"Para divertir"

por D. Maria O'Neill

Na sua collecção «Bibliotheca para a infancia» incluiu a Parceria Antonio Maria Pereira o livro *Para divertir*, original de D. Maria O'Neill, uma serie de contos todos elles graciosos e todos apropriados á intelligencia dos pequenos leitores a quem são destinados. Escriptora de largos recursos, trabalhando como poucas, D. Maria O'Neill conquistou de ha muito um logar de destaque nas nossas lettras, lendo-se com agrado todas as suas producções, em que o estylo é cuidado e em que não ha uma unica palavra que possa ter um sentido dubio, apesar da lição moral que resalta de todos os seus contos.

E n'estas simples palavras está o melhor elogio da escriptora.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados seis volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, e o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

UM BELLIGERANTE...

Nandume, o "rei do Ovampo,,

De como o soba do Cuanhama, actualmente refugiado no Damaralandia, se considerava independente de Portugal

A recente occupação do Cuanhama pelas tropas portuguezas veiu revelar-nos alguns factos curiosissimos a que hontem alludimos e que não devem ficar no rol das coisas esquecidas. Já sabemos que as auctoridades da União Sul-Africana encaram como procedente o litigio em tempos estabelecido com os allemães a proposito da famosa faixa de territorio no Sul de Angola.

Como informação complementar, podemos hoje determinar com relativo rigor a extensão d'essa faixa territorial. A fronteira, segundo as pretensões portuguezas, seria determinada pela direcção do parallelo que passa na Cactaracta de Ruacaná. N'uma excellente carta allemã que possuimos, esta cataracta deve identificar-se com a de Kambele ou de Jayme Godin, cuja latitude, segundo o viajante allemão Schmidt que em 1909 estudou a região, é 17º, 16' e 17''. A cataracta está situada a 980 metros de altitude acima do nivel do mar, e as aguas do Cunene despenham-se ali de uma altura de cerca de 100 metros.

Subindo o curso do rio, encontra-se pouco depois uma série de rapidos, já estudados em 1901 pelo explorador Hartmann, e depara-se-nos, ao termo d'esse trajecto em que o rio se escoa entre medonha profusão de rochedos, a cataracta de Nanguari ou Nanguali, cuja latitude Schmidt determinou tambem, e que fica por 17º 18' 40''. Alguns kilometros mais acima apparecem-nos ainda duas quedas de agua muito proximas uma da outra: a de Iacavalle, com a latitude de 17º 17' 8'' e a de Kasombua, com 17º 17' 6''. E' por aqui que passa o parallelo que os allemães pretendiam para fronteira. A faxa litigiosa é pois limitada por dois parallelos que distam entre si perto de 11 kilometros. Por outro lado, o comprimento médio da faxa é de cerca de 400 kilometros, o que dá uma superficie approximada de 4.400 kilometros quadrados de zona em litigio.

Dois postos militares portuguezes existiam dentro d'essa zona: o forte Henrique Couceiro, na Dombondola, com a latitude 17º 21' 7'', e o antigo posto da Chimenha, situado a montante do forte do Cuangar e na margem direita do Cubango. E' escusado dizer que estes dois postos foram abandonados ha muito. Estabelecimentos allemães existem dois, ao sul do Cuanhama: a missão de Omatemba, na latitude 17º 18' 36'' e a de Namakunde, por 17º 18' 8'', onde actualmente reside o delegado portuguez á commissão mixta que administra a região até ulterior entendimento entre os governos de Lisboa e de Londres. Na região portugueza do Cuanhama havia ainda outras duas missões: a de N'giva, que era a residencia do soba Nandume e Schmidt collocou em 17º 4' 25'', e a de Omupanda, por 17º 8' 27'' de latitude. Ambas ellas foram incendiadas e abandonadas á approximação das forças expedicionarias do general Pereira d'Eça, que ainda lhes encontraram as cinzas fumegantes.

Chega agora o momento de narrar um dos mais curiosos episodios d'essa marcha em que mais uma vez se evidenciaram as preciosas qualidades combativas do soldado portuguez quando convenientemente dirigido.

A columna atravessára o Cunene no vau da Chimbua, alguns kilometros a montante do forte Roçadas, e encetára ousadamente a marcha sobre N'giva, que dista d'esse ponto perto de 100 kilometros para sudeste. A acção principal desenrolou-se após quarenta kilometros de marcha, proximo dos «chilongos» da Mongua, n'uma «chana» cercada por matto denso. Durante quatro dias, o inimigo atacou impetuosamente esse punhado de portuguezes que uma vontade de ferro guiava atravez do sertão, e, em numero muito superior, dispondo de excellentes armas de guerra e de magnificas pontarias, cercaram o nosso quadrado, cortando mesmo a linha de communicações com o Cunene. O que foi esse violentissimo combate, em que as rações chegaram a diminuir-se á razão de uma lata de atum por cada quatro homens, o que foi a tortura da sede e a febre de resistir, sob um sol abrazador, no meio das areias calcinadas da Mongua, merece ser especialmente descripto em outro artigo. O que, por agora, convem registar, é o seguinte:

Terminára o combate, com a retirada dos assaltantes, que sem exaggero podem computar-se em 15 ou 20.000 homens. A certa altura, um preto surge do matto, agitando n'uma das mãos uma bandeira branca (!), e na outra um pequeno pau com uma carta. A missiva provinha do governador ou residente da Donga, que «gentilmente» se offerecia para servir de medianeiro entre os portuguezes e o rei do Ovampo. Este «rei do Ovampo», a quem o funccionario da União reconhecia assim foros de belligerante, era nem mais nem menos que o nosso soba Mandume do Cuanhama, que foi acolher-se sob a protecção d'essa auctoridade.

E' claro que o offerecimento foi recusado, e a marcha proseguiu, até se galgarem os 60 kilometros que medeiam entre Mongua e N'giva. Ahi appareceram logo officiaes inglezes a felicitar o valor das nossas tropas e a tratar da questão da zona litigiosa. O Nandume fugira, mas os «dengas» attonitos puderam assistir ao içar da bandeira verde rubra, sobre a embala do soba, e á commoção das tropas ao ver subir esse magico talisman, pelo qual tanto sacrificio se fizera e tanto sangue se derramára. O general avançou, em meio dos seus officiaes e em breves palavras accentuou que era a primeira vez que fluctuava ali a bandeira portugueza, terminando por erguer um viva á Patria, outro ao exercito, outro á marinha.

Havia lagrimas em todos os olhos.

HERMANO NEVES

Victimas d'um abalroamento

Oito naufragos gregos

desembarcaram hoje em Lisboa

O paquete francez *Rome*, chegado hoje a Lisboa, trouxe a seu bordo oito naufragos de naturalidade grega, os quaes recolheu no Atlantico de bordo de um escaler.

No consulado da Grecia soubemos que se trata de oito tripulantes do vapor persa *Teheran*, propriedade de um negociante grego, e que a 15 milhas de Gibraltar foi abalroado pelo vapor italiano *Marietta Constanza*, que tambem parece que se perdeu. Os tripulantes do *Teheran* saltaram para bordo do *Marietta* pela amurada, porque os dois vapores ficaram mettidos um no outro. Vendo, porém

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Frei Luiz de Sousa—Freira de Beja.
TRINDADE—A's 21—A dama rôxa.
POLYTEAMA—A's 21—Oiro sobre azul.
GYMNASIO—A's 21—O commissario de policia.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—A viagem de Suzetta.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—A's 21—Não desfazendo...
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Tosca.

Primeiras representações

THEATRO AVENIDA—«Maré de rosas», revista em 2 actos e 10 quadros, original de E. Rodrigues, F. Bermudes e João Bastos, musica de Del-Negro e Bernardo Ferreira.

Nem sempre a critica se torna tarefa fastidiosa. No numero d'essas excepções que, por acaso, apparecem, felizmente para o publico, para as emprezas, para os artistas e até para nós, pobres criticos que vemos, a maioria das vezes, a nossa boa fé alcunhada de feroz inimizade na bocca de alguns actores que não distinguem nem differenciam a distancia enorme do artista ao espectador, julgando-se irreprehensiveis na fórma de representar e irrefutaveis nos seus argumentos, está a critica da revista que, ante-hontem, subiu á scena no Avenida, da auctoria de trez nomes que, por demais conhecidos, dispensam a biographia. Por sua vez, a empreza, que suppomos ser a mesma do Eden, caprichou de tal fórma na montagem da peça que, alliados os esforços, o resultado foi um successo que, estou certo, o publico se encarregará de confirmar.

O que é a peça? Dois actos de bom humor em que a critica anda alliada á phantasia n'um «encadrement», por vezes, soberbo. Não tem quadro politico e esse facto mais sympathico a torna ainda. E' que, criticar os politicos quando elles, diariamente, se encarregam de o fazer, é tarefa escusada e que já vae fatigando o espectador. E a prova de que assim é, teve-a o publico ao vêr a «Maré de rosas» não necessitando que os auctores lançassem mão d'esse «disco» já tão usado, para lhes applaudir o trabalho.

O enredo d'uma revista não se conta. Ou ella é boa e se recommenda aos leitores que a vão vêr, ou não presta e n'este caso quem faz a critica é a bilheteira. Segundo o meu criterio, está no primeiro caso a peça que vimos ante-hontem. Tem talvez, por vezes, um «double-sens» um tanto ou quanto livre mas esse mesmo, resalta tão natural no decorrer do dialogo que facilmente se perdôa. Ao contrario do que quasi sempre succede, o interesse cresce de quadro para quadro e assim, no primeiro acto, citaremos o 3.º e 4.º como sendo os melhores. O segundo acto não affrouxa a boa impressão do primeiro e é n'elle que os auctores lançando mão da phantasia, de fórma a que, dentro d'essa mesma phantasia a critica e o bom humor, possam ter o seu logar de destaque, nos dão uma nova «nuance» do seu trabalho, apresentando-nos d'uma fórma ligeira, graciosa e com um apparato cheio de bom gosto, a ideia que presidiu á confecção d'esse segundo acto.

*

Só temos que dizer bem do desempenho e se a todos os artistas incluimos no mesmo elogio devemos, de justiça especialisar além de Carlos Leal, Ferrari, Gomes, Grave, Marietta, Irène, Velloso, Chica Martins e Herculina, uma boa rabula do actor Costa no «abbade» e a fórma por que Luiz Bravo interpretou o seu papel de «compère», creando um esplendido typo e conservando-o durante toda a peça sem um unico exaggero.

*

Falta-nos falar ainda de dois factores de principal importancia, no successo alcançado. São elles o guarda-roupa e o scenario. O primeiro, de Castello Branco, rico e de bom gosto, tem grupos encantadores entre os quaes o das «sardinhas» e o da marcha final do 2.º acto. O scenario, devido ao pincel de varios scenographos, necessita uma referencia mais larga, não porque não seja bom por parte de todos, mas simplesmente porque n'alguns a belleza resalta mais do que n'outros, naturalmente pela phantasia que presidiu á ideia que os motivou. Assim, injustiça seria não citar como das melhores coisas que temos visto, o panno de «pierrots» do 7.º quadro, pintado em seda por Augusto Pina que é, incontestavelmente, d'um bom gosto invulgar. A côr, o tom e o detalhe d'esse panno, consagram o artista que o pintou que, logo a seguir no 8.º quadro, tem mais uma bella scena. Por sua vez, Reis filho, occupa, sem discrepancia, quero crêr, o segundo logar na magnifica scena do 6.º quadro, d'um colorido absolutamente exacto. Boa scena de rua, de Viegas, e trabalhosa mas, talvez, sem grandes effeitos, a de Salvador na apotheose do 1.º acto.

*

Musica com alguns numeros interessantes, entre os quaes o do «Fado da Boa Hora», o da «Policia feminina» e o da marcha final do 2.º acto. Côros, por vezes, incertos. Marcação muito acertada, sendo optima a movimentação do final do segundo quadro, demonstrando, mais uma vez, a competencia de Antonio Gomes.

Alvaro Lima

Ao correr da pena

A vinda de Guitry a Lisboa tem um aspecto altamente sympathico que nos cumpre accentuar. Não é para o grande actor uma d'estas «tournées» lucrativas, que á força de lucros offerecidos, conseguiam arrancal-o aos theatros de Paris. E' uma visita de amigo. Guitry vem demonstrar ao visconde de S. Luiz Braga que os protestos de amisade, expressos por occasião da catastrophe do Republica, não eram simples condolencias. «Reconstrúa o seu theatro, escrevia elle ao seu amigo, e eu, qualquer que seja a epocha irei inaugural-o. Se não conseguir arranjar uma «troupe», irei eu só e terei muito prazer em trabalhar com os seus artistas, com os meus illustres camaradas portuguezes. Quero estar ao pé de si n'esse grande dia de satisfação, compensador das amarguras da hora presente.»

O theatro da Republica vae reabrir por estes dias. Febrilmente se apressam os ultimos retoques na sala e nas dependencias para que tudo esteja prompto no dia da inauguração. Elle abrirá com uma peça genuinamente portugueza do mais genuinamente portuguez dos auctores de agora. Poucos dias volvidos, porém, os comediantes do Republica hospedarão no tablado das suas glorias, o illustre camarada francez, que com elles tem de commum, além de outros, o laço de amizade com que cercam o chefe da casa. Guitry deixa o socego da sua propriedade, cerca de Lyon, onde se recolhera no começo da guerra, disposto a não voltar ao theatro emquanto durassem as hostilidades. Vem a um tempo conhecer esse publico portuguez, ao qual prestam homenagem todos os artistas francezes que pisaram o palco do velho Republica e demonstrar, mais uma vez, a S. Luiz Braga, uma consideração e uma estima que honram por egual quem as dispensa e quem as recebe.

Cyrano

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite: Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Theatro Phantastico, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

que era evidente sossobrarem as duas embarcações arriaram uma lancha do vapor italiano, em que foram salvos.

O capitão do *Teheran* chama-se João Catalanos e como os seus companheiros, nada tinha comsigo, declarando que traziam a bordo 500 libras.

Julga-se que os tripulantes do *Marietta* terão chegado a salvo a Gibraltar, ignorando-se se o vapor conseguiu ahi arribar.

Colyseu dos Recreios

«Tosca»

Quando uma companhia é boa, quando d'ella fazem parte authenticas notabilidades artisticas, a frequencia do publico é certa e por isso o Colyseu tem tido as enchentes mais collossaes do que ha memoria. Hoje não deve ficar um bilhete por vender pois não só é recita da moda como tambem se realisa a estreia do soprano lyrico Carmen Toschi com a primeira representação da opera de Puchini *Tosca* a sua corôa de gloria, e o tenor Tincanni deve darnos um Cavaradossi como poucas vezes teremos ouvido.

Emfim a noite de hoje para os verdadeiros amadores d'arte deve ser de saudosas recordações.

E' a seguinte a distribuição:

«Flora Tosca, sr.ª Carmen Toschi; «Mario Cavaradossi», pintor, sr. Giulio Tincani; «Barão Scarpia», chefe supremo da policia, Mimo Zuffo; «Cesar Angelotti», Michelle Fiori; «O sacristão», Libero Ottoboni; «Sciarrone», gendarme, Libero Ottoboni; «Spoletta», agente de policia, Angelo Algos; «Um carcereiro», Jeronimo Aboaf.

O actor Guitry no Theatro da Republica

O grande artista francez Lucien Guitry vae emprehender, sob a direcção de Henry Herz, director do «Porte-Saint-Martin», uma «tournée», de longo tempo preparada, no decorrer da qual representará algumas das peças em que maiores triumphos tem conquistado.

Lucien Guitry estreia-se no Republica no dia 18 do corrente e dará apenas oito espectaculos, todos differentes, com as seguintes peças: «La Griffe», «Samson», «L'Assaut», de Bernstein; «L'Emigré», «Le Tribun», de Paul Bourget; «La Massière», de Lemaitre; «Primerose», de Flers e Caillavet, «L'Abbé Constantin», de Halevy e Decourcelle.

Para estas oito recitas está aberta assignatura no escriptorio da empreza do theatro Republica, tendo os assignantes da actual epoca da companhia portugueza preferencia nos seus logares, até ao proximo sabbado 8.

PEQUENAS NOTICIAS

Na noticia que hontem démos da brilhante festa realisada no Lactario da freguezia de S. José disse-se por equivoco que o sextetto era regido pelo sr. Arthur Vinhó, quando deviamos dizer que o fôra pelo sr. Raul Portella dos Santos, distincto professor de musica.

—Na enfermaria 4 do hospital de S. José deram entrada Salvador Teixeira, trabalhador, residente na rua Antonio Pedro, 5, que estando ali a trabalhar n'uma pedreira foi colhido por uma porção de barro fracturando a perna esquerda, e Luiz Antunes, servente do deposito de remonta em Mafra e residente no Sobral d'Abelheira, que foi ali colhido por um coice de um cavallo, ficando muito ferido na cara e com esvasamento do globo ocular esquerdo; na enfermaria 11, Eduardo Martins, menor de 8 annos, residente na rua das Picôas, 8, 9.º, que na rua de D. Estephania foi atropellado por um automovel, ficando muito ferido na cabeça.

—João Alves Gambôa e Anna Alice Gambôa, moradores na rua Barão Sabrosa, *villa* Santos, foram presos por se terem agarrado ao guarda 1871, insultando-o e ameaçando-o de morte, isto na occasião em que esse guarda pretendia manter a prisão de Manuel Gambôa, morador com os presos e que se evadiu. O guarda foi attingido por uma pedrada n'um braço, da que teve de ir receber curativo.

Os auctores dramaticos e os amadores theatraes

Como se representam peças sem licença dos seus proprietarios: auctores, emprezarios ou editores

Na rua da Atalaia tem a sua séde uma instituição de recreio denominada Lisboa-Club. Alguns dos seus socios constituem um grupo dramatico que leva á scena, no pequeno theatro do club, comedias, dramas e operettas, porque não faltam os amadores com a sufficiente coragem para metter hombros ás mais difficeis emprezas.

Ora succede que as proprias peças em pleno exito nos nossos theatros lhes servem e representam-nas sem que sequer peçam venia a auctores ou emprezarios... Acaba de acontecer isso com a «Soror Marianna», de Julio Dantas, que o Lisboa-Club annunciou e pôz em scena no ultimo sabbado. Para o eminente homem de lettras, ao que nos consta, não houve, por parte da direcção do club, a attenção, ao menos, de lhe mandarem um convite, o que é, afinal, absolutamente logico, desde que não lhe pediram licença para a representação da peça. Os emprezarios do Gymnasio, a quem ella pertence durante um anno, tambem não souberam senão pelos jornaes que o Lisboa-Club ia representar «Soror-Marianna».

Este facto suscita algumas reflexões interessantes e opportunas, já não pelo que respeita ao olvido, tão lamentavel, das boas normas que João Felix Pereira traçou n'um compendio escolar, mas pelo que toca á apropriação do alheio sem cerimonia alguma.

Com effeito, será impossivel impedir a representação de peças que não pertencem a toda a gente? E', quando representadas n'um club, em recita particular, para a qual se não affixam cartazes. Desde que não ha cartazes, que exigem o visto da policia, esta não póde obstar a que os amadores representem as peças que lhes apeteçam e que são annunciadas nos jornaes. Os espectaculos são gratuitos, dizem os clubs, embora para se assistir a elles seja necessario ter pago determinadas quotas. E com esta allegação se eximem a todas as considerações, ainda as de mais elementar civilidade...

Só ha um meio, cremos nós, de remediar semelhantes abusos: modificar as disposições do Codigo sobre propriedade litteraria e artistica. No congresso teem assento homens de lettras e publicistas: que elles tomem a iniciativa d'essa necessaria modificação.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

CUMPRIMENTOS DE BOAS-FESTAS

Recebemos, e muito agradecemos, retribuindo-os, cumprimentos de boas festas dos srs.: Manuel Antonio Rodrigues, de Chaves; A. Dias Pereira & C.ª, do Porto; J. Fernandes, o distincto photographo da rua do Loreto; Alfredo de Moraes, chefe da lithographia da Imprensa Nacional; Mario Antunes e Luciano Moreira.

CASAMENTOS

Realisaram-se: na egreja de S. Nicolau, do Porto, o do sr. Antonio Rodrigues Pinto Pinhal, negociante, com a sr.ª D. Deolinda Maria da Silva; na egreja de Parafita, o do sr. dr. Carlos Faria Moreira Ramalhão, primeiro assistente da faculdade de medicina do Porto, com a sr.ª D. Delfina da Silva Reis; na capella da Solarenga, Braga, o do sr. dr. Filippe Augusto de Noronha Menezes Freire de Andrade, com a sr.ª D. Maria do Pilar Carvalho Sampaio da Cunha Pimentel.

—Estão justos: o do sr. dr. Henrique Silva, advogado em Beja, com a sr.ª D. Emilia de Mascarenhas Côrte Real Graça; o do sr. Julio Manuel Ferreira Rodrigues da Costa, com a sr.ª D. Joanna Barbot; o do sr. Raphael Jorge Nobre Sobrinho, com a sr.ª D. Maria da Conceição de Abreu Baptista, o do sr. Manuel Clemente Barbosa, proprietario em Braga, com a sr.ª D. Maria Julia de Vasconcellos.

—Realisa-se depois de ámanhã o enlace matrimonial do sr. José Tavano Possolo com a sr.ª D. Sarah Lima O'Connor Shirley. A cerimonia nupcial effectua-se na parochial do coração de Jesus.

PONTOS DE REUNIÃO

Recitas e sessões da moda: Esta noite, no Coliseu dos Recreios e no Olympia; ámanhã, no Chiado Terrasse; quarta-feira, no Olympia e no theatro do Gymnasio («première» do «Primo Basilio»); sexta-feira, no Chiado Terrasse.

DOENTES

Teem estado doentes os srs.: engenheiro Antonio Carlos de Vasconcellos Porto, José Antonio Machado, Themudo Fernandes Baptista, tenente Affonso Mata, Elias Seruya e José Vicente Braga.

Movimento maritimo

B., R. Prata «Kermemerland» (Amst.)	4
N.-York e Providence «Roma» (Gib.)	4
Batavia, etc., «Kavi» (Amsterdam).....	4
Braz., R. Prata e Pac. «Victoria» (Liv.)	5
Archipelago dos Açores «Funchal»....	5
Afr. Oriental «Conrrie Castle» (Lond.)	5

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Cabo Verde—O dia de 8 horas—O codigo do registo civil—Mobilisação da industria, etc.

A' primeira chamada respondem 51 deputados. Na presidencia está o sr. Manuel Monteiro, secretariado pelos srs. Balthazar Teixeira e Alfredo Soares. O sr. dr. Brito Camacho reapparece na Camara, sendo cumprimentado por todos os deputados da direita. Espera-se um pouco, depois de lida a acta, procedendo-se a seguir a uma segunda chamada a que respondem 71 deputados. Approva-se a acta e lê-se o expediente que segue o seu destino.

Antes da ordem do dia, o sr. presidente communica á Camara o fallecimento do deputado Marianno Arruda, propondo um voto de sentimento, a que se associam: Barbosa Magalhães, pela maioria parlamentar; Vasco de Vasconcellos, pelos evolucionistas; Moura Pinto, pelos unionistas, e Costa Junior, em nome dos socialistas.

O sr. Henrique de Vasconcellos trata de questões referentes a Cabo Verde, falando nos pessimos serviços medicos, que entende deverem ser remodelados e estranha que o governador d'aquella provincia viesse agora, n'este momento de crise tão grave, remodelar certos serviços que trazem consideravel augmento de despeza.

O sr. Costa Junior, dirigindo-se ao sr. ministro do fomento, pede o cumprimento da lei que estabeleceu o dia normal das 8 horas para os operarios em certas industrias, e a proposito cita a Companhia do Gaz que em vez de dar aquelle horario ao pessoal do fogo, os obriga a trabalhar doze. Volta a requerer os documentos que ha muito vem pedindo, referentes á administração dos caminhos de ferro do Estado.

O sr. ministro do fomento declara que a lei será cumprida e como os seus antecessores promette deferir o pedido referente aos documentos ha muito reclamados.

O sr. Eduardo de Sousa justifica e manda para a meza um projecto de lei renovando a iniciativa d'um outro apresentado na sessão legislativa anterior pelo sr. Covões, sobre a reforma do codigo do Registo Civil.

O sr. presidente do ministerio manda tambem para a meza um projecto de lei, auctorisando o governo a interpretar a inscripção constante do capitulo 18.º artigo 850 do orçamento do ministerio das finanças, conselho de seguros, sob a rubrica «abonos variaveis» como applicaveis ás despezas criadas pelo decreto n.º 1984, de 21 de outubro ultimo, e a cargo do conselho de seguros, durante o actual anno economico.

Apresenta uma outra proposta tributando, segundo o pedido formulado n'uma representação da Camara Municipal do Porto, todos os vinhos de consumo que entrem n'aquella cidade.

O sr. Victorino Godinho renova o projecto de lei creando o conselho da Marinha Grande. Manda para a mesa dois projectos de lei; um auctorisando a Camara municipal da Batalha a vender uns baldios para a construcção de um talho e outro creando a parochia civil de S. Mamede, no concelho da Batalha.

O sr. Fernandes Costa apresenta um requerimento em que pede documentos ácerca da directriz da linha do Valle do Corgo.

Entra-se depois na ordem do dia, continuando a discutir-se o projecto sobre a mobilisação da industria. São approvados o segundo e terceiro artigos com emendas. N'esta altura com o cerimonial do estylo entra na sala o deputado sr. Jorge Nunes, que é muito felicitado. Prosegue-se na discussão do projecto que é emfim approvado.

Entra em discussão o projecto reorganisando alguns dos quadros dos governos civis, sendo elles dos districtos de Lisboa, Porto e Funchal. O sr. Aresta Branco pergunta ao sr. ministro do interior se acceita o projecto tal como está. Faz essa pergunta porque o projecto foi apresentado á Camara pelo seu antecessor.

O sr. Almeida Ribeiro declara que em principio o acceita, visto entender que os referidos quadros precisam ser remodelados. O sr. Lopes Cardoso, como relator do projecto, defende a sua doutrina. O sr. Carlos Olavo ataca-o na parte referente ao districto de Lisboa. Falam ainda os srs. Lopes Cardoso e Aresta Branco, depois do que o projecto é approvado na generalidade. Na especialidade, o sr. Carlos Olavo manda uma proposta de emenda ao artigo 1.º, elevando o numero de amanuenses de 2.ª classe que é regeitada depois de larga discussão. E' approvado o artigo e os seguintes até ao 6.º, ao qual o sr. ministro do interior manda uma proposta de emenda elevando o districto de Ponta Delgada á cathegoria de 2.ª classe para os effeitos do disposto no referido artigo.

O sr. Antonio da Fonseca discorda da proposta, allegando varias considerações. O sr. ministro do interior explica as razões porque entende que aquelle districto deveria ter aquella cathegoria, entre ellas a da questão das promoções do pessoal. Fala ainda o sr. Medeiros Franco, que faz a sua estreia, falando com todo o calor dos Açores, de onde é natural e defendendo, portanto, a proposta do ministro, que é por fim approvada.

No Senado

A secretaria do Trabalho e Previdencia—Propõe-se a sua creação

Approvam a acta 25 senadores presentes, sob a presidencia do sr. Correia Barreto. Lido o expediente o sr. presidente declara que se entrou no antes da ordem. Ninguem, porém, pede a palavra e na sala estão apenas 28 senadores, o que não satisfaz ainda as exigencias do «quorum» que é de 32.

São 15,15'. E como mais senadores não appareçam faz-se a segunda chamada. Vêem-se pela primeira vez na sala os srs. João de Menezes e Vera Cruz.

Vagarosamente, muito vagarosamente mesmo, a chamada vae-se fazendo, até que, tendo apparecido os senadores indispensaveis para o funccionamento da sessão, se dá por finda a chamada com 33 presentes.

Introduz-se o sr. Ferreira do Amaral que vae prestar juramento e a seu logar entra tambem o sr. Augusto de Vasconcellos.

Varios senadores mandam pareceres para a mesa. E entra-se na ordem do dia com o projecto que modifica o artigo 433 do decreto de 25 de maio de 1911, que é approvado com uma ligeira alteração do sr. Vasconcellos Dias.

Segue-se o projecto de lei que cria uma secretaria de trabalho e providencia no ministerio do fomento constituida por duas repartições. O sr. Paes Gomes acha a sua apresentação extemporanea e a sua discussão inopportuna e precipitada, o que o sr. Estevam de Vasconcellos contradiz defendendo o projecto como seu relator.

Como se requeira a presença do sr. ministro do fomento e este não possa comparecer fica a discussão para ámanhã, sendo encerrada a sessão com aprazimento de todos os lados da Camara.

A crise economica

Uma proposta de lei tendente a remedial-a

E' do theor seguinte a proposta de lei referente á questão das materias primas, subsistencias e normalisação dos mercados internos, em face da crise economica actual:

Considerando que sobre o governo impende o dever de attenuar os effeitos da grave crise economica resultante da conflagração europeia;

Considerando que todas as questões que se prendem com a economia nacional são principalmente da competencia do ministerio do fomento;

Considerando a conveniencia de incumbir a uma entidade especial o estudo de todos os assumptos que constituem o difficil problema das subsistencias e a realisação das medidas adoptadas pelo governo;

Considerando, por ultimo, que a essa entidade devem estar ligadas as commissões locaes a quem compete regular os preços dos generos e o abastecimento dos mercados internos, e tendo a experiencia demonstrado a inefficacia das commissões de subsistencias concelhias, aconselhando a sua substituição por commissões districtaes;

Temos a honra de submetter á vossa esclarecida apreciação o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º—Todas as providencias destinadas a promover o abastecimento do paiz de materias primas e mercadorias de primeira necessidade e a normalisar os mercados internos serão tomadas pelo governo por intermedio do ministerio do fomento, de harmonia com as bases annexas a esta lei.

Art. 2.º—Fica o governo auctorisado a reunir n'um só diploma as disposições contidas nas bases annexas, devidamente regulamentadas, e quaesquer outras em vigor que não contrariem o presente diploma, sem prejuizo das faculdades que ao poder executivo confere, em materia economica, a lei n.º 373, de 2 de setembro de 1915.

Art. 3.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Base 1.ª—Junto do ministerio do fomento funccionará uma commissão, denominada «Commissão Central de Subsistencias», á qual compete estudar as questões relativas ao aprovisionamento do paiz de materias primas e mercadorias de primeira necessidade e consultar sobre as providencias que o governo julgue dever tomar para assegurar o abastecimento, promovendo e facilitando a execução das que forem adoptadas.

Paragrapho unico. Esta commissão será constituida pelo presidente da Junta do Credito Publico, director geral das Alfandegas, provedor da Assistencia, director da Manutenção Militar e por mais sete individuos que o ministro do fomento nomeará livremente, pertencentes ás classes agricola, commercial, industrial, operaria e consumidora.

Base 2.ª—Ao conselho gerente da Manutenção Militar compete dar execução ás providencias a que se refere a base anterior, ouvindo a Commissão Central de Subsistencias, quando se lhe offereçam duvidas ou difficuldades na sua applicação, e informando-a de todos os actos de que tiver conhecimento, praticados no intuito de contrariar os fins d'esta lei.

Base 3.ª—Em cada districto da Metropole haverá uma commissão de subsistencias, que se chamará «Commissão de Subsistencias do districto de...», com as attribuições que pelo decreto n.º 1.900 foram conferidas ás commissões de subsistencias concelhias, que ficam extinctas.

Paragrapho 1.º—As commissões districtaes de subsistencias serão constituidas pelo governador civil, que presidirá, inspector de finanças, presidente da commissão executiva do municipio da séde do districto, e pelos individuos que o ministro do fomento nomear sob proposta da Commissão Central de Subsistencias.

Paragrapho 2.º—A proposta da commissão central basear-se-ha nas relações nominaes enviadas pelos governadores civis que, sempre que seja possivel, farão representar a agricultura, o commercio, a industria e ás classes consumidoras.

Base 4.ª—As tabellas de preços dos generos que as commissões districtaes teem de organisar serão, antes de publicadas, sujeitas á homologação da Commissão Central de Subsistencias, considerando-se homologadas se esta, no praso de cinco dias, não lhes tiver negado a approvação.

Paragrapho 1.º—Na elaboração das tabellas as commissões districtaes estabelecerão, quanto possivel, a conjugação dos preços de compra e de venda, fixando os maximos por que os productores intermediarios e commerciantes podem vender as mercadorias.

Paragrapho 2.º—Com o fim de evitar que indirectamente sejam elevados os preços das materias primas e mercadorias de primeira necessidade, será prohibida a adopção de unidades de vendas differentes das que normalmente são usadas nas respectivas localidades.

Base 5.ª—Quando o governo julgar conveniente, todos os que por qualquer titulo possuam ou detenham, com fins commerciaes, quaesquer materias primas ou mercadorias de primeira necessidade são obrigados a declaral-as, com exactidão, sob pena de procedimento.

Base 6.ª—Os productores, intermediarios ou commerciantes de quaesquer materias primas e mercadorias de primeira necessidade que as possuam para venda ou as tenham em quantidade superior ás necessidades da familia e da sua exploração agricola, industrial ou commercial não podem recusar-se a vendel-as, sempre que haja procura, e por preços nunca excedentes aos que as commissões districtaes de subsistencias estabelecerem como maximos.

Paragrapho unico—Além da penalidade que competir pela recusa, serão as mercadorias, no caso de reincidencia, apprehendidas e vendidas pelas commissões districtaes respectivas, revertendo o producto da venda em beneficio das instituições de assistencia publica.

Base 7.ª—Para normalisar os mercados internos, o governo poderá, por intermedio da Manutenção Militar, comprar e vender materias primas e mercadorias de primeira necessidade, prohibir ou auctorisar a importação ou exportação d'ellas e ainda alterar os seus encargos fiscaes.

Base 8.ª—Quaesquer corpos ou corporações administrativas, sociedades cooperativas e a Provedoria Central da Assistencia, podem, mediante auctorisação do governo ou por sua delegação realisar, mesmo por conta dos possuidores ou detentores, a venda de generos destinados á alimentação publica.

Base 9.ª—No caso previsto na base 7.ª, compete ás commissões districtaes de subsistencias requisitar á Commissão Central as quantidades que julguem necessarias para o aprovisionamento dos districtos e rateal-as pelos respectivos concelhos, ficando responsaveis pelas mercadorias ou o seu valor de venda.

Base 10.ª—O ministerio das finanças abrirá a favor do ministerio do fomento os creditos especiaes necessarios para o cumprimento do disposto na base antecedente, com dispensa do preceituado no artigo 4.º da lei de 29 de abril de 1913.

Paragrapho unico—O ministro do fomento fará depositar na Caixa Geral de Depositos, á ordem da Commissão Central de Subsistencias e mediante requisições por esta formuladas, as importancias que approximadamente tiverem de ser applicadas em pagamentos a realisar no paiz e no estrangeiro.

Base 11.ª—São dispensadas as formalidades prescriptas nas leis e regulamentos da Contabilidade Publica, quando possam demorar, com grave prejuizo publico, as operações que a Commissão Central de Subsistencias tiver de effectuar rapidamente.

Paragrapho unico—Tanto as operações feitas nos termos d'esta base como quaesquer outras serão communicadas semanalmente ao ministro do fomento e regularmente escripturadas, devendo as contas, acompanhadas de todos os documentos respectivos, ser submettidas ao Conselho Superior da Administração Financeira do Estado e ao mesmo tempo, por extracto, ao Congresso da Republica.

Base 12.ª — O governo poderá, sem prejuizo do disposto no artigo 17.º da lei n.º 392, auctorisar o fornecimento, pela Manutenção Militar, á industria de panificação, dos tipos de farinha, em conformidade com o diagramma em vigor, desde que as fabricas de moagem matriculadas o não façam.

Base 13.ª—As transgressões dos preceitos d'esta lei e dos seus regulamentos serão punidas com penas não superiores á de prisão correccional, além do perdimento da mercadoria, quando couber, e o processo será o prescripto na lei commum salvo o caso do pagamento voluntario da multa, quando esta fôr a unica penalidade applicavel.

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 3.—Communicado do general Haig:—O inimigo fez explodir uma mina em frente das trincheiras de Ouinchy, não tendo conseguido occupar a respectiva cratera. Fizemos explodir tres minas proximo de Laboiselle e dirigimos sobre as trincheiras allemãs a leste de Ypres e ao norte de Formelles um bombardeamento ao qual o inimigo respondeu vigorosamente. Nos demais pontos da linha houve os costumados tiros de artilharia.—(*Havas*)

Torpedeiro francez

Sahiu hoje a barra o torpedeiro francez *F. B.* que hontem entrará no Tejo.

O busto da Republica

Terminou hoje o praso para o concurso entre os nossos artistas para a acquisição do busto da Republica que ha de ser collocado na sala da Camara dos deputados. Concorreram os srs. José Netto, Julio Vaz Junior, Francisco dos Santos, Costa Motta (sobrinho), Moreira Rato e Anjos Teixeira. O jury é composto pelos srs. presidente da Camara dos deputados, deputados João Barreira e João de Barros, Columbano Bordallo Pinheiro, Costa Motta, Adolpho Marques da Silva, Accacio Lino de Magalhães e Ventura Terra. O jury reune na proxima segunda feira, ás 16 horas, para apreciar as *maquettes*.

Alvitres e reclamações

Rua descalcetada

Dirigem-se-nos os moradores da rua Rebello da Silva pedindo que chamemos a attenção do engenheiro director das obras municipaes ou de quem competir para o estado em que se encontra aquella rua, que está quasi toda descalcetada, dando assim um piso insupportavel.

EM SANTA APOLONIA

A gréve de descarregadores

Causou grande alarme no publico, principalmente entre os commerciantes, a noticia dada pelos jornaes da manhã de uma gréve do pessoal braçal dos caminhos de ferro, receando os commerciantes prejuizos devidos ao atrazo nas suas remessas.

A's estações de Lisboa, sobretudo á do Caes dos Soldados, accorreram muitos consignatarios, que foram normalmente attendidos. O pessoal do ex-empreiteiro Abrantes, n'um grupo superior a 100 homens, estacionava do lado do mar, junto á entrada do molhe, aguardando ahi que algum consignatario utilisasse os seus serviços nas cargas ou descargas, particulares.

Estes carregadores empreiteiros, que trabalhavam com o arrematante Abrantes, não queriam acceitar o trabalharem com o novo arrematante d'aquelles serviços, Martins Torres, em consequencia d'este ter escolhido para capataz um individuo de nome Figueiredo que em tempos desempenhára essas funcções com o arrematante Abrantes.

Uma commissão foi procurar os empregados superiores da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, que declararam nada poderem tratar com elles, visto não serem empregados da Companhia. O empreiteiro Torres por sua parte tratou hoje de arranjar novo pessoal, a fim de se desempenhar da sua missão.

Entretanto a Companhia deu as necessarias ordens para que nos serviços de cargas e descargas e manobras de comboios tivesse o preciso pessoal, para o que vieram da 2.ª secção 30 homens e da 3.ª 50, que com 150 da 1.ª secção formam o total de 230 carregadores, que tantos eram os que hoje se apresentaram ao capataz geral da Companhia.

Segundo consta, o pessoal empreiteiro pensa em aproveitar a situação, pois suppõe que o empreiteiro Torres não arranjará pessoal ou que a Companhia necessitará de mandar recolher ás suas respectivas estações os carregadores agora chamados, para então apresentar algumas reclamações, entre as quaes a do ordenado fixo de 60 centavos diarios. O pessoal do empreiteiro Joaquim Caramelo não se tem manifestado.

NOTAS DIVERSAS

O telegramma expedido pelo sr. presidente da Republica no dia 1 foi ao presidente dos Estados Unidos do Brazil e não ao dos Estados Unidos da America do Norte.

Foi nomeado chefe da contabilidade da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes o sr. dr. Adolpho Guimarães, antigo deputado e que já exerceu distinctamente o cargo de director da Caixa Geral dos Depositos.

Com o sr. ministro dos negocios estrangeiros conferenciou hoje o sr. Carnegie, ministro da Inglaterra.

O conselho de ministros reune hoje, pelas 21 horas e meia, no ministerio do interior.

—O sr. Jayme Tompson, director da Empresa Nacional de Navegação, voltou hoje a conferenciar com os srs. ministros das colonias e dos estrangeiros ácerca da detenção do vapor *Beira*.

—Foi mandado baixar ao hospital de marinha o 1.º tenente machinista sr. João Joaquim da Silva.

—Com o sr. ministro do fomento conferenciaram os srs. José Reivas e dr. Costa Santos, director do hospital de S. José. Tambem uma commissão delegada da Associação de Classe dos Encadernadores esteve com o sr. Antonio Maria da Silva, tratando da regulamentação do horario de trabalho para a sua classe.

—O administrador do concelho do Barreiro teve hoje larga conferencia com o sr. governador civil, com quem conferenciou tambem uma commissão de vendedores de viveres a retalho sobre assumptos de licenças de porta aberta.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34 5|16	34 3|16
Londres, 90 d|v.	34 15|16	—
Paris, cheque	$75,5	$75,3
Allemanha, cheque	$28	$29
Hollanda, cheque	$64,2	$64,8
Madrid, cheque	1$39,5	1$40,5
Suissa, cheque	$81	$81,6
Italia, cheque	$67	$70
New York	1$17,5	1$49
Rio|Londres	12 1|32	—
Libras	6$98	7$08
Agio do ouro	55 %	60 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	38,55	38,85
» » 500$	—	38,45
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 4 1\|2 88-89, 56$50. Externas: 1.ª serie 74$80.

Acções: Banco Commercial 161$60; Ultramarino, assente. 119$; Moagem (nova) o\|j, 55$50; Phosphoros, coup. 54$40; Agricultura Colonial 105$.

Obrigações: Prediaes 6 0\|0, serie A, 91$20; Panificação o\|j 51$.

SPORT

O torneio das quatro cidades

O que foi hontem; o que será ámanhã

O campo de Sete Rios cheio de milhares de pessoas para vêr jogos de «foot-ball»

Hontem, no campo de Sete Rios realisaram-se mais dois desafios de «foot-ball», que podemos considerar como as «meias-finaes» do «torneio das quatro cidades», que ficará conhecido como uma arrojada iniciativa do Sport Lisboa e Bemfica.

A assistencia era superior á da vespera, seguramente de seis mil pessoas que enchiam os logares de «peões», bancadas, tribunas, com gente acotovelando-se junto ás «redes» do «goal», em volta do campo e das suas divisorias.

O conjuncto era surprehendente e interessante, digno de vêr-se, pelo aspecto de movimentação, quando toda essa massa de povo se erguia, com enthusiasmo, vivamente excitada, para animar uma das phases do jogo e para seguir a corrida rapida d'um dos «forwards» ou o excellente trabalho de qualquer dos «keepers» de hontem, o do Porto que esteve brilhante de opportunidade, o de Madrid, que foi soberbo, rapido, decidido, e com muito golpe de vista.

Foi uma tarde que nobilitou o «foot-ball», uma tarde de athletismo que representa um excellente processo de propaganda e que permittirá palavras mais consoladoras do que aquellas que ouvimos ha mezes ao presidente da Associação, em dia de sessão solemne, de que o «foot-ball» decahia. Não succederá assim, se se multiplicarem as festas como as de hontem, que além de serem de bom jogo de «association», foram organisadas com methodo e com regularidade, iniciadas á hora que se annunciou, e entregues á direcção de dois «referees» competentes.

Sim... hontem, em Sete Rios, a arbitragem foi magnifica, tanto a de Placido de Sousa no primeiro «match» como a de R. Stadler, um suisso, no segundo. Esta, principalmente, foi esplendida, e póde servir de lição aos nossos directores de campo. Foi severa, sem ser arbitraria; foi precisa; foi energica; foi a d'um technico; foi a d'um homem que vê; que sabe mandar e fazer obedecer. Alguem que estava a nosso lado vendo os desafios, disse esta phrase, simples, mas absolutamente elucidativa:

—Mandém-nos tres homens como este e nós veremos se ha zaragata e se o «foot-baal» marcha ou não marcha...

O certo é que tudo correu na melhor ordem, até sem excesso de partidarismo, applaudindo-se todos por egual, embora em qualquer dos «matches» se batessem portuguezes contra estrangeiros. Assim é que se comprehendem as coisas e mal vae que se exaggerem «patriotismos» em assumptos de «sport», tratados amistosamente e com proposítos de propaganda e confraternisação internacional.

O «team» portuense esteve melhor do que na vespera. Perdeu por 6 «goals» contra 0, em lucta com o poderoso grupo suisso, que constituido por homens fortes, é perigoso nos ataques que são valorisados pelo «peso» da «equipe» e até pela rapidez de execução. Wright defendeu muito bem as redes e do «team», onde todos trabalharam com acerto e boa vontade, merecem menção pela actividade, o «back» Harrison e um jogador que nos disseram ser antigo «equipier» na Casa Pia de Lisboa.

O Sport Lisboa e Bemfica venceu por 5 «goals» conra 0 o grupo madrileno do Racing, mas a victoria «brutalmente» exarada n'esta differença numerica de «goals» não quer dizer que fosse uma victoria facil. Não foi. Foi até uma victoria difficil, obtida apenas nos vinte minutos ultimos do jogo, quando os jogadores portuguezes se resolveram a «combinar» melhor, como nos seus tempos de gloria, esse tempo do Bemfica campeão. A serie dos «goals» foi primorosa e n'ella tiveram evidente e brilhante participação Oliveira que esteve magnifico toda a tarde, Rio que foi diligente e sempre rapido, Henrique e Cosme que apesar de «antigos» ainda são prestimosos elementos em dia de perigo e Figueiredo que é sempre um homem de confiança. Herculano esteve infeliz e Pereira o infatigavel de sempre mas com pouco «remate» final.

E ámanhã?

Batem-se os suissos contra os portuguezes do Bemfica, ambos desejosos de gloria, ambos convencidos de que ganham. O desafio começa ás 3 e meia da tarde.

Nota do dia

O Campeonato do Porto

E' um verdadeiro campeonato o que se está realisando no Porto. Porque? Tem verdadeiros campeões a luctar. Tem homens que conhecem as «finesses» da lucta greco-romana, que combatem com energia e que não temem defrontar-se seja contra quem fôr. O nosso camarada Joaquim Victal que está no Porto seguindo as variadas peripecias d'estes emocionantes espectaculos escreve-nos dizendo que Petersen está um colosso, certamente invencivel, que Hiltman é um flamengo terrivel, mais violento e bruto que o celebrado Schackman mas melhor luctador que elle, que Simonon é um artista excellente, que Almela é um typo de belleza plastica.

As luctas succedem-se e a «final» está marcada para o começo da proxima semana.

Algumas anecdotas

Isso é que é sorte...

Foi no desafio de hontem.

Um jogador suisso levou uma bolada no baixo ventre, que o obrigou a contrahir-se, a baixar-se e a apertar com dôr os musculos abdominaes. N'esta posição critica a bola veiu ter com elle, arremessada de longe por um «schoot». Logo um espectador, gritou alto:

—Isso é que é sorte. Até quando está em posição de... as bolas vão ter com elle!...

Uma cruzada

pela Saude e pela Belleza

«Os erros de hygiene e a infelicidade humana andam intimamente ligados» — assim nos diz a nossa distincta collaboradora D. Maria Conti

—Ora faça favor minha senhora. Raras vezes v. ex.ª terá chegado tanto a tempo como n'este momento.

—?...

—E' preciso um assumpto que amenise e torne interessante o numero de hoje. Esse assumpto vem trazel-o v. ex.ª

—?!...

—Vem. Julga que não? Julga não ser capaz de dar uma ideia para agradavelmente bordar uma columna ou columna e meia de prosa? E' isso que pensa?

—E', realmente.

—Pois vae v. ex.ª ver como se engana e como é exaggeradamente modesta no juizo que forma da sua pessoa. Queira sentar-se e conversar. Fale-nos...

—E', então, uma entrevista?

—Uma conversa... Pois seja, mas deixe-me dizer, antes de mais nada, que é a segunda vez que tal me succede. E a primeira não foi, posso garantir, absolutamente animadora para continuar. Houve quem visse nas minhas palavras intuitos de reclamo dos meus productos, fins mercantis, planos lucrativos... Já vê... Verdade seja, que, a seguir se este systhema, a vida seria muito differente do que é. Por exemplo: Nenhuma viuva e nenhuma divorciada voltariam a casar se se houvessem dado mal com o primeiro marido...

E a nossa interessante e intelligente collaboradora, elegante na sua simples *toilette*, sorrindo ainda sobre as suas ultimas observações, hesita ainda e pergunta, recostando-se um pouco:

—Mas que deseja que lhe diga? O assumpto é tão vasto e tão importante, parecendo ser tão banal!...

—Olhe: as suas chronicas para as senhoras—que mesmo entre os homens encontram numerosos leitores e apreciadores—teem-lhe dado nome e marcado um logar que é bem *seu*. V. ex.ª—não veja n'isto a menor sombra de lisonja—é uma personalidade. A maneira como trata os assumptos, como sabe encaminhar as suas conversas, a forma suave como dá conselhos e como apresenta opiniões a quem, em geral não gosta de opiniões nem de conselhos, tudo isso, fel-a senhora, *de direito*, das secções femininas. Ora, entre os varios assumptos que trata, tem dado um logar importante á hygiene e belleza da mulher. Diga-nos pois, uma coisa que é curioso saber: Como e porquê começou a interessar-se por este assumpto?

—Agrada-me a pergunta. E' um bom ponto de partida. Eu lhe conto: Ha uma moral que diz, como sabe, «não faças aos outros o que não quizeres que te façam a ti». E ha uma outra moral mais moderna mas que é mais bella, mais fecunda e que já vae estando pelos corações, que diz assim: «Faz aos outros o que em actuaes circumstancias desejarias que a ti te fizessem». Pois bem! Aqui tem o que me levou a proceder assim. Eu sigo a segunda norma de moral. E sigo-a—bem entendido—porque, com seguil-a, me sinto bem. Não tenho por isto o menor merito. Procedo por egoismo; por sentir uma grande satisfação moral.

«Eu conto. Quando vim do Oriente, quando ha pouco mais de trez annos regressei da India, com a minha vida, então, quasi desfeita, o meu ser moral abatido, o meu physico uma misera ruina, doente, fraquissima, havendo perdido perto de vinte kilos com a neurasthenia que me havia possuido durante uns terriveis mezes, senti-me, reconheci-me um trapo. Todos os que me tinham visto partir, quatro annos antes, não queriam acreditar que eu fosse a mesma... Vi algumas faces de amigas (verdadeiras amigas) empallidecerem não podendo occultar o espanto, direi mesmo, a impressão de horror que experimentavam. Oh! Era bem um horrivel espectro do que fui!

«Um dia, porém, voltou uma pontinha de saude que permittiu uns quartos de hora de vida cerebral mais tranquilla e mais forte. Criei energia. Resolvi luctar. E luctei. No Oriente, por curiosidade, lêra, estudara, observára, aprendera. Lêra e aprendera coisas da Europa e do Oriente. Porque não havia de servir-me d'essas acquisições? E fiz assim, eu propria, com regimens apropriados, com praticas de uma bem orientada hygiene, com o emprego de loções (cujas formulas de lá trouxera) com uma vida toda nova, toda sã, o meu rejuvenescimento! Reconquistei a minha saude e, com ella, uma boa parte da frescura da mocidade, uma grande actividade, o desejo de trabalhar e de ser util E passei, assim, a surprehender de novo (agora pela razão contraria) todos os que, como eu propria, me haviam julgado perdida para tudo.

«Comecei a escrever as minhas chronicas sobre varios assumptos, procurando mais conversar, trocar impressões, do que... *dar sentenças*. E as minhas leitoras começaram a vêr em mim, logo de entrada, mais uma amiga do que uma litterata impertinente. Dirigiram-se-me. Vieram cartas e cartas. A correspondencia augmentava de dia para dia. E a nota predominante d'essa correspondencia era a da preoccupação da belleza. Novas e de edade, solteiras, casadas, divorciadas, viuvas, umas por causa do amor, outras por causa das suas collocações—professoras, damas de companhia etc—algumas bem timidamente, julgando ser ridiculas, todas essas senhoras faziam perguntas, pediam conselhos, imploravam o atenuar ou desapparecer de males ja existentes ou o evitar esses males.

«Que tragedia, senhor! E que impressionante e dolorosa tragedia!

«Foi então que senti *o meu dever*. Impuz-me esta cruzada: Pela saude e pela belleza—uma saude verdadeira e uma belleza bem comprehendida. Belleza que tenha a sua base na propria saude, que d'ella derive directamente.

—Belleza espiritual tambem?

—Decerto! Tudo isso anda intimamente relacionado. E comprehende bem que toda a frescura, toda a graça, toda a impressão de saude e de belleza physica resultantes d'essas boas praticas de hygiene—o que é já muito—tudo isso se amesquinha ou se perde se a mulher não souber dignificar-se pela sua intelligencia, pela sua moral e pelo seu trabalho. Mas é muito mais facil,—como comprehende—obter isso da mulher sadia, forte e bem orientada sobre esses assumptos, do que de uma doente, embonecada e cheia de ideias falsas sobre a sua esthetica.

«Espere! A proposito: Entre essa numerosa correspondencia a que ha pouco me referi, ha algumas cartas interessantissimas de senhoras intelligentes e instruidas. Uma d'essas senhoras, conversando um dia, sinceramente, sobre o seu caso pessoal, dizia assim n'uma carta:—«Sim, minha amiga—não é verdade?—As grandes desgraças são muita vez apenas erros da hygiene». E, referindo-se á sua infancia (como a de tantas outras!) accrescentava estas palavras que creio que textualmente conservo de memoria:—«A minha propria experiencia ensinou-me amargu radamente que assim é. E, por isso, insto comsigo, minha amiga. Já que póde fazer-se ouvir, já que a sua palavra é escutada com respeito e convicção, faça este grande de bem, minha amiga. Insta comnosco, ao dar-nos preceitos e receitas contra as rúgas, para que as não deixemos criar, prematuramente, no rosto dos nossos filhos».

«Aqui tem a grande cruzada, a minha cruzada. E aqui tem explicada a rasão do meu interesse por estes assumptos».

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Diccionarios d'algibeira»

A Parceria Antonio Maria Pereira iniciou uma serie de pequenos diccionarios d'algibeira, da qual acaba de sahir o segundo volume, Portuguez-francez, destinado a prestar grandes serviços principalmente aos que viajam, porque, sendo como é, um volumesinho elegante e que se accommoda em qualquer bolso, é um *vade-mecum* indispensavel para auxilio da memoria.

Consulado General de España en Portugal

SERVICIO MILITAR

En cumplimiento de lo que preceptúan los artículos 6, 27, 28, 30, 32 36 y 41 de la ley de Reclutamiento y reemplazo del Ejercito, de 27 de Febrero de 1912 y correspondientes del Reglamento para la applicación de la misma de 2 de Diciembre de 1914, se hace saber á los súbditos españoles que residan en este districto Consular, la obligación en que se hallan de comparecer en los quince primeros dias del més de Eneró próximo en este Consulado General, con el fin de ser incluidos en el alistamiento para el servicio militar correspondiente al año de 1916, debiendo hacerlo todos los mozos aunque séan casados ó viudos con con hijos que, cumplan los veintiún años desde el dia 1.º de Enero al 31 de Diciembre próximo, y todos aquellos que excediendo la expresada edad sin haber cumplido los treinta y nueve años en dicho dia 31 de Diciembre, no hubiesen sido comprendidos, por cualquier motivo en ningún alistamiento de los años anteriores.

Disposiciones penales

Art.º 302.—Los cómplices de la fuga de un mozo á quien se declare prófugo incurrirán en la multa de 100 á 500 pesetas, y si careciesen de bienes para satisfacerla, sufriran la detención que corresponda, conforme á las reglas generales del Codigo penal y según la proporción que establece su articulo 50. Los que á sabiendas hayan escondido ó admitido á su servicio un prófugo, incurriran en la multa de 50 á 200 pesetas, ó en la detencion subsidiaria que corresponda, si fueran insolventes.

Art.º 303.—El prófugo que resulte inútil para el servicio pagará una multa de 50 á 250 pesetas, que se aplicará según las circunstancias, sufriendo por insolvencia la prisión subsidiaria en la proporción que establece el articulo 50 del Código penal, sin que pueda exceder de un més de arresto ni se aplique á los mudos, ciegos, paraliticos ni á los demás que al juicio del Tribunal no se hallen en condiciones de sufrirla.

Art.º 304.—Los que omitan el cumplimiento de la obligacion que tiene todo ciudadano de inscribir-se en el alistamiento, serán castigados con multa de 250 á 500 pesetas si los mozos fueran habidos y con las de 500 é 1.000 en caso contrario, abonándolas los padres ó tutores.

Art.º 305.—Los que com fraude ó engaño procurasen su omisión en dicho alistamiento, caso de resultar inutiles para el servicio cuando séan alistados, sufrirán arresto de un més y un día á tres meses la multa de 50 á 200 pesetas, que impondrá el Tribunal correspondiente.

Art.º 311.—El mozo que hubiera tenido alguna participacion en el delito que produjo su indebida exclusión ó excepción del servicio, sin perjuicio de las penas que deba sufrir conforme al Código penal, cumplirá en un Cuerpo disciplinario todo el tiempo de aquel.

Art.º 312.—Los culpables de la omisión fraudulenta de un mozo del alistamiento y sorteo, incurrirán en la pena de prisión correccíonal y multa de 125 a 1.500 pesetas por cada soldado que, á consecuencia de la ómisión, haya dado de menos el municipion onde esta se hubiera cometido.

Lisboa, 28 de Diciembre de 1915.

El Cónsul General
Federico Janer

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Gatunagem desenfreada

Da Covilhã, escreve-nos o sr. Manuel Alves da Costa, pedindo que chamemos a attenção das auctoridades, competentes para o que se passa em Tortozendo, onde a gatunagem campeia desenfreada e de noite apenas se ouvem gritos e cantos desordenados perturbando o reponso dos que pretendem descançar das lides diarias. Na noite de Natal foram derrotadas todas as arvores na estrada publica e até nas propriedades particulares. E o mais curioso, diz o sr. Alves da Costa, é que a auctoridade administrativa, representada pelo regedor, e a guarda republicana, de que ali ha um posto, fecham os olhos a tudo isso.

Taboletas que não devem ser permittidas

Diz-nos *Um assiduo leitor* que a policia não devia permittir que em certas casas se puzessem taboletas com o nome das mulheres que as habitam, como succede, por exemplo, com uma que ha aqui bem perto de nós, na rua do Norte. Com vista ao sr. commandante da policia.

Brindes e calendarios

A casa Eduardo Costa, do largo da Trindade, 18 a 20, distribue pelos seus clientes e amigos um pequenino calendario de algibeira muito elegante. Tambem a alfayataria Atalaya & Nogueira, da rua do Amparo, 102, 1.º, distribue uma folha de bolso com o calendario do anno.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Com. par. rep. do Sacramento

Reune amanhã, no local do costume, ás 20 horas e meia.

Como se pensa em França

Paris, 28 de dezembro

O «Temps», tratando da situação militar, escreve hoje o seguinte:

«Continua a tranquillidade nas nossas linhas. Em Salonica, os bulgaros cavam trincheiras na fronteira grega e parece terem renunciado á ideia de nos atacar. Os allemães encontram grandes difficuldades para transportar o material de sitio com que nos ameaçavam e formaram outros projectos.

Pode suppôr-se que o inimigo deixará em frente do exercito franco-britannico as forças estrictamente sufficientes para o immobilisarem e orientar o seu esforço n'outra direcção.

Os italianos, apezar dos seus grandes esforços, fazem poucos progressos no Isonzo. Comprometteram-se n'uma lucta de trincheiras que parece eternisar-se.

Os prisioneiros hungaros, que disseram que as forças dos nossos alliados são insufficientes para reduzir todas as defezas que os austriacos accumularam nas trincheiras, teem talvez razão. Porque não deixarão os italianos no Isonzo apenas as forças sufficientes para conter o inimigo, transportando os seus corpos de exercito para os pontos em que possam derrotal-os?

A situação continua sendo a mesma em França. O canhoneio prejudica mais ou menos as defezas do inimigo e dispersa alguns dos seus destacamentos, mas o conjuncto das duas frentes permanece inalteravel. Não se produziu nenhum ataque allemão».

A respeito da derrota dos turcos, que procuraram infructuosamente repellir as tropas britannicas nas suas posições de Kut-El-Amara, sobre o Sigre, o «Temps» observa que a vaidade germanica se excita pensando no Oriente, mas que o poderio allemão, não obstante os quarenta e cinco annos de activa preparação, não está á altura da sua imaginação.

Assistimos—conclue o «Temps»—a tentativas colossaes por toda a parte; mas nenhuma chega completamente á sua execução. Como a marcha sobre Paris, sobre Calais, sobre S. Petersburgo, o esforço que tem o Egypto e as Indias por objectivo é demasiado grande...»

pelo grande estado maior do exercito, obra infelizmente entravada de tal modo por obstaculos politicos que estava incompleta ainda no momento em que rebentou a guerra.

Não impediu isso, porém, que as linhas geraes estivessem fixadas e a organisação fôsse asaz solida ácêrca dos pontos indispensaveis para poder resistir á tempestade.

Para provar a estima em que era tido o general Pau, não só nos meios militares, mas no proprio meio governamental onde as suas crenças religiosas deviam excitar, e excitavam, com effeito, grandes prevenções, basta pôr em relevo o que disse, sem receio de ser desmentido, o eminente escriptor militar general Bonnal, apoz o discurso proferido no Senado pelo general Goiran, então ministro da guerra, a 17 de junho de 1911.

Foi no tempo do ministerio Monis. As difficuldades levantadas pela Allemanha á occupação de Marrocos pela França preoccupavam a opinião publica. Durante a discussão do orçamento da guerra, o sr. de Tréveneuc levantára a questão do alto commando. O ministro respondera que não havia generalissimo indicado, mas apenas um vice-presidente do conselho superior em tempo de paz; a coordenação dos esforços militares apenas assentava no proprio governo.

Dias depois, o general Bonnal escrevia:

«Completando o seu pensar intimo, que é o de todos os officiaes de hoje, o ministro teria podido responder: Não temos generalissimo em tempo de paz, mas coisa alguma indica que, declarada a guerra, não pensemos em crear esse posto. E' bem verdade que o posto de vice-presidente do Conselho superior de guerra é occupado por uma personalidade talvez affavel demais..., mas que uma personalidade hoje mais apagada, mas cuja sciencia tactica, cujo consideravel valor militar são geralmente apreciados, apparecerá no proprio dia da declaração de guerra; nomeei o general Pau... Na realidade, assente a hypothese, é ella resolvida no sentido que indico, visto que o generalissimo, no caso d'um conflicto ámanhã, é tacitamente conhecido».

Sabia-se ao mesmo tempo que, mezes antes, tendo o general Trémeau, por motivos de saude, sido forçado a resignar as funcções de vice-presidente do Conselho superior

George Harvey, director da «North American Review»

de guerra, o general Brun, seguindo a opinião unanime de todo o exercito, pensára immediatamente em dar-lhe por successor o genera Pau. Recuando, porém, deante de opposições politicas, consentira finalmente n'outra escolha, reservando-se para appellar, se assim fôsse necessario, para o homem que tudo indicava para o commando do principal grupo de exercitos.

A questão do alto commando, de novo ventilada no parlamento no dia 1 de julho, fez cahir o ministerio Monis, que era substituido no dia 3 pelo ministerio Caillaux. No dia 4 dava-se o incidente de Agadir. O que se passava em seguida com respeito á nomeação do general Pau já o dissémos.

tinham de o reservar para os casos mais graves, ao quererem adormecel-o: «Deem o chloroformio aos soldados—disse elle com simplicidade.—Passarei sem elle».

E estendeu o braço ao cirurgião. A operação foi rapida, mas cruel. Emquanto lhe serravam o pulso, Geraldo, silencioso, apertava um lenço entre os dentes para ter a certeza de não gritar.

Em Nancy, onde o esperavam baldadamente, sua mãe estava no auge da angustia. Decorridos alguns dias, Marie-Edmée resolve partir, sósinha, para as linhas allemãs: dolorosa viagem, que a conduz ao coração da Alsacia invadida. Encontra seu irmão. Mas, para lhe darem a liberdade, exigem que elle dê a sua palavra de que não voltará ao serviço durante a guerra. O alferes Pau não quer dal-a. Marie-Edmée vae ter com o omnipotente Bismarck. Volta a ter com elle trez vezes. A' terceira, poude finalmente conseguir um attestado dos medicos allemães declarando Geraldo incapaz, pelo menos durante muito tempo, de todo o serviço de guerra. Consegue arrancar a auctorisação que solicitava. Era tempo, porque o ferido, que podia ser já transportado, ia partir para a Allemanha com um comboio de prisioneiros.

Leva-o para Nancy a 12 de setembro. Menos d'um mez depois, a 8 de outubro, elle resolve cingir de novo a espada: annuncia que partirá no dia seguinte. Quer ir juntar-se, em Besançon, com os restos do 78.º, que tentava reconstituir-se. «Mas o teu braço não está ainda cicatrisado!... A tua perna faz-te ainda soffrer. Caminhas com difficuldade...»

Elle só responde com uma phrase: «E' o meu dever».

Eil-o de novo ao serviço. E' addido ao 63.º regimento como capitão, dias antes de fazer vinte e dois annos. Segue a sorte do exercito de leste, sob o commando de Bourbaki: a victoria de Villersexel, a derrota nas margens do Lisaine, as semanas de soffrimento nas neves do Jura. Perderam-lhe a peugada. As suas cartas não chegam já, as cartas que terminavam sempre pelas palavras «esperança e coragem». O desastre deu-se. As ultimas tropas francezas, salva a honra, são impellidas como um rebanho para além da fronteira suissa.

As narrativas horriveis do martyrio que ellas soffreram levam o desespero a Nancy. Em Marie-Edmée, de novo surge a heroina. Prepara-se, vae procurar de novo aquelle que já uma vez trouxe para casa. A' 9 de fevereiro, levando para as miserias que tinha de soccorrer um fardo de cobertores e de cintos de flanella, lança-se no desconhecido.

Por Strasburgo e Berne, dirige-se para Pontarlier, em busca de informações, alimentada, soccorrida no caminho por gente bondosa que se compadece d'ella. E, nada sabendo de seu irmão, procura durante quinze dias; percorre a pé, sósinha, os campos gelados de Verrières, as cercanias do forte de Joux, as aldeias em redor de Travers, cuidando dos feridos, visitando as ambulancias, esperando a chegada dos comboios, voltando os cadaveres arremeçados para o fundo dos fossos. Finalmente sabe que seu irmão foi visto. Elle não precisa dos seus soccorros: ella deixa-o e corre para junto de sua mãe, que está mortalmente inquieta.

Geraldo, que necessitou d'uma vontade indomavel para amparar o moral dos seus homens, não quiz entrar na Suissa e deixar-se desarmar. Com 120 soldados de infantaria passou, em sete noites, por entre o exercito de Monteuffel para se dirigir a Saint-Julien na Saboya. Mas, exhausto de forças, é forçado a dar entrada na ambulancia de Rainans, d'onde o mndam para o hospital de Besançon.

Quanto á pobre Marie-Edmée, volta a 25 de fevereiro para Nancy, exhausta de fadiga e de horror, atacada profundamente por um mal que a arrebata em poucos dias. No seu enterro, a affluencia é tão numerosa e a dôr tão geral e impressionante, que soldados prussianos perguntam a causa, suppondo que se trata d'uma princeza ou d'uma

pessoa de elevada gerarchia; e uma creança responde com a maior ingenuidade: «E' uma irmã de Joanna d'Arc».

Marie-Edmée Pau deixa a recordação d'uma alma de extrema sensibilidade. Legou algumas paginas dignas de serem conservadas. Foi ao lêr o seu «Diario» que uma joven, annos depois, se apaixonou pelo irmão que soubera inspirar uma tal affeição, quiz conhecel-o e se tornou sua esposa.

Apoz o armisticio, o capitão Pau foi addido ao 135.º e fez parte do exercito de Versailles. A 24 de junho de 1871, recebia a cruz da Legião de Honra. Não tinha ainda vinte e trez annos e contava já duas campanhas e trez ferimentos n'ellas recebidos.

Em seguida esteve de guarnição, com o 120.º, em Péronne, durante muitos annos. Não tinha ainda trinta e trez annos quando em 1881 foi promovido a chefe de batalhão. Em 1883 assumiu o commando do 23.º batalhão de caçadores a pé, cuja parte principal foi d'ahi a pouco mandada para Argel. Voltou a França em 1886 e foi destacado para os Alpes. Tenente coronel em 1890, passou para o 117.º de infantaria em Argentan; coronel em outubro de 1893, passou a commandar o 54.º em Compiègne.

Em toda a parte, faz-se notar por qualidades excepcionaes, pelo modo como commanda, pela affeição que sabe inspirar aos homens, pela sua iniciativa, pela sua independencia, sempre da mais perfeita correcção, mas sempre muito livre e muito firme.

Por diversas vezes introduziu no serviço melhoramentos rasoaveis e, sem sahir da legalidade, soube impôl-os pelo seu valor proprio e pela auctoridade do seu caracter.

Promovido a official da Legião de Honra em dezembro de 1894, será commendador exactamente dez annos mais tarde. Entre essas duas promoções, a sua carreira terá chegado ao seu apogeu: a sua promoção a general de brigada realisa-se a 12 de julho de 1897 e alcança as trez estrellas a 7 d'abril de 1903, ao mesmo tempo que é nomeado para o «comité» technico do estado maior.

General de brigada, commandou a 7.ª brigada de infantaria em Soissons, a qual teve em seguida por chefe o general de Castelnau. General de divisão é collocado á testa da 14.ª divisão de infantaria em Belfort, em seguida do 16.º corpo d'exercito em Montpellier. Finalmente, membro do conselho superior de guerra desde 30 d'outubro de 1909, é chamado ao commando do 20.º corpo, em Nancy, o que está de guarda na fronteira e destinado a receber o primeiro embate.

Entre as suas mãos, essas admiraveis tropas de leste vão merecer mais do que nunca a fama de «divisões de ferro». Sempre de vigia, promptas ao mais pequeno signal, attingem no mais alto grau o exercitamento e a energia moral.

O general Pau, grande official da Legião de Honra a 29 de dezembro de 1910, gran-cruz a 14 de julho de 1912, vae ficar em Nancy até á sua passagem ao quadro de reserva. Chegado ao apogeu das honras, gosando de reputação universal, encontra-se com as suas recordações, umas muito suaves, outras tragicas, na cidade da sua infancia.

Está ahi para a proteger do inimigo que a violou outr'ora; presente ser o obreiro designado para uma desforra necessaria. Esse logar convem-lhe e basta o seu nome para inspirar confiança ás valentes populações que esperam continuamente vêr renovar os horrores da invasão.

No principio de setembro de 1912 o imperador da Allemanha foi á Suissa assistir ás grandes manobras do exercito federal. O governo francez havia ali mandado uma missão militar especial, commandada pelo general Pau, cuja presença foi muito notada, sendo elle alvo de vivas acclamações por diversas vezes.

A figura do glorioso ferido de 1870 era assaz conhecida para que toda a gente comprehendesse o significado deveras pungente d'essa approximação. O kaiser foi o primeiro a revelar a sua especial estima por

aquelle que sabia ser um dos seus mais temiveis adversarios. Por occasião das apresentações que foram feitas durante as manobras do segundo dia, expressou-lhe o desejo de conversar com elle mais demoradamente.

No almoço que se seguiu, o presidente Forrer tinha á direita o imperador e á esquerda o general, para quem Guilherme II se curvou, dirigindo-lhe algumas palavras. A conversa estava travada. E estava-o de tal modo que o presidente, querendo facilital-a, levantou-se para se dirigir a outras mezas. O general Pau approximou a cadeira, o imperador fez o mesmo e a conversa prolongou-se durante muito tempo.

Antes de nos referirmos ao papel eminente que o general Pau teve na preparação de toda a nação para a guerra, papel que por si só justificava a attenção do soberano allemão, devemos assignalar a elevada parte que o commandante do 20.º corpo tomou na direcção das ultimas grandes manobras francezas, que se realisaram em 1913 na região do sudoeste. Estava elle á frente do exercito azul.

Apesar das manobras, devido a diversas circumstancias occasionaes e independentes da sua vontade, não terem, no conjuncto, sido notaveis, a personalidade do general Pau revelou-se ahi d'um modo frizante aos olhos dos officiaes que tiveram occasião de se approximar d'elle e aos quaes deixou a impressão de ser homem de raro valor. Os que o ouviram fazer a critica das operações não esqueceram a sua linguagem, que traduzia um pensamento militar tão novo como profundo.

Basta para isso o resumo das recommendações por elle dirigidas aos aviadores, entre a primeira e a segunda parte das manobras. N'esse momento, ainda se podia duvidar da importancia e da natureza exacta dos serviços que a quinta arma era já susceptivel de prestar aos exercitos. Muitos chefes habituados aos methodos antigos obstinavam-se em não reconhecer a parte que a aviação desempenhava no serviço de reconhecimentos.

O general Pau, pelo contrario, apressou-se a fazer d'ella o maior emprego e a proclamar a sua necessidade. Não só se serviu para vigiar o inimigo, mas confiou-lhe ainda a missão de informar o commando ácerca dos movimentos das suas proprias tropas, a fim d'este saber sem demora se as suas ordens haviam sido executadas e qual o seu resultado. Fez d'ella um agente de ligação. Essa preoccupação da ligação das armas mostrou mais uma vez a sua apreciação exacta ácerca da guerra.

No conselho superior, o general Pau havia adquirido immediatamente influencia preponderante. Levava para ahi, além do pezo do seu caracter e das qualidades do seu espirito, idéas pessoaes sazonadas ao contacto das coisas, assentando sobre uma experiencia completa do serviço de campo de batalha e servidas por uma rara faculdade de expressão.

E' uma das suas caracteristicas o ter querido sempre ficar official de linha, o que está em contacto com o soldado e o soldado principal, o de infantaria, ficar o official que executa directamente as medidas militares, combinadas por vezes de muito longe pelos theoricos do estado maior. Esse grande chefe, esse renovador de methodos não passou pela escola de guerra. Escapou ao amoldamento uniforme d'um ensino academico. O seu pensamento formou-se por si só e pela experiencia dos factos. Amadureceu, affirmou-se, enriqueceu-se. D'ahi, sem duvida, a sua singular auctoridade no seio d'um grande conselho dos chefes d'exercito.

Em todas as questões de organisação geral, de mobilisação, de concentração, os conselhos dados pelo general Pau pareceram a maior parte das vezes convincentes, apoiados como eram por um conhecimento directo, exacto e minucioso das coisas e por um conjuncto de principios coherentes e claros. Teve, pois, o maior papel na obra de reparação emprehendida pelo alto commando e

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1944—6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Terça feira, 4 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5,1.º — Officina de Impressão—71, Rua da Bica,71

Preço 1 centavo

A SITUAÇÃO

Recommendou-nos a Inglaterra que não declarassemos a nossa neutralidade, no actual conflicto europeu que directamente nos não attingia, e nós assim o fizemos, affirmando solemnemente a nossa solidariedade com a nação nossa velha alliada. A nossa attitude ficou sendo qualquer cousa de indefinivel, de inominavel perante as regras do direito internacional, e já n'isso soffremos uma depressão no conceito do mundo, que nos attribuiu as responsabilidades d'essa situação, inverosimil á face dos codigos em que se estabelecem as leis da guerra. Mas se nas nossas palavras a declaração da belligerancia, que logicamente da situação creada devia resultar, não a fizemos, como já o accentuámos, porque a Inglaterra não completou a sua recommendação, aconselhando-nos á belligerancia,—o que toda a gente em Portugal considerou como devendo succeder a breve trecho,—o facto é que os nossos actos foram logo de guerra, e,como já tambem consignámos, de graves consequencias para a Allemanha. Não a deixando utilisar do cabo submarino, impedimos a communicação do governo da metropole com as colonias germanicas da Africa, e enviando importantes forças para Angola, destinadas a combater os allemães, não permittimos o seu reabastecimento atravez do nosso territorio, cuja fronteira nem sequer ficou sendo para elles de salvação.

Estavamos e estamos envolvidos na guerra, por estes factos, quando ainda por outros subsequentes o não estivessemos. E porque razão, apezar das contingencias, dos soffrimentos e dos prejuizos que sempre acarreta a guerra, nós, com plena consciencia, a acolhemos, certamente sem alegria, mas inegavelmente com enthusiasmo? Porque procuramos estimular as energias nacionaes? Porque é que em tudo o que escrevemos a tal respeito, despertamos a velha fé patriotica, vislumbrando um futuro de gloria para a nação?

E' que nós não tinhamos nem temos responsabilidades na eoclosão tragica da guerra. Se em nosso poder estivesse afastar esse flagello, que nem prazer teriamos d'elle eximido a humanidade, eximindo-nos tambem ás suas temerosas vicissitudes. Mas desde o momento que a guerra era um facto, desde o momento que cousa alguma a podia suspender, o nosso dever de patriotas era acceitar a questão nos termos em que era posta, e dentro d'ella procurar todas as possiveis vantagens que para o nosso paiz d'ella poderiam resultar.

Que queriamos nós? Queriamos que Portugal se dignificasse e valorisasse. Queriamos uma sancção europeia para a nossa patria, o reconhecimento do seu grau de civilisação, das suas liberdades, dos seus direitos de nação independente e progressiva. N'essa guerra sabiamos que não podiamos entrar senão ao lado da grande nação ingleza, nossa tradicional alliada, e com tanta maior satisfação o fariamos quanto ella estava e está pugnando por principios que nos são caros. A isso nos levava o nosso pacto, que tantos seculos conta, e que por isso mesmo tem, durante seculos, assumido differentes aspectos, alguns dos quaes para honra de ambas as nações não deverão já mais reproduzir-se.

Entravamos na guerra com o fito n'uma superior politica nacional, porque acima da nossa ligação com a Inglaterra, acima das nossas sympathias pelos alliados, ha uma politica portugueza, a politica da nossa patria, que, para nós, a todas se sobrepõe e que primeiro do que tudo devemos servir. Entravamos na guerra para que Portugal fosse respeitado, para que ella deixasse de ser a *quantité negligeable* a que as chancellarias não attendiam. Entravamos na guerra para não continuarmos a ser surprehendidos com a noticia de accordos entre governos estrangeiros em que a sorte das nossas colonias era decidida, como se Portugal já não existisse no mundo.

Dolorosos vexames haviam accendido no nosso intimo ese revigorante estimulo de dignificação nacional. Para só falar nos mais recentes, ainda nos ultimos tempos da monarchia nós tinhamos sido positivamente maltratados, nas negociações para o tratado de commercio com a Allemanha, pelo arrogante ministro do governo allemão em Lisboa, o sr. de Tattenbach. E não era só a Allemanha, eram outros paizes. Era, com magua o dizemos, a propria Inglaterra, nossa alliada. Ha seis mezes, o *Boletim do Centro Colonial* publicava documentos officiaes britannicos que comprovam este triste facto.

Esses documentos são officios do vice-consul inglez, em S. Thomé, Bernays, em que elle proprio confessa que na questão dos serviçaes a sua interferencia era quasi sempre de natureza a ser desagradavel ás auctoridades portuguezas. Por elles se demonstra que esse funccionario, ao qual só cabia velar pelos interesses dos seus nacionaes, exercia uma deprimente acção fiscalisadora sobre os nossos assumptos internos, que lhe deviam ser inteiramente vedados.

Nós queriamos uma sancção europeia, que definitivamente nos outhorgasse o logar que de direito nos compete entre as nações livres e independentes. Queriamos sahir da situação affrontosa em que eramos considerados como estando realmente sob o protectorado inglez. Queriamos que ninguem pudesse d'aqui em deante suppôr que viviamos n'uma vassallagem internacional. Queriamos apertar cada vez mais os laços que nos unem á Inglaterra, cimentando-os com os nossos sacrificios, com o nosso sangue, mas devendo resultar-nos d'ahi a nossa ida ao Congresso da Paz, e o esclarecimento da nossa alliança, para todos os effeitos convertido n'um diploma entre duas nações bem livres, bem independentes, e ambas merecedoras da admiração do mundo pelos seus esforços em prol da liberdade europeia. Estas conquistas fazem-se com sacrificios. Estavamos e estamos dispostos para tudo.

Temos prestado á Inglaterra serviços importantissimos na lucta que está travada, temol-os prestado aos alliados. Teem dado o nosso pão, temos dado as nossas armas, temos gasto o nosso dinheiro, temos derramado o nosso sangue. Fizemol-o da melhor vontade. Demos espontaneamente o nosso auxilio, que nos foi sollicitado, como nos foi pedido o concurso do nosso exercito nos campos de batalha europeia. Tudo isso se sabe, e esse pedido um dia será publicado. Mas de tudo isso não recolhemos ainda nenhum proveito moral e material. Damos tudo: não recebemos nada, nem mesmo a dignificação do nosso concurso. A situação que assim nos tem sido creada é deprimente, angustiosa, vexatoria. Por isso mesmo, por muito que se faça em Portugal, nunca a Allemanha se considerará offendida, e tambem, por mais que se faça, nunca parece que servimos a Inglaterra. Contra esta situação se revolta o nosso coração de portuguezes. Não a acceitaremos nunca!

Presidente da Republica brazileira

O seu telegramma ao sr. dr. Bernardino Machado

E' do seguinte teor o telegramma enviado pelo presidente da Republica brazileira, em retribuição do que lhe fôra enviado pelo sr. dr. Bernardino Machado:

«*A Sua Excellencia o sr. Presidente da Republica portugueza*—Muito penhorado o agradecido com o telegramma de V. Ex.ª, como Presidente e como brazileiro, faço de todo o coração os mais ardentes votos pela felicidade pessoal de V. Ex.ª e pela grandeza e prosperidades de Portugal, glorioso e querido berço do Brazil.—*Venceslau Braz Pereira Gomes*, presidente dos Estados Unidos do Brazil.

OS BUROCRATAS

Um inquerito

Ao sr. ministro das colonias

Em setembro findo, referimo-nos ao caso passado com o nosso collaborador sr. Armando Xavier da Fonseca, que, por se haver referido nos seus artigos ácerca de Cabo Verde ao estado em que n'esse archipelago se encontravam—e se encontram ainda—a viação, as escolas de aprendizagem e as obras publicas, foi chamado á terceira repartição do ministerio das colonias, onde se lhe perguntou se assumia a responsabilidade do que escrevera.

Necessario é repetir, como então dissemos, que o caso se passou na ausencia do chefe d'essa repartição, o engenheiro sr. Lisboa de Lima, o que foi quem o estava substituindo que mandou chamar o nosso collaborador, o qual, escusado será dizel-o, não negou a paternidade dos artigos.

A exposição feita pelo sr. Armando Xavier da Fonseca tendo apenas a mostrar as necessidades d'aquella nossa possessão e os erros que se teem vindo accumulando e que obstam ao desenvolvimento d'uma das nossas colonias que podia ser hoje rica e prospera, mas que, mercê do modo como tem sido feita ahi a administração, definha dia a dia. Artigos doutrinarios, n'elles não se aponta um nome sequer: citam-se erros e deficiencias e indica-se o remedio a dar-lhes.

Ha, porém, no ministerio das colonias quem se julgou attingido por esses artigos e d'ahi o ter sido ordenado um inquerito aos actos do seu auctor como funccionario publico que é de Cabo Verde, pretendendo-se assim exercer sobre elle uma vingança. E esse intuito resalta manifestamente do facto do inquerito ser feito, não n'aquella possessão, onde ao sr. Xavier da Fonseca seria facil com testemunhas presenciaes defender-se de qualquer arguição que lhe fosse feita, mas aqui, na terceira repartição do ministerio.

Chamamos a attenção pessoal do sr. ministro das colonias para o caso, pedindo-lhe que ordene aos seus subordinados que se não entretenham com inqueritos de tal natureza, mas sim que trabalhem e se preoccupem com o que devem preoccupar-se, não descurando, como o fazem, a administração das colonias e pondo em ordem o em dia o que está sempre atrazado.

Prestarão assim melhor serviço ao Paiz.

RELIQUIAS DO PASSADO

O CASTELLO DE LEIRIA

Desmoronar-se-ha qualquer dia se não lhe acudirem rapidamente

Leiria, 1 de janeiro

Passou, momentaneamente, a chuva. Saio do hotel e metto pela alameda que orla o Liz. A cidade, agachada na cova humida, está mergulhada n'uma tenuissima gase de vapor d'agua, que o sol timido mal consegue desfazer. O castello, esse, ergue-se lá em cima, como um monstro milenario que nenhum cataclismo fosse capaz de desfazer. Continuo pelo marouchão abaixo, a recordar velhos tempos que se apagam em saudade e a olhar as mesmas arvores, os mesmos eucalyptos sombrios e os mesmos choupos airosos que á beira do rio, d'um e d'outro lado, formam, quando a Primavera os touca de folhagens tenras, ininterruptos tuneis de verdura. O castello domina toda esta suavissima paisagem resignada. Não ha maneira de o perder de vista. O sol, agora, furando um montão de nuvens, bate-o de frente, põe em cada pedra uma aureola e em cada angulo das altas torres um diadema glorioso. Não sei resistir á tentação e vou-me até lá. Pelo caminho, medito e recordo. Treparia a ingreme encosta d'olhos fechados. E' que andam por ella, desfeitos e pulverisados, alguns d'esses sonhos que só se sonham quando se tem quinze annos e se traz nos hombros uma capa e uma batina...

Passo sob a grande torre onde retinem ainda, onde riem e onde plangem nos dias de festa e nas horas de tristeza os oito magnificos sinos do carrilhão, que D. Manoel de Aguiar, o grande prelado da diocese, mandou fundir. O sino maior tem uma voz que sabe a oiro. Dil-o o povo. E' que quando o metal corria, fumegante, para a fórma, recolheu-se um oiro que não chegava. Era preciso mais, para que o enorme sino não se perdesse. Onde ir buscal-o? Não o havia. O bispo resolve a difficuldade. Abala para o Paço, pega n'um grande lenço de Alcobaça, traz-o umas poucas de vezes cheio de peças d'oiro e o sino magnifico sae do crisol incandescente sem lhe faltar nem um atomo das potentes azelhas. E' por isso que o collosso, quando dobra, espalha pela cidade um som infinitamente terno, que ora ri ora chora e tanto é prece bemdita, que Deus que mortaram, como cantico suavissimo á vida, se os fieis o fazem arremessar pela atmosphera limpida toda a grandeza da sua fé e toda a belleza das suas esperanças. A voz do sino grande é esse carrilhão esplendido, que D. Maria II invejou, sabe deliciosamente a oiro...

O caminho para o castello é accidentado, ingreme, difficil. A' direita, fica-me o antigo Paço episcopal, hoje séde de varias repartições publicas e d'um muzeu e bibliotheca incipientes. Mais além, a egreja de S. Pedro, profanada ha muitos annos, consegue manter ainda quasi intacto o seu portal. Ao cimo d'uma calçada vetusta, arruinada aqui e além, com grandes espaços vasios d'empedrado, ergue-se o primeiro arco da fortaleza escalavrada. As pedras parece que se desligam, que se separam, que mal assentam umas sobre as outras, que prometem abalar e rolar, logo que a primeira impiedade do tempo as sacuda. Granito negro, pedra negra, buracos negros, tudo negro n'este desgrenhado dia de dezembro. Transponho o arco poeirento, chafurdo na lama que se formou com os gonzos das pesadas portadas escancaradas aos cantos. O horisonte alarga-se-me para as bandas do mar. Em baixo, o rio deslisa com uma suavidade santa. Ha campos innundados. Ha choupos esguios, bordejando a agua barrenta...

Estou, á esquerda, no espaço delimitado por quatro paredes com um portal que parece do nosso tempo, floriam d'antes, por entre malvas robustas e silvedos inhospitos, as mais perfumadas violetas de Portugal. Procurei-as, ancioso, pelo meio da sarça aggressiva. Não encontrei nem uma. Ao tristo. Gostaria de reviver por inteiro horas alegres que passaram. E as pobres violetas d'outros tempos, tão modestas, tão rôchas e tão lindas, não me saíam mais da cabeça. O seu perfume embriaga-me e é uma tentação. Terão ellas deixado de desabrochar no triste e abandonado castello?

Percorro a explanada e inclino-me, quasi medrosamente, para as longas e fundas cisternas. Desço, trepo. Vou por ali acima, até ao arco da torre. A' direita, ha covas abertas, para plantação de arvores. Para quê? Será conveniente, na verdade, arborisar este terreno que sempre foi escalvado e que nunca deixou de se contentar com a cabelleira de relva o d'arbustos bravios que por elle cresciam livremente? Piso os mesmos degraus d'outr'ora, que bordejo aqui e além, gastos pelo andar dos seculos. Do lado de lá da torre, fica a capella dos antigos Paços Reaes, que foram habitação da Rainha Santa. O portico gothico, lateral, fino e quasi branco de neve, está todo pouco menos de intacto. As paredes de cantaria tambem se aguentam ainda. Nervuras da capella-mór, tão recatada e tão pequenina, com os seus florões dispersos e os seus ornatos rescendentes de graça e de timidez; com os fechos delicados da sua abobada e com as frisas palpitantes que mantem ainda, ha uma poucos de seculos, o anceio tempêro, direi-o-lá, tem sido poupado cariinhosamente pelos vandalos que destruiram o resto. Do lado direito da nave, á esquerdo, havia dois tumulos brancos, de cabaço macio e fresco. Desapareceram. Para quê? Historias de fartos thesouros escondidos no interior dos modestos sarcophagos? Roubos de pedra apparelhada para obras na visinhança?

Tambem na capella cresciam outr'ora as violetas, rompendo a custo da rede densa dos alfolhos. Procuro-as. Parece que seccaram todas. No verão deitaram fogo á sarça enovelada e ouriçada. Destruiu-se tudo o que era feio e o que era lindo. E foi pena. Em cima, ficam as ruinas dos Paços do D. Diniz. E' um ninho de lendas este pedaço do castello, o mais curioso e o mais dorido, sem duvida. Está tudo a cahir. Teem-se perdido verdadeiras preciosidades, motivos architectonicos tão interessantes, que sem elles já ninguem se atreveria a reconstruir a vetusta residencia real. Estou defronte d'um dos maiores crimes que, contra o passado, se teem praticado em Portugal. Crime de abandono e de peccado é esse, que só uma longa penitencia poderia resgatar, desde que os homens, que tão pouco teem querido saber do castello, empregassem desde já quantos esforços da sua energia podessem brotar para o reconduzir, pelo menos, ao que elle era aqui ha vinte annos. Crime que brada aos ceus, esse de se ter deixado chegar á mais dolorosa e commovedora das agonias, aquillo que tudo a gente, desde o Estado que tudo póde, até ao ultimo dos leirienses, tinha o dever de tentar manter de pé e integro, para que aos olhos deslumbrados de todas as gerações continuasse a erguer-se, limpida e sagrada, uma das mais maravilhosas reliquias que os portuguezes de outr'ora aos portuguezes do hoje legaram. Essa parte do castello ameaça breve ruina. Está toda fendida, toda rasgada, toda esquartejada. Ha pedregulhos suspensos em virtude de tão extraordinarios milagres de equilibrio, que a ninguem é dado entendel-os. São para cima de mil toneladas de alvenaria que põem em risco parte da cidade, despenhando-se de duzentos metros d'altura. Evitar-se-ha a derrocada?

Adelino Mendes

Noticias parlamentares

Depois das ferias, nem só os senhores representantes da Nação nos apparecem mais bem dispostos, com melhor aspecto, luzidios e rejuvenescidos, como se estes passados dias de descanço lhe tivessem remoçado. Tambem a Camara dos Deputados quiz associar-se ás boas disposições materiaes e espirituaes com que regressaram aquelles que se sentam em seu seio. E para isso, toucou-se de verdura, enfeitou-se de ricas palmeiras de largas folhas que se espalham pelas tribunas com uma graça triste que faz pena. Decorar assim a Camara o mesmo é que enfiar n'uma estatua rara um luzidio chapeu alto. Por este andar e com esta abundancia de verdura, a sala da representação nacional transformar-se-ha n'um horto florido, com muitas nabiças, muita herva fresca e muita couve lombarda, a pedir agua a ferver. Ainda bem, porque para eles para hom jantar á portugueza, pouco mais faltará.

* * *

Ha questões que não ha maneira de pôr a claro. A dos hospitaes civis pertence a esse numero. E deve dizer-se que preenche plenamente o seu logar. Hoje, por causa d'ella, houve na Camara mosquitos por cordas. O tiroteio foi rompido, vigoroso, lá da extrema direita. A breve trecho, o sr. ministro do interior pôz tambem em acção a forte metralhadora da sua eloquencia. Os antagonistas não cessam fogo. O sr. Arthur Costa intervem, apopletico. O parlamento não pode ser café nem sitio de descabelado soalheiro. Que tal dissesse! A contenda generalisa-se, dizem-se amabilidades de fazer corar um negro e por fim o sr. Camoezas, proferindo a «solenia-verba», clama que é preciso correcção e muita correcção, para que a machina parlamentar não emperre. E foi com esta «compôta», sabendo um pouco a «Orfeu», que a batalha renhida terminou. Do sr. Camoezas não havia outra coisa a esperar...

* * *

Os afferidores de pezos e medidas das camaras municipaes enviaram aos deputados e senadores uma circular impressa, pedindo augmento de ordenado. Falharam, como outros, teem dado o signal de si, e em tão boa hora que não teem perdido de todo o seu tempo. O argumento dos afferidores é o mesmo de todos o que, ganhando pouco, querem ganhar mais. Não podem viver assim, morrem de fome, é uma miseria o que lhe dão. Será, ninguem o contesta. Mas se os empregos são maus agora, já o eram quando foram providos. Para que os acceitaram? Para se fazer abastecer mais tarde, com um reforçosinho de escudos? E' uma habilidade como qualquer outra. Entretanto, como quem não se sente bem tem sempre o recurso de se mudar, os funccionarios descontentes, em logar de reclamarem mais proventos deviam, pura e simplesmente, ir-se embora. Porque, pelo preço, ha de haver, quem queira exercer todos esses logares em que se morre de fome...

* * *

A commissão de verificação de poderes da Camara dos Deputados, que estava entregue o respectivo processo, validou hoje a eleição, por Lourenço Marques, do sr. Alfredo de Magalhães e Tamagnini Barbosa, sendo o respectivo parecer enviado para a meza. Já não era sem tempo...

A zona litigiosa no sul de Angola

No artigo que hontem sobre este assumpto publicámos sahiu por lapso, como latitude da cataracta de Ruacaná, 17º 16' 17", quando na realidade a latitude determinada pelo viajante allemão Schmidt é 17º 22' 55. A differença de latitude dos dois parallelos por onde segue a fronteira segundo as pretensões portuguezas e as dos nossos visinhos é de 5' 49", o que, n'aquella latitude, corresponde a 10.728 metros, que é portanto a largura exacta da zona contestada.

Camara dos Deputados

A questão do Banco do Hospital de S. José—Os quadros das secretarias dos governos civis

A sessão principia com 71 deputados, sob a presidencia do sr. Manuel Monteiro, pouco depois das 15 horas. Estão presentes os srs. ministros do interior e da justiça. Approvada a acta é lido o expediente. O sr. Hermano de Medeiros volta a referir-se á questão dos assistentes dos hospitaes, reclamando o immediato cumprimento da lei. Porque não foram abertos ainda os concursos ordenados por uma portaria do respectivo ministro? O sr. ministro do interior informa que se recebeu do director dos hospitaes uma informação, dizendo que os serviços de Banco podem continuar como até agora, sem necessidade do concursos. O sr. Hermano de Medeiros volta a affirmar que a portaria não foi ainda executada, continuando illegalmente no banco os medicos que ali fazem serviço. De resto, o director dos hospitaes não foi exacto na sua informação, deixando de dizer como os cinco cirurgiões do banco podem fazer o serviço de doze que a lei fixa. O sr. ministro do interior repete o que já disse. Foi a informação do director que o levou a não abrir concurso. O sr. Medeiros quer que o ministro confesse que se importara revogando a primeira. O ministro não tem responsabilidade na nomeação do sr. Costa Santos para director dos hospitaes. Essa nomeação foi-lhe imposta pelo dr. Francisco Gentil.

N'esta altura os animos exaltam-se. A esquerda protesta contra essas palavras, replicando a direita com apartes varios e violentos. O sr. Arthur Costa é quem dirige os protestos da maioria. E grita:

—Isto não é soalheiro nem café. E o Parlamento torna-se necessario respeital-o.

—Eu tenho mais cathegoria do que v. ex.ª aqui e lá fóra. Não frequento cafés!—replica o sr. Medeiros.

O alarido prolonga-se por alguns minutos. Ninguem se entende. Só se ouvem berros e gritos descompassados. O sr. Aresta Branco dirige-se ao sr. Arthur Costa e brada:

—Quem é v. ex.ª e d'onde vem?

—Não ouvi v. ex.ª—responde o sr. Arthur Costa.

—Pois foi melhor assim.

O sr. Aresta Branco entende, como o sr. Medeiros, que deve ser aberto immediato concurso para cirurgiões do banco, porque só assim se podem recrutar as competencias necessarias. O sr. João Camoezas tambem é de parecer que o concurso é indispensavel.

Passa-se á ordem do dia, approvando-se definitivamente o projecto que remodela os quadros das secretarias d'alguns governos civis. Falam os srs. Lopes Cardoso e Moura Pinto. Segue-se o projecto de auctorisa o venda immediata dos predios em que estão installados os recolhimentos das ruas da Rosa, S. Christovão, da Achada, de Lazaro Leitão, do Grillo, e das Mercês, na rua do Limoeiro, podendo construir-se com o producto da venda o Recolhimento da Assistencia e convertendo-se o que sobrar em titulos da divida publica. Falam os srs. Aresta Branco, F. José Pereira, Ramos da Costa. O grêmeiro deseja saber se se trata de um asylo, ao que os outros respondem que sim, que pode ser um asylo. E' isto se fica.

O sr. Jorge Nunes propõe que o projecto volte á commissão de finanças. E' approvado. E' posto em discussão o parecer que reconhece como revolucionario civil Alberto Correia.

O sr. José Barbosa—Não pode ser, é o que quiz matar o sr. Affonso Costa, na Praia das Maçãs.

O sr. João Camoezas dá explicações e o sr. José Barbosa requer votação nominal E' regeitado. O parecer é approvado. Em seguida, encerra-se a sessão.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados seis volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Os barcos detidos e afundados

MADRID, 4.—Telegrapham de Algeciras nos jornaes madrilenos que a esquadra ingleza deteve no estreito de Gibraltar um barco grego que conduzia 25 passageiros bulgaros e austriacos, os quaes foram internados no campo de concentração de Gibraltar.—(*Havas*).

LONDRES, 4.—A Companhia Peninsular and Oriental annuncia que entre os 11 sobreviventes do *Persia* desembarcados em Malta se encontram Martin e Clark, lord Montagu de Beaulieu, um italiano e sete marinheiros indios pertencentes á tripulação do *Persia*.—(*Havas*).

A GRANDE GUERRA

O ATAQUE DE SALONICA

Como os alliados responderam ao bombardeamento dos aviões allemães

Paris, 1 de Janeiro

Causou em Salonica uma profunda impressão o importante incidente hontem succedido n'aquella cidade. Havia muito que as auctoridades alliadas se queixavam da espionagem praticada pelos allemães, pelos austro-hungaros, pelos turcos e pelos bulgaros sob a direcção dos seus consules. O delegado de Allemanha foi visto, por varias vezes, no caes tomando nota dos desembarques de tropas e material. Os ministros dos imperios centraes em Athenas aproveitavam todas essas indicações, que eram immediatamente transmittidas para Vienna e Berlim aos estados maiores de Gallwitz e de Theodorof. As auctoridades gregas, allegando a sua neutralidade, não tomavam providencias.

No dia 30, os aviões allemães appareciam na região de Salonica, onde arremessavam bombas. Graças á espionagem praticada pelos quatro consules inimigos, os aviões conheciam os aquartelamentos dos alliados e podiam visal-os.

As tropas alliadas foram atacadas pelo inimigo em territorio grego. As auctoridades militares francezas e inglezas viram-se, pois, forçadas a considerar esse territorio não só como uma zona occupada, mas como uma zona de guerra e resolveram providenciar no sentido de garantir a segurança dos seus soldados. Conformando-se com essa imperiosa necessidade, o general Sarrail e o seu collega inglez ordenaram a captura dos consules allemão, austro-hungaros, turco e bulgaro. Os tres primeiros, apezar da obrigação moral de sahir de Salonica, trez mezes antes, continuavam n'essa cidade; o quarto regressava a Salonica apoz uma breve ausencia.

O raid effectuado pelos aviões inimigos sobre Salonica produziu-se nas seguintes condições:

Duas esquadrilhas compostas uma de trez monoplanos «tauben» e outra de trez grandes biplanos muito rapidos foram avistados cêrca das oito horas da manhã, sobre as posições francezas. Os biplanos obliquavam para ess, na direcção das posições inglezas, os monoplanos voavam a uma grande altura sobre o campo francez, lançando seis series de duas bombas que não causaram mortes nem estragos. Violentamente canhoneados, os trez «tauben» descreveram largas orbitas e partiram na direcção de Salonica.

Uma das primeiras bombas por elles lançadas explodiu no campo de manobras, onde soldados gregos faziam exercicio, a 50 metros apenas do general Zimbrakakis, mas sem outro resultado a não ser o de cavar um enorme buraco no chão.

Cinco projecteis cahiram no ancoradouro, visando as installações do estado maior francez, mas errando o alvo. No entretanto, a esquadrilha dos aviões biplanos bombardearam as posições cêrca de Kapudwilar e Focca, matando um pastor e cinco carneiros. O campo de Zeitenlick e o inglez de Limbett foram tambem bombardeados. Uma bomba cahiu n'uma cantina ingleza, onde áquella hora se não encontrava ninguem. A gare de entroncamento foi egualmente visada.

Immediatamente acolhidos pelo tiroteio dos canhões do porto, os aviões apressaram a visar de bordo. Os aviadores francezes, por seu turno, procuravam dar-lhes caça, travando-se um combate aereo nos arredores de Amatovo e damnificaram dois apparelhos sem todavia os impedir de regressar a Ramps, Guevgheli e Kavadar, para além das linhas bulgaras.

Logo após o bombardeamento de Salonica, o general Sarrail e o general inglez Mahon conferenciaram, reconhecendo ser inadmissivel que os allemães se permittissem bombardear Salonica sem receio de represalias, sob o pretexto de neutralidade, o atacassem, ao mesmo tempo, as tropas franco-inglezas. Deram, por isso, ordens a estas para a prisão dos consules e de todas as pessoas que se encontrassem na sede dos consulados. O consul da Turquia quasi perdeu os sentidos, o da Allemanha lavrou o seu protesto. Foram transportados para bordo d'um navio de guerra e conduzidos até o caes em carros, escoltados, das subsistencias. A fim de serem examinados, ficaram sob sequestro os archivos dos consulados inimigos. Tudo leva a crer que n'elles se topem documentos sensacionaes sobre a interferencia dos imperios do centro na politica hellenica.

As operações nos differentes theatros da lucta

PARIS, 3.—Communicado official das 15 horas.—Em Champagne, proximo da estrada de Tahure, repellimos um ataque á granada feito pelos allemães. Em Argonne, proximo de Four de Paris, o fogo efficaz dos nossos canhões de trincheira sobre as obras de fortificação inimigas, forçou os allemães a sahir dos seus abrigos sendo então apanhados pelas descargas dos nossos canhões de 75.—(*Havas*).

LONDRES, 4.—Communicado official.—Na parte sul da nossa linha um inimigo tentou obter vantagem n'um combate á granada e canhoneámos muito efficasmente varios pontos da linha allemã. A artilharia allemã esteve muito activa a nordeste de Loos e a leste de Ypres.—(*Havas*).

PARIS, 3.—Communicado monotono.—Na linha do norte houve um só 1 duelo de artilharia. Na linha de leste, na direcção de Moihuatz houve uma escaramuça de infantaria e ligeira acção de artilharia. O inimigo atacou as nossas posições do Godueyo, mas repellimol-o e infligimos-lhe sensiveis perdas. Nas restantes linhas houve combates de artilharia e infantaria.—(*Havas*).

PETROGRADO, 3—Official.—Na região do Tchartoryski e no Strypa superior repellimos o avanço inimigo. A nordeste de Tsernovitz continúa travado um encarniçado combate; progredimos constantemente, não obstante os contra-ataques inimigos. As perdas soffridas pelo inimigo são muito consideraveis; aprisionámos já 16 officiaes, 766 soldados e ainda maior numero de soldados feridos. Na Persia, a sudoeste de Assadaba, destroçámos 500 gendarmes rebeldes, que tiveram 50 mortos, fizemos prisioneiros e tomámos um grupo de combios. Nenhuma perda do lado dos russos.—(*Havas*).

AS GRANDES TRAGEDIAS

Como um "poilu" vingou sua mãe

Um golpe mortal na amante do pae que declarou não poder reprovar o acto praticado pelo filho

Paris, 1 de janeiro

N'um dos ultimos dias do anno findo, na rua de Moscou, desenrolou-se uma tragedia de que foi protagonista um rapaz que antes da guerra exercera a profissão de «jockey», cumprira como soldado do 7.º regimento de dragões o seu dever em campanha e se achava na capital franceza havia alguns dias, em goso de licença.

Armando Debisschop, assim se chama o criminoso, é filho de um antigo inspector do serviço de segurança publica, que lhe deve assignalada cooperação, especialmente pelo perfeito conhecimento que possue da lingua ingleza. Por mais de uma vez levou a cabo, com exito, diligencias importantes relativas a roubos de papeis de credito e joias, prendendo gatunos fugidos de Inglaterra e quando se deu o celebre «Affaire Gallay», foi encarregado de ir buscar á America, em 1910, a Merelli, principal personagem d'esse crime.

Depois d'isso, mr. Debisschop aposentou-se e fundou com o seu collega Calchas, que tambem se retirára, uma agencia de informações e investigações particulares, ligando-se por morte d'este ultimo a um outro agente policial de nome Ysquierdo.

Os negocios corriam-lhe admiravelmente e teria uma velhice feliz, se não houvesse feito relações com uma rapariga de Périgord, mademoiselle Idalie-Jeanne Roche, que o levou a abandonar a esposa e quatro filhos, para viver com ella. Deu-se isto ha dois anos e o «faux-ménage» foi viver para a rua de Moscou, 27, onde se deu a scena de sangue de que nos occupamos, depois de muitas outras em que Idalie tomava sempre a parte principal. Era ciumenta, exigente e de um genio violento, andando sempre a pedir dinheiro ao amante, que a não punha duvida em servir-se na primeira occasião, contra quem que quer que fosse, e, muito especialmente, contra madame Debisschop. Por mais de uma vez se dirigiu á casa da pobre senhora, para a insultar e ameaçar, o que a infeliz soffria, resignada, como o fazem todas as mães, que vivem para seus filhos. Só com Armando, que estava na guerra, a triste desabafava, quando lhe escrevia, pondo-o ao corrente de tudo.

Quando era «jockey», o joven Debisschop fracturára trez costellas e uma perna e, apezar d'isso o isentar do serviço militar, conseguira alistar-se, como voluntario, n'um regimento de cavallaria, indo para a frente da batalha, logo no começo da campanha contra os allemães.

Em dezembro, aproveitando a licença, correu a vêr a mãe, que chorou na sua presença e, tristes, resolvendo logo ir ter com seu pae, a fim de conseguir que lhe assignasse madame Debisschop estabelecesse qualquer modo de vida com que mantêr-se e aos filhos.

Depois de redigir um documento

A sciencia de agradar

E' uma das mais interessantes e que todos nós, em maior ou menor grau, cultivamos, sem que tenhamos a consciencia de o fazermos. Uma das mais vulgares manifestações d'este instincti-vo' sancto é o desejo de bem vestir, e tal posso geral entre os portuguezes, que não ha estrangeiro que ao desembarcar em Lisboa, não fique surprehendido, observando a distincção e elegancia com que veste a população masculina de Lisboa.

O funccionario publico, o industrial, o escriptor, o commerciante, o militar, o estadista, o banqueiro, o estudante, e até mesmo o operario, todos vestem-se com tal gosto e correcção que não é facil distinguir pelo seu aspecto exterior qual seja a posição em que vivem. Lá fóra, nas capitaes mais civilisadas como Paris, Londres, Roma, Vienna, Philadelphia, Rio de Janeiro, Montevidéu, só os eleitos da fortuna trajam com o esmero e elegancia com que nós aqui, em geral, nos apresentamos.

Dizia uma celebre mundana parisiense que se por traz de um reposteiro se escondesse um homem de quem ella apenas visse os pés, pela maneira como os calços assentavam sobre as botas, lhe diria qual a posição social d'esse individuo. Pois se ti[v]esse a experiencia em Lisboa, tinha que soffrer bastantes desillusões.

Mas esta linha elegante que caracterisa o homem lisboeta deixaria de ser uma surpreza para o estrangeiro que soubesse com que mestria se pratica entre nós a arte do côrte. Um bem frisante exemplo encontramol-o na mais elegante estabelecimento de alfaiataria do Chiado, «The Piccadilly», de que é gerente um dos co-proprietarios, o sr. Affonso de Barros.

Conhecendo a fundo os segredos da industria a que se dedicou, dispõe ao mesmo tempo d'um superior bom gosto para indicar qual o tecido, a côr, o padrão, o feitio que melhor se accommoda ao cliente, corrigindo-lhe os defeitos naturaes, dando elegancia ao obeso e aprumo ao corcovado; e—o que não é para desprezar nos tempos que vão correndo—possue um tacto especial para fazer os seus fornecimentos de maneira tal que a despeito de terem as fabricas elevado os preços dos tecidos, se comprehende ferro-viarias e da navegação os preços dos transportes, os do seguros maritimos os respectivos premios, e o cambio ter subido extraordinariamente, ainda assim os artigos vendidos em «The Piccadilly» pouco variam em preço dos antigos, e alguns nem mesmo qualquer minima differença soffrem, como por exemplo, os de chapellaria.

E assim vemos as mais primorosas casimiras para calças, os mais bellos cheviottes para fatos completos, as mais encorpadas mesclas, as mais macias e quentes felpas para sobretudos, em fim, em rumas, pendendo em cascatas dos armarios, enrolando-se em vagas coloridas sobre os balcões, seduzindo-nos tentadoras pelos pollos da artistica e luxuosa galeria de tecido envidraçado, a par das mimosas sedas ondeadas, unidas, irisadas para collctes de casaca, e dos velludos ricos de côres variadas para collctes de phantasia que se destacam vigorosamente sobre a alvura azulada da camisaria fina, d'onde sahem serpenteando as gravatas de seda, de setim, de musselines, lisas, listradas, bordadas, pintalgadas, de mil côres, como cobras, de pelle polychromada pela mais caprichosa phantasia, immobilisadas sob a caricia ardente d'um sol equatorial, que d'ali nos espreitassem o irresistivelmente nos attrahem.

E' consolador constatar que, como em muitos outros ramos de industria, temos na alfaiataria operarios que suportam com honra a comparação com os seus collegas, dos melhores, do estrangeiro, e estabelecimentos que, como «The Piccadilly», são modelares no seu genero.

---

n'esse sentido, dirigiu-se á rua de Moscou. O antigo inspector não estava em casa, recebendo-o mademoiselle Roche, que lhe disse peremptoriamente:

—O senhor não tem o direito de vir a esta casa. E' um malfeitor, um gatuno, e tenho portanto o direito de o matar!

E, dizendo isto, correu ao aposento proximo de onde logo voltou, empunhando um revolver.

—Venha da frente da batalha!—disse-lhe com toda a firmeza Armand Debisschop.—Não me intimida um revolver.

Entretanto chegava o antigo inspector de policia.

—Não venho fazer-lhe recriminações; meu pae. Desejo apenas que faça o favor de assignar uma auctorisação para que minha mãe possa ganhar livremente a vida. Aqui tem uma minuta; é só copial-a e assignal-a.

E estendeu ao pae um papel, que mademoiselle Roche lhe arrancou da mão e rasgou em pedaços, cobrindo-o de insultos e ameaçando-o.

—Vae-te embora—disse-lhe Debisschop. Depois falaremos d'isso.

Armand encaminhou-se para a porta, acompanhado pelo amante do pae, que continuou a apontar contra elle a arma e que, ao vêl-o fóra de casa, lhe dirigiu novos improperios, insultando tambem grosseiramente madame Debisschop.

Puxando então de uma faca, o soldado vibrou contra a endiabrada perigordense dois golpes, attingindo-a no seio direito e no craneo.

Idalie Roche cahiu nos braços do amante, que estava atraz d'ella. Tinha a faca enterrada na cabeça.

Debisschop, depois de arrastar a amante para o leito, e de arrancar-lhe do nó crispado os fragmentos do papel que ella tirára a Armand, correu em busca d'um medico, que encontrou ao sahir, um cirurgião-mór, militar, que a fez transportar para o hospital Dubois. Estava morta.

Entretanto, o criminoso dirigia-se ao commissariado de policia, declarando com a maior simplicidade e franqueza o que succedera:

—Acabo de vingar minha mãe.—disse.—Façam de mim o que quizerem!

Pretendera apenas, accrescentou, desfigurar Idalie Roche, para a afastar de seu pae e vingar sua mãe, a quem a perversa rapariga dirigira, por varias vezes e sem motivo, as cartas mais ultrajantes. Deplorava o que succedera, mas a que fôra forçado pelas circumstancias. Armára-se de uma faca, por saber com quem tinha de haver-se. Sabia quanto Idalie era violenta e que andava sempre munida de um revolver.

—Que fizeste, meu pobre filho?—perguntou-lhe a desventurada mãe, que logo correu ao commissariado.

—Salvei-te, mamã! — respondeu Armand Debisschop, cahindo-lhe nos braços, chorando com ella, desesperadamente.

O ex-inspector policial declarou que não podia reprovar o acto praticado pelo filho; confessou o mau procedimento que tinha tido para com a esposa, a quem fez os maiores elogios, e reconheceu a perversidade da desgraçada que acabava de succumbir.

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Frei Luiz de Sousa—Freira de Beja.

TRINDADE—A's 21—Dia de juizo (Revista).

POLYTEAMA—A's 21—Oiro sobre azul.

GYMNASIO—A's 21—O commissario de policia.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—A viagem de Suzette.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

RUA DOS CONDES—Não ha espectaculo.

PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—O palhaço.

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Boheme.

Primeiras representações

COLYSEU DOS RECREIOS

—A Tosca.

Na *Tosca*, que hontem se cantou, estreiou-se a sr.ª Carmen Toschi, uma delicada e elegante figura de mulher, vestindo com rara distincção. A sr.ª Toschi, dado que esteve em S. Carlos, ganhou em arte. A sua voz é d'um timbre muito suave e a dicção correctissima. Os duettos do primeiro e segundo actos, a formosa *preghiera Visi d'arte* e todo o terceiro acto foram cantados pela insigne prima-donna com grande arte, o que lhe valeu fartos applausos. Como actriz, possue um talento particular para vincar as mais interessantes phrases. A sr.ª Toschi agradou inteiramente.

O *barão de Scarpia* encontrou em Mimo Zuffo o interprete que lhe convinha. Artista de grandes recursos vocaes, intelligente e sobrio. O duetto do primeiro acto com *Tosca* foi magistral, como magistral foi todo o segundo acto.

O tenor Tincani foi um bom *Cavaradossi*, cantando com correcção a romanza *E lucevan le stelle*, o que lhe valeu as honras do *bis*.

Muito seguras as segundas partes, os côros e a orchestra. Todos os artistas e o maestro Fucetti foram chamados ao proscenio nos finaes dos actos.

Hoje, repete-se a *Tosca* e na quinta feira canta-se pela primeira vez n'esta epocha a *Gioconda*.

THEATRO PHANTASTICO

—O Palhaço, operetta em 3 actos de Leopoldo Ferreira e Luiz Portugal, musica de Vasco de Macedo.

A companhia infantil deu-nos hontem, em *première*, uma deliciosa opereta que pelo exito obtido está certamente destinada a fazer carreira. E' uma ingenua intriga amorosa, a que os pequenos artistas dão todo o relevo compativel com a sua edade e aptidões, algumas das quaes são realmente notaveis. No desempenho salientaram-se Guilhermina Paiva, Hilda de Carvalho, Octavio de Mattos, Americo Valente, Herminio Pereira e Ricardo Cabral. A musica tem numeros magnificos. Tanto os infantis actores, como os auctores da peça, o maestro e o ensaiador, sr. Guedes foram enthusiasticamente ovacionados no final da representação.

Noticias

Entre nós

O conhecido actor Julio Alves realisa no proximo dia 14, no theatro Polytheama, a sua festa artistica, indo á scena n'essa noite, em unica representação, a excellente peça *O rei dos gatunos*. O protogonista será desempenhado pelo sympathico artista, encarregando-se obsequiosamente dos restantes papeis os seus collegas Aida Aguiar, Carlota Sande, Berta de Sousa e Teixeira Soares e varios artistas do Polytheama.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHIOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Recrio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

UM INQUERITO SOBRE O FUTURO

A quem caberá a victoria?

O que responderam, entre outras personalidades, os srs. Sazonow, Barzilai, Deschanel, Carton de Wiart, Edward Carson, Garibaldi, Guilherme Ferrero, Bergson, etc.

O «Matin» abriu um inquerito entre algumas personagens eminentes dos varios paizes alliados ácerca da forma por que encaram o futuro. Todas responderam affirmando a inabalavel confiança na victoria definitiva.

O sr. Sazonow, ministro russo dos negocios estrangeiros, conclue a sua resposta n'estes termos:

Os nossos communs esforços não podem ficar estereis, quaesquer que sejam os obstaculos que ainda precisemos vencer. O mundo ha de vêr a alvorada do dia que nos trará a garantia da inviolabilidade dos nossos lares, da segurança dos nossos lares, do livre desenvolvimento das nossas forças moraes e dos nossos recursos economicos—o triumpho definitivo do direito sobre a força e da civilisação sobre a barbarie scientifica.

O sr. Barzilai, ministro e secretario de Estado da Italia, respondeu:

O novo anno encontra a Italia preparada para os maiores sacrificios pela causa da conclusão da obra da sua unificação e pela das nacionalidades e liberdades europeias. Intimamente unida aos seus alliados, a Italia tem absoluta confiança na victoria commum.

O sr. Carton de Wiart, ministro belga da justiça, assegurou na sua resposta que todos os esforços belgas estão associados e coordenados para a realisação d'um unico pensamento: libertar a patria odiosamente trahida e invadida e obter as reparações a que tem direito.

O sr. Paul Deschanel, presidente da camara dos deputados franceza, limitou-se a recordar palavras do seu discurso de recepção na Academia franceza, em 1 de janeiro de 1900. N'esse discurso, o eloquente orador chamava a attenção para a peninsula dos Balkans e para a Macedonia onde por mais d'uma vez já se tinha jogado a sorte da Europa oriental,... «esse campo fechado em que cedo ou tarde se hão de entrechocar as ambições rivaes que suscitam as crises do Oriente». O sr. Deschanel exclamava então: «Diplomatas, volvei os olhos para Pydna e Philippes. Militares, estudae a bacia do Axius (do Vardar). No dia em que se tratar da partilha da herança do imperio do Oriente, ali se ha de ella effectuar...»

O sr. Vesnitch, ministro da Servia em Paris, manifestou a sua opinião nas phrases seguintes:

As guerras da grande Revolução asseguraram á Europa, após ondas de sangue derramado em innumeraveis campos de batalha, uma acquisição incontestavel: a egualdade dos cidadãos perante a lei. A guerra actual será coroada pelo reconhecimento definitivo da egualdade dos Estados ou das Nações, sem se considerar a sua extensão ou o numero dos seus habitantes. E' um complemento logico e necessario.

Luctando pela verdadeira civilisação, pela liberdade e pela justiça, isto é, contra a barbarie e contra uma hegemonia insupportavel e indigna da nossa epocha, as potencias alliadas teem o dever de proclamar este bello principio, pois que o progresso humano com isso ganhará immensamente. Só pela affirmação irrevogavel d'este principio a posteridade comprehenderá e perdoará todos os immensos sacrificios suggeridos conjunctamente pelos exercitos e pelos povos alliados. Sem esse resultado, todo o «élan» e toda a nobreza dos heroes nas trincheiras teriam constituido uma inutil e criminosa «parada» apenas digna d'um Nero. Foi preciso á humanidade o calvario de Bethlem para que a idéa de fraternidade se admittisse, finalmente, entre os homens: parece-me que os calvarios da Belgica e da Servia bastam para bem justificar a fraternidade e a egualdade das Nações. Oxalá que o novo anno nos traga com a victoria o reinado do direito e da justiça. A Gran-Bretanha, o Japão, a Italia e a Russia escreverão d'esse modo a mais bella pagina da sua historia. Como a da generosa França já está escripta, só lhe resta pôr o ponto final e voltar a pagina.

O general Polivanow, ministro russo da guerra, confia na victoria dos alliados, que corresponderá á libertação dos povos da preponderancia germanica.

O sr. Orlando, ministro italiano da justiça, conclue a sua eloquente resposta com estas palavras:

O nosso patrimonio sagrado tem o cunho indelevel do nosso espirito e da nossa raça. A mesma luz irradia de Joanna d'Arc e de Garibaldi. Sentimo-nos fraternalmente ligados á França generosa e heroica. Esse patrimonio não póde nem deve perecer. Eis porque cremos na nossa victoria. Sentimol-a certa e estamos convencidos de que não ha de faltar.

Sir Edward Carson, membro do parlamento britannico, concluiu assim a sua resposta:

O nosso primeiro e principal objectivo deve ser contribuir para a realisação do vehemente desejo dos nossos alliados, francezes e belgas, de libertar os seus paizes dos crueis invasores que os occupam. Não nos deixemos distrahir d'este objectivo e esperemos o proximo dia em que o sol brilhará de novo sobre uma França e uma Belgica capazes uma vez mais de realisar os seus ideaes de liberdade.

E, depois de mencionar o que se deve fazer para attingir semelhante resultado, sir Ed. Carson escreve:

Não duvido da victoria final! Que seja tão rapida quanto possivel são os meus sinceros votos!

Lord Derby, membro do parlamento britannico, crê que a victoria advirá com ella uma paz duradoura, não só para a geração presente, mas tambem para numerosas gerações futuras».

O sr. Ricciotti Garibaldi termina d'esta maneira a sua resposta:

Quando o elemento perturbador que atormenta a Europa ha dois mil annos houver desapparecido, a constituição dos Estados Unidos da Europa, com a completa neutralisação do Mediterraneo permittirá ao nosso continente uma paz duradoura. Honra á França que, mesmo quando combatia o chão da grande Revolução, desembaraçava o mundo dos despo-

jos imperialistas e monarchicos, se mantem sempre na vanguarda!

O grande historiador Guilherme Ferrero respondeu:

Prevejo o futuro simultaneamente maravilhoso e terrivel. Como a Revolução franceza, como todas as grandes crises da Historia, a guerra europeia excitará as energias creadoras do espirito humano. Um novo mundo começa.

O immenso trabalho de reconstrucção que a Europa ha de emprehender após a guerra offerecerá ao genio humano as mais bellas occasiões de fazer grandes coisas em todos os dominios da actividade humana, na industria e na politica, nas finanças e nas artes, na sciencia e na religião. Mas como em todas as épocas de intensa creação, o espirito de sacrificio, a paciencia, a tenacidade, a fé, todas as virtudes difficeis serão sujeitas a dura provação. Nada se cria sem dôr. Acabaram os tempos faceis que a nossa geração viveu até o primeiro de agosto de 1914. E' provavel que quem já passou os quarenta annos jámais torne a ver esses tempos. Uma epocha cheia de difficuldades, de grandeza e de esforços, de provações e por isso mesmo de grandeza começou para a Europa.

Madame Carton de Wiart termina assim a sua resposta: «A Belgica de hoje póde fazer sua a divisa escolhida pelo cardeal Granvelle, que foi arcebispo de Malines no seculo XVI: «Endurer pour durer!»

Segue-se a resposta do celebre philosopho H. Bergson, membro da Academia franceza. Diz não ter duvidas sobre o resultado da guerra e accrescenta:

Como estamos resolvidos a ir até ao fim, como a nossa força—material e moral—é indefinidamente renovavel, ao passo que o inimigo vive materialmente e moralmente de reservas que se esgotam,—venceremos. D'esta provação terrivel, a França ha de sahir engrandecida, revivificada, animada d'um novo «élan». Mas é tão quanto posso dizer ao que aconteceria após a guerra não sei absolutamente nada; apenas alguma coisa saberá d'esse futuro proximo quando houvermos conhecido a interpal-o; será, em grande parte pelo que nós, o que quizermos que elle seja.

O ultimo interrogado foi o notabilissimo advogado Henri-Robert. Crê na victoria, n'uma paz gloriosa e que a justa recompensa dos nobres esforços empregados pelos latinos consistirá em serem os senhores de Amanhã!

Colhida por um electrico

Ao passar pela avenida das Côrtes, vindo da praça do Brazil em direcção ao Rocio, o carro electrico n.º 455, de que era guarda-freio Eduardo Soares, n.º 1916, colheu uma senhora que apparenta ter uns 60 annos de edade, de estatura regular, olhos azues e cabello grisalho, vestida de preto. Foi conduzida ao hospital de S. José n'um automovel do quartel de bombeiros, ficando internada na enfermaria de Santa Joanna. Apresenta varios ferimentos na cabeça, tendo recebido fortissima commoção cerebral.

Conferencias militares

No regimento de infantaria 5

Perante os officiaes e sargentos do regimento de infantaria 5, realisou esta tarde o sr. alferes Chaves uma conferencia ácerca do emprego da arma branca nos combates da infantaria. O conferente apresentou uma synthese muito methodica da evolução soffrida pela arma branca, desde os tempos remotos, até entrar na lucta actual, em que se destina a coroar o exito das batalhas.

O sr. alferes Chaves foi muito cumprimentado pelo brilhantismo da sua conferencia.

A ultima conferencia feita pelo sr. alferes Esteves Pereira versou sobre a acção dos destacamentos na fronteira.

O sr. coronel Pinto de Magalhães pensa em conseguir para os soldados de infantaria 5 uma serie de excursões educativas e a visita aos navios da divisão naval.

Concertos Blanch

O do proximo domingo

Mais um bello concerto da *Orchestra Symphonica Portugueza*, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, se realisa no proximo domingo em S. Carlos, que está sendo o ponto de reunião de toda a sociedade elegante nas tardes de domingo.

Cada vez os programmas são mais attrahentes, mais artisticos. O do proximo domingo é verdadeiramente extraordinario pelas maravilhas que encerra. Assim, em 1.ª audição, o maestro Blanch apresenta o celebre poema symphonico *Mazeppa*, de complete novidade para nós e considerada a mais notavel obra prima de Liszt. E ainda a famosa 7.ª *symphonia*, de Beethoven, *A Walkyria*, *Despedida de Wotan* e o *Encanto do Fogo*, do grande Wagner e outras obras de Weber, Schubert, Mendelssohn e outros consagrados auctores classicos e modernos. E' caso para, como nos domingos anteriores, se esgotarem todos os bilhetes.

INTERESSES DE CABO VERDE

A INDUSTRIA

Em 1913 foram importados em Cabo Verde 22:271$ escudos de calçado, artefactos e sellins, cabedal em obra e cabedaes em bruto, estimam sido exportados 19:411 kilogrammas de couros no valor de 5:968$ e 67:449 kilogrammas de pelles de cabra no valor de 8:122$, o que dá uma exportação total da materias primas no valor de 14:109 escudos. A industria local podia ser um meio de conseguir uma valorisação conveniente para o desequilibrio da balança economica, aqui mais uma vez verificado.

Tem Cabo Verde bastantes plantas que produzem materias de curtimenta: entre outras citaremos a goiabeira que por toda a parte se encontra, a purgueira curte a amarello e o trovisco conhecido por torolho que curte a branco mais ou menos creme. Nas ilhas de Santo Antão e S. Nicolau, por processos muito primitivos, curtem-se as pelles de cabra, para o fabrico de sollas, o industria que poderia desenvolver-se transporta a agua e se bate a nata para o fabrico da manteiga. Das pelles tambem inteiriças dos cabritos fabricam-se bolsas destinadas a collocar nas costas, que mostram a agua, tambem um bom destino de tam...nho e serralhas as mais pequenas. A sola não se sabe curtir, nem bem, nem mal. A pello de cabra, mesmo curtida como se faz em Cabo Verde, dá um cabedal de valor para o fabrico de calçado. Todavia, em Cabo Verde a cultura em grande de plantas fornecedoras de materias taniferas podia ser tentada com exito. Além das plantas que citamos e cuja percentagem em tanino á bem diminuta, podia recorrer-se á Acacia Molissima, de que os inglezes lançaram mão na Africa do Sul, e cuja casca tem mais valor do que a do mangal. Mas mesmo que a pratica da casa á industria dos curtumes podia mesmo agora ser tentada em Cabo Verde, com feliz exito. Consiga-se o curtido, que as industrias manufactureiras se desenvolverão immediatamente. Não faltam em Cabo Verde individuos que podiam dedicar-se a valer á confecção do calçado, selaria e correaria, desde que a materia prima se apresentasse em boas condições, podendo então produzir em concorrencia com o nosso paiz, pois, para exemplo citaremos que o calçado chegado a Cabo Verde em 1913, ficava na alfandega por 3$30 por kilogramma. Crêmos que assim se não deveria ter conservado o calçado.

O tabaco em Cabo Verde, dá-se por toda a parte e produz muito bem. Todavia, até hoje não se sabe fermentar a folha para a applicar em seguida á fabricação de todas as qualidades de tabaco para uso immediato. Assim, o producto que a população ali consome é tabaco torcido em rolo e que fumado deita um cheiro como que pestilento. Produzem também o tabaco, mascar o outro substituto do rapé, porque fazendo sempre sentir a má qualidade da folha, por falta da fermentação cuidada. Devido a isto, em 1913, a importação de tabaco feita em Cabo Verde, attingiu 53:717 escudos, assim dividida: tabaco em pasta, folha e rolo: 38:498 kg. no valor de 30:790$; charutos 167 kg. no valor de 440$; tabaco manipulado: 42:518 kg. no valor de 19:237$; tabaco manipulado estrangeiro 440 kg. no valor de 3:250 escudos. Não foi feita a mais insignificante exportação de tabaco que de alguma forma diminuisse o effeito da importação realisada. Lembramo-nos agora que em 1907 se fez em Cabo Verde uma representação pedindo a livre entrada de tabaco em folha aqui, mas tal idéa não era então realisavel porque as officinas d'aqui eram feitas a 24 centavos o kilo, emquanto que n'aquelle archipelago tal producto tem sempre comprador a 40 centavos. A unica coisa que seria para tentar era ensinar a preparar a folha, do forma a produzir o tabaco em pasta e o picado immediatamente para consumo, que é grande, relativamente ao limitado numero de habitantes.

Outra industria tentavel com exito em Cabo Verde, seria a do otenção de oleos e a do fabrico de sabões. Em 1913 importaram-se ali 140:013 kg. de sabões no valor de 19:144$, e exportaram-se 4:290.995 kg. de purgueira no valor de 145:764$. Ora, a technica da industria dos oleos e a dos sabões não é complicada, e a sua implantação seria, como as outras a que nos temos referido, uma forma de empregar permanentemente centenares de operarios desde logo perfeitamente a coberto do perigo resultante das crises de estiagem, contribuindo ainda como beneficio concorrer positivamente para o equilibrio das balanças commercial e economica. E' claro que o nosso paiz continuaria sendo o melhor mercado para os oleos de purgueira e a massa para adubo, e a industria dos sabões limitar-se-hia ao mercado de Cabo Verde e mesmo ao da Guiné. Nós pensamos que tudo quanto aqui temos dito, é absolutamente exequivel e do valor marcado para aquelle archipelago.

Não deixaremos de fazer aqui, ainda que pequena referencia á possibilidade do estabelecimento da industria dos transportes automoveis na ilha do Santo Iago. Aqui nos nossos artigos já dissémos que essa ilha tem um movimento assignalado na estatistica da sua exportação e na das suas importações de productos em cada anno, não contando com os productos de consumo immediato nos centros importantes de população da mesma ilha. Ora, da Praia a Santa Catharina e d'aqui á Ribeira da Barca, existe uma larga e optima estrada, que se desenvolve atravessa a ilha quasi a meio e por importantes regiões productoras, como são S. Domingos, Orgãos, Picos, Assomada; essa estrada, onde agora se procede a grandes obras que facilitem a viação, pôde, continuando-se n'essas obras, dar logar á passagem de automoveis, que tornariam faceis os transportes de cargas e passageiros e por precos que compensariam muitissimo as actuaes. Já em tempos, uma companhia belga pediu o privilegio de transportes automoveis na estrada da ilha de Santo Iago, mas o governo monarchico de então solicitava dos emprezarios um deposito de garantia de 3.000 escudos, imposição com que não concordaram, e que valor ter ido por agua abaixo tão conveniente iniciativa. Não nos parece justa tal exigencia e julgamos mesmo que o governo de então, solicitando tal deposito, laborou em erro, essa empreza garantia a Cabo Verde 1 0/0 da sua receita, sendo as tabellas de transportes feitas de accordo entre o Estado e a Companhia. Quem sabe as difficuldades com que hoje se lucta para fazer viagens na estrada d'aquella ilha, em victorias tiradas a bois, e as cargas que os carros não levam mais de 800 kilos, pôde calcular quantas vantagens não traria tal melhoramento. Mas, informam-nos que se vão tentar do novo «démarches» para que se consiga realisar tal pensamento n'aquella ilha. A nós quer-nos parecer que o Estado, quer os emprezarios terão com isso muito a ganhar.

Armando Xavier da Fonseca

Ultimas noticias

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 4.—Communicação official das 15 horas:

Não ha acontecimento algum importante a registar que tivesse occorrido durante a noite.

Hontem de tarde a nossa artilharia demoliu na orla de Andechy, na região de Roye, uma casa onde estavam abrigadas as metralhadoras inimigas.—*(Havas)*.

A campanha nos Camarões

LONDRES, 4.—Official—Nos Camarões occupámos Jaunde no dia 1 do corrente, retirando o inimigo para os lados do sul e sudoeste. Combatemos a sua rectaguarda. Os funccionarios allemães fugiram de Jaunde.—*(Havas)*.

A crise ministerial ingleza

LONDRES, 4.—O parlamento reune hoje e o gabinete terá hoje de manhã uma importante reunião. O *Times* diz que os srs. Mackenna e Runciman tomaram uma decisão definitiva a respeito da sua demissão de ministros, sómente depois d'esta reunião. Os seus partidarios são de parecer de que elles continuarão no gabinete.—*(Havas)*.

A crise ministerial montenegrina

CETTIGNE, 3.—O gabinete está demissionario, tendo sido encarregado de constituir o novo ministerio o sr. Miouchskovitch.—*(Havas)*.

Presidencia da Republica

O sr. presidente da Republica recebeu o seguinte telegramma:

RIO DE JANEIRO, 1 de 16.—Enviando a V. Ex.ª cumprimentos pela entrada do Anno Novo, faço votos pela felicidades e pelo engrandecimento da gloriosa Nação Portugueza.—*Azeredo*, ex-presidente do Senado.

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente da Republica recebe ámanhã, pelas 15 horas e meia os cumprimentos do pessoal dos gabinetes de todos os ministros.

—Com o sr. ministro dos negocios extrangeiros conferenciaram hoje os srs. Daeschoner, ministro da França, e marquez de Villasinda, ministro de Hespanha.

—O sr. dr. Adolpho Guimarães, antigo deputado e ex-director da Caixa Geral dos Depositos, foi nomeado chefe, não da contabilidade, mas sim do contencioso da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

—O sr. presidente da Republica foi eleito presidente honorario da Sociedade Academia Portugueza de Lauzanne.

—No ministerio das colonias foi recebido um telegramma do governador de Macau communicando que foram eleitos por aquella provincia, para deputado, o capitão de administração militar sr. Velhinho Correia e para senador o capitão de fragata medico naval sr. Gonçalves Pereira.

—Com o sr. governador civil conferenciaram hoje os administradores dos concelhos de Aldegallega, Loures e Oeiras.

—O sr. dr. Costa Gonçalves conferenciou com o sr. ministro do interior, tendo tambem estado n'esse ministerio o sr. commandante da policia.

Faculdade de Medicina de Lisboa

Reunem ámanhã, pelas 13 horas, os alumnos de todos os cursos, no edificio da Faculdade.

O conflicto continúa sem solução.

NO SENADO

E' adiada a discussão do projecto de lei sobre a creação da direcção geral do Trabalho e Previdencia Social

A's 14,35 respondem á primeira chamada 23 senadores que approvam a acta. Lido o expediente e como não haja ninguem para votações, espera-se.

Do ministerio encontram-se presentes os srs. Almeida Ribeiro e Ferreira Simas (interior e instrucção).

A's 15 horas ha ainda 31 senadores apenas.

O sr. Correia Barretto, muito contrariado, manda proceder á segunda chamada. Esta faz-se o mais lentamente possivel. Quasi no fim e ainda não ha numero. Mas o sr. Ramos Pereira que andava lá pela outra camara, vem até ao Senado e perfaz o numero que, finalmente, depois de ter chegado o sr. Filippe da Matta. Ha emfim 34 senadores presentes. A sessão continua. Fazem-se algumas segundas leituras de projectos que são admittidos.

Antes da ordem o sr. José Maria Pereira insta pela remessa de documentos pelo ministerio do fomento na tempos pedidos e que dizem respeito á existencia de trigo exotico, preços, etc. O sr. Arantes Pedroso lembra a necessidade de se eleger um membro para a commissão technica de acquisição de material naval.

O sr. João de Menezes requer documentos pelo ministerio das colonias. O sr. Faustino da Fonseca folga pela apresentação das medidas sobre alimentação publica hontem lidas na camara dos deputados pelo sr. ministro do fomento. Cita depois os trabalhos levados a effeito pelo governador civil da Angra do Heroismo que consegui ter no seu districto os generos por metade dos preços que actualmente vigoram no continente.

Entrando na ordem o sr. ministro do fomento, passa-se á ordem do dia, entrando em discussão o projecto de lei que cria a direcção geral do Trabalho e Previdencia Social. Falam os srs. Faustino da Fonseca, que concorda com o projecto; Pedro Martins, que pede explicações; Pires Gomes, que se refere á sua discussão; Pedro Martins, que pergunta se o ministro do fomento perfilha a doutrina do projecto; Antonio Maria da Silva, que dá explicações; Pedro Martins que entende que não deve ser approvado. Estevam de Vasconcellos, que o defende e por ultimo o sr. Hermano Galhardo que entende que o projecto deve ser enviado á commissão de finanças, com que o Senado concorda.

A sessão foi em seguida encerrada.

ECHOS & NOTICIAS

HONRAS INGLEZAS

O marechal French foi agraciado com o titulo de visconde French of Ypres, commemorando assim a grande batalha que com o seu pequeno exercito feche aos allemães o caminho de Calais.

O almirante Guepratte, commandante da esquadra dos Dardanellos, foi nomeado, segundo a «Gazetta de Londres», commendador da ordem do Banho.

O almirante Beresford e o sr. Thomas, grande proprietario das hulheiras do Paiz de Galles, foram nomeados barões pela forma por que se desempenharam das suas missões ao Canadá e aos Estados Unidos.

Os srs. Goschen, antigo embaixador da Gran-Bretanha em Berlim; o vice-almirante Sturdee, commandante da esquadra britannica no combate das ilhas Malvinas, Yarrow, director dos estaleiros de construcções maritimas, foram nomeados baronetes.

Pelos seus eminentes serviços foram tambem nomeados baronetes os srs. Samuel Palmer, grande fabricante de bolachas, e Richard Burbidge.

Os dirigentes do partido do trabalho srs. Barnes e Crooks, foram nomeados membros do conselho privado de sua magestade.

CASAMENTOS

Realisaram-se: o do sr. João Domingues Alves com a sr.ª D. Luiza de Brito Ferrajote, em Loulé; o do sr. Eduardo de Moura Gomes com a sr.ª D. Wanda Burnay Mendes Leal; o do sr. Carlos José Rodrigues com a sr.ª D. Luiza da Assumpção Rebello; o do sr. José dos Santos com a sr.ª D. Maria da Conceição Ribeiro Lobo.

Estão justos: o do sr. Manuel Ottenberg Nunes com a sr.ª D. Stella Prendi; o do sr. Antonio Godeira com a sr.ª D. Maria Libania d'a Silva, filha do sr. Caetano Alberto da Silva.

No Porto realisaram-se os seguintes casamentos: de sr. Eduardo Rodrigues de Paula com a sr.ª D. Olivia Marinho; o do sr. José de Malta Jotta com a sr.ª D. Alice Jotta dos Santos, e do sr. dr. Carlos Faria Moreira Ramalhão com a sr.ª D. Delfina da Silva Reis.

BOAS-FESTAS

Tiveram a amabilidade de nos enviar os seus cumprimentos de boas festas o sr. dr. Tovar de Lemos e o consulho director do Club Naval de Lisboa. Agradecemos e retribuimos.

DOENTES

Teem estado doentes o srs.: Gonçalo Burnay de Mello Breyner (Mafra), Bernardo de Sousa e Faro, condo de Sousa e Faro, dr. Francisco Damião, Rodolpho Faquendo Casanova, Adolpho Saman, Gaspar Ribeiro de Carvalho, coronel Miguel Garcia, dr. Augusto Guilherme Velloso, e as sr.ªs D. Marianna Gomes de Amorim, D. Maria de Lourdes Magalhães Barros de Sousa Teixeira e D. Izabel Netto Rebello Maia.

DE VIAGEM

Partiram hoje para Dia a sr.ª D. Herminia da Costa Alvares, esposa do sr. Carlos Eugenio da Costa Alvares, e para Macau o sr. tenente da armada Manuel de Athouguia Pinto Basto e sua esposa a sr.ª D. Emilia Pinto Basto.

LUTUOSA

Realisaram-se hoje os funeraes dos srs. Augusto Oscar da Costa Fernandes Igreja, Bernardo da Costa, Eduardo Ferreira, e das sr.ªs D. Maria Augusta Moraes Sarmento, D. Maria de Figueiredo Barbosa e D. Julia Adelaide de Vasconcellos Vilhena.

—Falleceu o sr. general Randolpho Rosmiro Correia Mendes, effectuando-se o seu funeral ámanhã, pelas 12 horas, sahindo da Avenida da Republica, 90, 3.º, para o cemiterio occidental.

Sport

O desafio de «foot-ball» de hoje

No Campo de Sete Rios, com assistencia approximada de 4:000 pessoas, realisou-se esta tarde o desafio entre o grupo cuiso e os jogadores do Sport Lisboa e Benfica. Venceram estes por 5 golos contra 1. O jogo, porém, foi sensivelmente egual, sendo provavel que se realise a desforra no proximo quinta-feira.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque.	34	33 7/8
Londres, 90 d/v.	34 1/2	34
Paris, cheque.	$76	$76,5
Allemanha, cheque.	$28	$29
Hollanda, cheque.	$64,2	$64,6
Madrid, cheque.	1$40,5	1$41,5
Suissa, cheque.	$84,5	$85,5
Italia, cheque.	$68	$70
New York.	1$48,5	1$50
Rio|Londres.	12 1/32	
Libras.	7$50	7$55
Agio do ouro.	58 %	62 %

Lucien Guitry em Lisboa

Lucien Guitry, o grande e extraordinario actor francez, cumprindo uma antiga promessa feita ao seu amigo S. Luiz Braga, illustre emprezario do theatro Republica, vem agora a Lisboa dar apenas oito espectaculos com peças todas differentes no theatro Republica, onde se estreia no dia 18. As oito recitas são com as seguintes peças: *La Griffe*, *Samson*, *L'assaut*, de Bernstein; *L'Emigré*, *Le Tribun*, de Bourget; *La Massière*, de Lemaître; *Le Voleur*, de Flers e Caillavet; *L'abbé Constantin*, de Halévy e Decourcelle. Para estes oito espectaculos está aberta a assignatura no escriptorio do theatro. Dado o enorme numero de assignaturas tomadas e a segura concorrencia á actual proposta da companhia portugueza prefere-se aos seus logares requisitando os bilhetes até ao proximo sabbado.

SPORT

O torneio das quatro cidades

O que foi o primeiro dia

Lisboa vence o Porto e Lausanne Vence Madrid

Por absoluta falta de espaço não publicámos ante-hontem a noticia dos primeiros desafios de «foot-baal». A pedido de «sportsmen» e dos assiduos leitores da nossa secção, publicamol-a hoje tal qual estava composta.

O campo de Sete Rios, pertencente ao Sport Lisboa e Bemfica tinha hontem um aspecto animado de assistencia, enchendo-se os logares destinados aos peões e enfeitando-se as bancadas, tribunas e camarotes.

Era o primeiro dia do chamado torneio de «foot-ball» entre as quatro cidades, cuja iniciativa, muito arrojada, certamente onerosa, mas evidentemente louvavel, pertence ao Sport Lisboa e Bemfica. Todos os que se preoccupam com o athletismo lá estavam, falando, discutindo, dando movimentação festiva ao conjuncto; uns criticando o merito dos «teams» que iam combater-se; outros aventando os mais disparatados prognosticos; todos, porém, salientando a caprichosa temeridade do club lisbonense de mandar vir um grupo da Suissa quando o franco está a 96 centavos, mandar vir um grupo de Madrid com a peseta a 27 centavos; convidar um grupo do Porto na epocha em que as passagens teem augmento de mais dez por cento!

Mas vamos aos desafios...

Os primeiros grupos a combater-se foram os de Lisboa e Porto. Foi movimentado mas pouco interessante porque apesar dos esforços do «keeper» portuense, alto, rapido e energico e apesar do bom trabalho d'um «back», os jogadores do Sport Lisboa e Bemfica ganharam por 9 «goals» contra 0, sem que se vissem inquietados, difficil ou perigosamente, durante a hora e meia do «match». Houve, por vezes, phases renhidas, mas em boa verdade, os proprios vencedores não «apertaram» como ainda o podiam fazer. O Bemfica apresentou em campo a sua melhor gente do primeiro grupo e d'ella temos de salientar Rio que esteve rapido, Arthur Augusto que trabalhou bem, Henrique e Mocho que estiveram bem «collocados» e Pereira, sempre diligente, sempre activo, mas—permittam a nossa impressão individual—abusando muito da queda, com «ares» soffridos ou dolorosos, obrigando o arbitro a apitar com frequencia alguns segundos de «paragem forçada»! E já que falámos do arbitro diremos que foi o sr. Mantero, do Racing de Madrid, que se houve a contento dos jogadores e até do publico, facto raro cá na terra!...

Os portuenses trabalharam muito e com vontade mas a sua «linha» ainda não tem a homogeneidade precisa para vencer um primeiro «team» de Lisboa.

O segundo «match» collocou em frente do grupo madrileno do Racing, o grupo da suissa franceza—«Montriond Sport»—afamado como o melhor da sua região e honrado com victorias que o nobilitaram no athletismo.

Foi o facto d'esta fama dos suissos que excitou a curiosidade das cinco mil pessoas que estiveram em Sete Rios e todos prognosticaram um esmagamento completo do Racing.

Foi tambem e talvez essa fama que excitou os madrilenos a trabalhar o mais que podiam e sabiam, porque lhe metteram medo com esses hercules de Lauzanne, formando uma «linha» poderosa de imponencia physica, com homens mais pesados do que elles, capazes de os derrotarem de maneira que o seu brio sportivo fosse amachucado e ferido...

Pois, senhores, os suissos cahiram bastante n'essa espectativa geral e para surpreza de muitos e d'essa mesma espectativa, os madrilenos portaram-se como uns valentes, atacando com decisão e energia, contrabalançando o peso dos adversarios com impetuosidade nas «avançadas», com mais corrida e com maior opportunidade. E' facto que os suissos carregavam mais sobre o seu campo, mas tambem é facto que os madrilenos se defendiam com coragem, confiados no seu «keeper» que é maravilhoso e convencidos de que os seus «forwards», á menor opportunidade, se escapariam para o campo contrario. N'este embate de processos differentes de jogo se passaram os primeiros quarenta e cinco minutos do desafio, enthusiasmando a assistencia, que applaudia, que victoriava uns e outros e que fazia justas e calorosas ovações ao «keeper» madrileno, rapido, mechidissimo, irrequieto, com muita vista e prompta decisão, defendendo magistralmente em menos de nove minutos sete avançadas perigosas e rapidas, com «schoots» certeiros e fortes! Devemos dizer que os «players» de Lausanne teem trez ou quatro jogadores cujos pontapés são de precisão, firmes e bem «marcados».

O primeiro «goal» foi obtido pelos madrilenos. Calcule-se o enthusiasmo dos espectadores, naturalmente e sempre inclinados a applaudir os mais fracos ou os que a sua imaginação assim acreditava! E então n'esses momentos já muitos desconfiavam do merito do Montriond! Mas, os calculos falharam. Os suissos, que em verdade não teem grande «combinação» são, no entanto fortes e mantiveram-se com o mesmo folego de começo, conseguindo marcar ainda um «goal» na primeira parte, e mais dois na segunda parte, o que dá o resultado final de 3 «goals» contra 1.

O Racing soffreu os dois ultimos «goals», nos dez ultimos minutos do jogo, porque havia diminuindo um pouco o seu fogoso «entrain» da primeira parte, aquelle impulsivismo de energicas arremetidas, que animaram o «match» e só tiveram um ligeiro defeito. Foi o do arbitro, não acompanhar como devia, essa febril mobilidade d'um lado para o outro, evidentemente cançado, pois foi um dos jogadores do desafio antecedente. Não censuramos esse «referee» pelos ligeiros «fouls» que não viu, isto pela razão de que estamos absolutamente convencidos de que o não fez por incompetencia ou desleixo, pois sabemos bem que elle é um dos influentes e amigos do Bemfica e todo o seu empenho era o de que tudo corresse pelo melhor dos mundos possivel... Mas com um jogo como o da primeira parte de hontem, ha necessidade de se arranjar um «referee» que se mecha mais e como tal não tenha jogado, minutos antes, um desafio energico...

Nota do dia

O campeonato de lucta no Porto

Obteve e continua obtendo um grande triumpho o campeonato internacional de lucta que se está realisando no theatro Sá da Bandeira, no Porto. O exito justifica-se porque são combatentes alguns dos melhores athletas de todo o mundo, figurando entre elles, o phenomenal dinamarquez Jess. Petersen.

O campeonato tem despertado successo e justificado constantes emoções do publico. E' que os hercules luctam com energia e com decisão. E' que luctam á valentona, como se verifica pelas seguintes notas que nos envia um nosso camarada de jornalismo, ácerca das trez primeiras sessões:

Simonon venceu Delache, mas este combateu demonstrando conhecimentos do que fazia. Ficou derrotado porque Simonon é mais forte e um primoroso athleta.

Rosset venceu Terrassier depois d'um combate em força, menos interessante que o primeiro.

Hillman venceu Delache. Foi uma lucta de emoções, terrivel, que movimentou a plateia. Hillman é melhor luctador que o celebre Schackman mas talvez peior do que elle. O publico que já na primeira noite tinha sympathisado com Delache, ao vêr as investidas do bruto insultou-o. Os protestos partiam de todos os lados. Hillman enfureceu-se e reincidiu. O publico ameaçou-o e por fim atirou-lhe com as almofadas, que no Porto se alugam á maneira de Lisboa, na praça dos touros. Alguns mais exaltados quizeram saltar á pista, brandindo bengalas e chapeus de chuva. Hillman, cada vez mais furioso, continuou luctando e derrubou Delache por um poderoso «esmagamento de ponte», em 14 minutos.

Petersen venceu Reulel com facilidade.

No primeiro dia a casa estava quasi cheia. No segundo e terceiro «á cunha».

Algumas anecdotas

Olha, pratica o jogo do socco...

—Tu não és capaz de me dar um remedio para a insomnia? Ha oito dias que não «prégo olho»!

—Olha, amigo, faz «box». Na primeira vez em que experimentei levei tal

Noticias

(Communicados e informações)

Entre-nós

Associação do Foot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes).—A'manhã, 4.ª feira, reune a commissão technica; na quinta-feira a direcção, e na sexta-feira realisa-se a quinta reunião quinzenal.

Desafios para domingo: 1.ª cathegoria, Lisboa F. C. contra Internacional, no C. Grande, ás 15 horas, juiz o sr. Arthur José Pereira; 2.ª cathegoria, Internacional contra Sporting, nas Laranjeiras, as 12,30, juiz o sr. Luciano Simões; Bemfica contra Victoria, em Sete Rios, ás 15 horas, juiz o sr. J. Vieira; 3.ª cathegoria, Sacavenense contra Sporting, em Sete Rios, ás 13 horas, juiz o sr. Mario Monteiro; Palmense contra Imperio, no Campo Grande, ás 13 horas, juiz o sr. Alfredo Perdigão; 4.ª cathegoria, Atheneu contra C. Quebrada, em Palhavã-A, ás 13 horas, juiz o sr. Humberto Gonçalves; Bemfica contra Imperio, em Sete Rios, ás 11 horas, juiz o sr. Rodrigo Costa Junior.

Grupo Sportivo dos Caixeiros de Lisboa

E' grande o enthusiasmo nas aulas d'este grupo, pois o numero de matriculas é muito elevado. A' frente das aulas estão os srs. Francisco Padinha, Carlos Alberto Simões, Oscar Delnegro, Jorge de Sousa, José da Silva Ruivo e outros.

União Velocipedica Portugueza

Esta federação realisa na proxima quinta-feira uma sessão de homenagem ao fallecido unionista sr. Lourenço Loureiro, sendo pela mesma occasião distribuidos todos os premios das provas velocipedicas de 1915.

Tiro aos pombos

Em virtude de ser epocha de ferias a que atravessamos foi relativamente pouco concorrida a sessão do ultimo domingo no Stand de Palhavã.

Unicamente, se fizeram 3 «poules», das quaes duas foram ganhas pelo sr. José Martinho Alves do Rio.

A 1.ª «poule» a 1 pombo, a 26 metros foi ganha, como já dissémos, pelo sr. Alves do Rio, que matou 3 pombos seguidos, sendo eliminado á 1.ª volta o sr. conde de Almeida Araujo, á 2.ª o sr. Jorge de Almeida Lima, chegando á 3.ª volta o sr. Alvaro Teixeira (Falcarreira), um novo atirador que se inscreveu no Stand de Palhavã mas que no Stand da Tapada da Ajuda teve tardes felizes.

A 2.ª a 5 pombos, com «handicap», foi tambem ganha pelo sr. Alves do Rio, sendo eliminado á 4.ª volta o sr. Alvaro Teixeira com 3 pombos errados, e o sr. Almeida Lima com 2. Chegou á 7.ª volta com 3 pombos errados o sr. conde de Almeida Araujo, tendo o sr. Alves do Rio ganho com 2 pombos errados.

Terminou a sessão por varios tiros de ensaio ou melhor de treino em que se fizeram tiros muito difficeis, não só em pombos sahidos das caixas como de outros lançados á mão.

A proxima sessão realisa-se no domingo, 9, pelas 2 horas da tarde.

Pela instrucção

Academia de Estudos Livres

Realisa-se no proximo sabbado, ás 21 horas, a primeira das seis palestras sobre historia da litteratura ingleza, que o professor do lyceu Gil Vicente sr. Luiz Cardim vae effectuar na Academia. Essas palestras, que continuarão quinzenalmente, terão o caracter popular de vulgarisação proprio da instituição em que se realisam.

O plano é o seguinte: 1.ª Esboço geral da evolução da litteratura ingleza. Esboço da historia da Inglaterra e da historia da lingua lingua ingleza, indispensavel á comprehensão das aulas.—2.ª Litteratura do periodo inglez antigo e médio.—3.ª A renascença ingleza e a epocha de Shakespeare.—4.ª Da renascença ao romantismo.—5.ª O periodo romantico.—6.ª A epocha contemporanea. Revisão geral.

A entrada é publica.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Syndicato Ferro-viario

Reune hoje a assembleia geral, a fim de apreciar duas cartas dirigidas á commissão administrativa pelos srs. Joaquim d'Abreu e Manuel Ramos e para nomear dois delegados ao congresso da federação de transportes terrestres.

Centro 27 de Abril

Reune a assembleia geral no dia 10, pelas 21 horas, para eleição dos corpos gerentes.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A Sementeira»

D'esta publicação mensal illustrada, de que é director o sr. H. Marques, sahiu o numero 1 da 2.ª serie, correspondente ao mez corrente. Reapparece apoz uma longa suspensão, defendendo com o mesmo ardor antigo as idéas libertarias e muito melhorada no seu aspecto material.

«Historia Universal»

D'esta obra de Guilherme Oncken, traduzida por um grupo de professores de historia, sob a direcção do sr. Agostinho Fortes, edição da casa Aillaud, antiga Bertrand, sahiu o tomo 59.º, abrangendo os periodos da prosperidade da monarchia hespanhola, as guerras de Italia, o primeiro periodo do imperio byzantino e a civilisação byzantina, entrando já na lucta dos iconoclastas e a dynastia macedonica.

Profusamente illustrada com gravuras allusivas aos factos que narra, descendo á pormenorisação rigorosamente historica, a *Historia Universal* de Oncken é uma obra digna de figurar em todas as estantes e que honra a casa que se abalançou á sua publicação.

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 2.—A festa commemorativa do anniversario do Gymnasio Club Figueirense foi grande, extraordinariamente significativa. Um bodo a 100 pobres, brilhantissimos discursos na sessão solemne pelos socios srs. Santos Pinto, tenente de infanteria 28, e Argel de Mello, presidente da S. d'I. M. P. n.º 25, e á noite espectaculo de Galla para os socios no elegante theatro do Casino Peninsular. Subiu á scena a magnifica peça em 3 actos, *20:000 dollars* que teve um desempenho muito fóra do vulgar. Entraram os amadores D. Emilia Rodrigues, D. Candida Barbosa, Maria Alves, Argel de Mello, Francisco Neves, Manuel F. Pereira, Adriano Aguas Junior, Mauricio Pinto, Raymundo Esteves Junior, José Baynaud, Mario Folque, Mario Costa, Emygdio Barbosa e as meninas Maria L. Canellas e Maria do Ceu Rodrigues. Apezar de alguns amadores entrarem pela primeira vez no palco somos obrigados a dizer que se portaram muito bem, pois já vimos, aquella peça representada por artistas de nome cujo desempenho nos não nos agradou como hontem pelos nossos patricios amadores. Sabemos que haverá nova representação em festa publica revertendo o seu producto em beneficio do Cofre do Gymnasio.

—No Parque Cine vamos ter a exhibição da extraordinaria fita animatographica que tanto successo tem feito em Lisboa e Porto *Os Escravelhos d'Ouro*, 4 séries 6.000 metros.

—O tempo melhorou.

—*A Gazeta da Figueira* deixou de ser orgão do evolucionismo local passando a independente.

Movimento maritimo

Braz., R. Prata e Pac. «Victoria» (Liv.)	5
Archipelago dos Açores «Funchal»	5
Afr. Oriental «Conrrie Castle» (Lond.)	5

marinha, mas a vida do mar não o attrahia e por isso, depois das primeiras viagens renunciou a ella e passou para o serviço do exercito, na arma de cavallaria. Aldershot foi a sua primeira guarnição. Depois foi para a Irlanda, estando em Layford, Limerick e Cork. Passou ahi deliciosos dias no «paiz do mundo mais provido de caça», como elle se expressa a respeito da sua estada n'essas cidades. Em 1880, quando era já capitão, casou com miss Eleonora Selby-Lowndes, uma encantadora senhora e uma mãe dedicada de trez filhos que houve do seu casamento; dois filhos e uma filha.

Logo apoz o seu casamento, o capitão French acceitou o logar de ajudante da yeomanry de Northumberland. Em 1882, o 19.º de hussards recebeu ordem para seguir para o Egypto, a fim de se juntar no Nilo á expedição do Soldão, mas o capitão French, com grande pesar seu, teve de ficar em Norwich, a fim de cumprir o tempo que lhe faltava de serviço na yeomanry. Só dois annos depois poude juntar-se ao 19.º no Egypto, por occasião da expedição de 1884-1885 mandada em soccorro do general Gordon.

Essa expedição foi para elle a primeira opportunidade para estudar o actual methodo de fazer a guerra. Pela primeira vez poude elle applicar praticamente as theorias que tinha aprendido nos livros, porque o capitão French lia, lia muito, infatigavelmente, o que lhe prestou valiosos serviços, como elle proprio confessou.

E a prova de que assim foi é que tendo ido para o Egypto como major, foi citado diversas vezes nas communicações de sir Redvers Buller pelos seus magnificos trabalhos e quando voltou á Inglaterra era tenente-coronel.

Não foi animadora a primeira experiencia da guerra. Mas os homens aprendem, indubitavelmente, mais na adversidade do que na fortuna. Pode ser que John French, que tirava uteis conhecimentos de tudo quanto lhe succedia na vida, tirasse uma licção da mal succedida tentativa de sir Herbert Stewart para chegar a Kartum e da triste retirada que se seguiu para vir a effectuar mais tarde a grande retirada de Loos.

Lord Wolseley, que estava encarregado das operações, destacou uma columna volante sob o commando do general sir Herbert Stewart para avançar atravez do deserto, pelo caminho de Metammeh, para alcançar Khartum, que estava então cercada pelos derviches do Mahdi.

Parte do 19.º de hussards, sob o commando do coronel Barrow, tendo como immediato o major French, foi addido á columna para proceder a reconhecimentos. O coronel Barrow era um soldado em extremo habil e exercia profunda influencia sobre John French.

Os hussards desenvolveram extraordinarios recursos na obra de reconhecimentos, fazendo que a columna pudesse avançar vagarosamente, mas com segurança, atravez do deserto.

A expedição sahiu de Korti a 30 de dezembro e em meiados de janeiro as forças estavam em contacto com o inimigo em Abu Klea. No dia 16, os hussards, cuja missão era guardar os flancos da pequena força e evitar que o inimigo fizesse um ataque subito, communicavam que os derviches estavam em grande força entre o acampamento inglez e os poços. Stewart tinha absoluta necessidade de chegar a esses poços e, não hesitando um momento sequer, mandou avançar, com as suas tropas formadas em quadrado.

O inimigo atacou com a terrivel violencia do fanatico que crê que a morte dada pela mão d'um infiel lhe assegura a bemaventurança eterna. O quadrado foi rôto mais de uma vez sob o impulso irresistivel, mas as forças inglezas reformaram-se e á tarde continuavam firmes, ao mesmo tempo que os canhões faziam pôr em fuga as legiões do Mahdi.

A cavallaria perseguiu-as pelo deserto e apoderou-se dos poços, avançando no dia seguinte a columna em direcção á cidade sobre a qual

Surgiu depois a mais retumbante das grandes questões nas quaes interveiu o general Pau antes da guerra: o serviço dos trez annos. Foi um dos obreiros d'essa lei de salvação, para a preparação da qual contribuiu, assim como para a sua votação.

Devem estar ainda presentes na memoria de todos os ataques de que o estado maior do exercito foi então alvo e que, por mais d'uma vez, visaram especialmente aquelle que o representava do modo mais eminente. No momento da discussão da lei, o general Pau foi designado, com o general Joffre, para commissario do governo.

Na primeira sessão, a violencia injuriosa das censuras feitas aos chefes do exercito pelos partidos avançados da Camara provocou um incidente. Por duas vezes o general Pau, indignado, se levantou para sahir. Foi demovido de tal resolução primeiro pelo ministro da guerra, depois pelo presidente do conselho. Houve uma ligeira escaramuça entre a opposição e o governo. Este manteve o seu commissario, cujo movimento natural de revolta foi comprehendido por toda a gente. Mas teve de se renunciar a fazel-o falar no palacio Bourbon.

Os augmentos votados para o exercito allemão faziam do projecto de lei dos trez annos em França uma questão de vida ou morte. Comtudo a obstrucção anti-militarista era tão grande que podiam esperar-se todas as surprezas. N'uma noite reuniram-se á mesma meza o general Pau e o conde Alberto de Mun. Um dialogo discreto se travou entre elles. O sr. de Mun expressava os seus receios; via-se, á medida que falava, passar todas as ondas e subir todas as tempestades do perigoso oceano parlamentar.

Parecia que o general se devia perturbar, elle que conhecia melhor do que ninguem a extensão do perigo. Tal não succedeu, porém. Com uma certeza inabalavel e serena, affirmou tranquillamente que a lei seria votada, porque não podia deixar de o ser. E as razões que dava assentavam n'um conhecimento tão completo, tão minucioso, tão seguro dos elementos do problema que convenciam.

Este pequeno incidente accentúa bem a firmeza d'um espirito sobre o qual não teem influencia as agitações que possa haver á superficie. E d'isso dava em breve prova no Senado. O seu discurso proferido a 31 de julho de 1913 foi um modelo de exposição clara, nitida, condensada, vigorosa. Como n'essa occasião se disse na imprensa, ao ouvir o general Pau na tribuna chegava-se a pensar que o habito do commando e das responsabilidades, com a plena posse de si mesmo que esse habito dá, póde ser melhor escola de eloquencia que a pratica da rhetorica de tribuna. Apresentando o problema militar n'um resumo claro, por assim dizer luminoso, esse discurso produziu a maior impressão.

Gustav Stahl, o reservista allemão que jurou falsamente ter visto canhões a bordo do «Lusitania»

Não se rememora hoje essa discussão, em que a sorte da França se debatia, sem se sentir uma certa angustia. Avaliam-se pelo seu justo valor os argumentos a par dos

ctos que iam em breve dar-se. No meio dos sophismas e das illusões de uns, das affirmações bem intencionadas, mas incertas e por vezes aventurosas de outros, coisa alguma que pudesse oppôr-se á argumentação prudente, concentrada, solida do general Pau. Encadeava-se com uma força discreta, mas irresistivel.

O numero em França era inferior ao da Allemanha. N'esse terreno era antecipadamente batida e ainda mais na reserva do que no exercito activo. Apenas podia encontrar uma vantagem compensadora na qualidade das tropas. Mas essa propria qualidade exigia uma certa proporção de numero: eram necessarias unidades completamente autonomas, isto é, podendo executar todos os actos d'uma instrucção completa sem deixarem de formar um todo independente, sem precisarem de recorrer a elementos extranhos ou se misturarem com esses elementos, sem terem de quebrar ou mesmo enfraquecer a cohesão da unidade.

Tal é a condição essencial d'uma instrucção efficaz. Não a realisou a lei dos dois annos, pois que exige uma maior duração de tempo de serviço.

Era necessario tambem comparar o exercito francez com o do inimigo. A analyse da lei allemã punha em evidencia os resultados obtidos para lá dos Vosges; tornavam possivel a execução mais rapida e mais brutal d'um ataque precipitado; concordavam com o caracter offensivo da estrategia allemã, de que a Allemanha fazia um prolongamento indissoluvel da politica e d'uma politica tendo egualmente a offensiva por principio.

Tudo isso o general Pau disse com uma exactidão e um criterio tão completos que hoje, apoz se terem dado os acontecimentos, nada ha a alterar.

O general terminou recusando todos os projectos de serviço intermediario entre os dois e os trez annos, pelo motivo de ser necessario manter o equilibrio, em todas as epochas do anno, entre os effectivos já instruidos e promptos a tomarem parte na lucta dos dois lados da fronteira.

Um paiz que não quer atacar deve estar sempre em estado de se defender: não póde escolher o momento propicio, antes tem de seguir o rythmo da instrucção e estar attento aos movimentos d'um visinho ameaçador que póde arremeçar-se sobre elle de repente.

Apoz a intervenção do general Pau, a partida estava ganha, o Senado estava convencido. A coragem e a intelligencia de alguns homens acabavam de salvar a França do maior perigo que ella jámais correu.

E não tardou a soar a hora em que foi necessario escrever n'uma outra linguagem, no solo ensanguentado, o poema dos novos destinos da França. O general Pau estava na primeira fila. O limite de edade que o attingiu em novembro de 1913 fel-o deixar o commando do 20.º corpo. Durante um periodo, que se prolongou até ao verão de 1914, preparou e auxiliou ainda o seu successor, o general de Castelnau.

Apenas semanas antes da guerra sahiu de Nancy, para continuar ainda junto do grande estado maior a sua preciosa collaboração. Conhecia-se bem o valor dos seus serviços para não aproveitar a sua dedicação illimitada e só com pezar se reconheceu o direito que elle tinha a repousar.

Entretanto os exercitos francezes começam a sua rude tarefa, na qual se notam desegualdades. As insufficiencias surgem. Ha erros, revezes. Apoz a ebriedade da primeira investida na Alsacia, vem o revez de Mulhouse, que os faz recuar. A' 8 d'agosto, as tropas francezas tinham de abandonar a sua conquista pouco segura.

No dia 9, o general Pau é chamado para fazer face a esse cheque. Era preciso primeiro que tudo tomar conta das tropas que acabavam de recuar e inspirar-lhe confiança; sabia-se que ninguem melhor do que elle para se incumbir de semelhante missão. Em breve, o exito

justificou a escolha que havia sido feita.

Em poucos dias, eram tomadas as medidas necessarias, as tropas francezas avançavam, o inimigo era obrigado a recuar, apesar dos reforços que havia recebido. No dia 18, o general Joffre telegraphava do grande quartel general:

«Durante todo o dia de hontem, progredimos na Alta Alsacia. A retirada do inimigo faz-se, d'esse lado, desordenadamente. Obtivemos, nos dias precedentes, successos importantes e que fazem a maior honra ás tropas, cujo ardôr é incomparavel, e aos chefes que as guiam ao combate.»

No dia 19, os francezes voltavam a entrar em Mulhouse, em condições excepcionalmente brilhantes. A lucta havia sido muito mortifera para os allemães, a quem haviam sido tomados 24 canhões e aprisionados alguns milhares de homens. O communicado do dia seguinte assignalava esses resultados, accrescentando:

«A offensiva, a principio na frente Thann e Dannemarie, depois sobre Mulhouse, foi conduzida com extremo vigor. Por um movimento audacioso, o general Pau, logo que se assenhoreou de Thann e de Dannemarie, levou as suas tropas para oeste de Mulhouse, deixando ao inimigo a liberdade de escolher entre as nossas linhas e a fronteira suissa. Depois, por um outro esforço, os allemães foram repellidos para Mulhouse».

Ameaçados do lado de Colmar e de Neu-Brisach, na sua linha de retirada, foram obrigados a acceitar batalha e impellidos para o Rheno, que atravessaram precipitadamente.

Assim terminou essa bella operação, habil e vigorosamente guiada. A victoria não podia, porém, ser aproveitada. Um grave revez no proximo theatro da guerra fazia com que o general Pau fosse chamado, para lhe ser confiado o commando dos exercitos da Alsacia e da Lorena reunidos. Mas o que se passou na Belgica fez dispersar esse agrupamento e findar a sua missão antes d'elle ter tempo de agir.

E' cedo ainda para se fallar dos serviços de natureza diversa que prestou. O seu nome, o primeiro que havia sido pronunciado desde a abertura das hostilidades, deixou de figurar até ao momento em que recebeu a alta missão de ir á Russia levar a medalha militar que fôra conferida ao gran-duque Nicolau e d'ahi seguir como representante da França para as capitaes do Oriente slavo.

E ultimamente, a quando das remodelações dos altos commandos, o general Pau foi nomeado chefe dos exercitos da fronte occidental, onde, de certo, vae dar, como até aqui, provas brilhantes da sua sabedoria militar e da sua agudeza de espirito.

Démos o retrato de sir John French, o actual chefe do exercito inglez. Não se póde prestar melhor tributo ao caracter e habilidade do homem que no principio da guerra foi nomeado para exercer o commando supremo do maior exercito que a Inglaterra jámais pôz em campo do que a unanimidade com que o governo e a opinião publica na Gran-Bretanha escolheram sir French para comandante em chefe da força expedicionaria britannica que embarcou para França na terceira semana de agosto de 1914.

Sir John French nasceu em Ripple Vale a 28 de setembro de 1852. Seu pae, o capitão de mar e guerra sir John French morreu quando elle contava apenas dois annos, deixando viuva e seis filhos: o futuro generalissimo e cinco irmãs. Foi a mãe, uma lady escoceza, que se encarregou ella propria da educação de seus filhos, destinando o representante masculino á carreira de marinha, como era tradição na familia, pois que, além do pae do sir John French, dois tios-avós haviam servido com distincção na armada, onde tinham chegado ao posto de almirante.

Sir John French foi ainda guarda-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1945—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães · Editor—Camillo Sousa e Almeida · Redacção e Administração—R. do Norte, 5, L.º

LISBOA—Quarta feira, 5 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL · Composição—Rua do Norte, 5, 1.º · Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Os termos da questão

Por muito que Portugal faça, nunca a Allemanha se considerará offendida; por muito que faça a Inglaterra, nunca parecerá que a servimos. Estas palavras são a expressão d'uma verdade que muitos reconhecem e que todos sentem. Ella define uma situação que não é compativel nem com o brio nem com os interesses de Portugal. E essa situação deriva d'uma multiplicidade de factos, alguns dos quaes temos já assignalado.

A seguir á celebre sessão de 7 de agosto do anno findo, em que, quando os exercitos allemães rolavam como uma avalanche irresistivel pela Belgica, com destino a Paris, e com o fito egualmente em Dunkerque e Calais para attingir o coração da Inglaterra, nós desassombradamente proclamámos a nossa solidariedade absoluta com a grande nação ingleza, nossa velha alliada, o povo de Lisboa espalhou-se pelas ruas victoriando a causa dos alliados. Essas manifestações repetiram-se. Onde apparecia um inglez ou um francez rebentava uma ovação popular. Organisavam-se, para saudar as legações dos paizes alliados, cortejos clamorosos. Mas tres ou quatro dias depois apparecia nos jornaes uma nota officiosa onde se recommendava ao povo, com especiosos pretextos, que cessasse as suas manifestações. Esta nota causou surpresa, e essa surpreza maior se tornou quando se soube que haviam sido dadas instrucções á divisão naval para observar as praxes da neutralidade, e que para as colonias haviam sido expedidas ordens no mesmo sentido orientadas.

A estas notas, outras as contradisseram, mas estava lançado o germen da incerteza e da duvida. A' grande, á superior politica nacional, norteada por deveres e aspirações que deviam ser sagrados e promover a unanimidade publica, contrapunha-se uma outra politica, que não queremos classificar nos rigorosos termos que ella merece, politica de negação, politica dubia e tenebrosa, manchada de paixões e interesses inconfessaveis, que teve a sua primeira e vergonhosa expressão na tentativa subversiva de Mafra, em que os monarchicos pretenderam arrastar soldados portuguezes para o seu campo, gritando-lhes: «Não queremos ir para a guerra!»

Não teve nunca essa politica uma importancia que pesasse nos designios nacionaes. Não poude desviar da sua attitude o paiz. Mas conseguiu estabelecer um fermento de desunião, que tem sido indignamente explorado dentro e fóra do paiz, e que porventura serviu de pretexto para se nos crear a miseranda situação internacional, que está affectando o bom nome da nossa Patria e prejudicando os seus destinos.

Entretanto, esse pretexto, se como simples pretexto mesmo poderia ser aproveitado, não impediu Portugal de satisfazer todas as suas obrigações moraes e de cumprir todos os seus deveres de alliança. Dissemos, e repetimos, que ninguem pode deixar de considerar importantissima a cooperação que temos dado á Inglaterra, e portanto aos alliados, na guerra actual, em que pelas nossas declarações de solidariedade com a nação britannica e pelos actos com que a temos affirmado, nos encontramos envolvidos. Não consentindo que os allemães utilisassem o cabo submarino, privámos das instrucções da metropole os defensores das colonias allemãs; enviando tropas para Angola ficámos n'uma situação de hostilidade com essas forças germanicas, ás quaes fechámos a nossa fronteira, impedindo o seu reabastecimento atravez do nosso territorio; navios allemães estão captivos no porto de Lisboa, e os inglezes servem-se das nossas aguas para a sua rigorosa vigilancia maritima, e, ainda mais, facultamos aos mesmos inglezes o serviço da telegraphia sem fios nos nossos postos insulares.

Tudo isto fizemos, e além d'isto demos aos inglezes de Gibraltar mantimentos com que poderiamos ter sustentado um milhão dos nossos compatriotas desde o inicio da guerra, e esses generos não nos abundavam; pelo contrario, a falta de subsistencias em Portugal é tão grande que já quasi nos debatemos com a fome. Demos-lhe, as nossas melhores armas, demos-lhe, os nossos canhões; em consequencia da attitude que tomámos, para cooperar com a Inglaterra e os alliados, travou-se em Africa uma lucta com os allemães em que correu o mais generoso sangue portuguez. No Cuangar, em Naulila batemo-os por uma causa que não era privativamente nossa. E com as expedições que para esse fim enviámos a Angola gastámos rios de dinheiro, compromettendo a nossa situação economica e financeira, a ponto tal que teremos de fazer os mais pesados sacrificios para a restaurar. Mais ainda: d'essa attitude perante a questão externa, surgiram-nos difficuldades internas tão graves que o nosso povo teve de pegar em armas, e fazer uma nova revolução, para esmagar as especulações politicas que n'ellas se originaram e que tendiam ao estrangulamento da Republica, acarretando a perda da nacionalidade.

Tudo isto fizemos, sem alarde, n'uma obscuridade que o nosso orgulho não quebrava e que não houve a justiça de desfazer, para fazer raiar perante todo o mundo a lealdade portugueza. Temos sido e somos um paiz de que se faz uso, como se fôra um simples objecto, e quando muito tem-se-nos perguntado o preço, em metal sonante, em que computamos alguns dos serviços que com maior isenção prestámos. E' certo que o governo portuguez com hombridade respondeu que não era nada, n'essa moeda, mas nem assim briosamente, n'um d'esses gestos que sagram a nobreza das nações, a nossa situação se esclareceu, definindo-se, com a justiça que a importancia do nosso concurso requer e que a nossa dedicação, prompta para o levar até aos ultimos extremos do sacrificio, absolutamente merece!

Migalhas

Esthetica da cidade

Tive ha dias uma palestra interessante com o dr. Levy Marques da Costa, presidente da commissão administrativa do municipio Lisboeta. Com a sua gentileza habitual demonstrou-me que os meus reparos ácêrca da «passarelle» de Entre Campos eram injustificados. Dentro de um lapso de tempo maior ou menor a linha ferrea será enterrada e a perspectiva não soffrerá, como temiamos. A conclusão d'essa obra está ligada com as modificações profundas que estão projectadas em relação aos sitios do Caes do Sodré, assim que se effectue a transferencia do Arsenal para a Outra Banda.

Todo o aspecto d'esses locaes será transformado. Blocos de habitações existentes agora estão destinados a desapparecer. Novos edificios surgirão, entre elles o dos novos correios e uma estação monumental de caminho de ferro. O Terreiro do Paço será alterado, não nas suas linhas geraes, mas em certos detalhes. Por debaixo d'elle se fará a ligação das linhas de Santa Apolonia com as das novas estações. Teremos um caes de luxo, grandes hoteis no desembarque, o traçado das linhas electricas levará novos rumos. Resumindo: um trecho completamente diverso da cidade substituirá o actual, desembaraçando a rua do Arsenal, ampliando o transito, etc.

Não me atrevi a perguntar quando podiamos contar, nós os alfacinhas de hoje, com taes melhoramentos e, habituados como devemos estar a não exigir senão boas intenções d'aquelles que nos governam, bom será que nos alegremos só com o saber que pessoas competentes andam scismando os planos e os projectos. E' sempre assim que se começa e não seria a primeira vez que inesperadamente nós vissemos uma hipothese realisar-se. O diabo tece-as...

André Brun

BASTA DE BRINCADEIRA

Quando é que o telegrapho

transmittirá aquillo que se lhe entrega e não o que elle entende?

Positivamente, aquillo não tem remedio. Exigir do telegrapho que transmitta, conscienciosamente, o que se lhe entrega e se lhe paga é pedir um authentico impossivel. Os fios collaboram sempre com o freguez. Resultado: andam todos ás aranhas. Admira-te, leitor, com este caso banal e risivel. Foi no dia 28 do mez que findou. Alguem d'esta casa precisou de ir a Leiria, onde o esperava um amigo. Quiz avisal-o e tentou dizer-lhe, pelos arames, a hora exacta a que chegava. E fez-lhe expedir um misero telegramma concebido assim: «Só chego 10,15 noite. Adelino». Baldado esforço. Os fios não concordaram com a assignatura e onde estava Adelino puzeram, pura e simplesmente, «Sabino»! Como os senhores veem é exactamente a mesma coisa. Sem tirar nem pôr. Apenas com um pequenino inconveniente. E' que a pessoa a quem o telegramma era dirigido não percebeu nada, e como não percebeu não appareceu. No rol dos seus amigos, não havia nenhum «Sabino». Que mysterioso visitante era esse? D'onde vinha? O que queria? Só uma carta posteriormente recebida explicou o pequenino drama. E só então o destinatario do telegramma soube que um amigo quizera acolher-se á sua fidalga hospitalidade, que não lhe poude ser dispensada por a isso se terem opposto os cavalheiros por cujas mãos passou o inoffensivo despacho. Foi assim que esta façanha telegraphica se desenrolou. E' de se lhe tirar o chapéu! Agora um esclarecimento para quem tem obrigação de olhar lá pelas telegrafias caprichosas da nossa terra. O telegramma deturpado foi crismado com o numero 346 e sahiu de Lisboa ás 16,24, para se desempenhar com tanta lindeza da sua missão. Talvez não seja preciso mais nada para que se premeie condignamente a limpeza com que em Portugal os fios funccionam...

A INDUSTRIA DO PAPEL

O fabrico da pasta

Tanto na metropole como nas nossas colonias se podia produzir a cellulose indispensavel ao fabrico de todo o papel que consumimos

O preço crescente do papel vem evidenciar a situação precaria d'essa industria, que entre nós, afinal, não passa de um artificio. De facto, quasi todas as materias primas são importadas do extrangeiro. Porquê? Porque as industrias chimicas, que deviam ter-se desenvolvido parallelamente, não deram quasi um passo em Portugal; porque a nossa actividade fabril não é fertil em iniciativas; porque nunca os engenheiros das nossas fabricas se occuparam em tirar partido dos seus conhecimentos, e da pratica adquirida, procurando libertar gradualmente o fabrico da tal contingencia da importação e aproveitar melhor os recursos de que dispomos.

Nós importamos, por exemplo, a pasta necessaria ao fabrico do papel. Mas não se poderia em Portugal preparar essa pasta? Vejamos.

Antigamente, quando a imprensa estava longe de possuir a expansão actual, a cellulose indispensavel ao fabrico do papel ia procurar-se ao trapo de linho e de algodão, que era cosido n'uma dissolução de soda com o fim de se dissolverem as substancias agglutinantes das fibras vegetaes. A massa era branqueada pelo processo vulgar do chloreto de calcio. Um bello dia começou a reconhecer-se que o trapo era insufficiente para prover ás necessidades do consumo, e chegou-se até, em alguns paizes, a prohibir a exportação de farrapos velhos. Illusoria medida? Como se tal expediente, ingenuamente simplista, podem resolver o problema! O progresso, a diffusão do jornal e do livro, exigiam cada vez maiores quantidades de papel. Se em qualquer paiz civilisado dividirmos o seu consumo total pelo numero de habitantes, verifica-se que o peso que compete a cada um é infinitamente maior que o de trapo que cada um pode fornecer.

Se em todos os paizes a industria fosse, como a nossa, de natureza *estática*, permitta-se-nos a expressão, não haveria forma de se solucionar o assumpto. A humanidade mal teria sahido das trevas da Edade Media.

Mas, felizmente, não succedeu assim. Os cerebros fizeram-se para raciocinar, e desde que o consumo de papel augmentava sem um correspondente augmento na producção de trapo, procurou-se ir buscar a outras fontes a indispensavel cellulose. Pois se o linho continha as preciosas fibras, se o algodão as continha egualmente, porque não se iria aproveitar a cellulose de outras plantas? Assim, em 1846, preparou-se no sul da Allemanha a primeira massa de papel com tóros de madeira.

Este processo aperfeiçoou-se de tal forma que em muitas fabricas actualmente já não entra sequer um kilo de trapo. A melhor cellulose é fabricada com a madeira do abeto, arvore que abunda nos paizes do norte da Europa e da America, e que é geralmente cortada com 15 annos de edade. Na Suecia, na Noruega e no norte da Allemanha, emprega-se o pinheiro. Em Hespanha e Portugal, pinheiros, choupos, alamos e outras arvores ainda servem para o fabrico da chamada pasta de papel.

Mas ha recursos preciosos que não foram ainda aproveitados entre nós. De uma conferencia do dr. Lassar Cohn extrahimos o seguinte trecho:

«A palha cosida convenientemente dá uma cellulose muito aproveitavel para a industria do papel e ainda melhor é a que dá o esparto, planta da familia das gramineas (*ligeum spartum*) que expontaneamente cresce no Algarve, na Andaluzia, e em maior quantidade no norte da Africa, na Algeria...»

Não sabemos porque motivo se não ensaiou ainda entre nós o fabrico da pasta com o esparto, porque, n'este caso, só teriamos que importar os reagentes chimicos necessarios á extracção da cellulose e ao branqueamento da massa, e a industria do papel ter-se-hia tornado assim mais independente. Mas essa industria é, ao que parece, incapaz de um esforço, ainda quando d'esse esforço resultasse para ella um beneficio grande e para outras industrias a que é indispensavel o papel uma enorme vantagem.

Tambem as colonias portuguezas de Africa poderiam exportar para a metropole grandes quantidades de pasta de papel. A Guiné, a dois passos da Europa, é uma região florestal por excellencia, onde a questão dos transportes do interior se encontra muito simplificada com a existencia de numerosos canaes navegaveis que são outras tantas estradas naturaes a aproveitar. Uma iniciativa intelligente, dispondo do necessario capital, obteria facil remuneração n'uma empreza que nem sequer pode considerar-se arrojada. E que o capital não falta, prova-o bem o facto de se terem, desde o principio da guerra européia, realisado em Portugal fabulosos lucros com negocios de exportação...

UM MILAGRE...

O orpheon de Condeixa

E' uma das mais bellas iniciativas artisticas de Portugal

COIMBRA, 2 de janeiro.—E' sempre assim. Appareça o homem e o milagre faz-se. As coisas extraordinarias já hoje não teem nada de divino. A vontade humana é tudo. Perante ella, não ha impossibilidades. A sua força tudo consegue. A sua seducção tudo conquista. Alguem ouviu por ahi falar do Orpheon de Condeixa? Nem do padre Antunes? Ninguem teve rumores do que é esse tentativa admiravel, que me enche de espanto e me enternece? Não? Pois é necessario que obras d'estas, que homens como este, não fiquem para sempre desconhecidos. Fui a Condeixa de proposito para ouvir o orpheon e para ver o portuguez illustre que o fundou e o dirige. Realisei esse meu velho desejo. Fiquei satisfeito. E' que o consolo espiritual que d'ahi me proveiu foi infinito. Nunca, na minha vida, tomei parte em mais captivante romagem artistica. Raras vezes este meu pobre e gasto coração tem palpitado tão effusivamente como junto d'esse grupo d'homens e de creanças que, vivendo para a sua chimera, vão interpretando Bach, lá longe, entre olivaes tristonhos e varzeas sempre frescas, com a mesma simplicidade com que n'outros terras de Portugal outros homens se esforçam por se perder...

Partimos de Coimbra quasi ao romper da manhã de domingo. Fazem parte da caravana de romeiros Affonso Lopes Vieira, José de Figueiredo, Rual Lino, os viscondes de Sacavem, Camillo Pessanha, o poeta vagabundo, duas ou tres senhoras mais e eu. Cobre a cidade, envolve o Mondego, poisa sobre a paisagem, afoga os altos choupos finos um nevoeiro denso e frio, que veda tudo á nossa vista. Dir-se-hia que caminhamos n'uma nuvem de fumo. Transpõe-se a ponte, adivinha-se, em baixo, a Lapa dos Esteios, passa-se Santa Clara e principia a subida da longa ladeira que conduz ao alto do monte. Quanto mais se sobe, mais densa se torna a bruma. Presente-se, por detraz da espessa cortina que nos isola de quanto nos cerca, o bemdito esforço do sol para chegar até nós. Coimbra, ao fundo, é uma sombra. A dois passos, as arvores do caminho parecem espectros chorando. A ladeira custa quasi uma hora da penosa jornada. Estamos no alto da colina. Os cavallos começam a trotar mais depressa. De repente, o reposteiro de nevoa viva e palpitante corre-se rapidamente. Só ao longe, n'um pincaro da serra, um novelo d'algodão pando continua a rolar e a diluir-se, afastando-se como um foragido...

O sol irrompe triumphante e contente. Os peitos desopprimem-se. As phisionomias abrem-se mais. N'este instante de libertação, Camillo Pessanha conta, em gemidos, como é que na China misteriosa se executam, á vista de todos, os condemnados. O horisonte alarga-se benefico e lindo. Ha azul. Ha luz. E este azul tem uma pureza quasi divina, que nos veste a todos, como uma tunica. E esta luz d'inverno ri como se viesse do olhar de quantos anjos vagueiam pelo espaço, em revoadas alacres, protegendo e guiando nossos passos. Ouvem-se murmurios que parecem falas misteriosas de creaturinhas amigas que se foram. Evoco, n'esta fina hora matutina, pedaços do passado, que são toda a minha vida. E o sol cada vez se ergue mais sobre os olivedos e os pinheiros, que gotejam gerolas sobre a terra levemente vermelha dos montes sombrios. Pela estrada, ha ranchos de camponios, palmilhando, aos saltinhos rithmicos, o macdamo arruinado e enlameado. Condeixa está já á nossa vista. São onze horas da manhã. Chegámos.

De repente, ergue-se a meu lado, á beira da carruagem que me conduz, um verdadeiro colosso. E' o dr. João Antunes, o creador do orpheon. Ha, na sua avantajada figura, muito de raro e de estranho. O seu busto é de proporções excepcionaes. A cabeça tem um volume desmedido. Cae-lhe até aos hombros, uma farta cabelleira que foi loira e que não é ainda de todo branca. O seu falar é lento mas energico. A voz não tem timbres metalicos. No alto da cabeça poisa-lhe, como em certas caricaturas vulgares, um vulgarissimo chapeu molle. Tem um grande poder de attracção este homem raro. A sua fala é quasi ingenua. Os seus olhos azues vogam n'uma humida atmosphera de chimera. Comprehende-se bem que faça proselyptos. Depois de ter passado dois minutos a seu lado, fiquei com a chave d'esse glorioso misterio que era para mim o orpheon de Condeixa, creado pelo dr. João Antunes e tão bizarramente patrocinado pelo grande portuguez que é Affonso Lopes Vieira. Estalam foguetes no ar delgado e quieto que já é, só por si, uma apotheose. Uma philarmonica executa, pela rua fóra, acompanhando-nos á egreja, uma estridula marcha hespanhola. As janellas estão cheias de gente. Toda Condeixa está na rua para ver passar quem vem de longe prestar homenagem áquelles que tanto a honram e a nobilitam.

Na Egreja. Padre Antunes paramenta-se á pressa. Deita fóra o seu frack enorme e enfia a ampla batina. Depois, põe uma grande facha vermelha e o seu roquete acanhado. Principia a missa, celebrada pelo prior de Condeixa-a-Velha. O orpheon está no côro. Ondeiam pelo templo as primeiras melodias. Nunca houve, em Portugal, missa mais religiosamente profana. Os pedreiros, os carpinteiros, os artifices e os cavadores, guiados pela batuta do mestre, cantam Bach e Palestrina. Fica-se seduzido. Não é um molho de vozes humanas que está, aos nossos ouvidos, desferindo sons. E' um orgão poderoso, cujas teclas um artista apaixonado bate com paixão. E d'esse orgão maravilhoso, em que ha creanças de sete annos e velhos de setenta, sahem murmurios e sahem preces, brotam queixumes e risos, nascem angustias e bençãos.

Eis o milagre d'uma vontade que não desanima. Eis o que, do nada, póde tirar a persistencia d'um alnegado e d'um crente. Haverá, junto do altar, um padre dizendo missa? Talvez. Mas a verdade é que, quando o orfeon canta, não dou por isso. Ninguem dá, certamente, por isso.

A missa vae em meio. O orfeon emudece. Vae proceder-se á benção do novo pendão. Desenhou-o Raul Lino. Executou-o e fel-o executar sob a sua cuidadosa vigilancia, D. Alda Lino, esposa do artista. Offerecem-no ao orfeon elles e Affonso Lopes Vieira com sua esposa. O pendão está n'uma hieratica bandeja de prata, que a sr.ª D. Helena Lopes Vieira segura. Cahem sobre elle gottas d'agua benta. O incenso ergue-se em pequeninos e azulados torvelinhos de fumo. Enche a capella-mór um cheiro acre a resina queimada. O pendão desenrola-se e arma-se. Em poucos momentos, surge á vista de nós todos. E' um encanto. D'um lado, Santa Cecilia, a advogada dos musicos, n'uma estilisação perfeitissima, está tocando orgão. A figurinha delicada e angelica recorta-se deliciosamente n'uma doce arcaria de vitral gothico. Mãos pervilegiadas realisaram esta graciosissima preciosidade. Dir-se-hia até que o tocaram e lhe deram vida dedos milagrosos de fada. Na outra face, as armas de Condeixa. Não as ha mais bellas no mundo. Nenhuma outra terra possue um brazão de formosura egual. Quem tem, na verdade, como timbre no seu escudo um fresco cesto de rosas?

Não se me arredam os olhos do estandarte, como não me atrevo a desviar o ouvido dos coraes classicos que no côro o orfeon está entoando com uma unção que me penetra todo. A festa tem um caracter tão seu, tão definido, que surprehende, á força de estranho. N'esta hora bemdita, revive, n'esta egreja banal e feia, muito do que de tradicional se encontra pela nossa historia além. E' o passado que resurge a dizer-nos que n'estas coisas espirituaes a sua belleza era tanta que pouco basta para a fazer resurgir. Em minutos, vivem-se annos e annos. Regressa-se ao que lá vae e fica-se contente por, afinal, ainda ser possivel, n'esta terra de Portugal, mergulhar o espirito na beleza das coisas que não morrem nunca. E a missa acaba. O orfeon emudece. Na egreja, vibram ainda as ultimas notas dos canticos eternos de Palestrina. O pendão novo segue o seu destino. Vae ter o seu glorioso batismo de sol. E pela rua fóra, sob o diluvio de luz que acaricia tudo e que doira tudo, Santa Cecilia, de rosto macerado, de grandes olhos tristes, de mãos longas e finas premindo as teclas brancas do seu pequenino orgão, passa em triumpho, deixando á sua pasagem, no ar tepido, no castissimo ar de velludo azul, uma purissima poalha de bençãos...

Adelino Mendes

Exercicios de esquadrilha

Depois d'ámanhã, uma esquadrilha composta de dois contra-torpedeiros, dois torpedeiros e o submarino *Espadarte*, vae fazer exercicio de lançamento de torpedos, sendo os torpedos lançados pelos torpedeiros, carregados, para explodirem de encontro ao alvo.

Aos exercicios assiste o sr. ministro da marinha e o sr. commandante da divisão naval embarca no *Guadiana*, o navio mais antigo da esquadrilha.

EM TORNO DA GUERRA

Pequenos Estados

Porque se deve desejar a sua independencia absoluta —A sua existencia é um entrave á expansão exaggerada das grandes potencias

Qual é o superior interesse dos pequenos Estados? A que ideal se devem consagrar os pequenos povos, nunca o perdendo de vista? A estas perguntas, que nós proprios poderiamos formular, respondeu um jornal suisso, dos mais cotados, e de cujo artigo recortamos as passagens seguintes, chamando para ellas a attenção dos leitores:

O sr. de Bethmann-Hollweg falou outro dia dos povos pequenos e esforçou-se por tranquillisar os seus sobresaltos. Mas n'estes quinze mezes os povos pequenos deixaram de acreditar nos «pedaços de papel» e em certas declarações officiaes: estão cheios de desconfiança e de inquietação. O que se está passando devia ensinal-os a viver um pouco menos ao acaso, a considerar o futuro, a preoccuparem-se mais com os seus interesses nos grandes conflictos das nações. Mas no nossos interesse é que nós, suissos, pensamos menos. Não se trata dos nossos interesses economicos immediatos: esses conhecemol-os e sabemos muito bem fazel-os valer. Trata-se das condições indispensaveis á nossa vida e á nossa dignidade de povo independente, trata-se do nosso interesse como nação. Cremos, por vezes, defender o nosso interesse defendendo o do visinho; na realidade pensámos no visinho mais do que em nós mesmos; esposamos a sua causa, repetimos os seus argumentos com uma singular paixão, o que fará que uns nos julguem um povo de admiraveis idealistas e outros como provincianos recitando de cór a lição dos mais velhos e adoptando todos os seus sentimentos sem partilhar os seus riscos.

Esqueçamos, por um instante, estes habitos; calemos as nossas sympathias e as nossas affinidades. Fechemos os olhos perante o espectaculo de tantos horrores, cerremos os ouvidos aos gritos de dôr que se erguem de todas as partes. Pensemos apenas em nós. Olhemos attentamente para esta bulha dos povos, mas com o coração indifferente como contemplariamos uma guerra entre tribus africanas. Que devemos desejar para a Suissa?

Consiste o primeiro dos nossos interesses em que nenhum dos nossos visinhos adquira um poderio tal que lhe dê na Europa uma verdadeira hegemonia. A omnipotencia d'um grande Estado visinho da Suissa foi sempre para ella no passado e será sempre no futuro um perigo mortal. Embora esse Estado não tenha nenhum desejo de nos annexar e de augmentar assim entre os seus subditos o numero das «más cabeças», segundo a phrase de Bismarck; muito embora nos garantisse perpetuamente pelos mais solemnes tratados o respeito do nosso territorio e da nossa independencia politica, o perigo permanece o mesmo. Esse grande Estado dispõe dos grandes mercados do mundo e constitue nas nossas fronteiras, por esse unico facto, uma força de attracção á qual não poderiamos saber resistir. Em certas horas de crise, o interesse do commercio e da industria, o cuidado do pão quotidiano dominam todos os outros sentimentos. Releia-se a historia de Mulhouse e do seu rompimento com o corpo helvetico.

Eis uma das razões pelas quaes se torna necessario para a Suissa que a Gran-Bretanha conserve o seu poderio: a politica que em todo o tempo adoptou no continente foi sempre a mais conforme aos nossos essenciaes interesses. Todo o Estado que tem em vista dominar na Europa encontrou contra elle o rei de Inglaterra.

Dir-se-ha que a victoria da Quadrupla-Alliança pode crear outras preponderancias tão temiveis para nós como a da Allemanha. Qualquer grande Estado, e não só a Allemanha, pensa em ultrapassar os outros em poderio, em grandeza, em influencia. E' certo. Mas a victoria da «Entente» seria sempre a victoria de quatro Estados, que será sempre impossivel subordinar a uma unica vontade (em demasia o teem mostrado durante esta guerra). Victoriosos, ficarão independentes uns dos outros, eguaes em direitos e facilmente rivaes e concorrentes.

A victoria dos imperios centraes estabeleceria, pelo contrario, a preponderancia d'um unico Estado: a sorte da Austria-Hungria está ligada, para muito tempo, á da Allemanha que ficará, como succede actualmente, a potencia directriz cuja vontade faz lei do Baltico ao Bosphoro.

Pelo mesmo motivo, devemos desejar a manutenção na Europa e a independencia absoluta de todos os pequenos Estados. A sua propria existencia é um entrave á expansão exaggerada das grandes potencias. Entre elles e nós existe uma solidariedade natural e benefica. Por outro lado, representam, melhor do que os mais generosos d'entre os grandes, a idêa do direito, porque precisam do direito. O respeito do direito, o respeito dos tratados é a propria condição da sua existencia. Manteem assim no mundo o culto da justiça.

Este argumento parecerá desprezivel aos historiadores da nova escola allemã, os unicos entre os pensadores contemporaneos que teem contestado os direitos dos pequenos povos e annunciado o seu fim. Para nós é um argumento essencial. Podemos dispensar-nos de concluir.

Os progressos da aviação militar

A crise de construcção em França—A crise de benzina na Allemanha

O deputado d'Aubigny, presidente da commissão de aeronautica, lançou ha dias em Paris um grito de alarme. A aviação militar em França, affirmou elle, atravessa uma crise tremenda. A producção dos aviões foi, em novembro, 25 por cento inferior á de setembro, e parece que diminuiu ainda no mez passado. Examinando o valor da quinta arma, não já em relação á quantidade de apparelhos de que ella dispõe, mas sob o aspecto da qualidade, verifica-se que os francezes realisaram grandes progressos na aviação desde o começo da guerra, que devido a esses progressos, por alturas de março, os allemães tinham perdido a superioridade no ar mas que n'este assumpto a França se encontra actualmente na situação de inferioridade.

D'Aubigny reclama pois que aos combatentes sejam fornecidos apparelhos de combate leves, manejaveis, poderosamente armados para poderem com efficacia policiar os ares, protegendo os aviões especiaes destinados a regular o tiro da artilharia, cujas caracteristicas são inteiramente differentes. A existencia de um tipo unico de avião militar, que alguns investigadores teem procurado estudar, é uma perfeita chimera. Nenhum artilheiro decerto tentaria construir um canhão que reunisse ao mesmo tempo as qualidades do 75 de campanha, do morteiro de 370, do canhão longo de 320 e do canhão-revolver. E' uma utopia.

Termina o deputado da Sarthe por se referir ás seguintes palavras de um dos melhores pilotos francezes:

—Agora que os «boches» possuem aviões rapidos e bem armados não subimos uma unica vez o perseguil-os sem ter perdido por completo o amor á vida. Defendemo-nos, por que é uma questão de nervos. Mas dae-nos apparelhos rapidos, providos de boas metralhadoras, e não tardará que limpemos novamente os ares. O que é preciso é que isto mude...

Os allemães, pelo seu lado, não cessam de construir intensamente os seus aviões. Segundo declararam dois officiaes aviadores que os russos fizeram prisioneiros, a Allemanha possue tres cathegorias de aeroplanos militares. A' primeira pertencem os exploradores, que se distinguem pela solidez da construcção, pelas suas qualidades de resistencia, e pela grande porção de combustivel que podem transportar. Os aviões d'este typo fazem reconhecimentos a distancias enormes. São, em geral, biplanos do typo «Albatros», e tendem a substituir cada vez mais os famosos «Taubens».

Nos ultimos tempos, parece que se inventou uma substancia que encorporada nas azas dos aviões as torna transparentes, o que torna difficilimas as pontarias feitas contra elles, visto não ser possivel determinar com exactidão a altura a que se encontram.

O segundo grupo compõe-se de apparelhos destinados ao ataque e ao combate contra aviadores inimigos. A este grupo pertence tambem um novo typo de aviões de duas caudas, cuja barquinha, blindada, possue duas metralhadoras, uma á frente, outra na retaguarda. Cada avião d'estes possue, como os «Albatros», dois motores de 250 H. P. Pertencem egualmente a este grupo os apparelhos Focker, com metralhadoras que atiram atravez da helice (sic.) Os aero-destructores constituem tambem um novo tipo que os officiaes prisioneiros se recusaram a descrever.

A' terceira cathegoria pertencem os aviões da telegraphia sem fios destinados á regulação do tiro da artilharia e a outros signaes. Accrescentaram ainda os pilotos allemães que a maior difficuldade com que está luctando a aviação no seu paiz é a escassez de benzina e de oleos proprios para lubrificar os motores. Ao menos, valha-nos isso...

Os grandes heroismos

Londres, 2 de janeiro

O sr. Blackwood, pastor da egreja escoceza, contou a seguinte, quasi inacreditavel mas commovente historia, que teve como heroina uma creatura de appelido Laurenson, mulher d'um pescador do norte da Escocia, que habita uma cabana situada á beira d'uma pequena bahia natural.

Certa manhã de junho, quando velava um filhinho enfermo, viu um submarino allemão mergulhar no canal que communica a referida bahia com o mar. Na vespera, o medico que tratava o doente dissera-lhe que n'aquelle dia um couraçado inglez devia vir ancorar ali. O submarino ia ter optimo ensejo de metter no fundo um vaso de guerra que tinha a bordo oitocentos marinheiros britannicos. A pobre mulher encontrava-se em frente d'um terrivel dilemma. O medico recommendara-lhe

QUESTÕES PEDAGOGICAS

O ensino primario em Lisbôa e no Porto

A extincção do conselho inspector—Sem verdadeira e efficaz fiscalisação não pode haver bom ensino

Porto, 3

Pela lei n.º 449 foi creado um quadro de professorado especial e privativo das cidades de Lisboa e Porto, sob a direcção autonoma das camaras municipaes respectivas, e pelo regulamento da mesma lei, confiada a fiscalisação d'esse ensino a um conselho inspector especial em que tomavam parte o inspector do circulo, o director da Escola Normal, um representante do ensino superior e outro do ensino secundario.

Esta lei foi approvada no parlamento, mas levantou logo varios atrictos entre o professorado primario do paiz, com o fundamento de que o conselho inspector brigava com a legislação anterior que n'aquelle ponto não tinha sido «revogada».

O actual ministro da instrucção, sr. Ferreira Simas, deu ouvidos ás reclamações feitas e, conservando a lei, acabou com o conselho inspector voltando á antiga fiscalisação do ensino.

Como em *A Capital* de 1 e 2 de novembro do anno findo tratámos d'este assumpto, n'uma entrevista que amavelmente nos concedeu o sr. dr. Mario de Vasconcellos e Sá, intelligente professor do lyceu Rodrigues de Freytas e um dos «novos» que com mais talento e faculdades de trabalho se tem dedicado ao problema fundamental do ensino primario, a elle nos dirigimos novamente, pedindo-lhe a sua opinião sobre a medida tomada pelo actual sr. ministro da instrucção.

Sua ex.ª procurava escusar-se a dizer-nos o que pensava sobre o assumpto, especialmente porque fazia parte do conselho inspector extincto e não queria que se julgasse falar por paixão, por despeito.

Insistindo, e porque se tratava de um dos problemas fundamentaes do resurgimento nacional que em primeiro logar depende do ensino e particularmente do ensino primario, o sr. dr. Vasconcellos e Sá disse-nos:

—Nada se lucrou e talvez se tenha prejudicado o ensino com a extincção do conselho inspector, porque, em meu entender, sem verdadeira e efficaz fiscalisação não pode haver ensino progressivo, basilar, effectivo, educativo, nacional.

«A fiscalisação do ensino não se tem feito rigorosamente, porque não só os inspectores não teem tido tempo para se dedicar a essa importante tarefa (são elles proprios que o dizem) como tenho reconhecido,—e é tambem opinião geral,—que, como está organisada, tal fiscalisação corresponde a zero. E' certo que ha inspectores de grande competencia. Mas a fórma de que ultimamente se tem lançado mão para o seu recrutamento concorre ainda mais para aggravar a sua má organisação. Eu penso que não pode haver um bom ensino sem uma boa fiscalisação, que valorise e exija responsabilidades á qualidade do trabalho.

«E não se diga—accrescentou—que me refiro sómente ao ensino primario. Sou professor lyceal e affirmo que em todos os ramos de ensino uma, se não a principal causa da sua defficiencia, está na falta de fiscalisação. Como é que um inspector de circulo pode ser independente, verdadeiramente independente nas suas apreciações, nos seus exames, na sua fiscalisação, se elle vive n'aquelle meio, cria relações pessoaes de amisade, tem de ser, pelos habitos, pelo proceder, um fructo, um resultado do meio em que vive?

«Basta este facto, que é positivo, scientificamente demonstrado, para condemnar a fiscalisação como estava e como fica, visto os inspectores ficarem a residir dentro dos circulos, dentro da zona de todas as influencias passivas.

—E como entende v. ex.ª que deve fazer-se a fiscalisação do ensino?

—Entendo que em cada districto se deveria constituir um conselho de inspectores, presidido, talvez, por um professor de ensino superior ou secundario, em que entrassem todos os actuaes inspectores de circulo e em que nas suas sessões fosse determinado qual o inspector que deveria, o a quem competeria, durante uma certa epocha, a inspecção das escolas do concelho A, B, C, etc. O relatorio de cada um d'estes inspectores seria lido em sessão do conselho, apreciado e por sua vez verificado pelo inspector que fosse nomeado ou escolhido para continuar a fiscalisação dos concelhos respectivos.

«D'esta fórma não haveria o perigo da continuidade de funcções, tornando-se a fiscalisação mais seria, independente e efficaz.

«Evidentemente se prova e é da mais rudimentar percepção que, depois d'isto, a organisação dos conselhos de inspectores, creada pelo regulamento da lei 449, do ex-ministro da instrucção sr. dr. Lopes Martins, tinha vantagens indiscutiveis, e era muito superior, muito mais efficaz do que a fiscalisação a que voltamos. Mas o assumpto é vasto. A'manhã lhe direi o mais que penso sobre tão importante problema».

a maxima vigilancia junto do filho doente cujo estado era perigoso e a estação telegraphica mais proxima ficava a uns dois kilometros de distancia da cabana que era a unica habitação no sitio.

A senhora Laurenson, porém, não hesitou. Correu ao telegrapho e no regresso deparou-se-lhe o filho morto... Duas horas mais tarde um caça-minas entrava na bahia. O submarino afundou-o com um torpedo, salvando-se a tripulação.

O barco allemão preparava-se para fugir, quando lhe surgiu pela frente o couraçado disposto a dar-lhe combate, porque fôra prevenido. O submarino preferiu render-se. A bordo estavam alguns pescadores inglezes recolhidos pelos allemães após alguns dos seus torpedeamentos. Entre esses pescadores achava-se Magnus Laurenson, o marido da escoceza. Informou o commandante do couraçado de que a sua casinha ficava ali perto e pedia licença para se ir juntar aos seus. Pouco depois, o commandante era informado de dedicação da esposa de Magnus e foi pessoalmente agradecer-lhe. Seguia-o um marinheiro que levava nos braços uma creança desconhecida, encontrada e recolhida em pleno mar,—uma victima dos piratas. «Quer adoptal-a?»—perguntou-lhe.

A mãe sem filho tomou o bébé nos braços e apertou-o contra o seio. Foi a sua unica resposta. Quando o commandante se retirou, não sem ter deixado á mulher de Laurenson uma boa recompensa em dinheiro, as lagrimas da heroina escoceza eram menos amargas e a creança desconhecida sorria-lhe, como se fosse o proprio filho resuscitado...

Paris, 1 de janeiro

Um rapaz de Lille, estudante quando rebentou a guerra, foi preso pelos invasores allemães que suspeitaram do seu ardente patriotismo. Julgaram-no summariamente e fuzilaram-no na cidadella de Lille.

Léon Turlin—tal o seu nome—manteve até ó fim uma coragem, uma decisão, uma grandeza de alma admiraveis. Ao mesmo passo que o capellão, que lhe ministrou os derradeiros soccorros espirituaes, tinha o rosto sulcado de lagrimas de commoção arrancadas pela serenidade stoica do bello rapaz,—o condemnado, sem um instante de desfallecimento, declarava-se feliz por soffrer o martyrio pela patria. Não consentiu que lhe vendassem os olhos. Quando o pelotão recebeu a voz de fogo, Léon Turlin, pondo a mão sobre o coração, exclamou: «Allemães, apontem para aqui!»

Tão glorioso fim encheu de admiração e de enternecimento todos os habitantes de Lille. A memoria do estudante martyrisado ha de receber, como a de Bara, depois da guerra, a consagração que lhe é devida.

Theatro S. Carlos

A magnifica companhia do theatro da Republica antes da inauguração do novo theatro que se realisa na proxima semana dá dois espectaculos em S. Carlos no sabbado com a celebre peça historica *Aigdarrota* e no domingo realisará definitivamente a ultima recita antes da abertura do novo theatro.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Frei Luiz de Sousa—Freira de Beja.
TRINDADE—A's 21—Dia de juizo (Revista).
POLYTEAMA—A's 21—Oiro sobre azul.
GYMNASIO—A's 21—O commissario de policia.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—A viagem de Suzette.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—Não ha espectaculo.
MODERNO—A's 20,30 e 22,30—Sempre ás ordens. (Revista).
PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—O palhaço.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Gioconda.

Boatos e informações

Entre nós

No Colyseu repete-se hoje uma das operas mais queridas do publico, a *Bohème*, de Puccini, desempenhando pela primeira vez a parte de *Rodolpho* o tenor Armando Marescotti, que hoje é apontado como um dos artistas de mais largo e radiante futuro. A sr.ª Assumpta Gargiulo voltará a ser a *Mimi* ideal e a sr.ª Gina de Martini a bulicosa e divertida *Musette*.

A'manhã canta-se a *Gioconda* com o soprano dramatico Maganna Lopez e o barytono Mino Zuffo.

● No theatro Variedades, calçada da Estrella, reapparece no proximo sabbado, realisando ao mesmo tempo a sua festa artistica, a actriz Guilhermina Paiva, que em tempos fez parte do elenco d'aquelle theatro, para onde volta. A pequena actriz desempenhará pela primeira vez n'essa noite o papel de protagonista da operetta *Soldado chocolate*.

● No theatro Moderno, em sessões, representa-se ámanhã e no sabbado e domingo a revista *Sempre ás ordens*. Na proxima semana faz-se a *réprise* da revista *Sempre fresquinho*. Da companhia que ahi trabalha, ao que nos informam, deixaram de fazer parte a actriz Piedade Costa e o actor Coelho da Costa.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Commissão permanente de vigilancia das cooperativas

Com a comparencia dos vogaes srs. Antonio de Mello e José Alves Ferreira, reuniu ante-hontem sob a presidencia do sr. Carlos Lino da Rocha, secretariado pelo sr. Roberto Mendes de Carvalho, a commissão permanente de vigilancia das cooperativas.

Motivára a reunião o haver sido renovada na Camara dos deputados a iniciativa do projecto de lei que em 25 de abril de 1915 o então ministro do fomento, sr. Antonio Maria da Silva, entregára á apreciação da mesma Camara.

Foram recordadas as diversas phases do movimento so tempo effectuado e que foi desde as reuniões das collectividades interessadas ao comicio de publico protesto e desde a reclamação junto do respectivo ministro até á representação ao poder legislativo, para que da citada proposta de lei fosse excluido o § unico do artigo 5.º, pelo qual, no caso do projecto ser convertido em lei, as cooperativas eram coagidas a, dentro do praso d'um anno, se converterem em associações de soccorros mutuos.

Salientou-se a circumstancia do bom acolhimento dispensado por parte de todos os senadores e deputados, ministros e chefes politicos, os quaes mostraram bem receber a exposição que lhes foi presente, mui especialmente o sr. Antonio Maria da Silva que a chamou tão justa que, em 18 de abril de 1914, apresentou um novo projecto de lei do qual aquella contestada disposição não fazia parte.

Verificou-se, infelizmente, que a despeito da violencia que originou tão clamorosos protestos acaba de ser reeditada a iniciativa, repudiada já pelo seu primitivo apresentante.

Por ella, aquelles que entenderam que deviam organisar-se sob a fórma «cooperativista», se abrigo de então, como ainda hoje, preceituado no Codigo Commercial, são agora obrigados a retrogradar para o systema de «soccorro mutuo» em que as iniciativas não se podem legislar de qualquer importancia á Constituição Republicana, que prescreve que ninguem pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei, que no caso presente é o citado Codigo.

Resolveu-se por unanimidade:

1.º—Tornar publica, mais uma vez, a discordancia absoluta dos «cooperativistas» com a doutrina do § unico do art. 5.º da proposta de lei em questão. 2.º—Telegraphar ao sr. presidente da Camara dos Deputados solicitando que o projecto não seja posto em discussão sem que primeiro elle o novo representem as corporações interessadas. 3.º—Renovar a representação ao poder legislativo que, sobre o assumpto lhe foi entregue em 1915. 4.º—Solicitar o valioso auxilio de toda a imprensa diaria de Lisboa e Porto, em tão momentosa questão. 5.º—Convocar opportunamente a reunião das associações interessadas, para lhes dar conta do estado em que se encontra o movimento novamente encetado.

Deliberou-se tambem officiar ao deputado sr. Constancio de Oliveira, enviando-lhe copia da presente nota e solicitando para ella a sua esclarecida attenção, e dar, por proposta do vogal sr. Alves Ferreira, um voto de pleno confiança ao secretario da commissão, para escrever a sua redacção as bases do anterior, convocando, sempre que assim o entenda, a reunião dos seus collegas.

Centro Eleitoral dos Defensores da Republica

Como já noticiámos, reune a assembléa geral ámanhã, ás 21 horas prefixas, na séde, rua Alves Correia, 85 para eleição dos corpos gerentes que hão de servir durante o anno, discutir e approvar os estatutos e resolver sobre outros assumptos muito importantes.

Club «Razão e Justiça»

Para apresentação e approvação dos projectos da futura bandeira d'esta collectividade, reune a assembléa geral ámanhã, ás 20 horas.

O concerto Blanch do proximo domingo em S. Carlos

Vae ser um dos mais calorosos triumphos para o maestro Pedro Blanch e para a sua Orchestra Symphonica Portugueza o concerto que se realisa no proximo domingo em S. Carlos, pois raras vezes se organisa um programma tão artistico e tão notavel como o d'este concerto. Em 1.ª parte executa-se o bellissimo poema symphonico *Mazeppa*, a mais extraordinaria obra de Liszt. Executa-se ainda a famosa *7.ª symphonia* de Beethoven, *A Walkyria, Despertar de Wotan* e *Encanto do fogo*, de Wagner, o *Oberon*, de Weber, a *Fileuse* e *Chanson de Printemps*, de Mendelssohn, a *Marcha militar*, de Schubert e outras composições de grande nomeada de auctores classicos e modernos. Um tal programma justifica o enthusiasmo e a concorrencia que está despertando.

Guitry em Lisboa

Tem sido concorridissima a assignatura para os oito unicos espectaculos da grande actor francez Lucien Guitry que se estreia no proximo dia 18 no novo theatro Republica. Os espectaculos são todos com peças differentes, os maiores successos do celebrado artista. Os assignantes da companhia portugueza da actual epoca teem preferencia nos seus logares até o proximo sabbado.

ESCOLA DE ARTE DE REPRESENTAR

Uma bella recita

A Escola da Arte de Representar, que tem este anno uma notavel frequencia, vae proporcionar-nos no dia 17 do corrente, uma soberba demonstração do seu valor como estabelecimento de ensino e dos meritos dos seus professores e tambem dos seus alumnos. Trata-se d'uma recita no theatro Nacional com um programma que permitte avaliar os progressos d'aquella importante secção do nosso Conservatorio e que tamanho impulso tem recebido desde que Julio Dantas assumiu a sua direcção. Dois numeros são absolutamente novos: a pantomima «Pierrot anarchista», de Lopes de Mendonça, em que revivem os typos celebres da commedia italiana e uma movimentada figuração mostra tambem os progressos da aula de dança, e o «Oedipo», de Sophocles, adaptado por Julio Dantas e Lopes de Mendonça, e em cuja interpretação entram alguns dos mais brilhantes alumnos da arte dramatica. Se as variadas aptidões scenicas dos futuros artistas se podem apreciar, d'um modo seguro, na tragedia e na pantomima que vamos ver no Nacional, e em que—estamos certos d'isso—haverá verdadeiras revelações, a «reprise» do «Auto do fim do dia», de Antonio Correia de Oliveira, e que tão extraordinario exito obteve no mesmo theatro, fornecer-nos-ha ensejo de admirar, mais uma vez, o talento musical de Herminio Nascimento que tambem compoz a partitura da pantomima e o côro tragico do «Oedipo».

A declamação, o canto, a mimica, a dança, a propria esgrima, hoje professada na Escola, cultivam-se no Conservatorio com um singular proveito como o publico verificará assistindo ao espectaculo do dia 17, para o qual está á venda no Nacional os respectivos bilhetes.

Concerto David de Sousa

E' o seguinte o programma completo do concerto de domingo no Polytheama pela orchestra portugueza de regencia do maestro David de Sousa:

1.ª parte—*Leonor* (abertura), Beethoven; *Impressões musicaes* (1.ª audição), Thomaz de Lima; *Dansa norueguesa n.º 2*, Grieg.

2.ª parte—*Scheherazade* (2.ª audição) de Rimsky-Korsakow.

3.ª parte—*Esboço symphonico*, Freitas Branco; *Phantasia* (1.ª audição), do mesmo auctor; *Rapsodia Hungara n.º 2*, Liszt.

ULTIMAS NOTICIAS

Na Camara dos Deputados

Não houve sessão por falta de numero

Foi hoje dia de eclipse total na Camara dos Deputados. O presidente, sr. dr. Manuel Monteiro, não appareceu á hora da primeira chamada. O sr. Godinho, primeiro vice-presidente, tambem não. O sr. Simas Machado, segundo vice-presidente, está enfermo. D'ahi, recorrer-se ao legislador mais antigo. Coube assim a sorte de iniciar os trabalhos ao sr. Carvalho Mourão, a quem, pela segunda vez, cae em casa tal desgraça. Faz-se a primeira chamada, e a respeitavel companhia responderam apenas trinta e tantas vozes. E' pouco. E' mesmo pouco mais de nada. Dez minutos de espera. O sr. Godinho surge, rubicundo como sempre, e o sr. Mourão volta para a modestia da sua poltrona. Inicia-se a segunda chamada. O sr. Balthazar Teixeira declina os nomes com manifesto desejo de chegar ao fim quanto mais cedo melhor. Mas sempre chegou. Os proceres presentes não chegam. E' uma arrelia, não ha duvida. Que fazer?

Ganhar tempo. A lista dança nas mãos do primeiro secretario uma ronda diabolica. O sr. Godinho disfarça. Finge que não ouve as piadas da opposição e espera. O sr. Pereira Victorino chegou agora mesmo e é dos que mais protestam. Faz muito bem. Alguma vez havia de fazer uma coisa bem feita. O sr. Arthur Costa, para justificar as suas pretensões a Petronio de Castello Rodrigo, luz um monumental chapeu alto. Ha alarido. O sr. Godinho não se dá por derrotado. O sr. Costa Junior intervem. Quantos são precisos para haver funcção legislativa? Sessenta e tres. E quantos estão na sala? Sessenta e cinco. Logo... E' agora. O sr. Godinho, mais o sr. Balthazar Teixeira confrangem-se todos. Lá vae o golpe de misericordia. Não ha numero, declara o sr. Godinho. Já cá se sabia. A proxima sessão é ámanhã. E', se for. Mas quem nos diz a nós que os srs. legisladores não preferem ficar a tomar o sol a irem para S. Bento encher-se de rheumatismo?

NO SENADO

Elege-se um vogal para a commissão technica d'acquisição de material naval

Preside o sr. Correia Barreto e respondem á chamada 26 senadores. Lida a acta pelo sr. Lourenço Serro, e approvada esta, vae o expediente ao seu destino depois de lido pelo sr. Paes de Almeida.

Antes da ordem o sr. Paes Gomes pede providencias contra as arbitrariedades commettidas pelo administrador de Tondella. Este funccionario, padre pensionista da freguezia e ecclesiasticamente excommungado, para se vingar do respectivo bispo por para lá ter mandado um substituto, phantasiou um homicidio para o prender a elle e a alguns amigos que se haviam juntado n'uma capella particular para ouvir missa. E não se limitou a prendel-os, andando depois em exposição com os presos pelas ruas da villa a caminho da estação e d'aqui de novo para a cadeia. Estes factos são graves e conseguiram irritar os animos da gente sensata de Tondella que fez uma manifestação hostil ao administrador. Não havia motivo nem para as prisões, nem para a exhibição dos presos. Pede portanto providencias, chamando para estes factos verdadeiramente anormaes a attenção do sr. ministro do interior.

O sr. Almeida Ribeiro pelas informações que tem do caso não julga que o administrador viesse exorbitado. Se o fez porém, elle ministro mandará averiguar, e se alguem delinquiu será rigorosamente castigado. No entanto se as victimas crêm que teem motivos para se queixar, devem appellar para as vias competentes que justiça lhes será feita. Quanto á excommunhão do padre, hoje administrador, esse facto não implica o ministro. Interesse nem para o governo nem para o Senado...

O sr. Thomaz da Fonseca, á parte:—Perdão: para mim valorisa o padre perseguido.

O sr. ministro, continuando, promette averiguar, affirmando ainda que tambem por padres ou bispos, que communguem ou não, não valem. Todos, bispos ou padres, ou simples cidadãos estão para os devidos effeitos ao abrigo da Constituição.

O sr. Paes Gomes replicando affirmase bem informado no caso e diz que o assumpto para não passar em julgado sem um inquerito rigoroso, que pede.

Não é uma questão de padres. E' uma questão de ordem publica a que é positivel attender com energia e justiça.

O sr. Almeida Ribeiro fala ainda novamente para prometter que justiça se fará.

E' depois introduzido na sala o novo senador eleito por Coimbra sr. Gaspar de Lemos (democratico).

E entra-se na ordem do dia com a eleição d'um vogal para a commissão technica de aquisição de material naval.

Ficou eleito o sr. Camara Leme por 27 votos.

Segue-se o projecto tornando extensivas a todos os individuos provenientes do corpo de marinheiros da armada que foram promovidos ao posto de 1.º sargento por distincção as disposições da lei de 13 de julho de 1914. Approvado sem discussão.

A proxima sessão é na segunda-feira, á hora regimental.

EM SANTA APOLONIA

Agulheiro morto

Quando hoje a machina n.º 82, de que eram machinista Manuel Ribeiro e fogueiro Antonio Ferreira Pina, recolhia ao deposito de Santa Apolonia colheu João de Campos Costa, agulheiro na mesma estação, o qual conduzido em maca ao hospital de S. José, chegou ali já cadaver, pelo que foi removido para a Morgue.

O morto, que ora muito estimado, morava na calçada do Tijolo, 39, 1.º, e deixa viuva e tres filhos.

Festas associativas

Concentração Musical 5 de Outubro

Continuam no proximo sabbado e domingo as festas commemorativas do 2.º anniversario d'esta Sociedade, realisando-se no primeiro d'estes dias uma escolreo dançante, e no domingo recita, cujo decorrer se obedecerá a grande maneira de 4 actos de grande espectaculo *Jocelyn*, o *pescador de baleias*, seguindo-se baile que durará até de madrugada.

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 5.—Communicado britannico.—Ao norte de Armentières e a nordeste de Ypres reduzimos ao silencio duas baterias de obuses, e dispersámos os trabalhadores inimigos. Ao norte de Albert o inimigo depois de um violento bombardeamento abriu vigorosa fusilaria contra as nossas trincheiras. Impedimos, porém, com o nosso fogo que o ataque se desenvolvesse.—(*Havas*).

PARIS, 5—Communicação official das 15 horas:

Durante a noite, os allemães, depois de um violento bombardeamento, pronunciaram um ataque bastante forte contra as nossas trincheiras, entre a cota 193 e o massiço de Tahure, mas foram completamente repellidos.

No resto da linha não houve acontecimento algum importante.—(*Havas*).

A campanha na Russia

PETROGRADO, 4.—Official. Repellimos os allemães que tentavam atravessar o Dvina na região de Elisenhof e approximar-se das nossas trincheiras em Tzargrad. No medio Strypa occupámos uma parte das trincheiras inimigas a leste de Biemavintze e tomámos de assalto o forte de Isch. A nordeste de Czernowitch occupamos a linha de trincheiras, repellimos contra-ataques e infligimos grandes perdas do inimigo.—(*Havas*).

Seguros de Guerra

A Companhia Ultramarina, rua da Prata, 108, 1.º, autorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

Morte do actor Mattos

RIO DE JANEIRO, 5.—Falleceu o actor Mattos.—(*Havas*).

De ha muito que se esperava a triste noticia. Minava-o uma sclerose no figado, de que certamente morreu.

Vae para sete annos que esteve em Lisboa, após uma ausencia de vinte e seis, passados no Brazil, que percorreu todo, e onde a seu desapparecimento deve ter produzido grande pena, especialmente no Rio de Janeiro, que lhe dera fóros de carioca.

Antonio Joaquim de Mattos, que era natural de Lisboa, nascera a 2 de março de 1849. Filho de um antigo fiel do theatro de D. Maria II, ali viveu até aos 4 annos, junto dos artistas que o contagiaram do *virus scenico*—como elle dizia—e por tal fórma n'elle se ateou a paixão pelo theatro que lá foi ter sob nome depois, tendo o pae durante esse tempo procurado debalde fazer d'elle esculptor. Nas officinas Moreira Rato, onde esteve até conseguir o seu fim, reconheceram-lhe geito para cinzelar pedra; tinha habilidade, dedicára-se um pouco ao desenho, mas... no theatro é que era o seu logar e era ao theatro que queria dedicar-se.

Conseguindo em 1869 que Francisco Palha o admittisse no theatro da Trindade, como discipulo, ali fez a sua estreia a 16 de outubro na celebre magica *A gata borralheira*, n'um pequeno papel. Como tinha disposição, boa vontade e talento, tornou-se preciso e assim, tomou parte em quasi todas as peças do reportorio ali exhibido até 1878. Entrou nas peças *Pepe Hillo, Amazonas do Tormes, Barão José Maria, Madeira e chapelleiro, As tres rocas de crystal, O sargento Frederico, Nini, Com donzellas, O avarento, As minhas duas mulheres, A cruz de ouro, Entre minha mulher e o negro, O duende, Os fructos d'ouro, O pae de curas, Bandeira de Amor, O diabo no poder, A botija, A corôa de Carlos Magno, A filha da sr.ª Angot* e outras.

Em 1878, foi escripturado com Emilia Adelaide para uma longa excursão aos Açores e ao Brazil, tornando-se n'este paiz um dos actores mais queridos da platéa.

Durante o pouco tempo que se demorou na visita a Portugal creou varios papeis, com geral agrado.

O actor Mattos deixa viuva e um filho, que deve ter vinte e tantos annos, aos quaes enviamos as nossas condolencias pela perda que acabam de soffrer.

NOTAS DIVERSAS

Chegou hoje a Lisboa o governador civil do Porto, sr. dr. Pereira Osorio, que conferenciou com o sr. presidente do ministerio e ministro do interior e fomento. O sr. dr. Pereira Osorio retira ámanhã para o seu districto.

—O «Diario do Governo» de hoje publica um decreto abrindo um credito pelo ministerio das finanças um credito especial de 7.796$25 para pagamento dos vencimentos dos funccionarios separados do serviço.

—O sr. ministro das colonias esteve durante o dia trabalhando com os directores geraes no orçamento e cartas organicas das provincias ultramarinas.

—Com o sr. ministro do fomento conferenciaram as direcções da Associação Central de Agricultura e do Syndicato Agricola da Moita sobre a importação de batata.

Tambem conferenciaram com o sr. Antonio Maria da Silva os representantes do pessoal da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

—uma grande commissão de habitantes de Cezimbra esteve hoje conferenciando com o sr. governador civil, a quem pediu para que fosse nomeado secretario da administração o sr. Augusto Santos.

Officiaes mandados recolher ás unidades

Todos os officiaes das diversas armas que estavam em commissão no serviço das avaliações para a substituição de matrizes forum exonerados d'essa commissão e mandados recolher ás suas unidades.

•••• ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

UM ALMOÇO

O sr. Carlos Gomes, presidente honorario da Associação Commercial de Lisboa offereceu hoje, no Avenida Palace, um almoço ao sr. dr. Augusto de Vasconcellos, nosso ministro em Madrid, a que assistiram os srs.: dr. Augusto Soares, ministro dos negocios estrangeiros, Francisco Mantero, presidente honorario do Centro Colonial, Albert Macieira, vice-presidente da Associação Commercial de Lisboa, Freire d'Andrade, vice-presidente da União da Agricultura, Commercio e Industria, Apolinario Pereira, presidente da Associação Commercial dos Lojistas, e Caetano Rego, secretario da União da Agricultura, Commercio e Industria.

DE VIAGEM

Parte ámanhã para Macau, onde vae exercer o commando do corpo de policia d'aquella colonia, o sr. major Ernesto Borges, que o não poude fazer hoje por não ter chegado no Tejo o «Caby», da agencia Henry Burnay & C.ª, que deve chegar ámanhã de manhã.

BOAS-FESTAS

Recebemos e agradecemos, retribuindo-os, cumprimentos de anno novo da direcção do Nucleo de Instrucção «Lux» e do sr. Fernando de Angelis, o distincto emprezario da campanha de opera que está funccionando no Colyseu dos Recreios.

ROQUE GAMEIRO

Deu-nos o prazer da sua visita este illustre artista que teve a requintada amabilidade de vir offerecer ao nosso collega Silva-Passos um admiravel esboço d'uma das suas mais apreciadas obras ultimamente em exposição. Muito penhorados, lh'o agradecemos.

O «ADAMASTOR»

S. THOMÉ, 5.—Chegou hoje o cruzador «Adamastor», sem novidade a bordo.

Presidente da Republica

O sr. presidente da Republica recebeu hoje no palacio de Belem os cumprimentos do pessoal dos gabinetes dos ministros, que foram introduzidos pelo secretario geral, sr. Maia Pinto, fazendo as apresentações o chefe do gabinete da presidencia do governo, sr. Arthur Costa.

O sr. dr. Bernardino Machado, agradeceu os cumprimentos dos cooperadores do governo e recebeu em seguida os srs. dr. Brito Camacho, Sousa Pinto, José Campas, Luiz Derouet e Joaquim David Gomes.

A recepção foi na sala dourada.

NOTAS FALSAS

Da Hespanha

Nem bom vento, nem bom casamento

O que é da sabedoria das nações não vir de Hespanha nem brisa de feição, nem coração em brasa que á lareira portugueza se afaça de mansinho, todos nós o sabiamos. Mas que fosse de Hespanha, o paiz «hermano», que haveriam de vir as notas falsas de «Cem escudos» que já abarrotaram o mercado, com espanto o soubemos e pasmados o sabemos nossos leitores.

Nada mais certo, porém, do que esse phenomenal attentado ás nossas finanças.

Foram subditos hespanhoes que introduziram em Portugal as notas falsas de «Cem mil réis», comprando com ellas boa parte do oiro que d'aqui teem levado nas ultimas semanas.

Essas notas são tão bem feitas que só pela duplicação de numeros se lhes reconhece a fraude. São admiravelmente imitadas, impressas no mesmo papel que da Allemanha vinha para esse fim para a Casa da Moeda, e com todos os visos de verdade fabricadas pelos boas germanos.

Encarregaram-se os nossos visinhos de as introduzirem aqui, obtendo em troca o que lhes serve—por que tudo elles querem sahe pelas nossas fronteiras, sem sombra de embargo. Em algumas feiras do Alemtejo tambem teem apparecido muitos exemplares do papel falsificado, constando que só n'uma d'ellas se deu pela existencia de «40 contos» d'essas notas de fabricação germano-hespanhola.

Resta saber a somma total do roubo, com que «os nossos bons amigos» nos mimosearam.

O que farão as autoridades competentes perante este caso tão grave?...

VIDA ARTISTICA

Exposição dos "Phantasistas"

PORTO, 5.—No palacio da Bolsa abriu hoje a exposição d'arte do grupo «Os phantasistas», sendo muito visitada. Apresentam trabalhos interessantissimos Leal da Camara, Salazar, José de Amorim, Armando Basto, Antonio Lima, Mario Pacheco, Balha e Mello e Henrique Moreira.

Actualmente estão abertas mais tres exposições d'arte: de Arthur Loureiro, de Antonio de Moura e de D. Alice Grillo.

Mlle Zoula de Boneza

A artista gentilissima, cuja visita nos distinguiu hoje, é uma das mais celebres dançarinas da Europa que ora percorre, emquanto não volta ao seu publico da Opera Comica de Paris.

Interpretando as obras dos musicos classicos d'uma fórma surprehendente, juntando á dança a mais sabia mimica, contam-se pelo numero das suas exhibições os seus ruidosos exitos.

Realisa no proximo dia 8 a sua festa artistica no Salão Foz, a qual deve constituir um completo successo.

Antonio d'Azevedo

O seu fallecimento

Recebeu-se esta tarde em Lisboa a noticia do fallecimento do sr. dr. Antonio de Azevedo Castello Branco, antigo conselheiro de Estado, membro da extincta camara dos pares e que foi ministro da justiça e director da Penitenciaria de Lisboa.

O sr. dr. Antonio de Azevedo Castello Branco, sobrinho de Camillo Castello Branco, o glorioso escriptor, que tinha por elle muita estima e justificada consideração, era um espirito notavelmente culto e um bello caracter. Os azares da sua vida politica e da sua actividade politica militou sempre no partido regenerador — consagrava-os ás bellas lettras, deixando um volume de versos correctissimos, alguns dos quaes andam transcriptos nos livros escolares. Tambem publicou um volume de estudos sobre o regimen penitenciario.

O illustre extincto, que era um transmontano muito dedicado á sua provincia, estivera ultimamente no hospital de Villa Real onde se sujeitou a uma operação. Proclamada a Republica, recolhera á sua casa de Timpeiras, morrendo então para a politica. Conversador ameno e gracioso, intelligencia vivissima, o dr. Antonio de Azevedo não produziu aquillo que era licito esperar do seu talento e dos seus apitdões. Talvez amasse em demasia a tranquillidade, o repouso, o «far niente» e comprazia-se em reler os seus classicos latinos, em manusear o Virgilio, o Horacio, o Ovidio, fugindo d'esta arte da preoccupações que a vida contemporanea acarreta com o seu positivismo, as suas violencias, a sua impetuosidade.

O sr. dr. Antonio de Azevedo nunca hostilou a Republica. Ainda não ha muito, escrevendo ao actual chefe do Estado para lhe agradecer o interesse que tomara pela sua saude, affirmava com commovida sinceridade os seus sentimentos de bom patriota.

Que descance em paz!

MUSICA

Trios de Beethoven

Realisa-se no proximo sabbado, no salão do Automovel Club (Palacio Palmella, ao Calhariz), a derradeira audição d'esta curiosa serie, cumprindo-se assim integralmente o programma annunciado pelos distinctos artistas Alexandre Rey Collaço, Julio Cardona e João Passos. O programma é extremamente interessante, pois que, no que respeita á parte instrumental, serão executados o *Trio em si bemol (Op. 97)* e o *Trio em sol (Op. 121)*, de Beethoven, duas das mais valiosas composições do genero. Far-se-hão ouvir tambem os eximios professores no acompanhamento original de uma das *Canções escocezas* (Op. 108), que a sr.ª D. Alice Rey Collaço cantará, juntamente com um côro mixto. Esse insigne *liedersangerin* fará ouvir mais um dulcissimo *lied*, tambem de Beethoven, *O tambor do soldado* e uma das canções anteriormente interpretadas, cuja repetição o publico manifestou desejos de ouvir.

PEQUENAS NOTICIAS

Humberto Quintas, residente na rua do Valle de Santo Antonio, 57, loja, foi preso por aggredir sua mãe, Amelia Quintas, moradora na mesma casa, a pontapés e socos.

—Felicia de Jesus Cardoso e um seu filho, moradores na rua dos Corvos, 1, loja, queixaram-se de que foram aggredidos na casa da sua residencia por Albino Alves Moinho, morador na rua da Regueira, 8, cervejaria, ficando ella bastante ferida pelo corpo e com varias escoriações no rosto e o filho com contusões pelo corpo.

—A' enfermaria 5 do hospital de S. José recolheu Manuel Marinho, descarregador, residente no becco do Mexias, 22, 2.º, que cahiu da muralha do Posto de Desinfecção para dentro d'um vapor, fracturando os braços e ficando ferido na cabeça.

—José Farinha, empregado na casa do correeiro da rua da Boteqa, 46 a 50, foi hoje preso por ter furtado diversos objectos do correeiro no valor de 200 escudos.

—Na parada do quartel do Carmo, das 13 ás 14 e meia horas, executa ámanhã a banda da guarda republicana o seguinte programma: «Luzitanos», marcha, Antonio Eduardo; «Le songe d'une nuit d'été», ouverture, A. Thomas; «Deuxième concerto, fantasia» para tubas 1.ª clarinete, Weber; «Cavalleria rusticana», selecção, Mascagni; «Tasso, Lamento e triumpho», poema symphonico, Liszt; «La Walkirie, Cavalgada», Wagner; «Meridional», marcha, Mendes Canhão.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 15/16 33 19/16	
Londres, 90 d/v	34 7/16	
Paris, cheque	7$6	7$6,5
Allemanha, cheque	$22	$23
Hollanda, cheque	$65	$66
Madrid, cheque	1$41	1$42
Suissa, cheque	$85	$88
Italia, cheque	$68	$70
Nova York	1$49	1$59
Rios, Londres	12 1/32	
Libras	7$01	7$06
Agio do ouro	55 %	62 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	38,60	38,60
» » 500$	—	38,45
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$80; 4 0/0 1888, 22$; 4 1/2 88-89, assent. 56$50 e coup. 56$50.

Externas: 1.ª serie 74$60 e 2.ª 75$.

Acções: Banco de Portugal 188$50; Lisboa e Açores 123$; Ultramarino, coupons 120$50; Aguas 92$50; Assucar 44$40; Lezirias 1070$ ej; Phosphoros, coup. 51$50; Tabacos, coup. 79$20; Agricultura Colonial 105$.

Obrigações: Norte e Leste, 1.º grau 72$; Beira Alta, 2.º grau, 14$70; C. de Ferro de Benguella, tit. 5, 77$.

Como deve ser completada a gymnastica

Primeiro exercicios educativos

Depois devem procurar-se os exercicios de applicação conforme o valor phisico dos individuos

Exercicios de applicação..., gymnastica de applicação..., gymnastica complementar!...

Que representam esses termos?

Representam o proposito final e a coroação do trabalho educativo do corpo. Comprehendem—e n'isto são fortes propagandistas, os defensores do «hebertismo»—em primeiro logar, tudo que é pratico e de utilidade immediata na existencia: grandes marchas, corridas de velocidade e de «fundo», saltos, natação, trepar, escaladas, passagens de obstaculos, lançamento de projecteis, transporte de fardos; em segundo logar, tudo que, não sendo absolutamente indispensavel, póde, no entanto, augmentar a energia moral, a confiança em si e aprender a utilisar, economicamente, as forças adquiridas: «box», lucta, esgrima, remo, equitação, manejo de armas... e todos os «sports» em geral.

«Os exercicios de applicação teem um effeito hygienico, quando a despeza de trabalho é feita convenientemente; um effeito moral quando exigem energia e audacia (escaladas, passagem de logares perigosos, assaltos, luctas, etc.); emfim, um effeito economico quando elles são feitos sem contracções inuteis e com o minimo d'esforço».

Os exercicios d'applicação são absolutamente necessarios n'um methodo racional de gymnastica?

Evidentemente que sim. Durante muito tempo a sua falta constituiu um defeito lamentavel na gymnastica de Ling, deficito que o coronel Balk modificou com muito proveito para o methodo sueco.

Nós ainda nos lembramos da infeliz propaganda que um professor lisboeta fazia, ha dez annos, lido apenas em antigos manuaes suecos, garantindo que a lucta greco-romana era propria de palhaços e que a gymnastica athletica era coisa de saltimbancos! Essas affirmativas valeram-lhe dissabores e d'uma vez um incidente lamentavel para a integridade anatomica do seu physico e que terminou n'um julgamento na Boa-Hora. Mas... passados annos, esse professor viu que Balk presidia a torneios de lucta, que o major Sellers obrigava os seus gymnastas de Stockolmo a verdadeiros prodigios de acrobacia e que o proprio Torngreêno já admittia que no systema «inviolavel» do seu mestre Nyblanäs se introduzissem altos trabalhos de «sports» ao ar livre!...

Questão do tempo e da sua evolução progressiva!...

Tambem o coronel Coste modificou as suas primitivas «intransigencias»; tambem Demeny repelliu os seus primitivos enthusiasmos por Ling; tambem o dr. Jean Philippe, o coronel Boblet, o commandante Lefebure verificaram que ainda havia margem para successivas modificações em todos os processos que se dissessem «intangiveis e sagrados»...

Ora, tudo isto quer dizer que um methodo racional comprehende, ao mesmo tempo, exercicios educativos e exercicios de applicação, sendo estes seleccionados em proporção com o desenvolvmiento muscular e resistencia do individuo.

E quem nos tiver lido e nos tiver seguido n'estas considerações criticas sobre processos de gymnastica, já começa a perceber, dentro de tanta prosa, que não existem muitas differenças entre os differentes methodos racionaes. Hebert,—agora na «berlinda» da discussão—perguntado uma occasião sobre o assumpto disse:

—«... As differenças são apenas em questões de detalhe, como por exemplo, o emprego de movimentos mais ou menos difficeis e complicados, a intensidade, o numero d'esses movimentos, etc... e ellas dependem tambem, egualmente, da edade, sexo, profissão e constituição dos individuos. Não ha, em summa, senão «um typo geral de methodo racional».

E' curiosa esta affirmativa? Não é? Iremos analysal-a.

Notas do dia

Hontem em Sete Rios começou uma lucta que terminará ámanhã

Foi approximadamente de 7.000 pessoas a concorrencia de enthusiastas pelo «foot-ball» ,que hontem foram ao campo de Sete Rios ver a final do «torneio das quatro cidades», entre o Sport Lisboa e Bemfica e o «Montriond Sport» de Lausanne. O desafio começou com animação de parte a parte. Bateram-se corajosamente, havendo phases que enthusiasmaram o publico, que o impulsionaram a gritar, a excitar uns e outros, a indicar ao arbitro que peccava por indecisão e pouca presteza. Fizeram-se quatro «goals», um para o activo dos suissos, tres para o activo dos portuguezes, que estão, na verdade, muito treinados, com muito folego, com opportunidade e confiança no ataque, já com melhor «remate» nas «avançadas» e com mais certeza no «shoot».

Estes numeros são indicativos da extrema superioridade do Sport Lisboa e Bemfica sobre o grupo suisso? Dizem os technicos e juntamos a nossa á opinião d'elles, que os dois grupos se egualaram. Não havia grande differença entre elles. Houve, de parte a parte, bom trabalho. Os «dianteiros» do Lisboa e Bemfica foram maravilhosos, os «halves» estiveram deligentes, os «backs» opportunos mas a defeza dos suissos equilibrou todas essas vantagens. A bem dizer e para escrever com imparcialidade, o jogo entre os portuguezes e os suissos começou hontem e vae continuar ámanhã, no «match-desforra» que os jogadores de de Lausanne pediram e que foi marcado para as 4 horas da tarde, no mesmo campo de Sete Rios e, segundo nos informam, com novo arbitro.

Pelo facto d'este desafio «extra-programma», que vae decidir definitivamente da superioridade de uns ou outros, os suissos adiaram a sua viagem para a capital hespanhola, onde deviam jogar nos dias 6 e 8, a convite do Madrid Foot-ball Club.

E porque estamos na persuassão de que o desafio de hontem continúa ámanhã não é que deixamos para depois algumas notas criticas sobre o «match».

O campeonato de lucta no Porto

Não é apenas Hillman o culpado do publico do Porto se haver indignado ao ver uma sessão do campeonato de lucta que se está effectuando no theatro Sá da Bandeira do Porto. Tambem Rosset produziu indignação entre os espectadores e motivou protestos porque abusou da violencia e de golpes prohibidos quando combateu contra o phenomenal Petersen. O facto é lamentavel e pouco se justifica. Porquê? Pela simples razão de que Rosset não é apenas um luctador, mas um mestre, um director d'uma «academia athletica» em Paris. Ora os professores teem de ser serenos e correctos. Rosset não deve fazer o que faz Hillman. Este é impulsivo e violento, mas Rosset tem de saber dominar os seus nervos. Veremos o que elles fazem na continuação do torneio.

Algumas anedotas

Olha, pratica o jogo do socco...

—Tu não és capaz de me dar um remedio para a insomnia? Ha oito dias que não «prégo olho»!

—Olha, amigo, faz «box». Na primeira vez em que experimentei levei tal socco que tive os olhos fechados por oito dias!...

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

União Velocipedica Portugueza

Como noticiámos realisa ámanhã a U. V. P. uma sessão de homenagem ao fallecido unionista sr. Lourenço Loureiro, cujo retrato é inaugurado na séde federativa, sendo tambem distribuidos os premios das provas unionistas de 1914.

Os premiados são o Lusitano Club Cilista e os srs. Albano Ferreira, Arthur da Silva Amaral, Alfredo de Sousa, Ramiro Madeira, Raul Duarte, Antonio José Christiano, Dias Maia, Nordeste José do Nascimento, João Alves e Pereira Batalha.

O sport por Bemfica

Está para breves dias a abertura do campeonato de bilhar que os Desportos de Bemfica promovem na sua séde e facultam aos seus associados, tendo estabelecido trez cathegorias de jogadores, e tendo destinado para os vencedores valiosos premios. Os Desportos de Bemfica olham assim tambem para o lado recreativo da sua aggremiação, que no campo propriamente pratico da educação physica tem promovido torneios de patinagem, de «tennis», de tiro, de sports athleticos ,facultando as suas instalações á realisação de grandes provas de «sport», e creando por ultimo na sua séde classes de gymnastica sueca para creanças e adultos.

Centros elegantes de sport

O «sport» tambem tem as suas selecções de sociedade e na nossa capital ha centros sportivos em que a frequencia é caracterisadamente uma frequencia elegante. E' o que succede com a Escola de Educação Physica, que os srs. Silveira Ramos e Carlos Velloso dirigem ha uns dois annos com superior criterio. As classes que manteem, de equitação, gymnastica, esgrima, patinagem, etc., são frequentadas pelo que ha de mais distincto em Lisboa, acorrendo tambem em grande numero as colonias estrangeiras. Os professores são dos mais competentes que temos, bastando dizer que a classe de equitação está a cargo superior dos directores da escola.

Associação de Foot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes).—Reune hoje, ás 21 horas, a commissão technica, e ámanhã a direcção, á mesma hora. Na proxima sexta-feira, dia 7 do corrente, realisa-se a costumada reunião quinzenal.

Recenseamento eleitoral

A commissão parochial republicana do Sacramento previne os seus paroquianos de que a inscripção no recenseamento eleitoral se faz na calçada do Sacramento, 16, e largo do Carmo, 6 e 27.

Novo estabelecimento

Inaugurou-se hontem na Estephania um grande estabelecimento, o mais importante e luxuoso n'este bairro, denominado «Grande Alfayateria da Estephania», sito na rua Almirante Barroso, 2 a 10.

Attendendo a que n'esta casa se encontra o melhor e maior sortido de fazendas e tambem aos preços convidativos que fazem os seus proprietarios srs. João Barroso e seu irmão Joaquim Barroso, pois que a sua divisa é «vender barato para vender muito», recommendamos aos nossos leitores uma visita a este estabelecimento.

Brindes e calendarios

A papelaria Fernandes & C.ª, da rua do Rato, 33 e 35, distribue um calendario para o anno corrente, proprio para bolso e com indicações muito uteis, sobretudo para os militares.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A escravidão social da mulher»

Da Bibliotheca de Educação Moderna, edição da livraria Internacional, da calçada do Sacramento, 44, sahiu o volume XX, *A escravidão social da mulher*, original do dr. Victor Rossumano. Um movimento caloroso a favor da abolição da escravidão da mulher, tal o fim que o auctor tem em vista, conseguir com as suas paginas repassadas de sentimento. A edição cuidada e o preço do volume, como todos os da Bibliotheca, é de $20.

«Revista de ensino medio e profissional»

Sahiu o n.º 4 da 2.ª serie, trazendo collaboração dos professores srs. Eduardo Ismael dos Santos Andréa e Alvaro R. L. Valladas, além d'outros assumptos que interessam ao professorado lyceal.

Festas associativas

Grupo Excursionista «Os Pindericos»

Este grupo, cujo 5.º anniversario passa no dia 16 do corrente, commemora essa data com um bodo a 150 pobres, sendo a distribuição feita por senhoras. Sob a regencia do sr. Gracio Ramos toma parte obsequiosamente a Tuna Guilherme Cossoul, que tão grande successo obteve na noite de 26 de dezembro findo, quando da sua inauguração.

A'manhã vae ao palacio de Belem a direcção do grupo convidar o sr. presidente a assistir ao acto.

Club Alves Rente

Durante este periodo de festas teem-se realisado várias festas, sendo representadas algumas operettas, no desempenho das quaes se distinguiram as meninas Irene Baptista e Isaura Silva e os srs. José Guedes, Custodio Ferreira e Respicio Esteves.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Tabuletas que não devam ser permittidas

A proposito da reclamação que antehontem démos com este titulo e em que diziamos haver aqui, proximo de nós, na rua do Norte, uma taboleta n'essas condições, não se entendiam essas palavras com a sr.ª Flora Leonor Matheus, que reside no numero 34 e que é uma senhora honesta, tendo a profissão de cabelleireira.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Medicina dentaria
Rua do Ouro, n.º 87, 2.º
(Em frente do Banco Lisboa & Açores)
TELEPHONE N.º 2194

Nova tabella de preços para as classes menos abastadas

Serviço	Preço
Dentaduras completas (aperfeiçoadas) desde	25$000
Dentaduras completas de ouro de lei desde	80$000
Obturações (chumbagens) desde	1$000
Aurificações (obturações em ouro) desde	3$000
Dentes artificiaes em placa desde	1$500
Extracção de dentes e raizes SEM DOR (anesthesia local)	$500
Extracção de dentes e raizes com anesthesia geral desde	4$000
Limpeza completa de dentes desde	1$000
Dentes a pivot (fixos) desde	3$500
Corôas em ouro desde	4$000
Dentes em placa de ouro de lei desde	8$000

CONSULTA GRATIS
Todos os trabalhos e operações sem dôr
Especialidade em dentaduras sem chapa
Facilita-se o pagamento
Modificação de antigos dentaduras promptas á mastigação a preço modico
CLINICA GERAL—especialidade: doenças venereas e do coração. Consultas a 0$50 das 2 ás 4 da tarde, todos os dias uteis.
Este consultorio abre das 11 da manhã ás 11 da noite nos dias uteis e aos domingos da 1 ás 6 da tarde
Rua do Ouro, n.º 87, 2.º
Em frente do Banco Lisboa & Açores

guerra, ordenou um ataque simultaneo á frente e flanco, entendendo que a situação do inimigo enfraqueceria á medida que o ataque se desenvolvesse.

Foi precisamente o que succedeu. O ataque de flanco transformou-se n'um ataque de fronte. A infantaria ingleza avançou com terrivel impulso no meio d'uma grande trovoada

James Watson Berard, embaixador dos Estados Unidos em Berlim

tropical e apoderou-se das posições boers nos «kopjes». Uma brilhante carga de cavallaria derrotou o inimigo. Quando o general French, no meio da batalha, foi pedir instrucções a sir George White, este respondeu-lhe:

«Faça o que entender, French! E' a sua primeira prova!» Era realmente a sua primeira «prova» e foi uma brilhante victoria, embora as más condições em que as tropas inglezas se encontravam na Africa do Sul não permittissem tirar d'ella as vantagens que se devia obter.

Os inglezes haviam vencido n'esse dia, mas era uma victoria á Pyrrhus e as forças voltaram para Ladysmith.

A esse tempo, a posição em Dundee tornára-se insustentavel. O general Penn Symons havia sido ferido mortalmente e o general Yule, que lhe succedera, retirava para Ladysmith, auxiliado por uma vigorosa demonstração feita por French e pela sua cavallaria.

O inimigo occupava uma serie de collinas a uns onze kilometros de Ladysmith. A infantaria ingleza conseguiu chegar a uma elevação d'onde os boers foram vigorosamente bombardeados. As perdas foram grandes, as forças ainda se não manejavam com facilidade e, ao saber que Yule se estava approximando de Ladysmith, White recuou com as suas tropas, coberto pela cavallaria de French.

As forças inglezas concentraram-se n'essa cidade. A idéa de sir George White era tomar a offensiva e impedir que se effectuasse a juncção das forças boers do Estado Livre do Orange e do Transvaal. Foi essa idéa que fez com que se désse a acção de 30 d'outubro em Lombard's Kop, acção pouco feliz. O troar de uma bateria de artilharia em Nicholson's Nek levou á rendição de dois batalhões na esquerda, deixando essa ala desprotegida, emquanto um movimento envolvente dos boers pela direita forçava toda a força ingleza a retirar sobre Ladysmith.

O emprego dos canhões de campanha e navaes impediu um desastre maior.

No dia 1 de novembro o general French recebia telegraphicamente a noticia da sua nomeação para commandar a cavallaria no exercito de sir Redvers Buller, que acabava de chegar a Cape Town para assumir o commando supremo.

French conseguiu persuadir o chefe da estação a mandar um comboio pela linha de Pietermaritzburg. Foi o ultimo comboio que seguiu para o sul atravez do cordão de boers

estavam fitos os olhos de todo o mundo.

Em Abu Klea, o major French não estava dentro do quadrado. Com a cavallaria estava formado ao lado, esperando a opportunidade para cahir sobre o inimigo.

Apenas o avanço continuára sobre Metammeh, de novo o inimigo foi descoberto em grande força. Os homens estavam exhaustos e os cavallos verdadeiramente estafados. Os hussards formaram n'um logar abrigado, ao passo que o resto da força, de novo formando quadrado, mais uma vez esperou o ataque terrivel dos derviches, que se quebrou de encontro ao quadrado com enormes perdas. Os inglezes apenas tiveram ligeiras perdas mas o valente commandante Stewart fallecia alguns dias depois em resultado dos ferimentos que havia recebido.

Foi proximo de Metammeh que o terrivel golpe desabou sobre a pequena força: a noticia de que Kartum cahira, que Gordon estava morto e que a sua missão era vã. O major French foi o primeiro a conhecer tal desastre. Estava dando de beber aos seus cavallos no Nilo quando, ouvindo o som produzido pelos remos de um bote, ergueu os olhos e viu um branco que se dirigia para onde elle estava.

Era Stuart Wortley, que havia sido enviado com alguns amigos a fim de reconhecer a situação de Kartum e que desempenhára com extraordinaria valentia a sua arriscada missão. Sir John French diz que esse encontro com Stuart Wortley foi um dos acontecimentos mais extraordinarios da sua vida. Foi dos labios d'esse emissario que soube, com funda commoção, da queda de Kartum e da morte de Gordon.

Desde esse momento desapparecera o objectivo da expedição. Tratava-se agora de saber como retirar sem ser victima das hordas de derviches que se precipitavam de Kartum. Sir Redvers Buller assumira o commando e conduziu corajosamente a retirada. Sir Evelyn Wood, enviado de Korti com reforços, narrou a Cecil Chisholm, auctor de uma biographia de sir John French, do seguinte modo o seu primeiro encontro com French:

«Vi-o quando os nossos homens estavam retirando pelo deserto depois do desastre que haviamos soffrido, todos desanimados pela morte de Gordon. Cheguei junto d'elle a cêrca de cento e setenta kilometros do rio—era o ultimo homem da ultima secção da retaguarda!»

O magnifico modo como se comportou na retirada desde Abu Klea fez que o nome de French fôsse pela primeira vez mencionado nos relatorios. Buller escreveu: «Quero especialmente pôr em relevo o excellente trabalho feito por um pequeno destacamento do 19.º de hussards tanto durante a nossa occupação de Abu Klea como durante a nossa retirada. E não é demais dizer que a força deve muito ao major French e aos seus treze soldados».

Como já dissemos, sir John French foi promovido a tenente coronel quando estava no Egypto. No seu regresso a Inglaterra, seguiram-se cinco annos de guarnição rotineira, durante os quaes o tenente coronel French, segundo commandante do regimento, se entregou de alma e coração a exercitar os seus homens. Introduziu modificações e tratou de applicar novas theorias de instrucção. Foi n'essa epocha que sobre elle começou a fixar-se a attenção, pela admiravel obra que estava fazendo.

O hoje general em chefe dos exercitos inglezes na metropole diz que não houve tempo mais feliz na sua carreira de soldado do que quando foi coronel do seu regimento, porque lhe deu azo a interessar-se pessoalmente por cada um dos seus homens. O joven coronel do 19.º—tinha então cêrca de trinta annos—mostrou a profundeza dos seus conhecimentos humanos da mais contradictoria das creaturas, o soldado inglez. Sobrecarregado como estava, pensou em elevar o soldado n'um tempo em que os velhos prejuizos ainda prevaleciam na Inglaterra.

Em 1891 foi nomeado para servir na India, levando comsigo o 19.º de

hussards como seu coronel, tendo estado primeiro em Secunderabad e depois em Bangalore. Fez com elle muitas excursões ao norte, effectuando ahi manobras. Dividia o seu tempo entre essa difficil tarefa e o jogo do polo. Em 1893 voltava a Inglaterra.

John French havia chegado a um ponto critico da sua carreira. Ia ficar coronel toda a sua vida, reformando-se apoz annos e annos de trabalho infructifero em tristes guarnições, talvez com o posto de brigadeiro? Chegára ao que no exercito allemão se chama «die Majorsecke», esse cabo da carreira militar que é tão difficil de passar?

O facto é que pouco depois do seu regresso da India o coronel French passou a meio soldo. Mas não podia vegetar. A sua intensa energia mental, a sua irreprimivel vitalidade nunca lhe deram descanço em toda a sua vida. Continuou a entregar-se á leitura dos livros da sua profissão e tomou notavel parte nas manobras de cavallaria em Berkshire em 1894.

A cavallaria tinha de ser reorganisada e era essencial um livro em que se compilassem todas as regras necessarias. Ninguem melhor para proceder a esse trabalho do que John French.

De novo o futuro feld-marechal volta á actividade em 1895. Achamol-o installado no velho ministerio da guerra em Pall Mall como delegado do ajudante general sir Redvers Buller, trabalhando na administração do exercito, uma repartição que ia ter uma grande parte nas campanhas subsequentes.

Durante toda a sua carreira, no Egypto, na India, durante os seus dois annos de inactividade, no ministerio da guerra, fôra adquirindo, vagarosamente mas com segurança, a classificação de general dirigente da cavallaria, e em 1897 foi-lhe dado o commando da 2.ª brigada de cavallaria em Canterbury.

Não se passou muito tempo sem que as suas idéas revolucionarias das funcções da cavallaria lhe não trouxessem um violento conflicto com os seus superiores. Sir John French sustentava que a cavallaria tinha um papel triplo, a saber: operar reconhecimentos, illudir e apoiar. Admittia francamente, com relação á primeira d'essas funcções que na guerra moderna o aeroplano havia tomado o logar da cavallaria para o trabalho de reconhecimentos. Quanto á segunda funcção, entendia elle que a cavallaria deve illudir o inimigo não só quanto ao local onde está a principal força, como com respeito ao ponto verdadeiro do ataque.

O novo brigadeiro em Canterbury tomou sobre si a tarefa de combinar na cavallaria britannica as funcções da cavallaria como já entendidas e acceites e da infantaria montada como já havia experimentado com exito no Egypto. Extraordinariamente independente do caracter, sir John French nunca se importou em correr riscos com a cavallaria e mais d'uma vez os seus emprehendimentos n'esse sentido nas manobras, embora coroados de exito, attrahiram sobre a sua cabeça as criticas dos rotineiros e dos pouco entendidos. A sua justificação, comtudo, veiu mais tarde.

A historia do modo de guerrear poucos factos apresenta mais audaciosos do que a famosa cavalgada de French á testa da cavallaria em soccorro de Kimberley. A sua iniciativa n'essa occasião foi coroada de completo exito e foi o marco milliario do grande talento militar da sua obra no Sul d'Africa. Apezar do exito convincente das suas theorias na Africa do Sul, sir John French, que é essencialmente um homem bem equilibrado, declarou que as suas idéas podiam ser erroneas quanto ao papel da cavallaria nas outras guerras.

«Todas as guerras são anormaes», declarou elle. Por si, amoldava a sua tactica á situação que se lhe apresentava e aproveitava todas as occasiões para experimentar o que aprendera no campo e na leitura dos seus livros.

Um anno em Canterbury e a promoção ao posto de major-general

para commandar a primeira brigada de cavallaria em Aldershot deram a sir John French liberdade para desenvolver as suas theorias ácêrca do exercitamento da cavallaria. E ia ainda poder pôl-as em pratica na guerra sul-africana.

Embora o perigo da guerra estivesse imminente antes do ultimatum do presidente Kruger, nem os mais elementares preparativos para ella haviam sido feitos. Os inglezes não tinha sequer mappas dos districtos que antecipadamente estavam designados para a invasão e estavam pessimamente informados ácêrca da força dos boers. Suppunham os inglezes que só o poder da Inglaterra reduziria o inimigo á impotencia. A população do Natal e da Colonia do Cabo conhecia o perigo real da situação. Aos seus repetidos e urgentes avisos respondeu-se enviando algumas tropas para a Africa do Sul do Mediterraneo, da India e do Egypto, que só chegaram poucos dias antes de rebentar a guerra.

Os inglezes estavam por completo á mercê do inimigo. No Natal, onde o commando superior era exercido por sir George White, que fôra de Gibraltar, havia quatro regimentos de cavallaria, onze batalhões de infantaria e seis baterias de artilharia de campanha, com uma bateria de montanha e cerca de 2.000 cavalleiros irregulares recrutados na Colonia. Na Colonia do Cabo apenas um punhado de tropas guarnecia a extensa fronteira do Transvaal: havia meio batalhão de infantaria em Kimberley.

Os inglezes tinham falta de artilharia moderna, estavam absolutamente mal preparados. Nos primeiros mezes de guerra a Colonia do Cabo estava á mercê do inimigo se os boers tivessem tido a energia sufficiente para avançarem para o sul, deixando uma pequena força para conter o general White no Natal.

Apoz alguma hesitação, foi confiado a John French o commando da cavallaria no Natal. E' caracteristico da incompetencia geral das auctoridades militares o ter havido opposição da parte de certos officiaes antigos a essa nomeação, allegando «a inefficiencia de French para commandar em campanha». Era um echo da opposição ás suas ideias revolucionarias ácerca do emprego da cavallaria.

Felizmente a opinião dos que se oppunham a tal nomeação não prevaleceu e French desembarcava na Africa do Sul um dia depois da declaração da guerra, a 12 d'outubro de 1899.

Oito dias depois, chegava a Ladysmith, grande deposito militar de aprovisionamentos e um entroncamento de caminho de ferro de consideravel importancia estrategica, onde sir George White se achava n'uma situação bastante critica com a sua pequena força. Considerações politicas se oppunham a que esse general retirasse atravessando o Tugela, ao passo que se via ser necessario ir soccorer o general Symons, que se encontrava n'uma situação perigosa com uma pequena força em Dundee, tendo de retirar e abandonar provisões e munições.

Apesar d'isso White ficou em Ladysmith, esperançado em que destroçaria os boers se elles avançassem contra essa cidade pelos desfiladeiros Drakensberg.

Na noite anterior á chegada de French, os boers apoderaram-se da estação de caminho de ferro em Elandslaagte. Seis horas depois de chegar a Ladysmith, French punha-se em marcha para repellir os boers. Encontrou-os occupando posições nos outeiros proximos e teve de voltar a buscar reforços. No dia seguinte a victoria alcançada por Symons em Talana encheu de animo White, o qual mandou French voltar ao ataque.

Elandslaagte, a primeira victoria de French na Africa do Sul, foi deveras espectaculosa. Os boers occupavam uma serie de altos platós que dominavam uma sombria, arida planicie. Era quasi impossivel atacar o inimigo de frente. O general French, revelando os inexhauriveis recursos que ia mostrar e desenvolver durante todo o decurso da

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1946 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Quinta-feira, 6 de Janeiro de 1916 | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

Como deve ser a alliança

Por muito que se faça á Allemanha nunca ella se considerará offendida; por muito que se faça á Inglaterra nunca parece que lhe prestámos serviços que mereçam como taes ser devidamente considerados. Esta é a situação, e precisamente por ser esta a situação é que não podemos acceital-a sem magua nem protesto. Não se compadece com ella a noção d'uma alliança, e o facto de se tratar d'uma alliança muito antiga, cujos serviços a grandes causas estão inscriptos em brilhantes annaes da historia, ainda torna mais singular um estado de coisas que não terá facilmente similar em conjecturas d'esta natureza.

Por essa alliança pugnamos. Entendemos que ella é util aos dois paizes. Empenhámo-nos em tornal-a cada vez mais estreita e intima entre os dois povos. Podemos assegural-o com tanta maior exactidão quanto é certo que desde que se fundou a Republica essa alliança cavou mais fundas raizes em Portugal. A monarchia, na sua decadencia, não se fartou de insinuar que a alliança tinha um caracter puramente dynastico. Dava-se a entender, com transparentes allusões, que o throno dos Bragranças estava garantido, mesmo contra a vontade nacional, pelas imposições inglezas. Era falso. Tratava-se d'uma affirmação gratuita e imperiosa para o espirito liberal da Inglaterra. O povo portuguez não acreditou n'ella, mas quando os factos demonstraram inteiramente a sua falsidade, a sua sympathia, a sua amizade, a sua admiração pela nobre nação ingleza tornaram-se ainda mais vivas e sentidas. A alliança só poude lucrar com isso. O espirito dos dois povos irmanou-se n'uma inteira communhão de ideias e sentimentos.

A alliança anglo-luza, já radicada nos seculos, reforçou com a implantação da Republica, e por isso mesmo não admira que, aos primeiros rebates da guerra, o espirito nacional vibrasse de enthusiasmo pela causa da Grã-Bretanha. Nunca o cumprimento d'um dever foi acceite com mais viva e fremente expontaneidade. Portugal encarou a eventualidade de correr todos os riscos da lucta ao lado da Inglaterra, sem trepidar perante nenhum sacrificio e disposto a todos os heroismos.

O nosso concurso foi acceite porque o nosso concurso de mil formas se tem exercido. Já enumeramos os auxilios, os serviços prestados á Inglaterra, serviços que não podiam deixar de ser publicos, nem deviam deixar de o ser, visto que se tratava de factos que se não podiam furtar aos olhos do publico, nem passar despercebidos aos representantes das nações alliadas, como das nações neutras, e até da propria Allemanha que tem o seu ministro em Lisboa. Partiram peças de artilharia que não cabem dentro das algibeiras d'um casaco, como partiram dezenas de milhares de espingardas, como partem os gados para Gibraltar, como até nas aguas do Tejo um «destroyer» portuguez, o «Liz», se converteu n'um navio inglez, e partiu para o seu posto de combate. Impediram-se as communicações allemãs pelo cabo submarino, enviaram-se tropas a Angola para combater os allemães, impediu-se o reabastecimento da colonia germanica pelo territorio d'essa nossa provincia, fechou-se aos seus defensores a nossa fronteira, não permittindo o seu internamento. N'uma palavra, não tem conto os actos de guerra que temos praticado contra a Allemanha, que como inimigos nos tratou, derramando o sangue portuguez.

Todos estes serviços nós os queriamos proclamados á luz do dia pela nossa alliada, com as expressões de justiça a que teem direito, com os testemunhos de reconhecimento a que temos jus, conferindo-nos a situação que d'elles logicamente deriva. A falta d'esse procedimento só pode obscurecer o caracter do nosso pacto, deturpando-o ao ponto de mais parecer uma vassalagem do que uma alliança.

E' contra isso que protestamos, interpretando o sentimento nacional, illudido nas suas esperanças de uma dignificação da patria, de uma valorisação da Republica, conquistada com o seu esforço, os seus sacrificios, a sua lealdade. O caracter clandestino que se pretendeu dar a essa cooperação, não o tolera a honra portugueza. Não queremos ambiguidades, não queremos sombras. Queremos que tudo se passe á luz do dia, com dignidade, com brio, com altivez.

Os inglezes, povo cuja seriedade de caracter, cuja lisura de processos nos seus negocios, cuja hombridade nas suas affirmações são conhecidas e veneradas por todo o mundo, costumam expressar essas altas qualidades, quando tratam dos negocios da sua vida quotidiana, os seus contractos, as suas transacções, os seus entendimentos em que a honra pessoal se compromette, com esta formula limpida e nobre: «looking straight in the face». Com os olhos nos olhos, face a face, quer dizer com lealdade, com inteireza, á luz plena do dia, e com o olhar illuminado por essa luz, que não consente hypocrisias nem traições.

E' assim tambem que queremos ser tratados, para nossa honra e para honra da Inglaterra.

Migalhas

O relogio

D. Antoninhas não tem hoje prazer que melhor a distraia dos seus humanos cuidados do que sentir collado ao ouvido o mostrador de um relogio. Os seus olhos abrem-se desmedidamente, a sua boquita entreaberta põe a nu os seus quatro dentinhos e as suas pestanas, n'uma palpitação, acompanham o bater rithmico da machina de contar a vida.

Hontem á tarde, como ella estivesse n'aquelle pasmo, expliquei-lhe:

—Minha filha. Isso que tanto te intriga e tanto tu admiras é a mais cruel de quantas invenções o engenho do homem tem produzido. Como se fosse demais o tempo que a Sorte lhe concede e preciso fosse medil-o, inventou o homem esta machina de minar a existencia. Tudo quanto ha de mau e de escravidão na pontualidade, na exactidão, nos horarios, nos regulamentos de entrada e de sahida, nos habitos, no methodo, na organisação, em todas as cangas e todas as grilhetas, está fechado aqui dentro, entre uma chapa de metal e um mostrador de faiança.

A' medida que fôres crescendo, verás que te não pertences. Pertences ao relogio. Elle te dirá a que horas te deves levantar, quando te deves deitar, o momento em que deves comer, o instante em que chegarão as tuas alegrias e despontarão as tuas amarguras. O bater compassado d'esta ironia será parallelo do bater do teu coração. Acompanhal-o-ha e, por mais que pretendas libertar-te d'esta obsessão, ella te entrará pelos ouvidos, no martellar das badaladas d'uma torre distante, entrar-te-ha pelos olhos a cada passo o ornato d'uma parede, no remate d'um edificio, em todos os recantos de intimidade, em todas as amplidões da vida commum. Acabarás por te acostumar a ella e deixar-te-has conduzir na impossibilidade de te resgatares d'essa prisão, d'essa galera. Vae-te entretendo agora. Quantos dias chegarão em que deixarás parar o teu relogio para o não ouvir, para afinal lhe dares corda, pouco tempo volvido, reconhecida a tua insignificancia perante o tempo, que a todos governa.

André Brun

O MILAGRE DE CONDEIXA

O orpheon do Padre Antunes

Virá a Lisboa em principios de fevereiro

A' festa religiosa segue-se a festa educativa. O orfeon, com os seus pendões, dirige-se para a sala do tribunal, que está repleta. Gente do povo, sobretudo. Algumas senhoras da terra, em logares reservados. A dentro da teia, emfileiram tambem quantos, em Condeixa, acompanham com o seu interesse e auxiliam com o seu esforço abnegado e são, o grupo de creaturas que por uma vontade forte foram reunidas para effectuarem uma das obras de maior belleza moral que floresce na bôa terra portugueza. Ha vivas aos que veem de longe e protegem, com o seu carinho, o orfeon. Ha enthusiasmo porque ha intimidade. Dir-se-hia que todos nos conhecemos ha muito. Somos quasi familia. O dr. Luciano Pereira da Silva, sabio e artista, vem associar-se á festa. França Amado, o livreiro bom-homem, de um tão inconfundivel individualismo, ali está tambem, ao nosso lado. Ha lenços vermelhos pela assistencia. As mães pobresinhas trazem os filhos. Além, no vão d'uma porta, um cavador humilde, d'olhos resignados e tristes, segue, encantado, tudo o que junto d'elle occorre. Torce e retorce, entre as mãos entumecidas de crostas ásperas, o seu grosseiro barrete de lã preta. Santa Cecilia, no seu vitral airoso, quasi se ergue para nos abençoar a todos...

Affonso Lopes Vieira é quem fala em primeiro logar. Trata-se de distribuir premios, trata-se de galardoar meritos que se revelaram aprendendo a cantar e aprendendo a trabalhar. O poeta das «Canções do vento e do sol» sóbe ao estrado. A sua voz clara faz realçar maravilhosamente tudo o que nos diz. Os orfeons, clama elle, são magnificas escolas de solidariedade moral. E' que não é preciso apenas, para que taes organismos sejam perfeitos, que sejam disciplinados. Os que os compõem necessitam, sobretudo, de ser amigos. Nos orfeons formam-se almas e formam-se caracteres. Afinam-se sentimentos. Dá-se a quem por elles passa uma tão profunda e forte impressão de belleza, que não é mais possivel apagal-a. Os corações ungem-se e purificam-se. As vontades fundem-se n'uma só vontade. Seria uma grande obra de misericordia, n'estes tempos de tão agitada incerteza, multiplicar por todos os recantos floridos de Portugal escolas orfeonicas, onde o povo aprendesse a cantar e a rir. E' que saber cantar é bem mais importante de que saber lêr. Um povo que canta é um povo que sabe soffrer e que sabe luctar. E' um povo heroico que é capaz, tambem, de todas as resignações. Condeixa deu o exemplo. E se ha tanta villasinha encantadora por esse paiz além, tanto povoado tranquillo onde é possivel ainda cantar, porque não ha de o exemplo ser amado e ser seguido?

O dr. João Antunes fala tambem. A sua athletica estatura espéca-se junto do estrado e mal oscila. A sua voz indecisa tem enternecidos agradecimentos para todos. Fala-nos da sua obra, attribuindo-a quasi toda aos outros. Elle foi apenas o fundidor paciente de muitas vontades dispersas. Está profundamente commovido, o mestre. Tão commovido que não me surprehenderia nada ver-lhe saltar as lagrimas em fio. Ha ainda outras falas. As senhoras distribuem os premios. Offereceram-nos Raul Lino e o dr. Affonso Xavier Lopes Vieira e sua esposa. A commoção cresce. As salvas de palmas repetem-se cheias de sinceridade. Fixo principalmente um dos permiados. E' um rapazito sympathico, nervoso, vivo e notavelmente alegre. Os olhos faiscam-lhe intelligencia. Sinto vontade de o chamar e de o beijar. O premio que lhe cabe recebe-o com alvoroço. Vale para elle, seguramente, um esplendido thesouro...

Termina a festa. Dirigimo-nos para a escola do orfeon, que é tambem a sua séde. Porque o orfeon tem uma escola, e o que é mais, uma escola industrial. Ali se ensina a lêr e se ensina a desenhar. O edificio fica n'um dos extremos do povoado, ao fundo d'uma rua estreita. A porta d'entrada deita para um grande pateo. Por cima, um quintal. O orfeon cantará no pateo, ao ar livre. Nós vamos lá para o alto, para o quintal semeado de fresco, transformando o muro baixo em grade de camarote. Os cantores tomam os seus logares. Emquanto duram os preparativos, espraio a vista pelo espaço illuminado e translucido. Acaricia-me um ar tépido que dir-se-hia de imponderavel e impalpavel penugem. O sol cahe a jorros pelo planalto em que as arvores núas e as oliveiras meditabundas põem notas mysticas de consolador messianismo. Lá ao longe, n'um valle suave, dir-se-hia que deslisa, sussurrante e dormente, um riosito enamorado.

Entra-me pelos ouvidos a voz espessa do dr. Antunes. Só agora consigo vêr bem o orfeon. Ha n'elle gente de todas as classes e de todas as edades. Os sopranos são creanças. Os baixos são velhos septuagenarios. Ha a mocidade forte que nada teme confundida com a velhice que tudo receia. Entretanto, parece que teem todos a mesma edade. E' que a sua união é perfeita. Os noventa e tantos corações que Padre Antunes domina fundiram-se n'um só coração. E esse não pode ser mais nobre, mais exhuberante de vida. Ha phisionomias interessantissimas. A serenidade casta da paysagem que me cerca passou, com certeza, para muitos dos olhares que me fixam. Feliz gente esta, que assim vive, entre as suas occupações humildes, consagrada a esta obra de tanta graça que a torna quasi intangivel. Não sei deixar de a admirar muito. E' a minha obrigação e cumpro-a. E' o meu dever e não fujo a elle...

O orfeon canta. Primeiro, um trecho alegre, que semeia, pelo ar morno, risos tilintantes. Fico maravilhado. Serão estes os mesmos cantores que ha pouco ouvi na egreja? Não ha duvida. N'esse caso, o milagre é agora mais extraordinario. O orgão geme com mais harmonia, com mais sentimento, com mais dôr. Porquê? Porque está ao ar livre e tem a acolher-lhe os sons uma atmosphera cheia de tranquillidade e de candura. Agora sim. O orfeon seduz-me por completo. Oiço coraes sonoros e profundos de Bach. O «Hymno á Noite», de Beethoven, embriaga-me. Como foi possivel levar creaturas d'estas, rudes, incultas, de percepção pouco experimentada, a realisarem esta estupenda fascinação? E' a pergunta que dirijo a mim mesmo.

O orfeon continua entoando melodias classicas dos mestres e pedacinhos de musica popular, que são verdadeiros mimos de composição e de execução. A cada minuto me parece mais afinada, mais rica de colorido e de brilho a interpretação que os diversos trechos musicaes vão tendo. Não ha que vêr. O prodigio que a vontade de Padre Antunes creou só assim, sob a caricia do sol, se revela em toda a sua gloriosa grandeza. Uma estridente canção popular põe termo á inolvidavel audição. Todos se afastam com pena.

Approximo-me, n'esse momento do dr. João Antunes e pergunto-lhe como elle realisou o seu milagre. Por acaso. A musica apaixonou-o sempre. E d'uma vez, que com diversos amigos falava de coisas musicaes, de canto coral e de orfeons, houve quem lançasse a ideia de se crear em Condeixa uma sociedade orfeonica. Dito e feito. Dentro em pouco os ensaios principiavam. A ideia alastrava nas classes populares e creava raizes. Appareceram os benemeritos e surgiram donativos. A' custa de inacreditaveis esforços, o orfeon aprendia a cantar, aprendendo ao mesmo tempo a lêr, na escola, muitos que não conheciam nem uma nota. E foi assim... Mais tarde, vieram as audições de Coimbra e das Caldas da Rainha. Foi esta, principalmente, que consagrou definitivamente o Orfeon. Falta agora a de Lisboa. Quando será? Quando virão os artifices e os cavadores de Condeixa cantar Beethoven, no palco do Republica reconstruido, deante da fina flôr da sociedade alfacinha? Parece que para principios de fevereiro. Pois se assim fôr, estou certo que Lisboa vae ter uma das maiores surprezas que podiam colhel-a de chofre. E' que o orfeon de Condeixa é qualquer coisa de muito nobre, de muito bello e de muito sympathico para não merecer a admiração enthusiastica de quantos forem ouvir os humildes filhos do povo, que o compõem, interpretar, com rara perfeição, os mestres que nem para a gente culta são d'uma accessibilidade por ahi além. O milagre que eu fui procurar a Condeixa descerá por ahi abaixo e virá mostrar-se, com simplicidade captivante, a todos os que quizerem deixar-se bafejar por elle. E devo dizer que só um barbaro ouvirá o orfeon do Padre Antunes sem sentir essa commoção rara que é fonte de infinitas alegrias por ser, quasi sempre, bemdito manancial de lagrimas...

ADELINO MENDES

NOITES D'ARTE

A grande Virginia

Reapparece no theatro Nacional, na noite de 17, representando o «Auto do Fim do Dia», de Antonio Correia d'Oliveira

Ha um facto, de alto significado artistico e moral, que não pode ficar apenas archivado no vulgar noticiario de todos os dias. E' preciso pôl-o em fóco, dando-lhe todo o relevo da sua enternecedora simplicidade. Virginia, a grande actriz, gloria d'um paiz que justamente se orgulha em possuil-a, vae em breve, no espectaculo do proximo dia 17, representar no theatro Nacional com os discipulos do Conservatorio. Entre a mocidade radiosa das pequenas gentis actrizes, esperanças d'amanhã, cujo talento apenas balbucia, vamos vêr, ouvir, com a sua voz d'oiro e os seus cabellos brancos de avó, a maior e a mais gloriosa actriz portugueza. Grande pela arte, grande pelo coração, Virginia quiz ter a sensibilisadora bondade de honrar, representando com elles e ao lado d'elles, os moços discipulos da Escola que são hoje uma promessa, e em cujas mãos repousarão amanhã—quem sabe?—os destinos do nosso theatro. A Maior-de-Todas estende, sorrindo, a sua mão gloriosa aos mais pequenos. Com a lição da sua maravilhosa arte, cheia de simplicidade, de emoção e de ternura, Virginia vae dar-lhes a lição, não menos grande, que encerra a belleza moral do seu gesto. A eminente actriz representará um dos pequenos papeis do «Auto do Fim do Dia», de Antonio Correia d'Oliveira, a admiravel georgica christã, repassada de suave idealismo, onde enternecedoramente se evoca toda a vida rural da Beira, completando o espectaculo, como já dissémos, duas «premières» sensacionaes: o «Edipo», de Sophocles, e a pantomima «Pierrot Anarchista», original de Henrique Lopes de Mendonça.

A questão das subsistencias

A exportação de peixe para Hespanha

BEIRA, 5.—Apesar de ter sido prohibida a exportação de peixe, continua elle a seguir para Hespanha nas mesmas condições, se não em mais abundancia e quantidade, pois os negociantes obteem em Lisboa auctorisação com a maior facilidade, com que nem sequer a entidade competente se certifique se os mercados do paiz estão ou não abastecidos.

Aqui não ha peixe ha muito tempo e o pouco que chega a estas localidades portuguezas fronteiriças é carissimo e ordinario.

Pedimos providencias a quem competir.

EGREJA E ESTADO

Os beneficios da separação

A nova Bulla da Santa Cruzada—Monsenhor de Calcedonia... ás malvas

Bento XV reformou a Bulla da Santa Cruzada em Portugal. E' outra consequencia benefica da separação da Egreja e do Estado, a despeito dos excessos radicaes que caracterisam o diploma com que se levou a cabo uma das mais arrojadas medidas da dictadura revolucionaria republicana.

Ninguem se ria da Bulla. Ella desempenhou um notabilissimo papel na consolidação da nacionalidade portugueza áquem e além mar. Em 8 de março de 1912 era nomeada uma commissão de inquerito á Junta Geral da Bulla da Cruzada e decorrido pouco mais d'um anno, em 23 de junho de 1913, a folha official inseria o relatorio da mesma commissão que se absteve, prudentemente, de emittir parecer sobre a maneira de remodelar os serviços do commissariado respectivo, allegando como pretexto que essa reorganisação dependia das modificações que o parlamento viesse a introduzir na lei de 20 de abril de 1911. Mas o relatorio, que é um monumento de erudição e de estylo á altura do nome illustre de quem o firma, o grande escriptor José Caldas, se nada nos diz ácerca da situação d'esse organismo ecclesiastico-civil que era a Bulla e da forma de o transformar, traça-nos, em compensação, uma admiravel synthese historica da existencia juridica da Bulla da Cruzada em Portugal, mostrando-nos, desde as suas origens, a instituição secular e como ella evoluiu e se integrou na historia politica e social da nossa patria. Quem o lêr não se rirá da Bulla, cujos dinheiros, no emtanto, já na epocha pombalina se desbaratavam com o «fausto e grandeza de prelados sem crenças nem espirito religioso», não ousando o ministro de D. José pôr termo aos abusos commettidos á sombra das regalias espirituaes prodigalisadas pela munificencia dos Pontifices romanos... porque era um irmão seu o primeiro responsavel d'esses desregramentos...

A grandeza e o fausto de prelados sem crenças nem espirito religioso! Quando, na sua queda, o throno abalou o altar, que lhe estava n'uma affrontosa dependencia, a Bulla tinha á sua frente se não um d'esses prelados, pelo menos um principe da Egreja de cuja fé, de cujo desapego, de cuja virtude houve quem duvidasse, não só no momento em que elle, florescendo de mocidade e talento, encontrou—que o Apostolo das gentes nos perdôe!—a sua estrada de Damasco, mas tambem atravez da sua diuturna e afortunada existencia cheia de honrarias ecclesiasticas e civis e concomitantes proveitos. Esse principe da Egreja é o sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, lente jubilado da Universidade de Coimbra, antigo par do reino, antigo ministro, antigo presidente da camara dos deputados, que foi bispo titular de Bethesaida e é hoje arcebispo, egualmente titular, de Calcedonia.

Desde a reforma de 1851, que modificou o regimento de 1634, os dinheiros da Bulla empregavam-se, nomeadamente, em subsidios aos seminarios, fabricas e egrejas pobres. A sua administração incumbia a uma junta á testa da qual se encontrava um commissario escolhido pela corôa com a confirmação de Roma. O commissario tinha como assistentes, que se denominavam deputados, quatro vogaes da junta, havendo tambem uma secretaria com um certo numero de officiaes. O decreto de 1851 assignava para vencimento e decente sustentação do commissario a mesma quantia estabelecida por lei para congrua dos bispos com diocese no reino. Os seus successores, comtudo, não podiam receber mais d'um conto, mas semelhante restricção nunca se cumpriu e o ultimo commissario, precisamente quando lastimava a diminuição dos redditos da Bulla, conseguia augmentar os seus vencimentos que iam além de trez contos por anno!

Monsenhor Ayres de Gouveia, que se ordenou ao professar o direito na Universidade de Coimbra e que foi violentamente accusado de, na cathedra, conspurcar a santa memoria de Izabel de Aragão, fez-se padre para ser bispo. Esbelto, elegante, janota, mundano, culto, eloquente, audacioso, enveredou pela hierarchia ecclesiastica como enveredara pela politica e, tendo presidido á camara dos deputados, dispunha-se a presidir á diocese do Algarve, para cuja sé fôra eleito, quando das fileiras catholicas se entrou a gritar que elle cingira o avental de mação com o nome symbolico de irmão Eurico e que seria um escandalo conceder a mitra a quem fizera, se é que ainda não fazia, parte d'uma sociedade secreta solemnemente condemnada pela Egreja. D. Antonio não subiu ao solio episcopal de Faro, mas recebeu o titulo de bispo, «in partibus», de Bethesaida e... o commissariado da Bulla, depois d'uma viagem «ad sacra limina». Os catholicos extremes calaram-se, não sem intensa dôr de alma, sempre desconfiados da sinceridade d'aquella conversão que Roma, acquiescendo aos desejos do governo portuguez, não hesitára em premiar com o solidéo.

Lembro-me de que, ha annos, analysei um dos ultimos se não o ultimo relatorio da Bulla da Santa Cruzada, firmado sob o extincto regimen pelo sr. arcebispo de Calcedonia. Sem embargo de não disfructar no Vaticano uma solida reputação de piedade, monsenhor Ayres de Gouveia, cujo exagerado vernaculismo oratorio Camillo e Ramalho Ortigão satyrisaram em immorredouras paginas, obteve a sua elevação na escola hierarchica da Egreja só para, segundo se murmurou nos proprios centros ecclesiasticos de cavaqueira, justificar o augmento dos seus já importantes honorarios. No relatorio da Bulla correspondente ao anno economico de 1908 mencionava-se o rendimento total de 109.141$049 réis, constituindo a sua quasi totalidade o producto dos summarios, escriptos, bullas e indultos quaresmaes. Apenas cerca de quatro contos provinha de rendimentos diversos e dos juros de inscripções da Junta do Credito Publico.

Só o commissario geral, os deputados e a secretaria guardavam, á sua parte, perto de nove contos de réis annuaes, se bem que, em phases repassadas de artificioso sentimento e d'um recorte estylistico em que a affectação do litterato bizarramente se patenteava, monsenhor de Calcedonia lamentasse o decrescimento do fervor dos fieis e, do mesmo passo, vergastasse a tibieza, o desleixo, ou, como elle lhe chamava, o «censuravel desmazelo» e o «torpe proposito» dos parochos que não incitavam os freguezes a tomar a Bulla e a dar a pequena esmola que se procura alcançar por seu intermedio... Atirava-lhes então em rosto os favores recebidos nos seminarios, pondo-os em contraste com a sua «perniciosa apathia e má-vontade» no exercicio do sacerdocio de que não fariam parte se os subsidios da Bulla faltassem á sustentação dos seminarios, e acabava por aconselhar a difficultação da «gratuitidade nas admissões seminaristicas...» No entretanto monsenhor, capitalista e proprietario, não cedia um real dos seus vencimentos, que nem sequer correspondiam a maior canceira do que á de redigir o relatorio, ceder a chancella para o summario da Bulla e assistir á festa annual da publicação realisada na Sé!

E os bispos diocesanos? Os bispos ficavam silenciosos perante as severas censuras endereçadas aos parochos, mas que, indirectamente, os attingiam tambem...Mais! Os bispos, quasi todos, testemunhavam ao commissario geral o seu reconhecimento em termos taes que parecia deverem apenas á sua magnanimidade o que era simplesmente o fructo da piedosa crença e do que José Caldas classificou de «confiança quasi mistica nas palavras de Roma...»

Proclamou-se a Republica, mezes

Folhetim d'A CAPITAL — 6-1-1916

CHRONICA SCIENTIFICA

Os gazes toxicos como arma de guerra

Uma das industrias que as necessidades ferozes da guerra actual desenvolveram é a dos gazes venenosos, que os allemães, n'um instincto monstruoso de destruição, converteram em arma offensiva, das mais temiveis.

Esta industria é, porem, pelo lado scientifico, de um desenvolvimento interessante, sobre o qual merece a pena dizer duas palavras.

Posto que não se trate de cousas absolutamente novas para a sciencia, a fabricação intensa e o emprego d'estes gazes na arte da guerra, apresentam-se com um certo ar de innovação, a que varios technicos e periodicos scientificos se teem referido, com pormenores elucidativos.

Ha mezes, o professor Guareschi, de Turim, fez na sociedade chimica industrial d'esta cidade uma conferencia sobre a «Chimica dos gazes toxicos e a sua intervenção na guerra», trabalho em que se encontram elementos muito curiosos, de que nos servimos para dar uma ideia ligeira sobre o que é e o que vale este artificio, applicado recentemente como arma de combate.

São numerosos os corpos que a industria allemã produz, nem todos porém egualmente aproveitaveis para o fim visado.

Excluindo os compostos fluorados gazosos, cuja preparação é exessivamente difficil, restam ainda vinte e tantos gazes recommendaveis pela sua pronunciada acção toxica, para o effeito aggressivo e mortifero com que os guerreiros da *Kultur* pretendem desorientar e enfraquecer os soldados inimigos.

São, em primeiro logar, o chloro e os compostos chlorados, o acido chlorhydrico, o bioxydo de chloro, o oxychloreto de carbono, o chloreto de cyanogenio e o chloreto de nitrosile; veem em seguida o bromio e os seus derivados, o acido bromhydrico e o brometo de cyanogenio, os compostos de azoto, bioxydo e peroxydo, o amoniaco, o acido prussico; os compostos phosphorados e sulphorosos e por fim o oxydo de carbono e o anhydrido carbonico. Estes gazes derramados na atmosphera, mesmo ao ar livre, em doses relativamente pequenas, exercem a sua influencia prejudicial e provocam pelo menos accidentes graves.

Alguns tornam-se visiveis, pela formação de fumos ou nuvens denunciadoras da sua presença. São aquelles que reagem sobre o vapor d'agua atmospherico e dão origem a novos corpos, que se condensam. Taes são os acidos chlorhydrico e bromhydrico. O anhydrido sulphurico produz uma nuvem branca, porém os fumos devidos aos primeiros são mais perigosos, bem como os de peroxydo de azoto.

Alguns d'estes gazes não são fabricados expressamente para o combate traiçoeiro innovado pelos allemães. Servem muitas vezes para operações industriaes diversas. Está n'este caso o chloro, o qual é objecto de uma grande fabricação e pode obter-se facilmente pela decomposição do chloreto de magnesio. O chloro é liquifeito e, como no estado liquido não ataca o ferro, pode transportar-se facilmente em involucros de aço. Do mesmo modo se transporta o acido chlorhydrico, que é gazozo e se liquifaz facilmente e de que se produzem grandes quantidades na Allemanha. As quantidades de bromio extrahidas n'este paiz orçam por 600 a 900 toneladas. A industria das materias córantes e a fabricação dos brometos consomem grandes quantidades d'este corpo.

Um outro gaz não menos perigoso é o oxicloreto de carbono ou *gaz phosgenio*, que se produz combinando á luz do sol uma mistura de volumes eguaes de oxido de carbono e de chloro. Tambem se prepara em grandes quantidades, no estado liquido, da mesma maneira que os outros gazes.

E' um gaz incolor, de cheiro suffocante, demasiadamente irritante, que provoca as lagrimas, excessivamente perigoso para as mucosas dos orgãos respiratorios, que elle desorganisa.

São muitos os gazes que provocam as lagrimas, bem como os liquidos que emittem vapores de egual propriedade, taes são os etheres chlorocarbonicos, a *cloropicrina* ou nitrochloroformio.

Ha tambem compostos aromaticos, que irritam fortemente os olhos, por exemplo, o chloreto e o brometo de benzyle.

Devem mencionar-se tambem n'este grupo os compostos gazozos fluorados, como o fluoreto de thionile, de cheiro analogo ao phosgenio e o chloreto de thionile, suffocante como o anhydrido sulphoroso.

Certos compostos organo-metalicos são tambem empregados, o zinco-diethyle e o zinco dimethyle, que são liquidos, que exhalam cheiro muito desagradavel e se inflamam espontaneamente ao ar. O seu lançamento não só incommoda o inimigo nas trincheiras, mas é susceptivel de produzir, ao derramar-se junto dos combatentes, queimaduras graves.

Os gazes empregados na guerra, contra as convenções internacionaes reguladoras e attenuantes d'esta acção violenta, devem obedecer a um certo numero de principios, cuja investigação representa um requinte de maldade consciente. Devem possuir um grande poder toxico, isto é, provocar os accidentes, mesmo sem estado de grande diluição no ar; estão n'este caso o chloro, o bromio, o peroxydo de azoto, o anhydrido sulphoroso, o bioxido de chloro, o hydrogenio phosphorado e o acido prussico.

A presença do vapor d'agua não os deve decompôr.

Devem obter-se com facilidade e por um preço diminuto.

Além d'isso, devem ser facilmente transportaveis, o que se verifica para muitos d'estes corpos destruidores, por isso que se liquifazem, a baixas pressões.

E' preciso que tenham uma densidade superior á do ar, para que, apoz o estalar das bombas que os conteem, se difundam lentamente na atmosphera, nas camadas inferiores, facto que se dá realmente com o chloro, o bromio, o chloreto de carbonio. Não deve ser absorvido ou neutralisado pelos reagentes chimicos.

Os gazes mais perigosos reunem a maioria d'estas propriedades, sendo portanto preferidos para determinar o panico e a morte lenta e horrivel no inimigo.

Felizmente estes gazes venenosos são facilmente decompostos e neutralisados pelos alcalis causticos e pelos carbonatos alcalinos. Outros, como o amoniaco, são absorvidos pelos liquidos acidos.

Na lucta effectiva contra estes novos agentes é conveniente pôr de parte as soluções neutralisantes e empregar mais praticamente os corpos solidos absorventes. Em geral a defeza é constituida por tecidos vegetaes embebidos nas soluções protectoras. Usa-se por isso de preferencia a mascara de musselina, ou os *sachets*, contendo os crystaes de carbonato de soda pulverisados e que se applicam rapidamente, tapando a bocca e o nariz, para impedir a acção dos gazes deleterios.

Segundo o professor Guareschi, a cal sodada secca, na forma de pequenos granulos, é applicavel com exito. Este corpo fixa os principaes agentes toxicos gazosos.

Em todo o caso, os reagentes solidos são de escolha, como antidotos; o modo de se pôr em pratica esta defeza, por meio de apparelhos portateis, como mascaras e outros, fica ao alcance de faceis engenhos, que o espirito de lucta desperta nos proprios interessados.

A sciencia que, tão mal empregada ao serviço d'esta lucta sangrenta, origina imperturbavelmente semelhantes agentes de anniquilamento, providencialmente estabelece tambem a forma de annullar a sua acção malefica e serenamente continua a sua tarefa investigadora e de regeneração em todos os campos.

J. Bethencourt Ferreira

SALÃO FOZ

M.elle Zoula de Boncza

M.elle Zoula de Boncza, a celebre dançarina-mimica da Opera Comica de Paris, que tem feito grandioso e geral successo em todos os theatros onde se apresenta, realisa a sua festa artistica no proximo sabbado, 8, no elegante Salão Foz.

A eminente artista interpreta d'uma maneira admiravel e muito sua, as obras dos grandes mestres classicos com uma perfeição tal que jámais alguem a poderá imitar.

A expressão do rosto, os movimentos e a mimica d'esta artista incomparavel são de uma belleza ideal e de um effeito esthetico, harmonioso e classico. Interpreta com a mesma facilidade a dôr e a alegria, glorificando a primavera da vida.

Em tudo isto os seus bellos olhos cheios de expressão e belleza, os seus lindos dedos alongados, o seu bello corpo flexivel e cheio de graça, fazem um conjuncto ideal.

Que differença entre as suas danças de um classico mais puro e os passos de certas dançarinas que se dizem mundanas?

N'*A Momie Egyptienne*, episodio dramatico, que interpreta de uma forma tão completa de uma verdadeira filha de Torpsichore, a eminente dançarina M.elle Zoula de Boncza mostra-se digna émula de Miss. Duncan; *Le Printemps*, de Mendelssohn, é dançado com uma fina graça *exquise* e no *Rêve de valse*, de Oscar Strauss, M.elle Boncza é uma artista completa, nos seus difficeis passo e poses de arte choreographica.

O publico do Foz, habituado a ver numeros de sansação, comprehendeu a arte delicada d'esta dançarina incomparavel, dando-lhe o seu justo valor, applaudindo-a sem reservas.

A noite de sabbado vae ser um verdadeiro acontecimento artistico n'este Salão.

depois decretava-se a separação da Egreja e do Estado. Assegura-se que o sr. arcebispo de Calcedonia tem continuado até agora a receber os seus trez contos e pico de commissario geral da Bulla, esperando o momento da remodelação promettida na famosa lei. Será verdade? Ignoro-o. Do nonagenario bispo, que hoje por desfastio traduz Tibullo e commenta Camões, apenas me consta que, avistando-se, ha tempo, com o sr. Affonso Costa, deixou este estadista de tal fórma impressionado que se lhe attribue até a seguinte phrase:

—A certa altura eu é que parecia o catholico e elle o livre-pensador!

Como quer que seja, o escandalo da Bulla acabou. Prolongar-se-hia ainda se, bem ou mal feita, a separação da Egreja e do Estado se não fizesse. O sr. arcebispo de Calcedonia deixou de ser o commissario geral. Esta entidade cede o logar a outra apenas dependente da Santa Sé: o executor apostolico. E' elle o cardeal de Lisboa. A nova Bulla, cujos rendimentos teem o mesmo destino anterior, excepção feita da sinecura calcedoniense, é abundante de vantagens temporaes e espirituaes. Sua santidade restringe a abstinencia de carne e o jejum a um numero muito mais limitado de dias e faz outras concessões que vão ser tidas no mais alto apreço pelos fieis...

Eis novos beneficios da separação que cumpre juntar aos que já registámos n'estas columnas.

Avelino de Almeida

O actor Guitry no Republica

A assignatura para as 8 recitas em que toma parte o celebre actor Guitry é encerrada no sabbado, como os jornaes lisbonenses annunciam, e ouvimos que uma sociedade escolhida tem combinado concorrer a essas recitas, tanto mais desde que n'esse numeroso contam as peças de Bourget, de Lemaitre, Bernstein, Flers e Caillavet, etc. Não andaremos, pois, longe do que succederá prognosticando ao acaso honras especiaes, como é da praxe no theatro Republica em identicas circumstancias.

Soccorros aos feridos militares

Comité Anglo-Franco-Belga

O Comité-Anglo-Franco-Belga acaba de receber de madame Alberto de Mascarenhas e das senhoras que promoveram o Bazar de Caridade no dia 22 de dezembro findo, no Club Inglez, a importancia de 3.022$08,5.

N'este total entra a quantia de 678$00 proveniente da rifa do Album organisado pela sr.ª D. Branca de Athouguia Ferreira Pinto Basto, a qual foi effectuada por occasião do referido Bazar e que foi entregue ao Comité por lady Carnegie.

D'estas quantias foram enviadas á Cruz Vermelha ingleza libras 150 e á Cruz Vermelha da Servia libras 50.

O comité tem recebido até hoje, em Lisboa e no Porto a importancia total de 65.503$20, sendo enviada ás ambulancias dos paizes alliados uma parte em dinheiro, e a maior em generos.

As expedições feitas pelo comité elevam-se a 23, representando cerca de 190.000 objectos de vestuario e pensos, entre elles mais de 21.000 camisas, 3.000 ceroulas, 5.000 pares de peugas, etc.

O comité deseja tornar bem publico o seu reconhecimento a todos os bemfeitores, tanto nacionaes como estrangeiros, que teem concorrido para tão brilhante resultado, dando assim uma prova bem clara do espirito caritativo, que os tem animado n'esta cruzada do bem. E sendo o comité representante d'aquelles que beneficia, em nome d'estes desventurados feridos e corajosos patriotas agradece e pede a continuação do auxilio no limite das forças de cada um.

Egualmente o comité agradece á imprensa que tão generosamente tem dado publicidade ás suas noticias, tornando assim conhecidos os resultados colhidos e contribuindo com novas dadivas dos seus leitores.

O comité está elaborando um relatorio completo dos seus trabalhos até ao dia 31 de dezembro, o qual será enviado a todas as pessoas que teem contribuido para o seu fim organico, bem como a quem o reclamar.

O concerto Blanch de domingo em S. Carlos

E' dos mais extraordinarios o concerto da Orchestra Symphonica Portugueza dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que se realisa no proximo domingo em S. Carlos. A concorrencia será, como sempre, completa, não ficando um logar vago. O maestro Blanch cada vez vae organisando programmas mais interessantes e mais artisticos. No proximo domingo executa-se em 1.ª audição uma das mais notaveis obras primas de Liszt, o celebre poema symphonico *Mazeppa* Executam-se ainda a famosa 7.ª symphonia de Beethoven, a *Walkyria, Despedida de Wotan* e *Encanto do Fogo*, do Wagner, e varias obras de Mendelssohn, Schubert, Weber e outros compositores classicos e modernos.

E' um dos mais notaveis concertos da epocha, e o ultimo que se realisa em S. Carlos, pois que os seguintes serão já no novo theatro Republica.

Notas falsas

Esclarecimento importante

Meu amigo—Li hontem na *Capital* uma local sobre notas falsas de 100$000 réis.

Como eu tambem fui *mimoseado* com uma, que é de uma perfeição extraordinaria, lembro-me que presto um serviço ao publico, visto que, segundo creio, o Banco de Portugal ainda nada disse, avisando de que a unica differença entre a falsa e a verdadeira, existe nos dois medalhões que a nota tem a agua.

A falsa tem lustro; parece que foi a marca feita com uma materia gordurosa e a verdadeira não.

Se entender que deve dar publicidade a este aviso, aqui fica á sua disposição o de v. etc.—*Raul Courrege.*

P. S.—Segundo me consta, o Banco vae immediatamente substituir a emissão em circulação por outra.—*R. C.*

Theatro S. Carlos

Depois d'ámanhã, sabbado e domingo, a companhia do Republica dá em S. Carlos ainda dois espectaculos, que serão os ultimos antes da inauguração do novo theatro Republica. No sabbado representa-se a celebre peça historica «Aljubarrota» e no domingo uma das mais festejadas peças do repertorio.

SPORT

Notas do dia

Um combate esperado...

No Porto, hoje á noite, effectua-se um combate de lucta greco-romana que está despertando extraordinario interesse porque colloca novamente em presença dois combatentes que o jury desclassificou ha dias,—Hiltman e Reutel. A primeira lucta foi movimentada e terrivel. Foi aquella lucta que levou os espectadores a atirar, sobre Hiltman, almofadas e bengalas. Quem ganhará? Não se sabe, porque ambos são fortes e energicos e ambos [illegible] desejos de victoria.

Um grande combate de socco...

Para o dia 14 d'este mez, projecta-se no Porto um grande combate de socco, que vae pôr em destaque o merecimento de dois professionaes de fama, Blink Mac Closkey, que os lisboetas já conhecem e Kid Jackson, um negro de excepcionaes faculdades. E' um dos mais importantes desafios que até hoje se tem annunciado em Portugal.

Na verdade, os portuenses estão mais arrojados que os lisboetas...

Algumas anecdotas

Um arbitro e um pugilista como ha poucos...

Querem uma historia sobre arbitros, que são parolaes e que não sabem ver o athletismo acima das questões de amizade? Já a contaram varios escriptores. Já Desbonnet a reeditou, como, de resto, nós o fazemos.

Foi em Atlanta, n'um pequeno club da cidade. Ia disputar-se um combate entre dois adversarios, um dos quaes era negro, um creado de café chamado Diomond, outro um «Carman», chamado Jabbo.

A «bolsa» devia reunir-se depois do combate por meio d'um chápeu passado entre os espectadores e o vencedor recebia tudo que se obtivesse.

Jabbo, que era o campeão do club, tinha o direito de escolher o arbitro. Designou um dos seus amigos, George Munroe.

O combate era de 6 «rounds».

Tudo marchou bem de principio. De repente, no 3.º «round», Diamont deu sobre Jabbo um tremendo socco na testa; rolavam ambos por terra, e n'esta confusão, o joelho de Diamont feriu o nariz de Jabbo, do qual sahiram algumas gottas de sangue.

Diamond foi o primeiro a levantar-se.

—«Senhor arbitro, conte já os segundos. Um, dois, trez, quatro...»

E pôz-se a contar com a velocidade do expresso do Porto.

—«Vira-se para traz. Quem é aqui o arbitro, você ou eu?» E por sua vez, pôz-se a contar, mas com a velocidade d'um comboio de mercadorias para as Caldas. «Um... Vamos, Jabbo levanta-te que não estás ferido. Dois... Tu deves ver que todos acreditam que ganhas. Trez... Deves continuar sempre que t'o digo eu. Quatro... Por forma nenhuma deves abandonar o «ring»...»

—«Sim abandono, porque joelhadas no nariz não é fazer box...»

—«Cinco... Não sejas tolo, levanta-te e continua. Elle fez isso sem querer. Seis... olha para a cara d'elle e verás como está arrependido.»

Diamont furioso avançou para o arbitro e grita:

—«Olhe que já contei até cento e dez! Isto não pode ser! Eu já ganhei!...» E retirou as luvas. Então o arbitro, serenamente, «olympicamente» declarou vencedor o Jabbo porque Diamont havia abandonado o combate!

O chapeu correu e volta e reuniu-se a bonita somma de 16 dolars, que Jabbo guardou com visivel satisfação. E o arbitro disse-lhe:

—«Ganhaste porque te fiz ganhar, mas se soubesse que juntavas tanto dinheiro era eu que calçava as luvas e não o negro...»

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Pena Foot-Ball Club

O capitão geral d'este club pede a comparencia de todos os seus jogadores no proximo domingo, pelas 15 horas, no campo de Belem, para jogar em desafio.

Tiro aos pombos

Os pombos ultimamente fornecidos para o Stand de Palhavã teem sido de primeira qualidade, motivo pelo qual os nossos atiradores mais distinctos não deixam de frequentar as sessões que todos os domingos ali se realisam a fim de adquirirem o treino necessario para as futuras «poules» de importancia que ali se realisarão.

Entre ellas, destacam-se a «poule» mensal que no ultimo domingo se costuma realisar, bem como a grande «poule» para a disputa da artistica «Taça Lisboa» que no ultimo anno foi ganha pelo atirador de Castello Branco sr. José Burgos.

No domingo proximo disputa-se a «poule» mensal, cujos premios são constituidos por 60 e 30 por cento das entradas, respectivamente para o primeiro e segundo classificado.

O desafio de hoje

No desafio de *foot-ball* hoje realisado no Campo de Sete Rios, os suissos contra o Sport Lisboa e Bemfica empataram por 1 *goal* contra 1.

A assistencia era numerosa e na segunda parte a vantagem foi dos suissos.

Ida de Carvalho Alcobia

FALLECEU

Maria Thereza Homem de Carvalho Alcobia, Henrique de Carvalho Alcobia, Raul de Carvalho Alcobia, Henrique Augusto Homem de Carvalho, Demetrio Cinatti (ausente), Celeste Cinatti Vaz Monteiro Gomes e seu marido, Manuel d'Avila e sua esposa, participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o fallecimento da sua muito querida e chorada filha, irmã, sobrinha e prima Ida de Carvalho Alcobia e que o seu funeral se realisa ámanhã, 7 do corrente, a hora ainda não determinada, sahindo o prestito funebre da rua Luciano Cordeiro, J. S. B., 3.º, esquerdo, para jazigo de familia no cemiterio oriental. Não se fazem convites especiaes pelo estado de consternação em que se encontram.

NO BRAZIL

Por insultar Portugal

Como terminou uma conferencia germanophila no Centro Portuguez de Santos

Pelos jornaes ultimamente chegados do Brazil, soubemos que na cidade de Santos se deram graves acontecimentos entre a colonia portugueza d'aquella florescente cidade.

E' o *Portugal Moderno* que mais pormenorisadamente nol-o conta. No Centro Portuguez de Santos, annunciara-se uma conferencia subordinada ao titulo de «Portugal na guerra», sendo conferente um sr. Costa Allemão, que parece ser o mesmo que tanto se celebrisou em Coimbra e em Africa.

Os réclames da conferencia puzeram de sobreaviso os nossos compatriotas, dignos do nome de portuguezes, que se sobresaltaram com os termos injuriosos, com que a Republica e Portugal eram n'elles mimoseados.

O escandalo tomou tal vulto que o chefe de policia de Santos se viu obrigado a intimar o presidente do Centro, sr. Monteiro Morgado, a apresentar-lhe a sumula do discurso projectado.

Tanto este ultimo como o incipiente propagandista asseguraram a essa auctoridade que a conferencia não teria o mais leve cunho politico e assim conseguiram a auctorisação de a realisar na noite de 11 do passado dezembro.

A' hora marcada, sobre a fachada do edificio, que inda ostenta estupidamente o nome de *Real Centro Portuguez*, arvorára-se descaradamente a bandeira allemã.

Os animos estavam assim na sua maxima exaltação, quando o conferente começou a despejar os seus insultos contra o regimen e contra a propria nação portugueza.

Foi n'esta altura que os socios republicanos, e muitos sem politica mas patriotas, intervieram, apossando-se do salão, formaram ali uma assembleia extraordinaria, elegeram uma nova direcção e abateram da frontaria do Centro a bandeira allemã, arvorando em vez d'ella a bandeira nacional da Republica Portugueza.

O grupo de patriotas que tão energica e nobremente procedeu publicou no dia 12 no *Diario de Santos* uma *Explicação á colonia portugueza*, da qual extrahimos os trechos que seguem.

O acto de um grupo de portuguezes, interpretando os sentimentos geraes da colonia, ao hastear o pavilhão verde-rubro no Real Centro Portuguez teve duas poderosas causas—uma proxima, outra remota:

1.º Como causa remota o facto de ser vedada a entrada a quem manifestasse ideias fieis ao regimen vigente em Portugal; privação de voto aos que apenas se mostrassem suspeitos e só regalias aos que como verdadeiros sebastianistas esperam o regresso á monarchia com toda a sua cohorte de velharias.

2.º Como causa proxima a exhibição da bandeira de um paiz que nos combateu na Africa menosprezando e trahindo-se assim laços da alliança ingleza tantas vezes secular.

....

O pavilhão nacional portuguez foi hasteado n'um gesto vibrante de patriotismo, e a todos cabe hoje o dever de conserval-o e respeital-o. Eleita por acclamação nova directoria exclusivamente composta de socios antigos d'aquella casa, que saberão trilhar melhor caminho, compete-lhe fazer o resto da obra que o momento impõe.

Nada mais se deseja. Reorganisados os estatutos e pacificados os animos haverá o respeito necessario para com tudo que lá dentro se encontra representando homens e coisas do regimen extincto e que nos hão de merecer o acatamento de reliquias do nosso torrão natal.

Não se póde deixar de applaudir o gesto dos nossos briosos compatriotas, lamentando apenas que seja ainda com o nome de portuguezes que Costa Allemão e quejandos se empregam em insultar a nossa Patria.

COLISEU DOS RECREIOS

"A Gioconda,,

As segundas feiras do Colyseu da muito que eram o ponto de reunião da sociedade elegante, mas a affluencia tem sido tal e a companhia tão boa que essa sociedade resolveu tambem concorrer ás recitas de quinta-feira e assim para hoje, estreia da «Gioconda», já hontem ficaram marcados muitos camarotes e grande numero de «fauteuils».

Justifica-se a concorrencia pois os primeiros papeis da «Gioconda» foram confiados aos melhores elementos da companhia.

Hontem a «Boheme» foi um successo, sendo applaudidissimo o tenor Marescotti, que pela primeira vez cantou entre nós a parte de «Rodolpho».

Quanto á recita de hoje diremos que a «Gioconda» vae posta com grande riqueza de scenario e guarda-roupa. A sr.ª Gaetanina Azzolini mostrará os seus recursos de bailarina consagrada.

A distribuição da «Gioconda» é a seguinte:

«Gioconda, cantora ambulante», sr.ª Maganna Lopez; «Laura Adorno, mulher de Alviso», sr.ª Erminia Rubadi; «A Cega, mãe de Gioconda», sr.ª Maria Camozzi; «Enzo Grinaldo, principe genovez, sr. Giulio Tincani; «Barnarba, cantor ambulante», Mimo Zuffo; «Alviso Bodoero, do Conselho dos Dez», sr. Michele Fiori; «Zuano», gondoleiro», sr. Libero Ottoboni.

N'uma das primeiras recitas a opera de Donizetti «Favorita».

PEQUENAS NOTICIAS

Deu entrada na enfermaria 4 do hospital de S. José o servente de pedreiro Manuel Rodrigues, morador na calçada de Sant'Anna, que tendo cahido da «cabine» do ascensor do Monte-pio Geral fracturou a perna esquerda. Ao banco foi receber curativo de um ferimento na cabeça resultante de queda, n'uma escada da rua dos Cavalleiros, Maria de Jesus Palma, asylada no Asylo de Campolide.

—Por despacho ministerial foi auctorisada a gratificação de 3 escudos ao cabo 153 Manuel Albuquerque Torres e de 2$50 aos guardas 440 João de Jesus Freitas, 585 Manuel Maria Nunes, 776 José Augusto Lameirinhas, 1:250 Antonio Aleixo, 1:316 Antonio Ribeiro Pereira e 1:433 Valentim Catharino, por haverem desempenhado com provada coragem, intelligencia e sagacidade ás capturas em flagrante delicto de differentes criminosos que se empregavam no roubo de material da illuminação publica. Tambem foi louvado o guarda 281 José dos Santos, pelo seu procedimento altruista, recolhendo em sua casa uma creança de 11 annos que encontrou abandonada, dando-lhe sustento apesar dos seus poucos vencimentos.

—Augusto Rosa, industrial, residente na rua de Santa Martha, 21 e 25, queixou-se de que Carlos Serrano Teixeira de Lemos, sem residencia, lhe furton do seu estabelecimento varios objectos no valor de 79$72.

ULTIMA HORA

Na Camara dos Deputados

Approvam-se varios projectos de lei

Hoje ha numero. Depois de responderem 57 deputados á primeira chamada, respondem á segunda 73. Proclamam-se deputados os srs. Tamagnini Barbosa e Alfredo de Magalhães. O sr. Moura Pinto queixa-se de que hontem, ao sahir do parlamento, o insultaram. O sr. presidente que providencie, senão, deixará de ser deputado para ser assassino. O presidente promette attender a queixa. O sr. Casimiro R. de Sá pergunta quando entra em discussão o projecto do sr. Pereira Victorino revogando a lei do afastamento. O sr. Carvalho Mourão propõe que se lance na acta um voto de sentimento pela morte do sr. Antonio de Azevedo Castello Branco. Associam-se, com palavras do mais alto elogio para o fallecido, os srs. Brito Guimarães, unionista; Barbosa de Magalhães, pela maioria; ministro da justiça, pelo governo, e presidente da camara. O voto de sentimento é approvado por unanimidade. O sr. Moraes Rosa acha que ha muito não ha justiça na comarca da Graciosa, por não parar ali nenhum dos magistrados que para lá se nomeiam. O sr. Ernesto de Vilhena pede a attenção do sr. ministro das colonias para o que se tem passado em relação á construcção do caminho de ferro de Quelimane ao Chire e Tete. Affirma que essa medida, adoptada pelo gabinete democratico da presidencia do sr. dr. Affonso Costa, por decreto de 7 de julho de 1913, tem uma elevada significação moral e um extraordinario alcance economico: elevada significação moral por mostrar que a Republica soube resistir ás poderosas influencias que até então haviam contrariado a adopção d'essa medida, e realisar um melhoramento que a monarchia projectava, sem exito desde 1889; e um extraordinario alcance economico, não só por delinear um plano de viação accelerada para uma região fertilissima, e a que está reservado um esplendido futuro agricola e industrial, mas por contribuir, poderosamente, para a nacionalisação da provincia de Moçambique, chamando ao pittoresco porto de Quelimane, que tem uma tradição de quatro seculos de colonisação genuinamente portugueza, o trafego do interior, que não iria, assim, procurar outros portos mais ao sul e menos caracteristicamente nacionaes. O decreto de 1913 creava um «fundo» composto com o producto de certos impostos especiaes a cobrar no districto de Quelimane, para a construcção da via ferrea. Era um grande sacrificio a que se prestavam todos os seus colonos e os importantes interesses que ali existem, mas não se soube corresponder a elles, e, depois de construidos cerca de 80 kilometros de plataforma, os trabalhos pararam, e 400 contos do «fundo especial» foram illegalmente desviados para outras obras e serviços. E' indispensavel que o sr. ministro das colonias faça reverter para o «fundo» os dinheiros assim desviados, e promova a rapida acquisição de material necessario para conclusão rapida de tão importante melhoramento. E isso será, não só uma obra de coherencia republicana, mas de alta moralidade. Sabe que o sr. ministro, funccionario competentissimo, está assoberbado por pesados e cada vez mais numerosos e inesperados problemas, mas está certo de que elle se compenetrará da importancia do assumpto, e lhe dará rapida solução.

O sr. Pires de Campos refere-se ao ultimo decreto sobre subsistencias, pedindo que se esclareça o artigo 3.º, que diz respeito á exportação de vinhos, a qual não póde, de modo nenhum, ser prohibida. O sr. ministro das finanças aprecia as disposições do decreto, dizendo que elle apenas prevê a necessidade de, n'um dado momento, ter de ser prohibida a exportação de vinhos, medida que, de resto, o governo não julga ter algum dia de tomar.

Passa-se á ordem do dia. E' posto em discussão o projecto que cria na Povoa de Santa Iria uma parochia civil. Fala o sr. João Gonçalves, que approva o projecto. A Camara dá-lhe tambem o seu voto. Approva-se tambem um outro projecto creando em Quarteira, Loulé, uma outra parochia civil. Defende-o o sr. Cabeçadas. O projecto que extingue nas repartições tarefas e serões, e que tem parecer contrario da commissão de finanças, é rejeitado, depois de ser discutido pelos srs. Cruz, Barbosa de Magalhães e Aresta Branco. O projecto que prohibe todos os funccionarios dos muzeus d'arte e os encarregados dos arrolamentos dos objectos artisticos, de negociarem com esses objectos, E' approvado com emendas. Por ultimo, approva-se o projecto que regula a reforma das praças do exercito e da armada, promovidas por distincção, por occasião da proclamação da Republica. Em seguida, é encerrada a sessão.

Presidente da Republica

O sr. presidente da Republica recebeu hoje no palacio de Belem os srs. drs. Duarte Leite e Brito Camacho, Bartholomeu Ferreira, Caetano Pinto, Salonel José Guerreiro, Ricardo Borges de Sousa, Marcel Meunier, Augusto da Fonseca e Ernesto Fereira.

O chefe do Estado visita amanhã o museu ethnologico e no domingo, ás 14 horas e meia, o Supremo Tribunal de Justiça, seguindo depois para o concerto no Politheama.

Noticias parlamentares

Hoje, quando se prestava homenagem ao sr. Antonio de Azevedo, a inferneira na Camara era tanta que um deputado, vindo dos tempos idos, não pôde impedir se de exclamar que o venerável areophago parecia, pura e simplesmente, um «arraial». Justa observação, não ha duvida. Em geral, na Camara, quem fala menos é quem tem a palavra. E ainda que seja quem fala mais é seguramente, o que menos se ouve. Os collegas encarregam-se de lhe afogar a eloquencia n'um tão extranho e denso sussurro que só á custa de heroicos esforços se consegue perceber-lhe um pobre som articulado. Será isto proprio do Parlamento? O sr. Arthur Costa, que não quer cafés em S. Bento, que o diga, para a gente se curvar perante a sua sabia sentença. Entretanto, bem parece que um pouco de conversa a menos não faria mal nenhum.

* * *

Lembras-te leitor, d'aquella zaragata que ha dias, na Camara, estalou por causa da tragedia... sangrenta dos cirurgiões do hospital? Pois se te lembras deves saber que os srs. Arthur Costa e Hermano de Medeiros se disseram bocadinhos do oiro, que bem podiam figurar n'uma antologia de phrases amavais para uso dos srs. representantes da nação. Suppoz-se que a coisa tinha ficado por ali, mas sem razão. O sr. Arthur Costa julgou-se offendido e tratou de chamar o sr. Medeiros a terreiro, enviando-lhe como testemunhas os srs. Mello Barreto e Arthur Cohen, mas em vão. O sr. Hermano de Medeiros respondeu que o offendido era elle e que não tinha nada que dizer ao sr. Costa. E n'isto estamos. Haverá duello? Não haverá? O mais certo é não haver, porque isto de arriscar a pelle por dá cá aquella palha, não passa de uma tremenda tolice...

* * *

O sr. Pires de Campos tem um pouco a mania de passar tudo a pente fino. Não ha como e le pará descobrir coisas estranhas por essas secretarias e para as levar ao Parlamento como quem leva, em triumpho, n'uma procissão, a hostia consagrada. Foi até por isso que o nomearam inspector das especialidades pharmaceuticas, conezia que deve render mais de dois contos e quinhentos, com ordenados, ajudas de custo e tudo. Em fim, sempre foi o primeiro inspector que se nomeou. Hoje, o sr. Pires de Campos activou-se no ultimo decreto sobre subsistencias. Pode exportar-se vinho? Não póde? Evidentemente, urgia que tal se esclarecesse. Que sim, responde-lhe o sr. ministro das finanças. O vinho tem livre transito nacional e internacional. Ora ahi está uma noticia que deve dar um vivo alegrão a todos os borrachos do Paiz e do estrangeiro...

* * *

Segundo corria hoje pelos Passos Perdidos, o sr. ministro das colonias levará muito brevemente ao Congresso uma proposta de lei alterando em varios pontos as leis organicas das provincias ultramarinas, votadas o anno passado no Parlamento. Ao que parece, um dos pontos modificados será o que se refere aos logares de auditores fiscaes, que eram tantos quantos são as colonias e os seus districtos e que, pela annunciada proposta do sr. Gaspar, ficarão sendo apenas quatro: um para Angola, outro para Moçambique, outro para Cabo Verde, Guiné e S. Thomé e outro para a India, Macau e Timor. Os logares em questão parece que deixam tambem de denominar-se auditorias, perdendo, assim, essa pomposa designação. Se a iniciativa do sr. ministro das colonias fôr por deante, vae ser uma tragedia, tamanha era a chusma de pretendentes que em torno dos esplendidos... bispados civis voejava com aguçados intuitos mandibulantes.

NOTAS DIVERSAS

A' audiencia ao corpo diplomatico compareceram os srs. ministros da Inglaterra e da Belgica e os encarregados de negocios de Hespanha e Noruega.

—Navegando para o norte passou hoje á vista do Cabo Carvoeiro o torpedeiro hespanhol n.º 9.

—Com o sr. ministro dos negocios estrangeiros conferenciou o sr. dr. Duarte Leite, embaixador de Portugal no Brazil.

—Uma commissão de funccionarios da direcção fiscal dos caminhos de ferro procurou hoje o sr. ministro do fomento com quem tratou de assumptos de interesse da classe e melhoria de situação.

—O sr. ministro do fomento recebe amanhã a direcção da associação dos proprietarios de sapatarias, que vae tratar da exportação de couros.

—Pela *Ordem do Exercito*, 2.ª serie, hoje distribuida são promovidos: a coronel, o tenente-coronel de infantaria Manuel da Costa e Sousa; a tenentes-coroneis, os majores de engenharia Albino José Rodrigues Junior e de infantaria Alberto de Almeida Loureiro e Vasconcellos; a majores, os capitães de engenharia Manuel José Pinto Osorio, de infantaria Accacio Mengo de Abreu e do quadro auxiliar dos serviços de artilharia José Pires Ruivo. Na reserva, por ter sido julgado incapaz de serviço, foi collocado o coronel de infantaria 12 Francisco dos Santos Callado.

—O *Diario do Governo* de hoje insere o decreto convocando os collegios eleitoraes do circulo de Ponta Delgada para o dia 13 de fevereiro, para preenchimento de uma vaga de deputado.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

DR. DUARTE LEITE

A bordo do paquete «Amazon», que deu entrada hontem á noite no Tejo, veiu o sr. dr. Duarte Leite, nosso embaixador no Brazil. N'um dos pequenos barcos da empreza foram hoje de manhã ao encontro d'esse diplomata os srs. dr. Brito Camacho, Francisco Costa e Antonio da Silva Cunha, tendo seguido no «Azinheira» os srs. Santos Tavares, representando o sr. ministro dos negocios estrangeiros, 1.º tenente Danin, consul em Santos, dr. Alberto de Oliveira, consul no Rio de Janeiro, e Vasco Morgado, consul em Ayamonte. Apresentados os cumprimentos ao sr. dr. Duarte Leite, este, com sua familia e os seus amigos, embarcou no vapor «America», realisando-se o desembarque cerca das 9 horas.

DE REGRESSO

Do Rio de Janeiro regressaram no paquete «Amazon» os srs. Americo Lage, Gustavo da Silva Ramos, Paulo e Pedro da Cunha Porto e Manuel Mendes da Silva.

BOAS-FESTAS

Recebemos os cumprimnetos de bom anno, que agradecemos e retribuimos, da distincta actriz do theatro Nacional Maria Augusta.

Tambem veiu pessoalmente comprimentar-nos o sr. major Rosa.

LUTUOSA

Na sua residencia, rua Luciano Cordeiro, J. S. B., 3.º, falleceu hoje a sr.ª D. Ilda de Carvalho Alcobia, filha do fallecido capitão tenente sr. José Carlos Alcobia e sobrinha do nosso consul em Londres, capitão de mar e guerra sr. Demetrio Cinatti. O funeral da inditosa menina, que apenas contava 21 annos e deixa fundas saudades em todos que a conheciam, realisa-se ámanhã, a hora ainda não determinada.

A' familia enlutada os nossos pezames.

A grande guerra

O serviço obrigatorio em Inglaterra

LONDRES, 5.—Camara dos Communs.—O sr. Mackenna assiste á sessão, desmentindo assim o boato que correu, relativamente á sua demissão. O sr. Asquith, mandando para a mesa o projecto do serviço militar, constata que o numero de celibatarios que se não alistaram é consideravel. O projecto do governo consigna que todos os celibatarios ou viuvos sem filhos, entre os 18 e os 41 annos, isentos sem motivo, sejam considerados como tendo-se alistado durante o periodo da guerra. O chamamento será fixado em 21 dias depois da sancção real. Serão concedidas isenções aos individuos que trabalhem nas industrias da defeza nacional e aos que tenham encargos de familia ou estejam impossibilitados de combater por motivos de consciencia. O projecto não se applica á Irlanda.—(Havas).

LONDRES, 6.—Camara dos Communs.—Depois do sr. Asquith usou da palavra o sr. Simon que manifestou o seu pezar por deixar o governo, mas considera o voluntariado como principio vital da nação. O ex-ministro Sooley incita a Camara a elevar-se á altura das circumstancias approvando o projecto que permittirá o esmagamento do militarismo, mostrando assim que os inglezes estão bem decididos a levar a guerra até ao triumpho. O sr. Redmond annuncia que os irlandezes não votarão o projecto por o julgarem desnecessario.—(Havas).

LONDRES, 6.—Camara dos Communs. O sr. Dillon acha ridicula a idéa de a Irlanda se subtrahir ao serviço obrigatorio; considera o projecto insufficiente e declara que o serviço militar obrigatorio se imporá em breve espaço. Foi marcada nova sessão para ámanhã.—(Havas).

O emprestimo francez á Grecia

ATHENAS, 6.—O governo francez informou o governo grego que tem á sua disposição dez milhões de francos que constituem um adeantamento por conta do emprestimo que se está negociando.

A gratidão de Pedro da Servia

ATHENAS, 6.—O rei da Servia dirigiu ao rei da Grecia um telegramma manifestando a sua grande satisfação por disfructar a hospitalidade de um paiz amigo e alliado.—(Havas).

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 6.—Official.—A artilharia teve grande actividade na parte meridional da linha. Repellimos um ataque allemão e os nossos aviões bombardearam o aerodromo de Douai.—(Havas).

PARIS, 6.—Communicação official das 15 horas:

Durante a noite foi fraca a actividade da artilharia no Artois. Nas proximidades da estrada de Lille o inimigo fez ir pelos ares uma mina, mas não poude occupar a respectiva excavação.

Entre o Oise e o Aisne colhemos sob o nosso fogo as patrulhas inimigas e os trabalhadores que estavam occupados em reparar as trincheiras.

Na Champagne, o bombardeamento executado hontem pelas nossas baterias sobre diversos pontos da linha inimiga foi particularmente efficaz a oeste de Médoc-Champagne, onde as trincheiras allemãs ficaram entulhadas.—(Havas).

A campanha na Russia

PETROGRADO, 6.—Official.—No curso medio do Styrpa consolidámos o terreno conquistado e repellimos todos os ataques. Ao norte de Czernovitch o combate continua; tomámos novas posições inimigas e repellimos todos os contra-ataques, infligindo grandes perdas ao inimigo, a quem prendemos 18 officiaes e 1.043 soldados e tomámos quatro metralhadoras.—(Havas).

O general Huerta, moribundo

PARIS, 6.—O «New York Herald» publica um telegramma de El-Paso noticiando que o general Huerta, ex-presidente do Mexico, se encontra moribundo.—(Havas).

Diplomatas

Consta que o sr. marquez de Villasinda não voltará a occupar o logar de ministro de Hespanha em Portugal.

Como se sabe, a mudança de situação politica no paiz visinho provocou tambem substituições nos postos diplomaticos.

Pendencia

Ha tempos, um presidente de ministerio dirigiu a um general de divisão um telegramma cujos termos desagradaram a este official. Succedeu que recentemente se encontraram ambos, recusando-se o general a estender a mão ao ex-presidente do ministerio que por esse motivo lhe mandou as testemunhas.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34	33 7/8
Londres, 90 d/v.	34 1/2	—
Paris, cheque	$75,8	$76,3
Allemanha, cheque	$28	$29
Hollanda, cheque	$65	$66,5
Madrid, cheque	1$40,5	1$41,5
Suissa, cheque	$88,5	$86,5
Italia, cheque	$68	$70
New York	1$48,5	1$49,5
Rio s/Londres	11 7/8	
Libras	7$00	7$05
Agio do ouro	56 %	62 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	38,60	38,50
» » 500$	38,60	38,50
» » 100$	38,60	38,80

Obrigações d'Estado: 4 % 1888, 22$; 4 % 1890, coup. 50$40; 4 1/2 1912, ouro, 97$.

Externas: 1.ª serie 74$50 e 2.ª 73$.

Acções: B. de Portugal 157$; Ultramarino, coup. 121$ e assent. 120$50; Economia Portugueza 21$; Aguas 92$50; Assucar 44$40; Phosphoros, coup. 54$50; Tabacos, coup. 80$ e assent. 79$50; Zambezia 1$80; Agricultura Colonial 107$.

Obrigações: Ultramarino, hypothecarias, 93$50; Ambacas 93$50; Norte e Leste, 2.º grau, 86$40; Beira Alta, 2.º grau, 14$70; C. de Ferro de Benguella tit. 1, 78$50 e tit. 5, 77$.

QUESTOES PEDAGOGICAS

A lei n.º 449 não devia ter sido alterada

Os serviços da camara do Porto ao desenvolvimento da instrucção popular

Porto, 4

—E deixe-me dizer-lhe—proseguiu o sr. dr. Vasconcellos e Sá—que o professorado acceitou com agrado a organisação do ensino, tal qual a fixava a lei 449 e seu regulamento. Os protestos que surgiram, inanes, dictados pelo despeito, com certeza, porque essa organisação era um golpe profundo na rotina—e nós, infelizmente, somos rotineiros em tudo—os attrictos não passaram de «confissões de inactividade» de uma pequena minoria. Em geral, o professorado primario estava contente com essa organisação, porque via n'ella garantias para si e um novo e progressivo methodo do desenvolvimento do ensino.

«Posso assegurar-lhe que um dos inspectores de circulo, que fazia parte do conselho inspector, affirmou ter pena da suppressão de tal conselho, «pois estava capacitado de que o ensino primario tudo tinha a lucrar com elle, com os seus trabalhos, com a sua efficaz fiscalisação».

«Essa organisação, sendo uma novidade entre nós, é uma coisa velha em paizes adeantados e que verdadeiramente tratam e se occupam dos problemas do ensino, como é, por exemplo, a Inglaterra. Em Londres ha um conselho similar, cujos bons serviços o actual ministro da instrucção, sr. Simas, teve occasião de reconhecer, louvando-os na conferencia que fez após a visita á capital da Inglaterra, na Sociedade de Estudos Pedagogicos, conferencia que realisou em principios do anno findo.

«Em Londres, o ensino primario é da autonomia da camara municipal. O ensino e a respectiva fiscalisação. O Country Council (camara municipal) delega muitas das suas attribuições n'um «Education Commitee» (Conselho de Educação) composto de 60 vogaes, entrando 9 mulheres e de que fazem parte 38 personalidades da camara municipal.

«A medida, ou antes, a organisação da fiscalisação do ensino primario nas duas primeiras cidades do paiz, foi a melhor, e essa iniciativa—justo é dizel-o—deve-se ao sr. dr. Lopes Martins, que, sendo do Porto e conhecendo bem os trabalhos, o esforço, a despeza e o sacrificio com que a camara da capital do norte se lançou no trabalho de o desenvolver, decretou tal organisação. Foi contra a rotina, é certo. Mas demonstrou uma alta e elevada comprehensão do problema do ensino primario.

Sorrindo, accrescenta o sr. dr. Vasconcellos e Sá:

—Continúo a affirmar-lhe: sem uma boa e efficaz fiscalisação, não pode haver verdadeiro ensino. Demais, ha uma razão especial, justificativa da organisação especial da lei 449, quanto á camara do Porto. E' que ella,—e ninguem o poderá contestar—faz sacrificios «como nenhuma outra do paiz», em prol da instrucção popular.

«Basta que lhe diga que no seu orçamento do anno findo incluiu—*só para instrucção*—um terço das suas receitas, ou sejam 250 contos, isto é, tanto como os municipios suissos que são os que mais contribuem para o desenvolvimento do ensino.

«E' claro, é evidente que um municipio que assim faz, que tanto gasta com a instrucção, no fomento e desenvolvimento das suas escolas primarias, deve ter o direito e a autonomia na fiscalisação d'esses serviços.

—Acha então que,—voltando-se *á antiga* quanto á fiscalisação—nada se lucrou?

—Não se lucrou nada. Pelo contrario, fez-se um retrocesso, perdeu-se muito. Venceu a rotina... Como isto é triste! Quando mais necessitamos seguir o progresso, andamos para traz!

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Frei Luiz de Sousa—Freira de Beja.

TRINDADE—A's 21—A dama rôxa.

POLYTEAMA—A's 21—Oiro sobre azul.

GYMNASIO—A's 21—O primo Bazilio.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—A viagem de Suzette.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A espiga (Revista).

MODERNO—Não ha espectaculo.

PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—O palhaço.

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Tosca.

Agenda da semana

A'MANHÃ—**Gimnasio**—Festa artistica da actriz Maria Mattos—Primeira representação de **O primo Bazilio**, adaptação do dr. Vaz Pereira.

Ao correr da pena

Assisti ha dias á primeira representação da revista da Avenida. A peça agradou sem reservas, o publico sahiu satisfeito e, durante duas horas riu com gosto com a inventiva comica das scenas e com o dialogo recheiado de ditos de variados matises. A peça foi conduzida pelos dois *compêres* com vivacidade e alegria, os rabulistas cumpriram; em resumo: tudo correu bem. Não quero fazer previsões pessimistas; mas vamos que d'aqui por alguns dias os actores principaes e secundarios se começam permittindo alterações de texto... Não se poderá consentir n'este caso a affirmação, que por vezes corre em relação a outras obras, «que a peça precisa ser ajudada». Todos nós vimos que assim não era o que ella triumphou por si propria no que respeita ao texto.

Será então, talvez, nova occasião para protestarmos vehementemente, como já temos feito, contra certas liberdades inadmissiveis e vexatorias para os auctores que se consideram impotentes para as reprimir. De resto, temos um exemplo que convém apontar. A revista de Schwalbach vae nas suas cem representações. Hontem, como no primeiro dia, a revista *O dia de juizo* se representa sem uma alteração sequer e estou em dizer que, á margem do alto merito da obra, alguma coisa tem contribuido para a sympathia do publico a disciplina dos interpretes. Siga-se esse exemplo. Deixe-se aos auctores o cuidado de fazerem as scenas novas que lhes pareçam necessarias e accrescentarem os ditos que porventura lhes occorram. Elles tem a responsabilidade litteraria do seu trabalho e, portanto, ha o dever de a não sobrecarregar.

Cyrano

Medalhões

Maria Mattos

Ha dois ou trez dias cahiu-me debaixo das mãos o rascunho da má traducção que fiz d'essa pequenina joia de André Theurief que se chama *Jean Marie*. Como isso nos atira para longe! Já lá vão quasi oito annos. Maria Mattos sahia do Conservatorio, depois de ter feito na sua prova de exame a freira das *Rosas de todo o anno*. D. João da Camara procurava uma peça em que a sua discipula, que elle obstinadamente considerava como a tragica que falta no theatro portuguez, podesse revelar-se ao grande publico. A traducção de *Jean-Marie* sahiu da gaveta, viu a luz da ribalta, Maria Mattos estreiou-se e, passados oito annos quasi, da pobre *Luzia* do acto de Theurief ella entrou no seu verdadeiro caminho, e aborda amanhã um papel de exame, o da creada Juliana do *Primo Bazilio*. Auguro muito bem d'essa interpretação. Maria Mattos tem tudo quanto precisa para esse papel: o phisico e o talento de observação que elle necessita na sua realisação. Difficilmente se encontraria na hora presente outra actriz tão talhada para pôr de pé essa figura tão viva do romance de Eça de Queiroz.

Pela primeira vez desde o inicio da carreira de Maria Mattos, eu não poderei assistir á sua festa.

Sinto-me, porém, muito mais á vontade do que nos annos anteriores para lhe exprimir a minha consideração artistica e toda a admiração que me inspira essa comediante singularmente dotada para a scena, tão genuinamente portugueza nos detalhes das suas creações, tão merecedora do carinho com que a critica e o publico tem acolhido o seu trabalho.

Essa consideração e essa admiração não podem estar á mercê de mesquinhos incidentes e devo a mim proprio o dever de os affirmar sempre e apesar de tudo.

Cyrano

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

A provincia n'A CAPITAL

BEIRA, 5. — Realisou-se no sabbado passado, no nosso theatro, uma recita seguida de baile, sendo grande a concorrencia e tendo o espectaculo agradado muito.

—Foi pedida em casamento pelo sr. Joaquim Matheus a menina Felicia da Silva, filha do sr. Manuel da Silva, da Matinha. Aos noivos mil prosperidades.

Movimento maritimo

Mad. Pará e Manaus «Anselm» (Liv.) 7
Rio Jan., Santos e R. Prata «Duplex» 7
Braz. e R. Pr., «Kermomerland» (Am. 7

Consulado General de España en Portugal

SERVICIO MILITAR

En cumplimiento de lo que preceptúan los articulos 6, 27, 28, 30, 32-36 y 41 de la ley de Reclutamiento y reemplazo del Ejercito, de 27 de Febrero de 1912 y correspondientes del Reglamento para la applicación de la misma de 2 de Diciembre de 1914, se hace saber á los súbditos españoles que residan en este districto Consular, la obligación en que se hallan de comparecer en los quince primeros dias del més de Enero próximo en este Consulado General, con el fin de ser incluidos en el alistamiento para el servicio militar correspondiente al año de 1916, debiendo hacerlo todos los mozos aunque séan casados ó viudos con con hijos que, cumplan los veintiún años desde el dia 1.º de Enero al 31 de Diciembre próximo, y todos aquellos que excediendo la expresada edad sin haber cumplido los treinta y nueve años en dicho dia 31 de Diciembre, no hubiesen sido comprendidos, por cualquier motivo en ningún alistamiento de los años anteriores.

Disposiciones penales

Art.º 302.—Los cómplices de la fuga de un mozo á quien se declare prófugo incurrirán en la multa de 100 á 500 pesetas, y si careciesen de bienes para satisfacerla, sufriran la detención que corresponda, conforme á las reglas generales del Codigo penal y según la proporción que establece su articulo 50. Los que á sabiendas hayan escondido ó admitido á su servicio un prófugo, incurriran en la multa de 50 á 200 pesetas, ó en la detencion subsidiaria que corresponda, si fueran insolventes.

Art.º 303.—El prófugo que resulte inútil para el servicio pagará una multa de 50 á 250 pesetas, que se aplicará según las circunstancias, sufriendo por insolvencia la prisión subsidiaria en la proporción que establece el artículo 50 del Código penal, sin que pueda exceder de un més de arresto ni se aplique á los mudos, ciegos, paraliticos ni á los demás que al juicio del Tribunal no se hallen en condiciones de sufrirla.

Art.º 304.—Los que omitan el cumplimiento de la obligacion que tiene todo ciudadano de inscribir-se en el alistamiento, serán castigados con multa de 250 á 500 pesetas si los mozos fueran habidos y con las de 500 é 1.000 en caso contrario, abonándolas los padres ó tutores.

Art.º 305.—Los que com fraude ó engaño procurasen su omisión en dicho alistamiento, caso de resultar inútiles para el servicio cuando séan alistados, sufrirán arresto de un més y un dia á tres meses la multa de 50 á 200 pesetas, que impondrá el Tribunal correspondiente.

Art.º 311.—El mozo que hubiera tenido alguna participacion en el delito que produjo su indebida exclusión ó excepción del servicio, sin perjuicio de las penas que deba sufrir conforme al Código penal, cumplirá en un Cuerpo disciplinario todo el tiempo de aquel.

Art.º 312.—Los culpables de la omisión fraudulenta de un mozo del alistamiento y sorteo, incurrirán en la pena de prisión correccional y multa de 125 a 1.500 pesetas por cada soldado que, á consecuencia de la ómision, haya dado de menos el municipion onde esta se hubiera cometido.

Lisboa, 28 de Diciembre de 1915.

El Cónsul General
Federico Janer

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora

gadas e d'uma divisão de infantaria montada em duas brigadas, «a maior divisão montada ingleza que até então tinha trabalhado junta», como lord Roberts disse dirigindo-se á força ao passar-lhe revista. «Soccorra Kimberley, embora tenha de perder metade dos seus homens», foi o que o velho general em chefe aconselhou ao general French, e foi com estas palavras zumbindo-lhe aos ouvidos que este se pôz em marcha ás 3 horas da manhã de 11 de fevereiro.

A divisão de cavallaria do general French estava incompleta. Dos 8.500 homens que lhe haviam sido promettidos, apenas fôra possivel concentrar cerca de 4.800 com sete baterias de artilharia montada. Fazendo-lhe frente estava Cronje, illudido talvez quanto ás intenções dos inglezes, mas com uma força numericamente superior. O calor era tropical, o paiz arido e sem agua. A tentativa era para desanimar o mais corajoso.

Aproveitou-se a parte do dia antes do calor apertar para avançar o mais possivel. Em Ramdam, onde se chegou ás 10 horas da manhã, parte da força juntou-se ao corpo principal, mas a infantaria montada não poude apanhar a divisão senão no dia 13. No dia 12 a força atravessou o rio Riet valendo-se d'um bello estratagema. A principio combinára-se atravessar em Waterval Drift, mas o general French, que conhecia todas as astucias dos boers, ordenou ao coronel Gordon, que atravessasse no local designado se não fossem encontrados boers; de contrario, que fingisse uma travessia ao norte.

Quando as patrulhas avançadas inglezas se approximavam da margem, os boers abriram intenso fogo de artilharia dos «kopjes» por cima do Drift, indo cahir algumas granadas proximo do general French e do seu estado maior. Emquanto a artilharia ingleza montada tomava a seu cargo reduzir ao silencio os canhões inimigos, o coronel Gordon, como lhe fôra ordenado, fingia uma travessia em Waterval Drift, pelo que os boers retiraram para a margem direita, a fim de ahi esperarem a chegada dos inglezes.

O estratagema dera resultado. Sem perder um momento, o general French avançou para Kiel's Drift com a 1.ª brigada, o regimento de cavallaria de Robert e a infantaria montada, e tendo sido descoberto um vau, conseguiram atravessar apesar das margens serem altas e abruptas. Os boers descobriram o estratagema e precipitaram-se para Kiel's Drift, a fim de impedirem a travessia. Era, porém, já tarde.

Para que não houvesse demora no avanço, as bagagens foram deixadas para traz e na manhã de 13 a força de novo se pôz em marcha a fim de chegar a Modder River antes do cahir da noite. Klip Drift, no Modder, era o seu objectivo, mas proximo d'ahi estavam os boers em grande força. Os canhões entraram em acção, mas o inimigo conseguiu re-

Roberto Lansing, o secretario d'Estado dos Estados Unidos

que estavam cercando Ladysmith. O poder o general French d'ahi sahir foi d'uma vantagem incalculavel para a sorte das armas inglezas na Africa do Sul.

A situação ao chegar sir Redvers Buller, para se encarregar das operações, era extremamente critica. Kimberley pedia soccorro; a Colonia do Cabo estava quasi invadida e em imminente perigo de ser dominada pelos commandos já concentrados em Norval's Point e Colesberg.

O general French, quando chegou a Cape Town, conseguiu convencer o seu chefe de que a salvação do Natal e da força de sir George White cercada em Ladysmith era a primeira operação a tentar. A divisão de lord Methuen avançou em auxilio de Kimberley, o general Gatacre avançou para Stormberg a fim de defender os districtos orientaes, emquanto a French foi dado o commando das tropas destinadas a occuparem a região entre o importante entroncamento de caminho de ferro de De Aar a oeste e a divisão do general Gatacre a leste.

A sua missão era proteger o exposto flanco das communicações de Methuen na Colonia do Cabo dos commandos do Estado Livre, que, depois de terem violado a fronteira do Cabo, se haviam concentrado e estabelecido em força em Colesberg.

As operações proximo de Colesberg foram a maior façanha da vida de John French antes da actual conflagração. Durante trez mezes, com uma habilidade extraordinaria, com uma força espalhada n'uma fronte de trinta e dois kilometros, poude conter em respeito uma força que nunca foi numericamente menos do triplo da sua e muitas vezes quatro ou cinco vezes maior.

Em movimento constante, algumas vezes para proceder a reconhecimentos, outras por simples «bluff», mystificou de tal modo o inimigo que o reduziu a uma especie de paralysia mental.

Os boers occuparam Colesberg a 14 de novembro, proclamando a cidade territorio do Estado Livre. Como o inimigo ameaçava a principal linha de caminho de ferro pelo norte, ameaçando Philipstown e Colesberg, French fez d'esta ultima cidade o seu objectivo, com Naauwpoort como base. A cavallaria chegou a treze kilometros de Colesberg sem avistar o inimigo n'um reconhecimento preliminar, o que levou o general French a tentar apoderar-se da praça.

Reconhecimentos continuos, exigidos pelas difficuldades do terreno, a extrema mobilidade do inimigo, a sua propria força insufficiente e a guarda de longas linhas de communicações occuparam as primeiras semanas de novembro e levaram a pequena força até Arundel Station, onde French esperava poder apoderar-se dos outeiros ao norte d'essa localidade. Mas o inimigo estava em força n'esses outeiros e os inglezes não os puderam occupar senão em 7 de dezembro, occasião em que elles foram evacuados.

Estabelecendo-se firmemente em Arundel, French continuou a sua embaraçosa tactica contra o inimigo. A sua principal ideia era a de, frustrando os planos dos boers, poder continuar socegadamente a avançar. Conseguiu realisar com tal exito o seu plano que no fim do mez e principios do novo anno os boers estavam retirando de todos os lados para Colesberg. De manhã cedo, no dia 30 de dezembro, como tinha por habito, fez pessoalmente o reconhecimento diario, acompanhado por alguma cavallaria e artilharia, e viu que Rensburg fôra evacuada e que Colesberg continuava ainda nas mãos do inimigo.

Como dizemos, era essa cidade o seu objectivo immediato. Rodeada de altos «kopjes» que proporcionavam grande numero de abrigos ao inimigo, a sua tomada só seria possivel por um grande desenvolvimento de forças. Um reconhecimento minucioso indicou um ponto a oito kilometros a sudoeste de Colesberg, Maeder's Farm, como sendo um local apropriado d'onde se poderia dar um ataque nocturno contra dois ou trez dos outeiros que dominavam a cidade. A posse d'esses outeiros

poria em risco a linha de retirada do inimigo.

O ataque foi brilhantemente dado. A columna atacante avançou em profundo silencio. O primeiro outeiro, que passou a ser conhecido pelo nome de Outeiro de McCracken, foi investido e tomado.

A primeira parte da operação fôra realisada com exito, mas não se poude proseguir. Embora em muitas occasiões na guerra da Africa do Sul se provasse o triumpho das modernas armas, os boers, bem abrigados nos cumes dos outeiros, deixavam aproximar os inglezes antes de abrirem fogo sobre elles. Nada havia a fazer mais do que retirar e embora uma tentativa do general Schoeman, o commandante boer, para envolver a força do coronel Porter falhasse, os inglezes não podiam fazer progressos.

Foi n'esta região que o general French soffreu o unico revez que lhe infligiram os boers. Reconhecimentos contínuos haviam mostrado que um «kopje», conhecido pelo nome de Outeiro Relvoso, que dominava a estação de caminho de ferro de Colesberg, era a chave da situação e que a sua tomada daria a cidade aos inglezes.

A chegada opportuna de reforços levou o general French a empregar toda a columna no ataque a esse outeiro. Comtudo, antes das disposições finaes para o ataque terem sido tomadas, veiu uma communicação do coronel Watson, commandante do regimento de Suffolk, em que dizia que havia reconhecido com o maior cuidado o Outeiro Relvoso e que tinha a esperança de o poder tomar n'aquella noite com quatro companhias do seu regimento.

A possibilidade de se apoderar d'essa importante posição sem disparar um tiro levou ao que parece o commandante inglez a dar inteira liberdade a Watson, mas deu-lhe instrucções para o ter ao corrente das operações que emprehendesse.

Pela meia noite e meia hora, Watson conduziu o seu regimento para a frente e a cumiada do outeiro foi occupada em silencio. Mas d'ahi a poucos instantes a destruição cahiu sobre a expedição. Ao que parece Watson tinha acabado de reunir os seus officiaes no cume para lhes explicar o que se devia fazer, quando um fogo terrivel foi aberto sobre elles, matando o coronel, trez officiaes e vinte e trez homens e ferindo um official e vinte homens. Viu-se depois que faltavam seis officiaes e 107 homens. Parte dos homens rendeu-se quando viu que a resistencia era inutil, e parte do regimento, sob as ordens de um official desconhecido, retirou.

O que havia succedido era que Delarey chegára ao local no dia anterior e resolvera occupar esse mesmo outeiro, mandando avançar 100 homens da policia de Johannesburg mesmo sem serem apoiados, para tal fim. Se o regimento de Suffolk se tivesse mantido e tivesse dado tempo a chegarem reforços, o Outeiro Relvoso teria provavelmente ficado nas mãos dos inglezes.

A força do general French era n'essa occasião de 4.500 homens e na terceira semana de janeiro foi augmentada com 3.784 homens de infantaria. A tactica de French continuava a ser impedir os movimentos dos boers, então commandados por de Wet e Delarey. O major Butch executou a façanha que se afigurava á primeira vista impossivel de içar um canhão de 15 cm. para o cume de Coleskop, um outeiro quasi inaccessivel a 800 pés de altura da planicie, do qual granadas eram continuamente arremessadas para Colesberg, o que fazia com que os boers estivessem continuamente alerta. Mas novos reconhecimentos operados pelo general French mostraram que os boers estavam recebendo reforços e preparando-se para tomar a offensiva.

N'esse meio tempo, lord Roberts chegára e assumira o commando supremo, levando lord Kitchener como chefe do estado maior. Ao general Kelly-Kenny foi dado o commando de Naauwport e da linha ao sul, emquanto o general French continuou no commando da linha ao norte de Naauwport.

A 15 de janeiro os boers atacaram as posições avançadas inglezas

em Slingersfontein, mas, apoz um successo inicial, tiveram um serio revez e foram obrigados a recuar. Vigilante de dia e de noite, French mostrou-se sempre á altura da astucia e dos emprehendimentos do inimigo. Audacioso quando se proporcionava occasião, como um verdadeiro dirigente de cavallaria deve ser, era tambem prudente o mais possivel e por mais d'uma vez mostrou uma circumscripção que o collocava superior aos outros generaes.

Para o provar basta contar o que se passou em Plessis Poort, um desfiladeiro pelo qual passava a principal estrada para Colesberg. A tomada das alturas que dominavam o desfiladeiro cortaria a principal linha de communicações do inimigo e a sua retirada. O general French fez o plano do principal ataque ser á direita dos boers, mas ao mesmo tempo ordenou que a frente e a esquerda fossem assaltadas emquanto o resto das tropas inglezas trataria de tornear essas posições. Tudo correu bem até o principal ataque chegar a uns 1.400 metros de Plessis Poort. O regimento de Wiltshires foi mandado avançar e estender-se pela planicie. O coronel que commandava a columna pediu licença para dar o ataque, mas o silencio dos outeiros em volta infundiu suspeitas a French, que ordenou a retirada.

Apenas o Wiltshires se havia reunido, o inimigo abriu nutrido fogo sobre elle das alturas, mas os inglezes, devido á previdencia do general, puderam recuar com muito pequenas perdas.

A obra do general French em redor de Colesberg tinha de ter um fim. A 29 de janeiro, lord Roberts chamou-o a Cape Town e encarregou-o de ir soccorrer Kimberley. Até áquella occasião, French havia sido o unico general inglez na Africa do Sul a quem os boers respeitavam. A esplendida tenacidade de French, os seus inexhauriveis recursos e o seu indomavel optimismo serviram muito bem a Inglaterra.

Impedindo um avanço boer na Colonia do Cabo, não pelo numero, mas pelas suas audaciosas manobras, indubitavelmente evitou maiores desastres, que, devido aos sentimentos que então existiam na Europa contra a Gran-Bretanha, teriam quasi que com certeza levado á formação d'uma poderosa coalisão contra os inglezes.

Os que sabem quão admiravel tem sido a obra do exercito inglez na Grande Guerra sob o commando de sir John French, não ficarão surprehendidos de saber que grande parte dos seus successos nas operações em roda de Colesberg foi devida ao seu excellente systema de signaes, ao seu emprego de patrulhas e não menos aos reconhecimentos que elle proprio fazia quasi todos os dias.

Para o grande publico, o successo de sir John French na guerra sul-africana identificou-se no soccorro que levou a Kimberley; para os que se dedicam a assumptos militares, porém, o seu maior serviço ao imperio e a sua mais valiosa contribuição para a historia da estrategia e da tactica são indubitavelmente as operações de dez semanas em roda de Colesberg.

«Prometto chegar a Kimberley ás 6 horas da tarde do dia 15, se ainda estiver vivo». Tal foi a promessa solemne feita pelo general French a lord Kitchener em Modder River, e os factos demonstram quão brilhantemente cumpriu a sua palavra.

Lord Roberts planeava a marcha sobre Bloemfontein e Pretoria e encarregára French de soccorrer Kimberley a fim de varrer o seu flanco e proteger as suas communicações contra Cronje, que, depois da sua victoria em Magersfontein, fôra detido em Modder River por lord Methuen. Para enganar o inimigo, foi feita uma demonstração como se se quizesse avançar contra Bloemfontein pelo caminho de Fauresmith, tornando assim possivel fazer retirar uma grande parte da força designada para ir soccorrer Kimberley das cercanias de Colesberg sem os boers darem por tal.

A divisão de cavallaria do general French compunha-se de trez bri-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1947—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, l.º

LISBOA—Sexta-feira, 7 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, l.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Dolorosa surpreza

O congresso operario reunido em Londres, tratando do projecto de lei do sr. Asquith, estabelecendo o serviço militar obrigatorio, approvou por grande maioria uma proposta preconisando a resistencia a esse projecto de lei. E' com surpreza que o mundo inteiro tomará conhecimento d'essa resolução, como certamente, tambem com surpreza, complicada de sobresalto e magua, a terá recebido o povo inglez. E a essa votação operaria correspondem affirmações analogas do «leader» dos irlandezes na camara dos communs, e até um membro do actual ministerio se declara publicamente adverso á proposta do sr. Asquith, que tem o caracter bem definido d'uma medida de salvação nacional.

Esse espanto, essa magua, esse sobresalto, sem duvida virão a produzir uma viva e profunda reacção popular. Temos a convicção de que tal succederá. O povo allemão tem dado provas que seria puerilidade querer negar, do mais accendrado patriotismo. Se no povo inglez, a estas manifestações d'um estado de alma especial, não correspondesse uma manifestação collossal de patriotismo, authenticando as disposições firmes de ir até aos ultimos sacrificios nacionaes, o mundo inteiro, que contempla este formidavel prelio da Europa, ver-se-hia dolorosamente forçado a reconhecer que, postos em frente estes dois grandes povos, o inglez e o allemão, o primeiro estaria já moralmente derrotado, podendo assim prognosticar-se a sua derrota material, n'um praso mais ou menos curto de tempo.

Na realidade, o que não é mais do que pura justiça é consignar o espectaculo que a França tem dado, desde o inicio d'esta guerra assombrosa. No seu exemplo se comprova que as ideias avançadas, os systemas da democracia concretisados na formula republicana, a mais radical de todas, não teem prejudicado o espirito patriotico, antes na verdade o revigoram pelo influxo da liberdade, ciosamente considerada pelos cidadãos d'esse grande paiz como o apanagio mais precioso dos individuos e das nações. Em parte alguma, como na França, se disseminaram ideias que se consideravam demagogicas, sendo algumas consideradas como exterminadoras das sociedades. No fundo, essa ancia de liberdade illimitada cimentou os alicerces da nacionalidade. Os francezes que não queriam fronteiras, que não queriam exercito, que não queriam governo, defendem com unhas e dentes a sua patria, envergam a farda militar e entram até para o governo, que dirige o admiravel impeto da nação.

Não é em França, n'essa Republica apontada como um foco de todos os delirios, onde se dizia que não existiam senão as apparencias da auctoridade e da ordem social, não é na França da Commune, e da «Internacional», não é na França que destruiu todos os ridiculos residuos do passado, que não nas cabelleiras nem exteriorisa a sua grandeza em pompas medievaes, que no nosso tempo mais parecem invenções carnavalescas, não é n'essa França, que se dizia impia, anti-patriotica, exaltada, viciosa, delirante, que se observa o espectaculo de recusar á defeza da patria ameaçada todos os recursos necessarios para conjurar a catastrophe que representaria a victoria do imperialismo germanico.

A França não é uma sociedade de puritanos, a França fez a separação da Egreja e do Estado, a França é uma democracia absolutamente genuina, não transigindo com normas e costumes do passado, a França é uma Republica livre e progressiva,—e em França fez-se a União Sagrada, todos os partidos se conjugaram no mesmo esforço, os crentes, que teem a liberdade da sua crença, luctam ao lado dos livres pensadores, que teem a liberdade do seu atheismo; ninguem recusa a sua vida, o seu sangue, o seu sacrificio á causa sagrada da patria, e os socialistas, os anarchistas que são porventura a maioria dos operarios em França, os socialistas, os anarchistas, que em tempo realisaram o principal esforço para que o serviço militar fôsse reduzido a dois annos, não só acceitam o serviço dos trez annos, não só acceitam a organisação militar, como a robustecem, avolumando as fileiras do exercito. Para elles serão motivo de pasmo a resolução do Congresso dos operarios inglezes, tanto mais que nunca esses operarios se mostraram no dominio das ideias, tão avançados como elles, no sonho generoso do desarmamento para garantir a paz universal.

Assim se prova que as ideias avançadas não enfraquecem os povos. O que pode enfraquecel-os é a falta da consciencia collectiva que illumina o espirito das nações nas horas decisivas da sua historia.

Noticias parlamentares

Ha vagos rumores de se encontrarem em armas, por esse mundo além, alguns milhões de homens. Diz-se até que as chacinas teem sido pavorosas, que ha cidades, villas e aldeias destruidas, que desappareceram paizes inteiros e que a dôr e o luto enegrecem as mais ricas e as mais fortes nações da Europa. Será assim? Não o ficará sabendo quem fôr até ao parlamento portuguez. Ali, tudo se passa como se a guerra não existisse. Os srs. deputados ainda não deram por nada, dir-se-hia que vivem calcando rosas n'um verdadeiro paraizo terreal. E' ver as questões de que elles se occupam. Dir-se-hia que a sua deusa é a insignificancia e que, bem fartos, esqueceram de ha muito todos os que choram e teem fome...

* * *

O sr. Domingos Cruz falou hoje. Como é homem dado a coisas navaes, na parte em que ellas andam de braço dado com as pilulas e com o algodão hydrophilo, suppoz-se que é a protestar contra o elevado preço de certos medicamentos, que são espantosamente exhorbitantes. Mas, não. O sr. Cruz preferiu queixar-se contra um medico que não quiz passar uma certidão d'obito a um seu parente que morreu pouco depois de haver sahido do hospital. Já é. Que tem o paiz com isso? Porventura o Parlamento é commissario de policia ou tribunal da Boa-Hora? E são assim os homens que teem sobre si o encargo de resolver a nossa grave crise nacional! Esperem por isso...

* * *

Hirto, rigido, aprumado como um *gentleman* que acabasse de tomar o seu banho e de fazer a sua toilette, o sr. ministro dos estrangeiros appareceu hoje em S. Bento, ainda antes de começar a sessão. Foi geral o espanto! E' que o sr. Augusto Soares de ha muito que não se mostrava aos seus juizes, que são todos os que sahiram das urnas ajoujados ao peso de esmagadoras votações triumphantes. Não morre d'amores, ao que parece, pelos grupos parlamentares o nosso diplomata dos diplomatas. E tem razão, aquillo é uma maçada e o poder não é fonte de impertinencias agrestes. Portanto, toca a aligeirar a vida, que é ainda a melhor fórma de a levar, sem grandes arrelias, a bom termo...

* * *

Dizia-se hoje pelos Passos Perdidos que será na segunda ou na terça feira que o sr. ministro das finanças apresentará ao Parlamento o orçamento geral do Estado, accrescentando-se que esse diploma será acompanhado d'um conjunto de medidas financeiras, tendentes a concorrerem para se reduzir ao minimo o desequilibrio existente entre as receitas e as despezas. As reformas das contribuições industrial e de juros estão, ao que consta, já concluidas, tendo-se, pela segunda em vista fazer entrar nas malhas do fisco todo o capital que hoje lhe escapa por via de operações e transacções varias.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados seis volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, e o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas. Na administração d'A Capital são immediatamente satisfeitos todos os pedidos da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Em Coimbra

A quinta das Lapas

Um dos mais bellos sitios de Portugal

O dia de Anno Bom passei-o sósinho, vagueando pela cidade. Ao almoço, eramos dois ou tres hospedes solitarios na immensa sala do hotel Avenida. Ao jantar, não tive companhia. E' que n'estes enternecidos dias de festa, em que se despede um anno e outro entra, ninguem viaja. Cada um recolhe ao lar mais amigo, se o não tem seu, para se dar a illusão de que tem familia, ou para com os seus passar, esquecido do que vae pelo mundo, alheado do mal que o anno a extinguir-se lhe fez, algumas horas de paz, de alegria, de esquecimento. Tive este anno de fazer excepção a essa regra commovedora e enternecida. A tradição soffreu, n'este findar angustiado do anno da dôr e da loucura, um sobresalto; um solavanco, uma quebra triste. Não pude estar em minha casa, mas nem por isso me esqueceu aquillo que é a minha fortuna, como não se me abalou da memoria nem se me riscou da alma a caricia dolorosa d'uma felicidade que se foi e que é das maiores que alguem, algum dia, póde ter sentido. Dei-me a percorrer Coimbra e distrahi-me. Não ha terra em Portugal que mais afavelmente nos acolha. Ali, tudo é amavel, tudo nos seduz, tudo nos amortece quantas amarguras se amontoem denegridas nas nossas pobres almas desfeitas. Ao principio da tarde, vi-me lá em cima, sob as arcarias gentilissimas da varanda do antigo Paço do Bispo, onde está actualmente o muzeu Machado de Castro. Ha, pelo vasto pateo, pedaços de pedra lavrada, pelourinhos, brazões d'armas, inscripções e muitos azulejos pelas paredes, esmaltando de côres ternas a brancura immaculada da cal.

Mas o que n'este pateo ha principalmente que ver é a paisagem coimbrã. Parte da cidade espreguiça-se deante de mim, pela colina alta, até ao rio. Rasgam-se, como gargantas apertadas, a meus pés, ruelas medievaes; os telhados mouriscos pingam humidade e o sol, fazendo dançar á sua roda, como se fossem bruxas ou phantasmas, as nuvens que povoam o espaço, imprime grandes nodoas côr d'oiro na casaria desegual e antiga d'esta parte da velha Coimbra das tricanas e dos estudantes. Uma garota do alto de uma janella, ri-se para mim como se fossemos velhos conhecidos. Pede-me um vintem e atiro-lhe um tostão. Fica encantada. A paisagem consome-me largo tempo de extasis. O Mondego corre lá em baixo, meio adormecido, por entre as margens razas. O Choupal é uma sombra loira, diluida na neblina azulada. Ha exalações estranhas n'este ar perfumado. Da terra, do céu, da agua, das arvores e das longinquas serranias desprende-se e vem até nós tanta paz e tanta bemdita serenidade, que tudo o que em mim pode vibrar e sentir se casa com este ambiente de doçura e de puro enleio. Que pena os portuguezes não conhecerem o seu paiz! Que desgraça não poderem vir todos a Coimbra, n'uma tarde como esta, para terem, sob os olhos deslumbrados, Portugal inteiro! Vejo o muzeu e abalo. Está ali uma das grandes maravilhas do nosso tempo. Levou-a a cabo o sr. Antonio Augusto Gonçalves em meia duzia d'annos. Ahi está outro homem. Porque ha de, afinal, ser tão raro n'este paiz a pleiade heroica dos que trabalham e sabem construir, quasi desajudados, obras como esta?

Na segunda-feira volto, com a caravana que foi a Condeixa, ao mundo. Torno a deliciar-me com a vista que se disfructa da varanda onde D. Manuel de Bastos Pina, ás tardes, quando o verão ardente e calor apertava, tomava o fresco. A mesma rapariguita, de busto airoso e olhos garços, torna a apparecer-me. O lenço amplo, atado á fenicia, quasi lhe põe azas na cabeça. Conversamos, eu de cá e ella de lá, como bons amigos. São quatorze annos festivos e que desabrocham opulentos n'um quarto andar tristonho, onde um operario modesto foi aninhar o seu lar desagasalhado. Digo-lhe adeus. Até quando? Sabe-se lá! Cá fóra, defronte de S. João d'Almedina, esperam-nos as carruagens. Subimos para ellas, descemos á Baixa, passamos pela cidade nova e tomamos pela ponte, em direcção a Santa Clara. Para onde vamos? Não sei. Apenas me disse Affonso Lopes Vieira que lá longe, para as bandas da Conraria, França Amado nos esperava na sua casa das Lapas. E o que são as Lapas? Um sitio absolutamente europeu. Para o vêr, para o admirar, vale bem a pena vir do cabo do mundo...

De repente, o horisonte aperta-se. A estrada corre entre altas trincheiras amarelladas. Caminha-se lentamente. A solidão torna-se cada vez maior. O quadro muda rapidamente. A estrada descreve uma curva e a Casa de França Amado apparece-nos suspensa sobre a ribanceira alta de duzentos metros. Em volta, por trez lados, matto e pinhal. Apeiamo-nos. A tarde morre a pouco e pouco. No terraço das Lapas já não ha luz. Em baixo, no fundo da enorme taça formada pela campina e pelos montes que a circumscrevem, pastam bois pachorrentos. O Ceira serpenteia placido pela varzea quieta. Poisa sobre a terra um tapete de tenro verde esmeralda que parece palpitar, ter vida, soffrer. Os choupos, hirtos, desenham as margens do rio. A povoação repoisa na encosta, do lado de lá. Passa um comboio, deixando na atmosphera côr de prata um denso e espesso penacho de fumo. Affonso Lopes Vieira, junto de mim, treme de commoção. Os seus nervos vibram como se um fluido estranho os submettesse a reações violentas. Quero falar-lhe. Não me atrevo a accordal-o do seu sonho. Como elle, tambem me sinto embevecido.

A' sahida da ponte, os trens tomam á esquerda, por uma estrada nova, sem covas, sem sorvedouros. O convento velho de Santa Clara está raso d'agua. Advinha-se o sitio onde D. Ignez foi morta. A aragem geme com tristeza. Até mim quasi chegam os risos abafados das farças de Gil Vicente, que ha centenas de annos, n'este scenerario de sonho, representou alguns dos seus maravilhosos autos. O rio resplandece, batido pelo sol que declina. O Pinhal de Marrocos, na outra margem, estilisa-se sob a luz benevola que o inunda. Tudo isto respira lenda, tradição, historia. Pelos campos, andam mulheres curvadas colhendo herva fresca para os gados. A estrada galga o monte: A' medida que subimos, a paisagem, alargando-se, torna-se mais empolgante. A estrada da Beira, ao longe, não é mais que uma fita pardacenta, desenrolando-se rez-vez das colinas que junto d'ella se erguem. Succedem-se os pomares, os olivaes. Laranjeiras pequeninas e redondas como mangericos, escondem, sob a cupula verde-negra, as espheras d'oiro dos seus fructos lindos. Principia a arrefecer. Camilo Peçanha, que me faz companhia, recita-me alguns dos seus preciosos versos e fala-me, entre benevolo e sarcastico, da «Pequenina flôr de abrunheiro», que é a creadinha silenciosa que na sua tebaida de Macau lhe serve, pelo dia adeante, as suas desejadas e saborosas chavenos de chá verde...

Servem-se, na varanda ampla, chicaras de chá. Trincam-se uvas que parecem vindimadas de fresco. Nunca as provei, mais doces. França Amado, com a mais portugueza das hospitalidades, entrega-nos a sua casa. Elle é que parece o hospede. O seu vinho é um nectar capitoso. A sua alegria é um esplendido dissolvente de amarguras. A sua saude e a sua bonhomia obrigam os mais reservados e os mais concentrados a abrir-se e a fazerem, n'um grande minuto de reconciliação, as pazes com a vida. Foi elle quem descobriu as Lapas. E' elle quem, n'esta tarde tépida de janeiro, nos offerece, n'este recanto de Portugal, esta festasinha pagã, tão cheia de intimidade e de amisade, tão impregnada da paz e da doçura que se evola d'este bellissimo pedaço de paisagem que se alonga sob a nossa vista. Anoitece e abalamos. As Lapas, o Campo de Ceiras, a povoação que ainda ha pouco nos sorria, lá além, somem-se na bruma densa e fria. Mas na memoria de todos quantos foram de longada até esse previlegiado e recatado pedaço da opulenta terra coimbrã, o passeio admiravel ficará para sempre gravado como uma recordação que tanto mais nos enternece quanto mais envelheço...

ADELINO MENDES

O grande patriotismo do cardeal Mercier

Amsterdam, 3 de janeiro

Monsenhor Mercier, arcebispo de Malines esteve em Jette onde proferiu um notavel discurso patriotico de que reproduzimos as seguintes phrases finaes:

«Meus irmãos, uma palavra ainda: quero dizer-vos quanto nos sentimos orgulhosos com o vosso procedimento. Não se passa um dia que não receba do estrangeiro, de amigos de todas as nações, cartas de condolencias que terminam quasi sempre por estas palavras: «Pobre Belgica!» E eu respondo: «Não, não pobre Belgica, mas grande Belgica (acclamações), incomparavel Belgica, (acclamações), heroica Belgica! (acclamações.)

«No Mappa-Mundo é apenas um ponto minusculo que muitos só descortinam com o auxilio da lupa; mas hoje não ha no mundo uma unica nação que não preste homenagem a esta Belgica. (Acclamações prolongadas). Como ella é grande e bella! Se a vissem como nós a vemos com os nossos olhos, verificariam que, após um anno de guerra, não ha um unico belga que chore ou que murmure! (Acclamações). Ainda não encontrei no meu caminho um operario sem trabalho, uma mulher sem recursos, uma desolada mãe, uma esposa coberta de luto que murmure! Todos se inclinam sob a mão da Providencia. (Acclamações).

«E' isso o que desconcerta os homens que ha um anno se installaram em nossa casa.

«Ha «um anno» que vivem entre nós e ainda nos não conhecem! Estão estupefactos! E' que, por um lado, ninguem murmura, todos respeitamos e continuaremos a respeitar os seus regulamentos; e, por outro, nenhum coração se lhe entregou. (Longos applausos). Temos um rei! um unico rei e só um rei teremos sempre». (Estrondosos applausos, acclamações interminaveis).

Pelo telegrapho

O serviço militar obrigatorio em Inglaterra

LONDRES, 6. — A camara dos communs approvou em primeira leitura o bill do sr. Asquith por 403 votos contra 105. A minoria era composta de nacionalistas, alguns trabalhistas e d'um pequeno numero de radicaes.—(*Havas*).

LONDRES, 6. — Trez ministros pertencentes ao partido trabalhista, os srs. Henderson, ministro da instrucção, Brace, sub-secretario do interior e Roberts Junior, lord do thesouro, pediram a sua demissão. Assegura-se que, não obstante a decisão do congresso os trabalhistas votarão o bill do sr. Asquith.—(*Havas*).

A lucta no theatro occidental

PARIS, 7.—Communicação official das 15 horas:

Nada occorreu digno de menção durante a noite.—(*Havas*).

LONDRES, 7. — Official. — Onze aeroplanos britannicos bombardearam o deposito de provisões, no Sart. Os canhoneios nas duas costas limitaram-se ás regiões de leste de Armentières e sueste e norte de Ypres.—(*Havas*).

Nos Balkans

A chave da Macedonia

Salonica: — a dos altos destinos

A. van der Brule, o celebre reporter que ha pouco mais de dez annos, por occasião das insurreições na Macedonia, percorreu toda a peninsula balkanica, reuniu as suas chronicas e impressões de viagem n'um curioso livro: Le bluff Macédonien. D'esse livro recordamos algumas passagens sobre Salonica, que o notavel jornalista revelou n'essa occasião, por assim dizer, á opinião publica europeia.

Quando se chega a Salonica por mar e se entra n'esse golpho maravilhoso, dominado pelos cimos nevados do Olympo, comprehende-se bem o empenho de certas potencias em reservarem para si, n'um futuro mais ou menos longinquo, a posse de tão admiravel entreposto sobre os mares do Archipelago.

Exceptuando a bahia de Sade, creio que não ha n'estas paragens do Oriente outro abrigo maritimo que possa offerecer a esquadras inteiras tamanha segurança em tão consideravel perimetro. Salonica constitue além d'isso o porto natural de todos os paizes balkanicos tão perturbados no momento presente, mas cuja riqueza territorial apenas precisa de um pouco de tranquillidade para se expandir e dominar desde logo no mundo do commercio.

N'estes primeiros dias de maio, o sol reveste tudo com a phantasmagoria de uma floresta que reverdece. E' preciso fazer-se um violento esforço de imaginação para nos lembrarmos que n'este mesmo local, ha um anno, por esta epocha, reinava o terror, e que as brisas do golpho traziam ainda os echos das ultimas bombas bulgaras.

Todas estas coisas tragicas, a explosão do «Guadalquivir» e do Banco Ottomano, a noite terrivel de 30 de abril, os dias de repressão, o estado de sitio, em seguida a insurreição que só terminou com as primeiras neves, parece que já se apagaram da memoria dos habitantes. A existencia habitual, de negocio para estes, de pequenas intrigas politicas para aquelles, de coisas meudinhas, para todos, retomou o seu logar. Fala-se mais da ultima aventura de madame X. ou do vestido de madame Z. que da questão da Macedonia. E no entanto é possivel que esta apparente tranquillidade seja apenas superficial, mas antes de considerarmos o que ha por detraz de tudo isto, de anciedade e de incerteza, lancemos um golpe de vista sobre a cidade de Salonica, a qual, embora os trez «vilayets» que formam a Macedonia possuam cada um d'elles um governo distincto, constitue na realidade o verdadeiro centro economico.

A sua configuração, «á vol d'oiseau», pode exactamente figurar-se por um triangulo cujo vertice seria a velha cidadella que domina a cidade turca e cuja base comprehenderia o extenso semi-circulo que forma o novo porto, o grande caes até á famosa Torre Branca, e em seguida, a serie de lindas «villas» cujos jardins, em suave pendor, descem até ás aguas do golpho.

Foi uma companhia franceza que construiu o novo porto, cujos serviços estão montados á moderna; os terrenos necessarios foi preciso ganhal-os ao mar, exactamente como se fez em Port-Said. No grande caes ha lindos edificios que bordam o littoral até á Torre Branca, de origem genoveza, e que ás vezes serve de prisão. O anno passado estiveram ali encerrados numerosos bulgaros. E' aqui que se juntam a estrada dos campos que circumdam o golpho e o magnifico bairro Hamidié, no qual se installaram quasi todos os consulados europeus.

Na realidade, a cidade europeia é limitada ao sul, pelo caes, a leste, pelo «boulevard» Hamidié, ao norte, pela rua do Vardar que tem mais de 2 kilometros de extensão e limita os bairros turcos, conduzindo á estação do caminho de ferro. A meio da rua do Vardar passa transversalmente uma larga arteria que vem encontrar o caes na altura do novo porto, e forma uma praça, considerada o verdadeiro centro da cidade, em torno da qual se vêem muitos hoteis e grandes cafés. A parte europeia de Salonica não possue ainda por certo os pavimentos aperfeiçoados, o aceio e o explendor das cidades occidentaes; mas, graças aos cuidados de uma intelligente municipalidade, vae melhorando sempre e não vem longe o dia em que será dos mais aprazíveis recantos d'esta região do oriente.

A cifra global da população só póde fixar-se approximadamente. As estatisticas officiaes estão longe de ser completas, e só reunindo os dados fornecidos pelos diversos consulados e tomando uma media se chega a avaliar em 145 ou 150,000 almas, assim divididas: 90.000 israelitas, 25 a 30.000 gregos, bulgaros, servios e valachios, 20.000 turcos e 10.000 europeus ou protegidos. Todo este conjuncto de raças justapostas, que se acotovellam e se encontram a cada instante mas que nunca se fundem, produz uma extranha impressão de cosmopolitismo. E', em resumo, uma reedição maravilhosa da Torre de Babel, com a unica differença que todos conseguem entender-se, apesar de fallarem 7 ou 8 idiomas differentes.

Além do turco, lingua official, e do hespanhol, falado pelos israelitas, que são os descendentes directos dos judeus expulsos da Peninsula iberica no tempo de Philippe II, o grego parece ser a lingua mais corrente. Fala-se tambem o francez e o italiano.

De todas as colonias, se exceptuarmos a grega, é a italiana que conta maior numero de nacionaes e protegidos. Conhecendo bem a influencia que a prosperidade commercial póde exercer sobre uma situação politica, o governo de Roma, emquanto que outros e particularmente a França dormem sobre loiros já resequidos, não despresa coisa alguma para preparar o futuro. Ha muitos estabelecimentos de educação subsidiados pela Italia e dirigidos com um senso eminentemente pratico.

Industriosa, commercial e economica, essa colonia fornece aqui, como economica, essa fornece aqui, como em muitos outros paizes de colonisação, a prova da sua resistencia e da sua força expansiva. E' um tronco de viçosa arvore que ha de abrigar o poder italiano se, um dia, Roma vier a ter novos destinos commerciaes importantes no mundo mediterraneo.

Muito longe de attingirem a importancia numerica da colonia italiana, os francezes são apenas cerca de 300, mas é certo que a maior parte constituem uma «élite» e occupam nos caminhos de ferro, nas administrações da Divida ou da «Régie» e nos estabelecimentos industriaes, situações preponderantes. Ha pouco protegidos, mas, na minha humilde opinião, fez-se bem em se não seguir este sistema de exclusivas apparencias, cujas vantagens não compensam os inconvenientes senão quando se trata de povos muito prolificos, como o italiano, portanto susceptiveis de emigração e para os quaes a theoria do numero póde algum dia tornar-se proveitosa.

Os interesses francezes no Oriente, bem mais importantes do que á primeira vista parece, revestem antes de tudo um caracter financeiro ou de exploração. E' por isso que exigem, para serem dirigidos utilmente, mais selecção do que agglomeração.

A colonia germano-austriaca não possue ainda um numero consideravel, mas cada um dos seus passos é dado com tal habilidade e estabilidade que denuncia, além das esperanças do futuro, um sentimento perfeitamente exacto da situação presente.

A enorme cifra da população israelita indica bem claramente a importancia que os judeus adquiriram n'esta cidade de negocios. Radiando d'este centro para todos os horisontes da Macedonia, a colonia tem na mão todos os fios conductores das combinações commerciaes ou industriaes; é ella que possue a terra por conquistas prudentes e secu-

Em S. Nicolau

Disseram-me hontem que na egreja de S. Nicolau estavam cantando, n'uma ovena, dois hymnos d'auctores profanos — de Antonio Corrêa d'Oliveira e de Augusto Casimiro. Eu sou extremamente curioso. De maneira que, como me dissessem tambem que a festa começava ás seis e meia, tomei logo, apressadamente, o caminho da egreja.

Encontrei-a quasi cheia. Muitas senhoras nas bancadas, muitos homens de pé, debaixo do côro e do pulpito. Grandes candelabros de metal erguendo aos arcos os braços inflammados de gaz incandescente—o gaz do progresso, alumiando a millenaria immobilidade tradicionalista. No altar-mór, vivo de flôres e coruscante de lumes, um sacerdote de capa de asperges, ladeado por dois acolytos que lhe levantavam as pontas da capa, como azas a abrirem para um largo vôo, empunhando a sua mão direita elevava, á altura da cabeça, o thuribulo fumegante de incenso — offerecendo ao Senhor, no alto do seu throno, o perfume votivo d'uma orthodoxa vassalagem. E emquanto o sacerdote elevava o thuribulo, n'um secco ruido de ferragem, a multidão de devotos, de joelhos, quasi beijando o pavimento, abatia-se em contricção.

Depois, um dos acolytos recebeu o thuribulo. Outro deu signal ao côro para cantar. E no silencio grave do templo vibraram, resoaram, afagadas pela sonoridade profunda do orgão, vozes frescas de creanças entoando o «Salutaris Hostia».

Os devotos, desopprimidos, erguiam a cabeça. Houve alguns que se sentaram. O reverendo Forte de Carvalho, prior da freguezia, de batina e sobrepeliz, mexia-se, saudando-se, indo do altar mór para a sachristia, da sachristia para o côro, na preoccupação de que nada faltasse á ceremonia que se celebrava.

Foi em seguida a uma nova scena lithurgica do sacerdote no altar-mór, e a um novo signal do acolyto, no lado, que o «orpheon» infantil cantou o hymno d'Augusto Casimiro. Desdobraram-se outras scenas, outros canticos — e a festa fechou, nobremente, pelo hymno de Corrêa d'Oliveira.

Eu sempre tive, ácerca d'estes dois poetas, a convicção de que eram dos mais completos temperamentos mysticos da moderna litteratura portugueza.

Mysticos por temperamento, embora com tendencias politico-religiosas pouco afins, são-o hoje, sob a influencia da onda de espiritualismo indefinido que avassala o mundo das ideias e dos sentimentos, como o seriam hontem, sob a pressão materialista dos meiados do seculo XIX.

E os dois hymnos que venho de ouvir cantar, não vieram senão confirmar, completando-a, uma opinião desde ha muito radicada no meu espirito.

Augusto Casimiro, o poeta da «Primavera de Deus»—livro ha semanas publicado—até no titulo do seu livro imprimiu a feição predominante do seu caracter. E ao abrirmol-o, ao percorrermol-o, ao absorvermo-nos na sua leitura, no seu rythmo orchestrado, no seu colorido meridional, o culto de Deus continuamente surge embalando o culto amoroso da Familia.

E' claro que o Deus de Augusto Casimiro não usa manto, nem deixa crescer as barbas de neve. Nem é o Deus de Israel, colerico e vingativo, nem o Deus da guerra, o que manda arrasar cidades, destruir campos semeados, mutilar mulheres e creanças a fim de que o prestigio d'um povo preferido se imponha e domine os povos enteados. Podia ser o Deus latente, sombra e clarão, mysterio e verdade que traduz o eterno anceio da belleza e do equilibrio moral do Universo. E' por certo o Deus que a Mãe lhe ensinou a amar em pequenino, isento, pela educação posterior, das exterioridades que o limitam e localisam,—o Deus para quem Christo olhava, no Horto da agonia, e cuja bondade supplicava para a Humanidade inteira.

Quanto a Corrêa d'Oliveira, dos de ha muito que o seu deismo se tornou tão axiomatico como a luz derivando da chamma. Os seus poemas, os seus vinte volumes de versos, constituem vinte eloquentes argumentos em abono da mesma these.

A sua alma de mystico, desviada do claustro gothico por circumstancias especiaes da nossa epocha, apparece de joelhos logo no livro de estréa—«Ladainha». A «Ladainha» é uma confissão d'amor. No seu palpitar ingenuo d'aza que tenteia o vôo, sente-se, porém, que a mulher, a paysagem, o torrão natal não são mais do que expressões concretas de uma aspiração ideal. E' o primeiro psalmo ao Senhor—no melhor da sua obra. E' o primeiro rebento de um tronco esguio, mas trasbordante de seiva, abrindo os braços para a superioridade do Desconhecido. E não ha duvida de que, cantando o proprio amor profano—o amor que se transfunde em vida eterna—lhe não sei que nos seus versos que lembra o amor divino.

Pouco depois da «Ladainha» dá-nos o «Auto do Fim do Dia»—obra prima que se lê religiosamente, que é quasi um livro d'horas, que parece escripto por um monge poeta, no socego biblico d'uma cerca conventual. Sempre, n'aquelles como nos livros que se lhes seguiram, o mesmo halo mystico irrompe da suavidade lyrica ou do fundo philosophico dos versos vigorosos. E nos ultimos poemas, publicados ha dias—«Caminhos» e «Auto do Anno Novo»—a ternura christã estua em vibrações da mais espiritual claridade.

Por isso, hontem, na atmosphera perturbada de incenso e de musica da egreja de S. Nicolau, as estrophes religiosas dos dois illustres poetas não me causaram estranheza. Estranhal-os-hia, se não lhes conhecesse os auctores, pelo recorte da linguagem—sem os maneirismos delambidos das composições poeticas ordinariamente consagradas ás arcarias dos nossos templos. Estranhal-os-hia, se não soubesse d'onde vieram, pelo calor da emoção—visto que os versos cantados nas egrejas costumam ser o mais banalmente frios. Não lhes estranhei o impeto christão, sincero e vivido, que apenas na forma differe do que illumina a maioria das paginas dos artistas que os escreveram.

Pretenderei affirmar, porventura, n'estas notas ligeiras, que Corrêa d'Oliveira e Augusto Casimiro são dois frades sem clausura? De maneira nenhuma. Pretendo accentuar, sómente que, filhos d'um povo messianico, estructuralmente sentimental—interpretes logicos da alma da sua raça—são naturalmente propensos ao Mysterio. E que o anceio para o Mysterio, afinado por uma requintada sensibilidade, produz o mysticismo enternecido, evangelico que floresce, espontaneamente, nos versos que lhes saem da pena—versos religiosos quando escriptos para Deus e quando escriptos para os homens.

Demais, mysticismo não é exclusivo—mas innocencia procurando um vago equilibrio. Mysticismo não é sectarismo—mas imperfeição em busca de um estado perfeito. E tanto pode conciliar-se na formula ritual do Deus dos catholicos, como no desejo da bondade suprema, na aspiração da simplicidade maxima, na candura dos que esperam ser felizes semeando felicidades...

Souza Costa

Salão Foz

A Empreza do Salão Foz para que os seus espectaculos sejam o mais attrahente possivel não se poupa a despezas, contractando o que de melhor ha no estrangeiro. Depois de nos apresentarem numeros de variedades, de arte, como SYLPHE e ZOULA dé BONCZA, deunos hontem a estreia da celebre coupletista hespanhola MATHILDE DE ARAGON, que no genero é o mais completo que temos visto. E' a graça personificada e os seus *couplets* são rechеados do um fino espirito.

Nas sessões de hoje, além de Mathilde Aragon, tomam parte; a gentil bailarina polaca Zoula de Boncza, a graciosa dançarina hespanhola Angelina Maldonado e a *hermosa* Lagil.

Como se vê, o espectaculo é deslumbrante e a elle certamente concorrerão as principaes familias.

A'manhã ha espectaculo da moda, sendo os programmas esplendidos.

lares que a proverbial indifferença do clemente turco lhe permittiu realisar.

«Tudo n'esta terra pertence mais ou menos ao israelita!»—dizia-me um velho europeu da Macedonia. «Verá que apenas resolvido o problema actual, a questão judaica surgirá immediatamente...» Passando algum tempo de permanencia não me pareceu exagerado este conceito. E' effectivamente fatal que a lucta, com a crescente prosperidade do paiz, se transporte do terreno politico para o terreno economico, no qual os israelitas continuam por emquanto a ser os dominadores.

Acabe-se com as meias medidas no Mediterraneo

Paris, 3 de janeiro

Tres paquetes, o *Persia*, o *Ville-de-la-Ciotat* e o *Ancona*, foram mettidos a pique de ha dois mezes a esta parte no Mediterraneo pelos piratas austro-allemães. Centenas de homens, de mulheres e de creanças teem perecido n'esta guerra criminosa que os nossos inimigos fazem a navios que apenas transportam passageiros indefezos. Os submarinos atacam esses navios mercantes, mesmo sem aviso previo, sem se importarem com as victimas que vão causar os seus attentados. Não teem outro receio senão o de verem fugir-lhes a sua preza. As medidas tomadas contra esses devastadores do mar não puderam ainda paralysar a sua actividade. Só destruindo os covis dos corsarios, derruindo a possibilidade do seu reabastecimento e a sua organisação de espionagem é que se conseguirá terminar com esse banditismo naval.

A occupação de Castellorizo é o primeiro passo dado para esse fim. Os torpedeamentos successivos do *Persia* e do *Ville-de-la Ciotat* impedem que se fique em meias medidas. As marinhas franceza e ingleza, senhoras do mar, teem o dever de garantir a segurança da navegação mercante e de impedir que os não combatentes e os neutros sejam assassinados na viagem. Todos os meios para expulsar do Mediterraneo os piratas que o infestam devem ser empregados sem hesitação. No littoral alliado ou inimigo, é preciso proceder-se conforme as disposições combinadas em commum ou consoante os usos da guerra. No que respeita ás ilhas, cujo estatuto internacional não está definitivamente fixado, ou áquellas que pertencem á Grecia, é necessario tomar as medidas que as circumstancias indicarem e auxiliar a vigilancia das auctoridades locaes por uma policia activa das paragens suspeitas.

Nas declarações feitas a um correspondente do *Corriere della Sera* pelo general Sarrail, explicou este chefe militar pela forma mais logica a prisão dos consules e dos subditos inimigos em Salonica.

«Esta operação, disse elle, impunha-se no interesse dos alliados depois da tentativa feita pelos aviões allemães de bombardear os nossos acampamentos e a cidade de Salonica. Desde que os allemães, lançando bombas sobre a cidade, a transformavam em territorio de guerra, comprehende-se que era logico considerar como prisioneiros todos os inimigos aqui residentes». Todo o Mediterraneo é zona de guerra, e os alliados estão no direito de proceder ali, em toda a parte onde encontrem inimigos, da mesma fórma que em Salonica. Só assim se poderão evitar actos de pirataria e o sacrificio dos não belligerantes. O inimigo não poderá a seu favor invocar leis que sistematicamente viola contra nós. O que não se podem é tolerar por mais tempo actos de pirataria como os que ultimamente se teem praticado.

A Grecia julgou dever protestar contra a occupação de Castellorizo. A prisão dos consules inimigos por de muito mau humor o gabinete de Athenas. Mas os gregos sabem muito bem que, se não fosse a presença das tropas alliadas ha muito que allemães e bulgaros se teriam installado em Salonica, justamente considerada como a chave do Mediterraneo superior.

Em summa: que a politica do rei Constantino se mantenha ou não, os alliados é que não podem sacrificar por mais tempo a sua segurança e a causa da humanidade que defendem aos escrupulos e ás duvidas de um Estado pusillanime.

As potencias centraes reivindicam o privilegio de calcar a pés as leis e os tratados. Por processos de terror, esforçam-se por fazer admitir os seus criminosos methodos como regras de guerra, como base de discussões juridicas. Os alliados só veem n'esses actos de pirataria assassinatos cujos auctores se collocam fóra da lei. Isto portanto no direito de exigir que os paizes que lhes devem a vida e cujo futuro depende da sua victoria não pretendam evitar as represalias que taes massacres provocam.—(*De «Le Temps»*).

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Frei Luiz de Sousa—Freira de Beja.

TRINDADE—A's 21— Dia de juizo—(Revista).

POLYTEAMA— A's 21—Oiro sobre azul.

GYMNASIO—A's 21—O primo Bazilio.

EDEN —A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).

APOLLO —A's 20,30 e 22,30—A viagem de Suzette.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A espiga (Revista).

MODERNO —A's 20,30 e 22,30 —Sempre ás ordens (Revista).

PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—O palhaço.

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Gioconda.

Agenda da semana

HOJE — Gimnasio — Festa artistica da actriz Maria Mattos—Primeira representação de O primo Bazilio, adaptação do dr. Vaz Pereira.

Primeiras representações

COLYSEU DOS RECREIOS —**Gioconda.**

Na recita de hontem, a sr.ª Maganna Lopez deu-nos a confirmação absoluta de que estavamos presenceando uma excellente cantora com bons recursos naturaes, dispondo de voz vibrante, extensa e agradavel e uma bella escola alliando a todas estas qualidades a outra não menos apreciavel como é a arte com que dramaticamente desenhou a personagem, manifestando-se uma actriz consciencioza e de talento.

O publico desde o começo que lhe deu provas de sympathia, o no decorrer de toda a opera a artista recebeu enthusiasticos applausos. Na difficil scena do ultimo acto foi egualmente muito applaudida.

A parte de *Laura* foi cantada pela sr.ª Erminia Rubadi, artista correcta e de valor e que partilhou com justiça dos applausos do publico. A pequena parte de cega foi distinctamente desempenhada pela sr.ª Maria Camozzi.

O baritono Mimo Zuffo fez muito bem a parte de *Barnabá*, sendo notavel a forma por que cantou a canção do 2.º acto.

O tenor Giulio Tincani pareceu-nos muito bem na parte *Enso*. Com a sua voz volumosa e de rigorosa afinação, deu todo o relevo ao canto, merecendo especial referencia a romanza do 2.º acto.

O baixo Fiore correctamente desempenhou a parte do *Alviso*, robustecendo a harmonia do conjuncto côros, baillados e orchestra muito bem, sendo ovacionada calorosamente a primeira bailarina Gaetanina Azzolini, que executou com arte e elegancia difficilimos passos coreographicos. O maestro Puccetti foi chamado ao proscenio.

***

Hoje, em recita de accionistas, canta-se a opera de Puccini, *Tosca*, que tanto tem agradado. A'manhã, repete-se a *Gioconda* o na segunda feira, em recita da moda, canta-se pela primeira vez a opera em 4 actos de Donizetti *Favorita*.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Calxa Economica Operaria; Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

A vinda de Lucien Guitry a Lisboa

O grande acontecimento é a proxima vinda a Lisboa do grande actor francez Lucien Guitry, que vem dar ao novo Theatro Republica oito unicos espectaculos com as seguintes peças todas differentes: *La Griffe, Samson, L'assaut, L'émigré, Le Tribun, La Massière, Primerose* e *L'Abbé Constantin*. A assignatura para estas recitas tem sido muito concorrida e continua aberta no escriptorio do Theatro Republica.

Theatro S. Carlos

A'manhã a companhia do Republica representa em S. Carlos a celebre peça historica *Aljubarrota* e no domingo o *Bi-Mobiles*, sendo este o ultimo espectaculo da companhia antes da inauguração do novo theatro Republica.

INTERESSES DE CABO VERDE

A INDUSTRIA

Em Cabo Verde fabricam-se bellissimos chapeus de palha que pódem competir com o tradicional Panamá, sendo a maior productora a ilha Brava e a seguir a de Santo Antão. Todavia nunca vimos que se ligasse importancia a esta industria perfeitamente domestica, a ponto de a fomentar como merece, e é curioso que dando-se em toda a provincia a planta productora da verdadeira palha de Panamá e sendo até cultivada em muitissimos jardins, os fabricantes d'esses chapeus ignorando isso, empregam de preferencia a palha que as palmeiras ordinarias lhes fornecem. E é evidente que por mais insignificante que nos pareça uma industria, nem por isso devemos descural-a, isto é, se quizermos implantar n'um paiz pobre o methodo allemão de encarregar os particulares de produzirem tanto quanto puderem e bem barato, concorrendo com todos os paizes que recorrem aos grandes estabelecimentos industriaes, que nunca pódem produzir um determinado numero de artigos em condições de preço que se parеçam com os das industrias perfeitamente domesticas.

Já nos referimos aqui á habilidade que os caboverdeanos teem para a industria dos tecidos, principalmente para a obtenção das reputadas colchas da Brava, dos *galans* e *ganarés*, conhecidos vulgarmente por pannos do Fogo, e as colchas de Santo Antão, ou feitas de trapo denominadas *calabédaches*, ou ainda com algodões tintos de Lamego. E' claro que não pretendemos que esta industria se desenvolva a tal ponto que concorra com a nossa industria, mas o que se podia era evitar que a industria regional e bem, morresse agarrada ao tear de canna como o conheceram as primeiras tribus da Casamansa que foram para Cabo Verde. Seria de todo o ponto conveniente que o governo adquirisse uns trez teares Jacquard, e os distribuisse pela Brava, Fogo e Santo Antão, pelos melhores tecelões conhecidos (na Brava resta um e de edade avançada), com a unica obrigação de ensinar o officio a dois ou trez rapazes em cada anno: seria o meio de não deixar perder essa industria tão tipica e rendosa. Tanto dinheiro se gasta nas colonias, inutilmente, em experiencias que de ante-mão se sabe que nenhum valor tem.

Outra industria que se podia desenvolver em Cabo Verde, era a da creação do bicho da seda. A primeira vez que visitámos a ilha de Santo Antão, vendo o extraordinario desenvolvimento das amoreiras brancas, tendo ainda a vantagem de não perderem a folha, pedimos para aqui sementes do sirgo seleccionada, pedindo como favor especial que nos fossem conseguidas de Mirandela, 10 grammas, a enviar o mais tardar em Dezembro. Em março recebiamos o que tinhamos pedido, é superfluo será dizer que não houve um unico bicho que lá não chegasse nascido e morto. No anno seguinte, repetimos o pedido e até empenhámos n'isso amigos dedicados, a fim de receber as sementes no mez para que as desejavamos. E' claro que perdemos o tempo porque as sementes chegaram-nos vasias e os pobres bichinhos mortos. Desistimos, portanto, de mais experiencias, scientes que um dia viria, em que proclariamos bem alto, como se estivessemos no deserto, que é muito difficil n'esta abençoada terra, render valia. Era provavel, era até mesmo seguro que o sirgo em Santo Antão, tomasse grande desenvolvimento e com elle a cultura da amoreira que era um meio de arborisar como outro qualquer, mas preferivel porque se conhecia em pouco tempo o meio de riqueza que tal arvore daria. Ainda nos empenhámos durante muito tempo em explicar em varias povoações, como se produzia a materia dos apetecidos lenços de seda, havendo centenas de pessoas que ficavam iradas por há mais tempo ninguem lhes lembrar da possibilidade de todas as casas de familia se dedicarem como na China á cultura de umas tantas amoreiras e consequentemente alguns milhões de bichos de seda, produzindo casulos que tinham aqui no nosso paiz muito bom logar. Afinal, perdemos o tempo e a paciencia, pela fórma como se não attendeu á nossa iniciativa, naturalmente ruim, porque ia levar um meio de ganhar dinheiro a uma população que tantas vezes vive na miseria e morre de fome, por falta de milho, que a escassez das chuvas não deixa produzir, mas chega muito bem para a amoreira e outras arvores.

Como nos referimos accidentalmente a arvores n'esta chronica a proposito de industrias, vem a talho de foice citar outra riqueza que vae-se perdida na ilha de Santo Antão: é a cultura da arvore da camphora e a da canela. No sitio do Coculim d'essa ilha e na Corda do Sinão, nós vimos bellissimas especies d'estas arvores, perfeitamente desaproveitadas. E' claro que nos resistimos á tentação de mostrar como se obtinha a camphora em bruto, e alcançada a licença do proprietario para colher uns cestos de folha da rica arvore, fomos pedir ali perto que nos cedessem um alambique. Metida a folha na caldeira e cheio o capitel de palha de canna de assucar, procedemos á distillação. Pouco tempo depois apagada a fogueira, desmanchado o lambique, lá vinham como lagrimas agarradas á palha uns bocadinhos de camphora em bruto. Quer dizer que a aclimação da arvore da camphora é coisa feita na ilha de Santo Antão.

Porque se não terá pensado em desenvolver a rica cultura d'esta arvore ali, sem necessidade de mais experiencias? Ninguem ignora o extraordinario valor que a camphora tem, não só na medicina, mas na industria da celluloide, e quem melhor do que ninguem lhe conhece o valor são os japonezes, que anno a anno desenvolvem consideravelmente as suas plantações, que são rendosissimas.

Ao lado das arvores da camphora estavam uns soberbos exemplares da arvore da canela, tendo uns 10 metros de altura, arvores cujos ramos novos, nunca tinham sido descascados, ignorando-se com se fazia a operação. Todavia, não importa o nosso paiz a canella? Importa e não é pouca! Porque se não fomenta a cultura d'esta preciosa arvore na ilha onde ella já vive e mostra que o «habitat» não lhe é desfavoravel? Não seria uma providencia a contrapôr contra a secca de plantas de vida efemera que conduzem as populações ao desespero, á miseria e á morte?

Não passaremos sem nos referirmos tambem á tamareira que se dá em Cabo Verde nos pontos mais quentes e seccos, impondo o luxo do deserto. Cremos que pouca gente haverá que não aprecie a tamara, e regiões do norte de Africa existem, onde a preparação da tamara é uma industria rendosa. Todavia, o que se não faz em Cabo Verde, por ignorancia da população que não adivinha processos, é a fecundação da tamareira, levando um bocado dos regimens das plantas machos e collocando-as sobre os regimens das plantas femeas, o que dá como resultado que a tamara comsiga um desenvolvimento duas a trez vezes maior do conhecido em Cabo Verde, e além d'isso a tamara d'ali é cheia de travo, porque se não faz a secca em que os assucares se desenvolvem. Mas, quem terá a culpa que se desaproveite tanta coisa, que seria de utilidade valorisarem-se immediatamente?

Quantas vezes não terão vivido em Cabo Verde pessoas que poderiam prestar bons serviços, mas que apparelhos de freio e bridão como se irracionaes fossem, não podiam fazer senão obedecer impassivelmente ao commando. Pois de vantagem seria que a norma fosse outra: trabalhe como queira, possa e saiba para o que tem a maior liberdade, mas produza. Do contrario sahirá por onde entrou. Mas juando será possivel este uso?

Armando Xavier da Fonseca

O concerto Blanch de domingo em S. Carlos

O programma da Orchestra Symphonica Portugueza que se realisa no proximo domingo em S. Carlos é o seguinte: 1.ª parte, I, *Oberon*, ouverture, Weber; II, a) *Chanson du printemps*, b) *La Fileuse*, Mendelssohn; III, *Mazeppa*, poema symphonico (1.ª audição), Liszt; 2.ª parte; IV, 7.ª *sinfonia*, Beethoven; a) *Poco sostenuto, vivace*; b) *Allegretto*; c) *Presto*; d) *Allegro con brio*. 3.ª parte; V, *A Walkyria*, *Despedida de Wotan*, *Encanto do Fogo*, Wagner; VI, *Marcha militar*, Schubert. Este é o ultimo concerto da orchestra Blanch em S. Carlos, pois que os seguintes realisar-se-hão já no novo theatro Republica.

POLYTEAMA

Telephone 1028

6.º CONCERTO

Domingo, 9 de janeiro de 1916

A's 3 horas da tarde

Grande concerto symphonico

Pela grande orchestra da Associação dos Musicos Portuguezes composta de 80 professores sob a direcção do insigne maestro portuguez

DAVID DE SOUSA

Laureado nos Conservatorios de Lisboa e Leipzig

Programma

1.ª parte

Leonor (abertura), Beethoven; *Impressões musicaes*, Thomaz de Lima, (1.ª audição), b) *Abandono*, b) Minueto antigo, c) *Dança norueguesa n.º 4*, Grieg.

2.ª parte

Scheherazade (suite symphonica), Rimsky-Korsakow, (1.ª audição n'esta epoca), a) Largo maestoso-lento-allegro non tropo, b) Lento andantino vivace-moderato assai-animato, c) Andantino quasi allegretto, d) Allegro molto-lento-vivo spiritoso allegro non troppo-maestoso-alla breve.

3.ª parte

a) *Esboço symphonico*, b) *Phantasia*, extra programma, Freitas Branco; *A um lyrio*, (orchestra de arco), Macdowell; *Rapsodia hungara n.º 2*, Liszt.

Preços

Frizas	8$000
Camarotes do 1.º, frente	4$500
» » lado	3$500
» 2.º, frente	3$500
» » lado	2$500
Avant-scene 1.ª	8$000
» 2.ª	5$000
Torrinhas	2$000
Fauteuils	$700
Cadeira	$500
Balcão de 1.ª	1$000
» 2.ª	$800

Promenoir 250 e geral 200 réis

ULTIMA HORA

Na Camara dos Deputados

Approva-se o projecto de admissão de operarios extraordinarios no Arsenal da Marinha

A sessão principia com 76 deputados. Preside o sr. Godinho. Do governo estão os ministros dos estrangeiros e da instrucção. A acta é approvada. O sr. Eduardo de Sousa pergunta ao sr. ministro da instrucção se o sr. Sousa Junior, director geral de estatistica, ainda é professor da Escola Medica do Porto; quer saber se já foi feita uma syndicancia que o sr. Lopes Martins prometteu mandar fazer aos actos de um professor de Gaya e refere-se ao celebre bispo polaco, ha dias preso, perguntando ao sr. ministro do interior o que é respeito d'essa personagem, consta. Quem é o homem? Um farçante? Um phantasma? Será o esquerdista que ressuscita. O sr. ministro da instrucção responde que não conhece os casos a que se referiu o orador. Vae informar-se e falará. O sr. ministro do interior responde que o tal bispo polaco era um estrangeiro que entrou no Paiz com os documentos em regra, não tendo sido, até agora possivel averiguar que elle possua outra identidade alem da que declarou. Trata-se d'um banal caso de policia, a proposito do qual não lhe parece que seja necessario tomar providencias especiaes. O sr. Domingos Cruz queixa-se contra um assistente do hospital de Santa Martha por elle não ter querido passar a certidão d'obito a um individuo que ali esteve e que morreu horas depois de ter saido d'ali. O sr. ministro do interior dá explicações.

O sr. Marques da Costa volta a tratar da questão da ria d'Aveiro, queixando-se de que a Alfandega do Porto arrecadou mais de 7 contos de imposto que pertencem á Junta Autonoma da Barra de Aveiro. Seguidamente manda para a mesa dois projectos de lei: um creando uma escola de pesca em Aveiro e outro creando um viveiro de peixe na ria, como determina o regulamento de 1913. Requer urgencia, o que é approvado.

O sr. ministro das finanças declara desconhecer o desvio da verba a que o orador se referiu, julgando mesmo que o facto não é verdadeiro, porque, a seu ver, mostra que a Junta Autonoma tem estado a dormir.

O sr. Brito Guimarães, interrompendo o ministro, diz que tendo feito parte da Junta, por duas vezes officiou ao sr. ministro das finanças reclamando a entrega do dinheiro que lhe pertence. O sr. ministro das finanças diz que por duas vezes occupou aquelle logar não lhe tendo chegado nunca qualquer reclamação n'esse sentido. Em todo o caso, providenciará.

O sr. Castro Meyrelles trata das prisões effectuadas em Tondella, d'um padre e alguns fieis, dizendo que o alarmou a resposta que o sr. ministro deu ao sr. Paes Gomes, no Senado, quando o caso foi ali tratado. Quando a elle e a auctoridade exhorbitou e reclama por isso um inquerito. O sr. ministro do interior, respondendo, diz que o administrador exhorbitou de certo, mas se pode contrariar os padres não respeitaram a lei, sendo apanhados em flagrante, as auctoridades andaram muito bem e os transgressores soffreram o seu castigo. Trocam-se varios apartes entre o ministro e o orador, intervindo tambem o sr. Casimiro de Sá, não concordando este com a doutrina exposta pelo sr. Almeida Ribeiro. N'esta altura, o sr. ministro das colonias manda para a meza duas propostas de lei: auctorisando o governo de Moçambique a contrahir um emprestimo destinado a medidas de fomento d'aquella provincia, e a outra para que pede urgencia, que é approvada, auctorisando alterações de bases para as cartas organicas das colonias.

Na ordem do dia procede-se á eleição de dois vogaes para a commissão de acquisição do material de guerra.

Ficaram eleitos os srs. Lopes de Rezo e Francisco Trancoso, este por um voto porque as oposições não votaram n'um official de marinha, como a lei determina. Passa-se á discussão do projecto sobre a admissão dos operarios extraordinarios nos serviços fabris do Arsenal de Marinha. Sem discussão é approvado na generalidade com ligeiras alterações apresentadas pelo sr. ministro da marinha e sr. Costa Junior.

E' dispensada a ultima redacção.

São 8 horas e vinte minutos. A sessão é em seguida encerrada marcando o presidente a proxima para segunda feira.

MUSICA

Trios de Beethoven

Realisa-se amanhã, no Salão do Automovel Club (palacio Palmella, ao Calhariz), a quinta e ultima audição da serie em que Rey Collaço, Julio Cardona e João Passos se propuzeram executar integralmente os *Trios de Beethoven*. O programma, que ámanhã effectivamente se cumprirá, inserе a collaboração da interessante *liedersangerin* sr.ª D. Alice Rey Collaço e consta das seguintes partes:

I—Trio em Si Bemol (Op. 97): Allegro moderato-Scherzo, allegro-andante cantabile ma però con moto-Allegro moderato.

II—a) The Faithful Johnie (canção escoceza); b) Our bugles sung truce (canção irlandeza); c) The Highland Watch (canção escoceza com acompanhamento de côro, escripta na volta de Regimento 42 de Waterloo).

Todas estas composições são tambem de Beethoven e serão interpretadas pela sr.ª D. Alice Rey Collaço.

III—Trio em sol, Op. 121 (10 variações sobre uma canção burlesca d'uma opera de W. Muller).

Os bilhetes para o concerto encontram-se á venda nos logares habituaes e amanhã, no Automovel Club, onde tambem se realisa a marcação.

Sociedade N.º 4 de I. M. P.

Em beneficio do cofre da benemerita Sociedade n.º 4 de Instrucção Militar Preparatoria, realisa-se na proxima segunda-feira uma recita no theatro da Trindade, para a qual foi convidado a assistir o sr. presidente da Republica. Abrilhantará a festa a banda da Concentração Musical 24 d'Agosto (Banda de Regimento da Barcarena), que executará algumas das melhores peças do seu reportorio.

E' digna de todo o auxilio a Sociedade n.º 4, que tem vindo dia a dia introduzindo na sua organisação importantes melhoramentos, como a extinção do analphabetismo por meio de cursos nocturnos e conferencias, e ainda o desenvolvimento da educação physica, adquirindo o necessario material de gymnastica, e creando ultimamente uma banda instrumental, cuja primeira sahida se deve realisar no dia 31 do corrente.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. ministro da guerra conferenciaram os srs. general Castel-Branco e o inspector da 5.ª divisão, coronel Alexandre d'Almeida Oliveira, que hoje partiu para Coimbra em serviço de inspecção.

—O sr. ministro das colonias esteve hoje durante o dia trabalhando no orçamento do seu ministerio.

—O sr. ministro do fomento visitou hoje a Manutenção Militar, que estava em plena laboração. No final da visita o sr. Antonio Maria da Silva conferenciou com o director informando-se da existencia de trigo, farinha e outros cereaes.

—Até ao dia 15 devem dar entrada na majoria general da armada os requerimentos dos tenentes da classe de marinha que desejem especialisar-se no curso da escola de torpedos e electricidade e os que desejem acumular esta especialisação com a da instrucção nos submersiveis. Até á mesma data recebem-se os requerimentos dos guardas marinhas que desejem especialisar-se na instrucção dos submersiveis.

—Pelas 12 horas de ámanhã reunem no Governo Civil os delegados de todos os governos civis do paiz para tratarem de assumptos importantes para a sua classe.

Academia de Estudos Livres

Amanhã, pelas 21 horas inicia o professor sr. Luiz Cardim a serie de lições sobre a litteratura ingleza.

As lições terão um caracter elementar, proprio da instituição em que se realisam, e destinam-se a vulgarisar conhecimentos uteis a todas as classes sociaes.

Depois d'amanhã, pelas 14 horas, iniciam-se as visitas de estudo á Lisboa monumental e historica. Dirigil-as-ha o architecto sr. Edmundo Tavares. A visita de domingo será ao Castello de S. Jorge, paço do D. Fradique e largo do Menino de Deus.

O ponto de reunião é na porta principal do Castello, á rua Bartholomeu de Gusmão.

Festas associativas

Promovida por uma commissão composta das srs.ªs D. Helena Silva, D. Alice da Purificação e D. Alice Torres, ha depois d'amanhã recita no Club Simões Carneiro com a comedia «Casar para morrer», abrilhantando a festa o quintetto «Os Lucas». Seguir-se-ha baile e cotillons, que será marcado pela sr.ª D. Alice Trigo e pelo sr. Carlos Trigo.

PEQUENAS NOTICIAS

Carlos Alves Ferreira, morador na rua da Barroca, 97, 4.º, José Silverio, na mesma rua, 40, 2.º, João dos Santos, n.º 67, 4.º, Augusto de Mattos, rua do Norte, 67, 3.º, Mario José Amaral, na mesma rua, 56, e Rogerio Pedrosa, na travessa do Poço da Cidade, 11, 2.º, foram presos por transportarem uma porção de ferro, chumbo e outros materiaes pertencentes às obras do theatro Republica, apurando-se que o auctor do roubo era o guarda da noite Francisco Vieira, que entregava o roubo aos presos para o levarem á casa do ferro-velho da rua da Barroca, o qual se achava também prezo.

—Odilia Galixto, moradora na rua de S. Boaventura, 26, 2.º, queixou-se á policia de que lhe desapareceu de casa sua filha Armanda, de 3 annos. E' clara, loura, cabello anellado, vestido claro e calça alpergatas amarellas.

—Recolheram ao hospital de S. José: á enfermaria 4, Ruben da Costa Mortagua, atropellado por um electrico na rua de Santo Amaro, ficando muito ferido na cabeça; á enfermaria 11, Maria Gertrudes da Silva, moradora na rua de S. Christovão, que cahiu pela escada da sua residencia, ficando muito ferida na cabeça e com fractura do braço direito.

—Com destino aos portos de Africa largou hoje do Caes da Fundição o paquete «Cazengo», da Empreza Nacional de Navegação, levando a bordo um importante carregamento e varios passageiros, entre elles o sr. José da Costa Guimarães, administrador das propriedades do senador sr. Pedro Botto Machado, D. Alice Cardoso, etc. Tambem no «Cazengo» seguiram varias praças do exercito e da armada.

—Manuel Brandão, morador na travessa de Santa Thereza, 9, 2.º, Guadino dos Santos Silvino da Cunha, na mesma casa, João Fernandes, na travessa do Palma de Cima, 9, e Sabino dos Santos Cunha, 2.º sargento da armada, foram presos esta madrugada por desobediencia, tendo o primeiro aggredido o guarda n.º 355 com uma pontapé no baixo ventre, pelo que teve de receber curativo no hospital de S. José. Os presos puzeram-se em fuga, mas foram recapturados na praça do D. Pedro.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

DIPLOMATAS

Regressou do Mont'Estoril com sua familia o sr. dr. Julião Rebello, conselheiro da embaixada do Brazil.

Este diplomata entrou hoje no gozo das ferias regulamentares, porque se acha incumbido de uma importante commissão por um instituto scientifico brazileiro, devendo partir brevemente para o estrangeiro.

Apresentaram-se hoje no ministerio dos negocios estrangeiros os srs. dr. Bartholomeu Ferreira, nosso ministro na Haya, e o 2.º secretario da embaixada do Rio de Janeiro, sr. Brandão.

—Partem depois de ámanhã para o Rio de Janeiro, onde vae dirigir o consulado geral, o sr. dr. Pedroso Rodrigues, e para a Bahia o sr. Arnaldo da Fonseca.

JANTAR-CONCERTO

Ao jantar-concerto de hontem no Grande Hotel de Inglaterra assistiram:

Mesdames Guedes de Mello Vasconcellos, Briant e filhas, Mather, Walewyk, Meyer van Holtz e filha, Hawkins, Assumpção e filha, Vernet, Castro, Athayde, Barros, Steabben, Peito de Carvalho, Silva Cruz, Moresco e filha, Polonio, Firth, van Fuld, van Resner, Conceiro Bastos e filhas e Carnegie d'Avon, e os srs. Briant, Mather, Walewyk, van Meyer, van Holtz, Hawkins, Assumpção, Lopes d'Oliveira e filho, Vernet, Mascarenhas d'Andrade e filho, Steabben, Brown, Silva Cruz e filho, Moresco, dr. Angelo da Fonseca, Alberto Barbosa, dr. Alfredo Torres, van Katz, Firth, Barros, das dos Reis, van Fuld, Conceiro Bastos, van Resner, Pierre Martin, Goodall, dr. Mendes de Vasconcellos, dr. Metello, dr. Morton, Christiano Tavares, Amorim Vasques, Maresquecl, Tude d'Irmenez, barão de Saint-Luc e capitão Bresne Campbell.

«ARTE NO LAR»

No palacio Franco, na rua de S. Thiago, onde está installada a exposição «Arte no Lar», realisam-se pelas 21 h. Adelaide de Almeida e D. Claudina Franco dos Santos realisa na proxima segunda-feira, ás 16 horas, o sr. dr. Alfredo Pimenta uma conferencia sobre «Arte regional».

BOAS-FESTAS

Recebemos e retribuimos, muito penhorados, os cumprimentos do sr. Domingos L. Terra, de Seixas, e da distincta «chanteuse» Cintra Polonio.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34 3/16	34 7/16
Londres, 90 d/v	34 17/16	
Paris, cheque	$75,5	$75,9
Allemanha, cheque	$28	$29,5
Hollanda, cheque	$65	$67
Madrid, cheque	1$40	1$41
Suissa, cheque	$85,5	$87,5
Italia, cheque	$65,5	$69,5
New York	1$47,5	1$48,5
Rios/Londres	11 7/8	
Libras	7$00	7$05
Agio do ouro	56 %	62 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	38,60	38,55
» » 50$	—	—
» » 100$	—	—

Obrigações do Estado: 3 0/0 1905, 59$65; 4 0/0 1888, 22$; 4 0/0 1890, assent., 50$80, e coup., 50$40; 4 1/2 88-89, assent., 63$60, coup.

Externas: 1.ª serie, 7$60, e 3.ª, 7$650.

Acções: Ultramarino, coup., 121$50, e assent., 120$00; Assucar, 44$40; Linha do Principe, 21$8; Moçambique, 3$; Moagem (nova), 5$8; Gaz, coup., 47$; Tabacos, coup., 90$50; Empreza Agricola Principe, 55$0.

Obrigações: Ultramarino, hypothecarias, 93$50.

ALVITRES & RECLAMAÇÕES

O augmento das rendas de casas

Escreve-nos o sr. J. Guimarães pedindo-nos para que chamemos a attenção das auctoridades competentes para o que está passando no 4.º bairro com relação ao augmento de rendas de casas. Em Alcantara, diz, alguns senhorios teem elevado essas rendas, algumas d'ellas ao dobro, desrespeitando assim as disposições do decreto publicado no *Diario do Governo* de 23 de novembro de 1914, que prohibe tal augmento. Estando o sr. Guimarães que quando um senhorio intente acção de despejo contra um inquilino por este se não querer sujeitar ás suas imposições, deve ser considerado litigante de má fé.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Encyclopedia das familias»

Sahiu o numero correspondente a dezembro findo. Como os anteriores, vem interessante, trazendo variadas secções e indicações de grande utilidade. Edição da casa Lucas Torres, da rua do Diario de Noticias, 93.

Movimento maritimo

E. J., «Ville de Joyeuse» (do Hav.). 16
Pern., R. J., etc, «Tubantia» (do Am.) 19
S. Thomé, «Angola». 10
Liverpool «Domine» (do Brazil) 11

SPORT

A proposito do torneio de Coimbra

A lucta de amadores em Portugal

Como se organisaram as primeiras «poules» e os primeiros «matches»

No proximo domingo effectua-se, em Coimbra, um grande torneio, entre amadores, de lucta greco-romana, para disputa da «Taça Coimbra» obtida entre os socios do Gymnasio Club Conimbricense, com auxilio da Camara Municipal da cidade. Concorrem elementos d'aquelle club que é o organisador do campeonato e da Federação Academica, sendo possivel que esta se faça representar por um notabilissimo amador, que foi durante annos campeão invencivel. A proposito d'este campeonato e aproveitando o interesse do torneio profissional do Porto, achamos interessante a publicação dos primeiros trabalhos que, entre nós, se fizeram para aclimatar esse «sport» combativo. Servimo-nos da interessante monographia que em 1909 publicaram dois jornalistas acobertados com os pseudonymos de «Paulo Rey» e «Ruy Lima».

Os exercicios de lucta greco-romana começaram em Portugal como começaram os de pesos do methodo classico francez.

Um enthusiasta,—Camillo Bouhon—lido em chronicas athleticas do estrangeiro, impulsivo, amigo de discutir, tentando convencer á força de pulmões, em frequentes berratas sobre assumptos interessantes e procurando apoio aos seus argumentos nas revistas e livros que recebia regularmente d'alem fronteiras—costumava ás tardes, nos salões do Gymnasio Club, trabalhar com alteres, tornando bastante animadas e interessantes essas sessões de treino.

A conversação era quasi sempre guiada para questões de lucta, de «box» e de alteres. Os amadores do club ouviam então, maravilhados e curiosos os nomes de Pons, de Laurent le Beaucairois, de Omer e seguiam com interesse a descripção das suas façanhas homericas, que a phantasia exaltada do narrador chegava a incluir a par das que a lenda mantem atravez dos seculos. Esses campeões do «ring» gravavam-se no pensamento dos gymnastas portuguezes como entes excepcionaes e como verdadeiros deuses. Manifestavam todos o desejo de os ver um dia, de seguir o seu trabalho e de conhecer a sua arte de combater. Assim se originou a febre importadora de tratados de lucta. O reduzido livrinho de Leon Ville tornou-se querido dos athletas do Club. Foi estudado. Sobre os mal apropriados colchões do gymnasio feriam-se luctas terriveis e violentas, que deixavam largos signaes dos seus estragos em escoricções graves e ferimentos nos cotovelos e nos braços dos futuro campeões.

Fóra do Gymnasio, n'outra associação tambem importante n'esses tempos—no Club Velocipedista de Portugal—a lucta tinha da mesma fórma os seus occultos admiradores. Era seu influente principal o sr. Pedro del Negro, cuja competencia ainda hoje se reconhece. N'esse tempo, o notavel amador praticava a lucta e chegou a ter grande confiança nos seus conhecimentos porque planeou um combate contra um herculeo rapaz, o sr. Luiz Pimentel, para incluir n'um programma d'um sarau.

Esses treinos eram já feitos com um certo aspecto de competencia. Nos dois clubs trabalhavam os amadores, desejosos de ganhar para as respectivas aggremiações o titulo de primeiras no «sport» que começava a praticar-se. O Gymnasio Club tirava maior proveito que o outro club. Um profisisonal de nome Gerardy chegou a trabalhar algumas manhãs no gymnasio, treinando e ensinando os srs. Walter Awata, João Roubaud e José Pontes, tres amadores que nunca praticaram a lucta em «matches» e torneios publicos e que simplesmente pensavam em alcançar conhecimentos do novo «sport» para lhes fazer a propaganda e advogar as qualidades.

Mezes depois apparecia o «Jornal da Noite» com uma secção diaria e obrigatoria de «sport». A secção era completa e variada. O redactor—José Pontes—dava, porém, excessiva preferencia aos trabalhos athleticos, procurando a mais larga publicidade para as noticias que n'esses assumptos vinham do estrangeiro.

O torneio disputado em Paris, o do primeiro «Cinto d'oiro» teve nas columnas do «Jornal da Noite» uma reportagem completa e minuciosa de promenores. Os combates d'esse torneio celebre eram descriptos phase por phase. Os nomes de Pons, Petersen, Laurent le Beaucairois, Raul le Boucher, Antonitch e Dumont tornaram-se do dominio publico. Schackman começou a attrahir a attenção sobre a sua revoltante forma de luctar.

Essas chronicas inflamaram os nossos amadores. Voltou o enthusiasmo para a pratica da lucta. No Gymnasio Club, os srs. Dario Cannas e José Mourão apresentaram-se n'um assalto demonstrativo. Uma tarde, sem aviso antecipado, incidentemente, alguns socios do Gymnasio lembraram-se de fazer uma pequena serie de «matches». Foi um ensaio, que José Pontes aproveitou para promover a realisação da primeira «poule», com caracter official. Realisou-se no picadeiro do professor de equitação sr. João Gagliardi e mereceu honras de noticiario circumstanciado, porque reuniu um bom grupo de amadores de lucta, os melhores de então. O pequeno torneio revelou as excepcionaes aptidões dos srs. Domingos Centeno, Dario Cannas e Cesar de Mello, todos vencedores dos outros competidores, entre elles um gigantesco rapaz, d'um 1,m90 de altura José Oliveira, que soffreu o desgosto de ver a sua força e a sua inexperiencia dominadas pelo treino e pela energia combativa que é quasi sempre qualidade que acompanha os gymnastas trabalhados muscularmente. A «poule» marca uma «etape» gloriosa na historia do «sport» nacional.

Durante mezes a lucta não manifestou publicamente o seu avanço progressivo. No Gymnasio Club, salvo um ou outro «match» demonstrativo, os amadores continuavam os seus treinos mas sem espectaculosa exibição. No Club Naval Madeirense, trabalhava-se com actividade e com methodo, sob a direcção de Pedro del Negro e no meio sportivo constou immediatamente que a sala de esse club podia apresentar sem prejuizo trez amadores valentes, treinados e capazes de defrontar os dos outros clubs. Eram esses amadores os srs. Ribeiro da Fonseca, Ricardo del Negro e Candido da Silva.

A 22 de outubro de 1915 appareceram «Os Sports» e no programma d'esse bi-semanario figurava a organisação de varias festas athleticas, notoriamente as de lucta. Houve ideia immediata de fazer disputar o primeiro campeonato nacional. Haveria concorrentes? Era a pergunta que se fazia. Os organisadores, porém, não se precipitaram. Foram primeiro ensaiar o terreno, já desbravado em assumpto de propaganda porque o sr. Manuel Egreja, com extrema proficiencia e maxima imparcialidade, tinha nas columnas do «Jornal da Noite, mezes antes, descripto e commentado o torneio do segundo «Cinto d'oiro» de Paris, que elle fôra presenciar propositadamente. Essas cartas excitaram os amadores portuguezes, que com mais coragem se entregaram aos treinos.

A primeira festa de «Os Sports» realisou-se na séde do Gymnasio a 5 de novembro. Era modesta ainda e tinha o caracter d'uma tentativa. Foi, porém, muito concorrida. Disputaram uma «poule» 6 luctadores. A victoria coube ao sr. Cesar de Mello que venceu Sotto Mayor, segundo, Nascimento, terceiro, Pedro Cohen, Futscher de Figueiredo e Mario Ribeiro.

Começaram então os primeiros annuncios do campeonato nacional. Todos achavam excellente a ideia. «Os Sports», porém, quizeram animar mais fortemente a propaganda, e a 3 de dezembro promoviam na séde do Gymnasio Club, a segunda «poule», que era presidida por um jury formado pelos srs. dr. Jayme Neves, Fernando Correia, dr. Borges d'Almeida, Dias Costa e José Amorim. De arbitro appareceu Cesar de Mello. O numero de concorrentes, tornendo morosa a sessão, obrigou simplesmente ao apuramento de classificados para uma «poule» a realisar no domingo seguinte. Abandonaram Nascimento, Pedro Cohen e Santos Junior. Dos pesados classificaram-se Brito Chaves, dos leves Abel de Macedo, Carlos Martyres e Futscher de Figueiredo».

Notas do dia

Uma festa no Club Naval

A epoca brilhantissima do Club Naval, no verão e outomno de 1915, vae ter um complemento espectaculoso e apropriado. No dia 22 effectua-se na Sociedade de Geographia uma sessão solemne de distribuição de premios aos vencedores. Essa sessão é honrada com a assistencia do sr. presidente da Republica, que muito se interessa pelos problemas de educação phisica por meio dos sports. Egualmente o club organisador vae enviar convites ao corpo diplomatico, congresso nacional, camara municipal, armada, exercito, governador civil e entidades officiaes.

Na sessão solemne falam os maiores propagandistas da causa da educação phisica. A festa terá egualmente um grande «mise-en-scene», porque hão-de comparecer todos os «sportsmen» que se interessam pelo remo, pela vela e pela natação e será abrilhantada por banda de musica.

* * *

O ultimo desafio de foot-ball d'um torneio

O «match» de hontem em Sete Rios não nos agradou. Annunciado com um caracter de desforra, não resolveu nem solucionou a duvida que podia haver se sim ou não os suissos eram superiores aos portuguezes, se estes eram eguaes ou melhores do que aquelles. Nem uns nem outros jogaram bem. Foram inferiores ao que tinham feito em tres tardes anteriores. E sentimos desgosto ao publicar esta nossa impressão pessoal porque acreditámos na victoria, concludente, insophismavel, de que o Sport Lisboa e Bemfica devia ganhar sem favor, porque a sua «linha» é mais homogenea, está bem treinada, tem folego e energia. Os suissos tinham, apenas a vantagem de mais peso. E assim terminou o «torneio das 4 cidades» de que se pode orgulhar o club organisador, porque alem de ser uma iniciativa de arrojo, foi proveitosa para a propaganda do «foot-ball».

* * *

Escola Normal de Gymnastica

Nas noticias que hontem os informadores da Arcada mandara para os jornaes e que estes publicaram, vem o seguinte:

> Foi determinado que a commissão encarregada de elaborar um regulamento completo de gymnastica, tenha egualmente o encargo de elaborar o projecto da escola normal de educação physica.

Isto equivale a dizer que o governo se preoccupa com os problemas de educação physica e que mantém o proposito de crear uma Escola Normal, que fazia parte do seu programma quando se apresentou nas camaras.

Mas... não será mal encaminhada a questão desde o principio, entregando o projecto a uma commissão já assoberbada com trabalho para o qual, certamente, lhe escasseiam dados technicos, e que tem de os procurar para fazer obra, não perfeita mas regular? E depois, n'estas commissões não está, em minoria, o elemento medico, que devia estar em maioria? Sim, que n'estes assumptos, entendemos nós que a maioria devia ser dos medicos e não dos militares. Mas, já não é mau que estes assumptos preoccupem a attenção de dirigentes...

* * *

O campeonato de lucta no Porto

Novas informações completam as primeiras recebidas do Porto e que dizem que o campeonato internacional interessou as populações do norte, que enchem todas as noites o Theatro Sá da Bandeira e que se maravilham deante da imponencia phisica de Petersen, da força de Almela, da coragem de Simonon, da ferocidade de Hillman e do classicismo de Rosset. Tem havido sessões magnificas e algumas movimentadas, principalmente aquellas em que entra Hillman que se enfurece á primeira contrariedade e aquellas em que lucta o negro americano Frank Crozier, que é um modelo de belleza plastica, com uma musculatura imponente pela harmonia e desenvolvimento.

Na segunda-feira começam as «meias-finaes», devendo tambem effectuar-se n'esse dia, um desafio entre Terrasier, belga e o robusto portuguez José Perdigão, com fama de força no Porto.

Algumas anecdotas

O que motivou o hercules flamengo!...

Foi um jornalista sportivo que nos mandou esta do Porto.

O luctador flamengo Hillman, com as suas brutalidadés, excitava o publico. Choviam almofadas na arena! Ouviam-se insultos! Ensurdecia-se com assobios! E na arena, o hercules, maltratava o adversario, sem se importar com a «zaragata» da plateia...

De repente um espectador grita:

—Se continuas a dar bofetadas, vou lá baixo e dou-te com a bengala...

Um outro espectador, mais sereno, diz-lhe:

—Se tal fizesses, roubavas á Belgica um excellente athleta...

—Ah! elle é belga?

—E'...

—Então não percebo, porque elle dá tanta pancada n'este alliado russo...

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Na Amadora

A grande festa d'arte, que se realisa nos Recreios Desportivos da Amadora, está marcada para a noite de 19 d'este mez. Para a progressiva povoação e para as localidades visinhas, esta festa está despertando um interesse excepcional.

Um grande desafio

O «match» de «foot-baal» para a 1.ª volta do Campeonato de Lisboa, que colloca pela primeira vez em presença do Sporting Club de Portugal o «team» do Sport Lisboa e Bemfica, está marcado para a tarde de domingo 16 e effectua-se, provavelmente, no campo do Stadium do Lumiar.

O martyrio da Servia

O que diz um jornal de Bucarest

Paris, 2 de janeiro

O diario «Rumania», de Bucarest, orgão do partido democratico conservador, publica com o titulo de «O martyrio da Servia» um artigo que produziu sensação.

«Ninguem pode impedir—diz entre outras coisas—que no futuro sejam os servios o povo maior da Europa Oriental. Ninguem poderá impedir que a nação servia passe da fila dos pequenos povos, tolerados pelo equilibrio dos grandes, a ser factor real e importante na historia da Humanidade.

«Castigados pelas guerras, pelas epidemias e pela fome; reduzidos ao papel de desterrados no estrangeiro, com os seus canhões gloriosos despedaçados e queimados os seus archivos, havendo padecido taes soffrimentos que muitos patriotas não os puderam supportar e recorreram ao suicidio, os servios lançaram as bases não só d'um grande Estado mas tambem d'uma grande nação.

«Poderia succeder, do que muito duvidamos, que na Europa Oriental os azares da guerra e as conferencias creassem Estados mais vastos do que a Servia de ámanhã; mas nenhuma nação, nenhuma Europa Oriental, poderá suppor-se ámanhã egual á nação servia».

Brindes e calendarios

A casa Castanheira & Fonseca, com séde no Porto, praça Guilherme Gomes Fernandes, 41 a 43, e filial em Lisboa, na rua do Commercio, 172 a 176, distribue pelos seus clientes um bonito chromo-calendario para o corrente anno.

O Turco do Calhariz, a conhecida alfaiataria, distribue pelos seus clientes e amigos um lindo chromo-calendario de parede para o anno corrente.

Tambem a Companhia das Aguas das Pedras Salgadas distribue aos seus clientes um bonito calendario, devendo quem quizer tel-o requisital-o, ao depositario, sr. José Ribeiro de Vasconcellos & C.ª largo de Santo Antonio á Sé, 5, 1.º.

Festas associativas

Na Tuna Commercial de Lisboa continuam no proximo domingo as festas do 1.º anniversario da sua reorganisação, havendo de dia, ás 14 horas, ensaio das creanças para os bailes infantis, do proximo Carnaval e á noite baile com o amavel concurso do Quinteto Cyriaco e Grupo Dramatico Os Modestos ambos compostos de socios da tuna, estando a direcção da sala a cargo do professor de dança sr. Raul Berquó.

—No Centro Democratico Español ha no domingo uma *velada* litteraria seguida de baile.

—No Club Estephania ha ámanhã recita seguida de baile. Sobem á scena a peça de Julio Dantas *O primeiro beijo* e a comedia *A mosca branca*. Recita e baile são abrilhantados por um quintetto.

—Entrou em ensaios no Grupo Dramatico Lisbonense o drama em 3 actos *Maldita guerra*, expressamente escripto pelos socios do Grupo srs. Albino Lima e José Teixeira.

Asylo de Santa Catharina

Como complemento das festas do 58.º anniversario d'esta benemerita instituição realisam-se amanhã e domingo, pelas 20 horas, duas recitas promovidas pelas educandas e em que tomam obsequiosamente parte varios artistas e amadores.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora

Mostruario industrial portuguez

Na Sociedade de Geographia realisa-se na proxima segunda feira, ás 21 horas, uma sessão solemne para entrega dos premios aos expositores do mostruario industrial portuguez.

combate de novo o repelliu. A's 3 horas da tarde de 12 de março, o general inglez, que se encontrava em Steyn's Farm, mandou á população de Bloemfontein uma intimação para se render ou para evacuar a cidade no prazo de 24 horas. Isto passava-se nos dias em que os combatentes obedeciam ao que determina a Convenção da Haya com respeito ao aviso que se deve dar d'um projectado bombardeamento. Agora, os allemães não procedem assim, violando todas as regras e convenções estabelecidas, embora continuem a proclamar a sua celebre «kultura».

A' tarde, uma commissão delegada dos habitantes da cidade veiu a Steyn's Farm e declarou a lord Roberts que a cidade se rendia.

Levar-nos-hia muito longe o dar noticia desenvolvida das operações em que o general French tomou parte durante toda a guerra sul-africana. Bastará dizer que permaneceu em Africa até ao fim, embora a sua saude se tivesse resentido um tanto ou quanto e apezar da sua nomeação para o commando do primeiro corpo d'exercito em Aldershot, em outubro de 1901, lhe proporcionassem occasião justificada para voltar para a metropole.

Nas operações que se seguiram até á conclusão da paz em junho de 1902, French teve parte proeminente, e quando elle desembarcou no dia 12 de julho em Inglaterra, apoz uma ausencia de tres annos, o seu nome tornára-se universalmente conhecido.

Em 1907, sir John French foi nomeado inspector geral, logar que occupou até 1911, anno em que foi nomeado chefe do estado maior imperial, o mais alto posto do exercito britannico. Em março de 1914, sir John French retirára-se á vida particular, até que foi chamado a exercer o commando superior da força expedicionaria britannica em França.

Tal é, em resumo, a carreira militar do actual chefe dos exercitos inglezes na metropole.

pellir o flanco direito inglez, obrigando o general French, como pensára, a mudar de direcção para Klipdraal Drift.

Era, porém, um novo estratagema do commandante britannico. Apenas os boers descamparam a fim de o irem esperar em Klipdraal Drift, French, mudando de novo de direcção, dirigiu-se para Klip e para Roodewal Drifts o mais rapidamente que lh'o permittiram os seus cavallos exhaustos.

A rapidez do movimento surprehendeu os boers. Por entre o nevoeiro que pairava sobre o Modder foram vistos retirando apressadamente. O coronel Gordon á esquerda e o coronel Broadwood á direita perseguiram-nos atravez do rio e os trez «laagers» boers, com provisões de toda a especie, cahiram nas mãos dos inglezes.

Estava-se a 13 de fevereiro. A passagem do Modder era dos inglezes. O general French tinha ainda dois dias para cumprir a sua promessa de soccorrer Kimberley até ao dia 15. Toda a noite de 13 e toda a tarde de 14, permaneceu na margem do rio esperando as bagagens e a infantaria, a fim de poder com a cavallaria proseguir o seu objectivo.

Os inglezes occuparam a principal linha da retirada dos boers para Bloemfontein, mas o terem avançado antes dos reforços chegarem foi um erro grande. A paciencia com que French esperou pódem imaginal-o os que conhecem o temperamento do generalissimo.

A's 4 horas da tarde do dia 14 chegaram as bagagens e o apparecimento da infantaria do general Kelly-Kenny depois do anoitecer permittiu que a cavallaria pudesse effectuar a ultima parte do seu grande esforço.

A cavallaria pôz-se em marcha ás 9 horas e meia da manhã. Resolvido a occultar do inimigo até ao fim os seus verdadeiros intuitos, o general French fingiu ainda querer avançar para Bloemfontein. Mas a alguns kilometros de distancia as trez brigadas e a infantaria montada tiveram um encontro inesperado que fez quasi falhar o resultado da empreza.

Grande tiroteio vindo d'uma baixa elevação revelou a presença dos boers defendendo em grande força o caminho para Bloemfontein, ao passo que o de Kimberley era varrido pelo fogo das suas posições da direita e da esquerda, estando a primeira n'uma elevação que corria do norte para o sul, a segunda n'um outeiro, ficando no meio uma planicie da extensão de oitocentos metros. A elevação era occupada por atiradores; no outeiro estavam postados canhões.

Era uma situação que exigia um temperamento como o do homem que commandadava as forças britannicas. Tudo indicava uma retirada urgente, apesar d'essa retirada ser um desastre para todo o plano de lord Roberts, no qual a libertação de Kimberley representava tão grande parte.

A intuição de French, que o levava a calcular melhor do que qualquer outro homem a razão exacta entre as probabilidades de exito e de insuccesso no audacioso emprehendimento, serviu-o bem n'esse dia. Conheceu que o caminho para Kimberley estava aberto do outro lado da planicie que se abria na sua frente e um volver d'olhos para os cançados cavallos convenceu-o de que ou n'esse dia conseguia passar, ou tinha de renunciar ao seu emprehendimento. Resolveu fazer a tentativa, carregando a posição principal do inimigo.

O 9.º e o 16.º de lanceiros, que na actual conflagração se cobriram de louros immortaes em Mons e em Ypres, foram mandados avançar sob o commando do coronel Gordon, ficando a artilharia para traz, a fim de pôr os boers em cheque. French, com Douglas Haig, o seu chefe de estado maior e que mais tarde devia ser o seu logar-tenente na guerra europeia, collocou-se á direita na frente da carga.

E em ordem cerrada, como uma tromba, a cavallaria avançou; a rapidez da carga, a ordem em que os

Banco DE Portugal

A Administração do Banco de Portugal previne o publico de que resolveu substituir as actuaes notas de 100$000 réis por outras de egual valor com os seguintes caracteristicos:

Frente da nota

Estampada a côr verde escuro:—sobre fundo rectangular ligeiramente amarello, duas columnas lateraes em estylo manuelino, com as faces ornamentadas, ligadas superiormente por uma faxa egualmente ornamentada contendo, a meio, um rectangulo com o distico—**Banco de Portugal**—em letras brancas sombreadas:—no espaço limitado pelas columnas a reproducção de um quadro historico—**Partida de Pedro Alvares Cabral para a descoberta do Brazil**—onde se vê, na esquerda, a figura do grande descobridor, empunhando a bandeira nacional, em um barco tripulado por trez remadores, dirigindo-se para as naus, que se vêem no segundo plano, e na direita, sobre o caes, a figura do Rei D. Manuel 1.º sentado e rodeado dos seus homens d'armas;—na parte superior, á esquerda, a indicação da chapa e, a meio, os seguintes dizeres —**100$000**— em algarismos brancos sombreados, —**Cem mil reis**—e—**Ouro**—em caracteres escuros, em trez linhas sobrepostas e parallelas; inferiormente a estas,

Impresso a côr preta:—a data da nota e, sob esta, a chancella de um Director á esquerda, e a do Governador á direita, e inferiormente,

Impresso a vermelho:—o sello do Banco—, a meio; —na parte superior direita e na inferior esquerda a indicação da letra da Série e a numeração respectiva.

Verso da nota

Estampada a côr castanha:—sobre fundo levemente amarello e azul claro, excedendo a estampagem, uma moldura rectangular, diversamente ornamentada, tendo nos cantos, esquerdo e direito, da parte superior um ornato em oval contendo a indicação—**100**—em algarismos brancos; a meio um medalhão circular contendo o antigo escudo das armas portuguezas e, em linhas curvas, as indicações—**100.000**—sobre a orla superior do medalhão e lateralmente—**Cem mil réis**—em lettras brancas;—na faxa inferior, nos cantos, um ornato, em fórma de estrella, contendo a indicação—**100**—em algarismos brancos, a meio um rectangulo, limitado por linhas brancas, contendo a legenda—**Banco de Portugal**—em caracteres brancos e no intervallo a indicação—**100**—em algarismos pequenos brancos sobre fundo escuro;—na parte superior esquerda do espaço limitado pela moldura, uma roseta maior ornamentada contendo a indicação—**100**—em grandes algarismos brancos; a meio e na parte superior direita espaços em branco, com uma ligeira impressão a azul, contornado o do meio por linhas e dois ornatos sombreados, destinados ás filigranas.

Impresso a cor preta:—a palavra—**Republica**—aposta sobre a corôa que encima o escudo das armas.

Filigranas

No papel em que estão estampadas estas notas vê-se: de frente e por transparencia: na parte superior esquerda e voltado para a direita, o busto, em claro e escuro de—**Pedro Nunes**—, a meio e em caracteres escuros, as palavras—**Banco—de—Portugal**—em trez linhas parallelas.

D'esta data em deante serão trocadas as actuaes notas por outras do mesmo valor ou equivalentes em outros typos, na Caixa da Séde em Lisboa e nas das suas delegações no Porto e nas capitaes dos outros districtos no Continente e no do Funchal até 7 de fevereiro do corrente anno e depois d'essa data sómente na da Séde em Lisboa.

Lisboa, 7 de janeiro de 1916.

Pelo Banco de Portugal
Os directores
Augusto José da Cunha
H. Matheus dos Santos

Brinde de 51 relogios de ouro e 127 relogios de prata

Offerecidos pelos revendedores geraes aos consumidores de phosphoros de cera de luxo

Numeros premiados em 29 de dezembro de 1915

51 RELOGIOS DE OURO

Série	n.º	Série	n.º	Série	n.º	Série	n.º
5	9.745	140	3.780	281	7.811	446	7.044
6	8.876	147	8.247	314	0.284	451	8.935
25	2.728	159	8.635	324	8.777	463	5.672
34	8.842	163	9.699	333	073	467	6.940
35	1.242	173	0.746	349	8.503	479	9.160
50	8.197	201	6.077	355	4.4 2	521	5.744
94	1.111	202	7.378	375	3.788	545	9.971
102	8.972	203	2.464	377	3.339	555	1.304
105	1.882	217	1.377	388	8.770	561	8.963
111	8.005	250	3.897	414	3.661	577	9.948
125	4.054	258	836	418	6.407	587	2.083
133	9.854	259	0.072	417	9.818	603	3.785
135	2.735	278	9.977	425	8.147		

127 RELOGIOS DE PRATA

Série	n.º	Série	n.º	Série	n.º	Série	n.º
8	4.843	139	172	322	1.954	488	2.427
11	8.725	183	0.573	323	4.648	493	1.718
16	6.349	184	7.995	325	3.334	491	8.500
18	8.310	186	1.346	334	3.948	496	260
22	6.445	199	8.214	335	8.781	498	0.977
33	4.285	200	7.264	339	2.784	499	1.525
41	9.169	208	9.877	340	7.789	503	2.056
44	0.064	240	7.941	350	7..65	505	7.696
45	2.565	246	9.874	356	3.627	511	89
48	6.139	219	8.873	361	8.614	514	3.374
49	4.448	221	6.308	362	0.933	515	9.727
51	818	225	4.359	376	7.468	516	0.448
54	4.437	223	7.819	380	9.185	522	5.697
64	6.452	230	8.228	381	2.920	526	746
65	3.479	235	7.134	383	697	530	8.878
66	5.645	244	6.657	389	6.491	531	7.310
67	3.479	245	6.266	390	9.157	535	5.150
82	9.555	253	3.619	393	8.265	543	5.685
86	6.256	254	624	395	3.906	546	9.578
91	7.889	255	433	406	0.001	547	8.116
99	5.873	270	5.423	424	1.265	550	9.993
110	4.175	274	9.418	436	0.922	557	168
116	6.772	275	5.621	450	5.473	562	1.267
126	8.837	276	2.188	452	7.620	565	9.578
136	7.031	277	249	454	64	573	5.478
139	2.630	279	6.532	456	916	578	7.078
143	9.091	284	7.704	459	8.081	580	861
153	7.067	286	1.461	461	9.901	582	4.452
157	7.554	307	572	465	5.809	586	5.341
160	362	317	6.781	468	9.609	595	1.787
162	5.605	318	127	475	4.702	598	9.994
177	7.396	319	705	481	529		

Os relogios são entregues aos srs. portadores das senhas premiadas pelos revendedores geraes:

Em Lisboa:—NOGUEIRA, MARQUES & C.ª—92, Rua da Alfandega, 94.

No Porto:—ALVES MACEDO & BORGES, SUCESSORES—67, Rua do Bomjardim, 69.

A proxima distribuição dos brindes de 20 relogios de ouro e 50 relogios de prata ha de realisar-se em 28 de Junho de 1916.

Declaração

Alfredo da Silva Coutinho vem por este meio tornar publico que por sentença do Ex.mo Juiz da 1.ª vara do Tribunal do Commercio, d'esta cidade, com data de 5 do corrente, os herdeiros e representantes do fallecido José Martinho Charneca foram condemnados a restituir ao declarante vinte contos nominaes em acções da Companhia das Aguas de Lisboa, 100 obrigações de 4 0/0 de 1888, com os coupons n.os 51, 52, 53, 54 e 55 e os n.os 8.253, 27.868 a 27.870, 30.062 a 30.069, 30.071 a 30.075, 40.323, 40.327, 45.599, 46.317, 47.965, 47.966, 48.871, 48.873 a 48.875, 49.899, 58.491 a 58.498, 58.500 a 58.502, 58.504 a 58.507, 58.510 a 58.513, 79.056, 86.146, 87.790 a 87.794, 87.807, 87.808, 87.812 a 87.829, 87.832, 87.837, 87.888 a 87.891, 121.225, 121.729, 124.378, 124.380 a 124.383, 124.385, 128.823 a 128.825, 137.667, 137.671 a 137.673, 137.675, 145.154 a 145.157, 48 ditas de 4 0/0 de 1890, com os coupons n.os 40, 41, 42, 43 e 44, e os n.os 32.933 a 32.935, 32.937, 32.938, 64.494, 64.785, 64.786, 64.792, 104.262, 104.263, 104.272 a 104.281, 104.437, 104.438, 104.656, 104.834, 124.372 a 124.386, 124.877 a 124.880, 124.957 a 124.960, e 110 obrigações da divida externa portugueza, de 3 0/0, da 1.ª serie, com os coupons n.os 23, 24, 25, 26 e 27, e os n.os 52.999, 53.000, 152.846 a 152.853, 434.587 a 434.593, 34.101, 526.022 a 526.024, 359.009, 49.220 a 49.225, 101.174 a 101.180, 152.854, 152.855, 21.643, 152.867 a 152.870, 424.850, 466.087, 466.088, 717.051 a 717.055, 569.571 a 569.575, 569.576 a 569.580, 569.531 a 569.535, 569.536 a 569.540, 569.541 a 569.545, 569.546 a 569.550, 569.551 a 569.555, 569.506 a 569.510, 569.511 a 569.515, 569.516 a 569.520, 569.521 a 569.525, 839.091 a 839.095, papeis estes que, conforme ficou julgado pela dita sentença o declarante emprestara ao dito Charneca para este levantar dinheiro para os seus negocios, mas com a obrigação de restituir as mesmas obrigações. Todas estas obrigações foram empenhadas pelo fallecido Charneca, umas no Monte-Pio Geral pelo contracto n.º 33.546 e outras no Monte-Pio Commercial e Industrial pelo contracto n.º 4.241.

São, pois, estas obrigações pertença do declarante e d'ellas, por isso, não poderão legalmente dispôr os herdeiros do fallecido Charneca sob pena de nullidade sem incorrerem em responsabilidades a que não serão extranhos aquelles que com elles transaccionarem taes papeis, o que se faz publico para todos os devidos effeitos. Tambem, sob pena de nullidade dos respectivos contractos e demais responsabilidades que são de direito, não poderão os referidos herdeiros do fallecido José Martinho Charneca celebrar qualquer contracto sobre bens ou valores da herança, dos quaes possa resultar a sua insolvencia, visto que estão condemnados judicialmente a restituir e a pagar ao declarante valores que em principal, juros e outros accessorios montam a mais de 30 contos.

Lisboa, 7 de janeiro de 1916.

Alfredo da Silva Coutinho.
(Segue-se o reconhecimento).

cavalleiros seguiam, tudo concorreu para desnortear os boers, que acabaram por recuar e tomar a fuga.

As perdas dos inglezes foram pequenissimas: apenas quatro homens feridos e dois cavallos mortos. Em Abon's Dam, a cavallaria fez a sua concentração e uma tentativa sob a direcção pessoal do general para entrar em communicações heliographicas com Kimberley não deu resultado, porque naturalmente a guarnição da cidade suppôz que essas communicações eram feitas pelo inimigo.

Os boers reappareceram e bombardearam os inglezes, mas a artilharia d'estes reduziu-os rapidamente ao silencio, pelo que bateram rapidamente em retirada, abandonando o seu «laager», que cahiu em poder dos inglezes. O estarem os cavallos estafados tornou impossivel a perseguição.

O general French cumpriu a sua promessa. Não fôra ligeiramente feita, não foi ligeiramente cumprida. Na tarde do dia 15 entrava em Kimberley pelo leste, acclamado pela guarnição, e felicitava o coronel Kekewich pela valentia com que defendera a praça. N'essa mesma noite a noticia da entrada em Kimberley era conhecida em todo o imperio britannico e Jonh French conquistava com essa proeza louros immarcessiveis.

Não ia, porém, ficar por ahi. Antes dos seus fatigados soldados terem tido tempo de descançar n'essa noite, receberam a ordem de estarem promptos a marchar com a artilharia ás 5 horas da manhã do dia 16. Era necessario perseguir os boers que retiravam.

A's 9 horas da manhã, 2.000 boers eram encontrados nos terrenos que se elevavam a leste do caminho de ferro, cobrindo um «laager» e um certo numero de viagens que se preparavam para atravessar o rio Vaal. As posições avançadas dos boers foram repellidas, mas quando chegou a occasião da cavallaria de Gordon avançar, esse valente official respondeu que era impossivel. Os homens estavam exhaustos e mortos de sêde, os cavallos quasi não podiam dar um passo. Nada mais, por isso, se podia fazer e French voltou para Kimberley.

A's onze horas da noite foram recebidas noticias importantes. Cronje com 10.000 homens estava retirando para leste de Magersfontein perante o avanço do principal exercito inglez e o general French devia cortar-lhe o caminho. Os cavallos estavam tão cançados que se resolveu destacar apenas uma brigada para ir ao encontro de Cronje, sendo por isso mandado o coronel Broadwood, ficando o resto da divisão para proteger Kimberley até chegar a infantaria de Methuen.

E' necessario lançar um volver de olhos para a posição de Cronje, em cuja rendição o general French representou papel tão proeminente. Cronje tinha rapidamente percebido quão seriamente a libertação de Kimberley ameaçava a sua segurança e fez um esforço para atravessar por entre as convergentes columnas inglezas.

Alcançou a planicie que se estendia até ao Modder em Klip Drift pouco depois da passagem da divisão de French. Lord Kitchener estava ahi. A passagem de Cronje foi assignalada e Kitchener mandou a sua infantaria montada apoderar-se de Klipkraal Drift, ao mesmo tempo que elle proprio sahia em sua perseguição e mandava para Kimberley um telegramma avisando French de que os boers estavam em retirada.

Dois vaus estavam agora interceptados a Cronje, ficando-lhe abertos os de Paardeberg, Koedoesrand e Makauw's Drift, que lhe asseguravam o caminho para Bloemfontein. Dirigiu-se para Koedoesrand. Calculou habilmente—mas não com a habilidade sufficiente — que a cavallaria de French, que estava operando ao norte de Kimberley, se esforçaria por lhe cortar o caminho n'essa direcção e que o plano que lhe offerecia maior segurança era o mais audacioso, a saber a marcha para leste entre as columnas britannicas.

De novo o genio militar de French

se revelou, a sua extraordinaria faculdade de ler na mente do inimigo, «de vêr o que estava no outro lado do outeiro», como Wellington uma vez disse. O general previu que Cronje seguiria para Koedoesrand Drift, o principal caminho para o levar ahi e o que ficava mais proximo de Bloemfontein. Por isso, seguiu por seu turno para esse local o

O dr. Dernburg, o celebre agente allemão que foi expulso da America

mais rapidamente que lh'o permittiu o estado em que se encontravam os seus cavallos.

Cronje ficou por completo surprezo. Na tarde anterior, sabia que a cavallaria de French tinha estado a uns vinte kilometros ao norte de Kimberley; ao approximar-se de Koedoesrand Drift, encontrava de novo na sua frente o seu tenaz inimigo, a cincoenta e seis kilometros ao sul da praça que tinha sido libertada.

French entendeu dever despedir um grande golpe sobre o inimigo antes d'este voltar a si da sua surpreza e apoderou-se d'uma alta elevação que dominava o rio. Ahi durante dias, o esquadrão do 10.º de hussards que a occupava esperou que chegassem os trens-vagons dos boers. O alarme foi por estes dados e não queriam acreditar que fôsse a cavallaria do general French que ali estava. French, diziam elles, estava a muitos kilometros ao norte de Kimberley.

Quando chegou a principal força ingleza, French avançou a fim de derrotar os boers, que estavam avançando de todos os lados com a esperança de libertarem Oom Cronje. Conseguiu varrer por completo a região entre Koedoesrand e Paardeberg e foi durante essas operações que recebeu pelo heliographo a noticia da rendição de Cronje com 4.000 homens a lord Roberts em Paardeberg.

Era a primeira victoria importante dos inglezes apoz mezes de revezes e vicissitudes.

Lord Roberts resolveu carregar o inimigo antes d'elle ter tempo de voltar a si da surpreza que causára a rendição de Cronje. Os boers estavam entrincheirados fortemente em Poplar Grove, no rio Modder, e o plano do commandante em chefe britannico era atacal-os de frente com infantaria emquanto a cavallaria, sob o commando do infatigavel French, os atacaria pelo flanco esquerdo. Infelizmente, o plano não foi executado com o cuidado sufficiente.

Se os boers tivessem defendido as suas posições contra a infantaria, era quasi certo que French as teria cercado e aprisionado toda a força commandada pelos seus velhos antagonistas de Wet e Delarey, juntamente com os seus canhões. Mas os boers haviam aprendido em Paardeberg e não esperaram que o movimento envolvente se completasse. Recuaram favorecidos pela escuridão e o general French só poude vêr os boers a cinco kilometros fugindo em retirada desorganisada, não podendo chegar a tomar com elles contacto.

French seguiu apoz o inimigo, que recuou sobre Abraham's Kraal e Driefontein e depois d'um violento

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1948—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, l.º

LISBOA—Sabbado, 8 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2293 —Endereço teleg. CAPITAL
Composição —Rua do Norte, 5, l.º
Officina de impressão —71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Na hora presente

Só a má fé poderia pretender que das nossas observações á situação internacional do nosso paiz se possa concluir que somos adversos á alliança com a Inglaterra ou que enfraqueça a nossa confiança na victoria dos alliados. A alliança com a Inglaterra, justificada durante seculos por grandes interesses mutuos e firmada por altos serviços a causas de civilisação e de liberdade, pode dizer-se uma condição estructural da nossa politica externa. E a nossa convicção na victoria dos alliados, que cada vez se torna mais necessaria e urgente, não só não tem enfraquecido, como se robustece com o exame da situação da guerra, que na realidade se expressa em factos demonstrativos de que serão os imperios centraes os que se verão forçados a pedir submissamente a paz.

O apoio, firme e sincero, á alliança anglo-lusa, e a sympathia indestructivel pela causa dos alliados, não podem nem devem, porém, obscurecer a visão d'uma analyse justa aos actos que se teem praticado, quer sob o ponto de vista da direcção da guerra, quer sob o ponto de vista da marcha diplomatica por parte das potencias que maiores responsabilidades teem n'essa direcção. O artigo de Jean Finot, que publicámos truncado, como appareceu nas paginas da «Révue», e que foi reproduzido na propria imprensa ingleza que o não considerou, nem podia considerar, senão como uma observação amigavel e porventura salutar, apontava factos politicos, da responsabilidade das espheras dirigentes da Inglaterra, que correspondiam a erros que era necessario determinassem. O povo inglez assim o comprehendeu, o mesmo governo britannico, com decisões que são bem significativas, mostra o louvavel proposito de os remediar.

Pela nossa parte, a situação internacional em que nos encontramos não pode satisfazer o espirito dos bons patriotas, nem certamente a grande massa da opinião ingleza a considerará perfeita. Ella merece, senão os protestos, os reparos de todos os portuguezes, quaesquer que sejam as suas opiniões partidarias, ou até as suas sympathias pelas nações em lucta. Ninguem se sente bem dentro d'ella, nem seria logico que se sentisse visto que na realidade a ninguem pode inteiramente agradar.

E' de justiça dizer que para este estado de coisas, se uma má comprehensão do pacto que nos une por parte dos nossos alliados em grande parte contribuiu, tambem da nossa parte ha a registar factos que concorreram para elle. As nossas divisões partidarias crearam um equivoco, que foi desalmadamente aproveitado para especulações politicas que profundamente nos prejudicaram. Essas especulações crearam mesmo um parenthesis doloroso e humilhante na normalidade do regimen. Foi preciso pegar em armas para restabelecer essa normalidade, para significar a vontade nacional d'uma fórma bem expressiva e illudivel, mas evidentemente esse episodio grave e triste da nossa existencia nacional produziu uma perturbação natural na nossa politica externa, obscurecendo os verdadeiros sentimentos e intuitos do paiz.

A normalidade do regimen está porém restabelecida. A soberania popular pronunciou-se por meio do suffragio creando a estabilidade politica na esphera dos partidos. Elegeu-se o presidente da Republica em condições de plena sancção nacional. Está á frente do governo um ministerio constituido segundo as mais rigorosas indicações constitucionaes. Encontramo-nos n'uma atmosphera de evidente pacificação politica. E' por isso mesmo que a situação interna é normal, legitimas são as esperanças de que a situação externa se normalise tambem, em conformidade com os nossos deveres e com os nossos direitos, com a logica dos acontecimentos e com a dignidade da Patria.

A' alliança ingleza mais do que nunca nos consideramos ligados, e em toda a sua pureza a desejamos manter, o que mesmo é dizer como um pacto de conveniencia mutua, de lealdade reciproca, de aspirações identicas, que a ambas as nações sirva e dignifique.

Migalhas

O bom humor

Todos os dias vejo annunciados nos papeis varios especificos e elixires contra a queda do cabello, os diabetes, o arthritismo, o mil outras doenças mais ou menos incuraveis. Estranho que ainda se não descobrisse um remedio ou um methodo de tratamento para o mau humor, que incontestavelmente é uma das maleitas que mais pertinazmente afflige o portuguez.

Ter bom humor, que coisa admiravel! Estar de mau humor, que coisa desagradavel para o proprio e para os visinhos! O mau humor é afinal um incommodo susceptivel de tratamento. Elle depende quasi sempre da importancia que nós damos ás coisas pequenas da vida. Comprehendo muito bem que se ande mal humorado em face d'uma desgraça irremediavel, d'uma morte ou d'uma doença gravissima; mas que o facto de um puxador de porta se negar a cumprir o seu mandato ou d'uma gravata se demonstrar incompativel com o collarinho, leve um espirito a descrer da vida, da constancia dos amigos, da fidelidade das mulheres, das vantagens do regimen e da efficacia das Pilulas Pink, isso é que eu acho um pouco exagerado. Viver serenamente, limpo da consciencia, despido de ambições que se não possam realisar, com uma noção o mais approximadamente exacta da sua funcção e dos seus meritos, reunir quanto possivel a sua visão da vida aos recantos da intimidade, ser benevolo para com os outros, lastimando os estupidos e desculpando os maus quanto seja licito fazel-o, e sobretudo raciocinar sobre todos os incidentes da existencia, estas são as bases do bom humor. Com saude e algum dinheiro, o mais são férias.

André Brun

Presidente da Republica

O sr. presidente da Republica recebeu hoje os srs. Henrique Gabriel da Silva, secretario da embaixada de Portugal no Rio de Janeiro, e Arnaldo da Fonseca, consul de Portugal na Bahia.

A questão das subsistencias

COIMBRA, 7.—O azeite baixou no mercado, correndo agora per 2$85 cada decalitro.

Os ovos, que quasi haviam desapparecido do mercado, chegando a vender-se a duzia a 0$30 e a 0$35, vão agora apparecendo em abundancia, sendo o seu preço a 0$24 cada duzia.

Oxalá que todos os generos de primeira necessidade vão gradualmente descendo do preço, o que será um grande beneficio para as classes pobres.

Expedições á Africa

Agradecimento a «A Capital»

O capitão do 1.º grupo de metralhadoras expedicionario a Angola, hoje do 3.º grupo, sr. Alvaro Telles de Azevedo teve a gentileza de vir á nossa redacção agradecer, em nome dos seus cabos e soldados, a remessa dos exemplares de *A Capital* que ao grupo do seu commando, como de resto a todas as forças expedicionarias, fizemos.

Teve para essa nossa iniciativa o distincto official palavras de muito carinho que sinceramente lhe agradecemos.

Poeira da Arcada

Falleceu hoje a senhora Dona Thereza Saldanha de Oliveira e Sousa que, em Portugal, instituiu a Ordem Terceira das Dominicanas. Era quasi uma sombra que a velhice, o claustro, a meditação e a pureza immaculavel da prece desprendera d'este baixo mundo, onde as paixões enredam, na espessa materia, os desejos e as almas.

Os tempos que correm não são dos mais favoraveis á comprehensão do seu destino que, no silencio, se consummou como uma obra que lentamente vae surgindo do barro áspero e duro até illuminar-se de uma chamma imperecivel. No seu alto cargo de Madre Geral das Dominicanas, ella soube ser a fé invencivel, o pensamento esclarecido e seguro, a ancia do apostolado que as decepções e as amarguras nunca encontram dispostos á derrota. Quem a visse, tão humilde e apagada no seu habito de religiosa, não poderia imaginar facilmente a força da sua provada, ardente vocação.

Podendo, entre as mulheres da sua terra, ser uma grande figura que a todos se impuzesse pelo prestigio das suas qualidades de espirito e pelo sortilegio da sua distincção natural, rompeu com uma ambição tão legitima e refugiou-se, para melhor corresponder ás vozes secretas do seu coração, na obscuridade das que sacrificam a Deus, n'um gesto de perfeita renuncia, as mais gostosas illusões de uma existencia inteira.

Nunca olhou para traz, buscando, n'uma romagem de saudade, o bem illusorio que perdera. A sua mente, o seu caracter, a sua energia intima voltaram-se, por irrevogavel decisão, para aquella fonte de luz, em que plenamente se sacia a fome de infinito que trabalha as creaturas, para quem a vida é uma triste estrada de enganos.

A sua morte calma, na hora que passa funesta como um agouro de desventuras, é bem um episodio das eras em que, para se ser grande, bastava possuir-se a grandeza que vem da alma.*

Palavras do «Times»

A alliança anglo-portugueza

nunca foi tão cordeal e tão poderosa como hoje

LONDRES, 8.—O «Times» d'esta manhã em artigo de fundo diz que de todos os paizes que até aqui se teem contido sem intervir na guerra de uma maneira activa, nenhum se declarou tão cordeal e espontaneamente em favor dos alliados como os nossos velhos camaradas de armas de Portugal. O enthusiasmo patriotico geral, foi tão assignalado nos primeiros dias da guerra que o sr. dr. Bernardino Machado propoz mesmo que se enviasse uma força expedicionaria a Flandres. O offerecimento foi acolhido com satisfação pelo governo britannico, mas o projecto teve de ser abandonado não devido á falta de zelo por parte do governo portuguez mas em consequencia de determinadas difficuldades materiaes. Estas considerações não podiam ser ignoradas, assentando-se por fim em que Portugal serviria melhor a causa commum evitando o rompimento com a Allemanha, e conservando os seus recursos para necessidades futuras. Esta decisão era prudente, mas collocou Portugal n'uma situação equivoca, pois que prestando serviços consideraveis aos alliados, está em paz com a Allemanha, e tem sido obrigado a dar hospitalidade prolongada aos navios allemães de toda a especie que se refugiaram nos seus portos nas primeiras semanas da guerra, e a tolerar a presença pouco desejada do ministro da Allemanha dr. Rosen, que, como os seus collegas de outras capitaes neutras, converteu a legação em centro de propaganda. Portugal supporta esta situação incommoda com uma lealdade e paciencia magnificas. Jámais em toda a sua historia, a alliança anglo-portugueza foi mais cordeal e poderosa do que hoje, e a experiencia d'estes ultimos dezoito mezes prova sufficientemente que em qualquer momento que façamos appello aos nossos alliados para o seu auxilio ,esse appello não será baldado.—(Reuter).

Quando jornaes e publicistas francezes de cathegoria e cuja seriedade se não pode pôr em duvida alludiram com palavras de justiça e de carinho aos serviços de Portugal na presente guerra, houve quem classificasse esses jornaes de imprensa de facil accesso e lançasse sobre esses publicistas a suspeita de venalidade.

Outros procuraram tirar effeito do facto de semelhantes allusões a nosso respeito virem apenas nos jornaes francezes, guardando a imprensa britannica uma reserva de que pretendiam tirar conclusões para nós desfavoraveis.

Ora succede que um dos mais importantes orgãos da imprensa londrina, em artigo de fundo, aprecia nos termos calorosos e desvanecedores que constam do telegramma da Reuter a attitude e os serviços de Portugal em frente da conflagração europeia. Quer dizer: o silencio da imprensa ingleza quebrou-se e para nos ser feita apenas justiça e completa justiça. Ousarão tambem certos elementos classificar de venal o «Times» como o fizeram a respeito de importantes diarios francezes? E os que estranhavam que a imprensa de Londres estivesse silenciosa e só a franceza se manifestasse o que dirão agora?

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

"Portugal e a guerra,,

por Luiz de Magalhães

Entre os publicistas portuguezes da actualidade, o sr. Luiz de Magalhães é um dos mais cultos e dos mais brilhantes. O filho de José Estevam, que por um momento se consagrou, e com apreciavel exito, á litteratura, tentando o poema e o romance, foi totalmente absorvido pela politica ao surgir o messianismo de João Franco, que o teve como um dos seus dedicados e fieis apostolos. Ministro, sob a presidencia do chefe da regeneração liberal, que liquidou na dictadura derrubada pela tragedia sangrenta do Terreiro do Paço, o sr. Luiz de Magalhães já não pertencia ao governo quando se produziu esse acontecimento decisivo para a vida do regimen e a sua passagem pelos conselhos da corôa cremos que apenas deixou d'elle a impressão d'uma pessoa primorosamente educada e correcta, a quem as circumstancias ou a ausencia de certas qualidades não permittiram affirmar meritos superiores de homens de Estado.

Após a queda da monarchia, o sr. Luiz de Magalhães entendeu acompanhar no exilio a familia real deposta e ouvimos que em Inglaterra chegára a desempenhar junto do sr. D. Manuel de Bragança o importante papel de mentor politico ou coisa semelhante. Mallograram-se as tentativas de restauração monarchica por via de incursões e de revoltas internas e o sr. Luiz de Magalhães abandonou o exilio, regressando á sua casa do norte, onde uma excellente fortuna lhe permitte viver entregue ás locubrações intellectuaes e aos trabalhos litterarios tanto da sua predilecção. O homem politico, porém, não morreu, antes é elle quem nos seus ultimos lavores vindos a lume se sobrepõe ao poeta e ao litterato, como o demonstra o opusculo «Portugal e a guerra» que os editores Magalhães e Moniz acabam de nos enviar.

O sr. Luiz de Magalhães estuda a nossa attitude na conflagração europeia, expondo qual tem sido e dizendo qual deveria ser. Como desconhece, sem duvida, factos e documentos cuja publicidade um dia decerto modificará muitos juizos e explicará muitos episodios, o sr. Luiz de Magalhães é talvez em extremo severo na sua critica aos actos de governos da Republica e ás manifestações dos partidarios da nossa cooperação na guerra. Inutil se torna dizer que na maneira de encarar varios aspectos d'este grave problema de politica internacional estamos em desaccordo absoluto com o illustre publicista; convem, todavia, accentuar que o sr. Luiz de Magalhães entende que o nosso interesse está intimamente consubstanciado com a causa dos alliados, que a victoria representa a victoria do principio das nacionalidades e que uma das circumstancias que poderiam provocar o fatado perigo iberico seria a victoria da Allemanha.

No segundo capitulo do seu opusculo, o sr. Luiz de Magalhães estuda esse perigo iberico e como bom, retinto e irreductivel monarchico procura convencer os seus leitores de que só com o regresso á monarchia se garantirá a independencia da patria e são possiveis e sem risco todas as approximações, «ententes» politicas e todas as allianças com a Hespanha. Ao contrario do que pensam insuspeitos homens publicos hespanhoes, crê que só com a paridade de instituições nos dois povos independentes da peninsula são destituidos de perigo todos os laços politicos e economicos entre elles.

Estuda, por ultimo, as consequencias politicas da guerra para chegar á conclusão... da necessidade do restabelecimento do throno em Portugal. Regressar-se-ha, na opinião do sr. Luiz de Magalhães, ao conservantismo e, não sendo possivel estabelecer uma Republica conservadora porque os republicanos portuguezes são todos jacobinos,—ou fazemos um rei ou perderemos a nacionalidade...

N'uma palavra: A monarchia é a salvação de Portugal. Mas podia pensar d'outra sorte o sr. Luiz de Magalhães, mentor do sr. D. Manuel de Bragança e que foi como que seu mordomo-mór no exilio de Richemond?

Juizos dos alliados

Paris, 6 de janeiro

O «Temps», tratando da situação militar, diz o seguinte:

«O inimigo continua ameaçando o exercito franco-inglez de Salonica com um formidavel ataque de um exercito de 240.000 homens, dos quaes 60.000 são bulgaros, com muita artilharia pesada, incluindo morteiros de 305. Commanda este exercito o general Mackensen. Persistimos em conceder a esta ameaça um credito mui limitado. Não se viram tropas allemães na região de Guevgheli e d'onde tiraram os nossos adversarios 180.000 homens? Semelhantes ameaças apenas são feitas com o proposito de nos enganar. Mackensen, não deve estar na Servia, nem em Constantinopla, mas onde o perigo é verdadeiro, na Galicia; os contingentes allemães que ficaram nos Balkans com os bulgaros são hoje muito reduzidos e empregados na sua maior parte contra o Montenegro.

Devemos crer que os bulgaros não franquearão a fronteira em nenhum ponto, porque ao lado do exercito franco-britannico está o exercito grego, que não esqueceu as crucidades dos bulgaros na Macedonia grega em 1913. Provavelmente por isso ,os allemães queriam obter a desmobilisação do exercito grego, para que fossem licenciados os reservistas que combateram em 1913.

A grande offensiva dos russos entre o Pripet e o Pruth continua victoriosa. Ao norte d'essa grande linha, na propria orla da região arenosa, os russos rechaçaram os allemães para Kukohotzkavolia, a 20 kilometros a leste do Styr.

Na parte meridional, a lucta é muito violenta. Os austriacos dizem ser atacados por forças consideraveis, principalmente entre Toporonz e Czernovitz, d'onde os russos fazem visiveis progressos, que limitam os contra-ataques. Quando o inimigo se encontra em situação tão critica, não é opportuno o momento para que empregue os seus soldados em nos expulsar de Salonica».

Quanto ao intuito que se attribue ao governo grego de proclamar o estado de sitio, «Le Temps» observa que esse meio de impôr silencio ao povo grego e de persistir n'uma politica contraria á sua vontade seria um novo erro a accrescentar a todos os outros que pezam já sobre o governo de Athenas desde o dia em que Venizellos foi excluido do poder, com menosprezo da constituição.

A Grecia tem seguido uma politica que destroe por completo as suas tradições e desrespeita as leis nacionaes e internacionaes, fazendo d'esse paiz um Estado que de constitucional apenas tem a apparencia e cuja neutralidade é joguete dos acontecimentos.

Depois de ter chamado os alliados para Salonica, quiz obrigal-os a d'ahi sahir e está quasi a ponto de abrir o seu territorio aos seus peiores inimigos para o converter em theatro de combates contra as potencias de quem dependem a existencia e o futuro do paiz.

Essa difficil posição explica o mau humor que se sente em Athenas, tanto mais vivamente quanto as consequencias de toda essa incoherencia, ao que parece, serão terriveis.

PEÇAS NOVAS

"O primo Bazilio,,

No Gymnasio: Quatro actos adaptados do romance de Eça de Queiroz pelo sr. Vaz Pereira

O adaptador hontem ruidosa e memoravelmente estreado no Gymnasio demonstrou sobrar-lhe em audacia, senão em inconsciencia litteraria, o que lhe escasseia em aptidões para emprezas d'aquella monta. O sr. Vaz Pereira não só patenteou a sua manifesta ignorancia do que seja a arte dramatica, tantos erros de technica rudimentar pejam o arranjo que produziu, como deixou bem affirmado o atrazo em que se encontra no que respeita á evolução da litteratura theatral e ás tendencias hoje dominantes e tão diversas das cruezas, dos realismos, das miserias que constituem o «episodio domestico» de Eça de Queiroz. Quando, ha oito annos, se representou em Paris *La Princesse de Clèves*, extrahida por Jules Lemaître do romance de Madame de La Fayette, reconhecia-se a necessidade urgente de reagir contra o theatro em que, segundo aquelle critico illustre no seu curso sobre Racine, se viam «des femmes traîner avec soi les souvenirs du lit et les secouer sur le public». Essa reacção está-se fazendo agora e ainda ha poucos dias o brilhante chronista que é Augusto de Castro nol-a apontava, frizando o exito do neo-romantismo no theatro—prova inilludivel do nauseante enfartamento que certo genero de peças, cujos intuitos nos abstemos de pôr em relevo, acabou por provocar.

Sem que seja uma peça escabrosa, pois que, apesar da relaxação de costumes, o adaptador não se atreveu sequer a mostrar-nos o «Paraizo», com magua, talvez, dos libertinos que porventura não saboreiam outra coisa no romance do Eça, *O primo Bazilio* que hontem vimos no Gymnasio—e que ninguem perceberia se não tivesse lido antes as seiscentas paginas do admiravel escriptor—se algumas affinidades por acaso possue com qualquer escola theatral é com aquella a que alludiu Lemaître. Não se esfalfa a Juliana a sacudir sobre o publico as roupas brancas da patrôa e a apregoar, na linguagem propria da sua condição, o adulterio da Luiza com o primo? A immoralidade do delicto perpetrado pelo sr. Vaz Pereira não reside, porém, nos beijos luxuriosos e ardentes dos dois amantes, nas flatulencias e na serodia paixão de D. Felicidade, nos expedientes singulares da D. Leopoldina, no concubinato secreto em que vive o conselheiro Acacio. Pegar n'estas personagens, desenquadral-as dos vinte e oito longos capitulos do romance, arrancando-as sem escrupulo ao ar que respiram, á luz que as envolve, ao meio que as cérca; mettel-as depois na mesma sala durante quatro actos em que uma campainha de porta badala sem descanço alternando com o ruido irritante de uma cancella de escada; truncar, cerzir, baralhar episodios e trechos de dialogo n'uma condensação que amesquinha toda a belleza da obra do mestre da escola realista em Portugal, em que a analyse, o descriptivo, o pormenor, o estylo inimitavel supprem a falta de verdadeiros elementos dramaticos e em que não existe acção que possa theatralisar-se capazmente—eis a tarefa do sr. Vaz Pereira que mais do que ingloria se deve reputar sacrilega. Porque extrahiu uma peça—continuemos a chamar-lhe assim—de um romance celebre? Não, porque isso se tem feito sempre e Paul Bourget em taes adaptações reconheceu incontestaveis vantagens, extrahindo dramas dos seus ultimos, discutidissimos romances; mas porque não ha maneira honesta e acceitavel de pôr em scena as burguezinhas banaes do Eça, os seus amorudos, os seus cynicos, os seus grotescos, que só são interessantes nos maravilhosos scenarios dos livros em que os faz viver e cujos conflictos não pertencem ao numero dos que podem expôr-se e debater-se ao clarão da ribalta. A propria Juliana, que no *Primo Bazilio* é a figura mais poderosamente vincada, resulta no palco um typo repugnante e cuja asquerosidade a interpretação extraordinaria de Maria Mattos ainda torna mais viva.

* *

Desistimos de esmiuçar o arranjo do sr. Vaz Pereira, que é uma especie de extravagante *puzzle* feito, como dissemos, de phrases e scenas do romance, que elle, no fim, amarfanha, aperta e expreme para que a tragedia felizmente acabe e não tenhamos de assistir á morte de Luiza depois de vermos estourar a Juliana, feio bicho... Podia-lhe ter dado para nos trazer, de novo, o Bazilio, á busca da prima, quando ella já dormia o somno eterno nos Prazeres, mas apiedou-se de nós e deixou-se ficar na altura do febrão e da carta de Paris que põe Jorge ao corrente da sua desdita... Ainda bem. Do mal o menos!

A empreza do Gymnasio esmerou-se no modo de apresentar *O primo Bazilio*, esmero que assignala todas as suas peças e que nenhuma outra casa de espectaculos hoje excede eguala em Lisboa. A reproducção da casa de Luiza, segundo a descreve o romancista, é perfeita. O guarda roupa constituiu tambem uma das curiosidades da recita de hontem. O desempenho, por muito bom que fosse, deixaria sempre a desejar pela difficuldade da realisação de personagens tão nitidamente desenhadas por Eça. E' certo que todos os interpretes se esforçaram por acertar, embora, em geral, o não conseguissem. Maria Mattos, porém, foi a grande actriz de sempre, incarnando o papel de Juliana. A scena da morte deve classificar-se de assombrosa de realismo brutal. A colera, a afflicção que precedem e motivam a ruptura do aneurisma, as contracções physionomicas, a queda do busto sobre a mesa e a do corpo no chão, o olhar vitreo, a rigidez cadaverica, tudo mereceu á insigne comediante um minucioso cuidado, impressionando o seu trabalho profundamente o publico. A composição da figura curiosissima do romance de Eça não podia ser mais flagrante de verdade! Para nos indemnisar da semsaboria que é a obra do sr. Vaz Pereira, basta essa nova affirmação do soberbo talento e da probidade artistica de Maria Mattos... Mas onde estão os auctores portuguezes que não aproveitam os meritos excepcionaes d'esta actriz indiscutivelmente grande?

Avelino de Almeida

Uma "première" movimentada

Interrupções, injurias, soccos, e sobretudo nervos — muitos nervos

A plateia do Gymnasio está como um ovo. Nos camarotes, desde o tecto ao pavimento, «toilettes», bulicio, risadinhas picantes, binoculos assestados em todas as direcções... Em baixo, avistam-se nos «fauteuils» rostos familiares. O «promenoir» á cunha.

O ambiente está calido, como diria o conselheiro Accacio. E porque se trata de personagens do Eça, lá avistámos tambem, inevitaveis, o Eusebiosinho, o Damaso e o Palma Cavallão.

Então, no legitimo exercicio d'esta conhecida indiscreção profissional, começámos a surprehender aqui e além palestras desencontradas. E' com particular «entrain» que se discute a pessoa do sr. Vaz Pereira, o arrojadissimo advogado que se propoz fazer reviver em scena, as figuras do «Primo Bazilio». Na realidade, o episodio que serve de thema a esse romance não teria decerto provocado, na sociedade burgueza em que decorre, escandalo maior do que a peça parece destinada a originar. Em certos grupos, o «parti pris» é manifesto, e cremos bem que, admittindo mesmo que a obra tivesse resultado impeccavel, a explosão de más vontades é que coisa alguma do mundo poderia conter. Porque nós bem vimos, antes de subir o panno para o primeiro acto, como de canto a canto da sala se trocavam, furtivamente, algumas piscadellas d'olho...

Já no primeiro intervallo, o vestibulo do Gymnasio faz lembrar os «Passos Perdidos» em dia de estreia de algum orador infeliz. Um conhecido engenheiro, no ambito de meia duzia de amigos, verbera indignadamente o que elle chama «um desacato á memoria de Eça de Queiroz, um crime de lesa-arte maior que a mutilação dos dois dedos na estatua da Verdade». As opiniões estão manifestamente divididas. Ha olhares torvos de rancor. No intervallo do segundo para o terceiro acto, depois da pateada e das palmas, desencadeiam-se no «foyer» violentos aguaceiros.

—Não póde ser! Não póde ser!—berra um joven apopletico. A Juliana não é assim! Aquillo é uma desavergonhada!

Riem. O homem aproveita a opportunidade para fazer uma prelecção sobre arte dramatica. De cima, da varanda dos camarotes de primeira, de onde se debruçam ávidos espectadores, salienta-se um funccionario judicial, antigo governador civil, invectivando o improvisado conferente:

—Vá-se embora, «sua» besta! Você é um idiota! Um alarve! Rua! Rua! Rua!...

Ouvimos commentar, a nosso lado:

—Pudéra! Elle é parente do «extractor»...

—Extractor?

—Sim, do que extrahiu a peça do romance.

Durante o terceiro acto tosses mal disfarçadas. Parece que reina na sala uma bronchite epidemica. Mas o panno cahe, sem outro incidente mais do que a pateada do estylo no final, e a salva de palmas com que, gregos e troyanos, pretenderam significar a Maria Mattos na occasião em que esta avançou para o proscenio que aquillo não era nada com ella.

Durante o quarto acto é que se passa o bom e o bonito. Quando em scena estão quasi «pegadas» as duas servas de D. Luiza, e Joanna corre atraz de Juliana para lhe chegar a roupa ao pello, alguns espectadores erguem-se, apopleticos, no meio da plateia. Ouvem-se os primeiros:

—Fóra! Fóra!...

—Isto não é serio...

—E' baixa comedia...

A Joanna sahe, lá fóra, a porta bate com estrondo, e Julianna, de ante pé, vae espreitar pelo buraco da fechadura. Mas a plateia não acalma.

—Isto não é serio! Fóra!

Um critico muito conhecido e um escriptor não menos conhecido tambem, sobresahem entre os que mais protestam. Põem-se todos de pé, e, de costas para a scena, emquanto Juliana espera que passe o temporal para proseguir, os espectadores invectivam-se furiosamente. Os que interromperam a representação são agora por sua vez alvo de desbragados protestos.

—Malcreados!

—Se não gostam, vão-se embora!

—Vão tomar chá! Vão tomar chá!—insiste um jornalista que, por singular coincidencia, tem o mesmo nome e pertence á redacção do mesmo jornal que um certo personagem do romance «Primo Bazilio».

A balburdia, a certa altura, é positivamente ensurdecedora. Pede-se a intervenção da auctoridade. Alguns espectadores, prudentes, resolvem retirar. D'um camarote debruça-se uma menina lavada em lagrimas.

Mas a illustre actriz Maria de Mattos tem subitamente uma divina inspiração. Avança lentamente até o proscenio, faz um gesto de calma, e sorrindo, pede com simplicidade:

—A empreza roga ao publico o favor de deixar continuar o espectaculo.

Palavras magicas que restabelecem novamente a attenção na plateia. O panno cahe sobre o ultimo acto. Os artistas são applaudidos, unanimemente. Parece que se afastaram os elementos de discordia. Hein? que é isto Recomeça a pateada?!... Ah! Está explicado. E' o sr. Vaz Pereira que acaba tambem de apparecer em scena, e se inclina, sorridente, como se defrontasse uma apotheose.

Saudando a Patria

O voluntario portuguez Joaquim Figueiredo, soldado n.º 36.848 da 2.ª companhia da Legião Estrangeira, escreve-nos do acampamento de La Valbonne, saudando a Patria e a nossa redacção e fazendo votos por um anno feliz para Portugal.

Pela parte que nos diz respeito agradecemos ao bravo voluntario os seus cumprimentos e retribuimos-lh'os, desejando que em breve a victoria corôe os esforços dos seus companheiros de armas.

Um pedaço da França heroica

atravessou hoje as ruas de Lisboa — Nobres palavras

Entrou hoje no Tejo o paquete francez *Duplex* procedente de Bordeus e com destino a Dakar, trazendo a seu bordo cêrca de quinhentos passageiros, entre os quaes umas dezenas de soldados e officiaes francezes, todos vindos já da guerra.

Divididos em grupos occuparam o dia passeando pelas ruas de Lisboa, que apenas com curiosidade os via passar.

Sob a *marquise* do Café Martinho abordámos um official, joven ainda, *Mr. le lieutenant X.*

Pertence ao quadro da infantaria de marinha e é condecorado com a medalha colonial. Parisiense, alto, elegante e loiro. Entrámos no assumpto, animados pela sua expressão sympathica.

—Que quer que lhe diga, meu caro senhor? é tão pouco o que sei...

—Sabemos que pouco nos quererá dizer; nem levaremos o nosso dever de officio ao ponto de sermos indiscretos. Mas uma pequena impressão, apenas para assignalar com interesse, nas columnas d'*A Capital*, a passagem dos bravos francezes por Lisboa.

—Pois bem. Dir-lhe-hei que vimos de Bordeus e vamos para Dakar e... mais não posso accrescentar porque não sabemos para onde seguiremos depois.

—Já esteve no *front*?

—Sim; todos nós já combatemos. Eu estive já por duas vezes no *front* occidental e uma vez nos Dardanellos. D'ahi é que venho.

—E então os alliados...

—Ah, perdão! Nós todos, os francezes, que é de quem eu posso fallar, temos uma fé cega e inquebrantavel na victoria que crêmos proxima. Entretanto, venha ella quando vier, ha de ser nossa, porque nós todos, francezes, não deixaremos de combater senão quando a obtivermos. Consulte quantos soldados por ahi encontrar, verá que *todos* sentem assim. A disposição moral é admiravel e todos nós nos sentimos felizes com a nossa sorte; muito felizes por partir para a *front*, de cada vez que para tal formos designados, e, se esperamos tal ordem, é porque, por nossa vontade, iriamos todos ao mesmo tempo.

Lisboa á noute

Um dos momentos mais animados da vida lisboeta, em que a cidade apresenta um dos seus mais interessantes aspectos, é o da sahida dos theatros por estas noites frias de inverno. As casas d'espectaculos agrupam-se em dois pontos ligados pelo ascensor da Gloria; em cima, S. Carlos, o Republica, o Gymnasio, e a Trindade; em baixo, todos juntos, tocando-se quasi, o Nacional, o Polytheama, o Colyseu, o Eden, o Rua dos Condes, e o Avenida pouco mais acima. Junte-se-lhes os cinemas elegantes como o Foz, o Olympia, o Central, e o Chiado Terrasse, e far-se-ha uma ideia dos milhares de pessoas que áquella hora circulam pelas ruas.

A pé umas, outras nos electricos que passam repletos, deixando largos rastos de luz como meteoros que se somem na escuridão, outras ainda em autos rapidos que deslisam businando, deixando-nos entrever nos interiores luxuosos, vultos suggestivos de mulheres formosas, friorentamente envolvidas em abafos de pelles caras, que desapparecem como visões de sonho n'uma aureola de flores e luz. O ascensor da Gloria, esse é tomado d'assalto tanto em S. Pedro d'Alcantara como na Avenida, na pressa dos que descem, na precipitação dos que querem subir, e no desespero dos que não logram partir, tendo que esperar por outro carro, e de novo luctar com as mesmas difficuldades.

Pouco a pouco os habitos elegantes da vida parisiense teem-se infiltrado na vida lisboeta; ainda ha uns dez annos rara era a familia que depois do theatro entrava n'um restaurant afamado para tomar chocolate ou uma qualquer ligeira refeição. Hoje succede exactamente o contrario, e raras pessoas ha que não obedeçam a este habito de luxo e de bom tom.

Pois é esta uma das razões por que o elevador da Gloria tem um tão importante movimento áquella hora; do Colyseu, do Polytheama, do Nacional, do Eden, do Avenida, e dos cinemas da baixa sahem muitas pessoas que vão cear ao Restaurante Paris, que fica na rua de S. Pedro d'Alcantara, defronte do jardim, proximo do ponto onde o ascensor pára.

Para os que prefiram a conveniencia ruidosa d'alegres companheiros de fino espirito e faceis relações, ha ali o vasto salão do andar terreo; para as familias que queiram furtar-se ao bulicio e olhares indiscretos d'estranhos, ha o bello salão do primeiro andar; e para os que prefiram um isolamento, em que se alheiem do mundo externo, ha os gabinetes, promptos a guardarem-lhes as confidencias, quer estas representem um negocio entabolado, quer uma transacção firmada, quer uma d'aquellas promessas que nunca se cumprem, em pouco tempo esquecidas.

O serviço é de primeira ordem n'aquelle elegante e recatado restaurante; encontra-se de tudo a qualquer hora do dia e da noite, desde o almoço e jantar por assignatura, até ao banquete festivo, até á ceia delicada onde a par dos pratos vulgares em todas as mesas se vê a perdiz de peito roliço, a truta de dorso prateado, o coelho de facil digestão, o «tournedos» succulento, o aromatico bife á Chateaubriand, os varios mariscos e crustaceos de delicado paladar, o ananaz perfumado, a maçã purpureada, a pera côr de topazio, a banana assucarada, tudo isto regado por vinhos de toda a qualidade e proveniencia, desde os vinhos verdes do norte, aos nossos saborosos Collares de Sabreu, Viuva Gomes, Francisco Costa, até ao ambreado Bucellas, ao aristocratico Madeira, ao Porto capitoso, ao exotico Xeres, aos esfusiantes productos da Champagne das marcas mais afamadas como Pommery, Moet-Chandon, Montebello, e Cliquot. Em correspondencia aos apéritivos de Dubonnet, do Byrrh, de Vermouth, ao Bitter, encontramos os mais preciosos digestivos, o Kermann, o Chartreuse, o Benedictine dourado, a branca ou verde Menthe perfumada, o assucarado Marraschisco d'Italia, o rhum da Jamaica, e o fino «cognac» de França.

E para os que preferem os productos congeneres nacionaes, tambem ha por onde escolham com a certeza d'encontrar o que desejam.

E é por isto que o elevador da Gloria tem um tão extraordinario movimento áquella hora da sahida dos theatros.

—E em Paris?

—«Em Paris e em toda a França, todos estão contentes de combater por ella, a nossa terra bem amada.»

Era bem um francez que me falava. Corria-me no corpo um fremito de admiração, eu que sou da minha raça, essa em que só fructifica a *apagada e vil tristeza*—que já Camões condemnava e que n'uns é egoismo e n'outros fraqueza deprimente. (Chamemos-lhe, por amabilidade de uns para os outros, *a superior ironia*... dos valetudinarios).

Olhei-o meu interlocutor. Vi-lhe a medalha pendente do peito arqueado de homem forte.

—Foi condecorado na guerra?

—Não, senhor. Grande numero dos meus companheiros ahi obteve a Legião de Honra. Eu, por emquanto, apenas fui ferido trez vezes. Esta é a medalha colonial.

«...E, diga-me, em Lisboa ha muitos allemães?

—Bastantes; respondemos, mais do que deveria haver, porque entre elles supponho que ha de haver muitos espiões.

—Tambem o creio. E' pena!... Sabe que os portuguezes nos receberam admiravelmente no Porto? Estivemos lá dois dias, tendo-nos sido feita uma recepção o mais cordial possivel. Dois dias de carinhosas demonstrações de sympathia que não esqueceremos nunca. Ah, levamos um bello *souvenir* do Porto!

«Quanto a Lisboa—continuou o official depois de um momento indeciso e sorrindo levemente—comprehende que é tão pouco o tempo que estamos aqui que não podemos fazer juizo seguro do caracter dos seus habitantes.»

O meu amigo—porque, mesmo sem lhe saber o nome, fiquei sendo amigo d'elle—levantára-se n'um cumprimento, pedindo desculpa de não poder demorar-se mais.

—*Bon voyage... et victoire!*

—*Soyez-en sûr, monsieur! et bien merci.*

Foi depois d'este breve dialogo que nos lembramos de que Lisboa, tão alliada e tão enthusiasta, deixa passar friamente, sem os seus applausos e sem o seu carinho (tão mal empregado ás vezes!) esses pedaços gloriosos do heroico e nobre coração da França.

E' pena! como nos dizia o official francez, ao considerar no grande numero de allemães que peja Lisboa, a extranha...

O concerto de amanhã em S. Carlos

Vae ser um dos maiores successos musicaes da temporada o bello concerto da Orchestra Symphonica Portugueza dirigida pelo maestro Pedro Blanch, e que é o ultimo que se realisa em S. Carlos pois que os seguintes serão dados no novo Theatro Republica.

Entre as grandes obras do programma executam-se em primeira audição, o famoso poema symphonico «Mazzeppa», do Lizst, a celebre «7.ª symphonia de Beethoven», «A Walkyria», «Despedida de Wotan» e o «Encanto do Fogo», do grande Wagner e outras obras de Weber, Schubert, Mendelsshon e outros dos mais notaveis auctores classicos e modernos.

AGRADECIMENTO

Aida d'Oliveira profundamente reconhecida para com o ex.^mo sr. dr. Alvaro Lapa, pela maneira desinteressada com que tratou seu filho Nuno, d'uma grave doença, achando-se restabelecido devido á muita proficiencia e perseverança de sua ex.ª, vem por este meio manifestar a sua inolvidavel gratidão pedindo a sua ex.ª lhe desculpe se a breve expressão das suas palavras, sem melindrar a reconhecida modestia de sua ex.ª.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1916.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Frei Luiz de Sousa—Freira de Beja.
TRINDADE—A's 14—Matinée—A's 21—Dia de juizo—(Revista.
POLYTEAMA—A's 21—Oiro sobre azul.
GYMNASIO—A's 21—O primo Bazilio.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—A viagem de Suzetta.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A espiga (Revista).
MODERNO—A's 20,30 e 22,30—Sempre ás ordens (Revista).
PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—O palhaço.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Tosca.

Boatos e informações

Entre nós

No Colyseu dos Recreios canta-se hoje a *Gioconda*, uma das operas que melhor interpretação teem tido e que por isso deve chamar enorme concorrencia. Amanhã canta-se a *Tosca*, a corôa de gloria de Carmen Toschi e Mimo Zuffo e em que o tenor Tincani tão ovacionado tem sido.

Segunda-feira, em recita da moda, a *Favorita*, não havendo já camarotes de 1.ª ordem e muito poucos de 2.ª assim como *fauteuils*.

Recebemos e agradecemos os cumprimentos da distincta soprano Luz Rugama, que hontem chegou a Lisboa e que faz parte da companhia de opera do Colyseu.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

A vinda de Lucien Guitry a Lisboa

O grande acontecimento é a proxima vinda a Lisboa do grande actor francez Lucien Guitry, que vem dar ao novo Theatro Republica oito unicos espectaculos com as seguintes peças todas differentes: *La Griffe, Samson, L'assaut, L'émigré, Le Tribun, La Massiere, Primerose* e *L'Abbé Constantin*. A assignatura para estas recitas tem sido muito concorrida e continúa aberta no escriptorio do Theatro Republica.

S. Carlos

A companhia do Republica da hoje e ámanhã em S. Carlos os ultimos espectaculos antes da inauguração do novo theatro.

Hojo representa a celebre peça historica «Aljubarrota» e amanhã a engraçada peça «O Bibliothecario».

Movimento maritimo

R. J., «Am. V. de Joyeuse» (do Hav.) .. 10
Pern., R. J., etc., «Tubantia» (de Am.) 10
S. Thomé, «Angola» 11
Liverpool «Domine» (do Brazil) 11

SPORT

Lucta e luctadores portuguezes

Os 1.º, 2.º e 3.º campeonatos nacionaes

O combate entre os hoje dr. Cezar de Mello e tenente Ribeiro da Fonseca, amadores em 1906, foi o mais valente que se effectuou em Portugal

Vamos seguir a historia da lucta em Portugal, segundo os apontamentos dos jornalistas que se acobertaram com o pseudonymo de «Pavlo Rey» e «Ruy Lima» e que tem toda a actualidade de publicação porque estão despertando interesse os campeonatos, profissional no Porto, e o de ámanhã em Coimbra, entre amadores do districto, para a disputa da «Taça Coimbra».

«... «Os Sports» abalançaram-se então á organisação do primeiro campeonato nacional de lucta, que foi precedido de uma prova eliminatoria no dia 31 de dezembro de 1905. Marcou-se o torneio para quinta feira 4 de janeiro de 1906, em festa publica, no Salão da Trindade. Foi um sarau brilhante e extraordinariamente animado.

As luctas foram renhidas. Os combatentes queriam levar para os seus clubs as honras da victoria e a «Taça Holbeche» instituida para ser disputada em «matches» contra o campeão de Portugal, durante os trez mezes que seguissem á realisação da prova. O titulo ficou pertencendo a Ribeiro da Fonseca e a Taça ao club que representava e que era o Club Naval Madeirense. Segundo classificado foi Candido da Silva, terceiro Ricardo Del Negro e quarto Joaquim Sotto Maior. Este, que representou o Gymnasio Club no campeonato, houve-se como um heroe porque resistiu á poderosa «equipe» do club rival, fazendo sempre «matches» nullos e não se deixando tombar. Dos «leves» a victoria coube a Abel de Macedo, seguido de José Carlos dos Martyres, Eirado Junior e Armando de Macedo.

O torneio levantou serias discussões. O Gymnasio não podia supportar que a Taça estivesse em poder d'outra aggremiação sportiva e lamentava que Cesar de Mello não tivesse concorrido por motivo de doença. Travou-se rija polémica a que os jornaes não foram estranhos. No Club Madeirense a confiança no campeão era enorme e chegaram os mais influentes a organisar um «match» sob aspecto d'um treino, com Diego Conelli, robusto ciclista e athleta italiano que sabia luctar. Era uma experiencia para averiguar dos meritos de Ribeiro da Fonseca. O «match», pela brilhante resistencia do campeão, que era, em verdade, um bello athleta, excitou os seus partidarios, que publicamente o consideravam vencedor certo de qualquer outro amador portuguez.

Esta discussão originou o desafio de Cesar de Mello ao campeão de Portugal para um «match» para a «Taça Holbeche» o qual se effectuou na noite de terça feira 20 de fevereiro, no salão do Centro Nacional d'Esgrima. Os «sportsmen» e os «clubmen» assistiram em grande numero. E' talvez o mais brilhante acontecimento da historia da lucta em Portugal. Os partidarios d'um e outro combatente seguiram apaixonadamente as peripecias d'esse «match» titanico, confiado á arbitragem intelligente e cuidadosa do sr. Manuel Egreja e á criteriosa orientação d'um jury constituido pelos srs. Duarte Holbeche, dr. Lucio Nunes, dr. Jayme Neves, José de Sousa Prego, Camillo Bouhon, Pedro del Negro, Candido da Silva, Mario Duarte «speaker» e Carlos Sá Pereira «chronometrista».

O assalto durou 26 minutos em duas «reprises», uma de 10, outra de 16 minutos. E' o combate mais logno entre luctadores amadores de peso medio, que se tem realisado em Portugal. Cesar de Mello venceu e com brilhantismo porque o adversario era como elle forte, vigoroso, energico e conhecedor de lucta. O golpe final foi um maravilhoso «tour d'anche en tête», que arrojou Fonseca a terra, directamente sobre as duas espaduas. O campeão tentou erguer-se mas Cesar de Mello regulou a «balança», apoiando-se com força e com todo o peso do corpo sobre o lado d'ende Fonseca fazia esforços para se levantar, n'um ligeiro esboço de «ponte», que foi esmagada.

A Taça foi para o Gymnasio Club e Cesar de Mello conseguiu a honrosa classificação do melhor dos amadores de lucta em Portugal, fama que justificou no campeonato seguinte em 1907 vencendo um nucleo grande de competidores, entre elles o sr. Francisco Padinha, herculeo luctador, forte e vigoroso, do peso de 105 kilos e que no campeonato representava o Club Naval, collectividade onde a lucta tem sido ensinada por mestres competentes como Cesar de Mello, Eugenio Noronha e Antonio Claudio d'Oliveira, obsequiosamente, e pelo profissional sr. Diego Conelli.

O campeonato de 1907, ainda disputado em festa publica, no Salão da Trindade, apresentou a novidade da divisão dos concorrentes em quatro cathegorias: «levissimos» até 55 kilos, «leves» de 55 a 65 kilos, «medios» de 65 a 75 kilos e «pesados» mais de 75 kilos. A divisão assim feita permittiu brilhantissimos assaltos entre os amadores, nas respectivas cathegorias. O campeão dos «levissimos», sr. D. Eugenio de Noronha, conseguiu com brilhantismo, mas após penoso trabalho e esforço, vencer o segundo classificado, sr. Guilherme Otero y Salgado, e o terceiro, Travassos Lopes. Os combates na cathegoria dos «leves» foram talvez os melhores do torneio. Os trez combatentes apurados para a «final» eram do mesmo valor. Um d'elles, Joaquim Vital, representando o Atheneu Commercial de Lisboa, era tido como o mais perigoso «outsider» do torneio. Foi vencido por um golpe marcado pelo arbitro mas que o amador sempre contestou. Claudio de Oliveira foi proclamado campeão, por essa victoria sobre Vital e sobre o campeão de 1906, sr. Abel de Macedo. Na cathegoria dos luctadores de peso medio Cesar de Mello venceu Vieira Caldas, que foi classificado em segundo logar, depois de haver derrotado J. de Azevedo Coutinho. O campeonato dos luctadores «pesados» coube a Francisco Padinha porque venceu Ayres d'Almeida. Durante o combate com este ultimo o sr. Candido da Silva desistiu. Na «poule» entre os vencedores das cathegorias e para o titulo de campeão de Portugal, Cesar de Mello derrubou por um magistral «bras roulé» o sr. Padinha.

O campeonato de 1908 teve identico brilhantismo e talvez mais espectadores, porque se realisou na séde do Gymnasio Club Portuguez, com entrada livre aos socios dos clubs concorrentes. Os campeões de 1907 apresentaram-se a manter os seus titulos, conseguindo esse «desideratum» os srs. D. Eugenio de Noronha em «levissimos», Claudio d'Oliveira em «leves», e Cesar de Mello em «medios». Menos feliz foi o sr. F. Padinha que foi derrotado pelo dr. Almiro de Vasconcellos, que veiu propositadamente de Coimbra para disputar o torneio. Na «poule» entre campeões, a victoria coube novamente ao sr. Cesar de Mello, que é, sem contestação, o nosso melhor amador e combatente que difficilmente se vencerá, porque o campeão faz da lucta uma esgrima, e porque trabalha sempre com serenidade e intelligencia...»

Notas do dia

Esgrimistas portuguezes em Londres

A favor do fundo dos Soccorros aos belgas realisou-se em Londres, em fins de dezembro, uma festa de esgrima, com a assistencia da melhor sociedade britannica. A presidencia da festa foi confiada ao ministro da Belgica em Londres e a direcção dos assaltos foi confiada a lord Desborough. Dois compatriotas nossos figuraram no programma:—o engenheiro José Amorim que fez um assalto ao sabre contra o campeão inglez L. H. Walford e um assalto de espada com o mestre belga Verbrugge; —o sr. D. A. d'Almeida que assaltou á espada com o forte amador inglez L. V. Fildes. Ambos foram muitos applaudidos.

Uma grande festa de beneficencia

Um antigo «foot-baller», que foi e é ainda um dos mais notaveis homens da nossa terra, espirito organisador e homem de rasgadas iniciativas, participou-nos um sympathico proposito que elle vae effectivar brevemente. Trata-se de promover um grande festival ao ar livre, n'um grande campo de jogos, cujo producto se destina á Cruz Vermelha.

O campeonato de lucta no Porto

Com a approximação das «meias-finaes» do campeonato internacional de lucta no Porto já se começam a definir os merecimentos dos concorrentes. Evidentemente, á frente do torneio caminham Petersen, o campeão do mundo, Simonon, o primoroso campeão belga, Almela picador hespanhol, Hiliman o feroz flamengo, que tem sido um combatente energico mas que se tornou pouco popular, Frank Crozier, o negro esculptural.

Tambem começam a apparecer os valentões nacionaes desejosos de medir forças com os campeões estrangeiros e que, naturalmente previdentes, escolhem para os seus primeiros «matchs», não os concorrentes vencedores mas aquelles que já foram derrotados!... E' um processo cauteloso para averiguar da sua força e do quá ella póde dar! Apostámos que nenhum d'elles se quer ver deante do phenomenal Petersen ou do endiabrado Hiliman...

As luctas do Porto teem tido uma soberba caracteristica. E' que são feitas por homens que conhecem o systema chamado «greco-romana» e não se apresentam como geralmente succede, garantidos pelo seu peso e corpolencia. São arbitradas por um homem competente:—o artista Baldo e alé teem entre os combatentes dois professores, um Crozier, em Madrid, outro o artistico Rossel, em Paris!...

Algumas anecdotas

Só na America, estes casos succedem

Os padres d'algumas egrejas americanas arranjaram um processo curioso para chamar fieis á egreja. Reuniram-se para deliberar sobre a embaraçosa situação de que nem um unico religioso assistia á missa! Depois de longas discussões tomaram uma resolução heroica...

No dia seguinte grandes cartazes annunciavam para a tarde d'esse dia, na egreja, um combate de socco, convidando-se o povo a assistir, com o attractivo das entradas serem gratis.

Uma hora antes do combate, a egreja regorgitava de gente! Chegou a recusar-se a entrada aos retardatarios!

A demora foi pequena. Dois padres appareceram com luvas de 4 onças e fizeram um animado combate, que foi applaudido, com enthusiasmo geral. Ao 4.º «round», um estava vencido. Sahiram para fóra do «ring» e immediatamente o vencedor subiu para o altar a dizer missa mas—caso curioso!—nenhum dos assistentes se retirou.

Na sacristia, o vencido disse tristemente para o outro:

—«Tu bateste muito forte!... Tenho um olho deitado abaixo...»

—«Tem paciencia... Christo tambem soffreu e tudo foi por amor d'elle...»

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Sala d'Armas Magalhães

Com a maior regularidade, continuam funccionando as lições de florete, espada, sabre, bengala e gymnastica Hebert na sala dirigida pelo professor Magalhães.

No decorrer do mez os atiradores d'esta sala iniciam as visitas ás outras salas lisbonenses para continuarem a manter a boa confraternisação que sempre deve haver entre esgrimistas. Para dar cumprimento ao programma traçado pelo professor Magalhães, tambem talvez este mez se realise a excursão d'esgrimistas em visita aos seus collegas de fóra de Lisboa. Logo que foi communicado o aviso aos frequentadores da sala, não se calcula o enthusiasmo e assim todos resolveram trabalhar com afinco para obterem o respectivo treino e fazer brilhar as côres da sala nos assaltos a disputar com os futuros adversarios. Esta fórma bastante sympathica de propaganda a favor da esgrima e que tão bom acolhimento encontrou em todas as salas para onde o professor Magalhães combinou as visitas, por certo que vae ser muito util mesmo para os futuros torneios, pois é de crêr que os atiradores da provincia se animem e se resolvam vir á capital disputar as provas a que teem direito e d'onde teem estado ausentes.

Convocações de Foot-ball

O capitão do Sporting Club de Portugal pede a comparencia, ámanhã, no campo de Sete Rios, ás 12,30, dos seguintes jogadores: M. Botas, J. Bruno, Pires dos Santos, Costa, Rosado Fernandes, E. Serrenho, Araujo, J. Pires, Antonio Soares, Torres Pereira e Tancredo. Reservas: Ventura, Consiglieri e J. Silva.

Luzitano Club Cyclista

Commemora ámanhã o 6.º anniversario da sua fundação, em sessão solemne, sendo tambem distribuidos os premios aos vencedores das provas effectuadas durante o anno de 1915.

A sessão começa ás 19 horas, sendo entregue ao club pela «equipe» vencedora, a Taça «Portugal» que lhe foi entregue na passada quinta-feira na União Velocipedica. Segue-se baile.

Gymnasio Club Portuguez

Realisa-se ámanhã, pelas 14 horas, n'este club, uma interessantissima «matinée» seguida de baile a qual como de costume acontece com todas as festas organisadas pela benemerita instituição, está despertando grande interesse.

Disputa-se pela primeira vez uma prova de jogo de pau, completando o programma uns assaltos de esgrima e lucta.

Para o jogo de pau estão inscriptos os srs. Henrique dos Prazeres, Estevão da Silva, Claudio d'Oliveira, Campos Junior, Humberto Reis, Humberto Caldas, Antonio Caldas, João Castellar, Julio Represas e Guilherme Fonseca.

Tiro aos pombos

A'manhã, pelas 14 horas, realisa-se no Stand de Palhavã mais uma sessão de tiro aos pombos. A direcção technica do Grupo de Tiro aos Pombos não se tem poupado a esforços a fim de tornar interessantes estas sessões que constituem um treino admiravel para as grandes sessões que se projectam para esta epocha, d'entre as quaes sobresahe a da Taça «Lisboa» a que concorrem atiradores de todos os pontos de Portugal, muito principalmente do Porto, onde este «sport» é cultivado com verdadeiro amor.

Foot-ball

Desafios para ámanhã:—1.ª cathegoria, Lisboa F. C. contra Internacional, no C. Grande, ás 15 horas, juiz o sr. Arthur dos Santos; 2.ª cathegoria, Internacional contra Sporting, nas Laranjeiras, ás 12,30 horas, juiz o sr. Luciano Simões; Bemfica contra Victoria, em Sete Rios, ás 15 horas, juiz o sr. J. Vieira; 3.ª cathegoria, Sacavenense contra Sporting, em Sete Rios, ás 13 horas, juiz o sr. Pedro Pagani; Palmense contra Imperio, no Campo Grande, ás 13 horas, juiz o sr. Domingos Pinto; 4.ª cathegoria, Atheneu contra C. Quebrada, em Palhavã-A, ás 13 horas, juiz o sr. Humberto Gonçalves; Bemfica contra Imperio, em Sete Rios, ás 11 horas, juiz o sr. Rodrigo Costa Junior.

O capitão do 3.º «team» do Sport Club Imperio pede a comparencia ámanhã, no Campo Grande, ás 12,30 horas, dos seguintes jogadores: Matheus, S. Pinto, Amadeu, Martins, Fonseca, Xavier, Toscano, Oliveira, Paulo, Esteves, Baptista, Stegner e Santos.

Cantina de S. Nicolau

A sua inauguração

E' na segunda-feira que na rua dos Douradores, 57, ás 13 horas, se inaugura a nova cantina pertencente ás escolas da freguezia de S. Nicolau, que diariamente vae fornecer uma refeição a 60 creanças de ambos os sexos que frequentam aquellas escolas.

Ao acto assistem os directores das Escolas de S. Nicolau e os professores.

O bolo-rei da pastelaria Marques

A pastelaria Marques, do Chiado, 70, e 72, casa de ha muito conhecida como uma das primeiras na sua especialidade, enviou-nos hoje, para distribuirmos pelos nossos protegidos, o que fizemos immediatamente, 6 bolos-rei, do seu fabrico especial.

Não quiz a pastelaria Marques que os pobres, por o serem, deixassem de provar do appetitoso bolo, que tem fama—e é realmente—de ser dos melhores que ha na capital. Em nome dos contemplados os nossos agradecimentos.

Ultimas noticias

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 8.—Communicação official das 15 horas:

Noite relativamente calma. Ao norte do Aisne a nossa artilharia destruiu os moinhos de Châtillon, a oeste de Fontenoy, organisados defensivamente pelo inimigo. — (Havas).

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reune, pelas 21 horas, no ministerio do interior.

—A assignatura presidencial realisou-se esta tarde no palacio de Belem, tendo reunido o governo em conselho sob a presidencia do chefe do Estado.

—A commissão de separação dos funccionarios do ministerio das colonias ultimou já os seus trabalhos tendo feito entrega do relatorio ao respectivo ministro. Consta que a commissão não encontrou nenhum funccionario nas condições de ser separado do serviço.

—Sobre o regresso de forças de Mossamedes esteve hoje conferenciando com o sr. ministro das colonias o sr. Jayme Thompson.

—Uma commissão delegada dos armadores de toda a costa de Portugal conferenciou hoje demoradamente com o sr. ministro da marinha sobre assumptos de pesca.

—A direcção do Centro Colonial esteve hoje conferenciando com o sr. presidente do ministerio.

—Com o sr. ministro do fomento conferenciaram hoje os srs. Fausto de Figueiredo, dr. Anilio Margal, commandante da guarda republicana general Carvalhal e tenente coronel Sousa Rosa.

—Uma commissão delegada dos ferroviarios do Estado procurou hoje o sr. ministro do fomento com quem esteve tratando das percentagens a applicar sobre salarios e vencimentos.

—Conferenciaram com o chefe do districto os administradores dos concelhos do Barreiro, Grandola e Almada sobre assumptos de interesse para os mesmos concelhos. Tambem com o sr. dr. Costa Gonçalves conferenciou o chefe da policia de Setubal, ácerca de uma pretenção dos seus subordinados.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

RAINHA DE ITALIA

Passando hoje o anniversario natalicio da rainha de Italia, o sr. Eugenio Santos Tavares, secretario do sr. ministro dos negocios estrangeiros, foi deixar cartões na legação d'aquelle paiz.

ANNO NOVO

Do Havre, onde se encontra, teve a gentileza de nos enviar o seu cartão de cumprimentos de Anno Novo o sr. dr. Alves da Veiga, ministro de Portugal na Belgica. Ao illustre diplomata agradecemos e retribuimos.

Tambem nos enviou os seus cumprimentos o sr. Alvaro dos Santos, fiscal dos impostos no Barreiro, a quem egualmente agradecemos, retribuindo-os.

DIPLOMATAS

A reassumir as funcções de ministro de Portugal em Hespanha partiu hoje no rapido para Madrid o sr. dr. Augusto de Vasconcellos. Na «gare» do Rocio compareceu grande numero de amigos d'aquelle diplomata a apresentar-lhe as despedidas. Em nome do sr. ministro dos negocios estrangeiros esteve ali o Santos Tavares.

LUTUOSA

Falleceu o sr. Luiz Alves Serrano, conceituado commerciante e socio da «Germania Limitada». O seu funeral effectua-se ás 8 horas de ámanhã e sahe da rua Rodrigues Sampaio, 19, para a ponte dos vapores do Caes do Sodré.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Menor abandonado

Vae parar a Bordeus, d'onde regressa a Lisboa

A bordo do paquete francez «Garonne» seguiu ha tempos para o Rio de Janeiro o menor de 13 annos Manuel Gonçalves Junqueiro, que n'aquella cidade foi entregue aos cuidados de um tal Joaquim Coelho.

Mais tarde os dois embarcaram com destino a Lisboa, onde o Coelho desembarcou, nada dizendo ao pequeno, que foi parar a Bordeus, onde se apresentou ao nosso consul que o mandou embarcar no vapor portuguez «Luzo», que hoje chegou ao Tejo.

O rapaz veiu para o governo civil, devendo em breve seguir para a terra da sua naturalidade, Villa Cam, concelho de Pombal.

Recenseamento eleitoral

A commissão parochial republicana da Encarnação, convida todos os cidadãos d'esta freguezia, maiores de 21 annos, que saibam lêr e escrever, a inscreverem-se no recenseamento eleitoral na rua do Mundo, 131, e travessa da Queimada, 23.

Reuniões academicas

Faculdade de medicina

Na proxima segunda-feira, pelas 13 horas, reunem os alumnos do 5.º anno d'esta faculdade para tratarem de assumpto urgente.

Festas associativas

Na Academia Recreativa de Lisboa, ha ámanhã recita com a comedia *O genro do Caetano*, seguindo-se baile.

Promovida por uma commissão de socios ha ámanhã *soirée* dançante no Grupo Dramatico Lisbonense.

Quedas desastrosas

A' enfermaria 4, do hospital de S. José recolheram hoje: Amadeu Cardoso, estivador, morador no Alto do Varejão, 3, que cahiu a bordo do vapor *Loanda*, ficando muito contundido pelo corpo; José Gomes, carroceiro, morador em Carnide, colhido pela carroça que guiava e ferido no pé esquerdo, e Antonio Martins, de Carniceira, concelho de Cantanhede, que cahiu na estação do Rocio, fracturando a perna direita.

Na enfermaria 11 do mesmo hospital falleceu Maria Gertrudes da Silva, moradora na rua de S. Christovam, que, como hontem noticiámos, cahiu pela escada da sua residencia.

Exposição regionalista

Nos escriptorios «Arte e Ménage» serão apresentadas amanhã novas surprezas

No interessante certamen regionalista da iniciativa da illustre escriptora sr.ª D. Albertina Paraizo serão apresentadas amanhã novas surprezas que estão destinadas a prolongar o encantamento que os escriptorios «Arte e Ménage» teem produzido nas numerosas pessoas que os teem ultimamente visitado.

A distincta artista que é a sr.ª D. Maria Abrantes exporá ámanhã um tapete de Arrayolos que expressamente confeccionou para este certamen. Tambem a fabrica de loiças de Campolide apresentará ámanhã um novo *stock* das suas artisticas producções, por especial deferencia á promotora da exposição.

Após o encerramento do certamen, os escriptorios «Arte e Ménage», na rua do Alecrim, 71, continuarão abertos, encontrando-se ali á escolha do publico tudo o que as nossas industrias regionaes teem de mais caracteristico e de melhor gosto.

PEQUENAS NOTICIAS

Sob o titulo *O problema das cortiças* fez o sr. D. Francisco de Noronha espalhar profusamente um manifesto em que se transcrevem os artigos por elle publicados ácerca da opportunidade de valorisar por completo a nossa cortiça, exportando-a em obra para os mercados consumidores, incluindo o Japão.

—A banda do corpo de marinheiros executa ámanhã na Avenida, das 15 ás 14,30 horas, o seguinte programma: «Espadarte», marcha, Mendes Canhão; «Waverley», ouverture, Berlioz; «Revoltosa», zarzuela, Chapi; «Suite lirica», Grieg, a) «O pastor», b) «Marcha rustica norueguesa», c) «Nocturno», d) «Marcha dos anões»; «Sansão e Dalila», selecção, Saint-Saens; «Vitos», marcha, Lopo.

—Para Alcacer do Sal seguiu esta tarde o official de diligencias d'aquella comarca sr. Joaquim José dos Santos Lagartixa, que veiu ha dias a Lisboa trazendo 48 notas de 20 escudos apprehendidas a João Rim, natural de Cuba, a fim do Banco de Portugal verificar se ellas eram falsas. Como são verdadeiras, o Rim vae ser restituido á liberdade.

—A policia procura José Mario, de 13 annos, que se ausentou de casa de sua familia no Alto dos Toucinheiros, 11, em Xabregas; Joaquim Fernandes dos Reis, de 15, que desappareceu da rua Alvaro Castellões, 63, em Setubal, e Francisco Antonio da Silva, de 41, que se ausentou da rua Miguel Paes, 90, no Barreiro.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Eleitoral dos Defensores da Republica

Por deliberação da assembleia geral realisada em 6 do corrente fica convocada para o proximo dia 13 nova reunião a fim de se tratar do caso José Maria d'Alpoim, pedindo-se por esse motivo a comparencia dos socios.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	24 1/8	31
Londres, 90 d/v	34 5/8	—
Paris, cheque	$75,0	$75,9
Allemanha, cheque	$28	$29
Hollanda, cheque	$66,5	$69,5
Madrid, cheque	1$40	1$41
Suissa, cheque	$83	$89
Italia, cheque	$66	$70
New York	1$47,5	1$48,5
Rios Londres	11 29/32	—
Libras	7$00	7$03
Agio do ouro	50 %	50 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	38,70	38,60
» » 5.0$	—	38,70
» » 100$		

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$40 4 1/2 88-89, coup. 56$00.

Externas: 1.ª serie 74$80 e 3.ª 75$80.

Acções: Banco de Portugal, assent. 184$15 e port. 184$; Aguas 92$50; Moçambique 3$; Phosphoros, coup. 55$; Empreza Agricola Principe 5$50.

Obrigações: Municipaes e Districtaes 4 1/2 80$; Ambacas 93$60; C. Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, 77$50; C. de Ferro de Benguella, tit. 5, 77$ e tit. 1, 78$50.

A exportação de generos de consumo

O mercado do Brazil não póde nem deve perder-se

Sr. redactor da «Capital».—Pela publicação da minha carta no seu numero do 30 de dezembro findo lhe estou bastante grato, e, ainda mais uma vez, certo que v. não regateia as columnas do seu jornal a assumptos de alto interesse, tomo a liberdade de voltar hoje á sua presença, chamando a attenção do sr. ministro das finanças para uma situação que de certo sua ex.ª ponderará, para não se aggravar mais o commercio de exportação e comprometter o consumo futuro de alguns dos poucos productos que ainda mandamos para os mercados do Brazil.

Na minha ultima carta, não como democratico nem affonsista como a *Lucta* me chamou, mas, só como portuguez que me prezo de ser, sempre prompto a cooperar com os elementos de que posso dispôr para o bem da minha classe e portanto defendendo os interesses do Paiz, porque á exportação está ligado o melhor da economia nacional, apreciei o decreto de 27 de dezembro ultimo com a independencia que me é habitual e apontei as sobretaxas de quatro productos (azeite, vinho, batata e cebola) como prejudiciaes e fundamentando os seus resultados mostrei que a sua diminuição não prejudicava o abastecimento interno, e, antes, para dois d'elles, concorria para que abundassem.

Disse eu que, o azeite pagando a sobretaxa de 2 centavos por kilo, peso bruto, representava o maior beneficio que se podia prestar á Hespanha, cujo commercio de azeite tanto tem trabalhado para nos bater nos mercados brazileiros; que o azeite em Hespanha estava mais barato 15 0|0 que em Portugal e da sobretaxa de 2 centavos por kilo, peso bruto, que equivale a 10 0|0 sobre o seu custo, resultaria ficar mais caro o azeite portuguez no Brazil 25 0|0 que o hespanhol. O momento era, portanto, azado para os hespanhoes nos baterem em toda a linha.

Não ha, pois, duvida, sr. redactor, que o sr. ministro das finanças, que a esta hora já conhecerá as pesadas sobretaxas que o seu collega do governo hespanhol lançou a quasi todos os productos do seu paiz pelo decreto publicado na *Gaceta Oficial* de 2 e 3 do corrente, terá comprehendido que o azeite lhe mereceu cuidado, não sendo sobrecarregado com sobretaxa alguma nem o mais pequeno impedimento de sahida; razão me deve ser dada, pois, tendo indicado como elevada a sobretaxa de 2 centavos e os seus perigos. Talvez se diga que a Hespanha pode assim fazer por ter muito azeite e que Portugal o não tem e a sua exportação pode encarecer o preço no consumo; será mais uma asneira como muitas que se dizem.

Em Portugal ha muito azeite, chega para o consumo interno e para a exportação do costume, e desde que os productores deixem de ser gananciosos ou sejam chamados á ordem, não podendo exigir mais de esc. 2$40 por cada 10 litros, como compensador que é, continua a haver azeite barato no consumo e a exportação faz-se competindo com a Hespanha, que, onde nos bater de vez, é mercado para sempre perdido. E' preciso evitar que isso se dê como boa medida economica e que um dia a agricultura se veja a braços com falta de compradores para vir pedir ao Governo facilidades em propagandas, exposições e todas as medidas imaginaveis para se exportar azeite. Ha ainda tempo para remediar e espero que o sr. ministro das finanças attenda desde já o assumpto como importante.

Tambem a Hespanha não lançou sobretaxas no vinho e cebola, e, a batata que sobrecarregou com 15 pesetas por 100 kilos, deixará de ter sobretaxa em abril, na qualidade temporã, como fez o anno passado, estando a exportação prohibida que permittiu a da temporã para fornecer os mercados francezes e inglezes.

Em Hespanha não está hoje prohibida a exportação de cousa alguma; as sobretaxas elevadas, como são equivalem á prohibição e concordo mais com este regimen que com o nosso actual. Um paiz como o nosso, que importa o pão e o preciso para se vestir e calçar, que tem de pagar com ouro que não se adquire sem fazer a exportação, não pode deixar de exportar e portanto o que produz, e nas condições em que o faz, não pode exigir barato. Tambem, sr. redactor, no meado do mez passado, fazendo parte de uma commissão de collegas exportadores de Lisboa e Porto chamei a attenção do sr. ministro das finanças, para excepcionalmente auctorisar a exportação para o Brazil de certas qualidades de feijão, de cultura especial para os mercados brazileiros, em quantidades que em qualquer caso nunca faziam falta ao consumo interno; fiz ver a sua ex.ª o prejuizo que causaria a falta d'essa exportação e até o descontentamento do commercio brazileiro ao saber que para França se tinham já auctorisado algumas sahidas.

Hoje recebi uma carta do meu agente no Rio de Janeiro e do que passo a trancrever um dos seus topicos, que bem prova a razão que tinha para falar como falei ao sr. ministro das finanças:

Exportação portugueza:—*Os clientes estão effectivamente descontentes, muito especialmente conhecedores como estão de que o Governo Portuguez consentiu na exportação de 6:000 saccos de feijão para a França, preterindo este paiz, base primordial do commercio portuguez e para onde exporta em todas as epocas os seus productos. Quando a afinidade de nacionalidade de nada valesse, existia comtudo o interesse commercial e este incontestavelmente deveria estar ao lado do commercio importador brazileiro. Depois é justo que no futuro, quando appellarem para estes argumentos, se responda com a maneira por que procederam no presente caso. O criterio adoptado foi o mais desastrado possivel e temos infinita pena de concordar com o juizo feito pelos clientes.*

Sr. redactor, publicando esta carta presta mais um favor ao commercio exportador e a todos que d'elle dependem, e de certo o sr. ministro das finanças como homem cheio de vontade em attender os interesses do paiz, não deixará de remediar desde já o que ha de mau no seu decreto e na prohibição absoluta da exportação.

Agradeço e creio que tambem o posso fazer em nome dos collegas exportadores, a cooperação de v. e sou de v. etc.—*Victor Guedes.*

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A revista social»

Matheus Ruivo, o conhecido propagandista operario, a quem não faltam dotes de intelligencia e vastos conhecimentos, iniciou a publicação d'um mensario livre intitulado *A revista social*, de que acaba de sahir o primeiro numero. Com variada collaboração, tratando de assumptos da maior actualidade, a nova revista, que conta 16 paginas e custa apenas 3 centavos, deve ter a melhor e maior acceitação.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Cruz Vermelha

Para continuação de discussão de assumptos pendentes, reune a commissão central depois d'ámanhã, ás 21 horas, na séde da Sociedade, praça do Commercio.

Luiz Alves Serrano
Falleceu

Felisbella Ermelinda Serrano, Maria José Ferreira, Carlota Ferreira, José Filippe Alves, sua mulher Maria da Conceição Alves e filha, Manuel Alves Serrano e mulher, Joaquim Alves Serrano, Maria da Nazareth Alves Araujo e marido, Eduardo Pereira Varella e filhos, José Agostinho Mancio Pereira mulher e filhos, Francisco Mancio Pereira mulher e filho participam o fallecimento de seu marido, genro, tio e cunhado e que o funeral se realisa no dia 9, pelas 8 horas, saindo o prestito funebre da rua Rodrigues Sampaio, 19, 2.º, para a estação do Caes do Sodré, e d'ahi para o cemiterio de Grandola.

Creança carbonisada

SANTAREM, 8.—Na Povoa de Isenta, uma creança de 8 annos, filha de Manuel Gomes Simplicio, pegou fogo a uma barraca de palha, morrendo carbonisada dentro d'ella, pois não foi possivel salval-a, embora para tal fossem empregados os maiores esforços.

Apoz grande trabalho foi extincto o incendio, evitando-se a sua propagação á casa de residencia.

Luiz Alves Serrano
FALLECEU

A GERMANIA LIMITADA cumpre o doloroso dever de participar o fallecimento do seu prestimoso socio ex.mo sr. Luiz Alves Serrano, cujo funeral se realisa ámanhã, 9 do corrente, pelas 8 horas, sahindo o prestito da rua Rodrigues Sampaio, 19, para a estação do Caes do Sodré (ponte dos vapores.

Ateliers Pires Marinho

A viuva do fallecido sr. José Pires Marinho, sr.ª D. Guilhermina Sá Pires Marinho, constituiu-se em sociedade com o antigo empregado da casa sr. Alfredo d'Annunciação Ferreira Roque, sob a firma Alfredo Roque & C.ta, ficando todo o activo e passivo d'aquelles conceituados *ateliers* a cargo da nova firma.

A provincia n'A CAPITAL

BARREIRO, 7.—A eleição para os novos corpos gerentes do Centro Republicano Portuguez do Barreiro, para o anno de 1916, deu o seguinte resultado:

Assembleia geral: José Luiz da Costa, Antonio Joaquim Praça, José Luiz Dupont de Sousa, Antonio Augusto da Costa; supplentes, Deodoro Liz de Castro, Polidoro Mendonça, Manuel Mauricio da Costa e José Augusto Guedes. Direcção: Caetano Francisco da Silva, Joaquim Guerreiro, Alvaro Carlos dos Santos, José Augusto d'Almeida, Felix Sant'Anna Marques e Casimiro Namorado Malacris; supplentes, Manuel Rodrigues, Joaquim Balthasar de Moura, Rodrigo Fragôso Amado, Manuel Thiago e Abilio Pedro de Sousa. Conselho fiscal: Manuel Martins Entrudo Junior, João Maria Jordão, Alfredo Figueiras; supplentes João Maria Pitanga, Manuel Augusto Saraiva e João da Silva Junior.

Foram approvados votos de sentimento pelos socios fallecidos durante o anno passado e pelos grandes vultos republicanos Affonso Palla, França Borges, Alexandre José Sampaio Bruno e um voto de felicitações pela ascensão ao poder do illustre estadista sr. dr. Affonso Costa.

—No proximo dia 10 será entregue pela camara municipal d'esta villa e por representantes de todas as collectividades do concelho, ao director geral de saude uma representação, pedindo uma vistoria ás fabricas de superphosphatos, oleos, acido sulphurico, acido chloridrico e outras da Companhia União Fabril, a fim de que o governo nomeie uma commissão para proceder a um rigoroso exame pelo qual se verifique se as citadas fabricas se acham munidas de todos os apparelhos aconselhados pela sciencia e usados em outras fabricas similares do extrangeiro, pois que o fumo d'essas fabricas não só prejudica a saude como o desenvolvimento das plantas e arvoredos, accrescendo a circumstancia de não serem ahi devidamente acatados todos os preceitos da hygiene.

COIMBRA, 7.—A sr.ª D. Amelia de Figueiredo, de Pereiros, offereceu á Associação dos Bombeiros Voluntarios o donativo de 50$00 e o sr. Antonio Augusto Garcia de Andrade offereceu á mesma collectividade a quantia de 20 escudos.

—O deputado sr. dr. Arthur Leitão vae apresentar brevemente no parlamento um projecto de lei para que seja transformada a penitenciaria d'esta cidade em casa correccional de trabalho.

—Foi nomeado depositario da Imprensa nacional, para venda de publicações, impressos do Estado e *Diario do Governo* o commerciante sr. Thomaz Trindade.

—O sr. Joaquim Chrisostomo da Silva Santos, proprietario dos Grandes Armazens de Moveis «A Luzitana», está construindo nas suas officinas duas macas do typo adoptado pela Cruz Vermelha Portugueza, que tenciona offerecer á delegação districtal d'aquella collectividade, installada em Coimbra.

vel de tropas indias vindas do Egypto, algumas das quaes tinham já repellido o ataque ao canal de Suez. Finalmente, havia o magnifico corpo de exercito da Australia e da Nova Zelandia, que havia hibernado no Egypto, em frente das pyramides, sob o commando do logar tenente general sir William Riddell Birdwood. Compunha-se de dezeseis batalhões de infanteria australiana e de quatro batalhões de neo-zelandezes, com artilharia e engenheria.

O general Birdwood era um habil e experiente soldado, que havia prestado muitos serviços e em quem lord Kitchener depositava a maior confiança. Fôra seu secretario durante as ultimas phases da guerra sul-africana e no mesmo cargo servira com elle na India durante os sete annos que Kitchener estivera ahi. Depois fôra nomeado para o commando d'uma brigada na fronteira noroeste e em 1912 subira a quartel mestre general na India, posto que trocára pelo de secretario do governo da India na repartição do ministerio da guerra.

Mostrára-se sempre tão habil no gabinete como em campanha. Servira na guerra de Tirah em 1897-1898, fôra gravemente ferido na guerra sul-africana e fôra muitas vezes louvado. Conquistára a confiança das tropas australianas logo de principio e sir Ian Hamilton declarou em agosto de 1915 que elle fôra «a alma de Anzac».

A força expedicionaria franceza compunha-se de Fuzileiros de Marinha, de batalhões do excellente exercito colonial (parte tropas brancas, parte atiradores do Senegal e outras tropas nativas), e d'outras unidades principalmente das guarnições das possessões francezas no norte d'Africa. O general Joffre não quizéra enfraquecer as suas forças destacando homens das suas reservas em França, mas o general d'Amade tinha um excellente corpo de tropas, que prestaram magnifico serviço quando chegou o grande dia do desembarque.

O total nominal da força de que sir Ian Hamilton dispunha representava tres corpos d'exercito um tanto ou quanto fracos e de armas diversas, ao todo 120.000 homens. Pouco menos d'esse numero tomou parte na batalha de desembarque.

O numero exacto das forças turcas concentradas na peninsula de Gallipoli na occasião do ataque a 25 de d'abril é desconhecido.

Sir Ian Hamilton falou de «34.000 homens de tropas regulares com uma centena de canhões na sua retaguarda», mas esse numero refere-se sem duvida ou ás forças por

Theodoro Roosevelt, ex-presidente da Republica dos Estados Unidos

occasião do seu primeiro reconhecimento ou ás que resistiam na extremidade da peninsula. Um correspondente, escrevendo de Constantinopla a 8 de março, diz que se suppunha estarem 35.000 homens nos Dardanellos, mas que na quinzena anterior muitos mais tinham sido para ali enviados e outros estavam vindo de Smyrna.

A 29 de março o sultão da Turquia assignou um decreto nomeando o general allemão Liman von Sanders commandante em chefe das forças nos Dardanellos, que foram designa-

CAPITULO VII

O grande desembarque nos Dardanellos

Quando narrámos a primeira phase da lucta nos Dardanellos, referimo-nos ao erro principal que havia sido commettido de tentar forçar a passagem sem auxilio de forças de desembarque, contando só com o poder dos canhões navaes. Dos responsaveis d'esse erro, um d'elles, se não o principal, Winston Churchill, está actualmente combatendo na fronte occidental, resgatando assim os erros que commetteu.

Sir Ian Hamilton, que havia sido nomeado commandante em chefe das forças inglezas nos Dardanellos, encontrou deante de si um problema quasi insoluvel. A unica mudança que poderia ter feito no plano original era o de aconselhar um desembarque ou em Enos, ou n'alguma ponto da costa da Asia Menor proximo dos Dardanellos. Ambas essas alternativas foram provavelmente postas de parte devido ao pequeno numero de tropas que tinha ao seu dispôr.

Logo depois de ter chegado á ilha de Tenedos, a 17 de março, fez por mar um reconhecimento da costa exterior ou noroeste da peninsula de Gallipoli, desde o isthmo de Bulair até ao cabo Helles. Viu que a costa norte da metade septentrional da peninsula, desde a bahia de Suvla até Bulair, era impropria para o que elle pretendia. Era uma cadeia de outeiros cujas encostas entravam abruptamente pelo mar, não podendo portanto servir para um desembarque.

A sua escolha estava, por isso, limitada á parte da costa entre o cabo Suvla, na extremidade norte da bahia do mesmo nome, e a parte inferior do promontorio á entrada dos Dardanellos. As vantagens d'um desembarque na bahia de Suvla não foram consideradas grandes n'aquella occasião, não só porque essa bahia se julgava demasiadamente exposta ao mau tempo, mas ainda porque todo o plano de desembarque assentava na obtenção das principaes posições no interior da peninsula.

Essas posições eram tres, que va-

mos indicar para melhor comprehensão das operações subsequentes. Havia primeiro a elevação de Achi Baba, que no dizer de sir Ian Hamilton tem 600 pés d'altura, apesar de n'alguns mappas figurar como tendo apenas 100. Seguia-se proximo d'ahi o plató de Kilid Bahr, ou Pasha Dag, um planalto que dominava os estreitos e que ficava n'uma posição transversal á peninsula. Havia finalmente a montanha Sari Bair, de cerca de mil pés d'altura, dominando o ponto de desembarque australiano, ponto que mais tarde se tornou conhecido pelo nome de «Anzac», derivado do nome da força atacante, o corpo d'exercito australiano e neo-zelandez.

Sir Ian Hamilton descreve as encostas de Sari Bair como uma successão de escarpas quasi perpendiculares, dizendo que toda a montanha parecia ser um composto de ravinas e coberta de densos juncaes.

Quando foi examinar os desembarcadouros na parte da costa para tal fim escolhida, entendeu que eram pouco numerosos e que a costa era um tanto ou quanto abrupta. Havia bons desembarcadouros ao norte de Gaba Tepe. Havia tambem praias praticaveis em varios pontos em redor da extremidade da peninsula, desde um local em frente da aldeia de Krithia até Bahia Morto, no outro lado, na entrada do estreito.

Cada uma d'essas praias parecia estar defendida por trincheiras e rêdes de arame farpado e até dos navios sir Ian Hamilton podia descobrir os sitios das baterias. A empreza parecia difficil, porque o inimigo estava bem preparado.

Antes de pôr em execução o seu plano de ataque, era necessario tornar a distribuir as tropas pelos transportes, pois que, como dissémos ao descrever a primeira phase da lucta, a distribuição fôra mal feita. A bahia de Mudros, na ilha de Lemnos, estava atulhada de navios com ás forças expedicionarias inglezas e francezas.

Todos os transportes, com excepção dos da brigada de infantaria australiana e das tropas acampadas em Lemnos, receberam ordem para se dirigirem para o Egypto. Sir Ian Hamilton, acompanhado do seu estado maior, seguiu para Alexandria a 24 de março e ficou ahi até 7 de abril, vigiando os minimos pormenores do embarque das tropas como preludio do futuro desembarque.

O resto do quartel general seguiu directamente da Inglaterra para Alexandria, onde chegou a 1 d'abril. O general francez d'Amade tambem foi para o Egypto, onde a força franceza havia sido aquartelada em Ramleh, proximo de Alexandria.

O acampamento francez era muito extenso e estendia-se por muitos kilometros a leste de Alexandria. A 5 d'abril, o general d'Amade deu novas bandeiras a dois dos regimentos e sir Ian Hamilton passou em revista parte da força franceza. Essa revista foi passada no deserto n'um grande planalto rodeado de dunas d'areia. Regimentos após regimentos de infantaria desfilaram em ordem cerrada, a artilharia, incluindo as populares baterias de 75, desfilaram por seu turno d'uma forma brilhante e a cavallaria fechou a marcha com o tradiccional impeto e brilhantismo da cavallaria franceza. A' revista assistiu enorme multidão e em resposta a uma allocução do agente francez, Albert Defrance, sir Ian Hamilton disse que os francezes «deviam ter orgulho na sua nacionalidade, ao verem que o seu paiz possuia tropas como as que acabavam de desfilar na sua frente.»

As palavras proferidas pelo general d'Amade na occasião da entrega das novas bandeiras são dignas de serem archivadas. Foram as seguintes:

«Em nome do presidente da Republica ponho estas bandeiras nas suas mãos.

«E' a sua terra natal, da qual todos os filhos estão hoje em armas; é a França, a bem amada, que vive n'estes emblemas, que palpita de esperança nas suas sagradas dobras. Hoje tornam-se os seus valentes guardas, corajosos, audazes e disci-

plinados. Vão jurar commigo defendel-as até á morte.

«Vão jurar perante o nosso chefe, o commandante em chefe das forças alliadas, perante o ministro da França, perante a multidão dos nossos compatriotas e dos nossos amigos reunidos aqui para saudarem a apresentação d'estas bandeiras sob o ceu do Egypto.

«Vão jurar finalmente, como sobre um altar, perante as suas trez côres —o azul das ondas, o branco das cidades, o vermelho do sangue de nossos filhos e de nossos irmãos que teem morrido pelo nosso paiz. E desde hoje os seus votos de soldados conferem a estas bandeiras a gloria com que ellas brilham.

«A'manhã, por seu turno, serão ellas que espalharão a sua sublime irradiação quando as tiverem hasteado nas praias inimigas.

«Sob as suas dobras marcharemos para a batalha de mãos dadas com os nossos bravos alliados. Estamos luctando pela mesma causa.

«Com a sua coragem inscreverão os nomes das victorias n'estas bandeiras.

«Por seu turno, a França inscreverá o 1.º Regimento de Marcha de Africa e o 6.º Regimento mixto Colonial no seu Livro de Gloria.

«Coroneis, entrego-lhes estas bandeiras. São confiadas pela França á bravura dos seus regimentos».

Quando chegou a occasião de tornarem a embarcar para a peninsula de Gallipoli, o general d'Amade fez publicar a seguinte ordem geral, com a data de 15 de abril:

«A primeira divisão da força expedicionaria ao Oriente vae d'aqui a pouco desembarcar e assentar arraiaes á força nas praias inimigas.

«N'este primeiro contacto com o inimigo devemos impressional-o com a nossa superioridade e a nossa vontade de o conquistar.

«Se recuassemos seriamos inevitavelmente repellidos para o mar sem uma linha possivel de retirada.

«Mas se avançarmos em toda a linha, o que será a derrota do inimigo, vingaremos os nossos mortos, libertaremos o nosso solo — n'uma palavra, será a victoria definitiva da França.

«A escolha está feita! Para a frente!»

A 7 d'abril, sir Ian Hamilton voltou com o seu estado maior para Lemnos, onde completou a execução do seu plano d'accordo com o almirante de Robeck. A força que tinha á sua disposição era muito variada. A sua base era a 29.ª divisão, uma das mais aproveitaveis divisões regulares do primitivo exercito inglez. Para a completar bastára incorporar n'ella um batalhão territorial de excellente qualidade.

A yeomanry de Surrey forneceu um esquadrão, que serviu como cavallaria divisional, e a artilharia tinha duas baterias da 4.ª brigada montada (Highland). A 29.ª divisão compunha-se principalmente de unidades tiradas de estações maritimas, que nunca haviam estado juntas antes de formarem a divisão. Apezar de reunida á pressa, cobriu-se de gloria e alcançou fama immorredoura. Era assim constituida:

86.ª Brigada de infantaria: 2.º de Fuzileiros Reaes, 1.º de Fuzileiros de Lancashire, 1.º de Reaes Fuzileiros de Munster e 1.º de Reaes Fuzileiros de Dublin.

87.ª Brigada de infantaria: 2.º de Fronteiriços de Galles do Sul, 1.º de Fronteiriços Escocezes do Rei, 1.º de Fuzileiros Reaes de Inniskilling e 1.º Regimento de Fronteiriços.

88.ª Brigada de infantaria: 2.º de Hampshires, 4.º de Worcesters, 1.º de Essex e 5.º de Escocezes Reaes, sendo este ultimo batalhão de territoriaes.

Outra parte da força era representada pela Real Divisão Naval, que se compunha de duas brigadas navaes e d'uma brigada da marinha real. Parte d'essas tropas havia tomado parte na expedição a Antuerpia. A divisão era accompanhada por uma secção de automoveis blindados.

Seguia-se uma porção considera-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1949—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 9 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O artigo do "Times,,

Ha muito quem, perante uma injustiça do pensamento, sobretudo quando ella se effectiva no campo da imprensa, pretenda desde logo vislumbrar-lhe determinantes e intuitos que acceita a sua secreta razão de ser. Essa gente é aquella que se presume habil, arguta, mas que, avaliando a consciencia dos outros pela sua propria consciencia, na realidade não descobre outra coisa que não seja a propria má fé, quer dizer, aquillo que ella logicamente faria, se fosse ella quem essa iniciativa assumisse. A sabedoria popular definiu este processo dizendo que o bom julgador por si se julga. Como, porém, para que esse criterio fosse exacto, necessario se tornaria que o julgado fosse feito á imagem e semelhança do julgador, repetidas vezes elle falha, o que sempre constitue uma série decepção para os censores.

Na attitude tomada pela «Capital», em relação á nossa situação internacional, não faltou quem pensasse que um proposito reservado de hostilidade á Inglaterra nos movia, e que enfraquecera o nosso enthusiasmo pela causa dos alliados. Seria difficil demonstrar a razão d'essa suspeita. Mas não ha duvida que ella vicejou em certos cerebros. Simplesmente, o nosso pensamento era limpido, e limpido o desejamos sempre manifestar, parecendo-nos que, só a má fé poderá desconhecer que a attitude por nós assumida estava bem claramente justificada pelos factos que relatámos.

A situação portugueza, perante o conflicto internacional era equivoca. Ninguem o podia negar. Pode mesmo dizer-se que, para o constatar, se encontravam de accordo todas as parcialidades da politica portugueza. Impunha-se o seu esclarecimento. Esse esclarecimento está-se operando, e a «Capital», contribuindo para esse esclarecimento, não tem feito mais do que cumprir o seu dever.

Um dos mais intelligentes e distinctos redactores d'este jornal entrevistou em Paris alguns dos homens publicos mais notaveis da França, e as suas declarações, em que se prestou justa homenagem á lealdade de Portugal e aos serviços prestados pelo nosso paiz á causa dos alliados, começaram a dissipar as sombras do equivoco em que a nossa situação se encontrava envolvida como nas malhas d'uma rede. A essas declarações expressivas, seguiram-se as considerações d'uma parte da imprensa franceza, figurando entre os orgãos que as formularam, além d'outros de menor importancia, o «Temps» e a «Révue». A cada momento eram projectados sobre a attitude de Portugal perante a guerra verdadeiros raios de luz. Fazia-se justiça aos nossos sentimentos e ao nosso concurso, e como essa justiça era anciosamente esperada pela consciencia nacional, logico foi que a acolhessemos com um justificado reconhecimento. O grande banquete de S. Carlos, para cuja realisação a «Capital» de alguma importancia contribuiu, constituiu a expressão d'esse reconhecimento, e tendo ainda a de que entendiamos indispensavel que essa justiça, que se iniciára, fôsse até ao fim, desaggravando Portugal de iniquas suspeitas e valorisando o seu brio, a sua altivez, a sua lealdade, bem dignos, pelos sacrificios realisados, de serem considerados como glorificando a nação e honrando o regimen.

Para que esse resultado se attingisse, para que, como disse eloquentemente o dr. Alexandre Braga n'esse memoravel banquete, o mundo inteiro soubesse as razões por que Portugal se encontrava n'uma situação que era penosa ao espirito nacional, n'uma série de artigos a «Capital» enumerou os serviços prestados á Inglaterra e portanto aos alliados desde o principio da conflagração europeia. Esses factos são indestructiveis. E quem tanto fizera já, e para tudo se encontra disposto, tinha, tem o direito de não ficar em situação tal que alguem pudesse presumir duplicidade onde só decisão se manifestara, franqueza onde o animo se patenteára, ou traição onde só lealdade existia.

Clamou-se que hostilisavamos a Inglaterra ou pelo menos a queriamos magoar. Quando se tratou do banquete de S. Carlos não se hesitou em affirmar que, exprimindo o nosso reconhecimento á imprensa da França, implicitamente aggravavamos a nação alliada, os seus dirigentes, a sua imprensa. Affirmou-se que o ministro da Inglaterra não assistiria ao banquete, e o sr. Carnegie assistiu, foi calorosamente saudado e o seu paiz ovacionado com enthusiasmo. O governo inglez agradeceu officialmente o telegramma que traduzia as aspirações dos que se congregaram no banquete, — e agora o telegrapho envia-nos o extracto d'um artigo do «Times» em que tudo quanto dissemos é corroborado, artigo que tem a maior importancia não só por ser publicado pelo maior jornal inglez, e portanto pelo mais considerado orgão da opinião do seu paiz, mas ainda por que ninguem duvidará de que, attento o seu significado, elle deve ter sido, nas suas linhas geraes, inspirado ou auctorisado pelo proprio governo britannico.

A obra da verdade está a caminho, e a obra da verdade é a obra da dignificação nacional. Já o mundo inteiro sabe que se Portugal ainda não rompeu com a Allemanha, e não declarou a sua belligerancia, não é porque tenha querido fazer uma obra de duplicidade, não é porque tenha querido furtar-se á responsabilidade dos seus actos de alliança, intima e estreita, com a Inglaterra E' o maior jornal inglez que declara que essa situação tem sido um sacrificio da nossa parte; que temos sido forçados, por motivos superiores á nossa vontade, a permanecermos n'ella; que essas circumstancias não são de ordem moral, como vilmente se procurou fazer acreditar, insinuando ou proclamando abertamente que os nossos alliados faziam de nós um conceito deprimente; que a nossa alliança com a Inglaterra é cada vez mais intima e poderosa; que a Inglaterra nunca duvidou dos sentimentos do nosso povo, nem dos propositos da Republica, nem do brio do seu exercito, e que, apoz estes dezoito mezes d'uma situação que nos pesa precisamente porque não combatemos, a Inglaterra sabe que logo que appellar para o esforço dos nossos soldados, os nossos soldados caminharão enthusiasticamente para os campos de batalha.

Estas solemnes affirmações do grande jornal inglez hão de refrigerar certamente os corações portuguezes, ulcerados pela injustiça. Ellas já significam muito. São já uma consequencia da marcha para o esclarecimento da verdade. Mas ainda não é tudo. Havemos de demonstral-o, corrigindo as especulações que ainda possam surgir, e demonstrando que a attitude de Portugal perante a guerra se baseia em factos incontroversos que a toda a evidencia provam a sua absoluta solidariedade com a nação alliada e a causa a que ella tem ligados os seus destinos.

A' cidade antiga

visita da Academia de Estudos Livres

Proseguindo as suas visitas de estudo á cidade monumental e artistica, a Academia de Estudos Livres, guiada pelo joven architecto, sr. Edmundo Tavares, foi hoje jornadear pelas alturas da fortaleza do S. Jorge, gosando ali não só as delicias d'um dia primaveril, mas o espectaculo surprehendente dos panoramas do velho castro luzitano. Eram cerca das 14 horas e meia quando se deu começo á visita, tendo-se congregado á porta do historico castello umas dezenas de curiosos, attrahidos pela Academia de Estudos Livres largamente representada.

A visita começou pela esplanada, actualmente logradoiro da officialidade do 16 ali aquartellado e donde se descortina um dos mais bellos aspectos citadinos, com o vastissimo horisonte a perder-se de vista. D'aquella praça d'armas, com um panorama inolvidavel voou, como o attesta uma lapide recente, aquelle nosso glorioso padre Bartholomeu de Gusmão, dando inicio, com a sua audiciosa tentativa, á sciencia aeronautica. D'esse recinto, os visitantes passaram ás antigas muralhas da cidade, observando os panoramas, que vão até ás serras distintes do Monsanto e Cintra, e debatendo-se junto da potorna que immortilisou o gesto heroico de Martim Moniz, sacrificando-se na tomada de Lisboa, para facilitar o accesso dos seus companheiros á fortaleza.

Do Castello de S. Jorge, os visitantes seguiram para o pateo de D. Fradique e por ultimo a excursão destroçou em frente da fachada da egreja do Menino-Deus, depois do sr. Eduardo Tavares ter dado as explicações e esclarecimentos sobre o seu interesse artistico e valor architectonico.

O 1.º tenente Corte-Real

da armada britannica encontra-se em Lisboa, onde vem tratar-se de ferimentos recebidos em campanha

A proposito de uma noticia publicada hoje no «Seculo», na sua correspondencia do Porto, ácerca de um pretendido official inglez que ali esteve ha tempos, procurou-nos hoje o sr. Antonio de Albuquerque Côrte Real, primeiro tenente commandante da marinha de reserva britannica, para nos expressar a sua inteira e absoluta estranheza perante o alludido facto.

O sr. Côrte Real, que ha dezoito annos não visitava este paiz, fez no estrangeiro o curso de engenheiro electricista, e naturalisando-se inglez entrou ali na escala da officialidade da reserva naval. No principio da guerra foi chamado ao serviço activo, tendo tomado parte na defeza de Anvers, na tentativa de forçamento dos Dardanellos pela marinha anglo-franceza onde foi ferido, e na batalha das Malvinas. Recentemente fôra-lhe confiado o commando do transporte «S. Matheus», que ha pouco veiu da America do Sul. Por essa occasião até, o 1.º tenente Côrte Real, a pedido da embaixada portugueza no Rio, repatriou alguns subditos portuguezes que, sem recursos, se encontravam no Brazil.

Tendo regressado ha dias de Bordeus, onde fôra conduzir o seu navio, o illustre official obteve uma licença para se tratar em Lisboa, onde vive sua familia. Vae soffrer uma ligeira operação, e proceder á extracção de uma bala que o feriu no Oriente.

O sr. Antonio de Albuquerque Côrte Real nada tem de commum com o individuo que, abusando do seu nome, appareceu no Porto intitulando-se official da armada ingleza. Ha longos annos mesmo que não visita o Porto. Fica assim desfeito qualquer equivoco que porventura a alludida noticia tivesse provocado.

A questão do papel

Um assumpto grave—A representação do "Seculo,,—Pede-se a isenção de direitos

O «Seculo» insere hoje uma representação dirigida ao governo sobre a crise gravissima que a industria jornalistica em Portugal está atravessando principalmente por causa da carestia do papel.

Ha em Lisboa e Porto dezoito diarios, dez dos quaes já se manifestaram ácerca da situação que se pode dizer a mais angustiosa que a imprensa tem atravessado. São elles: o «Primeiro de Janeiro» e o «Jornal de Noticias» no Porto; o «Diario de Noticias», o «Seculo», o «Mundo», o «Dia», o «Povo», a «Vanguarda», o «Paiz» e a «Nação», em Lisboa.

Alguns dos jornaes que se teem pronunciado a respeito da crise que assoberba a industria da imprensa, em virtude dos exaggerados preços das materias primas e especialmente do papel, alvitraram o augmento de preço de venda, como attenuante indispensavel e urgente; o «Seculo», na representação a que alludimos, defende a idéa da importação do papel isento de direitos.

Ninguem ignora que, por justos motivos, o «Seculo» occupa na imprensa portugueza um logar de excepção. A sua popularidade tem as mais profundas raizes em todo o paiz; a sua penetração attingiu, de ha muito, o maximo; é uma solida empreza a que o traz a lume com tamanho brilho e com incontestavel apreço por parte do publico leitor. Semelhantes factos dão uma singular auctoridade ás suas opiniões, aos seus juizos, ás suas reclamações a proposito da crise actual. Diz o «Seculo» que fechará as suas portas assim que o papel attinja o espantoso preço de 15,6 centavos ou como se dissessemos 156 réis em kilo. E, fechando as suas portas, ficariam luctando com as tristissimas consequencias da falta de trabalho duas mil e quinhentas pessoas!

As difficuldades insuperaveis apontadas pelo «Seculo», desde que a situação se não modifique, são perfeitamente exactas. Pois bem: se o «Seculo» considera insustentavel, impossivel, a sua publicação, logo que o preço do papel attinja 156 réis e ninguem se atreverá a pôr em duvida essa impossibilidade, calcule o publico os enormes sacrificios que a presente crise está impondo a outros jornaes que já pagam o papel ao preço de 15 centavos ou sejam 150 réis!

E a ameaça do augmento de preço mantem-se, tendo este crescido de mez para mez, de modo que semelhante falta de estabilidade impede todas as previsões e justifica todos os receios... A escassez do producto, que não chega para o consumo, contribue para a incrivel especulação a que é necessario pôr cobro quanto antes, adoptando as energicas providencias que ella exige, por interesse da industria jornalistica e tambem do publico, visto que ninguem ousará contestar que o jornal é hoje um artigo de primeira necessidade.

O governo vae decerto occupar-se da representação do «Seculo» sem demora e estudar com sollicitude as suas reclamações que são de todo o ponto justas. Esta melindrosa situação é que não pode prolongar-se, sob pena de tristes resultados que avolumarão pavorosamente a crise geral provocada pela guerra europeia.

Allô... Allô...

A palavra sem fios

Logo que termine a guerra, será inaugurado o serviço de radio-telephonia entre a Europa e a America

A telephonia sem fio tem feito progressos extraordinarios. Pela primeira vez, a 29 de setembro ultimo, poude transmittir-se a palavra humana por meio das ondas hertzianas de Arlington a S. Francisco, isto é, d'um extremo ao outro dos Estados Unidos. As primeiras experiencias, realisadas por Fossenden, tinham dado á transmissão um alcance maximo de 20 kilometros; pouco a pouco, porém, o invento aperfeiçoou-se, elevando-se o alcance até 650 kilometros. Os engenheiros da «American Telephone and Telegraph Company», modificando convenientemente os instrumentos capazes de modular as grandes potencias necessarias á telephonia sem fio, attingiam um alcance de 1.600 kilometros, de Montank-Point á ilha de Saint-Simon.

Installando-se então na grande estação de Arlington, conseguiram falar com Darien, no isthmo de Panamá, a 3.400 kilometros. A 29 de setembro, finalmente, a voz humana foi transmittida de Arlington a Mare Island, perto de S. Francisco e a San-Diego, na California: a 4.000 e a 3.700 kilometros. A conversação effectuou-se sem difficuldade: os dois interlocutores ouviam-se perfeitamente.

Deve notar-se que o alcance foi ainda maior, porque se chegou a ouvir em Honolulu, a 7.850 kilometros de Arlington. A voz era comtudo muito mais fraca, e a conversação interrompida por phenomenos de interferencia. A Companhia Americana reserva um segredo absoluto sobre os apparelhos que lhe permittiram obter tão excellentes resultados. Affirmam tambem os seus engenheiros que, apenas termine a guerra, se poderá falar commercialmente entre a Europa e os Estados Unidos.

Em novembro ultimo foi tambem possivel trocarem-se algumas palavras, por meio das ondas hertzianas entre a Torre Eiffel e Nova York.

Um "Livro branco,,

Uma proposta embaraçosa para a Allemanha

Paris, 6 de janeiro

Em abril do anno findo, um cruzador auxiliar inglez, o *Baralong*, metteu a pique um submarino allemão na costa da Irlanda. O sr. Bethmann-Holweg denunciou «esse crime» no ultimo discurso que pronunciou no reichstag e accusou a Gran-Bretanha de ter, n'essa occasião, transgredido as regras d'uma guerra civilisada.

A audacia era grande da parte do representante d'um governo que fez da violação de todas as leis humanitarias a regra do seu procedimento na actual conflagração. Nem por isso o Foreign Office se julgou dispensado de responder a um memorandum que a Allemanha dirigira aos neutros com um *Livro branco* que acaba de ser publicado em Londres e que contem a refutação de sir Edward Grey.

O secretario d'Estado do Foreign Office acceita em principio o inquerito reclamado pela Allemanha, mas restringil-o ao caso do *Baralong* seria o cumulo do absurdo. Recorda que precisamente no periodo em que o *Baralong* mettia a pique um submarino allemão e salvava o *Trycolian* ameaçado pelo pirata, os allemães torpedeavam e mettiam a pique o *Arabic*, sem aviso previo e matando 74 não combatentes; que um contra-torpedeiro allemão canhoneava, em aguas dinamarquezas, um submarino inglez que encalhára e se não podia defender, despejando obuzes sobre os marinheiros que tentavam alcançar a terra; que outro submarino mettia a pique o navio mercante *Ruxel*, tambem sem aviso, e canhoneava a tripulação que se havia refugiado nas embarcações de bordo lançadas ao mar.

Como estes trez factos se passaram no periodo de quarenta e oito horas que se seguiram ou precederam ao caso do *Baralong*, sir Edward Grey entende que os quatro casos podem ser sumettidos a um tribunal d'inquerito, composto, por exemplo, de officiaes da marinha dos Estados Unidos.

VIDA DE LISBOA

O novo Republica

Recordando uma catastrophe—O theatro renascido—Fórma antiga e novos detalhes—Um prodigioso esforço de vontade ajudado por habilissimas collaborações

Vou ter dentro de alguns dias uma grande satisfação: a de ver dois bons amigos felizes. Todos os que tiveram de chofre a noticia de que um ente muito querido estava prestes a desapparecer e viveram durante longos mezes n'uma expectativa cruel para afinal um bello dia respirarem libertos d'essa longa amargura, comprehenderão a alegria de S. Luiz Braga e Antonio Ramos vendo ultimarem-se os preparativos para a reabertura do Republica.

Reporto-me em espirito áquella manhã em que, na cama ainda, me vieram dizer que estava ardendo o Republica. A impressão em Lisboa era profunda. Pouca gente haveria na capital que não tivesse ligada áquellas paredes alguma recordação pessoal. Toda Lisboa tinha vivido ali dentro horas de commoção artistica e todos ali tinham sentido vibrar o coração. Era um recinto sympathico e acolhedor da nossa cidade. Tinha tradicções, posto fosse uma construcção de pouco mais de vinte annos, e seus foraes de nobreza: as lapides, que no salão attestavam a passagem das maiores summidades da arte dramatica contemporanea. Era a casa dos maiores artistas portuguezes d'esta epocha e havia sombras de mortos illustres pairando na atmosphera dos corredores e quasi surgindo sobre o tablado. O incendio era uma grande catastrophe. Para mim, o Republica era a casa hospitaleira que me acolheu no alvorecer da minha vida de auctor dramatico, era a casa amiga onde sempre encontrára dois corações solicitos e sempre me sentira bem entre o espirito de S. Luiz Braga e a bonhomia de Antonio Ramos. Foi para elles que se voltou toda a minha affectividade em face da desgraça que os feria e, mal que pude, fui bater á porta do primeiro. A casa, como a de Socrates, estava cheia de amigos. S. Luiz Braga, quando voltar definitivamente á serenidade, dentro dos muros do novo Republica, ha de recordar com desvanecido orgulho, a onda de amizade e de sympathia, que para elle cresceu n'esse dia tormentoso. N'esse dia elle sentiu que não é em vão que, durante annos, se derramam primores de coração e delicadezas de espirito, se cultivam amizades, por muito insignificantes que sejam nos serviços a prestar, com tão naturaes e expontaneos disvelos. Nenhuma d'ellas, creio eu, faltou ao seu dever n'essa tarde dolorosa em que as lagrimas cahiam em fio pelo rosto do nosso pobre Visconde.

* * *

As almas da sua tempera não se deixam anniquilar de um só golpe. Semanas depois, S. Luiz Braga começava a responder á estupida aggressão do destino. A companhia dos seus queridos artistas tinha um outro theatro, o repertorio necessario recompunha-se, collaborações valiosas refaziam grande parte do destruido e a epocha de S. Carlos começava com o auxilio firme de um publico grato.

Muitos detalhes interessantes haveria que contar que não cabem dentro dos limites de um artigo rabiscado á pressa. Emquanto ia decorrendo a epocha, em S. Carlos, entabolavam-se as negociações para a construcção do Republica. Um novo contracto relativamente ao terreno se fazia, desmentindo atoardas de tolos alviçareiros e, apesar das difficuldades do momento, luctando com a carestia e a escassez das materias primas, Antonio Ramos deitava hombros á pesadissima tarefa. A 20 de março de 1915 sahia a primeira carroça de entulho do theatro em ruinas. Dez mezes depois o theatro novo surge, faiscante de doirados, exactamente egual na linha da sua sala ao seu antecessor e melhorado em tudo quanto as circumstancias permittiam.

Um architecto novo e de talento, Tertuliano Marques, amigo certo dos meus tempos de estudante, reconstituiu as plantas anteriores e estudou os melhoramentos a introduzir. Mesquita e Tojal, dois constructores emeritos e conhecidos, lançaram mão dos trabalhos de cimento armado e complementares. Um artista hespanhol, professor illustrado da capital visinha, D. Manoel Marin, traçou e executou a decoração artistica. Muito trabalho e muito dinheiro atirado a mãos largas, fizeram resurgir das suas cinzas aquelle Republica, que nós amamos tanto. Um respeito muito louvavel pela obra anterior, que era um dos encantos de Lisboa, fez com que o espectador, que dentro de oito dias, voltar a pizar aquelles locaes tenha a impressão de que o theatro esteve fechado para reparações e reabre tal qual era na sua estructura antiga e apenas modificado na sua decoração e n'alguns detalhes.

* * *

A forma da sala é absolutamente a mesma. Desappareceram, no entanto, as columnas que sustentavam, na altura das frisas, o pavimento da primeira ordem. O cimento armado permittiu dar uma elegancia ao pavimento do balcão debruçando-se absolutamente solto sobre a plateia. Outro melhoramento consideravel e de absoluta novidade é o da plateia girante. Quando seja necessario e em menos de dez minutos, a plateia, girando sobre dois eixos, sumirá n'um subterraneo a sua face carregada de cadeiras para nos apresentar a outra, assolhada á ingleza, explendido e magnifico salão de baile ou de banquete. Afóra a decoração, cuja critica pertence aos «entendidos», mas que deve causar ao grande publico a excellente impressão que tem feito a quantos a teem visto, pela riqueza do seu colorido, pela elegancia de composição e principalmente pela harmonia do conjuncto, na sala não encontraremos sensivel differença. O salão da primeira ordem, todo decorado de novo pelo pintor da sala, tem sobre o antecedente a vantagem da maior amplidão e a novidade de dar á segunda ordem dos camarotes uma respiração maior pela varanda que sobre elle se abre. Na ala direita do theatro abriram-se nos dois pavimentos superiores galerias envidraçadas sobre a rua, que alargam os corredores e ventilam a sala em largas proporções.

No palco, as modificações são completas. Os camarins ficam absolutamente isolados do tablado por um paredão de tijollo e cimento armado onde só se abrirão tres portas: a do «oblequette» do Visconde, que continuará a ser o ponto de reunião dos seus amigos, a do escriptorio de Alfredo Santos e a de communicação para as quatro ordens sobrepostas de camarins onde se alojarão os artistas da companhia. A construcção do palco, dos seus trez pavimentos, das suas varandas, da sua teia unica em Portugal e talvez na peninsula, deve-se ao mestre Laurentino Mendes, um bello rapaz, cheio de engenho e habil conhecedor do seu officio. No nivel do largo do Picadeiro, ha uma officina occupando toda a extensão do palco com uma porta para o subterraneo inferior da plateia onde estão installados os mechanismos da plateia girante. Sobre essa officina ha o primeiro «dessous» disposto de forma a permittir as maiores complicações de montagem scenica. Por cima, finalmente, o palco extensissimo, provido de panno de ferro, de um orgão electrico susceptivel de todas as ap-

---

Folhetim d'A CAPITAL — 9-1-1916

Nos ares

Uma das coisas mais tristes que a guerra actual tem produzido para o coração dos idealistas, é a de ter levado as suas convulsões ao proprio céu, acabando, de facto, com a liberdade illimitada dos espaços, recortando no firmamento linhas de fronteiras ainda mais convencionaes do que as da terra, e não pregando postes no azul, não hasteando ali bandeiras simplesmente pela impossibilidade de realisar essa estravagante ambição politica.

Quando, ha dez ou doze annos, os progressos da aviação começaram a manifestar-se, acreditou-se que emfim seria dado ao homem eximir-se ás contingencias duras da sua sorte sobre a terra. Transformado em ave, o homem conquistaria pacificamente os espaços e para o formigueiro que na superficie do globo o seu olhar mal avistava só poderia ter um sentimento de dolorida piedade.

Nem fortalezas, nem postos de alfandega, nem campos entrincheirados, baluartes, obstaculos de nenhuma especie poderiam deter a sua marcha aventurosa, entregue ao prazer sublime de contemplar todas as graças da natureza. Esqueceriam as rivalidades das raças, o proprio choque das ideias se attenuaria, abrir-se-hia um parenthesis de paz abençoada na tremenda lucta que desde os seculos mais remotos divide desapiedadamente os seres humanos. Seria a posse, por uma humanidade purificada de más paixões, d'aquillo que de mais doce e lindo ha no universo—o infinito campo dos ares, que um docel estrellado cobre e onde se côa, em transparentes raios, toda a luz candida e revigorante do sol—amigo dos deuses e dos poetas.

* * *

O aeroplanos, essas machinas maravilhosas que realisaram o sonho de Icaro, vistos de perto serão desgraciosos, mas contemplados na altura dão bem a impressão das aves, na encantadora marcha do seu vôo. Em baixo parecem enormes, dir-se-hia que a sua extensão não tem razão de ser. Mas, sulcando o firmamento, a illusão é completa. São borboletas visiveis a uma enorme distancia, mas verdadeiras borboletas que parecem pairar no céu em busca de um jardim onde vão pousar, confundindo as suas azas d'ouro com as petalas variegadas das flores.

Quando um enxame d'essas borboletas sulcasse em todas as direcções a insensibilidade azul, a illusão seria completa. Todos o pensavamos, acreditando que a terra se tornaria mais formosa para merecer o olhar das aves humanas. Toda ella deveria ser um jardim para que se completasse o quadro arrebatador, brotando, das entranhas do solo, rosas e lyrios, emquanto lá em cima, as glorias supremas do espirito humano encontrassem a sua definitiva apotheose na serenidade, na paz, e na luz da amplidão celeste.

O mais interessante é que após os primeiros vôos de aeroplanos, o mundo inteiro se familiarisou com os prodigios d'esse admiravel invento, destinado a marcar uma das conquistas mais assombrosas da humanidade.

Não havia espanto no olhar do transeunte, que ia palmilhando as pedras da rua, porventura affigurando-se um verme rastejante ao aviador suspenso entre a terra e o ceu. Não havia espanto; havia regosijo, encanto e orgulho. O homem contemplava a mais magnanima affirmação da sua força. Reconhecia n'aquella obra potente uma parcella do seu esforço secular. Via n'ella uma obra collectiva da humanidade. Porque a navegação aerea fez-se de sciencia, mas inspirou-se principalmente no sonho. Era a aspiração latente do genero humano. Os poetas cantaram-a. Quando rompiam o espaço com o vôo da imaginação inquieta iam abrindo o caminho das realisações futuras. Tanto se procurára levantar o homem acima das mesquinhas paixões da torre que ello acabára por voar, como as pombas e como as aguias!

* * *

A creação do Olympo é um phenomeno d'essa natureza como a Torre de Babel o foi tambem. A poesia das raças creou essa montanha e essa torre com os blocos das lendas. Sempre a ideia de subir, sempre a ideia da elevação acima dos charcos ou dos areaes. Os deuses só se sentiam na posse da sua alegria heroica na montanha de sonho, d'onde partiam os carros doirados de Apollo. Os homens construiam a sua torre sombria e forte, que já se perdia nas nuvens, e não entendiam a sua linguagem, como se, á medida que a torre formidavel mais se elevava no Infinito, mais se diluissem as separações convencionaes que a espada estabelece e a lingua assignala.

Não havia senão os homens na grande torre, como não havia senão os deuses na montanha sublime. A terra tem divisões que a cortam. Os mares separam os continentes, e, dentro d'estes, aqui um rio, além um monte, transformam os aspectos e permittem os imperios. O ceu é o mesmo em toda a parte, o vento é em toda a parte o vento, a luz é em toda a parte a luz, e não são bandeiras de varias côres mas nuvens azuas, brancas ou vermelhas que tão depressa fluctuam como um sonho ou, á maneira d'um sonho, se esvaem...

* * *

E que maior thema para a Poesia, que é a ligação da consciencia do homem com as illimitações do infinito! A poesia tem gradualmente evoluido. Hoje custa-lhe a reconhecer o berço fabuloso em que nasceu. Vão bem longe as eras ingenuas do bucolismo pastoril, as densas florestas mythologicas em que se embrenhava a imaginação dos bardos da mysteriosa India e da divina Hellade. Os grandes deuses morreram, e com elles desappareceu o seu povo de nymphas, satyros e sereias. Já o alto Olympo não merece um canto. Os louvores de Apollo gelaram-se nas cordas despedaçadas da lyra de Orpheu.

Tambem as lendas da Cavallaria medieval foram definitivamente varridas pelo rijo sopro dos tempos. Onde está o Carlos Magno da *barba florida*, e os seus invenciveis pares de França? Onde estão as fadas, onde estão os magicos, onde estão as mouras encantadas cuja voz dolente se escutava no murmurio das fontes e nos gemidos do arvoredo? Tudo se foi, tudo desappareceu. O poeta moderno, a não ser que se precipite nos dominios da excentricidade já não aproveita esses antigos themas de grandes cantos senão como imagens formosas que a linha, o rythmo ou a côr lhe recommendam, e que antigamente tinham alma, mas de que hoje só se aproveita a fórma, exteriorisada nos seus diversos aspectos.

Nenhuma inspiração poderia ser mais sagrada do que a da conquista pacifica dos espaços resplandecentes. Ha uma influencia lenta do progresso scientifico sobre a poesia, cuja phantasia melindrosa não abdica, todavia, dos fôros da mais rasgada independencia. E' um erro querer disciplinal a para o serviço d'essa emancipadora sciencia. Torna-se secca, arida, esteril. Deixa de ser poesia. Mas tambem se illude se pensa eximir-se ao influxo das verdades reconhecidas. O poeta é um homem do seu tempo, e como tal sente a impossibilidade de pensar como um homem de ha cem, duzentos ou mil annos.

* * *

Da terra inteira, conquistada pela diligente actividade humana, pela crescente fraternidade dos homens, passou o genio do eterno Prometheu a reclamar a posse dos mares. O lento ser humano conseguiu transportar-se na terra com velocidade superior á do corcel mais agil. Não ha peixe que vença na carreira aquatica a marcha dos seus navios. Restavam as amplidões do ar, onde a ave cruza o espaço com maior rapidez do que a da setta. O homem quiz ser tambem o transeunte do ar, como era o caminhante terrestre e o viajante maritimo. Adivinhava n'essa conquista a méta gloriosa do seu esforço. Alcançada ella a sua communhão com a natureza seria absoluta. Nada lhe seria vedado. De filho das pedras e das raizes, de irmão das hervas e dos reptis, chegaria a ser o camarada das aguias.

Para isso era preciso que o azul fosse uma immensidade livre. Mas não o é. Já se recortam fronteiras no espaço. Já monstruosos canhões alvejam as aves humanas que, por sua vez, em logar de enebriarem o olhar no infinito radioso, despejam a morte sobre o formigueiro dos seus semelhantes. A guerra deshonrou os ares. A tyrannia dos ambiciosos não permitte a liberdade nem ao ceu. Ha já limites no illimitado. Já ha um direito aereo, que o mesmo é dizer uma oppressão aerea. Já é preciso licença para passar alem d'uma nuvem. Já é inimigo quem transpõe o alto pincaro d'um monte,—e como inimigo procede. Pode já dizer-se que em toda a natureza, á superficie da terra, no abysmo dos mares, nas amplidões celestes, não ha um recanto onde a paz absoluta possa considerar-se inviolavelmente garantida. E' o maior dos absurdos convertido na mais impia das realidades. E a lyra cae das mãos dos poetas, os philosophos desviam os olhos do espectaculo sacrilego, uma nuvem parece turvar definitivamente a consciencia humana, e uma gargalhada, ironica como a de Mephistopheles, parece querer lembrar ao espirito puro toda a chimera dos seus sonhos e toda a incerteza dos seus destinos.

Mayer Garção

BANCO LISBOA & AÇORES

O CREDITO HYPOTHECARIO

aberto por este estabelecimento faculta capitaes aos proprietarios com a maxima rapidez e o minimo de encargos

Havia muito que em Portugal se sentia a falta de estabelecimentos de credito hypothecario que realisassem as suas transacções a dinheiro de contado e com a rapidez com que se transaccionam sobre papeis de credito. Essa falta obrigava muitos proprietarios que queriam fugir ás delongas obrigatorias do unico banco hypothecario que tinhamos, a entregarem-se aos ataques da usura, a qual, frequentemente, abusando da necessidade momentanea dos proprietarios lhes impunha por vezes contractos a tal ponto leoninos que importavam a perda certa da propriedade dentro de poucos annos.

O Banco Lisboa & Açores vendo nas transacções sobre hypothecas uma collocação vantajosa para os seus capitaes, e simultaneamente provendo que por essa forma fomentaria o desenvolvimento de construcções urbanas, resolveu abrir um serviço de credito hypothecario, salvando assim o proprietario que de momento precise realisar capitaes das mãos avidas da usura.

Por ser assumpto que a muitos importa e por isso reveste um aspecto d'interesse geral, procuramos obter n'aquelle banco informações minuciosas que nos habilitassem a esclarecer o publico.

—Com effeito, disse-nos um dos directores a quem nos dirigimos, sentia-se a falta de uma entidade que facilitasse aos proprietarios os capitaes de que accidentalmente podessem carecer, evitando-lhes ao mesmo tempo as complicadas e fastidiosas demoras burocraticas de alguns prestamistas e a especulação ultra-gananciosa de maior numero d'aquellas a que eram obrigados a recorrer.

Quanto ás vantagens que o banco offerece ao publico com estas transacções far-se-ha uma ideia da sua importancia sabendo-se que nenhum outro encargo pesa sobre o proprietario além do juro, e que para tirar a estas transacções todo o cunho burocratico e dar-lhes uma fórma commercial realisando-as com a maior brevidade, estabelecemos que, apenas seja recebida a proposta para o emprestimo,—sem necessidade de ser acompanhada por qualquer documento—se proceda immediatamente á avaliação, e assim, 48 horas depois, recebe o proponente a nota da importancia fixada pelo banco para o emprestimo.

—Mas assim a realisação do capital empregado em propriedades torna-se tão facil como se estivesse empregado em papeis de credito...

—Com certeza, e foi essa a nossa ideia. Diz-se que, ultimamente, diminuira sensivelmente a procura de propriedades, e tivemos occasião de observar que uma das causas d'essa diminuição era a impressão que tinha o capitalista que empregava o seu dinheiro em propriedades de ficar impossibilitado d'entrar d'um momento para o outro em qualquer negocio que se lhe apresentasse, e isto por causa da difficuldade com que lutava para de prompto levantar dinheiro em condições favoraveis. Agora essa preoccupação deixa de ter razão de ser.

Mas uma outra vantagem, e importante, ha ainda a notar; nos emprestimos hypothecarios realisados por este banco, toda a vez que os mutuarios queiram pagar os debitos antes do seu vencimento podem fazel-o sem por isso terem que pagar qualquer multa como impõem muitos contractos d'esta natureza.

Outra vantagem concede ainda o banco aos mutuarios: fazerem os emprestimos pelo praso que desejarem, o pagarem quando melhor lhes aprouver sem por isso ficarem onerados com qualquer novo encargo.

—Com essas facilidades para emprestimos sobre propriedades devem desenvolver-se extraordinariamente as construcções urbanas, o que virá attenuar em grande parte a falta de habitações que se nota na cidade...

—Assim o julgamos, parecendo-nos que os proprietarios de predios de um ou dois andares poderão com vantagem augmentar o numero d'estes pela facilidade com que se lhes offerecem os capitaes para essas obras, alcançando assim uma melhoria nos seus rendimentos.

Em conclusão: o Banco Lisboa & Açores desenvolvendo largamente este ramo de negocio, que iniciara ha um anno, presta um bello serviço ao publico, proporcionando-lhe facilidade e rapidez nas transacções, reducção dos encargos ao minimo e fazendo desapparecer o receio de augmento de onus pela renovação dos contractos, ou de qualquer penalidade no caso de pagamento antecipado.

E bem andou a direcção do Banco Lisboa & Açores adoptando uma tão habil orientação de que o publico só tem vantagens a colher.

plicações ainda as mais minuciosas, e de um tablado disposto para facilitar tudo quanto as exigencias da enscenação requisitem á montagem dos carpinteiros. O palco do novo Republica honra o mestre que o delineou, um rapaz modesto e cheio de actividade, figura de destaque dentro da sua classe.

A montagem da plateia girante, imaginada por um habilissimo collaborador da casa Dargent, as novas caixas harmonicas dispostas para dar aos concertos uma acustica superior já verificada em experiencias, a installação electrica dirigida pelo engenheiro Castello Branco, serão devidamente apreciadas tambem. O trabalho de cimento armado satisfará os mais exigentes. E' a obra mais completa que no genero se tem effectuado em Portugal. A actividade demonstrada pelo constructor Tojal, collaborando intimamente n'um trabalho que dará honra ao novel talento de Tertuliano Marques, é deveras para apreciar nos momentos difficeis que vae atravessando a construcção civil pelos immensos attrictos que a cada passo se levantam. Tendo acompanhado desde o primeiro dia a recontrucção do Republica, tive ensejo de avaliar o esforço produzido e quanto elle deve á direcção superior de Antonio Ramos, que lhe tem dedicado todo o seu espirito e todo o seu coração.

Dentro de alguns dias elle poderá dizer triumphantemente ao Braga, ao entregar-lhe o theatro:

—Ahi o tens. Agora tu...

E, para esse momento, já de ha muito se vem preparando o nosso Visconde, estabelecendo o seu repertorio, talhando as suas destribuições de modo a valorisar e satisfazer os seus autores e actores, marcando temporadas estrangeiras, apesar dos embaraços da guerra, organisando com Pedro Blanch os seus admiraveis concertos, voltando finalmente á sua vida antiga. Não tardará que o vejamos installado na poltrona do seu «obliquette», enchendo da cinza dos seus interminaveis charutos a ramagem dos seus collets e as dobras da sua «Lavallière, sempre ladino e arguto, alimentando as conversações com as mil facetas curiosas do seu espirito e illuminando o ambiente com a clara scintillação da sua bondade quasi ingenua, da sua ternura quasi feminina.

A reconstituição do theatro mais elegante de Lisboa no curto espaço de dez mezes constitue um verdadeiro prodigio. Concluida que ella seja—é uma questão de horas por assim dizer—Lisboa voltará a encontrar alguma cousa que lhe faltava e eu terei a ventura de vêr dois bons amigos felizes.

Exposição bibliographica

Na Academia das Sciencias de Lisboa realisa-se depois d'ámanhã, ás 16 horas, a inauguração da exposição bibliographica dos trabalhos academicos publicados desde 1779 até á actualidade.

Movimento maritimo

R. J., «Am. V. de Joyeuses» (do Hav.)..	10
Pern., R. J., etc., «Tubantia» (de Am.)	10
S. Thomé, «Angola».	11
Liverpool «Domine» (do Brazil)	11

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Frei Luiz de Sousa—O primeiro beijo.
TRINDADE — A's 21—O rei damnado.
POLYTEAMA — A's 21—O caldo entornado.
GYMNASIO—A's 21—O primo Bazilio.
EDEN —A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—A viagem de Suzette.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 — Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A espiga (Revista).
MODERNO —A's 20,30 e 22,30 —Sempre ás ordens (Revista).
PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—O palhaço.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Recita de moda—Favorita.

Agenda da semana

TERÇA-FEIRA—Apollo— Reapparição do actor Joaquim Costa na revista *De capote e lenço.*

QUARTA-FEIRA — Politeama —*Reprise* da comedia em trez actos *O sr. juiz.*

Ao correr da pena

Escuso de lhes contar a anecdota d'aquelle alfayate que pôz na taboleta: «O primeiro alfayate de Paris», do outro que se estabeleceu defronte e inscreveu na fachada «O primeiro alfayate do mundo» e finalmente do terceiro que se limitou a pôr «O primeiro alfayate d'esta rua». V. ex.as já conhecem a pilhéria. Não vale, pois, a pena repetil-a. Hontem lembrei-me d'ella ao mirar os cartazes dos nossos theatros. Um que goza da fama solidamente estabelecida de estar sempre ás moscas punha em lettras gordas: «Enchentes consecutivas». Outro, que arrasta uma peça, cahida, annunciava, «Exito sem precedentes». Todos os restantes afinavam pelo mesmo diapasão. Ainda não appareceu o que se affirme «O melhor espectaculo d'esta cidade», mas não tardará muito, segundo creio. Já temos visto «A melhor de todas as revistas», «O mais legitimo successo de gargalhada dos ultimos tempos», etc.

Ora digam-me lá, meus ricos bemfeitores, quem pretendem v. ex.as enganar com esses disticos desprovidos de verdade, de bom senso e de modestia. Algum saloio recemchegado? Esses bem o sabeis, deixam tudo quanto tem nas bentas unhas dos vigaristas que fazem praça nos arredores das estações. A nós, alfacinhas da gomma, que sabemos tudo e estamos ao facto dos mais intimos pormenores da vida das emprezas? Ora deixem-se d'isso! Tenham juizo. Façam cartazes simples, contando á gente de quem é a funcção e quantos n'ella se divertem, e não desçam a essas parolas de dentistas de praça.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Os principaes papeis masculinos de *A maluquinha de Arroios*, comedia de André Brun, que será representada no proximo mez no novo theatro Republica, serão desempenhados por Chaby, Ferreira da Silva e Alves. Eduardo Brazão, por gentileza para com o auctor desempenhará uma rabula pittoresca no terceiro acto da mesma peça.

—No proximo dia 17 realisa-se no Eden o festival da 200.ª representação do *Dominó*. Uma das novidades será a apresentação de conferencias humoristicas escriptas por homem de lettras e exemplificadas por artistas.

—Consta que chega muito breve a Lisboa o auctor dramatico brazileiro João Foca acompanhado do maestro Luiz Moreira e da actriz Abigail Maia.

—A companhia da Trindade já tem ensaiadas duas peças novas que farão parte do seu repertorio para o Rio de Janeiro.

—Para a *reprise* da revista *O 31* estão pintando scenario Augusto Pina e Luiz Salvador.

—Ficou montado hontem o panno de bocca do novo theatro Republica. Desmanchou-se tambem o andaime armado para conclusão do tecto.

—A *Tosca*, hoje, no Colyseu deve attrahir enorme concorrencia, pois difficilmente se encontrará um conjuncto de artistas como os que interpretam a formosa opera de Puccini. Carmen Toschi é uma *Tosca* soberba, cantando, como raras vezes temos ouvido; Mimo Zuffo é um *barão de Scarpia* como poucos tambem temos visto, dando egualmente o maior relevo á sua parte o tenor Tincani.

A'manhã, como já dissemos, canta-se a *Favorita*, em recita da moda, sendo já poucos os bilhetes que ha na casa, o que pressagia uma enchente á cunha.

—Tendo-se dado um corte de relações entre a empreza do theatro do Gymnasio e o «Jornal do Commercio», por motivo da critica á peça ali ha pouco estreada, o nosso collega Raphael Ferreira, redactor d'esse jornal, retirou d'aquelle theatro a sua comedia em 3 actos *O jogo da rosa*, que fôra acceite pela empreza para ali ser representada.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

PAGINAS DE HISTORIA

Trasladação real

O reinado de D. Manuel II por um seu partidario — Chronica e pamphleto — Uma curiosidade: A fonte historica e a composição litteraria

Rocha Martins é, entre os moços escriptores portuguezes da actualidade, não só um dos mais fecundos como tambem um dos mais brilhantes. Muito novo, quasi uma criança, dedicou-se ao romance historico de caracter popular e ajudou a enriquecer editores, continuando elle pobre. Absorveu-o depois o jornalismo litterario e politico e á defeza impetuosa, apaixonada, por vezes violenta, do regimen que baqueou em 5 de outubro de 1910 vimol-o consagrar o melhor do seu esforço, da sua intelligencia e do juvenil ardor do seu temperamento a quem a audacia e a lucta sorriem sempre.

Entrando n'um periodo de singular actividade, Rocha Martins, ao mesmo passo que annuncia uma serie de novos trabalhos de litteratura e historia, como A corôa da Iberia, O Bichinho de conta, O Imperador no exilio, *iniciou a publicação d'uma obra intitulada* D. Manuel II *(memorias para a Historia do seu reinado). Temos presente os dois primeiros fasciculos. Ao historiador — cremol-o bem!—falta a serena imparcialidade que semelhante empreza reclama, porque o politico, o pamphletario, o luctador vivem dentro d'elle. Os seus juizos hão de padecer da influencia das suas inclinações partidarias. Mas se o chronista, como historiador e como critico deve ser para nós suspeito, o litterato merece a nossa admiração.*

A titulo de curiosidade, reproduzimos a seguir uma pagina de Rocha Martins: a que se refere á trasladação dos feretros reaes na madrugada de 8 de fevereiro de 1908 dos aposentos de D. Carlos para a capella das Necessidades. A par collocamos a fonte historica de que, evidentemente, se serviu o chronista. Fomos nós o reporter—o unico reporter, se não estamos em erro—que testemunhou esse acto funebre e o descreveu nas columnas do Seculo *d'essa manhã, com absoluta fidelidade. Um pormenor omittimos então e é o seguinte: emquanto quasi todos os altos dignitarios, cautelosos, procuravam resguardar-se do ar gelado da noite, havendo até quem desdobrasse sobre a cabeça um lenço de assoar, alguem atravessou todo o percurso de fronte erguida, calva reluzente á mostra, n'uma attitude firme e grave: o infante D. Affonso.*—**A. de A.**

....

...Soava precisamente a meia noite no relogio da torre das Necessidades quando ao alto da escadaria do palacio assomou o cortejo que conduzia D. Carlos de Bragança á capela publica. Da camara ardente passara pela sala Minerva e atravessara a sala de espera, a sala do Porteiro da canna e a sala dos Archeiros. A' frente, vinha o capellão Proença, de sobrepelliz, murça e barrete, acompanhado pelo acolyto José Guilherme com a cruz. A seguir os srs. conde de Sabugosa, mordomo-mór, e marquez do Fayal, commandante da guarda real dos archeiros. Após, o grande, pesado feretro real. Eram vinte e quatro os moços de estribeira que o conduziam á força de pulso, dirigidos pelo architecto Rozendo Carvalheira, a unica voz que se ouvia no meio d'aquelle silencio de morte. Atraz, o sr. infante D. Affonso cuja pallidez de rosto o vermelho da gola do seu capote militar mais fazia sobresahir. A seu lado, o vice-almirante Hermenegildo Capelo transportava o capacete emplumado de branco e a espada do generalissimo... A conducção, em virtude do peso e da enormidade da urna, era difficil, mas os descanços foram rapidos e poucos.

No acompanhamento, pouco numeroso, naturalmente, em tão intima cerimonia, além dos membros do alto pessoal palatino, que mencionámos antes, iam entre outros, os srs. marquezes de Alvito e de Pombal, condes de Tarouca, de Arnoso e de Figueiró, visconde de Asseca, D. Vasco Cabral da Camara, D. Thomaz de Mello Breyner, D. Antonio Paraty, Antonio Weddington, Jorge O'Neill, José Lobo, Alfredo de Albuquerque, etc., e ainda membros do pessoal menor e alguns dos mais humildes creados. O prestito atravessou o pateo do palacio, transpoz o portão e, pelo largo das Necessidades, encaminhou-se para a capella, entrando pela porta principal, de onde pendem sanefas negras. As tropas de infantaria do exercito e da municipal, que fazem a guarda de honra e a guarda extraordinaria do paço, e cujas espingardas, pouco antes, estavam ensarilhadas ao longo dos passeios, formaram e apresentaram armas. Por detraz das gelosias das janellas illuminadas surgiam vultos, espreitando o desfilar do funebre cortejo que, volvidos dez minutos, penetrava no templo, de alto a baixo vestido de pannos de luto e onde ardiam, nos tocheiros, os brandões de cera.

A escolta de oito archeiros que fechava o prestito regressou ao palacio, como quasi todos os que tinham acompanhado o feretro real logo que este foi collocado na tarima inclinada. Os que ainda não tinham contemplado o rei no seu somno de morte subiram então os degraus do catafalco para o verem. D. Carlos I não está desfigurado. Cruza-lhe o peito a banda das tres Ordens e nas suas mãos enluvadas de branco reluzem as contas negras d'um rosario...

A' meia noite e meia hora, o segundo cortejo transpunha a porta envidraçada do vestibulo do palacio. Menos pesado, o feretro do desditoso principe foi mais facilmente conduzido. O mesmo acompanhamento da primeira trasladação, accrescido talvez de algumas pessoas que haviam servido o herdeiro da corôa e entre ellas a dolorosa figura da que fôra sua aia, a sr.ª D. Isabel de Saldanha da Gama (Ponte), de mantilha preta e com os olhos borbulhantes de lagrimas.

Tambem no prestito se encorporou, fardado, o ministro dos negocios estrangeiros sr. Wenceslau de Lima. A breve trecho, os despojos do sr. D. Luiz Filippe descançavam na segunda tarima, ao lado dos de seu pae, já a esse tempo coberto com a bandeira nacional. As tropas tinham apresentado armas; nas janellas do palacio, contiguas á capella, já não havia luz.

Coberta, por sua vez, immediatamente, a urna do principe, com outra bandeira portugueza, sem que ninguem podesse olhal-o, adiantou-se o rev. Proença, com os rev. Castro Mello e Sá. Em voz sumida mas tremula de commoção, o capellão da côrte encommendou os regios cadaveres, no meio do silencio tetrico da egreja. Estava tudo acabado. Alguns empregados entregaram-se á tarefa de dispôr as muitas corôas que já ali se encontravam no supedaneo e nos degraus da capella mór.

Das personagens palatinas, umas regressaram ao paço e outras a suas casas nos automoveis e trens cujos cocheiros haviam sido, com os soldados, as testemunhas mudos d'uma dupla trasladação realisada com a maior das simplicidades, mas que nem por isso deixou de ter aquella solemne grandeza que possue sempre um acto funebre, quer se trate d'um rei e d'um principe tragicamente mortos, quer do mais obscuro e humilde dos seus subditos...

A' uma hora da madrugada, tendo recolhido ou debandado a companhia assistencia, que o coração ou o dever ali haviam chamado, apenas se viam no largo das Necessidades as sentinellas que passeavam para não arrefecerem ao sopro fino e cortante da aragem nocturna.

As armas voltaram a estar ensarilhadas e, aconchegados sob o alpendre da egreja ou nos recantos exteriores do palacio, grupos de soldados falavam baixinho.

No Tejo, a artilharia naval continuava disparando, de quarto em quarto de hora, os tiros da ordenança, no silencio sepulcral da noite...

(*Do Seculo de 8 de fevereiro de 1908*)

....

Depois umas orações dos sacerdotes; umas reverencias. Arrastaram-se os pés, tossiu-se, procurou-se o ar, um pouco de repouso. Os operarios vinham soldar as urnas.

Dentro em instantes descia, lentamente, o cortejo para a capella e atravessava as salas. Atraz do capellão com a sua murça, do mordomo-mór, do commandante da guarda real (1) vinte e quatro moços de trajos amarellos, de calção e meia, suavam agarrados á grande urna, que mal podiam sustentar.

De quando em quando roçavam uma parede, tinham um desequilibrio nos degraus, emquanto uma só voz, a do decorador da capella, se erguia a recommendar cuidados.

Altos dignitarios, sacerdotes, militares abafavam os passos e a voz soava sempre, como n'um commando:

—Cautela... Olhem lá... Mais para o lado...

Assim chegaram ao fim da escadaria. Atraz da urna, já bem sustentada, pallido, com a gola do capote vermelho egual a uma mancha de sangue, ia o infante; depois seguiam os homens da côrte, os generaes, os criados, de luto, os archeiros com as suas alabardas tilintando, os espadins, suspensos dos talabartes, batendo nos degraus.

Tudo caminhava assim. De repente uma rajada fez vacillar as luzes. Era já na rua. Aconchegaram-se fardas, levantaram-se golas. O sino da capella bateu pausadamente a meia noite.

Houve um rumor d'armas que se apresentavam e, entre as continencias das tropas, engelhadas de frio, o cortejo foi desfilando sem que os politicos evocassem o passado. A voz do decorador alteava-se ainda:

—Esperem... Vá agora...

E ninguem, n'aquelle gelido largo, sob a lua clara, relembrava o que aquelle rei dissera:

«Como gente que se vê perdida, os meus adversarios recorreram a todas as armas, ainda ás mais infames; tudo lhes servia.

«Não se lhes dava de fazer mal ao seu paiz, desde que suppunham fazer-me mal ou ao meu governo. Não pode imaginar, querida amiga, que extraordinaria... paciencia, que firmeza, para poder resistir a estas picadas de todos os dias. Mas, como lhe disse, a primeira partida está ganha». (2)

A primeira partida está ganha!

A ultima perdera-se; e por isso elle ia ali no seu athaude, pallido, com as mãos cruzadas sobre o peito, levando o seu rosario, deixando as suas insignias reaes a outro que ha pouco o beijara; ia ali com um cortejo silencioso agora, ante a aragem que arrepiava as flammas.

Lá em cima, atravez das gelosias, lobrigavam-se vultos, espreitando.

Dignitarios, officiaes, archeiros voltavam. O rei ficava na capella.

Foram de novo ao grande quarto. Organisou-se outro cortejo. Fôra a urna do principe que se levava, mais leve, mais á vontade. De quando em quando tilintavam alabardas. Conduziam-no como um corpo de donzella sem culpas, os olhos cerrados, como se evocasse, n'um sonho, o fragor de batalhas, artilharias rolando na poeira, penachos esvoaçando ao vento, cavalgadas heroicas, aquillo que Mousinho d'Albuquerque, seu aio, cahido no desespero do suicidio, levara á sua mente. O sonho de ser um rei cavalleiro! E nem desembainhara a espada porque se amarfanhara na morte como o symbolo d'um exercito inerte.

Perdera tambem uma partida que não jogara.

Assim foi até á capella. Entre os dignitarios um homem alto aprumava-se. Era um novo ministro de seu irmão, o conselheiro Wenceslau de Lima; aos pés do catafalco uma mulher de mantilha negra soluçava. Era D. Isabel Saldanha da Gama, que o vira menino. Seguia, com outras senhoras, D. Carlota Campos, que o trouxera ao collo.

As bandeiras azues e brancas occultavam as urnas e preparava-se a debandada na noite fria.

Rodaram áreas; passaram vultos amantados em capas; as salvas eram mais retumbantes e d'ahi a pouco, diante das armas ensarilhadas, os soldados batiam os pés gelados e falavam baixinho.

Tremiam as luzes das velas na capella, mascarando de scintillações e sombras os athaudes. Lisboa adormecia n'um banho de luar.

(«D. Manuel II», de Rocha Martins, pag. 14-15).

(1) O capellão era o reverendo conego Proença; mordomo-mór o sr. conde de Sabugosa; commandante da guarda real dos archeiros o sr. marquez do Fayal.

(2) Carta de D. Carlos á duqueza d'Uzés.

Partido socialista

Homenagem a um dos seus fallecidos propagandistas

Promovida pela Confederação Socialista da Região do Sul realisou-se hoje uma manifestação funebre em homenagem a Adelino Pereira Rato, cabo fogueiro da armada e um fervoroso adepto das ideias socialistas, a quem o partido muito deve pela propaganda que fez nos Açores, principalmente no Fayal e Ponta Delgada. Pelas 14 horas, pôz-se o cortejo em marcha em direcção ao cemiterio do Alto de S. João. A' frente ia uma carreta negra, vendo-se no topo um retrato do extincto vestido de marinheiro e aos lados as faxas do partido Socialista Portuguez e d'«O Combate», orgão do partido socialista em Portugal. O Nucleo Socialista da Horta depôz uma corôa e um grupo de socialistas de Lisboa offereceu uma outra de flores artificiaes com fitas vermelhas. Seguiam-se os representantes dos centros, commissões parochiaes, confederação, federação, etc. A Federação Municipal Socialista do Porto estava representada pelo sr. Carmo Barão e o Centro Socialista Paz e Liberdade, da mesma cidade, e a «Voz do Proletario», pelo sr. Fernandes Alves. O cortejo seguiu pela rua do Bemformoso, largo do Intendente, Avenida Almirante Reis e rua Moraes Soares em direcção ao cemiterio, encaminhando-se todos para junto da campa onde repousam os restos do extincto. Ahi usaram da palavra, entre outros oradores, representantes do Conselho Central, da Confederação Socialista do Sul, da Federação Municipal Socialista de Lisboa e de cada uma das organisações açoreanas. Todos os oradores tiveram palavras de elogio para o extincto, um verdadeiro defensor do ideal socialista, um bom chefe de familia e um brioso militar. A carreta ia coberta com a bandeira do partido, sendo depostos muitos ramos de flores sobre a campa.

Salão Foz

Para a *matinée* de hoje, que começa ás 15 horas e em que as creanças, acompanhadas de pessoas de familia, teem entrada gratuita, e para a *soirée* estão organisados programmas deveras sensacionaes. Mathilde Aragon com os seus engraçados *couplets* cantados com verdadeira graça e uma lindissima voz, consegue enthusiasmar o numeroso publico d'este elegante salão, a ponto de a gentil artista ter de bisar, quasi todos os seus numeros. Sem reclame Mathilde Aragon é a melhor artista no genero que tem visitado os nossos salões.

Zoula de Boneza, a gentil bailarina polaca despede-se esta noite do publico de Lisboa. Angelina Maldonado artista bem apreciada do nosso publico completa o magnifico programma.

PEQUENAS NOTICIAS

Elisa da Conceição Simões, guarda-portão do predio sito na rua João Chrisostomo, J. F., queixou-se de que da sua residencia até á rua Conde Redondo havia perdido ou lhe roubaram a quantia de 81 escudos e dois recibos.

—Foi preso João Manoel Affonso, residente no pateo do Gama, 19, 1.º, a pedido de José Valente de Sousa Varella, com residencia em Rio Maior, que o accusa de lhe ter subtrahido um sobretudo, um par de punhos com botões de ouro, uma corrente e medalha do mesmo metal e um relogio de aço, tudo no valor de 70 escudos.

Reuniões academicas

Faculdade de medicina

Convidam-se os quintanistas de medicina a reunir amanhã, 10, pelas 13 horas, no edificio da Escola, a fim de se occuparem de assumptos importantes que dizem respeito á revista do 5.º anno.

Ultimas noticias

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 9.—Communicação official das 15 horas:

No Artois, as nossas baterias executaram durante a noite tiros efficazes sobre as trincheiras allemãs a oeste de Blairville.

Na Champagne, bombardeámos os caminhos de communicação allemães a sudoeste do nosso sector de Nesnil, onde se tinham notado movimentos de tropas allemãs.—Havas).

Seguros de Guerra

A Companhia Ultramarina, rua da Prata, 108, 1.º, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

Chalupa naufragada

OEIRAS, 9—Junto da praia d'esta villa deu á costa uma chalupa que vinha da venda de peixe em Setubal. Ao que consta, a embarcação naufragada pertence á Sociedade Industrial.

A tripulação foi salva.

Festas associativas

Na Concentração Musical

Na Concentração Musical 24 de Agosto, mais conhecida pela Banda da Republica, realisou-se hoje uma festa de homenagem á nova direcção. Estava a sessão solemne marcada para as 14 horas, mas só ás 15 horas e meia abriu, vendo-se as salas repletas de senhoras, socios e convidados. A guarda de honra era feita por um piquete de Bombeiros Voluntarios Lisbonenses. A banda executou um «passo-dobrado». Assumiu a presidencia o sr. Augusto José Vieira, secretariado pela menina Perpetua Filippe e pelo sr. Carvalho, o bombeiro mais graduado do piquete que fazia a guarda de honra. A banda executou a «Portugueza» e o hymno da Concentração que foram escutados de pé, sendo no final muito applaudida. O sr. Augusto José Vieira, depois de algumas palavras de elogio tanto á direcção transacta como á actual, diz que a festa tem ainda outro fim, o descerramento do retrato do sr. Moreira Rato, um dos socios mais prestimosos da Concentração, o que vae ser para o homenageado uma surpreza. Pede á menina Adelaide Rato para descerrar o retrato de seu pae. Uma prolongada salva de palmas cobre as ultimas palavras do orador, emquanto a banda executa a «Portugueza». Commovidamente, o sr. Moreira Rato agradece a homenagem que acaba de lhe ser prestada, declarando que não era merecedor de tal, pois não fez mais do que o seu dever. O sr. presidente convida para o substituir o sr. Guilherme Maia, que agradece, mas que diz não poder acceitar. A assembleia não acceita a escusa e o sr. Maia toma a presidencia, principiando por agradecer a honra que lhe fazem não só em seu nome, mas no dos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses de que é commandante. Lê-se o expediente que consta de cartas e officios. Seguidamente usam da palavra os srs. Julio Bertho Ferreira, Bastos Flavio, Joaquim Pedro Horta, João Machado Toledo, Borges Frazão, que lê uma poesia intitulada «Saudação», Augusto José Vieira e por ultimo o presidente encerra a sessão ao som da «Portugueza». Seguiu-se um bello concerto musical e á noite ha sarau dramatico e dançante.

No Gremio Instrucção do Povo

Para inauguração da nova séde, realisou-se hoje no Gremio Instrucção do Povo uma sessão solemne que esteve bastante concorrida. Presidiu o sr. Luiz Soares, representante da Commissão Municipal do Partido Republicano Portuguez, tendo como secretarios os srs. Joaquim Fróla e Conceição Leitão. Entre o expediente leem-se cartas do senador sr. Faustino da Fonseca e do deputado sr. Vieira Rocha, pedindo desculpa de não poderem assistir á sessão, o primeiro por motivo de doença e o segundo por se encontrar de luto por morte de sua avó. Além do presidente usaram da palavra os srs. dr. João Pedro de Sousa, Joaquim Ferreira Pinheiranda, Wenceslau Araujo, Avelino Ribeiro e outros, que se referiram á instrucção em Portugal, sendo todos muito applaudidos. A sessão terminou depois das 17 horas.

Gymnasio Club Portuguez

Com grande concorrencia realisou-se hoje a primeira «poule» de jogo de pau, ficando classificados os srs. H. Prazeres e A. Caldas, primeiros, H. Caldas e João Castellar, segundos, e Campos Junior e G. da Fonseca, terceiros. Seguiram-se assaltos de esgrima de espada e sabre, saltos em trampolim, tendo no final executado magnificos saltos em altura sem trampolim o sr. Paschoal d'Almeida campeão de Portugal, que alcançou a magnifica altura de 1m,85.

A festa terminou com um baile que decorreu animado.

MUSICA

Concerto da Orchestra Symphonica Portugueza

Terminaram hoje os concertos extraordinarios no theatro de S. Carlos, pois no proximo domingo se iniciam os de assignatura no novo theatro da Republica.

Não podia ser mais lisongeira a impressão deixada por este ultimo concerto: regente e executantes cumpriram sem desfallecimentos, e até ao publico caberiam elogios pelo calor invulgar com que acclamou Blanch e a sua orchestra, se não fora a falta de enthusiasmo com que recebeu a «7.ª Symphonia» de Beethoven e que só pode explicar-se por uma lamentavel ausencia de comprehensão. O certo é que tambem não é facil deixar de comprehender obra tão fluente, tão rica em belleza para; esta symphonia, que o proprio auctor considerava uma das suas melhores obras, é aquella em que Beethoven se apresenta mais á vontade, tal qual era na intimidade, ou, segundo a sua propria expressão, mais «desabotoado» (aufgeknöpft).

E' uma furia de rithmo e de som, ingenua e grandiosa; mais que a «apotheose da dança», como Wagner lhe chamou, ella é, como a considera D'Indy, uma pastoral: o «allegro» final é manifestamente uma festa campestre, [illegible], a kermesse flamenga, e ahi se patenteia claramente a origem do grande compositor, cujo avô era de Malines, e que tantos traços caracteristicos tinha da sua raça, avultando entre elles a ousadia e independencia, qualidades estas que, na bella phrase de Rolland, «destoavam soberbamente no paiz da obediencia e da disciplina».

A execução foi correcta, e a do «scherzo» mesmo perfeito; o «allegretto», se bem que não fosse tão demorado como Berlioz e os romanticos o conduziam, a ponto de o transformar n'uma marcha funebre, talvez não perdesse sendo levemente mais apressado, como era decerto intenção do auctor e como o caracter da symphonia exige.

Em primeira audição, o poema symphonico de Liszt, «Mazeppa». O difficilimo poema foi conduzido d'uma maneira absolutamente superior, possuindo-o Blanch totalmente, até os mais minuciosos effeitos, e correspondendo a orchestra ao que o seu regente lhe exigia. O poema é d'um romantismo «outré», admiravel de sonoridade, d'uma orchestração complexa e rica, que contém os germens da futura evolução musical; no final, cheio de grandeza sonora, falta-lhe grandeza ideologica, o que faz que se lhe prefira até certo ponto o verso de Hugo. E' uma das obras em que mais se revelam todas as grandes qualidades e os defeitos do genial pianista-compositor.

Do resto do programma, mereceu especial menção a abertura do «Oberon» e o final do 3.º acto da «Walkiria».

H. de A.

Concerto David de Sousa

Por conveniencia particular pedi a troca de um «fauteuil» pelo 16 da fila J. Diabo que tal fizeste! Adiante de mim uma esgrouviada mestra franceza e trez discipulos, um machinho e as outras femeas, ao passo que esfaqueavam a lingua de Voltaire, não deixavam ouvir nada com a devida attenção.

Até o dr. Affonso Costa, que estava ao lado do sr. Presidente, olhou, zangado, varias vezes para o sitio—tal era o escandalo!

Comtudo, consegui notar que Thomaz de Lima, auctor das «Impressões musicaes», de que foi hoje a 1.ª audição, affirma-se progressivamente um compositor de merecimento, fazendo jus aos grandes applausos que obteve.

O «Minueto antigo» é d'uma deliciosa contextura, onde a singelleza se tocou de extrema graça n'uma alliança bella. Foi esse pedaço «bisado», assim como o «Trigo na Eira», expressivo trecho de musica descriptiva, de superior factura, e a que, a ser mais longo e tendo feição mais completa, o pequeno andante que evoca o Alemtejo, poderia chamar-se de bom grado uma pequenina obra prima. Em todo o caso, tem muito valor; é innegavel.

A 2.ª parte foi toda occupada pela «Scheherazade», de Rimsky-Korsakow, uma extensa maravilha musical, complicada de andamentos e themas e cuja execução mereceu á orchestra e ao maestro uma ovação estrondosa.

Na parte (b) a phrase predominante, no passar pelas trompas soffreu de uma d'ellas um ligeiro encontrão que nos ensanguentou o ouvido. Onde a orchestra melhor se affirmou foi na parte final da «suite».

Do sr. Freitas Branco tocou-se um «Esboço symphonico» que, sendo aliás bem interpretado, não logrou interessar grandemente. Na «Phantasia», foi mais feliz. Ella tem caracteristicas inconfundiveis de boa musica, e um singular relevo.

No final, e sobre «A um Lyrio», de Macdowell, sempre lindo e deliciosamente tocado, ouvimos com o maior encantamento a bellissima «Rapsodia Hungara n.º 2» de Liszt que deve estar á mão esquerda de Deus-padre, tanta excelsa Belleza deixou na sua obra.

Longos, vibrantes applausos sublinharam a magnifica interpretação.

S. F.

NOTAS DIVERSAS

No «Diario do Governo» de depois de amanhã vem a nomeação do sr. dr. Vasco Borges para governador civil da Guarda.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Wireless World»

D'esta publicação mensal da casa Marconi, de Londres, recebemos o numero correspondente no mez corrente. Profusamente illustrado e como todos os anteriores interessante.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados seis volumes abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, e o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

INTERESSES DE CABO VERDE

A INDUSTRIA

Quando nos referimos á pecuaria, puzemos em destaque a enorme producção do leite de cabra nas ilhas da Boa-Vista e do Maio.

Dissemos então que esse leite é aproveitado ou na alimentação da população ou no fabrico dos queijos, que são feitos pelo mais primitivo processo e por isso mesmo de consumo limitado ao archipelago. Ora não é novidade para ninguem que o leite de cabra é melhor que o leite de vacca, e muito recomendado por os seus consumidores não terem de temer a transmissão da tuberculose. Para aproveitar, portanto, n'uma e n'outra ilha, a grande producção do leite, valorisando-a enormemente, facil seria o estabelecimento da industria da esterilisação e conservação em latas, parte das quaes tinham desde logo consumo assegurado na Praia e S. Vicente, onde o preço do leite é sempre elevado, não bastando a producção para satisfazer as procuras. E' certo que tal industria, não poderia, para ter exito notavel, limitar a exploração só a esse producto, que em annos de crise pode faltar por completo, e necessario seria aproveitar outros productos utilisaveis na mesma região. O de mais util aproveitamento seria a conservaria das carnes dos bovinos, entre outras. E' sabido que muitas vezes nas duas ilhas por nós já citadas, e ainda mesmo no Fogo e Santo Antão, as creações bovinas chegam a ser importantissimas, não se encontrando consumo, dentro ou fóra do archipelago, que garanta aos productores uma fonte de receita a que teriam jus. Quando essas creações estão no apogeu, surge uma crise, e são dizimadas, não tendo dado o mais insignificante meio de riqueza ao archipelago, e apparecendo-nos até muitos creadores a esmolar. N'estes termos, a industria da conservação das carnes em latas, não seria, como a nós nos parece, uma resolução positiva d'esse problema tão importante para a economia de Cabo Verde? Esta ideia foi-nos suggerida, pelo exemplo semelhante na Australia. Alli, as seccas, causam prejuizos tão extraordinarios, que as baixas nas creações são tudo quanto ha de mais espantoso, como os seguintes numeros comprovam na sua extraordinaria verdade: especie ovina em 1891, 124 milhões de cabeças e em 1904, 84 milhões. Esta citação corroborando as nossas affirmações; serve tambem para mostrar que não só em Cabo Verde ha seccas qeu causam prejuizos, como tambem que apezar d'esse grande contratempo se não deixa de trabalhar e valorisar as riquezas ainda que soffram tão grandes revezes. Mas ainda, na Australia, o grande espirito pratico dos inglezes, tem-se revelado extraordinariamente: assim, a carne é conservada em latas, com a manteiga produzida pelos seus rebanhos e o que é certo é que a carne australiana tem logar marcado em todos os mercados do mundo. Ora, em Cabo Verde, ha bellissimo sal, e inclusivé ha o sal refinado. Nada evitaria que toda a carne fosse conservada em sal, a principio, e mais tarde viesse tambem a ser conservada em manteiga, ensinando-se os indigenas a produzirem-na capazmente. Os primeiros importadores d'essas carnes, seriam os rocciros de S. Thomé, e assim seriam duas colonias servidas com uma industria sem duvida muito rendosa. Pensem n'isto todos aquelles a quem abunda o dinheiro, e não teem collocação prompta e rendosa.

* * *

A industrialisação dos productos do coqueiro, é outra riqueza que em Cabo Verde, está absolutamente perdida. Quanto cairo não será importado aqui no nosso paiz? Pois apezar d'isso em Cabo Verde o cairo é posto de parte, tão depressa se tem á mão a noz do côco. Ha ilhas, onde as circumstancias economicas chegam a ser tão más, que se recorre a tudo como meio de arranjar que comer. Na ilha do Maio, por exemplo, a fabricação manual de cordas de cairo, conhecidas vulgarmente por cordas de côco, chegou a ser um grande recurso.

Todavia, os unicos importadores que eram os habitantes da ilha da Brava, deixaram esse producto, que não podia concorrer com outros de bello fabrico, e assim o cairo atira-se fóra, n'uma terra onde tudo devia ter valor, para attenuar os desastrosos effeitos das crises de subsistencias. E, se nós catassemos aqui e além, tudo quanto temos de bom por esses nossos territorios, com certeza que estariamos em muito outras condições economicas, não dando ouro aos estrangeiros, como o fazemos todos os dias, por productos que temos e não aproveitamos.

Nunca vimos aproveitar industrialmente o miolo de côco ou «coprah». Em Cabo Verde, os coqueiraes não abundam nos extensos littoraes de todas as ilhas, em sitios onde a presença da agua salgada, garantiria facil desenvolvimento dos palmares, mas mesmo assim consegue-se uma regular producção, que se consome ali mesmo, tão bem como mal. Come-se, é o caso. Mas nós vimos muitas vezes sacrificar milhares de côcos, por não se querer colher o miolo, secca-lo á sombra, obtendo-se o «coprah» de valor aqui no nosso paiz e em qualquer outro. Mesmo na ilha do Maio, nós vimos fazer a manteiga de côco, para consumo na propria ilha, para assim se ter um recurso evitando gastar dinheiro n'outras gorduras para a preparação dos condimentos, que quantas vezes não serão uma droga perigosa.

Ainda como materia de valor, ha ainda em Cabo Verde, a Fourcroya Gigantea, conhecida por carrapato, que é uma piteira productora do canhamo de Mauricia; não ha ilha, que em muitos pontos difficilmente accessiveis não tenha extensas zonas cheias d'esta planta. Todavia á sua exploração é difficil pelo exagero por que ficam os transportes das folhas, para locaes de desfibragem. Esta foi tentada primeiramente em St. Antão por Mr. Jules Bounafour, que passados tempos deixava a ilha não podendo luctar com a carestia dos transportes. Foi depois para a ilha de St. Iago, onde depois das mesmas difficuldades, foi contractado pelo Estado para dirigir a plantação de 600:000 pés de carrapato, e mais tarde para a industrialisação do seu producto, ou seja a obtenção da fibra. Pois em Santo Iago, disseminados pelos Orgãos, Picos e Santa Catharina ha extensos terrenos totalmente occupados por essa planta, e n'um dia em que a estrada esteja modificada permittindo em boas condições o transito de automoveis será possivel concentrar n'uma officina unica, a desfibragem d'essa planta. A fibra d'essa agave, não é só empregada na cordoaria: a grande producção dos territorios que eram colonias allemãs e se destinavam á cultura da agave (Frourcrouya e Sisal) era quasi que completamente destinada á obtenção da pasta para o fabrico do papel. Esta referencia vem a proposito da citação feita ha dias n'este jornal, do emprego da fibra da Bohemoria Nivea no emprego do fabrico da pasta de papel. Só o Estado, em taludes e trincheiras da estrada de Santo Iago, possue centenas de milhões de pés de carrapato em edade de aproveitamento, que lhe dariam com que fazer face a parte da despeza com a conservação, se fosse facil aproveitar immediatamente tal producto.

Armando Xavier da Fonseca

Uma grande estrella lyrica

Luz Rugama

A «Traviata» ideal

A grande artista Luz Rugama está em Lisboa.

Paris conhece-a como conhece a Torre Eiffel. E' uma italiana transplantada para a Opera-Comique, onde é a estrella mais radiosa e mais fulgurante. O brilho da sua voz, a magia rouxinolesca da sua garganta alliam-se ao brilho da sua formosura estonteante. E' a sereia das multidões.

Quando a sua figura esbelta apparece na scena é como se a illuminasse um mundo. A sua opera é a *Traviata*; e é a *Traviata* que ella vem cantar a Lisboa, no Colyseu dos Recreios, na proxima quinta feira, dando apenas trez recitas extraordinarias com o bello e inspirado *spartito* de Verdi. Faz-se n'essa noite a inauguração das recitas elegantes. E ninguem melhor que Luz Rugama podia ser escolhida para essa festiva e rutila *serata*.

Violeta ou Margarida, a apaixonada e sentimental *Dama das camelias*, nunca teve, na opera, maior, mais nobre nem mais bella e estonteante interprete. E' a *Traviata* ideal.

Em Madrid, quando cantou a epocha passada no Teatro Real, foi um delirio. Chamada ao camarote dos reis de Hespanha ali recebeu as mais captivantes demonstrações de apreço.

Luz Rugama, apresenta n'uma só noite, quatro toilettes. Monte-Carlo reclama-a já. E é por isso que ella só se faz ouvir em trez recitas.

Já se podem marcar camarotes e *fauteuils* para a recita de quinta feira.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Fedaração Portugueza do Livre Pensamento

Reune quarta feira, ás 21 horas, a assembleia geral na sua séde, largo do Intendente, 45, 1.º, para proceder á eleição dos seus primeiros corpos gerentes.

As associações adherentes e os socios da Associação do Registo Civil que pagam a quota de 10 centavos mensaes ou superior fazem parte d'esta assembleia.

132 — HISTORIA ILLUSTRADA DA GRANDE GUERRA — VOL. VII

atravessou vagarosamente por entre a multidão de navios e sahiu da bahia. Os transportes seguiram-no um apoz outro. As bandas de musica tocavam, os marinheiros soltavam acclamações enthusiasticas, a que correspondiam os que partiam. A

Uma das creanças salvas por occasião do afundamento do «Lusitania»

scena era magnifica, a esperança lia-se nos rostos de todos, tanto dos que seguiam, como dos que ficavam.

A armada e os transportes haviam sido divididos em cinco divisões. O ponto de reunião era na ilha de Tenedos, onde se chegou a 24 d'abril. Ahi, as tropas designadas para o ataque foram transferidas para os navios e para os caça-minas nos quaes se dirigiriam a terra. Alguns cruzadores deviam proteger o desembarque, outros approximar-se-hiam das praias e procederiam no desembarque em pequenas embarcações.

Todas as minucias tinham sido antecipadamente reguladas; cada official, cada homem conhecia o seu posto e o que lhe competia fazer. As operações de desembarque estavam a cargo da armada real ingleza, sob a direcção do almirante de Robéck.

Na maior parte dos navios, na tarde de 24, marinheiros e tropas formaram para ouvir o commandante ler a proclamação do almirante ás forças combinadas. Seguiu-se um serviço religioso, orando o capellão pedindo a victoria e a benção divina para a expedição.

A noite estava serena e o mar tranquillo. Cêrca da meia noite os navios que levavam as tropas sahiram silenciosamente de Tenedos e dirigiram-se vagarosamente para o cabo Helles, onde era o ponto de reunião. Chegaram proximo da peninsula de Gallipoli pouco antes de romper o dia. A manhã surgiu serena, na praia não havia signal de vida, o promontorio estava coberto d'um pequeno nevoeiro, a superficie do mar apresentava-se lisa como um espelho.

Foram os australianos os primeiros a desembarcar. Estava a primeira embarcação em que elles iam já proxima da praia de Gaba Teppe quando foi saudada com uma salva de fuzilaria ás 4 horas e 53 minutos da manhã. Momentos depois a embarcação atracava e o primeiro turco ottomano a sentir o aço anglo-saxão desde a ultima Cruzada foi passado á baioneta ás 5 horas e 5 minutos.

Ao mesmo tempo nos outros pontos designados para desembarque, procedia-se a essa operação, apoz meia hora de bombardeamento preliminar pela armada. Os desembarques na extremidade da peninsula eram dirigidos pelo contra-almirante R. E. Wermyss, que tinha sob as suas ordens os seguintes navios: «Swiftsure», «Implacable», «Cornwallis», «Albion», «Vengeance», «Talbot», «Minerva» e «Dublin», todos elles cruzadores, além de 14 transportes e 6 caça-minas.

A's 5 horas da manhã em ponto os navios começaram bombardeando as posições do inimigo em varios pontos do promontorio. Simultanea-

VOL. VII — HISTORIA ILLUSTRADA DA GRANDE GUERRA — 129

das o quinto exercito. Ao marechal von der Goltz, um velho e famoso amigo dos turcos, foi dada a inspecção d'um outro exercito concentrado em roda de Constantinopla.

Não póde haver duvida de que durante as primeiras semanas de abril os turcos, que estavam bem informados do que succedia em Mudros e no Egypto, enviaram constantemente reforços para os Dardanellos.

No mesmo periodo, desenvolveram tambem as suas obras de defeza com uma actividade febril. Um correspondente especial do «Times» em Athenas avaliava o numero total de effectivos que os turcos haviam levado para os Dardanellos em cêrca de 275.000 homens, incluindo o exercito estacionado proximo de Constantinopla e certas unidades em Smyrna.

O numero que foi definitivamente enviado para os Dardanellos antes da batalha de desembarque não é conhecido. O facto é que as forças alliadas acharam os turcos em grande força e em melhores posições do que esperavam encontral-os. E com os turcos estavam forças allemãs, que grandemente contribuiram para a resistencia.

Como sir Ian Hamilton nota, só os australianos foram atacados proximo de Gaba Tepe por 20.000 turcos pelas 11 horas da manhã do dia 25, e esse numero subiu depois a 24.000. Uma communicação de Sofia, com data de 30 d'abril, calcula o total das forças turcas «concentradas para se opporem ás tropas invasoras do lado europeu» em mais de 150.000 homens.

Uma das grandes desventuras d'essa isolada campanha nos Dardanellos, tão longe dos outros theatros primitivos da guerra, foi a derivada do facto dos homens não terem uma noção clara das difficuldades locaes. Os ministros inglezes consideravam apenas o fim que se haviam proposto alcançar e não os meios pelos quaes devia elle ser alcançado. Alguns pensavam em politica, a outros attrahia-os a deliciosa perspectiva de se apoderarem de Constantinopla só pelo poder das armas inglezas.

Ninguem, ao que parece, pensava n'um insuccesso e ninguem havia que désse um conselho em tal sentido. Lord Kitchener, já assoberbado com outros trabalhos, parece ter approvado a expedição, mas ter pensado n'ella muito pouco nas primeiras phases. Virtualmente, não havia estado maior general. Ninguem mesmo se preoccupava com isso.

A campanha dos Dardanellos demonstrou duas coisas. Mostrou que no começo de 1915 havia uma grave falta de coordenação na estrategia dos alliados, porque não era segredo que o general Joffre e sir John French tinham eschemas differentes. Mostrou ainda que aquelles que em Londres eram responsaveis pela mais alta estrategia da acção britannica na guerra não haviam procedido com a sufficiente prudencia, nem sequer com razoavel audacia. Podiam vêr muito bem em politica, mas pouco ou nada entendiam de grande estrategia.

Mandaram a armada contra os Dardanellos em contrario da salutar doutrina de que os navios não devem atacar fortes a não ser que sejam apoiados por terra. E tendo commettido erros quasi inconcebiveis no mar, esforçaram-se por se apoderarem d'uma das mais formidaveis posições que aos alliados se tem deparado durante a guerra com um pequeno exercito.

O que acabamos de dizer não implica o mais ligeiro menoscabo para as tropas extraordinariamente valorosas que combateram nos Dardanellos. A sua coragem foi sublime, mas a sua organisação como força atacante era deficiente e má.

As tropas foram concentradas á pressa, o estado maior á pressa foi escolhido. O exercito não o conhecia, o estado maior não conhecia o exercito. Póde dizer-se que taes condições eram inevitaveis e que nada mais se podia fazer do momento.

O argumento é justo, mas não responde ás criticas de que ao ordenar-se o ataque se não pensou na insufficiencia dos meios empregados. As

autoridades de Londres tinham razão quando no principio de 1915 arguiam que se não deviam enfraquecer as forças de sir John French; não tinham razão quando deliberaram mandar unidades inexperientes para os Dardanellos.

Na realidade enfraqueceram as forças de sir John French, não em homens, mas em munições, porque houve um periodo, embora não muito prolongado, em que as provisões que estavam sendo precisas em França foram mandadas para o Mediterraneo.

O argumento de que o ataque aos Dardanellos serviu a desviar a força do ataque ao Egypto e ás tropas inglezas na Mesopotamia não é admissivel. Não havia já ataque ao Egypto quando a nova campanha foi ordenada. Uma das muitas razões invocadas em favor da aventura dos Dardanellos era a de que o exercito do Egypto estava desperdiçando o tempo. Não havia séria pressão sobre o exercito na Mesopotamia, que se estabelecera em Kurna, na confluencia do Tigre com o velho canal do Euphrates e podia muito bem ali demorar-se. Ministro algum ou tactico algum sonhava nos primeiros mezes de 1915 em suggerir que as necessidades do Egypto ou da Mesopotamia exigiam um ataque aos Dardanellos. A campanha foi resolvida por motivos muito differentes.

A unica observação que entendemos necessario fazer n'este ponto da narrativa é que, apoz o insuccesso do grande ataque naval a 18 de março, toda a questão dos Dardanellos foi cuidadosamente examinada por entendidos em Londres. O terem sido repellidos os navios, a revelação da força das defezas, o engano havido com os transportes, tudo fornecia razões convincentes para se discutir de novo se a empreza se devia continuar ou ser abandonada.

Os alliados podiam ter mudado de plano no fim de março sem perda séria de prestigio e sem causarem desfavoravel impressão na Asia. Mas assim não succedeu, antes se entendeu necessario persistir na campanha.

O plano final de sir Ian Hamilton para a batalha do desembarque póde dizer-se em poucas palavras. Resolveu effectuar os desembarques principaes no extremo da peninsula, d'ambos os lados do cabo Helles. As tropas deviam avançar contra a aldeia de Krithia e tomarem em seguida a elevação de Achi Baba.

Um outro desembarque importante devia ser feito pelos australianos e neo-zelandezes um pouco ao norte de Gaba Tepe. Avançariam em dois corpos entre Sari Bair e o plató de Kilid Bahr (Pasha Dagh) na direcção da cidade de Maidos.

Esperava-se que a força que avançasse pelo caminho de Krithia e Achi Baba se juntaria com os australianos e que as posições seriam tomadas, podendo assim ser dominados os estreitos. Era tão mal avaliada a força das defezas do inimigo que muitos officiaes esperavam que Achi Baba seria tomada ao cahir da noite do primeiro dia. Seis mezes depois, a expedição estava ainda contemplando as encostas de Achi Baba de longe e juncção alguma se poudera operar por terra entre as forças do sul e os australianos.

Os differentes locaes de desembarque escolhidos eram cinco em roda do extremo da peninsula. O local onde os australianos deviam desembarcar era outro. Das cinco praias proximas do cabo Helles, tres eram os principaes pontos de desembarque, emquanto os ataques em dois eram considerados como sendo «principalmente para proteger os flancos, para disseminar as forças do inimigo e para interromper o desembarque dos seus reforços».

A praia que ficava proximo de Eski Hissarlik, na extremidade oriental da Bahia Morto, era pequena, ficava á entrada do estreito e era a principio dominada pelos canhões do lado asiatico. Mesmo por cima da praia, no alto terreno na ponta Eski Hissarlik, ficavam as arruinadas fortificações conhecidas pelo nome de bateria de Tott, construidas no seculo XVIII.

Uma outra praia ficava proxima

do cabo Helles e proxima da bateria de Sedd-el-Bahr. Sir Ian Hamilton descreve-a como «uma praia arenosa, de cêrca de 300 metros de largura, cercada de uma fileira de encostas elevando-se abruptamente, flanqueada d'um lado por um velho castello, do outro por um forte moderno». O «velho castello» era a antiga construcção conhecida pelos turcos pelo nome de «O novo castello da Europa».

O castello ficava na extremidade sudeste da praia proximo da aldeia de Sedd-el-Bahr. O forte moderno ficava na outra extremidade. O bombardeamento havia reduzido quasi o castello a ruinas, ao passo que o forte continuava de pé, mas tendo os canhões fóra d'acção.

As ruinas das duas construcções eram um magnifico abrigo para os atiradores, que podiam dominar todo o desembarque d'esses locaes. A praia tinha quasi dez metros de largo por 350 de comprimento, depois erguia-se n'uma baixa escarpa arenosa de quatro pés d'altura, que proporcionava abrigo de pouca valia durante o combate. Para além ficavam encostas ligeiramente curvas, que subiam a uns cem pés e tinham um raio de trezentos a quatrocentos metros. Praia e encostas eram dominadas das ruinas e das trincheiras, sendo toda a posição um verdadeiro amphitheatro de morte.

Finalmente uma outra praia era constituida por uma pequena bahia arenosa entre o cabo Helles e o cabo Tekke. Consistia n'uma faixa de terreno d'uns trezentos e cincoenta metros de comprimento e de quinze a 40 de largo, situada ao sul de Tekke Burnu, onde uma pequena garganta correndo para o mar abria caminho por entre as penedias. No outro lado da praia o terreno ergue-se bruscamente, mas no centro um certo numero de dunas d'areia proporciona accesso gradual á elevação que domina o mar. Os turcos transformaram essa praia n'uma verdadeira armadilha da morte por meio de trincheiras e rêdes de fio farpado. A elevação proxima da praia era por seu turno dominada por dois fortes reductos de infantaria.

A praia no lado norte do cabo Tekke distinguia-se por uma pequena aberta nas penedias. Consistia em uma faixa de areia de cêrca de 200 metros de comprimento por oito de largo no sopé d'uma baixa penedia. Era dominada pelas trincheiras turcas que ficavam n'um outeiro contiguo.

Uma outra praia ficava a oeste de Krithia, sendo apenas uma estreita faxa de areja no sopé d'uma elevação pedregosa que attingia 200 pés d'altura. Um certo numero de gargantas dava accesso ao cume, mas eram tão difficeis que os turcos nunca os suppozeram praticaveis. A consequencia d'isso foi que não defenderam essa praia. Tinham uma grande força de infantaria apoiada por metralhadoras proximo d'ali.

A praia que ficava proximo de Gaba Teppe, ponto escolhido para desembarque dos australianos, não foi atacada devido a um feliz engano. Era considerada como uma parte difficilima da costa, tão difficil que se não esperava que fosse atacada.

No plano de ataque havia dois pontes onde o desembarque era apenas simulado. Um regimento francez por sua vez simulou um desembarque em Kum Kale, no lado asiatico. Um outro desembarque simulado muito maior foi feito um ou dois dias antes proximo de Enos, junto da foz do rio Maritza e apenas a trinta e dois kilometros do territorio bulgaro. Uma esquadra cobriu um desembarque em que houve muitas perdas. Teve, porém, esse desembarque simulado o resultado que se desejava, porque foi enormemente exagerado pela imprensa e lançou duvidas sobre as verdadeiras intenções dos alliados.

As duvidas não persistiram, porém, por muito tempo, porque a demonstração proximo de Enos era o preludio do apparecimento d'uma grande armada.

A bahia de Mudros foi mais uma vez atulhada de navios. Juntaram-se ahi duzias e duzias de transportes cheios de tropas e grande numero de cruzadores e outros navios. A's cinco horas da tarde de 23 de abril o primeiro dos poderosos cruzadores

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1950 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Segunda, 10 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5,1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica,71

Preço 1 centavo

Toda a verdade

A verdade vae-se esclarecendo. A verdade está em marcha. Conhecem-se já novos trechos do artigo do *Times*. E um d'elles revela claramente que effectivamente se fizera uma preparação militar, logo apoz a guerra. Simplesmente, como houvesse o legitimo receio de aggressões allemãs em Angola, mercê do conhecimento da nossa attitude de solidariedade com a Inglaterra, e esse receio se houvesse justificado com os primeiros successos sangrentos do Nyassa, do Naulila e do Cuangar, a preparação militar foi aproveitada para se enviarem, com destino a Moçambique e Angola, os importantes contingentes a que o *Times* se refere, e que, a não se dar esse caso, estariam promptos a partir á primeira voz para os campos de batalha europeus.

A preparação militar existiu, a preparação militar executa-se, tem-se executado sempre, a não ser durante o periodo da dictadura, que representou na nossa historia um parenthesis affrontoso para os sentimentos do paiz, que o povo em breve fez cessar, varrendo-a a tiro. E esse mesmo gesto nacional teve a inspiral-o, com a firme vontade de proteger a Republica na pureza dos seus principios, o desejo vehemente de que a sua attitude não se modificasse em relação á guerra europeia.

Portugal quiz sempre provar que estava de alma e coração no lado da Inglaterra e portanto ao lado dos alliados. Se mais não tem feito, não é porque o não desejasse fazer. E' porque circumstancias, alheias ao seu intimo desejo, lh'o não teem permittido.

Quando a imprensa franceza fez justiça ao nosso paiz, dando publicidade mundial ao que, com dôr nossa, se estava passando de forma quasi clandestina, sentimos que o nosso peito se desopprimia de um grande peso. Agora é a imprensa ingleza que por seu turno restabelece a verdade. A nossa satisfação é grande. Mas, como hontem dissemos se isso para nos é muito, a verdade é que ainda não é tudo.

Pelo relatorio do sr. Pereira de Eça, tornou-se publico na imprensa que a Inglaterra nos fizera um pedido, não só de material de guerra, mas tambem das nossas tropas para se baterem, ao pé dos seus soldados, nas linhas de batalha da Flandres. Ninguem pode negar a existencia d'esse pedido. E' preciso que se não passe sobre esse documento como se elle jamais houvesse existido. Elle explica a nossa preparação de guerra, ella justifica todos os actos que, hostilisando os allemães temos praticado, em serviço da Inglaterra. Quaesquer que sejam as circumstancias que não tenham permittido que essa cooperação se effectivasse, esse pedido é a justificação da nossa attitude. Ella constitue a bem mais importante de toda a nossa acção na presente conjunctura.

O artigo do *Times* vale muito, pela importancia especial que esse grande jornal possue como orgão da opinião ingleza. Acreditamos, como já aqui o accentuamos, que elle não fôsse escripto sem a consulta ou a inspiração do governo inglez. Mas precisamos mais alguma coisa para que o mundo inteiro saiba, como disse o sr. Alexandre Braga na presença dos representantes da nação alliada, qual a rasão por que Portugal se tem resignado ao maior de todos os sacrificios que na presente guerra lhe tem sido impostos: o sacrificio de não intervir n'ella, com as armas na mão. E para isso indispensavel se torna uma expressão official. Necessitamos que o não diga só o *Times*: necessitamos que o governo inglez, por qualquer processo, mas de uma maneira official declare ao mundo inteiro que a sua alliada, a nação portugueza, está alheia á acção combativa na guerra, não por que o seu desejo não fôsse entrar n'essa acção, mas sim porque a Inglaterra, que lhe pediu essa intervenção, entendeu depois que ella não era immediatamente necessaria.

Portugal não relama senão o que é de justiça, conquistada pela verdade, que nunca deixa de triumphar, por maiores que sejam os obstaculos, de qualquer natureza, que se lhe antoponham.

Migalhas

Dize tu, direi eu...

Sentados os dois n'um banco da Avenida discorriamos Praxedes e eu sobre cousas de uma vaga importancia quando adregou a conversa de recahir em jornaes.

—«Eu sou um homem pacato e sereno, disse-me elle em confidencia — e para lhe falar com franqueza, confrange-me ás vezes lêr alguns dos nossos jornaes. Os que defendem politicas partidarias são em geral feitos de recortes das gazetas contrarias com uma resposta torta por baixo. No dia seguinte, o antagonista pega na resposta, transcreve-a e accrescenta-lhe uma contra-resposta. Assim successivamente. Quasi todas as questões são postas no terreno pessoal:—«Diz o sr. Fulano... Assegura o sr. Beltrano...» Das questões politicas se aproveitou o methodo de polemica para as questões artisticas, litterarias, para todas as questões, emfim. Quem tenha que lêr jornaes por dever de officio a cada instante depára com violencias. Diariamente pessoas estimaveis e vaccinadas se tratam reciprocamente de estupidos e de camelos, isto a proposito de simples discordancias de opinião, que nunca deveriam motivar inimisades pessoaes e poderiam ser tratadas á boa paz, em discussão serena e cortez. O que poderia ser um assalto elegante de florete degenera logo em jogo de pau. Dir-se-hia, em face do que se lê, que os contendores vão d'ali assassinar-se; suppõe-se que se odeiam e que no dia seguinte teremos a noticia de que se beberam o sangue em rixa sem quartel. Qual historia! Estiveram bebendo dois cafés na Brasileira em mesas quasi pegadas. Posto que saibamos antecipadamente que nada de realmente desagradavel resultará para os polemistas, o que seria lastimavel, dadas as futilidades que dão origem ás terriveis controversias, causa uma certa pena vêr que se não faz a devida justiça á memoria do sempre chorado Guttenberg. Este prestimoso cavalheiro não inventou a imprensa para isto. Emfim...

André Brun

As subsistencias em Hespanha

Felicitações populares ao governo

O governo hespanhol, para acudir á crise das subsistencias que avassala tambem o paiz visinho, tributou a exportação de artigos de primeira necessidade e isentou a importação de outros. Semelhantes medidas tiveram naturalmente, por parte de certos elementos, uma opposição traduzida em meros protestos de quem vê prejudicada a sua exaggeradissima ganancia; mas não lhes faltaram calorosos e significativos applausos das classes populares e trabalhadoras, as mais attingidas pelas dolorosas consequencias da crise e as mais beneficiadas pelas resoluções governativas.

Uma prova da satisfação popular a que alludimos está nos telegrammas enviados ao ministro da fazenda de varios pontos do paiz. De Grao felicitaram-no «effusivamente» os oito mil operarios associados na Casa do Povo e os dois mil e duzentos operarios da União Operaria do Porto de Valencia, entre outros; de Valencia os doze mil e quinhentos socios das cincoenta e duas sociedades operarias que formam o Comité da Federação dos ramos de construcção, etc.

UMA QUESTÃO GRAVE

A crise dos jornaes

Interessantes informações e commentarios de um dos mais poderosos diarios portuguezes

O «Primeiro de Janeiro», o nosso brilhantissimo collega portuense, um dos mais importantes orgãos da imprensa portugueza, insere uma carta de Madrid com informações e considerações do maximo interesse ácêrca da crise que atravessa a industria jornalistica. Ainda hontem alludimos á extrema gravidade d'essa crise sem precedentes (e para a qual é preciso encontrar immediata solução), a proposito da representação entregue ao governo pelo «Seculo». A carta publicada no «Primeiro de Janeiro» merece ser lida e attentamente ponderada. A verdadeira situação da nossa imprensa como industria avalia-se bem considerando a da imprensa hespanhola, que dispõe de recursos que nunca soubemos aproveitar como seja a publicidade, entre nós gratuita e em Hespanha paga, de artigos, reclamos e noticias que interessam a outras industrias, a collectividades e a individuos cujos negocios de ordinario só teem a lucrar com a publicidade referida.

Eis a parte da carta de Madrid para o «Primeiro de Janeiro» e em que admiravelmente se versa a questão da crise das emprezas de jornaes:

....

«Só as emprezas jornalisticas estão até agora indefesas perante a situação excepcional que a todos criou a guerra europeia: os seus «ingressos», se não diminuiram como reflexo do mal-estar geral, tampouco augmentaram; e os encargos subiram e continuam subindo pavorosamente! Todos os materiaes empregados nos grandes diarios augmentam de preço em proporções assustadoras: o papel, as tintas, os metaes, as pastas,—tudo emfim. Junte-se a este accrescimo de despeza o que implica o custo do serviço telegraphico por motivo da guerra e ter-se-ha uma ideia das difficuldades que actualmente assoberbam as mais solidas emprezas jornalisticas, aquellas que melhor fundados teem os seus creditos e mais contam com o favor do publico

Em Hespanha, os interessados estão celebrando frequentes reuniões com objecto de encontrar uma formula com que se possa conjurar, ou ao menos attenuar, esta crise. Tão interessante assumpto está especialmente entregue aos srs. D. Torquato Lucas de Terra, em representação da Sociedade Prensa Espanola; D. Antonio Sacristan, pela Sociedade Editorial de España; marquez de Valdeiglesias, como presidente do Comité Central de la Prensa diaria de España, e Urgoiti, presidente da Central Papelera.

Ora, quando aqui em Hespanha a situação se apresenta com taes caracteres de gravidade, calcule-se o que acontecerá em Portugal.

Com effeito, ha grandes differenças na maneira por que se desenvolvem as emprezas de publicidade diaria em um e outro paiz.

Não sabemos se os jornaes representados pelos cavalheiros antes referidos recebem algum auxilio ou subscripção do governo, mas ouvimos dizer que este dispõe de uma verba destinada a fomentar a imprensa, como um dos melhores meios de cultura; mas ainda prescindindo d'este ponto, ha differenças palpitantes.

Em primeiro logar, os nossos grandes jornaes teem muito maiores gastos de composição, impressão e papel, porque dão ao publico muito mais leitura que os hespanhoes, se exceptuarmos «La Vanguardia», de Barcelona, que publica frequentemente numeros de muitas paginas, o que é compensado pelo crescido preço das secções de publicidade. E já que de publicidade falamos, comparemos o que custa ali um annuncio e o que custa aqui.

Nos jornaes madrilenos, o annuncio mais barato é de 30 centimos a linha, salvo no «A B C», onde custa o dobro; um annuncio de 20 linhas na respectiva secção vale 20 pesetas, sendo o annuncio nacional, e 40, sendo estrangeiro.

No corpo do jornal, os preços são fixados pela administração, segundo a natureza do annuncio.

Ha no «A B C» uma secção «economica» nas seguintes condições: as primeiras cinco palavras custam uma peseta, e cada uma além das cinco, quinze centimos, mais o imposto do sello. Uma abreviatura ou cada cinco cifras contam-se como uma palavra.

Mas ha mais: «A B C» cobra na administração, e a bom preço, todos os reclames de theatro, touros e demais espectaculos; os nossos jornaes publicam tudo isso a troco do custo insignificante do bilhete de entrada, que as emprezas não venderiam, senão nos contados dias de enchente. De modo que quando um emprezario, generoso, em Portugal, offerece um camarote a um jornalista, gaba-se da proeza, como se tivesse mettido uma lança em Africa!

Pois quando os leitores virem n'uma revista litteraria hespanhola um lindo retrato de Josélito ou de Belmonte, ou de qualquer grande artista, acompanhado por um bello artigo laudatorio, tenham por entendido que esse rasgo custou ao interessado 1.000 ou 1.500 pesetas. E ninguem vê n'isto uma coisa feia porque se entende que, realmente, quem quer ver o seu retrato nas mãos de varios milhares de leitores, com o respectivo pomposo elogio, deve pagar...

A imprensa, em Portugal, apesar de ser um meio de expansão muito mais reduzido que em Hespanha, vive unicamente dos annuncios e dos dez réis, muito minguados, do assignante e do comprador!

Em parte alguma do mundo ha annuncios tão baratos como no nosso paiz. Em poucos a imprensa será tão escrupulosa e pudibunda como no nosso.

Como podem, pois, continuar vivendo os grandes diarios portuguezes, perante a situação angustiosa que lhes criou a guerra, com a duplicação, triplicação e quadruplicação dos preços dos materiaes, imprescindiveis na sua industria?

O publico, por muito pouco que calcule o enorme gasto que implica a publicação d'um grande jornal, com um pessoal numeroso e um orçamento de materiaes imponente, será o primeiro a comprehender que não ha empreza de periodico que possa resistir a tal crise se não se tomarem immediatas medidas de defeza.

Em Hespanha, entende-se que a imprensa, no desempenho da sua altissima e nobre missão, contribue tanto para a cultura do povo como as Escolas, os Muzeus, as Academias e outras instituições educativas. E para que a imprensa possa continuar desempenhando essa missão é preciso protegel-a, pôl-a ao abrigo das difficuldades materiaes com que lucta hoje.

Pelo telegrapho

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 10.—Official.—A actividade da artilharia continuou ao sul de Armentières, tendo o inimigo feito uso de metralhadoras de grosso calibre. Em frente de Hulluch o nosso bombardeamento provocou incendios nas linhas inimigas. Nos arredores de Ypres a artilharia esteve activa.—(Havas).

PARIS, 10.—Communicado official das 15 horas:

Na Champagne, o inimigo desenvolveu o ataque annunciado hontem por elle com auxilio de um violento bombardeamento, com granadas de gaz asphyxiante. Tanto durante o dia como de noite não tentou menos de quatro acções consecutivas n'uma linha de oito kilometros que vae desde Courtilles até ao monte Tetu, a leste e oeste do macisso de Mesnil.

Por toda a parte o nosso tiro dizimou o adversario e deteve immediatamente as suas offensivas, não logrando elle um momento sequer de estabilidade nos dois pontos da nossa linha, nordeste do macisso de Mesnil e oeste do monte Tetu.

Um vigoroso contra-ataque logo os expulsou d'ali. Ao presente não occupa mais do que dois pequenos elementos das trincheiras avançadas.—(Havas).

Poeira da Arcada

Não falta, entre nós, quem escreva cartas aos jornaes, para lhes fornecer ideias e planos destinados a melhorar o triste estado dos nossos serviços publicos. Os jornaes publicam, commentam, concordam ou discordam. Se alguem se désse ao duro trabalho de colleccionar esses documentos reveladores de uma intelligencia que se desenfastia com a publicidade, chegaria talvez a esta enorme certeza—o portuguez que, epistolarmente, abre um parenthesis, na sua existencia morna, para mostrar que n'elle o pensamento não dorme, merece bem ser o filho das suas obras... anonymas.

* * *

O sr. Fernandes Costa entende por politica conservadora da Republica o que segue:—«a coordenação de todas as energias sociaes, a disciplina de todas as forças, a satisfação de todas as justas aspirações, a conjugação dos interesses de todos os portuguezes, ordenados em relação aos interesses do Estado; a garantia de todos os direitos e a exigencia do cumprimento de todos os deveres».

O programma é tão vasto que difficilmente será executado. Se fosse possivel tornal-o uma realidade, muitos portuguezes emigrariam, vendo a sua patria concertada, ou o que para elles significaria o mesmo—estragada.

E estes obstinados podem muito, visto que nas democracias bravas, os conservadores recuam sempre.

* * *

O escolismo deverá ser neutro em politica e religião? Esta pergunta é um signal dos tempos. Antigamente o fanatismo tornava os homens bulhentos, hostis uns aos outros, não permittindo que descançassem no respeito das suas opiniões. Agora a liberdade faz que, para se respeitarem entre si, não manifestem as suas convicções e crenças. A hypocrisia é uma virtude bem moderna.

Arte regional

Uma conferencia do sr. Alfredo Pimenta

«Arte no lar» é o pretexto d'uma exhibição de motivos populares decorativos, installada no Palacio Franco Santos, na rua de S. Thiago. Essa exposição foi hoje accrescida com o attractivo do sr. Alfredo Pimenta que ali foi realisar uma conferencia sobre a arte regional, a convite das senhoras promotoras d'essa manifestação artistica.

O sr. Alfredo Pimenta descreteou largamente sobre a missão da arte. Temperamento, educação tudo n'elle o arredam do assumpto que prometteu tratar. Dividindo as correntes artisticas em consciente e inconsciente, entende que só levemente pode comprehender a segunda, quando ella forneça o motivo á grande concepção artistica. E' por isso que, em arte, não segue o integralismo, e isto pela simples razão que, na obra artistica do povo, nem toda a tradição merece ser apreciada.

O sr. Alfredo Pimenta, com uma valentia que o auditorio feminino devia ter no intimo classificado de desaforo, lamentou a decadencia das chamadas classes elegantes, aristocraticas, pelo seu rebaixamento. E, d'ahi por deante, o conferente, com o mais gentil e amavel dos sorrisos, como se estivesse elogiando as mais lindas futilidades do seu perfumado auditorio, deixou cahir o seu inexoravel desdem sobre as attitudes gingonas das meninas da alta, as danças equivocas que a moda admitte em seus salões e até o calão que passa irreverente nos seus coloridos labios.

Essas expressões do genio popular, detesta-as o conferente e pede ás suas amaveis auditoras que as lancem ao ostracismo, para serem merecedoras de occupar o logar que devem ter na sociedade. O «fado» e o «Tango» tanto do gosto da sociedade elegante, ali representada, viram uma bruxa com o joven puritano, que tão cedo, estamos certos, não terá tantas palminhas de caras bonitas a escutal-o. Foram, sem duvida, enganadas. O sr. Alfredo Pimenta, em vez de diatribes, pregou-lhes um sermão de moral.

Não voltam a cahir n'outra.

Mostuario industrial

A fabrica La Camerana não acceita a recompensa que o jury lhe conferiu—medalha de prata—por não ter sido attendido um protesto que formulou contra a classificação feita e por um dos concorrentes ter feito durante a exposição substituição dos seus productos.

RELIQUIAS DO PASSADO

O Castello de Leiria

E' preciso acudir-lhe quanto antes, para se evitar a sua iminente desapparição

Tem, entre outras, uma parte interessantissima o castello de Leiria. E' a constituida pelas ruinas do antigo palacio, onde viveram a Rainha Santa e D. Diniz. Ficam logo á entrada. Transposto o pequenino arco da torre da capella, esse montão de paredões escalavrados e de muralhas denegridas ergue-se, imponente, a nossos olhos, impressionando-nos profundamente com a sua sobria belleza e com a austera phisionomia que, a todas as pedras, todos os caprichosos estragos do tempo teem imprimido. O estado de ruina em que tudo isso se encontra é confrangedor. Lembro-me de arcarias que desappareceram, de janellas que já não existem e comparo o castello de agora com o castello formosissimo que conheci ha vinte annos, firme nos seus alicerces de granito, desafiando tempestades, resistindo a vendavaes, conservando-se intacto, atravez de tudo e contra tudo, e dando a todos a impressão de que não haveria cataclismo sufficientemente forte para o derrubar. O castello d'então tinha todo o ar d'uma coisa eterna. O d'agora não se vê sem uma grande magua nem se percorre sem uma torturante angustia. N'estes seculares Paços Reaes, é que o tempo tem feito os maiores estragos. Ha fendas enormes rasgando as paredes velhas d'uns poucos de seculos. O ar penetra atravez da alvenaria, por onde passam tambem raios timoratos de sol, que não são mais que crueis laminas d'aço, trespassando um corpo doente. Interiormente as ruinas são repartidas em secções, correspondentes, sem duvida nenhuma, a outras tantas dependencias do palacio primitivo. As paredes altissimas que dão para a esplanada ainda se mostram regularmente conservadas. As interiores já não o estão tanto. Quanto ás que dão para a cidade e lhe ficam sobranceiras, erguendo-se a mais de cem metros d'altura, essas não vejo bem como seja ainda possivel salval-as...

Quer dizer: o castello é um corpo em desaggregação lenta e continua. Dir-se-hia que as suas muralhas, em certos sitios, se teem adelgaçado, para perderem toda a resistencia aos assaltos permanentes do tempo e aos cataclismos geologicos, que são o pavoroso flagello dos momentos d'esta natureza. E tanto isto é assim, que já alguem, sentindo imminente a derrocada, tratou de mandar cingir, em largas cintas de ferro, as paredes do alcaçar real onde occorreram e floriram alguns dos episodios lendarios mais curiosos e mais commovedores da vida exemplar d'aquella que o povo crismou de santa depois de a ter tido como rainha. A chapa vermelha liga entre si as ruinas todas, fixando-se-lhes por meio de grandes pregos. A esta hora da tarde, em que meus olhos seguem a linha rubra que ella traça sobre o granito das ruinas, dir-se-hia que os paços historicos escorrem sangue e se esvaem a pouco e pouco. A morte paira sobre tudo isto; e é para mim ponto de fé que só um grande esforço salvador poderá evitar que um dia, quando a terra venha a tremer mais fortemente, as mil toneladas d'alvenaria, suspensas sobre a escarpa viva, se despenhem, rolem por ali abaixo e vão arrazar parte da povoação. Vê-se, pois, qual a grandeza do perigo. Em primeiro logar desappareceriam as mais bellas ruinas de castellos arabes existentes na peninsula. Em segundo logar, ficará destruida grande parte da cidade, esmagada pelo bolide colossal que a ameaça. Não é só uma grande preciosidade historica e architectonica, bella entre as mais bellas, que corre riscos de immediata perdição. E' tambem uma cidade que tem de sentir-se condemnada a ser esmagada em grande parte, se o castello não fôr, sem perda de tempo, protegido. Eu não sei se ha optimistas que não pensam assim. Creio até que deve haver inconscientes que, com grandes ares de pessoas entendidas e absolutamente falhas de toda a especie de senso, se riam de quem lança por este modo, sem disfarces, com coragem e com firmeza, quasi com crueldade, a voz do sentido. Mas sei, porque sahi de lá absolutamente convencido d'isso, que o castello, tal como está, não pode conservar-se por muito tempo, especialmente na parte constituida pela desmantelada residencia regia, que D. Diniz habitou.

Tirados os paços a esboroar-se, ficam a capella em baixo e a torre de menagem, em cima. A' primeira já me referi largamente. Ella era do mais fino gotico que alguma vez se traçou em qualquer parte. Pena é que a tenham deixado estar entregue a todos os vandalismos, desde as ornamentações bizarras, a lapis e a carvão, que decoram a capella-mór, até aos escandalosos roubos de pedra, effectuados por gente da visinhança. Nem o templo, nem a capella-mór, nem a torre, posterior ao resto do castello, ameaçam ruina. Quanto á torre de menagem, prouvera a Deus que acontecesse outro tanto. Ella é das mais grandiosas que conheço. Só em Guimarães, pelo que se refere a Portugal, encontrei uma mole de pedra semelhante. E' altissima e vastissima. Interiormente, está vasia. Sobe-se para o morro que a sustenta com o auxilio de degraus rusticos, abertos nas paredes que manteem o terreno. A sua segurança é mais que precaria. Corta-a, d'alto a baixo, uma larga fenda, que em cada dia que passa se escancara mais e que devide o colosso em duas partes. Quando desabará tudo aquillo, como já desabou, em baixo, a Porta da Traição, que vi ainda de pé e bem conservada? Deve ser questão de pouco tempo, se não a escorarem, se a não ligarem o mais cedo possivel. A torre de menagem d'esta ampla e magnifica fortaleza que D. Affonso Henriques conquistou por um golpe d'audacia, já não tem, de resto, muito de que se lamentar. E' que n'um dos angulos das suas muralhas, lá em cima, no topo, mãos patrioticas espetaram um pau de bandeira, que fica, n'aquelle sitio, mesmo a matar... o bom gosto e o respeito que as velhas coisas devem merecer. Não tive ainda a dita de ver fluctuar-lhe, na extremidade, a bandeira que o completa. Creio, porém, que o quadro deve ficar alguma coisa parecido com o que offereceria uma mendiga esfarrapada, trazendo na cabeça, espetada para o ar, uma grande pluma vermelha. Não será possivel tirar d'ali o grosseiro pausinho, que só um exaggerado espirito sectarista ou um desrespeito absoluto pelo que é antigo requer e merece?

O castello de Leiria está sagrado pela tradição. Ali se luctou e combateu, por mais d'uma vez, pela independencia da Patria. Ali se fizeram heroes e morreram outros heroes, que deram a vida pelo seu rei, que o mesmo era, n'esses longinquos tempos, que dal-a pelo paiz que tão anciosamente um principe audaz e um povo guerreiro andavam talhando a golpes furiosos de espada. O castello é para ser percorrido em silencio, para que não se abafem as vozes humildes e doces com que aquellas pedras, aquellas ruinas, aquelles arbustos e aquellas muralhas denegridas, nos contam a sua condoida historia. Deve entrar-se no castello como quem entra n'um templo—de chapeu na mão, contrictamente. A's egrejas vão os fieis buscar mais paz espiritual, mais tranquillidade de consciencia, mais resignação. Ao castello de Leiria, como ao mosteiro da Batalha, deve ir procurar-se esse fluido immortal que liga, n'um mesmo paiz, todas as gerações e que se chama a tradição historica, a tradição patriotica, a nossa bella e esplendida e opulenta tradição guerreira. Para que manchar, então, o lindo castello, com paus de bandeiras espetados na torre de menagem? Será isso, porventura, bastante, para mostrar que todos o respeitam? O que é preciso é que toda a gente de Leiria, n'um grande esforço, se una em torno da Liga

---

Folhetim d'A CAPITAL — 11-1-1916

Vida Oriental

A china intima

As tchás-tchás

As *tchás-tchás* são cantoras obrigadas nos grandes banquetes chinezes. Quem vae ás grandes cidades do Imperio do Meio ouve fallar com curiosidade nas casas de prazer, ou nos *barcos das flores*. E' ahi que os senhores chinas passam as horas da noite, até que desabe a manhã deliciando-se em phantasticos e pantagruelicos banquetes em companhia das *tchás-tchás—petites amies de la jeunesse qui soupe*—fumando opio, declamando versos, e ouvindo cantar as velhas canções chinezas d'uma harmonia barbara, asperas e arripiantes.

Uma noite, por especial favor de um amigo meu, jornalista chinez, consegui entrar n'uma festa d'essas. Junto de cada um dos convivas uma *tchá-tchá*, relampagueante de joias, toma logar, toda gentileza e amabilidades... Algumas são formosas, sobretudo as tartaras, de grande penteado em leque, entretecido de oiros, muito gracioso e cheio de originalidade. O banquete começa chinezmente pelas sobremezas seguindo-se-lhe pratos com coisas extravagantes: sopa de ninho de andorinha, guisados de cobra, gafanhotos de salmoura, ovos de pomba com vinte annos de conserva, barbatanas de tubarão, lyrios em calda de assucar... coisas emfim muito esquisitas, com molhos polycromos e aromas nauseabundos, que são o martyrio d'um europeu. No intervallo dos pratos bebe-se *lippun*—cerveja de arroz—em barda, e as *tchás-tchás* cantam os *lieds* dos grandes inspirados celestiaes ao som de rabecas encordoadas com pelle de cobra.

Na China não se dança. Os filhos do céu desconhecem essa soberba arte, d'uma luxuria immaterial e divina, essa religião da Linha e da Graça, que faz entreadvinhar o que se não vê, deliciosamente, perturbadoramente, no colear d'uma anca fina e bem lançada, no avultar d'um peito rijo e palpitante, no ondular molle e cheio de graça d'um braço esguio e nervoso.

As *tchás-tchás* não dançam pois. Acompanham-nos durante o jantar e a sua missão é galantear-nos, illudir-nos, dizer-nos coisas lindas e amaveis, servir-nos o opio allucinador, isto tudo a troco de uns dollars. Se fosse verdade o que ellas nos dizem! Se houvesse uma realidade tangivel nas coisas que ellas nos murmuram ao ouvido!...

—Que a sua sympathia pela nossa alta pessoa é sem limites! Que nunca viu em vida d'ella olhos tão attrahentes e illuminados como os nossos!... Que no seu coração surgiu qualquer coisa que a nossa presença lhe fez sentir e que não mais esquecerá o momento do nosso encontro. Até que emfim fui feliz na vida! Que encontrei o homem cujo semblante de oiro, me fascinou e perturbou a alma, cuja presença viril me revelou a fecundidade...

Como o falar na fecundidade do cada um é uma expressão de respeito e alta consideração na China, ella murmura com um enthusiasmo que se encaminha ás nossas algibeiras:

—Como eu quereria ter muitos filhos de ti... porque as minhas entranhas querem-te com amor, com raiva e ardem por sentir a essencia da tua vida a dominal-as!...

E as suas mãositas delgadas cuidadas e lindas, afagam as nossas, inquietantes imploraticas, a scintillar de joias.

Entretanto acaba a primeira parte do banquete e todos se estiraçam nas ottomanas. Uma d'ellas senta-se a meu lado e começa a preparar o cachimbo do opio. Tira com uma agulha de prata um pouco de massa amarellenta do narcotico, que incha e ferve á lampada, e empasta-a no forno do cachimbo de marfim.

—A tua presença em minha casa—o diabo branco—seria a ventura mais doce de imaginar. Um minuto só, e eu serei a escrava dos teus desejos, a serva dos teus pensamentos, a humilde para todas as tuas alegrias... Queres?... Ardo por dentro, sinto-me louca e espero-te lá para me afogares este fogo que me calcina!... Sê generoso para a pobre *tchá-tchá*!...

Escusado é dizer que não nos espera nada, em casa d'ella.

Custa este convidativo aranzel, dois dollars por hora, e é por favor.

Entretanto emquanto ella diz estas cousas o cachimbo está prompto. Mettem'o na boca e accendo-o:

—Fuma meu amor—dragão do meu coração!—Sorve que é a felicidade!...

Lá n'essas regiões ethereas para onde vaes voar verás a minha alma côr de rosa a balouçar-se sorrindo a teu lado!... Lá verás o jardim das flores de oiro que cantam... Lá o ar sorri... e é tão perfumado e suave e bom que é como se mil bocas virgens frescas e vermelhas, te afflorassem pela epiderme a beijarem-te mansinho...

Os olhos cerram-se, o cerebro adormece suavemente, mas a modorra é lucida e o corpo perdida a sensação do pezo fluctua no espaço docemente. Ella suggestiona manso, n'uma caricia leve, junto ao ouvido:

—Vôa comigo ó meu amado! Sentes que aromas suavissimos te regalam e se infiltram por ti? Sentes as musicas dulcissimas que dir-se-hia diluirem os nossos corações, um no outro, as mãos enlaçadas, os olhares embebidos, as almas beijando-se n'um extasi divino supremo e raro?... O' meu amante vôa, conchega-te a mim, bem a mim, enterra no teu peito as púas firmes dos meus seios, aperta-me n'um abraço firme e viril de tenaz, toma o meu corpo em flor tremulo e febril, e rasga-o, esfranga-lh'o e gosa-o a teu bel-prazer!...

E mais e mais palavras sugestivas e consoladoras ella vae murmurando, até que a embriaguez passa pouco a pouco e quando abro os olhos a custo, já a *tchá-tchá*, desappareceu. Ganhou uma mão cheia de dollars pelas doces coisas que me disse e, que a essa hora já estará repetindo a outro cliente, n'outro *barco de flores*...

Algumas fazem carreira rapida e enriquecem depressa. Quando principiam o officio de cantoras vão para os *claus*, aos hombros d'um creado, pois que os seus pésitos ankilosados as não deixam dar um passo... Depois vem a fortuna, as joias, a cadeirinha lantejoulada, como um céu em noite limpida, e quatro herculeos *coolies*. que as conduzem aos celestes *cabarets*...

Se a japoneza é a gentileza e a graça em pessoa, a chineza é o orgulho, a altivez, a distincção. Não são tão agradaveis e graciosas como aquellas, teem ao contrario um ar hieratico, frio e desdenhoso. Ricas, pois que os riquissimos negociantes de chá e sedas de Nankim, Han-Ka-o, chi-fú, as cobrem de joias e enchem de *taels*, e lhes satisfazem os caprichos, a sua presença é estranha e esplendida.

A cabeça é um rio de perolas, escorrendo aos cachos, pelo penteado. Nas orelhas dois chapões de *jade*, verde e sanguineo—pedra da felicidade—e o pescoço e o peito matizados de pedrarias a faiscar, opulentos, deslumbrantes. As mãos de unhas enormes, retorcidas e engastadas em oiro, são pequeninas, macias, cuidadas preciosas... Vestem um *sia-pé* de seda grossa, retezada, de damasco, com bordados carissimos, tão minusculos, vivos e perfeitos são. Envergam umas calças de seda negra, muito largas, e calçam os pésitos dobrados, torturados, minusculos sapatinhos de seda, que mais parecem patas de cabra, que objectos para pé humano, tão inverosimeis são. E' a suprema belleza na China. Com os pés assim comprimidos, os passos das *tchás-tchás* são arrastados, vacillantes, doridos, e como bamboleiam o corpo no esforço, os chinezes chamam-lhes galantemente: *lyrios de oiro debeis na haste*... As mais finas são quasi brancas, as faces a vermelhão vivo, e muito exquisitamente graciosas, com as suas grandes *patilhas* ou mechas de cabello, que lhe cahem ao longo da face até ao pescoço...

O seu ar, assim cobertas de pedrarias e joias, rigidas, exquisitas, soberbas, é o de deusas que descessem de algum altar barbaro. Resplandecem como um relampago de oiro, exoticas, desejaveis, divinas.

A's tardes passeiam nos seus trens, que teem na frente do assento, dentro, um espelho grande onde se remiram, e vão para as casas de chá *rendez-vous* da *jeunesse dorée*, do Celeste Imperio.

Uma d'essas casas que eu vi, era um pequeno paraizo e da mais difficil entrada para europeus. Ficava no meio d'um lago tranquillo, e a passagem era feita por uma estreita ponte florida e elegante, construida em bambú. A' porta sobre um altar um Boudhá de bronze sorri serenamente, emergindo d'entre o lanceolado das folhas do lodão. O edificio é em puro estilo sinico, os coruchéos revirados nas quinas do telhado rebrilhante, as paredes a laca vermelha e oiro, e em volta tem varandins sobre a agua espelhante onde se toma chá e goza a frescura. A' flor de agua esverdinhada emergem enormes flores de lotus, côr de roza, e ilhotas de lyrios roxos, n'uma polychromia macia e suave. As Marguerites Gauthier, da China, rutilantes de riqueza, tomam chá aos grupos empertigadas nos seus *sia-pés*, de seda.

Os *leões* celestiaes, borboleteam em volta, abanicando-se, as mangas da cabaia semi-arregaçadas, murmurando-lhe perto do ouvido gracinhas amarellas, galanteios de rabicho, de que ellas riem fechando os olhitos felinos. Devem ser cousas muito engraçadas certamente...

Eu misero e mesquinho europeu, tomava só abandonado a uma meza a minha chavena de chá, amargo, acompanhado de castanhas, casca de melancia e pequenos pepinos em calda de mel... Riam de mim á socapa, eu bem via. Riam da minha cara, do meu chapeu de palha, das minhas botas direitas. Riam de mim, o *diabo branco*, o ridiculo, o inimigo, o barbaro do occidente... E—lembro-me bem—houve um momento n'essa immensa solidão—entre almas e cousas hostis,—á vista d'essa humanidade extranha e rara tão differente de mim no modo de ser e de sentir, contemplando aquella lagoa de esmeralda, salpicada do rosado da flor do lodão sagrado, emquanto o sol movia no céo esbrazeado, lá para aquella banda, das terras da minha patria, que uma onda de nostalgia me pezou como uma barra de chumbo no espirito.

Sem querer transportei-me espiritualmente, lá longe a trez mil leguas, á rua do Oiro. Os phantasmas queridos, as silhuetas saudosas, as sombras amadas a essa hora deveriam deslisar nos *trottoirs* da Baixa...

(Continua)

Francisco Franco

dos Amigos do Castello, para o salvar. O que não pode dispensar-se é o auxilio do Estado para isso. E como o tempo urge e ninguem sabe se outro terremoto, como o que arrazou Benavente e tanto fez soffrer o castello, está perto ou longe, entendo eu, que muito quero ás maravilhosas ruinas, porque de muito novo aprendi a amal-as, que a consolidação d'aquellas muralhas deve iniciar-se já, sob pena de se perpetrar um dos maiores crimes de abandono, que a historia infinda das nossas incurias e dos nossos desleixos ficará archivando, em lettras de vergonha e de treva. Para mim, é ponto de fé que noventa por cento dos leirienses não subiram a ladeira que leva aos velhos Paços da Rainha Santa ha muitos annos. Creio até que grande porção d'elles jámais lá foi. Se assim não acontecesse, o seu patriotismo teria, decerto, feito com que em torno do castello, que é a maior riqueza de Leiria, se creasse uma atmosphera de amor e de sympathia, que o protegesse difinitivamente de todo o mal que lhe teem feito os homens e o tempo...

ADELINO MENDES

O patriotismo dos habitantes de Bruxellas

Como lhe presta homenagem o governador allemão

Paris, 7 de janeiro

Tendo a cidade de Bruxellas protestado contra o facto dos allemães quererem installar os seus soldados nas casas dos belgas refugiados em França e na Inglaterra, o general von Bissing, governador geral, respondeu que tomava semelhante providencia por causa da attitude da população da capital. Nunca a attitude admiravel e irreductivel dos bruxellezes na sua resistencia moral á oppressão allemã obteve testemunho mais eloquente do que com a resposta do governador allemão. Eis a parte essencial d'essa resposta:

«Não só se distribuem e se vendem continuamente na cidade escriptos injuriosos, de caracter obsceno contra a administração allemã, sob as vistas da policia citadina; não só officiaes allemães teem sido insultados em plena rua (o caso de Jonghe, por exemplo, mas tem succedido amiude a população bruxelleza prestar ao serviço de informações do inimigo uma cooperação activa, fornecendo-lhe esclarecimentos sobre a situação militar na cidade, por exemplo sobre a occupação temporaria dos hangars de aeroplanos e tornou assim possiveis actos hostis contra a guarnição allemã estabelecida dentro dos seus muros. E' lamentavel que até empregados municipaes se não hajam envergonhado de tomar parte n'esses actos de hostilidade e de se coadjuvar como agentes de espionagem ou como detentores de explosivos. Além d'isso, e em larga escala, apezar dos avisos reiterados com ameaça de penalidades severas da parte do governo geral, a população bruxelleza conservou armas occultas e indicou assim a sua intenção de se manter armada na espectativa d'um levantamento. Do mesmo modo, pelo que respeita aos alojamentos, a attitude hostil da população bruxelleza manifestou-se abertamente. Não só se levantaram difficuldades de toda a especie aos officiaes e aos empregados allemães, quanto ao aluguel de habitações convenientes, mas tambem alguns senhorios que alugaram casas a officiaes ou empregados allemães para ganharem assim legitimamente a sua vida, esbarraram com as continuas chicanas dos seus concidadãos, com ameaças e humilhações. D'esta arte, a questão de habitação de officiaes e empregados allemães tornou-se particularmente embaraçosa».

Von Bissing rende d'este modo indirectamente, uma significativa homenagem ao patriotismo dos habitantes de Bruxellas.

Um crime grave

Creança estrangulada

Nos calabouços do governo civil encontram-se presos Clara Ferreira de Barros e seu marido Thiago Antonio, carregador na estação dos caminhos do Sul e Sueste, no Terreiro do Paço, moradores no largo dos Trigueiros, 13, 2.º, sobre quem como os jornaes da manhã noticiaram, recahiam suspeitas de provocação do aborto n'um filho de Clara e de um seu conterraneo.

Entregue o caso á judiciaria, esta apurou que a creança nascera viva e que a mãe a estrangulára, sendo o marido encarregado de a lançar ao Tejo quando fosse entrar de serviço. A creança nasceu no dia de Natal e o crime foi commettido no dia seguinte, indo o Thiago depôr o cadaver envolto n'um avental, n'uma escada do largo dos Trigueiros. Com receio da policia pegou novamente no pequeno cadaver e lançou-o no rio. Interrogados e acareados, confessaram o crime.

Movimento maritimo

S. Thomé, «Angola» 11
Liverpool «Domine» (do Brazil) 11

NO REGIMEN DA SEPARAÇÃO

Ha liberdade de culto

O que nos diz o rev.º dr. Agostinho Motta sobre a Festa do Coração de Jesus em S. Nicolau

Porque até nós chegou o echo do brilhantismo das festas organisadas em homenagem ao Coração de Jesus, na Egreja de S. Nicolau pelo seu prior. o rev. dr. Forte de Carvalho, interessou-nos o conhecimento dos seus detalhes sobretudo porque nos constava ter havido uma extraordinaria concorrencia em todos os dias da novena que precedeu a grande ceremonia religiosa de hontem.

Assim foi que resolvemos procurar quem com bem conhecimento nos informasse, deparando-se-nos por feliz casualidade o rev. dr. Agostinho Motta, o fluente orador, que hontem prégára na festa e que pelas suas grandes faculdades é hoje um dos mais illustres ornamentos da tribuna sagrada, sendo quasi diaria a sua collaboração nas solemnidades dos templos catholicos de Lisboa.

Tendo percorrido grande parte da Europa e, ainda ha pouco, o Brazil, onde foi chamado por varios bispos para realisar as celebres conferencias religiosas, a que a imprensa fluminense tanto se referiu no anno passado, o seu depoimento encerra especial valia.

Pedimos-lhes as suas impressões.

—Magnificas! meu amigo—respondeu-nos S. Rev.ª—Já pelo modo come as festas foram preparadas e já pela significação religiosa que ellas revestiram.

«Na novena tomou parte um *orpheon* de cêrca de 55 creanças que entoou todos os canticos com muita perfeição, não sabendo eu o que mais admirar se a execução, que foi de todo o ponto excellente, se a uncção religiosa com que todas essas encantadoras creaturinhas se desempenharam do seu papel. As suas vozes modulava-as uma fé viva que dava aos seus cantos, como que uma reminiscencia do Céu, que suas almas evocam.

«Depois, ha uma circumstancia a notar particularmente, qual a de todos os canticos serem escriptos em portuguez o que, dando aos côros um caracter mais intimo na invocação aos santos, trazia á festa uma nota bem portugueza, como direi? Nota de festa de familia, unindo todos n'um laço mais estreito de caridade christã.

«Todos os canticos são lindos, mas, inda assim destacarei, por superiores o *Padre Nosso*, a *Ladainha do Coração de Jesus*, e as *Jaculatorias*.

—E quanto á concorrencia?

—Ah, não calcula! Uma concorrencia enorme, direi mesmo extraordinaria. Isto sem a menor alteração da ordem e, muito pelo contrario, revestindo um singular respeito, prova evidente da sinceridade da crença que ali tanta gente reunia. E' um facto tanto mais para notar quanto é certo que se trata de Lisboa e não da Provincia.

—Então, — permittimo-nos interromper—apezar de tudo quanto por ahi se diz, em Lisboa ha liberdade de culto e quem quizer praticar a sua religião pode á vontade fazel-o...

—Sem duvida. O culto nos templos exerce-se absolutamente livre. A festa de S. Nicolau é disso uma prova eloquentissima, como aliás o é a forma como decorrem as festas de todas as egrejas de Lisboa.

«De resto, não julgue o meu amigo que os assumptos versados nas conferencias, feitas em todos os dias da novena, poderiam pelo seu caracter abstracto chamar a S. Nicolau quaesquer curiosos. Não senhor; os themas tratados pelos oradores revestiram um caracter estrictamente apostolico e muito pratico na explicação da verdade religiosa.

—Recorda-se v. rev.ª d'elles?

—Tenho-os presentes e posso ennumeral-os para vêr. Por sua ordem, foram *A Paz*, pelo padre Marques Junior; *O trabalho*, sobre que fallei no segundo dia; *A virtude da Paciencia*, pelo padre Vacondeus: *A Eucaristia*, pelo padre Alves Martins; *A Virtude da Fortaleza*, pelo padre Vacondeus; *A Liberdade*, pelo padre Marques Junior; *A Superioridade do catholicismo sobre as outras religiões*, pelo padre Vacondeus; *A Caridade*, pelo padre Farinha Beirão; e por fim, na solemnidade da festa do nono dia falei eu sobre *O Coração de Jesus*.

«Repito-lhe: as festas de S. Nicolau foram uma consoladora prova de que em Lisboa ha religião e de que os que a teem podem livremente praticar-a nos seus templos».

—Ainda bem que de tão auctorisada bocca sahem essas palavras.

Nem mais nada é mister accrescentar a este depoimento tão insuspeito como valioso.

Salão Foz

Em «soirée» elegante dedicada á primeira sociedade de Lisboa realisa-se esta noite a esplendida estreia do dr. De Falcio hoje considerado o primeiro artista em transmissão de pensamento tão apreciadas pelo nosso publico.

Matilde Aragon e Angelita Maldonado, gentis e graciosas hespanholas continuam attrahindo á linda sala do Foz uma enorme concorrencia, que dispensa a todas as distinctas artistas fartos e justos applausos.

O Salão Foz está sendo agora considerado como o mais elegante e distincto da capital.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

TARDIO ARREPENDIMENTO...

A Allemanha suspira pela paz

Como a situação no imperio tem peorado de dia para dia

Zurich, 6 de janeiro

Na Allemanha, o novo anno não foi já d'esta vez pretexto para a exhibição de enthusiasticas esperanças no triumpho. Pelo contrario. Em todo o imperio, o que do intimo da alma anceiam os fatigados subditos de Guilherme II, é a paz. «Gebe uns Gott sui gutes Friedens Jahn 1916» é o voto commum de toda a população. Já não é a victoria que lhes escaquenta os cerebros, é a necessidade de um pouco de bom senso para a direcção superior da causa publica, a fim de que sobre o povo se não desencadeiem ainda maiores calamidades.

Sabe-se já que em breve no Reichstag será approvado um novo projecto de impostos, pelo qual aos contribuintes do imperio serão arrancados mais seiscentos milhões de marcos por anno. E note-se que apenas se trata, por emquanto, de impostos indirectos. As industrias do tabaco e da electricidade serão monopolisadas.

Por outro lado, se a Allemanha está em condições de produzir, attendendo á perfeição das suas industrias, todo o acido azotico e o ammoniaco necessarios á preparação dos explosivos, a verdade é que a crise do cautchuc e do cobre é cada vez mais ameaçadora.

Por telegramma de Berlim, soube-se tambem que os protectores de borracha e os pneumaticos, até ha pouco apenas sujeitos ao manifesto obrigatorio, começaram a ser apprehendidos pelas auctoridades militares em 4 do corrente. Quanto á questão do cobre, que a imprensa declarava ainda existir em abundantes «stocks», uma medida official acaba de a pôr nos rigorosos limites da verdade. E a verdade é que o cobre escasseia terrivelmente nas fabricas de munições, onde é indispensavel não só para a manipulação de capsulas de cartuchos, como das cintas que envolvem as granadas.

Actualmente, lança-se já mão dos mais insignificantes objectos d'esse metal. As auctoridades reclamam dos particulares a entrega immediata e sem mais formulas dos seguintes objectos que ainda não tenham sido requisitados anteriormente: siphões de cerveja, instrumentos de engomar, cafeteiras e machinas de café, fôrmas de bolos, lampadas, candelabros, serviços de fumadores, leiteiras, objectos de escriptorio, chaleiras, thermometros, etc.

A questão das subsistencias aggrava-se egualmente. A Allemanha está disposta a mandar sahir das suas fronteiras todos os subditos de paizes neutros ou alliados que n'ella residam ainda, a menos que a sua permanencia não seja de manifesto interesse para o estado. Suppõe-se geralmente que, d'esta fórma, haverá dentro em breve menos 200.000 boccas a sustentar.

Em summa, por maior confiança no futuro que apparentem nas regiões officiaes, a situação é cada vez mais inquietante. O proprio chanceller do imperio, na intimidade, tem uma attitude bem diversa da que mostra no Parlamento. Apesar da sua proverbial circumspecção, reconhece que qualquer territorio conquistado poderá transformar-se, de futuro, n'uma fonte de difficuldades e de sensaborias para a Allemanha. Sobretudo se a Belgica viesse a ser mais ou menos mutilada, está convencido que isso bastaria para mais tarde se provocar uma nova e tremenda guerra com a Grã-Bretanha.

As garantias do territorio inimigo occupado actualmente pelas tropas allemãs são motivo de novos embaraços e preoccupações e as exigencias pangermanistas já não são escutadas com prazer pelo governo. Não ha duvida que o pangermanismo está creando á Allemanha uma situação incommoda, precisamente no momento em que ella desejaria aplanar todos os obstaculos a uma paz cada vez mais indispensavel á segurança do imperio e dos seus habitantes.—*N. A.*

Partido socialista portuguez

Passando hoje o 41.º anniversario da fundação do partido socialista, as commissões parochiaes de Monte Pedral, Beato, Santo Estevão e S. Miguel realisam ás 21 horas, uma sessão commemorativa na séde da Associação do pessoal do porto de Lisboa, rua do Paraizo, 28, 1.º, para a qual está convidado um grupo musical.

MUSICA

Concerto Mantelli

Em casa de madame Mantelli realisa-se ámanhã, ás 20 horas e meia da noite, um concerto, com o seguinte programma:

1.ª parte—*Duetto*, Mendelssohn, m.elles Rita Carvalhaes e Filippa Torre do Valle; *Elegie*, Massenet, m.elle Maria da Gloria Vasconcellos Santos; *Enchantement*, Massenet, m.elle Ericilia Vasconcellos Santos; *Bon jour, Suzon*, Denza, m.elle Maria José Caldeira Coelho; *Deliri*, Tirindelli, mr. João Madail; *Mignon*, Beethoven, m.elle Rita Carvalhaes; *Duetto — Noces de Figaro*, Mozart, m.elles Maria José Madail e Berta Madail.

2.ª parte—*Duetto—Canção da bisbilhoteira*, Sarti, m.elles Maria Amelia Cid e Luiza Machado; *Elixir d'amor—Una furtiva lagrima*, Donizetti, sr. Eduardo Marrecas; *Boheme—Canzone di Mimi*, Leoncavallo, m.elle Irene May d'Oliveira; *Sanson et Dalila—Aprile forieri*, Saint Saens, m.elle Filippa Torre do Valle; *Forza del Destino*, Verdi, m.elle Herminia Pereira, a) «Quand l'hache tombe», b) «Mon pays», c) «Berceuse». Gretschaninow, m.elle Irene d'Almeida; *Fausto — Aria Gioielli*, Gounod, m.elle Alice Caldeira Cabral; *Mignon—Polaca*, Thomas, m.elle Ilda Feio.

3.ª parte—*Duetto—Aida*, Verdi, m.elles Maria Amelia Cid e Mannela Sampaio; *Africana—O Paradiso*, Mayerbeer, sr. Manuel Alves da Silva; *Sapho—Seduction*, Massenet, m.elle Luiza Machado; *Promessi Sposi*, Ponchielli, m.elle Manuela Sampaio; *Manon—Seduction*, Massenet, m.elle Metello Antunes; *Andréa Chénier—Improviso*, Giordano, sr. Antonio José Pereira; *Pagliacci—Aria Nedda*, Leoncavallo, m.elle Maria Pires Marinho; *Andréa Chénier—La mamma morta*, Giordano, m.elle Maria Amelia Cid; *Hymne d'Amour*, Massenet, m.elle Bertha Guimarães; *Wally*, Catalani, m.me Maria Couto; *Tersetto—Amor del canto*, Emilio Mantelli, m.elles Luiza Machado, Bertha Guimarães e Manuela Sampaio.

Na Camara dos Deputados

A matricula dos alumnos da Escola Medica

Como não estejam presentes nem o presidente nem os vice-presidentes, cabe de novo a vez ao sr. Carvalho Mourão de presidir. A' primeira chamada respondem 52 deputados. Do governo comparecem os srs. ministros do interior e da justiça. Lança-se na acta um voto de sentimento pela morte do pae do sr. Victorino Guimarães. Toma assento o sr. Amadeu Monjardino, unionista. O sr. Rodrigues de Sá occupa-se d'uma questão de promoções de sargentos na arma de artilharia, pedindo providencias contra certos actos que julga abusivos e que teem de ser modificados, por representarem prejuizos para terceiros. O sr. Firmino da Costa apresenta um projecto de lei supprimindo, em todos os ministerios, as informações confidenciaes. O sr. Germano Martins manda para a meza dois projectos de lei, um alterando a lei da caça, que é da iniciativa de varios caçadores e tambem assignado pelo sr. Casimiro de Sá, e outro concedendo a aposentação aos empregados do ministerio da justiça de nomeação vitalicia, que a essa aposentação não teem direito, contribuindo para a caixa das aposentações com a quota de 5 por cento, que é paga pelos que a essa concessão tenham direito. O sr. Manuel Granjo tambem apresenta um outro projecto creando no Porto a cadeia nacional e transformando a Relação em Palacio de justiça. O sr. dr. João Gonçalves insurge-se contra o facto de terem sido postos em liberdade certos individuos que, em Villa Franca de Xira, foram detidos como auctores d'um crime de furto. O sr. ministro do interior promette informar-se. O sr. Moura Pinto pergunta o que ha sobre boatos que teem corrido relativamente ao facto de se ter creado uma situação especial a um titular que se viu envolvido n'um caso de quebra, fraudulenta; sob o pretexto de se encontrar doente. Se a doença existe, bom é que o preso seja tratado. Mas não acredita que se lhe tenha dispensado uma situação excepcional, o que seria absolutamente contraria á lei. O sr. ministro da justiça diz que o assumpto não corre pelo seu ministerio. O titular em questão foi pronunciado pela Relação, não figurando, portanto, no processo, nenhum despacho ministerial. O sr. Costa Junior quer que se evite a sahida para Hespanha de varios medicamentos, que agentes d'aquelle paiz andam comprando no nosso. O sr. ministro do interior responde que o governo não descurará o assumpto. O sr. Gonçalves Brandão protesta contra a transferencia d'um professor do lyceu de Braga para o de Setubal.

Na ordem do dia, discute-se o projecto que auctorisa os alumnos da Escola Medica a matricularem-se nas cadeiras que entenderem, d'harmonia com o regimen provisorio em vigor. Falam os srs. João Barreira, João Camoezas, ministro da instrucção, Cabral de Castro e outros, sendo o projecto approvado sem alterações. Na segunda parte da ordem, procede-se á eleição da commissão de estatistica. Como entrem na urna apenas 65 listas, a eleição tem de repetir-se.

NO SENADO

O sr. Agostinho Fortes e a questão do papel dos jornaes

Com 28 senadores presentes, o sr. Correia Barreto abre a sessão. Approvada a acta e lido o expediente varios senadores mandam para a meza documentos e pareceres que seguem o seu destino.

Particularmente o sr. Agostinho Fortes mostra-nos um projecto de lei da sua lavra, cujo artigo 1.º reza assim: «Fica isento de quaesquer direitos alfandegarios de entrada o papel de impressão para os jornaes». Este projecto, porem, não póde ser apresentado por esta Camara não ter direito de iniciativa.

Antes da ordem, alguns senadores pedem a presença dos srs. ministros. Mas como estes não podem vir, e não haja ordem do dia, o sr. Correia Barreto encerra a sessão marcando a proxima para quinta-feira, á hora do costume.

NO SEIO DO MYSTERIO

"A caminho da Morgue..."

Revista em tres actos, dos alumnos do 5.º anno de medicina

Nem só de pão vive o homem. Nem só de gréve cuidam n'esta altura os estudantes da Escola Medica. Esse incidente não alterou costumes antigos, como a sua festa annual que, a partir de 1892, consiste n'um espectaculo em que se exhibe uma revista do anno escolar, na qual por vezes os mestres foram caricaturados com graça. O producto da festa, como é proprio da mocidade, tem um fim generoso, um fim altruista e constitue uma affirmação do espirito de solidariedade que existe entre os academicos.

No Martinho encontrámos o auctor da revista a quem pedimos informações sobre o seu trabalho. Quiz esquivar-se per modestia e tambem decerto para não desvendar o mysterio que julga convir ao exito da obra já concluida na parte que lhe diz respeito. Insistimos. Acquiesceu ás nossas instancias.

—Então como se chama a revista?

—«A caminho da Morgue».

—Tareia nos mestres?

—Nenhuma. São tratados caridosamente. E' certo que a caridade é uma coisa sobre que cada um tem uma noção differente. Ha quem chame ser caridoso dar um socco quando podia dar um cento, fazer saltar um dente em vez d'uma dentadura. Mas aqui não é isso. Piadas, sim, um dito mais ou menos picante, uma graça mais ou menos forte, que ás vezes pode não ter graça, mas nem assim offende. A musica, sim, essa é admiravel.

—A quem recorreram?

—A' prata da casa, meu caro amigo... Tudo na revistá é exclusivamente nosso. Na musica, Vasco Sanches e Coutinho d'Oliveira houveram-se magistralmente. O primeiro é conhecido entre profissionaes e amadores de musica como um artista, e o segundo, discipulo apreciado do professor Sarti, é uma vocação. Não julgue que não ha provas d'essa competencia. Grande numero das musicas das canções portuguezas que esse professor tem feito applaudir são obras suas.

—Mas propriamente a lettra da revista?

—Olhe: a revista é d'elles. Sem a sua cooperação musical nem eu a escreveria, nem, a escreve-la, ella passaria d'essa coisa desenchabida e insonsa que teria de ser uma revista feita por quem, nem sequer na rara frequencia de theatros poderia adquirir o desembaraço e a naturalidade, afóra muitas outras qualidades, que o papel de revisteiro requer. E' uma coisa para passar a noite, angariar alguns cobres para sustentar a benemerita instituição da Caixa dos Estudantes Pobres, que alguns serviços presta a collegas nossos.

—Já teem theatro?

—O Polyteama.

—E a respeito de ensaiador?

—Temol-o na pessoa de Alvaro Cabral, o brilhante ensenador do «Dominó» a cuja larga pratica, e muita paciencia nos fomos acolher.

E o quintanista revisteiro, que é um rapaz de talento e d'uma actividade extraordinaria, voltando a impôr-nos silencio sobre o seu nome, concluiu por dizer-nos que a distribuição dos papeis se realisa ámanhã, ás 16 horas, no Politeama...

Assistencia infantil

Cantina de S. Nicolau

A direcção das escolas da freguezia de S. Nicolau introduziu nas suas instituições de caridade um novo e grande melhoramento. Inaugurou hoje, pelas 12 horas, a cantina para fornecimento de lanches ás creanças de ambos os sexos que frequentam as suas escolas. Embora pequena, a cantina é digna de ser visitada. No vão de uma janella foi feito um forno onde entra o caldeirão que comporta 150 litros de agua havendo ao lado um outro forno para assados, sendo a comida confeccionada a gaz. Ao lanche de hoje, que constou de sopa de feijão branco com arroz e pão, assistiram os directores srs. Augusto Anselmo, Francisco Izidoro Nunes e Arthur Moreira de Oliveira. As refeições são diarias e fornecidas por emquanto a 60 creanças.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«As Cartolinhas e os Adelaides»

Em bella edição foi publicado este lindo duetto da revista *O dia de juizo* actualmente em scena no theatro da Trindade, lettra de Eduardo Schwalbabe e musica de Alves Coelho. O preço é de $20.

«O Gelo e a Lareira»

A casa Sasseti & C.ª, da rua do Carmo, publicou em edição ao preço de $40 este applaudido duetto da revista *Dominó*, em scena no Eden-Theatro, lettra de Pereira Coelho e Alberto Barbosa, musica de Carlos Calderon.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Gremio Instrucção do Povo

A nova séde é na calçada do Combro, 38, A, 1.º, (palacio do antigo Correio Geral). Acha-se aberto e á disposição dos socios todos os dias das 20 horas em deante. Tambem se encontra já aberta a matricula para a escola do Gremio.

Liga Republicana das Mulheres Portuguesas

Reune a assembléa geral no dia 15, pelas 20 horas, na nova séde, largo do Mastro, 40, 2.º, sendo a ordem dos trabalhos: apresentação de contas relativas ao anno de 1915 e eleição dos corpos gerentes para o anno de 1916. Se no dia 15 a reunião não poder effectuar-se por falta de numero, realisar-se-ha no dia 22, com qualquer numero.

Classe dos cortadores

Para apreciar a situação da classe é convocada a assembleia magna a reunir amanhã, ás 19 horas, devendo comparecer todos os interessados, socios e não socios, na séde da associação, Poço do Borratem, 33, 1.º.

Opera lyrica

Luz Rugama na "Traviata"

Pelo renome que já tem, Luz Rugama é considerada hoje uma das melhores e mais maguadas sentimentaes «Traviatas». A doce «Dama das Camelias» incarnou-se n'ella como no temperamento mais adequado ás grandes expansões amorosas. Por isso, quando ella apparece, no primeiro acto, esplendida de graça e de formosura, no esplendor da sua mocidade rutila, vestindo no mais alto requinte, o publico fica no ar extatico de quem vê uma ressurreição. Depois, no decorrer da vida mundana e agitada da pobre Margarida, ou Violeta, na inspirada partitura de Verdi, Luz Rugama passa por todas as «nuances» do sentimento que tem, na sua figura esculptural e na sua voz divina, todas as expressões cambiantes. Como dissémos, a formosa cantora apenas tomará parte em trez recitas, seguindo depois para a Grande Opera de Monte-Carlo.

Para a recita elegante de quinta-feira, seu debute, estão já á venda os poucos camarotes e «fauteuils» que restam, pois que a procura tem sido anciosa e enthusiastica.

Vem a Lisboa tomar parte em quatro unicas recitas, especiaes, o mais eminente barytono da actualidade, o grande Battistini, gloria imperecivel do mundo lyrico, cuja carreira tem sido uma permanente apotheose.

Ainda ante-hontem, o glorioso artista teve uma consagração delirante, cantando a «Maria de Rohan», no Liceo de Barcelona.

Ultimas noticias

Noticias parlamentares

Segundo parece, é ámanhã que o sr. ministro das finanças leva ao parlamento o Orçamento Geral do Estado. A'manhã ou depois, o mais tardar. Sobre os numeros que esse diploma fixará, tanto para as receitas como para as despezas, nada consta, por ora. O sr. dr. Affonso Costa tem mantido, a tal respeito, o mais absoluto e impenetravel segredo. Mas já não succede o mesmo com as propostas que acompanharão o orçamento e se destinam a alcançar receita para a saldação do «deficit»... Além das reformas da contribuição industrial e da decima de juros, o parlamento será tambem chamado a modificar a contribuição de registo, cuja remodelação será completa, segundo affirmam os alviçareiros bem informados. Mas como elles tambem cincam de vez em quando...

• • •

O sr. Firmino da Costa é uma creatura nem alta nem baixa, nem gorda nem magra, nem sympathica nem antipathica, a quem coube a sorte de ser deputado. Tanto bastou para se julgar orador de largos vôos, capaz de maravilhar o proprio sr. Pires de Campos com a sua eloquencia. E lá o ouvimos hoje, em S. Bento, esse rouxinol com gogo a pedir, n'um projecto de lei que ha de ficar notavel, a suppressão, em todos os ministerios, das informações confidenciaes. Ha de ser, fatalmente, uma creatura ingenua, o sr. Costa. Elle desconhece, decerto, até onde vae a bisbilhotice na nossa terra. De contrario, não se atreveria, com certeza, a querer acabar com o principal elemento de selecção que ha uns tempos, por esse mundo official, se vem usando com tanta galhardia. A bisbilhotice portugueza! Ha de passar á historia, creia o sr. Costa. E o sr. Firmino, com a sua eloquencia, tambem...

• • •

O pente fino do sr. Pires de Campos voltou hoje a funccionar. E houve-se na perfeição, tirando, da cabelleira que lhe cahiu nos dentes, toda a caspa que por lá havia [illegible]. A victima do sr. Pires foi o regimento dos preços em vigor nas pharmacias. Assumpto de mais intimo conhecimento de sua senhoria, que em drogas tem capello. E' mesmo das drogas que lhe veem as ajudas de custo diario e os passes inherentes ao seu emprego, que lhe fazem passar vida regalada. Queria o sr. Pires que o governo alliviasse os boticarios do custo de certos medicamentos, que são exorbitantes. Como? A' sombra da lei das subsistencias. Até para que em vez de café, toda a gente anda por ahi a tomar, ao almoço, oleo de ricinos. Aquella pharmacia de Leiria, com o sr. Mesquita que já esteve para ser commissario de policia... E' por causa d'isso que o sr. Pires de Campos está assim...

• • •

As estatisticas estão novamente em maré cheia. Desde que é preciso que toda a gente aprenda a contar, não ha nada mais proprio para isso que a litteratura do sr. Souza Junior. Ella é sobria e concisa, muito embora, de vez em quando, pareça ser tambem selecta. A Camara assim o reconheceu, elegendo hoje uma commissão de estatistica, coisa que em S. Bento havia muitos annos que não havia. Funcções d'essa douta instituição? Mas são evidentes: arranjar o [illegible] das coisas bizarras que os srs. deputados [illegible] pela bocca fóra quando abrem a bocca para dizerem alguma coisa. Se fôr trabalho elaborado com escrupulo nem o mais afamado almanach das Gargalhadas lhe levará as lampas.

• • •

Disse hoje na Camara o sr. Manuel Granjo que as cadeias publicas, em Portugal, eram verdadeiras vergonhas. E a proposito, n'aquelle tom lirico e poetico-sentimental que é tanto do gosto d'esse deputado, accrescentou elle que taes vergonhas não podem continuar, sob pena de não se sabe bem de quê. O sr. Eduardo de Sousa, como quer que os seus collegas rissem, conversassem e palrassem, acudindo pressuroso, declarou que o assumpto era grave, parecendo-lhe que os deputados o não tomavam a sério por não terem estado nunca nas cadeias que o sr. Granjo estigmatisava. E' certo. Nem lá estiveram nem esperam de lá parar. Para alguma coisa ha de servir a tranquillidade de consciencia...

Academia das Sciencias de Lisboa

Exposição bibliographica

E' ámanhã que o sr. presidente da Republica vae inaugurar a exposição de todas as publicações feitas por ordem da antiga Academia das Sciencias de Lisboa. Passa de quinhentos o numero das especies expostas, sendo algumas muito raras por se terem esgotado totalmente as edições.

Não menos invulgares são as separatas, attendendo á sua tiragem limitada. As obras que figuram na exposição não podem, nem devem ser avaliadas pelo seu numero, mas sim pelo seu grande valor scientifico ou litterario. São trabalhos da auctoria das mais eminentes mentalidades portuguezas, por consequencia trabalhos de responsabilidade, feitos em resultado de muito estudo e paciente investigação.

Assim dos Portugaliae Monumenta Historica» appareceram quatro in-folios, volumosos, tendo a manufactura d'essa obra levado annos, como muitissimo tempo leva o estudo consciencioso dos documentos.

O que acontece com os «Portugaliae Monumenta Historica» occorre com a maioria das publicações academicas. Por isso é de esperar que os visitantes d'esta interessante exposição a apreciem, tendo presente este importante factor:—a qualidade do que se acha exposto.

Hoje deve ficar concluida a ornamentação do sumptuoso salão onde se exhibem essas obras representativas da mentalidade portugueza no ultimo seculo.

PEQUENAS NOTICIAS

Deram entrada no hospital de S. José: na enfermaria 8, Antonio Bernardo, morador no Cartaxo e ali entalado entre um carro e um muro, pelo que ficou muito ferido; na enfermaria 11, Victoria Garcia, moradora na rua de Marcos Barreiros, que no largo do Camões cahiu, fracturando a perna direita.

—No banco do hospital recebeu curativo d'um ligeiro ferimento na mão esquerda Joaquim Relvas, empregado no commercio, attingido por bala de um revolver que se disparou quando o estava manejando.

—Foi hoje preso na quinta dos Apostolos, ao Alto de S. João, onde reside, Antonio Duarte, mais conhecido pelo «Antonio das Cebolas», de 29 annos, accusado de, ha já bastante tempo, ter aggredido no largo de S. Domingos, dois individuos, um dos quaes veiu a morrer no hospital de S. José.

Pede-nos o sr. Antonio Evaristo para que tornemos publico que deixou de ser editor e administrador da publicação «Os Burros».

Luz e energia electricas

Pedem-se providencias sobre as interrupções frequentes

Chamamos a attenção da Companhia do Gaz e ainda a das auctoridades para a frequencia com que se produzem interrupções de luz e energia electricas e que originam transtornos mais ou menos graves. As causas d'essas interrupções deve a Companhia averiguar-as e remedial-as sem demora, pois que não será para admirar que venham a produzir consequencias de maior vulto.

Voltaremos ao assumpto, insistiremos n'elle e tratal-o-hemos com largueza se por acaso se não derem as rapidas providencias que elle exige.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

CASAMENTOS

Realisou-se hoje na egreja de S. Luiz a ceremonia religiosa do casamento da sr.ª D. Maria Jeronyma de Macedo e Brito com o sr. João Romero, filho do sr. Eduardo Romero que actualmente se encontra servindo no exercito francez. A ceremonia civil realisara-se no sabbado, na administração do primeiro bairro.

Testemunharam o acto, por parte da noiva os paes d'esta general Macedo e Brito e a sr.ª D. Maria d'Aragão e Brito; por parte do noivo a mãe d'este sr.ª D. Joanna de Romero e seu tio o sr. João Bergaro. Finda a ceremonia religiosa dirigiram-se os noivos, testemunhas e convidados para o Hotel d'Inglaterra onde lhes foi servido um almoço em que tomaram parte cincoenta e cinco convivas.

Durante a refeição, que começou ás quinze horas e meia, fez-se ouvir o sextetto do hotel.

Entre os convivas viam-se, além dos nubentes, os paes da noiva, e mãe e tia do noivo, a sr.ª condessa do Lavradio, D. Maria da Piedade Viegas, generaes Silva, Serra e Moura, Brito d'Abreu e esposa, srs. Frederico Romero, irmão do noivo, dr. Garrido, Lima Santos, capitão Portugal e esposa, dr. Souto Porto e filha, Antonio Silvano e esposa, Crow e esposa, capitão de cavallaria Tavares, major Mimoso Guerra e esposa, capitão de infantaria Mario Ramos, Carlos Silvano, esposa e filha, Luiz d'Aragão e Brito, irmão da noiva, Fausto Brito Abreu e esposa, Santos Silveira, esposa e filhas, tenente d'engenharia José Carção e esposa e Moniz Muller e esposa.

ANNO NOVO

Recebemos e muito agradecemos, retribuindo-os, cumprimentos das consideradas escriptoras sr.ªs D. Alice Moderno e D. Maria Evelina de Sousa e do distincto pintor sr. José Campas.

NOTAS MUNDANAS

Acompanhado de sua familia, regressou de Italia o sr. Francisco Onofrio, membro da junta administrativa da egreja do Loreto.

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente da Republica recebeu hoje os srs. dr. Manuel Monteiro, presidente da camara dos deputados, e Brandão Paes.

—Conferenciou hoje com o sr. governador civil o administrador do concelho do Barreiro, sr. Antonio Bernardo. Os funccionarios dos differentes governos civis que actualmente se encontram em Lisboa apresentaram hoje os seus cumprimentos ao sr. dr. Costa Gonçalves.

—O deputado sr. Domingos Cruz apresentou hoje ao sr. ministro do fomento as commissões parochiaes e politicas de Parede, que vieram tratar da conclusão da estrada de Lordelo.

Aggressões e desordens

Foi preso Antonio Firmino, morador na rua da Rosa, 115, 1.º, por aggredir com uma facada no rosto Albina Alves, residente na travessa da Boa Hora, 26, a qual recolheu a casa depois de pensada no posto da Misericordia. Estava, porém, em maré de infelicidades a pobre rapariga, por que d'ahi a pouco, quando se encontrava á porta, passou João Barreto Cordeiro, morador na rua José Estevão, 36, 2.º, e lhe chegou um phosphoro acceso aos cabellos, pelo que ella ficou muito queimada no pescoço, tendo de voltar a receber curativo. O Cordeiro foi preso.

—Miguel Antonio Alves, morador na rua da Amendoeira, 34, 1.º, foi preso na Mouraria, onde andava proferindo obscenidades e contrariando com quem passava. Repreendido pelo guarda 834 atirou-se a elle e deu-lhe algumas morradas pondo-se em seguida em fuga. Recapturado pelo guarda 1558 aggrediu-o tambem á bofetada, e começando a gritar em altos berros, chamando assim a attenção dos populares que, não sabendo do que se passava, começaram a arremessar pedras contra os guardas, resultando ficar ferido o 1558. A muito custo deu entrada no posto da Mouraria.

—Foram presos Antonio Baptista, morador na rua da Esperança, 212, 2.º e Joaquim Baptista, no pateo do Prior, 2, A, por aggredirem á bengalada José Monteiro, morador na rua de Alcantara, 33, 2.º, o qual teve de ir receber curativo ao hospital de S. José de ferimentos que apresentava na cabeça.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34 1/16	33 15/16
Londres, 90 d v.	34 7/16	—
Paris, cheque	$75,5	$76
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$66	$66,5
Madrid, cheque	1$40,5	1$41
Suissa, cheque	$86	$86,6
Italia, cheque	—	—
New York	1$47,5	1$48,5
Rios/Londres	11 29/32	—
Libras	7$[illegible]	7$80
Agio do ouro	52 %	56 %

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Frei Luiz de Sousa—O primeiro beijo.
TRINDADE—A's 21—Dia de juizo (Revista).
POLYTEAMA—A's 21—Ouro sobre azul.
GYMNASIO—A's 21—O primo Bazilio.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—De capote e lenço (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A espiga (Revista).
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Recita de moda—Favorita.

Agenda da semana

AMANHÃ—**Apollo**—Reapparição do actor Joaquim Costa na revista *De capote e lenço.*

QUARTA-FEIRA—**Politeama**—*Reprise* da comedia em trez actos *O sr. juiz.*

Ao correr da pena

Ha dez dias aproximadamente o *Diario de Noticias* na sua secção de annuncios inseria um pedido de commandita para uma exploração theatral «de genero absolutamente novo e de exito garantido». Na cama, onde estava lendo o annuncio, ergui os braços ao ceu pedindo a Jupiter que os rogos do futuro empresario fossem attendidos. Poucos terá havido tão dignos da protecção dos deuses. Desde que elle garante o exito, como os relojoeiros o bom funccionamento das suas machinas, porque não ha de surgir o Mecenas que nos facilite a nós, miseros mortaes espectadores, os encantos de um genero theatral absolutamente novo? As formulas actuaes do theatro vão estando um pouco gastas. Por mais esforços que façam os interessados, não sabimos dos circulos mais ou menos viciosos em que estamos encerrados. O homem do annuncio descobriu um genero inteiramente novo. Elle que venha, excelso pae do Deuses. N'estes tempos de charra banalidade, em que nem já a propria guerra, estupendo poema symphonico da escola allemã, conseguo interessar absolutamente os nossos gostos artisticos, com que delicias veriamos apparecer essa novidade, que é talvez a realisação do sonho de quantos andam a maldizer do existente sem afinal saberam exprimir claramente o que querem.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A peça do Schwalbach *Poema de amor* só subirá á scena no Republica depois do Carnaval. A primeira peça nova será a de Vasco Mendonça Alves com Eduardo Brazão no principal papel masculino.

A empreza do Avenida mandou afixar na sua tabella uma das ultimas chronicas publicadas n'este jornal, que se referia á improvisação dos actores sem auctorisação dos auctores.

O actor Grijó, representante de uma empresa brazileira, está ultimando os contractos para a ida ao Rio de Janeiro d'algumas companhias portuguezas.

Vae ser representada em Lisboa a ultima peça n'um acto de Georges Feydeau, *Hortense a dit: Je m'en fous* estreada ultimamente em Paris.

Em vista de subir á scena na proxima sexta-feira em *reprise* a opereta *A Rival da Viuva Alegre* a empreza do theatro Phantastico resolveu suspender os espectaculos até esse dia, a fim de activar os ensaios e a montagem scenica. Brevemente, reapparece uma nova companhia n'uma revista de Pedro Bandeira, musica do Manuel Bemjamin. Intitula-se essa revista *Já vi tudo!...* em 2 actos 1 prologo e 6 quadros. Do elenco artistico fazem parte entre outros os artistas Lina Sant'Anna, Alice Figueira, Humberto Amaral, Tito Martins.

Poucos são os bilhetes que havia de tarde para a recita de hoje no Colyseu, onde se canta pela primeira vez n'esta epocha a *Favorita*, de cujos papeis principaes se encarregaram a sr.ª Rubadi e o sr. Marescotti, o que constitue garantia segura de um grande exito.

SPORT

Noticias

Entre nós

Hipismo

E' no proximo sabbado que se realisa no Hipodromo de Palhavã a annunciada reunião hipica que por virtude do mau tempo ficou transferida do anno ultimo.

Além das duas provas para cavalleiros que fazem parte do programma, temos a destacar uma outra de amazonas, discipulas do conceituado professor sr. Joaquim Gonçalves Miranda, que com a maior gentileza se prestou a valorisar esta reunião verdadeiramente elegante.

Os socios acompanhados de senhoras de suas familias teem entrada mediante a apresentação do seu bilhete de identidade, podendo requisitar outros para cavalleiros até á vespera, isto é de sexta feira, na séde da Sociedade.

Tiro aos pombos

Foi regularmente concorrida e muito animada a sessão de tiro aos pombos que hontem se realisou no «stand» de Palhavã. Fizeram-se 7 «poules» sendo a 1.ª a 26 metros a 1 pombo dividida pelos srs. Conde de Almeida Araujo e Antonio Brandão de Mello, que mataram 2 pombos seguidos. Foram eliminados á 1.ª volta os srs. Luiz Madureira e José Martinho Alves do Rio e á 2.ª o sr. Jorge de Almeida Lima.

A 2.ª «poule» á americana, foi dividida pelos srs. Conde de Almeida Araujo e Alves do Rio, que mataram 7 pombos em 7 atiradas. Como se sabe n'estas «poules» cada atirador pode tomar as entradas que quizer, tendo os srs. Luiz Madureira e Almeida Lima tomado só uma entrada e os srs. Almeida Araujo, Alves do Rio, Antonio Brandão de Mello e Alvaro Teixeira duas entradas dividindo-a em duas series. O sr. Luiz Madureira e o sr. Almeida Lima foram eliminados á 3.ª e 5.ª volta respectivamente com 1 pombo errado; o sr. Almeida Araujo á 3.ª volta da 1.ª serie bem como o sr. Alves do Rio, o sr. Antonio Brandão de Mello á 7.ª volta da 1.ª serie e á 2.ª da 2.ª serie, o sr. Alvaro Teixeira á 3.ª e á 4.ª volta de cada serie. Esta poule era a 2 pombos a 26 metros.

Seguiu-se a «poule» regulamentar cujos dois premios foram divididos entre os srs. Alves do Rio e Brandão de Mello com 8 pombos mortos em 10 atirados, desistindo á 9.ª volta os srs. Alvaro Teixeira e Antonio Mantero com 6 e 4 pombos errados respectivamente. Os srs. Almeida Lima e conde de Almeida Araujo chegaram até á 10 volta com 3 e 4 pombos errados respectivamente. A «poule» que se seguiu a 1 pombo a 26 metros foi ganha pelo sr. conde de Almeida Araujo com 3 pombos mortos, sendo eliminados á 1.ª volta os srs. Alvaro Teixeira, Antonio Mantero, Luiz Madureira e João de Lima Mayer e á 3.ª os srs. Alves do Rio e Antonio Brandão de Mello.

Repetiu-se a mesma «poule» em que ganhou o sr. Brandão de Mello com 3 pombos mortos, sendo eliminados á 2.ª volta os srs. Alves do Rio e á 3.ª Almeida Araujo e Lima Mayer.

Terminou por duas «poules doublées» ganhas respectivamente pelos srs. conde de Almeida Araujo e Antonio Brandão de Mello com 3 e 5 pombos mortos respectivamente.

Pena Foot-ball Club

Realisou-se hontem no campo de Belem um desafio entre os 5.os «teams» d'este Club e do Idealista Grupo Sport, ganhando o primeiro por 4 «goals» contra 1.

Foot-ball Club Portuguez

Com este titulo fundou-se um club com séde provisoria na rua da Caridade, 53, devendo em breve começar os treinos.

PORTO, 10.—No campeonato da Associação de Foot-ball do Porto, em primeiras cathegorias, no desafio entre o Foot-ball Club do Porto e o Academico Club, ganhou este por 6 «goals» a 1.

Lêr ámanhã na secção de Sport—«O que nós vimos em Coimbra» «Dois adversarios que se equilibram—Sport Club Conimbricense contra Associação Academica».

Ao Ex.mo Sr. Dr. Manuel da Silva Santos Reis

José da Silva Braga, industrial, rua de S. Christovão, n.º 16, 3.º, convalescente da doença «Pedra no figado», faltaria a um dos mais sagrados deveres, o da gratidão, se não testemunhasse aqui o seu profundo reconhecimento a tão distincto clinico, já pela proficiencia com que debelou tão cruel enfermidade, como pelo seu inexcedivel zelo e carinho dispensado durante o decurso da doença.

Talvez este meu gesto vá ferir a extrema modestia de sua ex.ª, mas se assim fôr, que me releve tal procedimento, apenas inspirado pela minha eterna gratidão.

Lisboa, 10 de janeiro de 1916,

(a) *Jose da Silva Braga*

unico mal succedido, mas esse facto não influiu nas principaes operações.

Dos principaes desembarques, o operado na praia que ficava exactamente ao norte do cabo Tekke foi o que melhor exito teve, porque foi feito com muito poucas perdas. A praia era estreita e a penedia era baixa, de modo que os canhões dos navios podiam ser empregados com magnificos resultados. A primeira força que desembarcou compunha-se de duas companhias e d'uma secção de metralhadoras do 1.º de Fuzileiros Reaes, que haviam embarcado no cruzador ligeiro «Implacable».

Os turcos estavam entrincheirados na penedia e haviam construido abrigos contra as granadas. Ao romper do dia, o «Swifsture», sob o commando do capitão C. Maxwell-Lefroy, que era o navio encarregado de cobrir o desembarque, começou a bombardear com violencia a penedia. A's 5 horas e 52 minutos, o capitão H. C. Lockyer levou o «Implacable» para 460 metros da praia, o mais proximo que podia ser, e despejou sobre a penedia as suas granadas de 12 pollegadas e sobre a praia as de 6. O fogo era tão intenso que nem um unico turco se atreveu a mostrar a cabeça.

Viu-se depois que as granadas haviam feito muito poucos estragos nas trincheiras, embora o terreno em redor ficasse todo excavado. Mas o bombardeamento alcançou o fim que se pretendia e de duas vezes os Fuzileiros estavam a salvo na praia. Eram acompanhados por um destacamento do batalhão de marinha. O desembarque estava concluido ás 7 horas da manhã.

O brigadeiro-general Marshall, commandante da 8.ª brigada, superintendia nas operações levadas a effeito. Devia empregar todos os esforços por fazer a juncção com a força que estava desembarcando ao mesmo tempo n'uma outra praia proxima. Mas a tarefa era muito difficil, porque os turcos estavam muito bem entrincheirados n'um outeiro intermedio, conhecido pelo nome de cota 114.

Os Fuzileiros Reaes avançaram uns novecentos e sessenta metros ou pouco menos com a maior firmeza, mas depois foram atacados violentamente pelos turcos. A sua ala direita estava muito exposta, cahindo sobre ella o fogo d'uma bateria de campanha postada proximo de Krithia.

A posição da bateria foi descoberta e foi indicada ao «Implacable», que rapidamente a reduziu ao silencio; mas no emtanto o contra-ataque turco fizera perder terreno aos Fuzileiros. Mais dois batalhões da 87.ª brigada desembarcaram e a cota 114 foi então tomada ao inimigo. Pelas 11 horas e meia da manhã os Fuzileiros Reaes fizeram a sua juncção com parte do valoroso 1.º batalhão dos Fuzileiros de Lancashire, que haviam desembarcado na praia proxima, na encosta contraria da cota.

Os turcos, porém, não estavam ainda vencidos e de novo contra-atacaram, de posições mais no interior. Não puderam impedir a juncção das duas forças, mas fizeram recuar as valorosas tropas do brigadeiro-general Marshall até quasi ao centro das penedias.

Coisa alguma fez perder a coragem a qualquer das unidades da 29.ª divisão. Os homens, tendo na retaguarda o mar e na frente o inimigo, mostraram-se extremamente resolutos. Cavaram á pressa trincheiras, resolvidos a manterem-se ahi, custasse o que custasse. Quando anoiteceu, occupavam o terreno que se estendia n'um raio de cerca de oitocentos metros em roda do local de desembarque e as suas linhas chegavam á cota 114. O brigadeiro-general Marshall foi ferido durante o dia, mas não abandonou o commando.

Entretanto a praia proxima tinha sido theatro d'uma das maiores e mais heroicas façanhas praticadas pelo exercito inglez. Sir Ian Hamilton expressa-se a tal respeito dizendo que as obras de defeza eram de

mente o primeiro desembarque simulado foi feito proximo da arruinada bateria de Tott. A força designada para esse fim compunha-se

Campanha de Londres, ao todo uns 700 homens.

Essa força era commandada pelo tenente coronel Casson e levada

O afundamento do «Arabic», torpedeado por um submarino allemão a 18 d'agosto de 1915

do 2.º de Fronteiriços da Galles do Sul (menos uma companhia) e d'um destacamento da 2.ª Companhia de

em transportes comboiados pelo «Cornwallis». A operação era difficil, tanto mais que era necessario

passar os homens para pequenas embarcações. E a força não estava apenas exposta ao fogo da praia proximo da ponta de Eski Hissarlik, mas ainda da dos canhões postados no lado asiatico do estreito, embora estes tivessem mais tarde de se occupar com o desembarque francez em Kum Kale.

Pelas 7 horas e meia da manhã a força desembarcára toda, tendo tido uns cincoenta homens fóra de combate entre mortos e feridos. O inimigo tinha uma trincheira na praia, que foi rapidamente tomada. Os bravos Fronteiriços avançaram gradualmente para as penedias e pelas 10 horas tinham chegado á bateria de Totl.

Entrincheiraram-se e á tarde puderam-se defender contra os 2.000 turcos que se lhes oppunham. Ao cahir da noite, os turcos atacaram, mas foram repellidos com auxilio do «Cornwallis» e do «Lord Nelson». No dia seguinte, o inimigo de novo tentou desalojal-os, mas de novo foram repellidos com o auxilio dos navios. No dia 27, os francezes occuparam a posição.

O primeiro desembarque simulado foi productivo e mesmo de melhores resultados do que se esperára, porque a ala direita de desembarque foi apoiada com segurança. O fogo dos navios foi de grande auxilio n'esse desembarque.

O outro desembarque simulado, do outro lado da peninsula, em frente de Krithia, foi tarefa mais difficil. A força de desembarque compunha-se do 1.º Regimento de Fronteiriços Escocezes do Rei e do Batalhão de Plymouth (Marinha) da Real Divisão Naval. A força era commandada pelo tenente coronel Koe, sendo as tropas conduzidas nos cruzadores «Amethyst» e «Sapphire» e nos transportes «Braemar Castle» e «Southland». A pequena esquadrilha era escoltada pelo cruzador ligeiro «Goliath», e todos chegaram em frente do cabo Tekke um pouco antes do romper do dia.

Os turcos, como já dissémos, não haviam previsto ahi um desembarque. Tinham perto, como tambem já dissémos, uma grande força de infantaria com metralhadoras e canhões Hotchkiss, a uns trez kilometros pouco mais ou menos do cabo Tekke. Por esse motivo, o tenente coronel Koe poude desembarcar toda a sua força sem encontrar resistencia. Metade dos Fronteiriços Escocezes foram desembarcados na primeira viagem, outra metade na segunda, sendo em seguida desembarcada a marinha.

O desembarque foi levado a cabo com a maior facilidade, sendo admiravelmente organisado, o que mereceu especial louvor do almirante de Robeck. E na realidade era necessaria grande rapidez. Os turcos estavam a menos de um dia de marcha e as penedias eram tão fundas que sempre se duvidára de que pudessem ser escaladas. Se essa praia tivesse sido defendida, não póde haver duvida de que essas alturas nunca teriam sido alcançadas. O «Goliath» começou um bombardeamento para cobrir o desembarque, mas a verdade é que esse bombardeamento não era necessario.

As ordens que o tenente coronel Koe tinha recebido eram de que, se effectuasse o desembarque a salvo, avançasse ao longo da costa e tentasse effectuar uma juncção com a força que estava desembarcando proximo do cabo Tekke. Por isso, logo que os seus batalhões occuparam as alturas, avançou na direcção que lhe fôra ordenada.

Mas encontrou a infantaria turca, que atacou. Um violento combate se travou e viu-se que eram necessarias mais forças do que os dois batalhões do commando de Koe para abrir caminho e effectuar a juncção. Mais tarde, n'esse mesmo dia, uma grande força turca avançou da aldeia de Krithia para o local do combate. O commandante inglez ordenou ás suas forças que se entrincheirassem e recebeu n'essa occasião um ferimento de que veiu a morrer.

A força estava quasi que cercada e em situação muito perigosa. O inimigo estava em força muito maior e tinha alguns canhões de campa-

nha. Os navios de guerra pouco auxilio podiam prestar. Do topo das penedias o terreno descia abruptamente. Os inglezes começavam a descobrir as desvantagens que se lhes deparavam. Tanto camaradas como inimigos não se avistavam dos navios e era um perigo disparar os canhões de bordo ao acaso.

Os turcos atacaram de novo durante a tarde e a noite, em força sempre crescente. Arremeçaram bombas para as trincheiras britannicas, os seus canhões mantinham fogo incessante e a sua vigorosa tactica revelou signaes inilludiveis de ser dirigida por allemães. Os Fronteiriços e a Marinha pelejaram valentemente, como heroes que eram. Carregaram successivamente á baioneta e repelliram os turcos uma vez apoz outra. Tiveram grandes perdas, mas nunca os abandonou a coragem.

Durante toda a noite continuou o desegual combate. Os turcos não eram inimigos para desprezar. Eram audazes e cheios de recursos. A coberto da escuridão tentaram levar um cavallo com uma metralhadora no dorso para o meio das trincheiras britannicas. Estavam a ponto de fazer entrar a metralhadora em acção, com consequencias que podiam ser bem desastrosas, quando a sua presença foi descoberta e foram passados á baioneta.

As perdas foram grandes e sir Ian Hamilton reconheceu mais tarde que eram «deploraveis». Muitos officiaes foram mortos. Os Fronteiriços Escocezes ficaram reduzidos a metade da sua força. E' verdade que os turcos tambem haviam tido grandes perdas, mas podiam trazer constantemente reforços.

A situação dos inglezes era desesperada. Estavam exhaustos pela lucta continua. Não podiam guarnecer as suas trincheiras com o numero de homens sufficiente. Pensou-se em ir buscar reforços, mas pelas 7 horas da manhã viu-se que iam ser varridos antes d'esses reforços chegarem.

Embora com relutancia, foi dada ordem para se tornar a embarcar o mais depressa possivel. Os navios que estavam á espera eram o «Goliath» e os cruzadores «Talbot», «Dublin», «Sapphire» e «Amethyst». Bombardearam o terreno que ficava do lado de lá do cume das penedias, impedindo assim que os turcos avançassem para ahi. Resultou de ahi que só muitos poucos atiradores pudessem causar embaraços ás tropas que reembarcavam.

Tambem uma pequena e dedicada retaguarda de Fronteiriços Escocezes ajudou em muito a deter o inimigo e só desceu para a praia no ultimo momento. Um facto realmente surprehendente foi o de todos os feridos, assim como provisões e munições poderem ter sido trazidos. A força que desembarcára deveu em grande parte a sua salvação á coragem e energia do tenente commandante Adrian St. Vincent Keyes, mais do que a outro qualquer. Sir Ian Hamilton reconheceu os seus serviços, exprimindo-se do seguinte modo a seu respeito:

«O tenente-commandante Keyes mostrou grande sangue frio, coragem e habilidade. O exito do desembarque foi em grande parte devido aos seus bons serviços. Quando as circumstancias compelliram a força que desembarcára a reembarcar esse official mostrou excepcionaes recursos, dirigindo magnificamente essa difficil operação».

A acção que acabamos de descrever era, como dissemos, um desembarque simulado, sendo o seu objectivo principal proteger os flancos, disseminar as forças do inimigo e deter os seus reforços. Quanto a isso foi pelo menos parcialmente bem succedido, porque occupou um grande numero de turcos que d'outro modo podiam ter cooperado contra os ataques principaes na outra extremidade da peninsula.

Que o inimigo se teria concentrado em força consideravel sobre Krithia era facil de prevêr, como facil era de prever que esses dois batalhões isolados ficariam expostos a um grande ataque de flanco. O desembarque por essa força feito foi o

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1951—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 11 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Os navios allemães

Logo no começo da guerra, os Estados Unidos entenderam conveniente dar uma applicação aos navios de nações belligerantes que se encontravam nos seus portos. Essa resolução suscitou uma interessante discussão de caracter diplomatico. Havia navios allemães e navios inglezes n'essas condições, e recorda-nos que a Inglaterra fez a esse respeito as suas observações ao governo americano, que lhe respondeu que ia entregar o assumpto ao estudo d'um tribunal.

Que decidiu esse tribunal? Decidiu que o aproveitamento d'esses navios se recommendava por superiores razões de conveniencia mundial. A guerra ia fazer soffrer immenso a navegação, prejudicando tanto os transportes de passageiros como a conducção de mercadorias. Os paizes em lucta chamavam os navios mercantes a cooperar nos serviços de guerra, e d'ahi resultava que os meios de transporte maritimo iam ser notavelmente cerceados. Pelas suas relações com a Europa, a America seria altamente prejudicada, como a Europa não o seria menos. Portanto, a utilisação d'esses navios impunha-se como uma medida que não era facil impugnar, porque na realidade ella nada affectava os interesses da guerra.

Conformou-se com esta decisão o governo inglez, como se conformaram outros governos, e os navios das nações belligerantes sahiram dos portos americanos onde se encontravam immobilisados, começando a prestar valiosos serviços sob a bandeira dos Estados Unidos.

Actualmente, na Hespanha, o governo da nação visinha estuda já, ao que parece, uma resolução de caracter identico. Tambem nos seus portos estão parados navios das nações em guerra, que não servem os seus paizes, nem se empregam nos serviços da navegação para que foram creados, satisfazendo interesses geraes. A Hespanha pensa em empregal-os, correspondendo a uma necessidade instante, tanto mais justificavel quanto é certo que, á medida que a lucta se tem ido aggravando, mais teem ido escasseando os meios de transporte maritimo.

A entrada da Italia no conflicto internacional veiu tornar o mar ainda mais deserto de navios que o sulquem, e paizes neutraes, como a Hollanda, de tal forma se teem preparado para a eventualidade d'um incidente bellico que egualmente se teem visto forçado a retirar muitos dos seus navios do seu serviço especial para os adaptar ás necessidades militares oriundas da imminencia d'uma situação diversa da neutralidade.

Tambem nos nossos portos, quer do continente, quer das ilhas e colonias, estão perto de sessenta navios allemães parados desde que a conflagração europeia se desencadeiou. E occorre perguntar se não seria absolutamente logico que nós applicassemos a mesma regra que os Estados Unidos instituiram para o caso, e que foi acceita como necessaria e justa.

O reparo é tanto mais opportuno quanto é certo que aos nossos portos veem muito menos navios do que antes da guerra, o que nos tem causado e causa sérios embaraços em materia de transportes. Portugal tambem serve a Europa e necessita dos seus serviços. Essa situação tem-se aggravado dia a dia, e ainda recentemente os jornaes noticiaram que os navios de duas companhias de navegação hollandezas, a Nederland e Rotterdamsche Lloyd, deixaram de fazer escala por Lisboa.

Os navios allemães estão ha dezoito mezes nos nossos portos sem servirem para coisa alguma. Não se descortina razão séria para que elles não sejam aproveitados no serviço para que foram construidos como os Estados Unidos fizeram aos barcos das nações belligerantes, ancorados nos seus portos, e como a Hespanha, como tudo parece indicar, brevemente fará nos que, nos seus, em identicas circumstancias se encontram.

Noticias parlamentares

A final, segundo se affirmava hoje pelos Passos Perdidos, só na proxima sexta-feira o sr. ministro das finanças levará ao parlamento o orçamento geral do Estado. A proposito, dizia-se hoje por S. Bento que os cortes effectivados em varios ministerios são importantissimos, attingindo, só no ministerio da guerra, uma importancia superior a mil e duzentos contos. N'um outro ministerio, que corria ser o do fomento, as economias excedem tambem cento e tantos contos, não sendo egualmente pouco poupados nem o orçamento da marinha nem o do interior. Apezar de tudo, segundo boatos dignos de todo o credito, o «deficit» calculado deve andar entre dois mil e oitocentos e tres mil contos. E para fazer desapparecer esse desequilibrio orçamental que o sr. dr. Affonso Costa apresentará ás Camaras differentes propostas financeiras.

* * *

Cada dia que passa nos traz, portas a dentro do Congresso, uma adoravel surpreza... decorativa. A d'hoje é admiravel de graciosidade e de effeitos ornamentaes. Consta ella d'um grande calendario de tons berrantes, com tintinas encarnadas e verdes, collocado á entrada do edificio, n'um dos pilares do vão do elevador. Se fôsse só isto estava bem. Mas não. E' que no alto do calendario figura um retrato do chefe do Estado, que é um primor de execução lithographica. Será esta liberdade decorativa absolutamente legitima? Ha quem julgue que não. O presidente da Republica, seja elle quem fôr, deve estar acima d'estas bizarrias. E' o seu prestigio, que o exige. Portanto, toca a tirar d'ali, quanto antes, o berrante e embirrativo calendario.

* * *

O sr. Costa Junior vae requerer, pelo ministerio das colonias, nota das analyses que porventura hajam soffrido os medicamentos fornecidos ás expedições que teem seguido para a Africa. Este requerimento, ao que consta, origina-se em boatos varios que a proposito de diversos fornecimentos teem corrido, chegando mesmo a dizer-se que certas ampôlas de saes de quinino foram encontradas na Africa, quando se pretendeu fazer uso d'ellas, cheias d'agua esterilisada. Será isto exacto? E se o fôr? Que providencias toma o governo para punir falsificações d'esta natureza? Aqui está um caso bem difficil de deslindar. Mas se elle fôr liquidado a valer e como fôr de justiça, bem possivel é que a moralidade venha a final, a ganhar alguma coisa...

* * *

Ao que se affirma, o orçamento em preparação trará á parte, os «deficits» das ultimas gerencias, que se elevam a algumas dezenas de milhares de contos. As contas da guerra tambem continuarão a figurar n'outra conta, á semelhança do que já se fez o anno passado. Com relação á importancia de todos estes «deficits» e despezas accumuladas correm boatos varios, cuja veracidade não é possivel averiguar por emquanto. Todos, porém, são concordes em que ellas attingem uma elevadissima quantia.

* * *

O sr. Antonio Portugal quiz pôr hoje a claro na Camara a velha historia dos direitos de encarte, exigidos pelo Estado aos funccionarios dos corpos administrativos. Devem elles pagal-os? Não devem? Pertencem esses direitos ás Camaras? Pertencem ao thezouro publico? Não ha maneira de se chegar a accordo. E do debate d'hoje apenas se assentou o seguinte: averiguar-se que o Estado não dispensa esses direitos, que representam receita e que não podem, portanto, ser desperdiçados. Ha, porém, camaras que estão dispostas a reagir. A de Lisboa é uma d'ellas. O que fará contra ellas o governo? Provavelmente nada, obedecendo assim áquelle velho principio de que quem manda em sua casa é o dono, a quem não é facil impor vontades estranhas. E se são as camaras que pagam dos seus empregados, não é decerto o Estado o mais competente para lhes cercear os ordenados.

* * *

O grupo parlamentar democratico, de accordo com o Directorio, deliberou convidar para deputado por Ponta Delgada, na vaga aberta pelo fallecimento do sr. Marianno Arruda, o sr. dr. Ferreira da Silva, ex-ministro do interior no governo José de Castro. Disputavam tambem essa vaga os srs. Jayme de Sousa, official da armada, e Lino Rodrigues, official do exercito, os quaes foram derrotados nas combinações a que se procedeu.

Vêr na 3.ª pagina a conclusão do folhetim "Vida oriental" — "A China intima"

Migalhas

As ultimas operações

Os communicados ultimos são de molde a encher de animo as almas dos alliadophilos tépidos. O general Marco acaba de soffrer novas derrotas nos campos de batalha suissos e americanos. O general Florim, esse, já accusa cincoenta por cento de baixas nos seus effectivos. Como se sabe, esses generaes, que são afinal os que hão de decidir da sorte da contenda, operam em terreno neutro. A sua guerra é essencialmente uma guerra de posições. Da planicie da baixa tentam escalar a collina da alta. Ahi estão assestados contra elles as formidaveis baterias da desconfiança, e, por mais que elles usem e abusem dos gazes asphyxiantes da basofia, não só não avançam um passo, mas cada dia se vêem forçados a recuar alguma coisa. No dia em que elles levantarem os braços clamando:— «Kamarad!», os outros generaes metterão a estrategia no bolso e terá chegado a hora terrivel do ajuste de contas.

A synthese d'esta guerra está feita no admiravel cartaz de Forain desenhado para a emissão do emprestimo francez. O gallo gaulez das moedas de vinte francos debruça-se fóra das linhas habituaes do seu desenho para ferir com o seu bico aguçado o «casque-à-pointe» de um teutão derrotado. «Cette guerre est une guerre d'usure au taux légal de 5 0/0» dizia um chronista francez, cujas palavras não traduzo para não minguar a fineza do trocadilho. E' bem a verdade, desde o fracasso da offensiva fulminante dos frequentadores de todas as Wilhemstrasses d'Além Rheno. Deixem-nos lá espesinhar a Belgica e massacrar a Servia. Tudo isso é mais facil do que levantar um ponto nas cotações de Bolsa, grande campo de batalha das operações actuaes.

André Brun

UMA CALAMIDADE

O manicomio do Porto

Os designios do seu fundador e a hospitalisação dos alienados

Guedes de Oliveira, o nosso distinctissimo camarada portuense e a quem motivos de força maior forçaram a interromper temporariamente a primorosa collaboração semanal n'este diario, acaba de enviar-nos um artigo a proposito d'uma chronica do Porto que publicámos ha dias. São muito interessantes os esclarecimentos que nos remette Guedes de Oliveira e que gostosamente inserimos, aproveitando o ensejo para renovar a affirmação da estima e do apreço em que temos o homem de bem e o escriptor de talento que é o illustre redactor do «Primeiro de Janeiro» e nosso querido amigo. Eis o artigo sobre a hospitalisação dos alienados:

Por intermedio do seu correspondente no Porto, acolheu recentemente a «Capital» algumas affirmações de «um medico distincto», que por amor da verdade esse brilhante diario não deixará certamente de rectificar.

Assegurando que o hospital de Alienados do benemerito Conde de Ferreira «nunca» tem logar para recolher desgraçados, e que «quem não puder pagar uma diaria que vae desde um escudo e 20 centavos até um minimo de 70 centavos não tem logar no hospital do Conde de Ferreira—esse medico cahiu em inexactidões flagrantes e lamentaveis.

Os factos incontestaveis que desmentem semelhantes affirmações são estes:

O hospital do Conde de Ferreira hospitalisa normalmente 300 indigentes, cujo tratamento é absolutamente gratuito; 140 pensionistas de 3.ª classe a 40 centavos por dia, 75 pensionistas de 2.ª classe, a 1$30, e apenas 15 de 1.ª classe a 2 escudos por dia.

Temos, pois, antes de tudo, que a hospitalisação dos indigentes é superior (mais de metade) á dos pensionistas. Ha depois a considerar que os pensionistas de 3.ª classe, constituindo mais de 1/4 da população doente hospitalisada, mal pagam a sua alimentação e medicamentos; e, finalmente, que os pensionistas de 1.ª e 2.ª classe não attingem 1/6 da população total.

Mas—objectaria talvez o «distincto medico»—¿Porque não admitte o hospital do Conde de Ferreira unicamente indigentes?

Por estas razões: 1.ª porque, se admittisse apenas indigentes, não poderia hospitalisar 300 doentes d'esta cathegoria, mas sim só menos de metade; 2.ª porque os ricos teem tanto direito a ser tratados das suas enfermidades como os pobres, e em grandissimo numero de casos as doenças mentaes só podem ser tratadas efficazmente n'um manicomio, ou em casa de saude apropriada.

O manicomio Bombarda é do Estado, e hospitalisa egualmente pensionistas. O novo manicomio que o Estado está construindo em Lisboa, é tambem destinado a pensionistas e indigentes. A propria lei de 11 de março de 1911 estabelece que os manicomios do Estado admittam pensionistas e indigentes.

Isto é regularissimo, e não se justifica simplesmente por uma necessidade economica, mas por evidentes razões de ordem social.

¿ Onde quer esse «medico distincto» que se isolem e tratem os ricos que tenham a desventura de ser acommettidos de psicopathias que os tornem incompativeis com a vida em familia ou perigosos para a sociedade?

¿ Quer que se lhes fechem cruelmente as portas dos manicomios, e se sequestrem em masmorras?

Este assumpto da hospitalisação dos alienado é dos mais alto interesse social, e merece ser tratado ponderadamente.

Vejamos de onde vem a desgraça da falta de hospitalisação:

A estatistica official diz-nos que em Portugal ha cerca de 6.000 alienados. Admittindo que este numero fosse exacto—e não é, porque muitissimos casos deixam de ser accusados por varias circumstancias—verifica-se que d'essa população doente apenas pouco mais de dois decimos pódem ser hospitalisados. Mais de quatro mil alienados não teem logar nos dois unicos manicomios que ha no paiz, o de Lisboa e Porto, cuja capacidade total não chega para mais de 1.300 doentes!

O «distincto medico» não sabe ou não quiz ver isto, e acha que toda a culpa de tamanha calamidade cabe á administração do hospital do Conde de Ferreira, que, em vez de acudir a mais indigentes, admitte pensionistas.

Ainda este ponto carece de ser esclarecido.

O rendimento do capital legado pelo Conde de Ferreira para sustentação dos alienados, reunido ao rendimento de outros legados feitos ao hospital que elle fundou, é de escudos 46:276$17. Se apenas estes recursos se applicassem ao tratamento de indigentes, o hospital não poderia manter 300 doentes d'essa cathegoria, mas sim menos de metade.

Foi por isso mesmo que o mais vigoroso defensor dos alienados em Portugal e organisador dos serviços manicomiaes, o dr. Antonio Maria de Sena, na qualidade de primeiro director do hospital do Conde de Ferreira propôz em 1883 á Commissão Administrativa da Misericordia do Porto, e esta approvou, que n'aquelle hospital fossem admittidos não só indigentes, mas tambem pensionistas. Segundo o plano então apresentado por esse medico eminente, o total da população doente a admittir era de 292 individuos, sendo 30 pensionistas de 1.ª classe, 30 de 2.ª, 60 de 3.ª e 172 indigentes. Não considerava elle então possivel—e demonstrou-o em documentos officiaes,—elevar mais a hospitalisação dos indigentes, e previa mesmo a hypothese de ser preciso restringil-a, se não affluissem (como não affluiram) tantos pensionistas de 1.ª e 2.ª classe, quantos entravam no calculo.

Pois bem. Como se vê do ultimo relatorio da Santa Casa da Misericordia do Porto, publicado ha mais de quatro mezes, e portanto insuspeito de ser uma defeza «ad hoc» para oppôr ás apreciações do «medico distincto» que abusou da boa fé da «Capital»; como se vê d'esse relatorio, «a administração do hospital tem sido tão boa ou tão má que progressivamente foi augmentando o internato dos indigentes, sem que proporcionalmente augmentasse o de pensionistas de 1.ª e 2.ª classe com cuja receita desde principio se contou para fazer face a uma grande parte da despesa geral.»

Em 1883 o maximo da população admissivel era de 120 pensionistas e 172 indigentes; em 30 de junho de 1915 a população doente internada era de 134 pensionistas e 285 indigentes. Quer dizer, a população indigente subiu na proporção de 66 por cento.

O «medico distincto» que illudiu a «Capital», affirmou que o hospital do Conde de Ferreira «nunca» tem logar para recolher e tratar desgraçados. Não soube dizer a mais dura verdade; e é que o hospital do Conde de Ferreira, uma vez preenchido o numero maximo de indigentes que póde hospitalisar—nem ha no mundo, que conste, hospitaes elasticos—tem de fatalmente fechar as portas áquelles que, de entre milhares de desventurados loucos, lhe pedem soccorro; e não só isso succede com os indigentes, tambem para pensionistas faltam os logares. Mas a culpa d'isto é tanto da Misericordia do Porto, como do «distincto medico» que a censura; a culpa é do Estado que, prodigo em leis, tem sido absolutamente avaro em as cumprir pelo que respeita á hospitalisação dos alienados. Não se fizeram—nem sequer se esboçaram—os asylos que a lei mandou construir para internamento de alienados incuráveis; e de ahi resulta que no hospital do Conde de Ferreira como no manicomio Bombarda lentamente se foram accumulando alienados incuráveis, formando uma população estagnada durante annos e annos, que obsta á admissão de alienados curáveis; e, consequentemente, os beneficios sociaes que esses dois estabelecimentos poderiam prestar, são enormemente reduzidos. Os desgraçados que lá não teem logares—porque estes estão absorvidos por idiotas ou dementes,—vão para o aljube quando são agitados, ou permanecem no seio das familias, muitas vezes proliferando e augmentando o numero dos loucos, e em qualquer caso constituindo um elemento profundamente perturbador na sociedade portugueza.

Contra esta enorme desgraça poderá a «Capital», que é modelarmente redigida, levantar uma campanha verdadeiramente meritoria.

Emquanto pela influencia de jornaes de valor, como esse, não se conseguir que os estabelecimentos hospitalares sejam proporcionaes á população doente, a calamidade subsistirá, aggravar-se-ha cada vez mais, sem que possam attenuál-a as lamentações de todos os «medicos distictos» que imponderadamente receitam remedios para doenças que desconhecem...

E um appelo ousamos fazer á «Capital»: que decline n'um dos seus illustres redactores a missão de visitar o hospital do Conde de Ferreira onde «de visu», e colhendo todos os informes que julgue precisos, poderá verificar que esse estabelecimento de beneficencia é não só uma gloria do Porto, mas de todo o paiz.

Poeira da Arcada

O sr. Alfredo Pimenta publicou as duas conferencias que em tempos disse, nas salas da Liga naval, sobre a philosophia da guerra. Affirma o seu germanophilismo e vê no conflicto actual principalmente o antagonismo economico da Allemanha e Inglaterra.

Crê no triumpho dos imperios do centro europeu que confiaram aos seus exercitos a salvaguarda dos seus destinos. Para elle a força do direito é uma miragem fallaz, nada valendo perante o direito da força. A's raças latinas compete-lhes o primado da arte, da emoção e do sentimento, porque a sciencia, a industria, o commercio e o dominio dos mares excede as suas faculdades, afeitas a uma cultura mais esthetica que utilitaria.

O sr. Alfredo Pimenta faz um conjuncto de affirmações sobrias e energicas. As provas têl-as-hemos, quando a guerra terminar. Vêr-se-ha então para que lado se inclina a balança em que agora se pesam os valores das raças. Se o sr. Alfredo Pimenta, acertar, felicital-o-hemos. Entretanto, diremos que as suas palavras merecem a attenção de todas as pessoas que olham para o futuro com a inquietação de quem busca adivinhar o maior enigma da historia.

* * *

Entre quinze e vinte do corrente, deve abrir, na Sociedade Nacional de Bellas Artes, a exposição do pintor Sousa Pinto que reunirá uns cem quadros de paisagem a oleo e pastel. Como se trata de um acontecimento que transcende a vulgaridade corrente da nossa vida, aqui se dá o aviso, para que o aproveitem todos os que, além da conquista do pão, pensam ainda no goso desinteressado das realidades imateriaes da arte.

* * *

Diz-se que a Allemanha suspira pela paz. Talvez assim seja. Os seus exercitos, porém, respiram com bastante desafogo. Sendo a paz o premio dos fortes e o castigo dos fracos, imagine-se ainda o que a Allemanha tem que perder!...

Um esforço do imperio britannico

LONDRES, 11.—A camara dos Communs approvou uma moção do sr. Howins decidindo que, para augmentar as forças dos alliados, a fim de se proseguir a guerra, o governo imperial consulte immediatamente as colonias autonomas para, com o seu auxilio fazer dar todas as forças economicas ao imperio em cooperação com os alliados, e as dirija contra o inimigo. Em seguida foi levantada a sessão.—*(Havas).*

ARTE

A exposição de José Campas

No salão de festas da Illustração Portugueza

Realisa-se ámanhã o «vernissage»—usemos o termo do convite— da exposição de quadros do pintor José Campas, um novo illustre. Hoje, foi o dia marcado para a visita da imprensa.

Lendo pelo catalogo, são 52 os trabalhos ora expostos pelo artista e, dado que poucos são os que d'outras exposições vieram, é causa de pasmo certo a grande abundancia de obras novas a evidenciar uma extraordinaria faculdade productiva.

O sr. José Campas já peccou por essa superabundancia desfallecer por vezes na qualidade das suas telas.

Não é essa, porém, a geral impressão que venho de colher na minha visita. A linha geral é equilibrada; fixaram-se processos na palêta d'esse moço vibrante de sentimento, «vivendo» facil existencia revelada nas coisas.

E digo «processos», por que José Campas se não fixa com exclusivismos evidentes n'uma determinada, inconfundida maneira. Segundo certos themas picturaes, e—dir-se-dia—segundo as disposições do seu espirito que se nos antolha hesitante de polarisações, ancioso de verdade, rugente na eclosão d'um talento vivo, assim elle transforma o facto impressivo na creação da obra, que ora lhe sae em espasmos de technica brusca, a vincar audaciosamente a realisação, ora se attenua em delicadezas de factura como n'um espraiar de caricias, de que o pincel voluptuoso cerra avarento o sabor secreto.

Assim o que de primeiro se colhe na retina é a variedade de inspiração e de technica. Depois se fixam os olhos n'esta ou n'aquella obra, já pelo destaque d'um thema de mais sympathia para o espirito, já na phantasia inexplicavel das primeiras impressões a que anda tão affeito este animo nosso tão de si proprio loviano.

Mas pela grandeza material e de belleza, antes de todos se inculca por superior o quadro que com o n.º 1 se chama «A's Avé-Marias», em que o pintor poz tanto de verdade como de sentimento; e é ver em «poses» naturaes, os viventes figuras dos bois resignados e dos camponios olhando a terra para erguer aos ceus os olhos rasgados da sua alma, tão grande que trasborda para nós da tela calmia de luz poente. A terra embebeu-se de negrume arroxeado—que é assim que os montes dizem o seu «Angelus»—e, ao longe, o Sol deixou um rasto quasi sangrento de saudade. E' a hora sagrada em que os rouxinoes accordam, cantando a benção de Deus. O quadro é bello.

Se, ao depois d'este, quizermos ennumerar o que mais fortemente nos agarra a attenção, é preciso lembrar os sabedores effeitos de luz que o artista achou nos seus quadros «Uma rua» (n.º 20), «Uma rua na Carvoeira» (n.º 25) e «Casa Florida» (n.º 40); o vasto ambiente da sua «Tarde de Setembro» (n.º 26), a deliciosa frescura e a forte verdade dos seus «Castanheiros seculares em flôr» (n.º 4), a admiravel expressão de vida que tem «Uma rua na aldeia das Donas» (n.º 15) e a technica excellente, com um travo doce a Silva Porto, que attesta o n.º 3, «Dois amigos».

Antes de findar, citem-se a «Mulher do Campo» (n.º 22) e um claro-escuro magno de sapiencias que é a «pochade» n.º 19, «Fiando». Que a «Vendedeira de hortaliça» (n.º 44) não lhe fica atraz...

A'manhã, ás trez horas, vae o sr. presidente da Republica inaugurar a exposição e com elle a commissão executiva da Camara Municipal.

Eu tambem lá voltto para dizer o resto.

SILVA-PASSOS

RELIQUIAS DO PASSADO

O Castello de Leiria

O seu valor como documento architectonico, as suas tradições e as suas lendas

No seu estudo sobre as ruinas do Castello, o sr. Ernesto Korrodi, architecto illustre, que vive em Leiria ha muitos annos, dá-nos preciosos esclarecimentos sobre esse maravilhoso monumento, que só n'um paiz como o nosso podia chegar ao estado em que presentemente se encontra. Assim, ao velho Paço Real da Rainha Santa, hoje quasi irreconhecivel, chama elle «um dos raros representantes da habitação nobre portugueza, que se têem conservado até nossos dias». N'este paiz, commenta o distincto artista, tão pobre de elementos de construcção civil medieval, todo o cuidado que se ligue á velusta alcaçova é, além de patriotico, bem merecido. Em Portugal, não será facil encontrar coisa que se pareça com essas ruinas, tão regulares, tão puras de estylo e de tão elegantes fórmas architectonicas eram os Paços regios que, abandonados pelos homens, teem vindo, atravez dos seculos, a ruir a pouco e pouco, até se transformarem no que hoje são—um amontoado de paredes e de escombros. Todo o palacio, dada a regularidade das suas divisões, deve ter sido construido d'uma só vez e de harmonia com um plano unico. E' esta a opinião do sr. Ernesto Korrodi, para quem é tambem ponto assente que do seculo XIV para cá poucas foram as modificações que o edificio recebeu. Pelos vestigios dos vigamentos e por outras indicações que não escapam ao observador attento, reconhece-se que o Palacio teve trez pavimentos no corpo central e quatro nos lateraes. Só os dois superiores, porém, é que foram habitação nobre. Os outros—lojas e subterraneos—serviram de arrecadações e cosinhas, tendo tambem ali a sua installação a guarda real.

A capela é um curioso exemplo de architectura medieval. Foi construida no tempo de D. João I. D. Manuel dotou as suas airosissimas janellas com vitraes, que se desfizeram com o correr do tempo e que, á custa da fabrica da extincta Sé, chegaram a ser substituidos por outros, que já não existem tambem ha longos annos. A unica nave do templo era d'uma extrema simplicidade, sendo, porém, de ricas proporções e de magnifica cantaria. A capela-mór, banhada de luz, era opulenta de fórmas architectonicas. O contraste interior entre as duas partes distinctas do templo é frisante, notando-se tambem pelo lado de fóra, «sem comtudo dar demasiado nas vistas, por causa do formosissimo portal gothico», como finamente observa o sr. Korrodi. E já que falo do aspecto externo da capela, não quero deixar de assignalar um vandalismo que resalta ao olhar de quem quer que visite o Castello. Ha de haver trez dezenas d'annos, pelo menos, viajou por Portugal, visitando todos os monumentos, um architecto hespanhol ou coisa parecida, chamado Luiz Vermeill. A cathegoria artistica d'esse sujeito não sei eu se era grande ou não. Mas sei que o seu respeito por aquillo que nos pertencia e representava a nossa riqueza architectonica era tal que não o impedia de gravar o seu nome, abrindo-o a martello e a escopro, em todos os monumentos que recebiam a sua visita. No Castello de Leiria, deixou-o na fachada da capella; e no Bussaco, na Batalha, em Alcobaça, em Guimarães e nos Jeronymos o implacavel hespanhol não se dispensou tambem de o gravar em sitios bem evidentes, para que para todo o sempre se ficasse sabendo que tão alto representante da arte castelhana nos honrára um dia com a sua presença.

Ha no estudo do sr. Ernesto Korrodi outras e minuciosas indicações, que nos dão a conhecer perfeitamente e que foi, quando estava integralmente de pé, a alcaçova do Castello de Leiria. Cital-as todas seria, entretanto, ocioso, como seria rematada ingratidão falar do Castello sem fazer referencias desenvolvidas ao trabalho do illustre professor, cujo amor pelas coisas portuguezas tem todo o direito a ser posto em relevo. Nos seus desenhos, feitos quando o Castello não attingira ainda o descalabro doloroso que apresenta hoje, veem-se detalhes curiosissimos. Ha, por exemplo, reproduzidos n'um d'elles os restos d'uma escadaria que merece especialissima menção. Era por ali que a alcaçova communicava com o exterior. E o povo, que tem sempre o condão de materialisar as lendas que a sua imaginação ingenua cria, fez d'essa escada, que presentemente mal se adivinha, tão sumida ella está e tantas teem sido as successivas desagregações que a teem devastado, o sitio encantando onde o pão que a Rainha Santa transportava para os pobres, nas dobras do regio manto, se transformou em frescas rosas... A lenda é sobejamente conhecida para que seja necessario recordal-a. Ninguem que a haja alguma vez ouvido contar a uma avósinha resequida e carregada d'annos, a uma dôce avósinha ungida de santidade, póde deixar de a recordar ao deter-se por um instante, no alto do Castello, junto do morro d'alvenaria em que os degraus da escada assentaram. Tem-se um pouco a impressão de que n'aquellas pedras ficaram para sempre gravados os passos da Rainha Santa Isabel, parecendo até que na aragem que nos acaricia vae um pouco da graça angelica d'essa mulher, que deixou aberta para sempre, na historia de Portugal, uma tão viva clareira de bondade e de candura...

E foi ainda n'essa escada—o povo affirma-o com uma certeza inabalavel—que se passou um outro episodio, que sobreleva muito em conceito brandamente philosophico e em lição cheia de generosidade, a lenda do pão e das rosas. D. Diniz era, como a historia refere, um rei que a tranquillidade do seu reino seduzia mais do que as campanhas guerreiras, por maior que fosse a gloria que ellas lhe trouxessem. A paisagem afavel de Leiria e dos seus campos attrahia-o irresistivelmente. Região previlegiada, onde tudo era lindo, desde os campos aos montes pouco elevados e desde os pomares ás mulheres de fórmas opulentas, o «Rei Lavrador» escolheu essa cidade para sua residencia e por lá passou longas temporadas. As suas infedilidades matrimoniaes eram constantes e as suas aventuras não passavam ignoradas da Rainha, cuja paciencia, inil e uma vezes experimentada, acabou por ceder. Uma noite, D. Diniz regressava d'uma das suas excursões amorosas. No Castello o silencio era absoluto. Tudo dormia. Entretanto, junto do palacio, erguia-se um frouxo clarão que, visto a distancia, parecia um tenuissimo luar, clareando suavemente a espessura densa da treva. A' medida que se approximava da alcaçova, o rei via que a claridade se tornava maior. De que se tratava? O que podia, áquella hora tarda, occorrer no Palacio que justificasse tão estranho phenomeno? Dobrada a ultima curva da vereda que levava á regia vivenda, o rei ficou deslumbrado e surpreso. Na escadaria, de um lado e d'outro, havia duas filas de creados com tocheiros accesos e immoveis como se um genio mau os tivesse petrificado. Ao cimo, no patamar, a Rainha esperava...

—Senhora, para quê tanta luz?—pergunta D. Diniz.

—Para alumiar quem tão cego anda!—responde Isabel d'Aragão.

.. E diz-se que d'ahi em deante, rareando as suas excursões nocturnas, o rei conseguiu fazer adormecer os zelos d'aquella que, nem por ser zelos d'aquella que, nem por ser santa, deixava de ser mulher. Eis a lenda que o povo conta, fazendo-a desenrolar na escadaria do velho palacio arruinado, cuja base, sustentada por um arco, ainda se conserva hoje visivel. Ella é um verdadeiro encanto, seduzindo pela sua originalidade e pela graça de que anda revestida. Como esta outras lendas andam ligadas ao Castello, constituindo a aureola de poesia que o doira e santifica. Se as vetustas e sagradas ruinas, tão nobres e tão gentilmente imponentes, não pódem perder-se, a parte espiritual da arruinada fortaleza é por egual bem merecedora de ser fixada indelevelmente. No Castello de Leiria ha de tudo. O artista a quem as coisas do passado encantam encontra, n'essas muralhas denegridas, de fórmas estranhas e caprichosas, alimento farto para a sua arte. A historia patria tem ali algumas das suas mais brilhantes pginas. E', pois, necessario, salvar o precioso monumento. Como? Ver-se-ha.

ADELINO MENDES

Flôres e fructas de Portugal

Todos os portuguezes que directamente as não viram, conhecem pelas reproducções photographicas ou pelas descripções dos viajantes as bellezas dos afamados jardins de Nice e de toda a Côte d'Azur que se mira nas aguas espelhadas do Mediterraneo.

Para satisfação nossa, podemos dizer que, de ha annos para cá, temos aqui, mesmo no coração de Lisboa, um jardim que nada tem a invejar áquelles que nos referimos, graças ao esforço intelligente e admiravel tenacidade do sr. Frederico Daupias que, pela sua delicada sensibilidade artistica, bem mereco ser considerado como o poeta da flôr.

O seu jardim da rua do Arco, um perfeito encanto, de tal forma nos seduz pela ordem, pela methodisação, e maravilhosos aspectos que immediatamente nos revela ser o pensamento unico do seu proprietario o culto, a adoração das flôres a que ali elevou um templo.

N'uma larga esplanada, aberta, bem batida pelo sol, bracejam milhares de roseiras, das mais raras e apreciadas variedades, todas envasadas, classificadas, promptas a seguirem aos seus destinos; mais além, innumeras, de tal desenvolvimento e vigor que mais parecem oliveiras, enfileiram-se outras recentemente chegadas do extrangeiro entorpecidas ainda pelo somno hibernal, mas que o nosso sol começa a despertar. Rozeiras trepadeiras, rozeiras arboreas erguem-se a par das azaleas de flôres rubras, brancas, mescladas, rivalizando em côr e formosura com as proprias rosas, das fuchsias violentamente bicoloridas, das violetas perfumadas, dos amores perfeitos, mimosas caricaturas da face humana, das sape-

distras de folha esmeraldina, das espargueiras plumosas, pendentes, ou trepadeiras.

Mais longe copam as imponentes magnolias de captoso perfume e folhas de metal, os contorcidos jacarandas, os odoriferos lilazes de todas as variedades, os cedros do Bussaco, as araucarias excelsas, as laranjeiras da Bahia e da China, as frondosas camelias de flôres arrendadas ainda ha poucos dias chegadas a Lisboa, as pereiras das mais finas qualidades e os diospiros japonezes de fructos côr de ouro, tudo em vasos, methodica e rigorosamente classificados.

Centenas de trepadeiras, de folha permanente ou caduca, em vasos, classificadas de maneira que o visitante em breve encontra o que deseja dão uma agradavel nota de frescura com a sua folhagem polytorme e verdejante.

Ruas ladeadas por frondosos e elegantes bambus, em grandes vazos de madeira, formando altas paredes, conduzem á habitação do proprietario, cujas varandas deitam sobre o jardim particular.

Eleva-se este em assoalhado amphitheatro, cruzado por escadarias, ruas e tuneis de roseiras, avultando nos cruzamentos preciosos exemplares de caprichosas sophoras pendulas do Japão, e, em baixo, ao fundo, trez soberbas phenix canadienses, por entre as quaes se divisam as folhas espinhosas e torturadas de uma datura stramonium, dando-nos o conjuncto a visão surprehendente de um jardim de Nice ou Monaco sob o sol acarinhador de Portugal.

E toda esta exhuberante vegetação, embora ainda um pouco adormecida, pareceria milagrosa se se não soubesse que pelas canalisações e depositos subterraneos circula a agua em abundancia tal que o seu valor pode computar-se em milhares de escudos annualmente dispendidos.

Além das flores e arvores de fructos encontram-se preciosas collecções de plantas ornamentaes das mais raras, algumas, talvez, ainda desconhecidas entre nós.

Nos viveiros, meticulosamente tratados, pode ser observada a evolução das plantas desde o germinar da semente ao seu pleno desenvolvimento, causando admiração como os insectos e larvas respeitam os mais mimosos caules e mais assucaradas sementes. A explicação está no emprego dos adubos insecticidas para a preparação das terras, operação que é feita em rigorosas proporções, nas officinas appropriadas annexas ao jardim.

Ali n'aquelle recinto encantado, apenas se vendo plantas; para a venda de sementes tem o sr. Daupias o seu conhecido deposito na rua do Carmo onde, por vezes, tem exposto productos do seu jardim de belleza e perfeição tal que com incontestada justiça teem merecido a maior admiração do publico que não se cança de olhal-as.

Salão Foz

Festa artistica de Angelina Maldonado

A noite de hojo no Foz vae ser concorridissima visto realisar-se a festa artistica e despedida da gentil bailarina hespanhola Angelina Maldonado, que é incontestavelmente uma grande dançarina e que um grande successo tem feito em Lisboa.

As estreias de hontem agradaram immenso, sendo todos os artistas muito acclamados. No programma d'esta noite figuram nada menos de cinco numeros de variedades todos elles differentes e por distinctos artistas. Angelina Maldonado apresentará novas e elegantes dansas; Mathilde Aragon, dirá lindissimos *couplets*; Dr. De Falcis fará interessantes experiencias de transmissão do pensamento; Estrella do Levante e Churry, el Bonito, o rei da gargalhada, completarão o programma com sensacionaes numeros. Como se vê não poderão ser mais attrahentes as sessões de hoje e por isso é de esperar que a linda sala do Foz se encha litteralmente.

Concertos David de Sousa

Representa um verdadeiro *tour-de-force* a execução do programma do proximo concerto David de Sousa no Polytheama pela difficuldade e exigencia de quasi todos os trechos que o compõem e que o tornam por isso mesmo o mais notavel dos que n'esta epocha o grande maestro nos deu com tão extraordinario successo.

Toda a primeira parte d'este sensacional concerto é consagrada a Wagner, o collossal compositor allemão, n'ella figurando a abertura da opera *Rienzi*, o preludio de *Lohengrin* e a cavalgada das *Walkirias*, além de outros trechos de grandes musicos de universal renome.

O 1.º concerto Blanch no Republica

No proximo domingo realisa-se no novo theatro Republica o 1.º concerto de assignatura da Orchestra Symphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, com um programma excepcional em que figura a celebre «5.ª symphonia» de Beethoven.

Exposição bibliographica

Com a presença do sr. presidente da Republica, que se fez acompanhar dos srs. Meia Pinto e Barreto da Cruz, realisou-se esta tarde no edificio da Academia das Sciencias de Portugal a inauguração da exposição bibliographica.

A concorrencia foi numerosa.

Brindes e calendarios

A casa Pessanha, Bottino & Pessanha Limitada, da rua Vasco da Gama, 1 a 13, distribuiu como brinde do anno novo aos seus clientes e amigos uma linda pasta para ter com papeis em cima da secretaria. E' um bello presente e agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

Lucien Guitry

Tem sido concorridissima a assignatura, que continúa aberta, para os oito unicos espectaculos que o grande actor francez Guitry vem dar a Lisboa no novo theatro Republica, cuja inauguração se realisa ainda esta semana.

Dois adversarios que se equilibram

O que vimos em Coimbra

A Associação Academica ganha a «Taça Coimbra» do campeonato districtal de lucta

Recordou-nos os primeiros campeonatos nacionaes de lucta o torneio para a «Taça Coimbra», effectuado ante-hontem. Despertou enthusiasmo e movimentou a cidade do Mondego. Attrahiu numerosos assistentes, o duplo ou mais do que podia comportar o salão, onde o «ring» se improvisou com dois colchões sufficientemente almofadados. E esses espectadores não acudiram ao espectaculo de athletismo com a serena incerteza de saber quaes seriam os vencedores. Não!... Todos, com mais ou menos argumentos, formavam prognosticos e n'estas previsões envolviam um tanto de partidarismo...

E' que...

Os campeonatos de lucta greco-romana districtaes de Coimbra, collocaram em frente dois adversarios, ambos com excellentes representantes, ambos com desejos de ganhar a «Taça», que pelo regulamento pertencia ao club ou federação, que tivesse maior numero de vencedores nas varias cathegorias do torneio. Assim, em Coimbra, uns eram pelos amadores do Sport Club Conimbricense, outros pelos da Associação Academica, que, á ultima hora marcada no praso de inscripção se fizera representar por um bello nucleo de estudantes, entre elles o dr. Cesar de Mello, campeão portuguez, homem que nunca soffrera uma derrota, homem que nunca tivera difficuldade de derrotar um competidor e que todos julgavam que tivesse abandonado o «ring»... O facto d'esta inscripção constituiu uma surpreza, tão grande que nos levou a Coimbra e que despertou a curiosidade de «sportsmen», que idos, uns de Lisboa, outros do Porto, alguns da Figueira, queriam vêr Cesar de Mello com novos adversarios. E, mal chegados á cidade universitaria, colhemos immediata certeza de que o nome de Cesar de Mello era o mais discutido em volta do torneio. Affirmava-se que tinha um unico proposito, o de ganhar a «Taça» para os estudantes, com uma victoria firme n'uma das cathegorias, já que eram problematicas as victorias nas outras cathegorias, porque os adversarios se egualavam em peso, força e sciencia combativa...

Seria assim?

Se o não era em absoluto, tinha essa inscripção um motivo approximado. Contavam-nos o seguinte, que explica o caso. Cesar de Mello foi o professor obsequioso de Angelo Madeira, que se fez um primoroso luctador e que, actualmente, considerado commerciante, emprega as horas livres no ensino de lucta aos amadores do Sport Club Conimbricense. E' esta a aggremiação sportiva mais próspera da cidade. Dirige-a um conhecido athleta, I. Chuvas; é frequentada com assiduidade por centenas de rapazes e as suas aulas teem alumnos, dos quaes se fazem primorosos athletas.

Ora este club resolveu organisar, apresentando os discipulos de Madeira, os campeonatos districtaes, que marcou para o dia 9. Quando se annunciou esta data, Cesar de Mello fez ver que n'esse dia os estudantes ainda estavam em ferias ou de viagem para Coimbra. Por circumstancias de ordem administrativa, o club, porém, não podia adiar o torneio. Insistiu Cesar de Mello, pedindo um pequeno praso de transferencia, accrescentando que se podia tomar por deslealdade a effectivação dos campeonatos, quando os estudantes estavam ausentes. A razão administrativa do club prevaleceu. Então, Cesar de Mello, resolveu inscrever-se, sujeitando-se á contingencia das luctas do «ring», para representar a Associação Academica...

Foram estes factos que...

Avolumavam o interesse e o partidarismo de uns e outros em volta do torneio. Os mais exaltados, com evidente exaggero, já queriam ver no caso uma sequencia das luctas entre os estudantes e o povo da linda cidade do Mondego. E afinal, tudo se passou bem, sem attrictos, com muita animação, com a maxima correcção e lealdade entre os concorrentes, com uma imparcial e competente arbitragem dos srs. Angelo Madeira (Coimbra) e Rodrigues (Porto), para terminar pela victoria da Associação Academica, porque ganhou 4 cathegorias e perdeu uma.

Houve, é certo, muito «calor» de applausos durante alguns combates, victoriando-se uns ou outros e excitando-se uns e outros. Mas, o que muitos julgaram censuravel, nós considerámos rasoavel e «humano». E' que não gostamos de ver estes espectaculos sem essa animação, sem essa febre de ver ganhar aquelle que nos é sympathico pela amizade ou julgamos superior ao adversario. E, com franqueza, o que vimos em Coimbra, não chegou aos exaggeros que já vimos em Lisboa. Tudo se resumiu a bastante enthusiasmo, a um espectaculo de muita vida e de muita animação, com uma serie de combates que agradaram ao jury de honra, a todos os academicos e não academicos, até ao sr. Manuel Egreja, que foi propositadamente a Coimbra, presidir ao torneio, a convite do club organisador, que aprecia, como todos nós, a competencia, a imparcialidade e a rectidão de caracter do notabilissimo athleta portuguez.

Antes de começar o torneio, o intelligente quintanista Cunha e Costa, que nos vira na sala, apresentou-nos á assistencia e pediu que dissessemos qualquer coisa sobre lucta. Desempenhámo-nos do encargo, que nos colhia de surpreza. E como todos o que queriam ver era a lucta e era grande a anciedade, pouco dissemos e esse pouco lembrando o que foram os antigos torneios de lucta e o que tinha sido Cesar de Mello e Angelo Madeira. E depois, para que os campeonatos se seguissem com regularidade, acceitámos a incumbencia de «speaker». Foi então, que vimos os combates, dos quaes falaremos ámanhã e que fizeram honra aos robustos athletas amadores do Sport Club Conimbricense e da Associação Academica...

Nota do dia

O grande desafio do proximo domingo

O mais interessante desafio de «foot-ball» e o mais anciosamente aguardado é o que se realisa no proximo domingo, no campo do Stadium, absolutamente neutral, desconhecido dos dois adversarios e que está disposto de maneira a permittir uma extraordinaria concorrencia de espectadores. Estes, seguramente, hão de ser de muitos milhares.

Combatem-se os primeiros grupos do Sporting Club de Portugal e do Sport Lisboa e Bemfica. E' o grupo campeão d'este anno contra o que foi campeão durante annos seguidos. E' o grupo que triumphou brilhantemente em Madrid dos hespanhoes contra o grupo que triumphou brilhantemente em Lisboa tambem de hespanhoes e dos suissos. São os dois grupos que se manteem eguaes á frente do campeonato de Lisboa.

Quem ganhará?

Os prognosticos são difficeis. A maioria inclina-se a favor do Sporting Club, mas um grande numero, que possue muitos entendidos n'este sport, diz que o Sport Lisboa e Bemfica vae surprehender os campeões, com uma victoria precisa. E em que se fundamentam estas previsões? No seguinte calculo:

Em Lisboa, o grupo do Bemfica venceu os suissos do Montriond de Lausanne por 3 contra 1 e empatou por 1 contra 1.

Em Madrid, o grupo do Sporting venceu os hespanhoes do Madrid Foot-ball Club por 3 contra 1 e empatou por 1 contra 1.

Em Madrid, o grupo do Montriond de Lausanne venceu os hespanhoes do Madrid Foot-ball Club por 1 contra 0 e por 4 contra 1!

O campeonato de lucta no Porto

Uma inspecção, directa e pessoal, faz-nos confessar que os athletas profissionaes que estão trabalhando no Porto e disputando um campeonato, são excellentes herculos, de pouco ventre, muito musculosos, ageis e energicos, dos melhores que teem vindo a Portugal. E' evidente que Petersen é o melhor de todos, mas entre os restantes ha homens de excepcional valor como Rossel, que se classificou em 4.º logar no grande campeonato sul-americano detraz de Petersen, Ochoa e Masseli, como Simonon, que é dos melhores «médios» que ha no mundo, como Frank Crozier, que é um negro esculptural de musculatura e um technico na «greco-romana», como Hittman, feroz, impulsivo, mas combatente que sabe o que faz. E' entre estes cinco homens que se devem disputar as «finaes», segundo o nosso criterio pessoal, embora se possam considerar como «outsiders» perigosos, capazes de uma surpreza, o homens como o hespanhol Almela, que sabendo luctar pouco, é no entanto, um rapagão fortissimo e robusto e o russo Rentel, que é novo e energico.

E já que falamos de Rentel cabe dizer que, ha dias, porque se não conformou com uma victoria, concedida a Simonon, se «atirou» a este, não no «ring», mas no palco, longe das vistas dos espectadores e que levou então a melhor, como um olho e a cara de Simonon o comprovam...

No Porto, appareceu para luctar contra os estrangeiros um valentissimo portuguez, de nome José Perdigão. Deram-lhe, como adversario, a Delache. Era um «exame-prova». E o caso é que o nosso compatriota ganhou...

Algumas anecdotas

Reforma ou baixa de posto?

Cesar de Mello á sahida do Sport Club Conimbricense encontrou estudantes e um d'elles disse-lhe.

—Já não és campeão de Portugal? Agora, então, és campeão districtal...

—E' verdade, foi baixa de posto...

—Ou reforma com ordenado por inteiro, meu caro amigo...

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Na Amadora

Continuam os trabalhos de terreplenagem para o campo de «foot-ball» dos Recreios Desportivos da Amadora, que como já dissemos, deve ser inaugurado esta epocha.

O novo campo fica bem situado e muito perto da séde dos Recreios, e logo que estejam concluidas as obras que n'elle se vão realisar deve ficar um dos melhores dos arredores de Lisboa.

No «rink» de patinagem realisa-se hoje uma sessão interessante em patins a que concorre grande numero de senhoras e creanças.

Grandiosa festa de distribuição de premios na Sociedade de Propaganda de Lisboa

E' no proximo dia 22 que, em sessão solemne presidida pelo sr. presidente da Republica, vão ser entregues aos vencedores de todas as provas que o Club Naval organisou na passada epocha, os premios que tão honrosamente souberam conquistar, com tanta gloria para o Club Naval.

Esta festa é, por assim dizer, a festa de uma epocha em que esta florescente aggremiação tanto se distinguiu no cumprimento do seu programma de bem servir a causa do «sport» nautico.

A actual direcção que se tem esforçado por levantar o pavilhão do seu club, quer demonstrar com esta festa, a ultima da sua gerencia, que cumpriu fielmente o mandato que a assembleia geral lhe confiou.

Não lhe faltam todos os bons attractivos que uma importante festa como esta requer.

Brevemente será publicado o seu programma e por elle se verá o meticuloso cuidado que os seus organisadores puzeram na sua confecção.

Além do sr. presidente da Republica e do sr. ministro da marinha que prometteram honrar esta festa com a sua presença, espera-se mais a de varias entidades officiaes que aproveitam assim o ensejo de mostrar a sua sympathia por este benemerito club e pela sua importante obra.

As medalhas serão collocadas ao peito dos vencedores por mãos de gentis damas que ámanhã, esposas e mães, saberão incitar os seus filhos á pratica do «sport» nautico, avidas de verem n'elles a robustez physica que taes exercicios lhes dão e que tão necessaria se torna a um homem que tenha de entrar na grande lucta pela vida em que os fracos tão rapidamente succumbem.

E' preciso grandeza moral, grandeza intellectual, e não é menos precisa a grandeza physica, factor imprescindivel para os que queiram luctar com probabilidades de exito. E' este o fim humanitario da obra do Club Naval e que vê com satisfação a coroar os seus arduos trabalhos, a presença a esta festa do illustre chefe da anção e dos principaes homens de Estado, mas mãos de quem está o auxilio de que este club carece, para que a sua tarefa seja completa e perfeita.

A lista dos premiados é bem grande, mas não obsta isto a que a publiquemos por secções, começando na proxima noticia pela da «Secção de natação», que foi sem duvida uma das que mais trabalhou e que maior numero de provas organisou.

Uma carta de Rocha Martins

A proposito d'uma pagina do seu novo livro sobre «D. Manuel II»

Rocha Martins dirigiu-nos hontem, a proposito das referencias ao seu novo trabalho «D. Manuel II» uma extensa carta cuja publicidade nos pede. O brilhante escriptor, que nos merece muito apreço, faz n'ella, porém, allusões a homens publicos em termos que obstam á sua reproducção integral n'este diario, muito embora, firmando-as, Rocha Martins se responsabilisasse pelo que insinua. Faz tambem perguntas a que nos não cabe responder, visto não pertencermos á policia e, sob o aspecto jornalistico, o assumpto de que trata poder ser esclarecido egualmente na imprensa que defende os ideaes politicos do auctor de «Palmella na emigração». Não queremos que, no entanto, se veja sombra de deslealdade no nosso procedimento e por isso publicamos os trechos da carta de Rocha Martins em que elle commenta exclusivamente, segundo o seu criterio, a innocente approximação que hontem fizemos d'uma «fonte historica» e da «composição litteraria» realisada sobre ella. Não tendo nós feito quaesquer insinuações ou commentarios de natureza politica, julgamo-nos no direito de omittir os de Rocha Martins, os quaes, de resto, ácerca do que o distincto homem de lettras pensa a respeito das transcripções que fizemos, não elucidariam melhor o publico do que os trechos essenciaes da sua carta que são os seguintes:

Lisboa, 10 de janeiro de 1916. Meu caro Avelino de Almeida.—O teu artigo d'hontem na «Capital» ácerca do meu livro «D. Manuel II» parece querer accusar-me d'este grande crime: «ter-me servido de paginas de jornal para bordar a scena da noite em que os Reis foram trasladados.

Na verdade pratiquei esse delicto; servi-me d'um testemunho d'um jornalista, que, por acaso, eras tu. E isso foi feito com tanta fidelidade que o teu trecho apparece ao lado do meu, havendo entre elles, como notaste e eu agradeço, a differença da prosa e do commentario.

E' assim mesmo. Tu, «reporter», n'aquella noite tragica viste o facto; eu desenhei-o. Foi sempre assim desde que ha historia, ia dizer desde que ha mundo.

Sem isso não poderias, tu homem do presente, falar do Calvario nem de Waterloo, de Robespierre derrotado nem dos attentados contra o sr. dr. Affonso Costa. E sabes porque pódes dizer que Jesus expirou?! Porque entre a onda curiosa de phariseus que subiam a escarpa do Calvario, ia um Avelino d'Almeida, attento, tintureiro dos valles ou rabbino ledor, que o viu e o declarou por sua fé. Era este o «reporter» da Judéa. Pódes dizer que Napoleão dormiu uns instantes emquanto se gerava a carnificina porque um Avelino d'Almeida, ajudante de marechaes ou simples cosinheiro imperial, o veiu narrar porque o viu. Tens auctoridade para declarar que Robespierre, esse jacobino de cabelleira empoada, tremeu de medo ante a voz de Tallien porque um Avelino d'Almeida de barrete phrygio, cervejeiro feito general como Sauterre, ou cocheiro tornado deputado como Drouet, o observou e o transmittiu.

Dos attentados a Affonso Costa é que não tens testemunhas idoneas e d'ahi o silencio das nossas boccas.

Entre tu e elles ha apenas uma differença. E' que na Judéa, em Waterloo, em Paris, elles eram «reporters» inconscientes servindo o futuro por mero espirito de bisbilhotice; tu és o magnifico «reporter» profissional acarretando a tua pedra para a Historia, grave e conscientemente. Elles pódem falhar um pormenor; tu não. Elles eram simples faladores; tu tens obrigação de ser o narrador completo.

Não o foste, por acaso. Faltaste ao teu dever. Pois vês um dignatario cobrir a cabeça com o seu lenço d'assoar na hora solemne d'aquelle desfile tragico e não o vens dizer ao teu publico que não te perdôa o numero d'um trem de praça onde foi conduzido ao hospital um fiel de feitos victima da apoplexia?

Com esse simples lenço d'assoar teria eu feito uma psychologia.

E' que entre o que tu realisaste e o que eu realisei ha o abysmo, embora o não julgues. Sim, meu caro camarada, o abysmo!

Tu dás o facto, eu decomponho-o; tu vês, eu observo; tu contas, eu verifico. Eu sou, incidentalmente apenas, o critico, tu és o «reporter».

Ha grandes escalas n'estas funcções que eu incompetentemente quero exercer e as que tu magistralmente realisas.

Tu fazes o teu trabalho como uma testemunha; eu faço o meu como um juiz.

E' a differença em tudo; na fé, na observação, na lucta por uma perfeita imparcialidade, no tom, na côr, no enthusiasmo ....

....

E de tudo isso sahe fatalmente a verdade. Nem elogios nem ataques. A verdade como eu a imagino e com a contraprova da defesa d'esses homens, vivos uns, mortos outros, feita pela documentação.

Essa verdade tu a reconheces quando compáras o que escreveste n'uma noite de tragedia, á pressa, com o publico á espera e aquillo que eu escrevi socegadamente e que é a trasladação real e a trasladação da prosa com mais luxo de scenario. A verdade, emfim.

O teu depoimento é valioso porque anniquila a tua apprehensão de que eu, monarchico, pamphletario, luctador—como me chamas—me esqueça de ser justo e imparcial.

Não ha commigo esse perigo. Tu occultas factos; eu não o farei. Eis a differença que ha entre o jornal e o livro e eu, jornalista e só jornalista de profissão, lamento não ter sido sempre um escriptor.

Sou pela verdade, sou pela minha tarefa como um pedreiro que apenas pensa em erguer o seu muro onde no futuro se irá buscar um resto para a obra definitiva. Tu déste a pedra, eu liguei-a com a cal, outros farão o edificio......................

....

E assim a verdade de que és apostolo e eu cultor seria mais bem servida que a monarchia e a Republica pelo fiel creado a quem ingratamente nem te referiste como elle merece e eu agradeceria. E' que tu podias tirar-me uma duvida. Em que epoca começou a traição?!

Teu collega d'hontem e quem sabe se d'ámanhã, e amigo certo, que agradece a publicação d'este esclarecimento.—*Rocha Martins.*

O FUTURO

A republica da Prussia

Na Allemanha, a derrota do imperialismo ha de fatalmente coincidir com a victoria da democracia

PARIS, 10.—A «Acção Franceza» diz que se annuncia a publicação em Zurich de uma brochura allemã destinada a causar sensação no mundo inteiro. Trata-se do primeiro manifesto do partido republicano allemão, que acaba de se formar.—S.

(Dos jornaes da manhã).

Quando, em principios de 1913, o nosso camarada de redacção Hermano Neves regressou de uma viagem a Berlim, trazia a convicção de que a guerra europeia era uma fatalidade historica. Fizera o acaso com que se lhe deparasse o conhecimento do capitão do exercito britannico A. T. Landser, que precisamente regressava de uma reportagem nos Balkans, onde durante algum tempo seguira as operações de guerra. A proposito, Hermano Neves inquiriu do reporter militar o que pensava ácerca de uma possivel conflagração europeia que viesse a collocar frente a frente a Inglaterra e a Allemanha. A entrevista foi publicada n'este jornal, em 28 de janeiro de 1913, e d'ella extrahimos alguns curiosos trechos. Landser respondeu o seguinte:

—Para lhe dizer a verdade, a opinião publica ingleza é abertamente favoravel a essa guerra. Creio que não existe hoje em toda a Grã-Bretanha uma unica pessoa que não acredite que ha de fatalmente desencadear-se em breve a tempestade...

—Coisa para tres? para quatro annos?

—Tavez para dois. Talvez mesmo para um. Dentro de um anno é possivel que se tenha feito o ajuste de contas. Exige-o a situação ingleza externa e interna, reclama-o a opinião publica. O anno passado chegou a estar tudo preparado para a lucta, todos os almirantes de posse do respectivo plano, o exercito com instrucções dadas. Uma palavra, uma simples nota pelo telegrapho, e estaria consummado o facto. Sabe porque não foi então declarada a guerra? Faltava apenas o dinheiro. O governo dirigiu-se aos bancos, e os bancos recusaram. Ahi tem.

E mais adeante, interrogado sobre a terminação da lucta que já então se afigurava impossivel de conjurar, Landser accrescentou:

—Meu caro senhor: a sorte das armas é ainda hoje uma coisa tão difficil de prever como o bom ou mau tempo. Scientificamente, a sua pergunta não tem resposta. Mas em todo o caso dir-lhe-hei que todos nós, os inglezes, estamos convencidos de que teremos tudo a ganhar abreviando os acontecimentos...

Durante essa mesma viagem, Hermano Neves poude trocar tambem sobre o assumpto algumas impressões com um collega allemão. Declarou elle que a Allemanha se preparava effectivamente para a guerra, citou-lhe simptomas, e accrescentou que os allemães não temiam tal eventualidade. E accrescentou:

A Inglaterra tem, é certo, uma poderosa frota. Bloquear-nos-ha os portos do mar do Norte: e ficar-se-ha por ahi, visto que nenhum dos nossos navios irá tolamente arriscar-se n'uma lucta desegual. Intervem a França? Podemos bem com ella. Intromette-se a Russia? A Austria está a nosso lado. Já vê que, por peor que as coisas se apresentem, os allemães não teem ainda motivo para desanimar.

E se a Allemanha viesse a ficar vencida? Oh! n'esse caso, esclareceu, o imperio desmembrar-se-hia como por encanto. A Saxonia, a Baviera, o Würtemberg, voltariam a entregar-se sósinhos ao seu destino de pequenos reinos sem ambições imperialistas, e a Prussia, onde o partido social-democrata constitue ha muito uma poderosa força organisada, transformar-se-hia n'uma republica.

As tendencias da parte mais avançada d'esse partido eram, com effeito, já republicanas n'esse tempo. Por isso, n'uma das suas «cartas da guerra», enviada por Hermano Neves a este jornal e datada de Bordeus, em 1 de outubro de 1914, o nosso camarada de redacção não hesitou em terminar assim as suas considerações ácerca d'uma possivel revolução na Allemanha:

E a Prussia, refazendo as suas energias «sob a Republica» ou sob um regimen de democracia monarchica, esforçar-se-ha por apagar da memoria dos homens a sanguinolenta lembrança do ultimo imperador allemão...

Pois parece que se vão realisando com effeito as prophecias. Guilherme II doente, provavelmente attingido pelo irremediavel mal que victimou seu pae, o «kronprinz» com a sua popularidade profundamente abalada, a facção intransigente do socialismo deliberando organisar pela primeira vez o partido republicano, cujo manifesto inicial se encontra já annunciado... E sobretudo, o descontentamento crescente da população germanica, a que o militarismo tantos e tão inuteis sacrificios impoz: são factos estes de que não é difficil tirar uma conclusão, e essa conclusão não pode ser outra: a victoria da democracia na Prussia ha de fatalmente coincidir com a derrota do imperialismo. E fatal. E' logico tambem.

PEQUENAS NOTICIAS

A' enfermaria 4 do hospital de S. José, recolheu Antonio Luiz Angega, morador em Pedrouços, que andando a podar as arvores do jardim de Algés cahiu, ficando muito ferido na cabeça e com fractura da perna esquerda com complicação de ferida. E na numero 9 ficou Seraphim Rodrigues, de Almada, que na fabrica de cortiça da Margueira foi attingido por uma porção d'agua a ferver, ficando muito queimado.

José Luiz Rodrigues, morador em Algés, queixou-se no posto policial de que lhe tinham furtado 2 relogios de prata, 1 cordão de ouro, 1 medalha do mesmo metal, uma bolsa de prata e uma porção de dinheiro. O guarda 353 prendeu José Maria Gomes Vieira, empregado do queixoso, o qual quiz attribuir as culpas a outro individuo, mas a policia apurou que fôra elle o gatuno e que escondera o roubo no bairro Matheus.

A' policia queixou-se Maria Estrella de Carvalho Vieira, moradora na rua de Pedrouços, 79, de que tendo-se mettido n'um electrico com destino ao Dafundo quando se apeou deu pela falta de uma bolsa de prata contendo um brinco com 8 brilhantes no valor de 100 escudos e 2$00 em dinheiro.

Ultimas noticias

A grande guerra

Um pedido da Austria a proposito dos submarinos

LONDRES, 11.—O *Foreing Office* publicou uma communicação do governo da Austria-Hungria contendo uma petição de numerosos austriacos expulsos da India pela Inglaterra e repatriados á bordo do *Golconda* e na qual se pede que sejam tomadas providencias para a sua segurança contra os submarinos. Sir Edward Grey respondeu que se admirava de um tal pedido da Austria que é a unica auctora de crimes de submarinos, e que um pedido n'estas circumstancias prova que os attentados commettidos contra os navios mercantes não foi obra de officiaes barbaros, mas posta em execução pela politica do governo austriaco. O ministro inglez accrescenta que a unica protecção consiste na applicação das regras *ordinarias* da humanidade pela Austria.—*(Havas).*

Tres divisões allemãs repellidas na Champagne

PARIS, 11.—Communicação official das 15 horas.—Entre o Somme e o Oiso a nossa artilharia mostrou-se activa. Um destacamento inimigo tentou tomar um dos nossos postos no sector de Armancourt, na região de Royo mas foi repellido pelo nosso fogo. A oeste do Soissons os nossos canhões de trincheira destruiram um deposito de espoletas, nos arredores de Autreches. Novas informações chegadas da Champagne confirmam que os nossos tiros de artilharia na defeza de trincheiras e contra ataques, fizeram abortar por completo o importante ataque inimigo no qual tomaram parte não menos de tres divisões allemãs.

Os nossos contra-ataques e combates á granada d'esta noite expulsaram o inimigo dos postos de observação que occupavam, excepto n'um pequeno rectangulo a oeste de Maisons de Champagne onde as suas fracções se manteem difficilmente. O nosso fogo, principalmente o da artilharia, infligiu aos allemães enormes perdas.

Aviação:—Durante o dia de hontem trez aviões-canhões deram sobre as linhas allemãs, proximo de Dixmude, uma serie de combates nos aviões de caça inimigos do typo Fokker. Um dos nossos aviões, atacado por um «fokker», teve de aterrar, mas o avião inimigo, assaltado por sua vez por um dos nossos que lhe atirou a 25 metros de distancia granadas e metralha, foi abatido.

Um terceiro avião francez atacou um outro «fokker» que cahiu na floresta do Houthulst, a sueste de Dixmude.—*(Havas).*

Na Camara dos Deputados

Elege-se a commissão de estatistica

A' primeira chamada respondem 62 deputados. O sr. dr. Manuel Monteiro abre a sessão e inicia os trabalhos. Estão presentes os srs. ministros da instrucção e do interior. A acta é lida e approvada sem discussão. O sr. Antonio Portugal apresenta uma reclamação dos empregados do municipio d'Evora contra o facto do Estado exigir a esses mesmos empregados direitos de encarte. Isso é tanto mais estranho quanto é certo haver muitos municipios que não pagam esses direitos, sem que o governo a isso possa obrigal-as por não ter a menor interferencia na vida dos corpos administrativos. Termina enviando para a mesa um projecto de lei creando o concelho de Riba d'Ave. O sr. ministro do interior responde que é o Estado por uma lei votada no Parlamento, o unico competente para cobrar os referidos direitos. O sr. ministro das finanças, por sua vez, corrobora essa declaração, dizendo que, entregar ás camaras os direitos de encarte, seria cercear as receitas publicas, o que não pode consentir-se. O sr. Carvalho Mourão refere-se áquelle caso em que figura o administrador de Villa Franca de Xira, o qual mandou indevidamente pôr em liberdade individuos com cadastro, legitimamente presos.

O sr. ministro do interior responde que tomará as providencias que julgar convenientes, depois de colher as devidas informações. O sr. Germano Martins, em negocio urgente, manda para a meza um projecto de lei suspendendo a ultima lei regulamentadora da lei da caça. Pede urgencia e dispensa do regimento, ficando, porém, o projecto para ser discutido ámanhã. O sr. ministro da instrucção apresenta uma proposta de lei creando um fundo especial permanente, para construcções escolares, com a verba annual de 200 contos, instituida pela lei de 17 de janeiro de 1913.

Na ordem do dia procede-se á eleição da commissão de estatistica, sendo eleitos os srs. Vaz Guedes, José d'Oliveira, Americo Olavo, João Canavarro, Domingos Frias, Francisco José Pereira Prazeres da Costa, Celorico Gil e Carvalho Mourão. Depois approva-se um projecto reformando um pharmaceutico do ultramar. Antes de se encerrar a sessão falu ainda o sr. Gonçalves Brandão. A'manhã ha sessão.

NOTAS DIVERSAS

O governo auctorisou a importação do inhame nas ilhas dos Açores e prohibiu a exportação da batata.

Com o sr. governador civil conferenciaram hoje os administradores dos concelhos de Cintra, Villa Franca de Xira e Torres Vedras.

—Chegou hontem a Lisboa o governador civil de Braga que veiu conferenciar com o sr. presidente do ministerio e ministro do interior. O sr. dr. Eduardo Cruz seguiu hoje para o seu districto.

Tambem hoje chegou a Lisboa o sr. dr. José da Ponte, governador civil de Faro, que conferenciou com o sr. ministro do do interior.

—Sahiram hoje a barra para exercicios os cruzadores *Vasco da Gama* e *Almirante Reis*, o contra-torpedeiro *Guadiana* e os torpedeiros 2 e 3.

—Navegando para o sul passou hoje á vista do Sagres um transporte da Cruz Vermelha brazileira.

Reclamações operarias

Gréve do pessoal da limpeza da cidade

Os operarios encarregados da limpeza da cidade apresentaram ha tempos uma reclamação pedindo os carroceiros para perceberem 60 centavos em vez de 50 e os despejadores dos caixotes 50 em vez de 40. Como os dias fossem passando e os reclamantes não vissem a sua reclamação attendida resolveram hoje não pegar no trabalho. Para isso reuniram-se todos no vasto largo da Abegoaria Municipal, á Boa Vista, resolvidos a não deixarem que alguem faltasse ao compromisso tomado.

Os capatazes andavam n'uma roda viva d'um para outro lado, pedindo para que retomassem o trabalho. Os grevistas é que não attendiam taes pedidos e continuaram na mesma attitude, fazendo por vezes um barulho ensurdecedor. Cerca das 9 horas compareceram na Abegoaria os srs. Pinto, director dos serviços da limpeza, e Venancio, da camara municipal, que aconselharam aos grevistas a manterem-se na melhor ordem e que voltassem ao serviço, porque as suas reclamações seriam attendidas no mais breve espaço de tempo. Em virtude de tal affirmativa, foi resolvido engatar o gado, sahindo as carroças para as ruas cerca das 11 horas, quando a maioria dos caixotes já tinham sido retirados das portas.

Os operarios declaravam a toda a gente que os interrogava que se as suas reclamações não fossem attendidas se declarariam novamente em greve.

Nas obras do Estoril

O administrador do concelho de Cascaes communicou hoje ao sr. governador civil que os 1.200 operarios que trabalham nas obras do Estoril se haviam declarado em greve, tendo para ahi seguido 15 praças de cavallaria da guarda republicana e 12 de infantaria da mesma guarda, para se manter a ordem. Aquella auctoridade, comparecendo no local, conseguiu que os operarios retomassem o trabalho, apurando que a greve tinha sido machinada por elementos extranhos. O socego é completo.

Em Setubal é inutilisado algum peixe

Por telegrammas de Setubal recebidos hoje no governo civil e enviados pelo administrador do concelho, sabe-se que alguns maritimos assaltaram varias canoas de picada, inutilisando grande quantidade de peixe. Foram feitas 8 prisões em terra, que não foram mantidas por o capitão do porto ter declarado que os presos nada tinham com o caso. Entretanto as investigações continuam, havendo socego em toda a cidade.

Scena de pugilato

Como consequencia da publicação, feita ha dias, na imprensa, da carta que os srs. Mello Barreto e Arthur Cohen dirigiram ao sr. Arthur Costa, seu constituinte em uma pendencia suscitada entre este deputado e o sr. dr. Hermano de Medeiros, constatando a recusa de nomeação de testemunhas por parte d'este ultimo, deu-se hoje, no largo das Côrtes, á sahida da sessão da Camara dos Deputados, uma scena de pugilato entre os srs. Mello Barreto e Hermano de Medeiros.

No incidente intervieram outras pessoas, tendo-se produzido diversos conflictos, a que puzeram termo a policia e a guarda do edificio.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOVO CLUB

No Tauro-Sport-Club, da rua Garrett, inaugura ámanhã o seu curso de dança o professor Luiz Silva. No sabbado ha «soirée» no mesmo club, inaugurando-se brevemente o chá-tango. As reuniões elegantes effectuam-se no Tauro-Sport-Club todas as quartas-feiras, pelas 21 horas.

AUGUSTO ROSA

Tem estado doente, mas vae felizmente em via de restabelecimento, com o que muito folgamos, o illustre artista Augusto Rosa.

LUTUOSA

Falleceu hoje a sr.ª D. Maria Emilia da Conceição, extremosa esposa do sr. Manuel dos Santos Constantino, um dos mais antigos «reporters» dos jornaes, a quem enviamos os nossos pezames. O funeral realisa-se ámanhã, ás 13 horas, da rua de S. Marçal, 62, 3.º, para o cemiterio dos Prazeres.

Tambem se effectua ámanhã, pelas 11 horas, o enterro do menino Manuel Ferreira Vidigal, sahindo o prestito da rua Camillo Castello Branco, S. C. R., para o cemiterio occidental.

—Falleceu o sr. Fernandes Cadete, cujo funeral se realisa ámanhã, pelas 14 horas, sahindo da Avenida Duque d'Avila, 145, 5.º, para o cemiterio occidental.

A missa hoje mandada rezar na egreja da Encarnação em suffragio do saudoso actor Telmo Larcher foi numerosamente concorrida de amigos e collegas do extincto.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 7/8	33 3/4
Londres, 90 d/v.	34 3/8	—
Paris, cheque	$76,1	$76,5
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$66,5	$67
Madrid, cheque	1$41	1$42
Suissa, cheque	$86,5	$87
Italia, cheque	$67	$70
New York	1$48,5	1$49,5
Rios/Londres	11 15/16	
Libras	7$04	7$10
Agio do ouro	58 %	58 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	38,90	38,90
» » 500$	38,90	39,10
» » 100$	38,90	39,20

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$50; 4 0/0 1888, 22$10; 4 1/2 88-89, coup., 57$.

Externas: 1.ª serie, 75$50, 2.ª, 72$50, e 3.ª, 76$40.

Acções: Assucar, 45$; Moagem (nova) 55$80; Phosphoros, coup., 56$20; Tabacos, assent. e coup., 82$; Zambezia, 1$90.

Obrigações: Prediaes, 6 0/0, assent. 91$65; Ultramarino, hypothecarias, 94$; Ambacas, 93$73; Norte e Leste, 1.º grau, 72$10; Caminho de Ferro de Benguella, tit. 5, 77$.

Vida Oriental
A china intima
As tchás-tchás

(Conclusão do folhetim inserto hontem na 1.ª pagina)

Fecho os olhos e evoco. Aquella que agora passa—Deusa de Elegancia—sempre desejada, sempre anciosamente esperada. E' delgada, loira, pallida e de perfil antigo. Como a cabeça é uma tempestade do oiro e o rosto de marfim, veste sempre de negro nobremente, impeccavelmente. Esta outra, grande dama flexuosa, do pescoço heraldico e lacteo o olhar negro e suave. Como tem cabelos mais negros que o peccado, veste sempre de claro e usa rosas ou lilazes no chapeu.. Soberba, serena e abstracta. E' a senhora das rosas e dos desdens. Conhecem-a? Aquell'outra desce agora do Chiado. Silhueta de Sèvres, delicada, preciosa, fidalga e linda, rostosito em leite e rosa, o olhar azul, simples, ingenuo e leal. Faiscam-lhe mais os olhos que os brilhantes que traz nas orelhitas de nacar. Pomba purissima em cujo collo seria bom descançar a cabeça ás horas de tribulação! Esta ainda... mas de repente tocam-me no braço, abro os olhos e o criado chinez, com uma grande mesura avisa-me que são horas de partir. Caio n'um espiritual e formidavel trambulhão na China outra vez.

As *tchás-tchás* sahem rindo, em bando, amparadas pelas creadas. Um lusque-fusque de melancholia paira sombriamente sobre o lago adormecido e triste. Saio tambem. Ellas mettem-se nas suas cadeirinhas cintillantes, ou nos seus trens espelhados.

Mendigos chinezes—os peores do mundo—ascorosos, miseraveis, pairam por ali erguendo supplicas, gritos, lamentações e mostrando as mazelias repellentes. Um mostra as pernas que são toda uma chaga verdoenta onde as moscas teimosas não despegam, chaga que elle espicaça e ensanguenta para excitar a piedade.

Outro cego, com os olhos vazados, as orbitas vazias, um ar de caveira viva, fita-me com os dois buracos negros, horrendamente, e beijando a terra pede uma sapeca. Aquelle apresenta a cara e a cabeça monstruosas, toda excrecencias, tumores, materias, escorrencias, leproso, desgraçado, miserando, a bater com a mão espalmada no ventre engelhado, a berrar que tem fome...

Ellas passam indifferentes por meio dos infelizes, e partem á desfilada. Uma fica á espera da cadeirinha. Olha-me com curiosidade e sorri. Approximo-me, confiado, mas ella n'um terror louco, foge, bamboleando o corpo, e mete-se apressadamente atabalhoadamente na cadeirinha que os *coolies* espadaudos affastam a correr... E' que o *diabo branco* tem peçonha no olhar, tem os membros do corpo esquinados e afiados, e no peito uma chama electrica que queima o corpo da mulher que se lhe encostar... Assim os chinezes lhes insinuam no ouvido, ás pobresitas, não vá alguma peccar...

. . . .

Fico só... e só tambem sobre o seu altar florido o Boudhá de bronze sorri sempre... e de um modo tal que até parece ser de mim, cinicamente...

Francisco Trancoso

Telegraphia sem fios

No Collegio Callipolense, continúa funccionando, com o melhor resultado, o curso de telegraphia sem fios, sob a direcção dos distinctos funccionarios dos correios e telegraphos srs. David de Sousa e Lima Junior. Tentativa digna de todo o auxilio, visto a sua utilidade pratica, bem merece ser coadjuvada.

Opera lyrica

As recitas da notavel cantora Luz Rugama

São apenas trez as recitas em que a famosa prima-donna Luz Rugama vem tomar parte no Colyseu dos Recreios, cantando em todas a mesma opera: *Traviata*.

A estreia effectua-se na quinta-feira, em recita elegante. Já não ha nenhum camarote de 1.ª ordem, para esta noite consagrada ao culto do bello e do requintado.

Ha grande anciedade em ouvir esbelta cantora, que está agora em todo o viço da sua esplendida formosura e com toda a energia e encanto da sua voz de ouro.

Margarida Gauthier vae ter em Luz Rugama a interprete exacta, segundo as tendencias do temperamento, a belleza e a elegancia e o mundanismo.

O celebre soprano, logo que termine em Lisboa o seu contracto, segue para Monte Carlo, onde cantará a *Traviata*, na grande Opera.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Frei Luiz de Sousa—O primeiro beijo.
TRINDADE—A's 21—Dia do juizo (Revista).
POLYTEAMA—A's 21—O sr. juiz.
GYMNASIO — A's 21 — O pato.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—De capote e lenço (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 — Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A espiga (Revista).
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Tosca.

Agenda da semana

HOJE — **Apollo** — Reapparição do actor Joaquim Costa na revista *De capote e lenço.*

AMANHÃ — **Politeama** — *Reprise* da comedia em trez actos *O sr. juiz.*

QUARTA-FEIRA — **Nacional** —Primeira representação da peça de Vicente Arnoso *Coimbra, terra d'amores.*

Ao correr da pena

Abriu-se hontem, n'um jornal, um inquerito, a fim de se estabelecerem principios acerca das adaptações theatraes dos livros de escriptores mortos.

Esse inquerito podia ser encerrado hontem mesmo. Por muitas opiniões que se consultem pouco mais se adeantará além do que disseram Julio Dantas e Augusto de Castro. O primeiro, depois de citar as palavras de Mereditte:—«O triumpho legitima tudo» o que é uma incontestavel verdade, accrescentou que não ha o direito de extrahir uma peça má de um bom romance. Por sua vez Augusto de Castro, entre outras considerações judiciosas, propõe como condição essencial de uma adaptação scenica, o seguinte caso de consciencia para o adaptador:— «Se o escriptor morto, cuja obra pretendo pôr no theatro, fosse vivo, acceitaria elle a minha collaboração?» Desde que nos falta aquelle chefe de policia Lacerda que, como v. ex.^as sabem, era tu cá tu lá com as maiores glorias da nossa litteratura por intermedio de uma simples mesa de pé de gallo, hão de concordar que os adaptadores, que reconheçam a formidavel logica de Augusto de Castro, se hão de ver muito embaraçados, a não ser que a immodestia os liberte logo d'esses escrupulos.

Cyrano

Primeiras representações

COLYSEU DOS RECREIOS—Favorita.

O delicioso *spartito* de Donizetti *Favorita*, hontem cantado no Colyseu dos Recreios, agradou extraordinariamente.

Como em todas as recitas da moda a elegante casa de espectaculos apresentava um aspecto deslumbrante, vendo-se nos camarotes e *fauteuils* as principaes familias da nossa sociedade elegante.

A sr.ª Rubadi cantou deliciosamente a parte de *Leonor*, sendo applaudidissima, e o tenor Marescotti foi notavel na parte de *Fernando*.

Os restantes muito bem.

Hoje repete-se a *Favorita* e ámanhã a *Tosca*.

Na quinta-feira estreia de Luz Rugama com a primeira representação da *Traviata*.

Boatos e informações

Está marcada para sexta-feira a reabertura do novo theatro Republica. Apenas restará talvez por concluir a decoração do *foyer*. A sala e principaes dependencias estão absolutamente terminadas.

O novel actor Erico Braga, que se estreia no Polyteama na proxima segunda-feira, 17, desempenhando um dos principaes papeis da *Vida de um rapaz pobre*, pertence a uma das mais nobres familias da capital do norte.

Uma das conferencias humoristicas que se realisam na centesima da revista *Dominó*, será apresentada pela actriz Bertha Baron.

Circos & Music-halls

No Salão Foz, o bello cinema que tão concorrido está sendo e onde se exhibem as melhores celebridades artisticas de «music-halls», realisa-se quinta-feira, ás 15 horas, a 6.ª «matinée»-concerto, com um soberbo programma.

—O Salão-Lisboa dá no domingo, das 14 ás 17 horas, uma «matinée» infantil especial, dedicada á imprensa e para a qual teve a gentileza de nos enviar bilhetes para distribuirmos pelos nossos protegidos.

—No Salão Cosmopolita, da rua da Mouraria, apresenta-se a notavel cançonetista Ellen Dacris, completando o espectaculo as applaudidas cançonetistas portuguezas Leontina Santos e Fernanda Torres. Entrou em ensaios no elegante cinema a revista em um acto *Isso tambem eu q'ria.*

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

"O Brazil Contemporaneo"

O sr. Simões Coelho é, acima de tudo, um grande trabalhador e um estudioso infatigavel. Intelligencia culta, ao par dos principaes problemas economicos e sociaes do seu tempo, os seus trabalhos litterarios, quasi sempre de vulgarisação e de investigação, representam um esforço utilissimo, que seria injustiça deixar de reconhecer. E' assim que o seu novo livro «O Brazil Contemporaneo», compilação de conferencias e escriptos sobre o grande estado sul-americano, constitue um trabalho cuja leitura não pode ser dispensada por quem quizer conhecer o Brazil da actualidade, tão cheio de vida e tão prospero, tão exhuberante d'essa forte seiva que faz com que todas as nações resistam a quantas crises as assoberbem. O livro do sr. Simões Coelho, profusamente illustrado, deve constituir um grande exito para o seu auctor. Editou-o a casa Guimarães & C.ª

Mostruario industrial

O que diz um dos expositores

Recebemos as seguintes cartas:

Sr. redactor do jornal «A Capital»:

Para conhecimento do commercio e do publico, pedimos a V. a fineza de mandar publicar no seu conceituado jornal a carta de que juntamos copia e que hoje endereçamos para a secretaria da Sociedade de Geographia.

Mais pedimos para informar que no nosso Escriptorio e Deposito, rua dos Correeiros, 125 a 129, se encontra á disposição de quem quizer examinar, a correspondencia por nós trocada com a Ex.^ma Commissão Organisadora do Mostruario Industrial, bem como outros documentos que dizem respeito ao assumpto.

Pela publicação que pedimos, antecipamos os nossos agradecimentos.

De V.
M.^to Att.^os V.^ers Obrig.
Fabrica de chocolates «Camerana»
Os proprietarios
Euzebio R. Marin & C.ª

Lisboa, 10 de janeiro de 1916.

Ex.^mo sr. presidente da Commissão Organisadora do Mostruario Industrial.—Sociedade de Geographia:

A imprensa de hontem publicou a lista de recompensas a distribuir pelos expositores do Mostruario Industrial Portuguez, e, por ella vemos que aos productos da nossa fabrica foi conferida a medalha de prata, o que já extra-officialmente era de nosso conhecimento.

Não nos conformando com tal resolução do jury, que assim depreciou os nossos productos que se encontram expostos desde a abertura da exposição sem a minima alteração ou substituição, para classificação com medalha de ouro os da Fabrica União, que tendo criado bichos, devido á sua má fabricação, foram substituidos em 23 de outubro p. p. (talvez sem auctorisação nem conhecimento de V. Ex.^as) e contra o que protestámos perante V. Ex.ª em nossa carta de 25 d'outubro p. p.

Temos testemunhas de essa substituição que, se preciso fôr, indicaremos a V. Ex.ª mas isso mesmo julgamos desnecessario, pois querendo V. Ex.^as ainda hoje, dar-se ao incommodo de ir ver á vitrine onde estão expostos os productos da citada fabrica, verificarão que ha bonbons e amendoas, novamente bichados!

Em virtude do que deixamos exposto, pedimos licença a V. Ex.^as para recusar-mos de receber o diploma que nos foi conferido, porque conscienciosamente entendemos que a classificação não foi devidamente feita.

Reservamo-nos o direito de fazer publicar o conteudo d'esta carta, a fim de que o commercio e o publico em geral, possam fazer juizo dos productos assim classificados com medalha de ouro e as considerações sobre o assumpto.

Pedindo a V. Ex.^as a fineza de nos accusarem a recepção d'esta, com a maxima consideração

Saude e Fraternidade
Fabrica de chocolates «Camerana»
Os proprietarios
(ass.) Eusebio R. Marin & C.ª

Movimento maritimo

Pern., R. Jan., etc. «Tubantia» (Amst.)	12
Liverpool «Dominic» (Brazil)	12
Br. e R. Pr. «Am. V. Joyeuse» (Havre)	12
Brazil e R. Pr. «Garonna» (Bordeus)	12
Afr. Oriental «Comrie Castle» (Plym.)	13
Liverpool «Huayna» (Brazil)	14
Bis, Bolama e Arch. C. Verde «Guiné»	14
Bordeus «Sequana» (Brazil)	14
Vigo e Inglaterra «Darro» (Brazil)	18
Braz. e R. da Prata «Avon» (Liverp.)	19
Braz. e R. da Prata «Salland» (Amst.)	19
Madeira e Açores «San Miguel»	20
Pará e Manaus «Aidan» (Liverpool)	20
Loanda, Lob., Beng. e Cuio «Dondo»	20

mirante C. F. Thursby, cuja esquadra se compunha das seguintes unidades principaes:

Cruzadores ligeiros: «Queen», «London», «Prince of Wales», «Triumph» e «Majestic».

Cruzador: «Bacchante».

Destroyers: «Beagle», «Bulldog», «Foxhound», «Scourge», «Colne», «Usk», «Chelmer» e «Ribble».

Havia ainda grande numero de transportes. Cêrca de 1.500 homens embarcaram no «Queen», no «London» e no «Prince of Wales» antes de sahirem da bahia de Mudros e foram os primeiros a desembarcar. A esquadra sahiu d'essa bahia na tarde de 24 d'abril e navegou vagarosamente toda a noite com todas as luzes apagadas em direcção ao local de desembarque. O ponto de reunião era a cinco milhas d'esse local, onde se chegou pela 1 hora da manhã.

O luar estava claro e como a lua só se punha pelas 3 horas suppôz-se mais tarde que as sentinellas que estavam nas encostas dos outeiros deram fé da chegada da esquadra. Pela 1 hora e 20 minutos, o «Queen», que era o navio chefe, deu ordem para deitar ao mar as embarcações.

A's 2.5', foi dado o signal de desembarque a 1.500 homens. Mais 2.500 homens foram tambem transferidos dos transportes para os destroyers, que deviam ficar o mais proximo possivel da praia. Os «cutters», apoz o primeiro desembarque, deviam voltar aos destroyers a buscar o resto.

A transferencia das tropas fez-se rapidamente e em profundo silencio e pelas 2.58' as embarcações approximaram-se da praia com a velocidade de cinco nós. A intenção era operar o primeiro desembarque antes de romper o dia.

A's 4.10', os cruzadores ligeiros «Triumph» e «Majestic», assim como o «Bacchante», estavam a cêrca de 2.400 metros da praia, em linha de combate. A orla da terra mal se avistava no lusco-fusco. As embarcações partiram, carregadas de homens. Não houve bombardeamento prévio, a fim de se fazer por completo uma surpreza.

A's 4.50', appareceu na praia uma luz do inimigo e tres minutos depois ouvia-se um vivo tiroteio de fuzilaria e de metralhadoras, ficando feridos grande numero dos homens que iam nos botes. O sangue dos australianos correu. Foi visto um batalhão turco avançando.

Um momento depois as tropas desembarcavam. Não esperaram por ordens. Avançaram com a maior rapidez, sem disparar um unico tiro. Antes dos turcos voltarem a si da surpreza que tal modo de proceder lhes causava sentiam o frio do aço. Os primeiros turcos, como já dissemos, eram passados á bayoneta ás cinco horas e cinco minutos em ponto.

A linha turca rompeu-se e pôz-se em fuga, embora alguns dos que a formavam não tivessem possibilidade de escapar, e refugiaram-se nas suas trincheiras. D'estas, a primeira linha foi tomada, tendo sido tambem tomada uma metralhadora.

Os australianos encontraram-se depois em frente d'uma alta penedia coberta de denso mattagal. O inimigo tinha ahi uma outra trincheira e d'ahi fazia violento fogo. Tinha collocado atiradores por detraz de cada moita, e esses atiradores incommodavam não só os homens que estavam desembarcando mas ainda os que estavam sendo passados dos destroyers para os botes.

Tres d'esses botes afundaram-se antes de chegar á praia, sob uma verdadeira chuva de balas. Os australianos que já haviam tomado a primeira linha de trincheiras, desesperados ao verem tal espectaculo, escalaram a penedia e varreram o inimigo da segunda trincheira no espaço d'um quarto de hora, repellindo e perseguindo os turcos.

Não havia ordem possivel no ataque. Cada australiano pelejava sem attender a coisa alguma, sem se importar sequer se era ou não seguido pelos seus camaradas, mas o certo é que o objectivo que queriam attingir o attingiram.

tal ordem que os turcos as deviam considerar inexpugnaveis.

Joseph H. Choate, ex-embaixador dos Estados Unidos em Londres

A praia ficava n'uma bahia cercada de outeiros, sendo o unico caminho praticavel uma estreita garganta ou desfiladeiro. Os turcos haviam contado com um desembarque n'esse ponto e tinham preparado tudo bem para receberem o inimigo. Tinham posto minas em terra e no mar. A' beira-mar haviam collocado rêdes de fio farpado a todo o comprimento da praia. Até na propria agua haviam deitado rêdes. As alturas que dominavam a praia estavam cobertas de trincheiras, para chegar ás quaes só se podia seguir pelo desfiladeiro que mencionámos.

Metralhadoras, que os canhões dos navios não podiam alcançar, haviam sido occultas entre as penedias e eram defendidas egualmente por rêdes de fio farpado. Logo que os assaltantes surgissem da bahia ficavam expostos ao fogo de dois fortes reductos de infantaria proximos da cota 138, reductos egualmente protegidos pelos arames farpados.

Atiradores especiaes estavam occultos em todos os recantos, tornando difficil a approximação e fazendo com que os turcos julgassem, como julgavam, a posição inexpugnavel.

Foi ao batalhão de Fuzileiros de Lancashire que coube a tarefa de dar o assalto. Era commandado pelo major Bishop. O batalhão foi conduzido para o cabo Helles no cruzador «Euryalus» e pelas 4 horas da manhã começou o embarque dos homens que deviam dirigir-se á praia nos botes e chalupas. A's 5 horas, os navios que cobriam o desembarque abriram violento fogo sobre a praia e as obras de defeza, fogo que se prolongou durante uma hora. O resultado, porém, não foi satisfatorio, porque, como depois se viu, nem as rêdes de fio farpado nem as trincheiras soffreram damnos.

A's 6 horas o desembarque começou. As embarcações dirigiram-se para a praia. Os turcos não tinham dado signal de vida, mas apenas a primeira abordou cahiu sobre ella um fogo terrivel de fuzilaria e de metralhadoras. Quasi toda a primeira linha de homens que se havia arremeçado contra as defezas de arame farpado cahiram. Em poucos momentos só se viam cadaveres. Era tão rapido o massacre que os que estavam nos navios não comprehendiam o que se estava passando.

Apezar do fogo, os bravos Fuzileiros, guiados pelos seus officiaes, avançavam, lentamente, cortando as defezas de arame e não respondendo quasi ao fogo do inimigo, porque a unica coisa em que pensavam era em arredar o obstaculo que lhes obstruia o caminho.

Foi n'esse momento terrivel que a companhia que havia ido desembarcar junto dos rochedos abaixo do cabo Tekke ajudou a salvar a ameaçadora situação. Haviam escapado em grande parte ao fogo e haviam escalado os rochedos com relativa facilidade, depois do que haviam procurado descobrir onde estavam as metralhadoras e morto á bayoneta os que as manejavam. Outros torneavam a extremidade das defezas de

Fernandes Cabete

Falleceu

Adelaide Cabete, Balbina Brazão, Maria Brazão, Narciza Brazão, dr. Chateaubriand Baracho, Arnaldo Brazão, Alvaro Brazão Margarida Brazão, Ermelinda Brazão participam o fallecimento do seu chorado marido, genro, cunhado e tio, cujo funeral se effectuará amanhã, 12, pelas 14 horas, sahindo o prestito funebre da sua residencia avenida Duque d'Avila, 135, 1.°, para o cemiterio occidental.

O menino

Manuel Ferreira Vidigal

Falleceu

José Henriques Ferreira Vidigal, (ausente), Alice Barbosa Ferreira Vidigal e seus filhos participam aos seus parentes e ás pessoas das suas relações o fallecimento do seu muito querido filhinho Manuel Ferreira Vidigal e que o seu funeral se realisa amanhã, 12 do corrente, pelas 11 horas, sahindo o prestito da rua Camillo Castello Branco, S. C. R. para o cemiterio Occidental.

arame farpado e metteram os turcos n'um fogo de enfiada.

Conseguiu-se assim que os sobreviventes abrissem caminho e repellissem os turcos de parte das primeiras trincheiras. Depois entrincheiraram-se.

Pouco depois das 9 horas a maior parte do batalhão tinha feito o seu desembarque, vindo juntar-se-lhe outro regimento de infanteria. Pelas 10 horas tres linhas de trincheiras turcas haviam sido tomadas.

Havia, porém, ainda muito a fazer. As tropas, em pequeno numero, que haviam desembarcado no cabo Helles, combatiam tenazmente, mas não conseguiam progredir. O major Frankland, da 86.a brigada de infanteria, foi em seu auxilio e foi morto. O general Hare fôra ferido no cabo Tekke e o seu logar teve de ser preenchido. O coronel Wolley-Dod, do estado maior general da 29.a divisão, foi mandado desembarcar, com ordem de organisar o avanço.

A praia e o desfiladeiro estavam limpos de inimigos e pelas 11 horas e meia a força que avançava do cabo Tekke fizera juncção com os Fuzileiros Reaes na cota 114. Mas os reductos proximo da cota 138 ainda não haviam sido assaltados e eram o objectivo immediato.

Cêrca da uma hora, o terreno proximo da cota 138 e os reductos da infanteria foram vigorosamente bombardeados do mar. A's 2 da tarde o 4.° batalhão do Regimento Worcester avançou ao assalto dos reductos. O batalhão, que era commandado pelo tenente coronel D. E. Cayley, provou n'aquella occasião, como em muitas outras, que o animava um admiravel espirito de disciplina e dedicação.

Os homens, que tinham de percorrer uma grande distancia, avançaram impetuosamente e começaram a cortar as rêdes de arame farpado, sem auxilio da artilharia. Muitos morreram, mas os seus camaradas perseveraram. Com um ardor irresistivel abriram caminho e escalaram os reductos, passando á bayoneta os seus valentes defensores.

Não eram ainda 4 horas quando o outeiro e todas as obras de defeza foram tomadas.

Com a tomada da cota 138, parecia que as exhaustas tropas que haviam desembarcado na praia para a qual davam as encostas d'essa posição haviam feito tudo quanto humanamente era possivel.

Novos esforços, porém, lhes iam ser exigidos. O desembarque na praia que ficava do outro lado do cabo Helles não fôra bem succedido. Os homens estavam ahi morrendo aos montes. Podiam os Worcester e alguns dos Fuzileiros de Lancashire atravessar o alto terreno sobre o cabo Helles e auxilial-os, mettendo os turcos entre um fogo de enfiada? Appello algum foi jámais feito aos homens da 29.a divisão a que elles não respondessem.

Tentaram levar-lhes soccorro com o maior ardor. Mas n'aquelle dia, pelo menos, a nova tarefa era superior ás suas forças. As rêdes de arame farpado que se estendiam dos reductos tomados ao centro do cabo Helles não era o unico obstaculo que lhes impedia o caminho. Para além ficavam as ruinas da moderna bateria conhecida pelo nome de forte n.° 1. Os seus canhões estavam silenciosos, mas as ruinas estavam atulhadas de atiradores turcos, que faziam um fogo mortifero contra os Worcesters e as outras tropas que avançavam contra a nova linha das rêdes de arame farpado.

Os soldados inglezes não perderam a coragem, mas não podiam fazer milagres. O fogo do forte n.° 1 tornou-se mais intenso. Algumas forças que não puderam desembarcar n'um lado foram levadas para outro. Parte da 86.a brigada avançou para reforçar o ataque. Mas os turcos estavam recebendo grandes reforços da direcção de Krithia e de Achi Baba. Quando anoiteceu, estavam fazendo um violento contra-ataque e os inglezes resolveram contentar-se com conservarem o terreno que haviam occupado até de manhã.

No fim do dia, por isso, a posição britannica estendia-se desde o cha-

rol no cabo Helles, pela cota 138, até á cota 114 e á baixa penedia de uma das praias de desembarque. Os turcos não deram descanço aos invasores. Atacaram repetidas vezes durante a noite, mas foram sempre repellidos.

A linha ingleza era fraca, mas aguentou-se. Todos os homens que estavam na praia receberam ordem para auxiliar a defeza. Officiaes e homens, engenheiros, marinheiros, emfim todos os que podiam pegar n'uma espingarda acudiram a tomar parte na refrega. Estava tão escuro que muitos não podiam achar espingardas, mas os que não tinham armas levavam munições para a linha de fogo. Durante a noite novas tropas desembarcaram e de manhã a linha não fôra ainda rôta.

As scenas que se deram n'essa praia a oeste do cabo Helles repetiram-se na que fica entre esse cabo, o castello e a aldeia de Sedd-el-Bahr e que não tinha vantagem alguma das poucas que havia n'aquella. Ao contrario. As penedias do cabo Helles eram tão a prumo que impossivel sequer era pensar em escalal-as. E mesmo os que tal conseguissem encontrar-se-hiam expostos ao fogo do forte n.° 1 e n'uma zona de instransponivel fogo de fuzilaria.

Na extremidade oriental a praia era dominada pelas ruinas do castello e da aldeia, de onde difficilmente poderiam ser desalojados os atiradores que ali se abrigavam. Havia ainda ahi as ruinas d'um velho e massiço castello entre a praia e a aldeia, que offereciam excellente abrigo aos turcos, havendo ainda um magnifico refugio proporcionado pelas ruinas d'um acampamento.

A uns quarenta e cinco metros do mar grandes defezas de rêde de arame farpado haviam sido collocadas, estendendo-se do arruinado forte em direcção ao cabo Helles. E outras defezas passavam em frente do arruinado acampamento, indo terminar na aldeia. E outras rêdes de arame farpado corriam em angulos rectos com essas duas para o lado oriental da praia.

Nas elevações havia trincheiras bem providas de artilharia, como artilharia havia, e bem occulta, entre as ruinas. O inimigo podia cobrir a praia d'uma chuva de balas de canhão e de fuzilaria.

No desembarque n'essa praia tomaram parte o 1.° de Fuzileiros Reaes de Dublin, o 1.° de Fuzileiros Reaes de Munster, metade do 2.° Regimento de Hampshire e a Companhia de Campanha do West Riding. O fogo das posições turcas foi tão terrivel que mais de mil homens foram postos fóra de combate antes sequer de poderem pôr pé em terra. O brigadeiro general Napier que commandava essas forças foi morto e morto foi o seu ajudante, o capitão Costeker.

Só depois do anoitecer é que se conseguiu operar o desembarque. Tratou-se de tomar o velho forte e as cercanias da aldeia, mas os inglezes foram sempre repellidos. O luar era magnifico, o inimigo podia ainda fazer fogo intenso e não havia possibilidade de avançar. Foi necessario esperar pelo romper do dia, que pareceu demorar uma eternidade.

Poucos eram os officiaes antigos que restavam, porque a maior parte d'elles tinham sido mortos ou feridos. O tenente coronel Carrington Smith, que commandava o 2.° Hampshires, fôra dos que haviam cahido e o seu ajudante havia sido ferido, como succedera ao dos Munsters. Dois officiaes do estado maior general, os tenentes coroneis Doughty-Wylie e Williams, haviam desembarcado e ficaram toda a noite na praia, animando os homens.

Ao romper do dia reuniram os sobreviventes dos Fuzileiros de Dublin e de Munster, formando com elles e as duas companhias de Hampshires uma força capaz d'um novo ataque.

O ataque dado pelo corpo d'exercito australiano e neo-zelandez foi o maior de todos na batalha do desembarque. A força mandada desembarcar era superior a 4.000 homens e pelas 2 horas da tarde foi augmentada a 12.000. O desembarque foi operado sob a direcção do contra-al-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1952—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 12 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Ainda os navios

O gabinete Romanones que, na visinha Hespanha, está encarando de frente o magno problema das subsistencias, acaba de publicar um decreto prohibindo a venda de navios mercantes a estrangeiros, a não ser em condições que, pelo seu rigor, possuem egualmente um caracter prohibitivo. A Hespanha reconhece que a escassez de transportes não só prejudica toda a vida economica da nação, como aggrava singularmente o problema a que se propoz dar uma solução tanto quanto possivel satisfactoria. Ninguem pensará em negar-lhe o direito e a necessidade de o fazer.

A medida tomada pelo governo hespanhol corresponde, n'este adeantado periodo da guerra, ás que tomou o gabinete Bernardino Machado em Portugal logo que se desencadeiou a conflagração europeia. Houve, n'esses primeiros tempos, entre nós, varios incidentes com navios. Alguns, estrangeiros, sobrepticiamente se procurou transformal-os em portuguezes, outros, portuguezes, procurou-se tornal-os extrangeiros. Para evitar as vendas que a taes resultados alvejavam, o governo da Republica estabeleceu medidas prohibitivas que não sabemos se o governo Pimenta de Castro annulou, restabelecendo no periodo da dictadura, as antigas disposições legaes que regulavam casos d'essa natureza.

A Hespanha, que dispõe de uma marinha mercante muito superior á nossa, dilatou por mais tempo a adopção de taes medidas. Mas a situação vae-se tornando cada vez mais precaria, e por isso o governo de Madrid procura garantir a navegação hespanhola, tomando as providencias rapidas e seguras que a gravidade do momento requer.

Por essa mesma razão pensa já o governo do sr. Romanones, como hontem assignalámos, em tomar uma resolução decisiva ácerca dos navios das nações belligerantes que nas suas aguas permanecem. E é em presença de factos d'esta ordem que mais estranho se affigura não pensar o nosso governo em utilisar os navios allemães que nos seus portos se encontram, tanto mais que os barcos de que dispomos sempre foram insufficientes para os nossos serviços.

Nos portos das ilhas e das colonias teem estado longo tempo importantes carregamentos que não teem navios para o seu transporte. Observa-se comnosco, e em condições mais agudas, pela nossa falta de recursos, o mesmo phenomeno que outros paizes experimentam. A escacez de generos de primeira necessidade, de artigos indispensaveis ás industrias, ao commercio, não advem dos perigos da guerra. O Atlantico está livre, senão totalmente, quasi totalmente, dos riscos das aggressões bellicas. Faltam sim, os meios de transporte, porque as nações belligerantes, que possuiam a maior parte das companhias de navegação, teem chamado a serviços extraordinarios das operações da guerra quasi todos, senão todos os navios mercantes de que essas companhias dispunham.

N'estas circumstancias, não se comprehende porque deixamos immobilisados nos nossos portos tantos navios mercantes allemães cuja utilisação beneficiaria em extremo a situação calamitosa a que chegámos. Portugal tem mercadorias a receber, a exportar; tem passageiros a entrar e a sahir dos seus portos. Seria a melhoria das nossas condições economicas, e seria até, possivelmente, uma maneira de prestar novos serviços aos alliados, se elles dos nossos meios de transporte viessem a necessitar.

Os Estados Unidos aproveitaram navios que se encontravam nas suas aguas, imobilisados como o estão os allemães nas nossas. Fel-o legalmente, porque creou um direito novo, baseando n'elle uma lei adequada ás circumstancias. O direito internacional, os factos o teem provado a uma deslumbradora evidencia, estabelece-se em tempo de paz, e reforma-se em tempo de guerra. Foi assim que os Estados Unidos procederam. E' em conformidade com esta orientação, de resto, que todos os governos teem de proceder na emergencia actual. A pretensão de regular casos excepcionaes pelas leis que regem os acontecimentos normaes é pretensão quasi risivel. Se os Estados Unidos o comprehenderam, e n'essa conformidade procederam, a Hespanha, tudo o indica, a identica comprehensão vae obedecendo. Porque não procederemos nós da mesma fórma, visto que a isso nos guia uma superior razão e nos conduz uma vital necessidade?

A substituição da moeda

Em França, como em todos os paizes belligerantes, a penuria da pequena moeda é cada vez maior. Tem-se recorrido, para a attenuar, a varios processos. Em França, em grande numero de camaras de commercio emittiram pequenas *coupures* para substituir a moeda de prata ou de nikel.

Os allemães inauguraram a moeda de cartão. Referiremos dois exemplos de substituição da moeda. O primeiro é um sello russo de dez kopecks, não um sello postal mas um sello-moeda, especialmente emittidos para as transacções commerciaes. O segundo é uma moeda de cincoenta centimos cunhada em Gand, no cobre proveniente de capsulas de cartuchos.

Herminio Nascimento

Um compositor de brilhantissimo futuro

Nos ultimos espectaculos e audições promovidas pela Escola da Arte de Representar, tem-se revelado, já compondo musica para os bailados da *Salomé* de Oscar Wilde, já musicando admiravelmente o *Auto do fim do Dia* e as folias vicentinas da *Mofina Mendes* e do *Auto da Feira*, um novo maestro a quem está reservado um brilhantissimo futuro: Herminio Nascimento. Muito moço ainda, 1.º premio de harmonia do Conservatorio, verdadeira organisação de artista, Herminio foi de novo escolhido para ensaiar e dirigir a parte musical do proximo espectaculo de segunda feira 17 no theatro Nacional, sendo-lhe entregue o encargo de compôr a musica original para o côro tragico do *Edipo* de Sóphocles, em que o *stasimon* cantado é acompanhado a citharas e flautas tyrrhénias, e para a pantomima de Henrique Lopes de Mendonça, *Pierrot Anarchista,* cuja viva acção mimica é, como em todas as peças do mesmo genero, ornada de musica da primeira á ultima scena. O talento maleavel e eminentemente original de Herminio Nascimento, tem, na proxima recita da Escola da Arte de Representar, ensejo para uma vez affirmar as suas nobres faculdades de maestro de theatro, collaborando com Henrique Lopes de Mendonça, Julio Dantas e Antonio Correia d'Oliveira n'uma festa d'arte duplamente sympathica, por que d'ella vão surgir novos actores cheios de mocidade e de fé, e por que n'ella cantará a voz d'oiro da gloriosa Virginia.

Questões operarias

Uma «parede» furada—Oitocentos fardos de pasta para papel que seguem ao seu destino

Parece definitivamente resolvida a questão que ha meia duzia de dias se vinha arrastando entre o pessoal do ex-empreiteiro Abrantes da Companhia dos Caminhos de Ferro, em St. Apolonia, e o novo empreiteiro sr. Joaquim Caramello, velho empregado que ha 42 annos ali trabalha.

A questão, como se sabe, resumia-se na intransigencia d'alguns dos assalariados de Abrantes não desejarem, por instancias d'este, voltarem ao trabalho senão sob as suas ordens. A maioria, porém, dos 120 homens do Abrantes não pensava assim, e só coagida pelas ameaças e pela força se tem mantido na intransigencia. Como, porem, o empreiteiro Caramello não deixasse de fazer trabalhar os seus 42 homens, e os desordeiros do Abrantes já hontem começassem tomando o rumo das suas terras, é de prever que os restantes retomem o trabalho fazendo-se as descargas de mercadorias com a normalidade do costume. E assim os oitocentos fardos de pasta para papel, consignados á Fabrica de Papel Prado, de Thomar, e que se encontram para descarga, a bordo de trez canoas no Caes de Santa Apolonia, serão amanhã descarregados para seguirem no dia seguinte a caminho de Payalvo.

Transformação do Estoril

O conselho de administração da Empreza Estoril realisa no proximo domingo, pelas 14 horas, com assistencia do chefe do Estado, a cerimonia do assentamento da pedra fundamental do primeiro grande edificio a construir n'aquella estancia thermo-balnear.

Notas falsas de cem mil réis

Para evitar qualquer prejuizo proveniente da passagem de notas falsas de 100$000 réis, semelhando as da chapa 1.ª em circulação, previnem-se os actuaes possuidores d'estas notas a que sem demora recorram directamente á troca das ditas notas, por outras do mesmo valor ou equivalentes, em outros typos, na Caixa Filial, Agencias e Séde do Banco de Portugal, até ao dia 7 do proximo mez de Fevereiro, não obstante a permissão d'essa troca ir além da mencionada data na séde do Banco, confórme o annuncio ultimamente publicado.

UMA VERGONHA

O Castello de Leiria

tem de ser collocado ao abrigo d'um desmoronamento e isso só compete ao Estado

Estamos chegados ao termo da jornada. Até aqui, apontei, convicto de que prestava ao meu paiz um grande serviço, o estado doloroso em que se encontra o castello de Leiria. Não sei se isso impressionou alguem. Ignoro se nas regiões officiaes a minha voz sentida e dorida se fez ouvir. Em todo o caso, não me dispenso de dizer o resto. Entendo que é esse o meu dever. Cumpro-o. E' que, apesar de tudo, penso que o patrimonio artistico de um povo é coisa tão sagrada que ninguem tem o direito de o vêr desapparecer sem protestar indignado contra esse crime, que ataca os proprios fundamentos de uma nacionalidade. Eu já disse, no decorrer d'estas minhas chronicas sobre o castello, que Leiria nunca amára com paixão aquillo que para ella constitue o maior titulo de nobreza. Se não fosse assim, os leirienses de ha muito que se teriam erguido n'um grande impeto de protesto contra o abandono inqualificavel a que o Estado votou, com manifesta inconsciencia, o mais bello monumento que, no seu genero, existe na Peninsula. Se a gente de Leiria quizesse ao seu castello como é preciso querer a preciosidades d'essa natureza, em logar de vermos hoje, prestes a ruir, aquellas muralhas venerandas que teem sobre si o peso de uns poucos de seculos de historia e de tradição, tel-as-hiamos perfeitamente protegidas contra todos os vandalismos dos homens e contra a implacavel e continua acção destruidôra do tempo.

Mas, emfim, Leiria quer resgatar o seu peccado. Leiria pretende readquirir o tempo perdido. As ruinas do seu castello começam a interessar os leirienses. Ainda bem. Os que forem capazes de realisar o milagre só merecem louvores perenes e elogios sem limites. E foi assim, mercê d'esse despertar tardio, que se formou em Leiria uma Liga dos Amigos do Castello, que se propõe velar por elle e fazer tudo o que ao seu alcance esteja para impedir que tudo o que ainda resta da vetusta fortaleza e da nobre alcaçova medieval se transforme, dentro em pouco, n'um montão de escombros. A Liga tem fins vastissimos. Pretende conservar o Castello, comprehendendo a Cidadella, com todo o seu systema de construcções, muralhas e terrenos adjacentes, e ainda a egreja de S. Pedro, cujo portal romanico é uma raridade; fazer as reparações, melhoramentos e obras de consolidação necessarias, compativeis com os seus fundos; promover a arborisação da parte aproveitavel para esse fim; regulamentar o accesso ao Castello e suas dependencias; fazer as necessarias vedações, etc. O programma da Liga é vasto e comprehende tudo quanto é preciso fazer em beneficio do Castello e mais do que isso, como sejam os projectos de arborisação, que eu considero absolutamente descabidos e prejudiciaes para o aspecto geral das ruinas, que foi sempre o que é hoje e que não póde, custe o que custar, ser outro.

Pretende, pois, a Liga salvar o Castello, que já lhe foi entregue pelo Ministerio da Guerra, para esse fim. Occorre, porém, perguntar se a Liga, cujos intuitos não podem ser mais patrioticos, tem meio de alcançar, só por si, os recursos importantes indispensaveis para collocar o Castello ao abrigo da ruina definitiva. Mais: poderá a Liga, com toda a sua boa vontade e com todo o seu esforço proficuo, reunir esses recursos dentro de um praso de tempo relativamente curto, para que as obras se façam com a devida opportunidade e não se demorem a ponto de não poderem ser levadas a cabo quando a Liga tiver possibilidade de as realisar? A tudo isto é preciso attender, para que, supponde-se que se encontrou o remedio que o Castello requer, não se reconheça mais tarde que semelhante remedio foi improficuo por só tardiamente ter produzido os desejados effeitos. A minha convicção é a de que a Liga, só por si, não tem meio de collocar desde já o Castello fóra do perigo de desmoronamento proximo que o ameaça. Mais: entendo que o Estado tem o dever imperioso de intervir, ajudando as obras que se pretende levar a effeito, se é que não as quer fazer á sua custa e por sua exclusiva iniciativa. De que fontes de receita pode a Liga dispôr, por ora? Das quotas dos seus socios. Ellas são, porém, tão poucas! Do producto de espectaculos que em favor do seu cofre organise? Mas esses espectaculos, em geral são tão parcos de receitas que chega quasi a ser excessiva ingenuidade contar com elles. Pertencem, porventura, todos os leirienses que podem contribuir para a Liga, a essa corporação? E' claro que não pertencem. Logo, os «Amigos do Castello», apesar dos seus intuitos, não podem, no curto praso que os circumstancias requerem, accudir ao Castello, affastando d'uma vez para sempre, para muito longe, a ameaça do seu desmoronamento inevitavel.

Posta assim a questão, não comprehendo a indifferença official perante a derrocada que se avisinha. Será tão grande a penuria do Estado que não lhe permitta dispôr d'alguns contos de réis—pouco mais do que o necessario para a compra d'um automovel ministerial—com os quaes acuda á escalavrada alcaçova da Rainha Santa, tão rasgada de fendas e tão crivada de buracos, que só por milagre se conserva ainda de pé? Creio que não. Depois, ha economias que são antipathicas, que não se defendem, que não se justificam. A de recusar ao Castello de Leiria a salvação immediata pertenceria a esse numero. Disse-me hontem, na Camara, um deputado a quem lembrei a conveniencia de se occupar da questão em S. Bento, que não erguia a sua voz em favor d'esta cruzada sagrada «por não haver atmosphera favoravel para isso». Não acredito. Se assim fôsse, se o Parlamento se aborrecesse por lhe pedirem o dinheiro indispensavel para a consolidação das historicas ruinas de Leiria, demonstraria que a sua noção patriotica e que o seu amor pelas grandes e nobres coisas que ainda existem na terra portugueza são inteiramente nullas. E, acreditar n'isto, seria acreditar no absurdo.

Em resumo: a Liga dos Amigos do Castello e o Estado teem de dar-se as mãos para que a velha cidadela e o que resta dos antigos Paços de D. Dinis não desappareçam. E' este o verdadeiro e unico remedio, urgindo adoptal-o quanto antes para que um dos mais bellos monumentos que se conhecem no genero do Castello de Leiria não se arruinem definitivamente, qualquer dia. Sinto-me satisfeito por ter lançado a voz de álerta na indifferença que geralmente envolve tudo o que se refere a questões d'esta natureza. Será ella ouvida? Oxalá, para que meus olhos não possam um dia deixar de ver, no alto do morro granitico, onde se erguem as maravilhosas ruinas, aquellas muralhas e aquellas paredes que são paginas vivas e sagradas da historia d'este grande paiz...

ADELINO MENDES

A interrupção de hoje de luz e energia electricas

Pouco depois das 13 horas, começaram correndo na cidade boatos, segundo os quaes, na Companhia do Gaz se havia dado uma nova explosão. O caso foi o seguinte:

O sr. Francisco da Silva possue na rua da Boavista, n.º 2, em frente da Associação de Classe dos Inscriptos Maritimos, uma barbearia. Como a pia exhalasse mau cheiro, aquelle senhor requisitou á Camara Municipal licença para mandar fazer obras, mettendo novas manilhas. A licença foi concedida e alguns operarios trataram de abrir o pavimento da rua. Dentro da barbearia encontravam-se vendo as obras o dono da casa, o respectivo pessoal e o chefe Estevinha, da esquadra da Boavista. De subito, ergueu-se do chão uma grande lavareda e ouviu-se um enorme estampido. Terra e pedras foram arremessadas a distancia. Algumas pessoas fugiram espavoridas e o chefe Estevinha correu a participar o facto á Companhia do Gaz.

Restabelecido o socego, apurou-se que um dos operarios que abria o solo batera com o picareta no cabo da electricidade, do que resultou a explosão, ficando a corrente immediatamente interceptada.

A luz e energia electricas faltaram em muitos estabelecimentos, concluindo-se a reparação da avaria cêrca das 17 horas.

Pelo telegrapho

O partido do trabalho e o serviço militar obrigatorio em Inglaterra

LONDRES, 12.—Camara dos Communs.—O sr. Anderson, do partido do trabalho apresentou uma moção tendente á rejeição da lei da conscripção. O sr. Redmond declara que o seu partido põe de parte toda a opposição ao projecto. O sr. Carson diz que os Communs devem votar o projecto afim de que a Inglaterra possa cumprir os seus compromissos para com os alliados, e lastima que a Irlanda seja excluida do projecto. O sr. Long declara em nome do governo estarem terminadas as controversias sobre a conscripção, e accrescenta que foi no interesse do paiz que o gabinete decidiu não incluir a Irlanda na lei.—(*Havas*).

A lucta entre italianos e austriacos

ROMA, 11—(Official).—No alto Cordevole e em Lagaznai destruimos as trincheiras do inimigo com bombas de mão. No alto e no medio Isonzo contrabatemos efficazmente a artilharia e os aviões inimigos. No Isonzo inferior o inimigo bombardeou as localidades habitadas, produzindo algumas victimas civis. O hospital italiano foi attingido, morrendo quatro soldados e ficando oito feridos.—(*Havas*).

A campanha na Russia

PETROGRADO, 12—Official: No Caucaso repellimos uma tentativa dos turcos para atravessar o Arkave; occupamos no dia 10 a aldeia de Tew, ao norte do lago Tortoumghel.

A sueste do lago atacamos no dia 9 os elementos turcos, na região de Ardost, e dispersamo-los tendo feito varios prisioneiros.—(*Havas*).

As provisões são sufficientes na Allemanha

AMSTERDAM, 11.—Segundo um telegramma de Berlim o Reichstag está discutindo a questão das subsistencias. O ministro Delbruc, encarregado da pasta do interior, declara que as provisões são sufficientes, e permittirão esperar as novas colheitas.—(*Havas*).

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 12.—Official. A noite decorreu calma. A artilharia esteve activa na região de Ypres.—(*Havas*).

PARIS, 12.—Communicado official das 15 horas: Não occorreu durante a noite nenhum acontecimento digno de nota. Apenas entre a Argonne e o Meuze as nossas baterias dispersaram varios grupos de trabalhadores inimigos na região de Malincourt.—(*Havas*)

ARTE

A exposição de José Campas

O «Vernissage» e a visita do sr. presidente da Republica—Mais apontamentos

O sr. Presidente da Republica não se limitou a fazer hoje, no concorrido «vernissage» da exposição, uma simples visita protocollar. Antigo lente de Coimbra dos mais queridos pelas gerações universitarias que o tiveram como professor e que fora sem duvida um dos mais fortes esteios da sua reputação de scientista e homem publico, velho companheiro de poetas e artistas, contando-os aqui e no estrangeiro no numero vasto dos seus mais intimos amigos, o sr. dr. Bernardino Machado facilmente se esquece das horas quando emprega a sua attenção a contemplar e apreciar as obras d'arte. E para um moço como José Campas, a demorada visita do sr. Presidente representa, além d'uma honra, uma proveitosa lição porque toda a conversa do illustre magistrado é salpicada de preciosos ensinamentos onde o conselho facil se attenua na mais requintada amabilidade.

O «vernissage», em que tocou um sextetto com Cazziani na regencia, sextetto com Caggiani na regencia, muitas senhoras, parte imprescindivel de festas de arte, foram levar o tom encantado da sua elegancia á inauguração solemne do certamen.

Por um acaso que reputo providencial e protector me tornou encontrado com duas elegantissimas amigas minhas darei, á laia de chronica de viagem, as impressões que os trez colhemos.

Que essas duas senhoras da «haute gomme», com seus pósinhos amargos de realismo incipiente, além da distincção das suas formosas figuras—que me orgulhava—tinham um criterio de apreciação que destancava por completo os meus pobres recursos de critico.

E eis o que me disseram. Sobre o quadro, a que hontem já ligeiramente me referi acham e bem, que no motivo é influenciado pelo «Angelus» de Millet. E entendem então que o artista portuguez fez bem em tratar o assumpto buscando-o na nossa serra. Ora ahi está o que succede com «A's Avé-Marias» cujos elementos componentes são rectintamente portuguezes. E' assim que se rezam as «Avé-Marias» nos nossos campos da Beira, almas niveas de ingenuidade em corpos tisnados do soffrimento da gleba, facies duros de pobre gente, vivendo mal ao frio e ao vento que lhes entra pelas frinchas do casebre de pedra negra e sôlta, como a dizer a praga secular que os escravisa. São assim, fructos silvestres, desengonçados nos trabalhos rudes, da mesma côr dos rochedos, seus irmãos.

Assim, tudo aquillo é melancholico e doce como a terra da Beira, duas vezes portugueza no dizer de Camillo, a Beira que jámais se rebellou contra essa longa tragedia suave, que é a sua vida.

O «Dôce Enlevo» (n.º 2), que o sr. Presidente da Republica escôlheu para a sua galeria, tambem merece especial menção. O carinho assustadiço, pleno de presagios e de sonhos, agrilhoando o olhar materno á fragil pequenez do bambino quasi ainda sem feições, ali se vê tão expressivo que se agita e encanta de verdade, arrodilhando, cerca do quadro, os olhos pasmos de quem possa vêr.

Não foi só isto o que me segredaram as cantantes vozes das minhas companheiras. Mas eu fecho agora os olhos, recordando-lhes a harmonia, e só amanhã repetirei o resto.

SILVA-PASSOS

Hoje foram adquiridos os seguintes quadros: «Dôce Enlevo», pelo sr. Presidente da Republica; «Casa rustica», pelo sr. E. R. C.; «Uma rua na Aldeia das Donas», pelo sr. dr. Arlindo Correia Leite; «Na Arribana», (Oliveira de Azemeis), pelo sr. Carlos Seixas; «Effeito de trovoada», (Constancia), pelo sr. José Graça.

NO CAMPO DA PROPAGANDA

Os catholicos vão organisar-se

procurando afastar a tutella politica do sr. Moreira d'Almeida

Em varios pontos do paiz, principalmente no norte, está-se desenhando um movimento catholico que não pode passar indifferente a quantos se interessam pelas coisas politicas.

Desde a implantação da Republica o sebastianismo monarchico tem sido alimentado em grande parte pela chamada massa religiosa do paiz, pelo povo mais ou menos ignorante e crente das aldeias, facilmente suggestionavel pelos conselhos do parocho ou pelas palavras dos antigos caciques locaes. Os coripheus do monarchismo procuraram estabelecer a impressão de que a Republica era um regimen de perseguição á Egreja, e só assim se explica a fabulosa percentagem de padres recrutados para as primeiras tentativas de rebellião monarchica. Catholicos e monarchicos appareciam confundidos nas mesmas aspirações, luctando hombro a hombro pela restauração do regimen extincto em 5 de outubro, como se não fossem dos nossos dias os vexames e ultrages que o catholicismo recebeu em Portugal dos governos monarchicos.

Agora, os catholicos começam a comprehender que só os pode prejudicar a intima ligação que teem mantido com os adversarios da Republica. A tortuosa habilidade, tantas vezes prégada nas columnas dos jornaes monarchicos, de que em Portugal todos os catholicos são obrigados a combater a Republica, apparece-lhes como uma affirmação hypocrita, tendenciosa, propria de quem não possue outros argumentos para recrutar adeptos no unico campo que pode fornecer-lh'os. Em ultima instancia, os catholicos sentem que constituirão n'este paiz uma força respeitavel no dia em que se libertarem da tutella do sr. Moreira de Almeida e do reduzido grupo que o acompanha nos seus processos de politica dissolvente.

Convencidos d'essa verdade, lançaram mãos á obra, n'um movimento que inicia agora os seus primeiros passos decisivos mas que pode ámanhã converter-se n'um largo instrumento de propaganda e de acção. Em varios concelhos do norte se realisaram já reuniões de elementos catholicos para assentarem as bases da sua organisação politica, estabelecendo-se, como não podia deixar de ser, a impreterivel necessidade de afastar da nova aggremiação a pecha de sebastianismo monarchico.

As aspirações dos catholicos são independentes das formas de governo. Assim, toda a sua propaganda deve consistir na intensificação d'essas aspirações que pretendem vêr effectivadas. Teem pelo seu lado, como affirmam, a maioria do paiz? E' certo que a população portugueza, na sua grande parte, é affecta ás doutrinas catholicas e acha sensata e justa a orientação que preside ás suas aspirações? Pois que o demonstrem praticamente, por todas as fórmas legaes ao seu alcance, sem irritarem a consciencia republicana com attitudes grosseiras, com doestos insolentes, com provocações de toda a ordem—como tem succedido n'este largo periodo de ligação catholico-monarchica, em que os catholicos não teem sido mais que servos obedientes do manuelista sr. Moreira de Almeida e do miguelista sr. Pinto Coelho.

O movimento catholico que apontamos parece significar, de facto, que os catholicos vão libertar-se da sujeição d'aquella seita. Dizem-nos que elle obedece a um grande espirito de tolerancia, sem propositos de hostilidade contra a Republica, sem sebastianicas tendencias d'um monarchismo fallido. Se assim fôr, será a occasião de se fazer o balanço exacto de quantas centenas de adeptos conta o sr. D. Manuel II em territorio portuguez...

Na Camara dos Deputados

O sr. ministro das finanças apresenta o orçamento geral do Estado

Deficit ordinario: 3:165 contos

Preside o sr. Manuel Monteiro e a sessão começa com 74 deputados, que são os que aprovam a acta. Estão presentes os ministros do interior, justiça, fomento e instrucção. O sr. Virgolino Chaves, em negocio urgente, apresenta e defende um projecto de lei, para o qual pede a urgencia e dispensa do regulamento, determinando que aos professores primarios podem ser concedidas licenças sem vencimento pelo tempo que durarem os cursos em que se matricularem. Contra a dispensa do regimento, pronunciam-se todos os lados da Camara, sendo afinal votada apenas a urgencia. O sr. Eduardo de Souza pergunta porque motivo foram suspensos os trabalhos das commissões avaliadoras da propriedade urbana e rustica. O sr. ministro das finanças responde que esses trabalhos foram suspensos por falta de verba e ainda por o governo não concordar com a orientação que as commissões seguiram. O sr. Eduardo de Sousa replica e pergunta o que teem a fazer os proprietarios victimas de exageradas avaliações. O sr. ministro das finanças responde que fará cumprir a lei e diz que os exageros se os houve, ainda não surtiram efeito. O sr. Rodrigues de Sá torna a ocupar-se dos chamados acontecimentos de Tondella, atribuindo-os á má escolha que se fez das auctoridades administrativas, as quaes frequentemente cometem abusos verdadeiramente intoleraveis. O sr. ministro do interior dá explicações varias, dizendo que a lei da separação, a que o orador se referiu, tem sido e será cumprida rigorosamente.

O sr. ministro das finanças pede a palavra para fazer a apresentação do orçamento. Não traz agora á camara o conjuncto de medidas que julga necessarias para fazer face á guerra, que tambem se fez sentir no nosso paiz, que não é neutral, antes se tem visto envolvido no conflicto desde a primeira hora. A diminuição de receitas tem sido grande e como as despezas tem augmentado muito, d'ahi proveiu um grande desiquilibrio, parte do qual será levado a varias contas e inscripto de modos diversas. Na hora presente, se os numeros não mentem, não ha paiz que não tenha *deficit*. Acontece isso aos que estão em guerra e aos que não estão tendo, porém, todos elles, inscripto áparte os numeros relativos ás despezas normaes e ás que o não são. No Parlamento francez, a questão foi posta pelo actual ministro das finanças, com grande clareza, succedendo outro tanto na Inglaterra, onde os ministros das finanças teem dado, por vezes, esclarecimentos preciosos e lá, como cá, as receitas diminuiram muito.

Em Portugal, só as receitas alfandegarias diminuiram para cima de 6.000 contos. Para o anno, não é facil fazer, por ora calculos exactos. Entretanto, crê que as receitas soffrerão uma quebra que vae além de sete mil contos. As receitas, entretanto, devem ser um pouco superiores ás que foram primitivamente calculadas. O momento é para grandes reflexões e para todas as providencias. Mas elle é geral. A perturbação financeira proveniente das circumstancias é enorme.

Só ella consome vinte milhões de contos por anno. Nunca outra guerra causou taes embaraços, que são de toda a ordem e verdadeiramente pavorosas. A situação financeira da Inglaterra é digna de toda a attenção. O seu *deficit* é enorme, e apezar d'isso, o governo inglez julgar-se-ha feliz se os seus calculos não forem excedidos. As nossas despezas augmentaram muito com a guerra. Em 1914-1915 elevaram-se a mais de 95.000 contos. Para o anno de 1915-1916, o calculo feito está em cerca de 105.000 contos.

Essa quantia é a julgada necessaria para Portugal occorrer ás suas despezas ordinarias e áquellas que lhe impuzer o cumprimento de todos os seus deveres e para satisfazer as necessidades da sua defeza. Quando a guerra estalou, tinhamos fechado o orçamento com um saldo de trez mil e tantos contos. Mas logo em 1914 a guerra nos custou para cima de vinte mil contos. Os cereaes custaram ao Estado 1:500 contos. No anno de 1915-1916, o orçamento especial da guerra sommará 30:000 contos, não contando 3:000 contos que foram inscriptos no orçamento ordinario. Prova-se pelos numeros que traz á camara que, apesar de tudo, a Republica, já em 1913, tinha conseguido fixar o equilibrio orçamental, que não poude manter-se por motivos especiaes conhecidos de todos, que resultam da nossa situação de alliados, honrados cumpridores dos nossos deveres e da posição que occupamos na Europa.

O *superavit*, que é obra de todos os partidos, já hoje não póde ser posto em duvida por ninguem. N'este momento elle é um facto averiguado, porque já decorreu o praso que a lei marca para se chegar, sobre o assumpto, a averiguações solidas e definitivas. Para demonstrar essa sua affirmacão, cita os *deficits* de varios annos, dizendo que o primeiro anno da Republica fechou com um *deficit* de 1:400 contos. Em 1911-1912, mercê de processos de administração especial o *deficit* foi de mais de 7.600 contos, não sendo possivel fazel-o descer a menos de 6.000 contos. No anno de 12-13 houve saldo. Como o houve no anno seguinte.

O saldo de 1912-1913 está já hoje em 3.256 contos, o que prova que não se ficou em palavras, antes se passou ás realisações materiaes, que tudo justificam e explicam. Recorda o que foi o seu orçamento primeiro e affirma que elle correspondia exactamente á verdade. Do Parlamento sahiu elle com um saldo positivo de 900 contos. E assim, se a guerra não viesse cedo de mais para nós, todos os nossos grandes problemas seriam resolvidos.

Dizem os representantes d'aquelles que levaram o Paiz quasi á ruina que só elles, n'este momento podem assumir a direcção dos negocios publicos. Com que direito? As suas tentativas de restauração monarchica foram sempre ridiculas e nunca causaram á Republica difficuldades politicas. No orçamento volta a repetir, ha duas contas—a ordinaria e a extraordinaria, devendo

tambem ser incluida na ultima a importancia que o governo teve de entregar aos Caminhos de Ferro do Estado, para os ajudar a fazer face á situação que a guerra lhes creou. A divida fluctuante tambem augmentou por causa do conflicto europeu. E', de resto, por meio d'essa divida que o Estado tem de fazer face aos seus encargos. As receitas calculou-as em 84:835 contos. As despezas devem andar por 88:000 contos. O *deficit* ordinario será, portanto, de 3:165 contos. Acha preciso dizer a verdade, porque a questão financeira está posta entre o Estado e o Paiz, apenas. Não se pode contar com receitas que não existem e por isso pôz de lado todos os optimismos. O augmento total das receitas, em serviços autonomos, é de 3:2.3 contos, provindo principalmente das alfandegas, que representam trabalho e dão a medida do esforço que o paiz está fazendo para se adaptar ás circumstancias que a guerra lhe trouxe. Os direitos de exportação hão de augmentar muito. Os de importação tendem já a crescer, sendo a media mensal já muito superior a mil contos. Depois de commentar largamente o seu relatorio, o orador diz que é preciso persistir nos processos de administração seguidos até agora, não sendo justo esperar-se que acabe a guerra para fazermos augmentar as receitas. De quanto será o encargo proveniente da guerra? Não sabe. Mas o Paiz pode com elle, desde que faça a remodelação tributaria que se impõe inadiavelmente. Alludo ainda a guerra e omitte o desejo de que ella acabe antes de ser preciso gastar todas as verbas que no orçamento se inscrevem por virtude do conflicto europeu e exigidas pela nossa defeza. O orador, ao terminar, é muito felicitado.

O sr. Eduardo de Sousa, antes do se encerrar a sessão, volta a occupar-se do caso Sousa Junior, dizendo que não recebeu ainda documentos que sobre elle pediu. O sr. ministro das finanças responde que já deu ordem para que esses documentos fossem fornecidos.

A'manhã ha sessão.

Na Amadora

Vae realisar-se o Terceiro Serão de Arte

Os Recreios Desportivos da Amadora a prestimosa collectividade á qual se deve o maior impulso de propaganda da progressiva povoação, não descança no seu trabalho e na execução dos seus programmas. Para a proxima semana annuncia o seu «Terceiro Serão de Arte», organisado por uma commissão da qual fazem parte as sr.as D. Maria Barros, D. Amelia Rodrigues, D. Helena Roque Gameiro, D. Isaura Venancia D. Maria Herminia Gomes e que tem como attractivo principal a segunda apresentação do «Corpo Coral» dos Recreios, formado por gentilissimas senhoras e cavalheiros, ensaiados proficiente e obsequiosamente pelo notabilissimo maestro Fortéo Rebello.

Concerto David de Sousa

E' o seguinte o programma completo do proximo concerto no Politeama pela orchestra David de Sousa, o mais notavel sem duvida d'esta epocha:

1.ª parte:—*Rienzi* (abertura) Preludio do *Lohengrin* e Cavalgada das *Walkirias*, de Wagner.

2.ª parte:—*Peer Gynt*, Grieg, *Marcha Camões*, João Arroyo.

3.ª parte:—*Celebre minuete*, Beethoven; *Abertura solemne, 1818* (1.ª audição) *Tschaykowsky*.

As *Walkirias* e a abertura solemne serão executadas segundo as exigencias da partitura, o que por si só põe em relevo a grande importancia artistica d'este concerto para o qual estão já vendidos muitos bilhetes.

Vida militar

Começou hoje e deve terminar no sabbado a encorporação dos novos recrutas para a armada, engenharia, artilharia, cavallaria e serviços da administração militar, sendo a maioria dos recrutados destinada á arma de infantaria. Nos comboios da manhã e da tarde vieram muitos, offerecendo as proximidades dos quarteis um quadro movimentado.

Eduardo Pinto Basto

O seu funeral

Foi uma sentida homenagem de pesar o funeral do sr. Eduardo Ferreira Pinto Basto, uma das figuras mais conhecidas no nosso meio commercial e financeiro, representante em Lisboa de algumas das mais importantes companhias de navegação. O extincto, que gosava de grandes sympathias entre nós, era pae dos srs. Guilherme, Eduardo e Frederico Pinto Basto, o primeiro consul da Dinamarca, e sogro do sr. Antonio Athouguia Pinto Basto. Sahiu o prestito da casa do extincto, na rua de Santa Catharina, 16, e dar uma nota exacta de todas as pessoas que n'elle se incorporaram é quasi impossivel. Limitámo-nos por isso a tomar nota das seguintes:

Dr. Vicente Monteiro, Vasconcellos Porto, Alberto Pimentel, general Roma da Bocage, dr. Antonio Cabral, conde de Sabugosa, marquez do Lavradio, dr. Guilherme Arriaga, Eduardo Moser, conde da Ponte, conde de Moser, marquez de Valle Flor, general Lencastre, Domingos Barreira, Victorino Braga, marquez da Praia, conde de S. Lourenço, Antonio Maria de Freitas, Freire de Andrade, Luiz Perestrello de Vasconcellos, conde de Castro Guimarães, visconde de Ilharco, marquez de Penafiel, Hugo O'Neill, conde de Vinhó e Almedina, Boaventura Bello, capitão de mar e guerra Hypacio de Brion, Mello e Souza, dr. Andrade e Sousa e Oliveira Bello.

Fizeram-se representar quasi todas as companhias de navegação em Lisboa e sobre o feretro foram depostas varias corôas, indo a urna coberta com a bandeira da Sociedade de Geographia. Atraz do feretro seguia uma força de bombeiros voluntarios Lisbonenses sob o commando do 1.º patrão sr. Esteves.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Com. par. rep. de S. Vicente

Para assumptos de grande interesse partidario, reune-se esta commissão ámanhã, na sua séde, rua das Escolas Geraes, 63, 1.º, pelas 21 horas, pedindo-se a comparencia dos vogaes effectivos, e suplentes.

SPORT

A LUCTA DE AMADORES EM COIMBRA

Os concorrentes dos ultimos campeonatos

Não resta duvida que se combatessem os amadores lisbonenses, a victoria lhes pertencia

Os ultimos campeonatos de lucta, districtaes de Coimbra, foram bem organisados. O regulamento era preciso e minucioso. A victoria fazia-se por exclusão de derrotas. O luctador que fosse vencido duas vezes era eliminado do torneio.

Começou a festa para a disputa da «Taça Coimbra», pela cathegoria dos *levissimos*, isto é, luctadores com menos de 55 kilos, os srs. Antonio Ferreira, Antonio Madeira, Annibal Medina, José Simões e Francisco Relvas. Mais ou menos eram eguaes em peso, sendo este muito approximado do limite da cathegoria, fortes, bem apresentados de physico, com a caracteristica, nos seus combates, de se atacarem com muito impulsivismo. Pouco tempo duravam os assaltos. Eram rapidos os seus golpes, alguns mal desenhados. Ganhou Antonio Madeira, do Sport Club Conimbricense sobre Annibal Medina, do mesmo club.

Eram evidentemente os melhores da cathegoria e ambos tinham excellente espirito sportivo; estavam bem disciplinados, e foram exaggeradamente acatadores das decisões do jury. Querem uma prova evidente da sua disciplina? Com elles commettemos o erro, que o jury não viu e que elles soffreram sem a sombra do mais leve protesto, de os fazer luctar duas vezes. Da segunda vez foi Medina que venceu Madeira e devemos dizer que venceu com grande surpreza da maioria. Pois nenhum d'elles se queixou e Madeira não protestou quando Medina foi proclamado vencedor de cathegoria embora elle já tivesse ganho e muito bem. Só no dia seguinte, na verificação dos assaltos, elle disse de sua justiça. E' significativo este acto de disciplina sportiva e alguem que o analysou commentava o nosso lado:

—Se fosse em Lisboa, o caso seria outro. O jury seria insultado e tido como incompetente.

Mas, os luctadores conimbricenses não se impõem apenas pela disciplina. Impõm-se pelo physico. Não são os *esqueletos* que se apresentaram n'um dos ultimos torneios lisbonenses... Teem *linha* athletica e não são exaggerados muscularmente. São proporcionados. Não resta duvida que se combatessem em Lisboa, a victoria lhes pertencia. E se alguns teem falta de treino, o certo é que todos sabem luctar. Tambem é facto que possuem dois primorosos professores; os do Sport Club teem como mestre Angelo Madeira e os da Associação Academica são ensinados por Cesar de Mello, que é ainda o luctador inimitavel de opportunidade, confiança em si e decisão que o tornaram uma authentica gloria do athletismo mundial. Cesar de Mello luctou e na sua cathegoria venceu os seus dois adversarios, com relativa facilidade, embora qualquer d'elles fosse um exemplar de athleta, mas d'esses athletas elegantes de *fórmas*, imponentes de musculos, ageis de movimentos, rapidos e energicos. Um d'elles Leandro Silva, já vencedor de Antonio Neves, chegou a surprehender o campeão com um «golpe de tempo», que só a muita agilidade e os conhecimentos de lucta que possue Cesar de Mello souberam evitar.

Nos «leves» houve assaltos brilhantes e um d'elles deve ficar memorado como dos mais valentes e energicamente disputados entre os realisados nos ultimos annos em Portugal. Foi o combato do estudante Urbano Valente contra o hercules socio do Sport Club, sr. Angelo Esteves. Egualaram-se. Combateram-se como dois athletas, não abusando da lucta em terra, esboçando continuos ataques, sempre leaes, sempre vivos mas sempre correctos. A demora em decidir da victoria de um ou outro, impacientou a assistencia, dando motivos a desenharem-se partidarismos entre academicos e não academicos, animando-se a sala, onde ferviam os ditos de espirito, á mistura de «piada» indirecta a um ou outro. Foi, n'esse momento, que o jury se houve com a maxima ponderação, de accordo com os arbitros que se comportaram com imparcialidade e competencia.

Altorou-se o regulamento, que mandava decidir a victoria, ao cabo d'uma hora de combate, pelo maior numero de golpes. E' o antigo processo de victoria por «pontos», apenas exequivel quando a arbitragem é de gente honesta e proficiente. Concederam-se mais 15 minutos para decidir ou para se affirmarem «golpes» mais nitidos. Foi Urbano Valente o vencedor porque por bem pouco falhou um «bras á lá volée». A assembleia acolheu a decisão bem, mas uma pequena maioria não se conformou senão com o repto particular, extra-campeonato, do vencido ao vencedor e que ainda se ha-de effectuar. Os outros concorrentes Fausto Tavares, Soares Pinto e Machado da Cunha bateram-se com energia.

Nos «medios B», até 82k,500 de peso a victoria coube, depois d'um rude combate de 24 minutos, ao estudante Americo Barreto sobre Joaquim dos Santos. Nos «pesados», com mais de 82,500 a victoria foi concedida a um estudante de 19 annos, Pompeu Cardoso, figura imponente de estatura e de decisão, porque desistiu o seu competidor um outro estudante, popularisado pelo seu bello humor, pelos seus 104 kilos de «carne limpa», o João gigante.

E este desistiu porque...

—Apenas se tinha inscripto para luctar contra um robusto carniceiro de 110 kilos, com fama de valente e de forte e no qual se presumia um adversario para os representantes da Associação Academica...

Em resumo, os campeonatos districtaes de lucta em Coimbra, foram um triumpho para os organisadores, que são os actuaes dirigentes do prestimoso Sport Club Conimbricense.

Notas do dia

O grande desafio de domingo

Nunca se effectuou um desafio de «foot-ball» que despertasse tanto interesse como o annunciado para o proximo domingo. E' a verdadeira nota de actualidade no meio sportivo. Não se fala n'outra coisa. Formam-se prognosticos, todos favoraveis aquelles que são da sua feição e amizade. Em absoluto ninguem firma em argumentos serios as previsões sobre o vencedor. Isto equivale a dizer que os dois grupos se egualam e que ambos estão dipostos a ganhar e bastante treinados para evitar uma derrota aviltante pela grande differença de «goals».

O desafio realisa se no campo do Stadium, que é tão desconhecido do Sporting Club do Portugal como é o do Sport Lisboa e Bemfica. Para o publico é que este campo offerece grandes vantagens porque tem magnificas bancadas, logares de fauteuils e camarotes. Os peões tambem se encontram sufficientemente afastados dos jogadores, evitando que estes se excitem e que percam as vantagens de serenidade tão necessarias em desafio de tanta importancia.

Quem ganhará?

Insistimos na pergunta á qual não podemos obter prompta resposta. Ninguem o diz. E' a lucta entre o actual campeão e aquello que foi campeão durante cinco annos. Uns querem manter o titulo; outros pretendem rehavel-o.

O campeonato internacional do Porto

Começavam as «meias-finaes» do grande campeonato internacional do Porto. O publico continua enchendo todas as noites o theatro Sá da Bandeira, convencido de que vê o torneio entre profissionaes onde mais «amor proprio» existe, onde os homens—á excepção de Petersen—mais se egualam, onde cinco d'elles se affirmam pelos extraordinarios conhecimentos da arte do «bras roulé», dois dos quaes são professores de cultura physica, um em Madrid, outro em Paris. Referimo-nos a Crozier e Rosset.

Os «prognosticos» de quem ganhará estão muito falhos como se percebe por esta «confidencia» feita pelo campeão do mundo Petersen ao nosso collega do jornalismo Joaquim Victal, que segue no Porto este torneio:

«E' impossivel dizer-lhe qualquer coisa sobre o assumpto. Sabe muito bem quanto esses homens são briosos e, apesar de muitas vezes o publico gritar, por ignorancia, que ha «chiqué», elles batem-se como leões. E' que da sua classificação em qualquer campeonato depende a maior ou menor inscripção em campeonatos futuros e o maior ou menor premio recebido. E depois ha o seguinte: Crozier e Alanela não faziam parte da «troupe» que foi comigo á America do Sul disputar o campeonato internacional de que eu ganhei o primeiro premio; não sei, portanto, o seu valor e, entre os restantes, ha uma certa vontade em ganhar aos «intrusos». Estes, por seu turno, sentindo-se pouco «ajudados» não querem deixar por mãos alheias os seus creditos e, portanto, vão disputar os seus logares á valentona. Digo-lhe, meu caro amigo, que não sei... não sei...» E ia-se embora, depois de um fortissimo aperto de mão, mas nós ainda voltámos á carga, e, com esta pergunta, um pouco arreliadora:

—Mas o meu amigo deve ganhar?

Elle encolheu os hombros, assim de uma forma enygmatica, e respodeu, muito lentamente, e não já com o sorriso que constantemente lhe brinca n'aquella cara de uma grande creança:

—Sim, não sei... o preto é muito rijo, muito rapido...»

Algumas anecdotas

E então não vae no balão?...

Isto passou-se com o concurso de balões esphericos realisado no Stadium. Um dos globos, attestado de gaz, podia levar o nosso collega Hermano Neves; outro que ia enchendo, difficilmente levaria Oldemiro Cesar; o terceiro, o globo maior, esse nunca mais encheria e assim não podia conduzir, como passageiros, alguns jornalistas que estavam designados para a viagem pelo ar.

—O jornal «tal», não pode ir... E' impossivel, dizia Ferry a um dos aeronautas.

—Isso não pode ser! gritou um jornalista.

—Porquê?

—E' indecente? Então se o Hermano e o Oldemiro vão, qual é o motivo porque o meu jornal não vae no balão?...

—Ha de ir um dia, respondeu o sr. José Alvalade...

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Luzitano Grupo Ciclista

Conforme fôra annunciado, realisou-se no domingo a sessão solemne para distribuição dos premios aos vencedores das provas dos 200 kilometros, campeonato, 300 kilometros e 1:000 metros, realisadas no anno de 1915.

Pela «equipe» do Club foi entregue á direcção a «Taça Portugal». Durante a sessão, á qual presidiu o sr. Mendes Arnaut, velho ciclista, secretariado pelos srs. Francisco Cordeiro e Felix Pereira da Conceição, foi inaugurado o retrato dos srs. Albano Ferreira, Arthur Silva Amaral e Albano Ferreira e prestada homenagem aos socios honorarios srs. Frederico Ceia, Florencio Marques e Joaquim Delgado, aos quaes a direcção do Club offereceu mensagens de saudação. Estavam representadas a União Velocipedica Portugueza, pelo sr. Armando de Brito, e o Sport Club Bombarralense, pelos srs. Felix Pereira da Conceição e Pedro Monteiro.

—No proximo domingo realisa-se no Restaurant Central Amadora o almoço aos socios, que constitue a 2.ª parte do programma. A inscripção termina ámanhã.

Um sport que progride

Referimo-nos á equitação, que hoje e só em Lisboa contra os seus adeptos e cultores por muitas centenas apezar de ser um sport relativamente caro. São em bom numero os centros hyppicos que funccionam em Lisboa, e todos com animação, como succede na escola onde o ensino é dirigido por Silveira Ramos e Velloso, e feito n'um optimo picadeiro, utilisando-se cavallos de raças escolhidas, que são, em dias frequentes, poucos para os passeios que os frequentadores da Escola combinam e realisam.

Para Dakar

Passa em Lisboa um novo contingente francez

Vindo de Bordeus em direcção ao Rio, com escala por Dakar, entrou hoje no Tejo o paquete *Garonna*, que fundeou ao largo em frente ao posto de Desinfecção. A bordo do *Garonna* vae para Dakar um novo contingente de officiaes e praças francezas vindas do campo da lucta. E mais uma vez officiaes e *poilus*, sobre a poalha doirada d'este nosso sol esplendido e vivificante, percorreram as ruas de Lisboa, aos grupos, visitando os nossos monumentos, entrando nos cafés e parando nos pontos mais altos da cidade a admirarem os soberbos panoramas do Tejo.

O *Garonna* levanta ferro ámanhã de tarde.

MUSICA

O concerto Mantelli

O concerto que a illustre professora de canto Madame Mantelli de Angelis offereceu hontem á noite em sua casa, para audição de suas discipulas, foi a todos os respeitos brilhante.

Escasseia-nos o espaço para largamente nos referirmos aos differentes numeros de que constou o concerto e em que demonstraram belas faculdades para o canto os distinctos discipulos de Madame Mantelli. Permitta-se-nos, comtudo, lembrar que o ultimo numero do programma foi excepcionalmente executado, sendo por duas vezes ouvido com delicia pelos numerosos convidados da illustre professora. Era uma interessantissima composição de Emilio Mantelli «Amor del canto» que M.elles Luiza Machado, Bertha Guimarães e Manuela Sampaio cantaram admiravelmente.

X. C.

Theatro Republica

E' definitivamente sabbado que se inaugura o novo theatro Republica, representando-se «Os Postiços» e fazendo Brazão, por deferencia especial e a pedido do auctor o papel de galã creado por Alexandre de Azevedo.

Depois d'amanhã termina a assignatura para as oito recitas do actor francez Guitry e no domingo effectua-se o primeiro concerto, n'este theatro, da orchestra Blanch.

Familia digna d'auxilio

Uma pobre senhora, hoje viuva e que em tempos conheceu a abastança, vê-se nas maiores difficuldades, porque tem mãe a sustentar e um filho de dez annos, sendo-lhe tanto mais difficil angariar os meios de subsistencia quanto teve a infelicidade de dar uma queda e fracturar uma perna, tendo para andar de se valer de uma muleta.

Procurou-nos para por intermedio de «A Capital» fazer um appello para qualquer que precise d'um pequeno empregado se lembre de utilizar-lhe o filho, ou auxilial-o a estudar, emfim fazer d'elle um homem que possa amparar sua mãe e sua velha avó.

Qualquer auxilio poderá ser enviado para a rua Francisco Sanches, J. A., 1.º E., a M. B.

Reuniões academicas

Faculdade de Medicina de Lisboa

São convidados os alumnos da Faculdade a reunirem no edificio da mesma, ámanhã pelas 14 horas.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Coimbra, terra d'amores.

TRINDADE—A's 21—A dama roxa.

POLYTEAMA—A's 21—O sr. juiz.

GYMNASIO — A's 21.— O primo Bazilio.

EDEN —A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—De capote e lenço (Revista).

AVENIDA—A's 14—Matinée bleue—20,30 e 22,30 — Maré de rosas.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A espiga (Revista).

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Traviata.

Agenda da semana

HOJE — **Politeama** — *Reprise* da comedia em trez actos *O sr. juiz.*

AMANHÃ— **Nacional** — Primeira representação da peça de Vicente Arnoso *Coimbra, terra d'amores.*

Boatos e informações

Entre nós

E' a seguinte a ordem dos espectaculos no Colyseu até sexta-feira: hoje, *Tosca*, com Carmen Toschi, Mimo Zuffo e Trincani; ámanhã, em recita elegante, a *Traviata*, em que se estreia a celebre prima-donna Luz Rugama; sexta-feira, a *Gioconda*.

Realisa-se depois d'ámanhã no theatro Avenida a festa artistica dos auctores da revista *Maré de Rosas*, Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, os mais felizes revisteiros do nosso tempo, contando um triumpho por cada uma das suas novas producções, que vão receber n'esse dia mais uma demonstração da sympathia com que o publico e os seus admiradores e amigos acolhem o seu trabalho.

Circos & Music-halls

No Salão Lisboa realisa-se amanhã, e não domingo como por lapso noticiámos, a *matinée* infantil dedicada aos protegidos da imprensa de Lisboa. O programma é escolhido, sendo digna de todos os louvores a empreza d'essa bella casa de espectaculos por assim proporcionar ás creanças umas alegres horas de riso.

PEQUENAS NOTICIAS

No hospital de S. José deram entrada: na enfermaria 4, Antonio da Eira, morador na rua da Cruz, que cahiu d'uma muralha no forte do Alto do Duque, fracturando a perna direita; e na n.º 5 Felizardo Gonçalves, fogueiro da estação geradora de electricidade, que ali cahiu, ficando muito contuso pelo corpo.

—Ao pavilhão 3 do hospital do Rego recolheu Joaquim Simões, morador na Charneca, em virtude de se lhe terem aggravado os ferimentos recebidos na cabeça por occasião d'ali ser aggredido no dia 8 do mez findo.

—Henrique do Conto, morador na rua do Arco do Cego, 22, foi preso a pedido de Antonio José da Matta, residente em Loures, que o accusa de ser suspeito no roubo de um cordão e 9 libras em ouro e uma porção de tabaco tudo no valor de 253 escudos, que foi feito a um negociante do logar da Ponte de Louza, Lamas.

ULTIMA HORA

Noticias parlamentares

Tomou hoje assento na Camara o sr. dr. Alfredo de Magalhães, deputado eleito por Moçambique. Fizeram-lhe as honras da casa os srs. Costa Junior, Vasco de Vasconcellos e Almeida Garrett. O antigo governador d'aquella provincia ultramarina, depois de prestar o seu compromisso, dirigiu-se para o centro da Camara, indo tomar logar, lá além, entre o sr. Carvalho Mourão e o sr. Castro Meyrelles. Assim, tão ao acaso, o sr. Alfredo de Magalhães não podia escolher melhor companhia.

• •

O sr. Vasco de Vasconcellos enviou hoje para a meza dos deputados uma nota de interpellação, na qual declára desejar occupar-se da fórma como o governo está a servir-se da auctorisação de 5 de junho de 1916, pela qual o gabinete José de Castro ficou auctorisado a annullar os actos da dictadura. A interpelação resulta, ao que se diz, do facto do actual governo estar ainda a fazer uso d'essa auctorisação, cuja validade era restricta.

• •

Hoje, dia de apresentação do orçamento, e portanto, sessão de capa d'asperges, na Camara dos deputados houve grande concorrencia de deputados. Galerias quasi desertas. N'outros tempos, o apparecimento do «grande cetaceo» era motivo de largas e ruidosas manifestações. Havia palmas, vivas, tudo. D'esta feita, tudo correu com discreção, como se, afinal, já não houvesse n'este paiz mais ninguem que pretendesse empregos publicos. Bem certo é que não ha nada immutavel n'este mundo e que, quem mais varia são os politicos. E o que vale, por causa das manifestações...

• •

Falou o sr. Rodrigues de Sá. Ninguem percebeu patavina. Fala o sr. ministro do interior. Ficou toda a gente em branco. Os srs. legisladores acercam-se do sr. Almeida Ribeiro. Ao dialogo, ha apartes, fazem-se observações. A maioria não consente. O sr. ministro é intangivel. O que elle diz são verdades reveladas. Pol-as em duvida? Negro crime que merece feroz castigo. D'ahi zaragata, protestos, brados d'ordem, como se a desordem não fosse endemica no parlamento portuguez. Afinal, o sr. Almeida Ribeiro ficou só. Foi peor. Era de esperar que acontecesse assim.

Encommendas postaes entre Portugal e Brazil

RIO DE JANEIRO, 11—O Congresso brazileiro por solicitações da camara portugueza de commercio decretou a elevação do limite de pezo a cinco kilos para as encommendas postaes originarias ou em transito por Portugal equiparando assim esse serviço ao de outros paizes.—*(Havas)*.

O orçamento

Impossibilidade do equilibrio.—Preveem-se novos rendimentos para o Estado—As despezas da guerra discriminadas

E' concebida nos seguintes termos a parte final do relatorio que precede o orçamento geral do Estado, hoje apresentado ao parlamento pelo sr. ministro das finanças e a que nos referimos no boletim parlamentar:

Desejavamos ter apresentado um orçamento equilibrado, mas nas circumstancias actuaes e com os elementos de que se dispõe era completamente impossivel realisar esse desideratum em virtude do decrescimento d'alguns dos principaes rendimentos do Thesouro.

Já accentuámos que a nossa situação tende a melhorar, mas não é ella, porém, de molde a permittir-nos que nos mantenhamos com os recursos provenientes das taxas e imposições vigentes.

Reconhece-se que não é possivel, n'este periodo de crise que atravessamos, pedir ao paiz o alargamento d'alguns impostos como seria viavel em occasião normal, mas tambem não pode o Estado deixar de augmentar os rendimentos de que absolutamente carece para occorrer ao pagamento dos encargos da administração publica, que são certos e inadiaveis.

A resolução de tudo o que respeita á direcção dos negocios do Estado exige, no momento presente, especial ponderação, e por isso, no decurso da actual sessão legislativa, apresentaremos á apreciação do parlamento as providencias que julgarmos possiveis e indispensaveis para que a gerencia do proximo anno economico não apresente «deficit» nas suas contas geraes.

Da acção do parlamento tambem muito depende a realisação d'este proposito. E' absolutamente necessario não augmentar as despezas publicas; antes uma rigorosa fiscalisação deve ser exercida em todos os serviços por forma que se obtenham as maiores economias, dispensando-se os ministros e os parlamentares de apresentar em qualquer tempo projectos de lei que representem encargo para o Estado sem que nos mesmos se crie ou estabeleça uma receita especial e de realisação certa que lhe possa fazer face.

E' um facto averiguado que as despezas previstas nas propostas orçamentaes sahem sempre aggravadas da respectiva apreciação e discussão parlamentares sem que ao mesmo tempo se tenha determinado um correspondente augmento de receita.

Apenas na sessão legislativa de 1913, quando se approvou o orçamento para o anno economico de 1913-1914, o parlamento conseguiu reduzir as despezas do Estado, que baixaram de 79:183 contos para 75:035 contos, tendo as receitas, pelo contrario, passado de 75:747 contos para 76:089.

Este exemplo deve ser sempre seguido, especialmente perante as difficeis circumstancias actuaes, e o nosso patriotismo exige que as despezas orçamentaes se comprimam e limitem ao indispensavelmente necessario para o regular desempenho dos serviços publicos.

Relativamente ás despezas excepcionaes resultantes da guerra, mantemos n'este orçamento a verba global de 30:000 contos, distribuida pelos diversos ministerios, como consta do mappa n.º 3 annexo á lei de receita e despeza.

A despeza pelo ministerio da marinha é um pouco augmentada porque se torna necessario construir novos contra-torpedeiros e submersiveis e prover por outros modos á defeza do porto de Lisboa.

A despeza pelo ministerio das colonias é um tanto diminuida porque se prevê uma grande reducção do effectivo das forças expedicionarias, especialmente na colonia de Angola.

Pela verba destinada ao ministerio das finanças serão pagos os juros do excesso da divida fluctuante ou d'outra que, por deliberação do congresso, venha a substituir essa especie de divida.

Nos demais ministerios seguir-se-ha o mesmo criterio já adoptado no orçamento da corrente gerencia, incluindo-se no do fomento a subvenção aos Caminhos de Ferro do Estado, como já expozémos.

Todas as despezas da guerra serão devidamente descriminadas e separadas das normaes, ordinarias ou extraordinarias, inscriptas no orçamento, a fim de só se realisarem na medida do indispensavel e por forma a não se tornarem habituaes na administração publica.

Na respectiva proposta de lei estabelece-se a garantia de ser sempre ouvido o conselho de ministros antes de se tomar qualquer deliberação que importe a realisação da despeza excepcional.

Assim ficam melhor acautelados os interesses do Estado, do que por enumeração no orçamento das verbas de despezas, sempre difficil de fazer principalmente n'uma materia tão sujeita a oscillações e imprevistos.

Comprehende-se que o parlamento delimite o maximo de despezas d'esta natureza a fazer por cada ministerio e que exija contas minuciosas das despezas effectivamente realisadas, mas não que descreva minuciosamente essas despezas a muitos mezes de distancia.

E' bem possivel, e ardentemente o desejamos, que o termo da guerra europeia seja tão rapido que possa dispensar-se uma parte d'estas despezas excepcionaes, previstas pela totalidade para o anno de 1916-1917; mas, dadas as circumstancias financeiras do paiz, é, sobretudo, necessario prepararmo-nos para que, nos orçamentos futuros, qualquer que seja a situação da Europa, já não appareça ou seja reduzido a um quantitativo minimo este orçamento especial e transitorio determinado pela guerra.

Para occorrer aos encargos novos resultantes dos «deficits» e despezas excepcionaes de 1914-1915, 1915-1916 e 1916-1917 já o paiz tem de trabalhar e sacrificar-se bastante. A divida publica ficará augmentada e os seus juros e amortisações exigirão o correspondente augmento de impostos e contribuições.

Necessario é, por isso, que as contas normaes se equilibrem e as excepcionaes terminem o mais rapidamente possivel. Com este duplo proposito trabalhará incansavelmente o governo, confiado em que o parlamento lhe dará os meios necessarios e tomará tambem por si as firmes resoluções que se impõem.

A «proposta da lei das receitas e despesas ordinarias e extraordinarias do Estado na metropole» é a seguinte:

Artigo 1.º—As contribuições, impostos directos e indirectos, e os demais rendimentos e recursos do Estado constantes do mappa n.º 1, que faz parte da presente lei, avaliados na quantia de 84.885.370$03, sendo 76:524.610$03 de receitas ordinarias, e 8:360.760$ de receitas extraordinarias, continuarão a ser cobrados na gerencia de 1916-1917, em conformidade das disposições que regulam ou vierem a regular a respectiva arrecadação, applicando o seu producto ás despesas legalmente auctorisadas.

Art. 2.º—São fixadas as despesas ordinarias e extraordinarias do Estado, na metropole, para o anno economico de 1916-1917, na quantia de 88:051.166$32, sendo as ordinarias de 77:731.739$21 e as extraordinarias de 10:319.427$11, conforme o mappa n.º 2 que faz parte d'esta lei.

Art. 3.º—E' aberta no ministerio das finanças uma conta especial denominada «despesas excepcionaes resultantes da guerra», á qual serão levadas todas as despesas de caracter militar, economico e financeiro, não comprehendidas no orçamento normal do Estado, e que forem realisadas no anno economico de 1916-1917 por cada um dos ministerios indicados no mappa n.º 3 annexo a esta proposta.

Paragrapho 1.º—Nas contas de receita abrir-se-ha egualmente uma nova rubrica sob a designação de «receitas extraordinarias com applicação ás despezas resultantes da guerra», á qual serão levadas, por contrapartida, importancias correspondentes ás que forem levantadas por operações de credito realisadas com esse fim e ainda as importancias de receitas especiaes com o mesmo destino.

Paragrapho 2.º—A's mesmas contas de despesa e receita serão levadas as importancias dispendidas e recebidas nos differentes ministerios nos annos economicos de 1914-1915 e 1915-1916 sob as rubricas «despesa extraordinaria resultante da guerra europeia e colonial» e «receita extraordinaria com applicação ás despesas resultantes da guerra europeia e colonial».

Art. 4.º—Todas as despesas previstas no mappa n.º 3 serão previamente auctorisadas pelo conselho de ministros, organisando-se depois pelos diversos ministerios os competentes processos respeitantes á applicação das verbas, mas realisando-se a liquidação e ordenamento pela 2.ª Repartição da Direcção Geral da Contabilidade Publica no ministerio das finanças, a cujo cargo ficará todá a escripta das despesas excepcionaes resultantes da guerra.

Art. 5.º—A taxa media para lançamento e cobrança da contribuição predial do anno de 1916, a que se referem o decreto-lei de 4 de maio de 1911 e a lei de 15 de fevereiro de 1913, será de 10 por cento para a propriedade urbana e de 7 por cento para a propriedade rustica.

Art. 6.º—Continua no anno economico de 1916-1917 a ser fixado em $20 o preço da ração a dinheiro, que tinha de ser abonada nos termos da legislação em vigor.

Art. 7.º—Fica revogada a legislação em contrario.

• FIGURAS QUE DESAPPARECEM

Bartolomeu Constantino

A morte d'um agitador—O seu enterro

O velho operario que vem de morrer hontem, na casa do beco da Ricarda em que vivia foi uma figura de superior destaque no meio agitado dos propagandistas operarios, por cuja causa sacrificou o melhor da sua vida.

Era magro, calvo e exaltado este tribuno popular, verdadeiro typo do barricada. Era sapateiro de profissão, tendo apparecido no movimento socialista fallando nos comicios do 1.º de maio. Impetuoso e ardente collaborou em muitos jornaes socialistas, onde, apesar de inculto, demonstrou uma clara intelligencia. Violento e pittoresco, dir-se-hia uma caricatura de Steinlein animada pela alma d'um Blanqui.

Prezo muitas vezes, ou por expressões violentas nos discursos, ou por simples perseguição no tempo da monarchia, nada conseguia domar-lhe os impetos revolucionarios, formando na extrema esquerda do partido socialista.

Ahi luctou contra Azêdo Gneco, approximando-se da corrente representada por Ernesto da Silva, até que, por fim, ingressa no anarchismo militante. Nunca entrou, porém, em nenhum attentado, nem mesmo o preconisou directamente.

Quando em Lisboa occorrem as primeiras manifestações dos *sem-trabalho*, Bartholomeu Constantino põe-se-lhes á frente, resistindo á policia. O processo é curioso! entra com os *sem-trabalho* nas tabernas, manda-lhes dar de comer e declara que não paga. Ou antes: paga com um discurso sobre a *organisação social*.

Passava-se isto ao tempo da sua maior miseria, morrendo-lhe por essa epocha alguns filhos; entretanto, elle não cessa na propaganda e na agitação.

Um dia parte para o Algarve. Electrisa os operarios com as suas theorias. Quando João Franco faz a sua peregrinação ás provincias, sendo em toda a parte recebido com enthusiasme ou passividade, Bartholomeu Constantino é a primeira pedra que faz tombar o carro triumphal do futuro dictador. Com um punhado de operarios lança á cara de João Franco o anathema jugullar gritando: *Abaixo a lei de 13 de fevereiro!* Ha conflicto. Os franquistas não se atrevem a apparecer ás janellas do hotel em que se hospedaram, e que Bartholomeu Constantino e os seus companheiros apedrejam.

A vingança não se fez esperar. Apoz uma grève mallograda, Bartholomeu Constantino é preso como *meneur* e embrulhado na lei de 13 de fevereiro. A pedido de França Borges, Mayer Garção e José do Valle, o dr. Affonso Costa vae a Olhão defendel-o. E' condemnado. Affonso Costa tem um conflicto com o juiz, que chega a tornar imminente um duello. Fez-se uma campanha violenta na imprensa, para o salvar de ir para Timor. O *Mundo* abre uma subscripção que rende alguns centos de mil réis para as despezas do processo. Apesar de confirmada a sentença em todas as instancias, o governo, que pela lei fica dispondo da liberdade do condemnado, não se atreve a deportal-o.

Bartholomeu Constantino emprega o primeiro dinheiro que alguns amigos lhe enviam para publicar um folheto de poesias libertarias. E' uma especie de fado revolucionario.

Mais tarde vae para Setubal. A breve trecho a sua influencia entre os proletarios é grande. Mas a velhice precoce, a miseria, a falta de vista, a pouco e pouco o fazem desapparecer da arena das suas velhas luctas sociaes.

• • •

O becco da Ricarda, escuro e triste, onde o sol difficilmente penetra, fica a meio da rua do Duque, que liga a calçada do mesmo nome com a do Carmo. Ahi morava e ahi morreu o velho propagandista que foi Bartholomeu Constantino, cujo cadaver pelas 18 horas foi trasladado para a sede da Federação da Construcção Civil, na rua da Barroca, 55.

Numerosos operarios, seus camaradas, cujos interesses defendeu sempre com o mesmo calor e a mesma sinceridade, affluiram á casa do finado e acompanharam o cortejo que o sr. Antonio Ferreira Cieto, da Associação de Classe dos Trabalhadores, Serventes e Estucadores, dirigiu.

O feretro foi transportado da casa funeraria aos hombros de varios admiradores de Bartholomeu Constantino para a carreta da Voz do Operario e sobre ella desdobrou-se a bandeira da Associação de classe acima mencionada.

Alem de muitos ramos de flores, via-se sobre o caixão uma pequena corôa deposta pela mãe do extincto e pela viuva e filhos, que seguiam após a carreta, não podendo conter as lagrimas.

O prestito funebre tomou pelo largo do Carmo, rua do Sacramento, Chiado e rua do Mundo, em direcção á sede da Federação, onde os despojos d'esse que até os ultimos dias da sua vida luctou pela causa das classes laboriosas ficou deposta sobre uma pequena eça.

Durante a noite organisar-se-hão turnos, esperando-se que o funeral, que se realisa ámanhã, pelas 14 horas, seja concorridissimo.

Vinho que se transforma em ouro

Tres milhões de litros com destino a França

A caminho de França sahem brevemente do Tejo alguns milhares de litros de vinho. Ha dias já que em Santa Apolonia o vapor «Saint André» consignado á casa G. Dubellout está carregando dois mil novecentos e vinte cascos, ou seja: um milhão setecentos e oitenta e um mil e duzentos litros de vinho, com destino a Toulon.

Consignado á casa H. Burmester & Comp.ª chegou hoje tambem o vapor «Saint Jacques» que vem buscar mais vinho com destino a Rouen; e ainda em breves dias o vapor portuguez «Luzo» fundeará no Tejo para carregar nova porção.

Pode sem exagero affirmar-se que, dentro de quinze dias, partirão do nosso porto, com destino a França, perto de trez milhões de litros de vinho, que deixarão aos nossos lavradores cerca de cem contos, minimo.

NOTAS DIVERSAS

Foram nomeados vogaes do conselho Superior da Magistratura Judicial os srs. drs. Abel do Pinho, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Joaquim Ribeiro Pinto, juiz do mesmo tribunal, e Sousa Andrade, juiz da Relação de Lisboa.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

BANQUETE DIPLOMATICO

No banquete que ámanhã, ás 20 horas, o sr. embaixador do Brazil offerece ao sr. Presidente da Republica e aos membros do governo sabemos que se não proferirão discursos, havendo apenas os brindes do estylo.

NA LIGA NAVAL

Iniciaram-se hoje nos salões da Liga Naval as partidas de «bridge» e o chá das 5 horas, tendo ali estado, entre muitas outras pessoas:

Madame Forjaz Serpa Pimentel, D. Maria Henriqueta Mascarenhas Valdez, D. Maria Emilia Taborda Canto Bandeira de Mello, D. Maria Augusta Forjaz Nicaides Trigueiros, D. Estela Anahory, D. Julieta Leite e filha, mademoiselle Sarti, madame Santos Tavares Osorio, madame Alves e filha, madame Maria Arantes, D. Augusta Forjaz Serpa Pimentel, madame Sousa Gonçalves, D. Emilia Cabral de Castro e filhas, D. Maria José de Lacerda e Mello e filhas e D. Ludovina Horta Osorio.

E os srs. Francisco Patricio, dr. Antonio Osorio, dr. Preto Pacheco, dr. Paes Lima da Fonseca, dr. Hipolito Raposo, dr. Eugenio de Araujo, dr. Camossa Saldanha, Fernando Costa, dr. Perry Vidal, dr. Fernando Sampaio e Mello, dr. Cancella Abreu, Aurelliano Forjaz Serpa Pimentel, Rodrigo Sanevell Diniz, Bernardo Mimoso d'Albuquerque, Narciso Ferreira d'Andrade, José d'Avellar Teixeira Cardoso, Virgilio Pereira da Silva, Ayres Valdez Pinto da Cunha, Francisco Perry Vidal, Carlos Vasconcellos e Sá, Carlos Motta Marques, Hemeterio Arantes, etc.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 3/4	33 5/8
Londres, 90 d/v.	34 1/4	—
Paris, cheque	$76,3	$76,7
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$66,5	$67,5
Madrid, cheque	1$41,5	1$42,5
Suissa, cheque	$86,5	$87,5
Italia, cheque	$67	$70
New York	1$49	1$50
Rios/Londres	11 15/16	—
Libras	7$05	7$12
Agio do ouro	53 %	58 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,10	39,00
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

A CAPITAL DO NORTE

A CIDADE NOVA

Começou a demolição de velhos predios—Aos novos, que se construirem, será dada uma feição de esthetica harmonica e de elegancia.—E' preciso desembaraçar o novo Mercado do Bolhão

PORTO, 10.— Dizia-nos hontem um engenheiro distincto:

—Veja v. como a camara actual cumpre o que promette. Veja se ha para ella difficuldades, entraves, desgostos ou opposições que a façam desviar da linha que traçou. Prometteu transformar o velho burgo, archaico, de construcções irregulares, de arruados estreitos e sombrios e fazer do Porto uma cidade nova, com largas avenidas cheias de luz e de ar, ligar os pontos concentricos—separados por beccos e travessas—dar aos novos arruamentos uma feição geral harmonica e elegante, quer dizer, tornar a capital do norte bella, hygienica, moderna, digna do seu grande papel commercial e industrial, e cumpre a sua promessa.

«Veja—continuou—o que já «está feito», e como em poucos dias se fez vêr aos descrentes, antes, talvez, aos que, nada fazendo, teem inveja, porque se sentem humilhados, dos que trabalham e fazem, veja como se lhes prova, com factos, que a administração republicana, as leis republicanas, o novo regimen presta ao Porto altos e alevantados serviços. As primeiras demolições, para ligar a rua de Passos Manuel, a frequentadissima arteria, chamada hoje, vulgarmente, a «rua dos Theatros»—onde fica o Jardim Passos Manuel — indiscutivelmente o salão mais elegante, distincto e confortavel do Porto—ao Largo de Santo André—por onde se distende, vinda do Jardim de S. Lazaro e de Campanhã uma movimentação animada, intensa,—essas demolições de velhos predios e pardieiros começou e em breve deve estar concluida, podendo seguir bem desde a estação de S. Bento até S. Lazaro, trens, automoveis e peões.

—Desde a estação central de S. Bento?

—Sim. Porque a embocadura da rua do Bomjardim, estreita e quasi entaipada, com um feio e perigoso cotovêllo á esquina da rua 31 de Janeiro,—tambem já está a aliviar-se, a rasgar-se, a alargar-se com o camartelo municipal transformador da cidade. O primeiro grande predio que flanqueava com a Egreja dos Congregados em breve está em terra. Os que se lhe seguem até Sá da Bandeira irão immediatamente abaixo. E, apezar de pedidos d'uns e «duvidas» d'outros, a acção municipal não parará.

«Assim o affirmou na ultima sessão da camara o activo e intelligente vereador do pelouro das obras, srs. Elysio de Mello.

E nada teem os proprietarios dos predios que vão ou estão sendo demolidos de que se queixar. A camara paga-lhes os predios pelo rendimento inscripto na matriz. E faz mais:—se elles quizerem, depois, ficar, arrematar os terrenos que—d'esses predios—ficam para os novos alinhamentos—dá-lhes o direito de *preferencia*—depois da arrematação feita—concedendo-lhes um *bonus* de abatimento de 10 0|0.

«O terreno que resta, porexemplo, do predio *A*, que foi expropriado pela Camara, é arrematado em praça por 10 contos. Feita a arrematação, o antigo proprietario faz a sua declaração de que *opta*, e fica com esse terreno por 9 contos.

«Já vê que as expropriações feitas pela Camara teem por fim embellezar a cidade, transformal-a sem que haja intuito de offender, nem prejudicar ninguem. O direito de propriedade é respeitado e salvaguardado com essa *regalia* da opção. Convém que isto se diga para que não ganhem terreno insinuações infundadas, que já correram, de que—as expropriações poderiam beneficiar quaesquer grupos de açambarcadores de terrenos,

«Não. O proprietorio fica garantido a optar—e ainda com abatimento de 10 por cento.

«Agora — terminando — deixe-me dizer-lhe o que sinto sobre o Mercado do Bolhão:—Não me parece que fique bem o que está assente quanto ao seu desafogo lateral. Eu me explico:—Pela planta da Avenida da Cidade,—do Bolhão para nascente—pela rua Fernandes Thomaz vae alargar-se o ambito das arterias que a elle se ligam.

Mas—para o poente—do Bolhão até Santa Catharina, tanto pela rua Fernandes Thomaz, como pela rua Formosa, onde especialmente o movimento de carros electricos e passageiros é já agora extraordinariamente intensivo—o accesso, a passagem, o transito fica verdadeiramente entaipado e perigoso. A passagem de Santa Catharina para a rua Formosa, ao dobrar do *Janeiro*, fica um cotovelo esganado.

«Porque se não ha de remediar agora, por um preço modico o que mais tarde ficará carissimo?

«A' rua occidental do Mercado do Bolhão tem de cortar-se 5 metros. Muito bem. Porque se não cortam outros 5 metros do Mercado, alinhando com a sua frontaria pela rua Formosa fóra até á esquina da rua de Santa Catharina?

«Agora, n'este momento, tanto este córte—que é indispensavel por causa do transito—sem falar na esthetica; agora repito, tanto este «desafogo» do Bolhão pela rua Formosa, como desafogo identico por Fernandes Thomaz, não é operação financeira de largo alcance.

«Mais tarde—vendo os proprietarios dos predios o novo valor d'elles, pelo commercio que inegavelmente se vae por ali desenvolver—então... esse alargamento custará o duplo ou o triplo.

—Olhe: Chame a attenção do sr. Elysio de Mello para o caso.

Elle é homem para o resolver, como é preciso.

PEQUENAS NOTICIAS

Na parada do quartel do Carmo, das 13 ás 14 horas e meia, executa amanhã a banda da guarda republicana o seguinte programma: «Patrie», ouvertura, «Bizet; «Momento musical», Schubert; La jennesse d'Hercule», poema symphonico, S. Saens; «Crepusculo dos Deuses», marcha funebre, Wagner; «Rosamunde», suite: N.º 1, «Introduction et andante», N.º 2, «Entreacte», N.º 3, «Air do ballet», Schubert; «Rapsodia Hungara (em do)», Liszt.

Opera lyrica

A estreia da prima-donna Luz Rugama

Recita elegante a de ámanhã, no Colyseu dos Recreios. A nossa primeira sociedade marcou já todos os camarotes e «fauteuils», querendo assim accentuar o alto requinte d'estas novas funcções de gala.

O grande acontecimento da noite de ámanhã é a estreia de Luz Rugama, a

Luz Rugama

impeccavel artista, que se nos apresentará na «Traviata», unica opera para que está contractada, nas tres recitas que deve cantar em Lisboa.

Luz Rugama veste com uma singular elegancia e canta como um rouxinol. O quadro em que se emolduram estas perfeições é de molde a fazel-as resaltar com o maior brilho, pois que a «Traviata» é apresentada com o maior esplendor de «mise-en-scene».

Brindes e calendarios

A casa Manuel Tavares & C.ª, da rua da Prata, 284 a 288, distribue um calendario do bolso com a indicação dos preços correntes dos generos n'essa casa vendidos.

A Agencia Portugueza, da rua do Crucifixo, 76, 1.º, distribue pelos seus clientes e amigos um calendario de escriptorio.

Movimento maritimo

Afr. Oriental	«Comrie Castle» (Plym.)	13
Liverpool	«Huayna» (Brazil)	14
Bis., Bolama e Arch. C. Verde	«Guiné»	14
Bordeus	«Sequana» (Brazil)	14
Vigo e Inglaterra	«Darro» (Brazil)	18
Braz. e R. da Prata	«Avon» (Liverp.)	19
Braz. e R. da Prata	«Salland» (Amst.)	19
Madeira e Açores	«San Miguel»	20
Pará e Manaus	«Aidan» (Liverpool)	20
Loanda, Lob., Beng. e Cuio	«Dondo»	2

CAPITULO VIII

De Varsovia a Vilna

A 5 d'agosto as tropas allemãs entraram em Varsovia. A 18 de setembro seguiu-se a queda de Vilna. Os quarenta e quatro dias que decorrem entre essas duas datas formam a conclusão da grande offensiva austro-allemã contra a Russia, que, tendo começado a 2 de maio com a batalha de Gorlitse e Tarnoff, foi durante o verão de 1915 a principal, podemos mesmo quasi dizer a absorvente empreza do inimigo.

Sob o ponto de vista estrategico, duas phases distinctas se podem distinguir no avanço de Varsovia a Vilna. A queda de Brest Litovsk, a 25 de agosto, pode ser considerada o limite entre ellas. As operações militares do primeiro periodo levaram á sua conclusão logica o movimento concentrico contra a Polonia Oriental. Do norte atravez o Nareff, do oeste atravez o Vistula, do sul passando por Lublin e Cholm, o inimigo estava avançando contra o centro estrategico e o principal entroncamento ferro-viario da «praça d'armas» da Russia Occidental, a fortaleza de Brest Litovsk.

No dia em que essa praça cahiu, os allemães apoderaram-se tambem de Bielostok, entroncamento de cinco linhas de caminho de ferro: Varsovia, Ossovets, Grodno, Volkovysk e Brest Litovsk. Dois dias antes, as tropas austriacas haviam entrado em Kovel, onde a linha ferrea que conduz de Varsovia a Kieff cruza com a que une Brest Litovsk com Rovno. O avanço dos exercitos austro-allemães durante as trez semanas que se seguiram á queda de Varsovia levou-os da circumferencia do semi-circulo Ossovets-Lomza-Varsovia-Ivangorod-Cholm ao seu diametro, do qual a linha ferrea Bielostok-Kovel é a parte mais essencial; Brest Litovsk fica exactamente a meio caminho entre Bielostok e Kovel e é o centro d'esse sector.

Emquanto os exercitos austro-allemães, sob o commando de Mackensen e do principe Leopoldo, estavam forçando a linha do Bug, o grupo do norte, sob o commando de Hindenburg, estava empenhado principalmente no ataque ás fortalezas do Niemen. A 17 d'agosto cahiu Kovno, a 26 os russos evacuaram Olita, nos primeiros dias de setembro tiveram de abandonar Grodno, a sua ultima fortaleza no rio Niemen.

As unidades do primeiro ataque formavam a terceira brigada de infantaria australiana, sob o commando do coronel E. G. Sinclair Maclagan. Tanto sir Jan Hamilton como o

O afundamento do «Lusitania»—Salvo depois de estar quatro horas na agua

almirante de Robeck fizeram os maiores elogios á extraordinaria bravura e dedicação da brigada e do seu admiravel commandante.

A primeira e a segunda brigadas seguiram logo apoz a terceira e ao approximarem-se da praia podiam ouvir distinctamente o tiroteio, que de momento a momento se tornava mais intenso. Desembarcaram e avançaram para a penedia. A esse tempo os turcos estavam, trazendo canhões de campanha e howitzers, para pôrem em posição a respeitavel distancia. Tinham até detido os navios no estreito e estavam rivalisando com o «Queen Elisabeth», despejando granadas por cima da peninsula para o local de desembarque dos australianos.

Tornou-se necessario ordenar a mudança de fundeadouros dos transportes, o que causou grande demora. A praia era muito estreita e estava sendo varrida pelas granadas. O desembarque, como dizemos, teve de ser transferido para um local a uma milha ao norte do primitivamente escolhido. A confusão n'esse primeiro dia foi grande, devido ao pequeno espaço de que se podia dispôr. A praia estava atulhada de combatentes e de feridos e as tropas misturavam-se. Os navios que cobriam o desembarque estavam bombardeando com violencia o inimigo, mas poucas balas acertavam no alvo.

Não podiam ser encontrados homens melhores do que os australianos e os neo-zelandezes para se desenvencilharem de semelhantes chaos. O ataque degenerára n'uma lucta corpo a corpo, devido principalmente á perseguição que fôra emprehendida pelas primeiras forças que haviam desembarcado. Haviam-se espalhado em grupos e estavam perseguindo os turcos com ardor sem obedecerem a um plano concertado.

O terreno era muito desegual, o que tornava muito difficil para os destacamentos o pôrem-se em contacto uns com os outros. Alguns pequenos corpos de australianos avançaram na realidade de mais. Diz-se mesmo, embora nunca fôsse confirmado officialmente, que alguns d'elles quasi atravessaram a peninsula, chegando a avistarem Maidos e o estreito. O que é certo é que muitos foram mortos, outros aprisionados e que as dobras do terreno esconderam os restantes dos quaes se disse que haviam desapparecido.

Os turcos tambem a esse tempo

combatiam egualmente em desordem. Tinham-se tornado muitos numerosos e recuperaram uma certa ordem, mas que de forma alguma se assemelhavia á que deve ter um agrupamento militar. O que elles fizeram com constancia foi não cessarem o fogo.

E' positivamente impossivel dar uma narrativa pormenorisada do que foi a batalha em conjuncto. Apenas se podem descrever episodios isolados. Os turcos estavam enfiando a praia com shrapnels dos canhões, alguns dos quaes estavam collocados em Gaba Tepe, achando-se outros mais ao norte. O maior numero de perdas d'esse dia foi devido ás shrapnels. Parte do 9.º e do 10.º batalhões carregaram corajosamente sobre trez canhões Krupp e puzeram-nos fóra d'acção.

O combate nas elevações e nas encostas tomou forma mais coherente pela rapida chegada de grandes reforços de ambos os lados. A's 2 horas da tarde, cêrca de 12.000 australianos haviam desembarcado e novas forças estavam chegando á praia. Duas baterias de artilharia montada indiana tinham tambem sido desembarcadas. O inimigo estava em grande numero. Tropas de Maidos estavam avançando atravez da peninsula para Eski-keui e eram avaliados em 20.000 os turcos que estavam na linha de fogo ou proximo.

Impediram a tendencia de formar grupos isolados, levando assim á formação d'uma linha mais definitiva. Os australianos e neo-zelandezes acharam-se tambem assim postados em força n'uma fronte semicircular, cuja esquerda estava no alto terreno sobre a Choupana do Pescador, emquanto a direita assentava nas penedias a cêrca d'uma milha ao norte de Gaba Tepe.

Os turcos contra-atacaram repetidas vezes durante a tarde em grande força, especialmente contra a terceira brigada e a esquerda da segunda. Os australianos não cederam terreno e carregaram por sua turno. Descobriram logo n'esse dia que embora os turcos fossem valentes com uma arma na mão pareciam temer a bayoneta mais do que a propria morte. Os navios inglezes haviam já melhorado o fogo, o que auxiliou a repellir os contra-ataques. Era tal o ruido feito pela artilharia que os australianos e neo-zelandezes disseram mais tarde que lhes parecia que os ouvidos lhes rebentavam.

O general Birdwood com o seu estado maior desembarcou de tarde a fim de tomar as medidas necessarias para sustentar a posição e ainda para dispôr tudo para o desembarque de alguns canhões de campanha na manhã seguinte.

Um pouco depois das 5 horas da tarde os turcos deram o mais violento contra-ataque contra a terceira brigada, que se não deixou desalojar e replicou com o maior vigor. Os turcos tiveram grandes perdas, como de resto em todos os seus contra-ataques. As suas perdas foram enormes durante o dia, especialmente depois das tropas que desembarcaram terem posto em acção algumas metralhadoras. O inimigo avançou em formação cerrada e foi tal a matança que ainda muito tempo depois todo o terreno em roda estava cheio de cadaveres.

Os canhões que estavam ao norte em Gaba Tepe, que faziam fogo de enfiada sobre a praia, foram reduzidos ao silencio pelos navios, á tarde, mas a artilharia turca que estava mais distante ainda sustentava o duello.

Durante a noite, os turcos continuaram a atacar e chegaram uma vez a carregar o 8.º batalhão á bayoneta. Os australianos replicaram com egual arma tanto de dia como de noite e os turcos não tornaram a repetir a carga. Quando amanheceu, os australianos e os neo-zelandezes tinham firmemente tomado posse d'uma boa milha quadrada da peninsula de Gallipoli.

Emquanto assim se combatia proximo de Gaba Tepe, alguns transportes levando parte da real divisão naval haviam-se dirigido para Bulair, a fim de distrahirem a attenção do inimigo. Não se fez tentativa alguma de desembarque e não

se percebe bem para que servisse tal demonstração.

A tarefa da força expedicionaria franceza no primeiro dia do desembarque limitou-se a um ataque por um regimento ás posições do lado asiatico da entrada do estreito. Esse regimento tinha trez batalhões, na força de 2 800 homens. Encontrou grande opposição, teve grandes perdas e mostrou no ataque uma coragem e arrojo que só se póde comparar com a desesperada lucta que se pelejava do outro lado do estreito.

O objectivo do desembarque francez era impedir que o inimigo fizesse uso da praia asiatica e que canhoneasse os transportes na extremidade da peninsula. Conseguiu-se o que se queria, mas os francezes soffreram grandemente.

O ataque começou com um violento bombardeamento dos navios francezes, auxiliados pelo cruzador russo *Askold* commandado pelo capitão Ivanoff. O contra-almirante E. P. A. Guepratte commandava superiormente as operações, que contribuiram largamente para o exito dos desembarques inglezes.

O desembarque effectuou-se cerca das 9 horas e meia da manhã no lado ocidental do rio Mendere e sob os muros da batida cidadella de Kum Kale. O desembarque começára sob um fogo terrivel. Uma embarcação foi completamente esmagada e n'outros muitos homens foram feridos. Um capitão foi o primeiro a desembarcar, seguindo-o os soldados com ardor irresistivel. O castello foi rapidamente tomado, não se importando os soldados com as balas que sobre elles despejavam as metralhadoras.

Varreram o interior do castello, passando á bayoneta os turcos á medida que chegavam e abriram caminho atravez da pequena aldeia para o lado do sul. O seu objectivo era a aldeia de Yeni Shehr, mas foram detidos por trez regimentos turcos que estavam fortemente entrincheirados e não puderam avançar mais n'aquelle dia.

Quatro vezes durante a noite seguinte os turcos fizeram violentos contra-ataques, guiados por officiaes allemães, mas de todas as vezes foram repellidos á bayoneta, ficando o terreno em redor coberto de cadaveres. D'uma vez, 400 turcos foram separados dos seus camaradas pelo fogo dos navios de guerra e aprisionados. Na manhã seguinte, porém, viu-se que era impossivel avançar sem receber grandes reforços e foi dada ordem para as tropas reembarcarem, o que se fez sob a protecção dos canhões dos navios francezes sem soffrerem grande opposição.

Os francezes haviam cumprido valentemente a sua tarefa embora com grandes sacrificios. Só n'um dia e n'uma noite o regimento havia perdido uma quarta parte do seu effectivo, tendo ao todo 754 perdas, sendo 167 mortos, 459 feridos e 116 desapparecidos.

Tal, em resumo, o que se passou por occasião do grande desembarque na peninsula de Gallipoli. As tropas inglezas estavam ahi, porém, em situação precaria. Das operações effectuadas em seguida occupar-nos-hemos n'um outro capitulo.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1953—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 13 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O orçamento

O orçamento, hontem apresentado á Camara dos Deputados, pelo sr. presidente do ministerio e ministro das finanças, é um documento claro sobre as contas do Estado. O seu fim é o d'uma arrumação precisa e logica, notando-se-lhe ainda a existencia d'um criterio fiscal. Com esse intuito, estabelecem-se as despezas ordinarias do Estado, e abre-se uma conta especial para as despezas provenientes da situação creada pela guerra, despezas que são englobadas na preparação militar.

Nas despezas ordinarias, o orçamento accusa um «déficit» previsto de 3.165 contos, e para o extinguir o sr. Affonso Costa conta com o rendimento da lei das sobretaxas, que deverá produzir um milhar de contos. O resto pensa o chefe do governo obtel-o mercê de varios retoques nos impostos e alterações na contribuição predial.

Ha, porém, a conta especial das despezas originadas pela guerra, a ella attinge a importancia de 30.000 contos. Já superior a 30.000 contos foi a despeza feita no exercicio anterior. São, portanto, mais de 60.000 contos as despezas com que essa situação aggravou as nossas finanças. O sr. Affonso Costa pensa que se poderão elevar as receitas em mais 8.000 contos. Evidentemente, essa base servir-lhe-ha para contrahir um emprestimo que poderá ser de 120.000 contos.

Não nos persuadimos que o chefe do governo esteja convencido de que, nas condições actuaes do trabalho no nosso paiz, elle possua a elasticidade precisa para a sua capacidade tributaria tanto se avolumar. Não são só 8.000 contos que a nação terá de pagar a mais. E' preciso contar tambem com os 2.000 contos que o sr. ministro das finanças pretende obter mercê do que denominou retoques tributarios. São 10.000 contos a mais; quer dizer: o paiz passará a pagar 95.000 em vez de 85.000, numeros redondos. Pagará mais uma oitava parte do que pagava. Nas condições actuaes do trabalho não o julgamos possivel.

Mas o emprestimo de 120.000 contos, a que alludimos, dará margem a importantes obras de fomento, creando trabalho e riqueza nacional. D'essa importancia 60 a 70.000 contos serão affectos á preparação militar. Mas restam 50 a 60.000 contos, importancia bastante para realisar essa obra de desenvolvimento, que é vital para a existencia e a prosperidade do paiz.

Não duvidamos de que o sr. Affonso Costa n'ella pense intensamente. Só o desenvolvimento de trabalho, de riqueza publica, lhe pode garantir a capacidade tributaria de que necessita para normalisar as finanças do Estado. E por isso mesmo aguardamos as medidas que, n'esse sentido, se deverão seguir á apresentação do orçamento. Do documento, hontem apresentado á representação nacional, não se pode exigir mais do que a sua natureza comporta. E' o estabelecimento da situação. Ficamol-a conhecendo com clareza e rigor. Resta a obra creadora que cada vez é mais urgente em Portugal. Essa obra é a do fomento. Mas todos concordarão em que ella terá de obedecer a um plano de conjuncto para que tenha viabilidade e se realise com segurança.

O paiz espera esse plano do sr. Affonso Costa, e espera com a rapidez que a sua urgencia reclama. E' preciso que não esfrie a confiança do paiz, e para isso indispensavel se torna que a situação surja nitida a todos os olhos, tanto nas suas difficuldades presentes como nas suas garantias futuras.

Poeira da Arcada

A agua que o lisboeta bebe espalha o typho na cidade. Os cemiterios recebem assim um supplemento de cadaveres que muito deve reverdecer os feraes cyprestes. De quem a culpa? De ninguem, porque a Companhia das Aguas tem as melhores intenções do mundo e os typhosos e suas familias prestam-lhe a devida justiça. A doença e a morte sahem pelas torneiras dos contadores, obedecendo aos dictames fataes das Parcas. Grandes velhacas!

* *

O «Berliner Lokal Anzeiger» reconhece que a Inglaterra está resolvida a luctar até vencer. E sorri-se. Talvez este sorriso um dia se eclipse, dando logar a um rictus de dôr. E ver-se-ha um povo inteiro a procurar a sua alma para com ella desfiar o rozario das suas magoas. Teremos então o complemento da «Kultura».

* *

Mais um portuguez, Joaquim de Oliveira Palma, deu a sua vida pela causa dos alliados. Era com certeza um mancebo em quem floriam esperanças de uma melhor Europa. A morte colheu-o em pleno esforço heroico, defendendo a Servia das investidas dos seus carrascos. Talvez um dia as rosas bravas desabrochem da sua rasa campa...

* *

A policia deitou a mão a algumas d'aquellas mulheres que as chronicas do genero chamam gatunas de forasteiros. Não se trata de uma medida de exterminio, bem entendido. A justiça não é cega nos seus nós: ata e desata com uma brandura bem christã. De resto, ainda não está averiguado se as gatunas de forasteiros não teem um certo direito a entrar nas algibeiras dos que se interessam pela sua sorte.

* *

Lemos hoje uma ode de um encanecido poeta que em 1909 saudava, em som de triumpho, a rainha D. Amelia. A inspiração parece pura como a agua das rochas. Acontece que o mesmo encanecido poeta, depois da proclamação da Republica, escreveu outras odes, exaltando os insignes meritos de alguns corypheus do novo regimen. Porquê? Como a poesia é uma arte desinteressada, deve ter agido assim sem sombra de lucro. A sinceridade é que lhe fez a musa... insubmissa.

A questão do papel

Toda a imprensa se occupa do gravissimo problema

Todos os jornaes de Lisboa e Porto accentuam a importancia da crise que a industria da imprensa está atravessando n'este momento, principalmente pelo exaggerado preço do papel e pela sua escassez de dia para dia maior no mercado.

Os jornaes de Lisboa são, por ordem de antiguidade, os seguintes:

«A Nação», o «Jornal do Commercio», o «Diario de Noticias», o «Seculo», o «Dia», o «Mundo», o «Paiz», a «Lucta», a «Capital», a «Republica», a «Vanguarda», o «Povo», o «Seculo» (edição da noite).

Os jornaes do Porto, egualmente pela ordem de antiguidade, são os seguintes:

O «Commercio do Porto», o «Primeiro de Janeiro», o «Jornal de Noticias», a «Montanha», a «Liberdade» e a «Lanterna».

Em Braga publica-se tambem uma folha diaria, os «Echos do Minho», e em Lisboa dois semanarios que, pela sua larguissima tiragem, muito soffrem com a crise do papel: os «Ridiculos» e a «Voz do Operario». Cumpre não esquecer, por outro lado, que em todo o paiz se publicam talvez uns duzentos semanarios.

Entre alguns dos mais importantes jornaes que deixamos mencionados trata-se agora de saber qual é o que ha de tomar a iniciativa da ordenação do movimento em face das angustiosas circumstancias actuaes, que tendem a aggravar-se assustadoramente, emquanto se discute se compete ou não ao mais antigo aquella iniciativa...

Já dissemos que o «Seculo» entregou ao governo uma bem fundamentada representação ácerca da crise do papel e do modo como entende que ella deve ser solucionada. Ainda nada consta, porém, sobre o que o governo pensa da mesma crise, que affecta directamente milhares de individuos e indirectamente o publico em geral.

Migalhas

Videntes

A quarta pagina dos nossos diarios principaes esmalta-se agora com frequentes e promettedores annuncios de somnambulas habilitadas e videntes infalliveis. Abundam as francezas, aves de arribação, acossadas a estas paragens pela caçada organisada contra ellas pelos prefeitos de Paris e das principaes cidades francezas. N'estes tempos de inquietação e de duvida, não faltava nos consultorios d'essas pythonisas a frequencia d'almas afflictas, anciosas por indagar do destino e do futuro dos entes em perigo. Abundavam as explorações e os magistrados entenderam por bem mandar essas madamas adivinhar para outras regiões menos proximas da frente de combate. Assim se explica a presença de tantas sacerdotisas do mysterio n'esta terra idealmente composta de gente crédula e simploria, jardim magnifico do conto do vigario, auditorio explendido de todos os dentistas e fabricantes de magicos elixires.

Pela minha parte não conheço nada de mais comico do que uma consulta de má fé feita a uma mulher de virtude. Vale bem o dinheiro vêr os esforços em geral ridiculos da pobre creatura para impôr a confiança a quem de ante-mão vae prevenido para não conceder nenhuma. Simplesmente esse é um jogo perigoso para o sceptico paciente. Conheci um moço, que não acreditava nem em Deus nem no diabo, e que um dia decidiu gastar umas corôas em divertir-se á custa d'uma somnambula muitissimo extra-lucida. Quem lhe aconselhára tal passatempo fôra um amigo ainda mais desfructador do que elle. Chegado, porém, ao antro da pithonisa, esta com a maior simplicidade contou ao meu amigo todas as minucias da vida d'elle, todos os seus segredos mais intimos e o pobre sceptico, livido de pasmo e encharcado de gélido suor, sahiu de lá arrepiado e convencido. D'ahi por deante não deu mais um passo na vida sem consultar a vidente, e, só depois de ter gasto em alguns mezes varias centenas de mil réis, é que veiu a saber que quem punha a sybilla ao facto da sua existencia, era o tal amigo ainda mais desfructador do que elle e interessado por percentagem no consultorio da dama.

André Brun

EM TORNO DA GUERRA

A suspensão da "Zukunft„

Porque foi Maximiliano Harden prohibido de escrever—O que elle pensa da guerra, da victoria e do futuro

Londres, 8 de janeiro

O «Standard» insere um artigo do seu correspondente especial na Suissa que relata as razões pelas quaes a revista «Zukunft», de Maximiliano Harden, foi supprimida nos ultimos dias de dezembro, em seguida á publicação de dois artigos que advertiam o governo da falta que commette fomentando um optimismo cego no povo allemão.

Os dois artigos eram assignados pelo proprio Maximiliano Harden. O primeiro tratava da situação militar em geral e expunha o facto de reinarem a este respeito graves illusões na Allemanha. Eis as passagens essenciaes d'esse artigo:

Ao passo que o governo allemão e a sua imprensa repetem em todos os tons ao povo allemão que a victoria está ganha, a verdade é que victoria alguma decisiva se ganhou e que a Allemanha tem ainda formidaveis luctas a sustentar para defender a sua propria existencia. Seria mais prudente permittir a uma nação intelligente e patriota que comprehendesse toda a verdade do que fabricar-lhe um paraizo ficticio e ir assim ao encontro do desastre que resultará inevitavelmente do desmoronamento da confiança publica quando os factos verdadeiros forem conhecidos dos homens que luctam na frente e de suas familias.

Além d'isso, a crença na victoria já alcançada diminue sensivelmente o enthusiasmo pela continuação da lucta, porque muitos allemães acham-se agora convencidos de que o seu governo recusa-se a concluir a paz por simples avidez de conquista. Dizei a verdade ao povo e o movimento em favor da paz que ameaça tornar-se formidavel desfar-se-ha por si mesmo. Continuae a enganar e as consequencias serão talvez irreparaveis.

O segundo artigo criticava a politica interna do governo. Eis os trechos capitaes:

O governo não comprehendeu a tempo o gravissimo caracter do descontentamento causado pela carestia da vida, nem, em geral, as necessidades politicas da situação. A suspensão do governo constitucional, a suppressão da liberdade de palavra, a tirannia d'uma censura excessiva e o predominio absoluto das influencias reaccionarias em Berlim contribuem para minar a confiança do povo no kaiser e nos seus conselheiros militares.

São numerosos os allemães que entrevêem após a guerra um futuro de absolutismo sem limite.

O polemista evocava em seguida as tradições bismarkianas. Declarava que o grande chanceller teria sabido evitar muitos erros que os actuaes dirigentes da Allemanha commetteram.

Antes de mais nada—escreve Harden—teria demorado a declaração de guerra até estar absolutamente certo de que não teria de fazer face a uma esmagadora colligação. Mas vimos a Allemanha lançar-se n'esta lucta convencida de que a Inglaterra ficaria neutra.

Maximiliano Harden exprimia depois a opinião de que ainda era possivel congregar as sympathias nacionaes proclamando uma decidida politica progressista:

A promessa d'um governo abertamente parlamentar após a guerra crearia enthusiasmo e daria ao povo allemão a impressão de que combate por seu interesse e não a favor d'uma cohorte de generaes e burocratas. A promessa do suffragio universal para as eleições á camara prussiana daria novas forças aos socialistas leaes e justificaria a sua attitude perante os partidarios irritados.

O serio compromisso de que os novos impostos seriam equitativamente repartidos e de fórma a que não pesassem de um modo excessivo sobre a pequena burguezia e as classes operarias bastaria para abafar os rumores contra a guerra que circulam agora nas amplas espheras da nação allemã.

Os dois numeros da «Zukunft», que continham estes artigos, foram confiscados e supprimidos. Circularam pouquissimos exemplares. As auctoridades militares accusaram Harden de ser um «jornalista perigoso» e suspenderam a publicação da revista por um tempo illimitado.

O papa e a Belgica

Havre, 9 de janeiro

O padre Hénusse, capellão no exercito belga, regressou de Roma onde foi recebido pelo papa. N'uma localidade, perto da frente da batalha, usou da palavra por occasião da missa rezada a cêrca de mil soldados. Eis, substancialmente resumida, uma passagem do seu discurso:

«Disse-me o papa, recommendando-me que o repetisse aos soldados, aos officiaes, aos governantes, ao proprio rei, que entende que a Belgica tem direito á reparação integral por parte da Allemanha, que não consentirá nunca em propôr os seus bons officios para o restabelecimento da paz desde que a Belgica se não reconstitua, pelo menos, com os seus territorios da Europa e da Africa, na plenitude da sua liberdade e dos seus direitos internacionaes antigos, sem prejuizo de uma indemnisação adequada que seria fixada após um inventario minucioso da restauração de todos os seus monumentos, da reconstrucção das suas fabricas e habitações e da restituição dos bens particulares.»

Os Estados Unidos e o Mexico

Uma reclamação do governo de Washington

WASHINGTON, 13.—O sr. Lansing, ministro dos negocios extrangeiros, telegraphou ao general Carranza pedindo-lhe a immediata punição dos bandidos que fusilaram 17 americanos na segunda-feira, proximo de Chihuahua.—*(Havas)*.

A CAMINHO DE DAKAR

Preparando contingentes

Em Lisboa teem passado ultimamente, a caminho de Dakar, contingentes francezes, compostos principalmente de officiaes subalternos e officiaes inferiores, cujo postos correspondem aos dos nossos sargentos, tendo sido o ultimo d'esses contingentes a passar por aqui o que ainda hontem esteve no nosso Tejo a bordo do *Garonne*, navio que hontem mesmo levantou ferro.

Esses officiaes, que veem das diversas frentes da guerra, da occidental principalmente, por consequencia com experiencia da lucta que se fere actualmente e que tão profundamente diverge dos antigos processos de combater, vão ao Senegal preparar fortes contingentes de senegalezes que virão tomar parte nas grandes operações que os alliados projectam para o principio da primavera.

E não só no Senegal se estão preparando activamente contingentes. O mesmo succede em Madagascar, de onde virão em breve para a Europa numerosas tropas malgaches, devidamente adextradas e preparadas.

Por seu lado a Inglaterra está n'este momento formando na India novas tropas expedicionarias, que virão substituir as que teem sido retiradas da fronte occidental e que tantos prodigios de bravura ahi teem obrado. E nos Dominios, a Inglaterra está tambem levantando fortes nucleos de tropas, que a seu tempo virão para a Europa.

Como se vê, os alliados preparam-se para a lucta decisiva.

VIDA DIPLOMATICA

O banquete de hoje na embaixada do Brazil

Na embaixada do Brazil realisa-se esta noite um banquete offerecido pelo sr. dr. Regis de Oliveira ao sr. presidente da Republica. Ao «toast» o representante da grande nação irmã brindará por Portugal e pelo seu primeiro magistrado que agradecerá o brinde, bebendo pelo Brazil e pelo seu illustre presidente.

A disposição dos logares á meza é a seguinte:

A' direita do sr. presidente da Republica: o presidente do Senado, madame Azevedo e Silva, o ministro do interior, madame Carlos Gomes, o ministro do fomento, o presidente da camara municipal e o consul geral de Portugal no Rio de Janeiro; á esquerda: o presidente do ministerio, madame Levy Marques da Costa, o ministro da guerra, o ministro da instrucção, o procurador geral da Republica, o secretario geral da presidencia da Republica e o presidente honorario da Associação Commercial de Lisboa.

A' direita do sr. embaixador: madame Bernardino Machado, o presidente da Camara dos Deputados, madame Costa Gonçalves, o ministro da justiça, madame Belford Ramos, ministro das colonias, o general da divisão, o chefe do protocollo; á esquerda: madame Correia Barreto, o ministro dos negocios extrangeiros, madame Pereira d'Eça, o ministro da marinha, mademoiselle Regis de Oliveira, o governador civil, o presidente da Associação Commercial e o secretario particular do ministro das finanças.

Em uma das cabeceiras da meza tomarão logar o primeiro official da presidencia da Republica e os secretarios particulares da embaixada e do ministro dos negocios extrangeiros; na outra cabeceira: o segundo secretario da embaixada, o secretario particular da presidencia da Republica e o primeiro secretario da embaixada.

Pelo telegrapho

Approva-se o serviço militar obrigatorio em Inglaterra

LONDRES, 12.—A camara dos communs approvou em seguida a leitura, por 431 votos contra 39, o *bill* do serviço militar obrigatorio.

LONDRES, 12.—Official.—Os ministros trabalhistas retiraram a sua demissão.—*(Havas)*.

A obra dos torpedeiros russos

PETROGRADO, 13.—Os torpedeiros russos destruiram proximo da embocadura do Melen, no dia 10, um submarino turco encalhado e que as canhoneiras turcas torpedeadas em dezembro tinham ordem de levar. Afundaram tambem dois barcos de vela turcos carregados de carvão. A respectiva tripulação foi feita prisioneira.—*(Havas)*.

A viagem do cardeal Mercier

BASILEA, 13.—O cardeal Mercier passou em Basilea quando se dirigia para Roma, sendo recebido na fronteira pelo commandante da praça.—*(Havas)*.

A evolução da industria

Productos que rivalisam com os do estrangeiro

Com as exigencias da civilisação teem as industrias progredido, e a tal ponto teem vindo aprimorando-se que actualmente artigos ha de primeira necessidade que constituem verdadeiras obras de arte. Está n'este caso a nossa industria de sapataria; ninguem ao vêr hoje os primores artisticos do calçado de senhoras póde imaginar que tiveram por origem os mocassins de pelles seccas ao fogo com que o homem de edade da pedra defendia os pés contra os espinhos das selvas e contra as arestas cortantes das penedias.

E no emtanto foi esse o inicio da industria de sapataria.

Atravez dos seculos tem vindo aperfeiçoando-se o calçado, desde a sandalia grosseira da edade do cobre até ao cothurno alto da patricia romana, desde o sapato ponteagudo de afamado de um dos primeiros seculos da era christã, até ao sapato de velludo golpeado de seda de Francisco de Valois, o rei galanteador, até ao sapato «talon rouge» bordado a perolas de Luiz XIV e do Regente, até á botina sobria d'ornatos, mas na sua simplicidade inexcedivel de elegancia, da mulher do seculo XX.

Durante centenas d'annos teve a França a primasia na confecção do calçado, e se, mais tarde, quando o calçado de pellame fino veiu substituir o de tecidos caros, a Hespanha não teve rival n'estes productos, hoje os cabedaes dos Estados-Unidos sobrepõem-se áquelles, e a nossa sapataria excede em perfeição e acabamento a sapataria franceza, principalmente no artigo para senhoras, em que vencemos gloriosamente a industria estrangeira.

Longe vão os tempos em que uma officina de sapateiro era um antro sordido, escuro, sem utensilios de trabalho que valessem mais do que algumas dezenas de escudos; em que o operario era um homem boçal sem a menor cultura espiritual, e a casa de venda era a propria officina onde se produzia o calçado.

Hoje as officinas são amplas, asseiadas e cheias de luz; os operarios são limpos e conscientes do que fazem; os industriaes são homens cultos, instruidos, de esmerada educação, falando varias linguas, e que vão frequentemente ao estrangeiro buscar os novos figurinos e estudar o que ha por lá de melhor na sua industria para o introduzirem e aperfeiçoarem em Portugal.

Os utensilios de trabalho para uma grande officina importam em milhares d'escudos,—só as collecções de fôrmas custam dezenas de contos—os cabedaes, os tecidos, toda a materia prima demandam o empate de importantes quantias; os operarios, que trabalham com a perfeição artistica que se exige, auferem maiores interesses que muitos funccionarios publicos de cathegoria, e a clientella é recebida em estabelecimentos que são verdadeiros salões, onde o luxo brilha por toda a parte, no mobiliario, nos tapetes, nos espelhos, e onde os mais reputados decoradores deram largas á sua phantasiosa imaginação de artista.

D'esta maravilhosa transformação póde servir-nos de exemplo a Sapataria Ideal, na rua Augusta, 238 e 240, recentemente inaugurada, onde a vista se nos prende na admiração de verdadeiros primores d'esta industria, que assim se podem classificar os finos sapatos de baile para senhora, ali expostos em sedas, em setins, azues, rosas, brancos, pretos, de todas as côres e tons, lisos uns, outros bordados a ouro, a prata, a pedrarias.

E entre estes, tentadoras, suggestivas, como brinquedos infantis, as chinellas mimosas da manhã, em que se abriga a nudez dos pés ao saltar da cama, verdadeiros escrinios em seda, em velludo, em camurça, nos mais delicados tecidos e da mais encantadora phantasia, contrastam com a sobriedade elegante da moderna botina alta, desenhando a linha elegante da perna e a curva graciosa do pé, em todas as côres, tecidos e pellames, fechados por atacadores, por molas, por botões, n'uma imaginosa phantasia, calçado verdadeiramente admiravel e que bem justifica o titulo do estabelecimento: «A Sapataria Ideal».

O salão é vasto; nada de gabinetes escondidos. Pequenos biombos ligeiros, de seda, preservam a clientella de olhares indiscretos; cadeiras confortaveis de fino estofo, jornaes de modas convidam-a a esperar sem impaciencias o momento de ser attendida; por toda a parte um luxo sobrio, discreto, em que os verdes das plantas decorativas põem uma nota de frescura, e as flôres dispostas em faianças artisticas uma nota de bem estar e de alegria.

E a par de tudo isto, productos da sapataria nacional de tal elegancia e perfeição que, comparados com os vindos do estrangeiro, não envergonham, antes mais a dignificam e valorisam.

PREPARAÇÃO MILITAR

E' preciso activa-la

perante a incerteza do dia de ámanhã

Como se ha de adaptar entre nós o exercito á funcção que lhe compete? Sim, porque na verdade, se entrou já na cathegoria dos logares communs o dizer-se que o soldado portuguez é uma excellente materia prima, que possue magnificas qualidades de combatente, que é sobrio, perseverante, resistente, paciente e soffredor, não é menos certo que nos faltam, em preparação e material, muitas condições para que possamos dispôr de um exercito a valer na hora decisiva de uma contingencia grave. E d'essa contingencia não estamos de fórma alguma excluidos n'esta epocha tragica de catastrophes.

Foi este thema que nos serviu ha pouco para entrevistar um dos mais illustrados officiaes do nosso exercito. Ao sabor da palestra, aconteceu falar-se da proxima mobilisação de uma divisão portugueza: a chamada divisão de instrucção, que é como que um inicio de resurgimento militar em Portugal. E' claro que não perdemos tempo a examinar essa peregrina questão de saber se a preparação militar é ou não indispensavel. Toda a discussão sobre o assumpto é puramente bysantina. O que não ha duvida é que, para as nações, soou a hora das incertezas; que nenhuma d'ellas póde contar com segurança sobre o dia de ámanhã se não estiver preparada para qualquer eventualidade, por mais terrivel que seja.

—Ahi tem o exemplo da nossa visinha Hespanha, accentuou o meu interlocutor. Apesar de firmemente disposta a manter a sua neutralidade, cada vez activa mais intensamente a sua preparação militar. Repare nas numerosas commissões que ultimamente teem sido enviadas á America do Norte, com disponibilidades que sóbem a muitos milhões de pesetas, com a incumbencia de adquirirem vario material de guerra. Por outro lado, creio que não ignora que o systema de recrutamento em Hespanha é ainda o do sorteio, e que, até ha pouco, nem todos os recenseados chegavam, por motivo de economia, a ser incorporados no serviço activo. Pois bem: n'este momento, a Hespanha entendeu dever chamar todos os recenseados que ainda não possuam instrucção, e fêl-os ingressar nas fileiras, augmentando assim os seus effectivos de mais de um terço. Mas ha mais ainda. A exemplo do que se fez ha trez annos em França, e do que na Belgica se determinou poucos mezes antes de rebentar a guerra, a Hespanha acaba de mandar seleccionar os seus quadros de graduados, a fim de se reformarem os officiaes de qualquer patente considerados incompetentes ou inaptos.

—Foi uma depuração...

—... Indispensavel, quando se quer tomar estas coisas a serio. Adoptada entre nós uma medida semelhante, não se imagina que beneficos effeitos produziria. Basta pensar que, depois de seleccionados os quadros, qualquer mobilisação estaria decerto livre de muitos dos attrictos e obstaculos que agora a contrariam.

—Mas de que maneira se poderiam levar a effeito esses exercicios?—insisti.

—Não seria preciso determinar nada de novo, visto que, se me não engano, estão regulamentados em todas as armas. Os exercicios devem ser feitos, entre nós, sob a fórma de provas praticas. Quer um exemplo? Supponha que todos os officiaes superiores são chamados, por turnos, ás escolas praticas da respectiva arma, e ahi prestam as suas provas perante um jury competente. Como se faz em toda a parte, a base d'essas provas consiste em marchas. Para o caso especial de que estamos tratando, seriam marchas a cavallo, naturalmente com maior intensidade e extensão para a cavallaria do que para a artilharia, para a engenharia e para a infantaria. Póde crer que bastava essa insignificante prova para seleccionar bastante os quadros superiores. E o que se diz para uns diz-se para todos...

— Suppõe que seria bem acceita esta medida entre nós?

—Tenho a certeza d'isso. A grande maioria dos meus camaradas não deseja outra coisa. Apenas haveria a esperar más vontades da parte d'aquelles que houvessem de ser excluidos, mas esses... Ora tudo isto se poderia fazer antes do praso marcado para a projectada mobilisação e independente d'ella. Os exercicios da divisão de instrucção seriam assim como que a chave d'ouro da nossa preparação militar. Pena é que os trabalhos não podessem ter sido orientados de forma que a divisão ficasse mobilisada, o mais tardar, em março, sem n'ella se incorporarem os recrutas d'este anno...

—Porquê?

—Porque isso permittiria que ao fim de dois mezes de instrucção na divisão, todo o seu pessoal fosse licenceado e substituido por outro. Em junho e julho instruir-se-hia a segunda divisão, na qual, juntamente com outras classes, seria instruida a d'este anno. Ia-se mais depressa.

—E' pena...

E' pena.

—Mas que difficuldades evitaram isso?

—Creio que o maior obstaculo consistiu na enorme falta de graduados proveniente dos pequenissimos quadros estabelecidos na reorganisação do exercito.

—...que é portanto defeituosa...

—Pelo contrario: é na essencia, uma lei excellente, mas são tardios os seus fructos. Sobretudo, está longe de corresponder ás necessidades praticas do momento. Vae-me perguntar que remedio, em meu entender, se deveria dar a tamanho mal... E' simples. A meu ver o unico remedio consistiria em munir-se o ministro da guerra de uma auctorisação parlamentar que lhe permittisse alterar a lei, temporariamente, no limite das mais urgentes necessidades. Assim, desde já deveriam ser mandadas abrir as escolas de sargentos, especialistas e artifices. Tudo isto seria acompanhado da acquisição de material diverso, que supponho se está effectuando e tão indispensavel é. Mas deixe-me accrescentar que muito se pode já fazer com o pouco material que existe. O essencial é que á testa d'estas coisas se encontre um homem cheio de perseverança, de energia, de patriotismo e de boa vontade, como é sem duvida o actual ministro da guerra, a cuja intelligente iniciativa tanto se deve já. Creio que não são segredos a acquisição de solipedes no Cabo e na Argentina, as encommendas feitas no Porto, os «camions» vindos da America, os trabalhos intensos a que está procedendo o nosso estado maior. E' uma vontade de ferro que ha de, estou certo d'isso, levar a bom termo a nossa preparação militar.

HERMANO NEVES

Camara dos deputados

Discute-se novamente a questão dos direitos de encarte

A sessão abre com 66 deputados, estando presentes quasi todos os ministros. Approvada a acta, lê-se na meza um officio da Sociedade Estoril, participando que no proximo domingo deve effectuar-se no Estoril o lançamento da primeira pedra do primeiro grande edificio da empreza, assistindo a essa solemnidade o chefe do Estado. Por esse motivo, os srs. deputados são tambem convidados a tomar parte na festa. O presidente, apreciando o officio, exalta a iniciativa que a Soicedade Estoril representa e entende que a Camara deve aceder ao convite que lhe foi dirigido. O sr. ministro da instrucção manda para a meza um projecto de lei auctorisando a transferencia de certas verbas, no orçamento do seu ministerio, para pagar a professores das escolas industriaes. Aproveitando a occasião, o orador dá explicações ao sr. Gonçalves Brandão sobre a transferencia d'um professor do lyceu de Braga para Evora. O sr. Eduardo de Sousa, a quem é dada em seguida a palavra, pede varios documentos pelo ministerio da instrucção, relativos a despachos de professores e a processos de syndicancia, figurando entre esses documentos o inquerito aos actos do professor de Vilar do Paraizo, Braga. O sr. Cruz e Sousa pergunta porque motivo está commandando a guarda nacional republicana um official general reformado; porque motivo estão certas unidades do exercito commandadas por subalternos, quando ha disponiveis os officiaes competentes, e porque razão a guarda fiscal do Porto está tambem indevidamente commandada por um reformado. O mesmo deputado refere-se ainda a uma circular sobre licenças da junta a officiaes, ha dias publicada, a qual parece attentar contra os direitos dos interessados. O sr. ministro da guerra diz que não conhece bem o caso do commando da guarda republicana como não conhece o da guarda fiscal. Crê, porém, que está pendente do parlamento uma proposta de lei pela qual, pelo que diz respeito ao primeiro caso, o assumpto ficará inteiramente resolvido. No que se refere ás juntas de saude, crê que tem o direito de se cercar de todos os meios de informação que julgar necessarios para acautelar todos os direitos do Estado. A circular a que o sr. Cruz e Sousa se referiu só teve um fim: *concorrer para o prestigio do exercito.* O sr. ministro das finanças quanto a guarda fiscal, diz pouco mais ou menos a mesma coisa. Com uma differença—é que, n'este caso, a lei que ha de manter no seu logar o commandante da secção do Porto ainda não veiu ao parlamento. O sr. Cruz e Sousa volta a falar. Não comprehende que se pretenda explicar a permanencia d'um official n'um logar que não lhe pertence pelo facto de estar pendente do parlamento ou por se tencionar apresentar-lh'o, um projecto de lei que regulará o assumpto. Esses officiaes pódem ser competentissimos. Mas a lei não os deixa estar onde estão, havendo, tanto mais, dezenas e dezenas d'officiaes idoneos para os substituir. Accentua ainda o orador o facto do sr. ministro da guerra mal se ter referido á questão dos commandos das unidades diversas do exercito. O sr. ministro da guerra responde que ha realmente officiaes de patente inferior exercendo commandos de patente superior. Mas isso acontece em toda a parte, tendo, entretanto, por si, feito todos os esforços para pôr fim a taes situações, inteiramente transitorias. O sr. Jorge Nunes occupa-se da questão dos direitos de encarte, dizendo que quer saber se a lei será ou não alguma vez cumprida n'este paiz. E' certo que ha pouco ouviu defender a doutrina de que basta apresentar um projecto de lei no parlamento para que as disposições legaes a que elle se refira fiquem suspensas. O sr. ministro

das finanças publicou em dezembro um diploma legal, pelo qual foi derogada uma disposição de lei, votada pelo parlamento. Esse diploma, que manda cobrar os direitos de encarte ás corporações administrativas, resuscitou disposições já caducas. Disse o sr. ministro das finanças ha dias que os direitos de encarte são do Estado. Só elle os arrecadará. Com que direito? Com o da força e mais nenhum. Mas esse, com certeza não basta. O sr. ministro das finanças faz largas referencias ao assumpto citando um decreto que fez publicar em dezembro, á sombra da lei travão, pelo qual se determina que os direitos de encarte são do Estado, competindo apenas ao Estado rehavel-os. Póde ser que haja camaras que queiram reagir, contra a lei do Estado. Mas se assim fôr, resoluções serão tomadas que liquidem o caso e reduzam á obediencia quem fóra da ordem se collocar. Mais ainda: se forem precisas novas disposições legaes, pedil-as-ha ao parlamento e elle não lh'as negará. O sr. Jorge Nunes replica que o sr. Affonso Costa continua no proposito de desrespeitar a lei. Lamenta-o, porque o sr. Affonso Costa, que é professor de direito, não póde ignorar que um regulamento não revoga um diploma legal. O sr. ministro das finanças não respondeu nada. Disse apenas que os direitos de encarte eram para o Estado porque elle queria e mais nada. E em ultimo caso recorria para o palamento. Quanto ao regulamento da contribuição predial, se o chefe do governo lhe promette que o fará approvar, trará á camara a proposta necessaria para o reformar. O sr. ministro das finanças fazendo a apologia calorosa do seu amor á Republica, á Constituição e á lei, diz que não tem interesse nenhum em torcer a lei e affirma que essa mesma lei, pelo que se refere aos direitos de encarte, será integralmente cumprida.

O sr. Jorge Nunes:—Vamos para os tribunaes. Ainda ha juizes em Portugal!

O sr. Affonso Costa:—Os tribunaes eu lh'os darei.

O sr. Jorge Nunes:—Era por ahi que devia ter começado! Ficava-se, desde logo, sabendo tudo!

Ha ligeira balburdia, trocam-se azedos apartes e o incidente liquida-se quando dá a hora para se passar á ordem do dia.

O sr. Alvaro Pope realisa a sua annunciada interpelação ao sr. ministro da guerra sobre a reorganisação do exercito. Pede o orador que se cumpra o artigo 465 da referida reorganisação, que manda separar os quadros dos officiaes de artilharia montada e a pé, passando as promoções a effectuar-se por cada uma d'essas armas especialisadas. O sr. Alvaro Pope manda para a mesa uma moção, com a qual o sr. ministro da guerra, apoz rapidas considerações concorda. O sr. Cruz e Sousa entende que a separação era justa se os officiaes tivessem voluntariamente optado por uma ou outra arma. Assim não, e acha a separação uma violencia. Mas desde que as duas armas se separem entende que os quadros devem ser separados tambem. O sr. Moura Pinto entende que a moção Pope deve ser enviada á commissão de guerra, conjunctamente com todos os documentos que, sobre o assumpto haja na Camara. O sr. Alvaro Pope responde com longos commentarios e desenvolvidas apreciações tendentes a mostrar de sobejo que a questão está sufficientemente esclarecida, não havendo necessidade de se recorrer a commissões para sobre ella se formarem immediatas resoluções. Fala ainda o sr. Cruz e Sousa, sendo a moção approvada. A'manhã ha sessão.

NO SENADO

A questão das aguas e a epidemia dos typhos

O sr. Correia Barreto abre a sessão com 27 senadores presentes. A acta lida pelo sr. Lourenço Serro é approvada sem reparos, e o expediente, a que o sr. Paes de Almeida faz uma rapida leitura, vae, como de costume, ao seu destino, sem discussão.

Approvadas umas segundas leituras o sr. presidente nomeia os srs. Baeta Neves, Ramos e Simão José para introduzir na sala o novo senador por Moçambique sr. Antonio de Campos.

Antes da ordem o sr. Jeronymo de Mattos, faz um rasgado elogio ao fallecido conselheiro de Estado dr. Antonio de Azevedo Castello Branco que classifica de intelligencia vastissima e caracter impoluto. Como senador eleito pelo districto onde nasceu e morreu Azevedo Castello Branco associa-se ás extraordinarias e justas manifestações de sentimento que todo o districto prestou ao grande morto e manda para a mesa uma proposta para que na acta de hoje se lance um voto de sentimento pela morte do illustre extincto. Associam-se a esta manifestação de pesar os srs. dr. Pedro Martins, pelos evolucionistas; padre Silva Gonçalves, pelos catholicos; coronel Alberto Silveira, pelos unionistas; dr. Estevam de Vasconcellos, pelos democraticos; e dr. Almeida Ribeiro, pelo governo.

O sr. Silva Barreto lamentando que ha longos tempos se encontrem parados os varios processos disciplinares existentes nas secretarias do Estado, chama para o caso a attenção do sr. ministro do interior para que a lei de 22 de fevereiro se modifique e se cumpra de maneira a que taes abusos e prejuizos não continuem no actual regimen com a mesma normalidade do regimen extincto. Para um outro caso grave chama tambem a attenção do ministro: para o facto dos relatores d'esses processos darem os seus pareceres fundados nas conclusões dos relatorios que nem sempre estão em harmonia com as declarações das testemunhas.

O sr. dr. Almeida Ribeiro declara-se inteiramente de accordo com o exposto pelo sr. Barreto, não sabendo, porém, até que ponto a lei de 1913 tem as culpas que este senador lhe attribuiu.

Conviria por isso que o sr. Silva Barreto concretisasse melhor as suas apreciações a fim de se proceder como de justiça.

O sr. Silva Barreto responde que é facil saber-se quaes os processos parados ha longos mezes. Basta que o sr. ministro mande indagar o que ha a tal respeito nas respectivas secretarias; alvitre que o sr. Almeida Ribeiro promette seguir defendendo no entanto as culpas dos funccionarios visados com as suas extenuantes occupações. No entanto vae proceder e fará justiça.

Requerem depois varios documentos os srs. Teixeira Rebello, Antonio José Lourinho e Calça e Pina.

O sr. Sousa Junior trata da epidemia da febre tiphoide em Lisboa, cuja intensidade salienta chamando para o caso a attenção do governo. Essa epidemia tem a sua origem na má canalisação das aguas que abastecem a cidade que recebem por vezes refluxos das aguas do Tejo. E' preciso obrigar a Companhia das Aguas a um fornecimento que não prejudique como o actual a população citadina.

O sr. Almeida Ribeiro salienta tambem a importancia da epidemia. Assim começando por 3 a 6 casos por dia, passou na semana de 26 de novembro a 3 de dezembro a uma média de 10; depois de 4 a 11 de dezembro a 25 e na segunda semana do corrente ao maximo de 67. Esse aggravamento, porém, não só estacionou como tende a decrescer pois já no sabbado e domingo se deram 14 casos e hontem apenas 7. O assumpto, porém, é grave e o governo não só o não descurou como tem trabalhado activamente para o resolver, muito se tendo feito já n'esse sentido.

O sr. João de Menezes pede ao ministerio das colonias a relação dos postos militares estabelecidos pelo general Pereira d'Eça em Angola. E ao sr. ministro do interior pergunta se já ha alguns recursos, de funccionarios separados, apresentados ao governo.

O sr. ministro do interior responde affirmativamente.

O sr. Faustino da Fonseca sobre a questão das aguas é de opinião que o caso se municipalise visto que só assim elle se resolverá. O sr. Almeida Ribeiro faz votos porque a Camara Municipal oiça e attenda as palavras do orador.

O sr. Paes Gomes pede documentos pelo ministerio da justiça; e o sr. Vicente Ramos faz o mesmo pelos ministerios da instrucção e justiça. Tambem o sr. dr. Pedro Martins insta pelos documentos que pediu em tempos sobre o afastamento de funccionarios lamentando a demora havida na sua remessa.

O sr. ministro do interior justifica essa demora pelo volume dos processos, mas que os srs. senadores os podem ir consultar aos respectivos ministerios contra o que se revolta o sr. Pedro Martins que não pode admittir semelhante doutrina. Nem a pode admittir nem a acceita.

O sr. Almeida Ribeiro declara que o governo não teve a minima intenção de desrespeitar as regalias do Senado, mas é preciso que essas regalias não vão de maneira alguma prejudicar terceiros. Ora, desde que os processos estão sendo precisos para satisfazer legitimos recursos apresentados não podem, sem prejuizo d'esse recursos, serem enviados para outro fim. O sr. Pedro Martins não concorda. Esta declaração envolve uma censura ao Senado que elle orador repelle. Os recursos teem dias marcados para serem attendidos, e os senadores teem todo o direito de fiscalisação que o governo não pode preterir como quer o sr. ministro do interior que bem infeliz foi na defeza d'esses actos de pouco respeito pelo Senado. Respondendo ainda o sr. Almeida Ribeiro declara que palavra alguma proferia de menos apreço para o Senado ou para o sr. dr. Pedro Martins.

Sobre o assumpto trocam-se ainda explicações varias entre os oradores e o sr. ministro das colonias que envia depois para a mesa uma proposta nomeando governador geral de Angola o sr. coronel Pedro Francisco Massano de Amorim.

Ainda sobre separação de funccionarios o sr. João de Menezes requer pelo ministerio da guerra nota dos nomes de todos os officiaes denunciados á commissão bem como os nomes dos seus denunciantes.

Entra-se finalmente na ordem do dia auctorisando o ministerio da guerra a vender á Camara Municipal de Villa Real de Santo Antonio, o predio n.º 13 d'aquella villa, na rua Marquez de Pombal, que á esse ministerio pertence.

Sobre o projecto falam os srs. José Maria Pereira, Herculano Galhardo e Ortigão Peres, ficando o projecto sobre a meza.

Antes de se encerrar a sessão o sr. Jeronymo de Mattos envia para a mesa um projecto de lei protelando o praso para a inscripção dos professores de ensino particular da instrucção secundaria.

A proxima sessão é ámanhã á hora regimental.

Centro Leotte do Rego

A inauguração da sua séde

Realisa-se no proximo domingo a inauguração da séde d'este Centro, na rua das Trinas, 83 a 87, havendo sessão solemne ás 13 horas e descerramento dos retratos do seu patrono e do almirante Candido Reis.

Foram convidados a assistir os srs. presidente da Republica, dr. Affonso Costa, ministro da marinha, commandante da divisão naval, dr. Antonio Macieira, dr. Estevam de Vasconcellos, Helder Ribeiro, Agostinho Fortes e muitos outros vultos de destaque.

O salão nobre do Centro estará lindamente ornamentado com apetrechos gentilmente cedidos pelo arsenal da marinha sendo as decorações feitas por socios marinheiros e pessoal do Arsenal.

A's 21 horas haverá baile offerecido ás familias dos socios.

PEQUENAS NOTICIAS

No domingo, na séde da Associação do Registo Civil realisa-se a primeira das conferencias de vulgarisação anti-clerical, sendo conferente o sr. Augusto José Vieira, que fallará sobre o thema «O clericalismo e a Republica».

—Pede-nos o sr. Roque Fernandes Blanco Freire para que tornemos publico que d'esta data em deante deixa de fazer parte do Centro Escolar Republicano 27 de Abril.

—A' enfermaria 8 do hospital de S. José recolheu Joaquim Martins, morador em Lonza de Cima, que foi attingido por uma pedra na cabeça, ficando muito ferido, e á n.º 11 Maria Pereira da Conceição, que no Campo de Sant'Anna cahiu, fracturando a perna direita.

—No banco do hospital recebeu curativo Antonio Francisco, morador em Arruda dos Vinhos, que cahiu d'uma carroça, fracturando o braço direito.

—Albertina de Albuquerque, moradora na rua do Sol, ao Rato, 76, loja, queixou-se de que os gatunos lhe furtaram da sua residencia uma bolsa de prata, um annel de ouro, um cordão, duas libras e outros objectos, tudo no valor de 62 escudos.

SPORT

Marcel Prevost e os exercicios physicos

A mentalidade na Escola dos Sports

O que disse o famoso romancista francez n'uma conferencia «olympica»

Os grandes intellectuaes não desprezam os beneficios dos exercicios gymnasticos. Dão-lhe mesmo uma certa preferencia, porque se consideram mais vivos de intelligencia e mais promptos de raciocinio, quando executam os seus trabalhos, não intensivos mas moderados d'uma boa gymnastica. Jean Jacques Rousseau escrevia depois de fazer passeios pedestres. Os litteratos de hoje, os musicos, os poetas e os mestres da sciencia já confessam a necessidade dos exercicios athleticos.

Nós já publicámos a opinião de alguns d'esses homens de poderosa mentalidade, sobre estes problemas de primacial importancia, e seguiremos com a serie, convencidos de que além de curiosas, essas opiniões são d'extremo valor para a propaganda.

Cabe hoje a vez a Marcel Prevost, que é uma das maiores glorias litterarias da França de hoje, um desertor da Escola Polytechnica para o campo das lettras.

Marcel Prevost, inclinado ao estudo dos mais perturbadores problemas da psychologia da nossa epocha, consagrou aos «sports» grande parte d'esses estudos. E conseguiu-o como um grande mestre e com um fino e escrupuloso espirito scientifico.

Foi elle o encarregado de proferir o discurso de abertura no Congresso Olympico de ha dez annos e esse discurso subordinou-o ao thema sugestivo e palpitante da «Mentalidade na Escola dos Sports». E d'elle são as seguintes passagens que n'este momento mais directamente nos interessam:

«... o «sport» é uma maravilhosa escola de sinceridade e de modestia».

E Marcel Prevost documenta porque assim o affirma. Mais adeante:

«... Os «sports» ensinam o que se deve aprender e o que é saber. E' que todos julgam que saber é possuir. Não é. Saber, não é ter um livro ao alcance de todos e utilisar a sciencia á medida das necessidades. Imaginem um automobilista, tendo nas mãos um «volante» e possuindo apenas como conhecimentos o que diz um manual de «chauffeur!..»

O extraordinario romancista alonga-se depois, n'esse discurso primoroso, em varias considerações psicologicas e pedagogicas e nos seus argumentos emprega a seguinte phrase: «... os exercicios de gymnastica e do stadium tem um principio de emulação, uma virtude de energia que faltam, muitas vezes, no labor intellectual, tanto no collegio, como na vida».

Na parte final d'esse «discurso-conferencia» ha as seguintes e calorosas palavras: «.. os «sports» ensinam-nos ainda outra coisa, qualquer coisa de particularmente interessante para a saude moral e felicidade da humanidade. Ensinam-nos a ter esperança ou, pelo menos, perservam-nos do desanimo, doença contagiosa das velhas civilisações São uma escola de optimismo mas de optimismo pratico, scientifico, moralisador, que procláma a vida utilisavel, sempre para o bem e para a felicidade».

Notas do dia

O desafio de domingo proximo

O campo do Stadium do Lumiar é vastissimo mas no proximo domingo vae ser apropriado para receber milhares de pessoas, desejosas de presenciar o mais notavel desafio de «foot-ball» que ha annos se annuncia.

Batem-se os dois primeiros grupos do Sporting Club de Portugal e do Sport Lisboa e Bemfica, que são dois adversarios antigos mas que, este anno, trazem comsigo, a curiosidade para os espectadores e a incerteza para elles, da victoria que para o Bemfica seria a reconquista d'um titulo e para o Sporting a garantia d'esse titulo.

O «match», como já temos annunciado, realisa-se no campo do Stadium.

O campeonato de lucta no Porto

As noticias chegadas hoje do Porto dão um resultado interessante. O negro Frank Crozier venceu o professor luctador Rosset em que todos viam o futuro competidor de Petersen na «final», porque em varios torneios já realisados até agora, Rosset esteve sempre ao lado do famoso dinamarquez. E sendo assim tudo indica que o negro se approximará do titulo. E' possivel que muitos o considerem adversario perigoso para Petersen, nós, porém, continuamos a ver n'este o vencedor incontestado do campeonato portuense. Veremos pois...

Algumas anecdotas

Parece impossivel que fizesse isso

Discutiam alguns jogadores de «foot-ball», o que tinha decidido um arbitro de nome Arthur dos Santos, e um d'elles dizia:

—«Parece impossivel que elle fizesse isso! Um homem que dizem tão conhecedor do «sport» e que é um mestre no Gymnasio...

—«O homem não é esse. Este é o Arthur dos Santos do jogo da bola. O que tu dizes é o Arthur dos Santos do jogo do pau.

—«Ah! agora percebo porque o primeiro dá tanta «paulitada» no jogo...».

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Concurso de educação phisica

Bastantes adhesões tem recebido o Gymnasio Club Portuguez a este Congresso comprehendendo assim todos os beneficios que advirão de tão util certamen, conta-se entre as ultimas, a Academia das Sciencias de Portugal, que se faz representar pelos drs. Tovar de Lemos, Manuel Ferreira Ribeiro e Manuel de Vasconcellos; Liga Nacional de Instrucção, senador Estevão de Vasconcellos, Francisco d'Almeida Moreira, professor de gymnastica, Antonio Martins, professor; Sporting Club de Portugal, Maria de Lima Gaspar, professora primaria; Grupo Patria, João de Deus Ramos; Associação dos Aduelros de Portugal; Gremio Elias Garcia, Furtado Coelho, professor de gymnastica, Judith Furtado Coelho, professora de gymnastica, Carlos de Noronha, professor, Herminia Camara, professora de gymnastica, Domingos Coelho Ribeiro, professor, Sport Lisboa e Lagos, Atheneu Commercial do Porto, D. José de Noronha, Desiderio Beca, official do exercito, Escola Academica, Antonio Teixeira de Queiroz, medico, Antonio Pereira Nunes, official de marinha, Francisco Trancoso, deputado, Sociedade de Estudos Pedagogicos, camaras municipaes de Alemquer, Espinho, Thomar, Chamusca, Barreiro, Oeiras, Ourem, Gondomar, etc.

Distribuição de premios na Sociedade de Geographia de Lisboa

Em complemento á ultima noticia que publicámos a respeito da importante festa que o Club Naval promove ainda este mez na «Sala Portugal» da benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, temos a accrescentar que o sr. presidente da Republica não só assiste mas a ella preside em attenção á altruista obra d'esta prestimosa collectividade.

Esta distincção se nobilita quem a dá não enaltece menos quem a recebe que n'isto póde e deve vêr uma recompensa ao seu trabalho desinteressado.

E' consolador vêr da parte dos altos poderes a attenção que estão dispensando ao «sport», como sendo elle um dos mais energicos factores que mais ha de contribuir para o robustecimento physico da nossa raça.

São estas razões, mais do que poderosas para podermos affiançar, desde já, a imponencia e o brilhantismo que revestirá esta festa.

Gymnasio Club Portuguez

Para apresentação da classe infantil de gymnastica sueca realisa este club no proximo mez de fevereiro uma interessante festa, que será precedida por uma sessão solemne para a qual serão convidadas diversas individualidades que á causa da educação physica se teem dedicado, ministro da instrucção, camara municipal, magisterio primario e secundario, lyceus, professores de escolas officiaes, etc. A' sessão solemne seguir-se-ha a apresentação da classe infantil de gymnastica, pelo seu professor sr. Arthur dos Santos, que proficientemente a dirige.

Associação de Foot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes).—Reune hoje a direcção ás 21 horas. Faltaram á ultima reunião quinzenos representantes dos seguintes clubs:

S. F. Palmense, S. G. Sacavenense e Atheneu Commercial de Lisboa.

Os desafios para o proximo domingo são: 1.ª cathegoria, Sporting contra Bemfica, no Stadium, ás 15 horas, juiz o sr. Luciano Simões, fiscaes de linha os srs. W. Sissener e Arthur Santos; 2.ª cathegoria: Sporting contra Bemfica, no Stadium, ás 13 horas, juiz o sr. Arthur Santos; Imperio contra Lisboa F. C., em Palhavã, ás 12 horas, juiz o sr. Pedro Paganini; 3.ª cathegoria, Victoria contra Bemfica, no Stadium, ás 11 horas; juiz o sr. Augusto Ferreira; Lisboa F. C. contra Sporting, no C. Grande, ás 11 horas, juiz o sr. Domingos Pinto; 4.ª cathegoria, Palmense contra Lisboa F. C., em Bemfica, ás 12 horas, juiz o sr. Rodrigo da Costa Junior.

A inscripção para o campeonato escolar continua aberta encerrando-se no proximo dia 15.

Nos «Desportos de Bemfica»

A direcção d'este club sportivo tem já quasi ultimado o seu programma geral de festas e torneios para a epocha que entra. Dispondo de optimas installações, os «Desportos» teem todas as facilidades em levar a effeito o que se propõe, porque teem campos para tiro, para «foot-ball», para «tennis», para patinagem, para esgrima, para sports athleticos, para grandes festas de gymnastica, para «criquet» etc.

Uma reunião hyppica

A reunião hyppica que no proximo sabbado 15 se realisa no magnifico Hypodromo de Palhavã onde a Sociedade Hyppica Portugueza tem conseguido levar a effeito as festas mais elegantes do nosso meio promette revestir, como todas as suas antecessoras, um cunho de reunião da «elite».

O programa compôr-se-ha de trez provas, todas mais ou menos faceis e proprias para trabalhar os cavallos e treiná-los para estes torneios.

A 1.ª tem sete obstaculos que são: sebe, barra a 1 m., banquetas, ria entre varas a 0,80, valados de varas a 0,80, entrada de parque a 1 m., muro a 0,90.

A 2.ª, já mais difficil, tem dez obstaculos: sebe, valado (com a vara a 1 m.) cancella a 1 m. entrada do parque a 1,10 m. com «taquet», muro a 1,10 m., ria entre varas, banquetas, barra a 1 m., sebe, muro em crista.

Para a prova de Amazonas serão destinados obstaculos os muito faceis, mas em todo o caso de importancia.

O pedido de bilhetes na séde da Sociedade tem sido avultado, fazendo tudo prever que será uma tarde deliciosamente passada.

Tiros aos pombos

No proximo domingo disputa-se uma nova sessão da tiro aos pombos de cujo programma fará parte a poule regulamentar que todos os domingos é renhidamente disputada.

Os resultados da ultima sessão, que já publicámos mostram os progressos que alguns atiradores estão tendo, muito principalmente o sr. José Martinho Alves do Rio que esteve com o seu tiro muito seguro e Antonio Brandão de Mello que vae readquirindo a sua forma inigualavel.

Uma festa elegante

Nos salões do palacio Palmella, ao Calhariz, vae realisar-se uma festa elegante. Os socios da Associação Naval de Lisboa reconhecendo o incançavel trabalho e dedicação do seu director, sr. Alvaro Gaia, Lembraram-se de lhe dedicar esta festa na sua séde. Realisa-se na noite do proximo sabbado, 15 do corrente.

Constará da inauguração do retrato d'aquelle senhor, dirtribuição dos premios das regatas ganhos no anno de 1915 por esta velha associação nautica, alguns numeros de musica e de canto seguindo-se depois baile para o qual está contractado um magnifico quartetto.

Pela commissão organisadora teem sido distribuidos muitos bilhetes o que faz prever uma escolhida assistencia. Os socios poderão fazer-se acompanhar por senhoras de sua familia devendo apresentar a quota do mez de dezembro.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Commissão parochial republicana dos Olivaes

A commissão parochial republicana dos Olivaes convida todos os cidadãos da freguezia que queiram inscrever-se no recenseamento eleitoral e que estejam ao abrigo da respectiva lei, a dirigirem-se aos seguintes locaes:

Em Marvilla, mercearia José Augusto de Aguiar e pharmacia Peixoto, na rua Valformoso de Baixo; grupo republicano Luz e Progresso, lettras M C, 1.º; barbearia Costa, esquina da rua do Telhal e mercearia Antonio Mendes Barata Bruno.

No grupo republicano Luz e Progresso, attendem-se todos os cidadãos que ao mesmo se dirijam para se recensearem das 21 ás 23 horas.

Esta commissão, em sua sessão effectuada ha dias, resolveu, além de assumptos de interesse partidario, subscrever com a quantia de cinco escudos para o monumento do inolvidavel republicano França Borges.

ULTIMA HORA

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 13.—Communicação official.—Entre o Somme e o Avre o inimigo tentou durante a noite um golpe de mão sobre um dos nossos pequenos postos, mas esse golpe malogrou-se completamente.

Na Champagne dois ataques á granada, dirigidos contra as nossas posições, um a nordeste do massiço de Mesnil e outro na direcção de Maisons de Champagne, foram immediatamente detidos pelos nossos tiros de enfiada. Novas informações sobre o ataque com emissão de gazes, tentado hontem pelos allemães no sector de Forges, dizem que durante esta operação um golpe de vento desviou uma porção de gazes sobre as trincheiras inimigas. O nosso bombardeamento sobre as linhas adversas foi muito violento.—*(Havas)*.

Inglezes e turcos na Mesopotamia

LONDRES, 12.—Operações na Mesopotamia:—A marcha para a frente, do general Aylmer, que partiu da base de operações para se juntar ao general Townshend em Kut-el-Amara, encontrou uma pertinaz resistencia nos dias 7 e 8 do corrento em Sheick Saad a 25 milhas de Kut. Os turcos foram descobertos em força consideravel n'uma posição que atravessava o rio Tigre. A infantaria britannica entrincheirou-se e, na manhã seguinte, a nossa cavallaria penetrou nas trincheiras pelo flanco direito dos turcos onde destruiram um batalhão completo. No recontro foram presos 550 soldados, 16 officiaes e tomadas duas peças de artilharia. O nevoeiro e uma illusão d'optica atmospherica, tornaram as trincheiras turcas invisiveis e assim lhes foi facil reter a nossa infantaria, ao passo que a cavallaria turca tentava envolver o nosso flanco. Todavia esse movimento foi aniquillado pelo nosso fogo, e por consequencia demonstrada a inepcia dos cavalleiros turcos. A infantaria turca abandonou então as suas posições precipitadamente em ambas as margens do rio. O inimigo tem sido visto desde então em uma posição a seis milhas a leste de Kut, para onde fugiu, vindo do campo de batalha de Sheikh Saad.—*(Havas)*.

Povoações assoladas por uma epidemia

Urge que se tomem immediatas providencias

VILLA NOVA DE FOZCOA, 12.—Ha já dois annos que de diversas freguezias do alto concelho se propagaram á séde d'esta villa umas febres que teem victimado grande numero de pessoas, principalmente das classes menos abastadas, que os medicos locaes diagnosticam de paratiphoides e cujo incremento é cada vez maior e mais aterrador, devido a até agora não se haverem tomado nem adoptado providencias profilaticas que tão terrivel epidemia está impondo. De casa onde entre essa doença todos os seus habitantes são atacados, e rara é a habitação onde não deixa luctuosamente assignalada a sua passagem devastadora. Nos populosos e pobres bairros de Castello e Fraga é onde mais victimas essas febres teem feito, devido á miseria e á falta de tratamento condigno. Muitas creaturas teem succumbido abandonadas absolutamente de todos os recursos da medicina e da humanidade. Para cumulo do tanto desleixo e desinteresse até a limpeza de Fozcoa nunca foi tão descurada como n'este momento tão critico e perigoso. Debalde a imprensa local vem de ha tempos a esta parte clamando insistentemente contra tão criminoso estado de coisas.

Aos srs. ministro do interior, deputado do circulo, governador civil, delegado de saude do districto da Guarda, e finalmente aos chefes de serviços de saude, vimos por este meio pedir se dignem intervir em tão momentoso caso. A benemerita corporação da Cruz Vermelha muitos e relevantes serviços poderia aqui prestar n'esta conjunctura de tão justificado panico.

Vida militar

CAXIAS, 13.—Nas unidades do campo entrincheirado de Lisboa começou hontem a incorporarão dos novos recrutas, que se apresentam todos elles satisfeitos por bem servirem a Patria e envergarem a farda que os honra, ao contrario do que succedia em tempos idos, em que era manifesto o horror que tinham ao serviço militar. Os que se não apresentem até ao dia 15 são considerados rafractarios.

NOTAS DIVERSAS

Na audiencia ao corpo diplomatico, no ministerio dos negocios estrangeiros, estiveram os srs. ministros de França e da Venezuela e os encarregados de negocios da America e Noruega.

—O submersivel *Espadarte* andou hoje fazendo exercicios de immersão fóra da barra.

—A *Ordem do Exercito*, hoje distribuida, insere o regulamento da Escola de Aviação.

No Salão Foz

A matinée-concerto de hoje

Com uma assistencia mais do que grande, visto que não chegaram os logares da sala para contel-a, realisou-se hoje a matinée-concerto no Salão Foz, revestindo uma desusada elegancia e muito brilhantismo.

Foi o *clou* do espectaculo a apresentação de mademoiselle Paulette Garot, que se apresentou hoje pela primeira vez ao publico, tendo-lhe o mestre Thomaz de Lima, primeiro violino do sextetto, cedido gentilmente o seu logar.

O programma, além das excellentes variedades que fazem actualmente parte do elenco do Salão, continha a audição do *Tanhauser*, de Wagner, *Danças Hungaras*, de Brahms, o arioso do *Palhaços*, canções portuguezas, cantadas pelo barytono Antonio Peixoto, e *Arias Bohemias*, do Sarazate, em que a illustre violinista mademoiselle Paulette Garot se fez applaudir ruidosamente.

Milá não poude tocar porque a afinação do piano da sala não o permittiu.

Noticias parlamentares

Outra vez os direitos de encarte, cobrados pelos corpos administrativos. O sr. Jorge Nunes falou alto e claro. O pendão do municipalismo, que o dr. Jacintho Nunes arrumou no dia em que veiu ao parlamento pela ultima vez, ergue-o hoje seu filho, para o fazer tremular nervosamente acima da indifferença legislativa. E' claro que não ganhou nada com isso. Mercê de varias combinações de artigos de lei, enfiados uns nos outros com arte consummada, O sr. ministro das finanças tornou a affirmar que os direitos eram do Estado e que só elle pode recebel-os. E' o dogmatismo a falar claro e a impor o seu poder sem limites. Só teem que louvar-se por isso as camaras municipaes. Ao menos, ficam sabendo em que lei vivem...

* * *

Averiguou-se hoje uma coisa grave na Camara dos Deputados. E foi ella a de que, basta apresentar em S. Bento um projecto de lei que se refira a disposições legaes em vigor, para que essas mesmas disposições deixem de cumprir-se, ficando n'uma especie de banho-maria, á espera que as revoguem. Eis a razão porque o sr. general Carvalhal, apezar de reformado, continua, contra lei, commandando a guarda nacional republicana. Toda a gente suppunha que a illegalidade tinha outras origens. Puro engano. Era aquelle e só aquelle. E assim, o referido official pode immobilisar-se, engaguecer, ensurdecer, entrevar-se, perder todos os sentidos, porque nem por isso sahirá do seu posto. Afinal, para que o reformaram, se elle tão valido está ainda para logar de tanta monta?!

* * *

—«Os tribunaes eu lh'os darei!»—Foi esta a profunda, a energica, a tremenda affirmação com que o sr. ministro das finanças fechou hoje as considerações com que replicou ao sr. Jorge Nunes. Dir-se-ha que essa phrase é excessiva. Sim, sim, talvez. Mas excessivo é tudo em Portugal, sem excluir o sr. Pires de Campos, que na arte de pharmacia ganhou, de ha muito, as suas esporas d'ouro. Depois, pode bem ser que as camaras municipaes queiram reagir contra a sangria que os seus cofres vão soffrer. Como mettel-as na ordem? Com a lei. E quem applica a lei? Os tribunaes. Logo, o sr. ministro das finanças não tem outro remedio senão relaxar ao poder competente os municipios que recalcitrarem. Quer dizer: aquella sua phrase que tanta celeuma levantou, não é uma ameaça, nem sequer uma prevenção. Representa apenas uma maravilhosa sinthese do que o Estado conta fazer. Mais nada.

* * *

Sabem os senhores que o illustre senador Faustino da Fonseca foi em tempos, por portas travessas que lhe permittiram conservar a sua poltrona em S. Bento, encarregado de escrever a historia das descobertas e das conquistas, á razão de 600 escudos por anno. Toda a gente suppoz que o assassino da pobre Ignez acceitaria e mais nada. Era a derradeira esperança que alimentavam os ingenuos. Mas não. O sr. Faustino da Fonseca metteu-se em brios e tem já prompto o primeiro volume da sua immortal obra. E assim mesmo. Mais depressa ninguem pode investigar. Consta, porém, que os navegadores e os conquistadores que foram ás Indias, ás Africas e aos Brazis, se preparam para, em cortejo, irem a S. Bento pedir ao eminente historiador que os deixe em paz. Fazem mal e perdem o seu tempo. E' que para dar cabo d'homem illustre não ha quem leve as lampas ao auctor consagrado de tanta obra prima que nós não conhecemos...

* * *

O sr. Vieira da Rocha sobe. E' sina dos homens pequeninos de corpo e grandes d'alma. Hoje, lá esteve elle, na tribuna presidencial, fazendo as vezes de primeiro secretario. Não foi nada brilhante n'essas suas provisorios funcções, o novel deputado, que entrou na Camara rufando forte, como «um tambor entre a metralha», e suava forte, a sua voz cava de baixo mais que profundo. E é pena, porque se mais alto fizesse as suas leituras, se nos tivesse dito outra vez que era lonie, as gentes embasbacadas não deixariam, decerto, de o distinguir, para o anno com os seus suffragios para o elevado cargo que o teve como titular transitorio. E era justo, porque melhor voz, para ler um projecto, ninguem, na Camara, a possue...

Bartholomeu Constantino

Manifestações de pezar—A soldagem do caixão

Durante o dia foi grande a romaria á séde da Federação da Construcção Civil, na rua da Barroca, desfilando perante o caixão que encerra os restos do devotado propagandista Bartholomeu Constantino. O caixão está deposto sobre uma eça, vendo-se ao topo da grande sala um pequeno tropheu de bandeiras de varias collectividade. Por baixo a corôa da familia e muitos ramos de flores naturaes offerecidos por amigos do extincto.

Grupos de operarios organisaram durante o dia turnos de duas em duas horas. Cerca das 15 e depois das formalidades do estylo procedeu-se á soldagem do caixão, assistindo ao acto toda a familia de Bartholomeu Constantino e as pessoas que estavam velando o cadaver.

Pouco depois chegou á séde da Federação o sr. Americo da Camara Leme, secretario particular do sr. presidente da Republica, que ali foi apresentar os sentimentos em nome dos srs. dr. Bernardino Machado e dr. Affonso Costa.

O sr. Camara Leme, desempenhada a sua missão junto da viuva, esteve inquirindo das circumstancias em que ella ficou, declarando que brevemente a procuraria. As palavras do sr. Camara Leme foram escutadas no meio do maior silencio, sendo elle acompanhado até ao automovel por todos os presentes.

Durante o dia foram recebidos telegrammas de Santos Costa em nome dos anarchistas de Coimbra e de Seraphim Lucena, do Porto. Entre as muitas associações que ali estiveram deixando os seus cartões tomámos nota dos seguintes:

União Anarchista Communista do Porto, Grupos Libertarios da Moita do Porto, Grupo Emancipação Humana de Sacavem, Associação de Classe dos Operarios da Companhia das Aguas, Nucleo Juventude Syndicalista do Alto do Pina, Associação de Classe dos Entalhadores, do Pessoal dos Hospitaes Civis, dos Calafates, Grupo Libertario Rebellião de Evora, União das Mulheres Anarchistas Portuguezas, Cabouqueiros e fabricantes de Cal, etc.

O caixão fica depositado no jazigo do sr. Manuel Maria Vaz dos Santos, operario servente de pedreiro, realisando-se o funeral no proximo domingo, ás 14 horas

NOTA POLITICA

A separação da arma de artilharia

Uma interpellação realisada hoje na Camara

O sr. Alvaro Pope n'uma interpellação ao sr. ministro da guerra, levantou hoje na Camara uma questão da mais alta justiça. Tratando-se d'um assumpto de caracter militar, o seu aspecto technico podia interessar mediocremente aos leigos na materia; mas o sr. Alvaro Pope, falando com calor, com sinceridade e com clareza, conseguiu interessar nas suas considerações toda a Camara.

Pela reorganisação do exercito de maio de 1911, a arma da artilharia foi dividida em dois quadros: artilharia a pé e artilharia de campanha, devendo effectuar-se separadamente as promoções em cada um dos quadros. Succede que, effectuada a primeira parte d'essa disposição legal, não se cumpriu a segunda, continuando a escala das promoções a ser regulada pelo quadro geral da arma de artilharia. A flagrante injustiça que d'esse facto resulta salta com evidencia ao espirito de todos sabendo-se que só os officiaes da artilharia de campanha estão sujeitos ao serviço do ultramar, além das suas obrigações, mesmo na metropole, serem muito mais violentas que as dos seus camaradas de artilharia a pé. A situação tem sido esta: para os riscos das expedições coloniaes, em que se corre o perigo de morrer de uma bala ou de arruinar a saude com o impaludismo só existem no quadro de artilharia os officiaes de campanha; para as vantagens das promoções confundem-se esses officiaes com os seus camaradas de artilharia a pé. Evidentemente, não é preciso possuir-se uma solida preparação de conhecimentos militares para se reconhecer quanto é injusta essa desegualdade de situações.

O sr. Alvaro Pope citou um facto que devia impressionar a Camara. Foi o que aconteceu com o major Affonso Pala.

Esse official, na arma de artilharia, era o numero 3 para o serviço do ultramar; mas, como estava no quadro de artilharia de campanha e os outros 2 officiaes mais modernos pertenciam ao quadro de artilharia a pé, foi o major Pala escalado para marchar para Angola. Ferido em combate, onde se portou briosamente, morria pouco depois. Pois bem: o official que devia ter seguido em seu logar, se não houvesse a separação de quadros, foi o primeiro a ser favorecido com a sua morte, visto que as promoções continuavam a effectuar-se pelo quadro geral e tinha desapparecido um official mais antigo a dar entrada no posto immediato.

Objectou o sr. deputado Cruz e Sousa que a separação dos quadros não tinha sido feita por opção voluntaria de todos os officiaes. Mas a verdade é que, desde que ella se effectuou por virtude d'uma lei da Republica — e dizendo-se isto, comprehende-se que ella «tinha de se effectuar»—era necessario que aos deveres dos officiaes escolhidos para cada um dos quadros correspondessem certos direitos, estabelecidos com equidade perante os respectivos deveres.

Por isso mesmo as palavras do sr. Alvaro Pope deviam ter calado no espirito da Camara, visto que ellas simplesmente tendiam a resolver com justiça um caso que carecia de solução.

O "Funchal"

FAIAL, 12.—Chegou o vapor «Funchal» ás 12 horas.—(Havas).

Circos & Music-halls

Como estava annunciado effectuou-se hoje no amplo salão Lisboa, á Guia, junto ao Arco do Marquez d'Alegrete, a «matinée» que a empreza dedicou a toda a imprensa da capital, enviando 30 bilhetes a cada jornal, os quaes foram distribuidos pelas creanças pobres protegidas pela mesma imprensa.

Era agradavel o bulicio que se notava do salão. Entre as creanças reinava a maior alegria. Chilreada ensurdecedora; argentinas gargalhadas e contentamento tão grande que até applaudiram Mox e Prince, os heroes da festa!

Umas horas bem passadas.

Navios francezes no Tejo

Entraram hoje a barra um caça-torpedeiro francez e trez caça-minas da mesma nacionalidade, o «Wiemereux», «Slack» e «Jupiter», que veem metter carvão.

O commandante da flotilha, sr. Sohmilhac, foi apresentar os seus cumprimentos ao sr. ministro da marinha e demais auctoridades.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 7/8	33 3/4
Londres, 90 d/v	34 3/8	—
Paris, cheque	$76,2	$76,6
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$66	$67
Madrid, cheque	1$41	1$42
Suissa, cheque	$86	$87
Italia, cheque	$66,5	$68,5
New York	1$49	1$50
Rios/Londres	11 3/4	—
Libras	7$05	7$10
Agio do ouro	53 %	58 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,20	39,10
» » 500$	39,20	39,25
» » 100$	40,10 c/j	39,40

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$50. 4 0/0 1888, 23$15; 4 0/0 1890, assent. 50$50 e coup. 51$.

Externas: 1.ª serie 75$30 e 3.ª 77$.

Acções: Banco Commercial 162; Ultramarino, assent. 125$30 e coup. 125$50; Assucar 55$20; Cazengo 1$40; Moçambique 3$10; Phosphoros, coup. 56$; Tabacos, coup. 82$30.

Obrigações: Aguas, assent. 61$90 e coup. 82$50; Ambacas 94$; Norte e Leste, 2.º grau, 35$60; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 77, Assucar 41$50.

INDUSTRIAS QUE PROGRIDEM

Do phosphoro primitivo ao "contra o vento e a chuva"

E'tapes que honram a industria nacional e a Companhia Portugueza de Phosphoros

Ha annos, muitos annos já, de vinte e cinco a trinta pelo menos, não havia quasi rapaz que não tivesse o seu album em que colleccionasse as pequenas figuras que ornavam as caixas de phosphoros estrangeiras, principalmente as italianas, que então invadiam o nosso mercado. E os fabricantes estrangeiros sabiam explorar bem esse gosto dos colleccionadores, apresentando figuras coloridas e reproduzindo retratos dos soberanos das diversas nações da Europa ou photographias de monumentos, todas numeradas, a fim de se venderem mais, pois que, desde que faltasse um numero, como facilmente se comprehende, a collecção perdia muito do seu valor, por estar incompleta.

A industria nacional portugueza não podia n'essa epocha competir com a sua concorrente estrangeira e por isso iam para fóra do paiz algumas dezenas de contos de réis, o que representava um duplo prejuizo: ouro que sahia e menos trabalho para o operario nacional.

A industria estava n'esse tempo fraccionada por fabricas que luctavam com falta de capital, sem o qual não podiam desenvolver-se, como urgia fazer-se, a fim de não deixarem açambarcar o mercado e ficar privado o Estado de uma fonte importante de receita.

Constituiu-se a Companhia Portugueza de Phosphoros, á qual foi dado o exclusivo. A esse tempo tinhamos apenas o phosphoro primitivo, o de enxofre, e o de cera commum em caixas de 10 réis. O primeiro tinha muitos inconvenientes, tanto para o consumidor, como para o operario que o manipulava. De facil combustão ao ar livre, por mais d'uma vez se attribuiu a essa facilidade a causa de incendios que se manifestavam sem se saber como. E tanto assim era que, principalmente na provincia, nas villas e aldeias, as donas de casa tinham panellas ou pucaros de barro nas prateleiras das cozinhas, destinadas exclusivamente a guardarem esses phosphoros, para evitar incendios.

Quanto ao operario que n'elle trabalhava estava exposto a um grande perigo: a necrose phosphorada, doença terrivel, que chegava a fazer cahir aos pedaços as mãos dos que manipulavam esse phosphoro.

Urgia dar remedio a esse mal.

* * *

Formou-se a Companhia. Tinha capital para desenvolver a sua industria e os seus corpos gerentes, animados da melhor boa vontade, entenderam—e muito bem—que n'aquelle ramo, como de resto em tudo, parar é morrer e que o cliente deve ser attrahido, apresentando-lhe um producto bom na qualidade e agradavel á vista.

E' regra estabelecida no commercio de hoje que da apresentação do producto depende o seu maior consumo e essa regra tem toda a razão de ser. Por melhor que o producto seja, se não souberem apresental-o, se a sua apparencia não agradar, difficilmente poderá ser collocado.

A Companhia Portugueza de Phosphoros metteu resolutamente hombros á empreza: tratar de melhorar os seus productos, attrahindo o consumidor e batendo os concorrentes estrangeiros. E a primeira marca a ser lançada no mercado foi a de phosphoros amorphos, tambem de madeira como os de enxofre, mas já com aspecto muito differente, muito mais agradavel ao olphato e á vista e sem os inconvenientes d'estes, pois se não incendiavam espontaneamente e a sua manipulação não era tão perigosa para o operario que n'elles trabalhava.

Era um progresso que o publico recebeu com applauso e que o levou a pôr de parte quasi por completo o phosphoro primitivo.

A Companhia não descançou, porém, entendendo que devia continuar a melhorar os seus productos, lançando no mercado novas marcas, dia a dia aperfeiçoadas, quer na qualidade, quer na apparencia.

E apparece-nos pouco depois o denominado «phosphoro de luxo», de excellente qualidade, em caixas que rivalisam com as estrangeiras, trazendo nas tampas magnificas figuras, reproduzindo, umas, photographias de personagens conhecidas, outras quadros celebres, e dando-nos muitas—a maioria quasi—trechos de paizagens portuguezas, de monumentos portuguezes, vistas da nossa terra, da nossa linda terra, que tantas bellezas encerra, desconhecidas mesmo de muitos dos nossos nacionaes.

D'esse modo, a Companhia presta um serviço apreciavel a nacionaes e estrangeiros, tornando conhecidos muitos aspéctos da paizagem portugueza, que d'outro modo continuariam a ser ignorados.

Póde no estrangeiro haver mais variedade de phosphoros e de envolucros, mas o que não ha com certeza é melhor.

* * *

A Companhia Portugueza de Phosphoros podia limitar-se a ficar por ahi. Mas os seus corpos gerentes entendem que o seu lemma deve ser sempre o de progredir, honrando a industria nacional e honrando a Companhia.

E a nova marca que acaba de ser lançada no mercado vem confirmar plenamente a nossa asserção. Denomina-se essa marca «Phosphoros contra o vento», mas são-no tambem contra a chuva, pois nem esta nem aquelle são capazes de os apagar

Fabricados expressamente para que o consumidor tenha a certeza de que no momento em que precise de luz ou de lume este lhe não faltará, o serviço que os novos phosphoros veem prestar a caçadores, cyclistas, «chauffeurs», finalmente a todos os que andam expostos ao tempo, é incalculavel.

Esteja o tempo que estiver, o consumidor da nova marca sabe que tendo uma caixa no bolso não lhe faltará o lume ou a luz.

E os phosphoros, preparados com uma massa especial, são de bonita apparencia, encarnados, tendo a parte phosphorescente amarella, podendo denominar-se tambem de luxo, pela fórma como são apresentados.

A caixa, contendo vinte e cinco, é vendida ao preço de 2 centavos. Na tampa vê-se um marinheiro junto do mar accendendo o seu cachimbo e tendo no rosto uma expressão de satisfação—de ironia mesmo—porque nem o vento que sopra com violencia, nem a vaga que se ergue altaneira e o salpica de espuma impedirão que elle possa fruir o goso de aspirar o delicioso fumo do seu tabaco.

O producto agora apresentado pela Companhia Portugueza de Phosphoros honra a Companhia e ao mesmo tempo a industria nacional, vindo mostrar que tambem sabemos progredir e que nem só o que vem do estrangeiro é bom, como os pessimistas e os descrentes soem dizer.

jornal foi-nos fornecida directamente por um dos membros da empreza exploradora do *mesmo* theatro.

O actor Alexandre Azevedo desligou-se da companhia Adelina Abranches. Segundo se diz, a mesma empreza está em negociações com o actor Mario Duarte para o substituir.

A companhia do Polytheama tenciona embarcar para o Brazil no dia 20 de março a bordo de um vapor hollandez.

Caso o illustre actor Augusto Rosa não tivesse melhorado, a inauguração do theatro Republica far-se-hia com a peça de D. João da Camara *Os velhos*.

Mostruario industrial

Sr. director do jornal "A Capital".—Tendo hontem no seu conceituado jornal a carta dirigida pelos proprietarios da fabrica «Camerana» ao Digno presidente da commissão organisadora do Mostruario Industrial, em que são feitas affirmações falsas a nosso respeito, ousamos pedir a V. Ex.ª o favor da publicação da presente carta, para assim nos desafrontar e justificar-nos não só perante o publico e nossos estimados clientes, mas tambem pela consideração que nos merece o jury que presidiu á classificação do mostruario.

Dizem os Srs. da «Camerana» que substituimos alguns artigos, mas não dizem se antes ou depois do jury ter apreciado as qualidades expostas. O que fizemos foi recompor o nosso mostruario, pois tendo-o facultado aos empregados da Sociedade de Geographia para o abrir sempre que alguem quizesse provar os nossos productos e tendo o jury tambem provado, não fizemos mais do que collocar eguaes artigos no logar dos que tinham sido retirados, e isto depois de ser apreciado pelo respectivo jury.

Existencia de bichos nunca a houve, e quem é do «métier» bem sabe que a sala da Sociedade não está em condições para uma exposição de chocolates, pois apezar do calor que havia na sala pela inauguração, tinhamos o sol attingir o nosso mostruario, o que não o prejudicou ainda assim, pois que resistiram todos os productos até agora em bom estado. O fabrico União esteve na exposição Panamá-Pacifico a medalha d'honra, apezar d'um clima muito mais rigoroso que o nosso, e os Srs. da «Camerana» descobridores dos *bonbons envernizados* e coisas varias, não queriam que nos déssem uma classificação superior á sua!!!...

Concluindo Sr. Director tomamos a liberdade de lhe enviar uma prova dos nossos chocolates e bonbons, e convidamos todas as pessoas que se possam interessar pela questão, não a visitar os nossos escriptorios, mas sim as nossas installações onde com todo o esmero e asseio se fabrica chocolate, bonbons, cacau e drops. A nossa fabrica construida propositadamente para este effeito, é situada na rua 24 de Julho, 76, medindo uma superficie approximadamente de 4.000 metros quadrados. A dos Srs. «Camerana» fica na rua do Cardal, 6, onde certamente os seus proprietarios não querem que vão vêr a sua especial fabricação...

O que expuzemos fabricamos e vendemos todos os dias, uma grande quantidade de artigos de todas as qualidades, e não estivemos a fazer coisas especiaes só para amostra!...

Ficando-lhe muito obrigado, sr. director, pela publicação da presente carta, nos subscrevemos com toda a consideração e estima.

De V. Ex.ª
Amigos M.to Att.os Ven.a a Obrig.os
Fabrica de Chocolate «União»
O gerente
J. Gonçalves

Eduardo Ferreira Pinto Basto

FALLECEU

Confortado com os santos sacramentos da egreja

Guilherme Ferreira Pinto Basto, sua mulher, filhos e noras, Alice Ferreira Pinto Basto, seu marido, filhas e genro, Eduardo Ferreira Pinto Basto Junior e sua mulher, Frederico Ferreira Pinto Basto, sua mulher e filhos, Theodoro Ferreira Pinto Basto e sua mulher, Maria Antonia Ferreira Pinto Basto, Izilda Piombino Ferreira Pinto Basto, Augusto José Ferreira Pinto Basto e sua mulher, Condessa de Calhariz de Bemfica, Walter Custance e sua mulher, Ethelind Custance Shaw participam aos seus parentes e pessoas das suas relações o fallecimento do seu querido pae, sogro, avô, irmão e cunhado Eduardo Ferreira Pinto Basto e que o seu funeral se realisou hontem, quarta-feira, 12 do corrente, não se tendo feito convite por expressa determinação do finado.

Agradecem muito reconhecidas todas as provas de sympathia e amizade que n'esta occasião receberam e áquelles que se dignaram acompanhal-o á sua ultima morada.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Coimbra, terra d'amores—Boubouroche.
TRINDADE—A's 21—O dia do juizo. (Revista).
POLYTEAMA—A's 21—O rei dos gatunos.
GYMNASIO — A's 21 — O primo Bazilio.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—De capote e lenço (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A espiga (Revista).
PHANTASTICO—A's 20,30—A rival da viuva alegre.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Gioconda.

Medalhões

Vicente Arnoso

Se houvesse sereias do sexo masculino e se se propuzessem fundar uma associação de classe, com certeza escolheriam para presidente da assembleia geral o Vicente Arnoso. Rarissimas pessoas tenho conhecido que como elle tenham o seu encanto de sympathia feito de simplicidade, de alegria, de bondade natural, de ternura, tudo isso vincado sem apparato pela distincção fidalga do seu sangue. E' um bohemio na mais requintada acepção do termo. Pode roçar todas as mediocridades sem se amesquinhar, pode sentir o contacto de qualquer convivencia sem que de tal fique o menor vestigio. Tenho a impressão que é das raras pessoas que pode recolher de uma noitada sem se sentir mal em sua casa cercado dos seus mais puros affectos. E' um poeta. Evidentemente. Que havia de elle ser sendo quem é e como é? Comprehendem Vicente Arnoso chefe de repartição ou director de uma companhia? De uma destrambelhada companhia de comicos onde houvesse caras bonitas, talvez.

E' o poeta de Coimbra. O seu primeiro livro chama-se *Coimbra, nobre cidade*. A sua primeira peça intitula-se *Coimbra, terra de amores*. As suas *Cantigas, leva-as o vento*, parecem improvisadas á guitarra nas margens do Mondego. E esta fidelidade aos seus annos de estudante, ás melhores horas da sua mocidade, é uma força de alma, talvez ingenua, mas tão sympathica! A tradição da terra da linda Ignez ia-se perdendo. Vicente Arnoso teima em mantel-a. Oxalá a sua peça seja um exito. Nada sei d'ella. Advinho-a simples, fresca e limpa como o espirito e o coração do seu auctor. Decerto é mais uma pagina do *Intermezzo* de Vicente. Havemos de ver logo na scena o proprio Vicente de capa e batina, apaixonado por uma tricana, que, como as rainhas da historia, deve estar cathalogada na memoria do poeta com um algarismo á direita: Maria II ou Izabel IV. Pois que essa historia de amores te agrade, respeitavel publico, e que sintas ao ouvil-a a estremecida commoção em que o auctor vibrou decerto ao escrevel-a, estes são os votos d'alguem que muito estima Vicente Arnoso, porque elle sabe ser um d'estes felizes para os quaes se estendem impulsivamente as mãos dos homens e os braços das mulheres.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

O Colyseu deve ter hoje uma enchente com a *Traviata*, em que se apresenta a prima-donna Luz Rugama. Como se sabe, esta illustre cantora apenas toma parte em trez recitas extraordinarias com essa opera, partindo em seguida para Monte Carlo. A'manhã, em recita de accionistas, a *Gioconda*.

A seguir á peça *Coimbra, terra de amores* serão representadas no Nacional *Os redemptores*, de Ramada Curto, e *Lisboa em Camisa*, cinco episodios burlescos da vida lisboeta, extrahidos do livro de Gervasio Lobato.

A informação que démos de ter sido affixada na tabella do theatro Avenida uma chronica publicada n'este

de 80 kilometros e n'alguns pontos ainda menos, desde o caminho de ferro Varsovia - Bielostok - Vilna-Dvinsk-Petrogrado. Se o córte d'essa linha em qualquer ponto houvesse sido effectuado antes da retirada dos exercitos russos da Polonia ter sido levada a effeito teria tido indubitavelmente as mais serias consequencias.

Os pontos de maior perigo eram, naturalmente, aquelles em que os caminhos de ferro prussianos entroncam com o principal centro das linhas russas. Em Novo-Georgievsk a linha Mlava-Varsovia atravessa o Vistula; embora a tomada d'essa linha não tivesse levado os allemães para a retaguarda dos principaes corpos dos exercitos que retiravam, teria comtudo contendido muito seriamente com as suas operações. Teria dado occasião a que os allemães torneassem as tropas que estavam cobrindo o flanco direito na linha Vysshkoff-Ostroff-Lomza.

O segundo ponto perigoso era Ossovets, no caminho de ferro Königsberg-Bielostok-Brest Litovsk, o terceiro, Kovno, na linha Königsberg-Vilna. Finalmente, a tomada de Riga e da fronte Riga-Dvinsk pelos allemães teria sido considerada n'aquella occasião como uma seria ameaça para a retirada russa. Eram correntes idéas exaggeradas quanto á possibilidade de estabelecer uma base naval allemã em Riga.

Ainda não estava bem assente que a armada russa e os submarinos inglezes dominavam o Baltico e havia receio de que os allemães pudessem tirar consideravel proveito do facto de se apoderarem do caminho de ferro Riga-Dvinsk e do rio Dvina entre essas duas cidades.

Ataques contra a fronte Riga-Dvinsk, contra Kovno e contra Ossovets foram effectuados simultaneamente com as operações na Polonia; mas foi só gradualmente, á medida que iam falhando as successivas tentativas para cortar a retirada russa na linha occidental, que a offensiva mais para nordeste foi augmentando de pezo e de importancia. As tentativas de romper a fronte Varsovia-Bielostok pareciam a principio offerecer as maiores probabilidades de cercar os exercitos russos.

Embora fôsse serio para os russos o córte da linha Petrogrado-Varsovia, não trazia necessariamente um desastre. Tinham duas outras linhas ferreas ao norte dos pantanos do Pripet para os pôr em communicação e quanto mais se avança para o nordeste maior é a distancia que os separa da zona que ao tempo era a de perigo dos ataques inimigos.

O estreito saliente polaco fórma a cabeça d'uma linha parbolica de que os caminhos de ferro Varsovia-Dvinsk e Varsovia-Kieff são os ramos: todas as linhas correm ahi proximas umas das outras. No flanco norte do saliente polaco as forças germanicas tinham rôto a linha do Nareff dez dias antes da queda de Varsovia, e nos principios de agosto pouco mais de 16 kilometros as separavam do caminho de ferro Varsovia-Bielostok-Petrogrado.

Comtudo um poderoso grupo de exercitos austro-allemães estava avançando do sul, depois de passar por Lublin e por Cholm. O primeiro «par de tenazes» que tinha por objectivo cortar a retirada russa era dirigido contra a região de Siedlets; um rapido avanço concentrico do norte contra Siedlets e do sul contra Lukoff teria infligido um desastre aos exercitos russos.

Emquanto as principaes forças dos exercitos dos generaes von Gallwitz e von Scholtz estavam assim tentando romper atravez do Bug e do Nareff, acima de Ostrolenka, e os exercitos de Mackensen estavam avançando da direcção de Lublin e de Cholm, o «grupo de exercitos» do principe Leopoldo da Baviera—grupo cuja composição os communicados allemães nunca revelaram—estava avançando do Vistula.

A extrema lentidão do avanço d'estas ultimas forças em frente das relativamente fracas retaguardas russas foi provavelmente devida em parte ás difficuldades de transporte a que tinha de fazer face—todas as

Assim, quatro semanas apoz a queda de Varsovia, os exercitos austro-allemães estavam de posse de toda a linha Bug-Niemen. Tinha-se por diversas vezes affirmado que essa linha constituia o ultimo objectivo do esforço do inimigo no theatro oriental da guerra e que, logo que a alcançasse, passaria á defensiva, transferindo as suas forças para outra qualquer fronte. Comtudo, mesmo depois da queda de Brest, a offensiva austro-allemã não deu signal algum de affrouxar.

Evidentemente o objectivo dos exercitos germanicos ficava ainda mais a leste. Qual seria? Kieff ou Petrogrado? Ao que parece, nem a mais antiga, a sagrada capital dos slavos da Europa oriental, nem o centro do moderno Estado russo era o objectivo immediato dos commandantes allemães. Parece terem posto o fito em alguma coisa menos impressionadora sob o ponto de vista secular, mas muito mais importante sob o estrategico: o caminho de ferro que atravessa os pantanos do Pripet entre Baranovitchy e Sarny e liga Vilna com Rovno.

A valente retirada dos exercitos russos havia privado os commandantes allemães de fruirem o prazer d'uma segunda Sedan em uma muito maior escala. Mas se não haviam podido aprisionar o exercito russo, esperavam reduzil-o á impotencia forçando-o a abandonar a linha ferrea que atravessava os pantanos do Pripet, a região mais pantanosa da Europa e por isso mesmo a mais difficil de transpor.

Se os russos tivessem sido forçados a abandonar essa linha de caminho de ferro que liga Vilna com Rovno, os seus exercitos teriam sido cortados em dois pelos pantanos da Polesia; todas as communicações directas entre as tropas que operavam ao norte d'elles e as concentradas na area do sul teriam deixado de existir.

Nem um unico caminho de ferro atravessa de norte a sul os 290 kilometros de pantanos que ficam entre a linha Vilna-Baranovitchy-Luniniets-Sarny-Rovno e o rio Dnieper. Mesmo para além d'este não ha linha directa que ligue a parte do norte com a do sul; é a mais de 160 kilometros a leste do Dnieper que os dois caminhos de ferro entroncam n'uma pequena estação no governo de Tchernihoff.

Com a queda de Brest Litovsk, a 25 d'agosto, o sector central da parte occidental das duas linhas ferreas que correm de Vilna a Rovno cahiu nas mãos do inimigo. Um avanço em força para leste de Brest, atravez dos pantanos, contra Luniniets, teria sido operação muito arriscada. De facto, difficilmente teria sido praticavel. Era mais natural emprehender as operações contra a linha oriental por uma offensiva contra os dois pontos terminus: Vilna e Rovno.

Tendo-se apoderado d'esses dois pontos, as forças austro-allemãs podiam ter tentado um movimento convergente contra Luniniets ao longo das tres linhas ferreas que seguiam para norte, oeste e sul. Mesmo então teriam tido de haver-se com uma tarefa verdadeiramente difficultosa. Não podiam operar grandes forças n'aquella região de pantanos, nem é provavel que a sua offensiva pudesse ter sido apoiada por movimentos de flanco contra a linha Luniniets-Gomel, quer pelo norte, quer pelo sul.

Operações preliminares para um ataque na direcção de Vilna foram levadas a effeito desde a queda de Varsovia; na ultima semana d'agosto essas operações assumiram o caracter d'uma offensiva geral. Na fronte de Rovno, onde desde o principio de julho o Bug e o Zlota Lipa haviam sido a principal linha divisoria dos dois exercitos, as forças austro-allemãs retomaram a sua offensiva a 27 d'agosto.

Assim, depois da queda de Brest Litovsk existiam tres zonas distinctas no theatro oriental da guerra. A Lithuania e as provincias do Baltico formavam a parte norte. Vilna era ahi o objectivo immediato dos exercitos allemães, formando a fronte Vilna-Dvinsk, n'aquella occasião uma area secundaria de operações.

O districto central ficava na região dos pantanos do Pripet. O centro estrategico da zona do sul era Rovno; a fronte entre o caminho de ferro Zlochoff-Tarnopol-Volotchisk e o Dniester formava na extremidade sul d'aquella zona uma menos importante embora não menos desprezivel extensão da linha de batalha; tornou-se em setembro a scena de violenta lucta e d'algumas importantes victorias russas.

Considerando-se a enorme importancia da linha Vilna-Rovno, póde imaginar-se a extrema valentia com que os russos defenderam as suas areas decisivas. Poder-se-ha explicar talvez a mudança de estrategia pelas mudanças que se haviam dado nos altos commandos russos. Não ha exaggero em affirmar que, desde os dias em que, sob a influencia immediata das recentes e inesperadas derrotas, os russos foram forçados a abandonar a linha do San, o laço entre o Vistula e o Dniester nunca foi mais apertado do que durante as batalhas pelejadas na linha Vilna-Luninets-Rovno.

Vilna foi defendida pelos exercitos russos até ao ultimo extremo, talvez mesmo durante mais tempo do que era prudente. A sua retirada d'aquelle districto, executada n'um momento em que pareciam cercados pelo inimigo, foi um feito de suprema audacia estrategica; mas só a enorme importancia d'essa região justifica a demora na retirada que necessitára de grandes feitos de estrategia.

Com a tomada de Vilna, porém, só metade da tarefa que os austro-allemães tinham de executar fôra effectuada e poucas coisas são mais embaraçosas e mais custosas do que um successo parcial. Os exercitos allemães tiveram exito na sua tentativa contra Vilna; as tropas austriacas não obtiveram resultado na fronte de Rovno.

E' facil imaginar como os generaes e os escriptores militares allemães explicaram essa differença nos resultados, mas parece duvidoso que a historia imparcial possa acceitar essa explicação.

A tarefa dos exercitos allemães era desde o principio incomparavelmente mais facil do que a dos austriacos, sendo as forças de que dispunham consideravelmente mais numerosas e estando o seu trabalho meio feito quando as tropas austro-hungaras tinham aberto a sua offensiva contra a linha do Bug e do Zlota Lipa.

Logo que a linha do Niemen foi forçada, Vilna ficou desguarnecida de quaesquer fortes linhas naturaes de resistencia; o terreno entrecortado, os lagos e as espessas florestas da Lithuania não favoreciam as tropas defensoras. As forças dos russos não eram sufficientes para estabelecer uma linha defensiva ininterrupta e na falta d'essa linha a região offerecia ás forças atacantes facilidades excepcionaes para manobras estrategicas, especialmente quando as distancias em que essas evoluções se faziam eram consideraveis.

Um circulo tirado em redor de Vilna n'um raio de cento e sessenta kilometros com custo atinge os dois mais proximos poderosos obstaculos aos movimentos dos exercitos germanicos: o Dvina a noroeste e os pantanos do Pripet a sudeste. A região que fica entre Vilna e Dvinsk, Minsk e Baranovitchy offerecia magnifico terreno para tentar envolver a posição central dos exercitos russos.

Muito differentes eram as condições na zona do sul. A fronte entre a linha de caminho de ferro Kovel-Sarny e o Dniester é mais ou menos egual em extensão é que corria entre Dvinsk e o entroncamento de caminho de ferro de Baranovitchy, medindo ambas cêrca de trezentos e vinte kilometros de comprimento. A natureza da zona do sul limita, porém, toda a offensiva contra ella a ataques de frente. Os principaes cursos de quasi todos os rios n'aquelle districto são de norte para sul e offerecem grande numero de consecutivas e poderosas linhas de defeza.

Os outeiros cobertos de bosques entre Zlochoff e Teofilpol formam o «talweg» entre as bacias do Pripet e do Dniester. N'essa região os cursos superiores dos seus affluentes correm em differentes direcções, augmentando a força defensiva d'esse estreito centro. Ao norte de Lutsk e de Rovno o Styr e o Horyn são rodeados por vastos pantanos; de facto, n'essa região os pantanos do Pripet estendem-se nos valles dos seus affluentes n'uma consideravel distancia ao sul do caminho de ferro de Kovel-Kieff.

O visconde Bryce, ex-embaixador da Inglaterra em Washington

Ao sul da linha Zlochoff-Tarnopol os numerosos tributarios do Dniester, o Zlota Lipa, o Strypa e o Sereth, e até mesmo os rios menos importantes como o Koropiec e o Dzuryn offerecem excellentes posições para uma defeza.

Os pantanos que marginam as partes superiores dos seus cursos apenas terminam quando esses rios entram na região das fundas gargantas. De facto, os dois systemas de defeza natural, que attingem o seu maior desenvolvimento ao longo do Pripet e do Dniester, estendem-se em menor escala pela area dos seus tributarios. Apesar d'isso, foi bem merecido o louvor que os exercitos russos commandados pelo general Ivanoff receberam pela sua brilhante defeza de Rovno e pelas suas victorias na Podolia austriaca; e não se póde censurar os exercitos austriacos pelo seu insuccesso, como muitas vezes o fizeram os seus «amigos» e alliados allemães.

O fim do verão, reportando-nos ao calendario, póde ser considerado como o final da campanha estival austro-allemã contra a Russia.

Trez semanas depois da queda de Vilna, as attenções voltaram-se da fronte nordeste para o novo theatro da guerra nos Balkans. Qual era n'esse tempo a posição dos exercitos austro-allemães com relação á linha do caminho de ferro Dvinsk-Vilna-Rovno póde dizer-se em poucas palavras.

Na zona do norte, d'um ponto a poucos kilometros ao sul de Dvinsk até um outro a egual distancia ao sul de Baranovitchy, o caminho de ferro cahira em poder do inimigo: toda a parte meridional, a leste dos rios Jasiolda e Horyn, ficára em poder dos russos. Assim, a campanha austro-allemã além do Niemen e do Bug durante o verão de 1915 não conseguira o objectivo principal que se propunha.

As semanas que se seguiram á queda de Varsovia foram talvez as mais criticas na historia da campanha da fronte oriental e nunca como então a sciencia dos generaes russos e o poder combativo do soldado russo se manifestaram de modo mais brilhante. A tarefa de fazer retirar os exercitos da linha da Polonia era já de si formidavel; tornou-se ainda mais difficil pela necessidade de perservar o immensamente longo flanco nordeste dos ataques do inimigo.

Na linha Ossovets-Riga, que se estendia por uma distancia de cerca de 480 kilometros, as forças allemãs apenas occupavam um pouco mais

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1954—6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Sexta-feira, 14 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5,1.º — Officina de impressão—7, Rua da Bica,7

Preço 1 centavo

A questão dos navios

Relativamente á utilisação dos navios allemães que se encontram nos nossos portos, utilisação que preconisámos n'estas columnas, escreve o «Dia», de hontem, o seguinte:

«Ha dois dias que a «Capital» insiste em que se tome conta dos navios mercantes allemães que estão no Tejo desde antes da declaração da guerra europeia.

O que se pretende? Que se vendam? Que o Estado os encorpore na marinha nacional?

Sejam como fôr e procedam como procederem nações poderosas que se julguem auctorisadas a crear um «direito novo», nós é que não podemos arranjar mais alguma carrapata, cujas custas não sahiriam baratas, quando se fizesse o ajuste de contas!

Sômos um paiz neutro: esses navios entraram n'um porto neutro antes da declaração de guerra e são d'um Estado com quem continuamos nas relações diplomaticas em que estavamos ha 17 mezes. Estão refugiados. Nenhum tribunal de presas os julgaria boa presa, mesmo que nós tivessemos declarado a belligerancia.

Portanto a apropriação de hoje pagal-a-hia um dia o paiz com uma indemnisação exhorbitantissima. Tenhamos juizo já que a Inglaterra nos recommenda que não saiamos d'uma «situação prudente».

Basta de loucuras!»

Eis o que diz o arrasoado do «Dia» que, apesar de pequeno, está cheio de enormidades.

Em primeiro logar, Portugal não é um paiz neutro. Nem o podia ser, porque é um paiz alliado d'outro que está em guerra. E o «Dia» que nos lembra a conveniencia de seguir as recommendações da Inglaterra, não ignora, porque o facto já foi tornado publico, que a Inglaterra começou por nos recommendar que não declarassemos a neutralidade.

A situação que o «Dia» pretende explorar para servir o seu germanophilismo, explicou-a ainda ha pouco o grande jornal inglez, o «Times», dizendo que, para interesse da causa do salliados, se assentara que Portugal serviria melhor essa causa evitando o rompimento com a Allemanha, e *conservando os seus recursos para necessidades futuras.*

Portugal não é neutro. Como neutro não poderia prestar á Inglaterra os serviços que lhe tem prestado, e que já demonstrámos serem importantissimos.

Mas, mesmo que fôsse neutro, Portugal poderia utilisar os navios allemães, immobilisados nos seus portos. Neutral é a Republica dos Estados Unidos da America, e foi ella que tomou a iniciativa d'essa utilisação logica e necessaria. Como neutral é a Hespanha que, ao que parece, se prepara para imitar o seu exemplo.

Não teremos, como nação pequena, *a faculdade de crear um «direito novo»*,—é a formula do «Dia». Dado, porém, que esse direito, se estabeleça seria demasiado pretender que não pudesse esse direito ser aproveitado pelos paizes que n'uma situação semelhante se encontrassem, e para o mesmo fim, reconhecido e acceite como justo e preciso por nações possuidoras de navios que não podem d'outra maneira sahir dos portos em que se encontram.

A argumentação do «Dia» é falha de sinceridade e de logica. Sobretudo é penosa para o espirito nacional, como é sempre penoso ver portuguezes empenhados em só deprimirem a sua patria, e esforçar-se por servir a causa alheia ou inimiga. Ella não traduz senão o sobresalto, a afflicção, de ver realisar-se qualquer facto que possa não ser agradavel á Allemanha. Evidentemente, com estes pontos de vista, nunca o «Dia» poderá concordar comnosco.

Noticias parlamentares

Para o sr. ministro do interior tudo são possibilidades. Houve crime no incendio d'esta madrugada? Sua senhoria ignora-o. Entretanto, é possivel que sim. Faltou a agua? Tambem o não sabe. E', *todavia*, bem possivel que ella não abundasse. E assim por deante, n'uma enfiada interminavel de probabilidades, o sr. Almeida Ribeiro foi dizendo coisas do arco da velha, que deixaram toda a *gente* de bocca aberta e que lançaram no espirito de todos toneladas de duvidas. Esta, por exemplo: Será possivel que, n'este momento de tragedia e de afflicção, haja em Portugal um ministro do interior que não tenha a certeza de coisa nenhuma?

* * *

O sr. Levy Marques da Costa fez na Camara dos deputados declarações importantissimas. Disse, alem do mais, que o serviço de incendios, em Lisboa era tão mesquinho que se dois grandes fogos irromperem á mesma hora não é possivel aos bombeiros combatel-os a ambos com a necessaria efficacia. E' gravo, isto, tão grave que não se sabe mesmo como sublinhar semelhante declaração. Verifica-se, porem, que n'este paiz não ha nada do que deve haver. Falta tudo. Ha incendios? Pois faltam agua e bombas. Fica-se sabendo. E d'aqui em deante, quando alguem tiver fogo em sua casa, que fuja e deixe arder. Não tem outro caminho a seguir. A não ser que obrigue o sr. ministro do interior a apanhar um susto, para se convencer de que realmente, o fogo lhe levou tudo quanto tinha...

* * *

Os srs. drs. Germano Martins e Jayme Cortezão, deputados pela cidade do Porto, convidaram hoje o sr. dr. Levy Marques da Costa, presidente da camara de Lisboa, a ir ao Porto assistir ás festas commemorativas da revolução de 31 de janeiro, ás quaes, como é sabido, deve assistir o chefe do Estado. O sr. dr. Levy Marques da Costa acceitou jubilosamente aquelle convite.

* * *

Havia, na Camara, um certo ar de magua pela catastrophe d'hontem á noite. Póde até dizer-se que não faltavam almas confrangidas perante a grandesa d'essa calamidade, que custou a vida a alguns filhos do povo e que tantas familias desgraçadas deixou sem recursos. Fala o sr. Almeida Ribeiro. A lingua desentaramela-se lhe. A sua eloquencia esplende e deslumbra. Pois não foi preciso mais nada para que tudo arrefecesse e nos corações onde havia compaixão e interesse entrasse a indifferença gerada. O incendio, perante a fala do sr. Ribeiro, passou a ser um episodio sem importancia. E' este o condão do sr. ministro do interior—gelar tudo aquillo em que se mette. Até admira que o fogo de Santa Clara não se extinguisse logo que o sr. Almeida Ribeiro ali appareceu hontem, resplandecente na sua casaca das grandes comesainas officiaes...

* * *

Se é o assumpto do dia, que remedio senão folheal-o em todos os sentidos? O sr. Levy Marques da Costa dizia *coisas cheias de gravidade e de sinceridade*. Affirmava, além do mais, que a Companhia das Aguas, tendo o exclusivo do fornecimento á cidade de Lisboa, tinha de fornecer a agua precisa. N'esta altura, a alta intelligencia do sr. Arthur Costa intervem. As cellulas cerebraes, por acaso, haviam entrado em vibração e chisparam esclarecimentos, que o sr. Marques da Costa ouve, acceita e regista estarrecido. O que dizia o sr. Costa? Isto: que em Figueira de Castello Rodrigo não havia agua canalisada e que, certamente por isso, eram raros os incendios. Tambem não abundarão lá talentos como o de sua senhoria. Eis porque foi preciso importal-o, para beneficio de todos quantos, a respeito de coisas complicadas, precisam de aprender alguma coisa...

* * *

Uma explicação do sr. ministro do interior. Sabem porque motivo faltou hontem a agua em Santa Clara? Podia julgar-se que a culpa fôra da companhia, dos canos, das machinas, do Alviola, das aguas livres, de tudo. Podia suppor-se isto e muito mais. Mas era tolice. A agua faltou, segundo a opinião do sr. Almeida Ribeiro, por o Deposito Central de Fardamentos estar n'um alto e o liquido salvador ter sempre tendencias para descer e não para subir. Ai! rico amigo Banana, como tens imitadores que te desbancam! Mas registe-se a opinião, para que d'aqui em deante, quem queira ter agua com fartura, viva na Ribeira Nova ou na Ribeira Velha, mesmo á beira do Tejo, que é *onde*, em Lisboa, a agua abunda. O peor é ser salgada. Mas talvez faça bem, mesmo assim. Alguem sabe porventura, até onde chegam as virtudes prophilaticas do sal?

Marquez de Pombal

Os restos mortaes do grande estadista vão ser depositados na basilica da Memoria, em Belem

A commissão executiva do monumento do Marquez de Pombal na sua ultima reunião resolveu trasladar os restos mortaes do grande estadista, que se encontram na capella das Mercês, para um local mais apropriado. A cerimonia da trasladação deve effectuar-se no dia 8 de maio, anniversario da morte do primeiro ministro de D. José. Para encerrar os despojos do grande reformador conta a commissão mandar construir uma urna em marmore ou bronze, destinando para essa obra a importancia de tres mil escudos.

Hoje effectuou-se uma sessão conjuncta da commissão com a sociedade dos Archeologos Portuguezes a fim de se assentar no local definitivo a dar aos restos mortaes de Pombal, que será na historica basilica da Memoria, em Belem.

BOATOS...

Abastecimento de carvão

Correu em Lisboa o boato de que o governo inglez levantára obstaculos ao fornecimento de carvão para os navios da Empreza Nacional de Navegação, facto que, a ser verdadeiro, teria as mais sérias consequencias, pois, como se comprehende, paralysaria as carreiras para a Africa.

Affiança-nos a Empreza que tal boato carece em absoluto de fundamento, embora isso peze a muitos que já rejubilavam com mais essa complicação n'um momento tão attribulado da vida nacional.

NO SENADO

Um voto de sentimento pelas victimas do incendio de hontem—Elege-se o governador de Angola

Abre a sessão ás 14,40, presidindo o sr. Correia Barreto. A' hora da chamada, a que respondem 36 senadores, nenhum ministro está presente. Approva-se a acta e lê-se o expediente. Entra o sr. ministro da instrucção. Abre-se a inscripção para antes da ordem do dia.

O sr. João de Menezes, em nome dos senadores da União Republicana, lamenta o grande desastre hontem occorrido, o incendio do Deposito de Fardamentos, que causou enormes prejuizos ao Estado, n'um momento critico da nossa vida nacional. Propõe que na acta se lance um voto de profundo pezar pelas mortes que o incendio occasionou.

O sr. Estevam de Vasconcellos, em nome do partido democratico, associa-se com magua a esse voto.

O sr. Celestino de Almeida, pelos evolucionistas, faz o mesmo, pedindo ao governo que olhe para a sorte dos operarios sem trabalho e que procure apurar as condições em que se deu o desastre, que parece não ter sido casual. (Apoiados).

Associam-se ainda ao voto de sentimento, que foi em seguida approvado, os srs. padre Silva Gonçalves, pelos catholicos, e ministro da instrucção em nome do governo.

Faz a sua estreia o sr. Antonio de Campos, senador por Moçambique. Diz-se independente e animado dos melhores intentos de collaborar honestamente com o parlamento. Pergunta se póde examinar um processo existente no ministerio da guerra, relativo a um official do exercito, e entende que se deve abreviar a conclusão de taes processos.

O sr. Vicente Ramos requer documentos pelo ministerio das finanças, ácerca da fiscalisação do tabaco nos Açôres.

O sr. José Maria Pereira insta tambem por documentos em tempo pedidos, sobre a importação de trigo exotico.

O sr. Antonio Arez reclama para que o Conselho Colonial dê despacho ao processo de syndicancia aos actos do juiz da Relação de Moçambique.

O sr. ministro das colonias promette providenciar.

O sr. Azevedo Gomes insta por que seja solucionado o conhecido caso Euzebio da Fonseca, dizendo do papel que desempenhou na respectiva sindicancia, quando ministro. Não se pode admittir tamanha demora na conclusão de tal processo.

O sr. ministro das colonias pode desculpa de tal demora, explicando-a pelo desejo de estudar bem o processo, que tem na sua mão, não querendo resolver levianamente, mas com inteira justiça.

O sr. Silva Barreto requer copia dos processos, não archivados, relativos a funccionarios civis.

O sr. Paes Gomes explica as demoras, na Conselho Colonial, do processo Euzebio da Fonseca, e passa-se á ordem do dia: eleição do governador geral da provincia de Angola.

Faz-se a chamada e a votação por meio de espheras, ficando eleito, conforme a proposta ministerial, o coronel de artilharia sr. Massano de Amorim, por 45 espheras contra 3.

E não havendo mais nada a tratar foi a sessão encerrada, ficando a seguinte marcada para segunda-feira.

«ATLANTIDA»

Um bello mensario

E' posto ámanhã á venda o terceiro numero

O terceiro numero do mensario artistico, litterario e social, para Portugal e Brazil, dirigido por João de Barros e Paulo Barreto e intitulado «Atlantida», é ámanhã posto á venda. Prever que se vae exgottar dentro de poucos dias não se nos afigura coisa difficil, pois basta mencionar os nomes de alguns dos seus collaboradores.

Bento Carqueja, o illustre professor e jornalista, subscreve um estudo sobre «Solidariedade ethnico-economico», de uma actualidade flagrantissima. Como todos sabem, o director do «Commercio do Porto» é uma grande auctoridade em semelhantes assumptos.

Entre os poetas e prosadores que collaboram no novo numero de «Atlantida» contam-se: D. Julia Lopes de Almeida, Jayme de Magalhães Lima, Aurelino Leal, Affonso Lopes de Almeida, Costa Saiocadura, Antonio Correia de Oliveira, João de Barros, José Coelho da Cunha, Virgilio Correia, João Barreira, Alberto de Oliveira, Aquilino Ribeiro, etc.

E' formosissima a poesia de João de Barros intitulada «Rithmo», titulo admiravelmente justificado. As paginas de Aquilino Ribeiro tambem são muito notaveis.

A revista do mez é firmada pelos srs. Alexandre Rey Collaço, Raul Lino, Joaquim Manso, Humberto de Avellar, Avelino de Almeida, José de Figueiredo e Braga Paixão.

A «Atlantida» vem illustrada com desenhos de Manuel Gustavo e encerra duas magnificas reproducções de obras de Soares dos Reis, o glorioso esculptor.

Os Estados Unidos e o Mexico

A intervenção militar para o restabelecimento da ordem?

WASHINGTON, 14.—Os representantes de Carranza em Washington, manifestaram ao sr. Lansing o seu pezar pelo iniquo attentado dos villistas e declararam que foram tomadas providencias. No Senado foi enviada para a commissão uma proposta pedindo a intervenção do exercito e da marinha para restabelecer a ordem no Mexico.

Um telegramma do El-Paso diz que Maximiano Marquez empregado da Companhia Americana á frente de 125 americanos se apoderou do general Rodriguez, logar-tenente do general.—*(Havas).*

WASHINGTON, 14.—A secretaria dos negocios estrangeiros foi informada de que foi morto mais um americano pelos bandidos mexicanos proximo do Guerra.—*(Havas).*

O INCENDIO DE HONTEM

Crime de fogo posto

E' o que se apura dos boatos que corriam ha dias em Lisboa de que ia ser incendiado o Deposito Central de Fardamentos

Por entre os escombros...

O que resta do edificio incendiado a noite passada é o bastante para dar ainda uma ideia bem nitida do que foi essa immensa fornalha que durante algumas horas tragicamente allumiou a parte oriental da cidade. Salvo do lado do nascente, onde abateu a parte superior da parede occasionando a morte dos dois bombeiros que trabalhavam na «Magyrus», o envolucro externo ficou de pé, mas atravez das janellas distinguem-se, a céu aberto, montes de cinzas ainda fumegantes, cantarias estilhaçadas, barras torcidas pelo calor, restos de pannos chamuscados, farrapos, caliça—o cahos.

Cá fóra, junto ao angulo noroeste do edificio, trabalham incessantemente bombas a vapor. Sobre o lagedo humido da calçada serpenteiam mangueiras; dos pavimentos superiores cahe uma chuva constante e ao longo dos muros escorre uma toalha liquida. Em baixo, no rez do chão, onde era feita a distribuição de obras para fóra, o solo desapparece sob um lençol de agua espumosa, suja, empoçada ao longo dos balcões. Impossivel entrar-se por esse lado. Dirigimo-nos á porta que deita para o lado de Santa Engracia, erguemos a gola do sobretudo, e, fazendo prodigios de equilibrio sobre uma «passerelle» de taboas soltas, alcançamos o pateo interior. A' nossa esquerda, só avistamos ruinas, montes de entulho d'onde, aqui e além, irrompe ainda a chamma rubra de um brazeiro. Se não fossem os jactos permanentes de agua que ali cahem, não tardaria novamente em atear-se o incendio. O fogo pegou nas officinas e armazens de fardamentos, a maior parte dos quaes se encontravam empilhados e comprimidos por conveniencia de espaço: muitos d'esses fardos foram apenas lambidos externamente pelas chammas. Assim, esparsos no largo pateo, como ao redor do edificio, não se vê outra coisa senão capotes com as mangas calcinadas, fardetas cheias de buracos negros, e, sobretudo, milhares de cobertores, de famosos e excellentes cobertores de papa, dos quaes poucas centenas se aproveitarão intactos.

Olhando para a direita, o espectaculo é no entanto mais animador. Pode affirmar-se que foi salva a quasi totalidade das materias primas. Ha montes de fazendas magnificas, em peça, que as chammas nem sequer chamuscaram. A atmosphera está impregnada de um forte cheiro a naphtalina—o inimigo da traça, que infelizmente deve ter contribuido muito para atear a fogueira.

Trabalha-se, com frenesi. Os salvados são conduzidos para Santa Engracia, para a antiga fundição de canhões, para o edificio do Conventinho. N'uma rapida digressão por esses locaes, convencemo-nos de que os prejuizos, sendo, alias enormes, podiam ter ido muito além. Ha milhares de «bonets» intactos, bastante calçado, panno cru, peças de panno militar, e tudo isso está sendo transportado para local seguro, arrolado, posto em ordem. E' interessante e commovente o auxilio dos «boy-scouts», cuja actividade desde o inicio da lucta contra o incendio está acima de todos os elogios. Em frante das ruinas, d'entre os cahos de salvados que juncam a calçada, grupos de mulheres escolhem pacientemente botões dispersos.

No largo de Santa Clara, tem havido hoje uma romaria immensa de curiosos. Não se discute, não se commenta, não se fala de outra coisa. A misteriosa origem do incendio emocionou todas as almas. E a voz geral—«vox populi...»—é que as manobras criminosas partiram certamente do lado de quem mandou escrever, nos muros das immediações e nos resguardos dos mictorios, disticos immensos d'este genero: «Abaixo a guerra! Abaixo o militarismo!»

UM DEPOIMENTO

Eu accuso!

Factos remotos e recentes—Quem são os responsaveis da tragedia de hontem?

Fallemos claro, porque o momento não póde de forma alguma prestar-se a tergiversações.

Antes de mais nada, alto e bom som, é preciso estabelecer como principal responsavel do acontecimento, verdadeiramente sinistro, que hoje occupa exclusivamente a attenção de todos a quantos resta uma sombra de patriotismo—o governo. O governo que não tendo meios seguros de defeza, não os creou até agora, acolhendo quasi desdenhosamente, indifferente, cruelmente impassivel, os repetidos avisos recebidos de que se preparavam factos attentatorios da ordem publica e mesmo da vida da nação.

No entretanto ao mais rudimentar criterio de homem publico se impunha a urgencia inadiavel d'essa defeza.

A policia actual não se recommenda por qualidade alguma. Não ha um profissional dentro d'essa corporação e, a cada momento, a proposito dos crimes communs ou das perturbações politicas, a incompetencia da policia toca as mais das vezes as raias da imbecilidade.

Lisbôa é uma cidade aberta, absolutamente á mercê dos perturbadores, dos desordeiros, dos gatunos e a toda a especie de perigos quer venham dos inimigos das instituições, quer dos que o são da nossa nacionalidade.

Uma serie de symptomas alarmantes deveria abrir os olhos dos nossos dirigentes para a gravidade iniludivel da situação. Depois da guerra, em consequencia da nossa attitude, era de prever que os agentes allemães buscariam todos os meios attinentes a provocar a desorganisação da sociedade portugueza.

Não o fizeram na Grecia? Em França descobriram-se os seus attentados; rigorosos inqueritos provaram a saciedade que eram responsaveis dos importantes desastres soffridos em diversos estabelecimentos do Estado os agentes allemães. Na *Inglaterra* factos identicos se verificaram. Mais; nos Estados Unidos, onde a policia está organisada como em nenhuma outra parte, que é a terra dos mais extraordinarios «detectives», varios casos congeneres estabeleceram iniludivelmente a acção directa dos espiões germanicos. Só entre nós, ou por criminosa malicia, ou por insupportavel estupidez, sempre que se fala da intervenção da espionagem dos nossos inimigos, sempre que se allude a *manobras germanophilas*, se abre alvarmente, deante de nós, um riso incredulo e inexplicavel...

Nada mais certo, porém, do que a evidencia d'essa perniciosa acção.

Com effeito, depois de começada a guerra, uma corrente de factos suspeitos se produziu entre nós. D'elles alguns, logo pouco depois condemnados pelos seus proprios auctores. Recordêmol-os ligeiramente.

Foram diversos actos de indisciplina que constituiram o inicio d'essa espantosa cadeia de symptomas.

No assalto ao theatro da Rua dos Condes, tivemos occasião de constatar que, dois dias depois do caso, alguns dos seus auctores confessavam que fôra um passo insensato pelo que revestia de indisciplina e desordem. Aproveitando habilmente a solidariedade dos officiaes, resolveu-se o movimento das espadas e, ainda d'esta vez, os seus apparentes dirigentes reconheceram que *talvez* se tivessem deixado sugestionar imprudentemente por influencias estranhas.

Em Africa, appareceram quasi simultaneamente manifestações d'este poder mysterioso. Dias antes de Naulila, tratou-se em conselho de officiaes se estes deviam ou não, obedecendo ás ordens do governo, considerar os allemães como inimigos. Em Loanda, já depois do desastre, viram-se officiaes portuguezes bebendo «champagne» com subditos allemães. O proprio *commandante* da 1.ª expedição escolheu para seu guia—que phantasia cruel!—um espião allemão.

Ao mesmo tempo, o titular da pasta da marinha, que bem podia considerar-se subdito do kaiser, apparece n'um dado momento a dar ordens a um dos seus delegados em sentido contrario ás que haviam sido transmittidas pelo então ministro do interior e chefe do gabinete, *estas correspondentes á nossa attitude ao lado dos alliados.*

Todos se recordam do caso passado a proposito d'um navio inglez, quando era governador do Funchal o sr. dr. Vasco Borges.

Iam-se produzir, todavia, casos de maior importancia para o ponto de vista por que olhamos as coisas.

No dia 7 de agosto ultimo foi o governo portuguez avisado por um ministro acreditado em Lisboa, de que os agentes allemães procuravam destruir a Fabrica de Chellas. Dois dias depois, houve uma explosão n'essa fabrica que teria determinado a destruição completa do edificio e do *material*, se, casualmente, *momentos antes*, não tivessem retirado o algodão-polvora lá existente.

Desde então, tem pezado sobre nós a ameaça constante d'um sem numero de calamidades. A drenagem clandestina do ouro portuguez comprado com notas do Banco de Portugal «falsificadas», a dos generos alimenticios feita com a cumplicidade innegavel das auctoridades aduaneiras da fronteira, tornando afflictiva a situação economica do paiz, a presença do operariado hespanhol fazendo propaganda de desnacionalisação, a provocação por parte de agitadores politicos ao saque e á violencia, até o apparecimento de grèves sem reivindicações concretas, a ameaça, claramente formulada de grève geral revolucionaria, a preparação de actos de «sabotage» contra as linhas ferreas e obras de arte, e a propaganda reconhecida da indisciplina feita nos quarteis, formam outros tantos élos d'essa cadeia tenebrosa.

Com todos estes antecedentes, impunha-se ao governo a improvisação de fontes de informação segurissima e d'uma policia moderna, unico meio com que poderia combater estes symptomas alarmantes de desorganisação provocada, oppondo uma barreira firme á defecção quasi geral que póde subverter-nos.

O Parlamento deu ao governo anterior uma auctorisação especial para a reforma immediata dos serviços da policia, a qual, por questões de «lana caprina», foi posta de parte. O actual gabinete, apesar de incluir essa reforma no seu programma ministerial, não consta que até hoje tenha pensado n'ella a serio.

O sr. ministro do interior não se mexe. Dir-se-hia um «bonzo»!

Ainda não pensou em desobrigar-se d'esse compromisso, muito embora já por experiencia propria devesse estar inteirado do que vale a policia actual.

Contemos um episodio caracteristico e pittoresco. Ha dias, o sr. Almeida Ribeiro foi avisado de que se realisaria uma reunião de elementos revolucionarios em determinada casa da calçada de Sant'Anna, informação que transmittiu á policia. Pois bem; momentos depois, batia á porta da casa indicada um guarda fardado, perguntando, a quem lhe veiu abrir, «se ali se estava effectuando uma reunião revolucionaria», dando-se por muito satisfeito com a negativa ironica do seu interlocutor.

E' phantastico, mas é tambem revoltante que com uma ingenuidade tão saloia se tratem questões d'esta ordem!

Outro caso curioso da incompetencia inadmissivel d'essa policia grotesca é o que se dá com um suspeito allemão, ha dias entre nós. Trata-se de Von-Pappen, expulso de Nova-York por ser o agente provocador de varias grèves e incendios em estabelecimentos do Estado. Emquanto, porque o seu correspondente em Lisboa o avisára telegraphicamente de que o avistára no Restaurant-Tavares, o «Daily-Mail» lhe ordenava que empregasse todos os meios para lhe descobrir as mais minuciosas manobras, a policia mandou-o seguir por dois «bufos» conhecidos, do typo classico, forte com os bengalões em sua perseguição...

O que, porém, assume proporções d'um absurdo retumbante e o facto de, tendo sido alguns membros do governo avisados ha trez dias por pessoas idoneas e de cathegoria de que se preparava a destruição do Deposito de Fardamentos, não tivesse sido evitado esse acto infame.

Silva-Passos

Outro depoimento

Hontem, cerca das dezeseis horas, eu esperava na arcada do Terreiro do Paço um carro que me conduzisse ao parlamento. Avistei de relance, caminhando em direcção á rua do Ouro, um rapaz amigo, creatura intelligente, viva, d'uma rara dedicação republicana. Já pude avaliar, em momentos de futuro incerto, a sua firme serenidade, a inabalavel coragem com que elle encara todas as situações arriscadas. Chamei-o e conversámos.

Nos ultimos mezes o assumpto quasi exclusivo das nossas palestras tem sido a politica e todos os curiosos aspectos que a rodeiam. A conversa d'hontem não escapou á regra. O meu companheiro e amigo falou-me de tentativas de conspiração, mencionou-me detalhes, apontou-me planos. Duvidei dos boatos e disse-lhe as razões das minhas duvidas. Uma revolução? Com que fim? Feita por quem e para quê? Ora!... Que o seu espirito se não deixasse embair pela cega exaltação de muitos dedicados republicanos, que sinceramente adivinham conspirações nos actos mais innocentes que os adversarios praticam.

Eu recordei-me que precisava falar com o sr. ministro do fomento. Estavamos alli a dois passos do seu ministerio. O meu amigo, que com o sr. Antonio Maria da Silva mantem relações de estima, quiz aproveitar a occasião para inquirir da sua saude. Dirigimo-nos para lá os dois. Subindo a escadaria, a palestra continuou no mesmo tom, de parte a parte. Elle insistia no fundamento das desconfianças que o assaltavam. A certa altura, fazendo uma paragem n'um degrau, voltou-se para mim e disse:

—Quer v. saber outra coisa? Temos a certeza de que se prepara o incendio do Deposito Central de Fardamentos. Pura malvadez? Não. O proposito de evitar que se faça a mobilisação d'algumas divisões. E ahi está a prova de que anda dinheiro germanophilo em tudo isso.

Não pude deixar de sorrir. O papão dos allemães... Bem se importam elles que o nosso exercito mobilise!

O sr. ministro do fomento não tinha ido á sua secretaria. Meti-me com o meu companheiro n'um carro para o parlamento, onde elle quiz acompanhar-me para que a palestra não ficasse abruptamente cortada. Mais uma ultima troca de impressões e mudamos de assumpto, falamos d'outras coisas. Varreu-se-me completamente da memoria aquella ideia tragica, que se me afigurou grotesca, d'uma supposta premeditação de incendio no Deposito Central de Fardamentos. Esta manhã, ainda em casa, li nos jornaes a noticia...

Quero acreditar que não estava no programma a morte dos dois desgraçados bombeiros, victimas do cumprimento intrepido do dever.

Herculano Nunes

Prejuizos e salvados — Notas varias

Desde ás cinco horas da manhã, localisado o incendio, seis agulhetas deram começo ao rescaldo, alimentadas por quatro bombas a vapor, com os respectivos depositos de lôna, e sob o commando do chefe de divisão Caetano de Carvalho. Arvoradas ás paredes do edificio encontram-se, além de varias escadas de mão, trez «magyrus».

Lá dentro, durante o dia e até á hora a que de lá sahimos, 17, ha ainda labaredas que envolvem os vigamentos derrocados, alimentadas por montões de peças de fazenda e de algodão. Incessantemente, ininterruptamente, as mangueiras despejam torrentes de agua em todos os sentidos e de todas as direcções.

Todas ás embocaduras das ruas proximas que servem o largo de Santa Clara encontram-se pejadas de gente a custo contida por forças de policia, de infantaria e de cavallaria da guarda republicana. O varandim corrido do jardim de Santa Clara vê-se abarrotando de curiosos que trocam impressões e seguem attentamente as diversas phases do rescaldo. Por toda a parte, a agua que sobeja das mangueiras e a que vem de dentro do edificio incendiado, fórma pequenos ribeiros, ou alastra pelo largo, indo depois agglomerar-se junto das sargetas onde ha montes de espuma.

De todo o edificio, em ruinas, ha apenas uma pequena parte incolume, do lado da rua do Paraizo, pequenas arrecadações de calçado e fazendas, objectos que foram salvos a custo e se encontram agora no antigo conventinho do Desagravo para onde durante o dia foram transportados todos os salvados.

Mas onde começou o incendio?—tal é a pergunta que anda de bocca em bocca e preoccupa toda a gente que em romaria continua foi hoje até Santa Clara.

Para obtermos uma resposta satisfatoria entendemos que ninguem melhor do que a primeira pessoa que deu com o fogo nol-a podia fornecer.

Essa pessoa era, nem mais nem menos, o mestre geral da officina de alfaiataria sr. Epiphanio Rodrigues Duarte. A elle portanto nos dirigimos e da sua bocca ouvimos o seguinte:

—Quer saber como começou o incendio? Eu lhe digo tudo quanto sei a tal respeito. Como sabe, as officinas fecham ás 17 horas, excepto quando ha serões, o que hontem não acontecia. Fechadas as officinas e após a sahida de todo o pessoal, eu fiquei trabalhando no meu gabinete, colligindo os meus apontamentos d'obras entradas e sahidas, etc. Cerca das 20 horas menos dez minutos, despertou-me a attenção um ruido estranho que a principio suppuz fosse produzido peos ratos. Preciso dizer que durante o meu serão o rondista Antunes já tinha passado tres veezs junto do meu gabinete sem nada ter notado de anormal. Como o ruido a que já me referi continuasse e eu percebesse que se não tratava de ratos chamei para o facto a attenção do rondista e fomos os dois ver de que se tratava. Chegados junto da porta da cantina vimos um fardo a arder, encontrando-nos logo envoltos em grossa fumarada que quasi nos suffocava. Não havia pois a mais pequena duvida: tratava-se d'um incendio cuja extensão ao principio não pudemos avaliar.

«Verdadeiramente atarantados fugimos a custo, quasi asphyxiados, indo o Antunes ao telephone reclamar soccorros que se não fizeram esperar, visto que sete minutos depois comparecia a primeira bomba do quartel da Graça.

«O que deu origem ao incendio? Não sei. Fuzão de fios electricos? Não me parece, pois que durante a fuga precipitada fui abrindo o registo das lampadas que todas illuminaram. Não havia portanto, fusão de fios. E' tudo quanto sei. Resta-me dizer-lhe que, chegada a primeira bomba, tratámos immediatamente de atacar o incendio coadjuvados pelo material da casa.»

Foi tudo quanto nos poude dizer o mestre geral das officinas de alfaiataria.

Um outro depoimento colhemos ainda: o do sr. Arthur Virgolino Fulre, mestre da fabrica mechanica de calçado que funcciona n'um barracão annexo ao edificio de Santa Engracia. Este senhor contou-nos o seguinte:

—Perto das 20 horas dirigia-me eu com minha familia para o theatro quando, ao passar no Campo de Santa Clara, junto ao jardim, um commerciante, de nome Silverio, ali residente, me disse que havia fogo no edificio do Deposito de Fardamentos. Dirigi-me immediatamente para aqui e com os contra-mestres Tavares e Carmo e o operario Antonio Esteves fomos acto continuo arrombar a porta do armazem dos artefactos de agodões. Não vimos fogo. Apenas grossos rôlos de fumo, espesso e asphixiante nos embargaram a passagem. Suffocavamos. Varias vezes tentámos avançar para recuarmos immediatamente. A atmosphera era insupportavel. Foi n'esta altura que chegaram os bombeiros e o ataque começou.

«Como começou o incendio? Não sei. E' muito perigoso dar uma opinião a ta respeito. Sabe-se lá! A's vezes, uma ponta de cigarro pode originar um sinistro... O que lhe affirmo é que, em minha opinião, o ataque dos bombeiros foi deficiente. Muito deficiente mesmo. Talvez que, com outra orientação, o incendio não tivesse tomado as proporções que tomou. Isto, como lhe digo, é opinião minha...»

* * *

Duas horas depois, do incendio então na sua plenitude, partiam verdadeiras nuvens de fumo, negro e espessissimo, que se ia alastrando pela cidade. O cheiro a queimado chegava até ao Chiado, Avenida, Graça, Praças do Brazil e Rio de Janeiro, fazendo convergir para Santa Clara uma multidão enorme que hoje se calculava em cerca de dez mil pessoas.

Salvando objectos, innumeros populares, «boy-scouts», praças de infanteria 5 e 16, e pessoal do Deposito trabalharam com ardor, exaustivamente, até de manhã, trazendo peças de fazenda, botas, maços de botões, tudo emfim, que encontravam á mão e que iam salvando

POLYTEAMA
Telephone 1028

7.º CONCERTO
Domingo, 16 de janeiro de 1916
A's 3 horas da tarde
Pela grande orchestra da Associação dos Musicos Portuguezes composta de 100 professores
DAVID DE SOUSA
Laureado nos Conservatorios de Lisboa e Leipzig

Programma

1.ª parte
Rienzi (abertura) }
Lohengrin (prelúdio) } Wagner
Walkirias (cavalgada) }

2.ª parte
Peer Gynt (n.º 2) ... Grieg
a) Lamento d'Ingrid
b) Dança arabe
c) Regresso á patria
d) Canção de Solvej
Marcha Camões ... João Arroyo

3.ª parte
Colobre minueto ... Beethoven
Abertura solemne 1812 (1.ª audição) **Tschaykowsky**

As Walkirias e a Abertura solemne serão executadas segundo as exigencias da partitura.

Preços

Frizas	3$000
Camarotes de 1.ª, frente	4$500
» » 1.ª lado	3$500
» 2.ª, frente	3$000
» » lado	2$500
Avant-scene 1.ª	7$000
» 2.ª	5$000
Torrinhas	2$500
Fauteuils	$700
Cadeira	$500
Balcão de 1.ª	1$000
» 2.ª	$600

Promenoir 250 e geral 200 réis

para o terraço da egreja de Santa Engracia, sobranceiro ao edificio e d'este separado por uma rua de dez para doze metros de largura. Todo este serviço foi dirigido pelos capitães Lemos e Rebello e tenente Santa Ritta.

Ao meio dia voltou ali o sr. Norton de Mattos, ministro da guerra, acompanhado pelos seus ajudantes, demorando-se bastante tempo com o director, sr. tenente-coronel Vasconcelos Dias.

O pessoal dos incendios era rendido de trez em trez horas, tendo estado em Santa Clara o sr. Parente, commandante dos bombeiros, que d'ali retirou ás 17 horas. Pelas 18 horas tambem foi ao local do sinistro o sr. Presidente da Republica. Tambem o sr. ministro do interior alli esteve, indo depois ao hospital de S. José informar-se do estado dos feridos. Devem ter ardido vinte e cinco mil fardamentos completos, duzentas e cincoenta mil camisas e ceroulas e cerca de sessenta mil pares de calçado.

Podem reputar-se os salvados em cerca de cem contos e os prejuizos em dois mil.

No deposito trabalhavam internamente 40 operarios: 13 homens e 27 mulheres. O pessoal externo compunha-se de 1:400 costureiras.

De tarde compareceram no local o agente Figueiredo e os guardas 244 e 360 que effectuaram a prisão do mestre geral da officina de alfaiateria sr. Epiphanio Rodrigues Duarte, o qual recolheu incommunicavel a uma esquadra para averiguações.

De madrugada havia sido preso tambem o 1.º cabo Silva, enfermeiro no Deposito, por andar affirmando que o incendio havia sido lançado pelos officiaes que ali fazem serviço.

O rescaldo deve prolongar-se ainda até ámanhã á noite.

O sr. ministro do interior, após a visita ao edificio incendiado, teve uma larga conferencia com os srs. governador civil e director da policia de investigação.

Como nota curiosa diremos ainda que nos corredores e armazens do Deposito Central de Fardamentos existiam oitenta extinctores de incendio, marca allemã «Minimax», que não chegaram a ser utilisados.

* * *

Todos os feridos se encontram livres de perigo.

No Banco recebeu curativo o bombeiro n.º 79, de 2.ª classe, Alfredo Celestino Carmo, de 41 annos, natural de Lisboa, e residente na rua do Salvador, 42, 4.º, que estava muito ferido nas mãos.

Para o hospital voltou, ficando em tratamento na enfermaria de Santo Onofre, o bombeiro 147, Alfredo Moura, residente no quartel 2, avenida Defensores de Chaves.

* * *

No hospital de S. José a informar-se do estado do ferido estiveram o bombeiro voluntario Eduardo d'Assumpção Pereira e o sr. Luiz Filippe da Matta, provedor da Assistencia.

O director do hospital de S. José, dr. Costa Santos, tambem esteve no banco para egual fim.

* * *

Na Morgue encontram-se apenas os bombeiros municipaes n.os 166 e 209, conforme já se noticiou.

* * *

Nos quarteis dos voluntarios de Lisboa e Ajuda (1.ª e 2.ª secções da divisão auxiliar) foram collocadas as viaturas com os cabeçalhos em funeral e a bandeira a meia haste, manifestação que se prolonga até ao dia dos funeraes dos seus camaradas, victimas da derrocada.

Salão Foz

Não se cança o publico de admirar e applaudir os esplendidos e extraordinarios numeros de variedades que de noite para noite vão accentuando o seu exito colossal, ha muito não attingido em salões de Lisboa.

Estrepitosos applausos acolhem os principaes numeros entre os quaes devemos especialisar Mathilde de Aragon, nas suas lindissimas canções hespanholas; e Estrella de Levante, nas interessantes e bellas canções andaluzas e Churry el Bonito, o rei da gargalhada, nas suas engraçadas e finissimas cançonetas.

Hoje em «soirée» elegante, dedicada á nossa primeira sociedade, estreia-se a gentil excentrica musical La Farfalla, que nos dizem ser uma artista muito completa. O esplendido sextetto sob a direcção do distincto violinista Thomaz de Lima executará um escolhido repertorio e no «écrain» exhibir-se-hão fitas de sensação.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

4069 .... 12:000$
6517 .... 1:000$

1730	400$	3560	100$
1075	200$	4550	100$
3701	200$	4977	100$
202	100$	5249	100$
811	100$	5512	100$
2478	100$	6521	100$
2618	100$	7430	100$
2965	100$		

Mathilde de Aragon

Está-se exibindo em Lisboa uma authentica celebridade cançonetista, **Mathilde de Aragon** «La Favorita», que alia á naturalidade da sua arte a belleza, mais artistica ainda, do seu corpo esculptural. A maioria

d'estas estrellas de palco teem a duração dos meteoros, apparecendo e brilhando para logo desapparecerem na sombra. Esta não, é um astro, um sol duradouro e fixo, que o publico de Lisboa não se cança de admirar no pequeno mas elegante proscenio do Salão Foz, applaudindo-a com enthusiasmo e obrigando-a á repetição das suas mais bellas cançonetas.

O espectaculo no Salão Foz, agora enriquecido com este bello numero, apresenta-nos ainda outros dignos de ver-se, como sejam «La Farffalla», excentrica musical de grande novidade; Churri «El Bonito», o «rei da gargalhada»; cançonetista excentrico e a «Estrella do Levante», nas suas originaes canções andaluzas. E' um programma cheio de attractivos de primeira ordem, como se vê.

Concertos David de Sousa

Quando pela primeira vez foi executada em Moscou, no theatro Imperial, a celebre «Abertura solemne, 1812», de Tchazkowsky, hoje considerado o maior compositor russo, toda a critica prodigalisou os maiores elogios a essa obra de magistral belleza que no proximo domingo ouviremos pela primeira vez no concerto do Politheama. A' audição d'essa maravilhosa pagina musical veiu ainda juntar-se o encanto de trez soberbos trechos de Wagner, e assim o programma d'este concerto ficará justamente celebre nos annaes da boa musica consagrado pelo enthusiasmo do publico intelligente e culto.

NA AMADORA

Um serão de arte

Apresenta-se pela segunda vez o corpo coral dos Recreios Desportivos

A Amadora volta a estar em festa, volta a effectivar mais um certamen d'arte, isto é, mais um espectaculo para affirmar a sua vitalidade e trabalho persistente. D'esta vez, porém, a festa tem um aspecto superior como festa elegante e festa educativa. Está marcada para a noite da proxima quarta-feira, no magestoso Salão dos Recreios Desportivos. E' o seu «Terceiro Serão d'Arte», que corresponde á segunda apresentação do corpo coral, formado por gentilissimas senhoras e cavalheiros dos Recreios.

A organisação tem sido muito cuidada e será impeccavel. E' obra d'uma commissão formada pelas sr.as D. Adelaide Barros, D. Amelia Rodrigues, D. Helena Roque Gameiro, D. Joanna Cordeiro Venancio, D. Maria Amelia de Lemos, D. Maria Herminia Soares e pelos srs. João de Sousa, Joaquim Ferreira, Raul Venancio e Roque Gameiro, aos quaes tem prestado prompta e intelligente cooperação os srs. Santos Mattos e Antonio Correia.

O corpo coral deve ser apreciado pela sua harmonia, belleza de conjuncto e disposição egual. Ha de constituir um triumpho artistico para o notavel musico sr. Fortée Rebello, que o ensaiou proficientemente, obtendo uma interpretação modelar na «Patrulha-turca» de Lecocq, côro do 3.º acto da «Africana», «Melodia Popular» de Neuparth e «Hymne á la Nature», de Beethoven.

Para evitar o que succedeu por occasião do «2.º Sarau d'Arte», porque appareceram espectadores que davam para a dupla lotação da sala, os organisadores resolveram que os bilhetes se fizessem pagar a 20 centavos, revertendo o producto a favor da Cruz Vermelha Portugueza.

CELEBRIDADES LIRICAS

Kruceniski e Battistini

De novo voltam a Portugal as duas glorias da scena lyrica: Salomea Kruceniski, a eminente prima-donna, creadora de tantas operas, e Mattia Battistini, o grande barytono. Contractados para o Colyseu dos Recreios ali darão dez recitas extraordinarias—Kruceniski seis e Battistini quatro. A insigne «diva» estrear-se-ha na deliciosa opera de Pucini «Madame Butterfly»—foi ella a primeira cantora que a fez em Lisboa—e cantará a opera de estreia em Portugal, «Loreley», do maestro Catalani.

O illustre barytono Battistini debutará com o «Ernani» e fará entre outras operas o «Rigoletto».

A assignatura para estas dez recitas extraordinarias, está aberta no camaroteiro do Colyseu dos Recreios, desde ámanhã até ao dia 18 do corrente.

Festas associativas

Tuna Commercial de Lisboa

Realisa-se depois d'ámanhã uma *soirée* promovida pela commissão de propaganda e dedicada aos socios e suas familias. Será abrilhantada pelo quintetto Cyriaco, composto de socios da Tuna.

Gremio Instrucção do Povo

Continuam depois d'ámanhã as festas de inauguração d'esta prestimosa collectividade, havendo sessão solemne ás 14 horas, na qual tomarão parte diversos oradores. As salas estão vistosamente ornamentadas.

Está já funccionando a aula nocturna, continuando aberta a inscripção na secretaria.

Partido Republicano Portuguez

Recenseamento eleitoral

A commissão parochial republicana do Soccorro convida todos os cidadãos residentes na parochia, maiores de 21 annos e que saibam lêr e escrever, a inscreverem-se no recenseamento eleitoral. Prestam-se esclarecimentos sobre o assumpto, todos os dias, na calçada do Garcia, 44; rua do Arco da Graça, 20; rua de S. Vicente á Guia, 31, 1.º, e na rua da Palma, 184.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Coimbra, terra d'amores—Boubouroche.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo. (Revista).
POLYTEAMA—A's 21—Ouro sobre azul.
GYMNASIO — A's 21 — O deputado independente.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—A viagem de Suzette.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A espiga (Revista).
PHANTASTICO—A's 20,30—A rival da viuva alegre.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Traviata.

Primeiras representações

COLYSEU DOS RECREIOS
—Traviata.

Deslumbrante o espectaculo do Colyseu na noite de hontem á qual assistiram as primeiras familias da nossa sociedade elegante.

Cantou-se a *Traviata*, para estreia da prima-donna Luz Rugama, cuja belleza se presta admiravelmente ao papel de *Violeta*. Extraordinariamente commovida e nervosa, a sr.ª Luz Rugama não poude brilhar em toda a plenitude dos seus recursos vocaes, tendo, entretanto, trechos muitos felizes. Na parte de *Alfredo* o tenor Marescotti foi o correctissimo artista de sempre, ouvindo muitos e merecidos applausos pelo seu esplendido trabalho. Muito bem o barytono Tusanti, assim como as segundas partes.

NACIONAL—«Coimbra, terra de amores», por Vicente Arnoso.

Aos trez quadros, precedidos d'um prologo em verso, que hontem se exhibiram no Nacional, chamou Vicente Arnoso, seu auctor, «evocação». Com effeito. «Coimbra, terra de amores» não é, propriamente, uma peça, mas a illustração colorida, enternecedora, evocativa, de alguns dos mais caracteristicos aspectos da vida academica coimbrã. Vicente Arnoso, que cursou o seu direito nas margens do Mondego e foi o estudante tradicional que tende a desapparecer, se ainda existe, bacharel como tanta gente, é, como poucos, um temperamento de poeta e um bohemio encantador. Fidalgo com pergaminhos e uma genealogia frondejante radicada em seculos de historia, o «charme» pessoal que o torna querido de quantos o conhecem de perto constitue o seu mais bello titulo de nobreza. Esse «charme» transmittiu-o elle aos trez quadros sem pretenções theatraes, mas cheios de sentimento e de graça, que as figuras do velho burgo universitario atravessam entre beijos, guitarradas, descantes, anecdotas, cultivando sem outras leis que não sejam as do coração amores ephemeros cuja memoria é todavia a mais grata e doce que as almas conservam...

Estudantes e tricanas, a servente classica, o typo das ruas desfilam perante nós, e acompanhamol-os desde o modesto quarto em que se ama, se estuda, se toca e se verseja, tendo na parede, como imagens de santos protectores, os retratos do Camões e do Nobre, até o Choupal, na ante-manhã gloriosa do dia de S. João, toda orvalhada e florida, á hora em que as fogueiras se apagam, os ultimos rodopios das danças se extinguem, os ranchos se dirigem ás fontes e as vozes frescas das raparigas entoam, nos incomparaveis rithmos de compositores anonymos, as mais lindas *trovas que grandes poetas cujos nomes* não registam os cancioneiros, teem composto.

Vicente Arnoso desenhou muito bem a servente que Lucinda do Carmo, a insigne comediante, reproduziu á maravilha; não se esqueceu do «Luizinho», que pede esportulas como se cobrasse contribuições, e que Augusto de Mello nos deu com o habitual esmero; juntou trez tricanas sem duvida interessantes: Laura Cruz, que tem o principal papel feminino; Albertina de Oliveira, a cuja belleza o chale e o lenço dão um realce particular, e Justina de Magalhães, que cursou a Escola da Arte de Representar e que dispõe de dotes de formosura e talento que lhe grangearão dentro em pouco um logar de relevo no theatro. Já em algumas revistas attrahira tambem como cantora as attenções e a sua deliciosa voz arrancou hontem intensos applausos cantando com muita expressão o fado, que bisou, no segundo quadro.

Carlos Santos, Luiz Pinto, Henrique de Albuquerque e João Calazans desempenharam os estudantes. Com alguns d'estes distinctos artistas collaborou por vezes o ponto de modo a ouvir-se tanto como elles. As scenographias de José Mergulhão—Santa Clara, o Choupal—justificam plenamente as ovações de que foi alvo.

Os espectadores, que enchiam a elegante sala do Nacional, chamaram em todos os finaes de acto Vicente Arnoso applaudindo-o e aos seus interpretes com sincero enthusiasmo. Espectativa tão benevola, atmosphera tão carinhosa como a de hontem, em torno do poeta das «Cantigas», raro as encontrará assim um auctor que se estreia... E' que não só o prestigio do talento vale: o da gentileza de espirito póde tambem muito.

Avelino de Almeida

Boatos e informações

Entre nós

No Colyseu dos Recreios, hoje, *Gioconda;* ámanhã, segunda apresentação de Luz Rugama na *Traviata;* domingo, repete-se a *Gioconda*, e na segunda feira, em recita da moda, a primeira do *Trovador*, para apresentação do tenor Antonio Barbato.

A actriz Alda Aguiar, que, ao contrario do que se disse, não toma parte no espectaculo annunciado para esta noite no Polytheama, estreia-se brevemente no theatro da Republica.

A companhia do Republica vae dar quatro espectaculos a Coimbra.

No salão-theatro dos Desportos de Bemfica realisa-se ámanhã, promovida pela junta de parochia d'aquella freguezia, uma recita cujo producto reverte para a fundação do Internato Infantil Dr. Affonso Costa. Serão representadas as comedias *A mosca branca* e *A roca de Hercules* pelos amadores do grupo dramatico do Club Estephania, abrilhantando o espectaculo uma orchestra sob a regencia do sr. Frederico Taveira.

ULTIMAS NOTICIAS

Camara dos Deputados

Discute-se largamente o incendio de Santa Clara

A sessão abre com 74 deputados, com o sr. ministro do interior presente. Approvada a acta, o presidente sr. Manuel Monteiro, refere-se ao desastre de hontem e diz que o incendio do Deposito Central de Fardamentos não pode deixar de ter impressionado profundamente todo o paiz. Lamenta as victimas e os prejuizos que a catastrophe acarretou e propõe que na acta se lance um voto de profundo sentimento por tão desgraçado acontecimento. O sr. Barbosa de Magalhães, pela maioria, lamenta tambem o incendio e as suas consequencias e exalta os sacrificios que todos fizeram para evitar que o fogo alastrasse e levasse mais longe o seu poder destruidor. Diz-se que o incendio não foi casual, antes se pretendeu com ele impedir a nossa preparação militar. Se assim é, que se tomem todas as providencias necessarias para castigar os criminosos, se os houver, fazendo cahir sobre os delinquentes todo o peso das leis. Cae, a proposito, sobre a Companhia das Aguas, que não fornece á cidade a agua necessaria, sendo pessima aquella que nos dá. A má sorte não pode esmagar-nos sendo preciso que encaremos as calamidades que nos teem ferido e tenhamos força para resistirmos a tudo e para se redobrar de esforços no sentido de que a nossa preparação militar continue, attenuando-se os effeitos da catastrophe e procurando-se reparar até onde fôr preciso os effeitos desgraçados do incendio. O sr. Jorge Nunes, pela União Republicana, declara que desde que o governo se lance abertamente n'um inquerito rigoroso para averiguar as causas do incendio d'hontem, terá a seu lado aquelle partido, que lhe dará todo o apoio para que os culpados, se os houver, sejam punidos. O sr. Simões Raposo elogia os bombeiros voluntarios e municipaes, pelos altos serviços que prestaram e declara que não se pode consentir que a cidade esteja á mercê da Companhia das Aguas, a qual não fornece a agua a que é obrigada pelo seu contracto, tornando por esse modo possiveis desgraças como a d'hontem. Quanto ás causas do incendio, é parecer seu que ellas teem de ser averiguadas e postas a claro, quanto antes. Propõe que se approve um voto de louvor aos bombeiros. O sr. Costa Junior diz que o partido socialista está ao lado do governo para que se castiguem os delinquentes, se os houver, e pede ao governo que tome as providencias que julgar convenientes para que não fiquem sem pão quantos do Deposito de Fardamentos viviam. O sr. Castro Meirelles, associa-se ao voto de sentimento proposto pela presidencia, pede que se castiguem os delinquentes e acha que a Companhia das Aguas tem de ser forçada a cumprir o seu dever. O sr. Levy Marques da Costa aproveita a occasião para declarar que a situação da cidade de Lisboa, pelo que respeita ao serviço de incendios, é deficientissima, porque, se hontem, á mesma hora, outro incendio surgisse, o corpo de bombeiros não podia acudir-lhe. Esta é que é a verdade, e por o ser, é que a diz. Porque está o serviço de incendios assim? Porque o serviço de incendios esteve durante mais de dez annos sobre a sanção do governo desorganisando-se por completo. E assim, quando esses serviços voltaram para a camara, estavam em pessimo estado sem haver material moderno nem elementos de defeza contra o fogo modernos e abundantes. Declara que trará á Camara um projecto de lei tributando as companhias de seguros, e com relação á Companhia das Aguas diz que a Camara não tem liberdade para se occupar do abastecimento de aguas á cidade de Lisboa, parecendo-lhe porém, que desde que a companhia possue o exclusivo do fornecimento d'agua, lhe cumpre abastecer devidamente a cidade de Lisboa. O sr. Henrique de Vasconcelos entende que a Companhia das Aguas deve ser tornada responsavel pelos prejuizos que a falta d'agua provocou. O sr. ministro do interior, lamenta o desastre e as victimas que se deram e diz que os prejuizos se elevam a mais de mil contos. Quanto ás causas do incendio, crê que no numero d'ellas não pode ser incluida a negligencia, por o edificio estar prevenido contra a possibilidade d'um incendio, sendo a vigilancia completa. Ao governo, o edificio e os valores que lá havia mereciam os maiores cuidados. Foram já ordenados todos os trabalhos necessarios para se averiguar se houve criminosos e para os castigar, se os tiver havido. Faz a apologia dos bombeiros, a cujos actos de abnegação e de heroismo assistiu e diz que o governo se associa ao voto de louvor que lhes foi proposto. Se houve deficiencia de material de incendio, não pode dize-o, apezar de ser sua impressão que a houve. Mas se assim tiver sido, a camara de Lisboa ha de remediar as insufficiencias que se tiverem notado. Quanto á falta d'agua, tudo é possivel, até isso. Por si viu bombeiros de agulhetas em punho, no alto dos escombros, sem que d'ellas jorrasse agua. Se á Companhia das Aguas couberem responsabilidades, ellas tornar-se-hão effectivas. Pode a Camara estar certa d'isso. O sr. ministro da guerra promette tambem as mais rigorosas providencias no sentido de se averiguar por completo todas as causas do fogo. O edificio estava perfeitamente prevenido contra a hipothese d'um fogo. Os prejuizos são grandes. Ultimamente, tinham-se distribuido aos corpos muitos milhares de fardamentos, e a perda não é tão grande por não haverem sido ainda recebidas muitas encommendas que estão a confeccionar por todo o paiz. Mas estavam ali armazenados todos os artigos que o governo Bernardino Machado encommendara quando se tratou de mandar uma expedição para combater ao lado dos alliados, que eram valiosissimos. Estão a effectuar-se os arrolamentos precisos, para se saber o que se perdeu e pode assegurar que dentro de quatro dias o deposito de fardamentos estará installado n'outro edificio publico e assegura que d'aqui a dois mezes estarão confeccionados e distribuidos todos os artigos agora inutilisados ou destruidos. Havia muito que o governo estava avisado de que alguma coisa se preparava contra os estabelecimentos fabris militares. Era raro a semana que não lhe chegavam avisos n'esse sentido. Foram, por isso, dadas todas as ordens e redobrou-se de vigilancia, no sentido de se evitarem os actos criminosos que se projectavam. Isso não se poude conseguir. Não é d'isso culpado o governo. Termina associando-se aos votos propostos e elogiando todos quantos trabalharam para salvar do incendio tudo o que fosse possivel arrancar de lá. O sr. Eduardo de Sousa acha bem que se apurem todas as responsabilidades, sem, todavia, se esquecerem as do governo. Tomou elle todas as medidas de previdencia e segurança requeridas? Estava o Deposito no seguro? O sr. ministro da guerra responde que a lei não auctorisa os seguros de edificios do Estado, não havendo no orçamento verba para isso. Entende, porém, que se trata d'uma questão importante, que merece ser devidamente estudada. Em seguida são approvados o voto de sentimento proposto pelo presidente, o voto de louvor aos bombeiros e o voto d'applauso a todas as pessoas que concorreram para attenuar as consequencias do fogo.

O sr. ministro da marinha apresenta uma proposta de lei auctorisando o governo a gastar até mil contos com o aluguer de navios para a fiscalisação das costas de Portugal e a dispender 400 contos com a construcção de barcos destinados a esse fim. Apresenta ainda outra proposta trancando todos os castigos impostos ás praças da companhia de marinha que foi mandada, como expedicionaria, a Angola.

Na ordem do dia entra em discussão o projecto de lei que altera varios preceitos de jurisprudencia. Falam os srs. Barbosa de Magalhães, Antonio Macieira, ministro da justiça e outros. O projecto é approvado com varias emendas, propostas, umas, pelo sr. ministro da justiça, e acceites as restantes por elle.

Segunda-feira ha sessão.

Massano de Amorim

Foi votada hoje no Senado a proposta do sr. ministro das colonias nomeando governador geral de Angola o sr. coronel Massano de Amorim. Applaudimos calorosamente a iniciativa do sr. Rodrigues Gaspar e a attitude do Senado, sanccionando-a. Trata-se d'um official distinctissimo, colonial experimentado e sabedor, ainda ha pouco escolhido pela Republica para uma missão arriscada e de alta confiança, como foi a do commando da ultima expedição a Moçambique. Estamos certos de que o sr. coronel Massano de Amorim ha de corresponder inteiramente á confiança que n'elle depositam todos quantos admiram as suas notaveis faculdades de intelligencia e de trabalho.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram o seu collega da marinha e o presidente e vogaes da Junta do Credito Publico.

—O ministerio do fomento officiou ao da justiça enviando um processo relativo á tomada, pelo governo grego, do vapor *Athanazio* que devia transportar um carregamento de trigo comprado á firma H. Mitchell.

—Com o sr. ministro do interior conferenciou demoradamente o governador civil de Lisboa.

—Entraram a barra o cruzador *Vasco da Gama*, contra-torpedeiro *Guadiana* e o torpedeiro n.º 3.

Um livro do sr. Arriaga

Nos meios reaccionarios fala-se com grande gaudio da proxima apparição d'um livro sensacional firmado por uma personalidade que occupou um elevadissimo cargo. Pretende-se alludir ao sr. Manuel de Arriaga que, segundo nos consta, se dispõe a trazer á lume um livro de memorias. A «Liberdade», o orgão clerical do norte, que se mostra informado sobre o assumpto, annunciava que o livro ia apparecer dentro de poucas horas e que o seu auctor sahiria de Portugal antes d'esse apparecimento.

O sr. Manuel de Arriaga ainda está em Lisboa e cremos que o seu livro ainda não deu entrada na typographia.

A crise do papel

A direcção da Associação Commercial e os representantes das fabricas de papel estiveram conferenciando hoje com o sr dr. Affonso Costa sobre a crise do papel de impressão.

Navios francezes no Tejo

Entraram hoje a barra quatro torpedeiros francezes e sahiu um caça-torpedeiros da mesma nacionalidade.

Fogo a bordo

Entrou hoje a barra o vapor inglez *Zone*, que trazia fogo no paiol do carvão.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

BANQUETE DIPLOMATICO

No banquete hontem realisado na embaixada do Brazil ficou á direita do sr. presidente da Republica madame Norton de Mattos, esposa do sr. ministro da guerra.

EXPOSIÇÃO JOSÉ CAMPAS

Entre a elegante assistencia de hoje notámos: mesdames A. Rey Colaço e filha Alice, Noemia de Moraes, Amelia Costa e filhas, Conceição Portugal Mattos Carneiro, Alves Machado, Rios d'Oliveira, Luiza da Fonseca e Passos Costa e os srs. José Rodrigues de Moraes, Hogan Teves, Manuel e João da Costa Falcão, pintores José Malhôa, e João Vaz, Mattoso da Fonseca, Alves de Sá, José Castello Branco (filho), Joaquim Torres, Joaquim Cavalheiro, Manuel Proença, Eduardo Costa, etc.

Foram adquiridos mais os seguintes quadros: o n.º 9, pela sr.ª D. Clementina Relvas; o n.º 33, *Praia de Carreiros*, Foz, pelo sr. José Ignacio Dias da Silva; o n.º 8, *A caça dos taralhões*, Fundão, pelo sr. João Rodrigues de Moraes.

PEQUENAS NOTICIAS

Coube ao socio n.º 976 da Cooperativa Predial Portugueza, sr. João Antonio Pereira de Sampaio, empregado no commercio, residente na travessa do Monte, 7, 1.º, á Graça, o credito de 2:500$00, por lhe pertencer a probabilidade egual ao numero 4069, premio maior da loteria da Santa Casa da Misericordia, hoje realisada. Esse socio estava interessado no sorteio com 16 probabilidades.

—O Conselho de Turismo e a competente repartição mudaram para a travessa da Espera, 7, 1.º.

—Na enfermaria de Santa Joanna do hospital de S. José deu entrada Gloria da Conceição Gomes, de 16 annos, solteira, moradora na rua da Paz, 41, loja, que tentou suicidar-se dando um tiro no lado direito do pescoço.

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 14, m.—Official. Os allemães fizeram explodir uma mina em Givenchy e effectuaram um ataque á granada que nós repellimos. Quatro aeroplanos que haviam partido no dia 12 do corrente ainda não regressaram. *(Havas)*.

PARIS, 14.—Communicação official.—Durante a noite foi fraca a actividade da artilharia. Ao sul do Somme, no sector de Lihons, uma das nossas patrulhas atacou uma patrulha inimiga, que fugiu, deixando no campo dois mortos e um ferido. Na Champagne colhemos sob o nosso fogo e dispersámos as tropas allemãs em movimento nos ramaes das trincheiras do massiço do Mesnil.—*(Havas)*.

Aviões inimigos sobre Salonica

SALONICA, 13.—Uns aeroplanos vindos do Uskub e que andaram sobre as posições francezas lançaram ali algumas bombas que não causaram estragos. Foram postos em fuga pelos aviões francezes.—*(Havas)*.

Crise ministerial no Luxemburgo

LUXEMBURGO, 14.—O ministerio está demissionario.—*(Havas)*.

Alta traição de dois coroneis suissos

GENEBRA, 14.—Foi aberto inquerito por alta traição contra os coroneis suissos Egli e Dewatenwyl, parecendo tratar-se de informações oraes ácerca das posições francezas na fronteira suissa.—*(Havas)*.

GENEBRA, 13.—O inquerito a que se procedeu pelo crime de alta traição contra os dois coroneis suissos Egli e Dewattenwyl, diz que elles trabalhavam segundo informações oraes ácerca das posições francezas na fronteira suissa.—*(Havas)*.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 7/8	33 3/4
Londres, 90 d/v.	34 3/8	—
Paris, cheque	$76,1	$76,6
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$64	$65
Madrid, cheque	1$41	1$42
Suissa, cheque	$85,5	$86,5
Italia, cheque	$66,5	$68,5
New York	1$48,5	1$49,5
Rios/Londres	11 3/4	—
Libras	7$50	7$10
Agio do ouro	53 %	58 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,30	39,10
» » 500$	39,30	39,25
» » 100$	39,30	39,40

Obrigações d'Estado: 3 % 1905, 9$50; 4 % 1888, 22$20; 4 % 1890, 51$; 4 1/2 88-89, assent. 57$ e 58$ e coup. 57$70.

Externas: 1.ª serie 75$90.

Acções: Banco de Portugal 184$90; Lisboa e Açores 125$; Assucar 45$50; Moçambique 3$20; Moagem (nova) 56$90; Phosphoros, nomin. 57$20 e coup. 57$50; Tabacos, coup. 82$50; Companhia Colonial do Buzi 5$.

Obrigações: Ultramarino, hypothecarias 90$50; Norte e Leste, 1.º grau, 72$30 e 2.º grau, 36$50; Assucar 41$50 e 41$60.

SPORT

Notas do dia

O grande desafio de domingo

Vae encher-se o Stadium de Lisboa no proximo domingo. Assim o julgamos perante o interesse que se desenha de ver o Sporting Club de Portugal contra o Sport Lisboa e Bemfica, seguramente os dois mais fortes grupos de «foot-ball» que temos no paiz e que manteem, entre si, uma justificada rivalidade. O Bemfica foi campeão durante annos e perdeu o campeonato, em 1915, pela victoria do Sporting.

Os dois adversarios levam para o campo as suas «linhas» completas, pela composição das quaes se torna difficil formar um prognostico sobre quem será o vencedor.

O interesse por ver o «match» é tanto que da provincia veem, a Lisboa, propositadamente, muitos homens de sport. De Lagos vem um club em peso com o seu «onze».

Os organisadores do desafio pedem-nos, para desfazer boatos, que publiquemos os preços dos bilhetes d'entrada. São: camarotes grandes 3 escudos, pequenos 2 escudos, «fauteuils» 60 e 50 centavos, bancadas 40 centavos, peões 15 centavos.

* * *

O campeonato internacional do Porto

Nova surpreza nos trouxe o campeonato internacional de lucta no Porto. E' a da victoria rapida, precisa e nitida do negro Crozier sobre o feroz flamengo Hikman. Este é um technico, um authentico luctador, que conhece o que é um «bras roulé» e um «turbilhão». Não é apenas um violento; é um entendido. Assim mal se explica que o negro o vencesse com tanta facilidade. A não ser que... Frank Crozier seja um grande luctador, que justificasse com esta victoria a já obtida sobre o «classico» Rosset e que fomente as esperanças de alguns—para nós inverosimeis!—de que é homem para surprehender o proprio Petersen.

O herculeo portuense José Perdigão venceu outro luctador, Torrassier. Mas julgamos que fiquem por ahi as suas proezas...

Algumas anecdotas

A barriga mandava-o evacuar...

Jogou-se com muita animação, n'esse dia, n'um campo para os lados das Larangeiras...

E lá andava um rapaz, que de manhã fôra muito solicitado para ir jogar porque era uma das «salvações» do grupo. Lá andava muito contrariado e um tanto fraco, porque de manhã havia tomado, por indicação medica, um laxativo... Tinha sido essa uma das razões porque se fizera rogar.

O «match» foi disputado duramente. N'uma das suas phases mais vivas, o nosso homem resolveu abandonar o campo.

—Não o pode fazer, disse-lhe o «referee».

—Ora, essa porquê?

—Porque não o consinto sem motivo justificado. Quem manda aqui sou eu...

—Isso é que não é.

—Então quem?

—N'este momento, a minha barriga, que me ordena a rapida evacuação do campo...

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Festas de hippismo

O ponto de reunião da nossa sociedade elegante será certamente ámanhã no Hipodromo de Palhavã, onde a Sociedade Hippica Portugueza realisa uma reunião hippica que promette ser grandemente concorrida.

A inscripção que fechou hontem, é muito animadora. Inscreveram os nossos principaes cavalleiros com os seus melhores cavallos, aquelles que melhores provas teem prestado em todos os concursos em que teem tomado parte, fazendo-se representar as nossas escolas de equitação com os seus melhores alumnos, socios, bem entendido da Sociedade Hippica, pois a estes exclusivamente é reservada esta reunião.

Os obstaculos são de relativa facilidade pois que as duas provas de que se compõe o programma são feitas especialmente para trabalhar os cavallos que desde o Concurso do Estoril não tinham tido ainda ensejo de se treinarem.

Os bilhetes de convite ainda se distribuem hoje, na séde da Sociedade Hippica, na rua Ivens.

A sessão do proximo domingo em que se disputará a «poule» regulamentar com premios constituidos por 60 e 30 por cento das entradas deve ser muito concorrida de atiradores principalmente de alguns que por motivo de doença não teem comparecido ás ultimas sessões.

—Lêr ámanhã no Sport uma carta do campeão-luctador amador Antonio Neves sobre os ultimos campeonatos de Coimbra.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

FIGURAS DE HONTEM...

Antonio de Azevedo Castello Branco.

Dados biographicos — Uma pagina de Camillo — Os ultimos momentos do extincto — O seu funeral

Fez ante-hontem oito dias que na sua casa modesta da Timpeira, arredores de Villa Real de Traz-os-Montes, falleceu, com 73 annos incompletos, o ex-presidente da extincta Camara dos Pares, e antigo director da Penitenciaria de Lisboa, dr. Antonio d'Azevedo Castello Branco.

O seu afastamento da politica após a revolução de 5 de outubro de 1910, o seu absoluto alheamento a intrigas e conspiratas, quasi isolado na sua thebaida da Timpeira, entregue por completo aos seus estudos da litteratura classica, lendo a traduzindo Virgilio e Horacio, fizeram com que a sua morte perante as folhas monarchicas da capital constituisse apenas um caso banal das suas respectivas secções necrologicas. Até o jornal do sr. Pinto Coelho, *soi-disant* catholico, não teve para com o illustre morto as palavras de estylo, que a morte catholica de Antonio de Azevedo exigia de tão conspicuo defensor das glorias e dos triumphos da Egreja.

Tudo isto porquê? Por tudo o que apontamos acima e mais por causa d'aquella carta que o conselheiro Antonio de Azevedo ha tempos endereçou ao sr. dr. Bernardino Machado...

Justo é pois arrancar ao silencio despeitado dos *amigos*, os ultimos momentos do auctor illustre d'aquelle importantissimo livro intitulado *Estudos Penitenciarios*, optimo compendio de sociologia criminal, trazendo tambem para a luz coada das recordações alguns dados biographicos do sobrinho querido d'aquel' outro grande morto, que ali proximo viveu tambem os primeiros annos d'uma mocidade turbulenta.

* * *

Antonio d'Azevedo Castello Branco nasceu em Villarinho da Samardã, — n'aquella Samardã ridicularisada em verso por Filinto Elyseo, e intemeratamente defendida por Camillo na inimitavel prosa d'um dos seus livros, — a 25 de dezembro de 1843.

Reza assim, sobre o facto e sobre o homem, a prosa mascula do Mestre:

«Vi-o quando elle nasceu em uma aldeia concava da serra do Mesio. Aos oito annos era loiro, bonito. Aos doze fugia dos collegios e vagava errabundo nas chapadas dos montes, a contemplar com saudade e fome lá ao fundo o pennacho de fumo ondulando por sobre os castanhaes da sua aldeia. Aos quinze annos vivia commigo; e, quando eu o imaginava versando com mão nocturna o seu Virgilio, elle assistia no theatro Camões, com a insensibilidade de um Claudio subalterno, recostado no meu camarote de assignatura, á flagellação da Arte que o saudava moribunda.

«Depois fez-se bacharel em leis com o fastio indolente de um homem que se faz... bacharel em leis. Acariciava as creações translucidas de Anthero de Quental, o meigo sonhador, o pantheista que chorava saudades dos deuses banidos e os resuscitava com o fervor apóstata de Juliano. Azevedo Castello Branco não resuscitava ninguem; mas admirava tudo que era bom e sonoro, menos a *cabra*. Escreveu prosas e versos, revesando a circumspecção e a ironia, como quem, estimando ambos os feitos de escrever, preferia com especialidade não escrever nada. Cheio dos hymnos de Rig-Veda e do Mahâbhârata e do Râmâyna, foi administrar um concelho trasmontano, onde comprehendeu Schiller, na convivencia que teve com salteadores. Em seguida funccionalisou-se n'um governo civil, e premeditou commentar o codigo administrativo em alexandrinos, a vêr se abria um sulco de poesia nas almas dos povos desde a Ovelhinha até S. Gonhedo. Era tarde. O lagarto das vinhas havia afugentado de Traz-os-Montes os unicos civilisadores possiveis d'aquella região: Sileno e o burro. Um dia, Azevedo Castello Branco olhou em si com attenção, e viu que era bacharel em leis authentico. Sentou-se á banca, elevou o conselho á exorbitancia de cinco tostões, e sacudiu as sandalias de official-maior no capacho da auctoridade superior do districto».

Tal é a veridica historia do homem, do politico e do litterato, na prosa mascula do Mestre. Falta dizer que o concelho transmontano foi o de Murça. Antonio de Azevedo foi pela primeira vez eleito deputado por Villa Real nas eleições de 1879. E depois, successivamente, ao lado politico de Fontes e de Hintze: — presidente da Camara, vogal do conselho de Estado, par do reino e director da Penitenciaria de Lisboa, de onde sahiu em 1910 reformado pelo novo regimen.

* * *

N'uma carta recebida de Villa Real e endereçada ao auctor d'estas linhas, vê-se como Azevedo Castello Branco era ali estimado e querido e como a sua morte foi um altissimo exemplo de fé christã.

Sobre a morte do sobrinho de Camillo, diz-se, sentidamente, n'essa carta:

«Ha sete para oito dias que, dia a dia, hora a hora, esperavamos este desenlace, e comtudo, quando hontem de tarde correu a noticia da sua morte, dir-se-hia, pelo doloroso assombro que provocou, que tudo estava desprevenido para a receber. Rarissimos serão os olhos de Villarealenses que a esta hora se não tenham embaciado de lagrimas, como rarissima será a alma de portuguez que na sua commovida saudade não preste a ultima homenagem ao integro caracter do homem cujo lucidissimo espirito o sopro da morte acaba de gelar.»

Solicitamente se nos diz tambem n'essa carta que Antonio de Azevedo Castello Branco morreu no seio da Egreja Catholica como crente fervoroso, lendo e meditando, nos seus ultimos dias de vida, piedosos livros christãos.

D'uma vez, já clareada a alma nas luzes da Fé, disse para sua filha: «Ouve, Carolina, faze constar a todos que eu pedi espontaneamente os Santos Sacramentos. Não quero que digam de mim como disseram do Ramalho. Eu não fui coagido. Faço isto espontaneamente. Por minha livre vontade. E vou fazel-o já, emquanto posso visivelmente tomar a absoluta responsabilidade do meu acto.»

E d'outra vez, n'uma madrugada em que se sentiu peor, disse para seu sobrinho, o padre Luiz de Azevedo: «Luiz, vem ajudar-me a fazer a confissão. Mas, antes, abre-me aquella janella. Quero que o alvor da madrugada me illumine o corpo, emquanto tu me vaes illuminando o espirito».

Assim morreu aquelle para quem o sr. Pinto Coelho não teve, na sua estranhada fé religiosa, algumas palavras de admiração e respeito...

* * *

Os funeraes do morto tiveram um alto significado de gratidão dado pelas gentes transmontanas.

Com a farda de antigo ministro, o cadaver foi exposto n'um dos aposentos da sua casa da Timpeira. Sobre o peito as Gran Cruzes da Torre e Espada, Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Legião de Honra, Isabel a Catholica, e Leopoldo da Belgica; a Aguia Vermelha da Prussia e a de Carlos III de Hespanha.

Na sexta feira, o corpo foi transportado para a capella da vivenda, onde quarenta sacerdotes realisaram as cerimonias do officio de corpo presente, com a assistencia das mais gradas pessoas da terra e representantes de todos os partidos politicos tanto do regimen monarchico, como do actual regimen.

O feretro estava coberto de *bouquets* e de corôas e a romaria dos povos das freguezias circumvisinhas, durante os dias de quarta e quinta feira, foi interminavel. O acompanhamento da Timpeira até ao coval do cemiterio de Villa Real foi de duas mil pessoas. E lá ficou, em campa raza, junto dos restos mortaes de sua mulher, aquelle velho que aos doze annos fugia dos collegios para vagar errabundo nas chapadas dos montes, tal qual como fizera seu tio, annos atraz, nos penhascos do Mesio, penhascos duas vezes celebres na tradição romantica da familia Castello Branco.

Para fecho d'este artigo archivaremos ainda as palavras que um outro ministro da monarchia — o sr. Teixeira de Sousa — companheiro e amigo de Antonio de Azevedo, transmittiu, por telegramma, á familia do extincto: — «Muito penosa a noticia do fallecimento do conselheiro Antonio de Azevedo a quem me ligaram estreitos laços de amisade. O paiz perdeu um dos seus homens mais illustres e um exemplo de vigor moral nunca excedido.»

M. L.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Liga Republicana das Mulheres Portuguezas

Na séde, largo dos Mestres, 40, 2.º, reune amanhã, ás 20 horas, a assembleia geral, para apresentação de contas e eleição de corpos gerentes para 1916.

Club Manoel dos Santos

Para apresentação de relatorio e contas e eleição de corpos gerentes, reune a assembleia geral na segunda feira, ás 22 horas.

Festas associativas

Grupo Dramatico Lisbonense

Promovida pela commissão administrativa, effectua-se depois de ámanhã uma recita dedicada aos socios e suas familias, subindo á scena o drama em 3 actos «O advogado da honra», estando o desempenho a cargo da amadora D. Elvira Guedes e de amadores do Grupo. Em seguida ha baile.

Club Recreativo Lusitano

Realisa-se depois d'ámanhã uma festa promovida pela commissão de melhoramentos e que constará de recita em que serão representadas trez interessantes peças do reportorio do grupo dramatico do club, seguindo-se baile.

Brevemente realisam-se grandes festas subindo á scena uma peça de grande espectaculo.

Grupo Excursionista «Os Pindericos»

Este grupo realisa no proximo domingo a festa do seu 5.º anniversario, distribuindo um bodo a 110 pobres que constará de carne, macarronete, pão, chouriço, toucinho e 10 centavos, para o que rifaram um bello gramophone, discos e caixa em nogueira que se encontram em exposição na rua dos Fanqueiros, 97 e 101, estabelecimento que foi gentilmente cedido pelo sr. Joaquim Pires da Foz e onde será tambem distribuido o bodo por seis senhoras.

Abrilhanta a festa a tuna Guilherme Cossoul, composta de senhoras e cavalheiros. Em seguida á distribuição do bodo será offerecido á imprensa e mais convidados, um copo d'agua.

A guarda de honra será feita por uma força da guarda republicana. A's 19 horas realisa-se e jantar aos socios no Restaurant Central da Amadora, sendo esta festa a 14.ª realisada por este grupo.

Brindes e calendarios

A casa da Agua do Mouchão da Povoa, do largo do Conde Barão, 48-A, distribue um calendario para escriptorio como brinde aos seus clientes.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Sociedade de Geographia de Lisboa

E' convocada a assembleia geral, em sessão periodica administrativa, para o dia 14 de fevereiro de 1916, pelas 21 horas, sendo a ordem da noite o julgamento dos actos e contas da gerencia e a eleição da meza, direcção e commissão revisora de contas.

Sómente podem tomar parte na assembleia os socios que estejam nos termos do paragrapho 5.º Art. 16.º e Art. 27.º do Estatuto geral.

Não havendo numero para formar a assembleia administrativa, terá logar com o numero de socios presentes a sessão ordinaria mensal para communicações da direcção, admissões de socios, pequenas communicações scientificas, distribuição de premios aos alumnos da Escola Colonial e entrega do premio ao auctor da memoria sobre a doença do somno.

Centro Escolar dos Voluntarios de Arroyos

Para apresentação de contas e eleição de corpos gerentes, reune a assembleia geral ámanhã.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«O Espelho»

D'este jornal illustrado que se publica em Londres, redigido em portuguez, recebemos o numero 18. Traz bellas gravuras e vem interessante, como de costume.

«Desaffronta»

Assim se intitulada um opusculo de que é auctor o sr. J. E. Carvalho d'Almeida, em resposta a um artigo publicado no *Jornal de S. Thomé*. Trata-se d'uma questão pessoal, pelo que nos limitamos a noticiar o seu apparecimento.

Cantina Escolar da Pena

O seu 2.º anniversario

Realisa-se no proximo domingo, pelas 13 horas, na séde d'esta cantina, annexa ás escolas primarias n.os 80 e 81, uma sessão solemne commemorativa do 2.º anniversario da sua installação. A's 11 horas, será distribuido um bodo aos pobres e após a sessão solemne servir-se-ha um jantar ás creanças patrocinadas pela cantina.

Conta-se com o concurso de varios oradores e espera-se a comparencia dos srs. presidente do ministerio, ministro da instrucção, presidente da camara municipal, vereador do pelouro da instrucção, junta de parochia, etc.

Movimento maritimo

Vigo e Inglaterra «Darro» (Brazil)	18
Braz. e R. da Prata «Avon» (Liverp.)	19
Braz. e R. da Prata «Salland» (Amst.)	19
Madeira e Açores «San Miguel»	20
Pará e Manaus «Aidan» (Liverpool)	20
Loanda, Lob., Beug. e Cuio «Dondo»	21

Banco Commercial de Lisboa

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Meza da Assembleia Geral

São convidados os srs. accionistas d'este Banco a reunirem em assembleia geral ordinaria, na sede do Banco, no proximo dia 1 de fevereiro, ás oito e meia horas da noite, a fim de dar cumprimento no disposto nos n.os 1.º, 2.º e parte do 5.º do art. dos estatutos.

Lisboa, 13 de janeiro de 1916.

O presidente
Ernesto Driesel Schroter

Revogação de contracto

Nos termos e para os effeitos do disposto no paragrapho 1.º do artigo 646 do cod. proc. civ., se faz publico que no dia 13 do corrente mez de janeiro foi judicialmente notificado a Francisco Neves da Piedade, casado, proprietario, morador na Avenida Almirante Reis, 1.º andar, lado direito, lettras J. T. V. A. a revogação do mandato que sua mulher D. Maria Jacintha do Nascimento Piedade lhe havia conferido na procuração que, em seis de maio de 1891, lhe passára com poderes para vender, hypothecar ou alienar por qualquer outra fórma todas ou algumas das propriedades do seu casal e contrahir emprestimo de quaesquer quantias. Esta procuração encontra-se archivada no cartorio do sr. notario Grillo, d'esta cidade.

Lisboa, 14 de janeiro de 1916.

Maria Jacintha do Nascimento Piedade
(Segue-se o reconhecimento).

taleza foi abandonada pelos russos e que os pantanos do Pripet foram alcançados.

Logo apoz a queda de Brest soube-se que estava imminente uma separação das forças austro-hungaras e das allemãs. Essa noticia não era completamente verdadeira; a separação era necessaria para cobrir a retirada de tropas para a fronteira servia. Essas tropas, como era natural, foram tiradas do centro, que, com a queda de Brest, havia cumprido a sua tarefa, e onde era maior a mistura de tropas allemãs e austro-hungaras.

Havia apenas algumas tropas austriacas ao norte do Nurzets e que se compunham principalmente de cavallaria e de artilharia. Havia só cêrca de dois ou trez corpos de exercito allemães ao sul de Vladimir Volynsky, muitos d'elles incluidos no grupo de exercitos allemães do conde Bothner, que era o resto do primitivo exercito de Linsingen e mantendo ainda as suas posições entre os exercitos austro-hungaros de Boehm-Ermoli e de Pflanzer-Baltin.

Do outro lado, cada um dos trez exercitos centraes era mais ou menos misturado. O exercito do general Woyrsch continha um grupo inteiro de regimentos austro-hungaros sob o commando do general Kövess von Kövesshaza. O do archiduque José-Fernando incluia desde o fim d'abril a divisão allemã do general von Besser. O undecimo exercito allemão estava entre as tropas austro-hungaras do archiduque ao norte e as do general Puhallo ao sul e continha o quarto corpo d'exercito austro-hungaro sob o commando do general Arz von Straussenberg.

Assim, pela retirada do grupo de exercitos Kövess e do exercito de Mackensen para a fronte servia, assim como d'um certo numero de regimentos para a fronte occidental, o total das tropas heterogeneas foi realmente reduzido tanto em numero, como em importancia.

E' porém, interessante notar que antes do quarto exercito austro-hungaro ser incumbido de avançar para os pantanos do Pripet, a divisão allemã do general von Besser fôra mandada retirar e transferida para um clima mais favoravel.

O consul geral de Cuba em Liverpool, salvo do afundamento do «Lusitania»

Como se esperára desde principio, e o commando allemão parece ter assim pensado até ao fim, os russos tentariam retardar o avanço no districto de Brest Litovsk o mais possivel. Não porque fosse attribuido valor consideravel ás suas posições defensivas. Eram antiquadas, rela-

pontes do Vistula haviam sido destruidas pelos russos e só no fim de agosto a construcção da primeira ponte permanente sobre o rio foi terminada pela engenharia allemã — e em parte a que os allemães, tendo esperança no exito do movimento, suppuzeram preferivel não precipitar a retirada russa exercendo pressão do lado do oeste.

A defeza offerecida pelos russos entre o Nareff e o Bug excedeu o que os allemães haviam esperado. A 9 d'agosto, mais d'uma quinzena depois das tropas de Gallwitz terem atravessado o Nareff, os russos estavam ainda offerecendo grande resistencia na fronte da linha do Bug. «Ostroff está ainda em poder do inimigo», diz o communicado official allemão do dia 10. No dia 7 os allemães haviam forçado a passagem do Bug, alguns kilometros acima de Novo-Giorgievsk, e dois dias depois a fortaleza era cercada por todos os lados.

A fortaleza resistia, porém; contrariamente aos seus habitos, os russos deixaram atraz de si uma guarnição n'aquelle posto avançado da confluencia do Bug com o Vistula. O general von Beseler, o especialista allemão em operações de sitio, foi mandado contra ella com um poderoso trem de artilharia pezada.

Mas a guarnição russa resistiu valentemente, o tempo sufficiente para retardar a queda da fortaleza e a abertura de um caminho para os allemães da maior importancia estrategica. A impossibilidade de forçar a linha Vyshkoff-Ostroff, ao passo que um avanço d'aquella direcção exerceria seria influencia sobre a retirada russa, obrigou os commandantes allemães na região do Nareff a prestar a principal attenção ao sector entre Ostrolenka e Vizna.

Apoz diversas tentativas infructiferas, as tropas do general von Scholtz romperam finalmente a 9 de agosto a linha do Lomza e tomaram o forte numero 4 das defezas exteriores de Lomza, entrando na manhã seguinte na fortaleza.

Mas mesmo depois da queda de Lomza o seu avanço foi demorado, embora os communicados allemães pretendessem dar a impressão do contrario. A posição póde ser melhor avaliada pelo communicado de 13 d'agosto. Dizia elle:

«Estamos avançando entre o Nareff e o Bug, apesar do inimigo estar trazendo constantemente forças para aquella fronte, e a sua resistencia tem de ser quebrada successivamente».

Por fim, no dia 15, os allemães chegaram ás alturas de Briansk; as «bravas tropas» dos «victoriosos exercitos allemães» perseguindo o «inimigo em fuga» alcançavam a linha do Nurzets, approximadamente trez semanas depois de terem atravessado pela primeira vez o Nareff; a distancia entre esses dois rios é de pouco mais ou menos quarenta e oito kilometros.

Mas a esse tempo já toda a força russa havia recuado para a linha de Bielostok, Brest Litovsk e Kovel e o problema estrategico que se apresentava aos exercitos germanicos mudára em muitos dos seus aspectos.

Emquanto ao norte os exercitos de Gallwitz e Scholtz estavam avançando do Nareff para o Bug e para Nurzets, uma lucta violentissima se estava desenvolvendo ao longo da fronte do sul. Os exercitos sob o commando de Mackensen estavam ao tempo da queda de Varsovia ao longo d'uma linha que se estendia de oito a dezeseis kilometros ao norte da linha do caminho de ferro Lublin-Cholm.

Foi ahi que se operou a mais poderosa concentração das forças do inimigo. As operações do quarto exercito austro-hungaro e do undecimo exercito allemão estendiam-se por uma fronte de cerca de 96 kilometros; esses dois exercitos comprehendiam, incluindo as suas reservas estrategicas, nada menos de doze a quatorze corpos d'exercito.

Na primeira quinzena de julho receberam reforços de quasi todos os exercitos que estavam operando mais ao sul da linha do Bug e da Zlota Lina. E tinham nos seus dois

flancos exteriores o apoio de dois exercitos, cujos movimentos eram subordinados e subsidiarios dos seus.

No Vistula, entre Garvolin e Ivangorod, estava o exercito do general von Woyrsch, incluindo as tropas austro-hungaras do general von Kövess; no Bug, em frente de Vladimir Volynsky, operava o grupo de exercitos do general von Puhallo.

O avanço austro-allemão do sul era retardado, porém, por algumas das melhores tropas russas sob o commando de generaes cuja habilidade se provára sufficientemente durante o mez que decorrera entre a segunda batalha de Krasnik e a queda de Varsovia. Ao tempo a que as ultimas tropas russas estavam deixando a capital da Polonia, uma grande batalha se deu entre o rio Vieprz e Savin.

Um esforço supremo de Mackensen para romper as linhas russas falhou por completo a principio; só depois de alguns dias de lucta violentissima e recorrendo a todas as forças de que podia dispôr é que elle poude forçar os russos a recuar alguns kilometros para o norte. Era da mesma natureza do avanço que se dera entre Krasnostaff e Cholm.

A 6 d'agosto o principal pezo da offensiva austro-allemã no sudeste da Polonia estava sobre o districto de Lubartoff. E' n'esse ponto que o caminho de ferro Lublin-Parchoff-Lukoff atravessa o pantanoso valle do Vieprz. Se um rapido avanço se tivesse dado ao longo d'essa linha, algumas porções pelo menos dos exercitos russos em retirada poderiam ter sido separadas do seu objectivo immediato, a linha do Bug em volta de Brest Litovsk.

A sudoeste de Lubartoff a estrada, no sopé da cota 183, serviu aos russos de principal ponto d'apoio; na margem opposta do Vieprz as suas retaguardas entrincheiraram-se na montanhosa região do Vola Russka.

Um numero consideravel de baterias d'artilharia pezada foram concentradas pelos austriacos em frente da cota 183 e a 6 d'agosto um violento bombardeamento começou contra as posições dos russos, que, tendo ainda falta de canhões e de munições, não puderam responder convenientemente.

A's 9 horas e um quarto da manhã a infantaria austriaca começou o seu avanço. As posições russas eram guarnecidas por forças muito mais fracas em numero e ainda mais inferiores em artilharia, mas compunham-se de excellentes regimentos siberianos; todos os regimentos austriacos que deram o assalto pertenciam ao decimo quarto corpo d'exercito sob o commando do general Roth.

Esse corpo d'exercito era composto quasi que por completo de regimentos que iam buscar os seus recrutas ás provincias alpinas, especialmente ao Tyrol. Durante a guerra actual as tropas austriacas das provincias onde se fala o allemão teem provado ser inferiores como combatentes quer aos magyares, quer aos regimentos da Galicia.

O ataque austriaco contra a cota 183, apezar do poderoso apoio da artilharia, falhou quasi por completo. Apoz um dia inteiro de bombardeamento e de repetidos e violentos assaltos os austriacos não haviam alcançado as principaes posições russas. Cêrca das 8 horas e meia da noite os ataques da infantaria cessaram e o bombardeamento contra as posições russas recomeçou com a maior violencia. Foi seguido de ataques d'infantaria; a lucta continuou durante toda a noite.

Entretanto os allemães haviam conseguido apoderar-se das principaes posições das retaguardas russas, a leste de Vieprz. A 7 d'agosto, o decimo quarto corpo d'exercito austriaco entrava nas trincheiras da cota 183, depois de terem sido evacuadas pelos regimentos siberianos, que haviam recuado em harmonia com a retirada á esquerda. Na noite de 8 para 9 d'agosto, os russos evacuaram toda a margem esquerda do Vieprz.

Ao mesmo tempo, as ultimas tropas russas estavam retirando da região de Zelechoff e Garvolin, estando as suas principaes forças já perto

dos districtos de Lukoff e Siedlets. A retirada do saliente da Polonia estava assegurada; a 15 d'agosto estava terminada.

Mackensen deixou ao «grupo de exercitos» do commando do principe Leopoldo o occupar os abandonados districtos de Siedles e Lukoff. Se algum movimento envolvente tivesse ainda de se effectuar a oeste dos pantanos do Pripet e das florestas da Lithuania tinha de ser tentado contra Brest Litovsk. Depois d'uma lucta violenta e prolongada, Mackensen conseguiu a 15 d'agosto apoderar-se da passagem sobre o Bug em Vlodava.

A primeira phase da retirada da «praça d'armas» no sudeste da Polonia terminou assim, a 15 d'agosto, dez dias depois da queda de Varsovia.

Os seguintes dez dias formam uma phase de transição entre a queda d'essa fortaleza e a offensiva contra Vilna e Rovno. A queda de Brest Litovsk a 25 d'agosto, com a qual desappareceram os ultimos vestigios do «saliente da Polonia», e o theatro oriental da guerra dividido em trez zonas separadas formam o marco visivel entre as duas phases do avanço austro-allemão de Varsovia contra a linha Vilna-Rovno.

A retirada dos russos do sul dos pantanos do Pripet era relativamente facil; difficilmente haveria ahi perigo dos seus exercitos serem de qualquer direcção envolvidos pelo inimigo. Mas o principal corpo dos exercitos russos tinha de retirar para o norte dos pantanos; a area do sul, pelo menos a oeste do Dnieper, é de menos importancia do que a do norte e sendo, por isso, mais facil de defender, requeria menor numero de tropas.

O principal corpo dos exercitos russos tinha de retirar pelo longo corredor em que os caminhos de ferro Bielostok-Vilna-Dvinsk e Brest Litovsk - Baranovitchy - Minsk formam as linhas exteriores de communicação.

Durante dez dias, de 15 a 25 de agosto, as forças allemãs reorganisaram-se em novos grupos, na occasião da queda de Brest Litovsk a principal concentração dos exercitos inimigos estava feita na fronte da «porta» sudoeste que dava para «o corredor».

Os exercitos allemães que estavam ao longo da fronte Riga-Ponevesk-Kovno-Ossovets continuavam as suas tentativas para baterem a sua muralha occidental. Os exercitos de von Gallwitz e de von Scholtz, que na occasião da queda de Varsovia estavam atacando a linha entre Novo-Georgievsk e Ossovets executaram durante esses dez dias um obliquamento para leste, acompanhando esse movimento com uma contracção da fronte.

No dia em que Brest cahiu, estavam occupando a linha Ossovets-Bielostok-Bielsk. Os dois exercitos que no principio d'agosto estavam entre Novo-Georgievsk e Ivangorod avançaram por Siedlets e Lukoff contra a fronte que se estendia entre o Nurzets e o Bug.

O quarto exercito austro-hungaro, sob o commando do archiduque José Fernando, approximou-se de Brest Litovsk pelo oeste. O undecimo exercito allemão, que continuava sob o commando directo de Mackensen e incluia grande parte do exercito de Linsingen, estava atacando a fortaleza pelo lado do sul.

Se é admissivel falar em exercitos apoz quatro mezes da mais violenta lucta e apoz diversas organisações como se fôssem ainda os mesmos, pode dizer-se que todos os exercitos que nos primeiros dias de maio, no começo da grande offensiva austro-allemã, estavam entre Ossovets e o angulo da fronte dos Carpathos ao sul de Gorlitse, se encontravam então concentrados no espaço que medeia entre o Bobr e os pantanos do Pripet.

Nem todos elles, porém, precisavam continuar a offensiva além do Bug. O centro dos exercitos austro-allemães, que havia sido conservado em plena força emquanto se esperou que os russos offerecessem a maior resistencia no sector de Brest Litovsk, foi disperso logo que a for-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1955 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, L.º

LISBOA—Sabbado, 15 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição — Rua do Norte, 5, L.º
Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Depressa! Depressa!

Em presença do incendio do Deposito de Fardamentos, o que a opinião publica reclama não são palavras: são actos. E reclama-os com rapidez, com urgencia. Depressa! Depressa! E' preciso averiguar quanto antes as responsabilidades do sinistro, é preciso quanto antes confeccionar os fardamentos que as chammas devoraram, e é ainda preciso, quanto antes, dar trabalho ás muitas centenas de pessoas, sobretudo mulheres, que ficaram sem pão em virtude d'esse facto que se afigura o crime mais espantoso que em Portugal se regista, ha largos annos.

Tudo indica que estamos em presença d'uma infamia sem nome. E essa infamia não causa só ao paiz o prejuizo de milhares de contos. Ella fez correr o sangue de dois filhos do povo, de dois heroes, dos mais puros, porque são aquelles que luctando contra a morte, nunca dão a morte, que dando o seu sangue nunca o derramam. O seu fim, a sua ancia é salvar. E como trabalharam esses intrepidos bombeiros, viram-o milhares de pessoas. Não se pode levar mais longe a abnegação e a coragem. Dois d'elles morreram, outros estão feridos como estão feridos populares,—e quando taes horrores se dão em virtude da furia céga dos elementos até se amaldiçoa o destino que os desencadeia. Como não ha de haver ancia de castigar o miseravel ou os miseraveis que vilmente, cobardemente, planearam, executaram ou pagaram esse attentado sem nome!

Foi uma obra de ruina, foi uma obra de sangue, e foi ainda uma obra de traição. Ninguem ignora que Portugal está na contingencia de ter de pegar em armas d'um dia para o outro. A preparação militar portugueza adiantava-se, á custa dos maiores sacrificios d'um povo, por isso mesmo que não está preparado para todas as eventualidades n'esta tremenda convulsão que agita a Europa seria um crime de lesa-patria. A destruição operada pelo incendio de Santa Clara representa a perda de muitos esforços, de muitos sacrificios, de muito trabalho.

O sr. ministro da guerra declarou hontem no parlamento que vae recomeçar immediatamente a confecção dos fardamentos militares, asseverando que antes de dois mezes estarão substituidos os que o fogo destruiu.

E' preciso que isto não seja apenas uma promessa, que não represente apenas uma expressão de boa vontade. E' necessario que haja uma segurança, uma certeza. Depressa! Depressa! Tambem o incendio lavrou depressa. Em poucas horas devorou o esforço de longos mezes. E' forçoso que lhe corresponda em intensidade a vontade dos homens, e que em semanas se faça agora o que em mezes se tinha feito.

Ficaram sem pão innumeras familias. Que se não demore a renovação dos trabalhos, para que a malvadez não sorria do fogo, gerando a miseria, depois de ter ateiado chammas e derramado sangue. Depressa! Depressa! O tempo não vae para hesitações, indolencias, tergiversações, inercias. E' preciso que mostremos no paiz, que mostremos ao mundo inteiro, que não nos abatem estes golpes. Tudo se tem conjugado para prejudicar a Patria e deprimir a Republica. Mas ha aqui um povo que reage, que já de armas em punho varreu uma dictadura de traição, e que saberá esmagar os miseraveis de todas as especies que não duvidem lançar mão de todos os meios para denegrir a honra da nação e impedir a sua marcha para os altos destinos que as suas aspirações lhe promettem e que as suas glorias lhe impõem.

Depressa! Depressa! Para punir o crime, dando uma reparação á consciencia, para garantir a preparação militar, assegurando a nacionalidade portugueza; para evitar a miseria nos lares do povo, dando trabalho a centenas de creaturas que se vêem hoje sem pão!

Pelo telegrapho

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 15. — Official. — Fizemos um intenso canhoneio contra as trincheiras allemãs em torno de Givenchy, avariando consideravelmente os respectivos parapeitos. A artilharia mostrou reciproca actividade proximo de Kemmel e da cota 60.—(*Havas*).

Um consul austriaco preso

LONDRES, 15. — O *Times* insere um telegramma de Corfu noticiando ter sido ali preso o consul austriaco. —(*Havas*).

A questão do papel

Reunião de representantes da imprensa

O nosso collega «A Nação» publicou hoje o seguinte convite á imprensa de todo o paiz:

«A «Nação» na sua qualidade de diario mais antigo e em obediencia ás indicações d'uma parte da imprensa de Lisboa e Porto, tem a honra de convidar todos os jornaes do paiz a enviarem os seus representantes a uma reunião, que convoca na séde da sua redacção, rua da Lucta, 30, 2.º, no proximo dia 20, pelas 2 horas da tarde, afim de trocarem impressões sobre a fórma mais rapida e efficaz de resolver a grave crise que toda a imprensa está atravessando motivada pelo constante augmento do preço do papel e da sua escassez no mercado.

Este convite é dirigido a todos os jornaes diarios, bi-semanarios e semanarios do paiz, sem qualquer excepção, devendo todos os nossos collegas considerar-se convidados por esta nossa unica fórma de aviso.

Aos jornaes que concordarem com o presente convite, que tem apenas por fim a defeza dos legitimos interesses da imprensa, a «Nação», roga o obsequio de lhe darem publicidade, e agradece desde já a todos os collegas que queiram honrar esta reunião enviando-lhe os seus delegados.

Von Papen

O capitão von Papen addido militar allemão em Washington, d'onde foi expulso por fazer espionagem

Poeira da Arcada

Appareceu morto, na Hollanda, o espião que denunciou Miss Cavell que os allemães fuzilaram, para conservarem integerrimo o seu direito de barbarie. Era belga, sendo, portanto, duas vezes traidor. Lá no reino escuro de Sumano, o acontecimento deve ter sido festejado com estrondo.

E a estas horas, elle sentir-se-ha á altura do seu crime. A'quem e além morte, sempre os homens encontram a medida exacta do seu valor ou da sua infamia.

* * *

Lemos a conferencia que Lebre e Lima disse, no Porto, no «Salão dos *Humoristas*», quando a fina flôr dos nossos caricaturistas ali expôz os seus melhores desenhos. Traz o titulo suggestivo de «Claro Riso Medieval».

E' um canto ardente, rithmado e sonoro á pujante vitalidade de uma epocha que a força, a arte e o misticismo ensinaram a subjugar os terrores da imaginação, sobrepondo-lhe a alegria, a satira, a crença e o heroismo que libertam os povos opprimidos.

A largos traços, mas dados com um poder illuminante de relampago, Lebre e Lima faz passar deante dos nossos olhos essa vida distante, desegual, grotesca e sublime, sensual e casta que a erudição moderna anda estudando, a fim de a restituir á sua fórma original.

* * *

Tivemos hoje um dia de frio nevoeiro que reduziu os lisboetas a um bando irregular de creaturas engelhadas e recurvas que nas ruas passavam caricaturando a sua imagem radiosa dos dias de sol e optimismo.

Poucas palavras e marchas rapidas.

Sobretudos fartos e espirros estridulos.

Rostos mortiços e cigarros fumegantes.

Muitos dias assim tornar-nos-hiam incapazes de aguentar a nossa democracia palreira, piadista e boateira. O portuguez cahiria em atroz melancholia e quando a primavera chegasse só restaria d'elle uma mancha esfumada que talvez fosse o fundo amargo da raça.

O novo vice-rei da India ingleza

LONDRES, 15. — Lord Chelmsford, ex-governador de diversas colonias inglezas, foi nomeado vice-rei das Indias, em substituição de lord Hardinge, cujas funcções expiram em março proximo.—(*Havas*).

"EDIPO" NO NACIONAL

A recita de segunda-feira

Publicamos a seguir um trecho do primoroso trabalho de Lopes de Mendonça e Julio Dantas em cuja recitação vamos ouvir Armando Baptista* (Edipo) *e Vital dos Santos* (Tirezias) *na recita da Escola da Arte de Representar que se realisa segunda feira no Nacional.

ÉDIPO

O' diadema real! Poder supremo!
Realeza, gémea irmã da divindade!
Como, em volta de ti, ruge, convulso,
O immenso mar das ambições humanas!
Thébas! P'ra que prendeste nos meus hombros
A purpura dos reis? Se já Creonte,
Irmão e amigo que me abrira os braços,
Contra mim urde a intriga mais abjecta,
Suborna um velho tenebroso e paga-lhe
Em moedas d'oiro o lodo da calumnia!

(a Tyrésias)

De que valem as tuas profecias,
De que serve, impostor, a tua sciencia,
Se, p'ra vencer a esphynge, foi preciso
Que á minha astucia recorresse Thebas!
E é a mim que Creonte e que tu proprio
Querem agora apunhalar na sombra!
Ah, não! Mil vezes não! Inda que eu tenha
De ensanguentar os teus cabellos brancos,
E o meu barbaro gesto espante o mundo!

TYRÉSIAS

E'dipo, escuta. A tua realeza
Não tem poder para me impor silencio!
Has-de ouvir-me. Sou subdito de Apollo;
Não teu. Se cumpre aos reis fazer justiça,
Eu a reclamo, ó rei, contra ti mesmo!
Atiraste-me á face a minha tréva
Como um insulto: ai, é que tu não sabes
Quanto a tua cegueira excede a minha!
Vives n'um mar de sangue e de ignominia
E tudo desconheces, tudo ignoras.
Não sabes que ar respiras, quem te cerca,
Em que ventre materno te geraram!
E's mais cego do que eu, triste monarcha,
E orgulhas-te da luz que tens nos olhos!
O' miseria, miseria mais que humana,
Como eu te abranjo a torva immensidade!
Vê, como esplende em chuva d'oiro o dia!
Pois bem, rei miserando, em breve a noite
Ha de ser para ti profunda e eterna!
A maldição d'um pae, como uma sombra
Sanguinolenta, seguir-te-ha no exilio.
E então, que ondas, que selvas, que montanhas
Escutarão teus lugubres lamentos,
Quando, famintas de ódio e de vingança,
No teu rasto as Euménides latirem!
— Ruge em vão contra mim, que a tua cólera
Não revoga a sentença do destino!

ÉDIPO

Vae! Vae! que eu te não torne a ver! Ruina
Centenaria e decrépita, turvou-se
O teu espirito. As névoas da loucura
Circumdam-te. Seria deshonrar-me
Manchar as mãos no sangue da demencia!
Vae!

TYRÉSIAS

Eu vou, E'dipo. Mas tu chamaste-me;
Has-de escutar a minha prophecia.
O matador de Laio, o criminoso
Que buscas, entre nós se encontra. Thébas
Tem-n'o fechado em suas bronzeas portas.
Embora estranho á patria o julguem todos,
E' thebano de origem e de raça.
Deu-lhe a fortuna berço d'oiro; e em breve
Mergulhará no horror e na indigencia.
Encontrar-se-ha irmão dos proprios filhos;
Verá, na turva pallidez do assombro,
Que profanou o thálamo materno;
E a um tempo incestuoso e parricida,
Amparado ao bordão como um mendigo,
Vergado ao pezo de inaudita infamia,
Todo o povo há-de vel-o, cego, as palpebras
Sangrando, abandonar, p'ra todo o sempre,
Thébas cadméa, que o repelle e expulsa.
E agora, ó rei, acolhe-te ao palacio,
Pesa as minhas palavras, e, se eu minto,
Que me fulmine o céu!

EDIPO (erguendo os braços, emquanto Tyrésias se afasta)

E a mim, me aclare!

Henrique Lopes de Mendonça e Julio Dantas

PRECAUÇÕES A TOMAR...

Estará seguro o material de guerra

que actualmente existe no Arsenal do Exercito?

Não é bem o caso de se applicar o popular dictado: «depois de casa roubada, trancas á porta». O incendio de ante-hontem deve, pelo contrario, ter demonstrado á evidencia que nunca são exaggerados os receios quando, em epochas anormaes, é necessario prever catastrophes verosimeis, e que portanto não são tambem nunca exaggeradas as precauções. Está provado, seja ou não o incendio a consequencia de um acto criminoso, que nos estabelecimentos militares deve redobrar-se de vigilancia. E não é bem á policia que essa vigilancia compete, mas ás proprias auctoridades militares, que teem o dever de tomar todas as providencias indispensaveis para que os edificios onde se guardam as unicas garantias palpaveis da defeza ncional não fiquem á mercê de actos de banditismo ou de indesculpaveis descuidos.

Da Manutenção Militar, por exemplo, segundo me constou, foi requisitada uma guarda de 20 soldados para exercer permanente vigilancia em todas as dependencias d'aquelle estabelecimento. Pois parece que essa requisição só foi satisfeita em parte: n'uma parte realmente insignificante! Ha pouco, um official do exercito, republicano de alma e coração e patriota como os que o sabem ser, chamava-me a attenção para o caso do Arsenal do Exercito, que ha muito devia estar condemnado como deposito de armamento e outro material de guerra.

—E' um facto demonstrado que esse material não tem ali a menor segurança, declarou o meu interlocutor. A situação do Arsenal, que está por assim dizer entaipado por trez lados, é tudo o que se póde imaginar de peor. Um motim, uma «bagarre» momentaneamente organisada por meia duzia de audaciosos, póde collocar tudo aquillo á mercê de quaesquer aventureiros.

O Arsenal póde ser atacado a coberto até de pequena distancia, e a guarda que o guarnece, após o inutil sacrificio de alguns homens não teem outro remedio senão abandonar o edificio e refugiar-se em melhor posição. Um pouco de ousadia, e o espirito das coisas feitas «a tempo», é o bastante para se consumar uma intenção criminosa que deliberasse difficultar entre nós quaesquer trabalhos de mobilisação...

A epocha que atravessamos, anormal como é, com todas as suggestões que quotidianamente se nos deparam na leitura dos telegrammas do estrangeiro, justifica plenamente qualquer excesso de precauções que em condições differentes seriam talvez ridiculas. Pela affirmação que me foi feita ha pouco, a segurança dos estabelecimentos militares em Portugal deixa ainda muito a desejar. Ora a verdade é que os mal intencionados (se estivessemos em guerra poderiamos com propriedade falar da espionagem) não faltam infelizmente por ahi, e que não falta egualmente quem julgue que teria muito a aproveitar com a aniquilação do pouco que em materia de armamento e munições resta ainda ao exercito portuguez.

Hermano Neves.

Pelo mundo das finanças

O coupon da divida externa

A Junta de Credito Publico, que, pela sua constituição, é a reguladora dos preços dos coupons da divida externa, deliberou pagar esses coupons ante-hontem a 2$37. As casas bancarias e de cambio pagaram-nos esse mesmo preço aos seus freguezes, visto que teem de acompanhar a Junta, como é norma no meio financeiro.

Como o preço era convidativo, centenas de pessoas acorreram a negocial-os, enchendo-se essas casas de coupons, que hontem foram entregar á Junta. Qual foi, porém, o espanto dos apresentantes ao ser-lhes notificado que a Junta só os pagava a 2$14, comprehende-se facilmente. Comprehende-se, mas não se explica, parecendo-nos que, á semelhança do que se faz na alfandega e no correio, as casas negociadoras deviam ser avisadas com um dia de antecedencia pelo menos da alteração de cambio para as suas transacções, pois se evitariam assim prejuizos avultados, como succedeu com este caso, em que algumas casas perderam grandes quantias.

Para que se não repita semelhante facto chamamos a attenção da Junta.

O ARTIGO DO "TIMES"

Portugal e a guerra

Eis, na integra, o artigo de fundo do «Times», publicado pelo grande jornal londrino em 8 do corrente e de que a imprensa portugueza se tem occupado nos ultimos dias. Intitula-se «Portugal e a guerra»:

De todas as nações que ainda não tomaram parte activa na guerra nenhuma se declarou tão devotadamente ou tão expontaneamente em favor dos alliados como os nossos antigos camaradas d'armas, os portuguezes. Tinham apenas começado as hostilidades quando o governo portuguez nos assegurou da sua leal adhesão nos termos da alliança ingleza e da sua decisão a pôl-a em pratica apenas assim fosse desejado.

Aquella affirmação, que fôra confirmada por um voto unanime no Parlamento, tem sido repetida em cada mudança de governo por politicos de todos os partidos e pelos jornaes de todos os matises. Tão geral era a expressão d'ardor patriotico no começo da guerra que o sr. Bernardino Machado, então presidente do ministerio, chegou a propôr que uma força expedicionaria fôsse enviada á Flandres, offerta esta que foi favoravelmente acolhida pelo Governo Britannico. O abandono d'este projecto não foi devido a falta alguma de zelo da parte do Governo Portuguez ou do povo, mas sim a certas difficuldades de caracter material que haviam esquecido nos primeiros momentos de enthusiasmo. Reconhecera-se que o exercito não estava preparado, e que o thesouro não possuia fundos disponiveis. Além d'isso, um pouco de calma reflexão suggeriu duvidas sobre a vantagem de enviar forças portuguezas ao estrangeiro n'uma occasião em que outros problemas poderiam carecer de seria attenção. As exigencias da defeza nacional não podiam ser esquecidas; emquanto que em Africa as grandes colonias de Angola e Moçambique necessitariam sem duvida de fortes reforços da metropole no caso de ataque por parte dos territorios visinhos allemães. Não se podiam negligenciar considerações d'esta ordem, e concordou-se eventualmente que Portugal serviria mais utilmente a causa commum evitando uma rotura com a Allemanha e economisando os seus recursos para necessidades futuras.

Esta decisão sem duvida prudente em vista das circumstancias, nem por isso deixou de collocar Portugal n'uma situação mais ou menos equivoca. Comquanto prestando valiosos serviços aos alliados, manteve-se em paz com a Allemanha; e, consequentemente, viu-se obrigado a conceder prolongada hospitalidade á grande e variada fróta de navios allemães que procuraram abrigo nos portos portuguezes durante as primeiras semanas de guerra, e a tolerar a indesejavel presença em Lisboa do ministro allemão, dr. Rosen, que, como os seus collegas em outras capitaes neutras, transformou a sua legação n'um activo centro de intriga e propaganda progermanica. Ao mesmo tempo expoz-se, como alliado da Gran-Bretanha, ás provocações da imprensa allemã e a actos vexatorios taes como os abortados ataques da Africa Allemã do Sudoeste contra as fronteiras de Angola. De facto, Portugal, não gosa das vantagens d'uma verdadeira neutralidade nem do estimulo moral e grande prestigio que teria ganho [...] com os seus alliados. A ingrata imposição que, no interesse commum, assim assumiu deve ter causado dolorosa impressão sobre uma nação valente com tradições não menos famosas que as nossas; conseguiu-o, porém, com uma lealdade e uma paciencia que excedem todo o elogio. Não temos duvida que assim continuará, emquanto esperar a opportunidade de representar uma parte mais activa a que lhe dá direito a sua longa e gloriosa historia.

Não podemos por ora calcular quando chegará esta opportunidade. Esboçando a sua politica no Parlamento, o sr. Affonso Costa, que uma vez mais está no poder á frente de um gabinete partidario democratico, renovou a sua profissão de dedicação á alliança ingleza e comprometteu-se com o seu governo a promover por todos os meios possiveis o triumpho da causa dos alliados. Mas, comquanto a preparação do exercito para a guerra péze largamente no seu programma, ha ainda outros assumptos. Tenciona, por exemplo, reformar as finanças publicas, a policia e os systemas judiciario e colonial; dedicar-se ao estudo do governo local e da educação nacional; reorganisar a industria, o commercio e a agricultura; desenvolver a pesca e a marinha mercante; e estabelecer um systema de seguros do Estado. A tarefa que o sr. Costa assumiu cheio de confiança é uma das que demandam o genio d'um Pombal tendo a auxilial-o um povo unido. Infelizmente hoje o povo portuguez está apenas unido n'um ponto, e como os republicanos moderados—os evolucionistas sob o sr. Almeida e os unionistas sob o sr. Brito Camacho—foram uma vez mais excluidos de toda a participação na administração, seria arriscado prophetisar ao novo governo uma longa ou facil vida. O sr. Costa é um ministro forte, e tem deante de si uma grande opportunidade. Desejamos-lhe todo o successo; mas, quer elle vença ou fracasse, a inglezes e portuguezes egualmente agradará saber que a alliança entre os dois paizes nunca foi em todo o curso da sua longa historia mais cordial ou mais poderosa do que é hoje. A experiencia dos ultimos dezoito mezes provou completamente, se prova fosse necessaria, que se em qualquer momento pedirmos o auxilio dos nossos alliados não o pediremos em vão.

AFFIRMAÇÕES NECESSARIAS

Correm versões malevolas

sobre as causas do incendio no Deposito Central de Fardamentos

E' preciso demonstrar-se a sua falsidade, para que a opinião publica não seja mystificada

O sr. director da policia de investigação quiz ter a amabilidade de me ouvir sobre o pequeno depoimento que publiquei hontem nas columnas d'este jornal. A importancia das affirmações que eu fiz, e que mantenho em absoluto, consiste em provar-se que já se sabia, quatro horas antes de declarado o incendio que o Deposito Central de Fardamentos estava condemnado a arder. Explendida base, se outra não houvesse, para que as auctoridades diligentemente procedessem ao apuramento de todas as responsabilidades. Era um ponto de partida para se estabelecer esta convicção: *trata-se de um crime de fogo posto.* Mas succede que a origem da informação que eu recebi era a mesma dos avisos feitos a membros do governo, não quatro horas antes, mas, pelo menos, com a antecedencia de trez dias.

Assim, a importancia do meu pequeno depoimento fica singularmente attenuada, nada interessando ás auctoridades conhecer o nome da pessoa que me informou e que eu não revelo, nem revelarei, por se tratar de um caso de segredo profissional. As origens das informações que me são fornecidas, como jornalista, só a mim dizem respeito.

De resto, o aviso que recebi quatro horas antes da catastrophe não me habilita a formar opinião segura sobre o caso. Estou apenas convencido, como toda a gente, que houve crime. Instigado por elementos germanophilos, que desejassem impedir a mobilisação rapida do nosso exercito? Não me repugna acreditar que assim fosse, conhecido o exemplo de episodios semelhantes occorridos n'outros paizes, muito embora saiba tambem que esses elementos podiam lançar mão de outros meios mais efficazes para alcançarem o mesmo fim.

Outras versões se espalham, em centros de má lingua, e a ellas é preciso alludir para que a opinião publica não seja mystificada nem fique sob a impressão do malevolo *diz-se*. Insinua-se, por exemplo, com transparentes intuitos, que se tinha dado um desfalque no Deposito Central de Fardamentos; que com o incendio se pretendeu evitar a realisação d'um inventario que deveria começar por estes dias; que, na vespera do incendio, foi passada n'uma repartição de contabilidade uma guia para o Deposito de Fardamentos levantar 70 contos do Banco de Portugal; que n'aquelle estabelecimento tinham entrado recentemente fazendas deterioradas no valor de centenas de contos.

Tudo isso, evidentemente, é falso. Mas a honestidade de todas as pessoas envolvidas em tão lamentavel assumpto não pode estar á mercê de suspeitas insidiosas, nem o espirito publico pode ser desnorteado com versões malevolas. E' indispensavel provar-se a falsidade de tudo quanto *se diz.*

Herculano Nunes

A fundação do deposito

Durante muitos annos, os fardamentos para o exercito eram confeccionados nos proprios quarteis, em officinas denominadas «casões». O calçado ora se encommendava á industria particular ora provinha das officinas da penitenciaria, onde os reclusos o laboravam, d'harmonia com os modelos que lhes eram officialmente fornecidos. Foi em 1903 que o sr. general Pimentel Pinto, então ministro da guerra, fundou o Deposito Central de Fardamentos. A sua acção não tinha, todavia, uma grande extensão. O sr. Vasconcellos Porto, porem, quando foi ministro no governo franquista, remodelou por completo esse estabelecimento transformando-o, em 1907, em [...]

brica de uniformes para todo o exercito. Em 1909, foi creada a officina mechanica de calçado, com a capacidade precisa para abastecer o exercito activo de então, que era de cerca de 18.000 homens. Esta officina, cuja ampliação a ultima reorganisação do exercito mostrou ser indispensavel, funccionava no templo de Santa Engracia, que ficava separado do Deposito por uma estreita rua.

O funeral dos bombeiros

O sr. ministro da justiça, attendendo ás solicitações do commando dos bombeiros, dispensou as formalidades legaes, a fim de abreviar o funeral dos dois bombeiros municipaes, victimas do incendio de ante-hontem.

N'essa conformidade o funeral effectua-se ámanhã, pelas 13 horas, sahindo prestito da morgue. Os cadaveres dos desditosos bombeiros, encerrados em caixões de lhama, serão transportados para o cemiterio, em dois armões do corpo de bombeiros. No prestito encorporam-se 50 bombeiros municipaes, sob o commando d'um chefe, fazendo-se representar todas as secções dos voluntarios de Lisboa e uma delegação dos bombeiros do Barreiro.

O governo faz-se representar tambem no funeral.

Em Santa Clara

Continuou hoje o rescaldo e o serviço de salvados—No hospital e na policia

Maior do que hontem foi hoje o numero de pessoas que accorreram ao Campo de Santa Clara para assistirem ainda aos trabalhos do rescaldo. Esse augmento de curiosos comprehende-se visto ser hoje terça-feira, dia do tradicional mercado de objectos antigos, mais popularmente conhecido, por «Feira da Ladra». Assim, em frente ás ruinas do edificio incendiado, nas embocaduras das ruas e no jardim, alguns milhares de pessoas se agglomeraram, contidas, como hontem, por policias e guardas republicanos. Como o dia de hoje permanecesse friorento e humido, no largo, em frente do Deposito, accenderam-se varias fogueiras a cujo calor benefico, os guardas se acolhiam para desentorpecerem os nervos regelados. E o aspecto do largo de Santa Clara com as paredes do edificio em ruinas, ainda pejadas de escadas, tinha qualquer coisa de feerico e tragico que enchia de tristeza o ambiente.

De bocca em bocca as mesmas perguntas de hontem transitaram: —Como principiou o fogo? Quem lhe deu origem? Seria ou não casual?— e ninguem para estas perguntas tinha uma resposta que satisfizesse! Boatos, supposições, o «dize tu direi eu» do costume em casos de tal monta.

Menos duas agulhetas do que hontem continuaram hoje durante todo o dia os trabalhos do rescaldo, alimentadas por bombas a vapor cujo resfolgar incessante se ouve até cá acima ao Arco Grande de S. Vicente.

A «Feira da Ladra» que nos mais dias se estendia pela encosta junto do Deposito até quasi lá baixo ao edificio do Quartel da Marinha, teve que se limitar hoje ao terreno que vae do Arco até junto do Jardim, frente ao velho edificio do tribunal militar.

Olhando-se cá de cima o aspecto do rescaldo é approximadamente o mesmo de hontem, áparte as fogueiras rodeadas pelos soldados que se aquecem. Bombeiros municipaes e conductores continuam a retirar activamente de sob os montões de entulho ainda fumegantes, calças, jaquetas, bonets, calçado e varios outros objectos e peças de fardamento já manufacturadas, a maioria d'ellas chamuscadas, deterioradas pelo fogo.

Todos os salvados iam sendo transportados dedicadamente pelo pessoal do deposito auxiliado por soldados de infantaria e «boy-scouts», do atrio da egreja de Santa Engracia para o conventinho do Desagravo.

Durante o dia estiveram no local o director interino do Deposito tenente-coronel sr. Vasconcellos Dias, capitão-thesoureiro Manuel Gomes Rebello, capitães Lemos, Silva, Vilhena, tenente Santa Ritta, amanuense Carvalho e outros officiaes, além dos mestres das diversas officinas. Junto do edificio estiveram tambem durante o dia muitos officiaes do exercito e da armada continuando o serviço de bombeiros a ser dirigido pelo chefe de divisão sr. Caetano de Carvalho, auxiliado por varios chefes de secção.

Nos baixos do edificio, tornejando para a rua do Paraizo, existia, como hontem dissémos, o archivo pertencente ao ministerio da guerra. Este archivo, que poude ser salvo, foi hoje transportado para o Conventinho e para uma dependencia da egreja de Santa Engracia onde ficou encaixotado.

No hospital de S. José todos os feridos continuam melhorando.

Na enfermaria n.º 4 foi hoje recolhido, em virtude de varios ferimentos recebidos em Santa Clara, o bombeiro municipal n.º 79, Alfredo Celestino do Carmo, residente na rua do Salvador, 41.

A visitarem os feridos foram hoje durante o dia a S. José os srs. ministro do interior, presidente da camara municipal, provedor da assistencia, vereador do pelouro de incendios e o commandante do corpo de bombeiros.

* * *

O sr. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação, ouviu hoje o sr. Nobre Martins, redactor de «O Seculo», que se limitou a dizer que confirmava o que escrevera e nada mais tinha a accrescentar.

Tambem foram ouvidos os srs. Antonio Alves, chefe de secção dos bombeiros municipaes e os seus subordinados os n.os 35, 78, 92 e 306, nada transpirando dos seus depoimentos. Todos estes senhores foram depois ouvidos pelo chefe da 1.ª secção sr. Albino Sarmento.

Estavam intimados para comparecerem no governo civil alguns mestres das officinas do Deposito, os quaes não se apresentaram até ás 18 horas.

O sr. director da policia sahiu do seu gabinete em investigações importantes sob o caso, tendo interrogado na esquadra onde se encontra incommunicavel o mestre geral das officinas de alfaiateria, Epiphanio Rodrigues Duarte. Aquelle magistrado esteve no local do sinistro fazendo um rapido exame e tendo ouvido alguns officiaes que faziam serviço no Deposito Central de Fardamentos.

* * *

O sr. Carlos Gomes, presidente honorario da associação commercial de Lisboa e o sr. Apolinario Pereira, presidente da associação commercial dos logistas procuraram hoje o sr. ministro da guerra, em nome de aquellas collectividades, afim de lhe manifestar o seu sentimento pelo incendio no deposito de fardamentos e offerecer-lhe todo o concurso que fôr necessario n'esta conjunctura.

* * *

O sr. F. Alves Mormenta, com escriptorio na rua Fernandes da Fonseca, offereceu ao governo quatro estufas que possue para a seccagem dos salvados do incendio no Deposito de fardamentos.

* * *

A direcção do Deposito de Fardamentos foi exercida até ha mez e meio, se não estamos em erro, pelo sr. tenente coronel Salazar Moscoso. Desde essa data a direcção interina estava a cargo do sr. tenente coronel Vasconcellos Dias, director da Manutenção Militar.

Exposição de caricaturas

No elegante salão Fóz encontram-se actualmente trabalhando dois distinctos silhuetistas caricaturistas, Mrs. José Llorach e José Muñoz. Os seus trabalhos são magnificos, e pelo modico preço de 20 centavos podem adquirir-se tres esplendidas caricaturas. Pelos espelhos do bello recinto do buffete espalharam alguns dos seus trabalhos, que admiramos e que são felicissimos.

Estes senhores demoram-se alguns dias em Lisboa, sendo de esperar que tenham um digno acolhimento por parte do nosso publico.

Preces pela victoria dos alliados

Em todas as egrejas de França celebram-se ámanhã preces pela victoria dos exercitos alliados.

Em Lisboa, realisam-se, ás 10 horas da manhã, na egreja de S. Luiz dos francezes, tendo sido a colonia franceza convidada a assistir.

Reclamando justiça

Casos que urge resolver

Para a situação em que se encontra o director geral da fazenda do ultramar, sr. Eusebio da Fonseca, chamam a nossa attenção. O processo disciplinar que lhe foi instaurado, assim como o parecer da commissão e o relatorio do juiz syndicante encontram-se já em poder do sr. ministro das colonias ha dois mezes, sem que até hoje se tenha tomado qualquer resolução.

Não podemos ser accusados de parcialidade ao escrever estas linhas, pois fomos dos que accusámos o sr. Eusebio da Fonseca, mas entendemos que tal situação não póde, nem deve prolongar-se. Se esse funccionario prevaricou, castigue-se; se se provou que as accusações que lhe foram feitas não tinham razão de ser, reintegre-se no seu logar. Assim, é que não pode ser.

Para um outro caso chamamos tambem a attenção de quem compete. A professora de Pedreira, Thomar, sr.ª D. Elisa Dulce Quadrado Araujo, volta a dirigir-se-nos, pedindo que lhe seja feita justiça, pois que—diz—foi victima d'uma cilada para se dar o logar que tinha na Foz do Douro a uma protegida do inspector escolar do circulo a que essa escola pertence. Em tempo occupou-se «A Capital» do caso, publicando a queixa d'essa professora e a resposta que deu o inspector sr. Vidal Oudinot. Mas como para nós o assumpto não está bem esclarecido, entendemos que deve—quem póde fazel-o—avocar a si esse processo averiguar se a queixa tem ou não razão, fazendo-se justiça a quem a tiver.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Coimbra, terra d'amores—Boubouroche.
REPUBLICA—A's 15—Concerto—A's 21—Os postiços.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo. (Revista).
POLYTEAMA—A's 15—Concerto—A's 21—A martyr.
GYMNASIO—A's 21—Soror Marianna—deputado independente.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—A viagem de Suzette.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A espiga (Revista).
PHANTASTICO—A's 14—Matinée—A's 20,30 22,30—A rival da da viuva alegre.
MODERNO—A's 20,30 e 22,30—Sempre ás ordens.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Gioconda.

Boatos e informações

Cinira Polonio interpretará amanhã novos numeros na revista *A Espiga* que está sendo representada com grande exito na rua dos Condes. Escusado será accentuar que esta noticia equivale a prever mais noites de applausos no elegante theatro onde a distincta artista foi levar o radioso attractivo do seu talento tão original, tão inconfundivel.

Recebemos e agradecemos os cumprimentos da distincta cantora Salomea Kruceniski Riccioni e do seu marido o sr. Cesare Riccioni.

Na proxima quarta feira, com um espectaculo escolhido, realisa-se no theatro Phantastico a recita do secretario da empreza.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Centro Leotte do Rego

A inauguração da sua séde

Como já noticiámos, é amanhã que se realisa a inauguração da séde d'este centro, na rua das Trinas, 83 a 87, antigo theatro das Trinas.

Haverá, ás 13 horas, sessão solemne, para a qual foram convidados os srs. presidente da Republica, presidente do ministerio, ministro da marinha, o patrono do centro, dr. Estevam de Vasconcellos, dr. Magalhães Lima, dr. Albino Vieira da Rocha, capitães Helder Ribeiro e Tavares de Carvalho, além de muitos outros vultos de destaque do partido republicano portuguez.

Discursarão diversos oradores e a festa será abrilhantada pelo quintetto Cyriaco composto de socios da Tuna Commercial. A' noite ha baile.

Salão Foz

Decididamente a empreza d'esta casa de espectaculos caminha em maré de rosas, tal o successo hontem alcançado com a estreia de *La Farfalla*. E' realmente um numero *chic*, digno de ser admirado pelas pessoas mais exigentes em diversões de variedades. *La Farfalla* além de ser uma mulher cheia de belleza é uma artista consciencosa no seu trabalho. Os restantes numeros de que se compõe o programma d'esta noite são egualmente bons, tendo agora o publico do Foz occasião de vêr artistas como ha muito não se apresentam em salões de Lisboa.

Churry, el Bonito, o rei da gargalhada, *Mathilde de Aragon*, nos seus lindissimos *couplets* e *Estrella de Levante*, com as bellas canções andaluzas, continuam ouvindo fartos applausos.

A'manhã, na *matinée*, repetem-se os numeros de hoje.

Brindes e calendarios

As officinas graphicas dos srs. Henrique Pereira & C.ª, rua Paiva de Andrada, 8 a 12, distribuem um calendario-chromo, realmente lindo, trabalho que honra aquellas acreditadas officinas. Agradecemos os exemplares que nos foram enviados.

Familia digna de auxilio

Para a pobre senhora viuva para quem ha trez dias solicitamos o auxilio das almas generosas, recebemos do anonymo D. S. P. M. a quantia de 500 réis, em sellos, que hoje mesmo remettemos a seu destino. Os nossos agradecimentos.

OPERA LYRICA

Kruceniski e Battistini

Como abrisse hoje a folha da assignatura para as dez recitas extraordinarias das grandes celebridades lyricas Kruceniski, a eminente prima-donna, e Battistini, o insigne barytono, muita gente affluiu á bilheteira do Colyseu, ficando quasi coberta a assignatura dos camarotes de 1.ª ordem.

A grande cantora Salomea Kruceniski, creadora de tantas operas, apparece de novo ao publico de Lisboa, cantando a *Madame Butterfly*, em um dos dias da proxima semana.

Battistini, que dará apenas quatro recitas, debutará com o *Ernani*.

O glorioso barytono foi alvo de estrondosas ovações cantando a *Traviata* no Liceo de Barcelona, tendo de bisar a romanza.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 15.—Communicação official das 15 horas.—A noite decorreu calma. Em Champagne a nossa artilharia dispersou os trabalhadores inimigos e colheu sob o seu fogo um comboio em marcha na estrada de Auberive a Saint-Souplet. Em Argonne houve troca de granadas na região de Vauquois. Quanto ao resto das linhas de combate nada occorreu digno de menção.—(*Havas.*)

NOTAS DIVERSAS

A assignatura presidencial realisou-se esta tarde no palacio de Belem, reunindo em seguida o governo em conselho sob a presidencia do chefe do Estado.

—O 1.º tenente sr. Almeida Henriques, que foi exonerado do cargo de commandante do submersivel *Espadarte*, deve seguir em breve para a Italia, onde vae assistir á construcção dos submarinos ultimamente encommendados pelo governo portuguez.

No Estoril

A festa de ámanhã

Como noticiámos, o sr. presidente da Republica será quem presidirá á cerimonia da collocação da pedra fundamental do primeiro dos grandes edificios que a Sociedade Estoril ali vae construir, assistindo tambem ao acto o governo, corpo diplomatico, os representantes de ambas as casas do parlamento, vereações de Lisboa, Cascaes, Cintra e Oeiras, auctoridades civis e militares, os representantes das mais importantes collectividades, etc.

Em vista do actual horario da linha de Cascaes não ter nenhum comboyo cuja chegada ao Estoril coincida com o começo da festa, a Companhia dos Caminhos de Ferro, a pedido de muitas das pessoas que desejam assistir a esta festa, resolveu formar ámanhã um comboio rapido extraordinario, que partirá do Caes do Sodré ás 13,15 e chegará á estação do Estoril 10 minutos antes de começar a ceremonia.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOS CINEMAS

Esteve hoje muitissimo concorrido o chá-tango no salão-buffete do Olympia, o elegante cinema em cujo «écran» passam as mais celebres fitas da actualidade. A affluencia ás sessões nocturnas mantem-se extraordinaria, causando sensação o film «O poder invisivel».

A sessão da moda no Chiado Terrasse teve hontem uma concorrencia mundana das mais distinctas. Causou a mais intensa impressão o bello drama «Demencia de amor», que se estreou. No balcão e na plateia entre muitas outras, vimos as sr.as:

Viscondessa da Idanha e filha D. Maria José, D. Anna Goulart de Sousa e Caldas e filha D. Maria Gabriella, D. Albertina Diogo da Silva Teixeira e filha D. Graça, D. Bertha Goulart de Sousa Caldas Forte, D. Maria Bertha Ortigão Ramos de Castello Branco, D. Emilia Pimentel, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, D. Maria Leonor Franco de Barros (Alvellos), D. Anna de Barros (Alvellos), D. Maria Luiza Santos Tavares, D. Elvira Navarro e filha D. Octavia, D. Josephina Navarro Dominguez, D. Anna Deslandes Caldeira Moraes Soares, D. Maria José e D. Maria Caldeira Coelho, D. Maria Pimentel, D. Isabel Lallemant, etc.

«COIMBRA, TERRA DE AMORES»

Está despertando o mais vivo interesse a peça de Vicente Arnoso em scena no theatro Nacional, vendo-se nos camarotes, como nos dias anteriores, muitas senhoras da sociedade elegante. Ao espectaculo de hontem entre outras assistiram as sr.as:

D. Maria Rufina Iglezias da Silveira Vianna, D. Maria da Conceição Pinto de Moraes Sarmento Cohen, D. Palmyra da Camara Leme e filhas D. Leonor e D. Maria Adelaide; D. Elvira Jara de Albuquerque d'Orey, D. Christina Cordeiro Ferreira Roquette, D. Maria Amelia Cordeiro Forte Gato, D. Maria da Graça Iglezias Vianna Ferreira Roquette, D. Maria Helena Iglezias Vianna, D. Julia e D. Adelaide Cardoso de Castilho, D. Maria Amalia de Oliveira, etc.

CASAMENTOS

Na egreja de S. Sebastião da Pedreira realisou-se hoje o casamento do sr. dr. Antonio Madeira Pinto com a sr.ª D. Julia Thomaz da Costa, gentil filha do sr. Guilherme Thomaz da Costa. O noivo é um dos mais talentosos entre os novos advogados com banca em Lisboa e muito estimado tambem pelo primor do seu caracter.

—Realisa-se ámanhã o enlace matrimonial do sr. José da Rocha, commerciante, com a sr.ª D. Maria dos Santos Rocha.

JANTAR DE HOMENAGEM

No restaurant do Dáfndo realisa-se ámanhã um jantar de homenagem ao sr. Antonio Loureiro, mestre da officina de pintura da Companhia Carris de Ferro, offerecido pelos seus subordinados. Abrilhantará o jantar a troupe musical do Centro Escolar Republicano de Belem.

Um livro de Pimenta de Castro

Acha-se impresso um livro do general Pimenta de Castro, sobre os acontecimentos politicos em que teve parte. Consta-nos que o dictador derrubado pela revolução de 14 de maio consagra na sua obra longas paginas á Inglaterra, contra a qual tem uma particular má vontade, que já não disfarçava quando no poder.

* * *

O *Primeiro de Janeiro*, chegado esta tarde, insere o seguinte telegramma de Lisboa:

«Deve ser publicado por estes dias um volume de 97 paginas que o general Pimenta de Castro acabou de escrever e que se intitula «O dictador e a affrontosa dictadura». Segundo me dizem faz varias revelações de sensação. Consta que foi ordenada a apprehensão do volume».

Morte do dr. Mendes Lages

Falleceu em Hespanha, n'uma casa da Companhia de Jesus, o sr. dr. Antonio Mendes Lages, medico que foi muito conhecido em Lisboa e que, depois de enviuvar, professou n'aquella ordem religiosa, onde recebeu a ordenação sacerdotal.

O sr. dr. Antonio Mendes Lages era um catholico militante dos mais apaixonados pelas suas ideias, que propagava pela palavra e pela penna com uma persistencia singular. Pertenceu á administração superior do *Correio Nacional* e á direcção do partido nacionalista. Quando fazia o noviciado no Barro, o dr. Mendes Lages ainda se interessava vivamente pela politica e dava a tal respeito opiniões e conselhos aos dirigentes catholicos.

A sua primeira missa celebrou-a no exilio cujos primeiros tempos lhe decorreram no norte da Europa, cremos que na Hollanda. Ultimamente residia em Murcia.

O dr. Mendes Lages, que era septuagenario, deixa dois filhos, um d'elles official do exercito.

Estatua da Republica

Reuniu hoje novamente no parlamento o jury encarregado de apreciar as «maquetes» que se apresentaram no concurso aberto para acquisição da estatua da Republica destinada á camara dos deputados. Compareceram os srs. Manuel Monteiro, João Barreira, João de Barros, Columbano, Ventura Terra, Accacio Lino e Costa Motta.

A reunião foi demoradissima, concluindo o jury por deliberar não conferir o primeiro premio a nenhuma das «maquetes». A do esculptor Francisco Bastos foi collocada fora do concurso, e a de Costa Motta, Sobrinho, teve o segundo premio, na importancia de 200 escudos.

Os trabalhos de Anjos Teixeira e Moreira Ratto obtiveram premios de 100 escudos. O concurso vae, pois, repetir-se. Na proxima quinta-feira as «maquetes» serão expostas ao publico n'uma das salas do palacio do Congresso.

Interesses portuguezes no Brazil

Os jornaes da manhã publicam hoje um telegramma do Rio de Janeiro noticiando que o presidente da Republica Brazileira assignou um decreto reduzindo os direitos de entrada em productos da America do Norte. Essa medida não pode deixar de affectar os interesses da industria e do commercio do nosso paiz, visto que muitos productos da America do Norte concorrem no mercado brazileiro com artigos portuguezes.

Como se encontra entre nós o sr. dr. Duarte Leite, embaixador no Rio de Janeiro, era o momento opportuno para que o sr. ministro dos negocios estrangeiros estabelecesse com sua ex.ª as bases da politica economica que ali deve ser seguida, de harmonia com os interesses da nossa industria e do nosso commercio.

Reuniões academicas

Faculdade de medicina

São convidados todos os alumnos d'esta faculdade a reunirem na segunda-feira, pelas 20 1/2 horas, no edificio da Faculdade, se n'esse dia o Senado resolver sobre o projecto Camoesas.

Escola de Construcção, Industria e Commercio

Convidam-se os alumnos d'esta escola a reunirem ámanhã, pelas 19,30 horas, no Centro Republicano Dr. Bernardino Machado, no largo d'Alcantara.

Bartholomeu Constantino

O funeral do fallecido propagandista realisa-se amanhã

Como noticiámos é amanhã que se realisa o funeral do propagandista do movimento operario Bartholomeu Constantino, sahindo o prestito, ás 12 horas, da séde da Federação da Construcção Civil, rua da Barroca, 59, 2.º. O numero de associações de classe que se faz representar no funeral é grande, estando o caixão coberto com faxas de muitas d'ellas. Durante o dia foram recebidos telegrammas e officios da Federação Typographica Portugueza, (conselho federal), Pintores da Construcção Civil, (grupo escolar), do Syndicato dos Carpinteiros de Coimbra, Sociedade Philarmonica dos Calceteiros Municipaes, Grupo Dramatico de Belem, Grupo Audacia Avante e Operarios Associados, do Porto, Operarios do Movimento dos Tabacos do Porto, Associação dos Pedreiros Eborenses, etc.

O sr. Leotte do Rego, commandante da divisão naval, mandou um cartão de sentimentos, tendo ali estado o capitão de mar e guerra sr. Machado Santos.

O Centro Republicano Escolar 27 de Abril convida os seus associados a incorporarem-se no funeral.

* * *

O funeral segue pelas ruas da Barroca, das Salgadeiras, do Norte, praça Luiz de Camões, rua e largo Trindade Coelho, ruas de S. Pedro de Alcantara e de D. Pedro V, praça Rio de Janeiro, rua da Escola Polytechnica, praça do Brazil, ruas Visconde de Santo Ambrozio e Saraiva de Carvalho.

Junto do jazigo usarão da palavra os srs. Conceição Pires, Sebastião Eugenio, Jayme de Castro, Pinto Quartin, Joaquim Nogueira, Aurelio Quintanilha, Manuel Pedro de Abreu e Bernardino dos Santos.

* * *

A proposito de Bartholomeu Constantino, diz-nos o sr. José Tavares que o conheceu de perto e com elle conviveu:

—O velho propagandista não só foi um agitador, mas tambem um organisador. Muitas collectividades lhe devem a existencia e cooperou tambem em muitos jornaes operarios e em pamphletos clandestinos. Nunca explorou ninguem e deu sempre o exemplo da dedicação e do sacrificio. Amigo sincero e verdadeiro, a sua meza era de todos e para todos, e sua magra bolsa nunca a fechou aos seus camaradas. Percorreu o paiz de norte a sul animado sempre de fé e não ha cidade ou aldeia onde não estivesse sendo por isso immensamente conhecido, em especial no meio corticeiro onde contava bons amigos. N'essa classe, sua predilecta, o seu ideal teve bom acolhimento e adeptos, o que constituia para elle consolação.

«Foi no seu seio que constituiu uma das ramificações da carbonaria portugueza, cujas iniciações tiveram logar na quinta do Alfeite a altas horas. Foi impellido por Bartholomeu que todo o povo de Almada, Cacilhas e Piedade, n'um rasgo de audacia, arvorou a bandeira da Republica. Em Faro soffreu João Franco o maior dissabor quando da sua ida áquella cidade onde Bartholomeu dispunha de influencia. Foi tambem o companheiro inseparavel em varias gréves, arrostando com todos os perigos e perseguições e nunca se deixando alliciar pelos capitalistas ou pelas auctoridades.

«Bartholomeu teve amigos e admiradores em todas as classes sociaes, apezar de avançado, conquistando sympathias até nos proprios guardas policiaes. Convem até recordar um caso pittoresco. Por occasião da ultima gréve geral, fugiu porque o procurava a policia. E como era carnaval mascarou-se de velha alcoviteira. Ao passar junto d'um civico de serviço, dirigiu-se-lhe chamando-o pelo nome. Olhado com desconfiança pelo guarda, este obrigou-o a tirar a mascara e com espanto reconheceu Bartholomeu Constantino, o mesmo cuja prisão os superiores desejavam. Não o prendeu. Mandou-o cobrir e apresentar-se em sua casa, como recurso de segurança, ao que Bartholomeu se negou, para o não prejudicar. O guarda disse-lhe:—Tome esta pistola para defeza; tenho ainda o revolver com seis balas; quem o fôr buscar preso encontrar-se-ha commigo; cinco são para fóra e uma para mim.

Certamen regionalista

A iniciativa da sr.ª D. Albertina Paraizo

Aos escriptorios «Arte e Menage» continuam a afluir todos os dias numerosas pessoas em destaque no nosso meio intellectual e mundano que vão ali admirar a exposição de industrias regionaes tão notavelmente organisada pela illustre escriptora sr.ª D. Albertina Paraizo.

A tapeçaria, no genero Arrayolos, deliciosamente bordada pela sr.ª D. Maria Arantes que de ha muito tem um logar em relevo no nosso meio de arte, alcançado justamente pelo seu radioso talento e pela sua interessante cultura, tem suscitado da parte de todos os visitantes os mais calorosos elogios.

A exposição regionalista, installada nos escriptorios da rua do Alecrim, 71, permanece aberta, dando-se n'ella «rendez-vous» o que de mais selecto conta a nossa sociedade elegante.

PEQUENAS NOTICIAS

A banda da guarda republicana executa, amanhã, na Avenida da Liberdade, das 13 ás 14 e meia horas, o seguinte programma: «Luzitano», marcha, A. Eduardo; «Patrie», ouverture, Bizet; «Momento Musical», Schubert; «Cavallaria Rusticana», selecção Mascagni; «Minueto», Beethoven; «El Pollo Tejada», zarzuela, Serrano Y Valverde; «Meridional», marcha, Mendes Canhão.

—Na enfermaria 5 do hospital de S. José foi hoje internado o creado de servir Antonio Fernandes Silva, morador na calçada de S. João da Praça, 17, que foi aggredido ao passar pelo largo da Sé com uma facada no pescoço.

—José Borges Martins, morador na rua Maria Pia, 159, 2.º, foi preso na casa de cambio da rua da Assumpção onde pretendia rebater uma cautela que se verificou estar viciada e que elle dizia ter o premio de 120 escudos.

—Queixou-se Antonia Fernandes, moradora no Casal Ventoso, «villa» Pereira, 6, de que seu filho Antonio Paes a aggrediu com soccos e pontapés, resultando-lhe um ferimento no nariz e contusões pelo corpo, pelo que teve de ir receber curativo ao hospital da Estrella.

—No governo civil deu hoje entrada o caixeiro viajante Mario da Costa Roxo, natural de Villar Formoso, preso á ordem do administrador do concelho de Torres Vedras como suspeito passador de moeda falsa. Veiu acompanhado do official de diligencias Jordão e guarda n.º 433 Manuel Ferreira.

Pela repartição da fiscalisação do preço dos generos foram enviados ao tribunal 41 processos de multa contra egual numero de commerciantes que elevaram os preços dos generos.

A fabrica de moagens do Caramujo, com escriptorio no largo do Terreiro do Trigo, foi multada em 140 escudos por vender mais cara a semea.

—Depois de operado do trepano recolheu á enfermaria 4 do hospital de S. José Vicente Antonio Alves, de 78 annos, estivador, morador na rua da Barroca, 95 loja, que foi colhido por uma lingada de ferro, a bordo de um vapor da Mala Real Ingleza, que está atracado á muralha de Santos.

—Os srs. Vantura & Martins inauguraram hoje na estrada de Bemfica, 90 a 93, uma padaria independente com serviço de pastellaria, cervejaria e vinhos finos. As installações são o mais completas possivel e com todas as condições de hygiene e limpeza para o fim a que se destinam. Aquelles senhores offereceram um copo de agua á imprensa e convidados, trocando-se affectuosos brindes.

SPORT

Tiro aos pombos

Realisa-se ámanhã a 8.ª sessão da presente epocha que promette estar bastante animada, pois que ultimamente se teem inscripto novos atiradores, alguns dos quaes se achavam retirados dos Stands de tiro desde o encerramento do da Tapada da Ajuda. O tiro começa, como de costume, ás 2 horas da tarde.

Sport Lisboa e Bemfica

Tendo circulado varios boatos sobre os jogos a realisar domingo, 16, no Stadium, esta direcção fornecerá em breve á imprensa uma nota officiosa sobre o assumpto.

Commercialistas portuguezes

D'esta associação de classe temos presentes os numeros 1 e 2 do seu Boletim, publicação que se apresenta superiormente redigida e versando com a maior elevação problemas da especialidade. Conta no numero dos seus collaboradores, entre outros, nomes como os de Veiga Beirão, Alves de Mattos, Francisco Antonio Correia, Antonio Maria Pires, Henrique Leiria, Oliveira Ribeiro, o que é a garantia segura do cuidado que na sua confecção é posto.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Henrique Nogueira

Para a eleição de corpos gerentes e apresentação do relatorio e contas, reune a assembléa geral no dia 22, ás 21 horas, com qualquer numero de socios presente.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 7/8	33 3/4
Londres, 90 d/v	34 3/8	—
Paris, cheque	$76,2	$76,8
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$64	$65
Madrid, cheque	1$41	1$42
Suissa, cheque	$86	$88
Italia, cheque	$66	$68
New York	1$48	1$49
Rios/Londres	11 3/4	—
Libras	7$05	7$10
Agio do ouro	53 %	58 %

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
1:000$	—	39,10
» » 500$	—	39,25
» » 100$	—	39,35

Obrigações d'Estado: 4 0/0 1890, assent. 50$30; 5 0/0 1908, assent. 8 $.

Externas: 1.ª serie, 70$90.

Acções: Banco..., 150$; Assucar 46$; Moçambique, 3$40 e 3$45; Moagem (nova), 57$; Phosphoros, coup. 58$50; Zambezia, 20$; Companhia Agricola Bella Vista, 3$60.

Obrigações: Ambaca, 94$; Assucar, 41$00.

Protecção a menores

Meu caro Manuel Guimarães.—As commissões politicas de Lisboa approvaram, ha dias, uma moção favoravel ao alvitre que apresentei na «Capital»—a sobretaxa d'um centavo por entrada nos animatographos em beneficio da protecção infantil delinquente. E eu venho pedir-lhe, meu amigo, todo o apoio do seu bello jornal a favor da realisação d'esta idea.

Você vê, como toda a gente, a quantidade de creanças dos dois sexos, creaturinhas de dez, doze e quatorze annos, que vagueiam pelas ruas da Baixa no mais lamentavel abandono. Podem furtar, mendigar, prostituir-se que não temos forma de impedir que se percam na enxurrada que as arrasta.

Porque? Porque não ha estabelecimentos de preservação e de cura onde os internemos. D'antes, até 1 de janeiro de 1911, os menores apanhados na vadiagem ou na prostituição eram encurralados, no Aljube as raparigas, os rapazes no Limoeiro, passando d'ali, os peores, depois do respectivo julgamento na Boa Hora—depois da scena apparatosa do julgamento publico!—para as Casas de Correcção.

O Aljube e o Limoeiro, promiscuidade do crime adulto e consciente com o crime infantil e sem responsabilidade, acabaram para os menores até aos dezeseis annos—que, em harmonia com aquelle decreto e com o de 27 de maio do mesmo anno, são internados nos Refugios das Tutorias, até que estas os julguem, pondo-os em liberdade ou submettendo-os ao regimen de Escola de Reforma—antiga Casa de Correcção.

Mas o Refugio feminino, por difficuldades orçamentaes, ficou annexo á Escola de Reforma do mesmo sexo, a primeira e a unica estabelecida em Portugal. E como a Escola não dispõe de verba supplementar para o mesmo encargo, dispendendo com as menores do Refugio o que era destinado ás menores correccionaes, chegámos a esta situação anormal e embaraçosa: o Refugio não recebe menores por não ter vagas. A Escola de Reforma não lhe dá vagas—porque não tem verba!

D'ahi, d'este beco sem sahida em que esbarrou a protecção á infancia delinquente feminina, os centos de raparigas que o enxurro da cidade arrasta e perde, sem um braço que possa evitar esse desperdicio de energias e a correspondente viciação da atmosphera em que vivemos.

A situação dos rapazes, sendo melhor, está longe, porém, de ser boa.

Não ha, no paiz, senão tres Escolas de Reforma masculinas—tendo nós uma população delinquente tres vezes maior do que a das suas lotações. Os Refugios, annexos ás Tutorias de Lisboa e Porto estão cheios. E porque aquellas Escolas lhes não podem fornecer o escoante necessario a um funccionamento regular; e porque não foi possivel ainda constituir a Federação das instituições beneficentes, previdentes e correccionaes, o que tanto facilitaria a solução do problema,—os rapazes, ou se fixam, com prejuizo proprio e do internato, nas camaratas e nas aulas dos Refugios, ou são restituidos á rua, quando presos pela policia, por não haver onde os internar. E' raro o dia em que da Tutoria não são devolvidos ao meio que os perverte menores com quatro e cinco prisões por furto ou vadiagem. E' verdade que a policia, sem calcular o mal que lhes faz, não vendo que, de cada vez que prende um menor que a Tutoria ha de restituir á liberdade, lhe dá o maior dos impulsos para a pratica do crime, prende a torto e a direito, continuamente, por motivos os mais futeis e os mais risiveis. De maneira que, o menor que entra a primeira vez na Tutoria, cheio de medo, á terceira vez já fala de cabeça erguida e ar de desafio. Na sua logica simplista, conclue que não tendo sido internado nem a primeira nem a segunda vez... nunca o será. E redobra d'audacia, e multiplica-se em novos roubos e novos delictos. Assim, a Tutoria, que devia preserval-o e dispol-o a corrigir-se, por falta de condições indispensaveis ao seu bom funccionamento—concorreu, com a policia, para a maior perversão do menor.

E' preciso acudir, quanto antes, a este estado de coisas. E' preciso abrir um Refugio feminino em Lisboa e outro no Porto. E' preciso abrir pelo menos mais duas Escolas de Reforma. E se o obstaculo para a realisação d'essa medida, necessaria e urgente, resulta da escassez de numerario, essa escassez supprie-se, em parte, lançando o imposto d'um centavo sobre cada entrada nos animatographos.

Um centavo quasi não conta na economia de quem se diverte—e em nada prejudicaria, por isso, as emprezas animatographicas. E concorreria para resolver um dos mais graves problemas da vida nacional. Agite você a questão, meu amigo, e tenha a certeza de que, resolvendo-a, presta um alto serviço ao seu paiz. Já tem pelo menos o apoio das commissões politicas de Lisboa.

Abraça-o o seu, admirador e muito grato

Sousa Costa

P. S.—A proposito do artigo que motivou esta carta, perguntou-me alguem, n'um postal, porque não incluí os theatros na obrigação da sobretaxa. Porquê? Porque os theatros, muito mais caros, sobrecarregadissimos com os animatographos, não podem com novos encargos.

S. Costa

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«O Luso»

Este nosso collega de Honolulu publicou um numero especial dedicado ao Natal e ao Anno Novo. Profusamente illustrado e com os retratos dos portuguezes que occupam cargos importantes n'aquella ilha, o numero de «O Luzo» vem magnifico.

«Guia escolar»

Sahiu este pequeno livro, que vae no seu 4.º anno de publicação, coordenado pelo sr. José Ricardo da Costa, funccionario da secretaria do lyceu de Camões. Muito util a professores e alumnos dos lyceus o pequeno Guia é por assim dizer indispensavel.

SPORT

As palavras d'um litterato

Opiniões de Marcel Prevost

«E' preciso uma humanidade mais robusta e mais intelligente»

O consorcio da mentalidade e do athletismo é assumpto que já não soffre discussão porque se solucionou, com os resultados de que é verdadeira aquella these, que já tem seculos, de que a uma «mentalidade sã corresponde um corpo são».

Os grandes intellectuaes, os mestres do «pensamento» e da sciencia, viram na saude do seu corpo o mais poderoso auxilio para produzir as suas obras de genio e para a elaboração dos grandes problemas da vida. A prosa viril, o verso vibrante e as conquistas do laboratorio veem principalmente de gente sã. A litteratura «piegas» vem, em geral, de gente enferma ou phisicamente empobrecida.

E' por este facto que não nos causa surpreza que os grandes litteratos sigam com apaixonado interesse a evolução do ahtletismo e que alguns d'elles, afamados como principaes nas lettras, venham prestar o seu prestimo individual e a pujança das suas ideias á propaganda dos sports. Entre estes, apparece Marcel Prevost, a que já nos referimos hontem e que foi escolhido para fazer o discurso de abertura, no primeiro congresso internacional de educação phisica. E d'essa oração, brilhante de ideias, brilhantissima na forma, continuamos a extractar alguns periodos, que bem merecem a publicidade.

«...Os povos, que por uma razão ou por outra, muitas vezes porque são povos novos, tiveram confiança nas proprias forças, apparecem-nos como os mais audaciosos nos seus emprehendimentos e tambem como os mais surprehentes pelos resultados obtidos. Ha um em que todos pensam n'este momento o maior dos povos novos (Estados Unidos da America), do qual, precisamente, este Congresso se propõe corôar o chefe illustre. E verifica-se, precisamente, que este povo, tão rico em recursos de todo o genero, tão arrojado nas suas iniciativas, tão maravilhosamente confiado em si mesmo, é um dos povos mais sportivos da terra, um povo que sabendo o que se pode exigir aos musculos, aprendeu a saber o que se pode exigir ao cerebro».

O fecho d'esta admiravel conferencia foi a architectura da prova de que a disciplina do espirito se faz pela disciplina do corpo. As ultimas palavras do primoroso litterato foram as seguintes:

«...Conduzamos, pois, francamente o nosso espirito á Escola dos Sports. Ali conheceremos a sinceridade e a modestia no estudo e no saber; ali conheceremos a coragem da iniciativa e a esperança generosa. Tudo isto, senhores, é o que dá a vida, todo o conjuncto da sabedoria e da utilidade... E sem duvida o espirito, por sua vez, terá sobre os exercicios do corpo uma influencia de direcção, de moderação e de critica... E o perfeito equilibrio será realisado por esta dupla acção e por este «controle» reciproco.

«A minha presença, aqui, senhores, e a honra que me fizeram convidando-me a dizer-vos algumas palavras, não tiveram outra razão de ser. Julgaram elegante que a primeira conferencia do Congresso Olympico fosse pronunciada por um presidente da Sociedade dos Homens de Lettras. Estou orgulhoso do facto. Assim associado aos trabalhos que ides começar, desejo-lhe toda a grandeza e todo o successo que elles merecem. Vós sois a viva expressão d'esta união das duas formas da energia humana, porque chamaes hoje a sciencia moderna a coordenar os esforços da actividade phisica. Obrigado pelo beneficio que as vossas meditações valerão para o espirito e para o corpo dos homens. Trabalhae, com audacia, para fazer uma humanidade mais robusta e mais intelligente».

Notas do dia

Uma carta de Antonio Neves a proposito do campeonato de lucta de Coimbra

Recebemos a carta que a seguir publicamos, assignada por um amador que nos é muito sympathico, homem considerado no meio sportivo lisbonense, homem de sport, que tem sabido esconder na modestia o seu muito merecimento. Referimo-nos a Antonio Neves, campeão de lucta e seguramente, um dos melhores elementos do Atheneu Commercial. E só pela muita consideração que temos por esse amador, e contra o nosso habito, é que damos publicidade á carta, embora façamos a declaração de que mantemos, em absoluto, a nossa convicção pessoal de que os amadores de lucta que vimos em Coimbra venceriam os amadores lisbonenses, se luctassem como os vimos luctar.

Sr. dr. José Pontes.—Inseria hontem o jornal «A Capital», na sua secção sportiva, uma desenvolvida noticia do campeonato districtal de Coimbra, cuja leitura me interessou bastante por vêr o enthusiasmo com que decorreu entre os amadores que n'elle tomaram parte, havendo alguns que, em conhecimentos de lucta, egualam muitos campeões.

No entanto ha dois pontos que desejo esclarecer, embora contra minha vontade, tanto mais que é a primeira vez que venho perante um jornal tratar d'assumptos da minha vida sportiva.

Encimava a mesma noticia a seguinte epigraphe, referente aos amadores de Coimbra. «Não resta duvida que se combatessem os amadores lisbonenses a victoria lhes pertencia».

Ora, sendo eu um luctador lisbonense, encontrando-me, «ipso facto», incluido no numero dos que seriam vencidos, dá-se ainda o caso, aliás excepcional, de, n'este momento, ser tambem o campeão de Portugal de todas as cathegorias, cujo titulo alcancei no ultimo campeonato ha pouco realisado.

Porém, desde já posso affirmar que essas distincções não me envaidecem, porquanto, se pratico a lucta é por amor ao «sport» e não com o desejo de obter medalhas e titulos de campeão como succede com certos individuos que eu conheço, que só se inscrevem nos campeonatos quando teem a certeza absoluta de ganhar.

O que não posso de maneira nenhuma explicar é a razão porque esses novos não appareceram no campeonato de Portugal, visto a inscripção ter estado bastante tempo aberta e em que se disputavam titulos de campeões e uma taça. Só assim se poderia fazer uma ideia geral do que valiam os concorrentes que n'elle se inscreveram, pois nem todos eram esqueletos, mas já que esse facto se não deu e não querendo, de fórma alguma, estabelecer duvidas sobre a minha classificação, pois se até já fui mimoseado com o epitheto de campeão feito a martello, desde já declaro, que não só estou disposto a acceitar qualquer repto que me seja lançado para a disputa moral do titulo de campeão de Portugal de todas as cathegorias, porque officialmente não o posso fazer, como tambem desafio todos os amadores da minha cathegoria (meios-medios), ou outra qualquer cathegoria inferior, desde que se não conformem com a minha classificação de campeão d'aquella cathegoria, a qual já conservo ha trez annos.

Na minha opinião, talvez errada, entre os amadores que praticam lucta, apenas conheço dois com competencia para me vencerem. O primeiro é o sr. Cesar de Mello, por quem eu tenho a maior admiração e que na realidade é um verdadeiro mestre. O segundo é o meu amigo Antonio Pereira, seu antigo discipulo e que presentemente se encontra um pouco afastado da actividade sportiva.

Se é verdade existirem rapazes novos, dignos de conquistarem todos os titulos, que appareçam, porque no «ring» é que se desfazem todas as duvidas.

Relativamente a uma victoria alcançada sobre mim pelo sr. Leandro Silva, a que allude a mesma noticia, não me consta que tal tivesse succedido, nem tampouco conheço este senhor. Com amadores de Coimbra apenas luctei, na semana sportiva do «Mundo», com o sr. Urbano Valente do qual fui vencedor.

Caso v. ex.a esteja d'accordo em dar publicidade a estas mal alinhavadas linhas, desde já me confesso sumamente grato.—Lisboa 13-1-916—*Antonio das Neves.*

Analysemos, porém, o que diz o sr. Antonio Neves.

Diz que é o campeão de Portugal de todas as cathegorias. Já dissemos nas columnas da «Capital» que, embora o considerando com o valor para usar semelhante titulo, este não lhe pertence porque o campeonato em que o ganhou foi apenas aberto a todos os clubs «inscriptos na Federação», da qual o sr. Neves, como nós, como todos os «sportsmen» sabem que andam arredados muitos dos clubs—talvez os principaes—onde se pratica a lucta, por exemplo, o Gymnasio Club Portuguez e o Club Naval.

O sr. Neves, na propria carta, confirma o que dissemos. Confessa-se vencido se fosse a Coimbra. E sabem porquê? E' que o vencedor foi Cesar de Mello, que pertence á mesma cathegoria d'elle.

Depois o sr. Neves, commette uma «gaffe». Diz que não venceu em Coimbra o sr. Leandro Silva. Não venceu não, mas sim um estudante que tem um nome egual ao seu.

Emquanto ao sr. Urbano Valente é de cathegoria inferior á d'elle. O sr. Neves é de peso «médio»; o sr. Valente é da cathegoria «leves».

Mas... tudo isto não tem importancia perante o facto de que o sr. Antonio Neves mostra um bello espirito sportivo, prompto a acceitar qualquer repto. Chegou, portanto, a opportunidade de effectivar o torneio das 3 cidades, Coimbra, Porto e Lisboa, com a representação de cinco amadores de cada uma. E vamos pensar na sua organisação.

* * *

O grande desafio de amanhã

Vae realisar-se amanhã o mais importante desafio de «foot-ball» dos campeonatos de Lisboa.

No campo do Stadium, depois de um jogo de terceiras cathegorias e depois d'um jogo de segundas cathegorias, batem-se os primeiros «teams» do Sporting Club de Portugal, campeão actual, e do Sport Lisboa e Bemfica, campeão de varios annos. A proposito da comparencia d'este ultimo «team» correram hontem, em Lisboa, desencontrados boatos, felizmente infundados.

O Sport Lisboa e Bemfica, apezar de não desejar bater-se no campo do Stadium, joga em attenção ás direcções da Asociação de Foot-ball e do seu club e ao publico. Assim o resolveu hontem n'uma sua reunião magna que foi bastante animada. E' possivel que a sua «linha» tenha uma ou outra modificação, mas o Bemfica vae apparecer em campo disposto a honrar a bandeira do seu club, que é ainda o club mais popular e de mais tradicções.

O Sporting, agora n'uma «fórma maravilhosa, como o tem demonstrado em todos os seus desafios já jogados no campeonato e como o affirmou em Hespanha tem partidarios que garantem, como inevitavel a sua victoria. Mas, a contrabalançar com esse optimismo ha os fanaticos de Bemfica, que viram o seu bello trabalho contra os grupos de Madrid e Lausanne e estão convencidos de que egualarão os do Sporting e são capazes de o vencerem. Na verdade, todos os prognosticos são faliveis. E é esta incerteza que justifica o interesse da população lisboeta pelo «match» e que explica a enorme procura de bilhetes.

A bilheteira do campo abre ás 10 horas, porque os desafios das outras cathegorias começam cedo,—mas o grande «match» está marcado para as 3 horas da tarde, com a arbitragem confiada ao sr. Luciano Simões, sendo «fiscaes de linha» os srs. W. Sissener e Arthur Santos.

O Stadium tem, para os espectadores, grandes vantagens porque lhes offerece a commodidade de camarotes, excellentes bancadas e «fauteuils». A companhia dos electricos estabelece carreiras consecutivas para o Lumiar e Campo Grande. Os socios do Sporting teem entrada mediante a quota do mez de dezembro, que tem de ser trocada na bilheteira.

* * *

O campeonato de lucta no Porto

Succedem-se os desafios de lucta no Porto no campeonato internacional do theatro Sá da Bandeira. E' possivel que o torneio acabe segunda ou terça feira. Fazemos estes calculos perante as noticias que temos dos resultados dos desafios. E tambem perante estes resultados prevemos que o torneio seja disputado na «final» pelos tres famosos combatentes, Petersen, Crozier e Simonon. Entre este dois qual será o escolhido para combater o famoso dinamarquez? E' o que vamos saber pelo resultado das luctas de hoje.

* * *

Uma reunião de escoteiros

Amanhã ao meio dia effectua-se na séde dos Recreios Desportivos da Amadora, gentilmente cedida, uma grande reunião, á qual devem assistir numerosas pessoas da progressiva localidade e á qual podem assistir todos aquelles que se interessam pelo escotismo. Trata-se de modificar e engrandecer o grupo n.º 13 d'aquella povoação. E' possivel que a assembleia abra por uma pequena palestra do dr. José Pontes sobre o que é a «educação pelo escotismo».

Algumas anecdotas

Era coisa muito facil...

Arthur José Pereira, em Madrid, não jogou no ultimo desafio de «foot-ball» contra o Madrid Foot-ball Club. N'uma das «avançadas» que o Sporting perdeu, Arthur José Pereira zangou-se e á noite, no hotel, em discussão, gritou:

—Aquillo é que foi jogar com falta de cabeça... Faltava lá um typo intelligente... Aquillo não custava nada para entrar... Bastava metter um pé... Era tão facil...

E o magnifico jogador procurava a comparação e sahiu-se com esta:

—Tão facil, como... descalçar uma bota de elastico!...

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Associação Foot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes).—Foram concedidas as seguintes passagens: A' 2.a cathegoria, pelo Lisboa F. C., o sr. José Rebello; á 3.a, pelo Lisboa F. C., o sr. José Simões; pela A. E. da Casa Pia de Lisboa, os srs. Abel Caeiro, Francisco Paulo e Arnaldo Antunes; á 4.a, pelo Imperio, o sr. João Francisco.

Jogadores inscriptos durante a semana: Na 1.a cathegoria, pelo S. L. e Bemfica, o sr. Francisco Bellas; na 2.a, pelo S. L. e Bemfica, o sr. Manuel Gomes Cal; pelo Lisboa F. C., o sr. José Rebello; pela A. E. da Casa Pia de Lisboa, os srs. Arthur Oliveira, Francisco Dias da Cruz Porto e Henrique Lopes; na 3.a, pelo Victoria F. C., o sr. José Domingos; pelo Sporting C. P., o sr. José Marques; na 4.a, pelo S. L. e Bemfica, o sr. Julio Rodrigues; pelo Lisboa F. C., os srs. Angelo Rodrigues e Antonio Galvão; pelo Sporting C. P., os srs. José Aragão Figueiredo, Antonio Borges e Alvaro Venancio.

Campeonato escolar.—A direcção resolveu prorogar a inscripção d'este campeonato até ás 22 horas do dia 20.

Desafios para o proximo domingo: 1.a cathegoria, Sporting contra Bemfica, no Stadium, ás 15 horas, juiz o sr. Luciano Simões, fiscaes de linha W. Sissener e Arthur dos Santos; 2.a cathegoria, Sporting contra Bemfica, no Stadium, ás 13 horas, juiz o sr. Arthur Santos; Imperio contra Lisboa F. C., em Palhavã, ás 12 horas, juiz o sr. Pedro Pagani; 3.a cathegoria, Victoria contra Bemfica, no Stadium, ás 11 horas, juiz o sr. Augusto Ferreira; Lisboa F. C. contra Sporting, no C. Grande, ás 11 horas, juiz o sr. Domingos Pinto; 4.a cathegoria, Palmense contra Lisboa F. C., em Bemfica, ás 12 horas, juiz o sr. Rodrigo Costa Junior.

Movimento maritimo

Vigo e Inglaterra «Darro» (Brazil).....	18
Braz. e R. da Prata «Avon» (Liverp.)	19
Braz. e R. da Prata «Salland» (Amst.)	19
Madeira e Açores «San Miguel».........	20
Pará e Manaus «Aidan» (Liverpool)	20
Loanda, Lob., Beng. e Cuio «Dondo»	21

Mostruario industrial

O que diz um dos expositores

*Sr. director d'*A Capital.—Lemos hoje no seu conceituado jornal, uma carta da Fabrica União, em que pretendem desmentir os factos, ácerca da nossa reclamação ao Dig.mo Presidente da Commissão Organisadora do Mostruario Industrial, pedindo a v. a fineza da publicação do seguinte para mais esclarecer o assumpto.

A substituição dos productos da União foi feita em 23 de outubro p. p., depois das 21 horas, dias antes da reunião do jury, e contra este facto foi o nosso protesto de 25 d'esse mez, perante aquella Ex.ma Commissão.

Dizem os senhores da União, que «existencia de bichos nunca houve, faltando assim á verdade, pois no dia do encerramento da exposição os havia, e ainda hontem, pessoal de nossa fabrica, indo retirar a nossa installação tiveram occasião de verificar. Portanto esses senhores, antes da publicação da sua carta, deveriam ter mandado examinar os seus bombons, para assim poderem confirmar a nossa affirmativa, e deveriam mesmo convidar os interessados a, antes de visitar a sua fabrica, visitar a sua instalação do Mostruario, para estes ainda verificarem a verdade.

Concluindo, repetimos que temos em nosso escriptorio os documentos relativos ao assumpto; e mais, que a nossa fabrica, situada na calçada do Cardeal, 6, como sempre, será franqueada a quem a quizer visitar.

Com os nossos agradecimentos pela publicação d'esta, subscrevemo-nos com a maior consideração.—De v., etc.—Fabrica de Chocolates «Camerana.—Os proprietarios, *Eusebio R. Marin & C.a*

lemães quanto ao numero de prisioneiros demonstra a coragem com que se fez a evacuação de Grodno e indica a natureza da retirada. Só n'um ponto um corpo de tropas russas mais importantes esteve em perigo de se vêr cortado. A esse perigo fez frente e conseguiu evital-o uma contra offensiva coroada de exito.

Diz o communicado russo de 4 de setembro:

«Proximo de Grodno, na manhã de hontem, violenta lucta se travou

Henry Watterson, director do «Louisville Courier Journal»

de novo. As nossas tropas entraram na cidade, tomaram oito metralhadoras e cêrca de 150 prisioneiros, conseguindo assim uma retirada sem ser molestada das tropas proximas cujas posições formavam uma saliencia demasiada na nossa fronte geral».

Durante os dias seguintes os allemães tentaram um avanço para Lida, que os teria mettido de permeio entre os exercitos em redor de Vilna e os que estavam entre o alto Niemen e os pantanos do Pripet. Falhou. A 7 de setembro a linha russa ainda se estendia, intacta, da região de Meretch, por Piaski, Zelva e Bereza Kartuska até Chemsk nos pantanos do Pripet.

Entretanto as tropas austriacas estavam tentando avançar ao longo das poucas estradas e caminhos que passam pelos pantanos em direcção a Drohihyn. Para se comprehender a natureza d'esse avanço tem de se formar uma idéa da natureza do terreno.

As nascentes do Pripet ficam a meio caminho entre Brest Litovsk e Vladimir Volynsky; esse rio lança-se no Dnieper a uns oitenta kilometros ao norte de Kieff. Das nascentes á foz tem cêrca de 544 kilometros de extensão; a differença de nivel entre as duas extremidades anda por uns 150 pés. D'ahi, a natureza pantanosa das suas margens. A largura normal do Pripet anda por uns trinta e seis metros proximo de Pinsk, 180 proximo de Mozyr e 360 na sua foz.

Na primavera e no outomno o rio transforma-se quasi n'um lago regular, tendo a extensão em alguns sitios de perto de vinte kilometros e mais. A extensão dos pantanos varia consideravelmente em differentes partes. Proximo de Pinsk excede a 192 kilometros. A area total dos pantanos do Pripet anda por 30.000 milhas quadradas.

Para essa ampla depressão correm as aguas dos outeiros e dos altos platós que a rodeiam. Ao norte o terreno ergue-se a mais de 800 pés acima do nivel dos pantanos, a oeste a cêrca de 600 pés, ao sul a mais de 1.200.

Nos ultimos annos o governo russo estava tentando proceder a uma drenagem de parte d'esses pantanos. Os seus esforços eram auxiliados pela inexhaurivel paciencia do camponez russo. Só no verão, quando as aguas seccam, podem os habitantes d'essa região mover-se livremente na planicie e nas florestas. De inverno estão por assim dizer prisioneiros nas suas pequenas aldeias, que occupam ao todo umas tres milhas quadradas.

Ha ahi caminhos, ou antes veredas só conhecidas dos habitantes dos pantanos e outras ha em que só os habituados a todos os mean-

tivamente, e não podiam offerecer resistencia capaz á moderna artilharia. Mas a região tinha magnificas condições naturaes para ser defendida e esperava-se ahi uma tenaz resistencia, como a que os russos haviam offerecido por tanto tempo na fronte da linha do Vistula.

Os acontecimentos tomaram rumo differente; foi a uns 320 kilometros ao norte de Brest Litovsk, em roda de Kovno, que a sorte d'essa fortaleza se decidiu.

A 20 de julho, as tropas allemãs haviam chegado a uns vinte kilometros de Kovno; nos primeiros dias d'agosto o decimo exercito allemão, sob o commando do general von Eichhorn, approximára-se do lado sudoeste da fortaleza. No dia 6 preparativos começaram para o assalto.

A cidade de Kovno fica na margem esquerda, ou norte, do Niemen, na sua confluencia com o rio Vilna e a curta distancia da confluencia do Niemen com o Jessia, um affluente que recebe do sul.

A cadeia de fortes em roda de Kovno abrange as duas confluencias dos rios, a cidade e a ponte de caminho de ferro sobre o Niemen da linha Königsberg-Vilna. Os fortes principaes são onze e estão situados a distancias que variam de tres a seis kilometros do centro da cidade.

Trez protegiam-na a leste, um cobria a fronte de Vilna, sete protegiam as approximações pelo sul e pelo oeste. Ao lado d'estes havia uma fieira de trabalhos de defeza menos importantes em roda da cidade.

Para o primeiro ataque o inimigo escolheu o sector sudoeste entre o Niemen e o Jessia. A batalha começou á 1 hora da manhã de 8 d'agosto por um bombardeamento em que foram empregados canhões de todos os calibres.

O communicado official russo de 10 d'agosto diz:

«O terrivel fogo do inimigo durou mais de duas horas e as nossas baterias responderam vigorosamente. Cerca das trez da manhã, columnas assaltantes em formação cerrada avançaram contra as nossas posições. Por meio d'um fogo concentrado, a explosão de minas e valorosos contra-ataques da parte das nossas tropas o inimigo foi repellido pelas cinco horas da manhã ao longo de toda a fronte atacada. Os exhaustos allemães, que haviam soffrido enormes perdas, foram obrigados a recuar para as ravinas proximas, onde, apparentemente, se começaram a preparar para um novo assalto.

«Na tarde de 8 d'agosto o fogo do inimigo tomou uma terrivel intensidade, mas esse destruidor furacão de fogo dos mais poderosos canhões não conseguiu desmoralisar as nossas tropas, que receberam a pé firme o chuveiro de projecteis que sobre ellas cahia. A nossa artilharia apoiou valentemente os nossos heroes com o seu fogo. Esse incessante canhoneio durou todo o dia.

«Ao cahir da noite, as columnas inimigas, que se tinham estado amontoando continuamente na fronte das nossas posições, de novo se lançaram ao assalto, durando os seus ataques duas horas. O inimigo conseguiu tomar uma parte das trincheiras na linha de posições avançadas que o seu fogo havia desmoronado, mas depois, pelos heroicos esforços das nossas reservas que avançaram, os allemães foram novamente repellidos com enormes perdas.

«O inimigo apenas reteve em seu poder as obras defensivas proximo da aldeia de Piple, que foram tomadas á custa de enormes esforços e perdas».

O insuccesso da sua primeira tentativa para tomar a fortaleza de assalto foi seguido por uma semana de bombardeamento, acompanhado por ataques de infantaria quasi diarios contra sectores especiaes das fortificações. A 15 d'agosto, o cerco entrava na sua phase final, culminante. Durante dois dias houve um bombardeamento mais violento ainda pela artilharia de sitio de todos os calibres e no dia 16 o inimigo deu uma serie de violentos ataques em plena força, com o fim de tomar

as fortificações na margem esquerda do Niemen.

O communicado official russo do dia 17 diz:

«Na tarde de hontem, o inimigo conseguiu tomar um pequeno forte que *havia sido extraordinariamente* arruinado pelo fogo da artilharia e penetrar nos espaços intermediarios entre alguns outros fortes no sector occidental. A lucta continua».

Continuou durante toda a noite e no dia seguinte; o inimigo entrou na cidade e estabeleceu-se na região adjacente que fórma um isthmo entre o Niemen e o Vilia. Apesar da mais tenaz resistencia da guarnição russa, as tropas allemãs do exercito do general von Eichhorn, commandadas pelo general von Litzmann, apoderaram-se na noite de 17 d'agosto dos ultimos fortes de Kovno.

A mais poderosa fortaleza no Niemen tinha cahido; a linha do Niemen e do Bug estava rôta. Não havia tempo para meias decisões; a queda de Kovno decidiu da sorte de Brest Litovsk. Um poderoso grupo de exercitos havia sido concentrado pelo supremo commando russo em redor de Vilna; forças sufficientes para resistir durante algum tempo á pressão exercida de oeste foram reunidas entre Vilna e Grodno. Não era, porém, uma posição que pudesse ser duradoura. Os allemães podiam ser detidos nos desfiladeiros do Niemen e dos seus tributarios e nas poderosas florestas da Lithuania, mas não havia esperança de os repellir para além do Niemen ou de se opporem ao seu avanço indefinidamente.

Se os russos, em taes circumstancias, tivessem persistido em manter a linha Grodno-Bielostok-Brest Litovsk teriam soffrido um desastre. Uma retirada da ameaçada fronte occidental era necessaria para que a linha se pudesse salvar do perigo de ser rôta e os exercitos da ameaça de envolvimento e de aprisionamento.

A 16 d'agosto, o general Leiming, commandante russo de Brest Litovsk, deu ordem para completa evacuação da cidade pela população civil. No dia 17, um aviador allemão informava o commandante do sexto exercito, que estava avançando contra Brest, de que uma torrente de populares que se estendia por trinta e dois kilometros estava sahindo da cidade. Não havia preparativos para um cerco—a cidade de Brest fica fóra da cadeia de fortificações. Eram os preliminares d'uma retirada ao modo de 1812.

Em toda a fronte desde Ossovets a Vladimir Volynsky as guarnições *foram retiradas das posições exteriores*. O districto de Vladimir Volynsky foi evacuado *a 20 d'agosto*; trez dias depois a cavallaria pertencente ao exercito do general von Puhallo entrou em Kovel. Na extremidade norte da linha os russos retiraram a 22 d'agosto de Ossovets, a unica fortaleza na actual guerra que não poude ser reduzida pelo fogo mesmo da mais pezada artilharia de sitio, por um fogo a que fortalezas infinitamente mais poderosas, tanto na fronte oriental como na occidental, haviam succumbido em poucas semanas, se não em dias.

A 24 d'agosto, as retaguardas russas recuaram para dentro da fieira de fortificações de Brest Litovsk. Os communicados austriacos d'esses dias exalçavam as operações e finalmente no dia 26 era annunciada ao mundo em estylo dramatico a tomada da fortaleza. «A fortaleza de Brest Litovsk cahiu. A «landwehr» hungara, sob o commando do general von Arz, tomou a aldeia de Kobylany, a sudoeste da fortaleza, e por isso rompeu a linha exterior de fortes. A infantaria da Galicia occidental, da Silesia e da Moravia do norte tomou ao mesmo tempo o forte ao sul da aldeia de Koroshtchyn. As tropas allemãs tomaram a cidadella proximo da ponte do caminho de ferro».

Communicado semelhante foi publicado por Berlim, com a differença de que o 22.º corpo d'exercito de reserva de Brandenburg figura ahi como tendo sido o factor decisivo de aquelle garnde dia. Nenhum dos

communicados fala em preza ou em prisioneiros.

O correspondente do «Nieuwe Rotterdamsche Courant», que estava com as tropas austro-hungaras quando estas entraram em Brest, descreve a cidade como «um mar de fogo». A cidade fica a leste da fortaleza, na estrada principal pela qual os russos tinham de retirar. Emquanto as tropas austro-allemãs entravam em Brest, os russos estavam tomando novas posições além das aguas vivas, entre as silenciosas, *estagnadas aguas dos pantanos* do Pripet.

Seis dias antes da queda de Brest, «a sentinella avançada a oeste», tinha cahido Novo-Georgievsk. Foi a unica fortaleza em que os russos deixaram uma guarnição depois da sua linha ter recuado, o que se fizera a fim de assegurar a retirada das principaes forças.

Quando os allemães ahi entraram, os exercitos russos estavam já a uns cento e oitenta kilometros de distancia e o kaiser teve opportunidade para vêr uma carnificina sem qualquer perigo para a sua augusta pessoa. Depois de a ter visto, passou revista ás suas tropas.

Durante o resto d'agosto, a lucta na zona norte do Pripet continuou sem qualquer resultado importante. Em redor de Brest os austriacos entraram na região dos pantanos. A leste da linha Bielostok-Brest as tropas allemãs alcançaram a floresta de Bialoviez, a unica floresta virgem que ha nas planicies da Europa, o ultimo refugio dos bisões, hoje quasi extinctos no continente europeu. A scena das operações estrategicas mais importantes passou para o norte e para o sul do sector Bielostok-Kovel.

Do conjuncto de incidentes isolados que se deram na zona ao norte na semana que se seguiu á queda de Brest, dois movimentos sobresahem como expressando os principaes esforços estrategicos e preoccupações dos exercitos contendores. Entre Kovno e Vilna, os russos haviam conseguido deter o avanço do inimigo. Tomaram a contra offensiva no districto ao norte de Vilna: compellindo os allemães a recuarem *para além* do rio Svienta conseguiram cobrir o seu flanco norte e pôr, durante algum tempo, os exercitos em redor de Vilna fóra do perigo d'um movimento envolvente do norte.

Por outro lado, os allemães tentaram introduzir-se entre o grupo russo em redor de Vilna e o que estava em roda de Grodno. Tendo atravessado o Niemen proximo de Meretch, tentaram alcançar a linha ferrea Vilna-Grodno proximo de Orany.

A 26 *d'agosto* os russos evacuaram a fortaleza de Olita, retirando sobre Vilna. O movimento contra Orany demorou porém o sufficiente para permittir aos principaes corpos de tropas que recuassem das suas posições avançadas.

Orany foi tomada pelos allemães a 31 d'agosto; a 1 e 2 de setembro os russos evacuaram Grodno. O communicado allemão do dia 2 diz:

«Na fronte occidental de Grodno, a linha exterior de fortes cahiu. A «landwehr» da Allemanha do norte tomou hontem de assalto o forte numero 4, sito na estrada principal de Dombovo-Grodno. A guarnição, composta de 500 homens, foi aprisionada.

«Mais tarde seguiu-se a tomada pelas tropas de Baden do forte numero 4a, sito mais ao norte. Ahi, aprisionámos a guarnição composta de 150 homens. As outras fortificações na avançada fronte occidental foram por esse motivo evacuadas pelos russos».

No dia seguinte era completada a tomada de Grodno pelos allemães.

«Proximo de Grodno as nossas tropas que atacaram, pela sua rapida acção, conseguiram atravessar o Niemen. Apoz lucta nas ruas a cidade foi occupada e tomámos 400 prisioneiros».

A modestia dos communicados al-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1956—6.º Anno

Direcção e propriedade do Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 16 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O "Times" e a attitude de Portugal

Não temos em nosso poder o «Times». A traducção que publicámos do seu tão discutido artigo relativo á situação de Portugal perante a guerra, foi-nos enviada de Londres. A «Lucta» publica hoje o mesmo artigo, que suppômos por ella propria trasladado do grande jornal inglez. Entretanto, e apezar da fidelidade que reputamos exacta da traducção aqui publicada, será pela versão da «Lucta» que faremos os nossos commentarios, embora ellas essencialmente não divirjam.

Assim, o primeiro periodo d'esse artigo, na traducção inserta na «Capital», diz o seguinte:

«De todas as nações que ainda não tomaram parte activa na guerra, nenhuma se declarou tão devotadamente ou tão expontaneamente em favor dos alliados como os nossos antigos camaradas de armas, os portuguezes. Tinham apenas começado as hostilidades quando o governo portuguez nos assegurou da sua leal adhesão nos termos da alliança ingleza e da sua decisão a pôl-a em pratica apenas assim fôsse desejado».

A versão do mesmo trecho, feita pela «Lucta», diz:

«De todas as nações que até agora se tem abstido d'uma intervenção activa na guerra, nenhuma se manifestou tão ardorosamente ou expontaneamente em favor dos alliados como os nossos irmãos de armas, os portuguezes. Mal tinham começado as hostilidades, logo o governo portuguez affirmou a leal adhesão do seu paiz aos termos da alliança ingleza, e a sua boa vontade de lhe dar effectivação logo que assim lhe fôsse sollicitado».

Seguiremos a versão da «Lucta», e que nos diz ella? Diz-nos que mal tinham começado as hostilidades, logo o governo portuguez affirmou a leal adhesão do seu paiz aos termos da alliança ingleza e a sua boa vontade de lhe dar effectivação logo que assim lhe fôsse sollicitado».

O governo portuguez fez esses declarações, e o parlamento sanccionou-as unanimemente. Nenhum partido fez a mais leve restricção. Por sua parte, o povo percorreu as ruas manifestando-se enthusiasticamente em favor dos alliados. Não havia senão um sentimento em Portugal: o de absoluta solidariedade com a Inglaterra, o do desejo fervoroso de que os alliados obtivessem completo e rapido, um triumpho decisivo sobre os seus inimigos.

Quem é que se oppunha a este movimento nacional, officialmente sanccionado pelos legitimos dirigentes do paiz, e publicamente affirmado nas manifestações populares? Quem levantou qualquer objecção? Nem os evolucionistas, nem os unionistas, nem os amigos do sr. Machado Santos, que no seu jornal, o «Intransigente», considerou as resoluções da sessão parlamentar de 7 de agosto de 1914 como uma declaração de guerra á Allemanha, nem os partidarios do sr. Brito Camacho que, como lh'o recordou ha pouco o sr. Alexandre Braga, chegou a dizer na «Lucta» que entregue o governo a um homem de primeira cathegoria, é manifesto que elle havia de empenhar os seus melhores esforços para fazer com que o paiz tomasse parte directa na guerra», accrescentado que «se lhe não pedissem um auxilio militar, elle procuraria impôl-o, e por feliz se daria no momento em que lh'o acceitassem».

N'esse momento, havia todo o direito de acreditar na unanimidade de sentimentos perante a guerra, e em relação á attitude de Portugal, disposto a cooperar de todas as formas com a sua velha alliada. Até os monarchicos protestavam estar plenamente de accordo com essa politica. Ainda se não tinha dado a vergonhosa tentativa revolucionaria de Mafra, feita por elementos monarchicos aos gritos de «Não queremos participar na guerra!» Só mais tarde é que o pendão d'esta politica contraria á attitude de Portugal na guerra, pendão arvorado pelos monarchicos de Mafra, foi levantado da lama em que cahira por outros elementos que nunca se poderia suppôr que o erguessem nas suas mãos.

O trecho a que nos reportamos, e que analysamos segundo a versão da «Lucta», estabelece a base da questão. A attitude de Portugal estava definida pelo governo, pelo parlamento, pelos partidos, pelo povo. O que depois se seguiu deriva d'essa attitude, tomada com firmeza e por todos os motivos devendo considerar-se como obedecendo a um consenso geral. Na analyse dos subsequentes trechos do artigo do «Times», segundo a propria versão da «Lucta», teremos ensejo de claramente o demonstrar.

Pelo telegrapho

A lucta entre italianos e austriacos

ROMA, 15.—Official. — Contrabatemos efficazmente um violento bombardeamento ás posições de Oslavia. Destruimos 400 metros de entrincheiramentos na zona do monte San Michele. Bombardeámos o campo de aviação de Aisovizza, os abarracamentos das tropas e algumas gares de caminhos de ferro. Os nossos aviões regressaram todos imdemnes. —*(Havas)*.

Os marinheiros allemães presos nos Estados Unidos

PARIS, 16. — A *Humanité* recebeu um telegramma de Nova York, em que se diz que foi resolvida a prisão de todos os marinheiros dos navios allemães, refugiados nos Estados Unidos.—*(Havas)*.

Um jornalista grego atacado e ferido

ATHENAS, 15.—O sr. Coutoupis, director do jornal *Nea Hellas* foi atacado e gravemente ferido. Por esse motivo apresentou uma queixa contra o sr. Dousmanis, chefe do estado maior general.—*(Havas)*.

Os alliados nos Balkans

SALONICA, 15.—Os alliados dinamitaram a gare de Kilind e destruiram a linha ferrea n'uma grande extensão.—*(Havas)*.

Os russos na Persia

PETROGRADO, 15.— Official. — Na Persia occupámos a cidade de Kiangaver.—*(Havas)*.

A' VOLTA D'UM INCENDIO

Palavras claras

Os responsaveis da catastrophe de quinta-feira — Aspectos e convicções

Sobre o meu artigo aqui publicado antes de hontem, diversos commentarios de varias procedencias se teem feito, distinguindo-se alguns pela vileza, de que veem revestidos, dos outros imbuidos de suina estupidez.

Procurarei dominar os meus nervos, a fim de calmamente demarcar os limites das minhas affirmações, sem a incommoda preoccupação de responder a ataques de procedencia suspeita, indignos da menor attenção.

Eu falo para as pessoas de boa fé, unicas que respeito.

Antes de mais nada, convem notar que é falsa a noticia, dada por certos jornaes, de que fui eu um dos redactores da «Capital» chamado á policia para prestar declarações sobre o incendio do Deposito Central de Fardamentos. E' absolutamente destituida de fundamento essa noticia. A policia não me intimou a comparecer perante ella para qualquer fim.

A summula do meu artigo é esta: julgo enormes as responsabilidades, n'este caso, do governo que, tendo sido avisado de que o facto se ia dar, não o impediu «por todos os meios»; reconheço e proclamo que a policia actual é incompetente e não merece a menor confiança, e declaro sinceramente o meu convencimento de que o incendio do Deposito de Fardamentos, que suspeito firmemente que «foi pôsto», é funcção de influencias contrarias á nossa preparação militar para qualquer emergencia bellica ao lado dos alliados.

Aos que superiormente sorriem d'esta affirmativa lembrarei que tambem a sua ironia me tocou quando, vindo da fronteira em abril de 1911, annunciei que se faziam signaes luminosos da costa hespanhola para a portugueza, preparando a passagem de contrabando de armas destinadas aos conspiradores. Disse que o internamento d'estes em Pontevedra seria a determinante d'uma incursão organisada, porquanto ahi estava o Padre Cabral que seria o orientador das forças até então dispersas.

Viram apenas n'isso a minha phantasia e sorriram com ares superiores, dizendo alguns que as luzes que eu vira eram as dos guardadores de gado que levavam os «boisinhos a beber».

Mezes depois, descobria-se a existencia clandestina de numerosas armas em mãos dos conspiradores, dava-se a primeira incursão e, quando eu relembrava esse aviso, verberando-lhes a imbecil obtuosidade, não tiveram pejo de transcrever o meu artigo.

Voltemos, porém, ao assumpto principal. Eu disse que o governo era responsavel pelo incendio, porque fôra avisado com trez dias de antecedencia, não tendo tomado providencias de segurança absoluta para que tal se não realisasse. E porque tal escrevi, impunha-se por mera lealdade, reconhecer que o governo não dispõe de meios para impedir proveitosamente uma catastrophe d'essa ordem. E porquê? Repito: porque a policia é incompetente e não merece confiança.

Não tenho outras preoccupações além de claramente dizer o que penso.

A grotesca insufficiencia da nossa policia é manifesta. Ha muito tempo que não se consegue apurar os auctores dos maiores crimes praticados entre nós. E n'alguns de que se encontram responsaveis são estes na generalidade condemnados por suspeitas, embora de grave tomo.

Pessoalmente, tenho uma experiencia interessantissima d'essa corporação.

Quando por uma denuncia anonyma, ou de cathegoria menos que inferior, o director da policia de investigação, dr. Mario Calixto, ordenava que fosse feita uma busca a minha casa a vêr se se encontravam explosivos, nada de suspeito apparecendo—como não podia deixar de ser—davam-se explosões diversas em casas de monarchicos, como a do Calhariz e a da Costa do Castello, e á tocca cheia se annunciavam os sitios em que havia bombas para variados fins.

Mais tarde, n'um incidente pessoal, sou espaneado e preso. No dia seguinte, o sr. commandante da policia acceita honrosamente a minha versão, pondo-me em liberdade. Mas, quando eu lhe noto que o numero tal da esquadra da Boavista, ao espancar-me, gritára: —Chegalhe, que este é republicano!—, sua ex.ª affirma-me que tem toda a confiança no lealismo d'essa esquadra, repugnando-lhe acreditar no que lhe digo.

Dois ou trez mezes depois, n'um movimento de realistas, são os guardas da esquadra da Boavista que iniciam a revolta, destruindo o telephone e indo assaltar a do Caminho Novo.

São factos que confirmam soberanamente as minhas suspeitas.

Conservar esta policia representa, pelo menos, uma tremenda inepcia.

Quanto ao intimo e firme convencimento em que estou de que ha n'este caso do incendio influencias contrarias á nossa preparação militar, sejam ellas declaradamente de allemães, sejam de portuguezes que não hesitam em servil-as por quaesquer razões, affirmo-o mais uma vez e terminantemente.

Na serie de factos, que no meu anterior artigo notei, faltou um dos mais importantes.

D'esse me servirei hoje. A 7 de agosto de 1914, o governo e o parlamento declararam-se abertamente ao lado dos alliados, e dispostos a tudo quanto pudesse concorrer para a sua victoria.

A corrente intervenvionista estabelece-se; ganha fóros de causa nacional. E' então que, em outubro, rebenta o movimento insurreccional de Mafra, aos gritos de —«Não queremos ir para a guerra! Viva a monarchia!»

A importancia d'essa revolta chegou a tomar proporções alarmantes. For um momento, enegreceu o horisonte a visão da guerra civil.

Passam-se mezes. A nossa preparação militar vae ser um facto consummado. Para intervirmos na guerra? Não sei; para devidamente garantirmos a dignidade nacional e a nossa independencia.

Pois bem; é n'esta occasião que ha o incendio do Deposito Central de Fardamentos, acompanhado da apposição de «placards» contrarios á attitude guerreira para que nos preparavamos.

Da approximação d'estes factos, mesmo desprezando outros elementos, se conclue o fio mysterioso que os filia na mesma origem.

A' policia compete descobrir os criminosos. Eu não procuro indicar-lhe sendas a seguir, o que a amesquinharia e a mim me deslustrava.

Preoccupo-me apenas com o publico para quem escrevo sincera, clara e intemeratamente.

SILVA-PASSOS

Preces pela victoria dos alliados

Na egreja de S. Luiz dos Francezes celebrou-se hoje uma missa solemne pela victoria dos exercitos alliados. Foi celebrante o superior dos lazaristas, que proferiu uma patriotica allocução. Executou a missa a Schola Cantorum, tocando o orgão o professor Léon Jamet. Ao acto assistiram numerosas pessoas da colonia franceza e tambem muitos portuguezes. Junto do altar viam-se tropheus de bandeiras tricolores.

A' VOLTA D'UMA VIAGEM

O bispo de Tuy

Como serviu de instrumento a manejos de adversarios da da Republica

O «Diario de Noticias» insere hoje o telegramma seguinte:

MADRID, 15.—Telegrapham de Tuy dizendo que, sob a presidencia do alcaide, se realisou ali uma reunião magna popular com o intuito de se desagravar o bispo da diocese pelas contrariedades soffridas em Portugal. Foi resolvido telegraphar aos srs. presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros rogando-lhes que peçam uma reparação ao governo portuguez e que procurem alcançar para os sacerdotes hespanhoes eguaes direitos aos que disfructam os de outras nações.

Tambem se telegraphou aos srs. presidente do Congresso e deputado Ordoñez para que influam junto do governo com o fim de se obter completa reparação ao prelado que actualmente se encontra em Sevilha. Foi enviado a este um telegramma de adhesão e affecto e prepara-se para o seu regresso uma grandiosa recepção. —(Correspondente).

As contrariedades soffridas pelo sr. bispo de Tuy, ao que nos consta, resumiram-se aos avisos, decerto delicadamente feitos, por occasião da sua recente passagem atravez de Portugal em direcção á Andaluzia, da inconveniencia do prelado hespanhol se exhibir em publico envergando habitos talares.

O sr. bispo de Tuy recebeu esse aviso no Porto e ignoramos se tambem ao chegar a Lisboa. Sabemos, no entanto, porque varios jornaes o noticiaram, que o prelado gallego disse ou ouviu missa na egreja do Corpo Santo, almoçou em casa da sr.ª condessa de Burnay e visitou, em companhia do sr. dr. Thomaz de Mello Breyner, alguns mezeus e monumentos. Não podendo chamar-se contrariedade a esse acolhimento fidalgo, que nenhum incidente desagradavel perturbou, ella só existiu, pois, na prevenção feita ao sr. bispo de Tuy para evitar quaesquer possiveis sensaborias.

Vivendo, por assim dizer, paredes meias comnosco; hospedando, protegendo, adarmando os membros do clero portuguez que emigraram para a Galliza por causa da mudança do regimen e ali se entregaram, abonosamente, muitos d'elles, a trabalhos de conspiração,—o sr. bispo de Tuy não desconhecia que em Portugal vigora uma lei—que n'este momento não discutimos—prohibitiva do uso de habitos talares.

E' um sacerdote culto o sr. bispo de Tuy. Querendo viajar em Portugal e sem duvida informado da existencia d'essa lei, porque a não acatou? Ouvimos que o consul portuguez em Tuy, por uma louvavel deferencia para com o prelado, o acompanhou até Valença. Pena é que não fosse esse funccionario o primeiro a lembrar ao sr. bispo a lei em vigor, visto elle parecer ignoral-a ou não lhe ligar importancia. O sr. bispo teria então desistido a tempo da viagem ou haver-se-hia conformado com a lei, vestindo-se á secular como os bispos e sacerdotes portuguezes. E não se diga que isso seja coisa desprestigiosa para o clero, pois que o dos Estados Unidos não vale menos que qualquer outro e o cardeal Gibbons entra na sua cidade episcopal de sobrecasaca e chapeu alto, envergando as vestes prelaticias dentro da sua sé e despindo-as para regressar á sua residencia. E, porventura, não vimos monsenhor Ireland, o celebre bispo de S. Paulo de Minesotta, passeando em Paris tambem de sobrecasaca e chapeu alto, e, d'essa forma trajado, discursar na inauguração da estatua de La Fayette?

A reunião de Tuy, com o fim de pedir ao gabinete de Madrid que obtenha «completa reparação» para um aggravo que não houve, deve obedecer aos manejos de certa gente que a todos os pretextos, ainda os mais inverosimeis, se agarra com o villissimo proposito de perturbar as boas relações existentes entre os dois governos e os dois povos.

Ninguem desacatou, na sua travessia de Portugal, o sr. bispo de Tuy, antes pelo contrario se pretendeu impedir qualquer dissabor, prevenindo-o das disposições da lei. Ao ler o telegramma de Madrid inserto no «Diario de Noticias» e ao recordar o que se passou com o prelado entre nós, é-se tentado a crer que não teve outro objectivo a viagem episcopal senão este: diligenciar que nos sejam feitas imposições de todo o ponto inadmissiveis e contra as quaes a nossa dignidade e o nosso brio ergueriam o mais vehemente protesto.

Um submarino americano afundado

Vinte mortes?

NOVA-YORK, 15.—O submarino *B 6* da marinha dos Estados Unidos afundou-se no arsenal naval em consequencia d'uma explosão. Diz-se que pereceram 20 dos seus tripulantes.—*(Havas)*.

Migalhas

Incendios

Sempre que se edifica um grande estabelecimento, um theatro, seja o que fôr de vasto e de importante, não deixam os encarregados da sua construcção e direcção de prover as varias dependencias de todos os resguardos contra os incendios: agulhetas, boccas de agua, tanques de protoxido de hydrogenio marca Alviella, etc., etc. Não faltam tão pouco aquelles mirificos extinctores que, nas experiencias, apagariam com a «maxima» facilidade o crime de Nero, que Jupiter tenha. Posto isto, tendo o maior cuidado em não provar estes apetrechos do pessoal necessario e de não ensinar e praticar o seu funccionamento, espera-se que o simples guarda consagrado á vigilancia do edificio acorde uma bella noite sobresaltado com um incendio. N'essa altura o homem precipita-se para a rua gritando: «Aqui das bombas!» e arde tudo: edificio, mangueiras, depositos de agua e extinctores.

Todos os que teem viajado nos grandes transatlanticos teem assistido ás chamadas manobras de fogo. De quando em quando, ao capricho do commandante, dá-se o alarme e é um encanto ver em que instante surdem por todos os cantos os tripulantes, creados, fogueiros, etc., dirigindo-se cada qual ao seu posto de combate, uns ás bombas, outros aos escaleres, estes aos cintos de salvação, aquelles aos extinctores, aquelles outros ainda aos tanques de inundação. Quem viaja tem a impressão de que um sinistro póde dar-se; mas que, ao menos, a sua hypothese está prevista e serão postos em pratica meios de lhe acudir.

Porque se não organisam nos grandes edificios manobras semelhantes? Porque não ha um posto de bombeiros, sempre de atalaia em cada sitio, cuja defeza é um alto dever patriotico? Porque isso acarretaria despesas e as nossas finanças são pobres. N'esse caso já me calo. Realmente para se pouparem annualmente algumas centenas de mil réis é muito preferivel ter de vez em quando um prejuizo de milhares de contos.

André Brun

A'manhã no theatro Nacional

Eis o programma completo do espectaculo que amanhã se realisa no theatro Nacional, com a presença do chefe do Estado e do governo, pelos alumnos da Escola da Arte de Representar, aos quaes a grande Virginia dá a sua preciosa collaboração:

A primeira representação do 1.º acto da tragedia de «Sóphocles», adaptação em verso branco de Henrique Lopes de Mendonça e Julio Dantas, «Edipo»:

«Edipo», Armando Baptista; «Tirésias», Vital dos Santos; «Creonte», Seixas Pereira; «Summo sacerdote», Jorge Beltran; um «Velho», Victor Moraes; «1.ª virgem tebana», D. Ema Videira; «2.ª virgem», D. Zulmira Vargas. Povo—Côro de virgens tebanas—Musica de Herminio Nascimento.

A representação do poema em 3 quadros, de Antonio Correia de Oliveira, musica original de Herminio Nascimento, «Auto do Fim do Dia».

Prologo, D. Virginia Dias da Silva; «Velhinha», D. Irene Neves; «O soldado», Salvador Costa; «Ceifeiras»: D. Alice Machado, D. Carolina Baptista, D. Ema Videira, D. Hortense da Luz, D. Lilia Lopes, D. Maria Emilia Leitão, D. Rachel Rodrigues, D. Zulmira Vargas; «Ceifeiros»: Armando Baptista, Arthur Duarte, Jorge Beltran, Seixas Pereira, Victor Moraes.—Malhadores, ceifeiros, etc.

A primeira representação da pantomima original de Henrique Lopes de Mendonça, musica original de Herminio Nascimento, encenação e composição mimica do professor Antonio Pinheiro, coreographia da professora D. Encarnação Fernandes, esgrima historica do professor José Luiz Pinto Martins, «Pierrot Anarchista».

«Arlechino», D. Irene Neves; «Capitano Spaventa», Vital dos Santos; «Pierrot», Armando Baptista; «Pantalone», Salvador Costa; «1.º policia», Seixas Pereira; «2.º policia», Victor Moraes; 3.º policia», Vasco Camélier; «Silvia», D. Maria Amelia de Carvalho; «Colombina», D. Ema Videira; «Nina», D. Alice Ribeiro; «Nineta», D. Maria Emilia Leitão; «Imineu», D. Ida Raláo; «Amores»: D. Josepha Ruiz, D. Josepha Lloriente, D. Maria Thereza Lloriente, D. Maria Puebla, D. Laura Gutierres, D. Victoria Ruiz (bailarinas).—Convidados, creados, cosinheiros, etc.

Eis o argumento de «Pierrot Anarchista»:

«Pantalone» de Veneza tem uma filha, «Silvia», e quer casal-a com o rico «Capitano Spaventa», especie de Scaramuccia fanfarrão e covarde, que anda sempre agarrado á sua grande «rapière» de Toledo e não é capaz de matar uma mosca. Mas «Silvia» detesta-o e ama «Arlechino». Na tarde em que «Pantalone» festeja, n'um grande banquete, os esponsaes da filha com «Spaventa», o bello «Arlechino» apparece com a sua guitarra e o seu manto multicôr, «Silvia» assoma á janella, e n'uma encantadora scena d'amor bordada sobre um lindo motivo musical, combinam os dois fugir. Ao mesmo tempo, «Pierrot», todo de branco, cheio de lirismo e de fome, surge entre os arvoredos azues do parque, como n'uma festa galante de Watteau, e recebe da apaixonada «Colombina», que o espera, um beijo e uma lata com as melhores iguarias do banquete de «Pantalone». Mas trez policias burlescos teem vindo dizer que pelos arredores anda um anarchista terrivel. Todos, apavorados, confiam na bravura do grande «Capitano Spaventa», armado até aos dentes de espada e de pistolas. Quando «Silvia», á hora aprazada, se dirige para a sombra d'um caramanchão onde

---

Folhetim d'A CAPITAL — 16-1-1916

Sobre um feretro que passa

E' hoje que Bartholomeu Constantino vae, descançar na final jazida de uma vida de miserias, de soffrimentos, de agitações,—mas tambem de chimera doirada e de amado sonho. Com saudade o vejo desapparecer. São cada vez mais raras as figuras do seu genero. O mundo está materialisado. A formula cynica de Guizot: «Enrichissez-vous!» penetrou no mundo moral. Levou tempo mas conseguiu estabelecer-se solidamente n'elle. O idealismo, representado pela piedade ou pela revolta, mas sempre traduzindo um universal amor, vê cahir, a todo o momento, os seus legionarios e os seus poetas.

O seculo XIX, no seu segundo quartel, viu surgir de todos os lados esse idealismo, tão depressa envergando uma chlamyde, como revestindo uma couraça. Uma eloquencia nova electrisava os corações. Fez-se uma revolução na arte, fez-se uma revolução na historia, e a essas revoluções corresponderam as revoluções politicas e sociaes. 1830 é uma data decisiva nos annaes da humanidade. O Romantismo quebrou no theatro, no romance, na poesia, os moldes rigidos e immutaveis do classicismo. A medida que novas ideias affluem ao espirito humano, uma linguagem nova as interpreta. Gera-se o magico encanto do estylo, que lavra, fundo, no marmore da Belleza, os symbolos impereciveis da Verdade. A palavra tem uma harmonia juvenil e vibrante. Por fim fluctuam bandeiras. O *gilet rouge* de Theophilo Gauthier tem já a côr predilecta dos pendões da insurreição. A Academia estremece. A seguir, os thronos desabam.

* * *

E' na verdade ao movimento de renovação artistica e de renovação historica em França que de justiça compete o ousado titulo de *periodo de assalto e de irrupção* com que na Allemanha se denominara, algumas dezenas de annos antes, o movimento literario e philosophico de que Schiller e Goethe foram corifeus, e que nunca teve outra resonancia que não fôsse a de alguns circulos selectos da sociedade allemã. O Romantismo francez breve entrou nas camadas populares, determinando as suas iniciativas progressivas. E' um facto averiguado que os movimentos populares marcham sempre de acordo com a obra da civilisação. Por isso mesmo o movimento romantico, em França, tomou todos os aspectos. E' lyrico com Musset, é historico com Thierry, é dramatico com Hugo, é revolucionario com Barbés. A cohorte torna-se legião. O Romantismo é o Ideal, e para o Ideal necessitam-se exercitos de paladinos.

O Romantismo está no seu apogeu na epoca encantadora, gloriosa e predestinada de 1848. E' então que apparecem figuras populares que são verdadeiros symbolos. E' a eclosão formidavel e comovedora dos anonymos. Quando o governo sahido d'essa revolução generosa se vê em face do problema angustioso da miseria, quando a multidão pede o pão depois de ter feito a liberdade, um homem, um operario, rôto, de faces cavadas pela fome, exaltado e grande, diz aos dirigentes da Revolução: «Trabalhem, estudem o nosso problema, que nós pomos ao seu serviço trez meses de miseria.» Esse homem era o povo. Esse homem era uma figura como a de Bartholomeu Constantino que hoje desceu ao tumulo.

* * *

A sua historia está feita. Eu conheci-o e admirei-o. Por isso mesmo, quando a monarchia quiz deportal-o, envolvendo-o nas malhas traiçoeiras da lei de 13 de fevereiro, tive ensejo de erguer a minha voz em sua defesa. Nada me devia. Na realidade eu defendia a causa de todos nós, a causa da humanidade, a causa do povo, sempre incompreendido e sempre pronto ou sacrificio, sempre victima do odio e do desprezo d'aquelles de quem faz a riqueza ou a gloria. E apresentava-o precisamente como um herdeiro directo d'essas nobres tradições populares de generosidade e de revolta, de sacrificio e idéas.

«Que interessantissima figura—dizia eu—a d'este revolucionario candido e exaltado! Quereria fixar o seu perfil; desenhar em dois traços, nervosos como o seu gesto e illuminados como o seu olhar, esse typo extravagante e sympathico que tão depressa se reconhece humilde como se presente heroico. Impossivel! E' preciso vel-o, é preciso ouvil-o. E' calvo como um asceta, é irrequieto como um Gavroche. E' um rapaz? A idade protesta. E' um velho? O coração desmente-o. Forçados a optar entre os dois termos do dilema, teriamos de nos decidir pela juventude. E' joven, pelo enthusiasmo, pela fé, pelo ideal, que dão sempre mocidade ás almas. Esse homem do povo é uma figura romantica. Como o poeta, que elle não conhece, poderia dizer que appareceu muito tarde n'um mundo muito velho. Quem o fitar, quem o ouvir, e, sobretudo, quem conjecturar o que poderia ser semelhante homem n'uma epoca revolucionaria, sentir-se-ha induzido a consideral-o uma reliquia generosa e palpitante de 1848, desamparadamente luctando nos nossos tempos de egoismo e inercia. Roto, altivo, sonhador, todo elle é uma irradiação. Irradiação de quê? Da santa ingenuidade popular, do eterno instincto revolucionario. Ainda mais: da bondade humana. Da bondade? Sim.

Como o disse um alto-escriptor, hoje bem insuspeito, «o homem só é homem quando aprende a ser um revoltado.» A phrase é do sr. Ramalho Ortigão. Cerebro e coração que se não revoltem contra tudo o que possa reflectir o mal não logram constituir jámais o que authentíca a supremacia moral da especie, e que se chama: a personalidade humana. Mas a revolta tem dois aspectos: a piedade e a colera. Por isso, no protesto violento, quando sincero, adivinha-se sempre a dôr do sentimento offendido. Tirem á noção do bem a indignação contra o mal,—e a consciencia coxeia.»

* * *

Da primeira vez que foi julgado incurso na lei de 13 de fevereiro, Bartholomeu Constantino sahiu absolvido do tribunal a que o arrastaram. Mas o odio contra o propagandista caloroso de novas idéas sociaes não desarmava. Pouco depois, Bartholomeu partia para o Algarve, e foi ahi que elle se defrontou com o auctor da draconiana lei contra os anarchistas, promulgada pela monarchia, lei que na realidade era destinada a tolher todo o pensamento insubmisso. N'ella foi envolvido o jornalista republicano França Borges, e se esse meu saudoso, querido e mallogrado amigo não marchou para Timor, tal facto deveu-se ao protesto geral dos espiritos liberaes de todo o paiz. N'ella foi envolvido um cidadão do Porto, antigo jornalista, que esperara que um vulto politico em evidencia na monarchia deixasse de ser ministro para tirar d'elle um desaggravo pessoal. Era uma espada de Damocles continuamente suspensa sobre a cabeça de quem desagradasse ao regimen vigente. Mercê d'ella, logo apoz a sua promulgação, haviam sido feitas verdadeiras *râfles* de desgraçados, famintos, desempregados, abandonados por uma sociedade madrasta e enviados para Timor, para a morte, apoz uma vil parodia de julgamento. Chefes de policia houve que foram ameaçados com a demissão se não mandassem contingentes d'esses infelizes para as levas. Parece que os esqueceram estas infamias, ou que estão al santificadas por serem da monarchia. E' bom recordal-as, como eu recordo que foi Bartolomeu Constantino quem suspendeu, em Olhão, a marcha triumphal do auctor da sinistra lei, arremessando-lhe á face o seu protesto violento, mas cheio de justiça, e fazendo-o recuar, com os seus acolytos, perante a indignação popular que a sua palavra flamejante accendia. Elle foi, como eu disse então, «o Cambronne de João Franco».

Esperou-se a occasião, e tendo-se dado uma gréve operaria, eis Bartholomeu Constantino novamente preso e incriminado pela lei de 13 de fevereiro. Foi a Olhão defendel-o o dr. Affonso Costa, acompanhado por alguns amigos que n'essa defeza o tinham interessado e em cujo numero eu me contava. Não esquecerei nunca esse dia de sol ardente, a atmosphera suffocante do tribunal, a defeza admiravel do grande causidico, as palavras, gotejando dôr e chispando raios da chimera augusta do reu, que dominava a sala com a grandeza do seu symbolo. Bartholomeu foi novamente condemnado. Formou-se uma cruzada em seu favor. França Borges pôz o seu jornal ao serviço d'essa cruzada, deu-lhe o apoio da sua energia unica, e n'ella nos batemos todos, os rapazes de então, que somos, alguns, quasi os velhos de hoje. Eu appellei para o espirito dos poetas da minha terra, na pessoa de um d'elles, o mais distincto do Algarve, que assistira ao julgamento e que me parecera commovido com a iniquidade praticada. Esse poeta, que era monarchico e franquista, veiu-me dizer que Bartholomeu Constantino fôra condemnado, mas que merecia essa condemnação, principalmente porquê? Porque se insurgira contra João Franco, o auctor da lei que já estivera a ponto de o levar ao degredo e pela qual acabava de ser condemnado.

* * *

Emquanto se jogava a sua sorte, Bartholomeu Constantino, encarcerado, escrevia versos ingenuos, em que grandes palavras, sonoras e bellas, fluctuavam como bandeiras de resgate. Pobre Bartholomeu! Poucas vezes o tornei a vêr. Ha poucos dias um seu amigo me dissera que elle estava em Lisboa, quasi cego. Não esperava, ou não me disse esperar-se o seu fim proximo. O lemma de Guizot triumpha: «Enrichissez-vous!» Bartholomeu Constantino nasceu na miseria, viveu na miseria, morreu na miseria. Li já que o grande coração do sr. presidente da Republica não desamparará a sua familia. Não foi para mim uma surpreza; mas foi uma consolação. Se pudessemos investigar quantas almas o intrepido propagandista acordou para a revolta, encontrariamos uma legião, e essa legião tomou parte na implantação da Republica, considerando-a a primeira e indispensavel *étape* da completa emancipação humana. Pobre Bartholomeu! Grande e obscuro homem do povo! Quantas vezes as nossas almas se encontraram! Em vida defendi em ti a liberdade de todos nós; morto, desfolharei sobre ti as folhas de uma flor. Serão as de uma perpetua, flor de saudade, e esperança que os francezes chamam *immortelle* — a «immortal,» como o teu, como o nosso sonho de uma sociedade justa, amoravel e perfeita.

MAYER GARÇÃO

«Arlechino» virá buscal-a,—vê apparecer «Pierrot» com a sua lata, toma-o pelo anarchista, grita cheia de pavor, todos os convidados correm ao jardim e encontram «Silvia» quasi desmaiada aos pés d'um velho sátyro de pedra, emquanto o inoffensivo «Pierrot», espantado do receio que inspira, foge pelas sombras Todos appellam para o bravo «Spaventa», que treme como varas verdes e abraça «Silvia». E' então que «Arlechino» chega, arranca a filha de «Pantalone» aos braços do fanfarrão e provoca-o. Batem-se. Duello do seculo XVII, a «rapière». «Arlechino» desarma «Spaventa», que foge,—e quando «Pierrot» apparece com a lata na mão, intima-o, de espada em punho, a pousar no chão a supposta bomba. Tudo se esclarece. «Pantalone» entrega a filha a «Arlechino», que a ama, e emquanto todos os convidados dançam o minuete, n'uma revoada de cabelleiras e de tacões vermelhos, «Hymeneu» chega, rodeado de Amores côr de rosa, e n'um «ballet-pantomime» final, casa os dois pares de amorosos: «Arlechino» e «Silvia», «Pierrot» e «Colombina».

Ordem do espectaculo: I—«Edipo»; II—«Auto do Fim do Dia»; III—«Pierrot Anarquista».

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Recita da Escola da Arte de Representar.

REPUBLICA—A's 21—Os postiços.

TRINDADE—A's 21—O rei damnado.

POLYTEAMA—A's 21—Vida d'um rapaz pobre.

GYMNASIO—A's 21—Soror Marianna—Deputado independente.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—De capote e lenço (Revista).

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—A espiga (Revista).

PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—A rival da viuva alegre.

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Recita da moda—Trovador.

Agenda da semana

SEGUNDA-FEIRA—Politeama—Recita de Ignacio Peixoto—Primeira representação de *A vida de um rapaz pobre*—Estreia do actor Erico Braga.

—Eden—Festa da 200.ª da revista *Dominó*—Recita dos auctores—Numeros novos, conferencias humoristicas, etc.

TERÇA-FEIRA—Republica—Primeira recita da companhia franceza de Lucien Guitry.

A inauguração do theatro da Republica

Com a presença do chefe do Estado e a extraordinaria concorrencia de publico que era de prever inaugurou-se hontem o novo theatro da Republica resurgido, em dez mezes, dos escombros a que um incendio reduzira uma das mais bellas e das mais gloriosas casas de espectaculos de Lisboa.

Já na «Capital» se disse o que é o novo theatro a cuja magnifica sala, resplandecente de luz, hontem davam um realce particular a formosura e a elegancia de innumeras senhoras, desde a vasta e commoda platéa até os logares do balcão da segunda ordem.

Levantado o panno e estando no palco toda a companhia, Eduardo Schwalbach evocou, em phrase eloquente, sentida e vernacula, a historia do theatro que as labaredas transformaram n'um montão de cinzas, recordando as suas tradições de arte e belleza, as grandes figuras mundiaes da scena e da musica que desfilaram no seu palco, e rendendo homenagem a S. Luiz Braga, Antonio Ramos e Celestino da Silva, os socios da Empreza que á prompta reedificação do Republica dedicaram, desde a hora da catastrophe, todas as suas energias. Eduardo Schwalbach teve ainda palavras de justo apreço para os artistas illustres que constituem a companhia de S. Luiz Braga, augurando-lhes novos triumphos na época theatral agora iniciada.

O eminente dramaturgo, ao concluir a sua brilhante allocução, ouviu calorosas e prolongadas palmas, quer dos espectadores quer dos artistas que o rodeavam no palco. O visconde S. Luiz Braga, chamado á scena, ahi compareceu muito commovido e proferiu algumas palavras de agradecimento ao orador, ao publico, aos seus artistas e á imprensa, pedindo, ao mesmo tempo, que os applausos revertessem, de preferencia, para Antonio Ramos, ausente, e para Celestino da Silva, que hontem mesmo chegou do Brazil, dos quaes apenas se considerava um collaborador.

Seguiu-se a representação dos «Postiços», a notavel comedia de Eduardo Schwalbach, em que a nota sentimental e a nota ironica se fezem com verdadeiro talento. Alguns dos principaes papeis tiveram novos interpretes, podendo sem exaggero affirmar-se que o desempenho dos «Postiços» foi em geral excellente. Eduardo Brazão, n'um papel de galã, fez-nos esquecer, graças ao seu primoroso trabalho, que as convenções em theatro teem limites. Já que os rapazes de valor não surgem, mister se torna que os velhos insignes supram a sua lastimavel falta, impondo á nossa admiração e ao nosso reconhecimento a arte com que procuram dar-nos a illusão da juventude...

A representação dos «Postiços» terminou tardissimo, não affrouxando um momento a curiosidade dos espectadores, como se assistissem a uma «première».

A festa de ámanhã

Realisa-se ámanhã no theatro Eden a duocentesima representação do *Dóminó*, revista que marcou pelo seu colorido, pela sua alegria e pela sua despretenção. A recita de ámanhã dedicada aos auctores é uma justa homenagem ao esforço e ao talento de dois rapazes, já assignalados no genero do theatro a que se dedicam, por successos anteriores.

Das novidades da festa melhor diz do que poderiamos fazel-o o curioso prospecto do convite hontem distribuido, n'uma interessante evocação typographica, que transcrevemos:

«Resenha do mui notavel e merifico festival que se ha de fazer em o dia désasseis deste mês de janeiro de 1916 annos, em o theatro Eden, desta cidade de Lisboa ocidental, em honra dos que escreveram e engendraram o mui famoso entremês denominado Dóminó, quaes são os nomeados escritores José Maria S. Pereira Coelho e Alberto Augusto da Silva Barbosa.

Primeiramente se apresentará o substancioso e divertido Dóminó, que foi, pelos mui afamados instrumentistas Carlos Calderon e Tomás Del Negro, excellentemente indumentado por Manuel Francisco dos Santos Castello Branco e apropriadamente ensaiado por Alvaro Augusto Cabral da Cunha Goodolfim da Maia Figueiredo Vasconcelos Sá Nogueira e Quadros.

E n'elle se farão ouvir pela vez primeira dois curiosos aparatos cénicos, quaes sejam Sóror Mariana e A Freira de Beja e o Primo Bazilio.

E depois se apresentará ao publico a celebre cantarina Berte Baron que fará uma prelenga mui judiciosa a que chamaram Palavras Cinicas escritas pelo singularissimo cronista Albino de Forjaz Sampaio, dizendo tambem o supradito Alvaro Augusto Cabral, algumas bem proporcionadas expressões sôbre assás curiosa materia a qual seja As Coristas na Revista.

E fóra de tal resenha, outras muitas cousas haverá para notar, para o que se achará a fachada do referido teatro convenientemente iluminada e se deitarão, na rua, os não costumados mas muito apropriados foguetes em honra dos conhecidos escritores, da nomeadissima peça e dos actores e figuras que nela mui graciosamente entram e fazem as suas partes.

Vale.»

Medalhões

Erico Braga

Na recita de amanhã no Politeama dedicada a Ignacio Peixoto, estreia se um novo actor Erico Braga. Rapaz da nossa sociedade, filho de uma das melhores familias da capital do Norte, arrasta-o para o theatro uma vocação bem determinada. Não carecendo de pedir á profissão do comediante os seus meios de existencia, n'ella apenas procura Erico Braga a satisfação de um ardente desejo. Pela minha parte muito me agrada ver dar ingresso no numero dos nossos artistas, uma pessoa educada, com habitos de sociedade, com cultura intellectual e animado de uma tão grande vontade de dedicar á sua nova vida todo o seu melhor esforço. A muitos se afigura o theatro um refugio para os que não tem melhor modo de trabalhar. O grande numero de artistas illustres cujo talento illuminam a scena—entre nós alguns se apuram bem dignos do nosso respeito e da nossa admiração—demonstra claramente que, quando exercida com brilho, a carreira scenica se pode pôr a par de qualquer outra no que respeita á consideração a dar aos que a seguem. Ao novo actor não ha que recommendar estudo e disciplina. Elle sabe bem que essas são as bases do seu futuro, que sem ellas não poderá vencer todas as difficuldades que sob os seus passos se levantarão. Que a sua estreia seja promissora de futuros successos, que o seu enthusiasmo de agora não affrouxe e lhe sirva de alento nas inevitaveis contrariedades, eis os meus votos de sympathia.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

No Colyseu, canta-se hoje a *Gioconda* o que significa que não ficará um bilhete por vender attendendo á predilecção do publico por esta opera e ao magnifico desempenho que tem presentemente.

A'manhã recita da moda com a primeira representação do *Trovador* e estreia do tenor Antonio Bombato. Para avaliar do interesse por esta recita bastará dizer que já não ha um unico camarote de 1.ª ordem, restando na bilheteira um resto de camarotes de 2.ª e alguns *fauteuils*. Terça feira festa artistica e despedida da cantora Luz Rugama.

Durante a permanencia de Guitry em Lisboa a companhia do Republica vae dar quatro espectaculos fóra de Lisboa, sahindo da capital no comboio da manhã de terça feira.

A companhia francêsa de Lucien Guitry chega ámanhã de tarde no rapido das quatorze e quarenta.

Na proxima semana realisa-se no theatro da Republica um almoço offerecido á empresa pelos artistas.

A actriz Albertina de Oliveira realisa a sua festa no Nacional com a peça *A vida de um rapaz pobre*.

Na peça de Ramada Curto, *Os redemptores* estreia-se uma actrisinha irmã de Judith de Castro.

Vae entrar em ensaios no Republica a nova peça de Vasco de Mendonça Alves.

Salão Foz

O publico frequentador d'esta elegante casa de espectaculos terá hoje mais uma occasião de admirar a distincta artista excentrica musical La Farfalla, que se apresenta muito distinctamente, toca bem e é formosissima. A sua estreia constituiu mais um verdadeiro triumpho para a empreza do Foz. Não será mesmo um erro affirmar-se que **La Farfalla** conquistou de tal maneira o publico de Lisboa que este não pode já passar uma noite sem a ir ver.

Em completo exito continuam as restantes variedades constituidas pelas gentis e graciosas artistas hespanholas **Mathilde de Aragon** e **Estrella de Levante**, nas suas lindas canções, de que o nosso publico tanto aprecia.

Churry el Bonito, o rei da gargalhada, continua a chamar grande concorrencia dando-nos hoje novas e diversas surprezas, dignas do nome de tão glorioso artista.

ULTIMAS NOTICIAS

BARTHOLOMEU CONSTANTINO

Uma imponente manifestação funebre

No cemiterio falam oito oradores de cada vez

Foi uma imponente manifestação de sentida homenagem a que o operariado portuguez prestou hoje, pelas 14 horas, acompanhando ao cemiterio occidental os restos mortaes do seu camarada Bartholomeu Constantino, o velho e strenuo defensor das reivindicações proletarias.

A's 13 horas já a rua da Barroca se encontrava pejada de gente, o mesmo acontecendo á escada e salas do edificio onde está installada a Federação da Associação de Classe dos Constructores Civis, na sala das sessões na qual se encontrava depositado o feretro.

Pouco antes da sahida e junto ao caixão, em nome da União das Mulheres Anarchistas, falou uma das suas mais populares oradores—Maria Paula, interessante velhinha, de estatura «mignone», olhar vivo e insinuante.

A sua voz commovida tem por vezes fortes vibrações de raiva mal contida que a saudade pelo companheiro morto desfaz. A vida de Bartholomeu Constantino, diz, é um exemplo a seguir, não pelo homem que podia ter commettido erros, mas pelas suas ideias sempre intemeratamente expostas e valentemente defendidas.

«Nada poude, exclama ainda a oradora, nada puderam contra a honestidade de Bartholomeu, nem a fome, nem as perseguições, nem as ameaças; nem tão pouco a cadeia, que tudo isso o pobre soffreu na sua cruzada em favor dos humildes, dos pobres, dos seus companheiros de miseria.

«Foi elle quem mais trabalhou pela emancipação dos trabalhadores, e ella toma ali o compromisso solemne de continuar a sua obra cada vez com mais coragem, sem desfallecimentos e arrostando com todos os perigos. Custa-lhe ver que o Estado só agora pensasse na miseria do companheiro morto e na desgraçada situação em que ficou a familia. Que todos os operarios se unam e que se prescinda da offerta do Estado. O contrario é um crime e um descredito para os anarchistas e para os operarios que tiveram em Bartholomeu Constantino o maior apostolo e o mais infatigavel defensor».

Da assistencia partem apoiados vehementes, e nos olhos de muitos dos antigos companheiros do morto ha lagrimas sentidas de commoção.

A's 14 horas o funeral organisa-se e segue, a caminho dos Prazeres, descendo a rua da Barroca, travessa das Salgadeiras e rua do Norte, até á Praça Luiz de Camões, seguindo depois pelas ruas do Mundo, praças Rio de Janeiro e Brazil, ruas do Sol, S. Ambrozio e Saraiva de Carvalho, na seguinte ordem: á frente uma massa compacta de povo; depois a Federação Maritima, com o seu estandarte e representantes das associações dos calafates, estivadores, fogueiros de terra e mar, catraeiros, medidores de cereaes, representações maritimas de Setubal, Pardelhas, Cezimbra, Espinho, Figueira da Foz, Vianna do Castello, Villa do Conde, Estarreja, Portimão, Lagos, Olhão, Mattozinhos, Faro, Villa Real de Santo Antonio, Fuzeta, Valmôr, e Villa Franca de Xira; descarregadores de terra e mar do Barreiro com o seu estandarte; operarios do municipio de Lisboa, com estandarte; e muitos delegados de todas as associações de classe com as suas faixas a encarnado e ouro. Seguia-se uma carreta com duas grandes corôas de flores artificiaes e muitos ramos de flores naturaes, conduzida por serventes de pedreiro. Depois as bandas das sociedades musicaes União Piedense, Academia Verdi, e Academia Instrucção e Recreio Familiar Almadense, todas com os seus estandartes; o centro escolar republicano 27 d'abril, centro Social de Perne, e commissões parochiaes independentes dos Anjos, Pena, Beato, Mercês, Ajuda, Santa Izabel, Soccorro, S. Jorge d'Arroyos, Monte Pedral, S. Lourenço, S. Vicente e S. Sebastião da Pedreira. Grupo esperantista, associação dos ourives, etc. A seguir a carreta conduzindo o feretro junto do qual se vêem a mãe, irmãos, cunhados, mulher e filhos do extincto, acompanhados de muitas sociais da associação anarchista, fechando o funebre cortejo nova multidão enorme de operarios de todas as côres politicas.

Dirigiam o enterro os srs. Alfredo da Cruz e Bernardino Santos. O serviço de policia foi feito por trinta guardas ás ordens de dois chefes.

A's 15,30 dava-se entrada no cemiterio, a custo, tal era a enorme multidão que enchia todo o largo e a rua central dos Prazeres.

Hesita-se um momento. Ha discursos? Ha. Mas onde? Ninguem o sabe. De repente a meio da rua, á direita, sobre a pedra alta d'um mausuléu surge a figura nervosa do propagandista Jayme de Castro. Cercam-n'o. E as primeiras palavras surgem clamorosas dizendo aos operarios o que fez e o que foi o velho propagandista do movimento operario que acabam de trazer á ultima morada. Mais logo, junto á porta da entrada, um outro orador surge, Alfredo da Cruz, que é egualmente rodeado por muita gente. E d'ahi a pouco oito oradores falam ao mesmo tempo, desde a porta da entrada até ao adro da capella. São Bernardino Santos, Sebastião Eugenio, Conceição Pires, Aurelio Quintanilha, Manuel Pedro de Abreu, Seraphim Lucena, que ao passo que vão terminando os seus discursos são substituidos por outros oradores.

E' a primeira vez que tal se faz em Portugal, e o aspecto é realmente imponente. Os apoiados ás passagens mais vibrantes dos discursos cruzam-se, avolumam-se, e tomam por vezes uma magestade que commove.

João Caldeira tambem fala, ao mesmo tempo que em frente, um cunhado do morto, Julio Cruz, ergue a sua voz timbrada, commovidamente cantante, impressionando os que o ouvem pelo sentimento que imprime á sua dicção d'orador romantico.

Uma chuva miudinha começa a cahir, impertinente.

Lá ao longe, ao fundo da rua Saraiva de Carvalho, apparecem as primeiras pessoas do funeral dos dois bombeiros victimas do incendio de Santa Clara. Os discursos ultimam-se, e pelas 16,30, o cadaver de Bartholomeu Constantino segue, levado pelos antigos companheiros, até ao coval, no extremo sul do cemiterio.

O INCENDIO DE SANTA CLARA

No funeral dos dois bombeiros

victimas do dever incorporam-se milhares de pessoas

Constituiu uma sentida manifestação de pesar o funeral dos bombeiros municipaes n.ºs 166 e 209, José Justiniano Dias e Carlos Pereira, mortos no incendio do Deposito Central de Fardamentos. Estava o sahimento marcado para as 13 horas, mas só sahiu do quartel da Esperança duas horas depois devido a esperar-se a chegada dos delegados dos bombeiros do Porto. Milhares de pessoas aguardavam na Avenida e largo das Côrtes que o prestito se puzesse em marcha, vendo-se tambem enorme multidão nas ruas do trajecto. O scenographo Eduardo Reis, pae, procede ás ornamentações das carretas e armões. Entretanto vão chegando bombeiros de varias localidades e representantes de diversas associações. A's 15 horas o chefe Caetano de Carvalho, que dirige o funeral, auxiliado pelos seus collegas Marcellino e Pacheco, dá o signal de partida, seguindo o cortejo pela seguinte ordem:

A' frente, 8 bombeiros municipaes e 4 voluntarios; cordões de bombeiros municipaes; carreta dos voluntarios transportando corôas, entre as quaes a offerecida pela Camara Municipal; galera dos voluntarios com as corôas offerecidas pelos bombeiros voluntarios de Lisboa e Ajuda; armão a duas parelhas com o caixão do bombeiro 209, coberto com a bandeira nacional; armão tambem a duas parelhas com o caixão do bombeiro 166 egualmente coberto com a bandeira nacional; capitão Maia Pinto, representando o sr. Presidente da Republica, Urbano Rodrigues, representando o sr. presidente do ministerio; dr. Levy Marques da Costa e todos os vereadores da Camara Municipal, officiaes do exercito e da armada, commandante dos bombeiros sr. Parente; secção de «boyscouts»; alumnos das Sociedades Preparatorias; deputação de marinheiros; fiscaes das Companhias de Seguros; deputação da policia; Banda da Republica, que durante o trajecto executou varias marchas funebres; terno de cornetas e tambores dos bombeiros municipaes; representações dos bombeiros do Porto; contingentes de voluntarios das collectividades a que abaixo nos referimos; 60 bombeiros e conductores dos bombeiros municipaes, muito povo e por ultimo os trens e automoveis dos convidados. A' retaguarda de cada armão seguia um bombeiro com a almofada conduzindo o capacete, machado e cinturão do extincto. Nos funeraes tambem tomaram parte representantes dos srs. ministros da guerra, interior e fomento, o sr. Alfredo Pinto, pelo sr. governador civil e o sr. capitão Esmeraldo, pelos officiaes que fazem serviço na policia. O cortejo seguiu pela avenida e largo das Côrtes, ruas de S. Bento, do Sol, ao Rato, visconde de Santo Ambrosio e Saraiva de Carvalho chegando ao cemiterio ás 16 horas e 10 minutos. A agglomeração dentro do cemiterio era extraordinaria. Rompia-se a custo, sendo quasi impossivel o organisarem-se os turnos. A chuva cahia abundantemente.

Junto do mausoleu dos bombeiros o sr. dr. Levy Marques da Costa proferiu um sentido discurso enaltecendo as qualidades dos extinctos e dizendo que morreram victimas do seu dever. O chefe Rocha dos Voluntarios não se incorporou no prestito por se lhe terem aggravado os ferimentos que recebeu no incendio e o sr. Julio Alexandre da Silva, chefe do corpo voluntario de Salvação publica tambem por doença fez-se representar pelo chefe 9, Antonio da Cunha que tinha ás suas ordens 4 homens.

Entre as collectividades que tomaram parte no funeral e representantes do exercito e de associações de classe vimos as seguintes:

Accacio Andrade, chefe da 2.ª secção da divisão auxiliar dos Voluntarios da Ajuda; Ricardo Esteves, chefe da 1.ª secção dos Voluntarios de Lisboa, Carlos Luiz Lugrin, 1. commandante dos Bombeiros Voluntarios de Coimbra, Alfredo Lacerda, chefe da 3.ª secção, Antonio da Cunha, chefe dos bombeiros de Algés. João Carlos Marques, representando o Centro Republicano Democratico Historico da Chamusca, João Baptista Ribeiro, representando a corporação dos bombeiros de Villa Real de Traz-os-Montes, Carlos da Costa Bessa, representando os Voluntarios de Carnaxide, Vivaldo Angelo Ferreira, bombeiro voluntario n.º 16 de Beja, Matheus G. B da Costa, commandante dos Voluntarios de Odivellas, deputado Simões Raposo Junior, representantes do Centro Republicano Candido Reis e Escola Val do Rio, da Ericeira.

Alfredo Andrade, representando o sr. Rocha, commandante dos Voluntarios da Ajuda, e Armindo Barros, commandante dos Voluntarios do Porto e o 2.º commandante dos Voluntarios de Cascaes, Vieira da Silva, secretario da presidencia da Camara Municipal de Lisboa, Joaquim Duarte Fernão Pires, Carlos Ferreira, pelo jornal *O Incendio*, Associação dos Operarios do Municipio de Lisboa, Julio Cardoso, pela direcção dos Bombeiros Voluntarios do Porto, Roberto Moreton pela União Christã da Mocidade, Direcção do Grupo de Escoteiros n.º 1, Commissão Municipal e Parochial do Partido Republicano da Gollegã, Escola Movel de Fonte Boa de Brincosa, grupos escoteiros n.ºs 22 e 24, Commissão Parochial Republicana da freguezia de S. Mamede, Associação de Classe dos Fabricantes de d'Armas e officios Accessorios.

Associação Humaniataria dos Bombeiros Voluntarios do Dafundo, Manuel Domingos, pelos enfermeiros da Cruz Vermelha, Junta de Parochia de Santa Izabel, capitão-tenente Luiz Constantino de Lima representando o commandante da divisão naval, officiaes de todas as guarnições, officiaes e pessoal do seu navio, Corpo de Bombeiros da Companhia União Fabril, Associação União de Classe dos Descarregadores de Mar e Terra, Associação de Beneficencia Serviço Voluntario de Incendio de Cacilhas, Associação dos Bombeiros Voluntarios Progresso Barcarenense, Gremio de Instrucção Liberal de Campo de Ourique, Almeida Soares, em nome da banda do corpo de marinheiros; Delegação da Cruz Vermelha de Cacilhas.

Associação de classe dos Empregados Menores dos Correios e Telegraphos, senador Herculano Galhardo, major Mimoso Guerra, Associação Humanitaria do Corpo de Bombeiros Voluntarios dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, Concentração Musical 24 de Agosto, Banda da Republica; coronel João Maria Lopes, officiaes inferiores da 2.ª companhia da guarda republicana, Macedo de Bragança, Centro Escolar Republicano de Santos, commissão parochial de Santos e junta de parochia, Associação dos Bombeiros Voluntarios de Cintra, Cooperativa «A Esperança», Agostinho Paulo, representando o Centro Republicano Democratico de Setubal, representantes dos carpinteiros do theatro Apollo, «comité» do 1.º grupo de «boy-scouts» de Lisboa, tenente coronel Vasconcellos Dias, Guilherme Maia, commandante dos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses.

Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Oeiras, Nuno dos Santos, pelo grupo Mocidade Republicana de Lisboa; Lorena Casaniga, pela Sociedade Protectora dos Animaes; Direcção do Grupo de Escoteiros n.º 15, Commissão Parochial Republicana do Lavradio, Silva Horta, pelo Gremio Instrucção Liberal de Campo de Ourique; Sociedade Instrucção Militar n.º 2, União dos Escuteiros Luzos, Almeida Martins, pela regedoria de Santa Catharina, Fernando Peixinho, pelo Grupo Liberdade e Justiça, Associação de Soccorros Mutuos do Corpo de Bombeiros, Carlos José Barreiros, etc.

Vendo as ruinas—Diligencias policiaes

Por ser domingo a concorrencia de curiosos ao Campo de Santa Clara a vêr as ruinas do edificio do Deposito Central de Fardamentos foi numerosissima. Forças de policia e da guarda republicana não deixavam passar ninguem junto do edificio, visto parte das paredes ameaçar ruina. Tudo quanto foi salvo e estava junto da egreja de Santa Engracia já se encontra parte n'esta egreja e parte no conventinho do Desaggravo. De prevenção ainda ali se encontra uma bomba a vapor com algumas agulhetas.

No governo civil proseguiram as diligencias policiaes por parte do director da policia de investigação e chefe Sarmento e seus auxiliares, Figueiredo e Alfredo Maria. Do que se passou nada foi dito á imprensa. O sr. Adolpho Coutinho com dois agentes esteve no local do incendio procedendo a um exame rigoroso. A' hora a que escrevemos ainda não voltou ao governo civil.

A transformação do Estoril

O chefe do Estado preside á cerimonia do lançamento da primeira pedra do Grande Casino

Revestiu extraordinaria imponencia, a despeito das ameaças de invernia, a cerimonia do assentamento da pedra fundamental do primeiro grande edificio, construido pela Empreza Estoril.

Os terrenos vastissimos do parque, onde já no verão proximo, algumas construcções affirmarão a existencia da mais patriotica iniciativa particular, encontram-se galhardamente ornamentados, tremulando aqui e além as bandeiras nacionaes, sobre os alicerces d'essas construcções, que são, o estabelecimento thermal, os dois hoteis e, lá no alto, dominando o panorama, o futuro casino.

A' entrada do terreno aguardam a chegada do sr. presidente da Republica, os srs. Correia Barreto e Manuel Monteiro, presidentes das duas casas do parlamento, o sr. ministro da França, o ministro do fomento, governador civil de Lisboa, deputados, senadores, representantes das associações commerciaes, e os srs. Fausto de Figueiredo e Pedro Carreira de Sousa, architecto Martinet, empreiteiro das obras, representando a Sociedade Estoril.

O sr. dr. Bernardino Machado deu entrada no Parque pelas 14 e meia horas, vindo de automovel acompanhado pelo chefe do governo, sr. dr. Affonso Costa, Arthur Costa e Luiz Barreto da Cruz. As bandas dos bombeiros tocam o himno nacional e a numerosissima assistencia acclamou enthusiasticamente o chefe do Estado e a Republica.

O sr. dr. Bernardino Machado, acompanhado pelos convidados da Sociedade Estoril visitou as edificações, que mal se erguem do solo, deixando todavia prever a sua futura grandeza. O exame d'essas edificações é auxiliado, pelos planos architectonicos, que se exhibem junto de cada uma d'ellas. Por ultimo os visitantes chegam ao local do grande casino onde se effectua a annunciada cerimonia. Ahi o architecto sr. Martinet pronuncia uma allocução, recordando a simpathia que Portugal soube conquistar sempre em todos os congressos de turismo, pelas suas bellezas naturaes. Lembra que ao 4.º congresso presidiu o actual chefe de Estado. Se ha quem diga que os congressos são pretexto apenas para admiração mutua das conquistas, aquella obra desmente a doutrina vulgar. E' certamente o inicio d'uma larga obra de fomento nacional e todo o seu interesse de artista foi dar-lhe precisamente todo o sabor portuguez.

O notavel artista elogia, ao mesmo tempo o caracter da população portugueza, entre a qual a colonia franceza se sente perfeitamente como entre irmãos e amigos.

O sr. dr. Bernardino Machado louva o emprehendimento da Sociedade Estoril e faz votos pelas suas prosperidades, affirmando que a sua iniciativa é bem o inicio d'uma larga obra de rejuvenescimento nacional.

Em seguida foi lido o seguinte auto, escripto em pergaminho:

«Aos dezeseis dias do mez de janeiro de mil novecentos e dezeseis, pelas 15 horas, Sua Excellencia o Senhor Doutor Bernardino Luiz Machado Guimarães, Presidente da Republica Portugueza, collocou a primeira pedra d'este edificio, mandado construir pela Sociedade Estoril, por iniciativa dos Senhores Fausto Candido de Figueiredo e Augusto Carreira de Sousa, segundo os planos traçados pelo architecto sr. Henry Martinet, de Paris, executados pela Société Centrale de Travaux Publics et Privés de Paris, assistindo a este acto o Presidente do conselho de ministros, doutor Affonso Costa, os membros do governo da Republica, representantes do Congresso da Republica, do corpo diplomatico estrangeiro, dos Senados Municipaes de Lisboa, Cascaes, Cintra, Oeiras, auctoridades civis e militares do districto de Lisboa e delegados das principaes collectividades do paiz e sendo lavrado este auto em tres exemplares, assignados pelas pessoas presentes ao acto, ficando um d'esses exemplares depositado sobre a primeira pedra do edificio, o segundo archivado na Camara Municipal de Cascaes e o terceiro nos archivos da Sociedade Estoril.

Como estivesse cahindo uma chuva miudinha, durante toda a visita, o auto foi assignado no «Pavillon de la Foret», pelas pessoas presentes.

Depois foi servido um opiparo «lunch», fornecido pela pastelaria Benard. Ao champagne brindam a Sociedade Estoril, o sr. presidente da Republica, chefe do governo, Antonio Maria da Silva, Sousa Lara, Mario de Carvalho, Nunes da Matta, Vasconcellos Correia, José Maria Bravo, do Senado Municipal de Cascaes, Carvalho Junior, do Senado Municipal de Cintra, Manuel Monteiro, pelos parlamentares, Correia Gomes, administrador do concelho de Cascaes, Custodio Nevoa, da União do Commercio, Agricultura e Industria, Luiz Derouet e, por ultimo, retribuindo as saudações, o sr. Fausto de Figueiredo.

A' ceremonia assistiram, além da muitas outras pessoas, os srs.:

Almeida Lima, dr. Teixeira de Queiroz, dr. Santos Lucas, general Carvalhal e seu ajudante capitão Quaresma, João Pedro de Sousa, Carlos Gomes, Sousa Lara, Albert Macieira, Mario de Carvalho, da Associação Commercial de Lisboa; João José da Costa, da Associação dos Lojistas, Custodio Nevoa, da União da Agricultura, Commercio e Industria, engenheiros Vasconcellos Correia, Roldan y Pego, Padua Franco, Oliveira Pires, da Sociedade Propaganda de Portugal, architectos, Rozendo Carvalheira, Adães Bermudes, Alvaro Machado, Arthur Moreira Ratto, Ascenção Machado, conde de Alto Mearim, Fernando Emygdio da Silva, Oliveira Simões, José Queiroz, Rodrigo Peixoto, Fernandes Costa, general Bandeira de Mello, João Anjos, Luiz Fernandes, presidente do grupo dos amigos do Muzeu d'Arte Antiga, Antonio Bello, dr. Leite de Vasconcellos, Nunes da Palma, Germano Martins, Luiz Derouet, dr. João Marques da Costa, Cassiano Neves, Elio de Mello Rego, Annibal Lucio de Azevedo, Petra Vianna, engenheiro Ferreira de Mesquita, dr. Antonio Macieira, Henrique de Vasconcellos, dr. Oliveira Luzes, José Carreira de Sousa, Jorge Sobrosa, Jayme d'Almeida, Pires Avelanoso, dr. José d'Athayde, dr. Daniel Rodrigues, Manuel Pereira, Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, dr. Queiroga, engenheiro Parreira, Franco Santos, José Loureiro, coronel Carlos Bandeira, Octavio Bandeira de Mello, Arthur Bual, conde de Caria, Marrecas Ferreira, Balthazar Teixeira, Queiroz Velloso, Fernando Correia, dr. Alberto Machado, coronel Ramos da Costa, Antonio Martins, Hypacio de Brion, Raul do Carmo, Carlos Simões Torres, dr. Carlos Lopes, coronel Portocarrero, Prazeres da Costa, Amadeu Rego, etc., etc.

MUSICA

Concerto da Orchestra Symphonica Portugueza

Este primeiro concerto de assignatura, em que se provaram as condições acusticas do novo theatro da Republica, que são incomparavelmente superiores ás do antigo, se bem que por ora a nudez da scena ainda não permitta avalial-as perfeitamente, foi uma verdadeira tarde de Arte na mais alta e nobre accepção do termo.

Ha quatro annos que a orchestra ali surgiu, n'aquelle mesmo local, fraca e hesitante, sustentada apenas pela firme batuta do seu regente, cuja altissima envergadura de director hoje se teria indubitavelmente afirmado, se porventura em alguem existissem duvidas a tal respeito; Blanch fez apparecer no resuscitado theatro uma orchestra nova, d'uma maravilhosa precisão, segura no ataque, perfeita nas gradações, cheia de brio, admiravel de doçura.

Ainda hontem nós diziamos n'uma revista mensal, que dentro de cinco ou seis annos teriamos uma orchestra capaz de tocar e ser applaudida em toda a parte; mal diriamos que o concerto de hoje nos viria dar tão agradavel desmentido. De facto, o concerto d'esta tarde foi sem mancha, sendo cada numero do programma mais bem executado que os restantes.

Como convinha a tão solemne conjunctura, no programma figurava a «5.ª Symphonia» de Beethoven: a sua primeira execução foi magistral, sendo todos os andamentos perfeitos, perfeitissimos mesmo; se alguma passagem quizessemos especialisar, notariamos o «scherzo» e a sua transição para o «allegro» final.

A «Morte de Isolda» valeu á orchestra uma grande ovação; tendo Blanch que bisar o trecho: até que emfim o publico fez repetir coisa diversa das paginasinhas de Grieg...

A abertura de »Tannhauser», com que o concerto fechava, sahiu impeccavel: por isso a sala toda se levantou n'um impeto de enthusiasmo, acclamando largo tempo a orchestra e o seu director, que bem merecem esses e todos os applausos.

Uma coisa urge: a repetição da «5.ª Symphonia», que, assim executada e conduzida, tem que ouvir-se muitas e frequentes vezes.

H. de A.

Concerto David de Souza

Se sempre os concertos do Polyteama se teem assignalado pela numerosa assistencia, o de hoje a todos se avantajou porque foi verdadeiramente extraordinaria a concorrencia, não tendo ficado um unico bilhete por vender.

O programma era na realidade convidativo e foi excellentemente executado, tendo o publico applaudido enthusiasticamente a orchestra e o seu maestro David de Souza. João Arroyo foi tambem ovacionado.

Centro Leotte do Rego

A inauguração da sua séde

Realisou-se hoje com brilhantismo a inauguração da nova séde do Centro Republicano Leotte do Rego, na rua das Trinas. A vasta sala estava ornamentada com apparelhos nauticos, cordas formando ancoras, etc. Logo que chegou o sr. Americo da Camara Leme, representando o sr. presidente da Republica, abriu a sessão solemne a que presidiu o coronel sr. Oliveira, secretariado pelas sr.as D. Adelaide Marques e D. Evangelina Vasques.

E' lida uma carta do sr. Leotte do Rego agradecendo a homenagem e participando que não pode assistir á sessão por motivo de força maior. O expediente é bastante volumoso. Os meninos Alfredo Sirugy e Ardoino Silva descerram o retrato do patrono do centro, executando o sextetto a *Portugueza*. As palmas prolongaram-se durante largo tempo. Falam em seguida os srs. Jacintho Graça, presidente da meza da assembleia geral, Oscar da Conceição, João Machado Toledo, Julio de Sousa Pinto, drs. Baracho e Antonio Macieira, Firmino Alves e Julio Bertho Ferreira, findo o que a sessão foi encerrada. Antes, porem, a sr.ª D. Amalia Vasques diz uma poesia e o sr. Coelho Graça outra de Sousa Pinto.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOS THEATROS

Entre muitas outras senhoras, assistiram hontem á inauguração do theatro da Republica as seguintes:

Madame Affonso Costa, D. Sarah da Motta Vieira Marques, D. Flora Fernandes Thomaz Sousa Rodrigues, D. Thereza de Magalhães Arroyo, D. Maria Emilia Macieira Lino, D. Henriqueta Garcia da Silva, D. Maria Bertha Ortigão Ramos de Castello Branco, D. Maria Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Emilia Cardoso Pedreira e filha D. Maria Emilia.

D. Adelaide Cardoso, D. Deolinda da Fonseca, D. Irene Brun, D. Adelaide Coelho da Cunha, D. Guilhermina Macieira da Fonseca, D. Leonor de Castro Guedes Rosa, D. Emilia Nogueira Pinto, D. Maria Ignez Miranda Alçada.

D. Palmira da Costa Neves, D. Alice Braga Ribeiro da Silva, D. Joaquina Cardoso Pereira, D. Albina Euler de Carvalho, D. Cacilda de Carvalho, D. Bertha Macieira Reis, D. Maria Antonietta Fernandes Braga, D. Eugenia Lameiro, etc.

Ao espectaculo de hontem no Nacional com a peça de Vicente Arnoso, «Coimbra terra de amores» assistiram:

Madame Regis d'Oliveira e filha, Viscondessa de Sacavem (D. Mathilde), D. Silvia e Belford Ramos, D. Maria Joaquina de Quintella de Mendonça e filha D. Maria, D. Virginia Duff Burnay e filhas D. Eugenia, D. Maria Isabel de Sousa Martins Feio Braga, D. Virginia Duff Burnay Vieira Pinto, D. Maria Margarida Franco de Sousa, D. Amelia e D. Josephina Leite da Silva, Madame Valejo Marques e filha D. Maria, D. Maria Constança Teixeira Dias, etc.

CASAMENTOS

Estão justos: o do sr. dr. José Sobral Cid com a sr.ª D. Maria Victoria de Barros Rodrigues Lima e o do sr. dr. Joaquim Isidro dos Reis com a sr.ª D. Aurora Monteiro Barbara, filha dos srs. Viscondes de Semelhe.

LUTUOSA

Falleceu o sr. Henrique Maya Cardoso, cujo funeral sahe amanhã, pelas 14 horas, da rua Antonio Maria Cardoso, 13, para o cemiterio oriental.

A' familia enlutada, os nossos pesames.

Sport

A gymnastica util e racional

Palavras de Pierre de Coubertin

«Os «records» não do mundo mas de força hão de ser agrupados»

Esparsos por varios jornaes e por algumas revistas, tiveram publicidade alguns artigos do barão Pierre de Coubertin, que todos os homens de sport conhecem, como a mais alta individualidade do athletismo mundial. Este grande propagandista n'uma linguagem clara e precisa, tem-nos dito como, na vida um homem pode praticar todos os sports e tirar d'elles, não só para o seu corpo mas para o seu cerebro, vantagens notorias.

Pierre de Coubertin tem a habilidade de tornar assumptos monotonos em assumptos interessantes. E' que a sua prosa é a de um jornalista, escrevendo para e grande publico para que esse publico a comprehenda. Não se preoccupa com «litteratices». O que deseja é ser comprendido pelos que o leem e que estes «digiram» as suas ideias. Desfaz os angulos severos d'uma dissertação technica e sabe tornal-a abordavel, na leitura, aos menos illustrados. E assim tem feito vingar as suas opiniões sobre a gymnastica utilitaria que elle baseia na «defeza pessoal», processos de salvamento e locomoção».

Escreveu elle: «...Sómente o sport constitue um elemento de successo na lucta pela vida. Quem pode julgar que não seja assim? Se nos interrogarmos, a nós proprios, a fim de saber qual é a qualidade susceptivel de nos melhor assegurar o futuro de nossos filhos, um instincto trabalhado responder-nos-ha que é a «vivacidade phisica». E o sr. de Coubertin sabe definir em palavras vibrantes e bem francezas o que deve ser essa «vivacidade athletica».

«...Na epocha actual, o homem tem a necessidade de ser nem um pateta nem um «videirinho», isto é um arrivista, mas seguro de mãos, prompto ao esforço, maleavel de musculos, resistente á fadiga com rapido golpe de vista, com decisão firme e treinado para as mudanças de logar, de profissão, de situação, de costumes e de ideias que torna necessaria a fecunda instabilidade das sociedades modernas».

Perante estas opiniões, occorre immediatamente perguntar ao barão de Coubertin:

—Mas como conseguiremos esse homem?

Elle sabe responder-nos com o seguinte:

«...Graças aos exercicios sportivos nunca se encontrará embaraçado em frente d'um salvamento perigoso a realisar, nem timido para manter a propria defeza para fornecer um esforço ou utilisar um processo de locomoção. Os sports ensinam ao homem a ter confiança em si proprio e a fazer-se respeitar pelos outros». O remedio reside, pois, na pratica dos sports e da cultura phisica, não com a preoccupação exagerada de conseguir o «record» do mundo mas da força media, cujas cifras ainda não foram registradas nem agrupadas mas que ainda o serão. E tal trabalho era muito recommendavel».

Notas do dia

O campeonato internacional do Porto

Confirmam-se as nossas previsões. A'manhã realisa-se no Theatro Sá da Bandeira do Porto a *final* do campeonato internacional de lucta, sendo um dos *finalistas* o famoso campeão do mundo Jess Petersen. O seu adversario é o negro americano Frank Crozier, cujo merecimento combativo e imponente aspecto muscular já salientamos mas que ainda assim julgavamos insufficiente para tombar o rebustissimo belga Simonon. Seja como fôr Crozier venceu o belga. E' elle o adversario do maravilhoso dinamarquez. Pois ha quem julgue que o negro ainda é capaz de...

Nem o dizemos porque não queremos admittir o impossivel. Petersen, é na nossa opinião, o primeiro homem da actualidade no *ring* da lucta grecor-omana.

Noticias

O desafio de hoje

O desafio de *foot-ball* que hoje se disputava entre os nossos dois melhores grupos de *foot-ballistas* attrahiu ao Stadium numerosissima concorrencia, sendo grande a animação.

Como largamente noticiámos, batiam-se os primeiros *teams* do Sporting Club de Portugal, campeão actual, e do Sport Lisboa e Bemfica, campeão de varios annos.

Houve empate por 1 *goal* a 1.

NATURISMO

O problema das subsistencias

A tremenda conflagração europeia que ameaça delongar-se, veio dar um relevo enorme á questão alimentar. Em todas as casas o orçamento desequilibra-se por tal fórma que não se consegue facilmente obter recursos para fazer face á carestia da vida.

Se tudo está caro, são principalmente os generos alimentares os mais sobrecarregados por esta guerra mundial, pavorosa de effeitos e desorganisadora do progresso humano. Mais uma vez se accentua haver uma só necessidade phisiologica real e insubstituivel, a nutrição. Todas as mais são ficticias. O corpo humano precisa de alimento em primeiro logar. Em casa melhor ou peor, com vestuarios mais ou menos caros se passa, porém sem a ração diaria não se pode viver. Todas as luctas humanas se cifram, em ultima analise, na conquista do alimento. Só o homem é que *precisa* de preparar e compôr, os alimentos de que se nutre; d'ahi as difficuldades se avolumaram para obter o nutrimento, sobretudo n'esta epocha em que o carvão e o ferro o queijo o leite, o pão e a carne e em geral todos os alimentos subiram de tal maneira de valor que só os muitos ricos é que podem obtel-os. O aspecto economico do problema das subsistencias ficará sem resolução para todos os humanos que se alimentem com productos da civilisação. O mesmo, porém, não acontece para as pessoas que, sem deixar de pertencer á humanidade, se tenham habituado á dieta eutrofica. Assim como obteem saude e felicidade assim tambem adquirem riqueza. Calculando em um escudo a quantia que um individuo da classe media gasta em bebidas e comidas, pode dizer-se que essa mesma pessoa, integrada no Regimen apiratrofico, consegue com a quinta parte d'essa quantia—vinte centavos—almoçar e jantar por dia. Além das vantagens hygienicas e therapeuticas que tal Dieta Edenica offerece, a supremacia monetaria não é para desprezar, sobretudo n'esta quadra tragica que ha de tambem levar por correlação Portugal á ruina...

A incognita do problema encontra-se com relativa facilidade quando se queira encarar o caso, na sua essencia, na sua integridade por fim.

Com determinada quantidade de productos naturaes, dos mais nutritivos e valiosos nos seus caracteristicos, desde que se saiba escolhel-os—se consegue obter uma nutrição perfeita, salubre e com o menor inconveniente. Mas para que tal aconteça é necessario uma demorada aprendisagem para a adquirir o habito. Mais ainda. Desde que se acostumem as pessoas á boa e demorada mastigação dos alimentos naturaes, poupa-se na quantidade a ingerir com beneficio para o phisiologico mechanismo da assimilação. Escolher criteriosamente os alimentos e reduzil-os pelos movimentos maxilares, tal é em ultima analyse a chave do problema a resolver. O problema das subsistencias realmente só pode solucionar-se pela boa hygiene em funcção da Natureza que o homem não deve offender.

Amilcar de Sousa

«Almanach Palhares»

Para o corrente anno acaba de ser posto á venda este magnifico repositorio de indicações uteis e por assim dizer indispensaveis, e que ao mesmo tempo proporciona uma leitura amena e instructiva, pois que vem com variadissima collaboração, inserindo um resumo dos factos mais notaveis da guerra occorridos durante o anno.

Entrando no seu 16.º anno, o «Almanach Palhares» corresponde de anno para anno ao favor publico que o tem acolhido com novos melhoramentos, sendo n'isso incançavel o seu coordenador e nosso presado amigo Alexandre Morgado.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Cruz Vermelha

Reune depois d'amanhã, ás 21 horas, em sessão extraordinaria, para tratar de assumpto urgente, a commissão central.

PEQUENAS NOTICIAS

N'um pequeno opusculo foi publicada a representação entregue ao parlamento pelo Centro Colonial ácerca da sobretaxa de 3 por cento «ad valorem» sobre a exportação de cacau.

—Recebemos o boletim mensal da Universidade Livre, respeitante a novembro; o n.º 2 do boletim «Culturas irrigadas», de Villa Franca de Xira, de que é director o sr. José Thomaz de Sousa Pereira, e o n.º 6 do «O Jornal de S. Thomé», superiormente dirigido pelo sr. dr. Vasco Fernandes.

A Santa Casa do Porto e os doidos pobres

Sr. director de «A Capital» e meu chefe.—O artigo do nosso eminente camarada sr. Guedes d'Oliveira, que «A Capital» de 11 do corrente publicou, é um preito de justiça á administração da Mizericordia do Porto, com sede administrativa na rua das Flôres.

Muito bem feito,— eu me confesso — muito bem detalhado. O illustre jornalista não precisa que se diga isto. Sabe ver. Vê.

Mas, o «medico distincto» que me deu as informações para o pequeno artiguinho que escrevi n'«A Capital» —pondo em relevo, descrevendo a tristissima situação dos pobres doidos do Aljube, não concorda,—em parte,—com a defeza do sr. Guedes d'Oliveira, e manda-me este bilhete que transcrevo, textualmente:

«...Sr. Silva Esteves, correspondente d'«A Capital»:—O sr. Guedes d'Oliveira escreveu uma defeza da administração da Santa Casa do Porto que é—pode dizer-se—uma peça juridica. A Santa Casa é a perfeição de humanitarismo. Admitte, sustenta, calça, veste e engoma, muitos mais doidos pobres do que ricos. Não pode dar logar a todos, porque, infelizmente, os doidos são tantos que é impossivel recolhel-os a todos.

«Mas eu só faço esta pergunta:

«No Aljube estão, ha «quatro annos», dois pobres doidos: — uma mulher, da Foz, a «Seraphina», e um outro desgraçado,—que é do Porto.

«Então, a Santa Casa da Mizericordia do Porto — desde ha «quatro» annos— que vão fazer-se em março proximo— ainda não teve logar para «admittir» no Conde de Ferreira esses dois pobres e desgraçados doidos?—«O medico».

Sem querer, de maneira alguma, censurar a administração da Mizericordia do Porto, confiada ao sr. dr. Antonio Luiz Gomes, direi apenas que—não só para com doidos, mas até para com doentes, a Santa Casa não presta os serviços necessarios.

Não é culpa d'ella?

Não será.

O facto, evidentemente triste, cruel e deshumano, é que, no Porto, não temos assistencia efficaz, nem para doidos, nem para doentes.—Silva Esteves.

Opera lyrica

As recitas extraordinarias de Kruceniski e Battistini

Continúa muito concorrida a assignatura para as dez recitas extraordinarias que veem dar em Lisboa as grandes celebridades lyricas Salomea Kruciniski, a insigne prima-donna, e o grande barytono Mattia Battistini. São seis da primeira e quatro do segundo.

Kruceniski é o celebre soprano que tem creado em todo o mundo innumeras operas e que, em Lisboa, no theatro de S. Carlos, creou a opera *Madame Butterfly*, com que se estreia agora no Colyseu.

Battistini, mestre dos mestres, é o primeiro barytono da actualidade, estando no apogeo da sua carreira artistica, que tem sido uma serie ininterrupta de triumphos.

Luz Rugama faz a sua festa na terça feira

A formosissima cantora Luz Rugama despede-se do publico de Lisboa, fazendo a sua festa artistica na proxima terça feira, cantando uma opera nova em que poderá mostrar ainda mais os seus dotes artisticos.

Já se vendem bilhetes para esta festiva recita.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Occulta magua»

Assim se intitula uma composição musical original da sr.ª D. Julia d'Oliveira Mendonça, que revella grandes aptidões para o genero a que se dedica. Edição magnifica, com uma bella capa illustrada, sendo o seu preço de $40.

«A cosinha moderna»

D'esta obra, edição da Bibliotheca do Povo, sahiram os tomos 14 e 15, constituindo um magnifico repositorio de receitas culinarias para as boas donas de casa. O preço de cada tomo é de 100 réis.

«A inquisição em Portugal»

Sahiram os tomos 21 e 22 d'esta obra historica, original de Cesar da Silva e edição da Bibliotheca do Povo, da rua de S. Bento. Com os actuaes tomos começou o 3.º volume. Estudo interessante dos costumes da epocha que descreve.

«O Cooperativista»

A commissão permanente de vigilancia das cooperativas, com séde no Porto, a proposito da renovação do projecto da lei sobre mutualismo fez publicar um numesobre mutualismo fez publicar um numero de «O Cooperativista» em que transcreve a opinião expressa em diversos jornaes por occasião de ser discutido esse projecto no parlamento.

Ao Ex.mo Sr. Dr. Santos Reis

Manuel Lopes Contente e sua esposa, moradores na Avenida 5 d'Outubro, 25, 4.º, veem tornar publica a sua gratidão para com tão distincto clinico com consultorio no L. de Camões, 4, 2.º, a quem devem a vida, abaixo de Deus, do seu unico filho.

(a) Manuel Lopes Contente

Movimento maritimo

Vigo e Inglaterra «Darro» (Brazil)	18
Braz. e R. da Prata «Avon» (Liverp.)	19
Braz. e R. da Prata «Salland» (Amst.)	19
Madeira e Açores «San Miguel»	20
Pará e Manaus «Aidan» (Liverpool)	20
Loanda, Lob., Beng. e Cuio «Dondo»	21

DOCUMENTO N.º 30

Contra factos não ha argumentos

Eu, abaixo assignado, Adelino da Silva Bastos, negociante, residente em Angeja, concelho de Albergaria-a-Velha, attesto, sob minha palavra de honra, que tendo feito uso da **Agua «Caldas Santas»** de Carvalhelhos—Boticas — para combater o arthritismo, obtive resultados que nunca consegui com outras aguas geralmente indicadas para combater este padecimento, nem mesmo com o uso dos mais afamados medicamentos aconselhados para o mesmo effeito. Devo tambem accrescentar que a **Agua «Caldas Santas»** produz egualmente optimos resultados na cura das molestias de pelle, porquanto, tendo-a offerecido a algumas pessoas das minhas relações que soffriam d'estas doenças, em breve reconhecemos que os seus effeitos de cura foram immediatos, principalmente nos casos de eczemas, dartros e coceiras de varias origens.

Angeja, 22 de Julho de 1915.

(a) Adelino da Silva Bastos
(Firma reconhecida).

Agua Caldas Santas-Infallivel nas doenças de pelle, figado, estomago, rins, etc., etc.—Depositario geral, Mario de Lima Netto—Largo de S. Julião, 12 1.º. Telephone n.º 246 Central, Lisboa—Dourado, Carvalho, Irmão, L.da—Praça da Liberdade, 133-A Porto.1.º

A SIFILIS E OS SEUS EFEITOS

Numerosos são os casos que diariamente se nos apresentam e que denotam quasi todos a mesma origem. A diversidade de manifestações, no sentido geral, e a fórma mudavel das mesmas, em particular, isto é, em cada doente, dão muitas vezes causa a que o melhor medico vacile na indicação do melhor caminho a seguir. Não é só sifilitico aquelle que adquiriu directamente a sifilis; ha sifilis por contagio e hereditaria. Por contagio podemos dividir em duas classes: —os que sabem que o são, e os que ignoram do que soffrem, formando estes o maior numero, visto não combaterem convenientemente a doença, e de ahi a interminavel propagação.

Uns e outros podem formar paralello com os da segunda ordem, os hereditarios que soffrem da implacavel doença, e que se manifesta de varias fórmas, *rheumatismo, escrofulas, chagas, doenças do utero e ovarios, varizes, doenças dos olhos, eczemas, tuberculose cutanea e ossea, ulceras, fraquesa geral, etc., etc.*

Comprehendida fica pois a grande affluencia de doentes á pharmacia Luso-Brasileira, na praça de S. Paulo, 20, 21, 22, deposito geral do afamado Depurativo Dias Amado, *Antonio*, o auctor, o unico que radicalmente cura sifilis e todas as doenças causadas pela impuresa do sangue e da limfa.

planeado contra Rovno, de Kovel por Lutsk e da Galicia por Dubno.

A 29 d'agosto, uma violenta batalha se travou em toda a fronte que se estendia de Bialykamien por Toporoff a Radziechoff, na linha de caminho de ferro Lvoff-Stojanoff.

Sete ataques differentes foram n'esse dia dados pelo inimigo contra a cota 366, que domina o districto de Bialykamien, sendo todos repellidos com grandes perdas. A lucta continuou nos dias seguintes. A 31 d'agosto os russos soffreram um revez; o inimigo apoderou-se de Lutsk e atravessou o Styr, recuando os russos vagarosamente para a fronte Olyka-Radziviloff. Essa retirada exigiu a do recuo da linha mais ao sul. A 1 de setembro os austriacos entraram em Brody.

Ao sul da linha ferrea de Lvoff-Krasne-Brody os russos tinham de recuar da linha do Zlota Lipa para o do Strypa e d'ahi para o do Sereth. Essa retirada foi executada em harmonia com o plano antecipadamente estudado. Embora recuando, essas tropas infligiram ao inimigo muito maiores perdas do que as que ellas tiveram. Grande numero de canhões e cêrca de 10.000 prisioneiros foram por ellas tomados em audaciosos contra-ataques emquanto operavam uma retirada para leste na extensão de quarenta e oito kilometros.

O avanço do inimigo contra Dubno continuou durante a primeira semana de setembro, apesar d'isso lhe custar grandes perdas. A 7 de setembro os austriacos chegaram a Ikva; no mesmo dia entraram na fortaleza de Dubno, que havia sido previamente evacuada pelos russos. Mas antes d'elles terem tido tempo de celebrar esse novo successo veiu o contra golpe russo.

Com effeito, o communicado official de Petrogrado do dia 8 diz:

«Na Galicia, proximo de Tarnopol, alcançámos hontem uma grande victoria sobre os allemães. A 3.ª divisão da Guarda Allemã e a 48.ª divisão da reserva, reforçadas com uma brigada austriaca e grande porção de artilharia pezada e ligeira, segundo o que dizem oos prisioneiros, haviam estado preparando durante muitos dias um ataque decisivo, o qual foi fixado para a noite de 7 para 8.

«Antecipando-se ao inimigo, as nossas tropas tomaram a offensiva e apoz uma violenta lucta no rio Doljanka os allemães hontem á tarde foram completamente derrotados.

«No final do combate o inimigo desenvolveu fogo de artilharia da mais extraordinaria intensidade. Só a impossibilidade de replicar com o mesmo vigor nos impediu de levar mais além a victoria que alcançámos.

«Os allemães, além de enormes perdas em mortos e feridos, deixaram em nosso poder, prisioneiros, mais de 200 officiaes e 8.000 homens.

«Tomámos trinta canhões, quatorze dos quaes de grosso calibre, muitas metralhadoras, lança-bombas e outros despojos».

Essa victoria foi acompanhada por uma outra não menos importante no districto a sudoeste de Trembovla. A região a noroeste d'essa cidade é uma planicie ondulada atravessada por grande numero de pequenos torrentes. Ao sul do caminho de ferro de Buczacz-Chortkoff o alto platô é cortado por muitos e fundos desfiladeiros. Entre Trembovla e as entradas d'esses desfiladeiros estende-se um amplo e aberto terreno. No seu centro, a oeste da estrada Trembovla-Buczacz estende-se uma ampla planicie denominada «esteppe de Pantalicha».

Nem uma unica elevação ahi se vê, rio algum a atravessa, arvore alguma ahi projecta a sua sombra. Aqui e ali, em ligeiras depressões estendem-se pequenos pantanos. Ha uns cincoenta annos, a esteppe era ainda solo virgem, coberto de densa vegetação. Depois, pouco a pouco, o pantano foi desapparecendo, a agua seccou e no mez de setembro de 1915 esse terreno, ora aberto, tornou-se o campo predilecto das manobras da cavallaria austriaca.

O communicado official russo de 9 de setembro dá interessantes pormenores. Dizia o seguinte:

dros se pódem atrever a seguil-as.

O avanço em taes regiões, onde um passo em falso é a morte, era difficilimo, e tanto mais que os cossacos tentavam a cada momento ataques de surpreza.

Apoz a queda de Vilna, algumas tropas austriacas tinham sido retiradas para o sul e substituidas pelos allemães, que começaram a tratar as populações como teem por habito fazel-o na presente guerra. Os camponezes, que a principio se haviam limitado a servir de guias ás tropas russas, exasperados com os ultrajes e atrocidades commettidas pelo inimigo, pegaram em armas. Formaram-se guerrilhas. No fim de setembro, as forças austro-allemãs tinham chegado á linha do Pinsk. Mas ao mesmo tempo os cossacos e as guerrilhas operavam a oeste até Kobryn e Mekrany.

Os allemães encarregaram os austriacos da maior parte das operações nos pantanos; os austriacos por seu turno, com egual espirito de «amor fraternal», mandaram para essas regiões as legiões polacas, isto é, os polacos que, tendo acreditado em que o futuro do seu paiz dependia da victoria das potencias centraes se haviam offerecido voluntariamente para o exercito austriaco.

N'uma ordem com a data de 13 de setembro de 1915, o archiduque José-Fernando agradece ás legiões polacas os serviços prestados nos pantanos ao norte e a leste.

«Estou convencido—dizia o archiduque—de que as legiões, ainda que separadas, de futuro cumprirão egualmente a mais importante tarefa de offerecerem um poderoso ponto d'apoio ao grande corpo de cavallaria».

Havia uma coisa que as legiões polacas estavam pedindo ao commando do exercito austriaco como um penhor para o futuro—serem reunidas em solo da Polonia formando o nucleo d'um exercito polaco. Foram distribuidas em destacamentos separados e mandadas para os pantanos do Pripet.

Na occasião da queda de Varsovia a população russa estava abandonando Riga; só os allemães do Baltico ficavam, n'uma anciosa, alegre espera dos seus patricios do sul. No começo d'agosto suppunha-se que

Dr. Dumba, embaixador da Austria-Hungria em Washington

Riga d'ahi a dias estaria em poder do inimigo. Mas de subito os allemães deixaram de avançar pelo sul. Parece que tinham a esperança de forçar a linha do Dvina por meio de successivos ataques navaes contra Riga.

Duas tentativas foram feitas: uma a 9 d'agosto, outra dez dias depois. Se a primeira não foi bem succedida, a segunda redundou n'um desastre para os que atacavam. A armada allemã foi derrotada pelos navios de guerra russos e pelos submarinos inglezes; foi obrigada a retirar e disse-se até que havia perdido um cruzador pezado, dois cruzadores li-

R. I. P.

Henrique de Maya Cardozo

Amelia Ulrich Cardozo, Eduardo Ulrich de Maya Cardozo, Fernando Ennes Ulrich e sua mulher, João Henrique Ulrich e sua mulher, Maria Luiza Ulrich Corrêa Arouca e seu marido, e Ruy Ennes Ulrich e sua mulher participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações que foi Deus servido chamar á sua Divina Presença seu muito querido e chorado marido, pae e tio, Henrique de Maya Cardozo, devendo o seu funeral realisar-se amanhã, 17 de janeiro, pelas 3 horas da tarde, sahindo o prestito funebre da casa da sua residencia, Rua Antonio Maria Cardozo, n.º 13, para o cemiterio do Alto de S. João.

Banco Commercial de Lisboa

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

MEZA D'ASSEMBLEIA GERAL

São convidados os Srs. accionistas d'este Banco a reunirem em assemblea geral ordinaria, na séde do Banco, no proximo dia 1 de Fevereiro, a fim de se dar cumprimento ao disposto nos N.os 1.º, 2.º e parte do 5.º do art. 121.º dos estatutos.

Lisboa, 13 de janeiro de 1916.
O Presidente
Ernesto Driesel Schroter

geiros e muitos torpedeiros e destroyers.

Por esse motivo, os ataques por terra continuaram. Tendo recebido reforços, o general von Below avançou para o Dvina e tomou a offensiva contra as pontes-cabeças de Lennewaden e Friedrichtadt. Os russos atravessaram o rio e destruiram as pontes. Ao mesmo tempo uma tentativa foi feita pelo inimigo na direcção de Jacobstadt, onde o caminho de ferro Mitau-Moscow atravessa o Dvina.

Os ataques allemães eram vigorosamente repellidos pelas tropas russas e depois de 8 de setembro de nenhum outro movimento se ouviu falar n'aquella fronte até quasi aos fins de outubro.

E' muito possivel que as operações no Dvina fôssem necessarias em grande parte principalmente como um escudo para o novo movimento imminente mais ao sul e como preparativo para a concentração de tropas no districto de Ponevesh. Ao mesmo tempo que a offensiva no norte estava fraquejando, chegavam as primeiras noticias d'uma vigorosa offensiva allemã no rio Svienta. O communicado official russo de 11 de setembro diz:

«O inimigo está avançando na estrada de Dvinsk e nas proximas, dirigindo o seu principal esforço, apoiado por forte artilharia de campanha e de sitio, para o sul da primeira d'essas estradas. Simultaneamente, grandes forças do inimigo estão avançando na região a leste de Stuirvinty (entre Vilkomir e Vilna), sendo a direcção geral de Vilkomir para Svientsiany (a meio caminho entre Vilna e Dvinsk)».

No dia seguinte, os allemães chegaram a Utsiany no caminho de ferro Ronosesh-Svientsiany. Ao mesmo tempo outros exercitos estavam avançando do sul; uma offensiva concentrica foi tornada nos districtos de Meretch, Grodno e Zelva na direcção de Lida. Do noroeste, no districto de Meishagola uma offensiva directa foi tentada contra Vilna. Mas era do norte que vinha o maior perigo.

«Proximo da estação de Svientsiany—diz o communicado de Petrogrado de 13 de setembro—o caminho de ferro foi cortado pelo inimigo. Sob a pressão do inimigo, que deu um ataque decisivo na região entre os districtos de Svientsiany e de Vilna, as nossas tropas retiraram para as visinhanças da estação do caminho de ferro de Podbrodzie».

Os allemães haviam-se assim apoderado d'um importante entroncamento no caminho de ferro Vilna-Dvinsk-Petrogrado; só os dois ramaes que lavavam para sudeste, as linhas Lida-Baranovitchy e a de Molodetchna-Minsk, ficaram abertas para as tropas russas que estavam concentradas em roda de Vilna. Por esses dois ramaes podiam ainda alcançar os dois caminhos de ferro que os ligavam com a sua base a nordeste, as linhas Lida-Molodetchna-Polotsk-Vielkie Luki e Baranovitchy-Minsk-Smolensk. E' claro que d'essas duas linhas a de Vilna-Minsk era a mais importante, por ficar mais a sudoeste.

Em breve essa propria linha estava em perigo. «Pequenos destacamentos de cavallaria allemã—dizia o communicado official russo de 16 de setembro—appareceram proximo do caminho de ferro entre Molodetchna e Polotsk». E o do dia seguinte annunciava que destacamentos do inimigo tinham alcançado em diversos sitios o caminho de ferro Vilna-Molodetchna. A rapidez dos movimentos do inimigo prova que a sua principal força consistia em cavallaria. A sua força era avaliada em 12 ou 13 divisões de cavallaria, subindo a mais de 40.000 homens.

Esse corpo de cavallaria, ao que se diz, era apoiado pela infantaria comboiada por automoveis blindados. Era seguido por grandes corpos de tropas que chegaram á linha Vidzy-Godocyshki a 20 de setembro. Esse movimento, executado com a maior coragem e larga iniciativa, collocou os exercitos russos n'uma

posição de grande difficuldade e perigo.

A retirada do Vilna não podia ser retardada, especialmente porque do sudoeste os exercitos de von Gallwitz, de von Scholtz e do principe Leopoldo estavam, sem olhar a perdas, apressando o seu avanço para Lida e atravessando Shara para Baranovitchy.

A 22 de setembro os allemães tinham passado Lida e estavam approximando-se de Baranovitchy.

A 19 de setembro, o general Evert, commandante em chefe do grupo central de exercitos russos, ordenou a completa evacuação de Vilna. Apenas uma estreita passagem permanecia aberta a sudeste da cidade. Se os russos a tivessem escolhido para sua retirada como sendo a linha de menos resistencia, podiam ter sido facilmente envolvidos de flanco pelos exercitos allemães que avançavam do sul.

Repellindo o inimigo a oeste e a norte, o general Evert tomou a contra-offensiva a leste contra os allemães que estavam occupando a linha Soly-Smorgon-Molodetchna. Alcançou completo exito; a linha de caminho de ferro e a estrada foram varridos de inimigos e a abertura a leste foi alargada. Um a um, os corpos d'exercito russos retiraram em frente dos allemães; nem um unico foi cortado e aprisionado pelo inimigo.

A 1 d'outubro os russos haviam fortificado a sua linha ao sul de Dvinsk. O exercito estava salvo; apenas Vilna estava perdida, assim como a linha de caminho de ferro Vilna-Rovno para além de Baranovitchy. Essa perda deixou, porém, de ter importancia estrategica, devido aos successos que n'esse meio tempo os russos haviam alcançado na zona do sul, em roda de Rovno e entre o Sereth e o Strypa.

Dois dias antes da queda de Brest Litovsk, a cavallaria austriaca pertencente ao grupo d'exercitos do general von Puhallo entrára em Kovel. D'ahi, continuou o avanço para leste, tentando a sua ala esquerda avançar entre os altos pantanos e o triangulo das fortalezas da Volhynia, Lutsk, Dubno e Rovno, que eram o centro e o eixo dos exercitos do general Ivanoff; a ala direita approximava-se entretanto do rio Styr, na fronte de Lutsk.

Com a queda de Kovel e Vladimir Volynsky a linha do Bug médio fôra rota e era certo que a do alto Bug e a do Zlota Lipa na Galicia tinham de ser abandonadas. A offensiva austro-allemã contra essa linha recomeçou a 27 d'agosto. N'esse dia, o quinto corpo d'exercito austro-hungaro sob o commando de von Goglia (exercito Boehm-Ermolli) rompeu as posições russas proximo de Gologory, na linha d'agua entre o Bug e o Zlota Lipa.

Os russos retiraram pelo valle pantanoso do alto Bug para Bialykamien. No dia seguinte, o inimigo entrou na cidade de Zlochoff. Emquanto o segundo exercito austro-hungaro sob o commando do general von Boehm-Ermolli estava forçando a passagem do alto Bug, o exercito austro-allemão sob o commando do general Bothmer atravessava o Zlota Lipa em roda de Brzezany, avançando para a linha Zboroff-Podhaytse. No sul, a ala esquerda do exercito de Pflanzer-Baltin estava avançando de Nizniow e Koropiets para Buczacz.

Os russos tinham de recuar da linha do Bug e do Zlota Lipa não tanto por causa da pressão exercida de oeste, mas porque teria sido muito arriscado permanecer n'uma posição avançada na Galicia oriental emquanto não houvesse a certeza de se poderem manter no triangulo da Volhynia. Se os russos conseguissem manter-se no Zlota Lipa, mas fossem obrigados ao mesmo tempo a abandonar Rovno, os seus exercitos do sul correriam o serio risco de serem envolvidos, especialmente pelo flanco do sul, no Dniester.

A Volhynia era, claramente, o theatro decisivo da guerra na zona do sul. Era ao longo da linha Lvoff-Brody-Rovno que o exercito do general von Boehm-Ermolli estava fazendo a maior pressão. Um movimento concentrico parece ter sido

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1957 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Segunda-feira, 17 de Janeiro de 1916 | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

Intervenção militar

O trecho do artigo do «Times» seguinte áquelle de que hontem tratámos apparece, na versão da «Lucta», expresso por esta fórma:

«A mesma affirmação (assurance) confirmada pelo voto unanime do parlamento, foi ao depois renovada a cada mudança de governo pelos politicos de todos os partidos e pelos jornaes de todos os (shadas) de opinião. Tão geral era a expressão do ardor patriotico nos primeiros dias da guerra que o sr. Bernardino Machado, então presidente do ministerio, propoz o envio d'uma Força Expedicionario á Flandres, offerecimento que foi acolhido favoravelmente pelo governo britannico».

A affirmação a que se refere este trecho é a que hontem salientámos. Governo, parlamento, partidos, imprensa, povo, tinham affirmado, por todas as fórmas de expressão, a sua absoluta adhesão aos termos da alliança ingleza e a sua resolução de a effectivar logo que lhe fosse sollicitado. Este trecho do «Times» confirma que o accordo n'esta politica era geral e que o ardor patriotico, com que ella era seguida, chegara a ser extraordinario. Ninguem podia prever o 20 de outubro, com o seu grito de cobardia e defecção, com o seu lemma vergonhoso de resistencia á participação na guerra, acceita por toda a gente como uma eventualidade prevista e imminente. Ainda menos se podia suppôr que essa iniciativa monarchica, que contrariava o ardor patriotico e ás decisões do parlamento, ás declarações de todos os partidos se contrapunha, fosse perfilhada por dissidentes que assim se colocavam em antagonismo com a orientação patriotica e republicana. E ainda menos o podia julgar o governo que essas declarações recebera, que tinha sido apoiado pelo parlamento, pelos partidos, pela imprensa e pelo povo na attitude que tomara perante o conflicto europeu.

Foi então, dil-o o «Times», que o sr. Bernardino Machado «propoz» o envio d'uma força expedicionaria á Flandres, «offerecimento» que o mesmo jornal diz ter sido favoravelmente acolhido pelo governo britannico. Não nos detenhamos com a palavra «offerecimento» que não sabemos a que termo inglez corresponde, podendo ter accepções diversas como ás primeiras phrasos do artigo, hontem aqui publicadas em duas versões, uma das quaes diz que Portugal é um dos paizes que «ainda não tomaram parte na guerra» e a outra diz que Portugal é uma das nações que «se tem abstido d'uma intervenção activa na guerra». O leitor comprehende a differença que ha entre estas duas traducções, uma das quaes parece significar que Portugal não teria querido tomar parte na guerra, emquanto a outra só dá a entender que ainda não chegou a opportunidade de o fazer.

O que é preciso salientar é que, segundo declara o «Times», o sr. Bernardino Machado «propoz» o envio d'uma força expedicionaria á Flandres. Quem «propõe» faz uma «proposta», o que não significa rigorosamente um offerecimento, pelo menos na accepção vulgar do termo. O que sabemos é que a resposta a essa proposta que está justificada pelo concurso geral que o governo de então tinha o direito de julgar conquistado para a sua politica de absoluta adhesão á Inglaterra, que se estava batendo contra um inimigo poderoso, foi o «memorandum» de 10 de outubro de 1914, do qual já alguns termos foram tornados publicos, e principalmente o seu fundamental caracter. N'um folheto que teve a maior resonancia, o sr. João Chagas, que era ministro de Portugal em Paris n'essa occasião, affirmou que não julgava que existisse nos archivos do ministerio dos estrangeiros um documento mais honroso para Portugal, e o ministro da guerra de então, o sr. general Pereira d'Eça, n'um relatorio official, declarou que n'esse «memorandum» nos era «sollicitada» a nossa intervenção militar nos campos de batalha da Europa.

Não é natural que se «sollicite» a quem «offerece», embora o possa fazer a quem «propõe».

A especulação politica que se esboçou com uma palavra d'este trecho do artigo que analysamos desfaz-se portanto com uma grande facilidade. A verdade anda sempre ao de cima da agua, embora haja quem inutilmente se esforce por afundal-a.

Allemães em Africa

O perigo de Lourenço Marques

Parte da imprensa sul-africana, a proposito de manejos allemães em Lourenço Marques, insere artigos violentos, e esquecendo-se de que somos um paiz alliado da Inglaterra dirige-nos, nas entrelinhas, insinuações que não podemos deixar de repellir.

Para exemplo, damos um artigo que, com o titulo que encima estas linhas, appareceu no «Evening Chronicle» e que é do seguinte teor:

E que dizeis d'esse numerosos allemães que se estão organisando em Lourenço Marques, sapando e minando as melhores defesas do nosso bem estar economico? Não estão elles no solo africano, que é inglez, diga embora o mappa o que quizer? Estaremos então com cerimonias e formalidades da lei internacional n'uma hora de tão instante necessidade, sem tornarmos inoffensivo para nós e nosso vindouros aquelle foco de petulancia? O allemão não é de feitio a largar o terreno em que uma vez se firmou, e essa concentração forçada do pensamento e actividade allemã na Provincia portugueza de Moçambique reflectirá os seus effeitos nos annos futuros. Seria puerilidade cuidar que aquelles que escaparam ao internamento na União se contentem, agora, com o sentarem-se quietos e nada fazerem. Elles occupam todo o tempo em sapar e minar, e quando um dia virmos a nossa casa desabar, e com ella nós mesmos com os nossos recursos economicos entregues nas mãos de financeiros internacionaes, avaliaremos então o desleixo do nosso passado. Não é tarde. Ainda é tempo. Uma energica intimação ao Governo portuguez de que nós queremos ter á nossa disposição esses allemães sul-africanos surtiria, sem duvida, o desejado efefito. Um modo mais efficaz de tratar aquelles que, entre nós, professam ideias germanofilas, socegaria a União. Estando a combater a tremenda organisação malefica que dá pelo nome de Allemanha, nós não podemos conceder a esta uma só facilidade, por menor que seja.

Não é, porém, por motivo da insinuação que ha n'estas linhas que as transcrevemos, mas sim para chamar para o caso a attenção do governo, antes que surjam complicações que podem ser graves.

Mais vale prevenir que remediar.

Após onze mezes de guerra

As perdas dos belligerantes

Genebra, 14 de janeiro

A *Cruz de Genebra* faz o resumo das perdas soffridas na lucta mundial até o fim do junho do anno passado. São formidaveis esses numeros, devendo notar-se que faltam entre elles os que respeitam á offensiva austro-allemã na Russia, na Servia, no Montenegro e na Italia.

Inglaterra: 180:000 mortos, 200:000 feridos, 90:000 prisioneiros. Total: 470:000 homens fora de combate.

Allemanha: 1.630:000 mortos, 1.850:000 feridos, 820:000 prisioneiros. Total: 4.300:000 homens fora de combate.

Austria: 1.610:000 mortos, 1.850:000 feridos, 910:000 prisioneiros. Total: 4.385:000 homens fora de combate.

Turquia: 110:000 mortos, 140:000 feridos, 95:000 prisioneiros. Total: 345:000 homens fora de combate.

Noticias parlamentares

Por um triz que não houve hoje sessão na Camara dos Deputados. Volta e meia, dá-se este espantoso desastre, que põe em terriveis difficuldades a meza e faz com que se passem alguns minutos de espectativa em que o comico corre, audazmente, parelhas com a tragedia. Quer tudo isto dizer que os nossos legisladores ligam tanta importancia aos seus mandatos como áquillo que nunca viram. As suas funcções não lhes merecem sombra de interesse. Ellas só lhes servem para fins pessoaes ou partidarios, que o paiz paga quando se conseguem e que não trazem grande lustre ao officio de legislar. Não devia ser assim? E' claro que não. Mas a moral do tempo é esta. Por isso, cada um procura governar a vidinha, atirando para traz das costas tudo o que não traga na cauda votos ou empregos publicos...

* * *

A epidemia de tiphos que devasta Lisboa teve hoje as honras da tarde, em S. Bento. O sr. Costa Junior fez affirmações cathegoricas. Para esse deputado, ainda não houve, apezar da mortandade ser grande, quem cuidasse a valer de pôr termo ao inquinamento das aguas, causa da epidemia. Em tempos, Camara Pestana conseguiu descobrir o ponto onde as aguas eram inquinadas em menos de quinze dias. Hoje, é o que se vê e o que se sabe. O sr. ministro do interior, ao ouvir isto, ficou pasmado. Podia lá ser? Descobertas d'essas nem Pedro Alvares Cabral as fez. Entretanto, ia averiguar. Chamaria todos os sabios do mundo e o bicho temeroso que infeota Lisboa seria caçado e morto. Foi por isso que se discutiu hoje a lei da caça...

* * *

Volta á scena a questão das ampolas com agua destilada. O sr. Costa Junior não a larga de mão. Hoje já enviou para a meza o annunciado requerimento pedindo copia do relatorio apresentado pelos analistas que procederam á analise das ampolas fornecidas aos hospitaes coloniaes e que em virtude de reclamações foram submettidas á analise para verificação e confirmação do seu estado de pureza; perguntando qual o numero de ampolas gastas na respectiva analise e quantas foram fornecidas para esse fim, e pedindo indicações sobre o nome do fornecedor e resultados das analises. Ao que consta, n'este caso estupendo, em que foi fornecida agua destilada em vez de soluto de saes de quinino, está compromettida uma das mais importantes casas da especialidade existentes em Lisboa.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Estão já publicados seis volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, e o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

"A CAPITAL" EM HESPANHA

Fala D. Rodrigo Soriano

A união dos republicanos hespanhoes—As relações com Portugal—Considerações sobre a guerra

Quem ha em Portugal que não conheça D. Rodrigo Soriano? Estamos convencidos que de norte a sul e do mar á Hespanha todos os portuguezes sabem de côr o seu nome e recordam com palavras de sincera gratidão e sinpathia as inequivocas provas dadas pelo illustre jornalista e parlamentar de amizade pelo nosso paiz e pelas nossas instituições. Na «España Nueva», que superiormente dirige, no parlamento e nos comicios D. Rodrigo Soriano tem collocado sempre a sua pena e a sua palavra ao lado dos nossos interesses, na defeza dos nossos direitos, desfazendo quantas calumnias sobre nós teem sido lançadas e provando que a Republica em Portugal representa um regimen de ordem e de trabalho, de honestidade e de progresso. Quando das incursões couceiristas, o esforço e a dedicação de D. Rodrigo Soriano attingiram o mais elevado grau, percorrendo as regiões fronteiriças onde colheu elementos para provar que as auctoridades eram cumplices nos preparativos hostis feitos pelos monarchicos portuguezes. E a sua campanha em defeza nossa foi violentissima e os seus resultados dos mais proveitosos. Commetteriamos uma ingratidão imperdoavel e um verdadeiro erro de reportagem se não ouvissemos D. Rodrigo Soriano. Procurámol-o, pois, em sua casa e o acolhimento excedeu em gentileza quanto poderiamos esperar. A casa de D. Rodrigo Soriano é um encanto pelas preciosidades que encerra, tanto em mobiliario como em pinturas. Sobre uma das mezas duas esplendidas photographias de Zola, dedicadas ao seu amigo Soriano, e pelas paredes muito boas reproducções de alguns quadros de muzeu, principalmente de Velasquez.

Antes de falarmos propriamente da entrevista, D. Rodrigo Soriano fala largamente sobre Portugal, das suas amizades n'este paiz, e são verdadeiramente saudosas as palavras com que se refere a França Borges.

Entrando na apreciação politica interna da Hespanha, diz-nos:

—Estou convencido de que o actual governo tal como está organisado não terá uma vida muita longa. Constituem-no elementos um pouco heterogeneos e dentro de pouco tempo teremos talvez uma crise embora parcial.

«Quanto aos republicanos tudo indica estar proxima a união de todos para assim tirarmos o maximo resultado na defeza e propaganda dos principios democraticos. Nas ultimas eleições já em Madrid os republicanos de todas as facções votaram unidos com os socialistas.

—E quem será o chefe d'essa futura união de todos os republicanos?

—Ninguem. Os homens que actualmente chefiam os varios agrupamentos teem pouco mais ou menos a mesma idade, os mesmos serviços á Democracia e approximadamente os mesmos dotes de intelligencia e de prestigio. Não ha, pois, motivo para eleger um e não outro qualquer. Eu entendo e estou convencido que moldaremos a nossa organisação na do antigo partido republicano portuguez. E' uma organisação excellente e que todos acceitariam. Elegêr-se-ha um Directorio, que terá funcções absolutamente eguaes ás que tinha o seu congénere portuguez.

—E quanto á conjuncção? Dissolve-se?

—Ninguem pensa em tal. Antes cada vez está mais unida e forte. Os socialistas em Hespanha possuem uma extraordinaria e forte organisação, mas necessitam dos republicanos como nós necessitamos d'elles. As eleições teem provado bem quanto necessaria se torna a Conjuncção Republicana.

—Mas no ultimo congresso socialista não houve quem quizesse a separação?

—Uma minoria, e a começar por D. Pablo Iglesias quasi todos os socialistas querem a união com os republicanos.

«Ninguem deve ter duvidas que a união é a politica que mais convém a todos.

Mais uma divagação sobre a politica interna e sobre o regresso de Maura, e eis-nos de novo a falar de Portugal, mas agora no respeitante ás relações entre os dois paizes.

—E' absolutamente urgente e necessario, diz-nos o sr. D. Rodrigo Soriano, que empreguemos todos os nossos esforços em aproximar os dois paizes e em fomentar o estreitamento de relações. Aqui, em Hespanha, quasi ninguem conhece Portugal e em todo o parlamento hespanhol estou convencido que não ha meia duzia de deputados que tenham estado em Lisboa. Assim, quantas e quantas vezes o sr. dr. Augusto de Vasconcellos e eu temos falado no estabelecimento de visitas e relações entre as individualidades mais em destaque nos dois paizes. Creio que os esforços empregados pelo sr. dr. Augusto de Vasconcellos vão ser coroados de bom exito.

E, a proposito, o nosso amavel entrevistado fez-nos a respeito do sr. dr. Augusto de Vasconcellos e da extraordinaria situação que tem em Madrid as mais amistosas referencias.

—O sr. dr. Augusto de Vasconcellos desempenha a sua missão com uma intelligencia e um valor diplomatico extraordinario, gosa entre nós das maiores simpathias e da mais sincera amizade em todos os compos politicos.

«Sem offensa nem desprimor para ninguem, Portugal tem n'este momento em Madrid o melhor representante que podia ter, e dir-lhe-hei até que, para que as relações entre os dois paizes fossem amistosas, para que possamos com facilidade chegar a accordo completo sobre muitos pontos, bastava que em Lisboa estivesse representando a Hespanha um diplomata que exercesse a sua missão como o sr. dr. Augusto de Vasconcellos, e tivesse em Portugal uma situação semelhante á que entre nós conquistou o representante do seu paiz.

«Para quasi todos os politicos hespanhoes, Lisboa fica a uma distancia immensa, e eu entendo que todo o politico devia incluir na aprendizagem d'essa carreira uma longa e criteriosa permanencia em Lisboa.

«E' indispensavel que os dois povos da peninsula vivam como irmãos, que se entendam e mutuamente se façam respeitar. Sou mesmo partidario de uma alliança entre os dois paizes, mas, para iniciarmos já o intercambio intellectual, visitemo-nos e conheçamo-nos, façamos tratados de commercio leaes e equitativos.

—E da guerra, o que nos diz?

—Que estou convencido da victoria dos alliados, que ardentemente a desejo, e, como eu, todos quantos amam a liberdade e a civilisação.

—E a attitude da Hespanha?

—Neutral. Todo o paiz deseja e quer essa attitude, mas eu entendo que essa neutralidade deve ser com o maximo de simpathia para com os alliados, e mal de nós se assim não fôr, pois nem devemos nem podemos ter qualquer outra attitude. Uma inimizade com os alliados seria a desgraça da Hespanha. Basta citar-lhe apenas este ponto: Se a Inglaterra nos não mandar carvão quasi todas as industrias hespanholas vêr-se-hão forçadas a parar, e entre ellas as nossas proprias fabricas de material de guerra. O mesmo acontecerá ás carreiras de navegação e aos vapores de pesca. Os nossos proprios navios de guerra estão á mercê d'essa contingencia. Já vê, pois, que não podemos estar mal com os alliados.

«Deixe-me dizer-lhe que n'este momento o problema internacional nos preoccupa muitissimo. Até agora tudo tem corrido bem para a Hespanha, mas o momento terrivel avisinha-se. Creio que muito brevemente o meu paiz terá de tomar uma attitude e o problema será, segundo creio, posto em Marrocos.

«Eis o caso:

«O ataque a Suez pelos allemães e turcos deve ser acompanhado de movimentos revolucionarios internos no Egypto e em todo o norte da Africa; talvez que os allemães procurem poupar a nossa zona marroquina, mas tal não acontecerá na zona franceza, onde segundo me dizem, se introduzem armamentos e munições.

«A sublevação da zona franceza de Marrocos é um caso que devemos ponderar, pois nos interessa directa e immediatamente.

«O tratado que assignámos com a França estabelece que, a dar-se um caso d'estes, nós somos obrigados a enviar tropas para a zona marroquina franceza a fim de restabelecer a ordem. Os francezes teem tambem identica obrigação a nosso respeito.

Como vê, apesar da sua simplicidade, o problema é *gravissimo*, e para *nós*, os republicanos, representa uma situação que não sabemos como encarar e resolver.

«Temos feito sempre a mais activa e violenta campanha contra o envio de tropas para Marrocos, porque reputamos a guerra de Marrocos como uma calamidade, um erro e uma perda de homens e dinheiro sem a minima vantagem para Hespanha.

«O podermos dominar em Marrocos é impossivel. A França occupou a Argelia ha muitos annos, tem ali seguido uma sabia e criteriosa politica colonial e, entretanto, a sua situação não é segura, como poderá ser a nossa em Marrocos, onde temos seguido a mais estupida e a mais desgraçada das politicas.

«Ao passo que temos feito a campanha contra Marrocos temos feito a propaganda a favor dos alliados, porque é a campanha da justiça e da civilisação. Eis que se avisinha o momento em que para servir os alliados temos de pugnar pelo envio de tropas para Marrocos, compromisso a que não podemos fugir se quizermos como nacionalidade honrada cumprir os tratados que assignámos.

«E' o respeito pela nossa propria dignidade que assim o exige.

«Entretanto não tenhamos duvidas sobre este ponto—o envio de tropas para Marrocos e muito principalmente para a zona franceza provocará uma revolução em Hespanha e ninguem póde avaliar as suas consequencias.

«Quem tirará proveito d'esta revolução? Quem a utilisará para os seus fins partidarios e para os dos seus amigos? Os reaccionarios, os ultramontanos, os conservadores, os germanophilos. Todos os jaymistas e todos os mauristas que aproveitando a vontade popular farão o jogo dos allemães e tirarão muito da popularidade que possam ter os liberaes e republicanos.

«Que ninguem vá para a guerra, gritarão, e com elles todas as mulheres que tenham um marido ou um filho nas fileiras.

«E' isto o que convém aos allemães e nós, os republicanos, se tomarmos uma attitude analoga, iremos servir quem combatemos, se tomarmos uma attitude contraria seremos tidos como incoherentes e inimigos do povo. Eis o problema, diz-nos o sr. Rodrigo Soriano terminando a sua interessante entrevista. Para a solução todos os hespanhoes devem fazer convergir o maximo de attenção e intelligencia.

—Quer então dizer que a neutralidade hespanhola corre perigo?

—Estou absolutamente convencido que para a nossa politica externa se avisinha o momento critico.

«Tardará dois mezes, trez, quatro, um anno, não sei, mas julgo-o muito proximo e, francamente lhe digo que não posso prevêr o dia de amanhã».

Sahimos, agradecendo a gentileza dispensada e atravez dos flocos de neve que n'esse dia cahiam abundantemente pondo sobre as ruas e jardins um lindo tapete branco, fomos pensando n'este aspecto novo da politica externa de Hespanha que, em verdade, poderá em dia longunquo talvez pôr em risco a sua neutralidade, tão amorosamente mantida.

Edmundo Porto

Entrevistas publicadas:

- **D. Eduardo Dato**, chefe do partido conservador e ex-presidente do governo.
- **Conde de Romanones**, chefe do partido liberal e actual presidente do governo.
- **D. Melquiadez Alvarez**, chefe do partido reformista.
- **D. Juan Vazquez Mellá**, «leader» do partido jaimista.
- **D. Alexandre Lerroux**, chefe do partido republicano radical.
- **D. Pablo Iglezias**, chefe do partido socialista.
- **D. I. Sanches de Toca**, ex-presidente do Senado.
- **D. Rafael Labra**, senador republicano e presidente do Atheneu.
- **D. Rodrigo Soriano**, deputado da conjuncção republicana.

A seguir:

- **D. Antonio Maura**, chefe do partido conservador maurista.
- **Dr. Augusto de Vasconcellos**, ministro de Portugal.

Pelo telegrapho

A lucta entre italianos e austriacos

ROMA, 16.—Official.—Occupámos uma ilhota no lago Leppio. Explodiu um deposito de munições na zona de Ombretta e dispersámos uma columna austriaca no vale de Bible. No dia 14, após um violento bombardeamento, forças austriacas importantes puderam penetrar em algumas trincheiras nossas proximo de Oslavia, mas na manhã de 15 contra-atacámos e repellimos o inimigo para além de Oslavia.—(*Havas*).

Os alliados esperam triumphar no Oriente

PARIS, 17.—No «Petit Parisien» o sr. Boussenot, deputado por Réunion, regressando com dois dos seus collegas d'uma missão a Salonica, expondo as suas impressões, declara que, depois das explicações fornecidas pelo presidente do conselho no dia em que elle proprio expunha perante as commissões de marinha, do exercito e dos negocios extrangeiros, a situação do exercito do Oriente, anterior ao dia 1 de Janeiro do corrente anno, crê poder dizer que o paiz não poderá d'or'avante alimentar apprehensões ácerca do poder defensivo do nosso exercito no Oriente.—(*Havas*).

PARIS, 17.—Os jornaes de Salonica annunciam que as tropas franco-inglezas na Macedonia serão collocadas sob as ordens do general Sarrail.—(*Havas*).

O kaiser está restabelecido

PARIS, 17.—Um telegramma de Berlim datado de 16 do corrente, via Amsterdam, annuncia que o kaiser voltou para o theatro da guerra completamente restabelecido.—(*Havas*).

A agonia dos tripulantes d'um submarino

PARIS, 17.—Telegrapham de New York ao «Herald» que se encontram ainda retidos n'uma parte do casco do submarino E-2 inaccessivel aos salvadores, 12 tripulantes.—(*Havas*).

Os allemães na Australia

LONDRES, 17.—Um telegramma para o *Daily Mail* diz que o governador da Australia fez expedir uma nota determinando que no prazo de trez mezes nenhum allemão, ainda que naturalisado, poderá mais possuir acções de sociedades constituidas na Australia.—(*Havas*).

Os espiões austriacos

CORFU, 17.—Os francezes prenderam um agente da companhia de navegação «Lloyd» da Austria.—(*Havas*).

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

«Vida real»

por Maria O' Neill

Um elegante volume de contos que D. Maria O'Neill acaba de publicar e que se lêem d'uma assentada, porque a escriptora nos sabe interessar. Genero difficil de litteratura, d'elle se soube sahir, como de resto em tudo em que põe o seu cunho inconfundivel, D. Maria O'Neill, que é das que trabalham e teem talento, sem por sombras sequer se approximar das que barafustam e clamam por que á mulher sejam dados direitos eguaes aos do homem, mas que ao mesmo tempo desejam usufruir ás regalias que querem inherentes ao seu sexo.

N'sse feixe de contos colhidos em flagrante, em «Vida real», revela a auctora uma profunda observação do que vê a todos os momentos e que a todos os momentos nós vêmos tambem, mas que a muitos passa despercebido. D. Maria O'Neill sabe ver e sabe descrever, duas qualidades que a ajudam poderosamente. Leveza de estylo, descripção rapida mas bem feita, uma nota de quando em quando sentimental e de quando em quando ferindo o ridiculo, mas sem pretenções, sem jactancia, taes os predicados principaes que no novo livro de D. Maria O'Neill se encontram e que por isso mesmo mais nol-o impõem.

REFORMAS INGLEZAS

A obra de lord Derby

O que elle disse a Joseph Galtier—O serviço obrigatorio—A attitude da Irlanda

Paris, 14 de janeiro

Joseph Galtier, o eminente jornalista francez que em Cascaes entrevistou o rei D. Carlos por occasião da dictadura franquista, encontra-se em Inglaterra onde tem procedido a um inquerito por muitos titulos notavel.

A sua ultima visita foi a lord Derby, que n'este instante é considerado o homem mais popular do Reino Unido. Esse herdeiro d'um appellido celebre roça pelos cincoenta annos, é alto, robusto, dando a impressão d'uma saude vigorosa, figura em que ha, ao mesmo tempo, alguma coisa de soldado e de «lord-farmer». Seu pae, que falleceu em 1908, foi ministro da guerra e durante seis annos governador geral do Canadá. Lord Derby é o mais velho de oito irmãos. Cinco estão na marinha ou no exercito e batem-se em França ou no Oriente. Tem um cunhado—o marido de sua unica irmã—na guerra, bem como dois filhos, ambos tenentes, um de 21 annos, outro de 19, e um genro, filho de lord Rosebery. Como se vê, a familia Derby préga com o exemplo.

Alguns mezes após o inicio da guerra, lord Derby organisava os «dockers» de Liverpool. Formava com elles um batalhão, uniformisava-os de kaki e no activo posto causou admiração e mereceu geraes louvores essa corporação militarisada, disciplinada, levando-o o exito de semelhante iniciativa a offerecer ao governo a sua collaboração. Tentando, com o seu projecto já agora famoso «Derby scheme», recrutar voluntarios, lord Derby era logo reputado por Joseph Galtier como o unico homem capaz de, em Inglaterra, levar a bom termo essa empreza.

O jornalista francez procurou-o em seguida á votação da camara dos communs em primeira leitura. Estivera com elle na vespera, no ministerio da guerra, onde se instituiu para o illustre organisador uma repartição especial, e ahi combinara a entrevista para o dia seguinte em Derby «house», um bello palacio de puro estylo seculo dezoito em «Stratford place».

—O meu projecto, disse lord Derby ao grande jornalista, se não obteve um exito completo, provou magnificamente a determinação em que o povo inglez se encontra de continuar a guerra e provou tambem que o systema dos alistamentos voluntarios não nos permittia manter nas differentes linhas de batalha a quantidade necessaria de soldados. Era preferivel que permittisse, pois não gosto do serviço obrigatorio e apenas passei a defendel-o quando reconheci que não o podiamos dispensar. O bill votado hontem — e que obterá novos suffragios nas proximas votações—é a proclamação bem nitida d'esta necessidade.

«Imaginei o meu projecto com o fim de evitar o systema obrigatorio e para dar aos alistamentos o seu maximo, pois que pensava que esse maximo nos forneceria os contingentes indispensaveis, o reservatorio capaz de alimentar as nossas linhas. Impressionaram-me, primeiro, certas desegualdades, isto é, certas injustiças no systema da alistamento. Por exemplo, será justo que homens casados, d'uma certa edade, se alistem, ao passo que tantos jovens celibatarios ficam em casa?

«Entendi, pois, que era necessario crear classes, «grupos» e estabelecer assim differentes graus no chamamento dos homens. Creámos tambem entre os operarios differentes categorias. Puzemos de parte os operarios indispensaveis ás industrias da guerra e ás emprezas que interessam essencialmente á propria vida do nosso commercio e da nossa industria. Indirectamente, estas são tambem armas de guerra. Como sabe, fixaram-se duas grandes divisões. D'um lado, os homens com um determinado emprego, um papel definido. São os «starred men», os homens com um asterisco, uma estrella; do outro, a massa dos homens sem emprego, sem papel definido, a quem denominámos os «unstarred men». Só d'estes ultimos me occupei. Servi-me para isso das listas da «Registration Bill», listas de recenseamentos recentes... Quanto á maior parte dos «starred men», é o «Board of Trade» que organisou as listas dos homens indispensaveis á retaguarda e disse ao War office: «N'esses homens não se deve tocar».

«A despeito de todas as precauções tomadas (a fim de salvaguardar todas as situações legitimas) encontrou-se um numero excessivamente demasiado de homens sós («single men») celibatarios ou viuvos sem filhos — «unstarred». A que se deve isso? Ignoro-o. O certo é que como 650.000 homens não respondessem ao nosso appello, valia a pena buscar outros meios de persuasão. Eis a proporção dos homens sem etiqueta que não se apresentaram: é de tres para cada quatro que se alistaram. Assim, em 70.000 homens, por exemplo, 40.000 estão promptos a marchar, o outros não nos ouviram. Estou intimamente convencido de que, após a votação definitiva do bill, teremos a quantidade pedida pelo ministerio da guerra.

«Assistiram-me na minha tarefa os concursos mais dedicados e mais activos. Os comités, as administrações locaes rivalisaram de zelo. Anteriormente ao meu plano de recrutamento, existiam dois grandes comités para o alistamento: o comité parlamentar e o comité do Labour Party. Reuni ambos os comités n'um só, antes de apresentar o meu programma a lord Kitchener. Escudado com esta união, obtive carta branca de lord Kitchener e puz mãos á obra nos meado de outubro de 1915. Applicou-se o mesmo methodo em toda a parte, quer dizer, foram os mesmos principios que inspiraram a tarefa e visou-se o mesmo fim, tendo no entanto, cada circumscripção liberdade para empregar a fórma de appello aos seus eleitores,—o que chamamos o seu «convass». Haviamo-nos dado «rendez-vous» n'um determinado ponto, cada qual tinha agora liberdade de escolher o caminho que mais lhe approuvesse para lá chegar.

«Ser-me-hia impossivel dizer qual o ponto do paiz que melhor correspondeu ao nosso convite. O movimento foi geral. Note que no sul do Paiz de Galles—que desde as gréves do ultimo verão é em França um pouco suspeito de tibieza patriotica—obtivemos um numero muito grande de recrutas. Quanto á Irlanda, foi excluida da minha campanha; já não tomara parte no recenseamento, na «Registration» geral. Esta exclusão explica-se por motivos de politica interna sobre os quaes é melhor não insistir. Felizmente reina ali a tregua e não é occasião para se atearem discordias. Pelas mesmas razões, o governo excluiu a Irlanda do seu projecto de lei.

«A Inglaterra, nas circumstancias actuaes, está resolvida a fazer face a todas as difficuldades e a vencel-as. Não recuará perante meio algum ou qualquer sacrificio para alcançar a paz mediante a victoria. Custou-nos a renunciar ao systema de recrutamento tradicional; a maior parte dos que votaram o projecto Asquith compartilham os meus sentimentos. A nossa mudança, porém, deve ser interpretada como um signal da nossa vontade irreductivel e uma promessa de coadjuvar os alliados com o nosso ultimo shilling e o nosso ultimo homem».

Camara dos deputados

Approva-se um projecto suspendendo a lei da caça

A' primeira chamada respondem 51 deputados, com os quaes se abre a sessão. A acta só é approvada depois de uma segunda chamada. Do governo está presente o sr. ministro do interior. Lê-se um telegramma da Associação Commercial do Porto pedindo que não seja approvado o projecto que eleva de seis a dez centavos por decalitro de vinho o imposto de barreiras, pago na cidade do Porto. E' proclamado deputado pela Guiné o sr. Antonio da Costa Pinto do Amaral. O sr. Victorino Guimarães agradece o voto de sentimento da Camara pela morte de seu pae. O sr. Costa Junior quer que o sr. ministro do interior lhe diga o que se tem feito para debelar a epidemia do tiphos. Sabe, com espanto, que a Companhia das Aguas diz que não pode fazer as obras necessarias, por a Camara e o governo não lhe pagarem o que lhe devem. Porque não a intima o governo a fazer a filtragem da agua, que ha doze annos está estudada? Porque não se applica a vacina anti-tiphica? A epidemia, d'esta feita é muito mais virulenta do que de costume. E' preciso, pois, combatel-a. Se o governo não tem leis que cheguem para isso, que as peça ao parlamento, o qual não lh'as negará. Termina requerendo pelo ministerio das colonias documentos sobre um fornecimento de ampolas de saes de quinino, as quaes, em vez d'esse medicamento, só tinham agua. O sr. ministro do interior diz que não tem mais noticias sobre a epidemia tiphoide do que aquellas que já são conhecidas. A febre tiphoide é endemica em Lisboa, e contra ella ainda se não adoptaram senão medidas higienicas de caracter individual. Pelo que respeita a medidas geraes, ellas teem dois aspectos. Em primeiro logar, onde são as aguas inquinadas. Em segundo logar, a quem cumpre providenciar? Para realisar obras nos canos da agua é preciso saber o ponto em que ellas devem effectuar-se. As aguas do Alviella são puras. Ainda não se sabe se ellas são inquinadas no trajecto até aos reservatorios de Lisboa. Tem havido, é certo, suspeitas a esse respeito. Mais nada. A inquinação dá-se dentro da cidade, sem que se saiba aonde. E isso é indispensavel, estando a tratar-se d'isso d'accordo com a Camara, o ministerio do fomento e a propria Companhia. Quanto a responsabilidades da Companhia, dirá que a situação juridica d'essa empreza é anormal. Ella resulta dos proprios contractos. Entretanto, dirá que o conjuncto de trabalhos a executar para pôr termo ao inquinamento das aguas são de tal ordem, que só á custa de enormes quantias podem ser effectivados. O governo, diz, não descurará nem o aspecto immediato da questão nem o outro garante-o. O sr. Costa Junior não se satisfaz com a resposta do ministro. No tempo de Camara Pestana, procurou-se tambem saber se as aguas entravam já inquinadas nos reservatorios. Entravam. Fez-se despejar o canal e em certos pontos foram encontradas fendas de mais de meio metro, que davam passagem a toda a especie de dejectos. Para o orador, é certo que a agua entra inquinada em Lisboa. As taes fendas foram descobertas nas alturas da Ilha do Grillo, cuja destruição foi aconselhada. Mas os governantes não a ordenaram por ella pertencer a um influente que dispunha de 300 votos. Pode agora servir ainda esse argumento? E as aguas da Buraca? O sr. ministro do interior responde que não sabe nada que se refira ás aguas da Buraca e accrescenta que se o sr. Camara Pestana descobriu o ponto onde as aguas estavam inquinadas foi por que teve essa boa sorte. O que pode é garantir que se está trabalhando para descobrir o ponto onde as aguas são inquinadas.

Na ordem do dia, entra em discussão o projecto que suspende a lei da caça, até ser votado no parlamento o projecto que na mesma lei introduz varias modificações. O sr. Virgolino Chaves é contrario ao projecto, por estarmos a dois dias do defezo. O sr. Germano Martins defende o projecto, sobretudo por a lei em vigor ter trazido grandes difficuldades de fiscalisação. O sr. Jorge Nunes concorda com o projecto, por elle vir pôr termo a abusos que não podem continuar. O sr. Amadeu Monjardino allude á forma como se exerce a caça nos Aç

res, e approva o projecto, que é approvado. Segue-se o projecto que regula a concessão de licenças aos professores primarios que frequentam escolas superiores. Falam os srs. Virgolino, Tavares Ferreira, Carvalho Mourão e Brito Guimarães, sendo o projecto approvado com uma substituição ao artigo 3.º.

A'manhã ha sessão.

NO SENADO

Responderam á chamada 29 senadores que approvaram, como de costume, a acta sem reparos.

Preside o sr. Correia Barreto e secretariam os srs. Agostinho Fortes e Oliveira Junior. Lido o expediente, os srs. Silva Gonçalves, Herculano Galhardo e Oliveira Junior, introduzem na sala o novo senador sr. dr. Lopes Martins, antigo ministro da instrucção eleito pela Guarda. Toma logar na esquerda da sala.

O sr. Antonio Arez requer que seja publicado o relatorio do sr. Freire de Andrade respeitante ao tempo em que governou a provincia de Angola. Felicita depois o povo d'esta provincia pela escolha do sr. Massano de Amorim para seu novo governador, cuja obra elogia nos anteriores esforços do bem servir a Patria. A estes elogios associa-se o sr. Ortigão Peres.

O sr. João de Menezes requer copia das instrucções mandadas ao commandante das forças em operações no sul de Angola em 1914, sobre a attitude tomada perante as forças da colonia allemã da Damaralandia.

O sr. José Maria Pereira requer nota das importancias despendidas com os fornecimentos de carvão aos navios da Divisão Naval desde que é seu commandante o sr. capitão de fragata Leotte do Rego.

O sr. coronel Silveira analysa a disposição da organisação do exercito sobre a separação do quadro de artilharia, em artilharia de campanha e fixa, levada a effeito pelo sr. Norton de Mattos. E' o verdadeiro assalto aos postos superiores da artilharia que o sr. ministro da guerra põe em execução desrespeitando direitos adquiridos e conhecimentos ganhos á custa de muito trabalho, muito sacrificio e muito estudo. E' uma coisa iniqua esta, iniqua e prejudicial, o que o orador demonstra com grande copia de exemplos e argumentos.

Alem d'isso necessidade alguma havia para que tal se fizesse a não ser com o fim de servir ambições desmedidas ou desejar sugeitar-se a cabalas preparadas para o assalto aos postos superiores da artilharia. Em nenhum exercito do mundo tal innovação se poderia levar a effeito d'uma só pennada e obedecendo apenas ao capricho d'um ministro. E isto faz-se quando nem sequer ha material preciso para as especialidades exigidas!

O sr. ministro da guerra em resposta diz que se limitou a cumprir o artigo 465 da Organisação do Exercito que não fez, mas que já encontrou quando tomou posse do logar. A lei é expressa. Mandava que depois de um certo tempo a separação do quadro de artilharia se fizesse. Esse tempo passou. Restava-lhe portanto dar execução. Foi o que fez, sem ouvir cantos de sereia nem obedecer a cabalas. Só quem o não conhece, e n'este caso está o sr. coronel Silveira, é que podia ajuizar o contrario. As leis da Republica fizeram-se para se cumprirem, cumprem-se.

A discussão, porém, da lei não é hoje que deve ser feita, mas sim quando elle trouxer á Camara um projecto de lei que modifica o artigo 465.º, estabelecendo doutrina indispensavel. Deve comtudo, declarar desde já, que suppõe ter prestado um serviço ao exercito, pondo em execução a lei, visto que é em absoluto pela especialisação da arma de artilharia. Cumpriu a lei, mandando cumprir a lei. Parece-lhe que nada mais poderia ter feito.

O sr. Mello Simas requer a generalisação do debate. Approvado.

Fala de novo o sr. Alberto da Silveira que affirma não estar a maioria dos officiaes de artilharia de accordo com a separação. Elles portanto que agradeçam ao ministro o não querer resolver o assumpto a seu contento d'elles. Fala com desassombro em tal caso, tanto mais que é dos officiaes que mais ganha com a separação visto que assim fica n.º 1 para general no quadro de artilharia a pé.

Fala portanto sem interesse proprio, mas fala apenas por espirito de justiça visto a lei o vir beneficiar como demonstra. Os prejuizos que esta lei acarreta são de tal ordem que affectam até a disciplina do exercito que o sr. ministro vem com uma só pennada aggravar.

O sr. Norton de Mattos—E' a lei.

O orador.—Que v. ex.ª tinha obrigação de modificar.

O sr. Norton de Mattos.—Mas se eu concordo absolutamente com a separação...

O orador.—Mas havia mil maneiras de evitar os prejuizos apontados que o sr. Silveira volta a enumerar para dizer que estes é que estão fora da lei.

O sr. Mello Nunes concorda com a separação sem deixar de lhe reconhecer os prejuizos. Por isso envia para a mesa uma moção confiando em que o ministro os evite apresentando um novo projecto, com o que o sr. ministro da guerra não concorda.

O sr. Antonio Maria Baptista na mesma ordem de ideias envia egualmente para a mesa uma moção na qual concorda com a doutrina exposta pelo sr. ministro da guerra no sentido de serem cumpridas as disposições do art. 465 da Organisação do Exercito.

Fala ainda o sr. Celestino da Almeida e volta a falar o sr. coronel Silveira para declarar mais uma vez que o que se pretende fazer é sortear a grande loteria das promoções.

Foi depois approvada a moção do sr. Antonio Maria Baptista.

Entra-se finalmente na ordem do dia com o projecto de lei que modifica o art. 18 do decreto de 15 de março de 1915 sobre o regimen da panificação.

Falam os srs. Herculano Galhardo e Affonso Costa, sendo o projecto rejeitado.

A proxima sessão é na quinta feira á hora regimental.

Movimento maritimo

Vigo e Inglaterra «Darro» (Brazil)	18
Madeira e Canarias «Andorinha» (Liv)	18
Braz. e R. da Prata «Avon» (Liverp.)	19
Braz. e R. da Prata «Salland» (Amst.)	19
Madeira e Açores «San Miguel»	20
Pará e Manaus «Aidan» (Liverpool)	20
Loanda, Lob., Beng. e Cuio «Dondo»	20
New-York, directo, «Patria» (Gibraltar)	22
Africa Occidental, «Malange»	22

NATURISMO

A carestia da vida

Esta guerra mundial que parece eternisar-se, deixando um rasto de sangue e de dôr por todos os paizes assolados, vem pôr em relevo o momentoso problema das subsistencias mais que nenhum outro. Portugal, um paiz agricola por excellencia começa a sentir os effeitos da falta de viveres. Nas cidades populosas assim como nas aldeias sertanejas luctam pobres e ricos para obterem generos alimenticios em condições vantajosas. De dia para dia, insensivelmente, tudo quanto serve para o homem se nutrir, sobe de preço, n'uma regra de proporção assustadora. Os orçamentos familiares melhor equilibrados desorganisam-se. Em voz alta a população manifesta-se em comicios. A dentro das moradias não ha ninguem que não soffra perante este estado de coisas verdadeiramente apavorante.

O que será d'aqui a mezes, antes das proximas colheitas? Porventura uma guerra civil enlutará o paiz; se assim tudo continuar a accentuar-se n'um gravame progressivo. A guerra é verdade que se trava em regiões distantes; mas os effeitos fazem sentir-se a dentro de fronteiras tambem com rudeza e perigo. A paz está longe ainda. A guerra, deshumana obra da desgraçada humanidade, demonstra quanto é egoista ainda a raça actual e precisamente a dos povos mais cultos. Não se antevê sequer o principio do fim da conflagração. A carestia da vida para Portugal não deveria existir se as populações agricolas se devotassem ao cultivo do solo como deveriam. A fome só se debela quando a riqueza existe em generos alimentares que a terra produza. E' verdade que tudo tem encarecido enormemente; mas para os que trabalham, só a alimentação se tornou verdadeiramente difficil. Medidas governativas foram decretadas para evitar abusos; mas improfiquamente. Os povos das aldeias, mais praticos não teem deixado, já tarde porém, sahir determinados generos alimentares para as cidades d'onde contra a mais rudimentar defeza, se teem exgotado mercadorias que faltam tanto. Portugal diz-se, tem alimentado nas trincheiras mais d'um milhão de soldados. A carestia da vida é um cruel sudario que o agio do escasso oiro vem exacerbar em alto grau. Procurem-se todos os meios de baratear a alimentação e assim se poderá resolver o problema magno que affige a nacionalidade.

Amilcar de Sousa

Um rapto audacioso

Hontem pelas 19 horas da tarde, quando a formosa artista Mathilde Aragon entrava para o *Salão Foz* approximaram-se d'ella dois sujeitos bem vestidos, de nacionalidade hespanhola, que á força a metteram em um automovel que se achava parado á entrada da rua da Gloria, o qual desappareceu com velocidade extraordinaria. Até á hora em que escrevemos nada se sabe do destino da gentil artista.

Consta que o rapto foi effectuado por dois cavalheiros de Ayamonte, que vieram a Lisboa propositadamente para este fim.

Exposição bibliographica

Devido ao interesse que tem despertado esta exposição feita na Academia das Sciencias, foi adiado o seu encerramento para o dia 20 do corrente, abrindo todos os dias ás 11 horas e fechando ás 15.

A concorrencia hoje foi enorme.

Pela instrucção

Na séde do Gremio Instrucção do Povo, calçada do Combro, 38-A, 1.º, antigo Correio Velho, está já funccionando a escola nocturna e aberta a inscripção para a aula diurna ao preço de $20 mensaes para filhos de socios e não socios.

Festas associativas

Tuna Commercial de Lisboa

Realisa-se no proximo domingo, ás 21 horas, uma festa promovida por uma commissão de socios, em que tomam parte o grupo dramatico «Os Modestos», e o quinteto Cyriaco, compostos de socios da tuna, subindo á scena uma comedia em 2 actos e um drama em 1 acto, havendo em seguido baile, sob a regencia do sr. Raul da Gama Berquó.

PEQUENAS NOTICIAS

Recebemos o numero 2 da revista *Correio Litterario*, dirigida pelo sr. J. M. Pereira Junior. Collaboração variada e interessante.

—A policia procura a menor de 13 annos Alexandrina Mendes Barata, que desappareceu da rua Antonio Pedro, M. O; 1.º.

—Luiz Galhetas, morador no largo do Figueiredo, 24, em Alcolena, queixou-se de que proximo das portas de Algés foi aggredido á paulada por um individuo desconhecido, resultando-lhe um ferimento na cabeça, de que teve de receber curativo no hospital de S. José.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—...nho da pelle do diabo.
REPUBLICA—A's 21—L'emigré.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo (Revista).
POLYTEAMA—A's 21—Vida d'um rapaz pobre.
GYMNASIO—A's 21—Soror Marianna—Deputado independente.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO—Não ha espectaculo.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—Não ha espectaculo.
PHANTASTICO—A's 20—Proezas d'um cabula—A rival da viuva alegre.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Traviata.

Agenda da semana

HOJE—Politeama—Recita de Ignacio Peixoto—Primeira representação de *A vida de um rapaz pobre*—Estreia do actor Erico Braga.

—Eden—Festa da 200.ª da revista *Dominó*—Recita dos auctores—Numeros novos, conferencias humoristicas, etc.

AMANHÃ—Republica—Primeira recita da companhia franceza de Lucien Guitry.

Boatos e informações

Entre nós

No Colyseu dos Recreios, hoje, em recita da Moda, canta-se o «Trovador, fazendo a sua estreia o tenor Antonio Barbati. Nas recitas da moda as enchentes são sempre grandes, mas deve ser collossal a de hoje, pela concorrencia ás bilheteiras onde á tarde havia apenas um diminuto resto de camarotes de segunda e terceira e poucos «fauteuils». A distribuição do «Trovador» é a seguinte:

«Leonor», sr.ª Magana Lopes; «Assucena, Erminia Rubadi; «Ignez», Maria Millon; «Maurico», sr. Antonio Barbato; «Conde de Luna», sr. Mimo Zuffo; «Fernando», Michele Fiore; «Ruiz», Angelo Algos.

Amanhã, como já noticiámos, festa artistica e despedida da prima-dona Luz Rugama com a «Traviata».

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Salão Foz

Batem o *record* da concorrencia os espectaculos do Salão Foz, tal é o interesse despertado pelos explendidos numeros de variedades que ali se exhibem todas as noites.

Hoje, em *soirée* da moda as gentis e insinuantes artistas LA FARFALLA e ESTRELLA DE LEVANTE, aquella como excentrica musical, em que se pode considerar a primeira artista no genero e esta nas bellas e originaes canções andaluzas, farão novos numeros que serão certamente mais um grandioso triumpho para ellas; CHURRY EL BONITO, o rei da gargalhada continuará sendo certamente o «clou» da noute com os seus graciosissimos *couplets*.

O bello salão Foz deverá ser hoje o ponto de reunião artistica e mundana.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Escolar do Grupo Civil «A Republica n.º 4»

Do relatorio e contas agora publicado e relativo á gerencia de 1915 vê-se que a receita foi de 502$39 e a despeza de 484$39,5, havendo portanto um saldo de 179$33. Frequentaram as aulas durante o anno 80 alumnos do sexo masculino e 28 do feminino. Em exames do 1.º grau ficaram dois alumnos distinctos e um com a classificação de bom e no do 2.º grau foram approvados seis.

Caixeiros de Lisboa

Para se deliberar ácerca das resoluções tomadas pela commissão do horario de trabalho commercial foi convocada para ámanhã, pelas 21 horas, uma reunião na séde social, rua Antonio Maria Cardoso, 20, sendo convidados todos os caixeiros sem distinção de ramos.

ALVITRE e RECLAMAÇÕES

Queixando-se d'um guarda civico

O 1.º grumete da armada n.º 3568 Manuel Almerindo, pertencente á guarnição do destroyer «Douro», queixou-se-nos de que o guarda civico 546, da esquadra da Boa Vista, diffamou a mulher com quem esse marinheiro vive, que é honesta e nunca poderia praticar os actos de que o civico a accusou, dando testemunhas do bom comportamento da accusada.

N'esse sentido, apresentou já ou vae apresentar uma queixa ao sr. commandante da policia, mas pede-nos que para o facto chamemos a attenção do sr. Camara Pestana.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 17.—Communicado official das 15 horas:

Nada occorreu digno de menção durante a noite, á excepção da actividade da nossa artilharia que foi assaz viva entre o Somme e o Avre.—(*Havas*).

Lucien Guitry

O grande actor chegou esta tarde a Lisboa

No rapido de Madrid chegou hoje a Lisboa, hospedando-se no Avenida Palace, o grande actor Guitry, que era esperado pelos srs. visconde S. Luiz Braga e Luiz Cardoso.

O celebre comediante estreia-se ámanhã no Republica com a peça de Paul Bourget *L'Emigré*, um dos seus mais empolgantes trabalhos e que ainda ultimamente na capital do paiz visinho causou profunda impressão no publico.

O incendio em Santa Clara

Diligencias policiaes—O estado dos feridos

No Deposito Central de Fardamentos, em Santa Clara, continuaram hoje os trabalhos de remoção de entulho e de pesquizas, mas á tarde paralisaram devido, á chuva. O local está vigiado ainda por alguns guardas da policia e soldados da guarda republicana. Os curiosos hoje foram em reduzido numero. De vez em quando ainda sahem dos escombros rolos de fumo e pequenas labaredas que são logo atacadas pelos bombeiros que ali permanecem sob as ordens de um chefe de secção.

Por um dos exames já feitos verifica-se que a queda da parede, que occasionou a morte aos dois bombeiros, foi devida á dilatação do material electrico que lhe ficava junto. Estavam ali o quadro distribuidor da electricidade e os 9 motores que accionavam as machinas de costura. O fogo, fazendo dilatar esses machinismos, fel-os cair sobre a parede e d'ahi a derrocada.

A policia continúa nas suas investigações a fim de desvendar o mysterio.

O sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação, ouviu hoje, sendo as suas declarações reduzidas a auto por um agente, o tenente em serviço no Deposito Central de Fardamentos sr. Gonçalves Ritta, o 2.º sargento de cavallaria 4 servindo de amanuense na thesouraria do mesmo deposito sr. Jayme de Carvalho, os guardas da noite srs. Joaquim Antonio, Antonio de Carvalho, Joaquim Pereira Cunha e Francisco Dias e os serventes srs. Miguel Gayão, José Pereira e Manuel Pereira.

O agente Alfredo Maria, da judiciaria, foi hoje á Trafaria interrogar o sr. Christiano da Silva, 2.º sargento de infantaria 5, que ali se acha destacado.

Entre o sr. governador civil e o director da policia houve larga conferencia, finda a qual sahiu este magistrado em diligencia a que se liga grande importancia.

Os feridos que estão no hospital de S. José continuam melhorando. A visital-os, estiveram hoje ali o sr. Julio Cardoso, deputação de bombeiros voluntarios do Porto, representantes dos bombeiros voluntarios de Carnaxide, Algés e Dafundo, um bombeiro municipal do Porto e os chefes Carvalho e Marcellino, além de muitos bombeiros voluntarios e municipaes de Lisboa.

Uma generosa iniciativa

Recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor de «A Capital»—Os abaixo assignados, humildes funccionarios do municipio de Lisboa, sentindo como velhos republicanos e patriotas a dôr que avassalla a nossa querida Patria pela catastrophe succedida no Deposito Central de Fardamentos, veem junto de v. solicitar a interferencia do seu jornal para dar conhecimento aos illustres vereadores da camara municipal de Lisboa que, apesar dos seus já minguados vencimentos offerecem um dia de salario para suavisar quanto possivel as difficuldades da hora presente.

Fazendo votos para que este seu echo encontre relativa quantidade de esforços da parte dos seus collegas do municipio, sem distincções de cathegorias, auxilam na medida das suas posses as difficilimas condições do thezouro publico, que apezar da energia, intelligencia e boa vontade do actual ministro das finanças, não poderá realisar, sem o concurso de todos, a patriotica obra de resurgimento do nosso credito e defeza nacional.

No dia do seu vencimento entregarão ao illustre vereador das finanças municipaes, ex.mo sr. Fonseca Dias, a sua contribuição voluntaria, a fim de sua ex.ª lhe dar o destino indicado n'esta carta despida de politica, mas cheia do muito amor que professam pela Patria e pela Republica.

Lisboa, 17 de janeiro de 1916.—(aa.) *Joaquim Ferreira d'Oliveira, Virginio Augusto Vinagre, Albino de Araujo, Manuel Monteiro Ferreira* e *Antonio Jacintho d'Andrade*.

Noticias parlamentares

Em aguas, como em fogos, o sr. Almeida Ribeiro não navega. Ha tiphos em Lisboa? O sr. ministro regista. Entram as aguas já inquinadas nos reservatorios? regista ainda. E' preciso descobrir o ponto onde as aguas do Alviella se corrompem? O sr. Almeida Ribeiro continua a registar. E' possivel extinguir as causas da epidemia? Regista novamente. De maneira que quando acabou de responder ao sr. Costa Junior, o sr. ministro do interior tinha o registo completo, dando a muitos a impressão de que não era um ministro mas uma caixa registadora. Ainda se lhe servisse d'alguma coisa o pressuroso registo... Mas não. O sr. Ribeiro quanto mais regista menos, sabe e peor está. Tem o machinismo cançado, ou falta-lhe oleo? Se é a segunda hipothese que se dá, recorra ao sr. Pires de Campos, que não ha na Camara quem melhor possa indicar-lhe onde se vende oleo de ricinos barato e puro...

* *

Agora, averigua-se que Camara Pestana não foi o sabio authentico que creou em Portugal a sciencia bacteriologica. Não. Camara Pestana não passou d'uma vulgaridade, que fez tudo o que fez por «ter sorte». E' esta a opinião do sr. ministro do interior, que continúa a ignorar tudo, a desconhecer tudo e a não ter a certeza de nada. De sorvete e posta de gelo, o sr. Ribeiro passou a ser microbio. E como é um mau microbio, não ha «fogoeiro» que entre com elle. A sua resistencia é inabalavel. Vence tudo, escarnece de tudo, poisa acima de tudo. Não temos, portanto, nada de que nos admirarmos se e virmos um dia, entre tiphosos, passeando a sua imponencia, como um general que visite exercitos derrotados á conquista dos seus loiros. E' que com o sr. ministro do interior não ha maleita que se atreva...

Um conflicto

Meu caro Manuel Guimarães—Hoje, na Camara dos Deputados, ao terminar a sessão, fui esperado, n'um dos corredores lateraes, pelo sr. Arthur Costa, que pretendeu, por amor da sua vaidade offendida com qualquer insignificante allusão feita n'«A Capital» á sua pessoa, aggredir-me. O conflicto deu-se e da forma como elle foi liquidado nem tenho de que me queixar nem o publico pode exigir-me ou, sequer, desejar qualquer explicação. No campo pessoal, o incidente está liquidado. Já não me interessa. Não succede, porém, outro tanto, pelo que respeita ao aspecto moral d'este caso, que me parece digno de ser esmiuçado. Por parte do sr. Arthur Costa fui victima d'um verdadeiro assalto. Dirigia-se esse assalto contra o homem, que o sr. Costa sabia capaz de lhe responder sem hesitações nem tergiversações? Não. O que o sr. Arthur Costa pretendeu pura e simplesmente, foi exercer sobre o jornalista, que eu sou, uma intoleravel coacção. O que elle quiz foi impedir que eu, de futuro, submettesse a sua eloquencia, os seus juizos, os seus actos publicos á minha critica desassombrada, á minha apreciação liberrima. E' contra isto que eu protesto. E' contra esta violencia intoleravel que me insurjo e me revolto. Quando alguem critica actos publicos d'outrem pode offender-lhe ou a dignidade e o brio pessoaes ou a vaidade. Preso-me de ter sempre procurado deixar intacta a honra alheia. Quanto ás beliscaduras com que a minha modesta penna haja alguma vez flagellado a prosapia do sr. Arthur Costa ou a de quem quer que seja, acho-as tão legitimas que a ninguem, seja quem fôr, reconheço o direito de me impedir de usar da ironia ou da troça quando me aprouver e seja contra quem fôr. Se assim não acontecesse, a liberdade de critica seria uma doce phantasmagoria, que os murros do sr. Arthur Costa regulariam a seu bello prazer. Ora, por emquanto, o meu antagonista d'agora ainda não tem o poder soberano de fazer curvar deante da sua vaidade soante a ôco, todos os que o não julgam intangivel. Assim, reivindicados os meus inatacaveis direitos de profissional do jornalismo, que muito me honro de ser, tenho o desgosto de annunciar ao sr. Arthur Costa que perdeu o tempo e o feitio se, com o seu gesto, quiz impôr silencio a quem, por mais d'uma vez, tem provado que é capaz de prestar sempre á verdade o culto fervoroso que ella merece. E' essa verdade desfavoravel á vaidade do sr. Arthur Costa? Nada tem com isso o que é, meu caro Guimarães, seu amigo dedicadissimo

Adelino Mendes

O Porto n'"A Capital,,

Serviço telegraphico e telephonico

18,15

Grève academica

Por não terem sido ainda attendidas as suas reclamações, declararam-se hoje em grève os alumnos da faculdade de sciencias e os do Instituto. Na Universidade partiram alguns vidros e caixilhos e ás 14 horas foram em grande numero ao governo civil, acompanhados pelo director do Instituto, sr. dr. Paulo Marcellino. A auctoridade superior do districto prometteu interessar-se junto do governo porque as reclamações fossem attendidas.

Roubo audacioso

Dois gatunos hespanhoes roubaram hoje n'um carro electrico, na praça Infante D. Henrique, uma mala de mão com 1.300 escudos a José Bastos, cobrador da casa Pinto da Fonseca. O roubado perseguiu-os, gritando, sendo os audaciosos gatunos presos e apprehendido o roubo.

Aggressões e queda desastrosa

Morto por atropellamento—Menores queimados

Na enfermaria 5 do hospital de S. José deu entrada Manuel Vicente, morador no pateo Gomes Pereira, 22, que foi aggredido com duas facadas, uma no rosto e outra no braço direito, pela sua amante Amelia Petiza.

Na enfermaria 4 falleceu o menor de 13 annos Jayme Martins Correia, hontem atropellado, como noticiámos, na avenida da Republica por um automovel.

Na mesma enfermaria ficaram: José dos Reis, morador na azinhaga da Cebuleira, que cahiu na quinta do Papagaio, na estrada de Sacavem, fracturando a perna direita; e Alfredo Moreira, morador no Pinhal Novo, ali aggredido com um tiro de espingarda por Manuel Fresco, ficando muito ferido, pelo que teve de soffrer a operação da laparatomia, sendo o seu estado grave.

Na enfermaria 1 do hospital Estephania deram entrada os menores Mario Rocha Antunes, de 2 annos e meio, e seu irmão Armando, de 1 anno, muito queimados pelo corpo em virtude de sobre elles se ter entornado uma panella com papas de milho.

NOTAS DIVERSAS

No rapido da tarde chegou hoje a Lisboa, vindo de Nellas, o sr. ministro da guerra, que na sua visita aos concelhos do districto de Vizeu, segundo telegramma, hoje recebido no ministerio do interior, do governador civil sr. Amaral Reis, teve a mais enthusiastica recepção.

—Foi nomeado o capitão de fragata sr. Salazar Moscoso para ir ao estrangeiro receber e adquirir material naval.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

«MATINÉE» ELEGANTE

No palacete do sr. Delphim de Lima, á rua de Santa Catharina, no Porto, realisou-se uma brilhante «matinée» a que assistiu grande numero das principaes familias portuenses e cujo programma foi o seguinte:

«Uns donos de casa respeitaveis» comedia em 1 acto.

Personagens: Morgadinha, Rolando van Zeller; Carlos de Mello, João Pinto da Costa Leite (Lumbrales; Theodoro Canavarro, Manuel de Brito e Cunha; Helena d'Albergaria, Maria Antonia Viterbo Ferreira; Leonor Canavarro, Helena Archer Guedes; Rosa (creada), Maria Leonor Archer Guedes.

«The land of Dunno Where», cançoneta, de Henry E. Petter, pelo menino Pedro van Zeller.

«Pavana»—Maria Fernanda de Brito (Ermida), Roberto Cabral Barbosa, Maria Emma da Rocha Leão Abreu Sottomaior, Fernando da Rocha Leão Soares Vieira.

Fernando Moutinho «Dansa da roda» côro

«Salud a mi bandera», Juan Dato.

Minuete- Maria do Carmo Rebello Valente, Rolando van Zeller; Maria Izabel de Lima, Juan Dato, Maria José de Brito (Ermida), João Pinto da Costa Leite (Lumbrales); Maria José de Castro (Rezende), Nuno G. de Brito e Cunha; Alma Dato, Antonio Camillo d'Abreu Sottomaior; Maria Francisca Pinto da Costa Leite (Lumbrales), Vasco da Rocha Leão Soares Vieira.

Fernando Moutinho, «Quadras soltas», côro.

Os côros foram bem desempenhads pelas meninas Alma Dato, Amalia Lima, Fernanda Viegas, Gulomar Helena da Cruz Santos, Maria Antonia d'Oliveira, Maria Emma da Rocha Leão d'Abreu Sottomaior, Maria Fernanda de Brito (Ermida), Maria Francisca Pinto da Costa Leite (Lumbrales), Maria Helena de Brito (Ermida), Maria Izabel Lima, Maria Izabel Ramalho Ortigão, Maria José de Brito (Ermida), Maria José de Castro (Rezende), Maria Julieta da Cruz Santos, Maria Leonor Archer Guedes, Maria Leonor Teixeira Duarte, Maria Thereza Velloso van Zeller, Maria van Zeller Guedes e Thereza Teixeira Duarte; e pelos meninos Adriano Guerreiro, Antonio Guerreiro, Fernando da Rocha Leão Soares Vieira, João Pinto da Costa Leite (Lumbrales), Roberto Cabral Barbosa, Rolando van Zeller, Samuel Lima, Vasco Mourão e Vasco da Rocha Leão Soares Vieira, José Bernardo Viterbo Ferreira, José Lima, Juan Dato, Manuel Archer, Manuel de Brito e Cunha, Nuno Archer, Nuno G. de Brito e Cunha, Pedro van Zeller, Ricardo Pinto da Costa Leite (Lumbrales).

Quer a interpretação da comedia de abertura, quer a das graciosas danças e côros que se seguiram, despertaram enorme enthusiasmo, sendo todos os numeros calorosamente bisados.

Os côros foram ensaiados pelas srs.as D. Elvira Archer, D. Guilhermina Brito e Cunha e condessa de Lumbrales.

A MODA

Angela Pinto—sabem-n'o perfeitamente—é uma grande figura do nosso theatro que, pelo seu extraordinario talento, pela sua cultura, pela sua exquisita vibratilidade tem, como raros artistas entre nós, um dominio illimitado sobre as multidões.

O publico que se commove, chora e soffre hoje, vendo-a interpretar o drama ou a alta comedia, ri francamente no dia seguinte, se a fôr admirar n'um simples papel de revista que ella tem o previlegio de elevar á grandeza da sua envergadura artistica. Mas Angela Pinto tem ainda no palco outro encanto, outra seducção que empolgam, sobretudo, o elegante publico feminino que nunca deixa de a ir applaudir: as suas «toilettes» teem sempre um requinte de arte, uma impeccavel linha parisiense, são sempre um modelo de elegancia e de bom gosto. Acaba-o de provar na representação da bella comedia de Sewalbach «Os Postiços», presentemente em scena no Republica. Ao fazermos hontem, em um dos intervallos, os cumprimentos, a Angela Pinto pelas lindas «toilettes» com que nos estava maravilhando, ella respondeu-nos com uma phrase cheia de modestia, mas onde vinha envolvido o seu poder de graça e de insinuação:

—Essas felicitações não me pertencem, meu caro; o seu a seu dono. Ora a verdade é que todos os cumprimentos que me fazem devem, antes, ser dirigidos á minha modista madame Libania Otero, cujo atelier na avenida da Liberdade, 115, mais parece o scenario de um conto de fadas, tantas são as maravilhas que lá se encontram. A minha modista é o mais fiel subdito de «Sua Magestade a Moda» que eu conheço. Estar ao par dos ultimos decretos dos grandes «coutorieurs» de Paris e de Londres—eis a sua unica preoccupação, o seu estudo fanatico de todos os momentos...

MAESTRO BLANCH

Sr. redactor:—N'uma interessante chronica musical publicada no n.º 3 da «Atlantida» e devida á brilhante penna do sr. Humberto de Avellar, lê-se uma ligeira inexactidão que me cumpre rectificar:—Não foi, como o sr. Avellar affirma, n'um concerto realisado por Vianna da Motta em S. Carlos, (a 26 de novembro de 1911), mas sim em trez concertos organisados por mim, no Conservatorio de Lisboa, (em 19 de março de 1908, 14 de fevereiro de 1909 e 4 de abril de 1914) que o sr. Blanch se deu a conhecer como regente de orchestra, e que este distincto musico teve occasião de provar as suas capacidades artisticas.

O sr. Blanch, se foi elle proprio que forneceu ao chronista os dados expostos, não podia nem devia ter esquecido o calor e a constancia tenaz com que tratei (eu antes que mais ninguem) de o afastar d'um meio musicalmente mediocre, em cuja semi-sombra ia malbaratando os melhores annos da sua actividade, para pôr em evidencia, em terreno mais adequado e de maior elevação, as suas qualidades.

N'esta rectificação o sympathico maestro deverá ver mais uma prova da minha adhesão. Porque, de facto, não hei-de reclamar cioso o quinhão de gloria que me corresponda e pertença na carreira do maestro Blanch?... Porquê renunciar com generoso desdem, ao logarsinho que me compete na moldura, no ambiente, de elegancia e de perfume que envolve actualmente o interessante e mimoseado aragonez, se cá no meu intimo, sinto-me realmente um pouco o orgulho revelador do seu talento?... *Alexandre Rey Colaço*.

JANTAR-CONCERTO

Ao de hontem, no Grande Hotel de Inglaterra, assistiram madame Guedes Brandão de Mello, viscondessa de Quintella, madame Catz, D. Izabel de Queiroz Guedes, D. Luiza de Vasconcellos, M.me Castro, madame Peito de Carvalho, madame Santos Torres, madame Pereira Marques, Cunira Polonio, madame Firth, madame Fuld, madame Couceiro Bastos, D. Maria das Neves Couceiro Bastos, D. Maria Irene Couceiro Bastos e madame Kesner.

E os srs. Cunha Bastos, Correia Leite, Virgilio Rebello, Monitz Cats, Augusto Briant, Mayer, Hokings, Steaben, Browne, René Villar, Frank Balton, Jules Gaufres, Brunnel, dr. Santos Torres, Pereira Marques, Ferreira Cardoso, dr. Soares Gomes, dr. Alfredo Torres, Cats Frith, Alberto Barradas dos Reis, Walter Füld e Lesner, dr. Sabonnen, Daniel Fay, Golway, dr. Angelo da Fonseca, dr. João Barral e familia, Affonso de Carvalho e esposa, dr. João Mendes de Vasconcellos, dr. Couto Rosado Barros e esposa.

MEDICOS

Segundo uma recente estatistica ha na Europa 160.000 medicos.

São assim distribuidos:

Allemanha, com 52 milhões de habitantes, 22.600 medicos; Inglaterra, com 37 milhões de h., 28.000 medicos; Austria, com 45 milhões de h., 10.400 medicos; Belgica, com 7 e meio milhões de h., 3.800 medicos; Bulgaria, 3.309.000 h., 156 medicos; Dinamarca, 2.300.000 h., 800 medicos; Hespanha, com 18 milhões de h. 13.700 medicos; França, com 38 milhões de h., 19.800 medicos; Grecia, 2.400.00 h., 300 medicos; Hollanda, 5.100.000 h., 1970 medicos; Italia, 33.200.000 h., 18.240 medicos; Noruega, 2.240.000 h., 1.080 medicos; Portugal, com 6 milhões, 2.000 medicos; Romania, 6.250.000 h., 1.000 medicos; Russia, 105 milhões de h., 21.400 medicos; Suissa, 5.200.000 h., 1.330 medicos; Suecia, 8.300.000 h., 1.720 medicos.

CONFERENCIAS

No theatro-circo de Braga realisou anto-hontem uma conferencia sobre a cathedral de Reims o sr. dr. Cunha e Costa que foi muito applaudido. A conferencia fazia parte do programma d'um sarau da imprensa.

—Foi a Aveiro fazer uma conferencia no serão de arte realisado no museu regional o sr. dr. Egas Moniz, professor da universidade de Lisboa.

JOSÉ SOARES

Deu-nos o prazer da sua visita este nosso amigo, consul de Portugal em Porto Alegre.

DE VIAGEM

DAKAR, 15, (retardado) (Radio de bordo do vapor «Cazengo»). Os passageiros e officiaes vão bons e saudam suas familias. (a) Morgado.

LUTUOSA

Falleceu a sr.ª D. Herminia Candido Alves da Silva Fernandes, realisando-se amanhã pelas 15 horas o seu funeral, que sahirá da avenida da Republica, 10, 1.º, E., para o cemiterio oriental.

—Tambem se effectua amanhã no cemiterio oriental o enterro da sr.ª D. Alice Bastos Fererira, sahindo o prestito ás 12 horas, da rua do Machadinho, 78, 1.º

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 16.—No dia 20 começa na thezouraria de finanças d'este concelho a cobrança da primeira prestação das contribuições predial, rustica e urbana, sumptuaria, de juros e taxa militar.

—Foi nomeado professor da faculdade de medicina da Universidade o sr. dr. Novaes e Sousa.

—Vae ser brevemente aberta ao publico uma cozinha economica, uma bella instituição fundada pela Misericordia d'esta cidade.

—O vereador municipal sr. Virgilio de Paiva Santos foi auctorisado pela commissão executiva a contractar com a Empreza das Minas do Cabo Mondego a acquisição de dois ou trez vagons de carvão para a fabrica de gaz de illuminação da cidade.

—Foi nomeado professor da 4.ª classe da Escola Industrial Brotero o sr. Nicolau da Silva Gonçalves.

—A camara municipal augmentou em 2 centavos o salario dos conductores e guarda-freios dos carros electricos, passando de 0$48 a 0$50 diarios.

—Consta que vae ser installada no edificio do governo civil a Inspecção Escolar d'este circulo.

—Dizem-nos que alguns marchantes, em virtude da subida do preço do gado, estão na disposição de fechar os seus talhos para não elevarem mais o preço da carne, que elles consideram já bastante cara. Onde irá isto parar?

—Os empregados da tracção electrica fundaram uma associação de classe a fim de que os seus direitos sejam, como é de justiça, respeitados pelos seus superiores hierarchicos.

SPORT

A primeira vez que a França ouviu...

Uma conferencia do coronel Balk

Foi por occasião do primeiro congresso internacional de educação physica...

Não julguem que os suecos desprezam o reclamo...

Pelo contrario, não ha congreso em que não appareçam e onde não façam propaganda do seu systema de gymnastica. E por vezes, junto de um ou outro homem de real merito, como Balk, Sellers, Nyblaus, Torngreen, apparece um ou outro «caixeiro viajante» de sciencia sueca, que o illustrado professor Oscar Wide considera o mais pernicioso contra-reclamo do admiravel methodo gymnastico do seu paiz.

Taes propagandistas appareceram desde o primeiro congresso internacional, realisado em Bruxellas em 1906, congresso que foi organisado por Pierre de Coubertin e onde se deram «rendez-vous» os intellectuaes francezes, todos os pedagogos, muitos physiologistas e bastantes professores de educação physica. Lá estavam n'essa douta assembleia, entre outros, os dr. Philippe, Racine, Theodoro Vierne, J. Dalbanne, hoje e sempre contrarios ao exclusivismo da gymnastica do norte, Demeny, então convencido das theorias de Ling, dr. Tissié, commandante Lefebure, sempre partidarios dos suecos.

E foi n'essa primeira reunião de technicos que, pela primeira vez, os francezes ouviram...

O coronel Balk, director do Instituto Central de Stockolmo, animado de palavra quente e suggestiva, proclamou os excepcionaes beneficios do methodo de Ling. Perante numerosa assistencia fez passar muitas photographias, comprovativas das suas palavras e que produziram o melhor effeito. E todos respeitaram as opiniões d'esse homem, que era um mestre, e que apesar dos seus enthusiasmos e de argumentos de suggestiva influencia não disse, como muitos pretendiam, que a gymnastica sueca era «infallivel e imutavel».

E para auxiliar Balk na sua propaganda, o commandante Lefebure levou os congressistas á sua «Escola Normal de Gymnastica e Esgrima» e ali realisou uma conferencia, que terminou pelas seguintes palavras:

«...Eu não sou um sabio, mas tendo o sentimento da minha responsabilidade, esforço-me para o observar com o maior proveito possivel, na missão que me incumbe. Foi o resultado d'estas observações que me dictaram as reformas que realisei n'esta Escola, substituindo n'ella pela gymnastiva nacional e educativa a gymnastica phantasista dos apparelhos. Depois d'um estudo de todos os methodos, julguei que o methodo sueco era o melhor. Appliquei-o aqui. Eis os resultados».

Semelhantemente ao que fez o coronel Balk o commandante belga mostrou tambem uma série de photographias de regimentos treinados pela antiga escola e pela escola de Ling. Perante essas photographias, o triumpho da gymnastica sueca era evidente, incontestavel.

Mas...

Alguem lhe fez notar que as photographias podiam ter sido escolhidas propositadamente. O grande professor belga não o negou accrescentando que assim o fizera para tornar mais comprovativa a differença.

Nem só Balk, nem Lefebure, fazem a sua propaganda d'esta maneira. Todos os suecos fazem o mesmo e por essa fórma, conseguem a absorpção nos paizes em que exercem a sua influencia. Damos um exemplo, para amostra. Dizem-nos que um sueco que está em Lisboa vae apresentar uma classe de gymnastica por occasião do annunciado Congresso Nacional e mais nos dizem que não a constitue com elementos vindos de qualquer parte e sem preparação mas com gymnastas, já crescidinhos, d'uma escola lisboeta...

Nota do dia

.. O desafio de hontem

Não foi interessante sportivamente, porque não houve «association», desafio de «fot-ball» hontem realisado no Stadium. E as seis mil pessoas, que o presenciaram dão uma maioria de mais de cinco mil da mesma opinião.. O facto é tanto mais lamentavel quanto é certo que se combatiam os dois melhores, mais fortes e mais homogeneos «teams» que existem em Portugal.

O Sporting atacou, «carregando» sempre mas sem «combinação», falho no seu centro de «dianteiros» e «meias-pontas», incerto n'um dos «backs», de forma que nunca se rematavam as «passagens» vindas dos «extremos». Manteve o seu jogo sempre sobre o campo contrario, dois de vinte e dois minutos sem se passar de meio campo, mas fazendo extraordinario «reboliço» em frente dos «goals», sem um «school» opportuno ou, pelo menos, certeiro. Em resumo, esteve muito inferior ao seu valor, á sua «fórma» actual, ao merecimento dos seus jogadores e até á sua composição geral de grupo.

O Benfica perante os ataques successivos do Sporting defendeu-se sempre e conseguiu boa «collocação» n'essa defeza de maneira que obteve um empate de um «goal» contra um e por vezes chegou a inquietar os adversarios. Não excedeu o jogo do Sporting, mas egualou-o. Trabalhou com muita energia e sempre com muito folego, até final. A tarde de hontem podem consideral-a como de bom prognostico para a segunda «volta», quando o jogo se fizer no seu campo e não no do Stadium, que é de sua particular antipathia...

Individualmente houve quem jogasse com acerto, mas de que serve o esforço d'um ou outro, se o conjuncto é que vale?

Como espectaculo, é que a tarde de hontem fica memoravel, porque o Stadium tinha uma enchente completa, que interessava a vista pelo imponente «ensemble». E' a maior enchente em desafios de «foot-ball» facto que deve contentar a Associação, o Sporting e o Bemfica que tinham a sua respectiva percentagem...

Algumas anecdotas

N'um dia de conferencia...

Um orador explicava a um numeroso auditorio o com grande surpreza admirativa d'este, o que era o escotismo, dizendo que elle representava uma grande escola moral, que n'elle podiam ingressar não só os fortes, como se julgava, mas todos.

—...Até os coxos podem ser escoteiros...

—Ora essa—commentava um infeliz que estava assistindo á conferencia. O que poderia eu fazer entre os escoteiros?

—Ias para a ambulancia...

—Ora que espiga!.. Isso faço eu. Passo a vida da pharmacia para o medico e do medico para a pharmacia..

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Club Naval de Lisboa

E' enorme o enthusiasmo que se nota em todos os socios d'este Club pela festa que será levada a effeito no proximo dia 22 na Sociedade de Geographia de Lisboa.

Os premios serão expostos na proxima quarta-feira na montra da Camisaria Sport, na rua do Ouro, cedida por amavel deferencia do seu proprietario o sr. Sena Cardoso, para com o Club Naval.

Por ahi se poderá avaliar da grandeza d'esta festa, cujo programma em breve publicarmos, podendo no emtanto, dizer já que após a sessão solemne da distribuição de premios haverá um magnifico concerto por uma orchestra composta dos mais distinctos maestros da capital, havendo alguns numeros de canto por gentis cantoras de nomes já consagrados por uma brilhante carreira lyrica.

Será uma noite bem passada que a direcção do Club Naval proporciona aos seus consocios e aos dignos socios da Sociedade de Geographia de Lisboa e suas familias.

A ella assistem o sr. Presidente da Republica, ministerio, Congresso, camara municipal, officialidade de terra e mar, sendo convidado tambem o corpo diplomatico a honrar esta festa com a sua presença.

Damos hoje a lista dos premios a distribuir pela secção de motor os quaes constam da «Taça Heredia» e medalhas aos vencedores do grande concurso de automobilismo nautico que pela primeira vez se realisa entre nós.

O primeiro premio foi brilhantemente ganho pelo «Esmeralda» de João Duarte Rhodes, presidente da secção de Motor do Club Naval, o qual além da taça «Heredia» em que ficou de posse até á futura epoca, uma artistica medalha de «vermeil», havendo uma medalha de prata para o 2.º classificado, o sr. Jayme Fererira, proprietario do «Fernando».

Corrida de velocidade: 1.º premio, medalha de ouro, «Vatápá», de Alberto Lavandeira, 2.º premio, medalha de «vermeil», «Alice», de D. Antonio de Heredia e 3.º premio, medalha de prata, ao «Portuguez» de Canuto Carlos Julio d'Almeida, constructor naval distincto que honra a industria nacional, e que por tal motivo, segundo uma disposição dos estatutos do Club Naval, a direcção resolveu offerecer uma medalha de «vermeil».

Lista dos restantes vencedores das differente regatas que este Club promoveu:

Em 27 de junho, quando da batalha de flores naval, realisada na praia de Algés, «Inrigers», de 6 remos (medalhas de cobre). Timoneiro, Antonio Barbosa; voga, Thomaz d'Aquino, Jacintho Faria, Carlos Lima, Manuel Brazão, Augusto Vieira e Humberto Ramos.

«Out-rigers» de 4 remos (medalhas de cobre). Timoneiro, Francisco Amoêdo; voga, Manuel Rodrigues, Mario Vasques, Adolpho Burnay e Rozendo Silva.

«Pair-oars» (medalhas de cobre). Timoneiro, Mario França, Henrique Telles e José Mourão.

Taça «Azambuja»: Organisada pela Associação Naval, que foi a vencedora no anno anterior. Ganha pelo Club Naval, cuja tripulação era formada por Roberto Cabral, timoneiro, Cosme Damião, voga, Eloy Soares Franco, Arnaldo Stocker e Carlos Bon de Sousa Carneiro.

Aos distinctos remadores serão offerecidas medalhas de «vermeil».

Taça «5 de Outubro»: Organisada pela Associação Naval e Club Naval, vencendo este que ficou de posse da taça até á proxima epoca. A tripulação era formada pelos consagrados remadores Jorge Guerreiro Ferro, Rogerio d'Almeida, Carlos Sobral e Adolpho Burnay, sendo timoneiro o sr. Roberto Cabral.

A estes serão offerecidas artisticas medalhas de «vermeil». Regatas em honra de D. José de Noronha.

«Inrigers» de 6 remos, sahindo vencedora a tripulação formada por Antonio Barbosa, timoneiro, Mario Fernandes, voga, Carlos Miguel, Oliveira Duarte, Stocker, Moura e Telles. «Pair-oars, vencedora, a tripulação formada por Mario Fernandes e Carlos Miguel, e timonada por A. Barbosa. A lista dos premiados pela secção de vela não poderá ser publicada sem que os priprietarios dos barcos vencedores, mandem a nota, já pedida, dos nomes dos seus tripulantes.

Opera lyrica

A primeira recita extrordinaria de Salomea Kruceniski

E' na proxima quarta feira que a grande celebridade artistica Salómea Kruceniski se apresenta no Colyseu dos Recreios, cantando a celebre opera *Madame Butterfly*, em que tem uma creação admiravel. Kruceniski, um dos mais eminentes sopranos da actualidade, é a diva de voz de ouro, que encanta e seduz.

São seis as recitas extrordinarias que Kruceniski dá em Lisboa, sendo uma com a nova opera *Loreley*, que nunca foi cantada em Portugal. Está quasi vendida a lotação do Colyseu para a recita sensacional de depois d'ámanhã.

Battistini, o illustre barytono

Continúa em pleno triumpho no Teatro Liceo de Barcelona o grande barytono Battistini, que está contractado para quatro recitas no Colyseu dos Recreios, debutando com o *Ernani*.

A festa de Luz Rugama

E' ámanhã que a formosa prima-donna Luz Rugama se despede do publico de Lisboa, cantando a *Traviata*, em sua festa artistica, que deve ser deslumbrante.

Os admiradores da diva preparam-lhe uma homenagem florida e brilhante.

A proposito da morte de Bartholomeu Constantino

Como se deve amparar os que deixou no mundo — Um alvitre

Foi hoje entregue ao tumulo o corpo do pobre Bartholomeu. Intransigente nas suas convicções, revolucionario por temperamento, o anarchista morto não despresava no entanto o criterio como uma das forças maiores em que escudar se pode o orientador popular. Conheci-o bem no 1.º congresso operario sindical. E se d'essa explendida reunião trouxe a certeza firme de que no seio dos trabalhadores havia uma phalange de cerebros cultos, de Bartholomeu recolhi a impressão d'um diamante por facetar mas cujas scintillações bruscas e naturaes eram bem a denuncia d'uma joia de inestimavel preço.

Tinha o dom da oratoria; palavra rapida, quasi sempre caustica, elle commovia até ás lagrimas. E eu que venho lidando ha annos nas reivindicações dos assalariados do commercio, eu que conheço bem a sorte miseravel d'esses pequenos torturados que são os marçanos, eu que deveria, portanto, descobrir todos os meandros d'esa vida de amarguras intimas, eu senti lagrimas e revoltas quando Bartholomeu, a proposito da nossa ida ao congresso, alludia, n'um repto grandioso, á infamia de patrões sobre creanças inermes.

Discutiu-se ali a influencia, proveitosa ou dissolvente, dos intellectuaes nos meios operarios. E contra uma triste corrente que domina certos trabalhadores, Bartholomeu, servido por um raciocinio admiravel, demonstrou que o repudio dos cerebros pensantes só consequencias infelizes poderia occasionar. O proletariado, actionando n'uma sociedade hibrida, convulsa mas idealista e portanto a caminho de mais claros tempos, não podia isolar-se, encerrar-se na torre de marfim das suas aspirações sem correr o risco de no isolamento realisar inconsciencias fundas que a causa malograssem e a desorientação estabelecessem. Pautando a interferencia dos intellectuaes por determinadas regras, não querendo idolos mas não temendo espantalhos, pedindo ao espirito operario muita analyse a tudo quanto escutasse, pois esse o melhor meio seria d'uma educação gradual e racionalista, o anarchista revolucionario e intransigente collocara-se assim no plano proprio de todas as evoluções estereis e amplas.

Bartholomeu morreu miseravelmente mercê da enorme indifferença de tantos que agitadamente pregam a solidariedade. Apenas palavras rubras, menos insensatez e mais actos ponderados e o anarchista desfallecido na propaganda intensa que lhe deu horas amargas de fome e de carcere, encontraria á hora da enfermidade um retiro amigo, modesto mas illuminado, com livros e ar, pão e carinho, tudo o que reconforta, aquece e a alma levanta e suavemente commove.

Morreu miseravel Bartholomeu Constantino a recorrer ao Estado, que elle combatia, para que a sua dor e a dos seus maior não fosse ainda. Mais outra mancha, a empanar principios quando instituições previdentes que se combatem quando tanto auxilio prestam, poderiam isentar a solidariedade humana de esquecimentos tão repetidos e tão desanimadores. Morreu miseravel e a mesma sorte, qual destino hereditario, acompanhará os seus. Porque se não diminue o delicto amparando os que o propagandista deixou no mundo? Quantos são esses seres, não sei; mas basta que um olhar reste e uma alma viva e se amargure para que a solidariedade menospresada possa intentar o reparo d'uma tão grande falta.

Para finalisar, ahi fica o meu alvitre. N'um dos proximos domingos o proletariado portuguez deitaria mão da enxada, da trolha, do escopro, da plaina, da penna e da lanterna e n'um gesto soberbo com que o patronato admirado se solidarisava, trabalharia meio dia. O producto d'esse trabalho extraordinario, que não embaraçava a vida economica de assalariados e patrões, deixar-se-hia no regaço da familia de Bartholomeu.

Mais expressiva e possivel resgate não poderia haver. E a Solidariedade viveria ao calor d'este lindo sol da nossa terra uma das suas horas mais commovidas e grandes.

José d'Almeida

NA AMADORA

Terceiro Serão d'Arte

Apresenta-se o corpo coral dos Recreios Desportivos

A mais linda festa que a Amadora tem annunciado é a marcada para a noite da proxima quarta-feira, no Salão dos Recreios Desportivos da Amadora. E para ser a mais linda, n'uma terra que tem justificada fama de organisar imponentes espectaculos, é preciso que se tivesse excedido a belleza do *mise-en-scene* e o cuidado da organisação do programma. Assim é. Os srs. Antonio Correia e Santos Mattos satisfizeram todas as exigencias da commissão organisadora e todos os desejos de madame Isaura Cordeiro Venancio e dos srs. Raul Venancio e maestro Fortée Rebello, principaes influentes da festa, todos empenhados em transformar o terceiro «Serão d'Arte» na mais linda e educativa diversão que se tivesse effectuado na progressiva localidade. E' um capricho? Talvez, mas esse capricho só beneficia os amadores da musica e do bello canto.

O programma é magnifico. Põe em destaque o merecimento de alguns amadores portuguezes, de piano, violino, violoncello, clarinete e, principalmente, diz o que vale a proficiencia do sr. Fortée Rebello na sua composição de um orphéon.

O corpo coral dos Recreios Desportivos da Amadora executa—podemos affirmar que impeccavelmente — trechos de Lecocq, Neuparth, Beethowen e o côro do 3.º acto da *Africana*. A sua sonoridade é egual e harmonica; a disposição dos *naipes* perfeita; as vozes são excellentes, formando um conjuncto que permitte uma interpretação impeccavel a essas inspiradas paginas de musica.

O interesse por este «Serão d'arte» é tanto que os bilhetes teem sido febrilmente «arrancados» da commissão e pedidos, com instantes rogos de serem attendidos, aos srs. Santos Mattos e Antonio Correia, nos seus escriptorios da rua do Ouro.

Tomam parte obsequiosamente nos coros as sr.as D. Adelaide Barros, D. Alda Seixas, D. Alice Pavão, D. Amelia Rodrigues, D. Bertha Fortée Redello, D. Carolina Castanheira d'Almeida, D. Gabriela Lima, D. Ilda Barros, D. Irene Lyrio, D. Izaura Cordeiro, D. Joaquina Franco, D. Laura Athayde Moreira, D. Laura Seixas, D. Laurinda Ronband, D. Maria Thereza Athayde Moreira, D. Maria Guilhermina Barros, D. Maria Amelia Lemos, D. Zulmira Gomes e os srs. Alfredo de Azevedo, Braulio Seixas, Carlos de Azevedo, Carlos Eugenio Paredes, Carlos Salazar Nunes, Eduardo Gomes, G. Mendonça, J. Miranda, J. Pinares, J. Valente, Joaquim Ferreira, José Aprigio Gomes, Jorge Athayde, Jorge Ottolini, João Sousa, Luiz Ceia, Marco Antonio Franco, P. Vianna da Motta, Raul Venancio, Santos Ferreira.

D. Aline Bastos Ferreira

Joaquim Thiago Ferreira, Elisabeth da Ourada Bastos Rodrigues, Henrique e Antonio Pedro Bastos Ferreira, Antonietta Bastos Correia, Maria Luiza Bastos Correia, Francisco Antonio Correia, Guilherme Wilfrid Bastos, A. Ilda Bastos, Lucinda Bastos, Jaquelina Bastos, João e Jorge Bastos e Amelia de Bastos Peixoto, participam o fallecimento da sua muito querida esposa, mãe, irmã, tia, cunhada e sobrinha e que o seu funeral se realisa ámanhã, 18 do corrente, da sua residencia, rua do Machadinho, 78, 1.º, para o cemiterio Oriental, pelas 12 horas.

de maio), ambas contemporaneas do começo da de Artois e que foram dadas para desviar os reforços allemães d'aquella.

Emquanto isto se passava, sir John French estava consolidando a sua posição na elevação de Aubers. Ao longo da linha dos alliados, que media approximadamente oitenta kilometros, desde o mar até aos arredores a occidente de La Bassée victoria alguma decisiva havia sido ganha por qualquer dos contendores. No resto da fronte alliada, uns 2.500.000 francezes estavam occupando as trincheiras e combates constantes ao longo de toda a fronte se travaram quasi que diariamente.

Durante os mezes em que os novos exercitos inglezes se estavam exercitando, o esforço feito pelas tropas francezas foi tremendo. Semana apoz semana, de dia e de noite, estavam sujeitas a continuos assaltos, contra os quaes tinham de dar repetidos contra-ataques, envolvendo frequentes combates corpo a corpo á baioneta e á granada de mão, de que um infindavel bombardeamento era o terrivel acompanhamento.

As victorias das batalhas do Marne e da Flandres salvaram a França, mas não haviam quebrado a gigantesca machina construida por Moltke e Roon e remodelada e alargada sob a direcção do kaiser pelos discipulos d'esses formidaveis theoricos e praticos na arte da guerra.

Joffre tinha, por todos os meios ao seu alcance, de occultar os seus planos do mais vigilante estado maior do mundo, de homens que, embora não tendo muitas das mais altas qualidades que distinguem os grandes capitães dos mediocres, examinavam por si mesmos ou por intermedio dos seus subordinados qualquer informação com a paciencia e o cuidado de homens que conhecem bem a sua profissão. O resultado era que os communicados francezes e os relatorios officiaes e semi-officiaes, o melhor material utilisavel em 1915 para uma narrativa dos feitos do exercito francez, eram deficientes em comparação até com os de sir John French.

Os communicados allemães dos combates não podem ser considerados verdadeiros. As auctoridades allemãs tinham de explicar ao povo allemão e ao povo austro-hungaro, assim como aos neutraes, por que motivo Paris não fôra ainda tomada, por que motivo os exercitos francezes, belga e inglez não haviam sido destruidos. Contar os factos de modo differente era uma necessidade e a necessidade não conhece lei.

Antes de entrarmos nos pormenores da lucta, examinemos a situação como ella se apresentava a 1 de fevereiro de 1915. «A offensiva allemã—diz um relatorio francez semi-official—foi quebrada. A defensiva allemã será por seu turno quebrada». Quão poucos dos soldados dos alliados que marchavam para o sul no fim d'agosto de 1914 imaginariam que taes palavras seriam escriptas por um francez cinco mezes depois!

As mudanças operadas na composição do exercito francez durante esse intervallo foram tres principalmente. Os velhos generaes e officiaes tinham, na maior parte, sido desligados do serviço. Os seus logares—e os logares de outros de provada incompetencia—foram occupados por homens mais novos ou mais habeis: «A habilidade demonstrada no campo de batalha—observava-se—é immediatamente reconhecida e utilisada... O exercito é guiado por jovens, exercitados e audaciosos chefes e os officiaes mesmo os menos graduados adquiriram a arte da guerra por experiencia propria».

Quanto á sua força, o exercito francez contava a esse tempo mais de 2.500.000 homens, que, juntamente com os soldados inglezes e belgas, obstruiam no dia 1 de fevereiro de 1915 o caminho ao kaiser. E não menos de 1.250.000 homens estavam nos depositos promptos a preencher as vagas que se iam dando. A qualidade das tropas havia melhorado. Durante os mezes precedentes a infantaria franceza havia adquirido grande superioridade sobre os allemães. A cavallaria era superior á

«No Sereth, no districto a sudoeste de Trembovla, da nossa offensiva, que desenvolvemos no dia de antehontem, resultou uma victoria tão importante como a que alcançámos proximo de Tarnopol.

«Durante os dias 7 e 8 aprisionámos ahi 150 officiaes e 7.000 homens, tomando trez canhões e trinta e seis metralhadoras. As nossas perdas

O capitão Turner, passando n'uma rua de Queenstown apoz o afundamento do «Lusitania»

foram pouco importantes. Hontem á tarde o inimigo retirou apressadamente, perseguido pelas nossas tropas, para o rio Stypa.

«Desde 3 do corrente as nossas victorias em toda a fronte do rio Sereth deram-nos os seguintes resultados: 383 officiaes e mais de 17.000 homens aprisionados, 14 canhões de grosso calibre, 19 canhões ligeiros, 66 metralhadoras e 15 lança-bombas tomados.

«Além d'isso, os nossos exercitos estão firmemente e resolutamente executando o movimento conforme com o objectivo que temos em vista e encaram o futuro com confiança».

A 9 de setembro a batalha continuava no districto entre Trembovla e Chortkoff.

«Os austriacos foram forçados a bater em precipitada retirada—diz o communicado russo—e segundo os calculos feitos aprisionámos 5.000 homens e 16 officiaes». No dia seguinte a batalha continuou ao longo de toda a linha desde Tarnopol a Tluste, n'uma fronte de cêrca de oitenta kilometros.

Tluste, uma pequena e pobre cidade na linha ferrea de Zaleshchyki-Chortkoff, é o entroncamento de quatro estradas de primeira classe e trez secundarias. Do noroeste, uma magnifica e ampla estrada leva de Buczacz por Koszylovtse, atravessando Tluste, para Ustsie Biskupie.

De Zaleshchyki, uma outra estrada principal atravessa Tluste na direcção do norte, levando por Chortkoff e Trembovla para Tarnopol. Devemos dizer que Tluste não fica no Sereth. Estrada alguma importante segue ao longo dos rios ao sul da linha Buczacz-Chortkoff. O alto plató aberto entre os rios é preferivel aos seus extensos e fundos desfiladeiros.

As tropas do general von Pflanzer-Baltin estavam no começo de setembro em um semi-circulo em redor do importante entroncamento do caminho de ferro proximo de Chortkoff. Um movimento convergente de Buczacz e de Tluste foi contra elle dirigido; foi contido pelos russos e a 10 de setembro os austriacos tinham de bater em retirada precipitada de Tluste para Zaleshchyki.

A lucta entre o Sereth e o Strypa continuou durante as seguinte semanas, fazendo os russos elevado numero de prisioneiros. O numero total feito pelos exercitos do general Ivanoff durante o mez de setembro excedeu a 100.000.

Entretanto na Volhynia os russos não só conseguiram deter o avanço do inimigo, mas apoz violenta lucta retomaram, a 23 de setembro, a fortaleza de Lutsk, aprisionando oitenta officiaes e cêrca de 4.000 homens.

A 5 de setembro, foi publicada a seguinte ordem do exercito assignada pelo czar:

Annuncio

3.ª Direcção de Obras Publicas do Districto de Lisboa

5.ª secção — Conservação de estradas

Construcção de um cano no Rocio Oriental de Grandola no prolongamento do aqueducto que se acha edificado ao kilometro 80,026 da Estrada Nacional n.° 50 — Lançada a S. Thiago do Cacem.

Faz-se publico que no dia 8 de fevereiro de 1916, pelas 13 horas, na secretaria da administração do concelho de Grandola, sob a presidencia do respectivo administrador se procederá á arrematação por propostas em carta fechada da construcção completa do cano acima referido.

Base da licitação. . . . . 1.620$00
Deposito para poder licitar. 40$50

As medições do typo do cano, caderno de encargos e condições especiaes d'esta arrematação, acham-se patentes na administração do concelho de Grandola (secretaria) e na da secção em Lisboa, Torreão Oriental da Praça do Commercio, todos os dias não feriados desde as 11 ás 16 horas.

Lisboa, 28 de dezembro de 1915.

O Chefe dos Serviços de Conservação
(a) *Ildefonso Tito Guedes*
(Conductor)

Venda ou exploração de privilegio

Deseja-se vender ou conceder licenças para a exploração das seguintes patentes:

N.° 5181 concedida em 28 de fevereiro de 1906 para «Uma disposição de freio de vacuo para augmentar a rapidez da propagação do travamento normal ou de serviço».

N.° 5193 concedida em 10 de março de 1906 para «Uma disposição de freio de vacuo com valvula de distribuição intercalada entre a conducta geral e os cylindros de freio».

Informações: A. Dornellas, Agente Official da Propriedade Industrial, 6, Praça do Rio de Janeiro, Lisboa.

R. I. P.

D. Herminia Candida Alves da Silva Fernandes

Maria da Piedade Alves da Silva, Antonio Alves da Silva, sua mulher e filhos (ausentes), Carolina da Piedade Silva Vilela, Eugenio Vilela Cordeiro e sua mulher Maria Amelia de Castro Athayde Cordeiro, participam a todas as pessoas de suas relações o falecimento de sua querida irmã, cunhada e tia D. Herminia Candida Alves da Silva Fernandes, devendo o seu funeral realisar-se amanhã, 18 do corrente, pelas 3 horas da tarde, sahindo o prestito funebre da casa da sua residencia, Avenida da Republica, 10, 1.°, esquerdo, para o cemiterio Oriental.

«A partir de hoje assumo o commando supremo de todas as forças de mar e exercitos de terra que operam no theatro da guerra.

«Com firme fé na clemencia de Deus, com inabalavel certeza na victoria final, cumpriremos o nosso sagrado dever de defender até ao fim o nosso paiz. Não deshonraremos a terra russa.— (Assignado) — **Nicolau**—Quartel general».

Ao assumir o commando supremo das suas esquadras e dos seus exercitos, como se vê, o imperador da Russia expressou a resolução inabalavel de todo o seu povo e do seu governo de luctarem até ao fim pela causa do Direito e da Justiça.

Do modo como Nicolau II tem sabido proceder e da sua vida de trabalho e de sacrificio—pode mesmo dizer-se — na fronte occupar-nos-hemos em outro capitulo.

CAPITULO IX

A offensiva-defensiva franceza

Tratámos já pormenorisadamente da primeira offensiva franceza na Alsacia, na Lorena e nas Ardennas, da série de batalhas no Mosa e no Sambre e da gloriosa retirada dos alliados para as margens do Marne. Descrevemos tambem as batalhas do Marne e do Aisne, as condições em que Paris se encontrou durante os dias terriveis em que a sorte dos parisienses, da França e do proprio mundo civilisado esteve em jogo, assim como as batalhas de Roye-Péronne e Arras pelas alas occidentaes dos exercitos inimigos que se estendiam de Compiègne a Nieuport Bains no Mar do Norte.

A batalha da Flandres, incluindo os numerosos combates conhecidos pelos nomes de batalha do Yser, primeira batalha de Ypres e batalha de Armentières-La Bassée foram, póde dizer-se, o fecho d'essa primeira phase da lucta.

Tratámos egualmente da desesperada resistencia opposta pelo exercito belga, que conseguira escapar de Antuerpia, e da resistencia, coroada de exito, dos exercitos do general d'Urbal e de sir John French á ultima tentativa do kaiser para envolver ou romper a ala esquerda dos alliados na fronte occidental, assim como démos pormenores da campanha do outomno de 1914 e do inverno de 1915 no centro e no oriente da França.

Vamos dar agora um resumo das principaes operações levadas a cabo pelos francezes desde o fim da batalha da Flandres até aos movimentos preliminares para a batalha de Artois, que começou a 9 de maio de 1915.

Entre essas datas, ao norte da La Bassée deram-se a sangrenta batalha de Neuve Chapelle, os combates de St. Eloi e da cota 60 e a segunda batalha de Ypres, em que os canadianos se bateram pela primeira vez com os allemães e em que estes empregaram pela primeira vez os gazes asphyxiantes. Tambem já falámos da lucta das tropas inglezas, francezas e belgas no norte da La Bassée de 11 de novembro a 9 de maio, da batalha de Aubers (9 e 10 de maio) e da de Festubert (15 a 18

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1958—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 18 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Portugal na guerra

Aos trechos do artigo do *Times* que temos transcripto da versão da *Lucta*, analysando-os, segue-se mais esta:

«Tal projecto (o do envio d'uma força expedicionaria á Flandres) foi posto de banda, não por falta de zelo do governo ou do povo portuguez, mas por motivo de certas difficuldades materiaes em que se não tinha feito reparo no enthusiasmo dos primeiros momentos. Reconheceu-se que o exercito não estava preparado e que o thesouro não tinha fundos sobrecellentes á sua disposição. Alem d'isso, um pouco de reflexão calma suggeriu duvidas sobre a conveniencia (wisdom) de enviar tropas portuguezas para o estrangeiro (abroad) n'uma occasião em que outros problemas poderiam exigir serio exame. Havia que attender ás exigencias da defeza nacional; em Africa as grandes colonias de Moçambique ou Angola, na visinhança de territorios allemães, poderiam carecer, no caso de serem atacadas, do auxilio da mãe patria. Taes considerações não poderiam ser esquecidas, e, assim, assentou-se, provisoriamente, em que Portugal serviria mais utilmente a causa commum evitando um rompimento com a Allemanha, e guardando os seus recursos para futuras necessidades».

Que, realmente, o receio de que os allemães, visinhos das nossas colonias, nos poderiam aggredir, não era infundado, provaram-o sangrentos factos, entre os quaes o combate de Naulila occupa o logar principal. Por isso mesmo, Portugal tinha razões para enviar á Africa as forças que mandou e que constituiram a expedição mais importante que temos enviado aos nossos dominios ultramarinos.

Quanto á intervenção militar na Europa, o *Times* declara que ella se não fez, porque os alliados entenderam que era mais conveniente não a realisar desde logo. Ella porém, não foi posta de parte. Apenas aguarda uma occasião opportuna. E' o que d'uma maneira clara e terminante expressa o termo: *provisoriamente*. Só provisoriamente é que a situação actual se mantem, e de ahi a justificação da preparação para a guerra que se tem feito e continua a fazer no nosso paiz. Ninguem ignora, porque ella não se faz a occultas. E que se tem trabalhado activamente n'esse sentido prova-o o facto de terem ardido dezenas de milhares de fardamentos no incendio de Santa Clara.

Esses fardamentos serão substituidos. A preparação militar seguirá. Portugal não interveio ainda, não porque se houvesse recusado a fazel-o, ou hesitado no cumprimento do seu dever, mas em virtude de conveniencias da causa dos alliados. E a Inglaterra, é o *Times* que o affirma, considera apenas como provisoria esta abstenção, pode dizer-se forçada, do exercito portuguez no grande conflicto internacional. E' pois falso que a Inglaterra despreze o nosso auxilio, é pois falso que nós estejamos justificadamente deprimidos no conceito dos alliados. A responsabilidade do ainda não termos participado na guerra europeia, não é nossa. E o *Times*, que não se pode presumir que fale sem o conhecimento das coisas, affirma que esta situação é provisoria, assim como mais adiante, e vel-o-hemos ámanhã, não duvida reconhecer que do sacrificio a que accedemos nos tem derivado uma situação que temos todo o direito de desejar que rapidamente seja substituida por outra, mais consentanea com os nossos legitimos interesses e as nossas profundas aspirações.

Pelo telegrapho

A lucta no theatro occidental

PARIS, 18.—Communicação official das 15 horas:

Durante a noite houve canhoneio intermittente em diversos pontos da linha, mas nenhum acontecimento importante a registar.—(*Havas*))

PARIS, 18.—Communcaição britannica. Bombardeámos efficazmente Frelinghiens Zwartelern. Ao norte de Ypres provocámos um grande incendio na rectaguarda das linhas allemãs.—(*Havas*).

O cambio sobre Berlim

AMSTERDAM, 18.—O cambio sobre Berlim passou hoje de 42,10 a 41,40.—(*Havas*).

Os russos entre os turcos

PETROGRADO, 17.—Official.—No Caucaso repellimos duas tentativas dos turcos para para passarem a margem direita do Arkhave.—(*Havas*).

O serviço militar obrigatorio e a Irlanda

LONDRES, 18.—Camara dos Communs. Foi retirada de discussão uma emenda tendente a incluir a Irlanda na alçada da lei do serviço militar obrigatorio. A Camara está actualmente discutindo outras emendas sem interesse.—(*Havas*).

Gréves academicas

Os alumnos do Instituto Superior Technico declararam-se hoje em gréve, como acto de solidariedade com os seus collegas de Coimbra e Porto.

O Porto n'"A Capital,,

Serviço telegraphico e telephonico

18,15

O orçamento municipal

No orçamento ordinario da camara municipal do Porto, que acaba de ser distribuido impresso, proveem-se as receitas para o corrente anno 1.973.331$80 e as despezas em egual quantia, figurando nas primeiras a verba 600.000$00 para melhoramentos publicos, a de 120.000$00 para construcção do novo matadouro municipal, a de 100.000$00 para a do novo mercado do Bolhão e a de 183.344$65 para fundo do de instrucção primaria.

Noticias parlamentares

Desde que funcciona a Camara dos Deputados ainda não se intrometteu em coisas de monta. Tem andado cá por baixo, muito terra a terra, como as aves derreadas, a quem a velhice não deixa tentar altos vôos. Como tem de estar aberta, cumpre essa missão. Mas como ter as portas escancaradas e trabalhar são coisas diversas, a Camara limita-se a abrir e a fechar todos os dias, quasi automaticamente, e mais nada. Ha quem se amofine com isto. Mas sem razão. E' que não fazendo nada, os srs. legisladores levam ao paiz apenas o subsidio. E alguem póde suppôr o que lhe levariam se as leis sahissem ás toneladas de S. Bento.

* *

Outro trecho classico. Este é do sr. Albino Vieira da Rocha, um moço que não deixa os seus talentos ao esquecimento e que, no parecer de que faz preceder o projecto das subsistencias, hoje discutido na Camara, diz, a certa altura, o seguinte: «Na base 7.ª prevê-se a possibilidade da Manutenção Militar comprar e vender materias primas e mercadorias de primeira necessidade, e na base 8.ª quaesquer corpos ou corporações administrativas, cooperativas e a Provedoria Central da Assistencia de Lisboa, mediante auctorisação do governo, realisar venda de generos destinados á alimentação publica». Ha quem diga que o sr. Vieira da Rocha occupa cathedra n'uma escola superior. Tem meritos litterarios para isso. O transcripto que o diga.

* *

O jogo. A batota. Joga-se? Não se joga? Ignora-se. Ou, antes toda a gente o sabe menos o sr. ministro do interior. Disseram-lhe hoje na camara que, pela Baixa, em pleno dia, se distribuiram prospectos reclamando certas casas de tavolagem. Ficou embasbacado o sr. ministro. E registou. Disseram-lhe mais que a batota não afrouxava, e o sr. Ribeiro rasgou, n'um esgar de admiração, a bocca até ás orelhas. Affirmaram-lhe ainda outras coisas não menos graves e a surpreza ministerial foi tal e foi subindo tanto, que não faltou quem receiasse que o sr. Ribeiro desse um estoiro, á força de se admirar tal e qual como uma cigarra, á força de cantar. *D'essa catastrophe ainda escapou* hoje o Paiz. Valha-nos isso...

* *

O sr. governador civil de Villa Real teve uma ideia assombrosa e bizarra. Ponderou ao governo que se constituissem, segundo os tipos de casas regionaes, as estações da linha ferrea de Vidago a Chaves, tão artisticos e tão tipicos são os modelos que podiam adoptar-se O. sr. Manuel Anjo secundou no Parlamento essa ideia e disse, a proposito, que a projectada estação de Chaves é um monstro inconcebivel, sendo necessario substituir esse projecto por outro, para que o bom gosto não leve um rombo incuravel. Apoiado. E' preciso, porém, ter cuidado. Portugal é o paiz das coisas excessivas. E assim, se a moda pega, bem provavel é que a linha ferrea de Cascaes, venha a ter um dia o seu terminus no mosteiro de Belem, que é, em Lisboa, a estação mais artistica que pode alcançar-se...

* *

O sr. Arthur Costa lá nos mostrou hoje mais um pequenino, mas fulgurante farrapo, da sua eloquencia, que têm feito, n'estes ultimos cinco annos, grandes progressos. Lisboa sempre é melhor, para esses exercicios linguisticos, do que Figueira de Castello Rodrigo. Foi o caso que, tendo de mandar para a meza um projeticulo qualquer, o sr. Costa sentiu-se obrigado a explical-o aos confrades. E disse que esse projeticulo tinha por fim *transformar* a povoação de Vale de Paraizo em parochia civil. Esta só lembrava ao sr. Costa! Bem sabemos que lhe faltou o termo exacto. Mas quem tem culpa d'isso? Em geral, os termos proprios faltam sempre a quem como o sr. Costa, dispõe de uma verbosidade torrencial. E se no seu Vale de Paraizo o sr. Costa, em vez d'uma parochia collocasse as Onze mil Virgens. Então é que ficava obra fina e de respeito...

* *

E' na quinta feira que são expostas ao publico, na Camara dos deputados, as *maquettes* que figuraram no concurso para a estatua da Republica, aberto em S. Bento. No genero das coisas extraordinarias, ha muito que, em materia d'arte, não se dá em Lisboa acontecimento semelhante. A exposição deve, por esse motivo, obter um retumbante successo. Em nossa opinião, foi esta a primeira revelação do *cubismo* em Portugal. O que serão as outras? Só os auctores das *maquettes* que o publico depois d'amanhã vae apreciar, o podem dizer. Ha, porém, todas as razões para suppôr que nem elles são capazes de pôr em pratos limpos aquillo que tiveram em vista ao modelarem tão exoticos marrachos...

REGRESSO AO LAR

Nascimento Fernandes, alpinista

Dois dedos de palestra com o popular actor do Eden-Theatro

Em principios de novembro, por uma d'essas tardes nostalgicas de Paris,—tardes de bruma e de tedio que tão perturbadora influencia exercem nos nervos meridionaes—fez o acaso amigo com que se me deparasse a figura familiar do Nascimento Fernandes, de jornada para a Suissa. Deprimido pelo natural esgotamento de quem, durante consecutivos annos, não sabe o que seja repouso, ia o popularissimo artista submetter-se a uma cura de isolamento e de descanço no sanatorio de Davos. A viagem, interminavel e monotona, fatigára-o em excesso; a perspectiva de dois mezes passados longe da patria e dos amigos aterrava-o; sorria a custo, e um panico infantil dominava-lhe, no espirito, aquelle sadio temperamento de bohemio que d'elle fez o actor dilecto do publico das revistas.

Quando uma noite, na gare de Lyon, o estreitei nos braços, no liminar da ultima «étape» da jornada, Nascimento Fernandes dizia-me com um clarão de esperança a illuminar-lhe o olhar:

—O que me vale é a companhia do França. Se tivesse de lá estar sósinho, despedia-me já de ti para sempre, porque imagino que iria morrer de pasmo...

Quando chegou a Davos Platz, a primeira noticia que lhe deram foi a da morte do pobre França Borges, que na vespera se finára longe dos seus, n'aquella nevada solidão dos Alpes. A neurasthenia do artista aggravou-se. Se uma resolução lhe não custára um pouco de esforço, que os seus nervos fatigados lhe não podiam facultar, nem sequer teria desfeito as malas. Passou-lhe pela cabeça partir de novo, immediatamente, e fugir d'aquella paisagem triste, cheia de neve e de pinheiros, onde a luz do dia, coada atravez dos flocos que incessantemente se desprendem do céu, tem qualquer coisa de crepuscular e de espectral... Mas o seu proprio estado de abatimento impediu que renunciasse aos setenta e dois dias de salutar repouso que vem de passar na Suissa, d'onde hontem o vimos regressar, todos os que como eu, o estimam e admiram.

...Pois vem magnifico, o nosso Nascimento Fernandes. O sol da peninsula despertou-lhe na alma o bom humor, de outros tempos, a physionomia retomou aquella antiga expressão impregnada de bonhomia e de bondade, que tão bem se harmonisa com as suas qualidades moraes. Em Campolide, alguns amigos anciosos por lhe darem o primeiro abraço de boas vindas, arrancaram-no do vagon, e trouxeram-no de automovel, Avenida abaixo, até ás portas do Eden theatro. Sim, que era natural encontrarem-se ali collegas seus que deveres profissionaes teriam impedido de o ir saudar á chegada... O artista, longe de suspeitar da surpreza que o esperava, subiu a escadaria do theatro e quedou-se, preso de commoção, á vista do palco. As duas companhias, do Eden e do Avenida, recebiam-no com flôres: as orchestras de ambos os theatros executavam uma musica festiva. Alvaro Cabral, em meia duzia de palavras amigas e sinceras, interpretou o jubilo de todos, como já na vespera á noite Antonio Gomes accentuára na tabella do theatro Avenida. Foi tão forte a emoção de Nascimento Fernandes que mal poude articular um simples agradecimento, e seguiu para casa, com as lagrimas nos olhos.

Dirigi-me, á noite, ao theatro onde trabalha e onde é societario para colher as suas impressões. Fui encontral-o no meio de um circulo de amigos que o escutavam, enlevados. Nascimento Fernandes estava exhuberante. Era o mesmo cavaqueador de sempre, prodigioso de «blague» e fertil em paradoxos, rematando sempre os episodios com um convite original ou uma phrase imprevista—como finaes d'acto. Atravez da sua evocação, a propria nostalgia e o tedio classico dos exilados tomam como que uma feição de humorismo singelo, cheio de contrastes e semeado de allusões intencionalmente disparatadas. Quando cheguei, manifestava o seu proposito de escrever um livro que é uma revelação: o «Novo Guia do Viajante na Suissa».

—Porque vocês não imaginam o que é a Suissa. Tudo aquillo é muito mais extranho do que podemos entrever na famosa confidencia de Bompard ao Tartarin. A Suissa precisa ser revelada, com as suas montanhas movediças, os seus comboios puxados a kangurus, os crocodilos domesticos do lago de Zurich, as suas caçadas famosas ao urso pardo...

—E abundam, os ursos?—pergunta, chocarreiro, alguem do grupo.

—E abundam... Se abundam! Vêem-se por toda a parte, pendurados nas arvores, formando verdadeiros cachos. Para os apanharem—accrescenta, com comica seriedade de irresistivel effeito—serram-se as arvores pela manhã, ao nascer do sol... E' o preceito.

Rise, interpella-se, inquiri-se. A «charge» inspirada no famoso proverbio «a beau mentir qui vient de loin» é magnifica. Agora, são episodios da sua existencia de alpinista:

—Resolvi usar galochas desde o primeiro dia que sahi sem ellas. Dei tanto trambulhão em cima da neve que parecia uma cavaca no ar! Se não fosse fazer uma cura de repouso, não me importava: mas vocês comprehendem que parecia mal, não é verdade?

—E patinagem? E sport de inverno?

—Andei de «boby», de escantilhão, pelas montanhas abaixo. De vez em quando, mal me descuidava com um pé, dava trez voltas e ficava com a cabeça enterrada n'um monte de neve... Deixei-me d'isso...

Nascimento Fernandes alpinista e caçador do urso pardo, não podia deixar de ser poliglotta. A sua palestra é a miude entermeada de locuções russas, allemãs, francezas ou italianas. Conta que, no regresso ao lar, a sua boa companheira Amelia Pereira e a creada o cercaram surprezas, sem responderem uma palavra sequer ao enthusiastico discurso que articulava.

—Imaginem vocês! Esqueci-me, e distrahidamente estava-lhes a falar em allemão. «Jawohl!» Vejam o que faz o habito... Ellas não entendiam, mas não admira, porque tambem em Davos nenhum helvetico me entendia, embora eu venha convencido de que lhes falava na mais pura linguagem de Goethe e de Schiller. E' o que faz a ignorancia dos classicos.

—Mas tu entretinha-se com alguem...

—Decerto. A' noite, costumava jogar no pucaro com um francez, um allemão, um russo e um austriaco. Era uma torre de Babel.

—E como te entendias com elles?

—Não sei. Andei duas semanas a pensar no caso mas depois deixei-me d'isso.

E após uma ligeira pausa proseguiu:

—Com quem perfeitamente me entendia era com os pardaes. O balcão do meu quarto, onde eu fazia a minha cura quotidiana de ar livre, era o nosso «rendez-vous» habitual. Ao principio appareceram dois: dei-lhes uma pera. Aquillo decerto passaram palavra, porque ultimamente costumavam reunir-se quarenta e quatro, e a fructa encarecia cada vez mais em Davos...

Os episodios succedem-se, uns após outros, entre os alegres commentarios que saltitam de todos os lados. Os ocios do artista eram dedicados á confecção de uma peça de carnaval, intitulada «Gustão myope» ou o «Homem de Pedra». Foi-lhe apprehendida na fronteira franceza, em Pontarlier, bem como todos os seus papeis e correspondencia.

—Aquillo, a estas horas, já deve estar traduzido e representado nas trincheiras, accrescenta o jovial artista.

Em compensação, obteve uma deliciosa comedia em 3 actos do nosso illustre representante em Berne, o sr. Antonio Bandeira, que o Eden theatro nos dará provavelmente esta epocha ainda.

A viagem ia acabando mal. Vinte kilometros ao sul de Medina, os expressos chocaram-se, horrivelmente. Houve mortos e feridos, e, o que é peor, uma falta absoluta de soccorros urgentes. Conta Nascimento Fernandes que os passageiros se viram forçados a esperar, ao frio cortante da noite, desde as duas horas da madrugada até ás nove da manhã, antes que chegassem os primeiros soccorros. A evocação d'este incidente que lhe ia custando a vida é um capitulo de tragedia que não cabe entre as notas desataviadas d'este artigo.

E como, a certa altura, o popular artista me visse rabiscar á sucapa um ou outro apontamento, segurou-me na mão e disse-me:

Muito a sério. Se os prelos teem de gemer, que não esqueçam as minhas palavras de profundo reconhecimento a todos os meus amigos que tanto me cumularam de attenções, e em especial áquelle a quem me liga um sentimento verdadeiramente fraternal, e que foi o primeiro a abraçar-me hontem, á minha chegada em Campolide...

Fica satisfeito o desejo do sympathico actor.

Hermano Neves

SURPREZAS DA GUERRA

A situação do Montenegro

Não se trata de uma traição, mas apenas de uma fatalidade que nada influe nas consequencias da guerra

Muita gente viu com anciedade, nos telegrammas publicados pela imprensa da manhã allusão á nova attitude do Montenegro como um desastre para os alliados. Ora o facto é que, ainda que se confirme a decisão do rei Nicolau de entabolar com a Austria negociações de paz, o termo da guerra não pode ser em coisa alguma influenciado por essa paz separada. Na realidade, o Montenegro não tinha adherido ao pacto de Londres, onde as grandes potencias belligerantes se comprometteram a não entrar em relações com o inimigo senão conjunctamente. Não adheriu, nem era preciso que adherisse. A sua entrada na guerra tinha apenas um significado moral que nada perdeu da primitiva grandeza; era a expressão de um protesto e de uma solidariedade.

Correu sangue. Os 30.000 bravos montenegrinos do rei Nicolau defenderam-se até á ultima extremidade contra invasores incomparavelmente mais numerosos. Para se proseguir actualmente na defeza do seu exiguo territorio, seria preciso mandar-lhes o auxilio de, pelo menos, com mil homens. Encarando, como devem ser encaradas, com espirito pratico estas coisas da guerra, valeria a pena sacrificar alguns corpos de exercito na defeza de uma questão que, ao concluir-se a paz na Europa, ha de ser resolvida conforme todas as normas da justiça e do direito? Evidentemente, não.

Não é no Montenegro que se poderiam passar as acções decisivas. Ao Montenegro foi portanto conferida inteira liberdade de proceder. Luctou, até onde poude. Foi vencido. Mas essa victoria dos austro-allemães tem um caracter mais provisorio do que á primeira vista parece. De resto, não podem os imperios centraes tirar grande motivo de gloria com o seu apparente triumpho: a gloria cabe, pelo contrario, intacta ao pequeno reino balkanico, que não duvidou pegar em armas logo que aos seus irmãos servios foi cuspida nas faces a primeira affronta austriaca.

A Allemanha, a Austria, a Bulgaria, a Turquia, quatro potencias que dispõem de milhões de soldados e de enormes recursos, venceram o Montenegro. Pois podia porventura alguem esperar outra coisa, por maior que fosse a coragem do pequeno exercito d'este paiz?

Não, não. Convençamo-nos d'esta verdade, por que não pode ser outra a verdade. Se o Montenegro pediu a paz, não foi decerto antes de terem sido escutadas as opiniões dos governos alliados. A questão ha de resolver-se e—quem sabe?—não tardará talvez muito que os valorosos soldados do rei Nicolau possam, após este incidente que não passa de um armisticio imposto pela força das circumstancias, festejar juntamente com os outros soldados da Quadruplia a victoria definitiva e commum sobre um inimigo, forte sem duvida, mas que não pode considerar-se invencivel.

O incendio de Santa Clara

Uma nova prisão por suspeita

Os trabalhos de rescaldo nos escombros do edificio onde estava installado o Deposito Central de Fardamentos ainda não terminaram, vendo-se ali durante o dia de hoje um piquete de 6 bombeiros sob as ordens do chefe de secção sr. Alfredo Antonio de Almeida. Como hoje fosse o dia destinado á costumada «Feira da Ladra», a concorrencia ao local do sinistro foi em maior numero, mas o mercado apenas se limitou á parte superior do jardim como aconteceu no sabbado passado. Como nos demais dias a policia e guarda republicana não consentem a approximação dos curiosos junto do edificio. Todos os objectos que não ficaram completamente inutilisados estão já sendo removidos em carroças da administração militar para a Fabrica de Armas, de Canhões e Conventinho do Desaggravo, sendo toda a remoção auxiliada por empregados que fazem serviço no Deposito e por militares. Todos esses serviços são dirigidos por sargentos os quaes se limitam a dizer que não podem fazer quaesquer declarações em virtude de ordens superiores.

Embora os jornaes noticiem que o sr. director da policia de investigação já terminou as suas diligencias, tal não é verdade visto que o seu auxiliar, o chefe ...ino Sarmento, esteve ouvindo hoje o senador e director do Deposito, tenente-coronel sr. Vasconcellos Dias, dr. Eduardo Schultz, Antonio Clemente, o servente Ignacio, do Deposito, e o bombeiro voluntario da 1.ª secção Joaquim Preto.

Todos esses interrogatorios foram reduzidos a auto. Como suspeito, foi preso o servente do hospital de S. José, José Lourenço Barbosa, que recolheu a uma esquadra incommunicavel. As diligencias continuam, devendo ámanhã ser ouvidas outras pessoas.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

Lições sobre a guerra actual

por Correia dos Santos

O capitão sr. João Antonio Correia dos Santos, um dos nossos escriptores militares que mais se tem dedicado aos assumptos da sua especialidade e que é ao mesmo tempo um distincto professor, reuniu n'um pequeno opusculo, que fez acompanhar de desenhos elucidativos, as conferencias por elle realisadas no regimento de infantaria 5.

Foram quatro essas conferencias e n'ellas versou o capitão Correia dos Santos problemas que se prendem com o actual modo de fazer a guerra, havendo portanto muito a aprender no seu livro, que tem ainda a grande qualidade de ser escripto n'uma linguagem simples e clara, accessivel a todos.

Tribunaes militares

Sob a presidencia do coronel sr. Esteves Pereira, servindo de promotor de justiça o capitão sr. Abreu Castro, de juiz auditor o sr. dr. Antonio de Campos e a defeza a cargo do sr. dr. Alvaro Camara, reuniu-se hoje o 2.º tribunal territorial de guerra, para julgar o tenente da administração militar Flavio Nunes Sampaio, accusado de ter desfalcado em 200 escudos o grupo de artilharia aquartelado em Setubal. Por falta de provas o réu foi absolvido.

No mesmo tribunal responde no proximo dia 21 o capitão da administração militar sr. João Augusto Correia Oliveira, accusado de ter desviado a quantia de 10.000 escudos, pouco mais ou menos, da 8.ª repartição da 2.ª direcção da secretaria da guerra, quando ali desempenhou as funcções de chefe.

Alteração do preço dos generos

Sob a presidencia do sr. governador civil reuniu hoje a commissão de subsistencias a fim de apreciar varias propostas que lhe teem sido submettidas e nas quaes os commerciantes e armazenistas pedem o augmento do preço do bacalhau, vinagre, que querem que passe de 7 para 10 centavos, carne, pão, petroleo, semea, milho, gazolina, que augmenta 800 réis em caixa, sabão, assucar, velas e outros generos. Travou-se larga discussão sobre o assumpto, constando que alguns dos membros da commissão vão pedir a demissão.

PORTALEGRE, 17.—Os generos de primeira necessidade estão subindo de uma maneira espantosa. O gado suino está-se vendendo a 6$00 e 6$20 cada 15 kilos, havendo pouco gado já por vender, pois os marchantes o teem comprado quasi todo, chegando na feira de Ponte de Sôr tanto o gado suino como o vaccum a um preço exorbitante.

A industria de salchicharia este anno é muito reduzida, pois as casas mais importantes teem comprado pouco gado, receiando prejuizos consideraveis, como succedeu no anno passado.

A tabella que em tempo a commissão de subsistencias estabeleceu deu origem, pelo seu baixo preço, a que os lavradores não trouxessem gado algum ao mercado d'esta cidade, aproveitando os marchantes esse facto para o comprarem quasi todo, dando origem a que os salchicheiros actualmente, para adquirirem gado, o tenham que comprar aos marchantes, por preços elevadissimos.

E' um prejuizo consideravel para esta cidade, pois a salchicharia, que é uma das suas principaes industrias, é, como dissemos, este anno insignificantissima.

ATRAVEZ DAS ESCOLAS

A musica e o canto coral

Como se ensinam no lyceu feminino, segundo o professor Thomaz Borba

Evidentemente que o lyceu feminino tem sido um dos nossos institutos de ensino official que mais melhoramentos tem introduzido, que mais progressos vem accentuando n'estes ultimos annos de renovação da Sociedade portugueza.

Embora n'aquelle velho casarão do largo do Carmo que ameaça a cada momento desmantelar-se, entre paredes que, se não estão já em ruinas, é por uma affrontosa ironia ao imperio destruidor dos tempos—a antiga escola Maria Pia tem dentro d'esse corpo carcomido uma alma moça, insufflada pelos mais bellos ideaes de educação moderna. Dirigida, logo depois da sua transformação em lyceu, pela sr.ª D. Domitilia de Carvalho, occupa hoje a reitoria o sr. Caetano Pinto que não descança no empenho de desenvolver o emprehendimento da sua illustre antecessora.

Já «A Capital», em uma minuciosa reportagem feita nos ultimos dias do anno lectivo que findou, procurou pôr em relevo as innovações por que teem passado os lyceus masculinos de Lisboa; nada mais justo, portanto do que salientarmos a obra nova, e por todos os titulos notavel, que se vem construindo no nosso mais antigo estabelecimento de instrucção secundaria official para o sexo feminino.

Uma feliz inspiração levou-nos hontem ao caminho do sr. Thomaz Borba, professor de musica e de canto coral d'esse lyceu que era acompanhado pelo sr. Arthur Lobo de Campos a quem está confiada a aula de arte de dizer do mesmo instituto. O primeiro é o mestre e o poeta da musica que as senhoras muito bom conhecem; a intensidade, a elevação, a grandeza da sua inspiração e do seu sentimento só encontram equivalente na sua cultura que o faz sondar os segredos mais subtis da arte, de que é sacerdote, á maneira de um chimico dentro do seu laboratorio... O segundo é um espirito cultissimo, tendo vivido sempre entre bons livros e amando a litteratura como a mais dilecta filha da sua alma. E ambos são dois professores distinctos, procurando conjugar, fundir, completar os interessantes programmas das suas aulas.

D'este encontro, veiu naturalmente o desejo de escutarmos o sr. Thomaz Borba sobre a orientação e a acceitação que tem tido a sua cadeira de musica e de canto coral.

—Foi ha cerca de onze annos—diz-nos—que o instituto do largo do Carmo introduziu nos seus programmas a aula que dirijo. Era uma materia nova nos nossos estabelecimentos officiaes e não exaggero se lhe disser que foi com um certo receio que acceitei a distincção de ser seu professor.

—Tratava-se d'uma aula obrigatoria ou facultativa?

—Obrigatoria e ahi está justamente porque eu receava... Comquanto se tratasse de uma materia attrahente, o ensino da mais seductora de todas a artes, eu estava ainda hesitante sobre se ella seria acceite sem relutancia pelas centenas de creanças de todas as camadas sociaes, com todas as modalidades de educação e de gosto, que criam as alumnas do lyceu...

—E a realidade correspondeu ao seu justificado receio? não podemos deixar de perguntar, cheios de uma crescente curiosidade.

—Felizmente não, apressa-se a retorquir-nos o rev. Borba n'uma incontida explosão de enthusiasmo. Não encontrei por parte das alumnas a menor relutancia na frequencia da minha aula; antes a frequentaram sempre como se ella fosse um aprazivel oasis no meio de outros estudos que, pela sua natureza, são sempre aridos e difficeis de conciliar com o espirito irrequieto e alegre das creanças.

—E, no canto coral, quaes são as poesias que de preferencia escolhe?

—Naturalmente as dos nossos poetas, desde aquelles que ha seculos glorificaram o nome portuguez, a esses que vivem agora entre nós, contribuindo ainda para essa gloria...

—E entre esses poetas selecciona ainda?...

—Sobretudo, os que ferem a nota nacional, os que são genuinamente portuguezes. Que grande obra ha a fazer, construindo o cancioneiro portuguez! Percorrer Portugal de ponta a ponta, escutar os seus descantes que o nosso luar limpido torna tão sonoros e crystallinos; sentir a alma regional irromper expontanea e pura atravez a atmosphera de ouro que banha os nossos campos em flôr—eis o meu sonho que deve ser o de todos que, amando a nossa terra, desejam descobrir todos os atomos de perfume, todas as parcellas de belleza que ella encerra, para reunir no cancioneiro...

—E não seria possivel introduzir o canto coral nas escolas primarias?

—Mas certamente e o exemplo vem-nos dos paizes onde mais diffundida se encontra a educação... Os municipios deviam tomar a si essa bella iniciativa, como já expontaneamente se está fazendo na escola de Ponta Delgada. O canto coral exerce nas creanças a seguinte influencia: ajuda a desenvolver-lhes o espirito, cria-lhes o gosto pelos nossos poetas e contribue para a selecção das vocações artisticas.

—E de facto existem muitas na musica, entre nós?

—Está claro que sim. Acabou-se a lenda de que em Portugal não ha vozes, depois de termos envidado os mais dedicados esforços para as descobrir e cultivar...

As festas organisadas no nosso lyceu, nas quaes o illustre reitor nos tem dado plena liberdade, embora lhes tenha dispensado o mais dedicado patrocinio, são uma prova exhuberante das vocações artisticas que existem entre nós...

N'esta altura, toma a palavra o sr. Lobo de Campos para corroborar a opinião do seu distincto collega. Tambem elle, de resto, na aula da arte de dizer, tem verificado o grande sentimento artistico que ha no fundo da alma portugueza, nem sempre, infelizmente, manifestado por falta de cultura esthetica. A sua aula é facultativa. Entre as suas alumnas encontra decididas revelações de artistas, sendo notavel a serenidade e arrebatadora a expressão com que ellas se defrontam com o publico sempre que ha uma reunião festiva em que sejam reclamadas a sua presença e o seu concurso.

O problema das subsistencias

Está, finalmente, em via de solução, graças ao exforço da iniciativa particular

De ha uns oito mezes para cá tem vindo a carestia da vida assumindo proporções de apavorar; a despeito de todas as medidas adoptadas pelos governos, a situação de dia para dia peorava e mais angustiosa se nos vinha apresentando.

Mas o que as estações officiaes não lograram resolver com decretos e regulamentações, conseguiu-o a iniciativa particular pela acção combinada da actividade e do bom senso pratico postos ao serviço da dedicação pelo bem estar geral.

E os resultados d'essa iniciativa pode dizer-se que foram milagrosos pois que ao passo que muitas mercearias se absteem de vender certos artigos por não poderem fazel-o aos preços marcados na tabella, os Grandes Armazens do Chiado vendem todos os artigos por preços extraordinariamente inferiores aos indicados pelas regiões officiaes, isto é, ainda mais baratos que a tabella determina.

Porque pode fazel-o este estabelecimento e as outras mercearias não podem? Foi o que procurámos saber por o caso a todos interessar.

A secção de mercearia dos Grandes Armazens do Chiado é enorme, occupando um largo espaço, embora seja por emquanto provisoria, mas ainda assim é pequena para o movimento; 36 empregados em constante azafama procuram attender á numerosa clientela que espera impaciente a occasião de fazer as suas compras; creados, creadas, senhoras, gente de varias condições se acotovella no desejo que todos teem de ser os primeiros servidos; mas não é possivel attender a todos ao mesmo tempo. Alguns clientes, para não se demorarem, deixam a nota do que desejam e retiram-se; as compras lá irão ter a casa.

Conseguimos falar a um dos proprietarios.

—E' o que vê, diz-nos; todos os moços, todos os meios de transporte são poucos para fazer a entrega das encommendas da mercearia. Mas tudo se ha de ir remediando pouco a pouco; em breve inauguraremos uma nova galeria destinada simplesmente á venda de viveres onde publico estará á vantade e será rapidamente servido.

—Os proprietarios de mercearias

é que não hão de gostar da ideia... Mas como podem os senhores realisar o que a elles se torna impossivel: vender a preços regulares?

—Ha tempos a esta parte que os generos alimenticios quasi quotidianamente vinham augmentando de preço, mas se alguns com justificado motivo, quanto a outros, devemos dizel-o, sem nenhuma razão acceitavel. Era uma febre de elevar os preços que em breve nos levaria a uma situação que, por insustentavel, seria desesperada, pois que o productor vendo que o que elle vendia por 10 centavos—um exemplo—era revendido por 14, em vez de sel-o por 11 como seria justo, entendeu que devia passar a exigir 12 em vez dos 10 que antigamente pedia, e isto continuando assim nunca a subida de preços tinha limite.

Foi então que tomámos esta iniciativa, conseguindo assim pôr em evidencia os preços approximados por que tudo podia ser vendido. E digo approximados porque as casas pequenas, mesmo sem ideias de ganancia, são forçadas a vender 10 % mais caro do que nós em consequencia das condições em que compram.

Como vê não fazemos milagres; o que fazemos é limitarmo-nos a um pequeno lucro sobre o preço dos generos que adquirimos. Temos que cobrir as despezas a fazer com o pessoal e outros encargos, e tirar o interesse do capital empregado, por isso o lucro não pode ser grande; mas não perdemos, e temos a satisfação de prestarmos um valioso serviço ao publico proporcionando-lhe os generos indispensaveis á vida por pouco mais do preço que nos custam, e que são comprados nas regiões productoras por intermedio das 22 succursaes que temos nas provincias.

Para fazer uma ideia da importancia da nossa obra bastar-lhe-ha saber que só na semana passada vendemos a carga de 20 vagões de legumes e cereaes, isto é, 160 toneladas, ou 160 mil kilos de feijão, grão, arroz, milho, etc.; e note que não vendemos mais de 5 kilos de cada artigo a cada freguez, salvo rarissimas excepções.

—Um tão importante movimento deve exigir-lhes o emprego de grandes capitaes...

—Com effeito assim succede porque pagamos os generos no acto da compra, para aproveitarmos os mais pequenos descontos por antecipação de pagamento. A principio destinaramos 50 contos para a secção de mercearia, mas já duplicámos essa quantia, e quadruplical-a-hemos se fôr necessario; estamos convencidos de que 200 contos são mais que sufficientes para dar o maximo desenvolvimento possivel á nova secção, á qual vamos dedicar o melhor da nossa actividade. E assim esperamos ter concorrido com o nosso esforço para a regularisação do preço dos generos de primeira necessidade, pondo um dique aos exageros da ganancia illicita que illimitadamente ia augmentando.

* * *

E assim esta sympathica e patriotica ideia posta em pratica pelos proprietarios dos Grandes Armazens do Chiado solucionou o problema que os governos não tinham conseguido resolver: como pôr uma barreira ao progressivo encarecimento dos generos de primeira necessidade, base da alimentação das classes menos abastadas.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Coimbra, terra d'amores—Pierrot anarchista.
REPUBLICA—A's 21—L'emigré.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo (Revista).
POLYTEAMA—A's 21—Vida d'um rapaz pobre.
GYMNASIO—A's 21—Commissario de policia.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO—Não ha espectaculo.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—Não ha espectaculo.
PHANTASTICO—A's 20—Proezas d'um cabula—A rival da viuva alegre.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Madame Buterfly

Agenda da semana

HOJE—Republica—Primeira recita da companhia franceza de Lucien Guitry.

Primeiras representações

NACIONAL—Recita dos alumnos da Escola da Arte de Representar: «Edipo», «Auto do fim do dia», «Pierrot anarchista».

O espectaculo de hontem no Nacional, a que affluiu um publico tão numeroso como interessado, vendo-se na tribuna o presidente da Republica, o presidente do Senado, o presidente do governo e alguns ministros, radicou em nós a convicção de que a Escola da Arte de Representar é hoje um dos estabelecimentos de ensino mais notaveis pela competencia e pelo zelo dos que o dirigem e regem as varias disciplinas que lá se professam. Rigorosamente levado a cabo, o programma da recita permittiu apreciar, sob multiplos aspectos, as aptidões de alguns alumnos e evidenciou uma obra de conjuncto que honra os mestres e que—é de justiça affirmal-o—seria a consagração dos meritos e dos esforços de Antonio Pinheiro, se não estivessem de ha muito comprovados e reconhecidos. Chamando-o ao palco e acclamando-o, com carinhoso enthusiasmo, no meio dos seus discipulos, os espectadores compensaram-no dos desvelos e das canceiras que se adivinham na manifestação de arte e de belleza que foi a recita de hontem, á qual um incommodo de saude não consentiu que assistisse Julio Dantas, alma da Escola, tambem victoriado pelo publico justiceiro,—não o das cabalas, o das pequeninas invejas, mas o que sabe premiar o talento e o trabalho onde se encontrem.

O primeiro acto do «Edipo», adaptação, em verso branco, d'um perfeito recorte classico, por Henrique Lopes de Mendonça e Julio Dantas, revelou-nos, principalmente, a soberba voz abaritonada de Armando Baptista e que tão bem se ajusta ás exigencias da personagem capital da tragedia grega. O moço artista que, declamando, teve phrases e attitudes muito felizes, patenteou ainda, no decorrer do espectaculo, outros recursos scenicos que lhe hão de facilitar a sua carreira de comediante: como cantor, ouvimol-o com prazer no «Auto do Fim do Dia» e como actor distinguiu-se mimando com vivacidade e graça o papel de «Pierrot» na pantomima de Henrique Lopes de Mendonça. Outra figura do «Edipo» que merece referencia é a de «Tiresias» cujas falas Vital dos Santos disse intelligentemente.

O «Auto do Fim do Dia», o admiravel poema rustico de Antonio Correia de Oliveira, musicado pelo joven compositor de largo futuro que se chama Herminio Nascimento, constituiu um dos maiores encantos da noite. A grande Virginia quiz associar-se á festa dos que em breve vão iniciar uma vida glorificada por ella recitando, na sua voz de oiro, com a pureza de dicção de que tem o segredo, os formosissimos sonetos que servem de prologo a cada um dos quadros do poema. Acolheram-na as ovações vibrantes, enternecedoras, infindaveis que assignalam sempre a reapparição da eminente actriz no tablado em que foi e é rainha. Uma das discipulas do Conservatorio offereceu-lhe, ao terminar o primeiro quadro, um fresco e lindo ramo de flôres, em nome dos seus pequenos camaradas, e apertou-lhe a mão. Devia ter-lh'a beijado. Ha realezas que não se abatem e a de Virginia pertence a esse numero... Os bailados e os córos da portuguezissima bucolica obtiveram uma excellente execução e cumpre citar a forma por que Irene Neves, na «Velhinha», e Salvador Costa, no «Soldado», disseram os deliciosos versos de Antonio Correia de Oliveira. A composição do grupo de ceifeiros e ceifeiras que cercam a «Velhinha» durante a recitação do conto merece egualmente ser mencionada. E' um bello quadro vivo que, ao contrario dos outros em que se costumam copiar as obras dos mestres, podia servir de thema a um grande pintor, tão bem dispostas se encontram as figuras e tão expressivas as attitudes...

Fechou o espectaculo «Pierrot anarchista», a pantomima que o illustre auctor do «Duque de Vizeu» expressamente architectou para os alumnos do Conservatorio, com a collaboração mimica de Pinheiro, musical de Herminio Nascimento e choreographica de D. Encarnação Fernandes. A mocidade, a desenvoltura, a alegria dos interpretes, sem excepção, desde os que se encarregaram das primeiras figuras até aos de somenos importancia, se acaso na pantomima ha planos inferiores, contribuiram para o seu esplendido exito. O leitor conhece, pelo argumento já aqui publicado, o assumpto. Não erraremos dizendo que a mais benevola espectativa foi excedida. Quer pelo desempenho, quer pelo modo como se exhibiu no que respeita a guarda-roupa e scenario, tudo pertencente á Escola da Arte de Representar, a pantomima constituiu uma das agradaveis surprezas da noite e nem sequer lhe faltou um duelo á «rapiere» em que Irene Neves, muito gentil no «travesti» de «Arlequino», e Vital dos Santos, o grotesco «Spaventa», se houveram com desembaraço e elegancia, mostrando-se applicados discipulos de José Pinto Martins. Todos os alumnos se esforçaram por mimar e dançar de maneira que se não perdesse o minimo effeito rithmico, o mais insignificante pormenor sentimental ou burlesco e que a musica de Herminio Nascimento sublinha espirituosamente. De como o conseguiram, se bem que ainda agora tentem os primeiros passos, disseram-no os ruidosos, unanimes applausos do publico.

A recita de hontem no Nacional honra a Escola que a promoveu e deve enchel-a de orgulho. Accentual-o cremos ser o seu maior elogio.

Avelino de Almeida

POLYTHEAMA—*A vida d'um rapaz pobre*, drama em 5 actos, de Octavio Feuillet.

O actor Ignacio, para sua festa artistica, foi desenterrar aos archivos theatraes *A vida d'um rapaz pobre*, de Octavio Feuillet, que ha uns bons trinta annos foz as delicias do publico sentimental da Lisboa romantica de então. Desde que se convenha que tudo nos empurra para o genero de theatro a que essa peça pertence, a empreza do Polytheama fez bem em pôr em scena *A vida d'um rapaz pobre*, tanto ha n'ella de emocionante e de commovente, sem que alguma vez estalem conflictos violentos, que distendam ao maximo os nervos do espectador amigo de sensações fortes. Da peça não ha que falar. E' celebre. Tem a sua reputação consolidada. Do desempenho, é que muito havia que dizer, se valesse a pena. Ignacio foi o actor correcto de sempre. O sr. Ribeiro Lopes, para poder dar conta de si, devia, pelo menos, saber o papel, para o recitar bem. Assim, deu frequentemente a impressão que mastigava difficilmente as suas falas, cheias de intelligencia e de finura. A sr.ª Etelvina Serra tambem não foi feliz. Tem uns geitos de dizer as coisas que tiram ao que os auctores escrevem todo o encanto. Sarmento, no velho creado, tem um trabalho que merece elogios pela probidade como o estudioso actor desenha todas as arestas do seu papel, bem pouco facil. Estreou-se o sr. Erico Braga. Boa figura, boa voz e um certo á vontade promettedores. Seria, porém, conveniente que dos seus vestuarios mandasse eliminar, pelo menos, metade dos bolsos, para aprender a servir-se das mãos. A sala estava cheia e a assistencia applaudiu vibrantemente a peça, os interpretes e até os scenographos. Não ha duvida. Em theatro, retrocedemos trinta annos.—*A. M.*

A festa dos auctores do "Dominó,,

A conferencia de Albino Forjaz de Sampaio sobre a revista

A festa com que hontem, no Eden Theatro, se celebrou a 200.ª representação do *Dominó* serviu de pretexto para uma justa manifestação de sympathia a Pereira Coelho e Alberto Barbosa, os felizes auctores da peça. Em cada sessão, o espectaculo apresentou uma agradabilissima surpreza: entre o primeiro e o segundo acto havia uma conferencia annunciada que Berta Baron devia recitar. Na segunda sessão, o actor Alvaro Cabral faria, tambem, na qualidade de conferente, um pequeno entre-acto.

Não foi Berta Baron, afinal, quem disse a primeira conferencia. Ignoro porque motivo, mas o que é certo é que Albino Forjaz de Sampaio, que ha muito já conquistou as suas esporas de cavalleiro como cultor da critica theatral, não hesitou em defrontar-se com a plateia, recitando elle proprio a prosa que expressamente tinha escripto para a joven actriz.

Afinal, o publico não perdeu, porque, plastica considerada á parte, (o Forjaz que me perdôe a rude sinceridade da minha preferencia: é muito mais feio do que ella), o que não ha duvida é que os trechos litterarios da sua prosa ficaram assim melhor, pronunciados sem *accent*. Fallou-nos da Technica da revista, paraphraseando o famoso *Estatuario* do Padre Antonio Vieira, citou exemplos, estabeleceu parallelos, condimentou a palestra com anedoctas e episodios em que é fertil a sua fidelissima memoria e o seu fino espirito de observação, e no final, justificou plenamente a interminavel salva de palmas com que foi saudado, para que não desista do arrojado caminho que começou a trilhar. Porque, não sei se sabem, Forjaz de Sampaio, amadurecido já nas columnas do jornal é um neophito no Tablado, e a sua conferencia foi o que habitualmente se costuma designar com o epitheto de estreia auspiciosa...

H. Neves

A conferencia de Alvaro Cabral — com illustrações ao natural...

Alvaro Cabral pertence ao numero dos actores da velha guarda. Sabe-se lá ha quantos annos elle se estreou no palco... Ha vinte, trinta, ou talvez, contando bem, quarenta—como diz aquelle mentiroso cardeal do sr. dr. Julio Dantas. Pois continua a ser dos mais novos, pela formosa juventude do seu espirito, pela bohemia despreoccupada que é o seu evangelho sagrado e permanente. Só o Alvaro Cabral se lembraria, hontem, d'uma d'aquellas! A festa do Alberto Barbosa e do Pereira Coelho, uma visita á Universidade, um discurso, um soneto, uma piada á Samaritana, uma allusão aos drs. Ramada Curto e Carlos Olavo, um fadinho bem choradinho, as *tournées* pelas provincias, as coristas—o vivo demonio. E tudo isso esmaltado com ditos e *trouvailles* d'uma graça muito nossa, *puxavante* d'um riso sádio, consolador—o riso bem portuguez que o Alvaro Cabral sabe rir e fazer rir aos outros.

Mais se diga em abono da verdade que o Alvaro Cabral praticou uma obra de justiça prodigalisando ás coristas do seu theatro dez minutos de applausos e de sympathias da respeitavel assistencia. E bem merecidos foram porque todas ellas se houveram com inesperado exito na imprevista funcção de estrellas da companhia em villegiatura por terras de provincia. O fado, um encanto; a valsa, cantada e bailada a capricho; o duetto, bem digno de figurar como numero de qualquer applaudida revista. Só aquella ideia do S. Gregorio me lembrou uma pittoresca historia que o Alvaro Cabral affirma ter-lhe succedido em Vizeu e que eu não conto agora, por falta de tempo. Ainda pela mesma razão me dispenso de dizer-lhe meia duzia de palavras muitissimo tezas, a proposito d'elle citar Barcellos como terra onde se póde impingir gato por lebre na fauna theatral. Verdade seja que elle ignorava estas duas coisas fundamentaes: 1.ª—Que eu estava no Eden para fazer esta noticia; 2.ª—Que sou de Barcellos.

H. Nunes.

COLYSEU DOS RECREIOS—*Trovador*

No Colyseu fazia hontem, no *Trovador*, a sua estreia o tenor Antonio Barbato, que devido a um repentino abaixamento de voz não poude chegar até ao fim da opera, sendo substituido nos dois ultimos actos pelo tenor Arensen, já nosso conhecido da *Aida*, e que pode considerar a noite de hontem como uma das mais gloriosas da sua carreira artistica.

A conhecida caballeta *Madre infelice*, cantou-a com toda a sua alma de artista, tendo uma expontanea ovação, e foi no meio de constantes applausos que teve de a bisar. No fim dos actos foi chamado ao proscenio, repetindo-se os applausos.

A sr.ª Magana Lopez esteve admiravel em toda a opera assim como a sr.ª Rubadi na parte de *Assucena*.

O sr. Mimo Zuffo no *Conde de Luna*, cantou por tal forma que a plateia lhe manifestou em applausos o seu grande agrado.

Os demais artistas, coros e orchestra muito bom.

Boatos e informações

Entre nós

No theatro Phantastico, com um magnifico programma, realisa-se ámanhã a recita do secretario da empreza, sendo ao mesmo tempo a despedida da companhia infantil, que com tanto agrado ali tem trabalhado. No espectaculo de ámanhã tomam parte alguns artistas de outros theatros, que gentilmente prestam o seu concurso para que a recita resulto brilhante.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite: Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Concertos David de Sousa

Começaram a ter grande procura os bilhetes para o concerto do proximo domingo no Politeama, cujo programma nada fica a dever ao dos anteriores. Toda a segunda parte é preenchida, a pedido geral por uma verdadeira maravilha de musica portugueza, o «Poema Symphonico n.º 2», de João Arroyo, que na sua primeira audição tão enthusiasticamente applaudido foi. Na terceira parte, além do preludio do 3.º acto do «Lohengrin», David de Sousa fará executar a sua deliciosa «Rapsodia slava», além de trez delicados trechos de Macdowel por elle instrumentados.

SPORT

Os sports e a mentalidade

Poetas, musicos e naturalistas

Respondemos a uma impertinente pergunta d'um leitor, que é um homem de sciencia da nossa terra

Os nossos trabalhos de investigação scientifica e de pesquiza bibliographica, ácerca do valor pedagogico dos methodos gymnasticos e dos comprovados beneficios da educação phisica, tem-nos merecido alguns leitores assiduos. Entre estes—e com desvanecimento o proclamamos—temos alguns dos mestres da sciencia em Portugal e grande numero de medicos illustres. E foi um medico, que pela educação complementar na Allemanha, ainda e infelizmente é apostolo da educação n'aquellas terras do kaiser, que nos fez a pergunta que segue e que,—salvo o devido respeito pelo seu valor intellectual e nunca desmentida amizade por nós—julgamos impertinente:

—«Qual será o motivo porque v., para exemplificar que os sports são beneficiadores do intellecto, usa e abusa apenas de exemplos latinos? Então as poderosas raças do norte e os povos novos vindos d'essas raças não podem fornecer semelhantes exemplos?

Podem e fornecem exemplos comprovativos, de clara evidencia. Mas, porque trabalhamos n'um jornal para um grande publico, e como esse publico conhece melhor os intellectuaes latinos, pela litteratura, pela sciencia, pelas artes e pelo theatro, é do nome e da auctoridade d'esses homens de mentalidade superior que nos servimos.

Mas por hoje, para fazer o que nos pede o mestre illustre, amigo e leitor assiduo, diremos a relação que existe entre a mentalidade d'alguns d'esses homens que são de raça que não é a latina e os sports.

Os povos germanicos e slavos, teem os seus homens celebres, que foram apaixonados dos exercicios phisicos e que na sua mocidade tiveram fama de turbulentos. Entre esses, abundam os naturalistas famosos, que passaram a sua infancia ao ar livre e que praticaram os jogos movimentados e outros exercicios athleticos.

Darwin era um amigo da caça e da equitação. Robert Mayer era um «sportsman» notavel na natação. Benjamin Franklin era um homem bastante forte a remar e a nadar. Goethe foi um emerito patinador. William Jordan, o poeta dos conhecimentos scientificos confessa o seguinte:

«Para as regras de accentuação e verbos era tão refratario como era intelligente e aproveitado no remo, na natação e na navegação á vela».

O economista Frederick List preferia o sport aquatico á grammatica. Stephan, o primeiro director geral dos correios do imperio allemão, salvou, quando era ainda novo, um individuo, com os seus merecimentos de habil nadador. E podiam citar-se centenos d'outros sabios, naturalistas, poetas, musicos e escriptores que fizeram do seu corpo um templo digno do seu espirito, pela actividade muscular.

O amor do sport temerario foi, n'alguns d'estes homens, d'extraordinaria influencia no seu futuro. Em Darvin, Mayer e Francklin existe uma relação intima entre os sports da sua mocidade e a orientação do seu espirito quando se considera na coincidencia intima das suas descobertas scientificas e as viagens maritimas que emprehenderam.

Notas do dia

O campeonato de lucta no Porto

Terminou hontem, no Porto, o campeonato de lucta entre profissionaes. Foi ganho pelo dinamarquez Jess Petersen, campeão do mundo, certamente o homem mais forte da actualidade na lucta greco-romana. Esta victoria não constituiu surpreza para os portuenses porque viam n'esse collosso loiro o mais forte concorrente do campeonato nem constituiu surpreza para os «sportsmen». Estes já calculavam que Petersen ganhava. E' um homem intombavel. Surpreza para todos constituiu o facto de Crozier lhe resistir mais de vinte minutos e o mesmo Crozier ter vencido, com relativa facilidade, homens como Rossel e Simonon.

Como os jornalistas entram nos campos de «foot-ball»

Pessoalmente, não temos razões de queixa nem razões de agradecimento. Mas temos de confessar que os dirigentes do «foot-ball» teem sido pouco gentis para com o jornalismo que lhe publica os seus «communicados officiaes» e não lhes cobra um centavo pelo seu reclamo de espectaculos publicos.

Ante-hontem, nas bilheteiras do Stadium, em festa organisada pelo Sporting, dois camaradas nossos, pertencentes a um diario da manhã não viram attendidas as suas requisições de entrada. O caso é extranhavel. Indagámos e soubémos que a responsabilidade pertencia á «exagerada fiscalisação» da Associação de Foot-ball de Lisboa, que está agarrada ao apertado e pouco intelligente argumento de que os «redactores sportivos» teem, cada um o seu bilhete, como se o jornal tivesse só esse redactor!

Mas os jornaes não fazem noticiario largo e ás vezes demasiado dos desafios? Fazem, e devemos declarar que em beneficio da Associação, que tira grande percentagem das assistencias numerosas, ao campo, pelo reclamo, que não agradece. Logo... o erro foi grande! Prevenimos antes que se queixem...

Algumas anecdotas

Officio que pouco exige...

Havia mezes que o não tinhamos visto, exactamente desde aquella epoca em que se empregava, como caixeiro, n'uma loja da rua Augusta. O nosso encontro de agora foi no campo do Stadium, na tarde do ultimo desafio.

—Olá... Você está melhor de aspecto... E que faz agora?

—Sou jornalista de sport.

—O que?!

—Sim. Sou eu que faço as chronicas de foot-ball, em correspondencia para o jornal X...

—Mas v. não sabia escrever!...

—Nem é preciso. Para falar do jogo dos pés não é preciso habilidade de mãos nem canceira de cabeça...

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Sala d'armas Magalhães

Visita official á Academia Recreativa de Lisboa.—Com caracter official, o professor Magalhães com um grupo dos seus melhores discipulos, visita no dia 25, pelas 21 horas a Academia Recreativa de Lisboa, cuja direcção offerece uma grande festa seguida de baile.

Visita official ao Porto.—Tambem com caracter official um grupo d'atiradores da Sala Magalhães visita os seus distinctos collegas portuenses. Até hoje já estavam inscriptos os srs.: Albino Caldas, Marciano Beirão, Constantino Osorio, H. Kohn, M. Caraça e Augusto Teixeira. A inscripção fecha hoje.

Tiro aos pombos

A sessão de tiro aos pombos que no ultimo domingo se realisou no Stand de Palhavã veio confirmar as previsões sobre o valor como atirador do sr. José Martinho Alves do Rio. Ainda que esta sessão fosse das menos concorridas da epocha, reuniram-se no entanto os dois melhores atiradores do Stand srs. conde de Almeida Araujo e Luiz Oliva Junior e Alves do Rio.

Fizeram-se unicamente 4 matchs», sendo o 1.º a 10 pombos a 26 metros ganho pelo sr. Luiz Oliva Junior com 9 pombos mortos em 10 atirados, ficando em 2.º logar o sr. conde de Almeida Araujo e em 3.º o sr. Alves do Rio.

O 2.º, tambem a 10 pombos, em «handicap» foi ganho pelo sr. Alves do Rio com 9 pombos sobre 10, ficando em 2.º o sr. Luiz Oliva Junior com 8/10 e em 3.º o sr. conde de Almeida Araujo com 6/10.

O 3.º «match» a 26 metros a 5 pombos ficaram empatados para os dois primeiros logares os srs. Alves do Rio e Luiz Oliva Junior com 5/6 pombos, tendo o sr. conde de Almeida Araujo errado 2 pombos.

O ultimo «match» tambem a 5 pombos «handicap», entre os srs. conde de Almeida Araujo e Alves do Rio, foi ganho por este ultimo com todos os pombos mortos.

Idealista Grupo Sport

Reune ámanhã, quarta-feira, a mesa da assembleia geral, pelas 10 horas, na séde d'este grupo, rua de S. Christovão, 31, 2.º

Club Naval de Lisboa

Tem sido enorme a affluencia de socios que todas as noites se dirigem á séde do Club Naval requisitando bilhetes para convidados para a festa de domingo.

Os bilhetes tanto para socios como para convidados dão ingresso a todas as senhoras que os acompanhem.

O programma musical d'esta bonita festa, será publicado ámanhã ou depois podendo já felicitarmos os bons amadores de canto que terão occasião de mais uma vez apreciar as distinctas cantoras D. Stegner Prado e D. Maria Pires Marinho, e o distincto amador Antonio de Bourbon, que cantará o numero que tanto tem agradado no nosso meio musical «As canções portuguezas».

A benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, que tão gentilmente tem cooperado na importante obra do Club Naval, proporcionará a seus dignos associados e suas familias uma «soirée» que promette, pelo seu bello programma, ser uma das mais brilhantes festas d'esta natureza que se tem feito em Lisboa n'estes ultimos tempos.

A Sociedade de Geographia que tem prestado ao paiz tantos e tão bons serviços é uma entidade que tem á sua frente um homem digno successor de Luciano Cordeiro, que tem dedicado o melhor da sua intelligencia ao progresso d'aquella casa. Esse homem, verdadeira alma de patriota, official da marinha dos mais distinctos, é o sr. Ernesto de Vasconcellos.

Ernesto de Vasconcellos é um grande apologista do «sport» nautico, tendo sido durante alguns annos o presidente da Liga de Natação.

Os premios que o Club distribue, estão hoje em exposição nas montras da Camisaria Sport, do conceituado commerciante Senna Cardoso.

Todos os que tiverem direito a premio deverão comparecer na noite da festa pois que só serão entregues ao proprio, tendo sido enviados os convites para a séde do respectivo club, devendo aquelles que o não possam fazer, dirigir-se á direcção do Club Naval.

Os premios da regata que o Club Balnear da Trafaria promoveu, são da exclusiva responsabilidade d'este, pois o Club Naval apenas por gentileza accedeu ao convite de a organisar. Já alguem se dirigiu ao Club n'este sentido o que o forçou a declarar por este meio que nada tem com os premios que não prometteu.

Associação de Foot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes).—Na sua ultima reunião a direcção resolveu: Nomear capitão do grupo representativo o sr. Henrique da Costa. Approvar socio o sr. Alvaro Duarte Torres da Costa, e socio collectivo o grupo de «foot-ball» da Escola Preparatoria Rodrigues Sampaio.

Fazer scientes os clubs, e por este modo os juizes de campo, de que a côr do calção do jogador deve ser uniforme em cada grupo, sob pena do artigo 20.º do regulamento geral. Por não ter sido cumprido o artigo 27.º do regulamento geral do jogo, annular o desafio realisado no dia 9 do corrente, em Palhavã-A, entre o Atheneu e o Cruz Quebrada. Castigar com reprehensão os clubs Sport Foot-ball Palmense e Sport Club Imperio, por no desafio de 3.ª cathegoria realisado no dia 9 do corrente, não terem cumprido o disposto no artigo 19 do regulamento geral do jogo. Castigar com 30 dias de suspensão, a contar de 13 do corrente, o jogador Fernando de Carvalho, da 4.ª cathegoria do Imperio, por ter desrespeitado o juiz de campo no desafio de 9 do corrente, em Sete Rios.

—Desafios marcados para domingo: 1.ª cathegoria, Bemfica contra Lisboa F. C., em Sete Rios, ás 15 horas, juiz o sr. Francisco Stromp; 2.ª cathegoria, Bemfica contra Internacional, em Sete Rios, ás 13 horas, juiz o sr. J. Vieira; C. Quebrada contra Sporting, em Bemfica, ás 12,30 horas, juiz o sr. Mario Monteiro; 3.ª cathegoria, Sacavenense contra C. Quebrada, em Palhavã, ás 13 horas, juiz o sr. Domingos Pinto; Palmense contra Bemfica, em Sete Rios, ás 11 horas, juiz o sr. Francisco Rocha; 4.ª cathegoria, Sporting contra C. Quebrada, no Stadium, ás 12,30, juiz o sr. Carlos de Penaguião; Bemfica contra Atheneu, em Palhavã-A, ás 12 horas, juiz o sr. Alfredo Torres Pereira.

Salão Foz

Decorreram, como tinhamos previsto, muito elegantes e concorridas as sessões da moda de hontem n'este vasto e confortavel Salão, incontestavelmente o melhor de Lisboa. O publico frequenta de preferencia o Foz porque os seus programmas são sempre vastissimos e variados, figurando em todas as sessões, tudo que de melhor ha no genero no estrangeiro. Os concertos egualmente são muito apreciados, visto que salão algum possue melhor sextetto, sendo os seus programmas executados magistralmente. Nos numeros de variedades apresentam-se novamente LA FARFALLA, a gentil e distincta excentrica musical, que com os seus variados instrumentos executa difficilimos trechos. ESTRELLA DE LEVANTE continua agradando immenso com as suas lindissimas canções andaluzas e CHURRY EL BONITO é sem duvida alguma o artista mais completo e com graça mais natural que temos visto.

No *ecran* exibem-se sempre *films* de completa novidade.

Ultimas noticias

Na Camara dos Deputados

Principia a discutir-se o projecto que regula a questão das subsistencias

A sessão começa com 62 deputados, sob a presidencia do sr. dr. Manuel Monteiro. Governo, ausente. Approvada a acta, lido o expediente e concedidas varias licenças, faz-se a inscripção para antes da ordem do dia. O sr. Pereira Victorino pergunta se na meza já está o parecer da commissão respectiva sobre o seu projecto relativo a funccionarios publicos. Faz a pergunta em publico, para na devida altura e em face do regimento, requerer que o seu projecto se discuta sem parecer. O sr. presidente informa que o referido parecer ainda não está na meza. O sr. Sá Cardoso apresenta um projecto equiparando, para effeitos de reforma, os sargentos da armada e do exercito que, depois do 5 de outubro, foram promovidos para a guarda republicana. O sr. Arthur Costa manda para a meza um projecto de lei elevando a parochia civil a povoação do Valle do Paraizo, do concelho de Azambuja. O sr. Jorge Nunes manda para a meza uma proposta para que seja submettido á apreciação da Camara o regulamento da contribuição predial.

O sr. Moura Pinto requer, ao abrigo do regimento que entre em discussão sem parecer, o projecto que trouxe á Camara revogando a lei do affastamento dos funccionarios publicos. A situação actual não pode prolongar-se e se o governo não quer discutir o projecto, que o diga francamente, para se saber com que contar. Termina pedindo que se nomeie uma commissão com o encargo de estudar a situação do caminho de ferro de Arganil. O sr. José Augusto Pereira manda para a meza um projecto de lei concedendo o direito de aposentação a todos os funccionarios dos quadros do ministerio da instrucção, devendo contar-se o tempo para a aposentação desde que os mesmos funccionarios começaram a contribuir para a caixa das aposentações. O sr. Manuel Granjo secunda o pedido do governador civil de Villa Real para serem artisticas e obedecerem ao estylo regional as estações do caminho de ferro de Villa Real a Chaves. A proposito diz que a projectada estação de Chaves é um mostrengo sem nada que a recommende e pergunta qual o troço a que se segura na construcção ao troço de linha ferrea que vae de Vidago áquella villa. Pede ainda que sejam removidos para onde possam ser devidamente tratados os doidos que se encontram ha quatro annos no Aljube do Porto, e em todas as demais cadeias. Pergunta o que é feito do imposto que em 1880 se lançou para hospitalisação de doidos e construcção de manicomios e mostra a necessidade de se tomarem providencias urgentes, tendentes a ministrar aos doidos a assistencia que elles exigem.

Respondeu-lhe o sr. ministro do interior. O sr. ministro do interior regista o facto de continuar a jogar-se em Lisboa, chegando a distribuir-se pelas ruas, reclames ás casas de jogo. Nota o facto do sr. Affonso Costa até ter promettido fazer publicar nos jornaes os nomes dos batoteiros presos e estranha que nem essa nem outras medidas reparadoras tenham sido adoptadas. O sr. ministro do interior declara ter a impressão de que não se joga em Lisboa. Quanto ao facto de se não publicar o nome dos presos, dirá que o governo não manda nos jornaes e que, por isso, não pode impor-lhes a publicação referida. Falam novamente os srs. Eduardo de Sousa e Almeida Ribeiro, tornando este a affirmar cathegoricamente que em Lisboa não se joga, pelo menos que o governo saiba. O sr. Alexandre Braga chama a attenção do sr. ministro da justiça para o facto de se encontrar em Silves um juiz de terceira classe, sendo a comarca de primeira, o qual tem praticado varias inconveniencias no exercicio do seu cargo, as quaes enumera. O sr. ministro da justiça replica que esse magistrado está em processo disciplinar, não podendo proceder contra elle emquanto a respectiva sentença não for cumprida.

Na ordem do dia, vota-se um projecto abrindo um credito especial para reparações n'uma caldeira no hospital de S. José. Depois, entra em discussão o projecto que regula a questão das subsistencias. O sr. Jorge Nunes ataca violentamente o projecto, que classifica de prejudicialissimo para o paiz e para os interesses do povo portuguez. Não basta dizer á terra que produza. E' necessario garantir essa producção, protegel-a e não difficultal-a. Nas commissões de que o projecto fala, parece que se pretendeu apenas fazer entrar n'ellas pessoas de qualidade. Entretanto, ellas não darão o resultado desejado, e o projecto, se fôr applicado tal como está, será a fome. Affirma-o bem alto e tem a certeza de que não se enganará. De resto, elle crê que o projecto não será nunca applicado. A questão, porém, é d'uma importancia excepcional e por isso manda para a meza uma proposta retirando o projecto da discussão e convidando o ministro do fomento a trazer á camara um outro que resolva devidamente a questão.

O sr. Albino Vieira da Rocha responde bordando varias considerações de caracter scientifico sobre o projecto, o qual, em seu entender, corresponde por completo ás necessidades que o determinam. Lá fóra, tem-se feito, em todas as nações em guerra, pouco mais ou menos a mesma coisa. Os preços teem de ser fixados, porque só assim será possivel evitar certos abusos, que teem servido para aggravar extraordinariamente a crise das subsistencias. O projecto deve, pois, ser approvado depois de soffrer certas emendas, que reputa indispensaveis.

O sr. Constancio de Oliveira tambem se mostra contrario ao projecto, que não satisfaz, por questões d'esta ordem não se resolverem com commissões reguladoras de preços. A camara já em tempos fixou o preço do gado e os resultados viram-se.

O sr. Jorge Nunes, antes de se encerrar a sessão, pergunta ao sr. ministro das finanças se proferiu, em resposta a considerações suas, a phrase «talvez v. vá para o tribunal, mas a gemer». Crê que o ministro não propheriu taes palavras, que vieram no *Mundo*. O sr. ministro das finanças diz que o caso é tão mendo que não ha que rectifical-o. Não proferiu essas palavras, como não proferiu a outra «Os tribunaes eu t'os darei». Disse o que tinha a dizer e não proferiu palavras incorrectas, o que é contra os seus habitos. O sr. Jorge Nunes, depois do sr. Affonso Costa declarar mais uma vez que os direitos de encarte municipaes serão recebidos pelo Estado, disse estar convencido que taes palavras não tinham sido proferidas pelo chefe do governo. O sr. ministro das finanças repete as suas affirmações e lembra que, na imprensa, não tem orgão algum.

Reuniu, sob a presidencia do deputado sr. Ernesto de Vilhena, a commissão de colonias, approvando o parecer de que é relator o mesmo deputado, sobre a proposta de lei do ministro das colonias relativa a alterações na lei organica das colonias.

Marido que esfaqueia a mulher

Homem com o craneo fracturado

O trabalhador Antonio Reis é casado com Gertrudes Romão, de 26 annos, e são ambos de Maxial, concelho de Torres Vedras onde vivem, sempre em continuas desavenças, que por vezes passam a vias de facto, sahindo ás vezes a mulher mal ferida. Ha tempos, por exemplo, recebeu uma facada n'um braço e hontem, após renhida altercação, o marido, que estava bastante embriagado, vibrou-lhe novo golpe, de certa gravidade, no ventre. Depois de operada hoje, da laparatomia, no banco do hospital de S. José, recolheu á enfermaria 11.

—Em uma taberna no Monte Estoril houve hontem uma grave desordem entre um guarda do parque d'aquella localidade, conhecido por José da Guarda e Domingos de Figueiredo, trabalhador, de 29 annos, natural de Ilhavo, solteiro e actualmente residente no Monte Estoril. Havia, segundo parece, antigas rixas entre ambos, que hontem reviveram, trocando-se insultos de parte a parte e terminando por o guarda fracturar o craneo ao Domingos com uma pedrada.

Trazido para Lisboa, no banco do hospital de S. José foi-lhe feita a operação do trepano, depois da qual deu entrada na enfermaria 4.

Horario de trabalho

Os representantes da Associação de classe dos litografos procuraram hoje o chefe do gabinete do sr. ministro do fomento, engenheiro sr. Amorim, de quem solicitaram o cumprimento da lei que regula o horario de trabalho d'aquella classe.

NOTAS DIVERSAS

Vae ser nomeada uma força do commando de 1.º tenente, acompanhada da respectiva banda, para prestar as honras devidas ao sr. presidente da Republica no proximo dia 22, pelas 15 horas, por occasião da distribuição de recompensas concedidas pelo Instituto de Soccorros a Naufragos, cerimonia que se realisa na Sociedade de Geographia.

—O sr. ministro do interior, acompanhado do chefe do seu gabinete, engenheiro sr. Arthur Cohen, visitou hoje o asylo de velhos, em Campolide, sendo ali aguardado pelo provedor da Assistencia sr. Luiz Filippe da Matta, director sr. Roque da Fonseca e demais empregados d'aquelle estabelecimento de beneficencia. O sr. dr. Almeida Ribeiro visitou todas as dependencias do edificio conversando com alguns dos asylados e assistindo depois ao jantar.

—Continua doente o sr. ministro das colonias.

—Com o sr. ministro do fomento conferenciaram os srs. Xavier Esteves, Barros Queiroz, Lopes Martins, Americo Olavo e senadores pelo circulo de Coimbra. O sr. Antonio Maria da Silva recebeu tambem uma commissão de aspirantes do correio, que esteve tratando de assumptos de interesse da sua classe.

—A direcção do Club Fenianos, do Porto, esteve hoje conferenciando com o sr. ministro do fomento ácerca das festas commemorativas do 31 de janeiro.

Patacho avariado

Entrou hoje a barra o patacho, portuguez «Carlos», trazendo grossa avaria na mastreação.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

MAESTRO BLANCH

O eminente professor sr. Rey Colaço escreveu hontem a esta redacção uma carta para rectificar uma passagem, que diz ser inexacta, da minha critica musical do ultimo numero da «Atlantida».

Ora eu não escrevi aquillo que o grande artista rectifica; eu não disse que o sr. Pedro Blanch regera pela primeira vez no dia 26 de novembro de 1911. O que disse foi que n'esse dia se realisou o primeiro concerto da Orchesta Symphonica Portugueza, sob a direcção de Blanch; o que n'esse dia se estreou foi o organismo orchestral considerado em todo o seu conjuncto. Se o director da orchestra tinha ou não regido já anteriormente, não o sabia eu, nem lh'o perguntei, por não interessar isso ao plano d'essa chronica, que é uma breve resenha das orchestras symphonicas que em Lisboa teem havido.

Mas ainda bem que se deu tal mal-entendido, que provocou a carta de Rey Colaço; por ella fiquei sabendo que, a accrescentar aos valiosissimos serviços prestados á Arte pelo notavel professor, ha ainda esse de ter descoberto o grande talento de regente d'um musico que vivia quasi obscuro e desconhecido; e não é decerto o menos importante.

Bem legitimo desvanecimento o de Rey Colaço, e bem grande a gratidão que, por tal facto, todos nós lhe devemos.—*Humberto de Avelar.*

RAPHAEL BORDALLO

Ruy Bastos é um dos nossos esculptores mais moços o que não obsta a que seja tambem um dos mais talentosos. A sua entrada ha dois annos no Salon constituiu um verdadeiro successo e durante alguns dias Paris—o populoso Paris que se interessa por coisas de arte—parou agradavelmente impressionado deante d'essa vivida concepção «Os trapeiros» que era bem a revelação triumphante de um grande temperamento de artista.

A'manhã, no Salão da Liquidadora, á Avenida da Liberdade, será inaugurado um novo trabalho de Ruy Bastos, sendo o acto solemnisado com a presença do sr. presidente da Republica que comparecerá ali pelas 15 horas. Trata-se de um busto de Raphael Bordallo Pinheiro que, segundo nos informam, é uma maravilha de expressão e de fidelidade.

EXPOSIÇÃO FREDERICO AYRES

No salão Bobone, á rua Serpa Pinto, realisa-se depois d'ámanhã, ás 14 horas, a abertura da exposição de pintura do distincto artista Frederico Ayres, realisando-se ámanhã o «vernisage» para a imprensa e convidados.

LUTUOSA

Falleceu hoje a sr.ª D. Maria Emilia Cabral da Costa, filha estremecida do illustre professor sr. Cincinato da Costa, lente do Instituto Superior de Agronomia, a quem enviamos as nossas condolencias. O funeral realisa-se ámanhã, pelas 15 horas, sahindo o prestito da rua Possolo, 41, para o cemiterio oriental.

Falleceu tambem hoje e sepulta-se ámanhã, no cemiterio oriental, a sr.ª D. Maria Celeste da Conceição Ferreira da Fonseca, cujo funeral sahirá ás 13 horas da rua da Magdalena, 91, 3.º, E.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34 1/16	33 15/16
Londres, 90 d/v.	34 1/2	—
Paris, cheque	$75,5	$76,2
Allemanha, cheque	$27,5	$28,5
Hollanda, cheque	$65	$66
Madrid, cheque	1$40,5	1$41,5
Suissa, cheque	$85,5	$86,5
Italia, cheque	$65	$68
New York	1$47,5	1$48,5
Rios/Londres	11 7/16	—
Libras	7$02	7$09
Agio do ouro	53 %	58 %

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,45	39,15
» » 500$	—	39,25
» » 100$	—	39,35

Obrigações d'Estado: 3 0/0, 1905, 9$50; 4 0/0, 1888, 22$35.

Externas: 1.ª serie, 75$90 e 3.ª, 77$20.

Acções: Banco de Portugal, 185$50; Lisboa e Açores, 125$; Assucar, 46$; Moçambique, 3$50; Phosphoros, coupon, 59$; Tabacos, coupon, 12$; Zambezia, 3$10.

Obrigações: Ultramarino, 4 1/2, assent. 79$; Ambaca, 94$; Beira Alta, 3.º grau 14$50; Caminhos de Ferro de Benguella tit. 5, 77$50.

AO SR. MINISTRO DA GUERRA

Um quadro desolador

A viuva e os filhos d'um sargento na mizeria

O caso é conhecido e n elle já *A Capital* se referiu por mais d'uma vez. Em Portalegre, no quartel de infantaria 22, deu-se ha tempos—ha mais d'um anno, se não estamos em erro—um desmoronamento de que resultou a morte do 2.º sargento Sebastião José Cachudo, que ali estava de serviço e que teve morte horrorosa sob os escombros.

A victima era um velho e leal democrata, a quem a causa republicana muito devia, tendo sido o seu funeral uma grande manifestação de pezar. O desventurado sargento deixou viuva e dois filhinhos em más circumstancias. As collectividades republicanas de Portalegre entenderam ser do seu dever e ao mesmo tempo um acto de justiça solicitar do ministerio da guerra que á viuva e aos filhos do sargento Cachudo fosse concedida uma pensão, visto que elle morrera, estando em serviço. Tem-se solicitado, tem-se pedido, empenhando-se n'isso os republicanos mais influentes de Portalegre, mas até hoje nada se obteve ainda.

Porque? Não se sabe. Talvez por a victima ter sido um dedicado apostolo da causa republicana, diz-nos o sr. José Antonio Costa, membro da commissão executiva da camara municipal de Portalegre, que de proposito veiu agora a Lisboa para tratar do caso junto do ministerio da guerra.

E ao mesmo tempo, aponta-nos esse senhor o caso de a viuva do capitão Soeiro, morto em 14 de maio quando pretendia oppôr-se aos revolucionarios, defendendo a dictadura, ter sido já concedida a pensão equivalente ao soldo por completo de seu marido, accrescendo a circumstancia d'essa senhora ter monte-pio, o que não succede com a pobre viuva do sargento.

Ao sr. ministro da guerra recommendamos o assumpto e d'elle esperamos que se pratique um acto que se nos afigura de toda a justiça.

OPERA LYRICA

Salomea Krucenisky na «Madame Butterfly»

A eminente cantora Salomea Krucenisky creou em S. Carlos a protagonista da lindissima opera de Puccini, dando um sentimento, uma expressão, uma maravilha tal a essa exagerada figura da *Butterfly*, que o publico a

consagrou n'uma apotheose. Pois é com *Madame Butterfly* que Krucenisky se estreia ámanhã no Colyseu dos Recreios, em primeira recita extraordinaria, estando vendidos quasi todos os logares para esta recita tão sensacional e requintadamente artistica.

O insigne barytono Battistini já foi contractado para mais trez recitas no Theatro Lyrico de Barcelona, em virtude do colossal e enormissimo successo alcançado. Em Lisboa estreia-se no Colyseu com o *Ernani*, cantando uma opera differente em cada noite.

Festas associativas

Club Estephania

No proximo sabbado realisa-se n'este Club o 2.º concerto da presente serie com a obsequiosa collaboração do maestro Sarti, e a de distinctas amadoras, em cujo numero se contam as sr.as D. Izabel de Barahona Vieira, discipula d'aquelle professor de canto, e da violoncellista sr.a D. Adelaide Saguer.

Os violinistas e pianistas srs. Antonio Fernando Cabral e Lourenço Varella Cid prestam-se a executar uma *sonata* de Grieg. Completa o programma do concerto a orchestra de 60 executantes sob a regencia do sr. Henrique Alarcão, a qual executará, além d'outros trechos *L'Alsacienne* de Bizet, enthusiasticamente applaudida no concerto anterior.

Companhia dos Caminhos de Ferro atravez d'Africa

Do relatorio d'esta Companhia, cujas conclusões foram aprovadas pela assembléa geral em novembro findo e agora publicado, vê-se que o rendimento da linha no anno economico de 1914-1915 foi de 390.106$71, sendo a receita bruta por kilometro de 1.071$72, havendo portanto um augmento de 21,10 0|0 sobre o anno anterior.

O augmento de tarifas rendeu, durante o anno economico, 154:000$00. Comparado o rendimento com o do anno anterior, nota-se uma differença para mais de $8.000$00.

Em transporte de mercadorias houve uma differença de menos 4 toneladas em grande velocidade e para mais de 2.648 em pequena, havendo tambem no rendimento um augmento de 46.000$00.

Os gastos geraes da exploração foram de 282.508$35, menos 2,171$82 do que no anno anterior.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Socialista de Lisboa

Realisa-se ámanhã, ás 21 horas, a sessão da assembleia d'este Centro, a primeira organisada pelos novos corpos gerentes, na qual serão apresentadas diversas propostas que teem em vista o desenvolvimento e o progresso d'essa aggremiação politica, pelo que os corpos gerentes pedem a comparencia de todos os socios.

Lisboa-Club

Para apresentação do relatorio e contas e eleição de corpos gerentes, reune a assembleia geral ámanhã, ás 21 e meia horas.

Commissão de beneficencia da freguezia de Santa Catharina

Do relatorio, agora publicado, por esta commissão, vê-se que a receita durante o anno economico de 1914-1915 foi de 1.698$35,5, que addicionada com o saldo anterior de 366$26,5, perfaz 2.064$62, e a despeza de 1.684$34,5, passando portanto para o corrente anno o saldo de 380$27,5. Em medicamentos foi dispendida a quantia de 699$97,5; em generos alimenticios, a de 428$48,5; em camas e roupas, 62$40; esmolas em dinheiro, 10$00, sendo o numero total de soccorridos durante o anno de 278.

NA AMADORA

O serão d'arte de ámanhã

E' anciosamente esperado o espectaculo artistico e educativo que ámanhã se realisa no magnifico Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora. Começa ás 9 horas da noite e apezar da vastidão da sala, esta deve ser pequena para conter os numerosos espectadores, que hontem á noite ja haviam requisitado quasi todos os bilhetes. O programma comprehende: Primeira parte: I—Marche militaire, op. 51 n.º 1, Schubert, pela orchestra; II—Quartetto para violoncellos (op. 56), J. Passos, a) Andante—b) Minuetto pelos srs. Henrique Ruas, Victor Guimarães, Frenkel, Canedo, Fortée Rebello; III—Rhapsodie Hongroise, Hauser, solo de violino pela sr.a D. Lycia Sampaio Baptista laureada discipula do distincto professor Francisco Benetó; IV—a) Melodia popular, J. Neuparth; b) Hymne á la Nature, Beethoven pelos côros e orchestra, dirigido pelo sr. Fortée Rebello.

Segunda parte: V—Chanson champêtre—Chanson du printemps—Intermezzo—Chant de guerre, Schumann, pela orchestra; VI—Ballade op. 23 (sol menor), Chopin, para piano pela sr.a D. Isaura Cordeiro Venancio; VIII — Larghetto do «Quintetto» para clarinete e corda, Mozart pelo sr. Gabriel Constante, sr.a D. Lycia Sampaio Baptista, e srs. Antonio Maria Bastos, Costa Marques e Victor Guimarães; VIII—a) Patrouille turque, Lecocq, b) Africana, côro do 3.º acto, Meyerbeer, pelos côros e orchestra, dirigido pelo sr. Fortée Rebello.

Tomam parte obsequiosamente nos côros, as sr.as D. Adelaide Barros, D. Alda Seixas, D. Alice Pavão, D. Amelia Rodrigues, D. Bertha Fortée Rebello, D. Carolina Castanheira d'Almeida, D. Gabriela Lima, D. Ilda Barros, D. Irene Lirio, D. Isaura Cordeiro, D. Joaquina Franco, D. Laura Athayde Moreira, D. Laura Seixas, D. Laurinda Roubaud, D. Maria Thereza Athayde Moreira, D. Maria Guilhermina Barros, D. Maria Amelia Lemos, D. Zulmira Gomes e os srs. Alfredo d'Azevedo, Braulio Seixas, Carlos d'Azevedo, Carlos Eugenio Paredes, Carlos Salazar Nunes, Eduardo Gomes, G. Mendonça, J. Miranda, J. Pinares, J. Valente, Joaquim Ferreira, José Aprigio Gomes, Jorge Athayde, Jorge Ottolini, João Sousa, Luiz Ceia, Marco Antonio Franco, P. Vianna da Motta, Raul Venancio, Santos Ferreira.

Tomam parte obsequiosamente na orchestra as sr.as D. Bertha Fortée Rebello, D. Carlota Ferreira, D. Emilia Leiria, D. Helena Roque Gameiro, D. Judith Leiria, D. Maria Henriqueta Ruas e os srs. Alberto Ferreira, Alberto Ferraz, Alvaro Antunes, Antonio Bastos, Arlindo Lino, Costa Marques, Frenkel Canedo, Gabriel Constante, Guilherme Gonçalves, Henrique Ruas, Jacintho Bastos, José Francisco Teixeira e Victor Guimarães.

Os acompanhamentos de piano e orgão são executados pelas sr.as D. Bertha Fortée Rebello, D. Dylia Sampaio Baptista, D. Helena Roque Gameiro e D. Isaura Venancio.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Queixando-se d'um guarda civico

A proposito da noticia que hontem demos com este titulo, veiu procurar-nos o guarda civico visado, o n.º 546, da esquadra da Boa Vista, que nos declarou não ter fundamento a queixa apresentada, pois não diffamou a mulher que vive com o 1.º grumete da armada n.º 3568, limitando-se apenas a admoestal-a quando ella ameaçava a policia com uma nova revolução. Foram assim, diz o civico 546, que os factos se passaram, e apresenta uma relação de sete testemunhas edoneas.

Por nossa parte pômos ponto no assumpto.

A provincia n'A CAPITAL

PORTALEGRE, 17.—No theatro Portalegrense realisa-se no dia 31 um sarau em beneficio da banda dos bombeiros voluntarios, com a primeira representação das peças *As andorinhas* e *Fim de penitencia* e o episodio em verso *Uma partida de quino*. O deputado sr. João Camoezas fará uma conferencia.

CONDEIXA-A-NOVA, 17.—Em homenagem ao deputado por este circulo sr. dr. Arthur Leitão, offerece o sr. Manuel Simões Moita, presidente da commissão executiva da camara municipal, em sua casa, no proximo dia 22, um almoço de confraternisação republicana ao qual assistirão, além d'esse deputado, que virá de Lisboa expressamente para esse fim, alguns dos seus numerosos amigos.

O sr. Moita, que é um elemento muito importante na politica democratica d'este concelho, quer assim demonstrar ao sr. dr. Leitão a muita consideração que nutre pelas suas qualidades de caracter e elevada intelligencia.

—Em sessão ordinaria, reune no proximo dia 25 o senado municipal.

—Foi promovida á 2.ª classe a professora official de Belide, sr.a D. Guilhermina Augusta Passos.

Movimento maritimo

Braz. e R. da Prata «Avon» (Liverp.)	19
Braz. e R. da Prata «Salland» (Amst.)	19
Madeira e Açores «San Miguel»	20
Pará e Manaus «Aidan» (Liverpool)	20
Loanda, Lob., Beng. e Cuio «Dondo»	20
New-York, direto, «Patria», (Gibraltar)	22
Africa Occidental, «Malange»	22

Maria Emilia Cabral da Costa

Falleceu

Cincinato da Costa e sua mulher D. Emilia Cabral de Noronha Menezes da Costa, seus filhos, e D. Amelia Cabral de Noronha e Menezes participam aos seus parentes e pessoas das suas relações, o triste e inesperado passamento da sua muito querida filha, irmã e sobrinha Maria Emilia Cabral da Costa, e que o seu funeral se realisa ámanhã, 19 do corrente, pelas trez horas da tarde, sahindo o prestito funebre da casa da sua residencia, rua Possolo, 41, para o cemiterio Oriental, para jazigo de familia.

Não fazem convites especiaes pelo estado de consternação em que se encontram.

Neuville St. Vaast e d'ahi para o sul para «O Labyrintho», uma verdadeira fortaleza de typo novo, creada para impedir qualquer avanço directo sobre a estrada Arras-Lens. Entre «O Labyrintho» e Arras o inimigo estava ou dentro ou em roda das povoações de Ecurie e Roclincourt e ao sul d'esta, perto de Arras, nas de St. Laurent e Blangy. Essa região estava destinada a ser durante o anno de 1915 o theatro d'alguns dos mais sangrentos combates da actual guerra.

O «Labyrintho» e o planalto de Notre Dame de Lorette podiam ser torneados pelo norte se os francezes conseguissem penetrar entre elle e as elevações de La Bassée.

Em conformidade com o plano general de Maud'huy, que foi mais tarde mandado servir sob as ordens de Dubail e substituido pelo general d'Urbal — o commandante francez na batalha da Flandres—os francezes não só atacaram pelo sul, oeste e norte, mas esforçaram-se por se approximar de Lens por Vermelles, Le Rutoire e Loos. Nos dias 1 e 2 de dezembro de 1914, tres companhias de infantaria e dois esquadrões de spahis a pé atacaram o castello de Vermelles e no dia 7 Vermelles e Le Rutoire foram tomadas. Mais tarde novos progressos em direcção a Loos foram feitos.

Entretanto, as posições allemãs no planalto estavam sendo atacadas vigorosamente. A 7 de dezembro algumas trincheiras ao sul de Carency foram tomadas e no dia seguinte houve lucta proximo de «O Labyrintho». O tempo estava pessimo e impedia os movimentos tanto de allemães como de francezes; a humidade não deixava muitas vezes funccionar as espingardas e a lucta transformou-se em coisa semelhante á das edades primitivas. As tropas nas trincheiras inundadas soffreram terrivelmente.

De 17 a 20 de dezembro as trincheiras allemãs que defendiam a elevação de Notre Dame de Lorette foram tomadas, ao mesmo tempo que os francezes atacavam o inimigo em St. Laurent e em Blangy. No dia 15 os allemães deram contra-ataques e retomaram algumas trincheiras proximo de Notre Dame de Lorette e em Carency e no dia 16 bombardearam e atacaram os francezes em Blangy. A artilharia allemã fez ruir os edificios mais importantes da aldeia e destruiu a barricada levantada na rua principal, matando um tenente que estava manobrando uma metralhadora. Pouco depois do meio dia, o fogo da artilharia allemã era dirigido contra as reservas francezas e pelas 2 horas e meia á aldeia foi dado um assalto. Os francezes que ahi estavam foram mortos, feridos ou aprisionados. Uma hora ou pouco mais depois, as reservas francezas contra-atacaram e os allemães foram repellidos para as suas posições anteriores.

A 1 de fevereiro de 1915, na secção La Bassée-Arras as vantagens estavam do lado dos francezes.

De Arras ao Somme houve tambem no mesmo periodo—11 de novembro de 1914 a 1 de fevereiro de 1915—numerosos combates. Ao norte do Somme, entre Albert sobre o Ancre e Combles a leste, houve, na segunda quinzena de dezembro, violentas acções em Ovillers-la-Boisselle, Mametz, Carnoy e Maricourt. Um contra-ataque allemão a 21 de dezembro, proximo de Carnoy, foi mal succedido. A 17 e 18 de janeiro houve nova lucta em La Boisselle. Ahi de novo os francezes, no conjuncto, tinham tido vantagens.

O general de Castelnau, na planicie entre o Somme e o Oise, desde a sua victoria em Quesnoy-en-Santerre no fim de outubro, não se conservára ocioso. Sobre elle e o general Maunoury pezava a importante tarefa de protegerem a ala esquerda dos alliados. A 29 de novembro avançara um pouco na região entre o Somme e ao sul de Chaulnes e ao norte de Roye, assim como na região de Lihons, uns dois kilometros ou pouco menos a noroeste de Chaulnes.

Columnas allemãs que contra-atacaram a 19 de dezembro foram esmagadas litteralmente pela artilharia e pelas metralhadoras francezas. De dia para dia, a possibilidade dos

inimiga logo desde o principio e adaptára-se perfeitamente á necessidade de combater a pé. Os artilheiros manejavam o «75» com uma audacia

Um sobrevivente do naufragio do «Lusitania»

que causava admiração aos proprios allemães. Essa preciosa arma, que tanto contribuira para as victorias alcançadas pelos francezes, ainda não encontrára rival.

A artilharia pezada, que estava em via de reorganisação quando a guerra rebentou, era um dos lados fracos do exercito francez. A 1 de fevereiro essa falta estava remediada. O 155 cm. era um canhão aperfeiçoado, o 105 cm. um novo e poderoso canhão pezado de campanha. O numero de metralhadoras tinha sido enormemente augmentado, o mesmo se tendo dado nos engenhos empregados nas trincheiras.

Enormes quantidades de munições haviam sido accumuladas. Os uniformes azues e vermelhos estavam sendo substituidos por um uniforme de côr sumida. Os serviços de transportes haviam sido montados com uma rapidez além de toda a espectativa e o serviço de abastecimento, que em 1870 tanto deixára a desejar, estava muito bem montado.

«Os allemães—concluia esse relatorio—não se nos podem oppôr com forças superiores ás nossas. Por isso, não poderão conseguir de futuro o que até agora não puderam conseguir, quando eram mais numerosos do que nós, pelo menos um terço. Por consequencia, a nossa victoria final deve ser certa, derivada mesmo da força dos factos».

Só os acontecimentos poderão provar se taes calculos são ou não exactos; mas que a esperança dos francezes na victoria final é muito razoavel demonstra-o o que occorreu ao norte de La Bassée entre 15 de novembro de 1914 e 1 de fevereiro de 1915.

O gasto prodigioso de munições durante os primeiros tres mezes de guerra esvasiára os arsenaes francezes e na maioria dos casos, no dizer do generalissimo Joffre, só se podia «mordiscar» na linha allemã. Felizmente para os alliados, a necessidade que o kaiser tinha de levantar o prestigio da Allemanha e da Austria-Hungria, tão embaciado pelas victorias do gran-duque Nicolau sobre Hindenburg e os austro-hungaros no theatro oriental da guerra, impediu os allemães de tirarem vantagem da desfavoravel situação.

Além d'isso, é provavel que coisa semelhante ao que succedeu em 1915 na Galicia, quando Mackensen fez

Maria Conti

Productos Pompadour, productos da India, magnificos regeneradores da belleza, massagem e *manicure*. Tratamento de rugas e de manchas. Dirigir-se a Maria Conti, rua Andrade, 29, 1.º.
Os productos da belleza Pompadour encontram-se tambem na rua do Mundo, 83, Loja Modelo, Rocio n.os 4 e 5, e Petit Peintre, rua de S. Nicolau.

Tribunal Commercial de Lisboa

2.ª vara

Annuncio

Por este tribunal e cartorio do escrivão abaixo assignado, correm editos de 30 dias, a contar da publicação do ultimo annuncio, citando Luiz Alberto Pinho, morador que foi na rua Cidade da Horta, n.º 41, 1.º andar, e actualmente ausente em parte incerta, para no praso de 10 dias, findo o dos editos, impugnar, querendo, o pedido que lhe é feito, pela firma commercial Borges & Abranches, para pagamento da quantia de escudos 81$61, proveniente de fazendas que a credito lhe forneceu, custas, sellos e procuradoria, sob pena de á sua revelia ser condemnado no referido pedido, e seguirem os mais termos da acção especial contra o citado requerida pela dita firma Borges & Abranches.

Lisboa, 12 de janeiro de 1916.

O escrivão
Alberto Augusto Ferreira

ANNUNCIO

Pelo Juizo de Direito da 6.ª vara civel da comarca de Lisboa, cartorio do escrivão Lello, e por sentença de 4 dezembro de 1915, que transitou em julgado, foi decretado o divorcio definitivo entre Maria Baptista, ou Maria Baptista Martins, moradora na travessa de João de João de Deus, n.º 24, 1.º, e Guilhermo Martins, morador na rua da Rosa, n.º 61, d'esta cidade. O que annuncia para os termos e effeitos legaes.

Verifiquei
O Juiz de Direito da 6.ª vara
Gouveia

Alfandega de Lisboa

LEILÃO

Quarta, quinta e sexta-feira, 19, 20 e 21, ás doze horas no armazem de leilões d'esta casa fiscal, serão vendidas mercadorias demoradas e arrestadas que constam: de um guindaste de ferro, movel sobre carris, oleados para forrar casas, tapetes e carpets de algodão; fio de lã, moveis de pótim, arreios, oleo mineral para lubrificação de machinas, tintas preparadas, sucata de ferro, alcool, aguardente e outras que serão presentes no acto de leilão.

Alfandega de Lisboa, 15 de janeiro de 1916.

O escrivão
Alfredo Marcolino de Almeida

Maria Celeste da Conceição Ferreira da Fonseca

FALLECEU

Maria da Conceição Ferreira da Fonseca e N. Ferreira da Fonseca participam aos seus parentes e pessoas de suas relações o fallecimento de sua querida e chorada filha Maria da Conceição Ferreira da Fonseca e que o seu funeral se realisa amanhã, 19 do corrente, pelas 13 horas, sahindo o prestito funebre da rua da Magdalena, 91, 3, esquerdo para o Cemiterio Oriental.

A CAPITAL
Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

recuar Dmitrieff e Ivanoff, tivesse occorrido em França.

Vamos dividir, para melhor comprehensão, a grande batalha ou prolongado sitio em diversas secções: de La Bassée ao sul até Compiègne, de Compiègne a leste até Berry-au-Bac no Aisne, de Berry-au-Bac a sul até Reims, de Reims a leste pela Argonne até Verdun, de Verdun a sudeste em roda de St. Mihiel até Pont-à-Mousson, e d'ahi a sudeste até á cumiada dos Vosges. A lucta nos Vosges e na abertura de Belfort constituirá uma secção.

Apezar das suas derrotas no Marne e na Flandres, os allemães estavam ainda n'uma linha sufficientemente forte para tomarem a offensiva. Dixmude estava em seu poder, como em seu poder estava a orla oriental da elevação de Mont-des-Cats—a chave da posição ao norte do Lys. As alturas em La Bassée e as de Notre Dame de Lorette, a noroeste de Lens, até á região de Arras, outras alturas desde o sul de Arras, a leste de Albert até ao Somme, e ambas as margens do curso superior d'esse rio eram por elles occupadas.

O general de Castelnau não tinha avançado grande coisa na abertura entre o Somme e o Oise. Desde Compiègne ao longo do Aisne até Berry-au-Bac os francezes depois da batalha do Aisne haviam progredido pouco na margem norte. Os arredores de Berry-au-Bac, onde a estrada de Reims para Laon atravessa o rio, toda a linha do Aisne a leste quasi até ás alturas de Verdun, e ao sul do Aisne muita d'essa parte da Champagne que fica ao norte do caminho de ferro Reims-St. Ménéhould-Verdun estavam em poder do inimigo.

N'essa area, além das linhas allemãs, corre de Bazancourt, uma estação na estrada Reims-Rethel, um caminho de ferro que atravessa o alto Aisne e a Argonne e termina um pouco ao norte de Varennes.

Poucos eram os obstaculos naturaes que ahi se oppunham ao avanço dos allemães ao sul para o Marne acima de Châlons-sur-Marne. Só as trincheiras do exercito de Langle de Cary, juntamente com as de Sarrail que defendia Verdun e os seus arredores, ligavam essa importante abertura.

O sul da Argonne e a propria Verdun estavam, na realidade, em pouco perigo. O general Sarrail não perdera o seu tempo e os outeiros cobertos de bosques da Argonne assim como os arredores de Verdun atravez dos quaes corre a linha ferrea de Metz para Paris, haviam sido de tal modo entrincheirados e fortificados que n'aquella occasião eram, segundo todas as probabilidades, inexpugnaveis.

Mas entre Verdun e Toul os allemães sob o commando de von Strantz haviam no fim de setembro rompido a fortificada linha e conseguido atravessar o Mosa em St. Mihiel. Se pudessem desembocar em força de St. Mihiel, von Strantz teria ou ameaçado Sarrail pelo sul ou avançado sobre Châlons-sur-Marne e a retaguarda de Langle de Cary, ou ainda descido contra as communicações do exercito da Lorena, que defendia o primitivamente desfortificado mas então já fortemente entrincheirado intervallo entre Toul e Epinal.

Em St. Mihiel, as principaes difficuldades de Joffre terminavam.

Desde Pont-à-Mousson no Mosella a linha franceza estendia-se, a leste de St. Dié, ao longo das encostas occidentaes dos Vosges até ao Schlucht. D'esse desfiladeiro seguia a crista oriental das montanhas cobertas de bosques proximo de Steinbach, Aspach e alto Burnhaupt até á abertura de Belfort. As fortalezas de Toul, Epinal e Belfort, os entrincheiramentos do Grande Coroado de Nancy e os fortes entre Epinal e Belfort estavam agora bem além da parte sul da ala direita dos alliados, cujo commando, desde que de Castelnau partira para a região do Somme-Oise, fôra confiado ao general Dubail, um dos commandantes francezes mais competentes e emprehendedores.

Dubail nasceu em Belfort em 1851

e entrou na guerra de 1870, sendo nomeado capitão apoz a conclusão da paz. Serviu no leste e na Argelia, onde durante dez annos foi chefe do estado maior. Ao voltar a França esteve commandando a brigada alpina em Grenoble, onde se familiarisou com o modo de fazer a guerra nas montanhas. Por duas vezes foi chefe do gabinete do ministro da guerra. Depois foi commandante da escola militar de Saint Cyr, sendo em seguida collocado á frente da 14.ª divisão, cujo quartel general era na sua cidade natal, em Belfort. Conhecia assim bem a região em que estava manobrando.

Finalmente, primeiro como chefe do estado maior do exercito francez, depois como commandante do 9.º corpo e membro do conselho superior de guerra, completára a sua educação para uma das tarefas de maior responsabilidade commettida por Joffre a um dos seus logar-tenentes.

Quando a offensiva de Pau na Alsacia foi abandonada, o commando do 1.º exercito e a defeza da Alsacia e da linha do Meurthe e de Mortagne foram confiados a Dubail, e tendo elle como de Castelnau na sua esquerda pelas suas vigorosas medidas defensivo-offensivas tinham habilitado Joffre a concentrar o grosso das suas forças entre Verdun e Paris e a vencer a batalha do Marne. Por fim, ao general Dubail fôra dado o commando de todos os exercitos entre Compiègne e o mar.

Com a sua ala direita assim collocada e manobrada por um homem com a experiencia e habilidade de Dubail, com Verdun defendida pelo infatigavel e cheio de iniciativa Sarrail, Joffre podia dedicar quasi toda a sua attenção aos pontos perigosos que havia na linha de Verdun ao Mar do Norte. Apezar dos seus effectivos serem grandes, a extensão e a configuração da sua fronte, cuja ala esquerda estava combatendo com a retaguarda para o mar, tornavam-a susceptivel de ser rôta.

Excepto quanto ao inundado districto entre Nieuport e Dixmude, não havia por assim dizer obstaculo que se pudesse considerar como insuperavel, e o frio podia d'um a outro momento neutralisar o effeito das inundações no Yser. As tropas alliadas estavam dispostas ao longo ou na vizinhança de dois lados do triangulo Verdun-Compiègne-Nieuport, o terceiro lado do qual, o de Verdun-Nieuport, quasi todo, e algumas partes dos dois outros, o de Verdun-Compiègne e o de Compiègne-Nieuport, estavam em poder do inimigo.

Enorme quantidade de artilharia, enorme quantidade de munições, grande gasto de vidas e de trabalho e de dinheiro nos entrincheiramentos eram precisos para tornar segura a nova e temporaria fronteira da França.

A secção noroeste da fronte franco-allemã—a de La Bassée a Compiègne—póde ser dividida em tres partes: de La Bassée a Arras, de Arras ao Somme e do Somme á confluencia do Oise e do Aisne em Compiègne.

Na primeira o objectivo immediato dos francezes era repellir os allemães dos outeiros e elevações na orla da planicie do Scheldt, retomar Lens e, com o auxilio do exercito inglez que atacaria pelo norte, cortar o saliente de La Bassée e retomar Lille.

O inimigo havia-se estabelecido no planalto cheio de ravinas a oeste da linha ferrea Lens-Arras, entre o Lys e o Scarpe, que é um affluente do Scheldt e atravessa Arras. A orla septentrional do planalto é dominada pela elevação de Notre Dame de Lorette, que corre de oeste para leste. Ao sul ficam as pequenas cidades de Ablain St. Nazaire e de Souchez, mais ao sul ainda a de Carency, depois o bosque de Berthonval e o outeiro denominado Monte St. Eloi, ao norte do Scarpe. A estrada de Béthune a Arras atravessa a elevação de Notre Dame de Lorette e desce para Arras por Souchez e La Targette.

De Carency a La Targette os allemães haviam construido os entrincheiramentos conhecidos pelo nome de «Obras brancas», continuando para leste até á pequena cidade de

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1959—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 19 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

CAMARA DOS DEPUTADOS

INQUERITO PARLAMENTAR

E' eleita uma commissão com o fim de averiguar dos fornecimentos para o exercito e das causas do incendio de Santa Clara

Preside o sr. Godinho, que abre a sessão com 61 deputados e mais o sr. ministro do interior. E' approvada a acta e lança-se na da sessão de hoje um voto de sentimento pela morte da mãe do sr. Helder Ribeiro, associando-se todos os partidos e o governo. O sr. Simas Machado, pelos parlamentares evolucionistas, em negocio urgente, faz o elogio de todos quantos trabalharam na extincção do incendio do Deposito de Fardamentos, refere-se a boatos varios que teem corrido sobre as origens do fogo e entende que toda a verdade deve apurar-se, para honra e prestigio das instituições. Diz-se, por exemplo, que o fogo foi mandado lançar pelos officiaes que não querem ir para a guerra, que foi motivado para se encobrirem desfalques que se tinham dado no conselho administrativo e ainda para encobrir factos estranhos e acontecidos com fornecimentos importantissimos. Por todos esses motivos, propõe que se realise um inquerito parlamentar tendente a averiguar as causas do fogo e se nomeie para isso uma commissão de 15 membros, composta de representantes de todos os lados da Camara. A proposta é assignada por todos os deputados evolucionistas presentes. O sr. Adriano Pimenta, pela maioria, entende que a proposta não pode discutir-se já, como quer o sr. Simas Machado, por não estar presente o sr. ministro da guerra. O presidente alvitra que se espere pelo sr. Norton de Mattos e assim se resolve, depois de certo alarido e de protestos varios, vindos dos lados da opposição. O sr. Moura Pinto, em nome da liberdade de imprensa, que não pode ser menospresada, pergunta se foi ou não apprehendido o livro do sr. Pimenta de Castro. Se o foi protesta contra isso, pelo motivo que já apresentou e ainda pela razão de, na sua obra, o seu partido ser duramente atacado.

O sr. *ministro do interior* responde que, com o seu consentimento, o livro em questão não foi apprehendido. O sr. Moura Pinto, replicando, diz que se occupa do caso por n'uma livraria, onde foi procurar a obra do sr. Pimenta de Castro, lhe terem dito que ella nem estava á venda nem o estaria, por a policia não o permittir. O sr. ministro do interior responde, voltando a affirmar que o livro não foi apprehendido. Declara, porém, que já o leu, sendo convicção sua que a apprehensão é indispensavel, por o trabalho do sr. Pimenta de Castro estar redigido em linguagem despejada e inconveniente.

O sr. Luiz Derouet informa que o sr. Pimenta de Castro não tem nada que admirar-se com a apprehensão do seu livro, porque elle mesmo, quando governo, se oppoz a que circulasse livremente uma publicação official. As opposições protestam contra esta intervenção e como os apartes fervam, d'aqui em deante, ninguem mais se entende, acabando-se em balburdia o que serenamente começára. O sr. Marques da Costa apresenta um projecto de lei concedendo a autonomia da junta administrativa das obras da ria de Aveiro, justificando-o largamente.

Como já esteja presente o sr. ministro da guerra, é lida na mesa a proposta do sr. Simas Machado. A urgencia e dispensa do regimento são votadas. O sr. ministro da guerra põe, sobretudo, em foco o facto da proposta se referir principalmente a todos os fornecimentos para o exercito, motivados pela preparação para a guerra. O caso restricto do Deposito de Fardamentos está entregue ao poder judicial e ás auctoridades militares regulamentares, tendo sido encarregado o sr. general Rodrigues Ribeiro de proceder ao respectivo inquerito. Esse official teve recommendações para levar a todos os campos as suas investigações. As indagações teem, portanto, um duplo caracter—o militar e o judicial. Mas nem por isso tem a menor duvida em dar o seu voto á proposta, porque entende que todos os assumptos que correm pela sua pasta devem ser rigorosamente esclarecidos, digam elles respeito áquillo que disserem. Pode o Parlamento entender que deve tomar conhecimento de tudo. Mas pela sua parte, elle ministro, crê que toda a serenidade é precisa, para não se sancionarem suspeitas que não tenham sombra de fundamento.

O sr. Vasco de Vasconcellos—E' exactamente para que essas suspeitas terminem?

O sr. ministro da guerra continua e diz que essas suspeitas as repelle vehemente e indignadamente. Ha apartes vivos d'um lado e d'outro. O orador continua e diz que lhe parece que toda a camara está convencida de que o seu desejo é que toda a verdade se diga e se saiba. O que é preciso é não semear suspeições a esmo. Por si, tendo seguido de perto tudo quanto se tem feito, não tem motivo para desconfiar de ninguem. Todos os officiaes teem cumprido o seu dever. O governo entende que o inquerito não deve entorpecer os outros inqueritos; e como ha determinações importantes relativas á preparação para a guerra, relativas a acquisições e construcção de material de guerra, o governo crê que todas as investigações devem conservar-se secretas, para que não se diga ao estrangeiro aquillo que elle deve ignorar. O sr. Moura Pinto, em nome da União Republicana, acceita a proposta; o sr. João Gonçalves, como extra-partidario, faz declaração egual, e o sr. Victorino Guimarães, pela maioria declara que a esquerda da Camara vota apenas os artigos da *proposta e não os seus considerandos*, por n'elles se fazerem referencias com as quaes não concorda. O sr. Simas Machado diz que o sr. ministro da guerra não assistiu á apresentação da proposta, não ouvindo, portanto, as suas considerações. Por isso as repete. Classificou e torna a classificar de infamias o que se disse a respeito do fogo do Deposito Central de Fardamentos; e como suspeições surgiram, necessario se torna acabar com ellas, para que ellas não continuem a envenenar a Republica. Os proprios jornaes se fizeram echo de boatos gravissimos, que teem de ser desfeitos. Foram essas as intenções que o animaram ao apresentar a sua proposta.

O sr. Antonio Macieira refutando affirmações já feitas, acha que a maioria, concedendo o inquerito proposto quiz dar mais uma prova da sua tolerancia e affirmar de novo que não pretende abusar da sua força. Termina apresentando uma substituição ao art. 1.º da proposta, pelo qual se determina que o inquerito parlamentar não tolherá os outros e se accentua a necessidade de conservar secreto tudo quanto a commissão averigue relativo á defeza nacional e não possa ser tornado publico.

O sr. Julio Martins insiste em que é preciso pôr ponto a todas as suspeitas, que desprestigiem a Republica, e, dizendo que a proposta Macieira é uma censura aos deputados opposicionistas, entende que a camara não pode ficar silenciosa perante o facto do sr. ministro da guerra ter vindo dizer ao Parlamento que fôra avisado de que alguma coisa se tramava contra estabelecimentos do Estado, tendo, exactamente, ardido um dos principaes d'esses estabelecimentos. Combate a proposta Macieira com vehemencia e diz que a acção do inquerito é, por ella, tão reduzida, que melhor será que elle não se faça. O sr. Moura Pinto tambem acha que o additamento Macieira representa uma falta de confiança no patriotismo dos deputados. Depois, o que pode haver na questão dos fornecimentos que não deva saber-se? O inquerito não representa uma concessão porque é um caso de direito. As conclusões do inquerito teem de ser conhecidas pelo Parlamento, em sessão secreta ou publica, conforme fôr preciso. Segredos em questões d'esta natureza só podem ser criminosos. Manda para a mesa um additamento consentaneo com as suas considerações.

O sr. Sá Cardoso diz que a maioria não tem a ideia de restringir a acção do inquerito. O que ella quer é evitar indiscrecções. Por esse motivo, aceita o additamento Moura Pinto. Esgotada a inscripção, procede-se ás votações. Approva-se o additamento do sr. Antonio Macieira, assim concebido: «Proponho que sem prejuizo nem alteração do seguimento normal dos inqueritos policial, judicial e militar já em curso, se proceda a um inquerito parlamentar do qual, todavia, em caso algum resulte a divulgação de factos cuja reserva interesse á defeza nacional». Approva-se o additamento Moura Pinto, que diz o seguinte: «devendo o inquerito ser tão amplo quanto possivel e os seus resultados communicados á Camara em relatorio do qual tomará conhecimento em sessão publica ou secreta, conforme a meza julgar conveniente». E approva-se ainda o final da proposta Simas Machado, para que a commissão seja de quinze membros, com representação de todos os partidos. Faz-se a eleição da commissão, que fica composta pelos srs. Levy Marques da Costa, Ferreira da Fonseca, Nunes Loureiro, Porto Carrero de Vasconcellos, Abrahão de Carvalho, Barbosa de Magalhães, Domingos Pereira, Lopes Cardoso, Casimiro de Sá, Cruz e Sousa, Alfredo de Magalhães, Ribeiro de Carvalho, Moura Pinto, Aresta Branco e Cabral de Castro.

A'manhã ha sessão.

Pelo telegrapho

O serviço obrigatorio em Inglaterra

LONDRES, 19.—Camara dos Communs.—O governo acceitou uma emenda dando a prioridade ao almirantado no que respeita aos homens chamados ás fileiras em harmonia com a lei do serviço militar obrigatorio. O sr. Mac Namara declarou que serão precisos 30.000 homens para a marinha antes de 31 de março, e accrescenta que não julga difficil obtel-os.—(*Havas*).

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 19.—Official.—Antehontem proximo de Fricourt fizemos explodir uma mina que destruiu grande parte dos parapeitos das trincheiras inimigas, soffrendo os allemães consideravelmente com esta explosão, e com o canhoneio que se lhe seguiu. O dia de hontem decorreu calmo, com actividade intermittente da artilharia.—(*Havas*).

O parlamento allemão

GENEBRA, 19.—Dizem de Berlim que o Reichstag se addiou para 15 de março proximo.—(*Havas*).

ARTE

O busto de Raphael Bordallo

Com a visita do sr. Presidente da Republica, inaugurou-se hoje, no Salão de Arte da Casa Liquidadora da Avenida, a exposição do busto do grande Raphael Bordallo, obra do joven artista sr. Ruy Bastos.

Desde logo se notam duas circumstancias concorrentes para a pequenez da obra e, simultaneamente, attenuantes dos seus maiores defeitos—1.º, o sr. Ruy Bastos não conheceu pessoalmente Raphael; 2.º, o esculptor, que não o «vira», não lhe sentiu fundamente a obra vasta de demolição.

De modo que nem a physionomia do Caricaturista é, como nós a sabiamos, rasgada, engelhada de sarcasmo, aberta em malicia peregrina, nem o camartello do iconoclasta se adivinha na lambida fronte do Mestre em gesso.

A attitude é fiel, as roupagens naturalmente lançadas:—teem o «feitio»; mas é gêsso puro, sem alma que o anime, sem expressão marcante.

Fez o sr. Ruy Bastos um retrato que, sem ser flagrante, póde inculcar-se de honestamente feito. Frio, gelado, porém, como essa morte infame que nos roubou a Grande Gloria.

Se o esculptor, estudando-lhe a obra, o «pressentisse», talvez houvesse que registar agora a modulação do espirito risonho do genio. Assim, modulou-lhe a fórma transitoria, quando já a gélida Beatriz o imobilisára na contemplação dos seus mysterios negros.

Ora é precisamente na analyse da Vida que Raphael se immortalisou.

Porisso não será este ainda o busto que iremos coroar de loiros e de myrthos no dia tardio de justiça.

SILVA-PASSOS

Foi hoje a visita da imprensa á exposição de Frederico Ayres, na sala Bobone, inaugurando-se para o publico ámanhã, dia em que devidamente falaremos d'ella.

Noticias parlamentares

A final, a Camara resolveu acordar um pouco da catalepsia profunda em que tem vivido até agora. Toda entregue a ninharias, dislumbrada na admiração de si mesma, mirando-se e remirando-se ao espelho da sua competencia sem limites, dir-se-hia que ao seu organismo cançado não haveria corrente electrica capaz de insuflar nova vida. Puro engano. A questão das subsistencias acordou-a. Mas tel-a-ha interessado? Todas as duvidas são legitimas. E' que, em geral, os que tudo aquillo de que necessitam, não pensam nos que não teem nada. E o subsidiosinho, ganho só com um commodo officio de corpo presente, ainda não é coisa de deitar fóra...

* * *

Ha dois dias que anda reunida a commissão a quem foi incumbida a altissima tarefa de reformar a Constituição. Ha n'ella nada menos de cinco advogados, que ainda por cima são deputados. Os senhores estão a ver como, pelo que respeita a clareza, os debates por lá correrão. Até agora, o que se deliberou? Ora essa, nada! Tem-se discutido apenas se a commissão pode desempenhar-se da sua incumbencia desde já, visto só lá para fins de agosto a Constituição se tornar tangivel, ou se terá de adiar, para aquella epoca os seus trabalhos. E não se passa d'isto, com que as opposições só teem a ganhar. E' que atraz, como diria o cultissimo sr. Arthur Costa, não vem nunca o melhor.

* * *

As opposições appareceram hoje em S. Bento pouco contemporisadoras. Tem-lhes feito especie o que por ahi se diz a respeito do incendio de Santa Clara e entenderam que eram horas de pôr tudo em pratos limpos. Muito bem. E—caso raro—se as opposições andaram com juizo, a maioria por sua vez, tambem deu provas de bom senso e de melhor criterio. O caso do Deposito de Fardamentos é d'aquelles que teem de ser esclarecidos em todos os seus aspectos. O dos fornecimentos para o exercito não o é menos. A Republica exige que se partam os dentes á calumnia, se ella existir, e que se castiguem criminosos, se os houver. E uma e outra coisa só se averiguam investigando e inquirindo. Mas procederá a commissão de inquerito parlamentar hoje eleita com a rapidez desejada? Duvidamol-o. E' que para fazerem muita coisa e depressa não serviram nunca os legisladores portuguezes.

* * *

Até que emfim foi possivel arrancar ao sr. ministro do interior uma declaração cathegorica. Perguntaram-lhe hoje na Camara se o governo tinha mandado apprehender o livro do sr. Pimenta de Castro. Respondeu, sem papas na lingua, que não. Tornaram a insistir. Lêra já o sr. Ribeiro a obra do falido general. Lêra. E depois? Depois, estava certo. Não podia circular. Está redigida em linguagem despejada. Não pode circular. E como não pode circular, será apprehendido, se alguma vez apparecer pelas livrarias. O peor é que não apparece, estando exactamente n'isso o segredo do seu exito. Porque, ou nos enganamos muito, ou a estas horas não ha já em Portugal meia duzia de portuguezes letrados que não se hajam deliciado com a prosa d'aquelle que, por umas poucas d'horas foi ministro de todas as pastas. Por signal que fez uma linda figura.

* * *

Foi o sr. Vieira da Rocha o relator do projecto que se destina a solucionar a questão das subsistencias. Já hontem se deu aqui uma amostra do gracioso estilo legislativo de sua «sentencia». Mas ha mais. N'uma das bases, por exemplo, o sr. Rocha limitou-se a fazer imprimir com lettra grande certos nomes e designações que na proposta inicial vinham em modestos caracteres minusculos. Grande modificação, não é verdade? Por causa d'ella, vae o pão ficar de graça. Entretanto o caso é sintomatico. E' a megalomania a fazer das suas. O sr. Rocha usa oculos d'augmentar. Para elle, as coisas infimas são despresiveis. Dêem-lhe um cavallo branco e julgar-se-ha Napoleão. Mas nem por isso conseguirá ser consul, a não ser que encontre um Caligula que o faça trepar á força a escada gloriosa do Capitolio...

Gaz e electricidade

Annuncia-se um novo augmento de preço

Depois da guerra, as Companhias Reunidas do Gaz e Electricidade augmentaram os preços, já bem pesados, sob o pretexto, cuja veracidade não contestamos, da carestia proveniente do grande conflicto europeu. Agora fala-se em novo augmento, ainda sob o mesmo pretexto.

Mas não haverá meio de regularisar por uma vez esses preços já exhorbitantes? Não haverá maneira de tranquillisar o consumidor, cujos receios sobre o dia de ámanhã são cada vez mais angustiosos? A guerra será causa d'esses successivos augmentos, mas ha uma razão mais comprehensivel do que a guerra, embora seja a mais desarrasoada todas as razões: o monopolio do gaz e da electricidade. Emquanto elle existir, como existe, o publico está sujeito a todos os seus caprichos...

A questão do papel

A convite da empreza da *Nação*, que, como o jornal mais antigo da capital, tomou essa iniciativa, realisa-se ámanhã, ás 14 horas, nas salas da redacção d'esse nosso collega uma reunião de representantes da imprensa de Lisboa e das provincias, a fim de se discutirem as medidas que devem ser tomadas perante a grave crise da falta e do encarecimento do papel.

Gréves de estudantes

Os alumnos que frequentam o Instituto Superior Technico e a Faculdade de Sciencias continuam em gréve, como protesto de solidariedade com os seus collegas do Porto. Nada se passou de anormal durante o dia de hoje, tendo apenas comparecido ás aulas da Faculdade de Sciencias os alumnos militares.

A CAPITAL DO NORTE

INDUSTRIAS PORTUENSES

Ha já muitas industrias creadas que podem concorrer, vantajosamente, com similares estrangeiras

PORTO, 18.—E' innegavel que o Porto se tem notabilisado sempre pela sua actividade commercial e industrial.

Ultimamente, porém, e especialmente depois da guerra, que veiu encarecer extraordinariamente varios productos e materias primas que a industria importava e utilisava, a sua actividade industrial redobrou de esforços, destacando-se iniciativas creadoras n'um sentido de bem alto patriotismo.

Encontrando ha dias um distincto engenheiro industrial e perguntando-lhe o que sabia d'este esforço, de estas iniciativas, conseguimos d'elle os seguintes esclarecimentos:

—Ha sem duvida um movimento, uma ancia de progresso, dirigido não sómente no sentido de melhorar condições industriaes já adoptadas, mas tambem no de crear e fomentar novas industrias, sob o impulso de iniciativas accentuadamente praticas, indiscutivelmente sérias. E se o capital ainda se não collocou abertamente, deliberadamente ao seu lado, acompanhando e soccorrendo essas iniciativas, é certo todavia que elle hoje já se lançou nas primeiras tentativas de familiarisação, dignas de todo o nosso applauso.

«Aqui, no Porto, meu amigo, eu diviso essa magnifica e louvavel collaboração tomar proporções, ganhar corpo d'uma maneira tal que me tem deixado surprehendido, tão pouco habituado estou a observar factos de tal natureza. Até aqui constituiam acontecimentos esporadicos, mas d'um isolamento criminoso, pelo desequilibrio economico que determinava, affectando toda a vida da cidade. No momento que decorre, preso ás contingencias e incertezas do dia de ámanhã, mais é para realçar com destacante simpathia, o patriotismo e a grandeza d'esse esforço.

—Essas industrias poderão disputar a concorrencia estrangeira?

—Algumas podem sem duvida ficar servindo os nossos mercados e, na peor das hipotheses, todas ellas poderão disputar a concorrencia das similares estrangeiras, desde que os governos lhes dispensem um auxilio minimo, auxilio que insensivelmente affectará o consumidor.

«D'este modo estamos iniciando uma vida autonoma, que nos trará uma excellente preparação e uma magnifica defesa para as eventualidades de qualquer sonho estravagante e macabro, como aquelle que n'esta tragica hora, ainda nos ameaça subverter.

E continuou:

—As industrias texteis, por exemplo, a despeito da carencia d'alguns productos tinctarios, estão em laboração intensissima não só aqui no Porto, onde mesmo a que tinha paralisado se encontra fabricando em cheio, mas em todo o norte.

«Avalie, meu amigo, por esta singela palestra o que será na realidade a tarefa d'essas industrias. E se outros elementos não possuissemos para julgar dos acontecimentos, bastaria attentarmos no silencio em que se mantem a classe operaria; e a espontaneidade com que o industrial lhe augmentou os salarios.

«Isto, como vê, é significativo.

—Fala-se tambem em industrias pharmaceuticas...

—Antes, não posso nem devo esquecer, as fundições, serralharias, que estão servindo magnificamente e galhardamente os mercados do paiz, fabricando diversos e complicados machinismos, desde os de simples mechanica aos de rigorosa engenharia e necessaria precisão.

«Alguns d'esses estabelecimentos estão ultimando materiaes de guerra para o Estado.

«De todas, a mais atrazada, em virtude da carencia absoluta das materias primas, é a industria pharmaceutica. E' certo que a educação industrial do pharmaceutico não é profunda nos estabelecimentos de ensino, a despeito da necessidade absoluta d'essa educação.

«O esforço proprio d'alguns profissionaes, de grande numero mesmo, tem evitado ou pelo menos reduzido a importação de muitos productos. Ha varios laboratorios pharmaceuticos espalhados pelo paiz e recentemente está funccionando aqui no Porto o Laboratorio «Sano», para a preparação de productos pharmaceuticos e outros productos de que o mercado está falho. Ainda ha dias apresentaram a «polirina» que é considerada pelos entendidos o melhor liquido para limpar metaes e é superior aos estrangeiros.

«Temos ainda a industria de latoaria. N'algumas das fabricas que temos visitado trabalha-se assombrosamente e com relativa perfeição.

«E, apesar de esse excesso de producção, é-lhes impossivel satisfazer ás mais moderadas necessidades de consumo. Quasi todas ellas teem recorrido ao trabalho nocturno, mas nem d'essa fórma conseguem normalisar os seus serviços.

«Temos, finalmente, as fabricas de conservas. N'essas fabricas, já de si verdadeiros colossos, como a de Lagos, Coelho Dias & C.ª, a de Borges & Irmão, Coelho & Irmão, Brandão Gomes & C.ª, aqui no Porto, e de Brandão Gomes & C.ª, em Espinho, trabalha sem cessar, em laboração colossal, e apesar de tudo não chegam para as encommendas.

«Esquecia-me tambem falar-lhe d'uma nova industria de productos que vinham quasi exclusivamente da Allemanha. Quero referir-me a essa fabrica, que se installou ha pouco tempo em Gaya, de isoladores e demais artigos de porcelana para installações electricas. Nenhum d'estes artigos se fabricava até agora em Portugal.

E, terminando:

—Ainda devo dizer-lhe que, n'uma freguezia do concelho da Povoa de Lanhoso, um industrial de olaria descobriu uma composição de barro para cadinhos de ourivesaria que resiste ao fogo muito melhor do que os cadinhos que vinham da Allemanha e Inglaterra e que, custando 10 centavos, estão agora a vender-se a 40, com o perigo de em breve não apparecerem no mercado.

«Aqui tem, meu amigo, como uma simples palestra, nós conseguimos reunir alguns dados animadores sobre o movimento, parte do movimento, industrial do norte do paiz, cuja publicidade n'«A Capital» é de muita utilidade, por que representa e define bem esforços e iniciativas verdadeiramente patrioticas.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

Annuario da Escola Naval

Constituindo um grosso volume de perto de 500 paginas, foi publicado este annuario, onde não só se trata do movimento lectivo tanto da Escola Naval como da Escola Auxiliar de Marinha, no anno lectivo de 1914-1915, mas ainda—e é essa a parte mais importante—se inserem varios estudos de grande valor. Assim, por exemplo, resolvem-se alguns problemas de navegação, fazem-se considerações a proposito d'alguns encalhes de navios, dão-se subsidios para o estudo dos erros nas rectas de altura e no respectivo ponto no mar, tratando-se ainda de outros varios assumptos, todos respeitantes ao ensino dos alumnos da Escola Naval.

Traz tambem o «Annuario» um bello estudo, do sr. Almeida de Eça, sobre o fallecido official de marinha Carlos Testa, considerando-o como professor e como official.

MUSICA

Conservatorio de Lisboa

Realisa-se no proximo domingo, ás 14 horas precisas, uma festa escolar pelos alumnos das differentes classes da Escola de Musica. Entre os numeros que se executam, figuram trechos para seis harpas, de completa novidade entre nós.

Os bilhetes distribuem-se na secretaria da Escola até sabbado, das 12 ás 15 horas.

Theatro portuguez no Brazil

Meu caro Eduardo Sobral:

Recebi a sua carta. Respondo-lhe na «Capital» por dois motivos—por Você não me ter dado o seu endereço e por me parecer interessante para o publico o assumpto de parte d'essa carta.

Esteve em Lisboa dois dias. Não poude procurar-me. Escreve-me do Porto «nas vesperas de regressar» aqui—instalando-se, aonde? Mysterio! Tenha paciencia, meu amigo! diga-me onde está. Já percorri os hoteis á sua procura. Já declinei o seu nome, a sua altura, as suas barbas negras, a curva israelita do seu nariz e todos os correctores e policias de serviço na estação do Rocio. E como succedeu á Damayanti no velho poema indiano, que, abandonada na floresta por Nala, seu marido, perguntava em vão por elle ás fontes, aos rochedos, ás feras bravas, nem policias nem correctores me deram signal de si. Pelo que, cheguei a duvidar da sua existencia corporea—ou a convencer-me de que Você trouxe das profundas florestas americanas o segredo de se imaterialisar, de ir viver talvez n'algum ninho, entre as estrellas, para lá do luar!

D'entre os varios aspectos da sua carta—as impressões de chegada; o seu desgosto deante dos barracões ignobeis á beira rio plantados, «servindo de vestibulo a uma capital»; a soberbia opulenta da cidade em amphitheatro debruçando-se do Tejo, deixe-me salientar a que se refere ao theatro luzitano no Brazil.

Diz Você que vinha cheio de desejo de theatro portuguez de declamação. Consultou os cartazes das esquinas—só lhe indicavam peças estrangeiras. Por ultimo, já desesperado de encontrar o que procurava—descobre o «Frei Luiz de Sousa» e «O primeiro beijo», no Nacional. Corre para lá. Passa uma noite de consolo espiritual. Lamenta a pequenina actriz que corporisa e anima o papel de Maria—«uma scentelha que ha de apagar-se cedo, porque demasiado cedo começa a consumir mais do que o que a sua edade e o seu corpo lhe permittem». A proposito, refere-se ao nosso theatro no seu paiz adoptivo. E queixa-se de que raro lhes mandemos aquillo que n'esse paiz mais apreciado seria. «Alli, onde tudo quanto é portuguez duplamente nos sensibilisa, por ser nosso e por nos evocar a terra em que nascemos, as companhias nacionaes só nos dão a França, quando desejavamos que nos dessem Portugal. E o peor é que nos dão a França... quasi sempre «em versão clandicante», quasi sempre incarnada em pessimos actores».

Depois, alongando-se em considerações, o meu amigo conclue por affirmar que «isto envergonha os luzos residentes no Brazil, todos os dias obrigados a garantir aos brazileiros que no seu paiz ha quem escreve theatro».

Meu caro Sobral:—Você está quasi na razão. E digo quasi porque n'esta vida transitoria só o mal é absoluto. Desejava Você, e comsigo a maioria da grande colonia portugueza no Brazil, que as nossas companhias de declamação, quando os visitam, lhes levassem retalhos da nossa alma, interpretados pelo nosso sentimento—a patria portugueza, de que estão longe, e que teria deante dos seus olhos e dos seus ouvidos enlevados, momentaneamente, a apparencia apetecida d'uma realidade.

As emprezas de theatro, se fossem chamadas a depôr n'esta questão, responder-lhe-hiam que os auctores nacionaes não produzem o sufficiente para alimentar as plateias d'aqui e as do Brazil. Isto, que em parte é verdadeiro—desde que, na quantidade, incluamos a idéa de qualidade—só o é em parte. São poucos os originaes—mas, como o publico, desnacionalisado desde o cerebro ao intestino, se curva complacente em frente de toda a pacotilha importada, mostrando-se d'uma exigencia feroz perante a producção nacional, os emprezarios, deixando-se levar, por vezes, ao sabor d'essa corrente, nem sempre preferem o pouco ao muito que lhes vem lá de fóra.

Você, se o não observou ainda, não calcula ao que corresponde entre nós uma plateia em noite de «primeira» de peça portugueza. O sentimento dominante é o do rancor—mesmo antes de levantar o pano. E toda ella respira livremente, n'um alvoroço de triumpho—lamentando a nossa falta de theatro—se encontra um motivo, um nada, para exercitar a dynamica do tacão de bota.

Isto importa, como disse já, um certo retrahimento dos emprezarios por originaes portuguezes. E importa em especial uma coisa que ninguem conhece, que ninguem avalia, que ninguem póde conhecer ou avaliar desde que lhe não tenha sentido na bocca o amargo asphixiante—a agonia dos que começam, dos que mendigam, como uma esmola, que lhes acceitem o seu trabalho.

Quanto á qualidade das companhias Você é um pouco injusto. Talvez muitas d'ellas sejam pessimas. Mas algumas teem sido boas. E, para não ir mais longe, bastará citar-lhe a de Adelina Abranches, chegada ha dias do Rio, que, sob a acção brilhante d'essa actriz illustre, teria um grande nome europeu, se percorresse a Europa como a Duse ou a Vitaliani.

E se os visitam más companhias, ha de convir que a culpa é de quem as estimula, frequentando-as. São más? Expulsem-nas—voltando-lhes as costas. Não satisfazem ás exigencias d'uma plateia culta? Castiguem-nas—dizendo-lhe, por uma eloquente ausencia, que as não supportam.

Se o Brazil se resolvesse a emancipar-se de toda a exploração mercantil, com pretensões intellectuaes, de que porventura procurassemos tornal-o victima, não só no theatro, tambem no livro, com certeza não havia maus actores que se dispuzessem aos riscos da viagem, nem livreiros gananciosos que lhes vendessem livros detestaveis.

E' necessario que isto se diga. E' preciso dizermol-o, ao proprio Brazil, os que temos voz em jornaes brazileiros. Se o publico d'aquelle paiz, portuguez e brazileiro, excluisse da sua convivencia as companhias inferiores; se reclamasse a inclusão de originaes portuguezes nos respectivos reportorios; se fizesse a «gréve» dos livros mal intencionados—escriptos ou traduzidos, compostos e impressos apenas no intuito de explorar, envenenando-o, um mercado confiadamente facil, não se beneficiaria sómente a si mesmo. Fomentaria a organisação de companhias criteriosamente seleccionadas; estimularia o desenvolvimento do theatro nacional; auxiliaria auctores e editores que lhe fornecessem livros sinceros e honestos.

Eu comprehendo, meu amigo, a sua magua em face do mau theatro, no Brazil, e do theatro exclusivamente traduzido. Aquillo que em nossa casa, em Portugal, quasi já nos passa despercebido—o transportarem-nos, quando frequentamos os nossos actores, quasi invariavelmente a Châlons-sur-Marne ou a Paris, o vermos peças altiloqua e pomposamente estropeadas—na casa alheia, n'um paiz estranho, deve incommodar como um insulto. E' a patria deprimida por quem não sabe, ou por quem não quiz dignifical-a. São os creditos da familia postos em cheque, na praça publica.

Mas venha você para Lisboa—se não veiu ainda. O «Nacional» continua a dar-nos originaes portuguezes. N'esta altura tem em scena uma comedia de Vicente Arnoso—que não pude ver até agora, mas que me dizem ter a frescura lyrica da paisagem de Coimbra, que lhe serve de scenario. O «Republica», que resurgiu para a sua vida gloriosa d'outros tempos, quasi preencheu todo o repertorio d'este anno com peças portuguezas. O «Gymnasio» continua a evocar o estrangeiro e Portugal. E creio que o Polytheama vae representar egualmente trabalhos de luzos dramaturgos. E se não tiver tempo de saborear em scena tudo o que annuncio ao seu paladar de bom portuguez, eu prometto, para que possa affirmar aos seus amigos brazileiros que no nosso theatro vive tambem, por vezes, a alma e o sentimento da nossa raça, eu prometto dar-lhe noticia do que por cá se passar, nas columnas do seu conhecido «Correio da Manhã».

E escreva. E desvende o mysterio da sua posição no espaço. Diga onde está, ao seu, muito grato

Sousa Costa

UMA VELHA QUESTÃO

Os diplomados e alumnos da Escola Colonial

reclamam contra lhes não serem concedidas as garantias a que teem direito

Ao parlamento vae ser entregue uma representação dos diplomados e alumnos da Escola Colonial contra o facto de se não respeitarem as disposições legaes que aos alumnos d'essa Escola dizem respeito.

O decreto de 18 de janeiro de 1906, que creou a Escola, preceitua que o curso colonial seja motivo de preferencia no provimento dos cargos ultramarinos. O de 23 de maio de 1907, que organisou os serviços administrativos da provincia de Moçambique, dá preferencia aos diplomados pela Escola para o provimento dos cargos administrativos.

Ainda a lei de 25 de setembro de 1908 estabelece essa preferencia para os cargos de 2.os officiaes da secretaria geral e secretarios de circumscripções, para os logares de officiaes móres das secretarias geraes, dos administradores de circumscripções e secretarios dos districto. Finalmente, a carta de lei de 25 de setembro de 1908 estabelece as preferencias para diversos cargos ultramarinos e para os da Direcção Geral das Colonias e Direcção Geral da Fazendas das Colonias, fazendo a divisão dos concorrentes em 2 grupos, pertencendo ao 1.º os alumnos da Escola Colonial ou os bachareis habilitados com o curso colonial da Faculdade de Direito de Coimbra, tendo sido resolvido por uma consulta da antiga Procuradoria Geral da Corôa, que nenhum concorrente do 2.º grupo poderia ser despachado emquanto houvesse candidatos do 1.º grupo.

Infelizmente, dizem os reclamantes, todas estas disposições teem sido lettra morta, não se acatando sequer a que mandava publicar todos os mezes a lista dos logares administrativos vagos no Ultramar.

A frequencia da Escola tem-se resentido, diminuindo de anno para anno, visto que os que desejam frequental-a deixam de o fazer, em virtude de não terem garantias. Para obviar a tal inconveniente e para que as garantias consignadas nas leis se effectivem, pedem os reclamantes:

1.º—Que seja inserto sem delongas nas Cartas Organicas de cada uma das provincias ultramarinas—que nenhum *cargo administrativo* de vencimento egual ou superior a 400 escudos annuaes, seja de futuro provido pelo governo metropolitano, ou pelo Governo Geral, ou pelo governo da provincia ou de districto, sem que o pretendente mostre ter habilitação da Escola Colonial, organisada pelo decreto de 18 de janeiro de 1906 ou outra que a vier substituir respeitando-se apenas e só os direitos adquiridos pelas leis anteriores. Só na falta verificada mediante a abertura do concurso no *Diario do Governo*, poderão ser feitos os provimentos por outros diplomados, ou entre funccionarios dos quadros privativos das Colonias.

2.º—Que os logares, quer de auxiliares de escripturação, quer de officiaes da Direcção Geral das Colonias e da Direcção Geral da Fazenda das Colonias, só na falta dos diplomados pela Escola Colonial, sejam preenchidos por outros candidatos.

3.º—Que o curso da Escola Colonial seja motivo de preferencia, não só para todas as nomeações e promoções nos cargos das provincias ultramarinas, de administração geral, politica, civil, militar, fazendaria—conferindo direitos e regalias e vencimentos como funccionarios com cursos da metropole, mas ainda para os logares da Direcção Geral das Colonias e da Direcção Geral de Fazenda das Colonias.

4.º—Que a organisação da Escola Colonial seja reformada com a urgencia que as circumstancias nacionaes e internacionaes reclamam, melhorando-a de harmonia com os institutos similares estrangeiros.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Cães de guarda

Não se comprehende bem a razão porque a policia consente que todos os cidadãos proprietarios d'um pequeno quintal se deem ao luxo de terem um cão de guarda que, por signal não guarda cousa alguma, mas que gane toda a noite a incommodar toda a visinhança.

Que esses animaes exerçam a sua vigilancia fóra de portas em quintas onde possam atacar as canellas de algum gatuno mais atrevido, ainda se comprehende; más aqui, na cidade, nas avenidas novas, na Estephania, no Bairro Camões, nas Picôas, onde ninguem tem licença de dormir sem ser emballado pelo ladrar d'um cão, é forçar muito a nota.

Todas as obras em via de conclusão ou mesmo ainda em caboucos teem o seu cãosinho de guarda, pobre animalejo que talvez passe fome durante o dia para melhor ladrar á noite.

Por toda a parte é um concerto, um orpheon canino, digno de ser ouvido por quem goste de passar as noites em claro.

Pedimos á policia que ponha cobro a este abuso.

PEQUENAS NOTICIAS

A banda da guarda republicana executa ámanhã, na parada do quartel do Carmo, das 13 ás 14 e meia horas, o seguinte programma: «Cazimiros», marcha, A. Moraes; «Le songe d'une nuit d'été», ouverture, Thomaz; «Flores do Minho», rapsodia, Moraes; «Huguenotes», selecção, Meyerbeer; «El Pollo Tejada», zarzuela, Serrano y Valverde; «Eva», selecção, Lehar; «Allucinado», marcha, Fão.

—Alfredo Joaquim de Magalhães, morador na rua da Bombarda, 9, cave, queixou-se de que os gatunos lhe entraram por meio de arrombamento em casa, furtando varias peças do ouro no valor de 200 escudos.

—Gertrudes Romão, a mulher que hontem, como noticiámos, deu entrada no hospital de S. José, por ter sido ferida com uma facada no ventre por seu marido Antonio Reis, morador no Maxial, concelho de Torres Vedras, falleceu a noite passada, sendo o cadaver removido para a casa das observações.

Revolucionarios civis

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Pede-se a todos os revolucionarios civis, que teem os seus documentos no parlamento a fim de serem reconhecidos, para comparecerem ámanhã, 20, pelas 2 e meia da tarde á porta do parlamento, para se tratar de um assumpto do maximo interesse para todos.

A exportação do cacau

A representação do Centro Colonial contra a sobre taxa de 3 0|0 "ad valorem,,

Como já noticiámos, os corpos gerentes do Centro Colonial, compostos dos srs. Francisco Mantero, presidente honorario, Antonio Osorio Sarmento de Figueiredo, Annibal de Salter Cid, José Horta Osorio, Salvador Levy, Fausto de Figueiredo, Henrique José Monteiro de Mendonça, Luiz G. Santiago, Bernardo Horta e Costa, Antonio Ferreira Lima, C. A. de Salles Ferreira, José Gomes de Carvalho, João Antonio Ribeiro e José Benevides, relator, dirigiram ao Congresso uma representação sobre a taxa a applicar á exportação do cacau, na qual fundamentam o pedido de suppressão d'esse imposto.

Essa representação é concebida nos seguintes termos:

Ao Congresso da Republica Portugueza—No exercicio do direito de petição estabelecido na Constituição da Republica Portugueza e dados os termos da lei n.º 373 de 2 de setembro de 1915, veem os signatarios, como representantes da agricultura, industria e commercio das Ilhas de S. Thomé e Principe, pedir o seguinte:

O decreto n.º 2149 de 27 de dezembro ultimo sujeita a exportação ou reexportação de cacau pelas alfandegas do continente e ilhas adjacentes e, para o estrangeiro, pelas alfandegas das colonias, a um imposto de 3 0/0 «ad valorem», além das taxas actualmente vigentes. As taxas actualmente vigentes—além do imposto de reexportação de 1 1/2 0/00 de que não nos occuparemos nos calculos a fazer aqui—são, quanto ao cacau exportado da ilha de S. Thomé, conforme a Pauta C, approvada por decreto de 16 de abril de 1892, e o decreto de 17 de maio de 1894, por kilogramma: $018 para o exportado para Portugal continental, ilhas adjacentes e provincias ultramarinas; $037,5 para o exportado para portos estrangeiros em navios portuguezes, $06 para o exportado para portos estrangeiros em navios estrangeiros.

A tributação do cacau exportado ou reexportado pelas alfandegas das colonias é contradictoria com o principio da autonomia economica e financeira das colonias, que constantemente vem sendo apregoado como intangivel e supremo, e é expressamente contraria á base 22.ª da lei organica da administração financeira das provincias ultramarinas, lei n.º 278, de 15 de agosto de 1914.

Por esta base pertence á colonia a iniciativa do estabelecimento, alteração ou suppressão das taxas ou impostos, com o voto affirmativo do conselho do governo. E' evidente, pois, que sem ter sido tomada esta iniciativa pela colonia de S. Thomé, uma das mais importantes bases da autonomia financeira da colonia ficou para este caso inutilisada.

E' facto que a lei de 15 d'agosto de 1914 pode ser revogada por outra lei. Mas tambem é facto que a autonomia financeira das colonias tem sido proclamada como necessidade imprescindivel e regra inatacavel da vida das colonias.

Adoptando os dados detalhadamente calculados para uma roça-typo para o anno de 1912-1913—que até hoje por ninguem foram impugnados (Boletim do Centro Colonial, janeiro, 1914)—com as correcções resultantes da modificação de alguns d'elles no momento actual (augmento a 60$ por contracto nas despezas de recrutamento de serviçaes, augmento de 100 0/0 nas despezas de alimentação de serviçaes, saccos vasios, medicamentos e utensilios de pharmacia e cirurgia, de 150 0/0 nas despezas de seguros incluindo o risco de guerra, de 50 0/0 nas despezas de alimentação do pessoal europeu, no custo, frete e alimentação das muares, e de 40 0/0 no frete de cacau de S. Thomé para Lisboa); e tomando como base a média approximada das cotações do cacau de S. Thomé durante o anno de 1915 — 7$00 por cada 15 kilogrammas: o novo imposto de 3 0/0« ad valorem», ou seja $21 por cada 15 kilogrammas, representa 8,1 0/0 do lucro liquido do cacau. Um imposto de 8 0/0 sobre o rendimento liquido de uma monocultura, sujeita sempre aos riscos de depreciação que pode ser uma ruina pela impossibilidade do recurso a outra ou outras culturas, mesmo que aquella não tivesse sido feita pela propria audacia do seu esforço e sem o auxilio do Estado, já é pesado. Mas torna-se injusto e exhaustivo, se se somma, como é o caso, com as taxas fixas já em vigor e que, sendo para a hypothese de exportação de S. Thomé para os portos portuguezes, unica n'este momento com importancia pratica, de $018 por kilogramma, representam 10,4 0/0 do rendimento liquido do cacau. Tal somma dá o imposto total de 18,5 0/0 sobre o cacau exportado ou reexportado, percentagem esmagadora para qualquer rendimento collectavel, não imposta por disposição legal a nenhuns outros contribuintes portuguezes e decerto paralisadora, pelo exemplo, de iniciativas economicas. Suppomos, pois, que não é mais que pedir justiça, pedir que este pesado imposto seja abolido.

Se, porém, a enorme tributação total de 18,5 0/0 sobre o rendimento liquido do cacau de S. Thomé é exigida pelas necessidades transitorias do momento actual, e nos é imposta como uma contribuição do nosso patriotismo, pondo em destaque a singularidade e o valor do nosso esforço e do nosso sacrificio economico, indispensavel é que ella não dure além das circumstancias transitorias que lhe dão origem. Se o imposto é por causa da guerra, além da guerra não deve ir. E que é por causa da guerra, dizem-o o preambulo e o artigo 1.º do decreto n.º 2149.

Tambem o porto de Lisboa, cuja importancia sempre se tem procurado augmentar e que carece de medidas de desenvolvimento e protecção, precisa de, acabada a guerra, não ficar quanto ao cacau estrangeiro em condições de inferioridade aos portos estrangeiros. Vimos, pois, pedir que por disposição expressa a duração do imposto seja limitada á duração da guerra.

Mas isto não basta para reduzir o peso enorme d'este imposto a proporções supportaveis.

Muito do cacau em S. Thomé, na alfandega de Lisboa ou em viagem, estava á data da promulgação do decreto n.º 2149 vendido pelos agricultores ou tinha sido comprado por commerciantes de S. Thomé para venda em Lisboa. A nova tributação representaria em todos os casos um prejuizo tanto mais injusto de soffrer e tanto mais duro para impôr quanto é certo que o agricultor poderia não ter vendido por certo preço e o commerciante poderia não ter comprado por outro, se no momento das suas operações contassem com o prejuizo de novo imposto. Em todos os casos é facil de provar a venda ou pelos documentos das alfandegas ou pelos registos dos correctores officiaes.

Tambem o novo imposto não deve incidir em preços alem de um certo minimo. E' facto que a tributação «ad valorem» é menor para um preço menor. Mas tambem é certo que, sendo o lucro liquido menor para menor preço, por haver muitos elementos constantes no custo de producção, e os 3 0/0 «ad valorem» proporcionaes, não ao lucro liquido, mas ao preço do cacau,—a percentagem do imposto em relação ao lucro liquido augmenta tanto mais quanto mais baixar este lucro. E' assim que para um preço de 6$00 por 15 kilogrammas a percentagem do novo imposto será de 9,8 0/0 do lucro liquido, e o Estado cobrará um total de 19,9 0/0 de impostos, quer dizer, 20 0/0 em numeros redondos, do rendimento collectavel. Parece que para um imposto que não queira ser destruidor da riqueza, este limite não deve ser attingido e os preços inferiores a 6$00 por 15 kilogrammas devem ficar isentos do novo imposto.

Dos paizes principaes productores de cacau o Haiti, o Equador e a Bahia pagam impostos na apparencia numerica pezados, mas o custo da producção é muito menor que o de S. Thomé, e teem a liberdade de bandeira na navegação, podendo assim concorrer aos mercados mundiaes em condições de vantagem sobre o cacau de S. Thomé. Ceylão, Trindade, Pará, Granada pagam menos que o cacau portuguez. Não pagam imposto algum pela exportação de cacau Venezuela, Jamaica, Java, Surinam, ilhas de Samôa, Costa do Ouro, Camarões, Togo e Fernando Pó.

E' evidente que os impostos sobre a exportação de cacau portuguez incidem sobre o productor, visto que a percentagem do cacau portuguez de proximamente 15 0/0 sobre a producção mundial do cacau não lhe pode dar o dominio dos mercados internacionaes.

N'estes termos pedem os representantes da agricultura, commercio e industria de S. Thomé e Principe ao Congresso da Republica Portugueza:

1.º—Que seja supprimido o imposto de 3 0/0 «ad valorem», creado pelo decreto n.º 2149 de 27 de dezembro de 1915, sobre o cacau exportado ou reexportado pelas alfandegas do continente ou das ilhas adjacentes e, para o estrangeiro, pelas alfandegas das colonias;

2.º—Que, quando se não faça esta suppressão, se declare por disposições expressas:

a) que tal imposto dura só emquanto durar a actual guerra europeia;

b) que o minimo preço do cacau sujeito á incidencia do novo imposto é de 6$00 por cada 15 kilogrammas;

c) que o cacau vendido á entrega ou o cacau em viagem ou o existente na alfandega de Lisboa á data da promulgação do decreto n.º 2149 não estão sujeitos ao novo imposto.

Concertos David de Sousa

E' o seguinte o programma do 8.º concerto da orchestra do Politeama que no domingo proximo se realisará:

«O mar tranquillo» (abertura) 1.ª audição, Mendelssohn; «Francesca di Rimini» (Phantasia symphonica), Tchazkowsky; trez trechos de Macdowell, expressamente instrumentados; «Lohengrim» (Preludio do 3.º acto), Wagner; «Rapsodia slava», de David de Sousa.

A 2.ª parte será preenchida, a pedido geral, pelo «Poema Symphonico» n.º 2, de João Arroyo, pagina musical de grandiosa belleza.

Salão Foz

E' extraordinario o succecsso que os explendidos numeros de variedades, actualmente no vasto e elegante Foz, teem alcançado, o que não admira visto tratar-se de artistas distinctissimos e escolhidos entre os melhores que ha no estrangeiro. LA FARFALLA, a gentil francezinha, continua agradando, sendo todas as noites alvo de grandiosas manifestações de agrado pelo numeroso publico que enche em todas as sessões esta casa de espectaculos. ESTRELLA DE LEVANTE, interessante e graciosa rainha das *jotas* egualmente tem recebido muitos e justos applausos pelas suas lindissimas canções andaluzas e CHURRY EL BONITO, o rei da gargalhada, variando sempre os seus numeros consegue attrahir as attenções geraes.

Sexta-feira, em *soirée* elegante, estreia-se a celebre bailarina JULITA SOLA, um numero que certamente vae fazer successo entre nós.

Concertos Blanch—O do proximo domingo no Republica

Cada vez é maior o enthusiasmo que estão despertando os bellos concertos da Orchestra Symphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch que todos os domingos enchem por completo o theatro Republica.

A nova sala pela sua belleza e pelas suas excepcionaes condições é hoje a melhor para as grandes audições symphonicas, por isso os concertos Blanch se tornam o ponto da reunião da moda.

O programma é extraordinario: em 1.ª audição executa-se «La Basoche», do grande maestro francez Messager e a «Symphonia Incompleta» de Schubert; «Hansel und gretel», de Humperdinck, os celebres «Preludios» de Liszt, «L'aprés midi d'un faune», de Debussy, «O ouro do Rheno», «A entrada dos deuses no Walhada» e a «Huldinusgundchmarch» do grande Wagner.

Opera lyrica

A estreia da Kruceniski no Colyseu dos Recreios

Despertou enorme interesse, como é do resto natural, a vinda da eminente cantora Kruceniski a Lisboa, onde vem cantar em seis recitas extraordinarias no Colyseu dos Recreios.

A estreia da illustre diva é hoje com a inspirada opera *Madame Butterfly*, que Kruceniski criou no theatro de S. Carlos.

Outra opera de estreia em Portugal é *Loreley*, que Kruceniski creará no Colyseu. Para a recita de hoje poucos logares ficaram de dia para vender.

N'um dia proximo deve Battistin estreia-se no Colyseu, dando quatro recitas extraordinarias. O grande barytono é hoje uma das mais rutilas glorias da scena lyrica.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—D. Perpetua que Deus haja.
REPUBLICA—A's 21 — Companhia franceza.
TRINDADE — A's 21 —El-rei damnado.
POLYTEAMA—A's 21—Vida d'um rapaz pobre.
GYMNASIO—A's 21 — Commissario de policia.
EDEN —A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO — Não ha espectaculo.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—Não ha espectaculo.
PHANTASTICO — Não ha espectaculo.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Trovador.

Agenda da semana

AMANHÃ—**Nacional**—Festa da actor Joaquim Costa com a comedia *D. Perpetua que Deus haja.*

Primeiras representações

REPUBLICA—**Samsão,** quatro actos de H. Bernstein para estreia de Lucien Guitry.

E' conhecida a peça. Representou-a muitas vezes Augusto Rosa com aprazimento dos admiradores d'esse estranho dramaturgo das psychologias morbidas d'uma sociedade cujos sombrios horisontes raro atravessa um lampejo de doce luz espiritual. Grande theatro como technica, o de Bernstein pode dizer-se um theatro de mizerias e violencias, de baixezas e revoltas que teem amiude a sua origem no dinheiro e na carne, e este mesmo *Samsão*, que triumpha pelo trabalho e que conquista a admiração e a estima da propria mulher que o enganou, arruinando-se voluntariamente para lhe arruinar o amante, é uma figura singular que só a arte soberana d'um comediante com os recursos de Guitry consegue dar-nos em toda a sua grandeza tragica, feita, ao mesmo tempo, de força consciente, de assombrosa serenidade e de decisão inabalavel. Valeria a pena a magnitude do sacrificio para a realisação da vingança? O desfecho do drama parece responder affirmativamente, mas a analyse dos obscuros e complicados mysterios do amor na atmosphera insalubre, no meio perverso em que se movem quasi sempre as personagens de Bernstein justificariam talvez duvidas, hesitações, incertezas sobre a conversão, o resgate, a dignificação de almas como a de Anna Maria...

Como quer que seja, a vivissima curiosidade do publico não era hontem attrahida por Bernstein, mas pelo seu mais extraordinario interprete, pelo creador unico das suas discutidas obras e sem o qual, possivelmente, não alcançariam ellas em scena o exito que as assignalaram. Lucien Guitry é a incarnação ideal de Jacques Blanchard. O protagonista de *Samsão* ou ha de ser assim ou não existe. Demanda aquella robustez physica, aquelle dominio da vontade, aquella contensão apparente, que um instante suppomos vencida pelo odio quando elle ruge colérico e não estrangula, podendo fazel-o, porque o tem nas garras, o amigo que o atraiçoou.

O admiravel comediante — reconheceu-o de ha muito a mais auctorisada critica—é hoje o primeiro em França como actor naturalista e do rigor d'esse juizo puderam hontem avaliar os que ainda não tinham sido subjugados pela sua arte suprema, traduzida na inexcedivel pureza da dicção, no sobrio emprego do gesto que, todavia, excede tantas vezes em eloquencia as proprias palavras, na expressiva mobilidade da mascara, de traços vigorosos e concretos e em que todos os sentimentos afloram como se um espelho os reflectisse...

Entre os espectadores que hontem com mais enthusiasmo applaudiram Lucien Guitry notámos, com gosto, varios actores portuguezes. Se alguns nada teem que aprender com o mestre, a outros não seria por certo, desvantajosa a soberba lição que lhes ministrou, convindo registar que os restantes personagens do drama de Bernstein obtiveram em geral uma interpretação conscienciosa e até superior por parte d'um ou d'outro artista e que Lucien Guitry é tão grande *metteur en scene* como comediante.

A sala do Republica offerecia um aspecto brilhantissimo. No camarote presidencial, o chefe do Estado e o presidente do ministerio. Toda a Lisboa elegante se deu *rendez-vous* no novo theatro e o artigo de um jornal, que entendeu recordar o judaismo de Bernstein e a escabrosidade das suas peças, não impediu que a concorrencia fosse das maiores que uma celebridade estrangeira tem attrahido. Muitas senhoras que lêem a *Nação* e a consideram entre os seus jornaes predilectos não faltaram á estreia de Guitry e fizeram para isso a distincção subtil das aristocraticas e piedosas damas da corte de Madrid: foram admirar Guitry, não foram applaudir Bernstein.

Nos corredores corriam os mais pittorescos boatos ácerca dos motivos do contra-annuncio de *L'Emigré*. Assegurava-se que se tinham empenhado esforços para que a peça de Paul Bourget não se representasse. Repugna-nos acreditar nas razões allegadas, de todo o ponto inadmissiveis, e que só nos cobririam de ridiculo se pretendessemos fazel-as valer...

A. de A.

Boatos e informações

Entre nós

Madame Butterfly, que hoje se canta no Colyseu, tem a seguinte distribuição:

«Madame Butterfly», sr.ª Salomea Kruceniski; «Susuki», sr.ª Maria Millon; «Pinkerton», sr. Armando Marescotti; «Skarpless», sr. Mimo Zuffo; «Goro», Angelo Algos; «Principe Yamadori» e «Lo Zio Bonzo», Michelle Fiore; «Commissario imperial», Libero Ottoboni.

A'manhã vae o *Trovador*.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

O commercio depois da guerra

Londres, 17 de janeiro

O «Morning Post» abriu um inquerito ácerca de como se deve organisar a guerra economica que ha de succeder á guerra actual.

Numerosas personalidades politicas e presidentes das camaras de commercio já responderam. Os membros do parlamento promettem a sua inteira adhesão a um programma de acção energica para luctar, depois de firmada a paz, contra os productos allemães. Alguns são partidarios da constituição immediata d'um ministerio do commercio internacional, que centralisaria as informações e tomaria a iniciativa das medidas combinadas entre os alliados contra a Allemanha commercial.

Os presidentes das camaras de commercio já interrogados, partilham d'esta opinião e por iniciativa da camara de commercio de Paris já constituiram uma grande associação para o desenvolvimento do commercio.

O sr. Geoffroy, presidente da camara do commercio de Avignon, aconselha o estabelecimento de tratados de commercio entre os alliados, com uma tarifa elevada e até com prohibições para certas mercadorias allemãs.

O presidente da camara de Le Mans, o sr. Conteor, sollicita a boicotagem para os productos allemães e uma modificação dos methodos do commercio francez. O sr. Danglois, presidente da camara de commercio de Cherburgo, declara-se partidaria d'um vasto programma de reorganisação interior, obras publicas, portos, caminhos de ferros, legislação operaria, melhor utilisação dos recursos nacionaes e capitaes francezes reservados ás industrias francezas.

O sr. Fargeon, presidente da camara de commercio de Boulogne-sur-Mer, fala d'uma politica de approximação commercial entre os alliados. Pede a creação d'um comité internacional composto de diplomatas, de economistas e de homens de negocios que se dedique: primeiro, a organisar entre os alliados uma liga de defeza economica, e segundo a redigir tarifas e regulamentos aduaneiros dirigidos contra a importação de productos austro-allemães.

Festas associativas

Concentração Musical 5 d'Outubro.—Continuam ámanhã as festas commemorativas do 2.º anniversario da fundação, havendo ás 21 horas *soirée* dançante.

Grupo União dos Amigos.—A commissão administrativa d'este Grupo realisa uma *soirée* no proximo mez. A correspondencia póde ser dirigida aos srs. Victor Braga, Camara Manuel, Mello Bandeira e Vasco Trigueiros, para a rua Francisco Sanches, 23, 3.º, direito.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Escolar dos Defensores da Republica

Por deliberação da assembleia geral realisada em 13 do corrente fica convocada para ámanhã, 20, pelas 21 horas nova reunião a fim de se tratar definitivamente do caso José Maria d'Alpoim.

Tuna Commercial de Lisboa

Recomeçam depois d'ámanhã, pelas 22 horas, os ensaios d'esta tuna, sob a regencia do seu maestro, sr. Ernesto Cyriaco. Sendo urgente ensaiar o novo reportorio para o proximo sarau, a direcção pede a todos os executantes que não deixem de comparecer.

Centro 27 d'Abril.—Reune ámanhã, extraordinariamente, a assembleia geral.

Ultimas noticias

O incendio de Santa Clara

O apeamento das paredes—Juiz que se dá por incompetente

No Deposito Central de Fardamentos continuam os trabalhos de remoção de salvados. Para hoje estava marcado o apeamento das paredes que ameaçam ruinas, mas tal se não poude fazer, devido ao mau tempo. Entretanto, ás 7 horas, seguiu para Santa Clara um piquete do pessoal de incendios constituido por 8 bombeiros e 10 conductores, sob o commando de um chefe. Um pouco mais tarde comparecia ali o commandante dos bombeiros, sr. Carlos Parente, acompanhado do chefe da 2.ª divisão, sr. Caetano Pereira de Carvalho. Tudo se preparou para se fazer o apeamento sendo ainda lançadas algumas espias. A chuva era abundante e por esse motivo os trabalhos foram interrompidos. Pouco depois comparecia o sr. dr. Meyrelles Leite, juiz do 3.º juizo de investigação criminal, acompanhado do escrivão Pires e respectivo official de diligencias, a fim de proceder ao exame directo. Como peritos iam os srs. Caetano Pereira de Carvalho e Antonio Alfredo de Almeida, chefe de divisão e chefe de secção, respectivamente, do corpo dos bombeiros municipaes. Segundo nos disseram, o relatorio vae ser brevemente entregue ao sr. ministro do interior.

Quando do incendio foram presas varias pessoas sob a accusação de andarem furtando objectos salvados. Uma d'essas pessoas foi o menor Abilio Gomes, morador na rua dos Correeiros, 174, a quem foram encontrados dois carrinhos de linha no valor de 10 centavos. Apresentado hoje a responder no tribunal da Boa-Hora o juiz deu-se como incompetente para julgar a causa, mandando-a julgar a corpo de delicto e sendo o reu mandado em liberdade mediante fiança.

Segundo nos disseram, o chefe Sarmento não fez hoje qualquer diligencia, tendo o director da policia ouvido diversas pessoas.

O que diz um constructor civil

O sr. Frederico Carlos Rego, constructor civil, envia-nos a carta que a seguir publicamos. O incendio do Deposito Central de Fardamentos preoccupa ainda hoje toda a população de Lisboa e necessario é que se averiguem as suas causas. Como a carta do sr. Frederico Rego póde lançar alguma luz sobre o caso, duvida alguma temos em a inserir. Diz ella:

Sr. redactor de «A Capital».—São passados quasi oito dias sobre o pavoroso incendio do Deposito de Fardamentos para o exercito; anda a opinião publica preoccupada com as causas provaveis do incendio e, a não ser «A Capital», nenhum outro jornal se dignou ainda reclamar um rigoroso inquerito á direcção do serviço de incendios, a meu ver, e no de muita gente, a unica culpada da destruição completa d'aquelle importante estabelecimento do Estado.

E' necessario, sr. redactor, que se faça um rigoroso inquerito e que se chamem peritos profissionaes, de fóra de Lisboa, para que se esclareça qual o grau de responsabilidade que cabe aos senhores que mandam no serviço de incendios. A parte do sinistro foi dada ás 7 horas e 50 minutos da tarde. Compareceram os soccorros do quartel 5, e os chefes que chegaram com esses soccorros mandaram sustar a sahida do material das outras estações, por que, diziam elles, «o fogo não tinha importancia». São esses bombeiros, ao que parece, os que vão depôr ao governo civil, declarando que andaram de Herodes para Pilatos á procura das chaves das boccas de incendio, no que perderam muito tempo, desprezando por conseguinte o material do quartel 5, que cá fóra estacionava e com o qual podiam estabelecer o serviço de ataque, servindo-se das boccas de incendio collocadas no exterior do edificio. Ha aqui, portanto, dois erros de officio: o de não reconhecerem como deviam a importancia do incendio, mandando sustar a sahida do material, e o de abandonarem o que já lá estava para perderem tempo immenso, segundo a propria confissão, com o material do edificio.

Reconhecido o erro, e alastrado o fogo por todo o corpo do edificio do lado da Fundição, mandam só n'essa altura acudir todo o material cuja sahida haviam sustado, e commettiam o imperdoavel erro de encostar escadas «Magyrus» á parede da parte totalmente incendiada, do que resultou dar-se o desabamento parcial da mesma parede, matando os dois pobres bombeiros e ferindo os que ainda hoje estão soffrendo os erros da criminosa incompetencia, n'uma enfermaria do hospital de S. José.

A parte do edificio que deita para Santa Engracia foi attingida, pelo fogo ás 10 horas da noite, isto é, duas horas depois, dando tempo a que os paisanos e militares, dirigidos pelo sr. alferes Cabrita, retirassem tudo o que lá estava dentro, o que se podia muito bem ter evitado se ali se encontrasse um homem energico que soubesse dirigir o serviço de ataque. O unico que havia no corpo de bombeiros tinha sido posto á margem por influencias do sr. commandante. Esse homem era o ajudante Gomes da Costa, nome que ouvi pronunciar por toda a gente que assistiu ao desenrolar d'aquella sinistra tragedia.

Eu reclamo que se faça um rigoroso inquerito ao serviço de incendios de Lisboa, que não pode continuar assim por que constitue um perigo para todos nós, os habitantes d'esta capital.—Frederico Carlos Rego.

NOTAS DIVERSAS

Comquanto continue doente com gripe, o sr. ministro das colonias deu hoje despacho em sua casa aos directores geraes do ministerio.

—Uma commissão de lavradores, que considera inconveniente para a economia nacional o projecto de lei sobre a questão das subsistencias, em discussão no Parlamento, procurou hoje o sr. ministro do fomento, para entregar-lhe em nome da lavoura, umas bases com que a sua classe entende poder resolver-se aquelle problema.

—O ministerio das finanças perguntou aos outros ministerios quaes os estabelecimentos seus dependentes que se encontram seguros contra os riscos de incendio.

—O sr. ministro dos extrangeiros não dá ámanhã recepção ao corpo diplomatico.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

«HISTORIAS MARITIMAS»

O almirante Braz d'Oliveira, que dirige um curso na Escola Naval, frequentado por praças da marinha, resolveu offerecer aos alumnos mais distinctos o seu livro «Historias maritimas», ha annos editado pela Liga Naval.

UM BANQUETE

O coronel Whyle, do exercito inglez, conhecido entre nós pela propaganda de defeza do regimen da mão d'obra em S. Thomé, offerece amanhã, no Avenida Palace, um jantar a varias individualidades, entre as quaes o general sr. Jayme Leitão de Castro.

LUTUOSA

Falleceu em Penella a sr.ª D. Leonarda Forjaz de Sampaio, filha do general sr. Forjaz de Sampaio e irmã da sr.ª D. Ludovina Forjaz Guerra e Sá e do sr. Diogo Pereira Forjaz de Sampaio.

NA LIGA NAVAL

A despeito da chuva que durante todo o dia cahiu, ainda assim decorreu muito animado o «tea-concert» das quartas-feiras, tendo-se dançado com grande enthusiasmo.

Entre as muitas senhoras presentes notámos: madame Henriqueta Valdez de Mascarenhas e sua filha madame Patricio, madame Ferreira de Mesquita e filha, mademoiselle Noronha (Paraty), viscondessa de Montargil, madame Pimenta de Castro, madame Camara Leme e filhas, baroneza d'Ortega, D. Maria Emilia Taborda Martel, madame Bruges d'Oliveira, D. Amelia d'Aguilar Castro e Sola, mademoiselle Mello Breyner (Mafra), etc.

Entre os cavalheiros vimos os srs.: Conselheiro Serpa Pimentel, 1.º tenente Côrte Real, da armada ingleza, Pereira de Mattos, dr. Camossa Saldanha, Luiz Martins, dr. Pisarro, D. Bernardo d'Albuquerque, visconde de Montargil, dr. Pires de Lima, dr. Hipolito Raposo, Henrique Verda, José Rolin Santos, Bartholomeu Perestrello de Mattos, D. José Mello Breyner (Mafra), D. João Portugal e Castro, etc.

Gréves de estudantes

Faculdade de medicina.—Estando marcada para a ordem do dia de ámanhã, no Senado da Republica a proposta de lei n.º 163 da auctoria do deputado sr. João Camoezas, proposta já approvada na Camara dos Deputados e que resolve o conflicto da faculdade de medicina, e sendo da maxima urgencia tomar deliberações sobre a attitude a seguir, convidam-se todos os alumnos para uma reunião magna que se realisa ámanhã, ás 20 1|2 horas no edificio da Faculdade.

—Os alumnos da faculdade de sciencias de Lisboa reunem ámanhã, ás 13 horas, na sede da Associação da mesma faculdade, para se tratar do actual conflicto academico.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34	33 7|8
Londres, 90 d|v.	34 1|2	—
Paris, cheque	$75,8	$76,2
Allemanha, cheque	$27	$28,2
Hollanda, cheque	$64,5	$66,5
Madrid, cheque	1$40,5	1$41,5
Suissa, cheque	$85	$86
Italia, cheque	$65	$68
New York	1$48	1$49
Rios|Londres	11 9|16	—
Libras	7$03	7$08
Agio do ouro	53 °|o	58 °|o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,45	39,15
» » 500$	—	—
» » 100$	39,45	—

Obrigações: d'Estado: 5 0|0, 1909, coup., 80$: 4 1|2, 1912, ouro, 97$.

Externas: 1.ª serie, 75$90 e 3.ª, 77$20.

Acções: Banco de Portugal, 185$50; Lisboa e Açores, 125$; Assucar, 46$; Cazengo, 1$50; Ilha do Principe, 218$; Moçambique, 3$50 e 3$40; Moagem (nova) 56$80; Tabacos, coup., 82$10.

Obrigações: Prediaes, 6 0|0, serie A, 92$50; Ultramarino, hypothecarias, 98$40; Ambacas, 94$; Beira Alta, 2.º grau, 14$50; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 5, 76$; Docas do Porto, 1.º grau, 46$50.

SPORT

Fala o campeão do mundo, de socco

Tem esperanças de ser milionario

E calcula que durante cinco annos pode dar murros em toda a gente!...

Vem n'um jornal americano o seguinte artigo, assignado por Jess Willard, o campeão do mundo do socco:

«Antes de vencer Jack Johnson no campeonato do mundo declarei que se ganhasse o titulo, combateria fosse qual fosse o homem branco que houvesse no mundo.

Não mudei de opinião. Quando quizerem assignarei o contracto contra o homem que me designarem.

Actualmente, julgo que Jim Coffey, Frank Moran e Charley Wilnart são os melhores da cathegoria dos «pesados». O que elles devem é combater-se e eu luctarei contra o vencedor. Ou se qualquer emprezario quizer fazer-me um offerecimento que seduza e que valha a pena de abandonar as minhas representações de «music-hall», disponho-me a combater individualmente o trio, com uma semana de intervallo.

A proposito deixem que declare que o trabalho de scena não me agrada. E' mais difficil ser actor que combater no «ring», o homem mais duro.

O logar d'um jogador de socco é no «ring» e ahi estou á vontade. Não quero manter a minha carreira pugilistica mais de 5 annos. Espero até lá ganhar muito dinheiro que permitta retirar-me e lançar-me no commercio.

Tenho confiança de poder facilmente esmurrar todos os «boxeurs» pesados da actualidade.

Al Reich obteve enorme impressão quando debutou. Dizem-me que bate feio, muito e forte e que tem mais qualidades que os outros. E' possivel, mas não acredito que vá longe. Elle não gosta de «box» quando é duro e bruto.

Permittiram a Porky Flynn—touro de ensaio—que o batesse aos «pontos». Depois deixou-se bater por «knock-out» por Jim Coffey. Ha mais ainda... Jim Savage dominou Reich o que quer dizer que este não é grande coisa! E' que eu conheço Savage que foi meu treinador quando me preparava para luctar com Johnson. E' habil mas está longe de ser corajoso e na Havana, durante o meu treino, nunca conseguiu dar-me um socco que eu sentisse!... E' homem que ponho fóra de combate em menos de trez minutos!

Vejamos outros...

Gumboat Smith obteve uma decisão, sobre mim, ha dois annos. N'essa epocha estava elle no melhor da sua «fórma» mas fiquei sempre convencido de que o arbitro commetteu uma grave falta dando-lhe a victoria. Depois d'isso, Smith retrogradou. Não deu um unico socco em Wilmart ha poucas semanas! Teve tambem difficuldades em conseguir vantagem sobre Tom Cowler, que não presta para nada e não obteve exito contra Hemple, meu velho camarada de treino. Por consequencia, Gumboat Smith está fóra da cirtica e não conta...

Coffey não é muito mau. E', sem contestação, um dos melhores da actualidade. Gostava que fosse o primeiro dos meus adversarios tanto mais que, n'este momento, constitue uma attracção para New York.

Ora, eu faço «box» pelo dinheiro que ganho. Não deve admirar, portanto, que procure os homens que deem maior receita...

Emquanto a Weimert, que não tem 19 annos, tem a alma d'um pugilista maravilhoso, mas ainda lhe falta o «punch». Ouvi dizer aos technicos que, n'um anno, será um grande campeão e que terá melhorado o seu «punch». Talvez façam mal em o «forçar». Não digo isto por medo d'elle, porque estou á sua disposição...»

William não fala de Moran, que venceu Coffey por knock-out *em 3* rounds.

Depois que escreveu o artigo já Gumboat Smith foi vencido por Coffey em 4 rouds *por* knock-out.

Notas do dia

A «internacionalisação» athletica

Os nossos clubs e federações continuam no seu programma de estreitar as suas relações internacionaes e para isso multiplicam as suas festas e torneios em que nacionaes e estrangeiros em luctas cartezes e amistosas, provam os seus merecimentos.

Depois do «foot-ball», o hipismo e o «tennis». Agora, pode annunciar-se a effectivação d'um «match» hespanhol-portuguez entre «équipes» de esgrima de espada, formados por um mestre e cinco amadores. O primeiro d'estes «matchs» peninsulares, está marcado para os dias 18 e 19 de março.

A resposta a um repto

Sr. dr. José Pontes.—Acabamos de ter noticias do desafio lançado pelo sr. Antonio Neves a todos os luctadores amadores de Coimbra com exclusão do sr. Cesar de Mello. Lisonjeia-nos muito a honra que o actual campeão de Portugal nos quer conceder pisando comnosco o «ring», pelo que gostosamente declaramos que se o sr. Antonio Neves se der ao incommodo de vir até Coimbra encontrará tres ou quatro amadores, das categorias dos leves e meios-médios, completamente ao seu dispôr. A honra do encontro compensa-nos bem da derrota que nos espera. — Os luctadores amadores de Coimbra.

Algumas anecdotas

E a senhora julga que não tenho mais que fazer

Lembram-se de Bébi Poireé, um luctador que esteve em Lisboa por occasião do 3.º campeonato internacional, realisado no Colyseu dos Recreios? Era um hercules famoso, conhecido aqui, como de resto foi conhecido em todo o mundo, pelo «mais bello braço da França». Uma vez, deante da estatua do marechal Ney, no observatorio nacional de Paris, Poireé dava uma sessão publica de pesos, ao ar livre, como costumavam fazer os hercules ambulantes.

Depois d'um maravilhoso «arraché» com um grande alter, o glorioso veterano, com um chapeu mole na mão, foi de assistente em assistente, recolhendo algumas moedas de prata e de cobre.

Um garotito, acompanhado da mamã, saíu um pouco do circulo, para contemplar mais de perto os bellos ante-braços de Poirée. Este olhou severamente para a mamã, depois para o petiz e gritou com uma voz terrivel:

—«Senhora, mande recuar o seu filho. Se o meu peso lhe cahisse na cabeça esmagava-o. E se o esmagasse, naturalmente punha-se para ahi a chorar, pedindo que lhe arranjasse outro!...»

Depois, contrahindo negligentemente o seu biceps de 45 centimetros, continuou:

—«E a senhora julga, que não tenho mais que fazer?...»

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Treinos de hipplsmo

Os nossos centros hippicos trabalham activamente na preparação especial de cavallos e cavalleiros para as provas dos torneios hippicos do corrente anno. Esses treinos estão tomando já certa intensidade na Escola de Educação Physica. Além de alguns dos frequentadores do picadeiro irão ás provas d'este anno os instructores e o seu ajudante sr. Carvalho, que ainda no ultimo concurso no Estoril foi um dos cavalleiros que melhor se classificaram.

Por Bemfica

Os Desportos de Bemfica, com a creação de classes de gymnastica sueca para os seus associados e familias prestaram um relevantissimo serviço ás populações de Bemfica. Os professores Arthur dos Santos e Levy Jenochio continuam dirigidno proficientemente essas classes.

Um novo grupo de foot-ball

Formou-se um grupo de «foot-ball» na Instrucção Militar Preparatoria n.º 5, assim constituido: Izidro Barbosa, A. Gonçalves, M. Azevedo, Frões, José Braz Barbosa (cap.), Mayer, N. N., Matta e Galvão, Vieira e Aguiar.

O capitão pede a comparencia, na quinta-feira, ás 21 horas, na séde rua do Mundo, 81, 3.º

Reapparece um club

Uma commissão de antigos «sportsmen» do extincto Sport Grupo Progresso Almirante Reis, reunidos em assembleia geral, resolveram de novo continuar a propaganda do club, encontrando-se desde já aberta a inscripção de socios na séde provisoria, rua das Barracas, 4, loja. A direcção ficou assim constituida: presidente, Raul Correia; secretario, Julio Correia; thesoureiro, José Sabino da Silva.

Recreios Desportivos da Amadora

O novo campo de «foot-ball» está adeantado nos trabalhos de terraplenagem e nas officinas da fabrica Santos Mattos & C.ª começaram os trabalhos de carpintaria nas vedações destinadas ao mesmo campo, que ficará sendo uma dependencia sportiva dos Recreios. Os jogadores terão todas as facilidades e uma grande barraca, bem apropriada em vestiarios, lavatorios, etc.

A inauguração official deve effectuar-se no mez de março.

Congresso de educação phisica

Afluem as inscripções a este Congresso, tendo já adherido grande numero de medicos, professores de gymnastica, camaras municipaes, escolas, lyceus, officiaes de terra e mar e grande numero de collectividades que a este assumpto se dedicam taes como a Sociedade de Estudos Pedagogicos, Academia das Sciencias de Portugal, Academia das Sciencias de Lisboa, Liga Nacional de Instrucção, Associação dos Medicos Portuguezes, etc. Ultimamente enviaram a sua adhesão a Academia das Sciencias de Lisboa, dr. João Paes de Vasconcellos, Camara municipal de Alemquer, Camara municipal de Aviz, Associação de Foot-ball do Porto, Gymnasio Club Polarense, Lyceu Central Alves Martins, de Vizeu, Patronato da Infancia, Annibal da Natividade Martins Pinto, José Maria Holbeche, professor, commandante da Escola de Marinheiros do Sul, etc.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A proposito da reunião constitucional»

Em opusculo publicou o deputado sr. Luiz de Mesquita Carvalho a conferencia que ha tempos fez sobre «A dissolução parlamentar» e em que revelou os vastos conhecimentos que sobre o assumpto possue. E' um trabalho que honra ésse parlamentar.

«Boletim dos officiaes de marinha mercante»

Correspondente ao mez corrente, sahiu o n.º 22 d'este Boletim mensal, trazendo variada collaboração e entre muitos outros artigos um, deveras interessante sobre os serviços prestados pela marinha mercante durante a guerra.

Sociedade da Cruz Vermelha

Esta Sociedade recebeu do sr. José Antunes de Almeida a quantia de 20$85, importancia de uma subscripção aberta entre os passageiros de 2.ª e 3.ª classe do paquete Darro, ha dias chegado dos portos do Brazil.

A provincia n'A CAPITAL

BARREIRO, 18.—Toma posse depois d'ámanhã, do logar de encarregado da estação telegrapho postal d'esta villa o sr. Deodoro Luiz de Castro, aspirante dos correios e telegraphos que aqui tem residido e conta grande numero de amigos. Foi transferida para Carnide a encarregada da mesma estação e a sua ajudante sr.ª D. Magdalena Freire, filha do proposto de thesoureiro de finanças S. Manuel Freire.

—A Associação Humanitaria de Soccorros Mutuos Barreirense procedeu á eleição dos novos corpos gerentes para o corrente anno, que deu o seguinte resultado: assembleia geral: presidente, Augusto Cezar de Vasconcellos; secretarios, Alfredo Antonio Bolina e Sebastião Antonio Gomes; vice-presidente, João José dos Santos; vice-secretarios, Francisco Rosa Paes e Manoel de Jesus Abreu; direcção: Manuel Martins, João dos Santos Costa, Vicente dos Santos Bolina, João da Silva Junior e José Bento Esteves; supplentes, José Vicente Ferreira, Joaquim Guerreiro e Joaquim José; conselho fiscal: José Francisco das Neves, Januario Vicente Ferreira e Joaquim de Figueiredo; supplentes, José Joaquim Fernandes de Carvalho e Eduardo Rodrigues da Silva.

Movimento maritimo

Madeira e Açores «San Miguel»	20
Pará e Manaus «Aidan» (Liverpool)	20
Loanda, Lob., Beng. e Cuio «Dondo»	20
New-York, direto, «Patria», (Gibraltar)	22
Africa Occidental, «Malange»	22

Sarrail avançavam ao norte para a Argonne. A 10 de dezembro, Langle de Cary avançou para Perthes. Doze dias depois avançava de novo, d'esta vez não só contra Perthes, mas contra a herdade de Beausejour, a oeste d'aquella localidade na estrada de Suippes, por Perthes e Ville-sur-Tourbe, para Varennes. Até 25 de dezembro, os francezes avançaram e repelliram muitos contra-ataques, tomando muitos «blockhouses», algumas metralhadoras e um canhão protegido por uma cupula.

Esse avanço foi auxiliado pela pressão exercida pelas forças em roda de Reims, que ao norte de Pranay, nos dias 19 e 20 de dezembro, e novamente a 30 de dezembro, atacaram o flanco direito de von Einem. Comtudo, só a 15 de janeiro o estado maior francez annunciava que desde 15 de novembro avançára um kilometro na região de Pranay e dois na de Perthes, onde dezesete contra-ataques dos allemães haviam sido repellidos e a aldeia tomada no dia 9. Dois dias depois, os francezes estavam nos arredores de Perthes e ao norte da herdade de Beausejour.

Egualmente valorosa havia sido a resistencia dos allemães na floresta da Argonne.

O terreno n'essa floresta é extraordinariamente difficil, cortado por torrentes, penedias altissimas e valles cobertos de bosques, com uma emmaranhada vegetação entre as arvores. Ha ahi uma especie de funda depressão correndo ao centro de norte para o sul entre o Aire e o Aisne. Duas estradas principaes a atravessam, uma d'ellas de St. Ménéhould a Clermont, a outra de Vienne-le-Château a Varennes. Parallela a esta e ao norte ha uma outra atravez da floresta que, começando exactamente acima de Vienne, vae a Mont Blainville, atravessando a parte da floresta que é conhecida pelo nome de bosque de la Gruric.

Ainda mais ao norte ha uma outra estrada, que vae de Binarville a Apremont. Na parte sul da floresta o rio Blesme corre para o norte até Le Four de Paris, ahi volta bruscamente para oeste e vae lançar-se no Aisne abaixo de Vienne. Seguindo as suas margens ha uma estrada que vae do sul e liga a de Vienne-Varennes pelo Four de Paris. Exactamente pela parte exterior da principal região da Argonne, a leste ha tambem uma boa estrada que vae de Clermont por Varennes, St. Juvin e Grand Pré, e ha a oeste uma outra de Vitry-le-Fois por St. Ménéhould a Vienne e d'ahi para o norte.

Quando os allemães foram repellidos do Marne, as suas columnas re-

O millionario J. Pierpont Morgan, agente do governo inglez nos Estados Unidos

tiraram pelas duas orlas da Argonne, pois que as estradas interiores da floresta não se prestavam aos movimentos de tropas. Tomaram finalmente uma posição defensiva perto da linha da estrada que corria de Vienne-le-Château a Varennes. Os francezes que os perseguiam, quando ahi chegaram, tomaram pela estrada do centro da floresta. Os allemães, para fazerem frente a um possivel ataque aos flancos interiores das suas tropas em Vienne-le-Château ou em Varennes, avançaram por seu turno pelos bosques.

Os francezes não puderam sahir d'elles pelo lado occidental, mas tomaram uma posição fazendo frente ás trincheiras allemãs que corriam de Vienne-le-Château a Melzicourt.

allemães retomarem Amiens ou avançarem sobre o Sena até abaixo de Paris pela margem occidental do Oise se tornou mais difficil.

Na segunda secção da fronte—a de Compiègne a Berry-au-Bac—as coisas não haviam corrido tão satisfatoriamente para os francezes. O exercito de Maunoury tinha na realidade defendido a floresta de l'Aigle no angulo septentrional formado pelo Oise e pelo Aisne. A 13 de novembro tomou Tracy-le-Val na sua orla oriental, e as suas tropas argelinas, no dia 19, repelliram brilhantemente o contra-ataque allemão. Uns doze dias depois—a 1 de dezembro—o inimigo proximo de Berry-au-Bac não conseguiu tambem tomar as trincheiras francezas.

De 6 a 16 de dezembro, houve um duello d'artilharia ao longo de toda a fronte. Os francezes parece terem levado a melhor e um ataque allemão a Tracy-le-Val na noite de 7 para 8 não foi bem succedido. No dia 21, algumas trincheiras allemãs na região de Nampoel-Puisaleine foram tomadas. Mas na primeira quinzena de janeiro o centro do exercito de Maunoury na região de Soissons soffreu um sério revez. Esse recontro foi chamado pelos allemães «A batalha de Soissons».

Desde setembro que Maunoury e Franchet d'Esperey estavam fazendo esforços baldados por desalojarem von Kluck da formidavel posição que o seu exercito occupava, na margem norte do Aisne, a oeste de Berry-au-Bac. Para falar d'um modo geral, os francezes estavam no sopé das alturas occupadas por von Kluck, com o rio atraz d'elles. As pontes acima e abaixo de Soissons estavam em seu poder e a 8 de janeiro de 1915, o general Maunoury, por iniciativa propria e por ordem de Joffre, fez um resoluto esforço para alcançar o planalto.

Installado n'uma herdade, n'um local ao sul do rio, d'onde se disfructava um magnifico panorama, Maunoury, por meio de numerosos telephones, dirigia pessoalmente o ataque. Devido á chuva torrencial, poude, porém, vêr muito pouco do que succedeu.

Uma extensa linha de ulmeiros no horizonte indicava o distante objectivo dos francezes. No valle, algumas casas além de Soissons na reintrancia do rio que ia a trasbordar indicavam a aldeia de St. Paul. Entre esta aldeia e os ulmeiros ergue-se, á direita da aldeia de Cuffies, na estrada Soissons-La Fère, a elevação denominada «cota 132». Mais proximo e á direita d'essa cota, mas d'ella separada pela aldeia de Crouy na estrada Soissons-Laon, fica a «cota 151». As aldeias de Cuffies e de Crouy estão a meia encosta. Os francezes estavam n'essas aldeias e n'uma linha de Crouy em roda da «cota 151» para leste, por Bucy e Missy, mais elevada do que Soissons sobre o Aisne.

Em Missy havia uma ponte de madeira e entre Missy e Soissons uma outra em Venizel, em frente do Bucy.

O ataque começou por um violento bombardeamento das duas cotas e pelo córte, pelos sapadores, das rêdes de arame farpado que não haviam sido destruidas pelas shrapnels ou pelas granadas. A's 8,45' da manhã a infantaria deu um assalto á cota 132 por dez pontos differentes. A chuva cahia torrencialmente. Em poucos minutos as trez linhas de trincheiras foram tomadas e os canhões foram içados para o cume da cota 132 e da cota 151. A' artilharia allemã canhoneou as perdidas posições e pelas 10,25' da manhã, pela 1 hora da tarde e pelas 3 horas contra-ataques foram dados contra a cota 132. O ultimo foi repellido por uma carga de bayoneta dada pelos caçadores, uma centena dos quaes, levados pelo seu impulso, foram cercados e mortos como um só homem.

No dia seguinte—9 de janeiro—ás 5 horas da manhã o ataque allemão á cota 132 foi renovado e parte da terceira linha de trincheiras foi por elles recuperada. Trez horas e meia depois a artilharia franceza dispersou um batalhão allemão que fôra mandado apoiar os assaltantes. Como o bombardeamento continuava,

os francezes, desprezando o perigo, reparavam constantemente as trincheiras e as defezas d'arame farpado.

Durante a noite um outro contra-ataque foi repellido e no dia 10 os francezes tentaram avançar. Os allemães avançaram ao seu encontro e auxiliados por um corpo de marroquinos os francezes puzeram-nos em fuga e pelas 5 horas da tarde occuparam mais duas linhas de trincheiras e parte d'um bosque a nordeste.

Só em feridos tinham 548 homens. Durante todo o dia 11 a lucta continuou e os francezes avançaram mais para leste.

Entretanto o rio, alimentado pela chuva que cahia ininterruptamente, ia augmentando de volume e durante a noite de 11 para 12 todas as pontes de Villeneuve e Soissons, excepto uma unica, foram levadas pela corrente, sendo-o egualmente as que havia em Venizel e em Missy. Em menor escala, a posição das forças de Maunoury assemelhava-se á das forças de Napoleão em Aspern, quando se viu com o Danubio a trasbordar e as pontes arruinadas atraz de si. Kluck, como o archiduque Carlos em 1809, atacou com violencia.

Dois corpos, ao que se crê, estavam tentando esmagar as tropas francezas, as quaes, segundo os relatorios allemães, se compunham da 14.ª divisão de infantaria, da 55.ª divisão de reserva, d'uma brigada mixta de caçadores, d'um regimento de infantaria territorial e—sem se especificar as unidades—de turcos, zuavos e marroquinos. Antes das 10 horas da manhã do dia 12 os allemães, em massas profundas como em Mons, foram arremeçados por Kluck sobre a direita franceza acima de Crouy; ás 11 horas, uma grande massa foi arremeçada contra as trincheiras na cota 132.

Gradualmente, os homens de Maunoury, infligindo perdas terriveis aos inimigos, foram repellidos para o rio. Duas peças, inutilisadas, foram abandonadas.

Para cobrir a retirada atravez do rio, foi dado no dia 13 um contra-ataque na cota 132 e os marroquinos, cobertos de lodo dos pés á cabeça, tentaram, do lado de Crouy, escalar de novo as alturas. Mas a unica ponte que restava era a de Venizel e Kluck estava empregando todos os esforços para repellir os francezes de Crouy para Missy pelo rio.

A sua artilharia bombardeou Soissons. A ponte em Venizel podia de um momento para o outro ser levada pela corrente, pois que a estrada que para ahi conduzia estava quasi coberta d'agua. Maunoury, por isso, resolveu, forçadamente, mandar retirar a maior parte dos seus homens para o sul do rio. A retirada effectuou-se durante a noite de 14, mas a aldeia de St. Paul, na reintrancia, ficou em seu poder. Um ataque contra ella—a 14 de janeiro—foi repellido e no dia 15 a artilharia franceza da margem esquerda dispersou um corpo d'allemães na margem opposta.

As baterias da cota 151, guiadas com extraordinaria audacia, salvaram-se, mas n'outros pontos os canhões foram abandonados. Uns 40 mil allemães tinham infligido uma derrota, mas, apesar das mais favoraveis condições, não tinham podido esmagar uns 12.000 francezes. Os allemães, ao que se crê, perderam 10.000 homens entre mortos e feridos, os francezes 5.000.

Essa batalha foi absurdamente comparada pelos allemães á batalha de Gravelotte. N'uma das narrativas allemãs dizia-se que Kluck «justificára brilhantemente o seu genio como chefe militar. Parece ser cada vez mais o Hindenburg do occidente».

N'outros tempos, a retirada dos francezes para a margem sul do Aisne na região de Soissons teria arrastado a evacuação simultanea de todas as suas posições ao norte d'aquelle rio. Mas o novo modo de guerrear fizera mudar tanto a estrategia como a tactica. As tropas pódem ser protegidas pela artilharia algumas vezes postada a trinta e

dois kilometros de distancia; caminhos de ferro e automoveis permittem que as reservas de homens e de canhões possam ser, a uma chamada telephonica, transportadas de um ponto para outro com extraordinaria rapidez; metralhadoras, espingardas de repetição, bombas e granadas, rêdes d'arame farpado e trincheiras magnificamente construidas permittem que posições antigamente consideradas como insustentaveis ou perigosas possam ser occupadas com segurança.

Combater com um rio na retaguarda teria sido n'outros tempos considerado o cumulo da imprudencia. O castigo infligido por Napoleão aos russos em Friedland, por Blücher a Macdonald em Katsbach, conservára-se vivido na memoria de algumas gerações de soldados. Pois, apesar d'isso, desde o começo da segunda quinzena de setembro os generaes Maunoury e Franchet d'Esperey e, durante algum tempo, sir John French tinham tido grandes porções de tropas e um consideravel numero de canhões na margem norte do Aisne, no flanco exterior d'uma das mais formidaveis posições da Europa. A não ser o revez de Soissons, nenhum contratempo serio havia occorrido.

Mais a leste, proximo de Craonne, uma tentativa dos allemães, a 1 de dezembro, para desalojarem os francezes havia sido mal succedida; a 23 de janeiro bombardearam Berry-au-Bac, mas a 1 de fevereiro não haviam conseguido, excepto em roda de Soissons, varrer o inimigo da margem norte do Aisne entre Compiègne e a passagem a que acima nos referimos. Nem desde Berry-au-Bac até ás cercanias a leste de Reims haviam os allemães sido melhor succedidos.

Franchet d'Esperey e Foch haviam, em setembro, quebrado a contra-offensiva do inimigo desde o valle do Suippe a oeste até um alto, e a irritação dos allemães manifestava-se ahi, como em Ypres, pelo espasmodico renovamento do seu systema estupido de destruir as obras primas d'architectura. A cathedral de Reims, assim como as de Arras e de Soissons e o Mercado de Ypres iam sendo reduzidos gradualmente a um montão de ruinas.

Foi talvez no norte da Champagne—na secção entre Reims e Verdun—que foi maior a actividade durante os mezes de novembro e dezembro de 1914 e janeiro de 1915. Era uma das partes mais fracas da fronte franceza, a qual se estendia n'um comprimento de oitocentos kilometros. Emquanto o inimigo não fôsse repellido ao norte do Aisne—a leste de Berry-au-Bac—e por completo expulso da floresta da Argonne, podia de novo retomar a offensiva por um avanço para o Marne, e tentar cortar a ala direita franceza do seu centro.

Os generaes Langle de Cary e Sarrail foram encarregados de preparar o terreno para uma offensiva que fizesse desapparecer por completo esse perigo. Em frente de Langle de Cary, cujos quatro corpos de exercito no meiado de janeiro foram fortemente reforçados, estava o general von Einem com um exercito approximadamente egual. O objectivo immediato do general francez era o caminho de ferro Bazancourt-Grand Pré, que corria por detraz da fronte allemã, atravessando a floresta da Argonne e terminando em Apremont, a uns seis kilometros e meio ao norte de Varennes.

Essa linha ferrea era ligada por Rethel no Aisne, Bazancourt, e, mais a leste, por Attigny no Aisne e Vouziers, com o caminho de ferro Mezières - Montmédy - Thionville-Metz. A região atravessada pela linha ferrea Bazancourt-Grand-Pré era pobre; valles sombrios, aldeias pequenas e pobres, herdades pouco importantes. Aqui e ali pantanos, e pequenos massiços de arvores de quando em quando quebravam a monotonia da terra arida. E era n'essa região, contra um systema de entrincheiramentos semelhantes aos que os allemães haviam tão rapidamente construido entre Arras e Lens, que Langle de Cary avançava com todas as precauções.

Ao mesmo tempo, as tropas de

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1960—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 20 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A separação de funccionarios

Graves prejuizos que urge evitar

A demora que está tendo o julgamento pelo Conselho de Ministros dos recursos interpostos pelos funccionarios separados do serviço contraría o espirito da lei que presupõe esse julgamento feito n'um curto praso já que impõe effeitos immediatos aos despachos de separação, e é, sem duvida, causa de graves prejuizos que urge evitar para os que, por ventura, vierem a ser considerados ilibados de culpa n'aquella instancia de appellação.

Se acaso houve funccionarios que recorreram como pretexto apenas para deduzir libellos contra o regimen e as suas leis, explorando á suspeita publicidade dos jornaes monarchicos, outros o fizeram em termos, sinceramente convencidos da sua innocencia e offerecendo elementos serios de prova que contrariam e destroem os fundamentos em que a sua separação se baseou.

Valem ou não valem essas provas? O Conselho de Ministros o dirá na sua sabedoria e imparcialidade. Mas que o diga depressa. A lei é, nos seus effeitos, de uma grande violencia e não é justo que esses effeitos continuem indefinidamente atuando sobre quem tiver de ser considerado innocente.

E que com alguns isso ha de succeder é quasi certo.

Um separado houve, por exemplo, que o foi por virtude do equivoco resultante de... ter um nome egual ao de um padre que andou envolvido nas incursões couceiristas!

Auctoridades e insuspeitos republicanos testemunham terem estado no Brazil com esse funccionario ao tempo em que a denuncia levianamente enviada á commissão da separação respectiva o dava, por virtude da tal paridade de nomes, a manobrar na fronteira!

E essa victima de um tal equivoco encontrou-se e encontra-se longe da patria, onde, pelo facto da separação, foi deixado privado de recursos e sem meios para regressar a Portugal.

Outro caso curioso é o recente apparecimento n'um jornal de S. Francisco da California de uma carta do proprio individuo que conseguiu com as suas denuncias a separação do consul portuguez alli, fazendo *amende honorable* e reconhecendo que, com effeito, elle não teve culpa alguma no famoso caso do hymno. Sabido como é que foi a execução do hymno da monarchia pela orchestra americana de um restaurante em que se realisava um banquete da colonia o unico facto *concreto* assacado ao sr. Simão Lopes Ferreira, e desde que o testemunho insuspeito do proprio accusador, publica e espontaneamente affirma não ser elle o culpado, a revisão do respectivo processo mais ainda se impõe como acto de justiça urgente e necessaria.

Commercio hispano-portuguez

Os representantes dos camaras e syndicatos do paiz visinho serão alvo de manifestações de sympathia

As relações commerciaes luso-hispanicas vão entrar n'um caminho de maior approximação, com a annunciada visita dos representantes das camaras e syndicatos commerciaes, industriaes e agricolas do paiz visinho. A Associação Commercial de Lisboa organisa afanosamente o programma de recepção aos hospedes da cidade, contando desde já com o concurso de outras aggremiações, para que os delegados hespanhoes levem de Portugal uma impressão justa do trabalho nacional. Secundando a iniciativa da Associação Commercial de Lisboa, a Sociedade Propaganda de Portugal projecta dedicar aos visitantes hespanhoes uma excursão a Cintra, com um almoço n'um dos primeiros hoteis da villa e um passeio a Monserrate.

A Camara Municipal de Lisboa fará as honras da cidade offerecendo nos Paços do Concelho uma recepção aons commerciantes e industriaes do paiz visinho, á altura da proveitosa missão d'esses delegados para ambas as nações.

A visita dos representantes das camaras e syndicatos commerciaes, industriaes e agricolas de Hespanha será solemnisada tambem pela Academia de Commercio, com a creação de um curso de lingua hespanhola, abrindo-se n'essa occasião concurso para o provimento da respectiva cadeira.

Como a Allemanha sangra a Belgica

Na legação da Belgica em Lisboa foi recebida a seguinte informação official:

A Allemanha depois de ter exigido da Belgica o anno passado uma contribuição de cêrca de 500 milhões (480) pretende continuar a reclamar ainda hoje uma contribuição de 40 milhões por mez. Semelhante pretensão é absolutamente injustificavel. Segundo a Convenção da Haya o occupante póde, é verdade, impor uma contribuição extraordinaria, constituindo uma contribuição de guerra. Mas esta faculdade está sujeitá a duas restricções, uma subsidiaria da outra. E é com desconhecimento d'estas duas restricções que a Allemanha formula a sua reclamação. O occupante não póde reclamar contribuição de guerra senão para as necessidades do exercito ou da administração do territorio. Ora nenhum d'estes dois fins justifica na Belgica uma reclamação de 40 milhões por mez, formando um total de 480 milhões por anno. A contribuição actualmente requerida não é «para a administração do territorio». Um golpe de vista sobre o orçamento de 1915 tal como foi publicado no boletim official allemão para o territorio belga occupado, demonstra isso claramente. As despezas foram fixadas em 198 milhões; as receitas ordinarias do Estado em 175 milhões, ou seja uma differença de, apenas, 23 milhões. Ora effectivamente esta differença foi menor porque as receitas foram superiores ás previsões. A contribuição actual não é tambem para «as necessidades do exercito», porque as palavras «necessidades do exercito» teem um sentido perfeitamente definido. Não são applicadas nem ao soldo das tropas nem aos trabalhos estrategicos que o occupante entendesse dever emprehender. Na conferencia de Bruxellas de 1874, disse-se no art.º 40 que «a propriedade particular deve ser respeitada, e o inimigo não poderá pedir ás communas e aos habitantes senão prestações e serviços em relação com as necessidades da guerra em proporção com os recursos do paiz, e não implicando para as populações a obrigação de tomar parte nas operações da guerra contra a Patria».

As palavras: «necessidades da guerra» teem parecido demasiado latas e na Convenção da Haya de 1899 foram substituidas pelas: «necessidades do exercito». São estas necessidades que unicamente justificam as requisições e as contribuições extraordinarias que não são requeridas pela administração.

Art.º 52: As requisições em productos do solo, e de serviços não podem ser reclamadas ás communas e aos habitantes senão para as necessidades do exercito de occupação ....

Art.º 49: Se afóra os impostos ordinarios o occupante lançar outras contribuições, estas só poderão ser destinadas «ás necessidades do exercito» ou da administração do territorio.

A explicação d'estes textos é claramente dada pelo relatorio de Mr. Rollin, na Conferencia da Haya (trabalhos da Conferencia pag. 60).

As requisições não se podem fazer senão para as necessidades do exercito. Não é já o criterio das «necessidades da guerra» conforme indicava o art.º 40 de Bruxellas que prevalece, e segundo o qual com rigor se podia exgottar systematicamente o paiz. O exercito de occupação procurará obter no proprio paiz o dinheiro necessario ao pagamento das requisições por meio das contribuições cujo cargo se repartirá entre todos, ao passo que as requisições sem indemnisação arruinam ao acaso individuos isolados».

As contribuições extraordinarias devem pois servir para pagar as requisições. Ora, primeiro, as requisições feitas para reabastecimento do exercito de occupação nunca podem ter attingido a somma enorme de 480 milhões; segundo, as requisições que são feitas não são em geral pagas de contado como deveriam sel-o, mas sim por meio de «bons». E' por consequencia sem razão que se procura com o pretexto das «necessidades do exercito» justificar as exigencias feitas.

Mas ha mais. A faculdade de impôr contribuições extraordinarias soffre uma segunda restricção. As requisições quaesquer que ellas sejam ou em generos ou em dinheiro não podem ainda mesmo que consideradas justas exceder os recursos do paiz. Ora esmagada como tem sido a Belgica póde apenas fazer face aos impostos ordinarios. E' inadmissivel que além d'esses se obrigue a pagar 40 milhões por mez. O caracter abusivo de semelhante tributo resulta manifestamente de trez circumstancias: a primeira, de que os belgas continuam a pagar ao Estado ás provincias e ás communas as suas contribuições ordinarias, e de que as contribuições extraordinarias de 480 milhões se veem sobrepor a estas contribuições ordinarias. A segunda, de que a taxa d'este imposto representa mais de seis vezes o conjuncto dos impostos directos que o Estado percebe em tempo de paz e que se elevam a 75 milhões. A terceira, de que se o paiz, graças á sua actividade industrial e commercial, póde em tempo de paz, fazer face a estes 75 milhões, é hoje em tempo de guerra, privado da sua vida economica, e reduzido a uma ardua folga; a sua classe operaria ferida de uma profunda angustia está a cargo dos seus concidadãos, e as classes remediadas não retiram já dos suas propriedades e dos seus valores os recursos que ellas produziam.

Em resumo:

Nem a taxa nem o objectivo da contribuição extraordinaria são justificados.

Se elles fossem justificados, a reclamação seria inadmissivel attenta a situação lamentavel do paiz.

Os Estados Unidos e o Mexico

NEW-YORK, 20.—Os jornaes annunciam que os bandidos mexicanos que operam na provincia de Arisona se apoderaram de sete americanos pertencentes á policia e os levaram para o Mexico com a intenção de os matar. As tropas americanas partiram em perseguição dos bandidos.—(*Havas*).

A cheia do Meuse

AMSTERDAM, 20.—A cheia do Meuse destruiu uma ponte proximo de Namur, tendo morrido afogados alguns habitantes das aldeias circumvisinhas.—(*Havas*).

UM ESCANDALO ECCLESIASTICO

O sr. Pinto Coelho e o clero

Como um leigo processa padres! — A censura previa e o sr. conego Lisboa — O que se passa no patriarchado

O sr. dr. Augusto da Piedade Lisboa, conego da Sé patriarchal, foi, como noticiámos, processado no tribunal ecclesiastico do patriarchado por ter trazido a lume um folheto sem licença do sr. patriarcha. Esse folheto, ao qual em tempo alludimos, e que se intitula «Causas da decadencia do catholicismo em Portugal», revelava a triste situação a que a Egreja chegou entre nós principalmente por culpa d'aquelles que mais deviam zelar o seu prestigio. Quem promoveu o processo? O sr. dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, promotor fiscal interino...

O sr. dr. Augusto da Piedade Lisboa não se conformou com semelhante processo nem com a maneira porque lhe foi instaurado. Sacerdote de vasta cultura, insurge-se contra o facto de ser um leigo o referido promotor e ácerca da censura prévia a que pretendiam sujeital-o diz o seguinte:

—A censura prévia é extensiva ou restrictiva? E' restrictiva, porque diz respeito a livros religiosos. Ora o folheto em questão é um livro profano. Que cousa tem a censura com o livro, por exemplo, da historia de Portugal? Nada; absolutamente nada. Portanto, o Promotor fiscal, quanto ao caso, tomou a nuvem por Juno, isto é, errou redondamente.

A censura prévia, é uma lei ou um conselho? Segundo o Promotor fiscal, é uma lei penal. Ora, a theologia moral e o direito canonico estabelecem certos criterios para distinguir a lei do conselho. Apreciemos segundo esses principios a censura prévia: 1.º—A violação da lei penal importa um crime, a que corresponde uma pena especificada na respectiva lei; porque o juiz não póde punir arbitrariamente o réu, mas segundo a lei. Ora a determinação da Egreja relativa á censura não designa pena de qualidade alguma. Tanto isto é verdade, que o Promotor fiscal quiz que eu fosse punido, porque o livro produzira escandalo, quando deveria ser punido pela omissão da censura prévia. 2.º—A Egreja, condemna o livro e não instaura processo contra o seu auctor. 3.º—A censura prévia, segundo os costumes em vigor, é considerada em toda a parte um conselho. Muitos ecclesiasticos entre nós publicaram livros religiosos sem o respectivo *imprimitur*, vg.: o conego Anaquim, o notavel orador sagrado o Conego Ayres Pacheco, Dr. Garcia Diniz, P.º Ribeiro Coelho, P.º Santos Farinha e, para vergonha e confusão do auctor do processo, o sr. Pinto Coelho, pae do promotor fiscal. 4.º—Se a censura fôsse uma lei penal, os seus trangressores seriam peccadores publicos e criminosos.

Portanto os referidos senhores que agradeçam ao promotor fiscal, que querendo censurar o meu procedimento e emporcalhar o meu nome, censurou e emporcalhou implicitamente o procedimento e o nome dos referidos ecclesiasticos e mais do seu progenitor!

«Emfim, a censura seja uma lei ou não, é fóra de toda a duvida, que o meu livro não estava sujeito a ella: 1.º, porque é um livro profano; 2.º, porque a lei positiva admitte a *epikeia*, portanto o livro em questão não estava sujeito á censura prévia; porque sujeital-o á approvação da pessoa n'elle visada importa um contrasenso e um paradoxo. Conclue-se, portanto, do exposto, que o processo é anticanonico, isto é, nullo e irrito.

«Se tivessem tido o bom senso de archivar o processo, eu teria guardado o silencio sobre o assumpto. O publico sabe que eu fui processado; tenho, portanto, o direito de dizer a todos, que o processo é uma injustiça, uma illegalidade e, eu não sei, Deus sabe, se é uma *vingança* tambem.

«Eu já disse e repito, que o libello contra mim é a mais solemne exautoração do Promotor fiscal. Eu não tenho a honra de conhecer este senhor; julgo-o pelos seus feitos, que estão a pedir o verso heroico de Antonio Diniz. Estes feitos são tão repugnantes e nojentos, que eu não duvido affirmar, que o seu auctor praticou verdadeiros attentados contra a razão e o direito. Dirão os leitores, se falo verdade ou não. Fui processado, porque o meu livro não tem o *imprimatur* e o sr. Ribeiro Coelho, auctor de alguns livros, inclusivé de duas orações funebres, sem o respectivo *imprimatur* foi nomeado juiz *ad hoc* do processo em questão! Sendo eu e o referido R. Coelho culpados de identica falta, eu fui classificado de reu e aquelle senhor arvorado em juiz d'esse reu! Dão-se factos d'esta ordem entre hottentotes? A que chegámos e a que descemos! O processo foi instaurado sem eu ser préviamente admoestado conforme ordenam a Escriptura e o Concilio Tridentino. Sobre essa omissão chamei a attenção do referido juiz *ad hoc*, que me disse em resposta, que tambem elle estranhára o caso e que n'este sentido fizera perguntas a... Então quem manda nos tribunaes ecclesiasticos? Jesus e a Egreja, ou o Promotor fiscal, que fez o que queria e não o que devia? Quando se tornou publico que eu fôra processado sem causa canonica, houve na sociedade um verdadeiro *fervet opus* de escandalos e de indignação contra o Promotor fiscal. Chegaram aos meus ouvidos alguns echos d'essas cousas que rezavam assim: que o Promotor fiscal não sabe da poda, que não estudou sciencias ecclesiasticas, que deve ser posto no olho da rua; que o processo é uma vingança vil; que o clero parochial mandou pentear macacos aos que o convidavam a protestar contra o meu livro; etc. A causa de tudo isto não é o procedimento escandaloso do Promotor fiscal? Entendia o Promotor fiscal que eu devia ser punido, porque, affirmava elle *sem provas*, o folheto produziu escandalo. Esta agora é de cabo de esquadra. Elle accusou-me d'uma falta e queria que eu fôsse punido por outra! Que homem tão desastrado e escandaloso, que lança mão de tudo e vae ás do rabo! O processo causou-me prejuizos moraes e materiaes, que o Promotor fiscal como injusto damnificador está obrigado a reparar e que até hoje não reparou. Devo ou não devo desconfiar do catholicismo d'esse homem?

«Diz o promotor fiscal que o folheto produziu escandalo. No folheto não ha mentiras nem calumnias; não ha espirito de insubordinação, nem falta de respeito ao Em.º Prelado. Não ha factos imaginarios nem cousas occultas trazidas a lume. Tanto isto é verdade, que o proprio Promotor fiscal accusou-me apenas da omissão da censura prévia, que não vale quanto ao caso, um centavo partido ao meio. Com que fundamento, pois, affirma o meu accusador, que o folheto produziu escandalo? Referir-se-ha elle ao escandalo proveniente dos factos relatados no folheto? Naturalmente. Mas esses factos, antes da publicação do folheto, eram do dominio publico e, quem os praticou, não fui eu—. A estas judiciosas observações terá que contrapôr o meu gratuito inimigo a fala do lobo contra o innocente cordeiro: *se não foste tu, foi o teu pae*. Supponhamos, porém, suppôr não é conceder, que é verdadeira a affirmativa do meu accusador. Terá este a auctoridade para falar contra escandalos? Não.

O Promotor fiscal é uma pedra de escandalo no patriarchado. Os canonistas affirmam que o Promotor fiscal deve ser um *ecclesiastico* de costumes irreprehensiveis.

Um leigo feito promotor fiscal, importa um attentado dos mais graves contra a organisação da Egreja, contra a lei evangelica, contra os canones, contra o privilegio clerical chamado do fôro, e finalmente, contra a disciplina ecclesiastica.

«Ha uma aggravante quanto ao facto em questão. O Promotor fiscal do patriarchado é interino, ha mais de oito annos. Um facto d'esta ordem é admissivel, quando o proprietario do logar se acha legitimamente impedido. O logar, porém, em questão está vago ha mais de 8 annos! Além d'isso, o Promotor fiscal pertence a um partido politico e, segundo se affirma, é collaborador de um jornal, que outr'ora publicou diatribes do maior calibre contra todos os membros da hierarchia catholica, sem exceptuar o Papa Pio IX, que brevemente será canonisado!

«Sendo, portanto, o Promotor fiscal uma pedra permanente de escandalo, elle nunca deveria falar contra escandalos. Diz-se que a fé na bocca de S. Paulo é um dogma e na de Luthero é uma heresia. Assim parece-me que o sermão do Promotor fiscal contra escandalos é uma refinada hypocrisia e quasi uma heresia».

O sr. dr. Augusto da Piedade Lisboa, n'um novo opusculo que vae ser posto á venda com o titulo «Contra o sr. Pinto Coelho» explana e corrobora largamente estas considerações sobre o que elle chama «um processo escandaloso».

Migalhas

Boatos

Praxedes anda verdadeiramente assarapantado com os ultimos boatos da semana. Não o deixam descançar as desencontradas noticias acêrca do incendio do Deposito de Fardamentos e já o entontecem com varias larachas, acêrca dos espectaculos Guitry. Acêrca do fogo de Santa Clara já lhe disseram tudo: que tinha sido mandado deitar pelos allemães; que, pelo contrario, tinha sido o principe Danilo, do Montenegro e da «Viuva Alegre», que, fulo com a tomada do monte Lowcen, tinha procurado aquelle derivativo para o seu furor, que o incendio era destinado a purificar uma historia de pannos velhos e de botas pôdres, a encobrir uma falta de setenta mil duzentos e quarenta e cinco escudos, vinte centavos e meio, que mais isto e mais aquillo.

De tanto abrir a bocca de pasmo, Praxedes tem um ar de cartaz reclamo d'um pó dentrifico e, n'estes sobresaltos de espirito, o seu raciocinio fluctua ao Deus dará no grande mar das conjecturas como a arca de Noé boiava sobre as aguas do diluvio.

Dei-lhe hoje um conselho que se me affigura o mais proprio do momento: sahir para a rua com os ouvidos atacados de algodão em rama e não destapar as campanulas auditivas emquanto não passar esta vaga de boatos. Ha semanas assim, em que a mentira nasce por todos os cantos como os cogumellos depois das cheias. Quem quizer ouvil-as e escutal-as, corre o risco de morrer doido e, como sabem, a morte de Praxedes seria uma catastrophe irremediavel.

André Brun

O incendio em Santa Clara

Começa o apeamento das paredes e proseguem as investigações policiaes

Em frente das ruinas do edificio do Deposito Central de Fardamentos continuou hoje a permanecer durante o dia muito povo, assistindo aos trabalhos da remoção de salvados, que são dirigidos, como nos dias anteriores, por sargentos e officiaes do Deposito. A affluencia de curiosos hoje foi grande, por ter constado que os bombeiros procederiam ao apeamento das paredes que ameaçam desabar. Effectivamente esses trabalhos começaram, mas serão demorados, devido á forma como são feitos. De manhã em volta da parte das paredes que devem ser apeadas foram collocadas cordas a fim de ninguem se poder approximar. Policias e guarda republicana vigiavam o local. O chefe de divisão do corpo de bombeiros sr. Caetano de Carvalho dirigiu os trabalhos tendo ás suas ordens varios bombeiros e conductores da estação 4. Foram passadas as primeiras espias, bastante grossas, sendo os cabos enfiados pelas janellas e unindo-se as duas pontas cá em baixo. A esse nó foi ligado um outro cabo que se estendia até grande distancia. Os bombeiros, conductores e grande numero de populares, principalmente o rapazio, agarraram-se ao cabo e á voz do chefe Carvalho puxaram com toda a sua força. Apenas cahiu um bocado da parede, cahindo, entretanto, muitos bombeiros e rapazes no meio de grande hilaridade dos espectadores. Nova tentativa se fez, mas o cabo rebentou. Cabos novos foram atirados e unidos a uma roldana e mais uma vez se tratou de arrear a parede, que não deu de si. Lança-se mão de correntes de ferro. O resultado é o mesmo. As paredes continuam firmes. A's 16 horas os trabalhos continuam ainda, sendo a multidão de curiosos cada vez maior.

Os trabalhos de remoção continuaram, sendo transportados em carroças os salvados para as fabricas de Armas e Canhões e Conventinho do Desaggravo.

No local esteve de manhã o sr. Vasconcellos Dias, director do Deposito, acompanhado de varios officiaes.

As investigações policiaes continuam. Hoje foram largamente ouvidos os sargentos Pedro da Silva e Callado, o mestre da officina de sapataria Arthur Virgolino Futre, o contramestre Manoel do Carmo e o operario Antonio Marques Esteves, o guarda-portão reformado de nome Vialbom, o servente Antonio Marques e Rita de Almeida, mulher do chefe dos guardas Manoel de Almeida. O Carmo e o Esteves declararam que apenas souberam do incendio quando sahiram da officina, ás 20 horas, e que se dirigiram para o Deposito a coadjuvar os serviços dos bombeiros.

Pelo telegrapho

Um avião austriaco destruido

ROMA, 20.—Foi destruido um dos aviões que bombardearam Ancona, e feitos prisioneiros os dois aviadores.—(*Havas*).

O governo servio em Corfu

ATHENAS, 20.—O presidente do conselho da Servia e alguns dos seus ministros chegaram a Corfu.—(*Havas*).

A Grecia e os alliados

LONDRES, 20.—O rei Jorge recebeu os ministros e officiaes generaes francezes que vieram para o conselho de guerra. O governo deu um jantar ao qual assistiram os membros do gabinete, os embaixadores e os ministros dos paizes alliados.—(*Havas*).

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados seis volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, e o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

ASSISTENCIA AOS ALIENADOS

O que se passa no Porto

Guedes d'Oliveira justifica a Misericordia portuense — Os governos devem coadjuval-a — Uma campanha necessaria

... *Sr. e meu illustre amigo.*—Tarde, porque os embaraços d'esta grilheta do trabalho diario, me estorvam muitas vezes os movimentos, venho agradecer a v. a publicação das informações que lhe enviei sobre a hospitalisação de alienados no Porto, e as palavras tão generosas e tão amigas com que teve a bondade do preceder essa publicação.

Hoje, o nosso muito presado camarada sr. Silva Esteves volta ao assumpto com um bilhete do «medico distincto» que tão mal o esclareceu e que, diz Silva Esteves, não concorda «em parte» com a minha defeza.

Já consegui alguma coisa e d'isso me felicito. Se o medico distincto não concorda «em parte» commigo, concorda naturalmente no resto. Vamos a vêr se lhe dissipo as ultimas discordancias. Antes porém, preciso dizer que a minha intervenção n'este assumpto apenas obedeceu ao bom desejo não só de restabelecer a inilludivel, intransigente, insofismavel verdade, como ao de prestar um serviço á minha terra, (que Silva Esteves egualmente defende), demonstrando que a culpa da insufficiencia na hospitalisação dos alienados no Porto, pertence ao Estado, que como sempre cuida muito de tudo sem cuidar de nada, excepto cobrar impostos.

Diz o medico distincto que no Aljube estão ha quatro annos dois pobres doidos, uma mulher da Foz chamada «Serafina», e um outro desgraçado do Porto. E pergunta: Então a Misericordia ainda não teve logar desde ha quatro annos para admittir no Conde de Ferreira os dois pobres doidos?

Enganou-se mais uma vez o distincto medico. Penso, na minha innocencia, que um medico distincto não deve ignorar que a admissão no Hospital é feita á medida que se dão as vagaturas e na rigorosa ordem chronologica da inscripção dos requerimentos de particulares ou das requisições das auctoridades. Esta pratica é a seguida n'outros estabelecimentos de internados, e o distincto medico bem o vê pelos extractos das sessões da camara quando se trata de admissões no Collegio dos Orfãos, por ella administrado. Ora como as vagaturas, pelas razões já terminantemente postas na «Capital», e que o distincto medico não quiz comprehender, são em limitadissimo numero, emquanto os requerimentos e requisições se accumulam despropositadamente,—resulta que o tempo que medeia entre a inscripção de um doente e a sua admissão é em geral demasiadamente longo. A doente Serafina não está no Aljube ha quatro annos; está ali desde 3 de maio de 1914, ou seja menos alguns mezes de dois annos. Em 6 de julho do mesmo anno de 1914 foi que a auctoridade requisitou a inscripção da doente para quando lhe coubesse a vez de ser internada. Assim está ha menos de dois annos no Aljube e ha menos tempo ainda inscripta para a admissão.

O illustre medico não citou o nome do outro infeliz que o Aljube agasalha. Não posso por isso esclarecel-o; não me repugna todavia crêr que as suas circumstancias devem ser as mesmas da Serafina.

Mas a triste verdade é que, mais do que o distincto medico diz, dando á Misericordia culpas que lhe não pertencem, a desgraça da deficiencia do hospital para o numero de alienados que a elle procuram acolher-se, é muito maior do que se julga. Quer saber quantos doentes indigentes estão actualmente inscriptos para ser admittidos á medida que haja vagas? Cento e sessenta e dois,—79 homens e 83 mulheres! Ora sendo a media annual de vagas inferior a 25 é claro, para quem veja as coisas com inteira boa fé, que um doente inscripto em determinada data só regularmente póde entrar no hospital ao fim approximadamente de seis annos. E' horrivel!

E qual a razão d'esta pavorosa calamidade? Já foi demonstrada na «Capital», e quasi por causa d'ella me interessei n'este doloroso assumpto:—«a falta de manicomios e de asylos para alienados incuraveis».

Era n'este ponto que eu queria vêr o distincto medico insistir; é para elle que eu peço a Silva Esteves olhe com as boas sympathias que lhe merece a cidade do Porto, insistindo, verificando, demonstrando que o Estado tem não só obrigação mas leis que o auctorisam a remediar este grande mal.

Eu não tenho nada com a Misericordia. Mas o meu espirito de justiça é egual ao meu espirito de revolta quando vejo a verdade maltratada. Tenho como demonstrado que a Misericordia do Porto, despresada do Estado, presta os serviços que póde prestar. A seu cargo está a maior parte da beneficencia de todo o districto. Mantem dois grandes hospitaes; outros nove estabelecimentos de caridade estão sob a sua guarda e administração,—asylos de velhas inválidas e viuvas pobres, entrevados e entrevadas, surdos-mudos, orfãs, desamparados, etc. Com os seus recursos, que mais póde fazer?

Meu caro sr. Silva Esteves! Se, como diz, o facto evidentemente triste, cruel e deshumano é que no Porto não temos assistencia efficaz, nem para doidos nem para outros doentes,—abra a campanha! Faça com que os governos auxiliem a Misericordia ao menos com um decimo d'aquillo que dispendem com a beneficencia de Lisboa! Peça ao seu medico distincto que o acompanhe n'esta humanitaria cruzada! Ponha de parte a ideia, tão fundamentalmente nacional, de considerar a intervenção do Estado indispensavel em tudo, para verificar que n'este caso como em nenhum outro, elle, só elle, tem o mais inalienavel dever de intervir! Saccuda bem, com o vigor da sua palavra e a dignidade da sua justiça, o desleixo, a indifferença, o deixa-correr, d'aquelles que assumem o encargo de nos governar e põem tudo no desgoverno maximo! Não hesite! Não esmoreça! Não recue! E tenha a certeza de que me verá a su lado com a modestia da minha contribuição mas todo o calor do meu enthusiasmo!

Pela publicação d'estas linhas, se confessa mais uma vez reconhecido, o que é.—De v., collega e amigo gratissimo.— Porto, 17-1-916.— *Guedes de Oliveira.*

Noticias parlamentares

O governo não appareceu hoje na Camara dos Deputados antes da ordem do dia. Resultado: dar-se uma grave crise de parola, em virtude do não haver quem servisse d'alvo aos jogos floraes da immensa eloquencia dos legisladores. E a camara foi então, por largo tempo, uma especie do caldeirão em banho Maria, que não havia forma de fazer levantar fervura, por falta de calor oratorio. Foi o sr. Marques da Costa quem livrou o presidente de apuros, bordando de improviso, na sua clara, pittoresca e pouco complacente maneira de dizer as coisas, considerações varias sobre estradas e sobre o codigo administrativo. Foi assim aproveitado o tempo? Bonda de illusões! Isto de estradas é uma santa historia em Portugal. Quanto mais lhe mexem peor ficam.

* * *

A' falta de melhor, para entreter o tempo, lá se votou um projecto auctorisando o governo a comprar navios para a fiscalisação maritima. Foi o sr. Virgolino Chaves quem teve esta ideia genial de contender com as pescarias, agora que vão turvas as aguas, por causa das ultimas chuvas. E fez bem. E' que, prestando um apreciavel serviço aos peixinhos, tão relapsos, os pobresitos, em se deixarem apanhar desde que ha guerra, o sr. Chaves póde revelar-se, uma vez mais, orador de voz sonora, ribombante com trovão intermitente, a cortar, aos solavancos, o espaço. Tem feito progressos esse legislador. Até comprou já um coco e um sobretudo da moda. A continuar assim, não virá longe o dia em o que o sr. Arthur Costa se veja mettido n'um chinelo por este seu correligionario, que em falas e vestuario lhe está quasi a par...

* * *

Abriu hoje, effectivamente, a exposição dos modelos para a estatua da Republica, a collocar na Camara dos Deputados. Os estranhos bicharocos em gesso foram collocados no *hall* do S. Bento, préviamente ornamentado com plantas frescas e viçosas. O que o publico visitante disse, se um phonographo o registasse—ou o sr. ministro do interior, que tambem não regista mal—daria assumpto para umas poucas de comedias á Gervasio, ali em pleno Gymnasio. Os auctores dos mostrengos deviam ter sido condemnados a ouvir tudo isso, para seu castigo, que outro maior não podiam ter. Aquella mulher que anda a proveito, a outra que quer dar o viva e ainda a que parece dispor-se a bater o fandango, valem poemas. Que pena não haver quem os faça! Estão por acaso disponiveis os poetas satiricos de Portugal?

* * *

O sr. Celorico Gil trovejou hoje mais uma vez a sua indignação na Camara dos Deputados. Mas antes de se indignar, o fogoso deputado evolucionista enterneceu-se. Atirou á sua provincia, onde as amendoeiras começam a florir, uma saudação, que foi um dityrambo. Ella que lh'o agradeça e que attente bem na sinceridade com este seu representante em côrtes a defende. Pena é que até agora o sr. Celorico Gil não se haja lembrado de pôr bem a claro aquella complicada tragedia de Monchique. Se elle lograsse redimir aquelle pequenino Paraizo terreal, merecia uma estatua, no jardim das thermas, á sombra d'um secular e copado castanheiro. No desequilibrio da eloquencia d'este algarvio ha sempre uma sinceridade que a impõe. E' bom dizel-o. E dir-se-hia isto mesmo sem saudações amaveis, que nem sempre teem o condão de fazer chorar as terras.

* * *

Todos os partidos deviam fazer parte da commissão de inquerito parlamentar eleita hontem. Pelos seus representantes em Côrtes, é claro. Approva-se a proposta que tal determina e verifica-se que nem o deputado catholico nem o socialista tinham, a final, sido arvorados em juizes das urnas em que a commissão se cozinhou. E' claro que não faltaram os reparos a tão estranho contratempo. Mas que fazer? Se ha vantagens em se resumir, n'um individuo só, todo um partido, tambem não faltam as desvantagens. Esta, por exemplo: a de ser preciso andar aos hombros dos adversarios para se poder ser alguma coisa.

quando para isso não se dispensam os votos. O socialismo e o catholicismo foram hoje confundidos na mesma derrota. Vistam-nos de sandalias e de sambenito. Com a sua corpulencia, o sr. Costa Junior devia ficar deliciosamente pittoresco...

* * *

Reuniu hoje, pela primeira vez, a commissão do orçamento da Camara dos Deputados. Por proposta do sr. Victorino Guimarães, foram escolhidos para presidente o sr. Antonio Macieira, que já o anno passado exerceu essas funcções, e para secretario o sr. Paiva Gomes. Foram distribuidos assim os orçamentos: interior, Rodrigo Rodrigues; guerra, Costa Junior; finanças, receitas, Victorino Guimarães; despezas, Ernesto de Vilhena; marinha, Leotte do Rego; colonias, Paiva Gomes; fomento, Lima Bastos; justiça, Antonio Macieira; estrangeiros, Mello Barreto; instrucção, Holder Ribeiro; serviços autonomos, Abilio Marçal; despezas extraordinarias da guerra, Carvalho Araujo. Estes dois ultimos pareceres constituirão uma inovação, digna de todo o applauso, tanto se impunha a creação d'esses orçamentos parciaes.

* * *

Communicando á Camara a distribuição dos orçamentos pelos vogaes da commissão respectiva, o sr. dr. Antonio Macieira fez uma declaração importantissima. Disse esse deputado que a commissão resolvera, de uma maneira inabalavel, não acceitar leis orçamentaes que fossem alterar a legislação vigente, em contrario do que até agora se tem feito. E' a boa doutrina a triumphar. A discussão do orçamento serve só para acertar despezas e receitas. Nada mais. Continuar a alterar serviços com projectos de lei apresentados, discutidos e approvados de surpreza, seria persistir n'um escandalo que só tinha por fim servir pretendentes e fazer á bocca doce ás insaciaveis *coteries* politicas. Mas fará a commissão triumphar este seu saneador criterio? Ha que duvidar. E' que o mal ganhou raizes por demasia fortes, para se curar de um momento para o outro.

Salão Foz

Festa artistica de Churry El Bonito

As sessões de hoje, consagradas pela empreza do Salão Foz ao distincto artista *Churry, El Bonito*, deverão ser concorridissimas, tal o interesse que este explendido artista tem despertado no numeroso publico frequentador d'esta elegante casa de espectaculos. *Churry* apresentará novos numeros que serão certamente novos triumphos. *Churry, El Bonito*, o rei da gargalhada, consegue conservar o publico em constante risota emquanto trabalha e é sem duvida alguma um dos artistas mais finos que se teem apresentado em Lisboa. Além das outras variedades, egualmente de exito, como *La Farfalla*, a graciosa e gentil excentrica musical, *Estrella de Levante*, notavel *tonadillera*, nas suas canções regionaes, *Os Silvas*, artistas portuguezes que no estrangeiro acabam de fazer tamanho furor na sua *tournée*, tomam parte esta noite, por especial deferencia para com *Churry*, os celebres duettistas comicos cantantes *Las Flores*.

O espectaculo d'esta noite não pode ser mais brilhante.

A'manhã, em sessões elegantes, estreia-se a gentil coupletista *Julita Sola*.

O concerto Blanch no proximo domingo no theatro da Republica

Como nenhuma outra a nova sala do Republica possue excepcionaes qualidades para as grandes audições symphonicas, por isso os concertos Blanch revestem ainda maior brilhantismo. O concerto que se realisa no proximo domingo é dos que se impõem pelo seu maravilhoso e extraordinario programma, e por isso está despertando o mais enthusiastico interesse. Em primeira audição executa-se *La Basoche*, de Messager, e tambem a *Symphonia incompleta* de Schubert, a *ouverture Hausglund Gretel* de Humperdinck, os celebres *Preludios* de Liszt, o preludio de Debussy *A' l'aprés midi d'un faune*, *O ouro do Rheno*, a *Entrada dos deuses no Walhalla* e a *Huldigungsmarsch* de Wagner e outras obras dos grandes maestros.

NATURISMO

Fons Vitae

Fonte da Vida, oh Sol que me illuminas! Vida, luz e força suprema do Universo! Eu te saudo! Tudo quanto sobre a terra palpita e tudo quanto vive, desde a arvore mais vigorosa até á mais pequena raiz, desde o mais infimo insecto até ao cerebro do homem, tudo é devido ao sol, glorioso astro que anima o globo que habitamos. Origem suprema de toda a Energia, o Sol, difunde e derrama, por intermedio das suas radiações activas bens incalculaveis desde a paz e a tranquilidade nos homens á evolução e a transformação da materia. Pela acção vivificadora do teu calor, oh deslumbrador Elemento Primacial, tudo se anima. E' a ave a cantar no arvoredo, trinando binarios de amor. E' a musica dos instrumentos feitos pela industria. E' a locomotiva que silva e puxa as carruagens. E' o aeroplano que sulca os ares! E' a pena que estas linhas traça. E' o papel onde estas palavras se escrevem. Tudo na Vida é o Sol. E' elle que gera o Ar e os Fructos na Terra fecundada. E' elle que torna sãos os homens! Aquelles que vivam ao Sol são felizes e victoriosos. Não importa que elle dardeje inclemente: desde que se esteja habituado, o sol é sempre consolador e sempre amigo. Homens, mulheres e creanças do meu paiz não vos escondaes do sol não fujaes da luz! Se é á claridade do astro supremo que se adquire energia, força e vitalidade. Casa sem luz é um tumulo. Campo, monte ou vale banhado do sol eis a ventura eis a saude!

Porto (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Souza

ESPECTACULOS

Cartaz de amanhã

NACIONAL—A's 21— Coimbra, terra d'amores — O anjinho da pelle do diabo.
REPUBLICA—A's 21— O abbade Constantino.
TRINDADE—A's 21 — O dia de juizo (Revista).
POLYTEAMA—A's 21—Vida d'um rapaz pobre.
GYMNASIO—A's 21 — Commissario de policia.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO — Não ha espectaculo.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—Não ha espectaculo.
PHANTASTICO— Não ha espectaculo.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Favorita.

Agenda da semana

HOJE—**Nacional**—Festa do actor Joaquim Costa com a comedia *D. Perpetua que Deus haja*.

Primeiras representações

REPUBLICA—Lamassiére, quatro actos de J. Lemaître, segunda recita de Lucien Guitry.

Se na vespera maravilhára o publico com o desempenho excepcional do protagonista do *Sansão*, Guitry assombrou-o hontem, interpretando o Marèze de *La massière*, encantadora comedia de Jules Lemaître, primor de litteratura, de espirito e de psychologia que não contende com os nervos, nem melindra sensibilidades delicadas. Ao homem forte e voluntarioso, na plenitude da vida, dominado por uma paixão violenta que o arrasta á mais estranha vingança, que envolve a sua propria ruina, succede o ancião amavel cuja placida e deleitosa existencia, entre os quadros que pinta e as discipulas que paternalmente inicia nos segredos da arte, é, de subito, perturbada pela inclinação amorosa que n'elle suscitam as graças de Juliette Dupuis, a linda e seductora *massière* do seu *atelier*. Esse afecto illegitimo e serodio, que elle mal patenteia quasi a medo, descobrem-lh'o. Madame Marèze chega a expulsar de sua casa a innocente rapariga em que suppõe uma rival e por quem já n'essa altura Jacques, o filho do pintor, está apaixonado. A magnanimidade de Juliette, que decide afastar-se para longe, vence a relutancia da mulher do artista a quem Jacques communicára o proposito de se casar com a *massière* e a lucta que se ateia na alma do velho pintor, desilludido e por fim resignado, desde que reconhece a insensatez dos caprichos do seu pobre coração, até que annuncia ás alumnas os esponsaes do filho com a mais linda de todas ellas, é um prodigio de exteriorisação dramatica, que deslumbra pelo sentimento da verdade e a que não falta um pormenor! Desconhecemol-o, não pelo artificio da caracterisação que o envelheceu, mas porque tem outra voz, tem outro gesto, tem outro olhar, os seus tics são outros, é, sem duvida, uma personagem bem diversa da que na vespera viramos e aquella que Lemaître por certo quiz pôr em scena. A arte de representar, para ser bella e para ser perfeita, reclama cultores com a maleabilidade de talento, a penetração intellectual e a honestidade de processos que distinguem e exaltam Guitry. Absolutamente integrado na adoravel figura que o auctor de *La massière* idealisou, não se reproduz em coisa alguma, por mais insignificante, que denuncie outro typo. E' n'este estupendo poder de adaptação, ou melhor de encarnação de personagens, por mais oppostos e complicados que sejam os seus caracteres, que se firma a justa gloria do insigne comediante francez. Não ha adjectivos para qualificarem o seu trabalho: excede o que possa imaginar-se de grande e de dominador! E assim uma peça que se diria mais para lêr do que para representar foi intensamente vivida e interessou profundamente o publico que, deliciado com a magia da arte de Guitry, o applaudiu com enthusiasmo, envolvendo nas suas manifestações de agrado as sr.as Jeanne Desclos e Grumbach e o sr. Bourdel.

A. de A.

COLYSEU DOS RECREIOS—*Madame Butterfly*.

Para os verdadeiramente apaixonados por musica, a noite de hontem no Colyseu deve ter sido de um extraordinario e intenso prazer espiritual. Salomea Kruceniski, a brilhantissima cantora, cantou a deliciosa e interessante opera *Madame Butterfly* com um sentimento e brilhantismo de voz incomparavel. O publico numerosissimo e selecto que enchia completamente a elegante sala de espectaculos, tributou-lhe as mais justas, expontaneas e vibrantes ovações, podendo Salomea Kruceniski contar a noite de hontem como uma das mais gloriosas da sua brilhante carreira de artista.

Armando Marescotti confirmou os seus creditos de eminente cantor já alcançados no *Rigoletto*, na *Favorita* e na *Traviata*, podendo-se dizer o mesmo do barytono Mimo Zuffo.

Os restantes artistas muito bem assim como os côros e orchestra.

O côro do final do 2.º acto foi cantado com extraordinaria maviosidade, sendo bisado a pedido do publico, que fez, ao terminar este acto, uma ovação a todos os artistas e especialmente a Salomea Kruceniski, a quem foram offerecidos muitos ramos de flores.

Boatos e informações

Entre nós

A companhia do theatro Republica estreia-se hoje em Coimbra com a *Bisbilhoteira*. Além d'esta peça representará *O pae*, *Kean*, *O morgado de Fafe*, *A ceia dos Cardeaes* e *Commissario bom rapaz*.

A phantasia *Amor*, de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa em scena no theatro Nacional, do Porto, fez durante trinta representações uma receita de oito mil escudos. Dos mesmos escriptores está em ensaios no theatro Olympia uma revista intitulada *Porto-Lisboa*.

A revista *31*, que vae ser representada no theatro Eden será posta em scena com scenario e guarda roupa inteiramente novos.

Estrangeiro

Estão funccionando actualmente todos os theatros de Paris. Abundam nos cartazes as *reprises* dos ultimos successos, ao *Aiglon* succedeu o *Caminheiro* na Porte St Martin. No Palais Royal estreou se uma nova peça de Feydeau.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Opera lyrica

As recitas extraordinarias de Salomea Krucenisky

Quem teve a felicidade de assistir á recita de hontem no Colyseu em que Salomea Krucenisky, a eminentissima cantora, interpretou com a maxima belleza, graciosidade, sentimento e intensidade dramatica a parte de *Madame Butterfly*: quem teve essa felicidade, poderá dizer com justiça que assistiu a um incomparavel acontecimento lyrico, d'aquelles que toda a vida recordamos com um dos maiores gozos espirituaes que nos foi permittido experimentar. Esse extraordinario acontecimento repete-se no sabbado, pois em segunda recita extraordinaria a grande artista Krucenisky volta a cantar a sentimental e deliciosa opera de Puccini.

Ninguem faltará a esta recita tão notavel, tão extraordinaria que para ella não ha adjectivação sufficiente.

Baile de mascaras

A direcção do Club dos Flamengos e alguns «reporters» de jornaes realisa hoje n'aquelle club um baile de mascaras que começará ás 24 horas e cujo producto reverte a favor do seu collega Augusto Cordeiro, que se encontra gravemente doente ha dois mezes.

Concertos David de Sousa

O «Poema Symphonico n.º 2», de João Arroyo, que constitue toda a 2.ª parte do concerto do proximo domingo no Politeama, mereceu da critica unanime e justissimo côro de applausos quando executado pela primeira vez pela orchestra d'aquelle theatro, applausos que calorosamente saudaram executantes e auctor, repetidas vezes chamado ao palco. A esta pagina de soberba musica portugueza outra vem juntar-se no concerto de domingo de não menos valor: a «Rapsodia Slava», de David de Sousa, além da primeira audição da abertura do «Mar tranquillo», de Mendelssohn, trecho bem digno do magestoso assumpto que versa.

PEQUENAS NOTICIAS

O trabalhador da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes Henrique Pereira, morador nas escadinhas da Barroca, 4, foi colhido por um vagon na estação de Braço de Prata, ficando muito contuso pelo corpo, pelo que recolheu á enfermaria 4 do hospital de S. José. A' enfermaria 11 do mesmo hospital recolheu Antonia Marcolina Alves, moradora na rua dos Correeiros, 128, 3.º, que cahiu na escada da sua residencia, fracturando o craneo.

—Na Avenida da Liberdade foi hoje atropellado por um electrico o menor de 3 annos e meio Augusto Teixeira, que ficou muito ferido na cabeça, indo receber curativo ao banco do hospital.

—Para juizo foi hoje enviado José Augusto ou Antonio Pereira, o «Almeida», morador no becco do Oliveirinha, 5, 3.º, accusado de querer burlar pelo «conto do vigario», em 1.200 escudos, Albino Pereira dos Santos, residente em Alquidão, concelho da Figueira da Foz.

—Reuniu hoje a commissão executiva da Junta Geral do Districto, tratando de assumptos de expediente e approvando as contas de diversas irmandades e confrarias.

ULTIMAS NOTICIAS

Camara dos Deputados

Continúa a discutir-se o projecto das subsistencias

Approvada a acta, com 70 deputados presentes, e lido o expediente, o sr. presidente abre a inscripção para antes da ordem. Não está presente nenhum ministro. O sr. Moura Pinto pondera que a commissão de inquerito parlamentar eleita hontem não póde demorar os seus trabalhos e convida por isso o sr. presidente a dar as suas ordens para que essa commissão não encontre difficuldades ao querer desempenhar-se da sua missão. O sr. Adriano Pimenta manda para a meza um projecto de lei concedendo á junta de parochia de Cedofeita, o rez do chão d'uma casa cujos andares superiores já estão na sua posse. O sr. Cabral e Castro restaura, por um outro projecto, um logar de notario n'uma qualquer freguezia do seu circulo. O sr. Costa Junior requer, pela pasta das finanças, que lhe forneçam uma nota de todas as despezas feitas com a fiscalisação nas barreiras de Lisboa, de 1911 para cá, e uma nota das receitas que se teem arrecadado por via do imposto do consumo. Precisa d'esses documentos para elaborar um projecto de lei que, abolindo o imposto de consumo, trará mais receita para o Estado. Protesta, por fim, contra uma noticia que leu na «Capital», dizendo que iam augmentar os preços do gaz e da luz electrica, pois esse facto, a dar-se, acarreta grandes prejuizos, principalmente para as industrias. O sr. Simas Machado manda para a meza uma representação dos povos de Gios protestando contra o facto de terem sido separados da freguezia de Marinhos. O sr. Marques da Costa reclama que seja posto em vigor o n.º 8 do artigo 54 do codigo administrativo, que determina que sejam as juntas geraes quem superintenda em tudo o que se refere a estradas. O sr. Ferraz Chaves requer que entre em discussão o projecto que auctorisa o governo a dispender até 20 contos com o aluguer de navios para a fiscalisação maritima. O projecto é posto em discussão e approvado, falando sobre elle os srs. Simas Machado e Brito Guimarães. O sr. Cruz e Sousa diz ao sr. ministro da instrucção que a junta de parochia de Carvalhal Redondo não póde construir um edificio escolar por a camara não lh'o consentir, sob o pretexto de que o terreno lhe pertencia. Pede que o assumpto seja resolvido quanto antes pelas estações competentes. O sr. ministro da instrucção diz que é a junta quem tem razão. Vae, pois, lavrar o despacho favoravel que ella reclama.

Na ordem do dia, o sr. Celorico Gil realisa a sua interpellação ao sr. ministro da marinha sobre o decreto de 8 do corrente, ácerca da concessão de locaes para armações de pesca de sardinha e de atum. Diz que tem duas interpellações a fazer. Antes porém, sauda os jornalistas que fazem serviço na camara e toda a imprensa portugueza e os seus directores. Dirige ao governo ásperas censuras por conservar o sr. Leotte do Rego no commando da divisão naval e diz que isso póde trazer á Republica e á nacionalidade os maiores inconvenientes e prejuizos. Por agora, porém, occupar-se-ha apenas no assumpto para que lhe concedéram a palavra, e assim, deseja que lhe digam em que se fundou o sr. ministro da marinha para publicar o decreto de oito de janeiro, que é inteiramente inconstitucional como o era o de 11 de fevereiro de 1913, da iniciativa do sr. Freitas Ribeiro, em que aquelle se baseia. Acha estranho que o praso das concessões, n'esse diploma, seja elevado a 15 annos, ao passo que a legislação vigente fixa esse praso em um anno. Commenta amargamente a revolução de 14 de maio e diz que o governo, tendo-se insurgido contra a dictadura Pimenta de Castro, está effectuando uma verdadeira e authentica dictadura, apesar de ter o parlamento aberto. Refere-se largamente ás condições em que, no Algarve, se exerce a pesca; allude aos permanentes conflictos que se dão entre portuguezes e hespanhoes e diz que havendo, quasi á entrada do Guadiana, uma armação hespanhola, que tem dado dividendos superiores a 80 por cento, ainda não foi possivel, por falta de auctorisação, haver uma outra nas aguas portuguezas, que apanhasse parte do peixe que vae para aquella.

O sr. ministro da marinha responde que o praso das concessões é, presentemente, de facto, de 10 annos para as armações de sardinha e de 15 para as de atum. Ellas pódem ser revistas todos os annos, e são-no. A seguir demonstra a constitucionalidade do projecto, que por esse motivo e por ser preciso, será mantido. O sr. Antonio Macieira participa á Camara a constituição da commissão do orçamento.

O sr. Celorico Gil volta a usar da palavra e insiste na inconstitucionalidade do decreto de oito de janeiro. Se o governo quer pôr em vigor a doutrina que ali se defende, que traga ao parlamento um projecto n'esse sentido. Na segunda parte da ordem do dia, prosegue a discussão do projecto que regula a questão das subsistencias. O sr. Nunes Loureiro, defendendo o projecto, diz que elle tem, sobretudo, por fim impedir o açambarcamento. O sr. Julio Martins combate energicamente o projecto, por elle não se fundar em dados seguros que o justifiquem sem sombra de duvida.

A'manhã ha sessão.

NO SENADO

Trata-se do caso do administrador de Tondella e approva-se um projecto de lei sobre a Faculdade de Medicina de Lisboa

Respondem á chamada 42 senadores que, sob a presidencia do sr. Correia Barreto, approvam a acta sem reparos. Lido o expediente o sr. Daniel Rodrigues envia para a meza um projecto de lei tendente a melhorar as condições de habitabilidade dos predios de aluguer.

O sr. Paes Gomes volta a occupar-se do caso de Tondella. Trata-se do conflicto havido entre dois padres ali residentes: um que exerce as funcções administrativas do concelho, e outro que o substituiu no seu exercicio de parocho.

Reaffirma o que disse já. A culpa do occorrido cabe ao padre que é administrador do concelho e que apesar do conflicto estar entregue ao poder judicial continua a fazer inquirições aos proprios que o accusam de abuso de auctoridade. Para o facto chama a attenção do sr. ministro do interior, instando pelo inquerito, pedido com afastamento do respectivo administrador.

O sr. José Maria Pereira requer que pelo ministerio da marinha lhe seja enviada copia das conclusões das estações technicas acêrca das reparações de que careciam os navios «Almirante Reis», «Adamastor», «S. Gabriel», «Vasco da Gama», «Douro» e os torpedeiros, antes de 14 de maio de 1915; outro sim nota das razões porque as reparações indicadas não foram levadas a effeito, ou indicação das que se fizeram depois d'essa data.

O sr. ministro do interior declara ao sr. Paes Gomes que as suas informações não condizem com o relato apresentado, no emtanto, não vê razão para obstar ao pedido de inquerito, devendo, porém, accrescentar, que razão alguma ha para que o referido administrador seja afastado do seu logar.

O sr. Paes Gomes volta a falar. Não concorda com as palavras do sr. Almeida Ribeiro. As suas informações são fidedignas e não admittem duvidas e hesitações. Faça-se, pois, o inquerito, sem que o sr. ministro do interior tenha necessidade de esperar informes officiaes que são suspeitos, por partirem exactamente da fonte contaminada. Responde-lhe ainda o sr. Almeida Ribeiro nos precisos termos de ha pouco.

O sr. padre Luiz Gonçalves requer a generalisação do debate.

O sr. Daniel Rodrigues invoca contra esse pedido o artigo 46 do regimento que tal não permitte senão quando se trata de assumptos de caracter geral.

O sr. dr. Pedro Martins protesta. O caso a tratar é de interesse geral. O sr. presidente hesita. E como não sabe o que ha de fazer põe o requerimento á votação. Regeitado. Ha ligeiros protestos nas direitas.

Vae passar-se á ordem do dia. O sr. José Maria Pereira pede a palavra. Não póde ser, responde-lhe o sr. presidente. —Porquê?—Por já ter dado a hora para o antes da ordem.

O sr. José Maria Pereira regista o facto, tanto mais que a meza ainda na ultima sessão não respeitou essas determinações. De hoje em deante invocará o regimento sempre que a presidencia volte a desrespeital-o.

Segue-se, para discussão, o projecto de lei já approvado na outra camara, e que auctorisa a matricula aos alumnos da Faculdade de Medicina de Lisboa, que estão ao abrigo da lei de 5 de junho de 1913, depois de terem frequentado o primeiro e segundo annos, n'um d'esses annos e no anno seguinte cumulativamente.

O projecto é approvado depois de terem falado os srs. José Maria Pereira, Agostinho Fortes, Estevam de Vasconcellos e Pedro Martins; e com dispensa de ultima redacção.

O sr. coronel Silveira requer que pelo ministerio da guerra lhe seja fornecida nota das encommendas de material de guerra ou de qualquer outro que ao exercito se destine, feitas directamente pela secretaria da guerra, pelo Arsenal do Exercito ou pela fabrica de Material de Guerra, por conta da verba orçamental para despezas resultantes da guerra europeia e colonial. Esta nota será acompanhada para cada encommenda da designação circumstanciada dos objectos encommendados, forma de acquisição, data do contracto, preço, forma de pagamento e epocha de entrega da encommenda.

Discute-se depois o projecto de lei promovendo de classe com 6 e 12 annos de effectivo serviço os professores primarios que não tenham castigos disciplinares.

O sr. Paes Gomes ataca o projecto e o sr. Silva Barreto, apresentando uma emenda, ataca a inspecção escolar por deficiente. Como auctor do projecto defende-o largamente.

Falam ainda os srs. Leão Azedo, Silva Barreto, Jeronymo de Mattos, Paes Gomes, Sousa Junior que envia para a meza um contra-projecto no qual se consigna aos professores que se julgarem mal classificados o direito de requererem um processo disciplinar.

O sr. ministro de instrucção tambem não concorda com o projecto e fala largamente contra elle.

O sr. José Machado Serpa não vota nenhum dos projectos apresentados por serem, o do sr. Silva Barreto, inconveniente, o do sr. Sousa Junior, atrabiliario e immoral.

Antes de se encerrar a sessão falam ainda alguns senadores. A proxima é amanhã á hora regimental.

NOTAS DIVERSAS

Em casa do sr. ministro das colonias, que continua doente, estiveram hoje a despacho os directores geraes do seu ministerio.

—O deputado sr. Jorge Nunes apresentou hoje ao sr. ministro do fomento uma numerosa commissão de lavradores que esteve tratando da questão do projecto de subsistencias e da acquisição de adubos e outros interesses da lavoura.

—Tambem com o sr. ministro do fomento conferenciaram o seu collega da justiça e o sr. Carlos Gomes, presidente honorario da Associação Commercial.

—Os deputados e senadores pelo circulo de Aveiro estiveram hoje conferenciando com o sr. ministro da marinha sobre varios melhoramentos na barra e ria de Aveiro.

—Reuniu hoje o conselho superior da magistratura judicial tendo tomado posse o novo vogal sr. dr. Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

—A fim de ser julgada a sua aptidão para o serviço em submersiveis, vão ser presentes á junta de saude naval, amanhã, os 2.os tenentes srs. Jayme Julio de Sousa e Fortunato Pires da Rocha.

—Os srs. Reis Gaucho, Caio de Loureiro e administrador do concelho de S. Thiago do Cacem, sollicitaram em nome do commercio d'aquella localidade, da direcção dos caminhos de ferro do Sul e Sueste uma reducção provisoria de tarifas de mercadorias e passageiros para a nova linha do Valle do Sado.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Republicano Dr. Affonso Costa, da Amadora.—Tomam posse no dia 7 os novos corpos gerentes eleitos para os cargos administrativos durante o corrente anno. As salas d'este Centro teem sido muito concorridas de socios, tendo-se ultimamente inscripto grande numero de novos correligionarios. Encontra-se aberta a inscripção todos os dias das 21 ás 23 de eleitores para o novo recenseamento.

A grande guerra

A familia real do Montenegro em Brindisi

BRINDISI, 20.—A rainha do Montenegro, as princezas reaes e o presidente do conselho chegaram aqui dirigindo-se para Roma. O rei Nicolau ficou em Scutari para organisar a resistencia.—(*Havas*).

Monarchicos e catholicos

O sr. Castro Meyrelles, deputado catholico, dirigiu á *Liberdade* a seguinte carta, a proposito de affirmações que erradamente lhe foram attribuidas pelo *Dia*:

«Para acclarar a situação que propositadamente se procura complicar, peço o favor de dar publicidade na *Liberdade* ao seguinte:

No dia 14 de janeiro corrente fui assistir a uma conferencia que realisou na séde da Juventude Catholica de Lisboa o sr. dr. Antonio Sardinha.

Presidiu a essa sessão o illustre senador catholico Padre Silva Gonçalves que convidou para secretario o dr. Camossa Saldanha e a mim.

A conferencia versou o thema «Dôr de viver».

A uma certa altura o illustre conferente fez uma objurgatoria, mal fundada, ao Centro Catholico e á sua imprensa, pois insurgiu-se contra o «ralliement..» Tomou calor n'esse parenthesis e teve um apoiado não sei de quem.

....

No final o sr. dr. Pereira dos Reis pediu a palavra e recommendou muito delicadamente aos catholicos que obedecessem aos Senhores Bispos, pois era este o seu dever. Elles é que podiam obstar ao movimento catholico que se expande por meio dos centros.

Eu tive de pedir a palavra tambem, e fil-o bem constrangido, pois julguei fóra de proposito uma discussão d'esta ordem, mas tinha de falar e falei.

Devo declarar que foi isto um simples e insignificante episodio n'aquella noite em que ouvimos com muito agrado as palavras do dr. Antonio Sardinha sobre a «Dôr de viver».

E que disse eu?

Isto e sómente isto:

A Egreja Catholica vive com qualquer regimen politico e em qualquer regimen politico deve luctar pelas suas essenciaes liberdades. Os catholicos, como taes, nem são monarchicos nem republicanos. São irmãos.

A proposito citei umas palavras de William James sobre a necessidade do trabalho religioso e sobre a condemnação do abstencionismo enervante.

Não se é republicano nem monarchico por motivos de ordem religiosa; póde-se sel-o por outros motivos. E por isso nunca eu poderia dizer que a minha consciencia religiosa me obrigaria a ser monarchico.

Citei ainda a vida da Egreja nos Estados Unidos e no Brazil, que são republicas.

A proposito disse que os monarchicos podem trabalhar pelos ideaes do Centro Catholico, bem como os republicanos.

Estamos superiores a regimens e até a partidos. Cada um pode ter as suas preferencias, mas não as leva para o Centro Catholico.

Pessoalmente tenho a minha sympathia pelo regimen monarchico, baseado em principios muito differentes d'aquelles que animam os chamados monarchicos portuguezes.

Deixe-me até dizer-lhe, meu carissimo amigo, que prefiro a republica á monarchia que esteve. E coisa interessante: desde que vim para Lisboa tenho recebido dos republicanos maiores provas de consideração que dos monarchicos que o são acima de catholicos.

Eis a resposta clara e precisa ao «Dia», de 17 d'este corrente mez, que, mal informado, me attribuiu uma doutrina que não perfilho de modo algum.

Havemos de fazer a propaganda da nossa doutrina por todos os meios para que desappareçam por uma vez todas estas lamentaveis confusões.

. . . .

Somos catholicos acima de tudo e acolheremos os republicanos que acima de tudo sejam tambem catholicos».

Dos largos commentarios com que a *Liberdade* acompanha a carta reproduzimos esta significativa passagem:

A audacia com que estes politicos, para quem a religião é uma simples arma de combate, dizem que ligando a causa da monarchia á causa da Egreja «prestam a esta um grande serviço»! Ahi temos uma nociva inversão de situações; ahi temos o que é, no principio que encerra, uma heresia: ahi temos o que é na pratica um desastre, o que aconteceu aos catholicos francezes que preferiram ao catholico de Mun o atheu Maurras, o auctor d'aquelle catholicismo atheu, binomio hybrido de que ha dias vos falavamos! Elles teem pago bem caro o seu desvario!

O que dirá agora o *Dia*?

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

LUTUOSA

Falleceu o sr. José Correia de Oliveira, cujos restos mortaes devem ser amanhã sepultados no cemiterio occidental, sahindo o prestito funebre da avenida Almirante Reis, 30, A., pelas 14 horas.

Questões academicas

Em nome da academia das Escolas Superiores de Lisboa, a commissão central das reclamações eleita pela Federação academica procurou hoje no Parlamento o sr. ministro da instrucção, a quem foi apresentada pelo deputado sr. João Camoezas, tendo ficado assente que conferenciariam ámanhã, pelas 13 horas, no ministerio da instrucção.

Convidam-se todos os alumnos da faculdade de direito a reunir no proximo sabbado pelas 13 horas, no edificio da Faculdade, ao Campo Sant'Anna.

Morto por um elevador

Quando Luiz Ferreira, de 21 annos, morador na travessa dos Brunos, 9, pateo, estava hoje a trabalhar na Fabrica Nacional de Moagens, na rua 24 de Julho, foi colhido pelo elevador, tendo morte instantanea.

O cadaver foi removido para a Morgue.

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 19.—As coisas pela camara municipal não vão correndo como seria para desejar. Evolucionistas e monarchicos desaviram-se por causa das eleição dos presidentes, que ambos querem. Já fizeram uma eleição que ficou nulla e se as coisas assim continuam não será demais prever-se a dissolução da camara, por não ser approvado o orçamento em tempo competente. Os evolucionistas chegaram a solicitar o apoio da minoria democratica, que lhe seria dado se acceitassem um seu representante, mas como a questão nasceu das presidencias, os evolucionistas preferem ser derrotados pelos monarchicos a cederem a presidencia aos democraticos. Achamos mal, tanto mais que o cavalheiro que a minoria impunha é um verdadeiro homem de bem e incapaz de fazer politica, e ainda acceitava com a condição de lhe darem uma longa licença, pois os seus affazeres inhibiam-n'o de governar o municipio.

—Foram eleitos directores da delegação local da Cruz Vermelha os srs. drs. Albino Cabral Saldanha, sub-inspector escolar e distincto medico, para presidente; Manuel José da Fonseca Faria, tenente pharmaceutico, para secretario; dr. Armado Pregança, advogado, e capitão Trindade, para vogaes.

O relatorio approvado accusa uma despeza de 537$75 uma receita de 537$72 e uma despeza de 445$36, havendo um saldo de 92$26. Tambem é muito importante a folha de serviços prestado por esta collectividade.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 13/16	33 15/16
Londres, 90 d. v.	34 7/16	—
Paris, cheque	$75,8	$76,12
Allemanha, cheque	$27	$24
Hollanda, cheque	$65,5	$64,5
Madrid, cheque	1$11,5	1$11,5
Suissa, cheque	$85,5	$86,5
Italia, cheque	$65	$68
New York	1$48	1$19
Rio s/Londres	11 9/32	—
Libras	7$03	7$09
Agio do ouro	53 %	58 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
T.t. do 1:000$	39,40	39,15
» » 5 0$	—	—
» » 100$	39,45	39,35

Obrigação d'Estado: 3 0/0 1905, 93 5 4 0/0 1890, assent., 50$60, coup., 51$; 4 1/2 88-89, coup., 58$; 5 0/0 1-09; assent e coup., 80$; 4 1/2 1912, ouro, 97$.

Externas: 1.ª serie, 75$90, e 3.ª 77$10.

Divida da Provincia de Angola, 60$.

Acções: Banco de Portugal, 186$50; Assucar, 46; Cazengo, 1$50; Credito Predial, 10$00; Ilha do Principe, 218$; Moagem (nova), 57$; Phosphoros, coupon, 57$; Gaz, port., 45$60 e coupon, 47$; Tabacos, coupon, 8.$10; Zambezia, 2$.

Obrigações: Aguas, coupon, 88$; Prediaes, 6 0/0, serie A, 9.$50; Ultramarino; hypothecarias, 98$50; Norte 1.º grau, 72$50 e 2.º grau, 36$40; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 5, 78$; Assucar, 41$80.

MUSICA

Como decorreu, na Amadora, o 3.º Serão d'Arte

A noite má, fria e chuvosa, não evitou que o lindo Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora, se enchesse, de espectadores para ver o Serão de Arte hontem effectuado. A assistencia era de amadores de musica, que são ás centenas na risonha povoação dos arredores, mercê da intensa propaganda que ali fazem o artista Roque Gameiro, que é um enthusiasta do canto coral, e os esposos Venancio, principalmente madame Isaura Venancio, que se empenhou e já conseguiu organisar um orpheon e tambem já conseguiu organisar dois «serões d'arte», que foram dois esplendidos espectaculos, animados e educativos.

Com essa influencia de propaganda; com a dedicada e proficiente cooperação do illustrado maestro Fortéo Rebello; com a activa e desinteressada influencia dos directores dos Recreios, os incançaveis Santos Mattos e Antonio Correia, com a prestimosa auctoridade moral de José Aprigio Gomes, não causa surpreza que os «Serões d'Arte», como o de hontem, correspondam ao proposito que os originou. São festas de educação e instructivas. São festas elegantes. São valiosos elementos para a diffusão da boa musica e para a vulgarisação do canto coral.

Hontem, o papel de organisadores coube a algumas senhoras e cavalheiros da Amadora agrupados em commissão. Devem estar satisfeitos. O exito obtido pelo corpo coral, principalmente na execução da «Patrulha Turca» foi grande e documentou que a cuidadosa e, melhor do que isso, talentosa direcção de Fortéo Rebello sabe conseguir maravilhas. Bem foi a interpretação dos coros do 3.º acto da «Africana», regular no «Hymne á la Nature» e indecisa na «melodia» de Neuparth. E além dos côros, que fazem honra á Amadora e ao maestro, outro o successo da noite de hontem foi a execução da «Rhapsodia Hungara» pela eximia violinista M.elle Lycia Baptista, á vontade, com plena confiança no seu merecimento, orgulhosa de saber que as palmas que lhe deram foram merecidas. Madame Venancio mais uma vez affirmou que é uma «virtuose» ao piano e a orchestra houve-se, com correcção, nos numeros que o programma lhe indicava.

SPORT

Meninas, cautela com o "sport,,...

Menos força e mais elegancia

Guilherme II até n'este assumpto é um despota

Já publicámos dois ou trez artigos sobre os sports femininos. Havemos de publicar muitos mais porque o assumpto é interessante e dá para largas divagações que enchem os jornaes—se fôr preciso.

N'essos artigos emittimos a opinião de que nem todos os sports devem ser praticados pela «mulher e reforçamos a nossa impressão pessoal com as deduções dos mais eminentes fisiologistas e até d'alguns artistas de pintura e esculptura.

Na verdade, a mulher deve ser elegante, perfeita, com «linha» harmonica de formas phisicas, saudavel, alegre e carinhosa. Nunca deve ser a «mulher hercules», de grandes musculos, «atarracada», dura de feições e de mascula attitude.

Na mulher, a força não deve supprir a natural elegancia.

Por estes motivos, a mulher deve saber escolher a sua educação phisica e desprezar os exercicios violentos que lhe roubam a gracilidade e esbelleza. Para ella ha sports e gymnastica apropriada. Essa é que lhe aconselhamos e aconselharemos porque consideramos o exercicio phisico tão necessario á mulher como é para o homem.

Bem sabemos que ha quem siga uma propaganda contraria, a de que a mulher não nasceu para ser gymnasta ou athleta... D'accordo; mas tem de ser forte, saudavel e resistente, qualidades que apenas se conseguem com cuidados de higiene corporea. Essas theorias são lindas quando ditas, com malicioso espirito por Balzac, mas já são d'um impertinente mau gosto e indelicadas quando se dizem como as diz Guilherme II...

Sim, como as diz o «kaiser», que infelizmente, ainda tem admiradoras n'este cantinho occidental, pois julgam que elle é um typo d'extrema correcção e delicadeza...

Sabem como Guilherme II precisou o papel da mulher? N'estas trez palavras, começadas com K como a sua «kultur» collossal,—que tambem e infelizmente—conserva admiradores n'alguns intellectuaes portuguezes:

—«Kinder, Küche, Kirche, vocabulos, que traduzidas por um illustrado collega de redacção, que conhece e fala primorosamente a lingua allemã, podem definir-se por:

—«Creança, cosinha, egreja».

Não é nem deve ser, evidentemente, assim. Confessamos esta opinião nossa, não apenas para agradar a gentilissimas leitoras, mas porque a mulher tem mais nobres e levantadas funcções a desempenhar na vida.

Aquella «espirituosa» impressão do «kaiser» foi apenas para imitar aquelle endiabrado Balzac que na sua «Phisiologia do casamento» diz que a mulher encontra a razão e o fim da sua existencia n'estas trez coisas: «Alisar os seus cabellos; cheirar perfumes suaves e polir as suas unhas rozadas...».

Não... A mulher—e voltemos ao assumpto que iniciámos—deve ser gracil, elegante, não tão fragil que diga bem com as suas constantes neurasthenias, mas alegre, sádia, forte sem exageros musculares. E para isso a pratica de certos sports deve dar excellentes resultados, como tennis, patinagem, remo, natação, pedestrianismo, etc.

Aconselhâmos, portanto, a sua pratica e bem contentes ficaremos se virmos que as lindas mulheres da nossa terra se costumam a frequentar os «rinks», os «courts» de tennis, os caes dos clubs nauticos...

Notas do dia

Como se resolvem as coisas...

Teve um bello desfecho sportivo o repto lançado pelo luctador e campeão amador Antonio Neves aos amadores conimbricenses. Nem podia ter outro, sabendo-se que o luctador lisboeta é um verdadeiro homem de sport e que os amadores de Coimbra são tambem dos que fazem exercicios athleticos por dedicação e por amor á pratica do athletismo. Resultou do repto um torneio, com assaltos amistosos e cortezes, que levarão o desafiante a combater os desafiados, na terra em que residem. E' um novo e interessante espectaculo para a cidade do Mondego e que, seguramente, despertará tanto enthusiasmo como despertou o ultimo campeonato para a «Taça Coimbra».

Na carta que segue vem claramente exposta a attitude do campeão lisbonense:

Sr. dr. José Pontes—Respondendo á carta hontem publicada na secção sportiva da «Capital» pelos amadores de Coimbra, em que declaram acceitar o repto que lhes lancei, devo dizer a v. que da melhor boa vontade me defrontarei com o quatro amadores que se tarei com os quatro amadores que se encontram á minha disposição e brevemente lhes indicarei o dia em que estarei disponivel para ir áquella cidade dar realisação a esse «match». Mais uma vez me confesso summamente grato pela publicação da presente carta, desejando-lhe Saude e Fraternidade.—Antonio das Neves.—Lisboa, 20 de janeiro de 1916.

Algumas anecdotas

Que tal está o pretencioso?

Jack Johnson, o famoso negro que foi até ao anno passado campeão do mundo do socco, foi um dia, com alguns amigos ao museu dos Invalidos.

Diante do tumulo de Napoleão, depois que um interprete lhe traduziu as palavras do cicerone, Jack descobriu-se, e imovel, sonhador, não disse palavra...

Minutos depois voltando-se para os seus companheiros, com voz grave que, seguramente, despertou no tumulo o grande guerreiro, disse:

—«Este, tambem foi um grande homem!...»

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Luzitano Club Ciclista

No domingo passado, realisou-se no Restaurant Central da Amadora, o almoço commemorativo do anniversario, e de homenagem aos socios honorarios e «equipe» do Lusitano Club.

Durante o almoço a que assistiram 38 convivas, tocou um sextetto sob a regencia do sr. André Paredes. Foram levantados diversos brindes, entre elles á imprensa sportiva de Lisboa, ao povo da Amadora, etc. O almoço que começou ás 14 horas, terminou perto das 19.

Sporting Club de Portugal

Da direcção d'este club recebemos agradecimentos pelo nosso auxilio na organisação do ultimo desafio de «foot-ball», auxilio que apenas se traduziu n'um noticiario minucioso. No mesmo officio, o Sporting lamentava os incidentes havidos com um redactor d'um jornal da manhã, affirmando—facto que já conheciamos—a sua absoluta não participação no caso.

União dos escoteiros lusos

Os escoteiros d'esta União mostraram mais uma vez no ultimo exercicio realisado o aproveitamento das lições que lhe teem sido ministradas pelo seu escoteiro-chefe. Continua aberta a inscripção para escoteiros e socios auxiliares na sua séde social, rua de S. Marçal, 21, rez-do-chão.

Tiro aos pombos

A presente epocha deve ser uma das mais interessantes, no Stand de Palhavã. Além da grande «poule» annual em que se disputará a «Taça Lisboa», prepara-se para muito breve, a disputa d'uma outra «taça», em varias sessões, sendo entregue ao atirador que melhor media alcançar ou áquelle que maior numero de victorias conseguir.

No proximo domingo, em que haverá mais uma sessão, será provavelmente marcado o dia e as condições.

A festa de sabbado na Sociedade de Geographia

Em sessão solemne presidida pelo sr. presidente da Republica vão ser distribuidos os premios da passada epocha nautica do Club Naval de Lisboa.

Para esta festa foram convidados, o ministerio, o Congresso nacional, corpo diplomatico, etc., constando ella, além da distribuição de premios, d'um magnifico concerto de musica de Camara, por uma orchestra formada de distinctos professores.

Há numeros de canto pela graciosa e distincta cantora D. Maria Pires Marinho, soprano ligeiro dos mais afamados de Lisboa, discipula dilecta de madame Mantell; pelo conhecido professor D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo), o notavel cantor que honrou o nosso paiz lá fóra onde a sua voz de barytono, considerada uma das mais fortes do mundo, conseguiu, principalmente na opera Imperial de Berlim, ganhar uma reputação digna e merecida, que cantará uma das suas melhores e mais applaudidas romanzas o barytono Caldeira, que Lisboa tão bem conhece e aprecia, cantará duas romanzas da opera «Favorita».

Antonio de Bourbon, cuja voz de tenor tanto successo tem alcançado n'esta cidade, cantará entre outras coisas, as celebres «Canções Portuguezas», do Luiz Quesada. Bourbon sabe imprimir á sua voz o sentimento artistico que vibra na sua alma de musico.

E' pois uma festa brilhante com numeros de elevado valor que só a sympathia nutrida por todos pela obra grandiosa e benemerita do Club Naval, conseguiria reunir.

Os premios estão em exposição na rua do Ouro, nas montras da Camisaria Sport, dos conceituados e bemquistos commerciantes Senna Cardoso. As montras que foram artisticamente arranjadas pelos bons empregados d'esta casa, teem sido muito visitadas, podendo computar-se a milhares de pessoas o numero de visitantes.

—Além da nota já publicada das pessoas que tinham direito a premio, damos hoje mais esta, completando a lista dos premiados.

«Remo».—Regatas em 17 de outubro.—«Out-rigger» de 4 remos, primeiro premio, medalhas de prata, Augusto Neuparth Vieira, timoneiro, José Possolo, Arnold Stocker, Oliveira Duarte e Ryder da Costa.

«Intigers» de 4 remos—1.º premio, medalhas de prata, Joaquim Mil-homens, timoneiro, Antonio Duarte, Eugenio Telles, Manuel Victor e Rebocho Costa.

Premios do concurso de barcos enfeitados quando da batalha naval de flôres, em Algés.—1.º premio, offerecido pelo Casino de Algés, e conferido ao escaler «Oscar», de Affonso H. Cabral, 1 jarro em crystal e prata; 2.º premio, offerecido pelo Casino Lusitano, ganho pelo escaler de Eduardo de Sousa, 1 par de artisticos solitarios de crystal e prata; 3.º premio, offerecido pelo Grupo Sport Algés e Dafundo, ganho no seu escaler por João Duarte Holbeche, 1 copo de crystal e prata para toilette.

Grande regata de vela em 12 de setembro.—A lista dos premiados vem incompleta por muitos dos proprietarios não terem mais dado as notas que lhes foram pedidas. 1.ª corrida, 1.º premio, 1 estojo com uma duzia de colheres de prata dourada, para chá, medalha de ouro ao patrão e vermeil aos restantes da tripulação.

Chalupa «Estrella», de Sebastião Negrão, commandada por Augusto Salgado e tripulada por Sebastião Negrão, José Motta, Francisco Amoedo e Roberto Cabral; 2.º premio, uma cigarreira de prata e medalhas de prata aos tripulantes.

«Quennie», propriedade do sr. Frisher e tripulada por N. L. Ennor, W. Connell Milner e N. N.

2.ª corrida, ganha por João Bissau, na sua canôa «Guida», premio, 2 sorveteiras em prata e crystal; 3.ª corrida, um estojo com uma colher de prata para peixe e medalhas de vermeil aos tripulantes, ganha por «Maria Luiza», tripulada pelo seu proprietario José das Neves Leal e por Senna Pereira; 2.º premio, uma cigarreira de prata e medalhas de prata para os tripulantes, ganho por Almada Negreiros no seu center-board «Pierrot»; 3.º premio, uma phosphoreira de prata e medalhas de prata aos tripulantes, ganho pelo center-board «Ariel», governado pelos seus proprietarios, Duarte e Boaventura Bello.

6.ª corrida, 1.º premio, 1 lindo estojo para toilette e medalhas de vermeil nos seus tripulantes, ganho pela «Yary», de Carlos Prieto Esteves, e tripulada por Alves do Rio, patrão, e Augusto e Antonio Neuparth Vieira, marinheiros, todos distinctos amadores; 2.º premio, 1 cigarreira de prata e medalhas de prata aos tripulantes, «Noemy» de Charles Kjolner; 3.º premio, phosphoreira de prata e medalhas de prata aos tripulantes, «Gurin», de Augusto Sotero Esteves; 7.ª corrida, phosphoreira de prata e medalhas re prata aos tripulantes, ganho por «Necora», de José Ricardo Domingues Junior.

A direcção do Club resolveu, a fim de evitar reclamações, que os premios só sejam entregues ao proprio que não podendo comparecer na noite de 22 na Sociedade de Geographia os deverá reclamar na secretaria d'aquelle club.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Empregados de hoteis e restaurantes.—Para eleição da mesa e apresentação do relatorio e balancete das contas geraes do anno anterior, reune a assembleia geral ámanhã, ás 21 horas.

Com. par. rep. da Pena.—Reune hoje, pelas 21 horas, no beco da India, 3, 2.º.

Com. par. indep. da freguezia dos Anjos.—Para tratar de assumptos d'alto interesse, reune ámanhã, á hora habitual.

Festa de creanças

Distribuição de calçado, plantação da arvore

Na parochia civil do Sacramento realisa-se no proximo dia 31 a festa das creanças com o seguinte programma:

A's 10 horas, distribuição de bibes o calçado a 103 creanças de ambas as escolas officiaes; ás 11, cerimonia da plantação da arvore no largo do Carmo, tocando a banda da guarda republicana, sob a regencia do maestro sr. Fernandes Fão; das 11 e meia ás 12, distribuição de lanche ás creanças na escola n.º 73, começando em seguida a sessão solemne para a qual vão ser convidados diversos oradores. Espera a commissão que a festa seja abrilhantada por um sextetto de alumnos do Conservatorio, sendo a guarda de honra feita por um grupo de escoteiros.

MUSICA

Realisa-se bremente, n'uma das melhores salas da capital, o concerto das sr.as D. Laura Wake Marques e D. Felicidade Pereira de Carvalho, respectivamente cantora e pianista. O programma será constituido por composições de Beethoven, Chopin, Schumann, Haendel, Lotti, Strauss, etc.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Boletim da faculdade de direito»

D'esta publicação, da Universidade de Coimbra, sahiu o n.º 12 do 2.º anno, trazendo collaboração dos professores J. Alberto dos Reis, J. G. Pinto Coelho e Carneiro Pacheco, além de summarios de sentenças e de varias noticias.

Movimento maritimo

New-York, direto, «Patria», (Gibraltar) 22

Africa Occidental, «Malange»........ 22

ram-se de Tête-de-Faux, proximo do desfiladeiro de Bonhomme.

Durante o resto do mez de dezembro a lucta para a posse do valle do Thur continuou, principalmente em redor de Steinbach, tomada d'assalto a 30, e de Cernay. A 7 de janeiro os francezes tomaram Burnhaupt-le-Haut, entre Thann e Altkirch. No dia seguinte, porém, foi retomada pelos allemães. As tormentas de neve fizeram suspender por algum tempo as operações mais importantes, tendo os francezes conservado em seu poder o cume de Hartmannsweiler, um pico ao norte de Cernay, mas o destacamento que ahi estava foi morto ou feito prisioneiro a 21 de janeiro.

No dia 1 de fevereiro de 1915 o perigo da Europa ser dominada pelo barbarismo havia-se desvanecido.

Vamos agora narrar os principaes acontecimentos occorridos desde 1 de fevereiro até aos preliminares da batalha de Artois.

O dia do anniversario natalicio do imperador Guilherme II, 27 de janeiro, e o dia seguinte foram celebrados por uma paralysação da offensiva allemã em diversos pontos: La Bassée, La Creute, Perthes, Bagatelle na Argonne e tambem no Woevre. As perdas do inimigo foram calculadas pelo estado maior francez em 20.000 homens. Era um bom presagio para as operações dos alliados desde Belfort a La Bassée. Vejamos tambem os sete sectores da fronte de batalha desde a fronteira da Suissa até Artois.

Nos Vosges, devido á fundura da neve, que attinge frequentemente a altura d'um homem, Dubail contentava-se com manter uma attitude offensiva, não fazendo durante algum tempo qualquer serio esforço para alargar as suas conquistas na Alsacia. Deu-se realmente um ligeiro avanço, durante o mez de fevereiro, nas regiões de Amertzwiller e Altkirch ao sul, e na de Senones e Ban-de-Sapt na extremidade norte da cadeia de montanhas, emquanto os aviadores francezes bombardeavam pontos importantes a dentro das linhas allemãs, principalmente a 5 de fevereiro os parques de aeroplanos em Habsheim.

Contra-ataques do inimigo em differentes pontos foram repellidos, mas na região do desfiladeiro de Bonhomme os allemães conseguiram occupar temporariamente um cume entre Lusse e Wissembach, do qual foram expulsos no dia 19. Pelo valle do Fecht, no fundo do qual corre o caminho de ferro Münster-Colmar, o inimigo avançou no dia 20 com o fim de retomar a crista das montanhas.

Foi repellido vigorosamente e no dia 22 os francezes, quando iam em sua perseguição, apoderaram-se da aldeia de Stosswihr. A 2 de março alcançaram uma victoria em Sultzeren, a noroeste de Münster. Continuaram de posse de Hartmannsweilerkopf e a 5 de março tomaram algumas trincheiras e duas metralhadoras.

Continuaram os preparativos para a posse absoluta do valle do Fecht que traria a posse da linha ferrea Mülhausen-Colmar Strasburgo. Os aquartelamentos de Colmar foram bombardeados por um aviador no dia 17. A neve começava a fundir e as operações podiam continuar. Sete dias depois—24—a segunda linha de trincheiras dos allemães no Hartmannsweilerkopf era tomada e os Caçadores francezes mais uma vez chegavam proximo do cume, que foi tomado no dia 27 apoz violenta lucta em que morreram nada menos de 700 allemães, sendo aprisionados 40 officiaes e 353 homens, nenhum dos quaes estava ferido.

Vamos agora para o norte, para a região entre o Meurthe-Mosella e as fronteiras allemãs: ahi, estava-se luctando em redor de Badonviller no fim de fevereiro. Os allemães annunciaram uma grande victoria a 27 de fevereiro, mas mais tarde verificou-se que tal não succedera e é provavel que houvesse ahi apenas alguns recontros parciaes durante fevereiro e março, em que poucos exitos houve de qualquer dos lados. A mesma observação se póde fazer com relação á floresta de Parroy.

Gradualmente, os francezes estenderam-se para a orla occidental, envolvendo as trincheiras allemãs na margem direita do Aisne e occupando alguns reductos em Melzicourt no ponto onde uma torrente corre para o Aisne ao norte de Servon.

No centro e no lado oriental os francezes eram detidos por grandes forças do 16.º corpo d'exercito, que haviam penetrado na floresta entre Varennes e Mont Blainville e occupavam o terreno até Apremont.

Basta um exemplo para dar ideia da natureza da lucta ahi.

Os allemães a 7 de dezembro, começaram trez galerias subterraneas da sua primeira linha de trincheiras para as trincheiras francezas até as da direita e a do centro chegarem a uns dezenove metros do inimigo, chegando a da esquerda a uns oito metros apenas; mas no dia 17 os francezes minaram o terreno sobre que essa galeria passava e fizeram-na ir pelos ares. No dia 19, os allemães repararam os estragos e as

O afundamento do «Lusitania»—O paquete depois de ter sido torpedeado por um submarino allemão a 7 de maio de 1915

A 24 de novembro os francezes estavam em redor de Four de Paris; a 6 de dezembro estavam approximando-se de Varennes do lado de sudeste. D'ahi a pouco estavam na estrada Vienne-la-Ville-Varennes e em redor de Four de Paris, de Saint-Hubert, de Fontaine-Madame e de Pavillion de Bagatelle. Todas essas posições são no bosque de La Grurie e só em Barricade chegaram á orla da floresta.

Seguiram-se recontros em que os allemães, a principio, tiveram vantagem, mas depois foram repellidos pelos francezes, cujas forças gradualmente, fizeram frente ás entradas occidental e oriental da Argonne.

galerias do centro e da direita chegaram a uns sete metros dos francezes. D'ahi cavaram duas galerias por baixo das trincheiras francezas e no dia 22 fizeram saltar estas.

Entretanto columnas se tinham reunido para o assalto e avançavam, cobertas por sapadores munidos de bombas, alicates e tesouras para cortarem o arame farpado.

No dia 21, os francezes recuperaram parte do terreno perdido. A 5 de janeiro, depois da explosão de oito minas, as tropas de Sarrail, auxiliados por um contingente de voluntarios italianos sob o commando de Constantino Garibaldi, ataca-

BANCO DE PORTUGAL

A Administração do Banco de Portugal previne o publico de que, em virtude de terem apparecido notas falsas imitando as de—*5.000 réis-prata*—resolveu retirar da circulação as notas d'este valor.

Em vista d'esta deliberação as notas de —*5.000 réis-prata*—actualmente em circulação devem ser trocadas por outras nas caixas da Séde do Banco de Lisboa e nas das suas delegações nas outras capitaes dos districtos no continente e no Funchal até 20 de fevereiro proximo futuro.

Depois d'esta data a troca só poderá effectuar-se na Thesouraria da Séde do Banco em Lisboa.

Lisboa, 20 de janeiro de 1916.

Pelo Banco de Portugal
Os Directores
Augusto José da Cunha
H. Matheus dos Santos

✝

José Correia d'Oliveira

FALLECEU

Maria Josephina Correia d'Oliveira, Maria Amelia Correia d'Oliveira, Maria José Correia d'Oliveira, Maria Emilia d'Oliveira Marques, seu marido Manuel Augusto Marques e seus filhos, Maria Balbina d'Oliveira Farinha e seu marido Antonio Martins da Silva Farinha, Maria Adelia Correia d'Oliveira e seus filhos, Antonio Correia d'Oliveira e sua esposa, Guiomar Correia de Figueiredo, seu marido e filho (ausentes), Maria Pereira Correia Vieira e seu marido (ausentes), Anna da Silva Lobo, seu marido e filhos (ausentes), Maria Isabel Correia da Silva, Joaquim Jovita Correia da Silva, sua esposa e filhos, Eduardo Jovita Correia da Silva (ausente), sua esposa e filhos, José Jovita Correia da Silva, sua esposa e filhos (ausentes), Antonio Marques d'Oliveira (ausente), Luiza Tavares de Lamare, seu marido e filhos (ausentes), Sophia Tavares Romariz, seu marido e filhos (ausentes), Marietta da Silva Tavares, Henrique da Silva Tavares (ausentes) e Antonio Correia da Silva Junior, sua esposa, filhos e genros, participam ás pessoas de suas relações o fallecimento de seu presadissimo pae, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e primo, e que o seu funeral se realisará ámanhã, 21 do corrente, ás 14 horas, sahindo o prestito da sua residencia, Avenida Almirante Reis, 93-A, para o seu jazigo no cemiterio occidental.

Lisboa, 20 de janeiro de 1916.

Banco Lisboa & Açores

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Por ordem do Ex.mo Sr. Presidente são convidados os Srs. accionistas a reunir em Assembleia Geral Ordinaria no Edificio do Banco, na Rua do Ouro, n.º 88, no dia 5 de Fevereiro proximo, pelas 3 horas da tarde, para: Apresentação de contas de 1915 e votação das propostas da direcção, eleição da Direcção e Conselho Fiscal.

Lisboa, 19 de Janeiro de 1916.

O Secretario da Meza da Assembleia Geral
Pedro Gomes da Silva

Dissolução da Firma Silva & Cunha

Tendo-se dissolvido a firma Silva & Cunha, por escriptura de 13 de Janeiro corrente, previne-se o publico e em especial os ex.mos clientes da firma dissolvida, que o ex-socio Manuel de Jesus Marques e Silva vae abrir sob a firma individual MARQUES SILVA, um novo estabelecimento de moveis e estofos na rua da Palma n.os 140 a 144 onde continuará, com a mais perfeita exactidão e pontualidade, a executar todas as ordens com que os seus estimaveis clientes e amigos o queiram continuar a honrar.

A sua longa pratica e largos conhecimentos d'este ramo de negocio, serão sufficiente garantia á boa execução d'essas ordens que antecipadamente agradece.

Lisboa, 19 de Janeiro de 1916.

Manuel de Jesus Marques e Silva

Segue reconhecimento.

ram as trincheiras allemãs no norte de Courtchausse.

Durante algum tempo levaram tudo adeante de si, mas os italianos avançaram demasiado, Garibaldi foi morto e ao findar o dia a linha era a mesma da manhã. Em roda de Fontaine-Madame um violento recontro se travára tambem, prolongando-se do dia 8 ao dia 10, mas sem ter resultados de importancia. Incidentes semelhantes a estes occorriam constantemente, mas nenhum d'elles teve influencia decisiva na lucta principal.

Os communicados officiaes allemães noticiavam uma série de victorias na Argonne, mas devemos lembrar-nos de que, quando os austriacos estavam sendo repellidos na Bukowina, annunciavam que se estavam approximando dos desfiladeiros dos Carpathos, nos quaes, realmente, haviam avançado algum tempo antes, mas apenas para serem repellidos pelos russos. O mesmo succedia com as derrotas dos turcos no Caucaso: os communicados officiaes allemães diziam que em consequencia do mau tempo as operações ali estavam suspensas de ambos os lados. Ao que parece, o povo allemão tem um talento especial para acreditar em falsas noticias.

Do eixo oriental da floresta da Argonne ao sul de Varennes, na região de Vauquois, a linha das trincheiras de Sarrail obliquava a norte e leste atravez do Mosa em roda do entrincheirado campo de Verdun, cujo perimetro estava sendo constantemente alargado. Em dezembro os francezes estavam approximando-se de Varennes pelo leste e pelo sul por Bourcilles e Vauquois, e estavam avançando no valle do Mosa na direcção de Dun, no caminho de ferro Verdun-Mézières e nas alturas que separam Verdun e o Mosa de Metz e do Mosella.

A cidade de Verdun, mercê das medidas tomadas por Sarrail, pouco havia soffrido com a guerra. Escrevendo a tal respeito, um correspondente de guerra inglez, W. H. Perris, dizia no dia 2 de dezembro:

«O ponto das linhas allemãs agora mais proximo da cidade é um duplo outeiro conhecido pelo nome de Jumelles d'Orne e que está a 16 kilometros da cidade e a seis e meio do forte mais proximo, estando as baterias allemãs a cêrca de trinta e dois kilometros de Verdun».

O caminho de ferro Verdun-Etain-Conflans-Metz era então em muitos pontos batido pelo fogo da artilharia franceza, e a linha de trincheiras ia de Vauquois a nordeste pelo bosque de Montfaucon, de Flabas a Azanne, ao sul para Ornes, seguia a leste para Etain, d'ahi a sudoeste, pela região coberta de bosques e outeiros, para Eparges e de Eparges por Amorville para St. Mihiel, a unica passagem do Mosa ao sul de Verdun em poder dos allemães.

O resultado da lucta até ao começo de dezembro tinha sido, no dizer de George Adam, a quem fôra permittido visitar Verdun n'essa epocha, «collocar os francezes no cume de outeiros d'onde a sua vista podia mergulhar na Allemanha». E accrescentava: «No fim de seis mezes de cêrco, os allemães não conseguiram ainda arremessar uma unica granada para dentro de Verdun».

Como já vimos, as fortificadas linhas de Verdun a Toul haviam sido rôtas em St. Mihiel. Felizmente, os fortes á direita e á esquerda da abertura tinham-se sustentado o tempo sufficiente para que Sarrail com dois corpos de cavallaria fizesse frente ás columnas allemãs que atravessavam o Mosa e os pudesse encerrar no saliente Les Eparges-St. Mihiel-Bosque le Prêtre. O bosque le Prêtre fica exactamente ao norte e a oeste de Pont-à-Mousson no Mosella.

Mas os allemães tinham-se apoderado d'uma grande porção de alturas do Mosa entre St. Mihiel e Les Eparges e estavam em constante communicação com Metz e com o caminho de ferro de Metz a Thiaucourt.

Os esforços de Sarrail e de Dubail eram dirigidos contra os lados occidental e septentrional do saliente e contra o seu vertice. A 13 de no-

vembro, n'ambas as extremidades do lado septentrional estava-se luctando, e no dia 17 houve um avanço de Verdun contra a face occidental. No dia seguinte os allemães fizeram saltar os aquartelamentos de Chauvoncourt, proximo de St. Mihiel. Mas a 8 de dezembro os francezes penetraram no bosque le Prêtre e tomaram uma metralhadora e muitos prisioneiros.

A oeste do bosque le Prêtre os allemães na face septentrional do saliente estavam sendo vagarosamente repellidos da floresta de Apremont e do bosque de Ailly para a sua esquerda e as communicações dos defensores do espaço entre Les Eparges e o bosque le Prêtre eram postas em perigo pela artilharia franceza. A 18 de janeiro e novamente no dia 22, a estação de Arnaville na linha ferrea Thiaucourt-Metz foi bombardeada com exito. No dia 17 todo o bosque le Prêtre estava em poder dos francezes, excepto a parte conhecida pelo nome de Quart-en-Réserve.

N'esse dia essa parte foi atacada, sendo tomadas muitas trincheiras e aprisionados alguns officiaes e uma companhia de infantaria. No dia 18 houve mais um exito francez, mas nos dias seguintes os allemães contra-atacaram e recuperaram uma terça parte das trincheiras que haviam perdido. No dia 27 as pontes allemãs sobre o Mosa em St. Mihiel eram desmoronadas pela artilharia franceza. St. Mihiel, cuja tomada, em setembro de 1914, havia alentado as esperanças do inimigo, e o saliente de que essa localidade era o vertice estavam transformando-se em uma armadilha para os allemães.

Descendo de Pont-à-Mousson a linha franceza seguia para leste de Nancy protegida pelos entrincheiramentos do Grande Coroado e de Lunéville. A retirada de De Castelnau e Dubail, em consequencia da esmagadora derrota dos francezes que haviam penetrado na Lorena em agosto de 1914, tinha terminado com a batalha do Marne. Em fins de novembro, o estado maior francez estava habilitado a annunciar que Nancy estava fóra do alcance da artilharia allemã, que os francezes haviam avançado ao norte de Lunéville e para sul a nordeste e leste de Saint-Dié, que havia sido retomada.

A 2 de dezembro, as tropas de Dubail avançaram de Pont-à-Mousson, a leste do Mosella, na direcção de Metz e apoderaram-se do outeiro de Xon e da aldeia de Lesménils que ficava para além d'aquelle. Um outro destacamento estava a 24 de dezembro proximo de Cirey, a leste de Lunéville e a poucos kilometros do monte Donon, o cume mais alto dos Vosges no norte.

A noroeste de Cirey os francezes estavam varrendo o inimigo da floresta de Parroy e a leste da linha Lunéville-St. Dié avançaram ao norte e ao sul de Senones e em Ban-de-Sapt, onde a 29 de novembro repelliram trez contra-ataques. O avanço para as gargantas dos Vosges, de que o general Pau se apoderára em agosto de 1914, recomeçára.

As operações nos Vosges durante os mezes d'inverno, como as da Argonne, foram favoraveis aos francezes. Os Caçadores alpinos do 15.º corpo d'exercito francez, muitas vezes em trenós, executaram façanhas tão heroicas como as dos marinheiros de Ronarc'h em Dixmude em outubro e novembro. Funda neve obstruia agora as gargantas e enchia as ravinas. O avanço das forças de Dubail era mais vagaroso do que o das de Pau, mas obrigou o commando allemão a conservar grandes forças na Alsacia e a dispender vidas e recursos n'um ponto onde não podiam alcançar victoria alguma decisiva.

A 9 de novembro os francezes haviam repellido um ataque allemão dirigido contra a sua posição nas alturas proximo de St. Marie-aux-Mines. A 2 de dezembro avançaram mais uma vez pelo sul do valle do Thur sobre Mülhausen e apoderaram-se de Aspach-le-Haut e de Aspach-les-Bas, a sudeste de Thann. No dia seguinte avançaram sobre Altkirch, entre Belfort e Mülhausen. Nos Vosges septentrionaes apodera-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1961—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Editor—Camillo Sousa e Almeida. Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Sexta-feira, 21 de Janeiro de 1916 | Telephone n.º 2293—End. telegr. CAPITAL. Composição—Rua do Norte, 5, 1.º. Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

«A CAPITAL» EM HESPANHA

O QUE DIZ DON ANTONIO MAURA

O seu regresso á politica — As relações com Portugal—A Hespanha perante o conflicto europeu—As consequencias da guerra para a peninsula iberica

A ninguem devem restar duvidas sobre este ponto: D. Antonio Maura é hoje um dos primeiros senão o primeiro vulto politico da Peninsula Iberica.

Intelligencia, cultura, actividade, e honestidade tudo concorre n'este homem para o tornar uma individualidade notabilissima.

Jámais um politico conseguiu apaixonar tanto a opinião publica d'uma nacionalidade como D. Antonio Maura. Houve um momento em que a Hespanha se dividiu em dois campos prestes a acommetterem-se e a degladiarem-se unica e exclusivamente por causa de Maura. Aos gritos de «Maura si» e «Maura no», uns accusando-o de reaccionario e máu, outros erguendo-o ás culminancias dos super-homens, os hespanhoes travaram na imprensa e na tribuna, no parlamento e nas ruas os combates mais encarniçados e violentos.

Na memoria de todos vive ainda bem nitida a recordação dolorosa da «Semana Sangrenta» e dos combates travados pró e contra Antonio Maura.

Hoje mesmo, apesar do desdem com que certa imprensa fala de Maura e do seu regresso á politica, este homem representa uma grande força e em volta da sua personalidade politica agrupam-se collectividades, aggremiações, forças muito e muito importantes e a que seria loucura considerar-se sem valor ou com um valor minimo na politica do paiz visinho.

D. Antonio Maura, alto, forte, robusto, de cabelleira e barba branca, côr vermelha, elegancia e distincção no porte e no trajar é um homem em extremo captivante.

Tem o dom especial de captar sympathias e a sua conversação agradabilissima traduz uma intelligencia e cultura muito superior.

A sua casa é o reflexo da sua personalidade. Tudo severo, tudo calmo, tudo em ordem.

O secretario de D. Antonio Maura que nos recebe n'uma modesta mas esplendida bibliotheca do rez-do-chão presta-se amavelmente a annunciar-nos ao grande politico.

Por certo de todos os politicos hespanhoes D. Antonio Maura é o mais energico e o que mais trabalha. Levanta-se cedissimo e trabalha sempre até altas horas da noite.

A advocacia toma-lhe talvez mais tempo que a politica pois D. Antonio Maura é dos melhores advogados hespanhoes.

Parlamentar distinctissimo, os seus discursos são verdadeiros monumentos de oratoria e ouvil-os constitue um dos maiores prazeres espirituaes pela riqueza e brilhantismo da phrase e pela suprema elegancia e correcção do gesto.

O escriptorio onde D. Antonio Maura trabalha é vasto e mobilado com simplicidade mas muito bom gosto. Está trabalhando n'um processo, de pouco tempo pode dispôr, entretanto a sua extrema amabilidade sempre encontra maneira de nos conceder alguns momentos, respondendo ás nossas perguntas a primeira das quaes foi a seguinte:

—Qual a sua opinião acerca da politica interna da Hespanha e quaes as causas que determinaram o seu regresso á vida politica activa?

A politica externa perante o conflicto europeu—O problema do Mediterraneo e de Marrocos

— Ha muito tempo que julgo — diz-nos D. Antonio Maura — e as minhas palavras e o meu proceder o affirmam, que todas as phases da vida nacional hespanhola—a tranquillidade popular, a confraternisação das classes sociaes, o progresso na diffusão da cultura, a generalisação e intensidade do desenvolvimento agricola, cujo natural impulso está superando enormes obstaculos, o avigoramento e o desenvolvimento das nossas industrias, a expansão da finança e economia patrias, o alargamento das transacções commerciaes e o respeito exterior pelos nossos interesses politicos e materiaes —tudo, emfim, está subordinado ás modificações necessarias ao nosso regimen interno, que se não assemelha na realidade á definição theorica dada pela constituição do Estado e por outras leis.

«A opulencia d'este mostruario em que figuram as manufacturas legislativas mundiaes contrapõe-se com escarninha crueldade a quasi tudo que tem o caracter official, desde a gerencia communal da mais pequena aldeia até aos usos inveterados nas côrtes do reino. Este desaccordo, evidente para toda a gente, motiva a indifferença com que merecem ser acolhidos, por mais vistosos que pareçam, os programmas innovadores na anthologia de lyrica prosaica, cujos editores foram, em larga escala, os governos de todos os partidos.

«Uma grande maioria da nação deseja que se modifiquem as praticas viciosas por meio das quaes degeneram em commum desconcerto e em systemathica injustiça os altos e nobres procedimentos legaes; emenda que sómente se poderá operar com uma persistente e evolutiva acção dos poderes publicos, porque uma violenta agitação e até uma simples perturbação da ordem tudo impediria, sem remediar coisa alguma.

«Como aquella acção reparadora do poder não prevalecerá contra a rotina e os interesses dos orgãos da auctoridade e da acção governativa emquanto não obtenha apoio tenaz e sufficiente da principal parte da nação que geme esmagada sob o peso do «statu quo», o remedio e a primordial urgencia consistem em que se generalisem as virtudes civicas, utilisando os meios que em vão as leis de assistencia popular outorgam á vida publica local e geral.

«Por isso, venho pugnando com todo o fervor por arrancar grande numero de cidadãos á sua abstenção pessimista, os quaes acabaram por se desinteressar até da administração communal.

«Não se improvisam estas rectificações de habitos inveterados. Na sua inevitavel lentidão, os progressos são evidentes e consoladores. Uma visão equivoca das apparencias sem duvida levaram-no a suppôr ter eu regressado agora á vida politica activa. Não a interrompi nunca; apenas subordinei a minha conducta ás circumstancias, precisamente para continuar no caminho que acabo de indicar, unico que posso e quero seguir.

«A'cerca da politica externa de Hespanha entre as nações que n'este momento estão em guerra nada de novo necessito dizer, sendo eu quem presidia ao governo em 1907, quem acompanhou sua magestade o rei de Hespanha ao avistar-se em Cartagena com Eduardo VII. Não necessito definir de novo a minha convicção, tanto mais quanto é certo tel-a ratificado em discursos e manifestações recentes, como consequencia natural das suas mesmas causas que perduram não obstante o conflicto. O facto é que nenhum governo modificou ainda o accordo de 1907.

«A'cerca do problema do Mediterraneo e de Marrocos, tambem bastará dizer que foi durante a «étape» anterior, sendo o governo presidido por mim, que se negociou e ratificou o tratado franco-anglo-hespanhol de 1904, e que depois de 1912 expuz no Congresso a minha discordancia ao caracter e inspiração que se imprimiram á acção hespanhola dentro da sua zona de influencia em Marrocos.

«Constantemente insisti sobre aquelles pontos, indicando as consequencias do erro, talvez irreparavel, com que se iniciou a obra essencialmente politica e pacifica que incumbe á Hespanha na costa septentrional d'Africa, obra de que não póde afastar-se, nem poderia desinteressar-se sem grande quebra da sua segurança e do seu futuro, obra para a qual é necessaria a continuidade da sua zona costeira desde o Muluya até Larache, comprehendendo a cidade de Tanger e o seu districto, segundo o que sempre affirmei e segundo o que se pactuou no já citado convenio de 1904.

—O que pensa v. ex.ª ácerca das campanhas imperialistas hespanholas e das relações com Portugal?

Vem a proposito dizer que D. Antonio Maura foi, é e continuará sendo, segundo o que todo o mundo me affirma e os seus actos confirmam um admirador da Inglaterra, podendo dizer-se que a politica externa da Hespanha segundo o seu criterio, deve ser semper orientada de commum accordo com a nossa secular alliada.

E' indispensavel a amizade e a confraternisação dos dois povos

—A'cerca das campanhas que denomina imperialistas; diz-nos o eminente politico hespanhol, e das relações hispano-portuguezas, creio que tambem será desnecessario traduzir a expressão do meu pensamento, o qual foi e sempre se manifestou respeitosissimo, não só pelo que diz respeito á independencia e aos nobres sentimentos, mas até ás susceptibilidades, não poucas vezes chimericas dos nossos visinhos ibericos; e este respeito provém de que muito embora me pareçam sem motivo, enfermiças e prejudiciaes estas aprehensões, verifico que se renovam, o que eu lastimo e torna-se muitissimo necessario libertar de estorvos hereditarios, a franca, leal e reciproca confraternisação que desejo sinceramente exista entre os dois povos.

«Não attribuo verdadeira efficacia, muito embora sejam ingenuas, ás calorosas phrases de approximação e mutua estima; egualmente julgo que os planos politicos, para accordos e solidariedades hispano-portuguezas não terão realisação emquanto as classes e as personalidades dirigentes de um e outro lado da fronteira não consigam insuflar no animo popular a confiança e a estima reciprocas que eu julgo indispensaveis e que, devido a variadas razões, estão abandonadas e muitas vezes são contrariadas a cada passo por indiscretos e malevolos incidentes de um negativo amor patrio.

As conveniencias de Portugal e da Hespanha devem attrahir natural e mutuamente as duas nações, sem detrimento do seu reciproco respeito, desde que se ponha menor confiança na vaidade de promessas amorosas e se cuide um pouco mais da politica espiritual do patriotismo; generoso vinho muito propenso a avinagrar-se.

—Voltamos a falar da guerra e ao eminente estadista perguntamos quaes seriam, em sua opinião, os resultados da conflagração europeia para a Peninsula?

—Como a presente guerra é uma cruel e desenfreada clinica onde se cursa a pathologia das nacionalidades (postos de parte outros ensinamentos politicos que terão de sedimentar-se juntos com os detrictos da sangrenta alluvião) espero que corrigirá (a não ser que a doença seja incuravel) esta despreoccupação que mostraram todos os povoadores da Peninsula Iberica, perante os gravames internacionaes que nos impõe a nossa situação estrategica e mercantil no mundo.

Se agora não aprendessemos em que consiste a condição vital da nossa existencia e das nossas autonomias nacionaes e não corressemos a garantil-as como quem satisfaz a necessidade primordial da propria honra e do proprio interesse, então seriamos indignos do que fomos e nem ao menos mereceriamos continuar tal como somos.

mordial do homem e do interesse, então seriamos indignos do que fomos e nem ao menos mereceriamos continuar tal como somos.

—Para terminarmos a interessante entrevista perguntamos ainda a D. Antonio Maura: Qual deve ser a politica externa de Hespanha e Portugal apoz a guerra e quaes as relações dos dois paizes?

—Julgo que volta a perguntar-me o que disse antes. A politica externa da Hespanha não está por definir mas antes muito clara e nitidamente traçada; e as suas relações com Portugal deverá estreitar-se e tornar-se cada dia mais e mais fraternaes.

As realidades que ditam aquella politica e ordenam esta cordialidade não são transitorias, nem tão pouco a gigantesca guerra presente, de extensão e importancia jámais egualada por qualquer outra, alcança a alterar de improviso aquellas bases seculares da realidade.

Além d'isso eu não sou dos que julgam e estão convencidos de que os belligerantes conseguirão o proposito que reciprocamente hoje alimentam, de continuar as hostilidades até que a victoria seja tal que permitta ao vencedor dictar as capitulações e subjugar o vencido.

Mais provavel me parece que os brios fallem primeiro que tenham acabado de dirimir-se as contendas pendentes, nas quaes se reuniam todas as grandes luctas que os seculos teem visto.

Assim nos fallou o grande politico hespanhol a que agradecemos penhoradissimos o bom acolhimento dispensado e já na rua fomos pensando n'esta personalidade eminente em volta da qual tanto se tem luctado e continuará luctando. Quanto a nós, sinceramente o confessamos, sentimos por D. Antonio Maura a maxima consideração e respeito, pela sua intelligencia, pela sua envergadura, pela sua honestidade e pela superior cultura do seu espirito.

Edmundo Porto

Entrevistas publicadas:

D. Eduardo Dato, chefe do partido conservador e ex-presidente do governo.

Conde de Romanones, chefe do partido liberal e actual presidente do governo.

D. Melquiadez Alvarez, chefe do partido reformista.

D. Juan Vazquez Mella, «leader» do partido jaimista.

D. Alexandre Lerroux, chefe do partido republicano radical.

D. Pablo Iglezias, chefe do partido socialista.

D. I. Sanches de Toca, ex-presidente do Senado.

D. Rafael Labra, senador republicano e presidente do Atheneu.

D. Rodrigo Soriano, deputado da conjuncção republicana.

D. Antonio Maura, chefe do partido conservador maurista.

A seguir:

Dr. Augusto de Vasconcellos, ministro de Portugal.

Conclusões

ARTE

Exposição de Francisco Ayres

O que no Salão Bobone se comporta da obra do pintor Frederico Ayres é, sem vislumbre de lisonja, bom. Mas entre este bom ha melhor e o que, ao ser-lhe comparado, fica somenos.

E' alegremente disposto que se sahe, porquanto da egualdade quasi fixa dos trabalhos, vistos por seu intrinseco valor, se conclue do grau de fecunda maturação a que chegaram talento e technica no pintor que ora me occupa.

A primeira impressão colhida pelo olhar que abranja o «ensemble» é de que Frederico Ayres pinta de preferencia aquelle estado atmospherico que o nosso povo pittorescamente designa por «ar lavado», o que quer indicar o ar depois da chuva ter cahido. Fica uma reminiscencia de bruma que refresca o ambiente, sente-se o cheiro a terra humida; dir-se-hia suspenso ainda o echo da symphonia hibernal. E Frederico Ayres fez bem em preferil-a porque chegou a uma virtuosidade admiravel na interpretação d'esse «estado d'alma» da Natureza.

Ligeiramente notarei que não vi ainda quem melhor tenha conseguido fixar «os longes» do que este estudioso e bem orientado artista que nos dá «perspectivas» pasmosas, extensas, e soberanamente reaes.

E' preciso analysar-se detidamente aquella distancia dos horisontes, que em suas telas surprehendeu e que a atmosphera acompanha, variada e clara, como se d'uma janella a estivessemos contemplando.

O pintor raramente se interessa pela figura e tão pouco o enthusiasma o povoado.

Mas quando o faz—assim o veremos depois—é com mestria.

O que de mais vulto se aprecia—e dirão que é quasi tudo o que ali está exposto — é o n.º 1, «Inverno», que foi uma tela já exposta na Sociedade no Salão do anno passado, tendo eu sobre ella escripto n'um dos numeros de «A Capital» d'essa epoca.

Se bem me recordo, além d'essa real frescura do ar em que se humedeceu, ali notára a magna perspectiva, de que o pincel de Ayres se tornou senhor. E é tambem o que sobremodo notabilisa o n.º 4, «Valle da Figueira» em que, sobre um quasi esboço de paysagem, se dá, fortemente evocada, toda uma extensão magnifica de amplitude, até que, lá muito ao longe, quebra a linha do horisonte a serra esfumada pela bruma do Valle.

São obras de mestre as suas «Oliveiras» (n.º 2) e os quadros «Manhã» (9), «Vinha rubra» (18) «Margens do Tejo» (16) e «Tarde doirada» (18) affirmam no pintor a posse indiscutivel e certa dos valores chromaticos, tornando a sua obra uma gamma preciosa das expressões da Côr.

O n.º 3 é sem duvida completo. Curvam-se as «Lavadeiras» para a agua n'uma luz calma sem deixar de ser gloriosa; e as arvores despidas pelo Outomno parecem aquietar-se de saudade.

Ha um quadro superiormente interessante. E' o n.º 15, «Ribeira», cheio de evocação, n'um sentimento exacto de abandono, que a nossa terra tanta vez nos conta.

No n.º 25, «Casa do Regedor» o sr. Ayres regressa á antiga forma, que se não me engano em tempos usou muito, de empastellar as tintas. Não entrou ali a espatula; mas, apezar de dar uma impressão nitida, não gosto do processo.

Ha tambem um quadro encantador: é o «Fim do Dia» (38) que é d'um sabor intimo fortemente sympathico.

Depois, falta-me o espaço para citar tudo o que mais me agrada. Entretanto, não faço ponto final, sem lembrar que as «Pochades» (36 e 47) são excellentes, demonstrando que o seu auctor não trata a figura sem evidenciar o seu esplendido talento.

SILVA-PASSOS

A crise da imprensa

A proposta do governo sobre a questão do papel

E' do teor seguinte a proposta de lei hoje apresentada ao parlamento pelo sr. ministro do fomento:

Debate-se em Portugal como em outros paizes a questão do preço do papel de impressão, principalmente a de papel para jornaes.

As fabricas de papel nacionaes, que teem de laborar com muitas materias primas nacionaes cujos preços teem augmentado successivamente, elevaram bastante os preços de venda do papel, sendo de recear que essa elevação mais se exaggere.

A industria typographica, em especial a industria jornalistica, á qual é mais sensivel o augmento do preço do papel por ser muito reduzido o preço de venda dos jornaes, levantou os seus brados de protesto, reclamando dos poderes publicos remedio para a grave crise que está soffrendo.

N'este conflicto de interesses, as industrias papeleiras e jornalisticas procuram demonstrar as boas razões que lhes assistem, e, advogando a sua causa, tenta aquella alliviar-se de todas as responsabilidades.

Cumprindo ao governo, sem qualquer parcialidade pelos productores do papel ou pelos seus consumidores, attenuar até certo ponto a violencia da crise, vem submetter á vossa consideração a presente proposta de lei.

Ao fazel-o, accentuará que se não propoz resolver de golpe a crise relativa a todo o papel de impressão, e menos ainda inteiramente a crise de papel continuo e resmado para impressão de jornaes. Para isso seria mister que o Estado desembolsasse importantes sommas, pois que nem mesmo com a perda a que se resignasse pela suppressão de direitos pautaes conseguiria restabelecer os preços antigos, visto que a alta foi geral em todos os mercados depois da guerra que incendiou o mundo.

E não seria menos equitativo fazer no que toca a esta industria o que não póde ser feito a respeito de outras, egualmente merecedoras dos disvelos dos poderes publicos.

Procurou-se portanto estabelecer uma medida transitoria que, sem affectar o exercicio da industria papeleira que se tem desenvolvido e aperfeiçoado á sombra d'uma larga protecção, dê satisfação ás justas necessidades da imprensa com respeito ás exigencias do consumo que a industria nacional não preenche, suavisando nos limites do possivel a sua situação.

O prejuizo que as receitas do thesouro soffrerão por esta lei tem justificação nas indiscutiveis necessidades da imprensa jornalistica, uma das instituições basilares das democracias e das sociedades modernas.

PROPOSTA DE LEI

Artigo 1.º—A's emprezas jornalisticas será permittido, emquanto durar a alta de preços provenientes da conflagração europeia, importar, pagando apenas o direito de 0,05 centavos por kilogramma, a quantidade de papel continuo que lhes fôr necessario para a sua industria e que as fabricas nacionaes não possam fornecer, reputada na razão de 600 toneladas por cada anno.

Paragrapho unico—Quando haja pedidos para esta importação de quantidades que sommadas dêem uma cifra superior ao limite estabelecido, será feito o rateio pelas emprezas jornalisticas que os tenham formulado, ou por accordo mutuo ou tendo em attenção á tiragem dos respectivos jornaes, se as mesmas emprezas não delegarem em qualquer d'ellas a importação da totalidade.

Art. 2.º—O governo poderá auctorisar a importação do papel continuo para jornaes até mais 1.... toneladas, com o direito estabelecido no artigo anterior e durante o mesmo prazo, as quaes serão depositadas em local por elle indicado e utilisadas mediante prévia licença, que só será concedida quando se verifique que augmentou o consumo não coberto pela producção das fabricas nacionaes ou esta baixou por qualquer causa.

Art. 3.º—Desde que o preço do papel continuo destinado a jornaes e de fabricação nacional seja superior ao de importação estrangeira, accrescido de meio centavo por kilogramma, o governo poderá auctorisar tambem a utilisação do «stock» a que se refere o artigo antecedente, que será successivamente mantido por novas importações.

Paragrapho unico—O preço do papel importado a que se refere este artigo será fixado, pelo ministerio do fomento, para cada importação, de harmonia com as informações fornecidas pelas auctoridades consulares, conhecimentos, facturas, apolices de seguro maritimo ou quaesquer outros documentos.

Art. 4.º—O governo poderá ainda auctorisar a importação de papel resmado para jornaes, mediante o pagamento do direito estatistico estabelecido no artigo 1.º, quando os de fabricação nacional se dêem, respectivamente, ao preço, as condições indicadas no artigo antecedente, fixando-se o preço de venda de papel resmado de fabricação estrangeira nos termos do paragrapho unico do mesmo artigo.

Art. 5.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Com a publicação d'este decreto e havendo quem importe papel para machinas rotativas e de reacção (que são os dois casos dos nossos jornaes) o problema da crise da Imprensa ficará resolvido n'estes seguintes aspectos:—1.º—Garante-se o consumo de toda a producção nacional; 2.º—Garante-se a existencia de um «stock» que preencha o «déficit» que porventura tenha a producção nacional; 3.º — Fixa-se o preço de venda do papel, de modo que elle não cresça de mez para mez sem causa conhecida.

Resta, comtudo, resolver a crise sob o aspecto do encarecimento do papel, cujo preço actual só muito poucos jornaes podem supportar.

Por este motivo a commissão eleita hontem prosegue esta noite nos seus trabalhos.

Pelo telegrapho

A lucta no theatro occidental

PARIS, 20. — Communicação official das 23 h. — Entre o Somme e o Avre a nossa artilharia bombardeou proximo da gare de Chaulnes os estabelecimentos occupados pelo inimigo. O fogo provocou um incendio seguido de explosões. Ao norte do Aisne, na estrada de Corbeny foi apanhada sob o nosso fogo e dispersa uma columna inimiga.

Nos arredores da granja Cholera, o fogo violento das nossas baterias causou importantes estragos nas trincheiras do adversario; no resto da linha houve acções intermittentes de artilharia.—(*Havas*).

LONDRES, 21.—Hontem durante os combates aereos obrigamos dois aeroplanos allemães a descer nas linhas allemãs, e perdemos um apparelho. O dia decorreu geralmente calmo na nossa linha.—(*Havas*).

PARIS, 21.—Communicação official das 15 horas:

Durante a noite nada se passou de importante a não ser no Artois, onde fizemos explodir com successo uma mina debaixo de uma trincheira allemã na direcção da cota 119, ao sul de Thelus.—(*Havas*).

Os alliados no Oriente

SALONICA, 21.—Cinco navios alliados bombardearam ante-hontem Dedeagatch e Potologos, causando estragos consideraveis.—(*Havas*).

ATHENAS, 21.—Os ministros plenipotenciarios francez e inglez tiveram hontem uma longa entrevista com o sr. Skoulodis. Os jornaes attribuem grande importancia a esta conferencia.—(*Havas*).

O bloqueio dos imperios centraes

LONDRES, 21.—A Camara dos Communs discutirá na quarta feira uma moção dizendo que, attendendo ao valor das importações pelos paizes neutros contiguos aos paizes inimigos, é o governo convidado a impôr um bloqueio tão estricto quanto possivel, sem prejudicar as necessidades de consumo dos neutros.—(*Havas*).

A campanha na Russia

PETROGRADO, 20. — Official. — Na Galicia, nas margens do Strypa medio, repellimos as tentativas inimigas. A nordeste de Czornovitz tomámos um sector da posição inimiga e repellimos cinco contra-ataques encarniçados do inimigo, que soffreu perdas enormes. No Caucaso continua a perseguição ao centro do exercito turco, que já soffreu pesadas perdas.—(*Havas*).

Visitas ministeriaes

O sr. ministro da guerra foi hoje acompanhado pelo seu ajudante, sr. tenente Florentino Martins, á Manutenção Militar, sendo recebido pelo director e officiaes ali em serviço, que o acompanharam na visita ao edificio e obras do matadouro, salchicharia e poços artezianos que ali se estão construindo, para ampliação d'aquelle estabelecimento militar.

O sr. Norton de Mattos seguiu depois para os Olivaes com o sr. Vasconcellos Dias e director do Deposito de material de guerra de Braço de Prata, a visitar o antigo convento dos Moinhos e terrenos adjacentes, dirigindo-se em seguida para o convento conhecido pelo nome de Candieiro, na circumvallação, para o visitar e aos terrenos annexos, a fim de vêr se podem ser utilisados para depositos territoriaes de material de guerra.

O general Villa prisioneiro

NEW YORK, 21.—O consul americano em El Paso confirma que o general Villa foi feito prisioneiro pelos soldados de Carranza proximo de San Geronimo.—(*Havas*).

O que custa a guerra

Trezentos e cincoenta milhões por dia

Um economista distincto, o sr. Alfredo Neymarck, acaba de avaliar, n'um estudo muito interessante, as despezas da guerra nos diversos paizes belligerantes.

Conclue-se dos documentos que cita que as despezas militares da Allemanha se elevam a mais de 90 milhões de francos por dia ou sejam 2.750 milhões por mez. Vão attingir 100 milhões por dia, em virtude dos adeantamentos á Bulgaria e á Turquia e do auxilio concedido á Austria-Hungria.

A despeza militar mensal da França é calculada, quanto ao primeiro trimestre de 1916, em 2.505 milhões e as da Inglaterra em mais de 3 billiões.

Na Russia attingirá em 1916 cêrca de 2 billiões. Quanto á Italia, havia gasto até 19 de outubro ultimo 3:866 milhões com a guerra. Se a guerra acabar em junho do anno corrente, a Italia terá gasto com ella 14 ou 15 billiões.

As despezas militares da França, da Grã-bretanha, da Russia, da Italia e da Allemanha variam, quanto ao total, entre 10 billiões e 11 billiões por mez, isto é, mais de 350 milhões por dia.

Os emprestimos da guerra elevavam-se, em fins de outubro ultimo, a 122 billiões, assim distribuidos: alliados, 73:293 milhões; austro-allemães, 49:111 milhões.

Pelos Estados-Unidos foram emprestados 4:812 milhões.

EM TORNO DA GUERRA

A RECOMPOSIÇÃO MINISTERIAL BELGA

Para que a união nacional seja um facto, entram no gabinete catholico trez membros dos partidos da esquerda: Vandervelde, Hymans e Goblet d'Alviella

A'cerca da recomposição do ministerio belga e da elevada importancia que reveste semelhante facto, escreve o sr. L. Dumont-Wilden:

Aguardava-se, de ha muito, a recomposição do ministerio belga, a constituição d'um verdadeiro gabinete nacional em que todos os grandes partidos que dividem o paiz estivessem representados. O rei desejava-a; o sr. de Broqueville, presidente do conselho, trabalhava para isso com tanta diplomacia como sinceridade e só a opposição de certos elementos da extrema direita, a quem a guerra parece não ter ensinado coisa alguma, impediam a sua realisação.

Nas primeiras semanas da guerra não houve tempo para pensar n'isso. Urgia batalhar. Envolvendo sempre uma recomposição ministerial difficeis e longas negociações, o rei contentára-se com nomear ministros de Estado certos homens da esquerda, os srs. Paul Hymans, Goblet d'Alviella e Vandervelde, manifestando assim a sua vontade de proclamar a união sagrada, manifestação, de resto, absolutamente platonica, visto os ministros de Estado na Belgica não fazerem parte do gabinete. Quando da installação do governo no Havre, pensou-se, de novo, em introduzir no ministerio representantes dos partidos liberaes e socialistas, mas toda a attenção achava-se então concentrada na reorganisação do exercito. O prolongamento da guerra modificou, a pouco e pouco, todas as idéas a este respeito.

* * *

Quando o ultimatum allemão surgiu a perturbar-lhe violentamente a vida, a Belgica achava-se n'uma situação politica em extremo delicada. O governo catholico, que está no poder desde 1884, apenas dispunha, no seio do parlamento, d'uma maioria muito fraca, maioria artificial que não correspondia á opinião do paiz. No proprio partido catholico havia divisões latentes que tornavam a situação do chefe do gabinete particularmente embaraçosa. Por outro lado, n'estes ultimos tempos, as paixões politicas sobrexcitadas ainda pela irritante questão das linguas haviam attingido um raro grau de virulencia. Ora a guerra, que altera o modo de formular os problemas, não muda os homens e era para recear que, uma vez de novo no paiz, todas essas questões partidarias que absorveram as forças da nação belga nos ultimos annos reapparecessem tanto mais agudas, tanto mais violentas quanto é certo que cada partido procurou tirar dos acontecimentos da guerra argumentos particularmente irritantes. Todos os belgas de bom senso repellem semelhante eventualidade com horror.

* * *

Perante a rude tarefa que vae ser a reconstrucção d'uma patria, a reorganisação de toda a sua industria, de todo o seu commercio, a reedificação de tantas cidades e villas, a escolha d'um novo estatuto economico e politico internacional, comprehende-se muito bem a necessidade de constituir, logo após a guerra, um governo de união nacional analogo aos primeiros ministerios de Leopoldo I. Salta aos olhos que o melhor meio de lá chegar seria constituir desde já esse ministerio de união. Sem duvida que não póde ser tal como se o parlamento estivesse funccionando. Não podia pensar-se em distribuir as pastas segundo a importancia de cada partido. Mas felizmente os trez ministros de Estado da opposição que acabam de entrar para o gabinete teem uma tal situação nos seus partidos que podem simultaneamente exercer no governo a fiscalisação de que todas as opposições parlamentares são tão ciosas a acceitar, sem correrem o risco de se comprometter aos olhos dos seus amigos, uma parte da pezada responsabilidade do poder em tempo de guerra.

A personalidade do sr. Vandervelde é demasiado conhecida para que seja necessario apresental-a. Sabe-se a influencia importante que exercia antes da guerra sobre o socialismo internacional. Mas, desde o principio das hostilidades, em ruidosas conferencias, não deixou de affirmar, com a maior eloquencia, a necessidade de ir até o fim, até á victoria definitiva, até ao esmagamento da Allemanha militarista.

O sr. Paul Hymans era, antes da guerra, o «leader» da esquerda liberal na camara. Nomeado ministro de estado nos primeiros dias da crise de 1914, foi em seguida encarregado de representar a Belgica em Londres. Historiador de merito, orador elegante e vigoroso, é um dos homens mais cultos do mundo politico belga. Exerce no seu partido e fóra do seu partido uma grande influencia e as qualidades do homem de Estado notam-se n'elle mais do que os defeitos do homem de partido.

Finalmente, o sr. conde Goblet d'Alviella, que tinha no senado belga uma situação analoga á do sr. Paul Hymans na camara, representa egualmente o velho partido liberal, com uma tendencia um pouco mais radical do que o sr. Hymans.

Enriquecido com estes novos elementos, o ministerio belga adquire uma força e uma auctoridade novas para continuar a lucta ao lado dos seus poderosos alliados e cumpre esperar que, após a victoria, elle possa metter hombros ao inicio, pelo menos, da immensa tarefa da reconstituição de toda a Belgica.

* * *

HAVRE, 20.—Official.—O barão de Beyens foi nomeado ministro dos negocios estrangeiros da Belgica em substituição do sr. Davignon, que pediu a demissão.—(Havas).

Camara dos Deputados

Discute-se o pagamento do coupon da nossa divida externa

Preside o sr. Godinho e estão presentes os deputados necessarios para ser approvada a acta. Não comparece nenhum ministro. O sr. Raymundo Moura apresenta um projecto de lei determinando que no ministerio da guerra só possam fazer serviço officiaes da reserva. O sr. João Gonçalves manda para a meza um projecto de lei, justificado com uma longa representação annexando o logar de Bouços de Loures e seus casaes, á parochia civil de Figueira, concelho do Cadaval. O sr. Adriano Pimenta tambem toma a iniciativa d'um projecto abolindo os serões para as costureiras. Justificando este projecto, o orador faz o elogio da classe das costureiras, ás quaes o Estado deve toda a assistencia, tão dignas ellas são de que as olhem com carinho e de que se procure suavisar-lhes a situação. O projecto é tambem assignado pelos srs. Costa Junior e Marques Guedes. O sr. F. José Pereira chamma a attenção do governo para o estado intransitavel em que se encontram as estradas do districto de Santarem e muito especialmente a que liga o Cartaxo com a estação do caminho de ferro e a séde do districto. A ponte sobre o Sorraia, em Salvaterra, tambem merece e precisa de importantes reparações, sob pena de se transformar n'um perigo para o transito publico. O sr. dr. Mesquita de Carvalho annuncia uma nota de interpellação sobre a situação do general Carvalhal. O sr. ministro do interior replica que não creou a situação em que aquelle official se encontra. Estudal-a-ha, porém, e dirá á camara o que se lhe offerecer justo.

O sr. Vasco de Vasconcellos chama a attenção do governo para a forma como estão sendo cumpridas em Lisboa as leis prohibitivas do jogo, havendo clubs que teem policia á vista e existindo outros onde se joga livremente. Semilhante situação não pode continuar e pede, por isso, ao sr. ministro do interior que lhe ponha termo.

Tem em seu poder uma lista das casas onde o jogo é permittido e d'aquellas onde o não é. Vae vel-o. As primeiras são as seguintes: Gremio Litterario, Club Tauromachico, Moulin Rouge e Club dos Flamengos. As outras são o Club dos Patos, o Club dos Restauradores, o Club do Redondo e o da Regaleira. O sr. ministro do interior agradece as informações prestadas pelo sr. Vasco de Vasconcellos e diz que vae tomar todas as providencias para que a lei seja rigorosamente observada e applicada. O sr. Brito Guimarães occupa-se das questões que ultimamente se teem dado no porto e na costa de Setubal, entre pescadores, e pergunta ao sr. ministro do interior que providencias tomou para as evitar e castigar. O sr. Almeida Ribeiro informa que os delinquentes serão enviados para juizo e diz que a fiscalisação maritima não pode ser mais intensa por falta de barcos. O sr. Azeredo Antas refere-se ao tratado de commercio com a Inglaterra e pergunta quando será ratificado. Refere-se tambem á questão do sulphato de cobre e mostra a necessidade de interferir junto da Inglaterra, para que esse producto, tão necessario á viticultura, não falte em Portugal. O sr. presidente do ministerio declara que o tratado não está ainda ratificado, continuando as negociações diplomaticas com o governo inglez n'esse sentido. Crê, porém, poder dizer desde já, que ractificado o tratado em Inglaterra só entrará como vinho do Porto aquelle que em Portugal assim fôr considerado tambem. O sr. Costa Junior chama a attenção do sr. ministro das finanças para o facto da Junta do Credito Publico, que é a encarregada do pagamento do «coupon» da nossa divida externa, ter determinado que esse pagamento se fizesse pela divisa de Londres. Mas como se reconhecesse que essa determinação não era boa, veiu outra, mandando adoptar o cambio de Amsterdam. O governo, porém, suspendeu essa deliberação, perguntando-lhe, por isso, o orador, em que se escuda para isso. O sr. ministro das finanças declara que os factos se passaram conforme o que disse o sr. Costa Junior. A Junta do Credito Publico estabeleceu a paridade de Londres para pagamento do «coupon», transferindo mais tarde esse pagamento para Amsterdam, por o cambio ser ali mais favoravel. Aquella praça, todavia, pagando em alguns semestres trez coupons, teve de pagar no ultimo semestre cerca de um terço da nossa divida externa. A operação era prejudicial. Por isso foi suspensa pelo governo, o qual pensa trazer ao parlamento uma medida que obrigue os portadores da divida externa a declararem antes do vencimento do «coupon» a praça onde desejam recebel-o. E para terminar, depois das mais largas considerações, o sr. ministro das finanças declara que Portugal tem cumprido honradamente todos os seus compromissos, sem sombra de demora ou de coacção. Generalisa-se o debate a pedido do sr. José Barbosa. O sr. Fernandes Costa affirma que a Junta do Credito Publico não descura nunca os interesses do Estado.

Sobre o assumpto, não ha ali duas opiniões. A verdade, porém, é que a nossa divida é uma divida especial que se regula por leis especiaes. E como o portador do coupon póde recebel-o na praça que

entender, succedeu que sendo mais vantajosa a operação em Amsterdam do que em Lisboa, a junta soube que os cambistas de Lisboa estavam pagando o *conpon* mais caro do que na junta, dando por elle 2.120 e vendendo-o em Amsterdam por 2.110.

Foi assim que a junta entendeu dar as ordens que deu, para que os portadores portuguezes não soffressem prejuizos. Mas ha mais. A junta tinha em Amsterdam dois milhões de florins, para pagamento do *coupon* de 13 do corrente. Para esse deposito ficou reduzido a 200 mil, facto de que a junta foi prevenida a tempo. Se não se tomasse a medida conhecida, a junta ficaria luctando com grandes difficuldades para effectuar as suas transferencias de Lisboa para Londres. O governo ha de tomar todas as providencias que o caso requer. O sr. Alvaro Pope tambem se espraia em considerações varias, dizendo que na questão houve pelo menos precipitação na fórma como o assumpto foi resolvido.

Falam ainda os srs. Levy Marques da Costa e Antonio da Fonseca, que justificam o procedimento da junta. O sr. Fernandes Costa volta a fazer ainda outras considerações, tendentes como as primeiras, a justificar a attitude da junta. A sessão é prorogada até terminar o debate.

NO SENADO

A questão da caça — O caso de Pindella — As inspecções escolares — O folheto Pimenta de Castro

Abre a sessão com 38 senadores presentes e o sr. Correia Barreto na presidencia, secretariado pelos srs. Paes de Almeida e Lourenço Serro. Approvada a acta é lido o expediente o sr. Elysio de Castro requer seja posto á discussão o projecto de lei vindo da outra Camara e que revoga as determinações de lei de 11 de novembro de 1912 sobre a caça. Pede para elle urgencia e dispensa de regimento. Approvado por maioria.

O sr. Paes Gomes:—Perigava o paiz com uma espera de 48 horas!

Trocam-se depois a proposito d'um projecto que espera o parecer da commissão de administração publica umas explicações entre os membros d'esta commissão srs. Fortunato da Fonseca, Paes Gomes e Sousa Fernandes. Trata-se do projecto que diz respeito á situação dos funccionarios dos governos civis. Para se dar o seu parecer o sr. Fortunato da Fonseca diz que não conseguiu hontem reunir a commissão a que pertence.

Varios senadores invocam os artigos 31.º, 46.º e 91.º do regimento. Fala-se, lêem-se artigos, ha hesitações, a que o sr. dr. Pedro Martins põe termo invocando o § 3.º do art. 62.º do regimento que para negocios urgentes e explicações permitte usar da palavra em qualquer altura da sessão.

E o incidente continua com novas explicações do sr. Paes Gomes, Leão Azedo e Sousa Fernandes, terminando por o Senado auctorisar a reunião da commisão na sessão de hoje.

Vota-se depois o projecto de lei que trata da questão da caça e que fica approvado com dispensa da ultima radacção.

Entra-se em seguida na ordem do dia, continuando em discussão a questão já hontem largamente debatida sobre inspectores escolares.

O sr. Thomaz da Fonseca requer que o projecto vá á commissão de inquerito, visto haver contra-projectos.

O sr. Paes Gomes envia para a mesa nova proposta para que o assumpto se discuta immediatamente.

O sr. Sousa Junior invoca o art.º 114 do regimento para considerar como questão prévia a proposta do sr. Fonseca.

E mais uma vez a proposito do regimento se trocam explicações entre os srs. Paes Gomes, Sousa Junior e Pedro Martins. Resolvido o assumpto a favor do sr. Thomaz da Fonseca, vota-se seguidamente a sua proposta de adiamento.

Como esteja presente o sr. ministro do Interior é dada a palavra ao sr. Teixeira Rebello que se refere mais uma vez á questão da hospitalisação dos alienados pedindo que o seu projecto que resolve o assumpto e que já foi approvada na generalidade o seja tambem na especialidade. Assim se evitaria a sua aglomeração nas cadeias do Porto.

O sr. ministro do Interior promette interessar-se, achando porém preferivel que os alienados estejam presos a andarem á solta pelas ruas das suas localidades com manifesto prejuizo publico.

O sr. padre Silva Gonçalves rebate a affirmação do sr. ministro do interior, hontem feita, de que um padre embora prohibido pelo respectivo bispo tem preferencias a outro legitimamente nomeado pela auctoridade ecclesiastica, se assim o desejar a maioria dos parochianos. Esta doutrina do sr. ministro do interior é perfeitamente anarchica e inadmissivel, como largamente demonstra. Chama depois a attenção do ministro para as arbitrariedades commettidas contra o parocho de Ventosa, concelho de Vieira, pelo administrador do mesmo.

O sr. Almeida Ribeiro reedita as suas considerações. O caso foi entregue ao poder judicial e el'e o resolverá.

Entre os oradores estabelece-se vivo dialogo, defendendo o sr. padre Gonçalves as prerogativas da egreja catholica e atacando-as o sr. ministro do interior.

O sr. João de Menezes trata da apprehensão do livro do sr. Pimenta de Castro, contra a qual protesta como protestou contra a prohibição feita pelo mesmo general da sahida do relatorio dos adeantamentos. De que trata o livro do sr. Pimenta de Castro? Faz um elogio ao imperador da Allemanha? Mas tambem faz elogios ao rei da Belgica e ao povo francez. Refere-se ao armamento dado á Inglaterra? Mas isso tem vindo a lume na imprensa de Paris. Que foi deixar o seu cartão ao ministro da Allemanha? Mas isso tambem o teem feito todos os governos. Não havendo, pois, materia incriminada e não servindo de pretexto o facto do opusculo ser menos agradavel para o partido unionista, porque foi então que o mandaram apprehender?

O sr. ministro do interior responde que o mandou apprehender em virtude da lei de 9 de junho de 1912, visto o folheto ser escripto em linguagem despejada e poder contribuir para a alteração da ordem publica. Dirá mais: mandou apprehender o folheto para defeza da Republica e do partido unionista que era atacado. O governo não pode deixar atacar qualquer partido da Republica sem o defender.

O sr. coronel Silveira:—E as manifestações no Calhariz? Registo as palavras de v. ex.ª

O orador:—Pode v. ex.ª registal-as. Hei-de defender sempre a Republica, os seus partidos e a manutenção da ordem publica.

O sr. João de Menezes não concorda com a doutrina do sr. ministro. A lei é egual para todos e não sendo o livro escripto em linguagem provocadora e despejada elle não poderia ser apprehendido. O livro incita os militares a não cumprirem os seus deveres? Refere-se menos desprimorosamente ao chefe de qualquer estado estrangeiro? Então é pouco a apprehensão.

O sr. ministro de interior volta a affirmar que o mandou apprehender por elle ser escripto em linguagem despejada.

A proxima sessão é na segunda feira á hora regimental.

As conquistas da sciencia

Concorrem para a extincção dos males da humanidade

Já nos tempos gloriosos da antiga Grecia, ha 2.000 annos, os seus sabios se dedicavam ao bem geral procurando debellar os grandes flagellos que dizimavam a humanidade, entre os quaes e como um dos mais terriveis já então o cancro figurava.

Lentamente devorando as faces mais formosas, roendo pouco a pouco os mais rigidos seios, minando dia a dia os mais robustos corpos, tornando repugnantes, pelo aspecto hediondo que apresenta e pelo fetido nauseabundo que determina, os mais perfeitos homens e as mais galantes mulheres, esgotando-lhes os organismos pelas dores cruciantes e pelas hemorrhagias, e abatendo-lhes o moral pela funda depressão que occasiona, o cancro tem vindo atravez dos seculos invencivel, dominador, victorioso, devastando, implacavel as gerações.

Nem a medicação interna nem a ablação violenta, nem mesmo o cauterio fundo—o grande purificador universal—conseguiam embaraçar-lhe a marcha assoladora, e todos os esforços resultavam inuteis para dominar o terrivel flagello.

Os seculos precipitavam-se no abysmo do tempo; os sabios iam avolumando o capital dos seus conhecimentos, mas a doença persistia inalteravel. Foi só nos ultimos annos do seculo XIX que a descoberta do dr. Curie veio fazer germinar uma esperança; pouco depois da descoberta do radio, entregava-se Danlos, em 1905, ás suas primeiras experiencias, baseadas na acção irritante produzida pelo manuseamento da estranha e maravilhosa substancia, de que Beckorel accidentalmente soffria e a que, depois, Curie voluntariamente se sujeitou.

Em 1906 iniciavam a applicação do radio á cirurgia os medicos francezes Dominici, Degrais e Wickham, este ultimo ha pouco morto em defesa da patria, no hospital de S. Louis, em Paris, fizeram as primeiras experiencias sobre cancerosos. Hesitantes a começo, foram ganhando confiança com os resultados obtidos, e dentro em pouco a verdade resplandecia incontestada: o radio vencera o cancro.

Pouco a pouco foram chegando a Portugal as noticias das curas maravilhosas obtidas por intermedio d'aquella ainda mal conhecida substancia cujas magicas propriedades vieram revolucionar a chimica, a physica e as sciencias suas subsidiarias, immortalisando na memoria da humanidade o nome d'aquelle a quem um brutal acaso roubou á vida e á gratidão dos seus contemporaneos.

Foi então que um medico portuguez, o dr. Decio Ferreira, se entregou no nosso paiz ao estudo do tratamento do cancro e por tal forma n'elle se absorveu que não hesitou em empregar alguns milhares d'escudos na compra d'uma porção de radio, o precioso metal junto ao qual o ouro é quasi sem valia, e passou desde logo o seu consultorio na rua Garrett a ser frequentado pelos cancerosos em quem todas as esperanças de cura tinham desapparecido.

Desde esse momento para cá, mais de 200 casos tem tratado por meio do radio, e d'estes mais de metade sendo reproducções de tumores já operados. 30 doentes ficaram completamente curados; 30 outros vendo-se muito melhorados abandonaram o tratamento não se podendo por isso fazer ideia da sua situação definitiva; dos restantes quasi todos continuam em tratamento, apresentando melhoras mais ou menos rapidas, segundo o adeantamento do mal, e as condições geraes do doente.

Muitos cancerosos temendo a acção maravilhosa do radio, que se lhes afigura sobrenatural, evitam tratar-se por este agente, deixando o mal assumir proporções taes que depois, só passados mezes de tratamento seguido, chegam a curar-se completamente. E no emtanto a applicação do radio não é dolorosa, nem mesmo a ulceração que produz é acompanhada de dôr; a sua radioactividade assim como a sua energia electrica, calorifica, e luminosa é convenientemente attenuada por meio de filtros que a reduzem ao indispensavel para a tornarem efficaz e inoffensiva.

E' interessante o methodo de applicação que tivemos occasião de observar no laboratorio do dr. Decio Ferreira. O radio está dentro de pequenos tubos de platina, hermeticamente fechados, com as dimensões approximadas de metade d'um phosphoro de cera, vinte millimetros de comprimento por tres de diametro. O tubosinho, depois de envolvido em um filtro de chumbo e em outro de algodão, é collocado sobre o tumor, seguro por uma ligadura ou por fitas de adhesivo; outras vezes, se o cancro apresenta a forma de tumor volumoso perfura-se este, e introduz-se-lhe o tubo com radio, mas acondicionado dentro d'um canudo de penna de gallinha.

Se a localisação do cancro é na cavidade bocal, o tubo, envolvido em borracha, é conservado na bocca como um rebuçado; se é no estomago, colloca-se o tubo com o radio dentro d'outro tubo de borracha que se introduz pelo esophago até ao estomago. Se é na larynge pode fazer-se a applicação directa do tubo de platina despido de filtros, mas com prévia anesthesia local, durante 15 minutos até uma hora, ou mais, conforme a tolerancia do paciente.

Nos outros casos, o tubo é mantido durante horas consecutivas, que podem chegar até 72, conforme o estado geral do doente.

Ha casos em que tres ou quatro sessões são sufficientes para determinar a cura completa. Logo apoz as primeiras applicações nota-se o estacionamento do mal; depois, passado um tempo mais ou menos longo, entra o tumor no periodo de regressão que pode oscillar entre oito dias e seis mezes, conforme o tecido em que está localisado, succedendo-lhe por fim a cura completa a qual tambem é mais ou menos demorada conforme as condições do organismo e o desenvolvimento que o mal tenha attingido.

No periodo de regressão os bordos das ulcerações começam a approximar-se, o fundo a subir, a epiderme vae pouco a pouco regenerando-se acompanhando a regeneração dos tecidos e, formando-se finalmente uma cicatriz que por sua vez desapparece tambem, ficando a pelle perfeitamente lisa e sem o menor vestigio do mal que amargurara a existencia do canceroso.

Taes são os resultados obtidos no tratamento do cancro pelo radio; é que os laboratorios são os templos da sciencia onde se nos revellam hoje os segredos que os deuses da antiguidade zelosamente nos queriam occultar.

SALÃO FOZ

Estreia-se hoje a dançarina internacional Julita Sola

Em recita da moda estreia-se hoje no magnifico *Salão Foz* a bailarina internacional *Julita Sola*, conhecida como a melhor no seu genero. *Julita Sola* tem alcançado em todos os palcos em que se tem exhibido enormes successos, sendo portanto justificada a extraordinaria fama de que vem precedida.

A empreza do *Salão Foz*, que não se poupa a esforços, apresenta hoje um vasto programma, pois que além da estreia de *Julita Sola* dá-nos a apresentação da notavel *tonadillera Estrella do Levante*, extraordinaria nas suas canções regionaes; *Os Silvas*, artistas olympicos portuguezes que no estrangeiro, na *tournée* que vem de terminar tão justificado successo causaram; *La Farfalla*, a gentil e graciosa excentrica musical, que hoje faz a sua despedida, executando um programma escolhido e *Churri el Bonito*, magnifico comico excentrico parodista, que tantas gargalhadas hontem arrancou ao numeroso publico que acorreu á sua festa. *Churri el Bonito*, incontestavelmente um grande artista, impoz-se ao publico frequentador do *Salão Foz* pela graça e pelo espirito que imprime a todos os seus trabalhos, sendo justamente chamado o rei da gargalhada. E', como se vê, um programma dos mais completos o que hoje o *Salão Foz* dá em espectaculo da moda sabendo-se de mais a mais que além dos numeros de variedades apresentará no *écran* bellos *films* cinematographicos no numero dos quaes figuram Actualidades 47 e *Faty e o ladrão.*

O concerto Blanch do proximo domingo

Damos em seguida o bello programma do concerto da Orchestra Symphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Blanch que se realisa no proximo domingo no theatro Republica. Magnifico e extraordinario é este programma que justifica o enthusiasmo que existe por este famoso concerto: I «Haensel und Gretel», ouverture, Humperdinck.—II «La Basoche», entre-acto (1.ª audição), Messager.—III «Os Preludios», poema symphonico, Liszt.—IV «Symphonia incompleta», Schubert.—V «Ouro do Rheno», «Entrada dos Deuses no Walhalla», Wagner.—VI «A' l'après midi d'un faune», preludio, Debussy.—VII «Huldigungsmarsch», Wagner. No fim do concerto ha no jardim de inverno chá elegante.

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21— Coimbra, terra d'amores — O anjinho da pelle do diabo.

REPUBLICA—A's 21—O tribuno.

TRINDADE—A's 21—O dia de juizo (Revista).

POLYTEAMA—A's 21—Vida d'um rapaz pobre.

GYMNASIO—A's 21 — Commissario de policia.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).

APOLLO — Não ha espectaculo.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

RUA DOS CONDES—Não ha espectaculo.

PHANTASTICO — Não ha espectaculo.

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Madame Butterfly.

Boatos e informações

Entre nós.

Albertina de Oliveira, a gentilissima actriz do Nacional, realisa a sua festa artistica no dia 1 de fevereiro. Representa-se a *Vida d'um rapaz pobre*, o famoso drama de Octavio Feuillet, que no Polytheama acaba de resurgir com exito. No desempenho da peça no Nacional intervem—escusado é dizel-o—outros artistas e dois pelo menos dos mais illustres da scena portugueza que ha longos annos obtiveram na peça de Feuillet um grande triumpho: Alvaro e Augusto de Mello.

A reapparição de Alvaro, ainda ha pouco, representando o romeiro de *Frei Luiz de Sousa*, foi um acontecimento extraordinario, como o demonstrou a enorme affluencia de publico ao Nacional durante muitas noites. A sua volta áquelle mesmo palco para interpretar um papel que constituiu uma das suas mais brilhantes corôas de gloria despertará decerto uma vivissima curiosidade, augmentando assim o interesse pela festa do Albertina de Oliveira que tem as incondicionaes sympathias do publico, adquiridas mercê de um conjuncto de predicados que já lhe conquistaram no nosso theatro uma bella reputação.

No Colyseu dos Recreios canta-se hoje a *Favorita*; ámanhã, *Madame Butterfly;* domingo, *Rigoleto* e na segunda feira, em recita da moda, *Palhaços* e *Cavalleria rusticana*.

Festas associativas

Club Recreativo Lusitano—Ha depois d'ámanhã *soirée*, que promette ser muito animada. Está em ensaios, para subir á scena nos dias 30 e 31 do corrente, a peça *Kean*.

SPORT

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Blink Mac Closkey

Este professor americano de «box» e combatente que, no «ring», tem fama de intombavel, continua dirigindo uma classe no Gymnasio Club, que tem boa frequencia. No mesmo Gymnasio Culb mantem lições particulares de alguns alumnos, lições que sendo modicas nos preços, são excellentes pelos rapidos resultados que se obtem. Closkey, aproveitando as boas qualidades dos portuguezes, tem conseguido formar regulares «fighters» em pouco mais d'um mez.

Lição modelo de gymnastica sueca

Com um louvavel proposito, o de diffundir pelo grande publico noções precisas sobre a gymnastica sueca, o professor diplomado e socio technico do Gymnasio Club Portuguez, sr. João de Brito, publicou um mappa d'uma «lição modelo», cujo exemplar, artisticamente apresentado, recebemos e agradecemos. Destina-o o illustrado professor para uso das escolas primarias e coordenou a lição em harmonia com os programmas officiaes.

Os graficos são bastante elucidativos da maneira como o sr. João de Brito quer que os alumnos executem os movimentos. Junto de cada grafico vem um signal indicativo da pouca ou muita energia da execução.

Club Naval de Lisboa

A'manhã, depois da sessão solemne presidida pelo sr. presidente da Republica e da distribuição de premios da época de 1915 na «Sala Portugal» da Sociedade de Geographia de Lisboa, realisa-se ás 23 e meia o concerto cujo programma é o seguinte:

1, «Egmont» (ouverture), Beethoven, pela orchestra; 2, «Improviso de André Chenier», Giordano, pelo sr. Antonio Peixoto Bourbon; 3, «Vien Leonora» (romanza da opera «Favorita»), Donizetti, pelo sr. Antonio Caldeira; 4, «Hungarian Dance», Reahms, pela orchestra; 5, «Carmen-Cavatina de Micaëla», Bizet, pela sr.ª D. Maria Pires Marinho; 6, D. Francisco de Sousa Coutinho, no seu selecto reportorio; 7, «Scarf», Chaminade, pela orchestra. Intervallo. 8, «Fedora» (selection), Giordano, pela orchestra; 9, «A tanto amore» (romanza da opera «Favorita»), Donizetti, pelo sr. Antonio Caldeira; 10, «Canções portuguezas», Quesada e Moutinho, pelo sr. Antonio Peixoto Bourbon; 11, «Serenade», Pierné, pela orchestra; 12, «Boheme-Valser de Museta», Puccini, pela sr.ª D. Maria Pires Marinho; 13, D. Francisco de Sousa Coutinho, no seu selecto reportorio; 14, «Marche Militaire», Friedmann, pela orchestra.

A guarda de honra é feita pelos escoteiros, piquete dos bombeiros voluntarios e por uma banda regimental.

Pena Foot-ball Club

O capitão geral d'este club pede a comparencia de todos os seus jogadores, no proximo domingo, pelas 15 horas, no campo de Belem, para jogar em desafio contra o Portugal Sporting Club.

Sala d'armas Magalhães

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Sr. dr. José Pontes.—Por um communicado do Porto fiquei sciente que se propalava que a projectada visita para 30 e 31 do corrente dos atiradores da minha «sala d'armas» aos distinctos esgrimistas d'aquella cidade, «era com fins politicos». O auctor de tal boato foi perverso porque nunca me occupei de politica e agora muito menos, absorvido como ando com a esgrima e a gymnastica d'Hebert. Para desfazer este mau gracejo, é favor, sr. redactor, de declarar no seu conceituado jornal que «a visita do abaixo assignado e dos frequentadores da Sala Magalhães aos distinctos esgrimistas portuenses, é de caracter puramente sportivo». Agradecendo a inserção d'esta.—De v., etc.—*A. de Sousa Magalhães*, professor d'esgrima e gymnastica.

Emigração clandestina

Pelos agentes da policia especial de emigração srs. Hypolito d'Aguiar e Coelho da Costa foram capturados em Villar Formoso onze individuos do concelho de Pombal, todos sujeitos ao serviço militar e que se dirigiam a Hespanha com o fim de emigrarem clandestinamente.

Foram entregues, por aquella policia, ao juizo da comarca de Almeida.

A edade dos torpedos

Nos exercicios da divisão naval já se experimentaram sete torpedos, sem que nenhum tenha rebentado. Vão experimentar-se mais quatro, a fim de se verificar se já se conseguiu o *mis au point* para que emfim os nossos marinheiros possam ter a miragem da explosão da terrivel arma.

Que são velhos, diz-se.

Na nossa marinha até os torpedos envelhecem!

ULTIMA HORA

Noticias parlamentares

Ha uns dias que os srs. legisladores estão dando provas d'uma essiduidade verdadeiramente notavel. Se á hora regimental não ha numero para que a sessão comece, minutos depois, os deputados, entrando aos bandos, transformam a crise em abundancia, ficando toda a gente satisfeitissima, incluindo o sr. Balthazar Teixeira, que se vê assim dispensado de proceder a uma segunda chamada. Demonstra isto que os representantes do paiz em S. Bento estão dispostos a trabalhar sem descanço? Não te illudas, leitor. Se os deputados apparecem cedo é porque lhes dá para isso, como ámanhã lhes dará, certamente, para o contrario. Pois que seja quanto antes, porque um feriadosinho, de vez em quando, não faz nada mal. Antes pelo contrario...

* * *

Outra vez o jogo. Mais batota, mais roleta, mais jogatina. Mas d'esta vez, esta borbulha batoteira veiu acompanhada d'uma pontinha d'escandalo. Foi o sr. Vasco de Vasconcellos quem a fez rebentar. E andou bem. Oxalá que toda a gente fizesse sempre assim, quando lhe chegam aos ouvidos certos factos cheirantes a podridão. Disse esse deputado haver clubs que a policia não abandona e haver outros onde ella não põe os pés. Nos primeiros não se joga. Nos segundos, a roleta desanda toda a noite, livremente, sem o minimo estorvo. Porquê? Ha influencias... E contra ellas, até agora, ainda ninguem poude. Prova isto o quê? Muita coisa. Mas significa, sobretudo, que o jogo é uma necessidade para muita gente que não joga...

* * *

Voltou a falar-se d'aquelle pequenino atropelo á lei que representa a manutenção, no seu posto, do general commandante da guarda republicana. Esse corpo pertence a um official do effectivo ou da reserva. E o actual commandante é um reformado. Logo, tem de ser demittido. E' claro como a mais clara das aguas correntes. Menos para o sr. ministro do interior. Esse, quando lhe falaram outra vez n'isso, limitou-se a dizer que não creara a situação que se discutia e a affirmar que ia estudal-a. Farto de a conhecer de cór e salteada está o sr. Almeida Ribeiro. Mas o que elle não quer é cumprir a lei. Porquê? Ora adeus! Sabe-se lá, porventura, quando é que o sr. ministro do interior deixará de suppor que a lei é elle e só elle?

* * *

Entre os clubs favorecidos pela policia conta-se o Gremio Litterario. N'essa casa de gente pacata e n'essa aggremiação de puritanos, joga-se desenfreadamente, mesmo agora, que o jogo está por conta gotas. Ainda hontem, alguem que chegára na vespera da provincia, apezar de não ter a honra de enfileirar ao lado de quantos constituem a lista de socios do Gremio, ali perdeu um conto de réis. Outro provinciano, que foi aos Patos em busca da rendusinha teve o desprazer de encontrar, em vez d'ella, dois policias, que o não deixaram pôr pé em ramo verde. A desegualdade é manifesta e chega a ser revoltante. Pois se se pode jogar desenfreadamente na rua Ivens, porque não se ha de fazer outro tanto lá para as bandas do Thezouro Velho? Ao menos que se dêem a todos os provincianos ricos que veem a Lisboa eguaes regalias. Ou tem o Gremio Litterario, com as outras tavolagens privilegiadas, direito, ainda por cima, a um premio? Os puritanos, coitados, em que elles liquidam... Até faz pena!...

* * *

De vez em quando, teem um sabor especial dessedentar-se a gente nos livros velhos. Ha por lá coisas bem interessantes, quasi sempre. Nunca leste o «Alfageme de Santarem», leitor bisbilhoteiro que me aturas todos os dias? Pois não sabes o grande peccado que tens commettido. Ha lá, entre outros, um personagem interessante. E' aquelle fidalgo portuguez que foi para a batalha d'Aljubarrota com duas profissões de fé no bolso. Uma, prestava vassalagem ao rei de Castella. A outra era um hymno de sujeição ao rei de Portugal. Qual dos dois venceria? O fidalgote ignorava-o e precavia-se. Pois ainda ha d'essa gente, por esta nossa terra. Já te esqueceste, por acaso, leitor, d'aquelle eminente politico d'hoje, que no dia 5 d'outubro tinha no bolso um despacho de escrivão para a Boa-Hora? Era o premio da sua dedicação ao partido Teixeirista. Proclamada a Republica adheriu logo. E hoje é vel-o. Até parece o sr. Arthur Costa a querer fazer-se passar por uma summidade historica excepcional. Pois emprega bem o seu tempo...

* * *

A commissão da reforma constitucional continua reunindo mathematicamente, todos os dias. Mas não passa d'isso. Os dez advogados que d'ella fazem parte teem empregado taes esforços para baralhar a questão, que a estas horas, por melhor vontade que haja, já não é possivel reduzil-a a qualquer coisa perfeitamente intelegivel. Porquê? E' bem de ver. A revisão constitucional, com dissolução e tudo, é qualquer coisa como uma benevola panaceia, ministrada ás opposições para que ellas não deixem de ser notavelmente complacentes. De maneira que, quanto mais tempo a panaceia levar a ser ministrada, melhor. Ganha-se tempo e tanto que, quando os que absorverem a droga derem pelo logro hão de encontrar-se n'aquella situação do fumador d'opio em que, por mais que o espicacem, não ha dor que o flagelle e o obrigue a dar signal de vida...

* * *

Grande parte da sessão d'hoje na Camara foi consagrada aos capitalistas. Falou-se de inscripções, de «coupons», de florins, de marcos, de liras e de quantas moedas, por este mundo de Christo, ainda tem algum valor. E provou-se que com o pagamento dos «coupons» da divida externa se tem realisado uma batotinha de respeito, da qual resultaram e estão resultando, para os negociantes de dinheiro, lucros importantissimos. E' a eterna historia. Emquanto uns choram, outros riem. Ao passo que a guerra empobrece uns, enriquece outros. E como os primeiros dispõem de menos meios de defeza que os segundos, a sua sorte está-lhes traçada—deixarem-se esmagar. Porque isto de querer fazer fogo sem polvora é, pelo menos, uma disparatada loucura. Já Napoleão o dizia e o sr. Vieira da Rocha deve abundar nas mesmas ideias. E' que os grandes homens, em geral, pensam sempre de maneira identica.

* * *

Devia reunir hoje na Camara dos Deputados a commissão ha dias eleita para proceder a um inquerito parlamentar aos fornecimentos feitos para o exercito desde que se trata da preparação para a guerra e ás cinzas do incendio do Deposito Central de Fardamentos. Essa reunião, porém, não se effectuou por terem faltado varios elementos que a constituem, pertencentes á maioria. Este facto não é de molde a impressionar bem quem quer que seja. Que demonio!—trata-se d'uma questão importante, que é preciso esclarecer, não podendo a verdade conservar-se, indefinidamente occulta. Não o pensa assim a maioria da commissão. Pois é penna...

O incendio em Santa Clara

Recolhem dois dos presos ao Limoeiro por lhes não ser admittida fiança

Continuaram hoje os trabalhos do apeamento das paredes do edificio onde estava installado o Deposito Central de Fardamentos, tendo sido parte já arriada. Como hontem succedeu, os trabalhos foram feitos por bombeiros e conductores sob o commando do chefe de divisão sr. Caetano Pereira de Carvalho.

O sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação, proseguiu hoje nas suas diligencias devendo ámanhã ser posto em liberdade o pintor Antonio Joaquim de Almeida, filho do guarda-portão Manuel de Almeida.

Para juizo foram hoje enviados Epiphanio Rodrigues Duarte, mestre geral das officinas de alfayateria, e o rondista José Alfredo Antunes, os quaes recolheram á cadeia do Limoeiro, visto não lhes ter sido admittida fiança. Os restantes individuos que se encontram detidos devem ámanhã ser interrogados a fim de se apurar as responsabilidades que lhes cabem.

O officio que acompanhou os presos para juizo é do seguinte teôr:

«*Ex.mo Sr. Juiz de Direito do 1.º Juizo de Investigação Criminal de Lisboa.*—Em additamento ao meu officio n.º 513, de 16 do corrente, faço apresentar a V. Ex.ª os detidos Epiphanio Rodrigues Duarte e José Alfredo Antunes sobre os quaes recahem indicios de culpabilidade no incendio do Deposito Central de Fardamentos, se porventura tal facto teve origem criminosa. Assim, contra o Epiphanio Rodrigues Duarte apurou-se que tendo o alarme de incendio sido dado pouco antes das 20 horas, ainda a essa hora se encontrava dentro do Deposito, contra as ordens expressas que em sentido contrario foram dadas e eram do conhecimento de todo o pessoal; que nenhum serviço tinha a fazer dentro do estabelecimento até tal hora; que procurou encobrir a sua permanencia ali, porquanto vindo collocar á nora da sahida a chapa respectiva no chapeiro, ficando assim o official de serviço convencido da sahida de todo o pessoal, voltou para a officina sem que o mesmo official désse pelo seu regresso, que fez por outra porta; e finalmente que, estando dentro do estabelecimento e no pavimento superior ao armazem de artigos de algodão manufacturados em que o incendio principiou, não foi o primeiro a dar por elle, sendo certo haver enorme quantidade de fumo espalhado pelo edificio e sahir pelas frinchas das janellas.

Contra o guarda Antunes apurou-se que foi elle quem ficou a fazer o primeiro quarto de ronda, desde as 17 ás 21; que o serviço de ronda consistia em percorrer todo o edificio incendiado externa e internamente, de meia em meia hora, gastando em cada ronda 15 a 20 minutos, e ficando assim de intervallo de uma para outra 15 ou 10 minutos; que o serviço do rondista era registado n'um relogio registador electrico com seis partes, correspondentes a seis locaes differentes, dois no exterior do predio e 4 no interior; que o guarda fez trez rondas completas, começando a primeira ás 18 horas e 39 minutos e terminando a ultima ás 19,45 minutos approximadamente, isto é, á hora em que de fóra se dava pelo incendio, sem que o mesmo guarda o tivesse constatado, apesar de ter passado junto ao deposito, quasi n'esse momento; que o mesmo guarda encobre o ter feito a terceira ronda completa, declarando ter apenas externamente feito registar a sua presença nos dois pontos em que havia o apparelho destinado a receber o registo não podendo já fazer a ronda interna por apparecerem, quando ia para entrar no deposito, individuos a dar o alarme do incendio, sendo certo que o registador accusa toda a ronda.

Que o guarda Antunes era tambem o ajudante do fiel, desempenhando ás funcções de fiel do deposito de artigos de algodão manufacturados em que principiou o incendio, competindo-lhe n'essa qualidade vigiar esse estabelecimento, superintender em todo o serviço e ainda verificar, á hora do encerramento se tudo ficava em ordem e as janellas devidamente fechadas; que de facto o guarda Antunes fechou ás 17 horas esse armazem, verificando nada se passar de anormal e que depois d'isso mais ninguem foi a esse deposito.

Afóra estes indicios não encontrei ainda na investigação a que estou procedendo outros que possam comprometter os detidos.

Dessa investigação resulta já que o incendio appareceu no deposito de artigos de algodão no lado sul do arco central da estante ou prateleira que corria, ao meio, em todo o comprimento do deposito, incendio que tomára toda a altura d'essa estante n'uma largura approximada de meio metro, e que devido á pouca promptidão dos soccorros e porventura á má direcção dos serviços é que não foi localisado e extincto.

Em referencia ao aviso que teria sido feito ao ministerio da guerra de que o Deposito Central de Fardamentos seria incendiado, parece apurar-se não haver relação entre os dois factos, embora ambos sejam verdadeiros. Remetto a V. Ex.ª o relogio registador electrico e um revolver com 6 cargas apprehendido em casa do detido Antunes. Podem depor como testemunhas as indicadas nos autos juntos. Continuo a investigar e opportunamente darei conhecimento a V. Ex.ª do que apurar».

Tribunaes militares

A falsificação de recibos no ministerio da guerra

No 2.º tribunal territorial de guerra começou hoje o julgamento do capitão da administração militar sr. João Augusto Correia d'Oliveira. A' audiencia presidiu o coronel sr. Esteves Pereira, sendo juiz auditor o sr. dr. Antonio Campos, promotor de justiça major Quinhones da Matta e defensor officioso o tenente coronel Alvaro da Camara. Feita a chamada do jury que é composto por capitães, e das 20 testemunhas de accusação e das 7 de defeza, o escrivão faz a leitura do libello accusatorio, em que se diz que o accusado, no periodo decorrido de 1 de julho de 1911 a 30 de abril de 1914, em que fez serviço na 8.ª repartição da 2.ª divisão geral da secretaria de guerra, falsificou os livros do processo em que abriu assentamentos com falsos nomes de officiaes, rubricas imitadas de outrem e falsas declarações, bem como fabricou recibos de sellos em numero de 129 com falsas assignaturas de officiaes, falso sello e rubricas imitadas do outrem, defraudando o Estado e fazendo que se lhe entregasse na respectiva pagadoria a importancia dos mesmos recibos no total de 8.782$84, que não tinha direito a receber, crime previsto e punido pelo artigo 187, n.º 1, do Codigo de Justiça Militar. O sr. promotor de justiça prescindiu da leitura de varios documentos, passando-se ao interrogatorio do reu, que falla durante 2 horas confessando a primeira parte do libello accusatorio e negando o restante. Explica a forma como se pode falsificar os recibos sem que se dê por isso. Confessa terem-lhe sido apprehendidos os impressos que estão juntos ao processo. Expoz largamente a sua forma de viver, declarando que o dinheiro que possuia o adquirira em Africa e por uma herança de sua mãe. Seguidamente foram inquiridas algumas testemunhas sendo a audiencia interrompida ás 18 horas para recomeçar ámanhã ás 12.

NOTAS DIVERSAS

A assignatura presidencial realisou-se hoje, pelas 16 horas, no palacio de Belem, conferenciando em seguida o chefe do Estado com os membros do governo.

—Com o sr. ministro do fomento conferenciaram o director da exploração do porto de Lisboa, sr. Ramos Coelho, e uma commissão de aspirantes dos correios, que tratou de interesses da classe.

—Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram os srs. ministro do fomento e dr. Almeida Lima. Tambem o sr. dr. Affonso Costa esteve conferenciando demoradamente com o sr. dr. Duarte Leite, embaixador de Portugal no Brazil.

—O sr. ministro do fomento foi convidado a assistir á conferencia que, como n'outro logar noticiamos, se realisa ámanhã na Associação Central d'Agricultura.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NO CONSERVATORIO

No Conservatorio de Lisboa realisa-se depois de ámanhã uma audição de alumnos da Escola de musica, pelas 14 horas. Eis o programma:

I—«Octetto» op. 20 (1.ª and.) Alegro moderato, ma con fuoco, Mendelssohn, para quatro violinos, duas violetas e dois violoncellos, por Paulo Manso, D. Lidia Benard Guedes, Alberto Fernandes, Antonio Cabral, Marcial Rodrigues, Armando Gomes, Julio Almada e D. Delfina Cruz.

II—a) «Canzone Lituana», Chopin-Sgambati, b) «Toccata», Saint-Saëns, para piano, D. Margarida Alves de Sousa e Kaulfuss.

III—a) «Romance», Svendsen, b) «Danse Diabolique», Hubay, para violino, D. Maria Adelaide Fernandes.

IV—«Cid» (duetto) Tu parais bien joyeuse, Massenet, D. Lidia Cutileiro e D. Sarah de Sousa.

V—a) «Idilio Capriccio», C. Sanfiorenzo, b) «Marche Solennelle», Ch. Gounod, para seis harpas, D. Zilda Rebello, D. Cecilia Borba da Costa, D. Maria de Lourdes Botelho, D. Lidia Cutileiro, D. Maria Henriqueta Gomes da Costa e D. Cremilda Cutileiro.

VI—a) «Admête», Händel, b) «Chant d'Amour», Fr. Gluck, pela classe de canto coral.

Acompanhamentos ao piano pelas alumnas D. Branca Bello de Carvalho e D. Cecilia Borba da Costa.

PELO TURISMO

Realisa-se depois de ámanhã, pelo meio dia, a inauguração da séde da Agencia de Viagens Gratuitas, installada na rua do Carmo, 90, 3.º, e da iniciativa de um grupo de rapazes que teem em mira desenvolver entre nós o turismo. A' imprensa da capital, Sociedade de Geographia, Propaganda de Portugal, Turismo, Companhias de Navegação e Caminhos de Ferro, etc., é offerecido um delicado copo de agua. Informam-nos de que uma grande parte do commercio tem recebido com enthusiasmo a idéa das senhas que dão direito ás viagens gratuitas.

UMA FESTA ENCANTADORA

A illustre artista sr.ª D. Maria Judice da Costa (Colmare) offereceu hontem, na sua elegante casa á Avenida Duque de Avila, um jantar á nossa collega de redacção D. Virginia Quaresma, tendo assistido, além de outras pessoas, varios jornalistas.

Ao «champagne», a distincta cantora, gloria do theatro nacional, brindou, n'um requinte de gentileza, em Virginia Quaresma a jornalista e á amiga dos artistas, affirmada de um modo inilludivel na imprensa portugueza e do Brazil.

A nossa camarada agradeceu, dizendo que a gentileza de Senhora de Judice da Costa é tão grande, pelo menos, como o seu glorioso talento de artista.

LUTUOSA

Falleceu hoje o capitão de mar e guerra do quadro auxiliar sr. Augusto José d'Almeida.

Movimento academico

Faculdade de medicina

Tendo o Senado Universitario resolvido em sessão de 20 do corrente fazer perder o anno a todos os alumnos que forçados pela gréve excederam o numero de faltas que a lei lhes concede, é convocada uma reunião magna d'esta faculdade para assentar na attitude a seguir, que se realisará ámanhã, 22, ás 13 horas, no edificio da mesma faculdade.—*A commissão.*

PEQUENAS NOTICIAS

A Camara Municipal de Lisboa officiou ao sr. commandante da policia pedindo-lhe providencias a fim de serem presos os individuos que damnificaram as lanternas da illuminação publica a petroleo, sendo a maior parte d'esses actos praticados por rapazes que roubam os depositos de petroleo.

Nos dias 26 e 27 realisam-se, respectivamente, os exames para chefes e cabos de policia, sendo o jury composto pelo 2.º commandante, capitão Esmeraldo e tenente Ochôa, para os primeiros, e para os segundos pelo 2.º commandante, major Amaral e capitão Bruno do Carmo.

—Na Morgue deu entrada Antonio dos Santos, de 54 annos, morador na travessa Victorino Freitas, á Ajuda, 19, que ali appareceu hoje morto.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 7/8	33 3/4
Londres, 90 d/v.	34 3/8	—
Paris, cheque	$76	$76,3
Allemanha, cheque	$26,5	$27,5
Hollanda, cheque	$65	$66
Madrid, cheque	1$40,5	1$41,5
Suissa, cheque	$86	$87
Italia, cheque	$65	$68
New York	1$48	1$49
Rio s/Londres	11 9/32	—
Libras	7$05	7$10
Agio do ouro	58 %	58 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,40	39,15
» » 500$	39,40	39,20
» » 100$	39,40	39,30

Certificados de 50$. 40,40 0/0.

Obrigações d'Estado: 5 0/0 1905, 9$50; 4 0/0 1888, 22$50; 4 0/0 1890, assent., 50$60; 4 1/2 88-89, assent. e coup., 58$.

Externas: 1.ª serie, 75$80.

Divida da Provincia de Angola, 60$.

Acções: Ultramarino, assent. e coup., 128$50; Assucar, 46$; Ilha do Principe, 215$; Moçambique, 9$40; Companhia Nacional dos Caminhos de ferro, 4$50; Phosphoros, coup., 59; Agricultura Colonial, 115$.

Obrigações: Ultramarino, 4 1/2 assent., 79$, e hypothecarias, 93$50; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, 77$50 e 2.ª serie, 78$; Norte e Leste, 1.º grau, 72$60; Caminho de Ferro de Benguella, tit. 5, 78$.

O incendio de Santa Clara

Não tomaria o incremento que tomou se tivesse sido bem atacado

O sr. Carlos Rego volta a insistir no que já hontem affirmou nas columnas d'«A Capital»: que a má direcção do ataque concorreu para que o incendio do edificio do Deposito de Fardamentos tomasse as enormes proporções que assumiu. E insiste porque se faça um inquerito rigoroso. Não podemos deixar de concordar com o sr. Frederico Rego, pois que tudo quanto concorra quer para averiguar a causa do incendio, quer para saber se houve ou não culpa de que elle tomasse as proporções que tomou, será uma satisfação dada á opinião publica, que tão vivamente interessada está em que se faça luz completa sobre o caso.

A carta do sr. Frederico Rego é do seguinte theor:

Sr. redactor d'«A Capital»—O «Mundo», no seu inquerito sobre o incendio do Deposito Central de Fardamentos, publicou hontem uma «interview» com o chefe Carvalho, que não posso deixar passar sem commentarios. Não é segredo para ninguem que a pessima orientação do serviço de incendios contribuiu para a distribuição completa do edificio, e o sr. Carvalho, com as suas informações, que se afastam um pouco da verdade, vem contribuir com preciosos elementos para se provar a grande responsabilidade que cabe aos dirigentes do corpo de bombeiros.

Eu peço a v. sr. redactor, que insista com a camara municipal para que esta mande fazer um inquerito por dois profissionaes de qualquer corporação de bombeiros do paiz, inquerito que deve tambem estender-se á organisação do serviço de incendios. Façamol-a, que por ella verão quando são verdadeiras as minhas affirmativas.

Occulta-se na «interview» que os primeiros chefes que ali chegaram mandaram suster a sahida do material dos outros quarteis, «porque o fogo», diziam elles, «não tinha importancia». Depois, como o sr. capitão Rebello accusasse o mau serviço, foram para o governo civil declarar que perderam as chaves das boccas de incendio do edificio, quando tinham cá fora o material do quartel 5, que tinham por dever pôr immediatamente a funccionar. Quizeram lançar as responsabilidades sobre a Companhia das Aguas, e como esta provasse o contrario, porque até gastaram 14.000 pipas d'agua, o sr. Carvalho vem dizer que as boccas de incendio não tinham pressão. Qual era n'este caso o seu dever? Adoptar aqui o que em todas as capitaes se faz: os commandos estão informados das zonas da cidade onde a agua não tem pressão e estabeleceram que sejam as bombas a vapor dos quarteis mais proximos as primeiras a sahir logo que haja conhecimento d'um sinistro. Em Lisboa não se faz isso. As bombas foram mandadas avançar para Santa Clara uma e duas horas depois de declarado o fogo.

Accusam o serviço de incendios... Ora a verdade é que não se podia fazer melhor—diz o illustre bombeiro.

Podia, sim, senhor. O fumo de que fala declarou-se muito mais tarde com a intensidade que diz, e tanto que, lembrando-se de duplicarem os escaphandros, tiveram que mandar por elles aos quarteis, por que—suprema incuria!—não os levaram nas viaturas! E sobre a direcção do ataque falaram claro os pobres bombeiros de cujas boccas sahiram imprecações contra o sr. Carvalho, o qual de certo não desconhece serviço de incendios, mas parece alheio a tudo quanto está em uso nos corpos de bombeiros lá de fóra. O engenheiro P. Barrault, instructor que foi do corpo de bombeiros de Paris, escreveu: ...quando qualquer dos corpos d'um edificio está em chammas e as paredes denotam chegar ao rubro, não se estabelece por ellas o serviço e o pessoal ataca á distancia calculavel de cinco metros, porque a derrocada vem a seguir». (1)

O sr. Carvalho parece desconhecer esta theoria, porque mandou arvorar as duas escadas ao corpo do edificio do lado da fabrica de fundição e subir por ellas os pobres bombeiros que pagaram com a vida tão palpavel erro, e cujos resultados seriam ainda mais desastrosos se o sr. commandante Parente, depois do povo que estacionava na grade de cima ter dado o alarme, porque foi o povo que deu o alarme, não chegasse a tempo de mandar retirar os vinte e tantos homens que se encontravam n'aquella perigosa situação.

E' verdade que uma bomba trabalhava junto do cunhal, e essa bomba era a dos voluntarios de Lisboa, dirigidos por um rapaz que não tem titulo de illustre bombeiro, mas que é adorado por todos os camaradas: Alfredo Rocha, commandante da divisão auxiliar; foram elles que com a sua bomba a vapor d'Alcantara e uma agulheta dos voluntarios Lisbonenses impediram a marcha do fogo sobre o edificio onde estavam os archivos do ministerio da guerra. Se tem havido orientação, o fogo não passava para o lado de Santa Engracia.

Faça-se um inquerito por profissionaes e verão se o que affirmo é ou não certo.—Frederico Carlos Rego.

(1) Capitaine P Barrault, «Instruction teorique des pompiers». Paris 1889.

Do sr. J. Costa Ferreira recebemos uma carta em que pretende contradizer o que o sr. Frederico Carlos Rego affirmou na sua primeira carta. Mas nada prova limitando-se a trazer para o caso insinuações pessoaes, não citando factos que desmintam o que aquelle senhor revelou quanto a hora a que foi dada a parte do incendio e quanto ao tempo perdido em se aproveitar as boccas de incendio, unicos pontos em que toca.

Rebata o sr. Costa Ferreira os argumentos do sr. Frederico Rego, contraponha factos a factos, discuta sem falar em pessoas e terá as columnas da «Capital» ao seu dispôr, porque n'um assumpto de tal magnitude toda a luz que se faça é precisa.

Festa infantil

Na Assistencia de Santa Izabel

Realisa-se depois d'amanhã, pelas 19 horas, na séde d'esta Assistencia, rua do Patrocinio 3 e 5, uma festa de homenagem aos membros da commissão administrativa nos annos de 1912 a 1915.

A esta festa, promovida por uma commissão de educandas, preside o sr. dr. Magalhães Lima, sendo orador o sr. dr. Carneiro de Moura.

Serão distribuidos premios offerecidos premios pela Universidade Livre ás educandas, as quaes teem recebido outros e valiosos auxilios para a sua festa.

Os educandos do Asylo Antonio Feliciano de Castilho executarão alguns trechos musicaes.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

1328....	20:000$
1946....	2:000$

3731..........	600$	2461..........	100$
1865..........	200$	4698..........	100$
4093..........	200$	4741..........	100$
311..........	100$	4947..........	100$
904..........	100$	4972..........	100$

Colyseu dos Recreios

Salomea Kruceniski

E' ámanhã que se realisa a segunda recita de assignatura extraordinaria da grande celebridade lyrica Salomea Kruceniski, eminente soprano e gloria das primeiras scenas lyricas do mundo.

Esta segunda recita deve constituir um maravilhoso successo lyrico pois se repete a deliciosa opera de Puccini *Madame Butterfly*, em que Salomea Kruceniski tem uma creação admiravel na parte da protagonista.

Podemos affirmar sem receio que esta é a maior manifestação de arte que se tem dado em Portugal desde que findaram as brilhantes epochas do theatro de S. Carlos.

A eminente prima-donna Kruceniski tomará parte em mais quatro unicas recitas, sendo uma d'ellas a estreia em Portugal da opera do maestro Catalani *Loreley*.

O barytono Battistini tama parte em quatro recitas cantando quatro operas differentes e estreando-se com a opera do maestro Verdi *Ernani*.

Festas associativas

Grupo Mocidade Republicana.—Promovida pela commissão administrativa, ha depois d'ámanhã recita, seguida de baile, abrilhantando a festa um quartetto.

Grupo Dramatico Lisbonense.—A commissão administrativa promove depois d'ámanhã uma recita com a peça *Maldita guerra*, expressamente escripta pelos socios Abilio Lima e José Teixeira. Em seguida ha baile, abrilhantado pela *troupe* de bandolinistas Duarte Rocha e a piano.

No Conservatorio

Festas do Carnaval

Os alumnos do Conservatorio, como de costume nos demais annos, estão-se preparando para festejar o Carnaval, tendo já eleito a commissão das festas, que ficou assim constituida: presidente, Vital dos Santos; 1.º secretario, D. Irene Neves; 2.º secretario, Seixas Pereira; thesoureiro Salvador Costa; vogal Arthur Duarte.

Será representada uma revista intitulada *Custou, mas sahiu*, original da commissão, com musica de Herminio Nascimento.

Estudantes de agronomia

A Associação dos estudantes de agronomia, continuando a sua obra de propaganda agricola, inicia ámanhã, ás 21 horas, a 3.ª serie de conferencias, na séde da Associação Central da Agricultura Portugueza. E' conferente o professor sr. Ruy Ferro Mayer, do Instituto Superior de Agronomia, que dissertará sobre o thema «A Universidade Americana».

A conferencia será illustrada com projecções luminosas.

Leonard Parish

Inaugura amanhã os seus espectaculos de circo em Salamanca

Do activo e intelligente emprezario sr. Leonard Parish, que esteve dirigindo no theatro Sá da Bandeira, do Porto, uma companhia de circo e que no mesmo theatro organisou o campeonato internacional de lucta, recebemos um telegramma de agradecimento pela cooperação que a «Capital» lhe prestou durante esse torneio.

Leonard Parish está actualmente em Salamanca, onde inaugura amanhã, no theatro Breton, uma temporada de circo, com uma excellente companhia que tem elementos que o publico lisbonense já applaudiu. D'essa companhia fazem parte Marck com os seus leões, Rico & Alex, Baldo, os acrobatas Lusos, Chispas e Moreno.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A Aguia»

Está publicado o n.º 49 da brilhantissima revista portuense cujo summario é o seguinte:

Litteratura—A Beira n'um relampago, I—Teixeira de Paschoaes. Alvorada—Quadras de Santiago Presado. Em volta da palavra Gonzo, II—José Teixeira Rego. Almas de Portugal—Versos do Augusto Casimiro. A palavra Saudade em gallego—Aubrey Bell. Canção de Amor—Versos de Affonso Duarte. Arte—Auto-Retrato (Illustr.) de C. Oswal (Rio de Janeiro). Guerra Junqueiro (Illustr.)—de Antonio Carneiro. Pina Manique—de E. Romero. Sciencia, Filosophia e Critica Social—Colonisação, Climas e Linguas, IV—Affonso Cordeiro. Notas e Commentarios—Casa Pia e Jeronymos—Fernando Paliart Ferreira, com desenhos de E. Romero.

Movimento academico

Foi convocada para ámanhã, ás 18 horas, uma assembleia geral dos alumnos da faculdade de sciencias, a fim de se apreciar o actual movimento.

Brindes e calendarios

A casa Lobo da Costa, Gomes Netto & C.ª, Limitada, da rua Augusta, 188, 2.º e 3.º, distribue pelos seus clientes como brinde um chromo-calendario para escriptorio.

Livre pensamento

Depois d'ámanhã, pelas 21 horas, realisa-se, na séde da Associação do Registo Civil, largo do Intendente, 45, 1.º, a segunda conferencia da primeira serie promovida pela commissão de propaganda da mesma collectividade. E' conferente o sr. João Machado Toledo, que dissertará sobre o thema: «O nosso patriotismo e o dos clericaes perante a actual situação internacional». A entrada é publica e o orador acceita a controversia.

Exposição de fructos

Promovida pelos conceituados horticultores do Porto Alfredo Moreira da Silva & Filhos, inaugura-se ámanhã, nas vitrines do estabelecimento «Ultimo Figurino», ao Chiado, uma exposição de fructos, que termina no dia 25.

A provincia n'A CAPITAL

BARREIRO, 19.—Foi hontem julgado em audiencia de juri no tribunal do Seixal, sendo absolvido, Manuel Rodrigues, ex-fiscal da camara municipal do Barreiro, que era accusado de ter feito, de connivencia com o secretario da mesma camara Jeronymo Paiva, um importante roubo, tendo sido preso, a requisição da auctoridade administrativa, em Montalegre terra de sua naturalidade, para onde fugira.

Falta agora responder o segundo accusado, o que parece será breve.

—A séde do centro Republicano Portuguez desde o dia 1 de fevereiro em diante é nas antigas sallas do grupo 22 de Novembro, na rua Euzebio Leão.

Movimento maritimo

New-York, directo, «Patria», (Gibraltar)	22
Africa Occidental, «Malange»........	22

em fevereiro de 1915 tivera por fim «deter n'esse ponto da fronte o maior numero possivel de forças allemãs, obrigal-as a dispender a maior quantidade possivel de munições e evitar que tropas fôssem transportadas para a Russia».

Em conformidade com esse plano, em fevereiro Langle de Cary recebeu ordem de Joffre para atacar von Einem na região de Perthes. Durante o mez de dezembro de 1914 os francezes apenas haviam conquistado cêrca de dois kilometros e meio de terreno na linha Perthes-Le Mesnil-Massiges e feito uma tomadia importante, apoderando-se da cota 200 na estrada para Souain, a cêrca de dois kilometros a oeste de Perthes. Essa elevação dominava o terreno que lhe ficava em frente e era um ponto magnifico de observação contra as trincheiras allemãs.

De 25 de janeiro a 4 de fevereiro fôra um periodo de contra-ataques pelo inimigo, os quaes foram repellidos pelos francezes, cuja linha avançou ainda mais para o norte até um pequeno bosque a cêrca de 480 metros a noroeste de Perthes e até um outro quasi a kilometro e meio a nordeste de Le Mesnil. Em frente de Massiges não houve alternação na posição, de modo que no principio de fevereiro a linha ahi corria desde o norte de Souain, ao norte de Perthes, até Beauséjour.

Mas no dia 16 de fevereiro Langle de Cary apoderou-se de quasi tres kilometros de trincheiras ao norte de Beauséjour e grande numero de contra-ataques allemães foi repellido, fazendo os francezes muitos prisioneiros. A lucta era principalmente local, mas os francezes levaram a melhor.

No dia 17, os francezes ganharam ainda mais terreno, tomando parte das trincheiras allemãs de primeira linha. Repelliram todos os contra-ataques dados pelos allemães, fazendo grande numero de prisioneiros, entre os quaes havia officiaes e homens do 6.º e do 8.º corpos d'exercito allemão, do 8.º, 10.º e 12.º corpos de reserva.

Na noite de 17 para 18 e na manhã d'este ultimo dia dois violentissimos ataques foram dados pelos allemães para reconquistar as posições que haviam perdido.

Chegaram quasi a alcançar a linha occupada pelos francezes, mas foram repellidos á bayoneta. Na noite seguinte, de 18 para 19, mais cinco contra-ataques foram dados pelo inimigo, mas foram todos repellidos.

Os allemães diziam que «em alguns pontos pouco importantes os francezes conseguiram penetrar nas nossas trincheiras avançadas». No dia 20 a lucta continuou e os francezes, além de manterem o terreno que haviam conquistado, fizeram mais alguns progressos ao norte de Perthes, embora concedendo aos allemães, comparativamente com os ultimos dias, uma relativa tranquillidade.

No dia 21, os allemães dizem que a lucta não proseguiu, mas, ao que dizem os francezes, os contra-ataques allemães foram repellidos com grandes perdas, o inimigo foi perseguido e todas as trincheiras a leste e norte do bosque que ficava acima de Perthes foram tomadas e occupadas. Alguns progressos foram tambem feitos ao norte de Le Mesnil.

Ha a mesma discordancia nas narrativas da lucta do dia 22 de fevereiro, em que os francezes dizem ter tomado uma linha de trincheiras e occupado dois bosques que ficavam proximos, repellindo dois violentos contra-ataques. No dia 23, novo avanço foi feito ao norte de Le Mesnil e os ataques allemães foram, como de costume, repellidos.

Ao que dizem os allemães, a lucta nos dias 23 e 24 foi-lhes favoravel, accrescentando que os francezes não conseguiram alcançar o seu objectivo. A mesma monotonia de falsas noticias se encontra nos communicados allemães que dão noticias da lucta até ao dia 12 de março.

O resultado da batalha, no conjuncto, foi que, embora pelos francezes não tivessem sido alcançadas grandes victorias, tinham innegavelmente feito recuar o inimigo e conquistado posições de dois a tres kilometros na fronte da linha que os

Como já dissemos, a estação signaleira—ou de signaes—no outeiro de Xon, nos arredores septentrionaes de Pont-à-Mousson, havia sido tomada pelos francezes, os quaes do seu cume podiam observar a região até ás portas de Metz. O outeiro Xon domina a approximação de Pont-à-Mousson e as pontes que ahi ha sobre o Mosella. Durante o mez de fevereiro da parte dos allemães fizeram-se os mais desesperados, mas inefficazes esforços para retomar esse local, que ameaçava a sua occupação da linha da base do saliente de St. Mihiel.

Contra o lado do sul de Pont-à-Mousson a St. Mihiel, durante os mezes de fevereiro e março, foram dados numerosos ataques por Dubail. A posse do bosque le Prêtre, da floresta de Apremont e do bosque de Ailly foi disputada valentemente pelo inimigo. Mas foi o lado occidental que se tornou o theatro dos mais sangrentos recontros n'essa epocha. Em Les Eparges durante os mezes de fevereiro e março houve combates tão violentos que quasi se lhes póde dar o nome de batalhas.

O primeiro começou a 17 de fevereiro e durou até 22 e o segundo de 18 a 21 de março. Les Eparges é uma localidade sita nas elevações a leste do Mosa, a uma altura superior a mil pés e o terreno é difficil para movimentos de tropas.

Os allemães tinham occupado essa localidade a 21 de setembro de 1914 e a sua linha seguia d'ahi para o bosque conhecido pelo nome de floresta da Montanha. A actual aldeia de Eparges ficára em poder dos francezes, assim como os valles e outeiros mais ao norte em Mont Girmont e o outeiro conhecido pelo nome de Côte des Hures. A 9 de fevereiro um ataque de surpreza deu-lhes St. Rémy.

As linhas allemãs eram fortes e occupavam o terreno ao norte de Eparges—muitas linhas de trincheiras flanqueadas por reductos nas extremidades oriental e occidental. A linha que guarneciam dominava no seu flanco esquerdo a estrada de Eparges a St. Rémy, cortando assim a communicação entre essas duas localidades e a linha de outeiros de Hattomchatel a Côte des Hures, linha que formava as defezas septentrionaes da posição além de St. Mihiel.

A 17 de fevereiro os francezes haviam-se dirigido por galerias subterraneas para as trincheiras inimigas, debaixo das quaes collocaram minas, que ao explodir formaram uma serie de cracteras ou excavações, onde os francezes se concentraram antes de emprehenderem um movimento d'avanço. Um vigoroso fogo d'artilharia foi dirigido contra as linhas allemãs, especialmente contra o reducto occidental e tal foi o seu effeito que as tropas francezas puderam apoderar-se das duas primeiras linhas sem grandes perdas. Durante a noite o reducto foi bombardeado com violencia pela artilharia pezada e no dia seguinte os allemães deram um contra-ataque e repelliram a principio os francezes, mas estes, mais tarde, deram um novo ataque e reapoderaram-se do reducto.

No mesmo dia um outro ataque allemão foi repellido. O inimigo então canhoneou com tal violencia o reducto que os francezes se viram forçados a evacual-o. Mas na manhã de 19 de novo voltaram ao ataque, de novo o occuparam e de novo tiveram de retirar sob o fogo da artilharia, sendo a sua por sua vez que bateu os allemães. Por quatro vezes os bavaros, que ahi estavam luctando, atacaram os francezes, sendo sempre repellidos. Mas a posição dos francezes era perigosa.

O abrigo dado pelas excavações era improprio para os proteger e no dia 21 entendeu-se ser conveniente tomar o reducto que apoiava a extremidade oriental dos entrincheiramentos allemães.

Esse reducto seguia a linha d'um pinhal e o regimento designado para o assalto tomou-o e conseguiu até penetrar no pinhal, onde se travou violenta lucta, acabando os contendores por ahi se entrincheirarem. O ataque francez, dado contra a linha entre os dois reductos que protegiam

Dissolução da Firma Silva & Cunha

Tendo-se dissolvido a firma Silva & Cunha, por escriptura de 13 de Janeiro corrente, previne-se o publico e em especial os ex.mos clientes da firma dissolvida, que o ex-socio Manuel de Jesus Marques e Silva vae abrir sob a firma individual MARQUES SILVA, um novo estabelecimento de moveis e estofos na rua da Palma n.os 140 a 144 onde continuará, com a mais perfeita exactidão e pontualidade, a executar todas as ordens com que os seus estimaveis clientes e amigos o queiram continuar a honrar.

A sua longa pratica e largos conhecimentos d'este ramo de negocio, serão sufficiente garantia á boa execução d'essas ordens que antecipadamente agradece.

Lisboa, 19 de Janeiro de 1916.

Manuel de Jesus Marques e Silva

Segue reconhecimento.

os flancos, não foi coroado de exito, mas um novo contra-ataque dado pelos allemães tambem não deu resultado.

Durante a noite os francezes prepararam as suas defezas na posição conquistada sob o fogo de bombas e na manhã de 22 um violento contra-ataque ao reducto oriental das linhas obrigou-os a recuarem.

O conde von Bernstorff, embaixador allemão em Washington

Mais tarde de novo tomaram a offensiva e conseguiram fazer alguns progressos.

O segundo periodo de lucta deu-se entre 18 e 21 de março.

O objectivo dos ataques francezes era tomar esse reducto e trez batalhões foram designados para tal fim. Conseguiram apoderar-se de parte da primeira linha de trincheiras allemãs, occupando cerca de noventa e seis metros no flanco direito e uns trezentos e quarenta metros no esquerdo. Um pouco mais tarde, no dia 27, um batalhão de caçadores não conseguiu approximar-se mais d'esse reducto.

O resultado da lucta, que parece ter sido muito violenta, foi o dos francezes ganharem algum terreno, mas os allemães dizem que progresso algum foi feito.

O objectivo francez em Les Eparges era varrer o inimigo das alturas do Mosa. A oeste de Verdun um dos objectivos de Sarrail era desalojar os allemães das margens do Aire, atravessal-o e atacar Varennes e Apremont (na Argonne), onde termina a linha ferrea Apremont-Grand Pré-Bazancourt.

No meiado de fevereiro houve lucta dirigida contra a posição allemã em Boureilles-Vauquois, onde, no dizer dos francezes, alguns progressos foram feitos, ao passo que os allemães affirmam que o ataque francez foi completamente derrotado.

A 28 de fevereiro novas operações começaram. Na cota 263, a leste de Boureilles, os francezes tomaram cerca de duzentos e noventa metros de trincheiras, na frente da aldeia de Vauquois, que fica situada n'essa cota, e firmaram-se no eixo do planalto. Essa cota eleva-se a cerca de 300 pés acima do valle do Aire. Era uma forte posição, na qual havia numerosas excavações onde não chegava o fogo da artilharia e os bosques atraz d'ella era abrigados para ahi estarem as reservas.

A 2 de março, dizem os francezes, conseguiram elles occupar o terreno apesar de dois contra-ataques e terem feito alguns prisioneiros. A dar, porém, credito aos allemães, esses ataques foram sempre repellidos com grandes perdas.

Nos dias 3 e 4 os francezes fizeram mais alguns progressos. Os allemães não desmentem isso. No dia 5 houve novos ataques allemães, que foram repellidos com grandes perdas, fazendo os francezes grande numero de prisioneiros. N'esse dia, ainda os alliados fizeram mais progressos no lado occidental da al-

deia, a unica parte onde os allemães ainda estavam.

A resposta dos allemães a esses communicados dos francezes é que repelliram todos os contra-ataques.

Que a lucta ahi foi muito violenta prova-o a narrativa franceza publicada no «Jornal Official» de 15 de março, em que se dizia que quatro assaltos haviam sido dados e repellidos pelos allemães. Parece que a 2 e 3 de março os francezes fizeram progressos. Durante o dia 3, ao que parece, os francezes trataram de consolidar a sua posição e a lucta continuou durante o noite de 3 para 4 de março, tendo os allemães recebido reforços. O seu contra-ataque foi repellido e outra tentativa foi feita ao romper do dia 5.

Atravez do Aire, de Varennes a Vienne-le-Ville no Aisne, a floresta da Argonne continuava a ser disputada com ardor. A's 8 horas da manhã de 10 de fevereiro, apoz um violento canhoneio d'artilharia, o inimigo fez ir pelos ares quatorze metros do forte de Maria-Thereza, no bosque de la Grurie, por meio de minas, tendo lançado bombas para as duas faces do saliente, cuja explosão produziu algumas ruinas no parapeito.

Immediatamente apoz, tres batalhões allemães avançaram ao ataque. A primeira linha levava bombas, que arremeçou para dentro das trincheiras francezas. Parece provavel que a artilharia e as explosões das grandes bombas houvessem desmoralisado os francezes, que offereceram pequena resistencia ao avanço allemão. O centro do ataque allemão repelliu os francezes das suas trincheiras de fronte e os homens que recuavam levaram comsigo a guarnição das trincheiras d'apoio que ficavam atraz, mas foi apenas n'um pequeno espaço que isso se deu. A' direita e á esquerda as tropas permaneceram firmes.

Os francezes deram um contra-ataque, que foi repellido pelas metralhadoras allemãs, pelo que só uma pequena parte da esquerda das trincheiras tomadas poude ser reoccupada. Os allemães não puderam, porém, tomar a segunda linha de trincheiras.

A' tarde um novo contra-ataque conseguiu fazer reoccupar 150 metros da direita da perdida trincheira, mas no centro não se conseguiu avançar. A lucta continuou durante a noite sem grandes resultados, conseguindo os francezes reapoderar-se d'um lança-bombas e d'um canhão que haviam perdido de manhã. O inimigo entrincheirou-se a cêrca de 400 metros da primeira linha de trincheiras francezas. Os allemães conseguiram um ligeiro ganho, embora de pouca importancia.

Foi a oeste da Argonne, entre o Aisne e o Suippe, que a batalha mais importante na primeira parte de 1915 foi pelejada pelos francezes. Como já dissemos, as forças de von Einem, espalhadas como estavam das orlas da Argonne ao oeste e ao sul do Aisne até Berry-au-Bac, constituiam uma séria ameaça para toda a posição de Joffre desde Belfort a La Bassée.

Se as operações allemãs e austro-hungaras no theatro oriental da guerra fossem coroadas de exito, o exercito do inimigo na França e na Belgica seria reforçado e a offensiva allemã, terminada pela batalha da Flandres, seria provavelmente retomada.

Emquanto as forças do kronprinz e as de von Einem não fossem repellidas, respectivamente, da Argonne e de Champagne-Pouilleuse, a nova offensiva allemã podia ter por objectivo o cortar a ala direita de Joffre do seu centro ou o avanço por oeste contra Reims e, para além de esta cidade, contra a retaguarda do exercito de Maunoury. O mais cedo, pois, que von Einem fôsse repellido para a margem norte do Aisne seria o melhor para a causa dos alliados.

Havia tambem um motivo poderoso, pelo qual Joffre era, por assim dizer, forçado a tomar a offensiva. Assim como uma das causas da expedição dos Dardanellos — como já dissemos—foi um pedido feito pelos russos, soube-se mais tarde que a offensiva franceza na Champagne

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1962—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 22 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A situação de Portugal

Já vimos como Portugal, logo nos primeiros dias da guerra, affirmou a sua absoluta solidariedade á alliança e se declarou prompto a effectual-a em qualquer eventualidade, assim como vimos que a esta affirmação official correspondeu uma sanção que não havia direito de considerar illusoria da parte de nenhum dos elementos componentes da sociedade portugueza. Vimos tambem que essa cooperação se realisaria logo que ella fôsse sollicitada, dependendo, é claro, nos casos em que a preparação militar fosse indispensavel, do tempo necessario para essa preparação. A sollicitação fez-se. Primeiro foi de material, depois foi de forças para combaterem na Flandres. Sobre isto não ha nem pode haver duvidas. São factos. O material foi; quanto ao pedido de forças revelou-o officialmente o sr. Pereira d'Eça, então ministro da guerra, no seu relatorio ao parlamento. Se houve uma proposta do chefe do governo, a que o sr. Pereira d'Eça pertencia, essa proposta estava justificada pela unanimidade nacional a favor dos alliados e pelo desejo nobre de auxiliar a Inglaterra, nos termos dos tratados. Mas apoz o pedido de 10 de outubro de 1914, os alliados entenderam que Portugal servia melhor os seus interesses não interferindo desde logo na lucta armada, e evitando um rompimento immediato com a Allemanha.

D'ahi uma situação que o «Times» devidamente classifica nos ultimos trechos relativos á questão que se encontram na versão da «Lucta», por nós fielmente seguida:

«Esta decisão, sem duvida razoavel em vista das circumstancias, nem por isso deixou de collocar Portugal em situação um tanto equivoca. Ainda que prestando valiosos serviços aos alliados, manteve-se em paz com a Allemanha; consequentemente teve de conceder prolongada hospitalidade á grande e heterogenea frota de navios allemães que se acolheram aos seus portos nas primeiras semanas da guerra, e a tolerar a pouco desejavel presença do ministro allemão, sr. Rosen, que da mesma forma que os seus collegas n'outras capitaes neutras, converteu a sua legação n'um activo centro de intrigas e propaganda em favor da Allemanha. Ao mesmo tempo como alliado da Grã Bretanha ficou exposto ás provocações da imprensa allemã e a actos vexatorios taes como os «raids» do sudoeste allemão ás fronteiras de Angola. Na verdade elle nem gosa das vantagens d'uma perfeita neutralidade, nem da situação moral e do alto prestigio que teria ganho cooperando com os alliados nos campos de batalha. A ingrata posição que elle assim assumiu, no interesse commum deve ter produzido uma rude violencia na magnanima nação cujas tradicções não são menos famosas do que as nossas, mas elle tem-a mantido com uma bondade e uma paciencia que estão acima de todo o encarecimento. Nenhuma duvida temos de que continuará assim, aguardando a opportunidade para desempenhar um papel mais activo, a que lhe dá direito a sua longa e gloriosa historia. Não sabemos quando chegará essa opportunidade.

....

O sr. Affonso Costa é um ministro resoluto (strong) e chega n'uma occasião opportuna. Desejamos-lhe todo o successo; mas quer elle vença, quer falhe, inglezes e portuguezes podem egualmente regosijar-se sabendo que a alliança entre os dois povos nunca foi, em todo o decurso da sua longa historia, mais poderosa e mais cordeal do que é hoje. A experiencia dos ultimos dezoito mezes provou sobejamente, se prova fosse necessaria, que em qualquer momento em que sollicitemos o auxilio dos nossos alliados, o não faremos em vão».

A questão está esclarecida no artigo do «Times». O grande jornal inglez reconhece que a situação que nos foi creada, em conformidade com as suas expressões, pelos superiores interesse dos alliados é equivoca e dolorosa. Razão tinhamos para significar a magua que ella nos causa. O «Times» reconhece a nossa justiça. E o «Times» tanto a reconhece, não só no presente, como no futuro, que declara que só se aguarda a responsabilidade de sollicitar de novo o nosso auxilio, conferindo-nos uma posição definida que nos dê as vantagens unicas a que podemos aspirar, visto que na neutralidade não estamos nem poderemos já encontrar-nos.

Evidentemente, depois d'estas declarações do «Times», nós ficamos sabendo que se não correspondemos aos deveres da alliança, na forma por que já nos foi sollicitada em 10 de outubro de 1914, não foi porque da nossa parte houvesse menos zelo, ou nos procurassemos eximir ás responsabilidades contrahidas. Foi porque os mesmos que nol-a tinham sollicitado então, reconheceram que ainda não era para elles opportuna essa coadjuvação. Mas como só da opportunidade dependia e depende a nossa cooperação armada, não menos é evidente que se devia continuar na preparação militar já iniciada para satisfazer o pedido de 10 de outubro. Ella foi sempre necessaria, teve e tem sempre um caracter actual. Por isso são tremendas as responsabilidades dos que quebraram a cohesão nacional, uns fazendo a ignobil tentativa revolucionaria de 20 de outubro de 1914, cujo lema era fugir á guerra; outros secundando-a com a acção deleteria que acabou por crear a dictadura, em cujo consulado a preparação militar criminosamente se suspendeu.

Resta saber se realmente os superiores interesses dos alliados não reconheciam opportunidade á intervenção militar de Portugal, na epoca a que o «Times» allude. Seriam com effeito esses interesses prejudicados? Ou, pelo contrario, essa decisão representaria mais um d'aquelles erros que teem sido apontados, na direcção da guerra, a uma parte do governo inglez? Esses erros são hoje patentes, e tão graves como o conselho á resistencia dos belgas em Antuerpia que prejudicou notavelmente as operações dos alliados, e a campanha dos Dardanellos, onde a Inglaterra só experimentou prejuizos e revezes. Apontou-os o sr. Jean Finot, no notavel artigo da «Revue» que n'este jornal foi transcripto, e a opinião ingleza já os reconheceu em todo o seu deploravel significado. Fomos estupidamente accusados de atacar a Inglaterra, o grande e nobre povo que não pode ser responsavel por todas as faltas ou erros dos seus governantes. Se esse criterio prevalecesse, contra a Inglaterra seria a sua propria imprensa, o seu proprio povo. Contra a Inglaterra seria Lloyd George, o notavel ministro que é um dos maiores estadistas do mundo, e que, segundo lemos, n'uma correspondencia recente de Londres para o «Seculo», proferiu ha pouco um discurso em que atacou os seus collegas por só «agirem, tarde e a más horas, nas questões capitaes» vendo-se apoiado pelo proprio chefe do governo,—o sr. Asquith, que approvava com a cabeça algumas das passagens mais violentas d'essa accusação tremenda!

Não ha nada mais miseravel do que a má fé, não ha nada mais repugnante do que a hypocrisia, como não ha mais odioso do que a falta de patriotismo, sobretudo quando se dão crises que põem em risco de vida ou de morte as proprias nacionalidades.

Pelo telegrapho

O rei da Grecia fala contra os alliados

PARIS, 22.—Entrevistado pela Association Presse o rei da Grecia falou amargamente da acção dos alliados, que occuparam uma parte do territorio da Grecia. O rei accrescentou que os alliados perderam a sympathia dos gregos e que será difficil se não impossivel vencer militarmente a Allemanha. Uma alta personalidade franceza respondeu que o territorio dos gregos foi utilisado com o consentimento tacito da Grecia para substituir os 150.000 soldados previstos pelo tratado servo-grego. Não obstante a neutralidade benevola da Grecia os austro-allemães constituiram bases navaes de submarinos. A personalidade em questão felicitou-se por fim em registar a declaração de que a Allemanha não pode sahir victoriosa.—(Havas).

Na Guiné hespanhola—Os refugiados allemães

PARIS, 22.—Telegrapham de Londres ao «Journal» ter havido negociações entre os gabinetes de Madrid, Paris e Londres ácerca do desarmamento e internamento dos soldados allemães refugiados na Guiné hespanhola. Segundo consta, a communicação foi feita pelo gabinete de Madrid, e permitte que, no caso das auctoridades hespanholas não disporem de meios sufficientes para fazer respeitar a neutralidade da Guiné, as tropas franco-inglezas persigam o inimigo no territorio hespanhol.

Consta estarem entaboladas negociações n'este sentido entre o governador geral d'Africa e o representante da Hespanha na Guiné.—(Havas).

A campanha na Russia

PETROGRADO, 21.—Ao norte de Tchartorysk repellimos um ataque. No Caucaso, na região do littoral repellimos uma tentativa dos turcos n'uma grande linha. Perseguindo o inimigo apoderamo-nos da cidade de Hassankala; o inimigo fugiu sob a protecção dos fortes de Erzeroum. Fizemos 1.500 prisioneiros e tomámos grande despojo. Na margem esquerda do lago Van rechaçámos os turcos para oeste de Vastan.—(Havas).

PARA DESENFASTIAR

Um dictador chocarreiro

O famoso livro do sr. Pimenta de Castro e o que elle diz dos seus collegas e da reunião do Congresso da Republica no palacio da Mitra

O famoso opusculo do sr. Pimenta de Castro, que a si mesmo se denomina o «proprio general» no frontespicio da sua producção, foi impresso em Weimar, na casa Wagner G. Humbold, como convinha ao admirador do kaiser e leitor assiduo do «A B C». Intitula-se «O dictador e a affrontosa dictadura» e ao lêl-o acóde-nos á lembrança Rosalino Candido de Sampaio e Brito, auctor de «O diabo fechado na minha gaveta», com o qual o sr. Joaquim Pereira Pimenta de Castro tem affinidades litterarias muito curiosas.

Nas primeiras paginas do seu folheto o sr. Pimenta de Castro occupa-se da sua passagem pelo ministerio da guerra no gabinete João Chagas e as affirmações mais interessantes que n'ella faz são as que se referem aos srs. Duarte Leite e Sidonio Paes, considerando-os «duas sabias nullidades». Depois faz, a seu modo, a historia da situação quancumbiu do poder, refere como todo o sr. Manuel de Arriaga o inmou conta do governo e expõe o systema eleitoral que desejava estabecer e em cuja execução suppunha estar a salvação da patria.

Contra esse systema, porém, manifestaram-se os seus proprios collegas do ministerio. Assim o declara quando escreve:

«Tudo foi arremessar settas contra impenetraveis rochedos. As declarações d'uns e o sobrecenho de todos não me deixavam a menor duvida sobre o fracasso do meu proposito.»

E submetteu-se, embora tivesse pensado em pôl-os na rua, substituindo-os por outros. Foi-se aguentando com elles, que, no entanto, preferiam, segundo a sua expressão, «seguir o anfractuoso e tergiversante trilho antigo...»

Conta depois como se publicou a lei eleitoral de que era, aliás, adversario e em que «duas importantes melhorias» se introduziram: o voto aos militares e a abolição da eveлhaca palhaçada da apresentação de candidaturas». A'cerca da reunião do Congresso contra sua vontade diz que foi «uma entrudada assaz divertida» e aos deputados e senadores que se reuniram, a despeito de tudo, chama «sucia de individuos». A proposito de consciencias inquietas, recorda o desastre succedido ao sr. dr. Affonso Costa e conta que este estadista «como se tomára carapau morto por crocodillo vivo, de medo se precipitou da janella d'um americano em movimento á beira-rio...» E, voltando, mais adeante, a falar da reunião do Congresso, pondera:

«Se os rufias da cidade, os de todo o paiz, resolvessem reunir-se no venerando edificio das Côrtes, sahiria porventura o governo das suas normaes attribuições, obstando pela força a que elles realisassem o seu sacrilego intento? Não por certo. Pois o mesmo é tratar-se de rufias e rufiões.»

Os que se reuniram no palacio da Mitra são para o sr. Pimenta de Castro «falsarios e burlões» e accrescenta que, «foliões e embeiçados com a inesperada comparencia feminil», porque faltassem senadores, contaram como taes «as saloias que dos proximos lavadouros, despertadas pelo tropel e aguçadas pela curiosidade, accorreram a gosar o estranho espectaculo».

Mas o sr. Pimenta de Castro, pintor deveras realista, prosegue n'este tom:

«Terminada a sessão conjuncta, com vivorio e applausos libados a torreano carrascão, de mistura com lubricos abraços e beijos de agradecimento aos femeos senadores, os pseudo-congressistas, agora satisfeitos, contentes e toldados di (sic) alegria, regressam a Lisboa em carros enramados de louro e embandeirados com os surripiados lenços e aventaes das voluptuosas recordações.

«Vendo-se, porém, zombeteados e cobertos de ridiculo pela sua picaresca legislativa assembléa, os]andegos da frescata do Tojal, retomando a carranca, resolvem instaurar um processo contra o governo...»

Por estes trechos, póde o leitor avaliar o merecimento do opusculo do sr. Pimenta de Castro no genero chocarrice... O que deixamos transcripto, no emtanto, não é nada. O melhor fica para ámanhã...

O sr. Pimenta de Castro e a guerra

Uma pagina, porém, entendemos dever desde já reproduzir sobre o que o sr. Pimenta de Castro pensa ácerca de Portugal perante a guerra:

«A Inglaterra declarou guerra á Allemanha sem nos ouvir, sem nos dar aviso prévio, sem comnosco se importar para coisa alguma. E assim como era evidente e bem sabido por quem esteve em condições de o saber, que ella nos não ajudaria n'uma guerra que de motu proprio declarassemos a alguma nação, tambem nós não tinhamos nem temos que ir em seu auxilio. Não havia conveniencia nem interesse que nos attrahisse, nem honra nacional offendida que á guerra nos obrigasse, e muito menos a combater contra nações que nos não offenderam nem provocaram. Ir hoje para a guerra europeia não é o mesmo que andar na farçada das escolas de repetição, nem é o mesmo que ir combater o gentio nas nossas possessões. E Portugal está desprovido dos elementos e dos preparos indispensaveis para se affoitar a uma guerra com paizes civilisados. Nem existiam clausulas que a tanto nos obrigassem, como falsamente, com tanto afan e com fins porventura inconfessaveis, propalaram pelo paiz.

Supponha-se por momentos que tinhamos realisado esse acto de verdadeira loucura, considere-se em que condições nos encontrariamos agora, e ajuize-se até onde nos teria já levado a catastrophe.

Já não foi pequeno, nem nos tem sahido barato o erro das duas avultadas expedições a Angola e Moçambique.

E depois de tudo isso teem o desplante de accusar o governo da minha presidencia de ter viciado a Constituição. Do que o governo cuidou, torpes sacripantas, foi de obstar á continuação d'essa orgia legislativa, depriment e do decoro nacional...»

A crise da imprensa

A proposta de lei do governo e as varias soluções a tomar

A utilidade da proposta apresentada hontem na camara pelo sr. ministro do fomento sobre a questão do papel, um dos aspectos da grave crise que a imprensa está atravessando, é de todo o ponto manifesta. Com ella se pretende remediar a falta de papel e sustar o augmento successivo do preço, o que, no entanto, não significa a libertação das difficuldades que assoberbam a industria jornalistica n'este momento, embora até certo ponto as attenue. Para que o publico comprehenda com clareza a situação, convem expôl-a em toda a sua nudez, sincera e francamente, a fim de que se não formulem erradas supposições ácerca do alcance e das vantagens das providencias que se tomem, quer por parte do governo quer por parte das emprezas interessadas.

Mais ainda do que a falta do papel—que em especial preoccupa as grandes emprezas—é o problema do preço que importa resolver aos jornaes cuja tiragem não soffre cotejo com as do «Seculo» e do «Diario de Noticias», para apenas citarmos os dois mais importantes quotidianos de Lisboa. A reducção de direitos sobre o papel importado utilisa a todos os jornaes, muito nomeadamente aos de larga tiragem; mas a regularisação do preço, já exaggeradissimo e que ameaça crescer de mez para mez, é condição essencial á vida da maior parte das emprezas que não dispõem dos recursos do «Seculo» e do «Diario de Noticias», antes estão bem longe de soffrerem com elles qualquer comparação.

E quer o leitor saber porquê?

Basta que lhe digamos que, sendo a somma das tiragens dos diarios matutinos de Lisboa de 183.000 exemplares, pertencem 97.000 ao «Seculo» e 45.000 ao «Diario de Noticias».

As medidas propostas pelo governo não só garantem o consumo de toda a producção nacional, resalvando assim os interesses da industria papeleira portugueza, mas garantem egualmente a existencia d'um «stock» que preencha o «deficit» que porventura tenha essa producção. Quer dizer as grandes tiragens ficam d'esta arte asseguradas. A outra consequencia, porém, das medidas sobre que o parlamento vae pronunciar-se—e é de esperar que o faça rapidamente—consiste na fixação do preço e essa tem para as pequenas emprezas uma singular importancia, porque sem ella se lhes tornaria impossivel proseguir.

Na representação dirigida ao governo pelo «Seculo» que, como ninguem ignora, é a primeira empreza jornalistica de Portugal, senão tambem da peninsula, e que justamente adquiriu uma prosperidade que lhe permitte luctar com os embaraços do momento, considera-se como prohibitivo o preço do papel, desde que attinja 15,6 centavos por kilo. Se a esse extremo se chegasse, o «Seculo» entende que só lhe restava fechar as suas portas, o que equivaleria a precipitar na miseria milhares de individuos...

Pois bem: o papel já agora está sendo pago a 15 centavos ou 150 réis o kilo por emprezas cujas circumstancias não admittem confronto com as do «Seculo». Significa isso uma quasi heroica resistencia que envolve sacrificios cuja extensão e cuja grandeza nos abstemos de accentuar, mas que o leitor em certo modo apreciará desde que invocamos testemunhos insuspeitos e auctorisados como o d'aquelle importantissimo jornal.

A garantia da fixação do preço do papel uma vez obtida—e ella é absolutamente indispensavel—não quer dizer que se haja conquistado o desafogo para a industria jornalistica e que a normalidade da sua vida se restabeleceu. Infelizmente, estamos muito longe d'isso...

Com effeito, a diminuição dos direitos de importação e a regularisação do preço não embaratecem o papel. Apenas remedeiam a sua falta e obstam aos augmentos successivos que vimos aguentando e que, no proximo mez, elevariam o custo de cada kilo a 17 centavos—o que é insupportavel—se não se travasse a tempo essa espantosa, arruinadora, inconcebivel ascensão... O preço do papel não diminuirá tão cedo e além d'outras causas que se prendem com a crise geral e n'ella se filiam ima cirse geral e n'ella se filiam impora soluções, embora de caracter transitorio, no sentido de se evitar o encerramento previsto pelo «Seculo» cujas condições, no entanto, são—como as do «Diario de Noticias»—bem diversas das dos outros jornaes,—nunca será demais recordal-o.

Quaes sejam essas soluções, incumbe á commissão da imprensa estudal-as e propol-as e decerto o publico as apreciará com espirito de justiça.

MUSICA

O concerto Blanch no Republica

Em cada novo concerto mais se affirma o alto valor da Orchestra Symphonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, não só pela impeccavel e assombrosa execução, como pelos bellos programmas organisados, em que se apresentam sempre, a par de obras completamente novas, as mais notaveis composições dos grandes auctores classicos e modernos. O novo theatro Republica possue condições excepcionaes para as grandes audições symphonicas e por isso ainda mais attrahentes se tornam. O programma do concerto que se realisa ámanhã no Republica, organisado pelo maestro Blanch, é o seguinte:

Primeira parte—I «Haensel und Gretel», ouverture, Humperdinck; II «La Basoche», entre-acto (1.ª audição), Messager; III «Os preludios», poema symphonico, Liszt.

Segunda parte — IV «Symphonia incompleta», Schubert; V «Ouro do Rheno»—«Entrada dos deuses no Walhalla», Wagner.

Terceira parte — VI «A' l'après midi d'un faune», preludio, Debussy; VII «Huldigungsmarsch», Wagner.

No fim do concerto ha um elegante chá no jardim de inverno, onde tocará um sexteto.

Soccorros a naufragos

Distribuem-se os premios relativos aos actos de heroismo praticados em 1912 e 1913

A' sessão promovida pelo Instituto de Soccorros a Naufragos, na Sociedade de Geographia, para distribuição de premios, presidiu primeiramente o sr. ministro da marinha, secretariado pelos srs. contra-almirante Ferreira do Amaral, presidente, e Hipacio de Brion, secretario d'aquella benemerita aggremiação.

Mais tarde assumiu a presidencia o chefe do Estado, que fez a distribuição dos premios, cuja lista abaixo segue.

A' sessão assistiram muitos officiaes da marinha, general commandante da guarda republicana, typos de lobos de mar, premiados por anteriores rasgos de heroicidade, entre os quaes um velho ostentando o collar da Torre e Espada.

Foram distribuidos premios relativos á gerencia de 1912-1913, fazendo o secretario o relatorio dos annos respectivos.

Os premios conferidos, em relação ao primeiro anno foram os seguintes:

Medalha d'ouro: Antonio Soares, da Nazareth.

Medalhas de prata: Manuel Carlos Martins, João Baptista de Barros, Henrique Travassos Valdez, Manuel Gavino, Thomé Marques, de Carcavellos; Antonio Leitão, Manuel dos Santos Bizarro, Adelino Leitão e Manuel Fernandes Pinto, de Peniche; João da Costa Convinha e Francisco Alves, dos Açôres; Armand Mateas, Terra Nova; Francisco d'Oliveira Oteiro, Arthur Moniz Escomilha, Angra do Heroismo; Rodrigo João de Castro, Villa do Conde; Joaquim Ferreira da Silva, Açôres; João Moreira e Francisco dos Santos, S. Pedro de Muel; José Gandaio, Nazareth.

Medalhas de cobre: Eduardo Pereira Pimenta, Porto; Abel Chaves Meyrelles, Figueira da Foz; João do Amaral e José Fernandes, Leixões; João Francisco Coelho, João Diogo Perestrello, José Pereira, Domingos Escorcio de Mendonça, Porto Santo; João Baptista da Costa, Madeira; Antonio Januario da Atra, idem; Carlos Elston Dias e Manuel José Rozendo, Cabo de Santa Maria; Manuel Ernesto da Camara, Açôres; José Soares e José Miguel, Olhão; Ricardo Gomes Ferreirinha, Ajuda; Alfredo Victo, José Victo e Manuel Pinho Soares Caralinda, Espinho; José Gonçalves Moleiro e Carlos Remelgado, idem; Maria das Dôres Baptista, Caminha; Thomé Marques e Manuel Marques, Carcavellos; Delfim Gonçalves Padeiro e Affonso Pinto Pinhal, Espinho; João Baptista Cazão Ribeiro e Sirino da Rocha, Costa Nova do Prado; Joaquim Christino, Portimão; Mariano Pereira Medeiros, Angra; José Maria do Carmo, José da Justina, Joaquim Alves Chalabardo, Marianno Paes da Silva, Antonio Castro d'Almeida, Manuel Melrinho, Joaquim da Villa, Joaquim Grillo, Nazareth; João Rodrigues Fallante, Madeira.

Diplomas de honra: Domingos Pereira, Paço d'Arcos; Joaquim Manuel Palmeira, Manuel Viegas, Joaquim Bento, João Bernardo Viegas, Antonio Palermo Junior, Lavagens; José Pereira, Figueira da Foz; Joaquim Valente da Mansa, José Valente Caralinda, João Ferreira Netto Novo, Henrique da Silva Pardilhó, Manuel da Cunha Folha, Antonio Gomes, João dos Santos Bento, Marcellino Carvalho dos Santos, Antonio Ferreira Patricio, Joaquim de Oliveira de Pinho Rabeca, José de Pinho Pinhal, David Ferreira da Silva, José de Pinho Branco Miguel, Delfim Gonçalves Padeiro, Aveiro; João de Oliveira Granja, Jorge da Cunha Folha, Herculano de Oliveira Meyrelles, Antonio Cazalleiro, Emilio Soares Maganinho, Alberto de Oliveira Lopes, Gaspar de Oliveira Lopes, Caetano Rodrigues Felix, Antonio Pereira Americano, Sebastião Soares Maganinho, idem; Manuel Correia de Almeida Mergulhão, Sebastião Diniz da Silva, Antonio Maria Parreira Cruz, Sagres.

(Ver continuação na 2.ª pagina)

SURPREZAS DA GUERRA

A necropole de Eleanto

As granadas turcas descobrem casualmente, proximo das trincheiras francezas dos Dardanellos, um grande thesouro archeologico

As operações nos Dardanellos, se não representaram um completo exito militar, tiveram pelo menos a vantagem de garantir novas conquistas á sciencia archeologica. Durante o escavamento das trincheiras anglo-francezas conseguiram-se pôr a nu muitas preciosidades que, sem isso, ficariam talvez eternamente sepultadas e occultas á nossa admiração. A collecção de vasos antigos, «terra-cottas», e outras producções da ceramica antiga que se recolheu na peninsula de Gallipoli é na verdade maravilhosa.

Mas não se limitaram a isso as descobertas dos alliados. Um fortuito acaso fez evidenciar a existencia de uma necropole que tem sido activamente pesquizada nos curtos intervallos da intensa lucta que ali se desenrolou. E, coisa curiosa!—foram os proprios turcos que determinaram inconscientemente a descoberta.

Em 15 de maio do anno passado, o major Vermeeroch encontrava-se com o batalhão do seu commando na primeira linha de trincheiras quando um projectil inimigo de grande calibre veiu explodir nas proximidades, abrindo no solo uma profunda bacia. Occupado immediatamente o local da explosão, verificou-se que a granada tinha descoberto um sarcophago admiravelmente conservado que continha varios objectos de ceramica muitas vezes secular.

Naturalmente intrigado, o major Vermeersch, sem comtudo descuidar o commando dos seus homens em momento tão critico, resolveu explorar a descoberta. Logo que lh'o permittiram as circumstancias, mandou cavar em torno do sarcophago e conseguiu descobrir uma quantidade de tumulos e urnas funerarias que remontam aos seculos IV e V da nossa era. Os estudos do archeologo guerreiro, secundados pelo sabio investigador que é o dr. Lentrot, teem a particularidade singular de serem quasi sempre realisados debaixo de fogo, sob o chuveiro das balas inimigas.

A necropole de Eleanto, como se designou o local, encerrava thesouros dignos de figurar junto das famosas «terra-cottas» de Myrina, que se guardam no Muzeu de Louvre. Os frequentadores d'este muzeu vão ter, logo que a guerra termine, o especial prazer de admirar essas velhissimas obras de arte, visto que os objectos encontrados, depois de minuciosamente classificados no corpo expedicionario do Oriente, foram já expedidos para França com destino ás ricas collecções nacionaes d'este paiz.

E' interessante constatar os infinitos cuidados que a salvação das reliquias d'Eleanto exigiu. As mãos callejadas da dureza dos combates enterneciam-se para acariciar essas fragilidades que os officiaes francezes, nobres pioneiros da civilisação latina, tinham resolvido confiar intactas á paz e á tranquillidade dos muzeus. N'uma carta intima escripta por um d'esses officiaes lêem-se as seguintes palavras ácerca da necropole de Eleanto:

«... Tenho em frente dos olhos uma taça delicadissima, que se partiria ao mais ligeiro choque. Ella symbolisa esta belleza de forma tão particular, tão caracteristica, que nos foi revelada pelos gregos. As suas ansas alongadas, de uma graça quasi etherea, imprimem ao pequenino objecto palpitações aladas. Só admiradores apaixonados do corpo humano seriam capazes de realisar na argilla tão maravilhosas linhas. São braços que se erguem para o céu, as azas da minha taça grega. Tenho um prazer inefavel em desenhar estes thesouros...

«A noite passada, calaram-se os canhões. Repouso geral. E' tão raro!...»

Não é verdade que estas phrases, desde a primeira á ultima, pintam perfeitamente sem necessidade de retoque toda a physionomia dos que defendem no Oriente a civilisação ameaçada? Este cuidado da unica cultura verdadeira não os abandona um só instante. Na sua mortifera tarefa conservam as mais subtis delicadezas de espirito. Leia-se ainda a seguinte passagem de uma carta do mesmo official:

«Nas pesquizas encontraram-se jarras enormes.

«Duas d'ellas medem 1,m60 de comprido por 0,m50 de abertura; uma está intacta, a outra, infelizmente, partida. Em cada jarra havia dois craneos e dois esqueletos. Seriam conjuges? Namorados? Durante vinte seculos dormiram juuto um do outro. Que profanação, que crime tem interrompido um destino que parecia immortal!...

A descoberta de Eleanto presta-se a meditar um pouco sobre a inconstancia e a incoherencia da força bruta que sahe da bocca dos canhões. Vimos com effeito, as granadas teutonicas despedaçarem, em Reims, um dos mais admiraveis thesouros artisticos da humanidade. Eis que os mesmos projecteis, em Gallipoli, criam, em logar de anniquilarem, e fornecem inconscientemente á sciencia e ás artes novos thesouros de inextimavel valor.

O incendio de Santa Clara

O pessoal da camara começou hoje a fazer a remoção do entulho das ruinas do Deposito Central de Fardamentos. O sr. director da policia de investigação apenas ouviu hoje quatro pessoas cujos depoimentos foram reduzidos a auto pelo agente Figueiredo.

O sr. dr. Meyrelles Leite, juiz do 1.º juizo de investigação criminal, e o escrivão Pires, estiveram hoje ouvindo as testemunhas apontadas no officio hontem enviado para a Boa Hora pelo sr. dr. Alfredo Coutinho. Todas ellas confirmam os depoimentos feitos no governo civil. Mais tarde o sr. dr. Meyrelles Leite mandou buscar os dois presos que recolheram ao Limoeiro e que, a esta hora ainda se conservam na Boa Hora. O sr. dr. Meyrelles Leite encontra-se em conferencia com o respectivo delegado do ministerio publico a fim de se assentar se os dois accusados devem ou não ser pronunciados.

O guarda-marinha sr. José Silva Machado dirige-nos uma carta em que affirma, ao contrario do que disse Frederico Carlos Rego, que a agua faltou para o ataque ao incendio do Deposito Central de Fardamentos. Diz-nos o sr. Silva Machado que trabalhou na extincção do incendio e que por isso pode affirmar o que viu. Accrescenta ainda que o ataque, se não foi bem dirigido, tambem o não foi mal e que o chefe de bombeiros sr. Carvalho fez o que poude.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Estão já publicados seis volumes abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, e o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A arte da construcção

Se estudarmos a evolução realisada atravez dos seculos na arte da construcção, quer civil quer religiosa, somos levados a reconhecer que a experiencia recolhida pelas successivas gerações fez com que a leveza se fosse accentuando, de epoca para epoca mais vincadamente, sem por isso sacrificar a solidez.

A's macissas construcções hindus e egypcias, verdadeiras moles de pedra em que o ar a custo entrava e a luz só parcimoniosamente era consentida, de cyclopicas columnas e portas acanhadas, succederam as graciosas construcções da Grecia pantheista, abertas ao ar e á luz, ligeiras, sustentadas por elegantes columnatas, encimadas por magestosos frontões, mas cujos architectos se não arrojavam ainda a atirar a grandes alturas os seus poemas de pedra. Mais tarde, com o decorrer dos seculos, a inspiração religiosa da divindade espiritual fez surgir as finas agulhas das cathedraes gothicas como perduraveis orações petrificadas elevando-se dos corações dos crentes atravez do espaço para chegarem aos ceus junto ao throno do Deus.

Mas a agulha rendilhada da cathedral christã não era menos solidamente firmada do que o vertice macisso das pyramides pharaonicas.

Veiu depois a Renascença que ao aspecto monumental e elegante da construcção soube juntar a opulencia e o conforto interno das habitações; as casas foram augmentando de pisos, e pouco depois começavam a elevarse as construcções com varios andares.

Mas começou então a notar-se que a pedra era muito pesada, exigindo por isso travejamentos de dimensões colossaes. A alvenaria substituiu a cantaria e o travejamento adelgaçou-se em proporção; o numero dos andares subindo constantemente, a alvenaria ia augmentando a carga e além d'isso a construcção tornava-se altamente dispendiosa. Substituiu-se então a alvenaria pelo tijolo; mas este genero de construcções não admittia a sumptuosidade que certos edificios exigiam ou que certos proprietarios desejavam imprimir ás suas habitações.

Nasceu ao tempo na America a idéa de aproveitar o ferro e o tijollo como esqueleto dos grandes edificios de dez, quinze, vinte, e mais andares, sobre o qual se applicavam as artisticas decorações de gesso endurecido que davam a illusão de brincada pedra; mas o fogo devorava essas construcções e os abalos sismicos derrubavam-as como castellos de cartas levantados por mãos infantis.

Era preciso inventar-se outra coi-

sa e recorreu-se á sciencia que, sempre prodiga para os que a procuram, nos deu o cimento, que de fino pó se converte em dura pedra, substituindo-a, e o ferro em que abunda o sub solo da terra, substituiu a madeira da construcção de que o solo em muitos paizes não é prodigo.

Estava creada a construcção moderna, leve, elegante, amoldando-se a todos os estylos e phantasias, refractaria ao fogo, resistente ás convulsões da terra. Raiava a epocha da cimento armado.

A' incombustibilidade e á resistencia aos abalos scismicos, juntava-se a rapidez da construcção e o seu barateamento, levantando-se, em mezes apenas, os mais monumentaes e sumptuosos edificios que d'antes levavam annos e annos a construir.

Hoje é este systhema de construcções adoptado nas grandes capitaes dos paizes mais adeantados; os maiores e mais luxuosos edificios, como theatros, fabricas, hoteis, palacios estabelecimentos industriaes são construidos completamente em cimento armado, desde os telhados ás fundações, desde as escadarias aos sobrados em que imitam com a maior exactidão os *parquets* de madeira, a corticite, e os delicados mosaicos.

O cimento armado emprega-se actualmente desde as canalisações que se occultam no sub-solo, até aos elevados viaductos por onde seguem as linhas ferreas, desde o revestimento das galerias e poços das minas, até ás arrojadas chaminés das maiores fabricas que atiram para o seio do espaço as negras cabelleiras de fumo produzidas nas suas gigantescas fornalhas.

Aproveita-o a agricultura para a construcção de celleiros e adegas; aproveita-o a hydraulica para barragens, diques e albufeiras, para a construcção de blocos sobre que assentam as muralhas sendo produzidos no proprio local onde devem ser applicados para a construcção de batelões que d'antes eram feitos de ferro.

Entre nós tem sido já utilisado em todas estas applicações, graças ao constructor Domingos Mesquita que depois de ter concluido o nosso Instituto Industrial se entregou á especialidade das construcções em cimento armado, e cujas aptidões teem ficado demonstradas por todo o paiz do norte a sul, desde as monumentaes adegas na Regoa, até ás barragens e depositos d'azeite em varios pontos, desde as fabricas no Algarve até aos monumentaes estabelecimentos no Porto e ao theatro da Republica em Lisboa, cuja rapidez, ligeireza, solidez e elegancia de construcção o publico tem tido occasião de admirar.

E agora não será o fogo que tornará a destruil-o, nem tão pouco qualquer abalo de terra.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21 — Coimbra, terra d'amores — O anjinho da pelle do diabo.
REPUBLICA—A's 15—Concerto—A's 21—Primerose.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo (Revista).
POLYTEAMA—A's 15—Concerto—A's 21—Vida d'um rapaz pobre.
GYMNASIO—A's 21 — Commissario de policia.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO — A's 21—De capote e lenço.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—Não ha espectaculo.
MODERNO—A's 20,45 e 22,45—Sempre fresquinho.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Rigoleto.

Primeiras representações

REPUBLICA — La griffe, quatro actos de Bernstein, terceira recita de Guitry.

O theatro de Bernstein dava um tratado de psychologia humana. Poucos como elle sabem desenhar vigorosamente os seus typos, difinir os caracteres, accentuar as paixões. Por vezes, as miserias da alma humana exhibem-se, na sua obra, com revoltante e repugnante nudez. E' o caso da *Griffe*.

Historia curta de uma paixão senil, avassaladora e tremenda, a peça é toda ella architectada sobre a torpeza de uma mulher e a pusillaminidade de um homem. Cortolon, figura eminente do partido socialista, director de um grande quotidiano, *Le Populaire*, creatura de integridade moral elevadissima, polemista terrivel, dotado de um cerebro magnifico, apaixonou-se perto dos cincoenta annos pela filha de um velho redactor e casa com ella, arrancando-a assim á miseria da trapeira em que vivia. Antoinette possue um espirito de cortezã, e, ambiciosa de luxo e de prazeres, leva o marido ás maiores transigencias politicas para que não lhe falte o ouro com que se embriaga. Um dia, Cortolon, amaldiçoado pelos seus antigos correligionarios, abandonado pelos amigos, consegue fazer-se eleger senador e obtem uma pasta no ministerio. Do seu antigo partido atacam-no vigorosamente, na Camara vae ser-lhe feita uma interpellação escandalosa. Mas Cortelon não pensa, não vê, não sente outra coisa mais do que a necessidade de não perder a posse de Antoinette, de quem conhece já a conducta escandalosa, e que o abandona, após violenta altercação, para se ir entregar nos braços de um novo amante.

Inutilmente lhe supplicam, em nome do governo da Republica, que compareça na Camara para responder á annunciada interpellação. O escandalo será tremendo. O governo cahirá, sem duvida. Mas que lhe importa tudo isso? A menos que Antoinette não volte, Cortelon não irá ao Parlamento. Lá fóra, a multidão ruge e insulta-o. Algumas pedras arremessadas contra a janella do seu gabinete, despedaçam as vidraças. Subitamente, contuso na cara por um estilhaço que o attinge, Cortelon allucina-se, despe febrilmente o casaco, rouqueja: *A Versailles! A Versailles!* Transfigurada pela loucura, a sua mascara fatigada e torturada de velho anima-se com uma expressão brutal, salta sobre a poltrona, installa-se, de pé sobre a secretária, e n'um ritmo lugubre, emquanto lá fóra a indignação cresce, e o povoléu assobia e uiva, Cortelon troveja os primeiros compassos da revolucionaria canção:

Dansons la Carmagnole
Vive le son, vive le son,
Dansons la Carmagnole,
Vive le son du canon!

E que dizer-se acerca do desempenho? *La griffe*, que é technicamente uma maravilha, seria intoleravel se fosse representada por mediocres.

Mas o Cortelon de Guitry, que, diga-se de passagem, creou o papel em Paris, é a propria perfeição. Impossivel conceber-se que alguem possa fazer melhor. Em duas scenas: na da humilhação aviltante de Cortelon junto de um presumido amante da mulher, que é seu cruel inimigo politico, na sua ultima altercação com Antoinette, a plateia sente o *frisson* das grandes commoções. O final do quarto acto é um assombro: aterra. Inutil accrescentar que o theatro Republica, hontem, com uma casa cheia, assistiu a mais uma calorosa e vibrante ovação, porque não se regatearam applausos ao grande actor francez.

Hermano Neves

NACIONAL.—Um anjinho da pelle do diabo, um acto adaptado pelo visconde de Castilho.

O interesse do espectaculo de hontem no Nacional consistia na apresentação da pequenina actriz Judith de Castro fazendo a protagonista da comedia que Castilho adaptou e que fez as delicias de varias gerações. Em volta da actriz tem-se feito uma atmosphera de incerteza sobre a sua maleabilidade theatral mas de evidente consagração do seu merecimento. Tinha triumphado no *Frei Luiz de Sousa* n'um papel dramatico. Como faria hontem a protagonista d'um *Anjinho da pelle do diabo*, em successivos *travestis*, exigindo graciosidade, movimentação, differenças de mobilidade nos musculos faciaes, sempre em scena, ora viva, ora serena de gestos, impondo constantes contrastes de voz de personagem e de mimica? Era tentador o exame.

O certo é que o theatro se encheu e que a assistencia teve que se render perante o talento da pequenina actriz, que, salvo ligeiras indecisões, seduziu pela graciosidade e vibratilidade scenica, tanta ou maior que a de algumas artistas que viram passar largos annos da vida, no tablado d'um palco... E' verdade que o exito de Judith de Castro se devia prover, sabendo que tinha a cooperar no seu trabalho, o grande actor que é Joaquim Costa, impeccavel, extraordinario de naturalidade e inimitavel na interpretação do rheumatisado tio do «Anjinho».—**P.**

Boatos e informações

Entre nós

No theatro da Republica vae ámanhã a peça *Primerose*: na segunda-feira, *L'émigré*, e na terça *O assalto*.

Hoje, no Colyseu dos Recreios, a segunda apresentação da celebre cantora Krucenisky na *Madame Butterfly*.

Amanhã canta-se o *Rigoletto*, fazendo a sua estreia na parte de *Gilda* o soprano ligeiro Nadina Tagelli. Segunda-feira, recita da moda com a primeira representação dos *Palhaços* e da *Cavalleria rusticana*, duas operas que tantos apreciadores teem no nosso publico.

E' uma revista de critica mundana, e não simplesmente academica, a revista *Macaquinhos no sotão*, original de Henrique Galvão e Flavio dos Santos, que no dia 7 de fevereiro sóbe á scena no theatro Polytheama em beneficio do cofre de soccorros a estudantes pobres da faculdade de sciencias de Lisboa. Completa o espectaculo a farça em 2 actos, original dos mesmos auctores *Pensão da Briolanja*.

PEQUENAS NOTICIAS

A' enfermaria 4 do hospital de S. José recolheu Manuel Ferreira, carpinteiro, morador em «villa» Nogueira, Braço de Prata, que foi colhido por um tóro de pinho n'uma ponte sobre o Tejo no Alto da Mira, ficando muito ferido na cabeça.

—O desfalque feito á casa Orey Antunes & C.ª, a que os jornaes da manhã se referem é de 6.100 escudos e não de 40.000 como se disse. O accusado chama-se Joaquim José Affonso, caixeiro-cobrador da casa, que morava em Pedrouços. O caso está entregue ao agente Belem.

José Antonio Machado
Falleceu

Elisiaria da Costa Machado, Camilla da Costa Jorge, Maria Augusta Machado, Amelia Machado, seu marido e filhas, Beatriz Machado, seu marido e filhos, Francisco Maria Machado, Adriano José Machado, sua mulher e filhas, Antonio Augusto Machado e seus filhos cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas das suas relações o fallecimento de seu chorado marido, genro, irmão cunhado e tio José Antonio Machado, e que o seu funeral se realisará ámanhã, 23, sahindo o prestito funebre da sua residencia, travessa do Carmo, 11, rez-do-chão, para o cemiterio Occidental.

Soccorros a naufragos

(Continuação da 1.ª pagina)

José Bento Garcia, José Fernandes Tato, José Pereira da Silva, Alberto da Cunha Folha da Conceição, Carlos de Oliveira Granja, José Pinto, Seraphim dos Santos Seraphim, Manuel Bento Garcia, José Ferreira Nunes Arruella, Antonio Ferreira Nunes Arruella, João Maria, Manuel da Cunha Folha, Leixões; Manuel Pescador, Manuel Cuco, Herculano da Cunha Folha da Conceição, Manuel Basilio de Santos Villar, Francisco da Cunha Folha da Conceição, idem; Antonio Maria, Aveiro; Zozimo das Chagas, Espichel; João Gomes, Manuel Mireu, José de Faria, Antonio Correia, Felisberto Castro, Manuel Rodrigues, Madeira; Guilherme Pacheco, Antonio da Costa, Antonio Ferreira, Francisco Dias, Antonio da Costa Casaca, Ponta Delgada; José Augusto, mestre da canoa «Leonor VII»; José Domingos, Peniche; Manuel da Cruz, João Rozende, Anselmo Augusto da Silva, Miguel Viegas, Julio Marques, Luiz Baptista Nona, Antonio do Carmo Pardal, Francisco José Dominho, patrão do salva-vidas «Ferreira do Amaral», Antonio dos Santos Manjua, Cabo de Santa Maria; Jayme da Silva Canga, Gonçalo Valerio, João Rodrigues Paulino, Joaquim Arenga, José Rosado, Luiz Leonor, Praia da Luz; H. Schwen, Lagos; Antonio Jesus Salvaterra Junior, Joaquim de Mattos Bilbau, Alfredo Embaixador, Peniche; José Domingos, Joaquim Zepherino dos Reis, idem; Augusto Gloria Baptista, Francisco do Nascimento Cecilio, idem; Emile Dartout, Fernando Nunes de Castro, Navio-hospital «Saint François d'Assise» da Société des Oeuvres de Mer (França), Terra Nova; José Viegas, Manuel José Vicente, Amaro Viegas, Lagos; Albino Rodrigues Villarinho, Espozende; Domingos do Pinho Faustino, João Ferreira Netto Novo, Antonio Ferreira Gomes Lapa, Fernando Gomes da Graça, José do Pinho Faustino, José Esteves Gallego, Antonio Valente Arruda, Salvador de Pinho Pinhal, Francisco Trinta, José de Mello Sousa, Francisco Pinho Faustino, Espinho; Manuel de Castro, José Albino da Cunha, Manuel de Castro Junior, Thiago Alves, Vianna do Castello; Raul Marques, Carcavellos; Pedro José de Moura; José Accurcio Rego Carvalho, Peniche; Gustavo Machado Corgita, Francisco Homem, Guilherme de Sousa, Manuel Vieira Alves, Alfredo Borges Corgita, Manuel José de Sousa, Manuel da Silva Pimentel, Manuel de Sousa Fagundes, Jacintho Machado d'Avilla, Arthur Machado d'Avilla, Bernardo José Augusto, Diocleeio de Sousa Fagundes, André Joaquim de Sousa Junior, Angra; Manuel Gomes Pinho, Manuel Verde, Francisco Gonçalves, Antonio Soares, João Duarte, Francisco Ferreira, José Ferreira Soares, Joaquim Gomes, Francisco da Silva, Antonio Canga, Cabo Carvoeiro; Americo da Cunha Branco, José Alexandre Costa, Francisco Roque, Ignacio Cabeça, Francisco da Silva, Izidro Alberto, João Barão; Arthur dos Santos, Pedro Firmino, Francisco Viola, Eugenio da Silva, Carlos Viola, Portimão; Antonio Auxilio, Silvestre Trancão, João Carepa, Abilio Lucas Bertholo, José Martiliano, Antonio Domingos, Joaquim Fateixa, Antonio Paulo Fagueira, Guilherme Gordo, Nazareth; B. Th. Bjornsen, do vapor norueguez «Mjaal».

Os premios referentes ao anno de 1913 são os seguintes:

Medalha d'ouro: José Rabumba, patrão do salva-vidas «Rio Douro», Manuel Antonio Ferreira, patrão do salva-vidas «Cego do Maio», Leixões.

Medalha de prata: Frederick Steffano, primeiro piloto do vapor inglez «Balgawnie», James Dicks, segundo piloto do mesmo vapor, Leixões; Alfredo Guilherme Howell, capitão de fragata, Leixões; H. Pheysey, idem; João do Amaral, José Pereira da Silva, Augusto Pereira Ramiro, José Fernandes Tato, Manuel da Cunha Folha, Adelino Pinto dos Santos, Affonso Caetano Nora, Seraphim dos Santos Seraphim, José Bento Garcia, João Esteves Gallego, Manuel Caetano Nora, Antonio de Oliveira Brandão, Joaquim de Oliveira Meyrelles, Manuel Gomes, Innocencio Pinto Soares, tripulantes do salva-vidas «Rio Douro», Leixões; Manuel Antonio Ferreira Junior, David Antonio Ferreira, José Lopes Macieira, José Francisco Marques, Josephino Milhazes, José da Silva Braga, David Francisco Marques da Rosa, João Gonçalves Gavina, Francisco Ferreira Maravalhas, Manuel Jacob, Joaquim Pereira Rajão, Joaquim Capellão, José Gonçalves Gavina, Carlos Antonio Ferreira, tripulantes do salva-vidas «Cego do Maio», idem; Joaquim Petinga, Arlindo do Carmo, Antonio Esgaio, Joaquim Ferreira Meco, Gabriel Fernandes Vigia, José Soares Couto, Antonio Vagos, Domingos do Carmo, José Pae João, Nazareth; Joaquim Ritta da Palma, Faro; Julio Ernesto Moraes Sarmento, capitão do estado maior, Tancos; Jayme Andrade, Lourinhã; Annibal da Silva, Funchal; José Maria Ferreira, Peniche; José Gomes Alexandre, Cezar da Silva, Funchal; Alberto Brito Camacho; Antonio Teixeira da Cunha.

Medalhas de cobre: Bartholomeu Kopke Severim de Sousa Lobo, 2.° commandante dos Bombeiros de Vianna do Castello, Julio Pereira Gomes Rosa, 1.° patrão, Julio Augusto Correia Moraes da Motta, bombeiro voluntario, Ernesto Erminio Candido da Fonseca, idem, Manuel Peres Caldeira, servente conductor, Leixões; dr. Manuel Monterroso, idem; C. H. Dix, capitão do vapor «Lisbon», Roberts, 1.° piloto do mesmo vapor, Antonio Augusto de Lemos Peixoto, Leixões; Manuel Peixoto Martins Mendes Norton, 1.° tenente de marinha e commandante do rebocador «Berrio», Francisco Gomes Cardia, commandante do rebocador «Tritão», Carlos Frederico Braga, Alberto de Laura Moreira, commandante dos Bombeiros Voluntarios de Mattosinhos e Leça de Palmeira, Luiz Duarte, Olhão; Manuel dos Santos Villa Cova, Villa do Conde; Joaquim Bernardo de Sousa Lobo, Cezimbra; Honorio Piló, Joaquim Parroque, Antonio José Maria Miguel, Pedro Thomé Bisarro, José Ova, João Galvão, João Thomé Bisarro, Manuel Peixe, Cesar Verruma, Antonio Caçoa Ova, Antonio Martiniano, Joaquim Martiniano, José Maria Murrungo, Manuel Samphona, Antonio Luiz Fidalgo, Francisco Esgaio, José Lourenço, Silvestre Serrano, Thimoteo Codinha, Fortunato Murrungo, Antonio da Marcelina Florencia, Pedro Gerardo, Accacio Vagos, Ezequiel da Copa, José da Copa, Antonio da Florencia, José Pereira Ganso, Henrique Chuchu, Vicente Zarro, Nazareth; Carlos Peting, idem.

José Ferreira da Cunha, Custodio Bombas, José Sabino, Joaquim Sabino, Nazareth; Alberto Pereira de Magalhães, Faro; Jacintho da Silva, Funchal; João Chavarria, Rio Lima; Manuel Pinto da Gama, Horta; Diocleciano Monteiro, Douro; Antonio Ferreira dos Reis Junior, Leixões; Fortunato Joaquim, Peniche; Joaquim dos Santos Patachão, Faro; José da Silva, Vianna do Castello; José Maria Assumpção, Sebastião Luiz da Silva, José da Silva, Douro; Manuel Lopes Quintela, Villa do Conde; Fernando Baptista, Horta.

Diplomas de louvor: dr. José Pinto Queiroz de Magalhães, director da Cruz Vermelha, dr. Mario de Castro, dr. Bernardino da Silva, dr. José de Sousa Freteira Junior dr. José Casimiro Carteado Mena, dr. Pedro de Sousa, dr. Antonio Freitas Monteiro, dr. José Domingues de Oliveira Junior, dr. Barros Nobre, dr. José Maria Ferreira, capitão-medico, dr. Manuel Bragança, tenente medico, dr. Victorino Magalhães, tenente medico, Leixões; Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha, Leixões; Rodrigo Guedes de Carvalho, Francisco Guedes de Carvalho, Joaquim Augusto Ferreira, Viriato Arantes, idem; Joaquim José Pereira Bastos, Guilherme Puls, Corregedor da Fonseca, Alfredo Camacho, Augusto Coelho Pereira de Araujo, Armando Alfredo Gonçalves, idem; miss Loris Grant, miss Alice Grant, miss Muriel Tait, miss Dorothy Tait, miss Cyoette Bettencourt, miss John Bettencourt, mrs. Pattie Coverly Graham, mrs. Katleen Emely Graham, mrs. Elsie Coverley, mrs. Linda Rawes, mrs. Sybil Tait, mrs. Helen Tait, miss Nelie Gellers, mrs. Roger Coverley, mr. Rupert Coverley, mr. Roger Coverley, mr. Charles H. Coverley, mr. Henry Waldo Coverley, mr. James Graham Adam, mr. Glennie Rawes, mr. Edwin Garland, mr. George C. Finister, mr. E. Dawson, Leixões; João do Canto e Castro Silva Antunes, capitão de fragata, Francisco Gonçalves Queiroz, José Luiz de Araujo. Domingos da Silva, José Joaquim Marques, Luiz da Silva, Piloto da Barra, Almeida, Associação dos Bombeiros Voluntarios de Mattosinhos e Leça de Palmeira; Raul Mario de Azevedo Correia, commandante dos Bombeiros Voluntarios de Mattozinhos e Leça de Palmeira; dr. Antonio Gonçalves de Azevedo, medico, Cesario dos Santos Bento, Francisco Alves Pereira, Antonio José de Oliveira, Antonio Francisco da Silva, Francisco José dos Reis, Anthero Armando Veiga Barros, Antonio Francisco da Costa Trincos, Antonio Fernandes da Silva Neves, José de Oliveira, Fernando Baltasar Leite, Joaquim Martins Gloria, Antonio Martins de Oliveira, Antonio José de Oliveira, Manuel Francisco Henriques Junior, Francisco Ferreira da Silva, José Gonçalves da Silva, José Luiz do Espirito Santo Junior, Jayme Gomes da Silva, Pedro José de Oliveira, Avelino Moreira, Leixões; João da Silva, Douro.

Filismino dos Santos Villa Cova, José dos Santos Villa Cova, José André dos Santos, Manuel Gallego, Joaquim Esbugalha, José Marques, Manuel da Bonita, Eduardo da Malgueira, Antonio José Bernardo, Antonio Pião, Matheus da Povoa, José da Netta, Antonio da Netta, Manuel de S. Bento. Villa do Conde; Antonio Mario Nero Junior, Lucas da Costa Deltado, Diamantino da Silva, Mario José Soares, Primo Antonio Nero, Diamantino Angelo da Cunha, Antonio Braz, João Pinto, Edmundo José, João dos Santos Baeta, Luiz da Conceição Gómos, José Anacleto, Cezimbra; Antonio Polaco, João Esgaio; Antonio Esgaio, Joaquim Ferreira, Antonio Vagos, Joaquim Ricardo, José Maranhão, Luiz Chicarro, Raul Miguel Limpinho, Victorino Guido, Nazareth; Belarmino Carlos da Silva, Manuel Romigio, Antonio Gomes Branco Martins, Nazareth; José Moniz Barreto, Lages do Pico; Anastacio Maria, Joaquim Gouveia, Manuel Lopes, Joaquim Paulo Galhopão, José dos Santos Rugalhão, Joaquim Correia Rezende, Antonio Povilho, Francisco José Cego, Joaquim Anastacio, Manuel José Casaca, Antonio Augusto S. Marcos, Antonio Frederico Crispim, Manuel Jesus Fuzela, Francisco José Richinho, João José Pitta, José Ignacio Coelho, Florindo das Chagas, Espichel; Alfredo dos Santos Libano, Manuel dos Santos, Barra do Ancão; R. H. Cartwright, commandante do vapor «Ancona», Raul Augusto da Costa Peixoto, Douro; Hermann Burmester, Douro; José Domingues de Oliveira, Tancos; Eduardo Pinto, mestre do vapor «Patria»; Francisco Rocha Pera, José Rocha Pera, Josué Gonçalves, Domingos Marques Fidalgo, Peniche; Antonio Boiça, S. Pedro de Muel; José dos Santos, Maximiniano Rosa, Peniche; Francisco da Encarnação, Seixal; Antonio Palminha, Frederico José Bravo; Francisco de Jesus Charrinho, Miguel João, Francisco da Brigida, José da Conceição Conde, Lagos; Joaquim Ablum, idem, Antonio José dos Martires, José Duarte, Horta; dr. Manuel Firmino da Costa, Villa Nova de Milfontes; Antonio Simões Cego Junior, Manuel Pereira Eires, José Charrua, Manuel Casqueira, Joaquim Marques de Oliveira Pereira, Armando Candido Guerra, Luiz Netto, Figueira da Foz; Vicente Pedro, Francisco Pedro, Gregorio Passos, Olhão; Eduardo da Costa, Peniche; Henrique Angelo, José da Costa Soares Jacques Lisboa.

NO BAIRRO DE ALFAMA
Festa de solidariedade escolar

No dia 31 está em festa o bairro de Alfama, porque, no Centro Escolar dr. Magalhães Lima, no seu vasto salão, se realisa, em homenagem ao sr. Pedro Botto Machado, uma reunião de todas as creanças do populoso bairro. E' a primeira festa de «Confraternisação Escolar», iniciativa sympathica e patriotica, que se deve á bondade e orientação pedagogica do patrono do centro e dos professores.

Foram convidadas as seguintes escolas: Asylo Maria Pia, Tutoria da Infancia, Patronato da Infancia, Escola Officina n.° 1, Cantina Escolar de S. Miguel, Academia Instrucção Popular, Centros Fernão Botto Machado, dr. Alexandre Braga, dr. Alberto Costa e Rodrigues de Freitas.

Os orpheons do Centro e da Tutoria da Infancia cantarão varias canções populares e os versos «A Escola», offerecidos pelo sr. Cruz Magalhães.

Concertos David de Sousa

Já hontem ficaram vendidos quasi todos os bilhetes para o esplendido concerto de ámanhã, no Politeama, o 8.° d'esta epocha, cujo programma está despertando o mais justificado interesse. O «Poema Symphonico n.° 2», de João Arroyo, e a curiosa «Rapsodia Slava», de David de Sousa, dão-lhe particular encanto, executando-se ainda trez trechos de Macdowell, expressamente instrumentados, a magestosa abertura de Mendelssohn «O mar tranquillo», em primeira audição, e essa maravilhosa pagina de musica russa «Francesca di Rimini», inspirada no Canto V do «Inferno» de Dante, o mais bello dos episodios de amor e o mais impressionante do celebre poema italiano.

ULTIMA HORA

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 22. — Communicação official das 15 horas:

Durante a noite a nossa artilharia disparou alguns tiros sobre os comboios de reabastecimento e sobre grupos de trabalhadores inimigos na Belgica, na Champagne e nos Vosges.

No resto da linha houve socego.—(Havas).

Seguros de Guerra

A Companhia Ultramarina, rua da Prata, 108, 1.°, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reuniu esta tarde, occupando-se de assumptos parlamentares e de administração publica.

—A União dos Viticultores esteve hoje conferenciando com o sr. ministro do fomento, com quem tambem conferenciaram os srs. Celestino d'Almeida, Silva Barreto, Thomaz da Fonseca, Agostinho Fortes, Adriano Pimenta, João Luiz Ricardo, governador civil de Lisboa e tenente coronel Antonio Maria Baptista, este ultimo pedindo que seja feito o troço da estrada de Cardigos a Mação, assim como de reparações nas estradas do concelho de Santarem.

—O deputado sr. Domingos Cruz sollicitou hoje do sr. ministro da marinha que, a exemplo do que está estabelecido para os sargentos e equiparados do exercito, seja concedida aos officiaes inferiores da armada a faculdade de poderem tratar-se em casa, quando doentes, e que se possam fornecer de medicamentos do hospital de marinha pelo custo da arrematação. Tambem sollicitou para que quando montados devidamente os serviços de especialidades no mesmo hospital possam as familias dos sargentos e praças utilisar-se das consultas a exemplo do que se pratica no exercito.

—Na proxima semana o sr. dr. Germano Martins apresentará na camara dos deputados o seu projecto de reforma da tabella dos emolumentos do registo civil.

—Os deputados srs. Augusto José Vieira e João Soares estiveram hoje no ministerio do fomento tratando da ligação da linha telephonica de Braga a Guimarães; para que se faça o estudo d'um desvio do caminho de ferro de Amarante, traz uma economia de 50.000$ para o Estado, e sobre a qual a camara municipal de Cabeceiras de Basto enviou já uma representação ao governo. Os mesmos deputados pediram tambem em nome da camara municipal de Guimarães para que este concelho seja incluido no rateio da batata que deve chegar ao Tejo por estes dias.

—Foi inaugurada a estação telegraphica de Badunganga, na região do Cuanhama.

Tribunaes militares

A falsificação no ministerio da guerra

No 2.° tribunal territorial continuou hoje o julgamento do capitão João Augusto Correia de Oliveira, accusado de um desfalque na importancia de 8:732$84. O tribunal era constituido como hontem, começando os trabalhos pela inquirição das testemunhas. Depois de um descanço iniciaram-se os debates falando em primeiro logar o promotor de justiça, major sr. Quinhones da Motta, e depois o defensor, tenente-coronel sr. Alvaro da Camara, findo o que recolheu o jury para deliberar.

O réu foi condemnado em 4 annos de prisão cellular seguidos de 8 de degredo, alternativa de 15 de degredo em possessão de 1.ª classe.

Sport

Recreios Desportivos da Amadora

Aproveitando o bom tempo, a direcção dos Recreios Desportivos da Amadora resolveu organisar para ámanhã duas sessões de patinagem no seu bello *rink* ao ar livre, uma das 13 horas ás 18, outra das 20 ás 23. Assim não deixa passar um domingo sem que haja movimento nos seus terrenos de *sport*.

Tambem os Recreios organisam para ámanhã á noite um espectaculo cinematographico no seu lindo Salão de Festas.

Novos grupos de «foot-ball»

Um grupo de empregados da Companhia Mercantil Internacional Limitada, alguns d'elles bem conhecidos no meio sportivo, organisaram 2 *teams* de «foot-ball», propondo-se a acceitarem desafios de todos os grupos. O primeiro treino deve realisar-se ámanhã, pelas 9 horas no campo do C. I. de F. Um dos *captain* é o conhecido *sportman* José Serra Pereira, da Associação Naval de Lisboa, e o *goal-keeper* é o sr. José Joaquim Serrado Botelho, da mesma Associação.

Dr. Regis d'Oliveira

O embaixador do Brazil succumbe a uma congestão

O sr. dr. Regis d'Oliveira, embaixador da Republica Brazileira, tendo sahido do palacio da embaixada, na rua Antonio Maria Cardoso, pelas 11 horas e meia, foi, pouco depois, encontrado, cahido por terra, no patamar do primeiro pavimento do predio da rua Nova do Carmo, 91, onde estão installados os consultorios de varios medicos. Algumas senhoras que sahiam da consulta do sr. dr. Elmano Alves deram o signal de alarme, acudindo aquelle clinico e o ex-policia Miguel Rodrigues, que foi o primeiro a reconhecer o illustre diplomata.

O sr. dr. Regis d'Oliveira parecia apenas desmaiado, recebendo os primeiros soccorros do sr. Elmano Alves, que deu ordem immediata para que se chamasse um trem de praça, a fim de conduzir o enfermo á sua residencia. Pouco depois, o illustre diplomata era conduzido para a carruagem, e, na altura da pastellaria Marques, soltou o ultimo suspiro, nos braços do clinico que o acompanhava.

No palacio da embaixada encontrava-se o sr. dr. Belford Ramos que foi immediatamente informado da dolorosa noticia, a fim de preparar a esposa e a filha do illustre diplomata para o rude golpe que o destino lhes vibrara.

Apezar de todas as reservas, com que a noticia lhes foi annunciada, a scena que então se desenrolou foi verdadeiramente lancinante.

O cadaver foi transportado para o quarto de dormir, sendo-lhe immediatamente vestida a farda e collocadas todas as condecorações.

Rapidamente a noticia circulou pela arcada, produzindo, como era natural, a mais profunda impressão.

O sr. Regis d'Oliveira, que nasceu na cidade do Rio de Janeiro, tendo cerca de setenta annos, era o mais antigo dos diplomatas de carreira n'aquelle paiz. Mais de quarenta annos de vida diplomatica levaram-o a permanecer em muitissimas capitaes de Estados europeus e americanos, onde conquistou sempre as mais vincadas sympathias pelo seu finissimo trato e notavel cultura. Permaneceu largos annos na côrte britannica e em Roma, regressando ao Rio de Janeiro, onde, antes da sua nomeação para embaixador em Portugal exercia as funcções de sub-secretario de Estado no ministerio das relações externas. Encontrava-se n'essa situação quando o illustre estadista sr. dr. Lauro Muller realisou a sua visita aos Estados Unidos, substituindo-o interinamente na gerencia da pasta dos estrangeiros.

O sr. dr. Regis d'Oliveira tem dois filhos a sr.ª D. Regina Regis d'Oliveira, escriptora poetisa, tendo publicado diversos trabalhos litterarios e o sr. Arthur Regis d'Oliveira, ministro do Brazil em Cuba, recentemente nomeado para exercer eguaes funcções em Vienna d'Austria.

Pelas 17 e meia horas estiveram na embaixada os srs. presidente da Republica, chefe do governo e todo o ministerio.

O funeral do illustre diplomata, com as honras que são inherentes á sua elevada cathegoria, realisa-se depois de ámanhã, pelas 15 horas, para o cemiterio oriental, ficando o feretro depositado no jazigo da sr.ª viscondessa Salgado Araujo.

Entre as innumeras pessoas que teem ido á embaixada dar pezames, tomámos nota das seguintes:

Louis Leclecq, secretario da legação da Belgica; R. J. Janes, vice-consul dos Estados Unidos da America; James G. Bayley, da legação da America; Alberto d'Oliveira, consul geral de Portugal no Brazil; Antonio da Costa Cabral, F. d'Almeida Calheiros, enviado extraordinario e ministro de Portugal, J. Morales de los Rios, Raymond Le Ghait, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Belgica, Mr. e M.me Prine Botkine, ministro da Russia, Giuseppe Gazzera, 1.° secretario da legação de Italia, Rosen, ministro da Allemanha, pessoal da legação e familia, Milton C. Wegnelin Vieira, vice-consul do Brazil, Ernest Kock, ministro de Italia, encarregado dos negocios da Noruega, D. Dionisio Ramos Montero, encarregado dos negocios da Republica do Uruguay e familia, 2.° tenente Rego Chaves, ajudante do ministro da marinha, capitão de fragata Manuel Eduardo Correia, José Bernardino Gonçalves Teixeira, Arthur Costa, José Pereira Cardoso Junior, Urbano Rodrigues, D. Francisco de Souza Coutinho, Antonio Peixoto Bourbon, Arthur Metrass de Campos, Rodrigo Samuel Diniz, em nome do Conselho Regional e Liga Naval Portugueza, Azevedo e Silva, procurador geral da Republica, Humberto Nogueira, Guilherme Spratley, consul geral da Republica do Equador, Antonio dos Santos, Julio Henrique Jansen da Silva, socio da firma J. H. Jansen & C.ª.

Alfredo Ferreira Baltar, A. S. Picotas Falcão, em nome da commissão executiva da camara municipal, madame A. R. de Queiroz, Luiz Ricaldes da Silva Rodrigues e Trigueiros, José Augusto Prestes, Luiz Trigueiros, Mario de Artagão, João Bregaro, Julio Antunes de Abreu, Lucio dos Santos e esposa, José Augusto Moreira d'Almeida, Carlos dos Santos Silva Jansen, Alvaro Henriques Rosa May, A. Camara de Faria, José Augusto Correia, Jorge A. Almeida Lima, João Sequeira, Pinto Quartin, José Tavares Bastos, José Salgueiro Esteves Brandão Victor, Eduardo Verdades de Faria, Alfredo L. Torres, Guilherme Valdez Trigueiros de Martel, Guilherme Correia, pelo jornal *O Povo*, Antonio Antunes de Abreu, Octavio de Medeiros, Alexandre de Cauati-Correia e familia, Alberto de Faria Gonçalves, dr. Arlindo C. Correia Leite, por si e pela Sociedade de Beneficencia Brazileira em Portugal, José Nogueira Pinto, Joaquim Clington, Altamiro Bravo, M. P. de Sousa Dantas, D. Carlos Maria do Carmo de Noronha, José Salgueiro Esteves Brandão, Henrique de Hollanda, Paulo Porto Alegre, Francisco da Silveira Vianna e esposa, Carlos Lemos da Silveira Vianna, condes de Paraty.

Maximiano José da Motta, José G. de Araujo, Manuel Rodrigues Muge, Ruy de Mesquita e esposa, Guilherme de Brito Chaves e esposa, Luiz Fernandes, Carlos Alberto Alves, Augusto Quartin, marquezes de Sousa Holstein, Antonio Thomaz Quartin, Eduardo da Maia Cardoso, Emilio Bottino, Luiz O'Neill, visconde de Riba-Tamega, tenente Quaresma, em nome do general commandante da guarda republicana, Henrique Lopes de Mendonça, deputação da Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa, dr. Antonio Emilio da Silva, Antonio Augusto Carvalho Monteiro, D. Francisco de Almeida, Arthur Affonso de Barros, Baron de Hortega, Francisco de Castilho, coronel brazileiro, José Soares, consul de Portugal em Porto Alegre, Alvaro Moraes Carvalho, Francisco Santos Moreira, Levy Bensabat, por si e pelo sr. dr. Theophilo Braga, Raul Pinto, dr. Antonio Sarmento Pereira Brandão, visconde de Mairos, Alberto de Miranda Pombo, Carlos de Vasconcellos e Sá, Francisco Manuel da Costa Pereira, Fiel Viterbo, D. Francisco de Mendia, Miguel Rebello Valladares, Eurico de Campos, Boavida Portugal, Americo da Camara Leme, secretario do sr. presidente da Republica, dr. Lambertini Pinto, H. Ramos Martins, encarregado dos negocios da Argentina e esposa, Francisco Ignacio de Oliveira, Annibal e Jayme Alto Mearim, Jorge Antonio José de Mello, dr. Antonio Macieira, Manuel Emygdio da Silva, dr. Cassiano Neves, Guilherme Ferreira Pinto Basto e esposa, A. Oliveira Soares, conde do Paço Lumiar, Ferdinando Menéres de Castro.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

CASAMENTOS

Realisou-se hontem o de madame Nena Corrêa da Costa com o illustre professor do lyceu sr. Lucio dos Santos. Testemunharam o acto, por parte da noiva, o sr. Fernando Cruz, com procuração da mãe da noiva, madame Costa Carneiro e o escriptor sr. dr. João de Barros, secretario geral do ministerio da instrucção publica, por parte do noivo, o deputado sr. dr. Domingos Pereira e o sr. Joaquim Pinto de Lima.

— Realisou-se hoje o casamento da sr.ª D. Belmira Elisa Estevinha Castanheira de Moura, filha da sr.ª D. Belmira Castanheira de Moura e do sr. João Castanheira de Moura, com o sr. dr. João Pinto de Figueiredo, filho da sr.ª D. Candida Pinto de Figueiredo e do sr. dr. João Gonçalves Silveira de Figueiredo.

A cerimonia civil realisou-se em casa dos paes da noiva e a religiosa, numerosamente concorrida, na egreja da Encarnação, celebrando o rev. Jorge, que fez uma allocução aos noivos na occasião da permuta das allianças, tocando o orgão durante a cerimonia.

Os padrinhos da noiva foram seus paes e da noiva seus tios, sr.ª D. Elisa Soares Castanheira de Moura e sr. Antonio Castanheira de Moura.

NOS CINEMAS

A «soirée» elegante do Chiado Terrasse revestiu hontem um aspecto delicioso, vendo-se ali muitas das primeiras familias da nossa melhor sociedade. A empreza d'este mimoso cine apresentou um esplendido programma e o sextetto executou lindissimos trechos escolhidos. Na assistencia, que era numerosa e deveras distincta, lembra-nos ter visto, entre muitas outras pessoas de cathegoria:

Viscondessa de Idanha e filha D. Maria José, D. Luiza Deslandes Blanch, D. Constança Pacini da Camara, D. Margarida Manzoni de Sequeira, D. Anna Deslandes Caldeira Moraes Soares, madame Pereira de Mello, D. Palmyra Figueiredo Vianna, madame Mario de Miranda, D. Alice da Costa Marques Soares de Andrade, D. Elvira Navarro e filha D. Octavia, D. Emilia da Costa Marques, D. Josephina Navarro Magalhães Domingos, D. Maria Rosa e D. Maria José Deslandes Caldeira Coelho, D. Helena Lallemant, D. Maria Alice Soares de Andrade, etc., etc.

JOSE CAMPAS

A exposição d'este illustre artista encerra-se na proxima terça-feira, estando aberta para o publico n'estes ultimos dias, das 10 ás 18 horas.

LUTUOSA

Falleceu o sr. José Antonio Machado, commerciante muito estimado, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 11 horas, sahindo da travessa do Carmo, 11, para o cemiterio dos Prazeres.

CRUZADOR «ADAMASTOR»

Seguiu de Loanda para Lobito e Mossamedes o cruzador «Adamastor».

MOVIMENTO MARITIMO

Chegou hoje ao Funchal o paquete «S. Miguel».

A Buenos Aires, ido de Lisboa, chegou o paquete «Frisia», da Mala Real Hollandeza.

Movimento academico

Faculdade de Medicina—Reuniram hoje em assembleia geral os alumnos da Faculdade de Medicina para apreciarem o aviso do Senado Universitario que trata da questão das faltas occasionadas pela gréve.

Resolveram conceder um voto de confiança á sua Associação para esta tratar da referida questão e continuarem a frequentar as aulas. Approvaram mais uma moção em que se declaram solidarios com quaesquer alumnos prejudicados pela gréve.

Os alumnos do terceiro anno d'esta faculdade reunem na proxima segunda feira, pelas 12 horas.

Festas associativas

Centro Leotte do Rego.—Continuam ámanhã as festas de inauguração da sua séde, havendo baile.

Grupo Recreativo «Os Esturdios».—A'manhã ás 21 horas, baile.

Gremio Lafonense.—N'esta associação ha ámanhã, ás 21 horas, baile.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 15/16	33 13/16
Londres, 90 d/v.	34 7/16	—
Paris, cheque	$75,6	$76,9
Allemanha, cheque	$26,5	$27,5
Hollanda, cheque	$65,5	$68,5
Madrid, cheque	1$40,5	1$41,5
Suissa, cheque	$86	$88
Italia, cheque	$68	$69
New York	1$48	1$49
Rio s/Londres	11 5/10	—
Libras	7$05	7$10
Agio do ouro	53 %	58 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	40,90 c/j	39,10
» » 5 0$	—	39,20
» » 100$	—	39,30

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1888, 22$50; 4 1/2 88-89, coupon, 50$, 4 1/2, 1905, coup. 83$; 5 0/0 1909, assent. 80$; 4 0/0, 1912, ouro 97$50 e 97$50.

Externas; 1.ª serie 75$80.

Acções: Lisboa & Açores, 125$, Ilha do Principe, 219$; Tabacos, coup., 82$; Empreza Agricola Principe, 6$60.

Obrigações: Prediaes, 6 0/0, serie A, 92$50; Ultramarino, 4 1/2, assent. 79$; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 2.ª serie, 70$; Caminho de Ferro de Benguella, tit. 5, 78$.

Salão Foz

Um espectaculo de variedades interessante

Fez successo a estreia da bailarina hespanhola Julita Lola, hontem no Salão Foz. Julita Lola é magnifica nos seus bailados internacionaes; desenvolta, gentil e muito graciosa em todos os seus gestos, está-lhe reservado um grande successo, porque Julita Lola, além de bailarina de valor é uma couplelista interessante. Churri el Bonito, denominado o rei da gargalhada, o homem que faz rir o mais sisudo, continua a sua carreira triumphante. Hontem ainda obteve enormes applausos vendo-se forçado a bisar a maior parte dos seus numeros, nas duas sessões.

Churri el Bonito incontestavelmente o artista de maior exito, no seu genero, é um comico excentrico de grande valor. Os acrobatas olympicos portuguezes «Os Silvas» tambem recebem todas as noites fartos e merecidos applausos pelos seus trabalhos de forças combinadas; ambos são de grande valor artistico e todos os numeros são executados com pericia e correcção que não é para admirar se dissermos que o volante é o melhor portuguez que temos visto n'este genero de trabalho. Dos applausos tributados a todos os artistas compartilha em grande parte a notavel cantora de canções regionaes Estrella de Levante que ainda hontem recebeu grandes ovações.

A'manhã o Salão Foz dá-nos tambem uma deliciosa «matinée» em que tomam parte todos os artistas sendo exhibidas no «écran» 4 «films», no numero dos quaes figura «O Segredo de Estado», fita dramatica e emocionante. Tanto na «matinée» como á noite faz-se ouvir o magnifico sextetto Thomaz de Lima.

SPORT

A mentalidade europeia e os sports

A opinião de Joseph Reinach

Todos os methodos teem vantagens e teem inconvenientes

Seguimos com o nosso trabalho investigador, relacionando os sports e o genio, colhendo a opinião dos grandes intellectuaes. Assim completaremos o estudo, confirmado por opinião geral, de que os sports constituem uma necessidade educativa.

Já depuzeram poetas, litteratos, artistas e homens de sciencia.

Cabe hoje a vez a um homem politico, historiador, a Joseph Reinach, que na phase angustiosa dos momentos actuaes tem sido um amigo dos portuguezes.

Interrogado sobre o valor da educação phisica n'um inquerito feito por uma revista pedagogica do seu paiz, respondeu pelas seguintes linhas, concisas, fortemente pensadas:

«Considero o renascimento do gosto pelos exercicios phisicos como um dos sintomas mais promettedores para o futuro da nossa patria. O alcool ameaça-a. A sã educação phisica pode e deve ajudar a salval-a.

«Considero a educação phisica tão indispensavel como a educação intellectual. O antigo «mens sana in corpore sano» é sempre verdadeiro. Os gregos, nossos mestres em tudo, na litteratura e na arte, como na politica e na educação, empregavam os seus poetas e os seus esculptores em celebrar os vencedores dos jogos olympicos.

A educação phisica como a educação intellectual deve ser proporcionada ás forças do individuo que são desenvolvidas por ellas. Eu não faço ler Sophocles a uma creança, Spinoza ou Kant a um adolescente. Eu nunca aconselharia a uma creança, a um adulto, a um adolescente, os mesmos exercicios.

«Quasi todos os methodos de educação phisica, como quasi todos os methodos de educação intellectual, teem vantagens e inconvenientes. Não dou mais preferencia a um methodo que a outro. O que chamam «o methodo novo» parece-me, no entanto, que pode realisar a formula do poeta:

«Prenons a chaque objet ce qu'il a de meilleur».

«De resto, é proprio do genio francez, ser eclético—justo e moderado».

Não se póde ser mais preciso do que é este grande homem francez n'esta resposta.

E' mais claro que os mais eruditos propagandistas, cuja preoccupação unica de estudo e de trabalho é a educação phisica.

E' mais conciso que Pierre de Coubertin, que prefere os «sports utilitarios», que Vienne que se apaixonou pelos «methodos naturaes», que J. Renaud que viu apenas os «sports combativos», que Bernard que apenas conhece o «box», que Loti que ama a acrobacia e que Richepin que se seduziu pela vida intensa ao ar livre.

Notas do dia

A grande festa de hoje

O Club Naval de Lisboa, prestimosa aggremiação, cujo trabalho de intensa actividade tem sido benefico aos *sports* do mar, effectua hoje uma grande festa, na séde da Sociedade de Geographia, honrada com a presença do chefe de Estado, ministerio, ministros estrangeiros, congresso, camara municipal, clubs e homens de «sport».

E' a festa complementar dos frequentes e sempre brilhantissimos espectaculos sportivos que o Club promoveu durante a «epoca nautica» de 1915.

E' a festa de distribuição de premios aos vencedores d'essa maravilhosa temporada, nos exercicios de remo, vela, natação e «yachting de motor».

O programma comprehende duas partes: sessão solemne e concerto musical. A' sessão solemne preside o sr. presidente da Republica e n'ella devem discursar trez ou quatro dos mais conhecidos propagadistas da cultura physica. No concerto tomam parte alguns dos mais notaveis musicos e cantores portuguezes.

Esta festa, d'extraordinaria imponencia e desusado brilhantismo, começa ás 21 horas.

* * *

Estreitando a camaradagem internacional

Projectam-se varias festas de caracter internacional, onde os nossos athletas e «sportsmen» vão defrontar-se com alguns dos melhores athletas e «sportsmen» estrangeiros.

O Sporting Club de Portugal está organisando a visita a Lisboa d'uma poderosa «selecção» de «foot-ball» do norte de Hespanha.

A Sala d'armas Carlos Gonçalves tem definitivamente assegurada a lucta de uma «equipe» do seu mestre com seis amadores contra «equipes», semelhantemente organisadas, de Madrid no mez de março, de Barcelona no mez de abril.

Fala-se tambem na organisação, em Madrid, para o proximo mez, d'um grande sarau sportivo e athletico cujo programma será completamente interpretado por amadores lisboetas e mestres da cultura physica.

Algumas anecdotas

Zbysko e o homem do monoculo

Foi contada por André Linville a scena que segue.

Durante o campeonato de lucta livre que se realisou ha dois annos em Paris, no Nouveau-Cirque, uma noite em que não luctava, Zbysko quiz assistir, confortavelmente, aos terriveis combates dos seus adversarios.

Vendo um camarote vasio, dirige-se para lá, mas enganando-se na porta, penetrou por inadvertencia no camarote visinho, occupado por duas lindissimas senhoras, acompanhadas por um elegante «gentleman», de monoculo provocador. Verificando o seu erro, Zbysko retirou-se immediatamente, desculpando-se com extrema delicadeza.

O elegante «gentleman» não poude resistir ao desejo de se mostrar fanfarrão deante das bellas companheiras e exclamou a meia voz, emquanto o famoso campeão se afastava no corredor:

—«Já viram que maneiras!? Estou certo que este bruto não entrou aqui senão com o proposito de vos vêr de perto. Se tivesse a ousadia de voltar, dava-lhe duas bofetadas!...»

Desgraçadamente para o elegante, Zbysko tem bom ouvido. Voltou atraz e entrando no camarote, poz-se deante do homem do monoculo e perguntou-lhe tranquillamente, os olhos fixos nos olhos d'elle:

—«O que foi que o senhor disse?»

O infortunado não respondeu mas a sua cara tomou uma côr que faria a gloria de Veronese. E gaguejando desculpou-se:

—«Nada disse. Foi equivoco!»

—«Então a quem se dirigiam as suas phrases?»

—«A estas senhoras...»

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Convocações para ámanhã

O capitão do grupo de *foot-ball* da S. I. M. P. n.º 5, pede a comparencia dos seguintes jogadores do Lisboa Foot-ball Club ás 10 horas para jogarem contra o grupo da casa bancaria Borges & Irmão, ámanhã domingo:

Vieira, Palhé, Azevedo, Froes, Braz Barbosa (cap.), Mayer, Pacheco, Matta, A. Galvão, Aguiar, N. N. Supplentes: Barão, e Maia.

Associação de Foot-ball de Lisboa

Na sua ultima reunião a direcção resolveu:

—Consignar na acta um voto de sentimento pelo fallecimento do socio d'esta Associação, o sr. Hugo Canas Mendes.

—Approvar socios collectivos: — Grupo Desportivo do Instituto Profissional do Exercito; Calipolense Sport Club; e Associação dos Estudantes da Escola Commercial Ferreira Borges.

—Applicar ao Sport Club Imperio a pena de 60 dias de suspensão, a contar de 20 de janeiro corrente, em virtude d'um officio dirigido pela direção d'aquelle *club* a esta associação em termos attentatorios da disciplina que deve ser mantida entre esta associação e os clubs seus filiados, e actos subsequentes.

—Desistir de realisar no proximo dia 31, os projectados desafios de caridade e em beneficio do cofre da associação.

—Avisar por este meio os clubs filiados de que estão inhibidos de fazer jogos com Carcavellos Sport Club, Desportos de Bemfica e English College em virtude de estas trez aggremiações não terem satisfeito esta epoca a sua quota de filiação.

—Homologar os seguintes desafios: 1.ª cathegoria, Imperio venceu Lisboa F. C., por 4—0; Sporting venceu Internacional, por 7—0; 2.ª cathegoria, Victoria venceu C. Quebrada, por 4—0; Lisboa F. C. empatou com Internacional, por 2—2; Bemfica venceu Imperio, por 12—1; Victoria venceu Sporting, por 2—1; 3.ª cathegoria, Palmense venceu C. Quebrada, por 2—0; Sporting venceu Victoria, por 4—0; Bemfica venceu Lisboa, por 4—0; Sacavenense contra Palmense, marcou 2 pontos; 4.ª cathegoria, Bemfica venceu Sporting, por 11—0; C. Quebrada contra Lisboa F. C., marcou 2 pontos; Sporting venceu Imperio, por 3—1; Atheneu contra Palmense, marcou 2 pontos. Os desafios para amanhã, domingo: 1.ª cathegoria, Bemfica contra Lisboa F. C., em Sete Rios, ás 15 horas, juiz o sr. Francisco Stromp; 2.ª cathegoria, Bemfica contra Internacional, em Sete Rios, ás 13 horas, juiz o sr. J. Vieira; C. Quebrada contra Sporting, em Bemfica, ás 12,30 horas, juiz o sr. Mario Monteiro; 3.ª cathegoria, Sacavenense contra C. Quebrada, nas Laranjeiras, ás 13 horas, juiz o sr. Domingos Pinto; Palmense contra Bemfica, em Sete Rios, ás 11 horas, juiz o sr. Francisco Rocha; 4.ª cathegoria, Sporting contra C. Quebrada, no Stadium, ás 12,30 horas, juiz o sr. Amilcar Costa; Bemfica contra Atheneu, em Palhavã-A, ás 12 horas, juiz o sr. Alfredo Pereira.

Tiro aos pombos

Continuam activamente os treinos para as grandes «poules» de tiro aos pombos que se projectam realisar na presente epocha, entre as quaes sobresahem aquellas em que se disputarão a artistica «Taça Lisboa».

Desportos de Bemfica

A direcção d'esta aggremiação está preparando uma serie de festas de arte e de «sport», para muito breve, utilisando os seus campos athleticos e o seu grande salão de festas. Uma das melhores festas da epocha será, a apresentação da classe de gymnastica sueca infantil.

Os frequentadores do recinto da patinagem d'este centro sportivo, recinto que é o unico coberto que ha em Lisboa, teem ámanhã, desde as 9 horas, occasião de se entregarem aos seus exercicios, porque o «rink» abrirá a essa hora. A' noute, das 21 ás 24, são as horas reservadas para a reunião elegante.

Congresso de Educação Physica

Recebemos o regulamento d'este congresso, cujos organisadores marcaram uma reunião de jornalistas sportivos para a proxima quarta-feira, 26, na sede do club, ás 21 horas.

Festas associativas

Gremio de Recreio e Beneficencia 5 d'Outubro.—Por motivo de doença d'um dos amadores, não se realisa a festa annunciada para ámanhã, ficando transferida para o dia 6 de fevereiro.

Club Estephania.—Realisa-se hoje n'esta conceituada associação de recreio o segundo concerto da presente epocha, em que tomam parte as sr.as D. Isabel de Barahona Vieira e D. Adelaide Saguer e os srs. Antonio Fernando Cabral e Lourenço Varella Cid, além da orchestra do club. Terminado o concerto, haverá baile.

Academia Recreativa de Lisboa.—Promovida pela commissão administrativa ha ámanhã recita e baile, subindo á scena as comedias «Ditoso fado», «O diabo atraz da porta» e «Os ciumes».

Academia Recreio Artistico.—Realisa-se ámanhã a primeira festa promovida pela nova direcção, com o drama «A pena de morte», seguindo-se baile. A parte musical está a cargo d'um grupo sob a direcção artistica do sr. Mario Castro.

Tuna Commercial de Lisboa.—Recita ámanhã pelo grupo dramatico «Os modestos» com uma comedia em 2 actos e um drama em 1 acto, seguida de baile. Abrilhanta a festa o quintetto Cyriaco.

Club Recreativo Musical.—Ha hoje sarau dramatico seguido de «soirée». A parte dramatica é desempenhada pelo Grupo Triumpho e Gloria, a musical pelo sextetto da Tuna.

Tuna dos empregados de hoteis e restaurants de Lisboa.—Realisa-se ámanhã, ás 21 e meia horas, a primeira festa mensal do anno corrente, a favor do cofre da tuna, com as comedias «Para as eleições» e «Resonar sem dormir», e concerto pela tuna.

Brindes e calendarios

A companhia de seguros «A Popular» distribue pelos seus clientes e amigos um calendario para escriptorio, com um chromo.

Recreatorios Post-Escolares

Abre ámanhã, na escola central 18, rua das Janellas Verdes, 70, o Recreatorio Post-escolar n.º 2, devendo as alumnas já inscriptas comparecer ali ás 13 horas.

Sociedade da Cruz Vermelha

A Cruz Vermelha recebeu os seguintes donativos: tenente Augusto da Silva Fernandes (Loanda), producto de uma kermesse promovida por creanças no dia 19 de outubro findo, em casa da sr.ª D. Maria da Gloria Dias, em Loanda, 8$00; João Alvares Lourenço (Loanda) producto de um desafio de «foot-ball» em Loanda, entre o «team» do Militar Foot-ball Club, composto de sargentos, cabos e soldados e o «team» do grupo de «foot-ball» da Associação Beneficente dos Empregados do Commercio de Loanda, 13$00.

Movimento maritimo

Liverpool, «Antony» (Pará)	24
Brazil e R. Prata, «Zelandia» (Amst.)	24
Bordeus, «Flandre» (Brazil)	25
R.J., Sant. e R. Prata, «Deseado» (Liv.)	25
Braz., R. Prata e Pacifico «Orita» (Liv.)	26
R. J. e R. Prata, «Amiral Troude» (Hav)	27

os francezes tiveram mais vantagens.

Durante janeiro e fevereiro continuaram os duellos d'artilharia, que impediam ora os allemães, ora os francezes de darem os assaltos que projectavam. Esses duellos obtinham resultados variados e eram, póde dizer-se, diarios.

A 1 de março, em Bécourt, proximo de Albert, uma força allemã que tentava dar um assalto ás trincheiras francezas foi dispersa pela artilharia, sem haver necessidade de se recorrer ao combate de granadas de mão ou á carga de bayoneta.

Em Carnoy, na mesma região, os allemães, no dia 15 d'esse mez, fizeram explodir uma mina e a lucta para a posse da excavação durou alguns dias. Os que teem seguido a narrativa da lucta dia a dia podem imaginar os combates que se deram só em volta d'essa excavação, sabendo-se que o terreno é disputado palmo a palmo, que a ataques se succedem contra-ataques, e que um metro de terreno custa muitas vezes centenas, quando não milhares de vidas.

Como as auctoridades militares francezas disseram, com verdade, a 1 de março, embora n'essa phase da guerra se não désse um choque entre grandes massas, havia operações diarias de detalhe, «destruições pelo fogo d'artilharia, surprezas, reconhecimentos offensivos», e o mais activo dos adversarios que ameaçava constantemente o antagonista obtinha um grande ascendente moral.

Emquanto tudo, desde Reims a Arras, tendia a permanecer no estado de equilibrio, tal não succedia ao norte de Arras. Exactamente como na Champagne, na Argonne, nas elevações do Mosa, na face septentrional do saliente de St. Mihiel e n'algumas partes da Lorena franceza e da Alsacia, a lucta entre Arras e La Bassée era violenta e sanguinolenta.

A preza disputada era Lens e, se essa cidade cahisse, provavelmente La Bassée, Lille e talvez toda a planicie entre o Scarpe-Scheldt e o Lys. Para conseguir esse objectivo, para recuperar todo o Artois, para cortar as communicações do inimigo na Flandres e ameaçar as do sul do Scheldt e do Sambre, dois passos iniciaes tinham de ser dados: a tomada do planalto de Notre Dame de Lorette-Ablain-Carency-La Targette-Neuville St. Vaast-Vimy e o rompimento da linha allemã entre as alturas de Notre Dame de Lorette e as de La Bassée.

Ahi, como em toda a parte, os allemães não se contentavam com uma defensiva passiva. Na manhã de 1

O capitão von Papen, addido militar em Washington e que ha dias esteve em Lisboa

de fevereiro atacaram o ponto de ligação dos exercitos de sir John French e do general Maud'huy proximo de La Bassée, mas foram batidos com grandes perdas.

No dia 4, por sua vez, os france-

allemães occupavam e em mais de sete kilometros de extensão.

Mas fizeram ainda mais: occuparam uma linha que dominava o terreno na sua fronte, formando, por isso, um favoravel ponto para futuros avanços.

As perdas allemãs tinham sido grandes; a Guarda, que havia sido levada para essa parte da linha, foi cruelmente dizimada. De quatro a cinco e meio corpos d'exercito do inimigo haviam tomado parte na lucta, tendo sido aprisionados dois mil homens e mortos dez mil, grande quantidade de material havia sido tomada.

Falando d'um modo geral, as operações podiam ser consideradas como proveitosas sob o ponto de vista dos alliados. Os francezes haviam feito conservar n'aquella região uma enorme força allemã e tinham obrigado a ir para ahi ainda mais tropas.

A 16 de fevereiro, as tropas do kaiser na Champagne eram as seguintes: 119 batalhões, 31 esquadrões, 64 baterias de campanha e 20 baterias d'artilharia pezada. A 10 de março tinham sido reforçadas com 14 batalhões de infantaria de linha e seis da Guarda, um regimento de artilharia de campanha e duas baterias de artilharia pezada.

Apezar d'esse augmento de forças, o inimigo não pudera reconquistar o terreno perdido e havia sido forçado não só a não retirar tropas da Champagne, mas ainda a reforçal-as e fôra tal a necessidade de as reforçar n'esse ponto da extensa linha de batalha que se havia visto obrigado a retirar das tropas que faziam frente ao exercito inglez, seis batalhões e oito baterias, duas da Guarda.

Os proprios communicados allemães confessavam que as suas perdas haviam sido grandes, do que se póde deduzir que os effectivos eram ahi muito numerosos. N'um d'esses communicados chegava-se a admittir que o exercito allemão havia perdido mais gente na Champagne do que na lucta em redor dos lagos Mazurios, no theatro oriental.

Embora tivessem ali 14 corpos de exercito e trez divisões de cavallaria, affirmavam com a maior impudencia que apenas tinham na Champagne duas fracas divisões luctando contra os francezes desde Souain a Massiges, n'uma extensão de dezeseis kilometros, asserção que é completamente absurda.

Embora a batalha de Perthes, como póde chamar-se-lhe, não produzisse a retirada de von Einem para o Aisne, por ter detido ou impedido o transporte de tropas allemãs para a fronte russa foi sem duvida uma causa das victorias russas entre 25 de fevereiro e 3 de março no Nareff e certamente, fazendo retirar tropas da Flandres, facilitou aos inglezes a victoria da batalha de Neuve Chapelle.

Antes de se deixar de falar na batalha de Perthes vamos descrever o combate do bosque de Sabot, uma acção subsidiaria na região á esquerda do campo de batalha.

De Perthes a Souain corre uma estrada que segue mais ou menos ao longo da crista dos outeiros que se estendem para além de Souain. Ao norte, ficavam as trincheiras allemãs; ao sul, abrigada pelo terreno, a primeira posição franceza. Para sustentar esta, era necessario apoderar-se da linha da cumiada que seguia de leste para oeste atravez do bosque Sabot. Havia sido fortemente fortificada pelos allemães e era occupada pela landwehr bavara.

As trincheiras francezas n'esse tempo estavam á distancia de trinta a cento e noventa metros das allemãs, sendo a mais proxima na extremidade de Sabot, a mais distante em Perthes.

A 7 de março foi dada ordem para ser tomada a posição allemã, preparando-se dois batalhões francezes para isso. O assalto foi, como era natural, precedido d'um violento fogo d'artilharia e depois um batalhão avançou d'oeste contra o cume do Sabot, no passo que o outro

Dissolução da Firma Silva & Cunha

Tende-se dissolvido a firma Silva & Cunha, por escriptura de 13 de janeiro corrente, previne-se o publico e em especial os ex.mos clientes da firma dissolvida, que o ex-socio Manuel de Jesus Marques e Silva vae abrir sob a firma individual MARQUES SILVA, um novo estabelecimento de moveis e estofos na rua da Palma n.os 140 a 144 onde continuará com a mais perfeita exactidão e pontualidade, a executar todas as ordens com que os seus estimaveis clientes e amigos o queiram continuar a honrar.

A sua longa pratica e largos conhecimentos d'este ramo de negocio, serão sufficiente garantia á boa execução d'essas ordens que antecipadamente agradece.

Lisboa, 19 de Janeiro de 1916.

Manuel de Jesus Marques e Silva

Segue reconhecimento.

fazia um ataque mais ou menos directo pela direita.

O ataque pela esquerda tinha menos espaço a percorrer e ao primeiro avanço foi alcançada a extremidade do bosque, mas ahi um tremendo fogo de muitas metralhadoras obrigou-o a fazer alto.

O ataque pelo sul, não obstante ter de percorrer maior espaço, foi melhor succedido. O avanço da infantaria franceza, ganhando impulso á medida que progredia, cahiu com irresistivel vigor sobre os allemães, repelliu-os da sua primeira linha e apoderou-se da segunda. Avançando ainda mais, os francezes chegaram á orla septentrional do bosque, mas ahi uma trincheira; que os allemães haviam feito perpendicularmente ás suas linhas exteriores, tomou os francezes de flanco, obrigando-os a retirar para a segunda linha allemã, onde conseguiram manter-se.

Durante a noite nada menos de quatro tentativas para recuperar o terreno perdido foram feitas pelos allemães, mas todos sem exito.

Ao romper do dia, uma nova tentativa foi feita e alguns francezes sustentaram o choque, mas o coronel que comamndava o regimento avançou sobre os allemães á bayoneta, desalojando-os de Sabot e repellindo-os para leste.

Assim, em dois dias de lucta havia sido feito um consideravel avanço. De 9 a 12, numerosos recontros habilitaram os francezes a fortificar a sua posição e a estendel-a mais para o extremo de Sabot. Grandes partidas de sapadores excavaram trincheiras de communicação, que levavam da retaguarda á posição franceza, facilitando assim a approximação de reforços e a remoção dos feridos.

No dia 14, outra tentativa foi feita para tomar uma trincheira allemã que ligava as testas de trez communicações. A primeira tentativa foi mal succedida; uma outra foi marcada para o dia 15.

A's 4 horas e meia da manhã, duas companhias francezas avançaram ao assalto e dentro em pouco as tropas inimigas eram atacadas á bayoneta. O resultado a principio foi bom, mas o avanço foi detido por um «blockhouse» armado de metralhadoras, sendo os francezes repellidos.

Comtudo outro ataque foi dado, mas foram necessarias duas horas de heroicos esforços antes do «blockhouse» ser tomado. Mesmo assim o inimigo nada poude fazer e dois violentos contra-ataques foram feitos logo apoz o romper do dia.

Foram repellidos á bomba, respondendo os allemães de modo egual. Evacuaram o bosque, deixando-o em poder dos francezes, conservando-se apenas n'uma pequena trincheira na sua extremidade nordeste.

Como dissemos, se von Einem, depois de receber reforços, pudesse tomar a offensiva, seguiria para oeste, avançando entre o Aisne e o Marne para o Oise. Durante a batalha de Perthes houve uma indicação de que estava, talvez, pensando em dar um passo d'esse genero. Durante a noite de 1 para 2 de março toda a fronte franceza desde Bétheny por Reims até Prunay foi violentamente bombardeada.

A's 2.15' da manhã, os allemães pronunciaram um ataque proximo de Cernay, e tres quartos de hora depois, sob um chuveiro de metralha, um outro entre a herdade de Alger e Prunay. Esses ataques eram, porém, simulados e ao romper do dia o principal esforço allemão foi dirigido contra a herdade de Alger ao norte do forte de La Pompelle.

Precedidas por uma esquadrilha de torpedeiros aereos, duas columnas allemãs avançaram, mas, detida pelo fogo das metralhadoras francezas e por um diluvio de shrapnels, essa carga, assim como a lucta da noite, foi um completo insucesso.

No entretanto, no Aisne, desde Berry-au-Bac até Compiègne, haviam-se dado successivos duellos de artilharia, mas não houvera acção alguma importante.

A victoria de Soissons fôra seguida da cessação da offensiva allemã. Os canhões de Maunoury impediram que Kluck atravessasse o rio e bom-

bardearam as estradas que conduziam á fronte do general allemão, as estações e os caminhos de ferro por elle utilisados e as posições dos seus canhões e metralhadoras.

A artilharia de von Kluck mostrou egual actividade, mas não conseguia acertar tão bem no alvo. Para prova, basta dizer que a 1 de março duzentas granadas foram arremeçadas para dentro de Soissons, cuja existencia, como a de Reims, a de Arras e a de Ypres causava engulhos aos representantes da «kultur» teutonica.

Uma desgraça succedida aos alliados deve aqui ser recordada. No dia 12 de março, o general de Maunbury e o general de Villaret, um dos seus commandantes, foram gravemente feridos quando andavam inspeccionando a posição da primeira linha de trincheiras allemãs, que n'esse logar ficavam a uma distancia de trinta a quarenta metros.

Maunoury ficou gravemente ferido no olho esquerdo. O bravo e habil vencedor da batalha do Ourcq—a acção que mais do que todas as outras decidiu da batalha do Marne—teve de ser conduzido para o hospital. Em agosto havia elle feito uma visita á sua casa em Loir-et-Cher, onde o velho general estava passando, reformado, os ultimos dias da sua vida, dedicando-se á agricultura.

Como Cincinnatus, a quem os seus concidadãos o comparavam, voltára ao serviço do exercito e provára que é um erro suppôr-se que um velho soldado é forçosamente timido e incompetente.

«Sempre se ha de encontrar um pequeno logar para mim»—dissera elle a alguem que lhe fazia uma pergunta a respeito do que tencionava fazer.

Esse logar era o de governador de Paris, vago pelo facto do general Galliéni—o seu auxiliar na batalha do Marne—ter succedido a Millerand no cargo de ministro da guerra no gabinete Briand.

A noticia dos ferimentos feitos a Maunoury e a Villaret causou grande jubilo aos allemães.

A 14 de março e a 22, a cathedral de Soissons foi de novo bombardeada. A replica dos francezes foi irem os seus aviadores arremeçar, no dia 22, explosivos sobre os aquartelamentos de La Fère e as estações de Anizy, Chauny, Tergnier e Coucy-le-Château.

Os aviadores francezes desenvolveram uma grande actividade n'esse periodo. Um d'elles lançou bombas sobre os aquartelamentos e a estação de Freiburg, em Baden. A 27 de março, uma esquadrilha de dez aviadores atacou os «hangars» d'aviação de Frescaty e a estação de caminho de ferro de Metz, assim como os aquartelamentos a leste de Strasburgo.

A audacia dos aviadores allemães tambem se patenteou por diversas vezes. A 30 de março, por exemplo, um d'elles bombardeou a sacristia da cathedral de Reims.

Voltando á area entre o Oise e Arras, em fevereiro e março de 1915 pouco havia ahi, a não ser o que já se tinha dado nos mezes anteriores, que mencionar. A 28 de janeiro—o dia seguinte ao do anniversario natalicio do kaiser—os allemães haviam dado um ataque na região de Bellacourt, que lhes custára muitas vidas.

A 1 de fevereiro houve um recontro ao norte de Hamel. Na noite de 6 para 7, os allemães fizeram explodir tres minas em frente do grupo de casas em La Boisselle, a nordeste de Albert, occupadas pelos francezes. Quando o fumo se dissipou, estes viram que tres companhias inimigas haviam sahido das suas trincheiras e estavam avançando por entre as ruinas dos edificios.

A infantaria e a artilharia francezas impediram, porém, que os allemães pudessem apoderar-se das escavações formadas pela explosão. A's 3 horas da tarde uma companhia deu um ataque e os allemães foram desalojados, perdendo os francezes 150 mortos e muitos feridos.

Durante os dias seguintes d'ambos os lados se procedeu a trabalhos de sapa, seguidos de explosões, mas

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1963—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, L.º

LISBOA—Domingo, 23 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, l.º
Officina da Impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O enterro do dictador

Os seus cumplices, os seus cooperadores e aquelles em que julgava apoiar-se, acompanham-o, contristados, á valla commum

O livro de Pimenta de Castro é singularmente interessante sob varios pontos de vista. Um d'elles, e decerto o mais significativo, é o de permittir averiguar o que o dictador, levado ao poder pelo famoso «movimento das espadas», e com o apoio de varios elementos politicos, pensa ácerca d'esses elementos e da força em que se presumia sólidamente estribado. Para cada caso elle tem uma apreciação, e cada uma d'essas apreciações constitue uma especie de «billet doux» que o plumitivo general endereça áquelles mesmos que o defenderam e procuraram sustental-o nas alturas a que ascendera.

Assim vejamos o que diz Pimenta de Castro ácerca do exercito, por elle considerado, ao tomar conta do poder, como irmanando-se absolutamente com os officiaes do «movimento das espadas».

Bilhete ao exercito:

Com as nossas forças de mar e terra gasta o paiz milhares de contos de réis, e vive na doce illusão de que tem uma armada e um exercito em condições de o defender e desaffrontar.

E mais adeante, referindo-se á attitude das forças que não se revoltaram contra a dictadura:

«O conselho de ministros, colhidas e apreciadas as noticias dos acontecimentos, vendo que, das forças do governo, umas se passaram para os revoltosos, outras abandonavam o seu posto, outras não agiam...

Era com o prestigio e a força do exercito que Pimenta de Castro dizia governar. Considerava-se o delegado d'esse exercito, a que attribuia os propositos de dirigir os destinos da nação. E comtudo é elle mesmo que passa a esse exercito o attestado de incapacidade para defender e desaffrontar o paiz, e por fim o diploma de traidor ou de cobarde, visto affirmar que uma parte se passava para os revoltosos, a outra fugia do combate e a outra permanecia inactiva perante o ataque ao governo. Grande delegado, grande defensor tinha o exercito no sr. Pimenta de Castro!

Mas se o exercito que o dictador considerava a sua força, assim é por elle tratado, vejamos como elle define os que collaboravam com elle no poder.

Bilhete aos seus collegas do ministerio:

«Os meus collegas em geral, aferrados a obsoletas praticas governativas, não desdenhavam o nephelibatismo, que tudo resolve com largo formulario de palavras e mais palavras, ordens atraz d'ordens, syndicancias sobre syndicancias, para tudo continuar na mesma ou peor ainda: — á maneira dos antigos frades, cujas desavenças, apparentemente solucionadas com um latinorio conceituoso, proferido em voz confortada pelo seu padre mestre, apenas ficavam latentes, para logo ressumbrarem mais accesas.

Os seus collegas no ministerio eram isto, e comtudo era com esta gente que elle dizia querer imprimir á politica portugueza novas direcções, para a execução d'um phantastico plano nacional, que nunca ninguem descortinou qual fôra. E era a este anecdotico personagem e aos seus cumplices, assim por elle descriptos, que elementos politicos de varios matizes, outhorgavam uma confiança absoluta para o que diziam ser a salvação da patria!

Vejamos agora o que elle pensa dos partidos que o apoiaram.

Bilhete aos marechaes unionistas:

«Cada dia que passava, sem que a porta se lhe abrisse, os ia exasperando mais e mais. O não terem conseguido algumas nomeações, que indevidamente queriam para os seus, assim como a suspeita de que eu preparava para os evolucionistas a deixa do governo, levou-os ao rubro, até que se bandearam a tomar parte no crime de 14 de maio.

Os unionistas só tinham a ambição do poder; os unionistas só queriam algumas nomeações. E' assim que avalia o seu concurso á obra em que elle fracassou, o dictador que tantas vezes foi acclamado no orgão d'um partido como sendo o salvador da Patria e da Republica!

Bilhete aos marechaes evolucionistas:

Os successos assignalados (os da lucta no 14 de maio) vieram patentear que o coronel Coelho estaria melhor n'esse logar (o de presidente do conselho superior de administração financeira do Estado) do que no commando de tropas, porque teria evitado revelar-se, como se revelou, por occasião da revolta.

E' ao sr. coronel Manuel Maria Coelho, uma das figuras prestigiosas do 31 de janeiro, republicano de velha data, que o general Pimenta de Castro passa um diploma de cobardia! E comtudo ainda hoje os evolucionistas defendem a dictadura; ainda consideram o auctor do folheto em que respigamos estas amabilidades, um bom republicano, um patriota, um general distincto e um estadista notavel, reclamando com criterio as suas responsabilidades por o terem acompanhado até á ultima!

Bilhete aos monarchicos:

Depois da amnistia de 20 de abril de 1915, os monarchicos, julgando-se com razão no goso da liberdade, que disfructavam os outros portuguezes, dão em organisar os seus centros, com que breve tornaram manifesto o seu desprestigio e a sua fraqueza. Um dos seus marechaes, porventura o mais cotado pela sua eloquencia, vivacidade e intelligencia, semelhou espirituosamente o primeiro d'esses centros a uma reunião de archeiros da Casa Real em dias de gala.

Ninguem, mais do que os monarchicos, apoiou e enthusiasticamente animou o dictador a seguir na senda que encetára, e em cujo termo presumivelmente anteviam a restauração da monarchia. «General, vista a farda!» gritava o seu orgão mais combativo. O general vestiu a farda, para se encafuar no quartel do Carmo; mas os monarchicos tambem não vestiram as suas fardas de archeiros da Casa Real para o defenderem na lucta em que o poder se subverteu. Isso não impede que tenham continuado a thuribural-o, parecendo que só para essa cerimonia ritual é que não dispensa as fardas a que o dictador alegremente allude.

Resta a imprensa que o defendeu, e a que com mais calor n'essa tarefa se empenhou foi, sem duvida, a monarchica. Não a esqueceu o sr. Pimenta de Castro, que não é homem para que se dispense de cortezias e gentilezas.

Bilhete á imprensa que o apoiava:

«Pois essa mesma imprensa segue agora satisfeita com o regresso á antiga sujeição, levando de gracejo o terem novamente de encolher a lingua e encurtar a pena (se bem que continuem livres e desenvoltas as dos formigas e quejandos) e de se desculpar por não transcrever na integra as cartas dos seus correspondentes, com o fundamento de que o seguro morreu de velho e de que sahem caros os empastellamentos, suspensões e apprehensões».

Não se póde ser mais amavel do que o velho general na elegancia dos seus gestos, e é de presumir que a imprensa lhe retribua com novas expressões de admiração e carinho.

Eis o que pensa o dictador de todos os que o auxiliaram, ou cujo apoio elle considerava seguro. Já vimos que se não pode ser mais expressivo. Não esqueceu ninguem. E' de crer que por isso mesmo não deixem de o acompanhar ao seu enterro, em que o cobre, como medalha, o papel allemão do seu livro, até á valla commum para que os seus meritos e os seus serviços o designam. A nós só uma impressão nos fica. Essa impressão é a de que, como os seus apaniguados proclamam, a revolução do 14 de maio não era realmente necessaria. Para acabar com a dictadura, bastaria,—estamos agora d'isso convencidos—ir ao Terreiro do Paço, subir aos ministerios, e pôr fora, por um braço, o chefe d'esse governo ridiculo e os seus collegas, que tão apropriadamente descreve.

ASSISTENCIA AOS ALIENADOS

O que se passa no Porto

Doidos ha quasi quatro annos no Aljube — Um esclarecimento do nosso redactor n'aquella cidade

«...Sr. Manuel Guimarães, director de «A Capital»:—No ultimo artigo do nosso brilhante camarada sr. Guedes de Oliveira, nega-se terminantemente a informação do meu medico distincto que no bilhete que me dirigiu e foi publicado em «A Capital» de 16 do corrente affirmou existirem no Aljube dois desgraçados doidos «ha quatro annos»—a fazer em março proximo.

Enganou-se mais uma vez o distincto medico, escreve o nosso collega.

E, depois de expôr que a administração no hospital é feita á medida que se dão as vagaturas, accrescenta:

A doente Serafina não está no Aljube ha quatro annos; está ali desde 3 de maio de 1914, ou seja menos alguns mezes de dois annos. Em seis de julho do mesmo anno de 1914 foi que a auctoridade requisitou a inscripção da doente para quando lhe coubesse a vez de ser internada. Assim está ha menos de dois annos no Aljube e ha menos tempo ainda inscripta para a admissão.

O illustre medico não citou o nome do outro infeliz que o Aljube agasalha. Não posso por isso esclarecel-o; não me repugna todavia crêr que as circumstancias devem ser as mesmas da Serafina.

Ora, como se trata de uma affirmação de factos, que já teve echo no parlamento, e como eu fui sempre o mais escrupuloso possivel em informações da gravidade d'esta, cumpre-me,—pela minha probidade profissional,—provar que o meu medico não se enganou mais uma vez e que quem se enganou foi o informador do sr. Guedes de Oliveira.

Vejamos.

—Em 23 de fevereiro de 1914, escrevi em «A Capital» um artigo com este titulo:—«A prisão do Aljube transformada em manicomio». N'esse artigo refiro um dialogo com o director do Aljube, onde ha esta passagem:

«—Dos homens, não está ahi um tal Simão?

«—Está ha anno e meio. Tem já o cabello crescido como uma mulher.

«—E a Seraphina?

«—A Seraphina vae fazer dois annos em março».

D'aqui se conclue, meu prezadissimo camarada, que—se a Seraphina fazia «dois» annos de prisão em março de 1914—faz «quatro» annos em março proximo, como o meu medico affirmou.

Mas, ha mais:

Em «A Capital» de 28 de junho do mesmo anno de 1914, n'um artigo com o titulo «A falta de hospitalisação» e referindo-me a uma visita que o governador civil de então, sr. Peres Rodrigues, fizera ás prisões do Aljube—de que ficou horrorisado—affirmei tambem: «No Aljube estão dez desgraçados doidos que alli apodrecem ha «dois» annos». E escrevi ainda: «As prisões dos pobres doidos são pavorosos covis».

No emtanto, a melhor maneira de provar que o meu medico,—affirmando que ha doidos no Aljube a fazer «quatro» annos em março proximo—se não enganou e disse uma tristissima e afflanceante verdade, é examinar o livro de registo de entradas no Aljube.

Ora, d'esse livro consta o seguinte:

—Seraphina: entrou em 1 de março de «1912».

—Simão Maria Pinto: entrou em 6 de setembro de «1912».

—Delphina de Jesus, de Lamego, freguezia da Sé: entrou em 17 de dezembro de «1912».

Alguem poderá perguntar:

—Mas se, como v. disse, em junho de 1914 havia no Aljube dez doidos «ha dois annos», como é que agora só apparecem tres com entrada em 1912?

—Por esta circumstancia: alguns foram requisitados pelas familias e outros tiveram a suprema ventura de... morrer, antes de lhes chegar a vez de entrada no hospital, como se deu com A. da S. Leal.

Tem a Santa Casa culpa alguma n'esta absoluta falta de assistencia, n'esta crudelissima barbaridade social?

Não o affirmei nunca, como censura aos seus actos administrativos. Constatei apenas o facto, lamentando-o e sentindo-o.

Ainda n'um artigo de «A Capital» de 23 de abril do anno findo, tratando do hospital da Cidade, demonstrei que a Santa Casa, hospitalisando 600 doentes diarios, apenas hospitalisava metade da população indigente, porque,—devendo contar-se 6 leitos por cada 1.000 habitantes,—o Porto precisa, pela sua população, pelo menos de 1.200 leitos.

E affirmei que a Santa Casa fazia mais do que podia e que teria, talvez, de reduzir a sua acção beneficente, por terem accrescido os seus encargos e decrescido as suas receitas, especialmente doações testamentarias.

No entanto, apezar da mizeria augmentar, avolumando-se as requisições de hospitalisação, por parte de particulares e por intermedio das auctoridades administrativas e policiaes, o hospital da Cidade—que já podia ter alguns pavilhões a funccionar—ainda nem sequer começou a construir-se.

Já vê o meu illustre e prezado camarada sr. Guedes de Oliveira que não é preciso convidar-me a abrir uma campanha no sentido de conseguir que os governos intervenham efficazmente na assistencia publica.

De ha muito que o venho fazendo, não com o brio e a galhardia da sua pena, mas com a sinceridade dos meus sentimentos de humanidade.

Quem a pode abrir brilhantemente é o distincto publicista, na sua «Tribuna Livre», com o fogo do seu enthusiasmo sempre moço por tudo o que é de justiça, por tudo o que representa a verdade e o bem.

E conte, então, ao seu lado, o seu camarada, admirador e amigo

Silva Esteves

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Estão já publicados seis volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 183, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, e o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Poeira da Arcada

Um guarda que hontem fazia serviço no Alto do Pina, apprehendeu a um ferro-velho dois sabres-bayonetas que um individuo qualquer lhe vendera havia pouco. Chamado este, declarou que os houvera de um professor que, por sua vez, disse que os retinha em seu poder, desde 6 de outubro de 1910, data em que deixaram de pertencer ao Arsenal do Exercito.

Os sabres estão agora no governo civil, a fim de se proceder a averiguações.

Que se apurará? Provavelmente a confirmação da breve historia que, n'estas rapidas linhas, se conta, e que, apesar de tudo, merecia entrar nos «Apologos» de D. Francisco Manuel de Mello.

—N'uma manhã de rutilo enthusiasmo, o povo correu aos depositos de armas e veiu com ellas para a rua, a fim de collaborar n'uma lucta de ideias que urgia resolver.

Restabelecida a paz, os patriotas entregaram a quem de direito os instrumentos da victoria. Alguns, porém, não se deram pressa em o fazer e ficaram-se contemplando embevecidos o que não era seu. Foram desandando os dias, os mezes e os annos... E que se viu? Essas armas esquecidas começaram a entrar no trafico subalterno das casas de penhor e dos ferro-velhos. Quer isto dizer que a fé dos combatentes se venalisou? Nada d'isso. Trata-se simplesmente de fazer voltar ao ponto de partida, passando-as de mão em mão, algumas armas que a ferrugem poderia estragar.

Um professor, um individuo qualquer, um ferro-velho, um civico, o governo civil e Arsenal do Exercito —eis os termos essenciaes d'esta restituição.

Quando todo o desarrumado material de guerra esteja integralmente na posse do Estado, então se verá que o regimen actual, para se manter de pé, só carece do apoio dos peitos leaes. As abelhas encorticando os seus enxames nos centros de má lingua, e nos clubs descontentes e rebeldes fabricarão um mel saborosissimo que nós daremos a provar aos povos que se mostram desconfiados a respeito das nossas virtudes.

Os amargos pessimistas que nos jornaes espalham apprehensões e terrores, a vêr se tornam o amarello a côr da moda, calar-se-hão, como se calam as corujas quando a manhã, das portas do Oriente, expulsa das terras dormentes as sombras do derradeiro pesadello.

Migalhas

Um poeta morto

Recebi hontem a reedição do livro de José Duro e tornei a ver o seu auctor, deitado no caixão, vestido com a sua farda de caçadores, no desconforto d'aquelle quarto de estudante onde elle tossira os ultimos bocados de pulmão escrevendo derradeiras estrophes do «Fel». José Duro agonisante e morto são os meus dezaseis annos, é a «Clarea», esse cenaculo onde se juntavam Silvio Rebello, Nunes Claro, Santos Tavares, onde appareciam Mayer Garção e tantos outros, onde nasceu por assim dizer esse «D. Quixote», que Leal da Camara illustrou com o seu lapis de principiante, em cuja saleta estreita se declamavam versos que nunca foram editados e em cujo pateo minusculos e construiu um canoa que nunca navegou.

José Duro viera não me recordo de onde, compuzera os seus poemas nos recantos do jardim Botanico e na solidão d'uma trapeira e por fim elles appareceram nas livrarias, timidos e esquecidos, como era o seu auctor. Um pontifice das lettras Abel Botelho, descompunha-o immediatamente no «Dia», criminando um poeta de vinte annos de não amar a vida e escrever cousas tão dolorosas, quando a existencia é tão bella, o sol de Portugal tão lindo... Poucas horas depois José Duro expirava, Abel Botelho escrevia um segundo artigo, pedindo desculpa a um morto, e aquelle enterro sahia d'uma das travessas, onde abundavam n'esse tempo as pensões de estudantes, apenas seguido d'uma escassa meia duzia de amigos, n'uma invernosa manhã de janeiro. A' porta do cemiterio esperava-o de botas altas e bigodes, o commandante do regimento a que José Duro pertencia. Incorporou-se silenciosamente no diminuto prestito, acompanhou-o até ao coval humilde onde o poeta do «Fel» ia apodrecer e, á sahida, precisando dizer alguma cousa, ainda que fosse uma tolice, não se conteve que não declarasse a um do melancholico rancho:

—Ouvi dizer que este moço versejava com certa facilidade...

Foi esta a oração funebre do José Duro, que escrevera a «Rustica» e «Bacchantes».

Passaram-se dezeseis annos. Nenhum de nós, que o amámos um pouco ou muito, poude esquecel-o e esse livro, reapparecendo agora, tão sinceramente bello e tão cruamente doloroso como na hora da sua primeira edição, traz-nos uma grande saudade não só d'elle, como de nós proprios. Já la vae tanto tempo!

André Brun

O LIVRO DO DICTADOR

Pimenta de Castro, germanophilo

Como finalmente se explica a marcada sympathia do general pelos allemães

Disse em tempos *A Capital* que o governo Pimenta de Castro comprommettia a nossa politica externa em virtude do exaggerado germanophilismo do seu presidente. Já depois da revolução do 14 de maio, quando o dictador se encontrava a bordo do *Vasco da Gama*, a nossa affirmação foi confirmada por frequentes manifestações de sympathia pela Allemanha que Pimenta de Castro se não pejava de exhibir nas suas conversas. Hontem, transcrevemos do burlesco folheto que sob a égide do seu nome tentou correr mundo, um trecho em que o auctor allude á participação de Portugal na guerra ao lado da Grã-Bretanha, que elle classifica algures de *altiva e arrogante Albion*.

N'esse trecho se declara Pimenta de Castro, allegando razões confusas e improcedentes, absoluto adversario da nossa intervenção na guerra. N'outro ponto do livro, lê-se o seguinte ácerca da acção exercido pelo governo da sua presidencia:

—Alienou por completo a nefasta politica de diferir a satisfação de compromissos internacionaes, o que só por amigavel complacencia ia sendo tolerado. A Portugal é mais do que improprio, é nocivo e perigoso, tomar a mentira por norma governativa.

—Recusou-se a continuar presenteando a nossa fiel alliada com armamento do nosso exercito, porque, além da pactuante generosidade do pobre dar ao rico acceitante, não é licito aos ministros dispôr a seu bello prazer dos haver da Nação, doando-os a estranhos. E o exercito ficou em condições de nem ao menos poder salvar a honra da Patria, quando victima de inesperado insulto.»

Estas fugidias apparencias de raciocinio, onde a flagrante contradição de se classificar a Inglaterra de *fiel alliada* e logo, seccamente, de *estranha*, não servem mais que para encobrir a verdadeira razão do odio votado pelo antigo dictador á Grã-Bretanha. E' que Pimenta de Castro não era apenas um germanophilo, era um ferrenho admirador de Guilherme II e da sua politica. A prova está na allusão que faz no seu folheto á celebre entrega do cartão de visita ao ministro allemão, logo no começo do seu desastrado governo:

«Como era da praxe, e por dever de cortezia, o meu ajudante de campo foi á embaixada allemã (*sic*) deixar o meu cartão no dia 27 de janeiro, anniversario do imperador.

«Devo comtudo notar que pessoalmente não deixaria eu de proceder da mesma fórma, se estivesse em condições e em situação de o fazer. Guilherme II, em 25 annos do seu imperialato, sem jámais descurar a segurança e a defeza da sua patria, conseguiu que a Allemanha sobrelevasse ás outras nações nas sciencias, nas artes, no commercio, na industria, emfim em quasi todas, senão em todas as manifestações da actividade humana, até mesmo na liberdade. O que lhe conquistou a admiração e o respeito de todos quantos são dignos de conhecer, apreciar e acatar as elevadas e distinctas qualidades de um homem, que é chefe da mais adeantada nação da actualidade. Durante esses largos annos, o Imperador da Allemanha não procurou implicar com as outras nações, o que bem prova ser Guilherme II um pacifista por indole e por feição. Desembainhou a sua espada, antes que os invejosos lhe cravassem a d'elles.»

Isto diz tudo. Fica assim explicada a má vontade do ex-dictador contra a Inglaterra, e a sua indifferença pelas consequencias de Naulila, que, na sua opinião, expressa ainda no folheto, foi provocada por nós proprios!

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 22—Canhoneamos efficazmente algumas obras inimigas. Proximo do canal de Commines houve explosão de minas, o que prejudicou as nossas trincheiras, mas occupamos a excavação.—(*Havas*).

PARIS, 23—Communicação official das 15 horas:

Nada digno de menção a registar. —(*Havas*).

A campanha na Russia

PETROGRADO, 22 — Official. — Repellimos ataques ao norte de Tzartorysk e no curso médio do Strypa. Apoderamo-nos da aldeia do Dabrova. A nordeste de Czernovitz está travado um encarniçado combate. Continua a perseguição do exercito turco na região do lago Tortum, tendo nós feito alguns prisioneiros e tomado material. Perto dos fortes de Erzeroum os cossacos acutilaram a rectaguarda turca, fazendo um milhar de prisioneiros. Bombardeamos os fortes de Erzeroum.—(*Havas*).

Um vapor hollandez afundado

LONDRES, 22—Diz o Lloyd que o vapor hollandez *Apollo* foi afundado, morrendo tres pessoas e sendo grande o numero de feridos. O vapor *Juliana*, da mesma nacionalidade, recolheu os sobreviventes.—(*Havas*).

Um novo romance de Sousa Costa

Será esta semana posto á venda o novo romance de Sousa Costa, nosso illustre collaborador, intitulado *Regresso á felicidade* e que elle denomina «novela naturista». A edição pertence á Livraria Classica Editora e a obra, a que opportunamente nos referiremos com a largueza que merece, está destinada, segundo nos consta, a causar grande ruido.

"Miau!"

Está publicado o primeiro numero d'um novo semanario de caricaturas destinado, sem duvida, a um grande exito. Intitula-se *Miau!* e publica-se no Porto. O seu triumpho está assegurado desde que se saiba que a sua redacção é composta pelo illustre jornalista Guedes de Oliveira e pelos brilhantes caricaturistas Leal da Camara e Manuel Monterroso e que um dos seus collaboradores effectivos é André Brun.

Este primeiro numero traz magnificos desenhos e prosa e versos humoristicos que sem favor classificaremos de excellentes. A apresentação, de Guedes de Oliveira, é um modelo de graça, mas d'aquella admiravel graça que faz sorrir e não gargalhar, graça que não offende nem susceptibilisa, toda ella finura e delicadeza de espirito e que constitue o segredo do delicioso humorista que é o nosso querido collega do *Primeiro de Janeiro*.

Movimento academico

Faculdade de Direito

Para se decidir qual deva ser a attitude a tomar perante a annulação da matricula em Confissões Religiosas aos alumnos do 3.º anno juridico, realisa-se amanhã uma reunião magna, pelas 13 horas, no palacio Valmor.

Folhetim d'A CAPITAL -1-1916

O FIM

Ha um aspecto da guerra que se me afigura necessario frisar n'este momento. Refiro-me ao caso do Montenegro que, apoz uma resistencia heroica, reconheceu a impossibilidade de triumphar da avalanche dos seus inimigos. Em vista d'essa impossibilidade, o Montenegro pediu a paz. E a paz foi-lhe proposta em condições taes que esse pequeno povo de montanhezes, absolutamente privados de qualquer esperança de salvação, novamente empunhou as armas, impellido por uma ancia de desespero que só pode converter os heroes em martyres.

Confinados no seu exiguo territorio, os montenegrinos, até agora, não tinham uma acção na guerra. Eram alliados da Servia. Pertenciam áquella confederação balkanica que ha annos se formou para arrostar com o despotismo turco. O mundo inteiro seguiu com enthusiasmo e paixão essa lucta de resgate. A Turquia foi vencida, e um clamor de jubilo saudou a derrota do velho imperio oriental que durante tanto tempo curvara a um ferreo jugo nacionalidades distinctas. Pertencia a essa confederação a Grecia, que queria recuperar o territorio hellenico, e quando a vimos marchar, com a sombra de Canaris a indicar-lhe o caminho do combate, a Europa liberal estremeceu com uma vibração profunda. Fôra a essa Grecia que a França, a Inglaterra e a Russia tinham dado a liberdade e a independencia. Pertencia a essa confederação a Bulgaria, que á Russia devia tambem a posse dos seus destinos. Mas agora, quando a sorte dos grandes paizes que firmaram as suas nacionalidades se viu em perigo, n'uma lucta que teve como inicio a salvação d'um povo ao lado do qual se engrandeceram, a Servia, nem a Grecia nem a Bulgaria desembainharam a espada em seu favor. A Grecia mantem-se n'uma altitude pretendidamente expectante que já vae tomando o aspecto da hostilidade contra a França, a quem deveu a sua independencia, e a Bulgaria não hesitou. Lançou-se na lucta, combatendo a Russia; lançou-se na lucta, ao lado da Turquia!

* * *

Só o Montenegro permaneceu fiel ás suas tradicções, á lealdade da sua camaradagem com a Servia. Só elle se mostrou sempre no mesmo campo. Esse pequenino povo, que possue um grão de terra, é admiravel de heroismo e de caracter. A sua bravura não conhece limites. Quando a confederação balkanica entrou na guerra com a Turquia, quem primeiro avançou foi ella. E até ao fim se bateu, sem olhar a nenhuma especie de perigos. Não era uma exercito que se batia: era todo o Montenegro, todos os seus homens validos, as proprias mulheres, as creanças, tudo isto, não attingindo sequer o effectivo d'um verdadeiro exercito.

Desencadeia-se a conflagração europeia, e o Montenegro declara-se ao lado da Servia. Mas ainda não tivera ensejo de entrar em lucta. Os imperios centraes, em que domina a hegemonia militar do imperialismo allemão, não tinham d'elle outro aggravo que não fosse a declaração da sua absoluta solidariedade com a Servia, sua alliada, sua irmã de armas. Todavia, chega a occasião do choque. Mercê da sua infinita superioridade, os inimigos do Montenegro invadem o seu pequeno paiz. A campanha é rapida. Algumas semanas apenas. Os montenegrinos batem-se na proporção de um contra dez. Por fim, pedem a paz. E como lhes é offerecida a paz? Em condições tão affrontosas, que os montenegrinos, sem nenhuma esperança de salvação, preferem continuar luctando.

* * *

E' preciso que todos se capacitem de que a victoria da Allemanha e dos seus alliados daria em resultado o esmagamento dos seus adversarios, tanto os que para essas nações representam os mais formidaveis inimigos, como aquelles que de qualquer forma se manifestassem contra o seu poderio. A guerra que a Allemanha faz é sem mercê. Já hoje não esconde os seus designios, e todavia ella bem sabe que o seu triumpho definitivo é cada vez mais incerto. Se amanhã lograsse esse triumpho, a que espantosos extremos não chegaria o seu espirito de dominio e a sua inegavel dureza. Todos soffreriam o pezo da sua espada de bronze na balança em que se decidisse o tremendo litigio. O grito de Brenno: «Ai dos vencidos!» resoaria de novo pelo mundo, como um pregão de força omnipotente, cruel e dominadora.

Se ao Montenegro se impõem condições que esse pequenino povo se vê forçado a repellir, preferindo luctar sem esperança, o que equivale á acceitação d'um suicidio embora sublime; se isso se faz ao Montenegro que tão apagado papel teve na contenda,—que faria a Allemanha á Inglaterra, que merece o seu maximo odio, á França que ella detesta como a sua grande rival militar? Que faria á Russia, que faria á Italia, que procuraria fazer ao Japão, logo que libertasse a sua poderosa esquadra? Que nos faria a nós que ella sabe que somos fieis alliados da Inglaterra, não tendo ainda entrado em lucta por motivos que não são certamente de sympathia pela causa germanica? Todo o mundo que se levantou contra a Allemanha, protestando contra o seu delirio imperialista, pugnando pela liberdade europeia e pela cultura de nações que lhe são adversas, sentiria o peso da sua espada. Se tem sido collossal o esforço da Allemanha na guerra, como seria esmagador o seu predominio caso o final triumpho lhe sorrisse!

* * *

Haverá quem o duvide? Se ha, que se desilluda. A lucta é de vida ou de morte. A differença que ha consiste em que, do lado dos adversarios da Allemanha, não se esqueceu a generosidade humana, o respeito á independencia dos povos. Se amanhã os alliados vencerem a Allemanha, as condições da paz que lhe impozerem nunca serão tão duras como as que a Allemanha imporia, se a victoria lhe coubesse. A razão é simples. D'um lado ha um intuito imperialista que do outro não existe. D'um lado sonha-se a conquista do mundo, e do outro pensa-se na liberdade dos povos. D'ahi mesmo o caracter d'esta guerra. Emquanto os alliados luctam por um pensamento de humanitarismo, a Allemanha lucta por um pensamento de despotismo. A Allemanha lucta como luctava Cesar, como luctava Napoleão, e para os conquistadores d'esta especie não ha sentimento que prevaleça ao seu designio monstruoso e oppressivo.

D'ahi as energias assombrosas que a Allemanha tem manifestado. E' preciso que o coração dos homens seja tão duro e insensivel como o aço das suas espadas. Dir-se-hia até que elle tem a mesma insensibilidade. Os allemães soffrem os golpes que lhes vibram com a indifferença das cousas. O seu heroismo é de pedra, como a sua vontade é de bronze.

Ai do mundo que os combate, assestando os seus canhões ou preliminando-os com os seus protestos, se elles, rolando como blocos de granito, o conseguissem vencer! O exemplo do Montenegro é flagrante. As suas imposições de vencedores são tão excessivas, tão duras, tão humilhantes, que se lhes prefere a morte. E ninguem d'essas imposições se livrará. A força germanica actuaria como um flagello, que tanto poupa os palacios como as choupanas, os homens como as creanças, os fortes como os fracos.

MAYER GARÇÃO

Commissão dos monumentos da 1.ª circumscripção

Um louvor ao nosso collega Adelino Mendes

Na sua sessão de ante-hontem a commissão de monumentos da 1.ª circumscripção, além de ter continuado a occupar-se do seu regulamento e de outros assumptos da sua especial competencia, tomou conhecimento da acceitação, por parte da commissão do monumento ao marquez de Pombal, do seu alvitre para a tumulisação do grande estadista na egreja da Memoria (Belem), que vae ser classificada monumento nacional e onde os restos do marquez de Pombal, deverão ser depositados n'um sarcophago, cujas linhas se harmonisem com as d'esse bello edificio.

A commissão de monumentos occupou-se ainda da necessidade de obstar a que sejam vendidos os terrenos, pertencentes á Companhia dos Caminhos de Ferro, fronteiros aos Jeronymos, monumento de Affonso de Albuquerque, etc., pelo perigo de que n'elles se venha a levantar quaesquer construcções. Tendo-se um grupo de cidadãos de Leiria constituido em commissão com o titulo «Amigos do Castello», para velar pela conservação d'aquelle admiravel monumento, cuja adeantada ruina a commissão dos monumentos tem verificado, mas de que se não tem podido occupar, por esse monumento estar fóra da sua circumscripção, foi inscripto na acta um voto de louvor a esse grupo, por essa iniciativa, digna de applauso e incitamento, sendo egualmente louvado o sr. Adelino Mendes, pelos notaveis artigos de propaganda que publicou no jornal *A Capital*.

Theatro Republica

Como toda a imprensa de Lisboa, os jornaes do Porto e de outras terras do paiz referiram-se enthusiasticamente á reconstrucção e á inauguração do novo theatro Republica. Um dos mais importantes jornaes do Porto, a respeito da noite da reabertura do theatro, publica um longo artigo do qual destacamos estas linhas:

«A peça da estreia foi a comedia de Eduardo Schwalbach, *Os Postiços*, já conhecida, mas que teve fóros de *première*, tendo entrado n'ella os nossos melhores artistas, como Augusto Rosa, Eduardo Brazão, Ferreira da Silva, Chaby Pinheiro, Henrique Alves, Lucinda Simões, Angela Pinto, Emilia d'Oliveira, etc.

Antes da comedia, proferiu um eloquente discurso o distincto comediographo E. Schwalbach, que em largos traços fez ressaltar quanto a Arte theatral deve ao primeiro empresario, Visconde S. Luiz, dotado de uma rara actividade, de uma inquebrantavel energia e de um *savoir-faire* difficilmente igualado. Descreveu tambem o que foi o antigo Theatro da Republica, o incendio que o destruiu, e qual o papel a desempenhar pelo novo theatro.

Não faltaram palmas, abraços e felicitações á empreza, que deve julgar-se moralmente bem recompensada de todos os seus esforços.

Durou o antigo theatro 20 annos, pois havia sido inaugurado em 22 de maio de 1894. Que o seu substituto dure, se possivel é, dez vezes mais, para bem de todos nós e da Arte, que com isso muito terá a lucrar,—são os nossos mais sinceros votos.»

Colyseu dos Recreios

Canta-se hoje o «Rigoleto»

A repetição da opera «Madame Butterfly», hontem, no Colyseu dos Recreios, foi uma nova e brilhantissima consagração de Kruceniski que foi applaudida com enthusiasmo pelo publico que enchia a vasta sala. Hoje temos a repetição da opera de Verdi «Rigoletto» em que se estreia o soprano ligeiro Nadina Tagelli, do Theatro de Petrogrado, que, mercê da sua linda voz, do seu methodo de canto e do seu talento, deve imprimir todo o relevo á parte de «Gilda». No «Rigoletto» entram tambem o baritono Zuffo, a sr.ª Camozzi, o tenor Marescotti e os baixos Mariaches e Fiore.

A'manhã, em recita da moda, realisa-se a «première» das operas tão queridas do nosso publico «Palhaços» e «Cavallaria Rusticana», tendo sido grande a procura de bilhetes.

Viajar de graça

Como se pode conseguil-o

O turismo em Portugal começa agora a crear raizes; o desejo de viajar, a natural curiosidade de vêr novos ceus, de admirar novos horisontes é, porém, combatido por difficuldades monetarias que muita gente não consegue vencer.

Resolvendo o problema, tiveram dois empregados do commercio, o sr. Ladislau Albuquerque e o sr. Gambôa, a ideia de crearem um bonus commercial, á maneira dos conhecidos bonus em que por meio de senhas adquiridas em compras de qualquer artigo se obtinham objectos de phantasia, em que os premios são bilhetes kilometricos de caminho de ferro não só em Portugal como no estrangeiro.

A cada compra na importancia de 10 centavos corresponde uma senha que representa 250 metros de percurso nas linhas ferreas, de fórma que—por exemplo—sendo a distancia de Lisboa ao Porto 340 kilometros, com 1:360 pode fazer-se a viagem até áquella cidade.

Mas quem preferir ter um passe dos americos pode, juntando as senhas precisas, optar por este percurso em vez de viajar em caminhos de ferro.

A empreza convidou hoje a imprensa, a Repartição do Turismo e a Sociedade de Propaganda de Portugal para na sua séde, rua do Carmo, 90, ouvirem a exposição da sua ideia, que por todos foi sympthicamente acolhida, e que por certo o publico receberá com agrado pelo beneficio que lhe presta.

Movimento maritimo

Liverpool, «Antony» (Pará) 24
Brazil e R. Prata, «Zelandia» (Amst.) 24
Bordeus, «Flandre» (Brazil) 25
R.J., Sant. e R.Prata, «Descado» (Liv.) 25
Braz., R. Prata e Pacifico «Orita» (Liv.) 26
R. J. e R Prata, «Amiral Troude» (Hav) 27

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21— Coimbra, terra d'amores — O anjinho da pelle do diabo.
REPUBLICA—A's 21—L'émigré.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo (Revista).
POLYTEAMA — A's 21 — A obsessão—O sonho de Marianna.
GYMNASIO—A's 21— Commissario de policia.
EDEN —A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO — Não ha espectaculo.
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
RUA DOS CONDES—Não ha espectaculo.
MODERNO—Não ha espectaculo.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Recita da moda—Palhaços—Cavalaria rusticana.

Agenda da semana

AMANHÃ=**Nacional**—Recita de Vicento Arnoso. *Coimbra terra de amores.*
QUARTA-FEIRA—**Apollo** — Primeira representação da revista *Palavra de honra.*
Gymnasio — Primeira representação da comedia *O manequim.*
QUINTA-FEIRA—**Eden Theatro**—«Reprise» da revista *O diabo a quatro.*—Reapparição do Nascimento Fernandes.

Primeiras representações

REPUBLICA—*O abbade Constantino*, trez actos de Cremieux e Decourcelle.—*O tribuno*, trez actos de Paulo Bourget.—Quarta e quinta recitas de Lucien Guitry.

Ante-hontem, verdadeira «soirée blanche»... Ha annos que n'um theatro de Lisboa se não via tão numerosa e tão brilhante concorrencia. Dos primeiros «fauteuils» de orchestra ás ultimas bancadas da geral nem um unco logar vago. As jeunes-filles» tiveram o seu apetecido espectaculo, podendo satisfazer a curiosidade justissima de admirar Guitry, que outras peças, por violentas, descabelladas ou oppostas aos severos dictames da religião e da moral, lhes não permittiram applaudir, excepção feita de «La massière» que parece ter obtido o «placet» do assistente ecclesiastico da nossa boa «Nação»...

Com mais d'um quarto de seculo em todas as scenas, «O abbade Constantino» cujos moldes sob o ponto de vista technico envelheceram, mas cujas personagens sans, encantadoras, adoraveis, eternamente vivem da espiritual belleza dos seus sentimentos, grangeou renome em palcos portuguezes por artistas nossos entre os quaes, no primeiro papel, o grande João Rosa, e vimol-o tambem, ha uns treze annos, no antigo D. Amelia, pelo Coquelin Cadet que fraca impressão deixou no publico, d'essa vez logrado pelo risonho recitador de monologos.

Lucien Guitry, incluindo a linda e innocente comedia no seu repertorio, fel-o decerto mais para repousar de fatigantes interpretações do que para exhibir a ductilidade assombrosa d'um dos maiores talentos dramaticos, quasi roçando pelo genio, que nos tem sido dado admirar. O sacerdote bom e simples, de crenças puras e maneiras francas, que ama os pobres e a verdade, viveu-o Guitry por forma a irradiar toda a formosura d'aquella alma christã, ao mesmo tempo ingenua, desempoeirada e viril, cuja solida uncção se adivinha, embora o não vejamos erguer as mãos á hora do Angelus, nem render graças ao levantar-se da meza,—junto da qual não lhe é possivel furtar-se á somneca do costume que elle dormiu com naturalidade perfeita. Ser natural, humano, exacto na pormenorisação das figuras que incarna, eis ao que aspira e eis o que consegue em absoluto, sem o minimo esforço visivel, o portentoso comediante, quer se trate de psychologias complexas como as dos typos de Bernstein, quer haja de insufflar o «fiat» creador em typos na apparencia de facil realisação como o sacerdote-modelo de Halevy...

O desempenho foi, no conjuncto, harmonico e probo, se bem que a «mise-en-scene» suscitasse reparos e que certos cortes devessem evitar-se, pois não os justifica o facto d'uma «tournée», já que Lucien Guitry, mais do que um hospede illustre do theatro da Republica, é um amigo particular do visconde S. Luiz Braga, seu eminente emprezario.

* *

Hontem, «O tribuno» de Paul Bourget. Quem conhece «O apostolo», de Paul-Hyacinthe Loyson verifica a coincidencia dos themas das duas peças, que, se bem nos recordamos, appareceram quasi simultaneamente, [illegible]-se com a primeira o caso interessante do proprio Guitry ter-lhe refeito o segundo acto, redigindo-o de novo, acto esse que é o mais bello do drama e em que o conflicto attinge a culminancia tragica. O theatro de Paul Bourget abunda em ideas e tem, como os romances da sua ultima feição, intuitos sociaes. Na peça de hontem, o protagonista, que é o presidente do conselho Portal, a quem por antonomasia denominam «O tribuno», figura prestigiosa do socialismo e do parlamento, dispõe-se a legislar as mais arrojadas reformas, como as da abolição do casamento e da suppressão da herança, para assim reduzir a factos o que entende indispensavel á maxima liberdade individual tolhida por laços e preconceitos seculares. No entretanto, resolve, em obediencia aos seus principios d'uma austeridade inflexivel, denunciar na camara parlamentares prevaricadores e reune os elementos precisos para essa campanha com que esmagará adversarios politicos. Succede, porém, que Georges Portal, filho do presidente do conselho e seu chefe de gabinete, depositario do documento capital, necessitando dinheiro para impedir que a sua amante saia de França, o vae vender á pessoa a quem tinha sido roubado, um banqueiro que corrompera deputados e senadores cujos nomes, com o preço da compra das consciencias venaes, se mencionam no documento referido.—a prova formidavel. Mas o proprio presidente do conselho descobre o delicto filial—a intriga folhetinesca não deixa de ser imaginosamente bem architectada—e, no meio da sua afflição e da sua vergonha, resolve, para ser coherente com o seu culto pela honradez e pela justiça, entregar o filho aos tribunaes. Chama ao seu domicilio o representante da lei; na hora decisiva, porém, succumbe. A voz do sangue abafa, domina, estrangula a da sentinella vigilante, a do juiz implacavel que imaginava ser. Não denunciará o filho, que se propunha liquidar as suas contas matando-se. Manda-o partir para longe, remedeia, até onde lhe é possivel, o escandalo, e abandona o governo, cortando a sua carreira publica, no momento em que a suppunha firme como nunca e prestes a ser coroada por uma obra de profunda mas utopica remodelação social.

O que dizer da interpretação de Guitry?

Portal, o illuminado, o reformador, o austero, o impoluto, a quem a fatalidade vence e desarma, vimol-o durante tres horas viver diante de nós, acariciando primeiro os seus sonhos de visionario, soffrendo depois as dolorosas, tremendas agonias em que as suas convicções se abalam e ruem, curvando, por fim, a fronte livida e atormentada perante o Destino ineluctavel que, ferindo-o no coração, o aniquila para os rudes combates em que se não pode entrar emquanto elle pulsa e sangra. Lucien Guitry dá-nos maravilhosamente a personagem de Portal, vincando-lhe o caracter e exprimindo a sua desventura com um tão forte poder de exteriorisação que nos sentimos esmagados tambem. Os lances patheticos do segundo acto commovem e arrebatam, sem que haja estridencia de gritos, nem abuso de gestos, nem suffocação de lagrimas, comquanto a dignidade offendida, as illusões desfeitas, a lucta entre o dever do cidadão e do ministro e o affecto do pae e do amigo se traduzam em cada palavra, em cada movimento, em cada olhar do protogonista com a pasmosa verosimilhança que é privilegio dos actores de eleição como Guitry.

Os restantes interpretes muito correctos, merecendo salientar-se o sr. Bourdel em Georges Portal. Disse e sobretudo calou e ouviu com segura comprehensão do papel, menos difficil pelas suas falas do que pelos seus longos, angustiosos, lugubres silencios...

Avelino de Almeida

Ao correr da pena

O interesse despertado pelos espectaculos de Guitry deve-se quasi em absoluto ao formidavel prestigio e ao enorme talento do illustre actor francez. No emtanto não tem deixado de ser notados os conjunctos dos desempenhos. Os artistas, que cercam Luciano, o Grande, estão longe de ser «vedetas» parisienses. Alguns fazem parte, por assim dizer, do mobiliario das «tournées» Hertz e já os vimos em Lisboa com Huguenet e outras estrellas. Excepção feita de madame Grumbach, que na sua longa permanencia junto de Antoine, ligou o seu nome a creações muito interessantes e de mademoiselle Jeanne Desclos que tem acompanhado Guitry em varios dos seus exitos retumbantes, os restantes artistas teem um nome ignorado para os que seguem com regularidade as distribuições dos cartazes francezes.

No emtanto,—podémos avalial-o em cinco noites,—todos se encontram á vontade perto do colosso e todos collaboram com intelligencia no trabalho do chefe.

Preciso é dizer que esses artistas logo de manhã estão ensaiando e é curioso assistir a um d'esses ensaios. O silencio é o mais absoluto. Todos seguem com attenção as indicações breves de Guitry, cujas observações não vão nunca a marcar inflexões, que os seus artistas dão sempre exactas n'uma antecipada e intelligente comprehensão d'aquillo que estão fazendo, mas apenas visam a fixar o movimento de uma scena, o seu desenho, a sua logica evolução. Os papeis são admiravelmente sabidos e alguns teem sido estudados aqui em Lisboa, como os do «Genro do sr. Poirier», que não estava incluido no repertorio e é novidade para quasi todos os interpretes.

E, essa disciplina de trabalho, de resto já verificada em todas as «tournées» estrangeiras que nos teem visitado, que desejariamos ver estabelecida entre nós. Ella é a primeira força dos que tomam a sério a profissão do theatro. Outras observações temos feito, como a que se refere ao respeito religioso de que Guitry é cercado pelos seus collaboradores sobre os quaes tornaremos a falar. De aqui até lá iremos seguindo com devoção estas noites de arte, que são um consolo de espirito, que ficarão marcadas pelas estupendas commoções do «Samson» e de «La Griffe», pelo encanto de «La Massière» e pelo barulho feito em torno d'esse «Emigré», que muitos já apontavam como prohibido e que poderemos applaudir ámanhã.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Laura Cruz, a gentil e talentosa actriz do theatro Nacional, realisa ali, a sua festa artistica na proxima quinta-feira, com a representação, em recita unica, da peça original do sr. Marcellino Mesquita, «Dôr suprema», em que interpreta, um importantissimo papel de molde a evidenciar as brilhantes qualidades que a distinguem. «Dôr suprema», que foi uma das peças de mais gloriosa carreira no Nacional ha muito tempo, que não vae á scena, e, por isso, esta sua «réprise» estava sendo aguardada com justificadissimo interesse. Para esta recita que, por todos os motivos, deve ser concorridissima, podem desde já, ser tomados logares, na bilheteira do Nacional, onde estão á disposição dos assignantes das «premiéres», os seus logares habituaes, reclamando-os desde já.

—A empreza do theatro Republica offerece na proxima terça-feira, no salão do mesmo theatro, um almoço ao actor Guitry, a que assistirão, além dos principaes artistas da companhia portugueza, auctores dramaticos e jornalistas.

—A seguir á peça de Ramada Curto será feita no theatro Nacional «reprise» da peça de Julio Dantas «Um serão nas Laranjeiras».

—A companhia do theatro Apollo embarca para o Brazil na segunda quinzena de março.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade de Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.
ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

UM DONATIVO

Ao nosso collega Avelino de Almeida entregou um generoso leitor, para elle lhe dar a applicação que entendesse, a quantia de trez escudos. O nosso collega remetteu-a a um trabalhador da imprensa, o informador de jornaes, sr. A. C., que se encontra muito doente e em circumstancias precarias e que reside na rua do Crucifixo, n.º 101, 2.º

LUTUOSA

Falleceu hontem a menina Maria Sophia Nunes, filha do conceituado professor sr. Nunes Baptista. O funeral effectua-se ámanhã, ás 14 horas, sahindo da Costa do Castello, 14-A, 2.º

Tambem se effectua ámanhã o enterro do sr. José de Lima Worm, sahindo o prestito funebre, ás 16 horas, da travessa do Pateo das Vaccas, 47, 2.º, para o cemiterio d'Ajuda.

Lucien Guitry—"L'Emigré„

E' definitivamente ámanhã que o grande actor francez representa pela unica vez a celebre peça de Bourget *L'emigré* ácerca da qual correram varios boatos, chegando a dizer-se que a sua representação fôra interdicta. Deve ser uma noite de grande enthusiasmo pelo interesse e anciedade que *L'emigré* está despertando.

Na terça-feira é a ultima recita de assignatura com a peça de Bernstein *O assalto.*

Lucien Guitry dá ainda mais duas unicas recitas que serão as ultimas. Na quarta-feira é a sua festa artistica com a famosa peça *O genro do sr. Poirier*, de Augier, e na quinta-feira é definitivamente a ultima recita e despedida do grande actor com um espectaculo de sensação que se está organisando.

Os assignantes teem preferencia aos seus logares para estas duas recitas pelos mesmos preços da assignatura, requisitando os bilhetes até terça-feira proxima durante o espectaculo.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Club Rep. Razão e Justiça

Para apresentação e approvação dos projectos da bandeira e tratar de outros assumptos de grande importancia, reune a assembleia geral ámanhã, ás 20 horas.

Salão Foz

Churri el bonito continua alcançando grande successo

Continua obtendo um successo extraordinario a bailarina Julieta Solá que todas as noites se exhibe no Salão Foz.

Julita Solá é magnifica nos seus bailados internacionaes, desenvolta, gentil e muito graciosa em todos os seus gestos. Churri el Bonito, denominado o rei da gargalhada, o homem que faz rir o mais sisudo, continua a sua carreira triumphante. Hontem ainda obteve enormes applausos vendo-se forçado a bisar a maior parte dos seus numeros nas duas sessões.

Charri el Bonito, incontestavelmente o artista de maior exito no seu genero, é um comico excentrico de grande valor. Os acrobatas olympicos portuguezes «Os Silvas» tambem recebem todas as noites fartos e merecidos applausos pelos seus trabalhos de forças combinadas; ambos são de grande valor artistico e todos os numeros são executados com pericia e correcção que não é para admirar se dissermos que o volante é o melhor portuguez que temos visto n'este genero de trabalho. Dos applausos tributados a todos os artistas compartilha em grande parte a notavel cantora de canções regionaes Estrella de Levante que ainda hontem recebeu grandes ovações.

A'manhã no Salão Foz fazem a sua reapparição o magnifico duetto Les Flores, que tanto exito teem alcançado. O sextetto Thomaz de Lima far-se-ha ouvir em alguns dos seus trechos de musica escolhidos e no «écran» far-se-ha a repetição dos «films» comicos «Tomy e o Ladrão» e o «film» dramatico o «Segredo de Estado».

PEQUENAS NOTICIAS

No logar de S. Sebastião, concelho de Mafra, envolveram-se em desordem Augusto Pedro Barbosa, de 43 annos, Antonio Bazilio Alves de 32, ali residentes, e Moysés Barros, morador em Torres Vedras, o qual aggrediu á facada os dois primeiros, ferindo-os no ventre e deixando-os em estado grave. Vieram para o hospital de S. José.

—N'um jazigo que se anda construindo no cemiterio dos Prazeres cahiu hoje um andaime, do que resultou ficarem feridos nas pernas e na cabeça os operarios Augusto Rodrigues, Abel Correia e Francisco Nobre dos Santos, recolhendo os dois ultimos a casa, depois de curados no banco do hospital de S. José, e ficando o primeiro na enfermaria 4.

—José Ferreira, morador no becco das Taipas, 1, a Chelas, suicidou-se por meio de enforcamento, sendo o seu cadaver removido para a Morgue.

ULTIMA HORA

Dr. Regis d'Oliveira

O funeral do illustre diplomata effectua-se ámanhã ás 16 horas

Ao palacio da embaixada brazileira, na rua Antonio Maria Cardoso, continua affluindo tudo quanto de destaque existe na sociedade portugueza, afim de se inscrever nos registos de visitantes ou apresentar as condolencias á esposa e filha do saudoso representante diplomatico da grande republica irmã.

Hoje, pelas 11 horas, no quarto do segundo pavimento, onde se encontra armada a camara ardente, foi celebrada uma missa e, pelas 15 horas, na egreja dos Martyres, um *Libera-me*, a que concorreram grande numero de pessoas da colonia brazileira e amigos pessoaes do illustre finado.

Pelas 14 horas procedeu-se ao encerramento da urna, estando presentes a esse acto a familia dos funccionarios da embaixada e intimos da familia Regis d'Oliveira.

A urna encontra-se collocada sobre um catafalco, ladeado por quatro tocheiros, tendo em frente armado um altar illuminado a quatro velas. A urna, que está coberta com a bandeira brazileira, tem ao centro o chapeu armado e o espadim do embaixador, emvoltos em crepes, e aos lados almofadas com as diversas condecorações e veneras que pertenciam ao distincto diplomata. Por sobre o catafalco destacam-se as primeiras corôas enviadas: as da familia, pessoal da embaixada, amigos e secretarios.

O sr. presidente da Republica e o chefe do governo depõem tambem corôas, confeccionadas na Casa Lathélise.

A'manhã, pelas 11 horas será rezada outra missa de corpo presente. O funeral effectua-se pelas 16 horas, sahindo o prestito do palacio da embaixada, descendo o Chiado e rua do Carmo e seguindo pelo Rocio, avenidas da Libeadade, Duque de Loulé, Almirante Reis, etc.

O funeral é dirigido pelo chefe do protocolo do ministerio dos extrangeiros, sr. dr. Costa Cabral.

Entre a numerosissima concorrencia de hoje ao palacio da embaixada brazileira contam-se os srs. dr. Manuel d'Arriaga e esposa, ministros do fomento, guerra e justiça.

* * *

RIO DE JANEIRO, 22.—Os jornaes d'esta capital publicam sentidos necrologios do dr. Regis de Oliveira. Traçam a sua carreira diplomatica e lembram os serviços que prestou ao seu paiz. O sr. Lauro Muller, ministro dos negocios extrangeiros, telegraphou enviando pesames á embaixada brazileira e á familia e mandou depositar uma corôa. O sr. Justino Montalvão apresentou as suas condolencias ao sr. Lauro Muller, em nome da embaixada portugueza.—(*Havas*).

A CARESTIA DA VIDA

Reunião de ferro-viarios

Pede-se o augmento de salario e resolve-se não acceitar as determinações da Companhia Portugueza, por serem vexatorias para o pessoal

A convite do Syndicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro Portuguezes, realisou-se hoje no Theatro Moderno uma importante reunião de empregados de todas as secções da Companhia Portugueza. A presidencia installou-se no palco, onde se viam os bancos para os oradores. A vasta sala estava quasi repleta, vendo-se os camarotes e frizas todos occupados. Segundo o manifesto distribuido com a data de 18 do corrente o fim da reunião era para protestar contra a ordem n.º 110 de 30 de dezembro do anno findo, posta em execução no principio do corrente mez.

Contem essa ordem 10 artigos e alguns paragraphos e tem por fim conceder um subsidio accidental durante o anno de 1916, devido á guerra, a todos os empregados que tenham mais de um filho. Assim todo aquelle que tenha dois filhos terá de subsidio mensal 2 escudos, os que tenham 3, 2$75; 4, 3$50; 5, 4$25; 6, 5 escudos; 7, 5$75, e mais de 7, 6 escudos. Mais diz essa ordem que o subsidio só será concedido aos empregados com mais de 3 annos de serviço e que percebam vencimento egual ou inferior a 60 escudos. Esse subsidio não será concedido ao empregado que se entregue ao uso do jogo, á embriaguez ou o não entregue para sustento e educação dos seus.

São estas, na generalidade, as concessões feitas pela Companhia e contra as quaes os ferroviarios reclamam, dizendo que na Companhia existem casaes com um so filho e que muitos empregados ha que, embora solteiros, sustentam paes, irmãos, etc. Se a vida é cara para uns, não o é menos para outros. Terminam por dizer que a ordem n.º 110 não póde ser acceite, visto que só serão contemplados os empregados casados ou viuvos com mais de trez annos de serviço, não attingindo os solteiros, divorciados ou mesmo aquelles que vivam com uma companheira de quem tenham filhos.

Estava a reunião marcada para as 12 horas mas só ás 14 foi a sessão declarada aberta. Assume a presidencia o sr. Carlos Santos, que expoz os fins da reunião terminando por pedir á assembléa para que seja nomeada a mesa. Alguem lembra os nomes dos srs. Arthur Frade e Francisco Assis, não respondendo o primeiro e escusando-se o segundo. Outros nomes se alvitram, havendo mais escusas, terminando por acceitar o sr. Luiz Antonio, que começa por agradecer e pede a todos que apenas se cinjam ao manifesto, não fazendo referencias pessoaes. Convida para secretarios os srs. Umbelino Lopes, de Gaya e João Antonio Cotão, do Entroncamento. Lê-se o expediente, que consta de officios de varios associados e delegacias do paiz dando a sua adhesão á assembléa. Esses associados são machinistas, fogueiros, limpadores, revisores, pessoal do movimento e de via e obras, etc. A leitura do expediente leva mais de meia hora.

Fala em primeiro logar o sr. Manuel Silverio, delegado de Gaya, que diz estar todo o pessoal d'aquella delegacia na disposição de não acceitar a ordem n.º 110, porque ella representa apenas uma esmola para todo o pessoal. Tem 6 filhos, mas é tambem sua tenção não acceitar tal subsidio. O sr. Pedro Nunes não concorda com a ordem, exemplificando que, sendo-se divorciado ou estando-se separado da mulher, os filhos teem direito ao subsidio, emquanto se os tiver de outra com quem viva não teem o mesmo direito. Entende que se devê dar um augmento de 10 centavos a todo o pessoal. Já que se elevam os ordenados aos superiores, que se faça o mesmo aos pequenos. Não diz isto para atacar ninguem, mas sim devido á carestia da vida. A auctoridade está representada e quem sabe se dentro da sua consciencia não dirá o mesmo. O sr. José Antonio Cotão declara que todo o pessoal da delegacia do Entroncamento está em desaccordo com a ordem n.º 110 e que está ao lado de todas as resoluções que sejam tomadas. O sr. José Antunes diz que tem dois filhos, mas que não é casado. Sentir-se-hia envergonhado se tivesse de receber tal subsidio. Antes queria recorrer á Assistencia Publica. A União Fabril, a Vulcano e muitos outras casas elevaram os seus salarios emquanto a Companhia Portugueza apresenta essa ordem. E' preciso que a commissão eleita em 22 de setembro de 1915 saia com plenos poderes para poder tratar junto da companhia a fim de que tal ordem seja annullada.

Volta a falar o sr. Manuel Silverio que faz varias considerações, dizendo que o pessoal de Gaya já não está ao lado da Companhia como d'antes. Lamenta que alguns empregados de Lisboa tenham acceite tal esmola. Cita o facto de um operario ter sido colhido por uma machina no dia 5 de outubro e trez mezes depois tel-o a companhia demittido do serviço sem qualquer subsidio. O sr. Julio de Mattos agradece a presença da imprensa para que ella amanhã diga tudo quanto se passou; regosija-se por ver presente a auctoridade e ainda se regosija por ver a classe ferro-viaria tão largamente representada. Ataca com vehemencia a ordem n.º 110, declarando que a culpa é sómente da classe e de mais ninguem. E' preciso que mais nenhum empregado requeira a esmola que a Companhia lhe quer dar, porque essa ordem é uma *ratoeira*. A carestia da vida é para todos e como prova do que diz invoca o testemunho do chefe da policia que está presente para que diga se não compra tudo carissimo. Essa sua pergunta não tem por fim melindral-o. O orador é bastante applaudido. N'esta altura é apresentada e lida a seguinte moção:

«Considerando que a carestia da vida desde que lavra a conflagração europeia tem definhado toda a classe operaria; considerando que a classe ferro-viaria para attenuar a carestia da vida, reuniu no dia 22 de setembro do anno findo para pedir á Companhia melhoria de situação; considerando que a mesma reunião nomeou uma commissão para tratar do mesmo assumpto; considerando que essa mesma commissão ao fim de todos os seus esforços recebeu como resposta do ex.mo director da Companhia que alguma coisa a Companhia ia dar aos seus empregados; considerando que essa mais alguma coisa foi a vexatoria ordem n.º 110, a classe hoje reunida resolve:

1.º—Que seja nomeada uma commissão que será aggregada á nomeada em 22 de setembro para que junto dos poderes da Companhia e com plenos poderes lhes faça ver que a classe está no proposito de só acceitar 10 centavos de augmento geral, fixo e não temporariamente. 2.º—Que a mesma commissão depois de ouvir a forma como é recebida pelos poderes da Companhia, volte a dar conta dos seus trabalhos, mas só á classe. 3.º—Que a classe se prepare para receber a resposta da mesma commissão para se manifestar da forma como entender».

Esta moção é admittida e posta em discussão, falando os srs. Aragão, Annibal dos Santos e Carlos dos Santos, que durante largo tempo se refere á carestia da vida, aos trabalhos feitos pela commissão junto da companhia e á ordem n.º 110, que ataca com largos argumentos, mostrando o que são os seus artigos e paragraphos e quaes as suas consequencias para parte do pessoal. Diz que existe na Companhia um empregado que tem 8 filhos e está em vesperas de nove e que ganhando 500 réis não é attingido por essa ordem. E' preciso que a commissão nomeada e a que lhe seja aggregada procurem amanhã, já, a Companhia e lhe façam vêr que a ordem n.º 110 não cahiu bem no animo de todo o pessoal, mas que para isso é preciso que toda a classe se una como um só homem.

Volta a falar o sr. Julio de Mattos, que lamenta que parte dos ferro-viarios se tenha retirado da sala sem que a sessão tenha terminado. A questão tem sido largamente tratada. Deixemo-nos de palavras e vamos a obras. Existe na mesa uma moção que foi bem recebida por todos. Portanto, que se nomeie a commissão. O sr. Manuel José Vicente apresenta a seguinte proposta: «1.º que os camaradas nomeados n'esta assembleia se disponham a trabalhar como o assumpto merece; 2.º que todos os dias empregados sejam pagos pelo cofre do syndicato como se tem feito até aqui». O sr. Francisco da Costa Lima apresenta um additamento á proposta para que se marque um prazo á Companhia para se resolver a questão e não acontecer como é costume: ficar para estudo.

Proposta e aditamento são admittidos á discussão. Fala a seguir o guarda-freio Jayme Neves, findo o que se passa á nomeação da commissão, que ficou composta dos srs. Francisco da Costa Lima, as officinas; Jayme Neves, José Affonso e Manuel Fernandes, do pessoal de trens, Licinio Pestana, do movimento; Albano, dos machinistas; Ricardo Pires, do movimento; Joaquim Elias Ferreira, das officinas geraes e ainda Jacintho Carramenho, do pessoal de trens.

Esta commissão reune amanhã, ás 13 horas, na séde do Syndicato juntamente com a nomeada em 21 de setembro.

O sr. Manuel José Vicente ainda apresenta a seguinte proposta, que é approvada: «Proponho para que todo o pessoal da companhia fazendo serviço em Lisboa vá amanhã ás 17 horas, á direcção em Santa Apolonia protestar contra a ordem da direcção n.º 110, fazendo sentir ao director geral que não acceita tal ordem acompanhando assim as commissões nomeadas». O sr. Costa Lima retira o seu aditamento á proposta do sr. José Vicente.

A moção é approvada e depois de ainda falarem varios oradores a sessão é encerrada. Eram quasi 17 horas.

MUSICA

Concerto da Orchestra Symphonica Portugueza

Não afastou o bello sol d'esta linda tarde de inverno a concorrencia ao concerto no theatro da Republica, que, como de costume, estava cheio por todos aquelles para quem as audições dominicaes são já uma impreterivel necessidade. E não perderam os amadores o seu tempo, pois o programma—o que é, para nosso gosto, um defeito—, comprehendia interessantissimos trechos, dois dos quaes se impuzeram, quer pela sua belleza propria, quer pelo primor da execução, á admiração de todos os ouvintes.

«Os Preludios», o mais bello dos poemas symphonicos de Liszt, tiveram uma execução absolutamente impeccavel de nitidez e colorido, sendo cada uma das figuras perfeita na sua parte, e todas ellas d'uma fusão absoluta, de modo que Blanch poude tocar o complexo instrumento que se chama orchestra de fórma superior e sem o mais pequeno senão.

Excellente a interpretação da «Symphonia incompleta» de Schubert, dois maravilhosos andamentos em que as bellezas são tantas, que mal se comprehende o que o auctor ainda reservaria para os dois restantes.

Em primeira audição, o entre-acto de «La Basache» de Messager, pagina sem pretenções, que se ouve com agrado, e deixaria de ouvir-se sem desgosto.

Repetiu a orchestra o preludio de Debussy «A l'après midi d'un Faune»: boa foi a repetição, pois só hoje a sua execução foi claramente comprehensivel, o que não quer dizer que a «maneira» nos convencesse.

A abertura de «Häusel und Gutel» de Humperdinck, d'uma tão feliz e graciosa estilisação de motivos populares, e, de Wagner, o final de «Rheingold» e a «Marcha de homenagem» a Luiz II da Baviera, completavam o programma, mantendo a sua execução os altos creditos já attingidos pela orchestra e pelo seu director.

H. de A.

Concerto David de Sousa

«O mar tranquillo» de Mendelsohn, que a orchestra interpretou hoje no Polytheama não é de molde a ser facilmente aprehendido n'uma primeira audição. Não quero dizer que se não lhe comprehenda em bloco o seu «quantum» esthético; mas torna-se mister mais seguro estudo para de todos os seus detalhes honestamente nos assenhorearmos. Não é composição que agrade, «au premier abord», a não ser os primeiros motivos que teem evidente correspondencia á emoção presentida ante o seu titulo. A orchestra deu-lhe relevo; mas, ainda assim, não conseguiu interessar o publico definitivamente.

Estava este papel reservado á «Francesca de Rimini» de Tschaykowsky, na qual a orchestra se affirmou dominadoramente. A bellissima phantasia symphonica peccou por ser longa, tão intensamente nos fez vibrar os nervos, á força de expressão que—não nos acoimassem de futurista—diriamos sinistramente sensual.

A orchestra toda foi muito applaudida.

Na 2.ª parte, o «Poema Symphonico n.º 2», de João Arroyo que mais uma vez obteve ruidoso applauso conjunctamente com o Maestro, que na parte «Revolte et apaisement» fez a sua orchestra attingir a completa perfeição, merecendo por isso os mais enthusiasticos applausos.

Havia uma outra novidade:—trez trechos de Macdowell, o nosso conhecido auctor de «A um lyrio», orchestrados por David de Sousa. Destaquemos pela leveza e simultaneamente pelo seu colorido o «Indian Idil»; mas foi sobretudo «In Deep Woods», fortemente evocador, que nos conquistou a mór admiração.

O «Preludio» do 3.º acto de «Lohengrin» não póde communicar maior somma de belleza do que hoje, em que a disciplinada orchestra de David demonstrou os seus incontestaveis recursos.

A fechar, a «Rapsodia Slava» do Maestro, que ha dias pedimos.

Comprehende-se muito bem que David de Sousa tenha posto na execução d'esta obra toda a sua esplendida alma de artista. Mas a orchestra tem do successo grande parte porque cabalmente corresponde á larga inspiração do grande musico.

D'aqui lhe agradecemos o ter-nos feito a vontade.

E como se falou de disciplina, vem a talhe de foice lembrar aos musicos que não é bonito estarem a namorar o publico nos espaços em que tocam outros naipes, que não os seus, porquanto, além de desmanchar apparentemente a severa attitude da orchestra, tambem concorrem para distrahir os ouvintes, cujo olhar os distingue mesmo involuntariamente. Isto representa uma dispersão de attenções que é prejudicial. O concertista deve olhar apenas a musica e o maestro: no final da partitura é que póde naturalmente olhar a sala.

Ahi fica o despretencioso conselho de amigo.

No proximo domingo repete-se o programma do 7.º concerto.

S. P.

Incendio em Santa Clara

O que diz um dos accusados

Do mestre geral de alfaiataria do Deposito Central de Fardamentos, actualmente no Limoeiro, recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor.—Tendo lido no seu conceituado jornal do dia 21 a copia de um officio do director da policia para o 1.º juizo de investigação criminal, sobre a culpabilidade dos presos que se encontram no Limoeiro, por causa do incendio no Deposito de Fardamentos, eu, Epifanio Rodrigues Duarte, venho perante v. expôr o seguinte, como rectificação do que o mesmo officio diz de mim ter-se apurado: Diz o alludido officio que contra mim se apurou que me achava dentro do Deposito na occasião do alarme de incendio, contra as ordens expressas que em sentido contrario haviam sido dadas e que eram do perfeito conhecimento de todo o pessoal. Ora a este respeito tenho a dizer a v. que era desconhecedor d'essas ordens, tanto que se passaram factos que vou expôr a fim de v. vêr que eu não podia deduzir que era prohibida essa permanencia, quando é certo que uns dias antes, em dia que não posso precisar, tendo um official superior d'aquelle estabelecimento, mandado fazer um trabalho particular de urgencia, eu para o satisfazer e «com conhecimento d'elle e de muitos mais officiaes» que poderei citar, estive n'aquelle estabelecimento até ás 19 e meia horas, pouco mais ou menos, tendo tambem n'esse dia ido á hora da sahida pôr a chapa no chapeiro, voltando novamente para a minha officina. Outro facto: Um sr. capitão disse-me (o que decerto não contestará) que, precisando de um serviço para um parente seu, fosse pôr a chapa no chapeiro e voltasse para cima, que elle ainda tambem por lá se conservava.

Ora depois d'estes factos e de muitos outros, com o conhecimento da maior parte do pessoal da minha divisão e dos serventes da limpeza, de que eu muitas vezes ali ficava, não só fazendo escripturação relativa ao meu serviço, como trabalhando, vê v. que eu recebendo essas ordens de superiores e nunca me tendo sido dada ordem em contrario, n'aquelle dia, por fatalidade, ali fiquei mais uma vez. Não procurei encobrir a minha permanencia ali, como diz o referido officio, primeiro: pelo que atraz digo, isto é, não julgando infringir uma ordem que só agora conheço; segundo: porque quando vim pôr a chapa no chapeiro não levava o meu traje de passeio mas sim o que usava na officina e sem chapeu, e terceiro porque ao voltar novamente para a officina «passei pelo sr. official de serviço pela mesma porta», visto que só por ella eu podia entrar por ser a unica aberta áquella hora. E finalmente, para responder ao «finalmente» do tal officio, tenho a dizer que me achava na officina assentado a uma meza quando senti um pequeno ruido, que attribui a ratos, visto ser muito vulgar apparecerem camisolas roidas por aquelles animaes, tendo eu dado conhecimento d'isso na secretaria. Como o ruido augmentasse, dirigi-me para o meio da officina e foi então que notei que pelas fendas do soalho sahia fumo.

Rapidamente me dirigi ao guarda da noite e participei o facto, encaminhando-me para o telephone para o participar aos bombeiros. Não quero dizer com isto que fosse o primeiro ou o segundo, o que digo é que logo que vi fumo, que n'essa occasião era em pequena quantidade (pois só quem fosse ao meio da officina o veria como me aconteceu), me dirigi sem perda de tempo a participal-o ao dito guarda e telephonicamente aos bombeiros.

Pela publicação d'esta carta lhe fica grato, quem é de v., etc.—*Epifanio Rodrigues Duarte.*

SPORT

A propaganda do escotismo

Um artigo d'um escoteiro

E' uma escola de regeneração physica e de excellente educação moral

A edade dos «escoteiros» está comprehendida entre os 10 e 18 annos. E' d'um d'esses rapazes o artigo que segue, de propaganda da sua ideia e de reclamo a essa primorosa obra de educação moral. Pertence o auctor ao grupo n.º 24 com sede na rua do Mundo. Pediu-nos a sua publicação porque entende que seria util ao escotismo portuguez. Satisfazemos o seu desejo, porque achamos excellente a educação por esta «cartilha moral» de Baden-Powell.

Vae tendo desenvolvimento no nosso paiz o movimento do escotismo que é uma imitação, nos paizes civilisados, da vida e do methodo dos guarda fronteiras nos paizes selvagens.

«E' uma bella instituição, de creação recente. A organisação deu-lh'a o general inglez Baden Powell que nas guerras boers viu que o seu exercito não estava preparado para grandes marchas nos terrenos accidentados o que prejudicava as operações, e não estava acostumado a um certo numero de cousas que o escotismo creou e d'ellas se fazem proveito.

Ao illustre general nasceu-lhe a ideia de os pequenos filhos da Inglaterra se irem preparando contra qualquer surpreza da natureza, e para iso creou a instituição chamada «Scouting» que traduzida é o «Escotismo».

Logo estabelecida esta instituição certas individualidades em destaque se apressaram a ajudal-a e com a boa vontade dos paes em inscreverem os filhos como «boy-scouts» resultou ser hoje esse o modelo de todo o movimento,que se está estabelecendo em quasi todos os paizes.

Tambem não passou despercebido aos homens portuguezes conhecedores do «scouting», o estabelecimento d'elle n'aquelle paiz.

Para isso creou-se a «Associação dos Escoteiros de Portugal» que é civil, neutra em materia religiosa e sem caracter politico, e tem por fim incutir na mocidade portugueza os principios de educação civica, patriotismo, caracter e solidariedade; desenvolver a robustez physica, e preparal-a em geral para a lucta pela vida.

Esta associação tem já um grande raio de acção, pois conta 26 grupos, entre Lisboa e provincias, o que significa a boa vontade que temos em desenvolver o movimento.

Falta, pois, portuguezes, auxiliar esta obra da mocidade que tanto se impõe entre nós, não só para o levantamento geral mas, tambem para augmentar o fervor da acção, da força e do risco que se vão perdendo entre nós.

Inscrevei, pois, os vossos filhos como escoteiros e vós mesmos como socios extraordinarios (auxiliares) d'esta obra vos deveis egualmente inscrever.

Resta apenas explicar o que são os escoteiros.

Os escoteiros sabem acampar na floresta; construir abrigos e cabanas, pontes; fazer o seu fogo e coser a sua alimentação; orientar-se pelas estrellas; seguir pistas, quer de animaes quer de pessoas.

Aprendem a ver e a observar; a encontrar o que desejam por si proprios; a servirem-se dos seus dedos e das suas mãos.

Insensivelmente e pelos caminhos mais attrahentes serão levados a desenvolver em si elementos essenciaes da personalidade.

A vida ao ar livre, uma hygiene á risca, jogos e exercicios escolhidos, alguns trabalhos manuaes, procurar-lhe-hão a forma util. Terão pois vigor, flexibilidade e dureza; o habito de observar e deduzir, de marcar e de coordenar, de resolver os problemas praticos da sua vida quotidiana pelo seus proprios meios, serão de grande vantagem para a sua formação intellectual e mais tarde, em face de outros problemas mais complicados ou de ordem differente, elles saberão pelo menos como os encarar.

Na revolução de 14 de maio viu-se como elles encararam o perigo, sempre activos, praticando actos de dedicação e abnegação, prestando soccorros a feridos e livrando creanças do perigo, sacrificando o interesse particular ao interesse geral e mesmo arriscando a vida.

Este é o aspecto essencial da obra.

Uma sã actividade physica onde o esforço empregado se traduz em resultados tangiveis,uma boa camaradagem, as sugestões e o exemplo continuo de homens respeitados, tudo isto fornecerá e sustentará n'elles as virtudes necessarias á acção:

A decisão, a confiança propria, o optimismo, etc.; elles estarão sempre promptos para luctar e resistir.

Elles nunca esquecem a sua divisa e a sua lei de dedicações e as suas promessas.

A divisa que elles adoptaram «Sempre promptos» significa bem o seu sentido.

A lei a que elles obedecem, jurando sob a sua honra cumprir fielmente o que ella determina tem um alto valor. O seu juramento é um dos mais solemnes que talvez exista. O compromisso de honra que os escoteiros teem que tomar para serem admittidos na escola escoteira é o seguinte:

Prometto sob minha palavra de honra:

Ser leal á minha Patria;

Auxiliar os meus semelhantes em todas as circumstancias;

Obedecer á lei dos escoteiros;

A lei a que o escoteiro tem que obedecer conta dez artigos e é a seguinte:

1.º—A honra dos escoteiros deve ser mantida em todas as circumstancias, isto é, a palavra de honra do escoteiro deve ser mantida ainda nas circumstancias mais difficeis.

2.º—O escoteiro é leal ao seu paiz, aos seus superiores e aos seus paes.

3.º—O escoteiro deve ser util e ajudar os seus semelhantes.

4.º—O escoteiro deve ser um amigo para todos e um irmão para os outros escoteiros, seja qual fôr a classe social a que pertençam.

5.º—O escoteiro deve ser delicado.

6.º—O escoteiro deve ser amigo dos animaes.

7.º—O escoteiro deve obedecer ás ordens de seus paes, dos seus guias, das patrulhas ou escoteiros-chefes sem discussão.

8.º—O escoteiro deve ter boa disposição de espirito em todas as circumstancias.

9.º—O escoteiro deve ser economico.

10.º—O escoteiro deve ser puro no pensamento, nas palavras e nas acções da organisação.

Está, pois, explicado o que é o escotismo.

Urge, pois, que nós o levantemos, fazendo rejuvenescer a raça e fazendo egualmente das creanças que ao escotismo se dedicam uns bons homens para o futuro.

Notas do dia

O 1.º Congresso de Educação Physica Nacional

Recebemos o regulamento d'este congresso e que é o seguinte: 1.º—E' organisado por iniciativa do Gymnasio Club Portuguez o 1.º Congresso de Educação Physica, em Lisboa em 9, 10, 11 e 12 de julho de 1916.

2.º—O congresso divide-se em 3 secções onde se estudarão as theses seguintes: 1.ª secção, Educação physica e hygiene escolar: 1.ª these, A creança portugueza; 2.ª, Jogos escolares; 3.ª, A gymnastica na escola primaria, sua organisação; 2.ª secção: Educação physica post-escolar e preparação militar: 1.ª these, Educação physica e sua influencia na educação intellectual e moral; 2.ª, A instrucção militar preparatoria; 3.ª secção: Cultura physica, sua applicação: 1.ª these, Methodos naturaes e cultura physica; 2.ª, Desportos ao ar livre; 3.ª, Natação; 3.º, A direcção do Gymnasio Club Portuguez nomeará os relatores de cada these. 4.º, Todos os relatorios devem ter um resumo n'uma pagina e bem expressos os seus votos ou conclusões. São estes resumos e conclusões que se distribuirão aos congressistas. 5.º, Os relatores devem entregar as suas theses até 31 de março de 1916 para os seus resumos e conclusões serem impressos e distribuidas antes da abertura do Congresso. 6.º As actas do Congresso, relatorios e communicações serão reunidos e impressos constituindo o Livro do Congresso. 7.º, O Congresso recebe tambem quaesquer outros relatorios ou communicações sobre as materias do programma acima exposto, que apenas serão lidos, durante as sessões em que forem relatadas as theses officiaes sobre assumptos identicos, e incluidas no Livro do Congresso, se as commissões das secções assim o entenderem. 8.º, Todos estes trabalhos livres, acompanhados das conclusões deverão dar entrada na secretaria do Congresso até 31 de maio de 1916 de contrario não serão apresentados ao Congresso nem inseridos no Livro do Congresso.

9.º, Haverá duas ordens de sessões de trabalhos: as «sessões plenarias», destinadas á discussão e votação das theses; as «sessões de secção». destinadas ao estudo das theses e elaboração dos votos do Congresso e a occuparem-se d'outros assumptos que a Mesa do Congresso lhes distribua. 10.º, Em todas as sessões uteis do Congresso haverá meia hora, imprerogavel, antes da «ordem», para assumptos de caracter geral, mas subordinados sempre aos fins do Congresso. 11.º, A leitura das conclusões dos relatorios e das communicações não poderá exceder 15 minutos, e os oradores que as discutirem não poderão usar da palavra por mais de 10 minutos e uma só vez sobre a mesma these, a menos que a Mesa do Congresso entenda dever auctorisar o uso da palavra sempre que o desejarem. 12.º, Nas sessões de abertura e encerramento, consagradas aos discursos usuaes e votos emittidos, só poderão usar da palavra os congressistas convidados pela commissão organisadora. 13.º, Ha duas cathegorias de congressistas: a) Ordinarios, os que queiram tomar parte nos trabalhos do Congresso e como tal se inscrevam até 31 de abril de 1916; b) Adherentes, os que como taes se inscrevam até 31 de maio de 1916. 14.º, A inscripção dos congressistas é feita no Gymnasio Club Portuguez e deve ser pedida ao secretario indicando nome, profissão e qualidade de congressista, se representante ou não de club, federação, ou collectividade scientifica, pedagogica ou litteraria. 15.º, Os membros do Congresso receberão o seu bilhete de identidade, depois da remessa da sua quota de inscripção á secretaria do Congresso, sendo a sua apresentação indispensavel, para serem reconhecidos como congressistas. 16.º, A cota de inscripção é de 2$00 para as collectividades, que se podem fazer representar com o maximo de trez delegados; 1$00 para os congressistas ordinarios; $50 para os congressistas adherentes. 17.º, Os congressistas ordinarios além de todas as regalias e ventagens communs a todos os congressistas teem mais o direito de tomar parte nos trabalhos do Congresso e receberem o Livro do Congresso. 18.º, Os representantes das collectividades são considerados congressistas ordinarios. 19.º, O Congresso é dirigido pela Direcção do Gymnasio Club Portuguez, á qual compete tomar todas as medidas necessarias á preparação e funccionamento do Congresso, resolver todos os casos não previstos n'este regulamento, a nomeação dos relatores das theses e a publicação do Livro do Congresso. 20.º, A commissão organisadora do Congresso estabelecerá uma serie demonstrativa de visitas e festas em honra dos congressistas, em programma previamente annunciado. 21.º, Toda a correspondencia, relatorios, communicações, etc., relativas ao Congresso deverão ser dirigidas ao presidente da commissão organisadora do 1.º Congresso de Educação Physica, dr. Carlos Granha, Gymnasio Club Portuguez, rua de Serpa Pinto, 4, Lisboa.

Algumas anecdotas

Era o Caruso da força...

Quando propuzeram a Grafal, o colossau hercules austriaco, para fazer o papel de Ursus no «Quo Vadis», porque todos os actores eram incapazes de levar Lygia, houve certa difficuldade em ajustar preço.

Grafl exigiu uma quantia avultada. Propuzeram-lhe dez coroas.

—Meu Ex.mo amigo, por esse preço póde arranjar cantores, mas nunca arranjará hercules...

—Ora essa?!

—E' o que lhe digo... E emquanto a mim, Você esqueceu-se de que sou o Caruso dos athletas...

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Club Naval de Lisboa

A sessão de distribuição de premios, que se devia realisar hontem na séde da Sociedade de Geographia, foi transferida para data ainda não fixada, provavelmente para sabbado proximo.

Sport Lisboa e Bemfica

Da direcção d'este importante club lisbonense recebemos um officio agradecendo a nossa cooperação na propaganda dos ultimos desafios internacionaes que o Bemfica promoveu.

Escoteiros de Portugal

O grupo n.º 17 annuncia na séde nova, rua do Mundo, 33 sobre-loja, continua aberta a inscripção para socios extraordinarios e ordinarios (escoteiros), sendo a quota minima 10 centavos mensaes.

Menina Maria Sofia Nunes Baptista

José Nunes Baptista e sua mulher, Severiana Castello Nunes Baptista, Flavia Nunes Baptista, Branca Nunes Baptista, Rosa Nunes Baptista, ausente, Ritta Rodrigues Castello, Virginia Rodrigues Castelo, Domingos Rodrigues Castelo e Manuel Castelo, cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas das suas relações o fallecimento de sua querida filhinha, irmã e sobrinha, e que o seu enterro se realisará amanhã, 24, pelas 14 horas, sahindo o prestito funebre da Costa do Castello, 14-A, 2.º.

Club Naval de Lisboa

A Junta Directora convida todos os socios d'este Club a incorporarem-se no prestito funebre do illustre embaixador do Brazil e dignissimo socio honorario do Club Naval, Dr. Regis de Oliveira.

O funeral sae da Embaixada do Brazil, ámanhã, 24, ás 15 horas.

DR. REGIS D'OLIVEIRA

Embaixador do Brasil

Falleceu

A Direcção da Associação Commercial de Lisboa participa aos seus consocios o fallecimento do seu socio honorario o Ex.mo Sr. Dr. Régis d'Oliveira e sollicita a sua comparencia no funeral, que terá logar ámanhã, 24, sahindo o prestito da Rua Antonio Maria Cardoso, 8, ás 15 horas.

zes avançaram, não d'esse lado, mas na região de Arras. A estrada d'essa cidade a Lens estava obstruida pela fortaleza a que já nos referimos denominada pelos francezes «O Labyrintho».

Um pouco ao occidente e a oriente respectivamente da estrada antes d'esta atravessar «O Labyrintho» e proximo de Arras ficavam as aldeias de Ecurie e Roclincourt.

Tendo feito ir pelos ares com cinco minas as trincheiras inimigas ao norte de Ecurie, trez pequenas columnas—duas de zuavos e uma de infantaria ligeira africana—avançaram para as cracteras formadas pelas explosões, que foram occupadas, fortificadas e ligadas por uma trincheira de communicação com a posição franceza na refaguarda.

Na noite de 6 para 7, as minas francezas fizeram tambem saltar uma trincheira allemã nos arredores de Carency.

No dia seguinte—8 de fevereiro—os francezes tomaram um moinho na estrada Béthune-La Bassée e dispersaram por meio do fogo de artilharia os allemães que se estavam concentrando para um contra-ataque.

Proximo de Roclincourt, a leste de Ecurie e ao sul do «Labyrintho», no dia 17, uma trincheira allemã foi pelos ares e um contra-ataque repellido com grandes perdas. Por outro lado, no começo de março os allemães tomaram uma trincheira franceza, proximo de Notre Dame de Lorette e ao que parece fizeram grande numero de prisioneiros.

No dia seguinte, 4 de março, os francezes contra-atacaram e recuperaram parte do terreno perdido, fazendo por seu turno 150 prisioneiros.

Dizem os francezes que no dia [illegible] conquistaram mais terreno e infligiram um grande cheque nos allemães. No dia 7 um outro ataque do inimigo foi tambem repellido.

No dia 8, dizem os allemães que alcançaram uma victoria, mas os communicados francezes do dia 10 diziam que apesar de violenta lucta a situação não mudára.

O dia 16 foi um dia critico na demorada e sangrenta lucta para a posse do planalto. Os francezes tomaram trez linhas de trincheiras, aprisionaram uns cem homens e destruiram duas metralhadoras.

Na região Ecurie-Roclincourt outras trincheiras foram pelos ares n'esse dia. Apesar dos contra-ataques, os francezes avançaram [illegible] a cumiada da elevação de Notre Dame de Lorette, apoderando-se no dia 19 das trincheiras de communicação que desciam para Ablain, perdendo, porém, algumas d'ellas no dia 20.

A 23, a maior parte da elevação estava virtualmente em seu poder.

No dia seguinte, tomaram e destruiram uma trincheira allemã, ao sul de Ablain, proximo de Carency.

Dois assaltos allemães na elevação de Notre Dame de Lorette foram repellidos com grandes perdas no dia 26.

No dia 27, talvez como vingança, os allemães bombardearam novamente Arras.

Terminamos aqui este capitulo. Os inglezes durante o mez de março tinham retomado Neuve Chapelle, os francezes a elevação de Notre Dame de Lorette. Os primeiros movimentos d'uma offensiva dos alliados contra os allemães no triangulo Lille-La Bassée-Arras tinham sido effectuados e com exito.

FIM DO 7.º VOLUME

INDICE DO 7.º VOLUME

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 1964—6.° Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Segunda-feira, 24 de Janeiro de 1916

Telephone n.° 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.° | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Brazil e Portugal

Com profunda consternação foi recebida pela opinião publica a noticia do fallecimento do sr. embaixador do Brazil, dr. Regis de Oliveira. O illustre diplomata merecia, pessoalmente, todas as deferencias, toda a estima e toda a consideração. A sua impeccavel correcção, o seu fino tacto, a sua culta intelligencia, todos os primores do seu espirito tornavam-o credor d'esses sentimentos, que eram os de todos os que o conheciam e apreciavam os seus dotes. Por isso a impressão dolorosa do seu imprevisto fim já amplamente se justificaria, mas ella accresce notavelmente pela circumstancia de baquear, ferido pela morte, no seu posto que tanto honrava, o representante do paiz que é, entre todos os do mundo, aquelle a que Portugal está mais ligado, por elos que ha seculos existem e que, de dia para dia, mais poderosamente se fortalecem.

Assim, a homenagem que se presta ao distincto diplomata fallecido, e que pelas suas qualidades pessoaes tanto a merece, engrandece-se e toma uma significação especial porque n'ella vae todo o sentimento d'uma condolencia sincera á nobre nação brazileira que é para os portuguezes uma segunda patria, como, para os brazileiros, uma segunda patria é Portugal.

Muitas centenas de milhares de portuguezes, mais de um milhão senão perto de dois, empregam a sua actividade no Brazil; laços de familia radicam a identificação das duas raças; a mesma lingua serve de instrumento maravilhoso ao pensamento dos dois povos, e até, por um concurso de circumstancias, de ambos os paizes se espera n'este momento o inicio d'uma obra de realisações, d'uma fecunda obra que deverá assegurar o futuro dos dois povos, estabelecendo um sólido equilibrio para as sociedades que constituem.

Portugal e Brazil devem-se um mutuo auxilio; não são indifferentes, nem para um nem para outro, os varios episodios da sua existencia. Pela nossa parte, não esqueceremos nunca que foi do grande acto da proclamação da sua Republica que nos adveiu o primeiro estimulo poderoso para realisarmos a nossa. Tão viva foi a impressão d'esse importante acontecimento, elle reflectiu-se no nosso espirito com tal pujança, que dando-se proclamado a Republica Brazileira em 15 de novembro de 1889; já em 31 de janeiro de 1891, quer dizer, apenas quatorze mezes depois, rebentava em Portugal o primeiro movimento destinado a imitar o admiravel exemplo da nobre nação irmã. E tanto sempre no seu exemplo nos inspirámos, sempre pensámos tanto em fazer uma Republica como o Brazil, fizera a sua, que no dia 5 d'outubro de 1910, Portugal assombrava o mundo com uma magnanimidade popular tão grande como o fôra a manifestada na revolução brazileira.

Passa o feretro do sr. embaixador do Brazil coberto com a bandeira da sua patria. E' essa patria que nós sentimos dolorosamente ferida. Tambem a bandeira de Portugal está enlutada. Não ha maneira possivel, tá enlutada. Não ha maneira possivel, com effeito, de distringar, em taes golpes, a dôr das duas nações que, atravez dos mares, sempre teem sentido e continuarão sentindo como se fossem uma só!

Apprehensões de jornaes

"A Capital,, não foi victima de nenhuma violencia

Fez-se constar que contra este jornal, na noite de sabbado, havia sido ordenada e levada a cabo uma apprehensão policial. Foi-nos communicado pela policia que, com o pretexto de termos transcripto certas passagens do livro do general Pimenta de Castro, não se havia realmente adoptado para com *A Capital* esse procedimento de excepção.

Mas, já que contra vontade nos referimos a este assumpto, pelo qual não temos a menor sympathia, aproveitamos o ensejo para pôr no seu logar coisas que d'elle, para conveniencia de todos não devem sahir.

São bem conhecidos, ou devem sel-o, pelo menos, as ideias d'este jornal a respeito de apprehensões, censuras previas e quantas medidas violentas se adoptem contra jornaes. Nunca as aceitámos. Nunca as applaudimos. Mais, e isto é que tem summa importancia n'este momento. Hontem, quando tivemos conhecimento do que se passara no sabbado, desde que não podiamos evitar que nos apprehendessem, porque isso ninguem pode fazel-o, declarámos terminantemente, a quem o podia registar, para os devidos effeitos, que jámais, custasse o que custasse, nos sujeitariamos a censuras previas, authenticas ou disfarçadas. Nas officinas da *Capital* não entrarão nunca agentes policiaes, pedindo ou exigindo exemplares, para a auctoridade lhes pôr o visto. Fique isto bem assente.

Mas ha mais. E' que *A Capital* não deixou nunca de se insurgir contra todas as leis que representem ataques ás liberdades individuaes. Quando a lei de imprensa vigente foi discutida no Parlamento, aqui se disse, contra as suas disposições que reputavamos inaceitaveis, o que nos pareceu necessario e justo. A lei passou e está em vigor. Mas as nossas palavras tambem ficaram e quem quizer enteirar-se d'ellas tem apenas uma coisa a fazer, que é consultar as collecções da *Capital*, porque lá as encontrará, bem terminantes e bem explicitas.

Fica assim reduzido ás suas verdadeiras proporções o boato que correu sobre a apprehensão d'*A Capital*. E fica tambem assente mais uma vez que em materia de violencias contra a imprensa—apprehensões, censuras previas ou o quer que seja—de ha muito que este jornal definiu a sua attitude, sem sombra de duvidas e de maneira a não poder occasionar o menor equivoco.

Um gesto de Guitry

Matinée na legação de França, a favor dos feridos militares

O acolhimento tão caloroso como merecido que recebeu o grande actor Lucien Guitry em Portugal não lhe faz esquecer os feridos da grande guerra. Depois de ámanhã, pelas 15 horas e meia, Lucien Guitry dará uma «matinée» em favor das obras d'assistencia aos feridos militares, nas salas da legação de França.

As pessoas que desejarem reservar os seus logares, cujo numero é limitado, podem inscrever-se na Legação de França, rua direita de Santos, ou na séde do Comité Anglo-Franco-Belga de soccorro aos feridos militares no Avenida Palace. O preço dos bilhetes é de 2$50.

Poeira da Arcada

Os allemães dizem que o Rheno foi sempre um rio muito seu, celebrado já pelas velhas lendas odinicas como uma corrente misteriosa oude as deosas e deuses da floresta vinham mirar os seus olhos claros. Em França não falta quem diga precisamente o contrario, porque, nas suas margens, os gaulezes defenderam e domesticaram a sua ancia incontida de correrias.

Para resolver a contenda, devia-se attribuir a margem direita aos allemães e a esquerda aos francezes. Porque se não faz assim? A politica não obedece á natureza, procedendo sempre ao contrario do que esta dispõe. As tragedias dos povos nascem quasi todas d'esta obstinação no erro.

* * *

Dizem os francezes que os povos felizes não teem historia. Como sem historia a geographia disperte pouca interesse, houve quem affirmasse que nem uma nem outra são necessarias para a felicidade. D'esta maneira reconquista-va-se o Eden, que, sendo um logar de innocencia perfeita, cabe todo nos primeiros capitulos do Genesis.

* * *

A «Renascença Portugueza» publicou uma bella edição das obras de Christovão Falcão, precedidas de um estudo por Theophilo Braga. O Mestre mantem intactos o nome e vida litterarias do pastor Chrisfal, não consentindo que lhe roubem a melancholica individualidade, dando-o como um outro eu de Bernardim Ribeiro. Os documentos por elle citados e transcriptos são sufficientes para convencer os incredulos, a não ser que estes façam da incredulidade, uma attitude irreductivel e intratavel.

A egloga Chrisfal, *que até agora ainda não foi excedida na pureza da emoção e na simplicidade plastica das redondilhas, lêr-se-ha sempre, até que no mundo exista um coração portuguez. A* Carta, *bem como as* Cantigas, *voltas e esparsas embora não subam tão alto na inspiração, ainda assim não deixam de formar em torno d'ella um dôce silvado de penas e maguas.*

REPUBLICA E EGREJA

Uma censura aos bispos

Os srs. Pinto Coelho e Moreira de Almeida erguem-se contra os catholicos republicanos e, implicitamente, contra a auctoridade ecclesiastica

Com o applauso caloroso e enthusiastico do *Dia*, inseriu a *Nação* um longo artigo do sr. Domingos Pinto Coelho que se propôz demonstrar a impossibilidade d'um catholico portuguez continuar a sel-o desde que pertença a qualquer dos partidos republicanos existentes. O celebre advogado das congregações e leader do partido miguelista considera incompativel semelhante filiação partidaria com os sentimentos d'um verdadeiro catholico, pois que a Republica, promulgando leis anti-religiosas, os impediu de lhe darem o seu apoio e a sua collaboração. D'aqui conclue, naturalmente, o sr. Domingos Pinto Coelho que todo o catholico deve ser monarchico, doutrina esta proclamada pelos constitucionalistas do *Dia* e pelos integralistas da *Nação Portugueza*, se bem que estes não poupem aquelles e os seus predecessores ás mais severas e contundentes criticas.

Ora como se dê o caso de numerosos catholicos, incluindo sacerdotes, estarem filiados nos varios partidos republicanos, ou o sr. Pinto Coelho exaggera quando reputa um «impossivel moral» essa filiação, ou a auctoridade ecclesiastica se mostra d'uma nimia tolerancia não os banindo do seio da Egreja.

Com effeito, os bispos nenhuma providencia tomaram até hoje no sentido de excommungarem os fieis que professam ideias anti-monarchicas e que pertencem aos partidos republicanos, succedendo, pelo contrario, que sacerdotes filiados nos partidos do regimen e até com assento em côrtes estão no exercicio das suas ordens e nas melhores relações com figuras eminentes do clero. O abbade de Padornello, rev. Casimiro Rodrigues de Sá, por exemplo. Ninguem ignora que este sacerdote é membro do partido evolucionista e deputado da nação em duas legislaturas successivas. Quando em Lisboa, costuma celebrar missa na egreja da Encarnação, de que é parocho o decano dos priores da capital, sr. dr. Garcia Diniz, desembargador e juiz da Relação patriarchal e personalidade que gosa de muito prestigio junto do sr. patriarcha. Tambem nos consta que são excellentes as relações do sr. abbade de Padornello com monsenhor Benedetto Aloisi-Masela, auditor da nunciatura de Lisboa, que, a despeito da separação, nunca deixou e de existir e de funccionar.

Se é um «impossivel moral», como assevera o sr. Domingos Pinto Coelho, a filiação republicana partidaria d'um catholico, se ha irreductivel incompatibilidade entre pertencer á Egreja e apoiar o regimen, como se explica que não estejam suspensos o sr. Casimiro Rodrigues de Sá e os seus collegas que são republicanos filiados e continuam na communhão catholica?

A explicação dá-a a *Liberdade*, declarando que os padres e até parochos que teem assento no Congresso estão ali «com consentimento dos seus bispos» e recordando que os bispos, na sua pastoral collectiva de 1911, prescreveram o seguinte:

> Devem os bons catholicos dar o seu vota a candidatos que offereçam garantias de que saberão favorecer os interesses da Egreja—sejam *quaes forem os partidos a que pertençam.*

Os mesmos bispos entendem que «qualquer catholico deve usar do seu direito de voto, *seja qual fôr o regimen da sua preferencia*, ou a côr da bandeira do seu partido, para defender a sua religião» e relembraram aos fieis estas palavras da enciclica *Immortale Dei*:

> Os catholicos teem bons motivos para tomar parte na vida politica, comtanto que o não façam, nem o devem fazer, para sanccionar o que ha de reprehensivel nos sistemas vigentes, mas sim *para os fazer servir* quanto é possivel, ao gennino e verdadeiro bem publico, e com o fim de fazer circular em todas as veias do corpo social, qual seiva e sangue vivificador, o espirito e salutar influxo da Egreja.

Pondo em foco estas e ainda outras passagens de documentos doutrinarios das auctoridrdes ecclesiasticas, a *Liberdade* observa que o *Dia*—que apoiou calorosamente a *Nação*—«é sempre infeliz quando se põe a tratar de coisas religiosas, a que decerto por falta de formação é completamente alheio.» Como resposta clara e decisiva aos que, a exemplo dos srs. Pinto Coelho, Moreira de Almeida e Antonio Sardinha (trez monarchicos distinctos, mas unidos contra os catholicos que não luctam em qualquer dos agrupamentos de que fazem parte), entendem que se não pode ser ao mesmo tempo catholico e republicano, a *Liberdade* reproduz tambem estas palavras do *Apello ao episcopado* que veio a lume em 1913:

> «Ha outros... que... se arrogam um papel que lhes não pertence. Presumem... subordinar o procedimento da Egreja ás suas ideias e caprichos...»

A machadada final descarrega-a ainda a *Liberdade*, que se occupa em varios artigos e sueltos da campanha que contra o Centro Catholico Portuguez agitam sobretudo os srs. Moreira de Almeida e Antonio Sardinha. Como este ultimo affirmasse que só com a restauração da monarchia a Egreja pode retomar em Portugal «a posição de que a esbulharam», a *Liberdade* põe-lhe diante dos olhos estas palavras de Pio X dirigidas em 1911 aos bispos portuguezes:

> «Os seus interesses (da Egreja) e os da Religião que sem duvida são superiores ás coisas humanas, devem estar e continuar completamente separados das luctas partidarias e das vicissitudes politicas.»

Os verdadeiros e sinceros catholicos, ao contrario de certos especuladores que todos conhecemos, crêem que dentro das instituições actuaes se devem unir para fazer valer os seus direitos e crêem muito bem. Na desunião que esses especuladores fomentam, pretendendo desvial-os para a lucta contra o regimen, é que elles nunca encontrarão forças para restabelecer principios e introduzir na vida social as reformas baseadas no espirito christão que procuram restaurar...

A CAPITAL DO NORTE

A CIDADE NOVA

E' preciso e inadiavel alargar o quarteirão da rua Formosa, da esquina da rua de Santa Catharina até ao mercado do Bolhão

PORTO, 23

—Já que a Camara está resolvida a transformar a cidade, —dizia-nos hontem um distincto architecto,—já que se trata efficaz e seriamente de dar a este Porto antigo uma feição moderna, é indispensavel, é de absoluta necessidade, desentaipar o accesso ao novo Mercado do Bolhão, desde a esquina da rua Formosa com Santa Catharina, meia duzia de predios, hoje de muito menos valor real e estimativo, do que ámanhã quando o mercado esteja concluido.

«Depois, não se justifica de maneira alguma que, fazendo-se nos predios da rua sul do mercado um corte de 5 metros, rua que nunca terá o movimento intensivo da rua Formosa;— fazendo-se esse corte «lateral», se não faça o corte longitudinal da mesma rua, de maneira a que fique «faceando», em linha recta, com a frontaria principal e monumental do novo mercado.

«Ha «peso» de conveniencias pessoaes? Não o creio, e direi mesmo que, ainda que os houvesse, a Camara não pode nem quererá ceder a essas pressões. Não se lembrou ainda da necessidade d'este alargamento?

«Já «A Capital» lh'o lembrou n'um artigo de ha dias.

—Julga então que, desde a esquina do «Janeiro» até ao mercado, a rua Formosa deve alargar-se?

—Se o não fizerem, e desde já, commettem um erro economico e um erro de esthetica. Um erro economico, porque os predios—melhor—a parte dos predios a expropriar, teem hoje um valor collectavel na matriz, muito menor do que o terão ámanhã, desde que o mercado funccione e desde que os proprietarios d'esses predios, vendo a necessidade da sua expropriação, se apressem a ir á Conservatoria «declarar-lhes» o «verdadeiro» rendimento.

«Um erro de esthetica, porque, ficando a frontaria do mercado do Bolhão retirada, recuada cerca de 5 metros do antigo alinhamento da rua, não se percebe que á rua se não cortem os mesmos 5 metros, para com ella continuar a «facear». Mas, ainda ha outras razões, e bem sérias, que justificam a necessidade d'esse alargamento. Refiro-me á segurança publica. Todos sabem que o movimento de electricos, trens, automoveis, e peões é intensissimo á esquina do «Janeiro», dobrando para a rua Formosa.

E', pode dizer-se, egual ao movimento que se nota á esquina do Bomjardim e antiga rua de Santo Antonio. Ora, se n'esta rua se faz o corte de predios, para a «desimpedir», para facilitar o movimento, porque se não ha de fazer outro tanto no pequeno quarteirão que vae do mercado do Bolhão até Santa Catharina? A verdade—e ninguem o poderá contestar—é que, pela esquina de Santa Catharina para a rua Formosa, passa a intensa linha de electricos de Costa Cabral e Arcosa e Aguas Santas,—a linha de mais movimento da Companhia Carris. Tão apertada é a curva da esquina, que já, por varias vezes, os electricos teem descarrilado, com perigo de vidas e prejuizos materiaes importantes.

«Mas, não é só isto. Por ali passa a linha electrica de S. Roque da Lameira e da Venda Nova, linha tambem de muito movimento e que em breve o terá maior—desde qu esteja ligada a S. Cosme de Gondomar onde ficam as minas de carvão de S. Pedro da Cova.

«Ainda ali passa a linha 17, de circulação, da Batalha á Boavista, e a linha 11—de Campanhã.

«Póde, n'estas circumstancias, deixar de fazer-se o alargamento de esse pequeno troço da rua Formosa, —desde a esquina do «Janeiro» ao novo mercado do Bolhão? De maneira alguma.

«E, se a Camara o não fizer desde já, commette um grande erro economico, um grande erro de esthetica e não cuida da segurança dos municipes, deixando aberta uma garganta esganada, indigna e impropria do local e do novo aspecto da cidade.

Pelo telegrapho

Monastir bombardeada por 45 aviões francezes

SALONICA, 24.—Uma esquadrilha franceza de 45 aviões bombardeou hontem de manhã Monastir causando importantes estragos na gare, nos aquartelamentos militares, vias ferreas e depositos de munições. As tropas austro-bulgaras tendo tomado Berat, dirigem-se: os bulgaros para os lados de Vallona, e os austriacos na direcção de Durazzo, onde Essad-Pachá está preparando tropas.—(*Havas*).

Os montenegrinos em Lyon

PARIS, 24.—Telegrapham de Roma ao «Petit Parisien» que o sr. Miouchokovitch, presidente do conselho de ministros montenegrino, chegou ali esta manhã onde se demorará alguns dias, indo depois encontrar-se com a familia real em Lyon. Affirma-se que o rei do Montenegro irá brevemente reunir-se ás suas tropas.—(*Havas*).

Contra os raids aereos dos allemães

PARIS, 24.—Um telegramma de Londres para o «New York Herald» annuncia officialmente que o governo britannico decidiu encerrar todos os museus e collecções publicas das capitaes, no intuito de proteger os thesouros de arte nacional contra os *raids* dos aviões e dirigiveis.—(*Havas*).

Uma tripulação salva

SALONICA, 24.—A tripulação do transporte inglez afundado hontem á entrada do golfo de Salonica está completamente salva assim como a carga; o navio foi rebocado e está encalhado na costa.—(*Havas*).

MUSICA

Academia de Amadores de Musica

Para solemnisar o 32.° anniversario da sua fundação, realisa esta benemerita escola de arte um interessantissimo serão litterario e musical, no salão do Conservatorio, na noite do proximo sabbado.

O sr. dr. Manuel de Sousa Pinto fará uma brilhante conferencia *A arte da dança*, que será acompanhada da recitação d'uma *Bailata* do seculo XIII, do *Minuette* de Gonçalves Crespo e *Valsa* de Casimiro de Abreu, por alumnas da aula d'Arte de dizer da Academia e regida pelo professor sr. Lobo Campos.

A orchestra, sob a direcção do maestro Pedro Blanch, executará as *Danças hungaras, minuetto* de Bocherini, *Gavotte* de Lully e outros trechos.

Mademoiselle Marie Manuela Navarro de Sampaio dará realce á festa cantando a famosa *Valse des Feuilles* de J. Faure. Haverá solos de harpa, piano e violino por amadoras das mais distinctas. A festa é por convites, havendo marcação de logares a 20 centavos. Os solos de instrumentos são danças diversas.

Movimento academico

Instituto Superior Technico

Por serem satisfeitas as reclamações dos estudantes das faculdades de sciencias universidades de Coimbra, Porto e Lisboa e a seu pedido os alumnos do Instituto Superior Technico levantaram hoje a gréve que ha dias vinham fazendo por solidariedade para com esses seus collegas.

Faculdade de lettras

Os alumnos da Escola Normal Superior e da faculdade de lettras da Universidade de Lisboa, em reunião conjuncta votaram a seguinte proposta, que approvaram:

«Os alumnos da Escola Normal Superior e da faculdade de lettras reunidos em assembleia magna deem o seu apoio incondicional aos alumnos da Escola Normal Superior que, por uma disposição do Conselho Superior de Instrucção são obrigados a sahir d'essa escola.

Faculdade de Sciencias

Os alumnos d'esta faculdade, reunidos em assembleia geral, resolveram voltar ás aulas, a partir de ámanhã, 25.

DR. REGIS DE OLIVEIRA

O funeral de hoje

Em ambas as casas do Congresso é prestada eloquente homenagem ás qualidades e merecimentos do finado embaixador do Brazil

Na sessão de hoje da Camara dos deputados, o sr. presidente, dando conhecimento da morte do embaixador do Brazil, lamenta-a por se se tratar de um grande amigo de Portugal, que era um illustre diplomata, ao qual, bem como á grande Republica brazileira, todas as homenagens são devidas. Propõe, por por isso, que se lance na acta um voto de sentimento e se levante a sessão em signal de lucto. O chefe do governo associa-se e faz o elogio do sr. Regis de Oliveira, que não perdia ensejo de mostrar quanto nos queria, nem de estreitar as relações amigas existentes entre os dois povos irmãos. Exprimindo o seu sentimento pela morte do embaixador do Brazil o governo associa-se á manifestação da Camara dos Deputados e saúda o Brazil, n'esta hora de luto para esse paiz. O sr. Barbosa de Magalhães tambem se associa, em nome da maioria, dizendo que pelo seu caracter, pela sua cultura e pela sua intelligencia, o sr. Regis de Oliveira se impunha ao respeito e á consideração de todos.

O embaixador do Brazil era grande paladino da aproximação de brazileiros e portuguezes. Só por isso elle merece as homenagens que se lhe prestarem. O sr. Simas Machado pelos evolucionistas diz que o dr. Regis d'Oliveira estava ligado a este nosso torrão por uma simpathia indestructivel. Soffria com as nossas amarguras e regosijava-se com as nossas alegrias. Ha d'isso provas sem conta. O partido evolucionista, saudando o Brazil, associa-se de bom grado ao voto proposto pelo presidente. O sr. Aresta Branco põe em destaque as boas relações de Portugal e do Brazil, e diz que, se para essa nação, vão sempre as nossas sympathias, d'esta feita se devem dirigir para lá a nossa magua e a nossa dôr. O sr. Costa Junior associa-se pelo partido socialista. O presidente nomeia a commissão que ha de, com a meza representar as camaras no funeral e em seguida, approvado o voto de sentimento, levanta-se a sessão. A commissão ficou composta pelos srs. Antonio Macieira, Barbosa de Magalhães, Germano Martins, Alfredo de Sousa, Queiroz Vaz Guedes, Mesquita de Carvalho, Vasco de Vasconcellos, Casimiro de Sá, José Barbosa, Amadeu Monjardino e Brito Guimarães.

* * *

Os corredores do Senado teem hoje um aspecto desusado. A maioria dos senadores e quasi todos os membros do governo envergam casaca e chapeu alto. E em todos os grupos as conversas versam sobre coisas do Brazil e sobre a figura diplomatica do extincto embaixador sr. dr. Regis de Oliveira.

A's 15 horas em ponto o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Lourenço Serro e Simão José, manda proceder á chamada a que respondem 43 senadores. Na bancada ministerial veem-se os ministros das finanças, interior, justiça, guerra, colonias, instrucção e estrangeiros.

Approvada a acta e lido o expediente é proclamado senador o sr. Antonio da Silva Gouveia, eleito pela Guiné. Em seguida o sr. presidente participa ao Senado a morte do sr. dr. Regis de Oliveira, illustre embaixador do Brazil junto da Republica. Propõe que na acta de hoje se lance um voto de sentimento e seja encerrada a sessão, sendo estas resoluções participadas ao Senado brazileiro.

Em nome do governo o sr. ministro dos negocios estrangeiros associa-se com muito pezar ao voto de sentimento proposto pela meza. Faz o rasgado elogio do illustre extincto, diplomata de altissima envergadura, cujo carinho pela Republica Portugueza se manifestou ainda ultimamente n'um banquete offerecido ao chefe de Estado para quem teve as mais affectuosas palavras de estima.

Com muito sentimento pois, com muitissimo pezar, e exprimindo o sentir de Portugal como povo irmão e amigo no desgosto soffrido pelo Brazil, elle, em nome do governo da Republica Portugueza se associa ás manifestações de pezar pela morte do decano dos diplomatas brazileiros e grande amigo de Portugal.

Usam depois da palavra, para egual fim: em nome dos democraticos, o sr. dr. Estevam de Vasconcellos; em nome dos evolucionistas, o sr. dr. Celestino de Almeida; em seu nome pessoal o sr. dr. José de Castro; pelos unionistas, o sr. coronel Alberto Silveira.

O sr. presidente considerando a sua proposta approvada por unanimidade nomeia os srs. Celestino de Almeida, José Maria Pereira e Herculano Galhardo para juntamente com a mesa representarem o Senado no funeral.

A proxima sessão é ámanhã á hora regimental com a mesma ordem do dia dada para hoje.

O fallecido embaixador e o 14 de maio

Causando, como já accentuámos, profundo sentimento geral, a morte subita do sr. Regis de Oliveira, illustre embaixador do Brazil, não só deu occasião—que não podia ser mais triste—a que se recordassem as suas primorosas qualidades, como tambem motivou sinceros e unanimes manifestações de sympathia e affecto pela grande republica sul-americana que elle dignamente representava em Portugal.

O sr. dr. Regis de Oliveira, decano do corpo diplomatico acreditado em Lisboa, mantinha numerosas e estreitas relações na sociedade e captivava toda a gente pelo seu trato e pela sua bonhomia. Representante d'um paiz que é duplamente nosso irmão pela lingua e pelas instituições, servindo-o com lealdade e timbrando em exercer com escrupulosa dedicação as suas elevadas funcções, o extincto embaixador gosava tambem da estima dos proprios adversarios do regimen que entenderam opportuno o momento para relembrar os singulares favores que deviam á magnanimidade do seu grande coração.

Com effeito, o *Dia*, na mesma tarde em que circulava a dolorosa noticia do fallecimento do sr. Regis de Oliveira, recordou factos da sua biographia que, pela importancia que revestem para a nossa historia contemporanea, convem archivar. Por seu turno, a *Liberdade* desvenda, egualmente, pormenores da attitude assumida pelo sr. embaixador quando foi do 14 de maio, pormenores tão interessantes como os factos mencionados pelo *Dia* e de que são como que o complemento.

Eis o que escreveu o *Dia*:

> O sr. dr. Regis de Oliveira era um amigo dedicado de todos os portuguezes, e provou-o sempre. Quando foi do 14 de maio, sabendo que a vida de João Coutinho corria risco, abriu-lhe as portas da embaixada, onde o teve como hospede durante quinze dias, participando logo o facto ao governo do seu paiz, que o approvou plenamente, e tambem ao governo portuguez.
>
> João Coutinho ainda não ha muito tempo nos contava em Madrid o que foi essa hospitalidade fidalga do embaixador do Brazil que o acompanhou a bordo, em pleno dia, dispensando-lhe as maiores honras e provas de consideração.
>
> Não só com João Coutinho se deu este caso. O heroico tenente Henrique Constancio tambem n'essa occasião muito deveu ao dr. Regis de Oliveira e precisamente talvez quando em outra legação lhe haviam recusado o asylo que elle solicitava e que em taes circumstancias estava longe de ser um favor.

As revelações da *Liberdade* são do teor seguinte:

> Homem naturalmente distincto, diplomata de raça, para quem as subtis difficuldades da carreira não tinham segredos, o fallecido embaixador do Brazil sabia como poucos alliar na amenidade do trato—que ia até á bondade—com uma nobre firmeza de proceder.
>
> Provou-o bem nas alterosas horas de aquella jornada do «14 de maio».
>
> Na sua qualidade de embaixador, o dr. Regis d'Oliveira convocou o corpo diplomatico, acreditado em Lisboa, e expoz-lhe a situação grave, arriscada em que se encontravam pessoas de qualidade.
>
> N'essa reunião do corpo diplomatico o sr. ministro de Inglaterra disse—pelo menos assim anda contado—que por sua parte não daria guarida a monarchicos na sua legação, procedendo assim de harmonia com as instrucções do seu governo.
>
> O sr. Regis d'Oliveira insistiu na deshumanidade em que incorreriam fechando as suas portas áquelles que a exaltação do momento poderia perseguir.
>
> O diplomata inglez repetiu a sua declaração; que não só os não recebia mas expulsaria os que lá se acolhessem.
>
> Então, o sr. Regis d'Oliveira, o embaixador do Brazil, declarou secca e energicamente:
>
> —Pois por mim recebo e acolho quantos peçam refugio ao Brazil».

Ocioso será accrescentar que só a titulo de curiosidade fazemos estas transcripções, pois que não estamos habilitados a confirmar ou a corrigir os relatos das duas folhas monarchicas. Relembraremos ainda que o generoso procedimento do finado embaixador levou a evocar o do almirante Augusto de Castilho, quando da revolta de Custodio de Mello. Não nos devemos esquecer, porém, de que a attitude do official portuguez motivou o rompimento das relações entre o Brazil e Portugal.

A sahida do funeral

O funeral do embaixador do Brazil, sr. dr. Regis d'Oliveira, constituiu uma imponentissima manifestação de pezar. As ruas da cidade, que o prestito atravessou, estavam litteralmente apinhadas, vendo-se todas as janellas repletas de gente. No Chiado e em diversos outros pontos do percurso, os estabelecimentos commerciaes encerraram á passagem do prestito e, por toda a parte, desde a noticia do seu fallecimento, esses estabelecimentos manteem a bandeira a meia haste.

No palacio da embaixada, na rua Antonio Maria Cardoso, é interminavel a affluencia. Os livros de registo de condolencias enchem-se rapidamente, uns apoz outros; nas salvas de prata os cartões accumulam-se ás centenas e, de instante a instante, chegam telegrammas de toda a procedencia, quer nacionaes quer estrangeiros.

A's 15 horas a multidão começou a tomar postos, accumulando-se principalmente defronte da embaixada. A policia, que em reduzido numero comparece, vê-se na impossibilidade de fazer um serviço como conviria. Os trens e os automoveis são conduzidos com prodigios de habilidade para se não chocarem uns com os outros e para não atropellarem o povo, empenhado em não perder um palmo de terreno, tão pacientemente conquistado. Ahi por volta das 16 horas, o largo das Duas Egrejas, a rua Garrett, a rua da Trindade apresentam um aspecto interessante, coalhadas de gente, n'uma mancha sombria e movediça.

No vestibulo da embaixada, os secretarios recebem as pessoas que chegam, acompanhando as de mais elevada reputação aos aposentos transformados em camara ardente. Entre as pessoas de todas es classes sociaes, que chegam, notam-se muitas senhoras, trajando luto rigoroso.

Pelas 11 horas, junto do feretro, o coadjutor da Encarnação resou uma missa e, meia hora depois, o rev. Paulo da egreja do Corpo Santo resou outra, assistindo a ambas a familia, pessoal da embaixada e amigos do illustre diplomata.

E' impossivel dar uma ideia da extraordinaria concorrencia á embaixada e do numero de pessoas que se encorporaram no prestito.

Pouco depois das 16 horas, a urna, encerrando o cadaver do dr. Regis de Oliveira, era depositada sobre o armão, coberta com a bandeira do seu paiz. As corôas são trazidas tambem e collocadas sobre os coches, emquanto se organisa o cortejo. Avalia-se a concorrencia, dizendo-se que essa operação levou cerca de uma hora.

A ordem do funeral foi a seguinte: carruagens conduzindo todo o corpo diplomatico, general commandante da divisão, pessoal da embaixada do Brazil, ministro dos estrangeiros, ministerio e chefe do governo, Roque Arriaga, representando o sr. dr. Manuel de Arriaga, secretario da presidencia da Republica, representando o chefe do Estado; carruagem conduzindo o secretario da embaixada do Brazil sr. Gustavo Souza Bandeira, que levava o chapeu, espadim e condecorações do illustre morto; o carro de respeito, o automovel do embaixador, coberto de crepes; coche conduzindo corôas, berlinda com o coadjuctor da freguezia, atraz da qual seguiam grupos de estudantes e uma delegação da sociedade de instrucção militar preparatoria n.º 1, armão, conduzindo o feretro, ladeado por quatro creados e o mordomo do palacio, o regimento de cavallaria, por ultimo o infindavel numero de carruagens, em que tomam logar os representantes de todas as classes sociaes, de todas as côres politicas.

As corôas

Sobre o feretro foram depostas as seguintes corôas:

De orchideas—«A Francisco Regis de Oliveira, embaixador do Brazil—Bernardino Machado, Presidente da Republica»; de rosas chá e violetas—«Ao dr. Regis de Oliveira, como prova de immensa saudade, de Silva e Gustavo, 22-1-916»; de violetas—«Saudade—Mr. e M.me O'Connor Martins»; de rosas chá e violetas—«Ao meu estremecido amigo—Visconde de Salgado»; de lilazes—Ao dr. Regis de Oliveira, embaixador do Brazil»; de violetas—«Ao meu velho e inolvidavel amigo—Saudosa recordação de Oscar Blanch»; de violetas—«Saudade—Viscondessa Cavalcanti»; de rosas e violetas—«Ao dr. Regis de Oliveira, embaixador do Brazil—Da Sociedade de Beneficencia Brazileira em Portugal»; de rosas chá e violetas—«A Francisco Regis de Oliveira, embaixador do Brazil—Do Governo da Republica Portugueza»; um ramo de lilazes de Antonio Silva e esposa; de violetas—dos condes do Silva Ramos; Da embaixada do Brazil; outra em homenagem da cidade de Lisboa; do Corpo Diplomatico; de Alfredo Torres; de Duarte da Silva; do Club Brazileiro; de Amelia e do sr. Presidente da Republica Brazileira.

No cemiterio

Nas ruas e avenidas do percurso viam-se nos passeios milhares de pessoas, estando as janellas apinhadas, principalmente de senhoras. Tambem no largo do cemiterio e nas terras proximas estavam milhares de pessoas.

A' porta de entrada do cemiterio, do lado esquerdo, via-se a Juncção do Bem, com o seu estandarte, do lado direito a Escola Academica e após essas duas corporações, d'ambos os lados, os alumnos do Asylo Maria Pia.

Pelas 17 horas e meia começaram chegando os primeiros trens e automoveis, sendo ás 18 e meia tiradas as corôas e dando entrada o feretro no cemiterio pelas 19 menos um quarto.

Da porta até ao jazigo formaram-se oito turnos, sendo o primeiro constituido pelo representante do sr. presidente da Republica, presidentes do Senado e Camara dos Deputados, ministro dos estrangeiros, encarregado dos negocios do Brazil, decano do corpo diplomatico, o ministro da Austria-Hungria, e presidente da camara municipal.

O segundo turno era constituido pelos restantes membros do gabinete e governador civil de Lisboa. O terceiro e quarto pelos membros do corpo diplomatico e directores geraes do ministerio dos estrangeiros.

No largo do Alto do S. João estava um batalhão da divisão naval, com representação de todos os navios de guerra, sob o commando do capitão tenente sr. Rio de Carvalho. Seguiam-se os regimentos de infantaria 1, 2, 16, engenharia e guarda republicana, estando nas terras, ao lado, a bateria de artilharia 1.

A' passagem pela rua central os estudantes puzeram as capas em funeral. O feretro deu entrada no jazigo as 19,10', dando a artilharia 21 tiros e a infantaria trez descargas.

Representações

Das pessoas que no funeral representavam personalidades e collectividades diversas, tomámo snota dos seguintes: dr. Fernandes Costa, pelo sr. dr. Antonio José d'Almeida e pela Junta Central Evolucionista; drs. Pedro Martins, Celestino d'Almeida e Ricardo Paes Gomes, pelos senadores evolucionistas; drs. Mesquita de Carvalho e rev. Casimiro de Sá, pelos deputados evolucionistas; deputado Constancio d'Oliveira, pela Junta Districtal do Partido Evolucionista; dr. José Bacellar, pela Junta Municipal Evolucionista; Eduardo Ribeiro da Silva, pelas Juntas Parochiaes Evolucionistas; Candido da Encarnação Sarios, pelo Centro Republicano Evolucionista; Amadeu Cunha, pela «Republica»; Alvaro Neves, pela Associação da Classe dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa; dr. Antonio da Costa Correia Leite e Nogueira Pinto, pela Sociedade de Beneficencia Brazileira em Portugal e pelo Club Brazileiro; J. Nobre, pela Commissão Parochial do Partido Republicano Portuguez da Pena; direcção do Gremio Lisbonense: Antonio Barata Freire de Lima, pela Camara, administração, escola e aggremiações de Arruda dos Vinhos; Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa; Luiz José Fernandes, pelos «Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa; Museu Nacional do Rio de Janeiro, Sociedade Brazileira, Commissão Agricultura, Instituto Geographico e Historico de Bolivia e pelo Gremio Litterario de Bolivia, de Alfredo da Cunha, pelo «Diario de Noticias»; Mayer Garção, pelo «Estado do Pará»; Eugenio Severim de Azevedo, pela «Nação»; Henrique de Hollanda pelo consulado do Porto em nome do vice-consul Tavares de Bastos e Silva Ribeiro; Daniel Rodrigues, Beja da Silva, Camara Leme, Francisco Pina, Luiz Godinho, Manoel Pereira Dias, Lino da Silva e Miguel Evaristo Santa Martha, Augusto Peres de Vasconcellos, pelo Centro Republicano Democratico de Lisboa; Alberto Correia e Luiz Cesar de Lemos, pelo semanario «O 14 de Maio»; Jayme Forjaz de Serpa Pimentel, Francisco Pereira de Sampaio e Mello, pelo Conselho da Liga Naval Portugueza; pessoal superior da Alfandega; Pedro Gomes de Carvalho, pelo Atheneu Commercial; Antonio Marques Leal, pela Associação de Classe dos Empregados de Bancos e Cambistas de Lisboa; José Maria Queiroz Velloso, pela Faculdade de Lettras; João d'Almeida Lima, pela Universidade Livre; Alfredo Barjona, pela direcção do orpheon academico de Lyceu Camões; padre Jacintho de Sousa Borba, da egreja S. Luiz Rei de França; Jayme de Padua Franco, pela direcção da Propaganda de Portugal; José Pereira Cardoso Junior, pelo «Jornal do Brazil», Sociedade Instrucção Militar Preparatoria n.º 9; Alberto d'Oliveira, pela Commissão Portugueza de Commercio e Industria do Rio de Janeiro; Sousa Lara, pela Associação Commercial; Roque Arriaga; José Antonio d'Araujo, pela Orchestra Symphonica do theatro Polytheama; Emilio Eugenio Simões Raposo, pela Associação Escolar Preparatoria Rodrigues Sampaio; Abel de Pinho, pelo Supremo Tribunal de Justiça; D. Virginia Quaresma, pela «Epoca», do Rio de Janeiro.

Agostinho Fortes, pela Junta Geral do Districto; Fernando Costa, pela Junta de Credito Publico; Augusto José da Silva, pela Alfandega de Lisboa; Manoel Roldan, pela direcção da Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes e Sociedade de Propaganda de Portugal; os academicos do lyceu Pedro Nunes; João Carlos Marques, pelo Centro Democratico Historico da Chamusca, Centro Almirante Reis, da Ericeira, Gremio Oceano da Ericeira, Centro França Borges, de Setubal e redacção da «Razão», de Aldegallega; D. José de Noronha, pelo Club Naval de Lisboa; Antonio Manoel dos Santos Villa, pelos emigrados, no Brazil, de S. Pedro dos Serracenos, Bragança, José de Mattos Braz, pelos Escoteiros das Escolas Primarias; J. Moreira d'Almeida, pelo «Dia» e por João de Azevedo Coutinho; Machado Coelho, pelo Orpheon infantil do lyceu Pedro Nunes; Arthur Antonio Duarte Quintas, pela Associação Academica de Coimbra; Centro Escolar 27 de Abril; Parceria Antonio Maria Pereira; Carlos Pimentel, pelo semanario «O Portugal»; José d'Oliveira Soares, pelo Centro Commercial do Porto; Alexandre Luiz de Castro Ferreira Braga, pela Associação Academica de Coimbra; Centro Republicano Evolucionista de Arroyos; Pedro Lavado Barata, pelo general Roma du Bocage; contra-almirante Alvaro da Costa Ferreira, pelo Club Militar Naval; Armazens do Chiado; Frederico Mauperrin Santos, pela Escola Academica; Antonio Alvaro Inglez, pela Associação Industrial Portugueza; Banco Nacional Ultramarino; Associação Commercial dos Lojistas, pelos srs. José da Costa e José Ferreira da Costa; José da Matta Carvalho, pela Empreza do theatro Avenida e pelo sr. Luiz Galhardo; Nascimento, pela Empreza do Eden Theatro; Antonio Maria Malva do Valle, pelo governo do Banco Nacional Ultramarino; Joaquim Pessoa, pela Associação Commercial de Leiria; Grupo dos Cem Republicanos; Eduardo de Sousa, pelo «Paiz», do Rio de Janeiro; Luiz Filippe da Matta, pela Assistencia Publica; Mendonça e Costa, pela «Gazeta dos Caminhos de Ferro»; Commissão Republicana da freguezia dos Martyres; Centro Democratico de Belem; José Maria Pereira, pela Companhia dos Tabacos; José de Mello, pela «Mala da Europa»; direcção do Automovel Club de Portugal; Liga Portugueza dos Educadores do Lyceu Camões; Junta de Parochia de Alcantara.

Gremio Instrucção Liberal de Campo de Ourique; Commissão Republicana de S. Mamede; Luiz Filippe da Matta, pelo Directorio do Partido Republicano Portuguez; Magalhães Fonseca, pelo «Seculo»; Carlos Augusto do Rego, pela Direcção da União de Agricultura, Commercio e Industria; Jacintho Ramires pelo «Jornal de Extremoz»; dr. João de Menezes, pelo Supremo Tribunal Administrativo; Liga Republicana das Mulheres Portuguezas; Rodolpho Harner, pela União Christã da Mocidade; Associação de Propaganda Feminina; Guilherme Correia, pelo «Povo», etc.

LUCIEN GUITRY

O grande actor francez Lucien Guitry que está constituindo o extraordinario acontecimento artistico de Lisboa dá ámanhã a ultima recita de assignatura com a celebre peça de Bernstein «O Assalto».

Guitry dá ainda mais dois unicos espectaculos. Na quarta-feira é a sua festa artistica com a famosa peça de Augier «O genro do sr. Poirier» e na quinta-feira é definitivamente a ultima recita com um espectaculo escolhido. Os assignantes teem preferencia aos seus logares pelo preço da assignatura requisitando os bilhetes até ámanhã terça-feira durante o espectaculo.

PEQUENAS NOTICIAS

Na enfermaria 4 do hospital de S. José deu hoje entrada o menor de 9 annos Joaquim Antonio, morador no Casal do Torreão, freguezia da Lamarosa, concelho de Coruche, que indo a correr ao mesmo tempo que partia pão com uma navalha, cahiu, espetando-a no ventre.

Colyseu dos Recreios

Opera lyrica

Hoje, como se sabe, em recita da moda, cantam-se *Palhaços* e *Cavalleria rusticana*. Hontem, no *Rigoleto*, com uma enchente colossal, Nadina Tagelli alcançou enorme exito na parte de *Gilda*, sendo extraordinariamente applaudida.

A terceira recita de assignatura da ominente cantora Salomea Krucenisky realisa-se na quarta feira no Colyseu dos Recreios com a ultima e definitiva recita de *Madame Butterfly* em que Krucenisky tão ovacionada tem sido pela interpretação genial da infeliz e tragica japoneza.

A estreia em Portugal da opera *Loreley* far-se-ha no sabbado em recita extraordinaria. O trabalho de Krucenisky n'este *spartito* tem merecido as mais elogiosas referencias á imprensa de todo o mundo.

Um almoço a Lucien Guitry

A empreza do theatro da Republica offerece ámanhã, pelas 13 horas, um almoço ao eminente actor Lucien Guitry, no foyer do mesmo theatro. A empreza convidou varios jornalistas a tomar parte n'essa festa. Agradecemos o convite que nos foi enviado.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A ambição»

E' um poema épico de Adriano Camelo, um moço poeta que tem a infelicidade de ser cego. Do que é e do que vale esse livro dil-o melhor do que nós o poderiamos fazer o prologo escripto por Henrique Lopes de Mendonça e do qual tomamos á liberdade de transcrever o seguinte:

«Eram versos a que não faltavam as indecisões e imperfeições proprias de uma estreia, mas em que palpitava o enthusiasmo de uma alma tanto mais impregnada de intimas emoções quanto menos provida de meios physiologicos para a contemplação da natureza. Por muitos reparos que a execução suscitasse, era realmente, pela sua grandeza, digna de particular apreço a concepção do poema, revelando uma cultura acima do vulgar e bojando a meudo a phrase com um sopro epico, que do ha tempos a esta parte agita as cumiadas do Parnaso».

Depois d'estas palavras, tudo quanto dissessemos seria superfluo.

«Gente Luza»

Tal é o nome de uma revista que encetou a publicação na Praia da Granja e de que são directores litterarios os srs. Carlos de Moraes e Zacharias Correia o artistico o sr. Joaquim Lopes. Traz um bello retrato de Camillo Castello Branco e collaboração escolhida.

«Questões de ensino»

Assim se intitula um folheto em que Augusto de Forjaz, o brilhante jornalista, defende, a proposito do que ultimamente se passou no lyceu Maria Pia, a manutenção do curso especial de educação feminina, tal como fôra organisado e que no seu entender seria o unico a prestar verdadeiro serviço ás classes pobres de Lisboa.

A Tutoria.—Sahiu o numero 11 do 3.º anno, trazendo collaboração de Caiel, Adolpho Coelho e Alexandre Martin.

O Espelho.—D'este bello jornal illustrado, o unico em portuguez que se publica em Londres e que dia a dia firma mais e mais os seus creditos recebemos o numero 19, que vem, como os anteriores, interessante.

Revista de Commercio.—D'este orgão da Associação Academica do Instituto Superior de Commercio sahiu o numero 25, trazendo, entre outros, artigos dos professores Marrecas Ferreira, José Eugenio Dias Ferreira e Luciano Ribeiro.

No Salão Foz

Duas estreias de valor

No Salão Foz, effectuam-se hoje duas estreias que veem precedidas de grande fama e que pelos palcos onde se teem apresentado teem recebido applausos unanimes. Referimo-nos á Troupe Pichel e aos duettistas Les Flores. A primeira apresenta um trabalho de verdadeira novidade entre nós no genero sportivo e por informações colhidas, sabemos que é interessante esse trabalho. Os duettistas Les Flores, que só tomam parte em limitado numero de espectaculos por terem varios contractos firmados para o Porto, Coimbra, etc., teem bella voz, bem timbrada, e possuem variadissimo reportorio.

Estas duas estreias não impedem que o Salão Foz continue a apresentar Churry el Bonito, justamente tido como o rei da gargalhada, e que todas as noites recebe bastos applausos com as suas exhibições comicas, cheias de uma verve irresistivel; Julita Sola, a interessante bailarina hespanhola, cheia de graciosidade nos seus bailados internacionaes, e Estrella do Levante, inegualavel nas suas canções regionaes.

O espectaculo no Salão Foz é completado com a exhibição de *films* interessantes e do sextetto Thomaz de Lima.

Recenseamento eleitoral

A commissão parochial republicana de S. José convida todos os cidadãos eleitores d'esta parochia que mudassem de residencia a participarem as suas novas moradas afim de evitar que sejam eliminados do recenseamento eleitoral.

Tambem convida os cidadãos maiores de 21 annos de idade que saibam lêr e escrever e residam na parochia ha mais de seis mezes e que concordem com o programma do Partido Republicano Portuguez a comparecerem todos os dias uteis das 20 ás 22 horas na séde da commissão, rua Alves Correia, 85, 1.º, onde se tratam todos os assumptos referentes ao recenseamento eleitoral.

NATURISMO

Carne, Pão e Vinho

São os mais vulgares alimentos nacionaes, aquelles dos quaes mais se abusa, os mais caros e os mais prejudiciaes. Constituem, segundo a feliz expressão do dr. Pagés, «a trindade constipante». Quem usa d'esses trez viveres pensa ter uma ração dietetica bem equilibrada. E' um erro funesto assim raciocinar porque a carne e os seus satelites, o pão e o vinho, não possuem os requisitos sufficientes para bem nutrir o homem. A carne dos animaes, que sobe dia a dia de preço, é um alimento improprio pois que é necessario matar, embalsamar e preparar na cosinha, por intermedio do fogo. O pão necessita de farinha e esta de ser moida: depois é amassada, salgada, fermentada e assada. Cada bocado de pão que se ingere «é como que um pedaço de entulho que se introduz no estomago.» O vinho é um liquido que pelo alcool que contem embriaga e perturba. O alcool é um «excremento». Deriva de uma levedura que n'esse toxico transforma a glicose das uvas. Carne, pão e vinho—tal é a trindade malefica. São, o Manel, Tesel e Fáres do festim babylonico. A carne é uma vitualha nojenta, restos do esquartejamento das victimas do holocausto nos matadouros, despojo sangrento dos instinctos depravados do homem canibalesco. O pão é um grude com o qual se obliteram os canaes digestivos, gerando a infernal prisão de ventre. E tanta gente alarmada com a falta do pão: quando o pão branco é um crime alimentar! O homem não é comedor de cereaes por natureza, como não é carnivoro. E' um frugivoro (Cuvier, Lineu, etc.) O vinho é um liquido perturbador: quantos crimes não causa, quantos erros não provoca, quantas desavenças não gera? Quem enche as prisões é a taberna. Carne, pão e vinho: são o tripé sobre o qual assentam as doenças da nutrição do homem civilisado, artificial e morbido.

Porto (Fonte da Moura).

Dr. Amilcar de Souza

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21— Coimbra, terra d'amores — O anjinho da pelle do diabo.

REPUBLICA—A's 21—O assalto.

TRINDADE—A's 21—Boccacio.

POLYTEAMA—A's 21—A vida d'um rapaz pobre.

GYMNASIO—A's 21—Sóror Marianna—Em boa hora o diga.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).

APOLLO—Não ha espectaculo.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

RUA DOS CONDES—Não ha espectaculo.

MODERNO—A's 20,45 e 22,45—Sempre fresquinho.

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Favorita.

Agenda da semana

HOJE—**Nacional**—Recita de Vicente Arnoso. *Coimbra terra de amores.*

QUARTA-FEIRA—**Apollo**—Primeira representação da revista *Palavra de honra.*

Gymnasio—Primeira representação da comedia *O manequim.*

QUINTA-FEIRA—**Eden-Theatro**—Reapparição do Nascimento Fernandes na revista *O diabo a quatro.*

Phantastico—Primeira representação da revista *Já vi tudo.*

Primeiras representações

REPUBLICA—*Primerose*, trez actos de R. de Flers e Caillavet—Sexta recita de Lucien Guitry.

Nova *soirée blanche.* Nova enchente em todos os logares do theatro. A peça, conhecidissima, porque a representaram, dando-lhe uma bella interpretação, os artistas do Republica, está no repertorio de Guitry em *tournée* para repouso do grande artista. Quem apenas o visse no cardeal de Merance não ajuizaria, decerto, da fulgurancia do seu talento nem dos singulares recursos da sua arte.

A encantadora figura decorativa do eminentissimo é inferior aos meritos de Guitry, cuja personalidade, no entanto, se affirma n'ella, embora re reconheça que para trabalhos de outra envergadura foi fadada. O nosso Brazão e os outros interpretes da *Primerose* em portuguez não os esquecemos hontem, antes os relembramos consoladoramente. Significa isto que deixasse de ser muito correcto e muito agradavel o trabalho da companhia franceza? De modo algum, sem embargo das suppressões e da deficiencia ¡de *mise-en-scene*, tanto mais notadas uma e outras quanto é certo que se não apagou a lembrança do modo como a deliciosa peça foi montada e representada na nossa lingua.

Esta noite o *Emigrado*, de Paul Bourget, a cuja volta se creou uma lenda que denuncia lastimavel ignorancia e que apenas serviu para chamar sobre a notavel peça as attenções do publico. Um jornal catholico que temos presente escreve a proposito:

«Foi prohibido a M. Guitry representar *L'emigré* de Bourget. Nome e procedencia franceza é bastante para não censurarmos a prohibição...»

Lê-se isto nos *Echos do Minho* que parecem desconhecerem o prestigio que Bourget desfruta entre os catholicos de cujo gremio é hoje uma das figuras proeminentes. Mas quando os proprios correlegionarios o não lêem, que admira que o ignorem os adversarios?

A. de A.

Boatos e informações

Entre nós

No Phantastico está marcada para quinta feira a primeira representação da revista *Já vi tudo!* em um prologo, dois actos e seis quadros original de Pedro Bandeira com musica do maestro Manuel Benjamin. O scenographo Eduardo Reis, filho, tem quasi concluido o scenario.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade de Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Commissão par. indep. dos Anjos

Reuniu hontem, approvando entre outros trabalhos o de dar posse á nova commissão para 1916, pelo que se considera demittida. Toda a correspondencia relativa a esta commissão deve ser dirigida a João da Silva Montella, travessa do Bemformoso, 1, escriptorio.

Lançou na acta da sessão um voto de sentimento pela morte de Bartholomeu Constantino.

Resolveu, a nova commissão reunir na proxima quarta feira, para o que pede a comparencia de todos os membros.

Ultimas noticias

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros esteve hoje reunido no ministerio do interior desde as 8 ás 13 horas.

Movimento academico

Federação academica

A assembleia geral convocada para ámanhã realisa-se na faculdade de lettras, pelas 21 horas.

Faculdade de Direito

São convidados os alumnos da Pharmacologia a reunir amanhã, pelas 13 horas, n'esta Faculdade, para assumpto importante e urgente.

ECHOS & NOTICIAS

CASAMENTOS

Como noticiámos, realisou-se o enlace da sr.ª D. Belmira Estevinho Castanheira de Moura com o sr. dr. João Pinto de Figueiredo, advogado e escriptor.

Apoz o casamento houve um esplendido copo d'agua em casa dos paes da noiva, indo á noite os convidados jantar ao Hotel de Inglaterra por amavel convite do sr. Antonio Castanheira de Moura, fazendo brindes os srs. conselheiro Abel d'Andrade, Castanheira de Moura, dr. Martinho Nobre de Mello, dr. Duarte Silva e dr. Rangel de Sampaio. Na «corbeille» viam-se os seguintes prendas: da noiva ao noivo, uma finissima perola em alfinete; do noivo á noiva, uma pulseira com brilhantes e perolas; dos padrinhos da noiva á noiva, um riquissimo «pendentif» de brilhantes e perolas, magnifico trabalho da casa Leitão; da mãe da noiva á noiva, um rico collar de perolas e uns brincos de solitarios; e do pae da noiva á noiva um «enveloppe» fechado; dos paes do noivo á noiva, um anel com um solitario e saphiras; dos paes da noiva ao noivo, um anel de platina com um grande solitario; dos paes do noivo ao noivo, um rico e artistico tinteiro de prata; dos avós da noiva, um estojo de «toilette» em prata; do avô do noivo, uma bengalla com castão de oiro.

Do tio da noiva padre Diogo Estevinho, um annel com dois solitarios e uma perola; do tio da noiva Augusto Castanheira de Moura, uma pulseira de relogio com brilhantes e saphiras; da tia da noiva D. Maria Penha, um anel com brilhantes; do irmão do noivo, Clemente Pinto, uma faca para abrir livros, de marfim e prata; da irmã do noivo, D. Lucinda Pinto Figueiredo Fernandes, duas jarras de baccarat e prata; das irmãs do noivo, D. Lucinda e D. Antonia, uma abotoadura em platina com brilhantes; do primo da noiva, Annibal Castanheira Pinto, duas jarras em baccarat e prata; das primas da noiva, D. Prazeres e D. Beatriz Marques, duas estatuetas em «biscuit»; da prima da noiva, menina Carmen Cardoso, um lindo ramo de flôres naturaes; da familia Castanheira Nunes, um cofre para joias em filigrana d'ouro; do primo do noivo, Augusto Cardoso Pinto, um cinzeiro de prata; do sr. João Pedro de Sousa e esposa, um riquissimo faqueiro completo de prata; do sr. conselheiro Abel de Andrade e esposa, um lindo serviço para café; do sr. José Vicente d'Oliveira e filho, um rico espelho com artistica moldura em prata; do sr. Guilherme Cardoso Pessoa e familia, duas valiosas jarras em baccarat e prata; do sr. Joaquim José Sores e esposa, uma rica salva de prata; do sr. Joaquim Torrado da Silva e filho, um serviço para «toilette» em prata; do sr. Manuel Domingues Nina Junior e esposa, um espelho para «toilette».

Do sr. Antonio Silveira e esposa, um cofre para joias em cristal e oiro; do sr. Antonio de Lima Junior e esposa, um rico serviço para «toilette»; de D. Adelaide dos Santos Paiva, garrafa e copo de cristal e prata; do sr. dr. Antonio dos Santos Paiva, um espelho com moldura de prata; de Mme. Marianna Bordallo, um artistico serviço de colheres para café em prata e oiro; de D. Maria Augusta Bordallo, uma caixa para pó de arroz em cristal e oiro; do sr. José Antonio Leitão e esposa, um artistico candieiro em «Sevres»; de Mme. Henriqueta Alves Bordallo, um artistico copo em cristal e prata; do sr. Manoel Valente, uma rica jarra de prata; do sr. Manoel Bordallo Valente, um serviço para «toilette» em prata; do sr. Antonio Maria Dionisio, um abotoador e calçadeira em prata; de D. Maria Amelia Roya Campos, um par de solitarios em cristal e prata.

De D. Maria Helena e D. Ophelia da Silva Romão, um artistico assucareiro em cristal e prata; do sr. Americo Pereira Lopes e esposa, um par de frascos para essencias em cristal e prata; da firma Cunha e Silva & C.ª, uma salva de prata; de D. Laura d'Amaral, uma salva de prata; do sr. Francisco Bahia e esposa, um copo em cristal e prata; de Miss Dora Frost, ex-preceptora da noiva, um cabeção de rendas verdadeiras d'Alençon; de D. Laura Travassos, um lindo copo para «toilette»; do afilhado da noiva, menino Antonio Silveira, dois guarda-joias em cristal; do sr. Julio Mousinho Fernandes e esposa, um lindo leque em madre-perola, artistico trabalho, genero japonez.

Do sr. Antonio Pereira Cacho, um cofre para joias em prata; do D. Emma Romero Fonseca, um guarda-joias; do sr. dr. Martinho Nobre de Mello, um busto em ponto grande de Camillo, valiosissimo trabalho do esculptor Diogo de Macedo.

Do sr. dr. Antonio Duarte Silva, uma artistica papeleira em pau santo e prata, magnifico trabalho da casa Leitão; do sr. dr. Abrahão de Carvalho, uma cigarreira em prata; do sr. dr. Rangel do Sampaio, um rico cinzeiro em crystal e prata; do sr. dr. José Gomes Motta, um artistico relogio para escriptorio.

Do sr. dr. Victor Nunes, um interessante busto de Goette em terra-cota; dos srs. drs. Gustavo Ferreira Borges e D. José d'Almeida e Vasconcellos, uma lindissima jarra com cercadura em prata; do sr. dr. Polycarpo das Neves, uma cigarreira em prata; do esculptor Diogo de Macedo, um artistico trabalho seu: «E esphinge»; do sr. dr. Adelpho de Andrade, um par de jarras lindissimas em «bacarat» com incrustações de prata, da casa Leitão; do menino Eduardo Fernandes, um lindo «bouquet» de flores naturaes.

Dos empregados do pae da noiva: João Faria, uma artistica peça de dôce; Carlos Barbosa, um ramo de flores naturaes; Joaquim Antunes, um lindo «bouquet» de flores artificiaes; das suas creadas um serviço para chá.

Ao jantar assitiram as senhoras D. Laura de Andrade, D. Maria Guilhermina de Souza, D. Herminia Cardoso Pessoa, D. Elvira Cardoso Pessoa, D. Lucinda Cardoso Pessoa, D. Marianna Bordallo, Mademoiselle Vicente de Oliveira, D. Stella Castanheira Nunes, D. Maria Amelia Roya Campos, D. Laura do Amaral, D. Ophelia da Silva Romão, D. Amelia Moura do Couto Silveira, D. Amelia Carvalho da Silva Leitão, Miss Dora Frot.

E os srs. dr. Abel de Andrade, João Pedro de Souza, Dr. Martinho Nobre do Mello, Dr. José de Almeida e Vasconcellos, Augusto Castanheira de Moura, José Vicente de Oliveira, Dr. Antonio Duarte Silva, Guilherme Cardoso Pessoa, Clemento Pinto de Figueiredo, Dr. Victor Nunes, Dr. Antonio dos Santos Paiva, José Castanheira Nunes, Arthur Castanheira Nunes, Dr. Antonio Polycarpo das Neves, Dr. Gustavo Ferreira Borges, Americo Pereira Lopes, Domingos Alfredo Barros, José Manuel Cruces Alvares.

Manuel Domingos Nina Junior, Antonio Pereira Cacho, Joaquim José Soares, dr. Rangel de Sampaio, Joaquim Torrado da Silva, João Torrado da Silva, Antonio Silveira, dr. Abrahão de Carvalho, Manuel Bernardo Valente, dr. Adolpho de Andrade, Antonio Maria Dionisio, Affonso Tavares Carrega, José Antonio Leitão, menino João Silveira.

JANTAR—CONCERTO

Ao de hontem no Grande Hotel d'Inglaterra, assistiram:

Madame Brandão de Mello, madame Van Cats, D. Izabel Queiroz Guedes, D. Luiza Vasconcellos, madame Mather, madame Pay t, madame Iniguez, madame Hacokins, madame Castro, madame Van Vuid, madame James, madame Pinheiro, madame Firth, madame Conceiro Bastos e filhas, madame Piter, madame Maurice Cats, madame Figueira d'Andrade, madame Pinto e madame Pombo.

E os srs. dr. Carlos Barata, dr. João Teixeira, maestro David de Sousa, Pereira Leite e filho, dr. João Barral, Iniguez, dr. Virgilio Dias Rebello, condes d'Agueda e de Vinhó, Maurice Cats, Augustin Briant, Mather, Pyat, Avelino Vieira Braga, Edmond Frouchtman, Hawkins, Steaben, Crown, René Beraud Villay, José Lopes Burgos, Walter Fald, S. James, Frank Bulton, dr. José de Castro, Jules Gaufres, Brumel, dr. Alvaro Pinto, Léon Barbier, Albagli, Westorood, dr. Alfredo Torres, Van Cats, mr. Firth, dr. Alberto Barradas dos Reis, Hugo de Belmarço, Piter, Salomon Cats, Daniel Fó, Juan C. Andresen, Maurice Chastenet, Cuas Goodall, dr. Couto Rosado, dr. Angelo da Fonseca, Pinheiro, barão H. Hudson, capitão Chester Hasburn, general Hamilton, almirante Rackes, tenente Park Goff, A. E. Thomson, Eduardo Arthayett, dr. Figueira de Andrade, dr. José Fragoso e Norberto Goldenberg.

CRUZADOR «ADAMASTOR»

Este navio de guerra sahiu hoje de Mossamedes para Porto Alexandre.

LUCTUOSA

Falleceram a sr.ª D. Josepha Formosinho Sanchez, cujo funeral se effectua ámanhã, ás 13 horas, sahindo o prestito da calçada do Combro, 32, 5.º, para o cemiterio oriental.

DR. FERREIRA RIBEIRO

Passa amanhã o anniversario natalicio do sr. dr. Ferreira Ribeiro, o estimado e distincto clinico que tão largos annos permaneceu nas colonias onde procedeu a estudos importantes.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 23.—Esteve hoje um dia de magnifico sol; por isso a cidade despovoou-se, indo quasi toda a população passear para os pittorescos arrabaldes.

—A feira mensal de gado no Rocio de Santa Clara esteve assás concorrida. Muitas transacções se fizeram em varias especies de gado, sendo porém muito menos na especie bovina, confrontando com os annos anteriores, o que se explica pela carestia a que ella attingiu ultimamente.

—No dia 30 será inaugurada a escola primaria do Calhabé. Haverá sessão solemne presidida pelo presidente da camara, distribuição de livros ás creanças pobres e lanche a todas as que frequentam a escola.

—No dia 21 do proximo mez, na administração do concelho, será dado de arrematação o fornecimento de uma caldeira a vapor Berbook, sobre aquecedor, bomba de alimentação systema Duplex, injector e valvula de ligação, bomba horisontal de duplo effeito e respectivo assentamento para a lavandaria do hospital da Universidade. A base da licitação é de 3:956$58 e o deposito 98$91.

SPORT

Lembrando a primeira Olympiada

Difficuldades d'um jornalista

Depois de tudo fazer e de tudo organisar, aquelles que se julgavam «servidos», pensavam inutilisal-o

Cá e lá, dão-se os mesmos factos e podem colher-se os mesmos exemplos...

Não é exclusivo de portuguezes a ingratidão ou o insulto quando sentem a sua vaidade beliscada. Tambem não é exclusivo da nossa gente dizer de outros o que por bons motivos, se devia dizer de si. Tambem não é exclusivo da nossa terra, que todos julguem trabalho seu o que foi obra de outros, mais desinteressados e menos vaidosos. Tambem em terras extrangeiras, os jornalistas depois de servirem uns e outros, sem nada pedirem e sem ideias de interesse, costumam ser insultados por qualquer Simão, qualquer Pires ou qualquer tunante. E' proprio de gente humana... Coitados!...

Vamos citar um exemplo typico.

Passou-se com um homem que hoje, ao cabo de 26 annos de trabalho e lucta incessante, tem nome universal e é respeitado em tódo o mundo, o barão Pierre de Coubertin, presidente do Comité Olympico Internacional e a quem se deve a restauração dos Jogos Internacionaes.

O que elle soffreu quando organisou a primeira Olympiada?!... Foi extraordinaria a sua lucta para vencer todas as difficuldades! Resistiu, porém. Por fim triumphou porque, aos homens que teem um grande proposito e um grande ideal, pouco importa que os «cães ladrem á lua». Os esclarecimentos que seguem é o proprio barão de Coubertin quem os fornece.

Foi elle quem obteve a cooperação do principe real grego, hoje rei da Grecia; foi quem preparou para o olympismo o ministerio Philemon; quem aplanou todas as difficuldades burocraticas; quem levou os homens de dinheiro a auxiliar a subscripção helenica; quem para essa subscripção conseguiu dos milionarios Syngios dez mil drachmas e de Shilizze egual quantia; quem influiu no archimilionario Averoff para que desse um milhão para a construcção do Stadium. Fez planos para as pistas, encommendou os diplomas e medalhas olympicas a artistas de fama; forneceu listas de convidados e pessoas do jury; indicou os clubs que podiam concorrer com vantagem; fomentou a propaganda na Europa Central, na Europa latina e na America do Norte, imprimiu á sua custa prospectos reclamativos do grande certamen mundial; organisou o Comité francez para garantir a participação da França; levou os americanos ao compromisso de que seriam concorrentes; emfim, viu realisada a primeira Olympiada que foi um brilhante espectaculo de renascimento de estetica e de educação phisica.

Mas... para tal conseguir, soffreu varios contratempos e analysou muita ingratidão. Damos algumas provas:

No Comité Olympico Francez entraram para o constituir, individualidades de destaque, entre ellas o sr. Merillon, que um mez depois se demittia, levando a sua União de Sociedades de Tiro a declarar que não concorria aos Jogos, porque no programma helenico «o tiro apparecia apagado no meio de tanto «sport» e porque a União não queria o papel annexo do Comité!

Na Belgica, a Federação de Gymnastica fez um ataque cerrado contra Coubertin e o seu «comité» e de tal maneira suggestionou os seus athletas que o conde de Bousies lamentava-se de «nada conseguir contra a hostilidade de uns e a «frieza» de outros».

Jornalista intelligente, illustrado e polyglota, escrevia os seus artigos de propaganda e enviava-os aos jornaes de todos os paizes do norte e centro europeu. Os jornaes publicavam esses artigos mas, por exemplo, os inglezes acompanhavam a publicação com palavras de ironia. Não acreditavam que os Jogos se realisassem, mas aproveitando a ideia preconisavam jogos pan-britannicos periodicos.

Na Allemanha, os protestos chegaram ao exaggero e á injuria e se a mais não cresceram é porque a campanha foi quebrada, em parte, pelo parentesco do então principe real com Guilherme II. O «National Zeitung» foi o «leader» da revolta. Fez-se um concerto de «maldições» e o nome de Coubertin foi coberto de insidiosas e calumniosas affirmativas! Duvidaram do seu desinteresse, do seu merecimento e até da sua honestidade profissional!

A imprensa grega fez-se echo da imprensa allemã e o correspondente do «Temps» em Athenas dizia: «Os propositos do sr. Coubertin provocaram uma verdadeira tempestade na Grecia e na Allemanha».

E' curioso, não é?

Pois ainda havemos de dizer, talvez n'm proximo artigo, o mais que succedeu ao barão de Coubertin e como foi apreciada a sua obra jornalistica. Por hoje, concluiremos, com a noticia de que tempos depois, os mesmos allemães e o mesmo comité allemão lhe telegraphavam exprimindo «as suas sympathias unanimes e os seus votos pelo triumpho do esforço commum».

Por toda a parte, identicos...

Notas do dia

Pelos dominios do foot-ball

Affirma-se uma notavel effervescencia nos meios foot-balisticos lisboetas em face da suspensão de 60 dias que a Associação impoz ao Imperio. Segreda-se que esse acto de rigor foi estabelecido contra a lei regulamentar, que não fixa penalidades de dois mezes. Diz-se tambem que essa suspensão pode acarretar a de outros clubs. Ora é a este extremo que nunca deveriamos chegar, porque periga a propaganda e a vida do foot-ball...

Congresso de Educação Physica

Na proxima quarta feira, á noite, reunem a convite da direcção do Gymnasio Club Portuguez, os jornalistas sportivos para tratarem de assumptos que se ligam com o Congresso Nacional de Educação Physica. A reunião faz-se na séde do Gymnasio. Ignoramos, em absoluto, os motivos especiaes da convocação e não sabemos quaes são os propositos dos organisadores do Congresso. Mas, sejam elles quaes forem, registamos o facto que é de louvar, porque se verifica que o prestimoso club quer trabalhar dentro do que é logico e do que é rasoavel, chamando a collaborar, n'uma grande iniciativa, aquelles que lhe podem assegurar alguma e proveitosa collaboração.

Novos beneficios do Stadium

Na quinta-feira ultima, appareceram inesperadamente no Stadinm, uns vinte e cinco trabalhadores, com um proposito firme, que era o de acondicionar as estradas que dão para o campo, a grande rua que vae da estrada do Lumiar á pista e avenida que corre parallelamente e por detraz das tribunas. São novos beneficios n'esse campo de athletismo, cuja empreza projecta, á semelhança do anno passado, a realisação de um mez de festas, talvez para maio ou para junho.

Alguem que viu esse trabalho; disse para o sr. José Alvalade:

—«Para que fazes tudo isto se t'o não agradecem?»

Algumas anecdotas

Foram palavras de enthusiasmo...

E' um estudante que nos conta o caso, que se passou no Lyceu Pedro Nunes.

Jogava o 1.º «team» do Lyceu contra a Escola Medica.

O jogo era egual e offerecia phases interessantes. O «forward» do centro, do lyceu, que se chama Pinto, faz varias «avançadas» e foi muito acclamado.

A certa altura com um «schoot» certeiro «furou» as redes da Escola Medica. Ouvem-se muitas palmas á mistura com gritos de:

«Viva o Pinto, bravo Pinto, valente Piuto.»

E do meio do tumulto diz um estudante:

—«Bemdito seja o gallo que o creou!...»

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Recreios Desportivos da Amadora

Na Amadora, continuam com actividade os trabalhos de arranjo e acondicionamento do campo de «foot-boll», que será completamente vedado com um ripado de madeira e terá bellas accommodações para vestiario e reunião dos jogadores. A inauguração faz-se se em março.

Um sarau em Madrid

Vão ser brevemente convidados para uma reunião os «sportsmen» e athletas portuguezes, escolhidos para figurarem n'um sarau que está marcado para o proximo mez em Madrid.

Escoteiros de Portugal

Ficou convocada para hoje, ás 21 horas, a reunião do candidatos a escoteiros. Na séde da rua do Mundo, 81, 3.º, continúa aberta a inscripção para ambas as cathegorias de socios (escoteiros e extraordinarios).

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 21.—Continuam em gréve os alumnos da Faculdade de Sciencias d'esta Universidade.

Para voltarem ás aulas estabeleceram as seguintes condições, já ha tempos apresentadas ás instancias superiores: creação de uma cadeira de desenho topographico, actos em março e entrada dos alumnos bacharelados, na Escola Normal Superior.

—Para o biennio dos annos de 1916-1917, são os seguintes os novos corpos gerentes da Associação dos medicos do centro de Portugal. Assembleia geral: presidente, dr. Vicente Rocha; secretarios, dr. Mario M. Ribeiro e dr. Manuel Dias. Direcção: presidente, dr. Rocha Brito; vice-presidente, dr. José Cypriano Diniz; secretarios, dr. Egidio Ayres de Azevedo e dr. Horacio Paulo Massano; thesoureiro, dr. Carlos Dias; vogaes, dr. Francisco Pedro de Jesus e dr. Virgilio de Aguiar. Conselho fiscal: dr. Alberto Pessoa, dr. Manuel Frata e dr. Octavio Lucas.

—Depois de dois dias de uma chuva miudinha e fria voltou o sol vivificante e creador, dando ás searas da epocha melhor aspecto e mais esperanças ao agricultor. Oxalá que este tempo se prolongue por 15 ou 20 dias para que os trabalhos ruraes, alguns muito atrazados, possam ter o necessario desenvolvimento.

Movimento maritimo

Bordeus, «Flandre» (Brazil)	25
R.J., Sant. e R. Prata, «Desejado» (Liv.)	25
Braz., R. Prata e Pacifico «Orita» (Liv.)	26
R. J. e R Prata, «Amiral Troude» (Hav)	27

durante os dias 9 e 10. Os «anzacs»—australianos e neo-zelandezes—foram atacados pelos turcos e adoptaram a tactica defensiva, repellindo o ataque e mantendo o terreno. A segunda batalha de Anzac foi a 18 de maio, quando os turcos deram um ataque em grande força.

O ataque falhou por completo e morreu grande numero de assaltantes. As forças inglezas em frente de Krithia conquistaram algum terreno durante a quinzena seguinte e a 4 de junho deu-se a terceira batalha de Krithia. Houve uma outra tentativa ingleza para chegar a Krithia e Achi Baba, mas a linha avançou menos de 480 metros. Houve lucta persistente durante o resto de junho, assignalada por grandes perdas d'ambos os lados.

A 21 de junho, o corpo expedicionario francez tomou uma obra de defeza conhecida pelo nome de reducto Haricot e deu um assalto brilhante ás posições do inimigo acima da torrente chamada Keteves Dere. No dia 28, a esquerda britannica atacou, tomando muitas linhas de trincheiras e nas duas noites seguintes violentos contra-ataques foram repellidos. Essa acção do dia 28 de junho tornou-se conhecida pelo nome de batalha da Ravina do Gully.

Os «anzacs» tiveram de sustentar violenta lucta no fim de junho e principio de julho. No dia 12 de julho, deu-se a quarta batalha de Krithia, da qual apenas resultou o ser ganho terreno entre 200 a 400 metros. Seguiram-se recontros até ao desembarque de novas forças inglezas na bahia de Suvla a 7 d'agosto, que coincidiu com um avanço geral dos «anzacs» pelas elevações para Sari Bair.

O primeiro dia da batalha do desembarque foi um dos mais notaveis na historia ingleza. Pouco a pouco, a lucta deixou de ser tão confusa, tornou-se mais normal, até se transformar n'uma variação da guerra de trincheiras, que tão familiar se tornou na França e na Flandres.

Desde o desembarque, a 25 de abril, as tropas inglezas estiveram sempre mais ou menos debaixo de fogo. Todos os dias havia recontros e as hostilidades eram incessantes. Acções maiores transformaram-se em verdadeiras batalhas.

A historia de maio, junho e julho na peninsula de Gallipoli foi uma serie de combates continuos. O proprio sir Ian Hamilton, quando a 26 d'agosto escreveu o seu relatorio, viu-se na impossibilidade de recordar por completo os incessantes ataques e contra-ataques d'esse movimentado periodo. Não podendo descrevel-os minuciosamente, deu um exemplo de cada uma das acções, durante esse periodo, das forças francezas, inglezas, australianas e neo-zelandezas.

A posição geral na manhã de 26 d'abril, o segundo dia da batalha do desembarque, póde ser recordada em poucas palavras. Havia duas espheras separadas de acção, uma em Anzac e outra baseada nas praias da extremidade da peninsula. Essas duas divisões do ataque por terra nos Dardanellos nunca se chegaram a confundir e cada uma d'ellas tem de tratar-se separadamente.

Os «anzacs» encurtaram a sua linha, na tarde de 25 d'abril e estavam occupando uma area semi-circular no cume das penedias na manhã seguinte. Havia uma força isolada na bateria De Tott. N'outra praia as tropas que haviam desembarcado no rio Clyde estavam concentradas ao abrigo do velho forte proximo da praia, esperando ordens para atacar a aldeia de Sedd-ul-Bahr e a cota 141.

Outras forças que haviam desembarcado em duas praias tinham effectuado a sua juncção e occupavam um pequeno recanto da peninsula em frente do cabo Tekke. O 1.º de Fronteiriços Escocezes do Rei e o batalhão de marinha de Plymouth da Real Divisão Naval estavam sendo retirados do local onde haviam desembarcado.

Ao descrever o segundo dia da batalha de desembarque, sir Ian Hamilton diz que «as «anzacs», apesar das suas perdas e da sua sua fadiga, a manhã de 26 os achou cheios de coragem e promptos sempre para a

Folhetim de "A Capital,,

VOLUME VIII

CAPITULO I

Dois mezes de lucta na peninsula de Gallipoli

Quando tratámos do grande desembarque nos Dardanellos, referimo-nos pormenorisadamente á configuração da costa e aos diversos locaes de accesso, assim como nos pontos mais altos do interior. Egualmente descrevemos os episodios mais importantes do primeiro dia — 25 d'abril — da grande batalha de desembarque e do que se passou de noite, até á manhã do dia 26.

O que se passou nos dias 26, 27 e 28, fórma ainda parte da batalha de desembarque. Na tarde de 26 d'abril, os corpos australiano e neo-zelandez estabeleceram-se firmemente na sua posição isolada em «Anzac» e, embora n'esse local a lucta nunca mais cessasse, póde dizer-se que a sua acção no principio da batalha terminou na manhã d'esse dia.

As forças que haviam desembarcado nas praias septentrionaes da peninsula de Gallipoli combateram durante todo o dia 26 e fizeram um avanço geral sem grande opposição no dia 27. O grande avanço geral do sul foi feito a 28 d'abril e constituiu a phase final da batalha do desembarque.

Na tarde d'esse dia algumas tropas estavam a mil e duzentos metros de Krithia, mas não puderam progredir mais e todas as esperanças de conseguir pôr pé em Achi Baba n'essa occasião foram abandonadas. Em virtude d'isso, a batalha do desembarque terminou e as tropas entrincheiraram-se o melhor que puderam.

Seguiram-se então as trez primeiras batalhas de Krithia, que podem denominar-se como primeira e segunda batalhas de Anzac. A lucta dos dois dias em Anzac, a 25 e a 26 d'abril, quando as tropas estavam nas praias, faz parte da batalha de desembarque.

A primeira batalha de Krithia durou dois dias e consistiu n'um ataque turco na noite de 1 de maio, seguido de um contra-ataque inglez no dia 2 de maio. Os turcos foram repellidos com grandes perdas, soffrendo tambem enormes perdas no contra-ataque, mas os inglezes não ganharam terreno.

A segunda batalha de Krithia começou a 6 de maio e durou trez dias. Foi principalmente uma tentativa para occupar a elevação de Krithia e sendo o objectivo principal a tomada de Achi Baba. A frente britannica avançou mais de quatrocentos e oitenta metros, mas o fim principal não foi conseguido e o resultado da batalha ficou indeciso.

A primeira batalha de Anzac foi dada a 6, 7 e 8 de maio e continuou

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1965—6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 25 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Faça-se a historia!

Ao funeral do sr. Regis d'Oliveira, illustre representante do Brazil em Lisboa, e que, cumpre accentual-o mais uma vez, foi um d'aquelles em que a população da capital mais vivamente demonstrou a sua condolencia, enchendo os pontos do percurso do cortejo,—a essa funeral, dizemos, compareceram, como era natural, todos os ministros estrangeiros acreditados em Portugal. O sr. Regis d'Oliveira era o representante d'um paiz neutro, e tinha a alta situação de decano do corpo diplomatico, sendo portanto o seu chefe, posição em que vae ser substituido, ao que lemos, pelo sr. ministro da Austria, o que não deixa de ser curioso, attenta a actual situação das grandes potencias europeias entre si.

Concorreram, pois, a esse funeral todos os representantes estrangeiros, e a todos elles foram prestadas pelas forças militares as honras do estylo. Em occasião normal esse facto não poderia provocar qualquer commentario; mas como entre esses representantes das nações estrangeiras se contava o sr. Rosen, ministro da Allemanha, o facto assume uma significação e leva a conclusões que não são apenas feitas mas tambem necessarias.

Com effeito, o facto de as nossas tropas terem prestado ao representante da Allemanha as mesmas honras prestadas aos outros paizes não pode deixar de representar uma situação plenamente normal. A Allemanha é tratada entre nós da mesma maneira, com attenções identicas áquellas de que são alvo os paizes com os quaes nunca tivemos qualquer conflicto, ou com os quaes, liquidados quaesquer incidentes, se restabeleceram, sem reserva de qualquer especie, as boas relações habituaes de amizade.

Prestaram as honras a que alludimos, foram instrumento de essa publica reconciliação, os soldados portuguezes, irmãos d'aquelles que em Naulila succumbiram, varados de balas allemãs. Se isto é um facto consummado, por que não considerarmos a situação inteiramente apuada entre os dois paizes?

E, sendo assim, o publico tem agora, sem que nenhuma reserva se lhe imponha, sem que nenhum pretexto se allegue para não satisfazer as suas reclamações, o direito de exigir que se lhe diga tudo em relação ás expedições de Africa, preparadas e enviadas para a eventualidade d'uma lucta com os allemães, que officialmente são considerados nossos estimaveis amigos.

Foi para Moçambique uma expedição, commandada pelo sr. Massano de Amorim, que teve incidentes com os allemães. Foi para Angola uma outra expedição, commandada primeiro pelo sr. Alves Roçadas que teve de se bater com os allemães, que o derrotaram, e commandada depois pelo sr. Pereira d'Eça, que teve de reprimir insurreições indigenas, preparadas pelos allemães. Todos estes officiaes já regressaram, e comtudo ainda não são conhecidos os seus relatorios.

Pois são precisamente esses relatorios que o paiz quer conhecer. Visto que já tudo está liquidado, visto que nenhuma nuvem perturba as nossas relações com a Allemanha, por que não officialmente tratada como é a Inglaterra, nossa alliada, ou qualquer outra nação amiga, o paiz quer conhecer a historia do que se passou. O paiz quer saber essa dolorosa historia de factos que fizeram perder-se a vida d'uma centena de portuguezes, ficarem inutilisados muitos outros, e gastarem-se 15 a 20.000 contos, sangria tremenda que porventura terá deixado depauperado por muito tempo o nosso já combalido organismo financeiro e economico.

O que lá vae, lá vae? Pardence á historia? Pois bem! Faça-se a historia.

Migalhas

Os colarinhos de gomma

No dia em que Jehovah foi informado de que Adão lhe ia ás maçãs, mandou chamar um anjo da guarda celestial e, recommendando-lhe que tivesse muito olho, convocou á sua presença os nossos primeiros paes. Adão compareceu com Eva na cola. Jehovah carregou o sobrecenho, disse para o anjo a meia voz:—«Tire lá para fóra a espada de fogo!» e, voltando para o peccador, exclamou furioso:

—«Ponha-se lá na rua! D'ora avante, meu amigo, ganharás o teu pão com o suor do teu rosto.

Adão era um pateta; não tinha pratica nenhuma do mundo. Não suspeitava sequer o que perdia, perdendo aquelle Paraiso. Encolheu os hombros, voltou-se para Eva e disse-lhe:

—«Anda, filha, abafa-te! Veste a tua folha de parra e anda d'ahi. Este velho é um massador...

Então Jehovah, puxando os punhos, ribombou:

—«Elle é isso? Pois bem. Além de ganhar o pão com o suor a que alludi na apostrophe antecedente, has de usar colarinhos de gomma!

Adão já ia longe. O creador do universo mirou o anjo, que na posição de sentido e espada de fogo perfilada, assistia áquelle mandato de despejo e murmurou:

—«Que me dizes a isto, ó 37?

—«Saberá Vossa Senhoria, meu major, respondeu o anjo, que aquelle paisana é um estupido.

E era. Os seculos foram passando. Adão inventou varios antidotos contra o suor do rosto: as inscripções de tres e meio por cento, os contos do vigario, as cadernetas do Monte-pio, as heranças, as reformas no posto immediato, as loterias da Santa Casa, as subscripções a favor de um pobre chefe de familia desempregado, etc., etc. Contra os collarinhos de gomma, não conseguiu inventar nada. Quando um d'elles se recusa a franquear as suas casas a um botão, ainda que este seja de boa familia e tenha cabeça de madreperola, nada se consegue contra essa intransigencia de caracter. A unha é mais uma desillusão do orgulho humano. O abotoador uma phantasia dos poetas. E Adão fica congestionado e tremulo perante o castigo do seu crime, emquanto Eva, sorrindo, lhe offerece como ultimo recurso para commover a rigidez do collarinho, um gancho do seu cabello.

André Brun

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados seis volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, e o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'A Capital são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 24.—A artilharia esteve activa dos dois lados perto de Loos. Bombardeámos efficazmente as trincheiras a nordeste de Armentiêres. Proximo de Pilken reduzimos ao silencio os morteiros das trincheiras allemãs.—(*Havas*).

PARIS, 25. — Communicado official. Na Belgica: Durante a noite ambas as artilharias continuaram a mostrar-se activas na região de Nieuport. As novas informações recebidas confirmam que o ataque inimigo tentado hontem na direcção da embocadura do Yser foi deslocado pelo nosso fogo de artilharia, não tendo os allemães podido desembocar senão n'um ponto onde alguns grupos conseguiram penetrar na nossa trincheira avançada, sendo expulsos immediatamente depois de vivissima lucta á granada que lhes causou perdas sensiveis. Em Artois, uma acção dirigida hontem pelo inimigo contra as nossas posições a leste de Neuville-Saint-Vaast e que se tinha mallogrado por completo foi recomeçada por elle ao fim do dia, com mais extensão e depois de uma nova serie de explosões de minas acompanhadas de violentissimo bombardeamento, os allemães deram um ataque n'uma extensão de 1.500 metros no angulo formado pela estrada de Arras a Lens e pela estrada de Neuville-Sain-Vaast a Thelus. O inimigo foi rechassado sobre as suas linhas pelo nosso fogo. O inimigo pode ainda occupar dois pontos da excavação produzida pela explosão das minas na nossa trincheira que ficou destruida, sendo-lhe porém retomados na maior parte quasi immediatamente. Nos Vosges realisa-mos um bombardeamento efficaz sobre as obras de fortificação do inimigo em Ban de Strap.—(*Havas*).

O bombardeamento de Nancy

NANCY, 24.—Sobre o novo bombardeamento a que Nancy foi sujeita esta manhã entre as sete e as oito horas ha a dizer que não foram importantes os prejuizos materiaes que causou além de duas pessoas feridas, uma gravemente e a outra ligeiramente. No final da manhã alguns aviões inimigos voaram sobre os arredores da cidade, onde lançaram algumas bombas, mas sem resultado.—(*Havas*).

Um armisticio na Mesopotamia

LONDRES, 24.—Na Mesopotamia concluiu-se um armisticio de algumas horas para retirar os feridos que estavam no campo e enterrar os mortos. A cheia do Tigre impediu todo e qualquer movimento de tropas. O general Townshend não soffreu qualquer novo ataque.—(*Havas*).

O serviço obrigatorio em Inglaterra

LONDRES, 24. — A Camara dos Communs approvou por 383 votos contra 36 o «bill» do serviço militar obrigatorio.—(*Havas*).

LONDRES, 24. — A Camara dos Lords approvou o «bill» do serviço militar obrigatorio em primeira leitura.—(*Havas*).

O rei do Montenegro em França

LYON, 24.—Recebido pelo prefeito, pelo maire e pelo general Damade, o rei do Montenegro dirigiu-se para o hotel no meio das aclamações da multidão. O rei appareceu duas vezes, á janella a agradecer á multidão as honras que lhe prestava. Depois mandou agradecer ao governo a recepção que lhe tinha sido feita. O sr. Denys Cochin veiu ao hotel cumprimentar o rei em nome do governo.—(*Havas*).

O ataque aereo á costa ingleza

LONDRES, 24.—Um hidro-avião allemão voou por cima de Douvres ás 16 horas, abrindo as baterias fogo contra elle. Dois aviões inglezes perseguiram o apparelho allemão.—(*Havas*).

Os austriacos em Scutari?

ATENAS, 24. — Consta de fonte austriaca que Scutari, na Albania, foi já occupada pelos austriacos. — (*Havas*).

Os inglezes na Africa Oriental allemã

LONDRES, 24.—Os inglezes occuparam no dia 21 do corrente, sem resistencia seria, Langide, na Africa Oriental allemã.—(*Havas*).

Pombal e "A Capital,,

Sr. Manuel Guimarães. — Publica «A Capital» do dia 23 a noticia de que os restos do Marquez de Pombal serão removidos para a egreja da Memoria em Belem, a qual passará a Pantheon e monumento nacional. E' caso para felicitar «A Capital», pois é a ella se deve o ter-se chegado ao feliz resultado do grande Marquez ter uma ultima morada condigna do seu valor historico; o paiz ficar possuindo mais um monumento nacional; este por seu turno livre dos vandalismos que tem soffrido, collocando-se sobretudo, e, o beato e rio afugentado do coio onde tem imperado por tantos annos.

Releia, sr. redactor, n'«A Capital» de 20 d'abril ultimo o seu artigo «Os ossos de Pombal em bolandas», que deram origem a minha carta publicada n'«A Capital» de 27, isto é, no dia seguinte, e verá que não é sem razão que «A Capital» ficará com a gloria de ter encontrado a ultima morada do grande Marquez.

Creia-me assiduo leitor — João de Deus Pires.

Dr. Regis d'Oliveira

O sr. dr. Velloso Rebello, encarregado de negocios do Brazil, foi hoje agradecer aos srs. Presidente da Republica, presidente do ministerio, ministro dos negocios estrangeiros, presidentes do Senado e da Camara dos Deputados, em nome da Embaixada do Brazil, todas as attenções que tiveram por occasião do doloroso transe porque acaba de passar essa Embaixada.

Para identico fim esteve o sr. dr. Velloso Rebello na residencia do sr. dr. Manoel d'Arriaga, tendo tambem o distincto diplomata tido a gentileza de vir á redacção d'«A Capital» fazer egual agradecimento, o que extremamente nos penhorou.

No funeral do illustre embaixador tomou parte o commandante da divisão naval, sr. Leotte do Rego, e os alumnos da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria que n'elle se incorporaram eram, não da Sociedade n.º 1, como se noticiou, mas da n.º 45 (alumnos do lyceu Camões).

Poeira da Arcada

Certas ruas e bairros de Lisboa, a respeito da higiene e conforto, merecem um tratamento energico pela picareta. O rei Peste vive n'ellas como em palacio seu. A miseria, a doença, os vicios sujos e os habitos ...osos medram nas suas sombras, como a osgas nos muros esverdinhados dos velhos claustros. Não é facil, porém, deitar a terra tão larga parte da cidade. Lentamente se irá fazendo a renovação. E' só assim ella manterá um justo equilibrio entre o passado e o futuro. As capitaes muito novas carecem de alma, de pittoresco e de caracter. As muito antigas teem qualquer coisa de uma necropole adormecida á beira de um rio.

Fialho d'Almeida queixava-se, porque Lisboa, graças á invasão tumultuosa de politica, deixára de ser amoravel para os estudiosos e os artistas que necessitam de uma atmosphera serena, não maculada pelos vivorios e morrorios das turbas irreflectidas.

Desde a sua morte para cá, as coisas teem-se aggravado. O nivel mental vem descendo. Lê-se muito, mas o pensamento hiberna. Entre os creadores de emoções suaves e a rua, raros contactos. Os solitarios estiolam-se no silencio, os gritos e clamores dos politivagos empestam os ares.

E uma especie de grande homem que a eloquencia banal d'estes dias irregulares tem evidenciado com longo proveito para as estradas da sua aldeia, dizia, voltando-se para uns modestos ouvintes que n'elle admiravam a sufficiencia pomposa e grandiloquente: —«A litteratura e as artes fazem mal aos povos pobres, porque perdem o amor ao trabalho que exige virtudes obscuras e nunca podem crear obras dignas do amor e culto da posteridade».

Noticias parlamentares

O livro do sr. Pimenta de Castro está custando excessivamente caro do Paiz, tanta oratoria indignada por causa d'elle, tem já explodido em S. Bento. Porgunta-se: merecerá a pena? Vale o desabafo litterario do general este gasto de tempo, que fica pelos olhos da cara a quem o paga o que são todos os portuguezes? E' de crer que não. E sendo assim, para que nos prégou hoje o sr. Mesquita de Carvalho um inflamado sermão, indignado e rubro? Para provar que as apprehensões de jornaes são um acto inutil, que toda a gente tem obrigação de condemnar e que o governo não pode ordenar, sem desrespeito das leis? Já cá se sabia. Ainda se o sr. Almeida Ribeiro regressasse ao bom caminho com a catilinaria do sr. Mesquita de Carvalho! Mas não. O seu mal não tem cura. Ha de morrer d'aquillo, o sr. ministro do interior.

Está constituida a commissão do inquerito parlamentar ao fogo da Santa Clara e aos fornecimentos para o exercito. Disse-o hoje, em plena camara, o sr. Antonio Fonseca, a quem foi distribuido o cargo de secretario. A presidencia ficou pertencendo ao sr. Alfredo de Magalhães. Será d'esta? Irá agora, por ahi fóra, o inquerito? Estarão os vogaes da commissão dispostos a empregar todos os esforços para irem rapidamente até ao fim? Oxalá, oxalá! E' que o tempo urge e perdel-o é sempre de mau conselho. Depois, d'aqui por alguns dias já ninguem se lembrará do que ardeu o Deposito de Fardamentos e de que, d'esse edificio publico, não restam senão escombros e cinzas.

Hoje, durante a tempestade que estalou, inesperadamente, na Camara dos Deputados, passaram-se episodios interessantes. Este, por exemplo: a certa altura um deputado da maioria deixa o seu logar, trepa a dois e dois os graus da tribuna presidencial e, chegando lá acima, despede dois murros na secretária do presidente, que por pouco não lhe mette os tampos dentro. Foi edificante, mas não deu resultado. Entretanto, é preciso registar este novo processo de impor uma vontade individual ou collectiva a quem dirige uma assembleia da importancia da Camara dos Deputados. Simplesmente, não faltará quem ache o processo aspero de mais como não abundará quem se sujeite a elle. A não ser que, d'ora ávante, se a moda pegar, os presidentes forem de celuloide...

Depois de interrompida a sessão, o sr. Manuel Monteiro dirigiu-se apressadamente para o seu gabinete, depois de ter mettido na algibeira todos os papeis que tinha deante de si. E as conferencias principiaram. O sr. Barbosa de Magalhães, que fôra um dos que mais protestara contra a attitude do presidente, foi tambem o primeiro a ser ouvido. Havia, evidentemente, situações que tinham de ser aclaradas. O sr. Manuel Monteiro não estava satisfeito. E tinha razão. Mas não será, por acaso, facil conciliar com o esplodir das paixões politicas o bom cortezia, que jamais deve esquecer a pessoas educadas? Positivamente, o bom senso bateu definitivamente as azas da politica d'esta terra, não obstante a fina intelligencia e a vasta cultura do sr. Arthur Costa terem empregado, para evitar tal desgraça, os maiores esforços. Pobre homem, coitado, que desilludido que deve andar.

Nos deputados, o sr. Almeida Ribeiro esgremeu fartas rajadas de intelligencia para provar que, se fôra conselheiro na monarchia, só sou seus meritos o devera. Quem o duvida? Houve muito quem fosse conselheiro sem se poder gabar dos meritos do sr. ministro do interior. E retirando dos Deputados para o Senado, o mesmo sr. ministro, ao ser surprehendido por observações eguaes ás que acabava de ouvir na outra casa, puxou os punhos, concertou a gravata, estendeu o pescoço e declarou que não se considerava obrigado a repetir ali aquillo que na outra casa do Parlamento dissera. Até faz dó o sr. Almeida Ribeiro. Porque terá elle, a final, esta guigne? Quem o descobrir, pode gabar-se de metter uma lança em Africa. Mas não o conseguirá facilmente. E' que este sr. ministro armou tanto em logogripho que não lhe tórna de o decifrar.

A commissão de minas, commercio e industria já elaborou o seu parecer sobre a proposta de lei do sr. ministro do fomento, tendente a resolver a crise que affecta a industria jornalistica. A proposta inicial foi ligeiramente modificada. O direito estatistico do meio real foi elevado a um real; a direcção geral do commercio e industria ficará sendo a instancia idonea para fiscalisar o preço do papel nacional, de harmonia com o do estrangeiro, e quanto ao papel resmado determina-se que só se importe o que se destina a jornaes e revistas, sobre o qual incidirá o direito de dois réis e meio. Da commissão de commercio, o projecto seguirá para a commissão de finanças, entrando em discussão só depois de ter o parecer d'essa entidade.

A questão do papel

A commissão de commercio e industria deu já o seu parecer sobre o projecto de lei que procura resolver a questão do papel, de modo a que se satisfaçam as necessidades do consumo e se evite qualquer especulação sobre os preços.

A commissão entende não só que o projecto não prejudica a industria nacional, mas que n'elle se provêem quaesquer deficiencias que porventura se venham a dar ainda na producção d'essa industria. Assim, dá o seu apoio á proposta, com ligeiras modificações.

NO CONGRESSO

Deputados

Um incidente ruidoso por causa das apprehensões de jornaes

Pouco depois das 15 horas, o sr. Manuel Monteiro declara aberta a sessão. Approva-se a acta e estão presentes 64 deputados e os srs. ministros do interior e do fomento. O sr. Mesquita de Carvalho, tendo a palavra em primeiro logar, protesta contra as apprehensões de jornaes ordenadas pelo governo, e muito principalmente contra a prohibição de circular, imposta ao livro do sr. Pimenta de Castro. E' lamentavel que taes factos se dêem e mal vae ás instituições se não os evitarem cuidadosamente. Refere-se largamente á ultima apprehensão do *Paiz* e diz que, emquanto o director d'esse jornal era republicano e trabalhava pela Republica, se sentia cathegorisado com uma carta de conselho aquelle que hoje arvora em perseguidor do jornal. O sr. ministro do interior, respondendo, diz que teve a carta de conselho no tempo da monarchia por serviços relevantes prestados n'uma colonia, sem que por isso se tivesse julgado cathegorisado. Quanto ao director da *Paiz*, não tem que saber quem elle foi, mas quem elle é. Pelo que respeita ao livro Pimenta de Castro, dirá que o mandou apprehender por n'elle haver ultrages para o Parlamento, offensas a nações nossas amigas e referencias redigidas em linguagem despejada, que não podiam ter publicidade. A apprehensão foi ordenada de inteira harmonia com a lei.

Mais nada. Foram as conveniencias da politica interna e externa da Republica que determinaram a attitude do governo. E sendo apprehendido o folheto, como o não haviam de ser os jornaes que o transcrevessem. Quanto aos jornaes que, por esse motivo, foram impedidos de circular? Não o sabe. Mas sabe que os mandou apprehender a todos, sem excepção alguma. Foi essa a ordem que sahiu do ministerio do interior. Não se abriu, em favor de nenhum jornal qualquer excepção. E até agora o governo não tem razões para revogar a ordem que deu, com relação aos jornaes que publicassem trechos do folheto em questão. Termina, censurando a circumstancia do sr. Mesquita de Carvalho ter empregado termos que não lhe parecem parlamentares e lamentando que os debates politicos não se mantenham sempre n'aquella linha de correcção que dignificam o debate e a todas as partes pessoaes e partidarias.

O sr. Mesquita de Carvalho pede de novo a palavra. A maioria mostra-se adversa a que esse deputado fale, por não se tratar d'uma interpelação em regra. O presidente, porém, concede-lhe, por uso da palavra para explicações. O sr. Mesquita de Carvalho começa por dizer que a situação do sr. ministro do interior não pode ser mais deploravel. Então como se admitte que elle não saiba tres dias depois, como foram cumpridas ordens suas? E n'este tom, o orador continúa esboçando um vivo ataque ao sr. Almeida Ribeiro. A maioria torna-se irrequieta.

O sr. Alvaro Pope—Peço a palavra para invocar o regimento!

Vozes — Logo, logo! Por emquanto ha um deputado no uso da palavra!

—Mas tambem ha o regimento!

—Deu a hora para se passar á ordem do dia!

—Só com uma auctorisação da Camara podo continuar a falar!

Ha murros nas carteiras. Desenham-se tumultos. Da maioria grita-se:

—Ordem do dia! Ordem do dia:

— O presidente intervem e procura conciliar toda a gente. Pede ao orador que resuma as suas explicações. Mas não é attendido.

O sr. Barbosa de Magalhães vae á mesa.

Vozes dos unionistas—Lá vao outro! Vae, mas sem resultado. O orador continua protestando falar. Em vão.

O sr. Alvaro Pope.—Então v. ex.ª, sr. presidente, consulta ou não consulta a Camara?

O sr. presidente continúa procurando evitar que o conflicto prosiga. O sr. Mesquita de Carvalho, por sua vez, continúa a querer falar.

O sr. Pope—Então, sr. presidente, v.

Folhetim d'A CAPITAL 25-1-1916

O EMIGRADO

(Quatro actos de Paul Bourget, setima recita de Guitry no Republica)

A peça annunciada, para estreia de Guitry em Lisboa foi «O emigrado», de Paul Bourget, que só em scena recita de assignatura subiu á scena, ignorando-se ainda agora as verdadeiras razões de semelhante adiamento. Parece que alguem, mais zeloso da manutenção da ordem publica do que lido na litteratura theatral contemporanea, chamou a attenções das auctoridades superiores sobre a conveniencia de impedir a representação da tragedia como se ella podesse dar ensejo a tumultos graves. As auctoridades, que vagamente ouviram dizer que em «O emigrado» se falava de disciplina militar e dos effeitos da separação da Egreja e do Estado em França, incumbiram pessoa illustrada e de sua confiança politica de ler a peça de Bourget e, quando se convenceram de que o famoso romancista não escrevera, sem querer, um libello contra a obra da democracia portugueza, permittiram-nos que admirassemos uma das mais bellas, mais sublimes e mais commoventes creações do grande actor. Este episodio, que não deixa de ser pittoresco e ao mesmo tempo elucidativo, apenas serviu de thema a risonhos commentarios, pois que nem sequer teve a vantagem de augmentar o conhecimento, aliás dos maiores até hoje registadas nas visitas dos companhias estrangeiras. E' que, em geral, o publico que frequenta os espectaculos de Guitry lé, quando as não viu antes, as peças do seu repertorio e não, como tantas outras foi vulgarisada pela empreza da «Illustration». D'um breve resumo do entrecho concluirá o leitor, que desconheça «O emigrado», a inanidade dos receios que suscitou e a belleza da obra em que, ao contrario das peças de Bornstein, há rigidos e nobres caracteres e se agitam sentimentos e ideias bem oppostas aos que se debatem em alguns dos mais celebres dramas do auctor de «La griffe», cujo fundo é a delicia das mais piluitunas insensiveis aos delicados aromas...

O marquez de Claviers-Grandchamps (Guitry) é um velho fidalgo castelão, orgulhoso dos seus pergaminhos e dos seus antepassados, com o culto da tradição e da raça, vivendo como um senhor feudal e desejando perpetuar a familia pelo matrimonio de Landri (Bourdel), filho unico, com Françoise, filha dos duques de Charlus, seus companheiros nos prazeres da caça que constituem para elle o maximo enlevo. Landri, porém, tenente do exercito, apaixona-se por madame Olier (madame Lion), viuva com uma filha e decide casar com ella a despeito da vontade paterna que se oppõe a essa «mésalliance». Com effeito, o marquez entende que todo o fidalgo que consente a sua casa assegura uma reserva de força á patria na hora da catastrophe inevitavel e, para salvar o esplendor do seu nome contra as agressões da Revolução adversa aos aristocratas e ao principio que elles representam, a familia, nunca cedeu, vivendo como um emigrado entre os revolucionarios que não admittem os direitos dos mortos sobre os vivos, nem as auctoridades sociaes naturaes, nem a caça, quando, afinal, não pede em sua opinião, existir paiz sem que as familias se perpetuem, a vontade dos mortos se respeite, as auctoridades naturaes existam e a raça se preserve. Para que assim succeda, um fidalgo não deve alliar-se a uma simples burgueza...

Landri objecta a seu pae que na velha França, por este defendida contra a França nova, as classes se penetravam e precisamente pelo casamento, citando-lhe varios, mas o fidalgo, aferrado aos seus preconceitos, affirma que não se transige na defeza d'uma causa vencida e que uma casta ameaçada é como uma cidade a que foi posto sitio e que deve fechar-se. E' necessario defender a herança, a casa...

O mais intimo amigo do marquez de Claviers-Grandchamp, o velho sportsman Jaubourg, está gravemente enfermo e Landri visita-o em nome de seu pae. Esse homem fôra o amante da marqueza de Claviers-Grandchamp e ella das suas relações, nunca suspeitadas pelo marido, nascera aquelle rapaz cuja presença reclamava, anciosa, antes de expirar. Jaubourg cae em delirio e revela, involuntariamente, a Landri em que nascera dos seus amores com a marqueza já fallecida e morre, legando a fortuna a Claviers-Grandchamp que é a forma de beneficiar o filho sem que quaesquer suspeitas se levantem. Durante a sua doença, Jaubourg foi, porém, victima d'um roubo. Chaffin, empregado do marquez e por este despedido por abusos de confiança, apossara-se de algumas cartas da mãe de Landri ao seu amante para com ellas fazer «chantage». Essas cartas não deixavam duvidas sobre a infidelidade da castellã e referiam-se a Landri como filho de ambos. A duqueza de Charlus, que fôra confidente dos seus amores, o disse Jaubourg, informando-a do furto pouco antes da entrevista com Landri, após a qual o doente succumbe... Quando a duqueza annuncia a sua morte, insinuando que expresse sem sacramentos, entre o marquez que pensa na camara mortuaria para beijar pela ultima vez o velho amigo e rezar pela sua alma. Então Landri, a sós com a marqueza, lança-lhe em rosto a sua cumplicidade, clama o horror que lhe causa a historia do seu nascimento e sae com o marquez, que chora a perda do que ainda suppõe ter sido o melhor de todos os amigos...

E estamos no terceiro acto. O capitão Despeis vem communicar a Landri e ao seu camarada Vigouroux que pediu a demissão de official para não executar as ordens superiores que lhe ordenam que garanta com a força do seu commando o inventario d'uma egreja, ao qual a população se oppõe. As suas crenças não lhe consentem collaborar n'essa violencia. Aos camaradas explica que, se pensam do mesmo modo, o imitem, demittindo-se antes e sem bulha, pois que ha uma ossa-sagrada, a disciplina, é cumpre não a desacreditar diante dos soldados. A discussão que se trava entre Despois e Vigouroux é interessante. Este entende que não ha razões que se invoquem contra o dever militar, que o exercito é um bloco no qual cada um militar não discute, não raciocina, mas obedece. O que se diria d'um socialista que pretextasse as suas ideias para se abster de marchar contra o inimigo? Todo o official que recebe uma ordem, por mais que seja o motivo allegado, falta á disciplina e sobretudo quando é um chefe. Despeis replica que a obediencia possível tem um limite. A consciencia religiosa, por exemplo, que não fôra o que se executem em nome da disciplina ordens abominaveis. Por isso se demittia. Os que as executam, fechando os ouvidos á voz da consciencia, são deshonestos... Mas Vigouroux responde que só por disciplina e pelo respeito que lhe impõe a differença de postos se cala...

Landri conta a madame Olier a historia do seu nascimento e para romper com o sr. de Claviers, a quem ama apezar de saber que não é seu pae, resolve executar a missão que competia a Despois. Fará o inventario, já que não tem familia e lhe restam apenas a sua profissão e o amor de madame Olier que se recusará até ali a acceder aos seus rogos para não separar pae e filho. Quando Claviers-Grandchamp conhece a resolução de Landri, attribue-a á influencia da mulher amada e conjura-o a que não pense em desonrar o nome e a sua casa, emquanto que a revelação que tem na tencao e a seu nome. Foi ella, que assignou o que é o enviar. Assim, não é o quiz para os separar a ambos, ella que o obrigou com esse sophisma do serviço militar. E como ao não dobre aos argumentos, ordena-lhe, na qualidade de pae, que escreva o pedido da sua demissão. Landri desobedece e o marquez sae, depois de insultar, com uma extranha fidalga, o procedimento que attribue a Valentina Olier: «...Il m'est impossible de ne pas vous dire que séparer un fils de son père ...ce n'est pas bien... ce n'est pas bien...»

Landri demitte-se do exercito, depois da scena angustiosa do inventario em que seu pae é por momentos preso, e resolve partir com sua mulher para a America. O marquez conhece a historia da sua desventura domestica. Chaffin, para se vingar, remetteu-lhe as cartas roubadas e o velho fidalgo sabe que Landri não é seu filho. Se elle sabia tudo, porque o deixou receber a herança de Jaubourg? Porque se fez e embora sem nada lhe dizer? Porquê? E Landri esclarece: porque o amava; porque o ama profunda, apaixonadamente; porque o queria poupar áquelle ultraje. Se falasse, era como o tivesse apunhalado no coração. Entre o desejo de falar e de se calar, obedecera ao segundo, por causa d'elle, por causa de seu pae e d'alguem...

Claviers-Grandchamp lembra-se de que falára a Landri no direito dos mortos sobre os vivos. Não sabia então que a sua razão era tamanha. Landri devia calar-se por causa d'elles, de quem fôra victima. E assim se cavava um abysmo entre os dois e por isso Landri tomara parte no inventario, lhe fizera intimações e expatriava, por fim? Landri responde affirmativamente á cada uma d'essas dolorosas perguntas. «Pobre filho!» exclama o marquez em cujos braços Landri se precipita, balbuciando: «Meu pae!» Claviers-Grandchamp confirma: «Sim, sou teu pae. Não ha só a paternidade do sangue. Ha a do espirito ...da alma...» Landri agradece-lhe toda a sua bondade, a ternura que lhe deve e reconhece que o que possue de bom e altivo é seu caracter veiu d'aquelle a quem ha de sempre considerar como pae. E, como Landri lhe pergunte se quer que fique, o marquez responde-lhe que não. Deve partir para viver uma vida nova livre dos serviços que manietavam o velho fidalgo e que paralysariam Landri se ficasse em França. Deixando-o partir é o seu proprio coração que arranca do peito. Procede assim pelos Claviers, que acabam como viveram, de cabeça erguida pela honra. A sua raça foi a da sua vida. Quando se crê, deve crer-se até o martyrio. Se tiver uma hora de desfallecimento, irá pedir-lhe um cantinho na sua casa...

Como foi possivel reputar esta peça «reaccionaria» e «subversiva»?

Lucien Guitry, no marquez de Claviers-Grandchamps, viveu a personagem por fórma que arrancou aos espectadores, subjugados pela sua arte assombrosa, os mais enthusiasticos applausos que lhe teem dispensado até agora. O seu trabalho, que em França foi classificado pela critica de genial, attinge a sublimidade nas grandes lances que não faltam na peça. O sr. Bourdel e madame Lion compartilharam justamente das ovações dispensadas a Guitry.

A. de A.

ex.ª consulta ou não consulta?!

E não se passa d'isto. O alarido continúa cada vez mais intenso. E como não haja maneira de lhe pôr termo, o sr. Manuel Monteiro põe o chapeu e interrompe a sessão.

Vozes—Appoiado! Appoiado!

O sr. Julio Martins—Viva a liberdade!

Por largo tempo, os discursos na sala continuam, confraternisando todas as facções politicas. Entretanto, nos bastidores, realisam-se varias conferencias.

A's seis menos um quarto, reabre a sessão.

O presidente—Tem a palavra o sr. deputado Mesquita de Carvalho.

O sr. Alvaro Pope—Peço a palavra para invocar o regimento. Ao abrigo do regimento, v. ex.ª tem de conceder-me a palavra!

O sr. Mesquita de Carvalho reata as suas considerações. Não permitte que, no abrigo do regimento ou servindo-se d'esse pretexto o impeça de falar. E como não está presente o sr. ministro do interior, entende que não pode continuar as suas considerações.

O presidente explica. O sr. ministro do interior está no Senado, para onde foi solicitado. Reservará, pois, a palavra ao sr. Mesquita de Carvalho para quando o sr. ministro estiver presente.

O sr. Alvaro Pope invoca o artigo 1.º, § 6.º, do regimento. Faz justiça ás qualidades do presidente, dos quaes elle foi victima. Contra o regimento, não se pode ser complacente. E o sr. Manuel Monteiro, consentindo que um simples negocio urgente se transformasse em interpellação, não respeitou a lei interna da Camara. Se não é novo, tambem não é já muito novo. Até agora ninguem passou ainda por cima de si. Pois de futuro espera que tal não se dará tambem. O sr. presidente explica o que se passou com o incidente e diz que procurou observar todas as praxes e todas as normas seguidas até agora. Crê que não houve nenhuma incorrecção da sua parte (*apoiados das opposições*) nem o menor ataque ás disposições do regimento (*os mesmos apoiados*). E assim se liquida o incidente, passando-se á ordem do dia. Continúa a discutir-se o projecto sobre as subsistencias. O sr. ministro do fomento faz uma larga defeza do seu projecto, dizendo que elle muito longe de vir a ser a lei da fome, está destinado a resolver a grave crise de subsistencias que affige presentemente o nosso paiz.

NO SENADO

O folheto Pimenta de Castro e a apprehensão dos jornaes

A's 14.30 horas respondem á chamada 42 senadores. Preside o sr. Correia Barreto e secretariam os srs. Lourenço Serro e Simão José. Approvada a acta e lido o expediente o sr. dr. Pedro Martins pede a palavra para um negocio urgente quando esteja presente o sr. ministro do interior.

O sr. José Maria Pereira requer pelo ministerio da guerra copia de todo o processo de reforma do capitão medico de artilharia n.º 8, Antonio Augusto Correia de Campos, ou auctorisação para o ir consultar na respectiva repartição.

Entra-se seguidamente na ordem do dia com o projecto de lei que reorganisa os quadros das secretarias dos governos civis e estabelece as normas reguladoras da nomeação e promoção dos funccionarios respectivos. Este projecto foi já approvado na outra camara e é seu principio dominante a reducção do pessoal das secretarias sem sacrificio da boa execução dos serviços e preparar por esta forma a possibilidade de melhorar os vencimentos de funccionarios que ainda hoje percebem o que provisoriamente se lhes fixou em 1836.

O sr. Paes Gomes combate o projecto não em absoluto mas nas suas minucioisidades que promette esmiuçar na especialidade.

O sr. Simão José requer que seja interrompida a discussão até estar presente o sr. ministro do interior visto o projecto em discussão ser da auctoria do antecessor de sua ex.ª.

O sr. Arantes Pedroso, depois de approvado o requerimento do sr. Simão José, requer por sua vez, urgencia e dispensa do regimento para a discussão do projecto que auctorisa a dispender 20 contos com a fretação de vapores para a fiscalisação da pesca no continente, o que é tambem approvado por maioria de 34 votos contra 14.

Na discussão do projecto o sr. José Machado Serpa lastima que n'elle se não consigne que esses navios sejam para a fiscalisação do continente. E as ilhas? Acha necessario que tal se consigne tambem. Isto é: que esses navios sirvam tambem para a fiscalisação nos mares dos Açores quando necessario. O sr. Mello e Simas, relator, discorda por não haver tal necessidade. O sr. Herculano Galhardo protesta contra os desejos do sr. Machado Serpa que não devem agora ser attendidos porque as necessidades da fiscalisação no continente são instantes. Falam ainda varios outros senadores ficando a proposta approvada tal como estava.

Como esteja presente o sr. ministro da instrucção, o sr. dr. Pedro Martins trata do seu negocio urgente:—a apresentação do folheto do sr. general Pimenta de Castro. A inefficacia d'essa medida está na apresentação do folheto que ali tem e que anda já nas mãos de toda a gente. Desafia o sr. ministro do interior a que prove que o folheto é escripto em linguagem despejada e provocadora. Não é tal e nas paginas d'esse folheto, não ha uma offensa á Patria ou á Republica. A apprehensão foi um acto tyrannico e despotico, inadmissivel e inacceitavel, aggravado ainda com a apprehensão dos jornaes que ao livro se referiram e o transcreveram. Protesta, pois, contra o acto do governo e, entrando n'essa altura o sr. ministro do interior, volta a fazer as mesmas considerações.

O sr. ministro do interior explica o motivo porque não poude comparecer mais cedo no Senado: pelo facto da sua presença ser requerida na outra Camara exactamente para tratar do mesmo assumpto. Mandou apprehender o folheto e ainda se não arrependeu d'isso. O folheto estava sob a alçada da lei de 9 de julho de 1912 que não permitte linguagem despejada e provocadora contra a segurança do Estado, da ordem e da tranquilidade publicos. Não era portanto uma faculdade; era um dever e cumpriu-o. Se o folheto está ou não escripto em linguagem despejada prova-o a maneira como elle se refere á sessão de 4 de março do anno passado. Essa linguagem é mais do que despejada: é ultrajante.

O sr. Sousa Junior:—E' uma vergonha!

O orador continuando diz que, obedecendo ao mesmo criterio, mandou apprehender todos os jornaes que o transcreveram, sem excepções. E excepções não houve.

Vozes:—E «A Capital»?

O orador:—Todos. Mandei apprehender depois. E assim dignifiquei e defendi a Republica embora o sr. Pedro Martins diga o contrario.

O sr. dr. Pedro Martins volta ao assumpto para reaffirmar o que disse. O livro não ataca as instituições republicanas e se o faz o sr. ministro que o demonstre citando os trechos incriminados. Repete: o gesto do ministro é a negação da liberdade republicana e o maximo desrespeito á lei.

Affirma ainda que as ordens do sr. ministro do interior ou não foram dadas ou não foram cumpridas visto que «O Paiz» foi apprehendido e «A Capital» não. Não protesta contra o facto de «A Capital» poder circular livremente. Contra o que protesta é contra a arbitraria apprehensão de «O Paiz». Que as suas ordens não foram cumpridas vae elle orador demonstral-o lendo a esse respeito a local d'«A Capital» sobre apprehensões. Onde está a egualdade da lei?

O sr. Almeida Ribeiro fala de novo tambem e diz que o folheto foi bem apprehendido pelas razões já expostas. A apprehensão dos jornaes deu-se e a ella não escapou «A Capital» cujas affirmações da sua local são falsas.

(N'outro local trata «A Capital» das affirmações do sr. ministro do interior).

Por que se são exactas elle ministro mandará averiguar para castigar quem prevaricou visto que a policia não lhe podia ter dito semelhante coisa.

Antes de encerrar a sessão o sr. Estevam de Vasconcellos lastima que a apprehensão do folheto se fizesse por que desejava que todo o paiz soubesse quem era o estadista Pimenta de Castro. Mas protesta contra a linguagem despejada com respeito aos senadores.

O sr. dr. Pedro Martins não concorda, porque o facto não está incluido na doutrina da lei applicada.

A'manhã ha sessão.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21— Coimbra, terra d'amores — O anjinho da pelle do diabo.

REPUBLICA—A's 21—O genro do sr. Poirier.

TRINDADE—A's 21 — O dia de juizo (Revista).

POLYTEAMA — A's 21 — A vida d'um rapaz pobre.

GYMNASIO—A's 21 —O manequim.

EDEN —A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).

APOLLO — Não ha espectaculo.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas.

MODERNO—A's 20,45 e 22,45 —Sempre fresquinho.

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Madame Butterfly.

Agenda da semana

AMANHÃ— **Gymnasio** — Primeira representação da comedia *O manequim*.

QUINTA-FEIRA — **Eden-Theatro**—Reapparição de Nascimento Fernandes na revista *O diabo a quatro*.

Phantastico—Primeira representação da revista *Já vi tudo*.

SEXTA-FEIRA— **Apollo** — Primeira representação da revista *Palavra de honra*.

"Coimbra, terra de amores.."

A recita de homenagem ao dr. Vicente Arnoso

Hontem á noite, no Nacional, festejou-se o auctor d'esse delicado poema de mocidade e de bohemia do espirito que é *Coimbra, terra de amores*... Sala cheia, *toilettes* deliciosas nos camarotes, uma atmosphera de carinho e de sympathia como não podia deixar de existir tratando-se de uma homenagem ao dr. Vicente Arnoso, em cuja alma de poeta Coimbra encontrou o mais dedicado cultor da sua eterna belleza, das suas tricanas, das suas trovas, das suas noites de estudia, da sua musa popular.

Esses trez quadros de evocação que constituem a peça teem o singular condão de fazer reviver, na memoria dos que por lá passaram, toda essa mocidade que não volta, o luar do Choupal e a doce quietação do Mondego, as serenatas do Penedo da Saudade e as romarias de Santo Antonio dos Olivaes, amores e beijos, capas ao vento, guitarradas, sonhos... E', essencialmente, uma obra de ternura. Por isso, ao final de cada acto, o dr. Vicente Arnoso foi alvo de prolongadas ovações, que ao terminar a peça attingiram o delirio.

Completando o espectaculo, representou-se tambem *O anjinho da pelle do diabo*, em que a pequenina e talentosa actriz Judith de Castro colheu tambem fartos e merecidos applausos.

Noticias

Entre nós

Depois d'amanhã, 27, realisa-se no theatro Politeama um concerto promovido pelo solista de clarinete D. Juan de la Vega, que foi regente de banda d'infanteria hespanhola e actualmente está cego.

● A'manhã, no Variedades da calçada da Estrella realisa-se uma festa dedicada ao ensaiador e director da companhia infantil João Silva, que conta muitos admiradores e amigos. Estreia-se a linda operetta em 3 actos *Um sonho de valsa* e repete-se o verdadeiro successo *Artistas de verão*.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite: Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Pelo Salão Foz

Era justificada a fama de que vinha precedida a troupe Pichel, que hontem se estreiou no Salão Foz. E' um bello numero cheio de difficuldades e de combinações interessantes que agradam. O duettistas Leo Flores tambem não desmereceram o que d'elles se tem dito. Teem boa voz, bem timbrada e um reportorio escolhido. O publico reconhecendo o valor dos dois numeros que hontem fizeram a sua estreia ovacionou-os nas duas sessões. Churri el Bonito, o engraçado excentrico continuou hontem a fazer as delicias do publico que riu a bom rir com as suas excentricas canções e danças.

Julita Sola dançarina internacional e Estrella de Levante, especialista em canções regionaes não desmancharam o conjuncto recebendo tambem fartos applausos.

O Salão Foz, que prima pela escolha dos seus artistas, dá na proxima quinta feira uma nova estreia, apresentando os Gitanillos, os mais celebres artistas do seu genero, em toda a Hespanha.

No espectaculo de hoje além dos numeros da variedades, apresentam-se no écran *films* de sensação e far-se-ha ouvir o sextetto Thomaz de Lima.

NO BAIRRO DE ALFAMA

Uma festa de solidariedade escolar

Em homenagem ao sr. Pedro Botto Machado, promovida pelo patrono, professores e alumnos do Centro Escolar Dr. Magalhães Lima, realisa-se na segunda-feira ás 12 horas, uma grande festa de confraternisação escolar para a qual estão convidadas as seguintes escolas: Asylo Maria Pia, Tutoria da Infancia, Patronato da Infancia, Escola Officina n.º 1, Cantina Escolar de S. Miguel, Academia Instrucção Popular; Centros: Fernão Botto Machado, Dr. Alexandre Braga, Dr. Alberto Costa e Rodrigues de Freitas.

A festa é abrilhantada por um sextteto de professores dirigidos pelo maestro sr. Portella.

Os orpheons do Centro e da Tutoria da Infancia cantarão varias canções populares e os versos «A Escola» offerecidos pelo sr. Cruz Magalhães ao Centro Magalhães Lima.

Opera lyrica

Kruceniski e Battsitini

O Colyseu dos Recreios terá ámanhã uma enchente. Canta-se pela ultima vez a linda opera de Puccini *Madame Butterfly* de que a sr.ª Kruceniski é a mais extraordinaria interprete e que lhe tem valido noites de gloria. A eminente artista cantará no proximo sabbado a acção romantica *Loreley*, do maestro Catalani, que pela primeira vez se representa em Portugal e de que é extraordinaria interprete.

Communica um telegramma recebido em Lisboa que o barytono Battistini acaba de obter enorme exito no Theatro Circo, de Barcelona, na ópera *Traviata* e no prologo dos *Palhaços*, recebendo uma das maiores ovações que jámais se tributou a um artista. Teve de bisar o prologo e a aria da *Traviata* no meio de um phrenetico enthusiasmo.

Battistini, que foi contractado por mais trez recitas pela direcção d'aquella casa de espectaculos, debutará brevemente no Colyseu dos Recreios com a opera *Ernani*.

Industria nacional

O fabrico de flôres artificiaes

Uma das industrias que entre nós tem attingido extraordinario desenvolvimento, rivalisando vantajosamente com a estrangeira, é sem duvida a do fabrico das flôres artificiaes. Uma prova do que acabamos de dizer temol-a aqui, na nossa frente, n'um lindo ramo que acaba de nos offertar a Casa do Espirito Santo, da firma Moreira, Cerqueira & Martins, do largo do Correio, 8, Porto.

E' tal a perfeição do fabrico que nos chega a dar a illusão que são flôres naturaes as que temos á vista, embora saibamos que assim não é. Não é exagero o que affirmâmos e dos nossos dizeres se póde avaliar a perfeição do trabalho executado na Casa do Espirito Santo.

Apparicio Matta

Ao sr. provedor da Assistencia Publica

O sr. Luiz Filippe da Matta conhece a questão. O velho professor de musica Apparicio da Matta, hoje inhabilitado de ganhar os meios de subsistencia, tinha um subsidio da Assistencia Publica. Em tempo devido requereu a continuação d'esse auxilio, mas por qualquer motivo a junta de parochia da freguezia de Monte Pedral demorou o requerimento ou não quiz attestar, do que derivou vêr-se Apparicio da Matta privado d'esse soccorro, que ao menos lhe servia para ajudar a pagar a renda da casa.

E de um lado para outro tem andado o desventurado, sem que o attendam. Não seria possivel que o sr. provedor da Assistencia Publica auctorisasse a continuação do subsidio ao pobre ancião?

Protecção á infancia

Lactario da parochia de S. José

A empreza do theatro Avenida, cujo amor por esta instituição tantas vezes se tem demonstrado, resolveu lançar um imposto sobre os bilhetes de favor, cujo producto reverta para o Lactario que tão grande numero de creanças está protegendo.

O sr. Manuel Vieira da Costa Gomes entregou ao Lactario um donativo de 50$00, tendo-lhe os corpos gerentes feito entrega do diploma de socio de honra.

O conselho administrativo, com parecer favoravel do conselho fiscal, creou um fundo de reserva na Caixa Economica Portugueza, a fim de desenvolver a instituição.

ULTIMAS NOTICIAS

NOTA POLITICA

O incidente da Camara

A lei de imprensa e a apprehensão de jornaes—Uma sessão quasi perdida—Como se preteriu a discussão do projecto das subsistencias

A sessão da camara foi hoje interrompida. Houve os inevitaveis murros nas carteiras, palavras impetuosas, apartes exaltados—e tudo o mais que é da praxe em casos taes. E porquê? A origem da questão foi esta:—a apprehensão do livro do sr. Pimenta de Castro e o procedimento adoptado por parte das auctoridades para com os jornaes que fizeram transcripções d'esse livro. O sr. Mesquita de Carvalho, apoiado calorosamente pelos seus correligionarios e pelos deputados da *União Republicana*, defendeu o sagrado principio da liberdade de expressão do pensamento, estranhando que o sr. ministro do interior não tivesse opiniões a tal respeito ou que as tivesse tão frouxas.., que mal se percebessem.

Achamos muito bem as palavras do sr. Mesquita de Carvalho, que terá sempre o nosso desvalioso apoio quando defender, para a imprensa, a mais ampla e rasgada liberdade, apenas sujeita ao julgamento dos tribunaes. Achamos muito bem. Mas temos o direito de dizer ao publico que a lei de julho de 1912, «que permitte as apprehensões» foi feita por uma commissão de parlamentares onde se encontravam representados todos os partidos. Foi approvada com votos evolucionistas, unionistas e democraticos. Foi com esses votos que se estabeleceu o principio de que um simples cabo de policia podia apprehender qualquer publicação desde que, no seu «alto criterio», entendesse que essa publicação estava escripta em linguagem despejada ou provocadora.

Que é linguagem despejada?

Fizemos essa pergunta quando a inconcebivel lei foi discutida no parlamento da Republica. Mostramos os perigos que da sua approvação resultavam para todos os jornaes, fosse qual fosse a sua côr politica. E n'essa altura, não tivemos ao nosso lado, a defender a doutrina que defendeu hoje, o sr. Mesquita de Carvalho.

Que se tratava d'um momento excepcional, que a Republica precisava de defender-se da propaganda monarchica—diz-se. Nos primeiros dias do mesmo mez de julho de 1912 Paiva Couceiro fazia a sua incursão de Chaves. Mostramos opportunamente que esse argumento não colhia para a defeza do projecto que se pretendia fazer votar—e que se votou, com votos evolucionistas, unionistas e democraticos. Mas, se assim era, se assim foi, porque não se propoz ainda a revogação da lei? Não seria um bello gesto, que, certamente, toda a imprensa applaudiria, o do deputado que tomasse a iniciativa de propôr o seu desapparecimento? Sujeite-se a imprensa á maxima responsabilidade, estabeleçam-se penas severas, «que possam ser effectivadas», para todas as affirmações calumniosas, para todas as diffamações, para todas as tentativas criminosas da perturbação da ordem. Mas que essas penas sejam applicadas pelos tribunaes, que desappareça, d'uma vez para sempre, esta situação vexatoria d'um simples cabo de policia poder determinar se um jornal é ou não é escripto em linguagem despejada para ordenar a sua apprehensão.

E' este o ponto que nos interessa do incidente parlamentar levantado hoje na Camara. Quanto ao resto, o livro do sr. Pimenta de Castro, o inhabil disparate da sua apprehensão, o procedimento das auctoridades, etc. etc., não nos preoccupa. Já dissémos sobre o assumpto o que tinhamos a dizer. Não nos sujeitamos, nem nos sujeitaremos, á censura prévia. Nem mandaremos o jornal á auctoridade, nem consentiremos que policias entrem na casa de impressão para fiscalisarem o que n'ella se contem. Não fizemos mais transcripções do livro do sr. Pimenta de Castro porque não as entendemos necessarias. Para elucidação do publico bastou o que publicamos. Isto é dito d'um modo claro e terminante, absolutamente dispostos, como estamos, a soffrer as consequencias que d'esta attitude nos possam resultar.

E, como commentario final, só nos resta dizer que a sessão de hoje na Camara foi quasi inteiramente perdida. O sr. Pimenta de Castro, o seu livro, o seu governo, as auctoridades, o sr. ministro do interior, o regimento, a sua interpretação... Tudo isso é, sem duvida, muito interessante e curioso, capaz de produzir meia duzia de explendidas orações parlamentares. Mas não será de mais interesse, para o paiz, procurar-se resolver a gravissima questão das subsistencias? Lá estava hoje, na ordem do dia, um parecer em que a questão é tratada...

As apprehensões de jornaes e o sr. ministro do interior

Hoje, no Senado, o sr. ministro do interior declarou que eram falsas as affirmações da *Capital* que diziam não ter sido este jornal apprehendido pelas auctoridades. Como resposta vamos transcrever de um jornal da tarde as declarações que o sr. director da policia de investigação criminal fez a proposito de apprehensões de jornaes:

«O governo resolveu, no sabbado, apprehender todos os jornaes que transcrevessem trechos do livro do sr. Pimenta de Castro.

Tendo sahido o «Paiz», transcrevendo algo d'esse livro, foi apprehendido.

A «Capital» que do mesmo modo transcreveu, não foi apprehendida porque escapou á sua attenção.

No domingo de manhã, o governo resolveu deixar ao criterio do sr. Juiz de Investigação Criminal o permittir ou não a circulação de qualquer jornal, que do livro fizesse transcripções.

Segundo o sr. Juiz de Investigação a «Capital de domingo poude circular.

Hontem o governo reconsiderou e entendeu que todo e qualquer jornal que transcrevesse o que quer que fosse d'esse livro, fosse apprehendido, e era entidade bastante para resolver, o agente encarregado d'esse serviço.

Eis porque foi apprehendido o «Paiz» de hontem».

Vê o leitor que a circulação d'*A Capital* não foi impedida, tal qual nós dissemos e ao contrario do que parece ter affirmado hoje no Senado o sr. Almeida Ribeiro. E se o sr. ministro do interior se limitasse sempre a *registar* o que lhe dizem? Livrava-se d'uma d'estas:—ser desmentido por um seu subordinado.

A grande guerra

A neutralidade da Suecia

STOCKOLMO, 25—O «Riksdag» está discutindo o orçamento. Na primeira camara o sr. Trygger, chefe do partido da direita, acceitou a manutenção da neutralidade da Suecia não querendo, comtudo, que ella renuncie aos seus direitos. Alguns liberaes insistiram pela continuação da politica de neutralidade. Na segunda camara os oradores dos dois partidos manifestam opinião identica.—(*Havas*).

A campanaha na Persia

PETROGRADO, 24—Proximo de Illuxt e na região de Burkanow dispersámos as tropas inimigas. Na região de Erzereoum fizemos 700 askaris prisioneiros, tomámos um comboio de artilharia e bombardeámos novamente os fortes da cidade. Na região de Meliazghert derrotámos alguns destacamentos kurdos e de infantaria.—(*Havas*).

Seguros de Guerra

A Companhia Ultramarina, rua da Prata, 108, 1.º, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

Forças para Moçambique

No dia 1 de fevereiro embarcam no vapor *Portugal* 2 officiaes, 14 sargentos e 110 cabos e soldados que seguem para Porto Amelia, onde vão reforçar o destacamento expedicionario a Moçambique.

O embarque effectua-se ás 10 horas, no caes da Fundição.

As inundações na Hollanda

AMSTERDAM, 25.—As inundações tomaram incremento em Ni-fuwendam, onde a situação é mais grave.—(*Havas*).

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Socialista de Lisboa.—Reune ámanha ás 21 horas a assembleia d'este Centro a fim de ser discutida a proposta para a fundação da Escola Socialista de Lisboa e para eleição de cargos vagos nos corpos gerentes.

Tuna Commercial de Lisboa.—E' na proxima sexta feira, ás 22 horas, que esta Tuna recomeça os ensaios d'apuro do programma que executará no sarau que vae dar, sob a regencia do maestro sr. Ernesto Cyriaco.

A direcção convida os executantes a comparecerem a todos os ensaios, para as excursões que brevemente se realisarão por diversas cidades do paiz.

União dos Empregados no Commercio.—Continúa com grande animação a inscripção para a formação d'uma Tuna n'esta collectividade que se inaugurará no proximo mez, sob a regencia do professor sr. Manuel Mendes.

As aulas de musica teem logar ás segundas, quartas e sextas feiras, das 20 horas ás 23, e aos domingos das 11 ás 13, sob a direcção do mesmo professor.

PEQUENAS NOTICIAS

No hospital de S. José recolheram: á enfermaria 13, Marianna Prazeres, moradora nas escadinhas de S. Lourenço, 9, que tentou suicidar-se com sublimado; á enfermaria 11, Conceição d'Almeida, da rua do Terreiro do Trigo, 53, 3.º, que cahiu na rua dos Bacalhoeiros, fracturando o braço esquerdo e á enfermaria 4 José Maria Rodrigues, morador em Ponte de Sottam, Arganil, ha dias ali colhido n'uma fabrica e muito maltratado.

—No banco do hospital receberam curativo Mario Fialho, de 12 annos, morador na rua de Artilharia 1, 17, 3.º, atropellado por um automovel na rua Vasco da Gama, e Cesar Lopes Correia, moço de fretes, tambem atropellado por um automovel, tendo ambos ficado feridos na cabeça e contusos pelo corpo.

—Dos portos de Africa é esperado depois d'ámanhã o paquete *Peninsular* da Empreza Nacional de Navegação.

—Francisco Correia, morador na calçada do Forte, 34, loja, José Alves, no beco Penabuquel, 18, 3.º, e Cyrillo Fernandes, na travessa das Flores, 8, 3.º, foram presos por entrarem por meio de arrombamento na taberna da rua do Jardim do Tabaco, 18 a 24, pertencente a Baptista Gonçalves Gil, e furtarem dinheiro, tabaco e objectos de ouro, no valor de 80 escudos.

—Queixou-se José Correia de Sousa, morador na rua da Palma, 292, 1.º, de que na estação do Rocio os gatunos lhe furtaram uma medalha, corrente e relogio de ouro no valor de 52 escudos.

NO THEATRO REPUBLICA

O banquete de homenagem ao actor Lucien Guitry

Os leitores recordam-se certamente do tocante episodio que ha cerca de um anno se passou entre Lucien Guitry e o visconde de S. Luiz Braga. O theatro Republica acabava de ser reduzido a cinzas n'aquella tragica madrugada do incendio. De toda a parte acudiram cartas e telegrammas de condolencia para o grande emprezario, como lá fóra conhecem geralmente o visconde. De toda essa correspondencia, porém, destacaram-se as commovidas palavras de Guitry, velho amigo de S. Luiz Braga, o qual de longe esperava vel-o trabalhar no seu theatro, por onde, é sabido, teem passado as primeiras celebridades mundiaes.

Escreveu Guitry então que, visto ir começar a reconstrucção do edificio, desde logo se propunha vir inaugurar o novo tablado renascido das cinzas como a Phenix da lenda. O visconde que o previnisse no momento opportuno. Estivesse onde estivesse, o grande comediante francez viria, ainda mesmo só, solemnisar a reabertura do theatro com a sua arte incomparavel.

A promessa cumpriu-se. Lucien Guitry organisou a presente «tournée» com o exclusivo fim de honrar a palavra dada. E por esse motivo, em signal de congratulação pela presença do artista, a empreza do Republica organisou para hoje uma festa de homenagem ao genial actor, á qual assistiram algumas dezenas de pessoas amigas que assim tiveram occasião de exprimir, na intimidade de uma limitada reunião, a dupla admiração que consagram a Guitry e á empreza.

A' uma hora da tarde começaram a affluir os convidados ao jardim de inverno do Republica. Actores, jornalistas, auctores dramaticos, todos aquelles emfim, para quem é familiar o local, se vinham reunindo em torno da palmeira amiga do jardim, em cuja biographia avulta hoje a nota carinhosa de ter assistido á catastrophe e de ter sobrevivido a ella. Logo á entrada notamos a presença de Brazão, Augusto Rosa, Ferreira da Silva, Chaby, Raphael Marques, André Brun, Santos Tavares, João de Barros, Barreto da Cruz, Eduardo Noronha, Oldemiro Cesar, Accacio de Paiva, Urbano Rodrigues, Silva Graça, Manuel Gustavo. Em seguida apparece Guitry, formidavel arcaboiço de athleta, e os restantes convidados, entre os quaes se encontra representada toda a imprensa de Lisboa, veem chegando successivamente. Perto das duas horas, o amavel Visconde pede aos seus convidados que subam ao «foyer», onde, de pé, se escutam os vibrantes accordes da «Marselheza».

Começou a festa. A um dos lados da meza, S. Luiz Braga senta-se com Lucien Guitry á direita, e á esquerda o representante do sr. dr. Affonso Costa, sr. Urbano Rodrigues. A Guitry seguem-se os srs. Augusto Rosa, José da Silva Graça, pelo «Seculo», dr. Augusto de Castro, Luiz Denouet, pelo «Mundo», Robles Monteiro, dr. Hermano Neves, pela «Capital», Theodoro Santos e Cruz Moreira, pelos «Ridiculos». Ao lado esquerdo, tomam logar os srs. Henrique Lopes de Mendonça, Eduardo Schwalbach, Santos Tavares, representando o sr. ministro dos estrangeiros, Eduardo de Noronha, pelo «Diario de Noticias», Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, dr. Ricardo Jorge, André Brun, pela Associação dos Auctores Dramaticos», Manuel Pina e Thomaz Vieira.

Em frente do sr. Visconde de S. Luiz Braga, o sr. Antonio Ramos dá a direita ao sr. Luiz Barreto da Cruz, que representa o sr. presidente da Republica, e seguem-se os srs. Eduardo Brazão, Lamberbini Pinto, Ferreira da Silva, dr. Paulo Pompei, dr. José de Figueiredo, João Melicio, pelo «Jornal do Commercio», Affonso Gayo, pelo «Paiz», Oldemiro Cesar, pelo «Seculo», edição da noite) e Julos Mati. A' esquerda do sr. Antonio Ramos vêem-se os srs. dr. João de Barros, representando o sr. ministro da instrucção, Chaby Pinheiro, Accacio de Paiva, Manuel Rocha, Francisco Senna, Raphael Marques, Lino Ferreira e Celestino da Silva. Aos topos da meza, que estava deliciosamente ornada com flôres e verdura, os srs. Luiz Cardoso e Alfredo Santos. O almoço foi fornecido pela pastelaria Marques.

Ao «champagne», o Visconde de S. Luiz de Braga iniciou a série de brindes lendo em portuguez uma carinhosa saudação a Guitry. Lembra que a empreza do Republica tenciona mandar collocar novamente nos seus logares d'honra as lapides commemorativas da passagem de grandes artistas por aquelle theatro, e, perante a commovida surpreza de todos, descerra a primeira lapide posta depois da recente restauração do edificio. E' o nome de Guitry lavrado a ouro n'um pedaço de marmore, com a data da sua estreia: 18 de janeiro de 1916. O sextetto, que tem tocado durante o banquete, executa de novo a «Marselheza», uma calorosa salva de palmas resoa no «foyer». Guitry, visivelmente emocionado, agradece sorrindo...

Fallaram em seguida o sr. Urbano Rodrigues, que em nome do sr. presidente do ministerio brinda pelo grande artista francez, Augusto Rosa, que lê, na lingua de Guitry, e declamando como sempre admiravelmente, um pequeno «speech», André Brun, que discursa tambem no mesmo idioma, e a todos commove ao brindar pela victoria e pelo genio immortal da raça franceza, Santos Tavares, que á festa se associa em nome da imprensa e por ultimo Lucien Guitry, que termina agradecendo e estreitando nos braços o velho amigo S. Luiz Braga.

Depois do banquete, que constituiu uma encantadora festa, os convivas foram photographados em grupo no jardim de inverno pelo habil photographo J. Fernandes.

NOTAS DIVERSAS

A fim de prehencher a vaga do sr. dr. Regis d'Oliveira, na embaixada do Brazil, falava-se hoje na escolha de duas altas figuras da diplomacia de aquelle paiz: o senador Antonio Azeredo, vice-presidente do Senado, ou o dr. Gastão da Cunha, antigo ministro em Madrid e actualmente sub-secretario das relações exteriores.

O conselho de ministros voltou a reunir esta manhã no ministerio do interior.

—O capitão de mar e guerra sr. João do Canto e Castro fez hoje entrega do commando da Escola Pratica de Artilharia Naval ao capitão tenente sr. Felippe Emilio de Paiva, apresentando-se no ministerio da marinha e entrando no goso de licença.

—O novo periodo de exercicios de conjuncto, pela divisão naval, que começa no dia 27, durará de 8 a 10 dias.

—Os deputados srs. dr. Bernardo Lucas e Domingos Cruz apresentaram hoje ao sr. ministro da marinha uma commissão de agricultores de Villa Nova de Gaya, que veiu pedir para que seja auctorisada a apanha do moliço na costa.

—O governador civil de Ponta Delgada enviou ao ministerio da justiça uma representação da camara municipal de Ponta Delgada pedindo a creação da extincta Relação dos Açores, allegando para justificar esse pedido a demora dos processos e os prejuizos que por tal motivo soffrem as partes.

—Reune no proximo sabbado, pelas 16 horas, a commissão da Reforma Penal e Prisional, a fim de apreciar os processos dos condemnados a pena maior e qual o destino a dar-lhes.

—Entraram hoje a barra de Leixões 4 torpedeiros francezes que se demoram ali até quinta-feira de manhã.

—A' vista de Sagres e navegando para o norte passou hoje um transporte inglez da Cruz Vermelha.

Presidencia da Republica

Passando hoje mais um anniversario do fallecimento do grande republicano Rodrigues de Freitas, o sr. presidente da Republica, enviou um telegramma á viuva.

O sr. dr. José de Castro foi hoje a Belem convidar o sr. presidente da Republica a assistir á sessão solemne que se realisa no dia 4 de fevereiro promovida pela Associação Protectora da Arvore.

ECHOS & NOTICIAS

LUTUOSA

Falleceu hoje o menino Francisco José de Moura, filho do estimado chefe de estação dos caminhos de ferro do Sul e Sueste sr. José de Moura. O funeral realisa-se amanhã, ás 12 horas, da rua Helliodoro Salgado, 10, 3.º.

Concertos David de Sousa

Causou justificado enthusiasmo entre os amadores de boa musica a noticia de que no proximo concerto no Politheama será apresentado integralmente o sensacional programma do 7.º concerto, para o qual se esgotaram os bilhetes. Por tal motivo só serão d'esta vez reservados pedidos de bilhetes até ás 15 horas de quinta-feira proxima. No programa d'este concerto extraordinario figuram os nomes celebres de Wagner, Grieg e Tschaykowsky e executa-se mais uma vez a magestosa «Marcha Camões», de João Arroyo, uma obra-prima do illustre compositor do «Amor de Perdição» e dos «Poemas Symphonicos».

INTERESSES REGIONAES

Caminho de ferro de Chaves

A sua construcção pela margem esquerda

O sr. Manuel Antonio Rodrigues, delegado dos reclamantes do caminho de ferro de Chaves pela margem esquerda do Tamega, dirigiu ao sr. ministro do fomento uma carta aberta, em que explana largamente as razões que militam a favor do traçado primitivo, que seguia por essa margem. Depois de transcrever as duas representações dirigidas em setembro e outubro do anno findo ao então ministro do fomento e a primeira das quaes continha mais de 4:000 assignaturas, diz o sr. Manuel Antonio Rodrigues:

Estas duas representações dizem eloquentemente a v. ex.ª que os interesses que essa linha ferrea vae desenvolver e que constituem, ha 30 annos, uma das grandes, senão a maior das aspirações dos povos d'este concelho, só ficarão devidamente defendidos quando a linha seja construida pelo traçado primitivo, o da margem esquerda.

Assim, por este traçado, aproveitam-se:

Da estação de Chaves as seguintes freguezias:

Aguas-Frias, Bobadella, Coia, Cimo da Villa, Eiras, Lama de Arcos, Moiros, Moreiras, Nogueiras, Oucidres, Paradella, Povoa de Agrassões, Loria, Sanjurge, Santins, Troco, Santo Estevam, S. Pedro de Agostem, S. Vicente, S. Julião, Travancas e Vilar.

Da estação de Vidago, as seguintes:

Arcossó, Loivos, Oura, Selhariz, Santa Leocadia, Vilarinho das Paranheiras e Villas Boas.

E da estação de Moure, a freguezia de Villela do Tamega, no total de 30 freguezias.

Pelo traçado da variante na margem direita, apenas se aproveitam da estação de Chaves as freguezias de Valdante e Outeiro Secco.

As restantes freguezias da margem direita servir-se-hão das seguintes estações:

De Vidago:

Anelhe e Redondelo.

De Moure:

Bustelo, Calvão, Curalha, Ervededo, Sanjurge, Seara Velha, Soutelinho, Soutelo, Villarelho e Villela Secca.

Vê v. ex.ª, portanto, que a variante interessa apenas a duas freguezias da margem direita com manifesto prejuizo de trinta freguezias da margem esquerda.

As doze restantes freguezias da margem direita servir-se-hão das estações de Vidago e Moure quer o traçado seja o primitivo—da margem esquerda—quer o da variante—margem direita.

Frisamos esta circumstancia a v. ex.ª em especial por nos parecer que ella é, só por si, razão mais do que sufficiente para que seja mantido o primitivo traçado.

Mas ha mais:

Além do argumento exposto, cuja importancia nunca é demasiado encarecer, desejamos tambem frisar as seguintes razões como esclarecimento ás representações acima transcriptas:

O traçado margem esquerda serve melhor as Thermas de Chaves, executando a avenida a cortar do largo das nascentes;

As duas freguezias da margem direita, a que interessa a variante—Valdante e Outeiro Seco—apenas teem uma população de 900 habitantes, quando a região a que interessa o traçado primitivo—o da esquerda—comprehendendo os concelhos de Chaves, Valpassos e Vinhaes conta 40.000 habitantes;

A população flaviense da margem esquerda, para só contarmos com Chaves, é oito vezes superior á da margem direita e esse cia[...] productiva;

O traçado porque pugnamos encurta sete kilometros o trajecto até á fronteira; dispensa a construcção de obras d'arte; obriga a expropriação de terrenos abertos, e a sua forma muito mais baratas; Offerece uma [...] cta de 11 kilometros, com bellos pontos de vista, vastos e lindos horisontes, o que é importantissimo para o desenvolvimento do turismo e tem o seu terminus no coração da Villa de Chaves.

O traçado da variante—margem direita que é montanhosa e improductiva—exige a construcção d'obras d'arte entre as quaes duas pontes, considerando a ligação com o caminho de ferro hespanhol, o que lhe eleva o preço de construcção algumas centenas de contos; é muito tortuoso e termina n'um ponto morto, no longe de Chaves, na rectaguarda da villa, repudiada pelos seus habitantes, tem expropriações caras de terrenos fechados, entre as quaes se deve contar a da quinta em que ficaria situada a estação, e que cremos não será desvaliosa, pelo empenho que o seu proprietario tem em que o traçado adoptado seja o da margem direita.

SPORT

Lembrando a primeira Olympiada

Viu-se "grego„ com a Grecia

A imprensa injuriou o barão Pierre de Coubertin, que fôra o renovador dos Jogos Olympicos

Dissemos hontem como Pierre de Coubertin tivera difficuldades em organisar a propaganda para a primeira Olympiada effectuada em Athenas.

O illustrado jornalista e apostolo de educação physica—logo a maior figura no athletismo nacional—soffreu ataques cerrados na imprensa allemã e na imprensa grega. Foi injuriado. Foi calumniado. Elle que tudo havia feito, quizeram invalidal-o. Os que havia servido foram os primeiros a esquecel-o, e, peor do que isso, a duvidar da sua honestidade profissional, do seu merecimento intellectual e dos seus propositos humanitarios! Cá como lá...

E' ainda o mesmo barão Pierre de Coubertin, presidente do Comité Olympico Internacional, que nos elucida n'essa comparação entre o que elle soffreu e o que outros, jornalistas e propagandistas podem soffrer. E' frueto vulgar n'estas lides de imprensa, encontrar a cada momento a raiva dos que não conseguem nome, dos que não firmam a fama e dos que sentem a vaidade ferida porque outros fazem mais do que elles...

«A Allemanha, apesar dos esforços do principe Hohenlohe e d'alguns amigos, atacou-me em quasi todos os seus maiores jornaes, mas tempos depois o seu Comité expressava-me os suas sympathias unanimes!»

Aqui reproduz-se o caso vulgar das explicações e desculpas tardias.

«Da Grecia é que nem desculpas, nem satisfações! Em 7 de fevereiro de 1896, sómente, o sr. Philemon se decidiu a telegraphar-me: — «O comité heleno nunca esquecerá nas palavras que attribuem a você, que foi o iniciador da renascença dos Jogos Olympicos».

Para o barão de Coubertin, que tudo tinha feito para que a Grecia tivesse os seus Jogos Internacionaes, sómente apareceu este telegramma, apoiado por uma odiosa carta da mesma procedencia! Foi a ultima manifestação do reconhecimento helenico! ...Já não precisavam de mim; estavam seguros do exito. Para elles era um estorvo inquietante porque, com a minha presença, lembrava a iniciativa estrangeira!»

E o barão de Coubertin continua:

«...A partir d'esse momento o meu nome nunca foi pronunciado. Queriam apagar, fosse como fosse, a lembrança de que os francezes contribuiram para o renascimento das Olympiadas!»

Leiam ainda mais este depoimento significativo, que tem tido frequentes repetições na nossa terra: «... O maior numero d'aquelles que tinha agrupado, um anno antes, em volta da idéa nova, evitavam encontrar-me ou affectavam não me conhecer!»

Extraordinario!

O notavel escriptor Larroumé, correspondente do «Temps», escreveu o seguinte: «...os Jogos Olympicos que acaba de restaurar um nosso compatriota, Pierre de Coubertin...» Estas palavras iam provocando uma revolta dos intellectuaes!

Effectuaram-se os Jogos que foram importantes. Todos receberam elogios, excepto o seu renovador, como se verifica pelas seguintes linhas de Stephanopoli no seu «Messagière d'Athenes»: «...uma coisa nos surprehendeu n'este paiz em que a memoria vive com o coração, foi a de que,—a proposito do exito dos Jogos Olympicos,—se tenham dirigido agradecimentos e felicitações a todo o mundo, excepto áquelle que foi o seu promotor».

Houve apenas um homem na Grecia que soube reparar a ingratidão. Foi o principe real, hoje rei. N'um gesto delicado, n'um almoço «official» em casa do sr. Bikelas, deu ao ministro dos negocios estrangeiros, sr. Skeriais que brindasse pelo sr. barão de Coubertin, associando-se significativamente ao brinde feito pelo diplomata helenico.

Mas a ingratidão completou-se com o insulto. A imprensa grega chegou ao exagero — tal como succede por cá— Atreveu-se a chamar ao barão de Coubertin «...ladrão, procurando roubar á Grecia uma das joias historicas do seu thesouro».

O jornalista, porém, continuou a sua obra. Luctou e venceu. Tirou aos gregos o exclusivismo de fazerem os Jogos Olympicos, que, restaurados apenas nas cidades helenicas, equivaliam ao suicidio de toda a sua obra de propaganda.

E como não se póde luctar, impunemente, contra o talento, o desinteresse e o proposito humanitario, a Grecia intellectual curvou-se perante a razão e acobardou-se perante a serenidade do propagandista francez, ao qual conferiu um anno, mais tarde, o grau de commendador da ordem do Salvador.

Congresso de Educação Physica

E' amanhã a reunião dos jornalistas sportivos convocados pelo Gymnasio Club para se resolverem assumptos referentes ao Congresso de Educação Physica Nacional. Esta grande assembleia de technicos deve ser importante por que se começam a definir, favoravelmente para os organisadores as linhas geraes de trabalho. Como em tempos dissemos houve, de começo, resistencia e difficuldade em se encontrarem relatores de theses, mas o Gymnasio Club entregou esse encargo a collectividades como a Academia de Sciencias e Sociedade de Estudos Pedagogicos, que aceitando a incumbencia, designaram os relatores. Conhecemos já o nome de dois dos indicados. São os srs. drs. Tovar de Lemos e Pinto de Miranda.

Algumas anecdotas

Fleugma d'um pescador á linha

Paul Pons, o gigantesco luctador, tinha uma paixão que era a da pesca á linha. Foi essa paixão que o matou, porque todos se recordam do desastre de ha um anno quando o campeão do mundo se entregava a esse sport n'um lugar atravessado uma das suas propriedades.

E foi Paul Pons que nos contou a historia que segue e que elle garantia haver succedido com um grande amigo de Lucien Lusson e d'elle, mas que os contadores de anecdotas, aproveitando-a, nunca indicavam a procedencia.

«Um fanatico da pesca á linha collocou a cana sobre os hombros e contemplou immovel a agua tranquilla do rio. Foi n'esta posição que o foi encontrar um amigo.

—Que tens, homem? A tua cara mette medo...

—Estou afflictissimo...

—Porquê?

—A minha mulher estava aqui ao lado de mim a pescar. De repente caiu ao rio... E até agora ainda não appareceu!... Tenho medo que ihe tivesse acontecido qualquer coisa...

—E isso passou-se ha muito tempo?

—Ha quasi duas horas!...

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Tiro aos pombos

Na «poule» de domingo em Palhavã houve uma percentagem elevada de pombos tocados. Basta dizer que a maior série da tarde foi de 5 pombos mortos feita pelo sr. Luiz Oliva Junior.

A 1.ª poule, a 1 pombo foi ganha pelo sr. Antonio Heredia que foi o unico que matou o seu pombo.

A 2.ª, tambem a 1 pombo foi dividida entre o mesmo atirador e o sr. Conde de Almeida Araujo tendo os outros atiradores errado.

A 3.ª «poule», regulamentar foi ganha pelo sr. Luiz Oliva Junior com 7 pombos mortos em 9 atirados, cabendo o 2.º premio ao sr. conde de Almeida Araujo com 6/10 pombos.

A 4.ª «poule», a 5 pombos foi dividida entre os srs. Luiz Oliva Junior e José Castello Novo com 4/5 pombos.

A 5.ª «poule», a 3 pombos, tambem foi ganha pelo sr. Luiz Oliva Junior com 3/4 pombos.

A 6.ª «poule», a 5 pombos, foi ganha pelo sr. José Castello Novo, com 4 pombos mortos.

N proximo domingo disputa-se a «poule» mensal, sujos premios são constituidos por 40$00 para o 1.º classificado, 20$00 para o 2.º e 10$00 para o 3.º.

Sala d'armas Magalhães

Por doença do professor Magalhães, teve de ser addiada para fevereiro (depois do regresso do Porto) a visita official que este professor e um grupo de seus discipulos deviam fazer hoje, 25 do corrente, á séde da Academia Recreativa de Lisboa.

—Está definitivamente resolvida a partida para o Porto no dia 29, pelo rapido das 18 horas e 50 minutos.

Club Naval de Lisboa

A direcção reunida em 24 do corrente resolveu exarar na acta um voto de profundo sentimento pela morte do embaixador do Brazil, dr. Regis d'Oliveira, socio honorario do Club Naval, encerrando-se em seguida os trabalhos.

O Club fez-se representar no funeral pela direcção e por muitos dos seus associados que para tal fim foram convidados.

Recreios Desportivos da Amadora

A direcção dos Recreios Desportivos conta inaugurar o seu campo de jogo de football no mez de março e, se a Associação estiver de accordo ali organisará alguns desafios importantes. Os Recreios já possuem um «team» de regular constituição, capaz de se egualar aos melhores de terceira cathegoria e muito susceptivel de progresso.

Notas do dia

Tennistas portuguezes em Madrid

O intercambio sportivo dos povos peninsulares parece que segue animado depois dos desafios de «foot-ball» anunciaram-se desafios de esgrima. Agora informam-nos de que, em maio, em Madrid, se effectuará um grande torneio de «tennis», entre portuguezes e hespanhoes, por intermedio do Club Portuguez de «Lawn-tennis», cujos «courts» de Santa Martha reunem as melhores «raquetes» nacionaes.

O torneio é absolutamente sportivo. Os socios do club lisboeta fazem a viagem á sua custa, empenhados exclusivamente em estreitar as relações de camaradagem entre os «sportsmen» de ambos os paizes.

O Club Portuguez de Lawn-tennis quer apparecer em Madrid muito bem preparado e o seu treino começa por se fazer, com certa intelligencia, com a organisação d'um torneio por «handicaps» que começa brevemente.

A exposição tem sido enormemente concorrida.

—Tomou posse do logar de juiz de direito da comarca o sr. dr. Amadeu Gonçalves Guimarães.

—Está n'esta villa desde hontem, com sua esposa e filha, o sr. dr. Castro e Solla, ex-juiz d'esta comarca e actualmente da da Covilhã.

—De visita esteve hoje entre nós o sr. dr. Abrahão de Carvalho, deputado e delegado do procurador da Republica n'esta comarca.

Colyseu dos Recreios

«Cavallaria Rusticana» e «Palhaços»

As operas *Cavallaria Rusticana* e *Palhaços* tiveram hontem no Colyseu um desempenho muito completo.

Na primeira coube a parte de *Santuzza* á sr.ª Carmen Toschi. Esta artista, que tem innegaveis qualidades de actriz e de cantora, imprimiu a toda a sua parte um verdadeiro cunho dramatico, evidenciando-se na forma como disse todas as phrases do 1.º acto e no duetto com o tenor, magnifico. E' o que se chama uma artista por temperamento.

O tenor Tincani continuou a merecer os applausos do publico, tendo cantado com talento toda a sua parte, principalmente o brinde e a *Siciliana*.

O baritono Zuffo tambem foi muito applaudido. Conscienciosas e correctas as interpretações das sr.as Camozzi e Millon. Nos *Palhaços*, salientou-se o tenor Arensen, que foi muito victoriado na emocionante romanza *Vesti la giubba* e no final do 2.º acto.

A sr.ª Gargiulo soube tirar todos os effeitos da sua fresca voz na parte de *Nedda*, merecendo bem os applausos que recebeu. Zuffo, com a sua potente voz, foi um admiravel *Tonio*, conquistando no prologo calorosa ovação.

Ottoboni e Algos traduziram as suas partes com grande correcção. A orchestra sob a experiente batuta do maestro Puccetti, concorreu extraordinariamente para o bello *ensemble* das operas.

Movimento maritimo

Braz., R. Prata e Pacifico «Orita» (Liv.)	26
R. J. e R. Prata, «Amiral Troude» (Hav)	27
Lon. «Cheny Castle» (d'Af. oriental)	27
Col., M., etc. «C. Lop. y Lopez» (de L.)	28
R. J., Sant. e R. Prat. «Descado» (de L.)	28

Novidade sensacional!

Retratos animados!!

Retratos com vida!!!

53—Praça dos Restauradores—53

3 por 1$500 réis

A provincia n'A CAPITAL

POMBAL, 23. — No salão do Gremio Pombalense inaugurou hoje o sr. Ayres de Mesquita uma exposição dos seus trabalhos de pintura e desenho, feitos durante a sua permanencia em Lisboa, d'onde ha pouco chegou.

São em elevado numero e em todos elles—mesmo para os que, como nós, não teem a precisa competencia para devidamente os apreciar—se revela o artista que o grande mestre José Malhoa soube descobrir quando pela primeira vez lhe falou, ha 3 annos, n'uma sua estada de dias n'esta villa.

auxilio aos Fronteiriços da Gales do Sul, que ahi estavam isolados.

Os resultados geraes do segundo dia de batalha podem ser concretisados em poucas palavras. Os australianos e neo-zelandezes haviam-se batido valentemente e ligeiramente alargado a sua posição. Todas as outras defezas que dominavam directamente as praias septentrionaes tinham sido tomadas. O contacto tinha sido estabelecido atravez da peninsula. Novas forças, incluindo as francezas, estavam desembarcando sem ficarem expostas immediatamente ao fogo de fuzilaria. Ao cahir a noite do primeiro dia, os inglezes não tinham ainda um pé firme em terra. Ao cahir da noite do segundo, tinham uma linha continua atravez da extremidade septentrional da peninsula e o terreno em que punham os pés era seguro.

No terceiro dia—27 d'abril—não houve, relativamente, acontecimentos de importancia, embora se registassem accentuados progressos. Os inglezes estavam em terra e ahi permaneceriam sem duvida. O inimigo tivera grandes perdas e necessitava de reforços.

O desembarque em Anzac serviu para distrahir os turcos,—que pareciam receial-o a valer. Dirigiram-se contra os reforços que estavam desembarcando e que tiveram muito mais exito do que na linha de Krithia.

Sir Ian Hamilton precisava de terreno mais amplo para os seus movimentos, porque lhe faltava o espaço para as tropas que continuavam a desembarcar e mesmo porque tinha de resolver o problema urgente da falta d'agua. Por isso, ordenou um avanço geral. Foi fixado para o meio dia e realisou-se sem difficuldades. A linha que desejava occupar ia da cota 236, proximo da bateria De Tott, até á embocadura d'uma pequena torrente, a uns trez kilometros ao norte do cabo Tekke.

A nova linha, que tinha quasi cinco kilometros de extensão, foi alcançada e consolidada durante a tarde. Foi occupada no centro e na esquerda pelas trez brigadas, menos trez batalhões, da 29.ª divisão, sob o commando do general Hunter Weston. Seguiam-se quatro batalhões francezes e por fim os Fronteiriços da Gales do Sul na extrema direita. Muito antes de cahir da noite a esquerda estava na embocadura da «nullah» conhecida pelo nome de Ravina de Gully, que mais tarde ia dar o nome a uma importante acção.

Os australianos e neo-zelandezes tiveram muito que fazer durante o dia 27. Durante a noite anterior o inimigo trouxera muitos mais canhões de campanha. Com elles começaram a fazer chover as shrapnels sobre as trincheiras e sobre as embarcações occupadas nos transportes de homens, munições e viveres. Todas as tentativas para calarem canhões em posições em que pudessem enfiar as praias foram repidamente repellidas pelos navios de guerra, os quaes tambem responderam vigorosamente a um novo bombardeamento dos navios turcos que estavam no estreito. Não houve n'esse dia ataques organisados de infantaria aos australianos e neo-zelandezes, pois o inimigo empregou principalmente os canhões e atiradores especiaes.

Essas forças estavam, porém, exhaustas e no dia seguinte foram-lhes enviados reforços.

Na noite de 27 de abril, sir Ian Hamilton examinou de novo a situação no extremo da peninsula. A sua linha havia avançado, mas as suas tropas haviam tido grandes perdas e algumas unidades pouco restava. Os turcos com certeza faziam avançar reforços o mais rapidamente que lhes fosse possivel. Para o commandante em chefe um movimento o mais rapido possivel tornava-se d'uma imperiosa necessidade. A aldeia de Krithia e as alturas de Achi Baba estavam na sua frente. Os seus homens exhaustos careciam de repouso, mas elle não podia esperar. Por isso, ordenou um grande avanço geral na manhã seguinte sobre Krithia e Achi Baba.

O dia 28 d'abril foi o ultimo da ba-

lucta». Tinham levado metralhadoras e logo no primeiro dia tinham causado muitas baixas nos turcos, que avançavam em formação cerrada. O desembarque de homens, canhões e munições continuára durante a noite, embora os movimentos fossem um tanto ou quanto pe-

William J. Bryan, ex-secretario de Estado americano

dos na estreita praia de desembarque, devido á continua condução de feridos.

As unidades e formações estavam ainda misturadas e só trez ou quatro dias depois é que a força foi particularmente reforçada e reorganisada. A grande mudança do primeiro dia foi a frente ter sido fortificada e definida e o periodo da lucta indiscriminada passára.

A's primeiras horas da manhã tornou-se evidente que os turcos haviam recebido novos reforços. Os vigias dos navios podiam ver os turcos avançando em grande força pela orla septentrional de Sari Bair. Pelas 9 horas e meia da manhã a lucta estava no seu auge. Os turcos haviam trazido durante a noite mais canhões e estavam massacrando os «anzacs» com shrapnels.

Alguns atiradores escondidos nas penedias na bahia de Suvla e abriram tiroteio contra a esquadra do contra-almirante Thursby. O seu objectivo era matar officiaes e homens, um a um, e muitas das suas balas cahiam no tombadilho.

Na actual guerra teem-se visto extranhas coisas, mas nada talvez extranho do que essa lucta de espingardas contra navios de guerra. Mas os turcos haviam tambem trazido navios para o estreito, e um d'elles estava fazendo fogo por cima da peninsula. O cruzador inglez «Triumph» gremeçou alguns tiros nadas contra elle, mas o que parece retirou-se para posição mais segura, pois que continuou durante todo o dia a fazer fogo intermittentemente. Os australianos e neo-zelandezes estavam içando canhões para as encostas e estavam desembarcando mais reforços.

Se navios do almirante Thursby se haviam approximado da costa e mantinham um terrivel bombardeamento. Era duvidoso se produzia outro grandes damnos entre os turcos, mas o tocar era medonho e o effeito moral, ao que parecia, consideravel. O poderoso «Queen Elisabeth» tinha recebido ordem para prestar o seu auxilio e uma centelha ocular declarou que onde quer que as suas granadas batiam nas penedias, estas se transformavam em «vulcões fumegantes».

Cada uma das suas granadas de 15 pollegadas continha vinte mil balas e era realmente penal quando uma d'ellas no acertava no alvo. Não tinham, porém, o effeito esperado sobre as hordas de atiradores occultos n'um amplo tracto de terreno.

Os navios auxiliaram as tropas mais do que se podia esperar. Cobriram o desembarque e dispersaram as unidades turcas quando as suas granadas cahiam no meio d'alguma d'ellas. E os artilheiros navaes sentiram-se satisfeitos quando da praia foi feito ao almirante Thursby o seguinte signal: «Obrigado pelo seu auxilio. Os seus canhões estão infligindo terriveis perdas ao inimigo».

Cerca do meio dia os turcos começaram-se para um ataque, e immediatamente o combate attingiu o auge. A artilharia e o fogo de fuzi-

taria troavam incessantemente e australianos e neo-zelandezes, sahindo das suas trincheiras, avançaram sob uma chuva de balas ao encontro do inimigo.

Os turcos tiveram um movimento de ondulação e hesitaram. Australianos e neo-zelandezes deram um audacioso contra-ataque, perante o qual as linhas turcas se romperam e fugiram, ainda que com reluctancia. Tanto n'esse dia, como em muitos outros, os turcos mostraram-se valorosos inimigos.

Houve n'esse mesmo dia recontros parciaes e os canhões turcos nunca estiveram silenciosos por muito tempo, mas em Anzac, no dia 26 d'abril, a lucta mais importante deu-se entre as 9 horas e meia da manhã e o meio dia. O resultado da lucta foi os australianos e neo-zelandezes ganharem algum terreno. Cavaram as suas trincheiras e as reservas, que a esse tempo se estavam concentrando, começaram tambem a preparar trincheiras-abrigos nas encostas.

A semelhança com o modo de guerrear na Flandres e no norte da França tornava-se mais e mais evidente. Todos os theoricos haviam previsto que a Grande Guerra produziria muitas mudanças na tactica, mas nenhum avaliára o desenvolvimento que a trincheira tomaria. Em toda a Europa os progressos do modo de fazer a guerra compelliram os homens a enterrar-se cada vez mais na terra.

E assim como essa mudança não fôra prevista por completo, assim quando o ataque á peninsula de Gallipoli foi planeado, ninguem, ao que parece, se lembrou de que em Plevna, quasi quarenta annos antes, os turcos se haviam mostrado mestres na arte de se servirem da picareta, que se accommodava esplendidamente com o seu temperamento.

No segundo dia da batalha do desembarque, ao romper do dia, dois officiaes do estado maior general, os tenentes coroneis Doughty-Wylie e Williams, haviam reunido, n'uma das praias da extremidade septentrional da peninsula, os sobreviventes dos Fuzileiros de Dublin e de Munster e duas companhias do regimento de Hampshire, ao abrigo do velho *forte*.

A tarefa dos dois officiaes era formidavel. Tinham de reorganisar as dispersas unidades que haviam passado a noite na praia, expostas a um fogo incessante. Tinham, tambem, de varrer a aldeia de Sedd-ul-Bahr, cheia ainda de atiradores turcos, e darem depois um ataque á cota 141, cujo cume estava coberto de trincheiras defendidas por rêdes de arame farpado, que dominavam toda a posição.

De manhã cedo, o general Hunter-Weston, o valente commandante da 29.ª divisão, combinou com o contra-almirante Wemyss o bombardeamento de todas as posições inimigas que ficavam para além da praia. Os navios arremeçaram as suas granadas, por sobre o velho forte, a aldeia, o castello que ficava além d'esta e as trincheiras da cota.

Cobertas por esse bombardeamento e commandadas pelo tenente coronel Wylie e capitão Walford, as tropas, que se tinham já reunido, em breve tomaram o velho forte. Depois entraram na aldeia, entre as 9 e as 10 horas da manhã, sendo recebidas por um violento fogo de atiradores occultos e de metralhadoras.

Uma lucta desesperada corpo a corpo se seguiu e d'ambos os lados cahiram muitos combatentes. Um official de marinha que entrou na aldeia no dia seguinte viu turcos e inglezes mortos lado a lado nas ruas. As casas tinham de ser tomadas uma apoz outra, e só ao meio dia a extremidade norte da aldeia foi alcançada.

O capitão Walford havia já cahido e como recompensa do seu valor foi-lhe conferida «post-mortem» a cruz de Victoria.

Depois da aldeia ter sido tomada, tinham ainda de ser tomados o castello e a cota. Houve uma pausa emquanto as tropas eram de novo reunidas pelo tenente coronel Wylie e emquanto o «Albion» procedia a um novo bombardeamento. Cessou fogo á 1.24' da tarde e o que restava

dos regimentos de Dublin, Munster e Hampshire avançou valentemente em campo aberto. Eram commandados pelo tenente coronel Doughty-Wylie, cuja alta e dominadora figura inspirava geral confiança.

O seu sangue frio n'esses ultimos momentos causou uma admiração que ainda hoje se não extinguiu. Levando apenas uma pequena bengala, avançou para as verdes encostas com a maior intrepidez e coragem por sob uma tempestade de fogo. Embora cahisse por fim, instantaneamente morto, o espirito que havia mostrado levou os homens á victoria.

Outros bravos officiaes morreram n'essas fataes encostas, entre elle o bravo major Grimshaw, do regimento de Dublin. Mas o ataque continuou. As ultimas trincheiras foram tomadas, o castello no cume occupado e antes das 2 horas da tarde toda a posição estava em poder dos inglezes e a 29.ª divisão havia conquistado novos louros.

Os que assistiram á maior parte da batalha do desembarque disseram depois que da série de recontros em que abundou o heroismo a façanha maior foi a tomada da cota 141 pelos Irlandezes e pelos Hampshires. Eram o que restava d'uma força que estivera luctando durante trinta e seis horas contra um inimigo muito superior em numero. Coisa alguma os fez deter n'esse segundo dia. Occuparam o amphitheatro e os velhos aquartelamentos que ahi havia. Cumpriram a tarefa que lhes fôra commettida apezar de todos os obstaculos e não deixaram de combater emquanto a não conseguiram levar a cabo.

Entre os diversos incidentes d'essas horas fataes, devemos ainda recordar um, que merece especial menção. No ultimo assalto ao castello, parte do regimento de Dublin foi dizimada pelo fogo terrivel d'uma metralhadora que estava occulta.

Um joven official, o tenente Bastable, precipitou-se para a frente e mettendo o seu revolver por uma fenda matou ou feriu os homens que manejavam a metralhadora, reduzindo-a assim ao silencio. Escapou miraculosamente, mas pouco depois era attingido pela bala d'uma espingarda n'um joelho.

Homem algum que cahiu na batalha do desembarque foi mais profundamente lamentado do que o tenente coronel Doughty-Wylie. Antes da guerra, estivera como consul na Asia Menor, onde se distinguira. Fôra elle que, acompanhado de sua valorosa esposa, se dirigira para Adana em 1909 e tentara impedir a matança dos armenios n'essa cidade. Apesar de ter sido ferido, pois que um tiro lhe quebrára o braço direito, elle e sua esposa permaneceram em Adana protegendo e soccorrendo os armenios apezar do perigo em que incorriam. Sua dedicada esposa, duas vezes feita viuva pela guerra, estabelecera e dirigira pessoalmente hospitaes para os atacados de peste na India e estivera soccorrendo os feridos na guerra sul-africana.

No Oriente os dois esposos eram muito considerados. O tenente coronel Doughty-Wylie foi condecorado depois da morte com a Cruz da Victoria e a elevação em que morreu ao querer tomal-a passou a ser denominada pelos seus camaradas e por todos os inglezes a «Cota de Doughty-Wylie».

As forças que haviam desembarcado em duas praias contiguas designadas pelo estado maior com os nomes de W e X e que tinham effectuado uma juncção atravez das encostas do cabo Tekke na tarde do primeiro dia, luctaram valentemente no dia 26, abriram caminho por entre as rêdes de arame farpado, varreram as proximidades do forte e conseguiram juntar-se ás forças que haviam tomado a Cota Doughty-Wylie.

De tarde tratou-se de consolidar com a maior rapidez a posição e ao cahir da noite o corpo expedicionario francez estava desembarcando com relativa facilidade n'outra praia designada pela lettra V, avançando para a bateria *De Tott* tropas em numero sufficiente para prestarem

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1966—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 26 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

DATAS

Não desiste a «Lucta» de procurar tirar a todos os esclarecimentos que teem apparecido ácêrca da nossa situação internacional a sua significação exacta, a fim de que permaneça constantemente obscurecida essa situação. E' um processo que todo o publico já conhece, mas como seja necessario cada vez mais o contrario, isto é, que o publico saiba a verdade, a inteira verdade ácêrca d'essa situação, forçoso se torna recorrer a uma paciencia evangelica para estabelecer constantemente a exacta significação dos esclarecimentos que a elucidam.

O artigo do «Times» foi um d'esses esclarecimentos. Provámol-o n'uma série de artigos em que analysámos esse artigo, conforme a propria versão da «Lucta».

Tenta o orgão unionista estabelecer novamente a confusão e para isso recorre agora a uma questão de datas. Não se trata já de negar que tivesse havido o pedido de 10 de outubro de 1914, em que nos era sollicitada a intervenção dos nossos soldados nos campos de batalha da Europa. Como se sabe, a «Lucta» jurou, e tornou a jurar que tal pedido não existia. Trata-se apenas de demonstrar que depois do «élan» nacional, subsequente ás primeiras acções da guerra, o paiz reconheceu que nada podia cooperar militarmente com os alliados, enviando as suas tropas á frente occidental.

A verdade é que isto é mentira. O paiz conservou e conserva os mesmos sentimentos; o paiz está disposto ás mesmas iniciativas. Simplesmente, o que a «Lucta» denomina o quebrantamento do enthusiasmo nacional não representa mais do que o facto de se haver dado uma miseravel tentativa de revolta monarchica, que tomou para lemma do seu estandarte de rebellião a não participação na guerra.

Que esse lemma de cobardia não tinha echo na consciencia do povo, prova-o o fracasso miserando d'essa vergonhosa tentativa. Mas se ella não logrou exito no terreno da violencia, não ha duvida que suggeriu planos politicos d'outros elementos, que tentaram fazer vingar esse proposito pelos processos d'uma politica tortuosa e hypocrita.

Assim chegamos a um estado de coisas, que creou as apparencias de uma divisão na opinião nacional. E foi isso que motivou sem duvida o facto que intriga a «Lucta», ou seja o de, na sessão de 23 de novembro de 1914, se ler no parlamento portuguez, não o «memorandum» de 10 de outubro, em que se sollicitava a partida tanto quanto possivel immediata d'uma divisão portugueza á Flandres, tendo-se por isso enviado uma missão militar a Londres, para combinar com o governo britannico os meios rapidos de a effectivar, mas sim uma nota conjuncta de dois governos em que se consignava que essa cooperação se realisaria, consoante entre elles se estipulasse, o que já dava uma expressão mais ou menos indefinida ao que fosse bem definido e preciso no «memorandum» referido.

A «Lucta» quer datas. Ahi as tem: 10 de outubro de 1914, correspondendo á sollicitação honrosissima da Inglaterra para collaborarmos na Flandres, isto depois de terem já partido duas expedições para a Africa; 20 de outubro, correspondendo á tentativa de Mafra, cuja plataforma era a não participação na guerra, depois aproveitada por outros elementos politicos, e 23 de novembro, correspondendo á nota lida no parlamento portuguez, em que ficava de pé a solidariedade da Inglaterra e de Portugal, mas em que a opportunidade da nossa intervenção não era fixada.

Para o que depois se passou, que a «Lucta» ponha as datas, uma das quaes não pode deixar de ser 25 de janeiro de 1915, ou seja a do triumpho d'um movimento que deu em resultado uma dictadura, cujo primeiro cuidado foi suspender a nossa preparação militar.

Escolas portuguezas no extrangeiro

O regulamento de serviço e de provimento

O *Diario do Governo* traz hoje o regulamento do serviço e do provimento das escolas de lingua, historia e geographia portuguezas no extrangeiro, sendo esse regulamento do seguinte teor:

Os professores das escolas de Demarara, Honolulu e Boston serão obrigados a cinco horas diarias de serviço de aulas, devendo os cursos, diurnos e nocturnos, comprehender não só o ensino infantil, mas tambem o ensino a adultos, nacionaes ou extrangeiros, que pretendam iniciar-se no conhecimento da lingua, geographia e historia portuguezas.

A frequencia d'esses cursos será absolutamente gratuita, e tanto ao professor como á auctoridade consular cumpre empregar os meios de propaganda mais adequados ao seu desenvolvimento.

Exceptuados os livros de leitura portugueza e leituras historicas, não é permittido nas aulas o uso de compendio de qualquer especie, devendo o ensino ministrado ser, tanto quanto possivel, intuitivo, de maneira a evitar aos alumnos o minimo trabalho fóra das aulas que frequentem.

A's auctoridades consulares respectivas compete, de accordo com o professor, organisar o horario das aulas, tendo sempre em vista, *alem dos interesses do ensino*, as condições especiaes do clima e da vida na localidade onde funcionam os cursos.

Os professores deverão elaborar annualmente um minucioso relatorio sobre os trabalhos realisados, o qual, depois de informado pelo respectivo consul, será por este enviado ao ministerio dos negocios estrangeiros.

O provimento dos lugares de professores será feito por meio de concurso, a que só podem ser admittidos os individuos legalmente habilitados com um curso superior ou especial, devendo juntar aos seus requerimentos o original ou publica fórma da carta do curso, certidão por onde provem ter, pelo menos, 21 annos completos, attestado de bom comportamento moral e civil, certificado de registo criminal, *certidão* de haverem cumprido as leis do recrutamento e attestado de facultativo que mostre não padecerem de molestia que possa impossibilita-los do exercicio do magisterio.

O concorrentes indicarão a escola que preferem, obrigando-se, quanto á de Boston, a rege-la nas condições inherentes ao seu caracter de escola movel, nos termos do § 2.º do artigo 14.º da lei n.º 228.

Os concorrentes prestarão provas publicas perante um jury opportunamente nomeado, sendo a primeira escripta e a segunda oral, em dias diversos, constando a prova escripta de um ponto tirado á sorte e a prova oral de trez interrogatorios de vinte minutos de cada um, sobre os mesmos programmas.

Em seguida insére o programma a que tem de responder os candidatos.

A questão das subsistencias

Uma numerosa commissão da Associação de Classe dos Cortadores conferenciou hoje, com o sr. ministro do fomento sobre o abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

EM TORNO DA GUERRA

O que diz o sr. Vandervelde

O que o celebre socialista belga pensa da attitude dos seus correligionarios e da questão da Alsacia-Lorena

Haya, 13 de janeiro

Emilio Vandervelde, membro do conselho de ministros belga, acaba de fazer uma curta visita á Hollanda. Veiu aqui presidir a uma reunião do Comité executivo do «bureau» socialista internacional, reunião a que assistiram, além de Vandervelde, Anseele, deputado de Gand; Camillo Huysmans, secretario do «bureau», e os socialistas hollandezes Van Kel, Wibaut e Albarda (sic).

Vandervelde aproveitou algumas horas de que dispoz no ultimo dia para visitar os dois campos de concentração em que estão internados os soldados belgas da posição de Antuerpia (em Zeist e em Harderwyck). O sr. Omer Buyne, director da Universidade de trabalho de Bruxellas, organisou para esses homens um completo ensino profissional, verdadeiramente notavel. Em officinas de madeira, os internados trabalharam na construcção d'uma série de casas desmontaveis, muito lindas, que são actualmente habitadas pelas suas familias e que, terminada a guerra, serão transportadas para a Belgica e armadas nas cidades em ruinas, até que as mesmas cidades estejam reconstruidas.

Durante a sua estada na Belgica, Vandervelde foi entrevistado por um redactor do orgão socialista o «Volk», de Amsterdam, ao qual disse confiar na victoria dos paizes da «Entente», tendo falado não como presidente da Internacional ou como ministro belga, mas apenas como socialista a outro socialista. A proposito do congresso socialista francez, Vandervelde declarou o seguinte:

O estado de espirito no partido socialista francez é, na grande maioria, este: A França e a Belgica teem como primeiro dever a sua existencia. Os exercitos allemães continuam em Noyon. N'estas condições, não cumpre aos belgas nem aos francezes começar a propaganda a favor d'uma justa paz. E' aos povos, aos partidos cujos exercitos occupam os territorios dos seus adversarios. Supponha que repellimos os allemães para além do Rheno. E' o momento de nos oppôrmos, no nosso paiz, aos partidos que, sob qualquer forma, quizessem realisar uma politica d'aggressão e de annexação. Tão firmemente como luctamos agora pela libertação do nosso paiz, combateriamos os projectos de annexação. Como pode falar de paz aquelle cujo paiz se encontra em parte invadido, e que quotidianamente é ameaçado no seu proprio paiz pelo inimigo? Entre os francezes, é este o pensamento que domina *todos os outros*.

Quanto á expressão, tantas vezes empregada, «destruir o militarismo prussiano», Vandervelde diz que, no seu espirito, não se trata de contestar aos allemães a defeza do seu paiz. Se alguma coisa é preciso abater na Allemanha é apenas o prestigio, a supremacia d'uma casta que os proprios socialistas allemães combatiam com todas as forças até ser declarada a guerra.

O jornalista perguntou a Vandervelde porque não supprimia a palavra prussiano e não falava só de esmagar o militarismo «tout court». O chefe socialista, sorrindo, respondeu: «Porque o militarismo prussiano é o mais perigoso. Aos outros chegará a sua vez».

Outra pergunta foi esta: «Os partidos operarios francez, inglez e belga, que consentiram em dar ministros aos governos, não teriam ido mais longe do que era seu desejo?» Eis a resposta de Vandervelde:

O facto dos socialistas acceitarem uma pasta nas circumstancias actuaes é coisa muito diversa do que seria em tempo normal. Os governos da França e da Belgica, n'este momento, são apenas comités de salvação publica. A presença de socialistas nos ministerios é a garantia de que, emquanto pertencerem a elles, esses governos não seguirão uma politica de annexação...

Vandervelde reconhece que a maior difficuldade a resolver para a conclusão da paz é a questão da Alsacia-Lorena. «Não era um pouco ingenua a resolução dos camaradas francezes—perguntou o jornalista—e não teriam elles procedido melhor reconhecendo francamente aos alsacianos o direito de disporem de si proprios?» Vandervelde respondeu:

Comprehende que me é difficil dar-lhe uma resposta. E' d'um grande interesse para toda a Internacional, mas acima de tudo interessa aos que foram victimas da violencia que foi outr'ora verberada por Bebel e Liebknecht. Os socialistas allemães pronunciaram-se sobre esta questão, os francezes occuparam-se d'ella na sua resolução do Natal. Limito-me a registar que a intransigencia das formulas não parte da banda dos francezes.

Um redactor do «Telegraph» perguntou a Vandervelde se era verdade, como lhe assegurára outro membro do «Bureau» socialista internacional, que todos os membros da fracção socialista no Reichstag, maioria e minoria, desde Liebknecht até Scheidemann, se oppunham á annexação da Belgica.

«Declararam-no, respondeu Vandervelde, mas até agora não ouvi que protestassem contra os crimes commettidos na Belgica, exceptuado Liebknecht, um dos leaders da Social-Democracia».

A Inglaterra e o bloqueio

A apprehensão de revolvers, cobre, latão e aluminio

LONDRES, 25.—Entre a carga encontrada a bordo do vapor sueco «Unna» que seguia de New York para Gothenburg e Copenhague, figuram mercadorias descriptas nos conhecimentos como sendo «15 caixas de martellos» enviadas dos Estados Unidos para um agente exportador dinamarquez. Estas 15 caixas quando examinadas averiguou-se conterem cobre, latão e aluminio. O consignatario declara que não sabe para quem os pseudo-martellos eram destinados, sendo as mercadorias entregues ao tribunal de presas. Entre os maços do correio recolhidos a bordo do paquete hollandez «Gelria» que seguia dos portos da America do sul para Amsterdam, 69 massos postaes continham revolvers em numero de 400 approximadamente. Trinta e nove d'estes massos eram consignados por uma firma hespanhola para uma firma de Copenhague, e os restantes trinta eram enviados por uma outra firma hespanhola para um consignatario em Amsterdam. Os revolvers foram enviados para o tribunal de presas.—(Informação official recebida pela legação britannica em Lisboa).

80 vapores allemães com a bandeira argentina

LONDRES, 26. — O «Times» annuncia que o governo vae ser interpellado ácêrca da propaganda allemã na America do Sul, onde, segundo o mesmo jornal, 80 vapores com tripulações allemãs, sob a protecção da bandeira argentina fazem commercio especialmente com a Hollanda.—(Havas).

A lucta no theatro occidental

PARIS, 26.—Communicado das 15 horas:

Em Artois houve persistente actividade de artilharia. No sector de Neuville-Saint-Vaast executámos durante a noite um ataque que nos permittiu expulsar os allemães de uma das excavações provocadas pelas explosões da vespera. Entre o Somme e o Avre, ao sul de Chaulnes, as nossas baterias bombardearam os acantonamentos inimigos de Hattencourt e destruiram um observatorio proximo de Barvillers. Nada houve a registar no resto da linha.—(Havas).

A campanha na Russia

PETROGRADO, 25. — Official. Bombardeámos com exito as posições allemãs na região do Dvina. Um avião bombardeou Dvinsk, matando uma mulher. A oeste do lago Boghinskoe repellimos um ataque. Na Galicia houve canhoneio. Na divisão allemã um grande numero de soldados ficaram com os membros gelados.—(Havas).

O parlamento inglez

LONDRES, 26. — A Camara dos Lords approvou em segunda leitura o projecto de lei prolongando a duração do parlamento.—(Havas).

Poeira da Arcada

A Dôr em Portugal tem tido rutilos cantores,—poetas que nos seus poemas exprimem, em arrepios colericos, o desastre irremediavel de suas almas expostas ás desventuras, como as frondes torturadas de um choupo que os ventos allucinam, á beira de uma corrente desvairada. Nenhum, porém, tão fortemente, sentiu bater-lhe em pleno rosto a rajada com que as forças hostis reduzem a pó os sonhos pulchros da juventude, como este desventurado José Duro que ha bons dezeseis annos as Parcas ceifaram, n'um gesto implacavel de exterminio.

Amizades ferventes guardaram inapagadas as linhas do seu perfil, *que os fados* marcaram com os signos de um drama escuro, vivido entre agonia e *agonia*, emquanto os dias passavam, alembrando as sombras, de um pesadelo. De tempos a tempos, ás mesas dos cafés, um ou outro camarada, rememorando velhas memorias, evocava do esquecimento o nome do poeta, dizendo versos que cahiam nos ouvidos como um agouro triste, confrangente.

—«Tens o «Fel»?—«Tive, mas perdi-o...»

E raros exemplares corriam no mercado a esses mesmos sumiam-se em estantes avaras que os guardavam a sete chaves.

Agora appareceu uma segunda edição que muito a proposito chega para dar corpo a uma devoção que se dispersava, visto que á medida que os goivos se esfolham sobre as campas, os amigos que se quedam entre os vivos, seguem rumos tão diversos que nem sempre encontram azo para se reunirem, a fim de afervorarem as suas lembranças, de rezarem em commum as orações da saudade.

Vão de 97 a 98 os versos que compõem—o «Fel», ou seja um pouco mais ou menos um anno que José Duro consagrou a trabalhar rudemente a sua dôr, subjugando-a com a magia de uma musa que, de tanto vêr desfazer-se a fugaz neblina das chimeras, acommetteu o coração nas suas fibras mais vivas.

E com que desespero elle não sentiu que já lhe não restava a possibilidade de um engano!

Enrouquecido por uma existencia que fugia d'elle desapiedada, deixando-o só sob a oppressão crescente de visões arrepiadas, algidas, affirmou a coragem nobre de se acceitar tal qual era e de arrancar de si os themas de um fadario em que a sua humanidade soffreu até se transfigurar n'um ritmo que a transcende e domina.

Já lá vão dezeseis annos... Os poemas do «Fel» nada perderam ainda do amargo sabor com que nasceram. O seu auctor, primeiro que completasse a sua technica de versejador, adquiriu a intuição poetica, profunda, nihilista do que as illusões e mentiras vitaes encerram de tragico. D'aqui veem certas imperfeições plasticas que a inspiração amplamente resgata.

A edição pertence á casa Guimarães & C.ª e deve-se principalmente ao zelo incançavel de Albino Forjaz de Sampaio.

VIDA DIPLOMATICA

O novo embaixador do Brazil

Algumas notas biographicas do sr. dr. Gastão da Cunha, successor do sr. dr. Regis de Oliveira

Um telegramma do Rio de Janeiro, publicado hoje no «Diario de Noticias», confirma a previsão annunciada na «Capital» relativamente ao preenchimento da vaga que a morte inesperada do dr. Regis d'Oliveira abriu na embaixada do Brazil em Lisboa.

O novo representante diplomatico da republica brazileira será aqui o sr. dr. Gastão da Cunha, actual sub-secretario de Estado no ministerio das relações exteriores do seu paiz e, sem duvida, uma das mais altas individualidades da grande nação irmã.

O sr. dr. Gastão da Cunha exercia apenas ha tres mezes as elevadas funcções de sub-secretario de Estado. Fôra nomeado para esse cargo, quando ministro em Madrid. Para tomar conta do logar tomou em Lisboa, o «Araguaya», em novembro ultimo.

O illustre diplomata, que vem representar o Brazil, junto do governo portuguez, conta 51 annos de edade. Nasceu em S. João de El-Rei, Estado de Minas Geraes, e formou-se em direito pela faculdade de S. Paulo.

O sr. dr. Gastão da Cunha é descendente de uma illustre familia mineira. Seu pae, dr. Balbino da Cunha, medico notabilissimo, foi deputado geral no tempo do imperio e presidente da provincia do Paraná.

O sr. dr. Gastão da Cunha exerceu com grande brilho a magistratura e a advocacia, sendo um dos mais notaveis oradores do fôro brazileiro. Dedicando-se á vida politica, foi eleito deputado federal pela terra da sua naturalidade.

Amigo intimo do Barão do Rio Branco e fazendo parte da commissão de diplomacia e tratados, coube-lhe na camara fazer a defeza do tratado de Petropolis, em que, desde logo, affirmou as mais brilhantes qualidades de diplomata.

Antes, porém, de occupar uma situação entre os representantes do seu paiz, no estrangeiro, o sr. dr. Gastão da Cunha foi successivamente juiz de direito na comarca do Rio Preto (Minas Geraes), director da imprensa official d'esse Estado, redactor do jornal «Minas Geraes», orgão official, sub-procurador geral do mesmo Estado, arbitro no Tribunal brazileiro-boliviano, idem no tribunal brazileiro-peruano, vogal na 3.ª e 4.ª conferencia internacional americana.

O sr. dr. Gastão da Cunha encetou a carreira diplomatica, tomando conta da legação do Paraguay, para onde foi nomeado em 12 de dezembro de 1907. D'ali passou para a Dinamarca e Noruega em 1911, junto da Santa Sé em 1913, no anno seguinte em 1914 e, em fins do anno anterior, chamado ao desempenho das funcções de sub-secretario de Estado junto do ministerio das relações exteriores.

O distincto diplomata é casado com uma filha do barão de Taypi e cunhado do conde Affonso Celso, presidente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Do seu casamento houve trez filhas, uma das quaes falleceu em Bruxellas quando elle desempenhava as suas funcções diplomaticas junto dos governos do norte da Europa.

Quando ultimamente o sr. dr. Gastão da Cunha esteve em Portugal, paiz a que dedica grande estima, e onde conta bom numero de relações de amizade, tanto em Lisboa, como no Porto, demorou-se dois dias em Coimbra, a fim de compulsar os archivos da Universidade, no intuito de colher informações acêrca de seu avô, dr. João Baptista da Cunha, que frequentou aquelle estabelecimento de ensino e fez parte do batalhão academico.

O sr. dr. Gastão da Cunha é um excellente cavaqueador, tornando sobremaneira captivante o seu trato, sempre fidalgo e lhano.

* * *

A «Capital» apresenta os seus cumprimentos ao novo representante da grande republica, nossa irmã.

O sr. dr. Velloso Rebello, encarregado de negocios do Brazil, foi hoje agradecer a todos os ministros de Estado, presidente da Camara Municipal, governador civil, major general da armada, commandante da divisão naval, presidente do Supremo Tribunal e procurador geral da Republica, presidentes da Associação Commercial e da Sociedade de Geographia e a todo o corpo diplomatico acreditado em Lisboa, o seu comparecimento no funeral do saudoso embaixador do Brazil, dr. Regis d'Oliveira.

Almeida Henriques

Para Italia, onde vae assistir á construcção dos novos submarinos para a nossa armada, partiu esta tarde o 1.º tenente sr. Almeida Henriques, que com tão invulgar brilho e inexcedivel competencia commandou até ha pouco o submersivel *Espadarte*.

Ao illustre official, que teve a gentileza de nos vir apresentar os seus cumprimentos de despedida, os nossos votos d'uma feliz viagem.

Noticias parlamentares

O sr. Pereira Vitorino não desiste. Quer remediar o mal feito e está, ao que parece, disposto a empregar todos os meios para o conseguir. Foi elle quem levou ao Parlamento o projecto que ficou conhecido pela lei do afastamento. Mas não lh'o applicaram como elle queria. D'ahi o seu immenso desgosto. Quem ha, portanto, mais idoneo para pedir que tal lei, que foi para a Republica o que todos nós sabemos, seja feita em fanicos? Ninguem, evidentemente. O peor é a Camara não se commover. O sr. Pereira Victorino pede, inquire, supplica e nada. Chora e ninguem o ouve, chama e ninguem lhe responde. E' do destino, sr. Pereira Victorino! A ingenuidade castiga-se sempre e a sua deve ter ficado bem crestada depois de o ter mettido em assados d'esta natureza...

* * *

Não assistiu hoje á sessão o sr. dr. Manuel Monteiro, illustre presidente da Camara dos deputados. Porquê? E' que o caso d'hontem foi aspero em demasia para poder passar em julgado. Pelos seus correligionarios, o sr. Manuel Monteiro foi arguido de incorrecto e de desrespeitador do regimento. Houve até quem, em attitude mais que energica, quizesse impôr-lhe a sua soberana vontade. Depois, o sr. Manuel Monteiro justificou o seu procedimento. Não fôra incorrecto, não o podia ser, disse. As opposições apoiaram. A maioria permaneceu muda como um penedo. Que maior prova de desafecto podia o presidente receber? E aberto o conflicto, que caminho lhe competia seguir? Não. O sr. Manuel Monteiro não é o presidente que convem á maioria. Substituam-no pelo sr. Arthur Costa. Esse, sim. Tem educação e finura para fazer um lugarão. E deve ser pau para toda a obra...

* * *

O trabalhão que certas pessoas teem para se equilibrarem nas elevadas situações a que as guindam! Dir-se-hia que frequentaram, em adolescentes, escolas de acrobacia, onde aprenderam a passear sobre garrafas como em *parquet* encerado e luzidio. O sr. Godinho, o rubicundo, o patetico, o ponderado, pertence a esse numero de equilibristas notaveis, que na nossa politica teem feito florescente carreira. A graça e os bons modos com que dirige os trabalhos da camara, quando a sua vice-presidencia entra em exercicio valem um glorioso poema. Porque não o promovem a effectivo? Porque não fazem d'elle o director espiritual d'aquella desdoirada confraria que é a esquerda parlamentar? Melhor pastor não o podiam ter, apezar do sr. Godinho jámais ter apascentado rebanhos pelas escarpas dos Herminios. Mas emfim, sempre é d'Almeirim. E as gentes d'essas bandas quando lhes dá para a politica, costumam ser de se lhes tirar o chapeu...

* * *

O senado tambem teve hoje os seus

Folhetim d'A CAPITAL 26-1-1916

De Mala-Posta

Recordo-me como se fôsse hontem. E olhem que já lá vão uns bons dezoito annos. Era eu estudante do Lyceu de Villa Real. Ia passar a Villa Pouca as férias de Natal—ia comer as filhós e a aletria, ia jogar os pinhões e os confeitos natalicios na minha terra, ao abrigo do tecto dos meus avós, ao calor do fogo crepitando na lareira. A's oito e meia da noite entrei na Mala-Posta—os senhores lembram-se da Mala-Posta, talvez das diligencias do Cosme, que, com os seus tejadilhos em torre, empinados de malas e fardos de roupa, com os seus passageiros fóra e dentro dos carros, cobertos de pó ou blindados de cobertores, e os seus seis cavallos a tronco e a sota, estabeleciam a ligação entre o Minho e Traz-os-Montes, entre a Regoa e Chaves. Os carros, muito pesados; tinham duas bancadas lateraes com janellas e vidraças. Lá dentro, ao fundo, n'um nicho quadrangular, havia invariavelmente uma lampada baça, exhalando um cheiro acre a máu azeite e considerando-nos como olho somnolento que se quer fechar, que quer dormir. Para entrar na carripana, não bastava dar as boas noites, pedir licença aos que chegavam primeiro—era preciso arripiar caminho como atravez d'uns asperos Dardanellos eriçados de pernas entrecruzadas. Accommodados, embuçados, por causa do frio, soprado por um vento do Marão que cortava melhor do que navalha de barbear, dispunhamo-nos aos riscos da partida. E d'ahi a pouco, de facto, a um «ih!» sonoro do cocheiro, ao estalar vibrante do chicote de pita, ao esturgir da corneta, ao bimbalhar dos guizos, ao rumor das rodas, atravessamos a villa que bocejava já, que se preparava para o longo somno das noites invernosas.

Chegados á estrada, a marcha abrandava. Sentia-se o resfolegar e o cheiro morno dos cavallos. O cocheiro continuava, espaçando-o, o seu «ih!» instigador, bem condimentado de chicotadas.

E como era menor o ruido das rodas, porque era menor a velocidade e mais brando o pavimento «macadamizado», os passageiros estabeleciam conversa.

Não se conheciam, claro. Na quasi maioria dos casos nunca se tinham visto. *Mas a communidade* no desconforto, o reconhecerem-se massa hibrida d'um mesmo corpo, cingidos uns aos outros como figos de ceira, dava-lhes, desde logo, uma familiaridade de velhos amigos.

Um d'elles fitava o companheiro da frente.

Franzia o tecido da testa. Declarava que lhe parecia conhecer. E vinha, sem demora, a pergunta:

—Não é de Chaves?

—Não senhor... Sou de Jales...

—Hum, bem sei, d'Alfarella? Nunca fui a Alfarella, mas dou-me com o Carvalho, o Alexandre de Carvalho...

—Conheço muito bem. Ainda somos parentes... Tem estabelecimento na praça...

Falava-se então dos negocios do Carvalho, dos primos do Carvalho, dos irmãos do Carvalho, do futuro do Carvalho, n'uma profusão de notas biographicas e conjecturas dignas d'uma Academia. Aos lados, os outros viajantes, ou biographavam um novo Carvalho, ou commentavam as prosperidades, os negocios, os primos, *os irmãos* do de Alfarella. Havia sempre um, mais velho, mais fatigado que se adeantava no somno. Com meia hora de embalo, adormecia. E de bocca escancarada como se gritasse, e de olhos cerrados e cabeça bamboleante, ora se inclinava para a frente, ora descahia sobre o hombro e sobre a cabeça dos vizinhos.

A voz dos conversadores ouvia-se sem difficuldade nos planos suaves em que a marha era a trote, e, melhor nas subidas, em que o andamento a passo amortecia *o ruido das rodas e dos* solipedes arquejantes. Nas descidas, porém, quando o churrião largava ao galope dos bucephalos ligeiros e os guizos bimbalhavam, a conversa semelhava um gritar de possessos. E porque se ouvia mal, tantas vezes se respondia com um sorriso ao que nos disseram, e que era mais triste do que um soluço...

* * *

N'essa noite de dezembro a chuva fustigava as vidraças da diligencia, que ia cheia. Logo ao sahirmos de Villa Real, em frente do quartel, certo padre gordo, de volta e barrete negro, bordado a retroz, quiz saber d'um homem barbado, que se acondicionára á minha direita, se era de Loivos—povoação socegada e farta que domina, a nascente, o valle da Ribeira d'Oura.

—Não sou. Venho do Rio de Janeiro e sou de Bornes d'Aguiar...

—Ah!...—disse o padre, compenetrado.

Uma mulherzinha secca, de face amarrotada e o queixo agudo, sondou-o por baixo do lenço, suspirou magoada:

—Do Rio de Janeiro! Tambem anda por lá um filho meu... E faz p'rás cerejas dois annos que nem novas nem mandados. E n'um tom de receio e de esperança:—Talvez vocemecê o conheça... E' o Manuel...

—O Manuel?! Só por Manuel...

—Evidentemente... —sentenciou o padre, sorrindo da ingenuidade maternal da creatura.

—Sim... quero dizer... do Manuel da Cruz, um rapagão alto, bonito, forte como as armas, com um signal, salvo seja, aqui...

—Não, não conheço...

Ella mergulhou n'um silencio desalentado. O padre calçou as luvas de lã roxa, pintalgada de branco. A chuva, sacudida pelo vento, vergastando as vidraças da esquerda, lembrava um longinquo rufar de tambores. E o tilintar dos guisos—chlim, chlim, chlim,— no uivar da noite desabrida, tinha alguma coisa da monotonia lugubre d'um chôro de carpideiras.

Mal reparada, cheia de charcos profundos, quasi boccas d'abysmos, a estrada estava intransitavel. As rodas a cada instante se afundavam, e se erguiam, aos solavancos, vencendo obstaculos.

—Está pessima, o demonio da estrada—observou um velhote de capa á hespanhola.

—Peor é viajar por mar e aguentar-se...—contrapoz o «brazileiro». Evocou scenas da sua ultima viagem.

A' sahida do Rio, muito bem. O mar, calmo que nem um cordeiro. Babava, lambia de manso o casco do navio. E muito bem até á Bahia, e por ahi fóra, sob o sol dos tropicos, que queimava. Depois, ali pelas alturas da serra Leôa—uma serra das costas d'Africa mais raivosa do que todas as leoas, onde ha sempre *relampagos e tempestades*—o vento, a chuva, os trovões tinham-no embravecido por tal fórma que parecia querer engulir as proprias nuvens, o proprio céu. O navio empinava-se e afocinhava de proa. Toda a gente apavorada—mulheres, creanças, de mãos postas, arrastando-se pelos beliches, rezando, gritando...

—Crédo!—disse a mulher do lenço, a benzer-se.

Eu, que me tinha mantido n'uma discreta mudez; e que começava então a sentir os primeiros pruridos da futura brotoeja dramatica, inquiri, á meia voz:

—E houve naufragos?

Ah, não, não houvera. O navio portara-se magnificamente, jogára de rijo, cambaleára como um ebrio, mas aguentára-se com as ondas, valente como um heroe. Enjôos sim, muitos. Mesmo entre os tripulantes. Mas o certo é que chegára a terra firme, que se dirigia á sua aldeia, que já estava na sua provincia.

Todo elle ria, n'um jubilo irradiante, ao reconhecer-se *em terra firme*, e *na* sua provincia, nas proximidades da sua aldeia—onde, por certo, o esperava a familia, talvez a mulher e os filhos, e os paes velhinhos, n'uma alegria de domingo de festa.

Calaram-se. O rumor do carro era agora abafado, como se rodasse por cima d'um tapete. E, no emtanto, tendo *subido a ladeira de Villa Secca*, entrára na rampa que se prolonga até Escariz para d'ali aguentar a encosta ingreme da serra do *Mesio*, bordejar por Villarinho da Samardã, contornar penedias e bouças de carvalhos, e de novo descer, em curvas, ao valle de Villa Pouca, muito frio, de madrugada sempre *toucado de neblina*.

O velhote de capa á hespanhola retemnava, pendulava com a cabeça, desequilibrava o corpo. O padre, puxando o barrete sobre os olhos, abria e fechava as palpebras. O somno installava-se, dominava, servindo-se do trepidar das rodas, do cheiro amolentador da lampada, da atmosphera viciada do interior.

De subito, a diligencia estaca, n'um forte embate, adornando á direita.

—Han?!—clamam todos, a um tempo, *boquiabertos*.

Todos se agitam, todos se agarram ás bancadas e uns aos outros—os da esquerda tombando sobre os que lhe *ficam em frente*.

Estabelece-se a confusão. De fora veem protestos, imprecações, obscenidades. O padre, atarantado, consegue abrir a portinhola. Os passageiros saem, um a um. E entreolham-se, surprezos, em plena *neve*. Na neve condensada na estrada, mais branca do que se o luar cahisse do ceu, sob a neve peneirada das *nuvens, silenciosa, n'uma chuva* adejante de blocos. O vento amainára. O frio enregelava-me.

Uma das rodas trazeiras cravára-se n'um barranco. E foi preciso que os passageiros, auxiliando o conductor do correio—o padre «o brazileiro», o velhote, mais dois sujeitos, eu, e quatro soldados que viajavam na boleia e na imperial—lançassemos mãos ao carro, e gemessemos, e nos esfalfassemos para o arrancar do abysmo.

Apre! Dura cruzada! Emfim, só suando como os cavallos, que o cocheiro fustigava com o chicote e estimulava a palavra, conseguimos resolver o incidente.

Mettidos os pés em palha e feno, por causa da humidade e do frio da *neve*, continuamos o nosso caminho. Grita-se contra o Estado, contra o desleixo do Estado, que não dota a provincia de viasferreas, que não concerta as estradas esburacadas.

—E então até Bornes, han?—diz o padre para o «brazileiro», apenas serenados os animos, e já na subida do Mezio.

—E' verdade.

Elle conhecia varias pessoas em Bornes. Sim senhor, em Bornes. Ainda não havia um mez que estivera, n'uns «mortorios» com o seu collega lá da freguezia, o padre Silvano. Ah! tambem conhecia? Por signal que lhe contára um caso bem triste occorrido na vespera. Uma mulher, com o marido no Brazil, ligára-se de amores com um primo. Inesperadamente o marido annuncia que chega em breve. E vae ella, que estava para dar a conhecer ao mundo as consequencias da sua fraqueza, zás, suicida-se, despenha-se n'um precipicio, espatifa-se de encontro a uns penedos.

—Quando foi isso?—interpella o «brazileiro», n'uma anciedade suffocada.

—Ha-de haver um mez, mais dia, menos dia.

—E como se chamava?

Isso é que não sabia. Sabia só que a creatura tinha um filho de dez ou doze annos...

Tinha um filho! De dez ou doze annos!

O «brazileiro» emmudeceu, n'uma mudez de assombro. O silencio refez-se mais pesado do que uma asphyxia. Depois, o padre adormeceu. O velhote tornou a resomnar. O somno voltou a installar-se. Nas proximidades do valle, pareceu-me ouvir soluçar o que viera de tão longe, que atravessára os mares, que triumphára dos temporaes, no desejo de abraçar os do seu sangue, os da sua terra, os da sua aldeiasinha humilde, perdida entre fraguedos e castanheiros.

E ao chegarmos a Villa Pouca, ao preparar-me para sahir, certifiquei-me. De facto, soluçava. E dos seus olhos, que me fitavam, n'uma tristeza tão funda como o silencio d'essa noite de neve, as lagrimas corriam, em fio, tranquillamente...

Sousa Costa

azeites. O pacato areopago sabiu-se. E' que causa sempre estranheza que alguem desafine n'um côro que se convencionou dever estar sempre afinado. Foi o sr. senador Campos, auditor dos tribunaes de guerra quem perturbou o socego da casa. Que sabia coisas graves a respeito do incendio de Santa Clara, declarou elle alto e bom som. E disse algumas. Pois é preciso que diga o resto. Mais: é necessario que o obriguem a dizel-o, para que aquillo seja posto a claro, ainda que com isso soffra o proprio Padre Eterno. A maioria senatorial parece que não gostou de ouvir as palavras do sr. Campos. Pois fez mal. O que lhe competia era archival-as e averiguar se ellas correspondem á verdade. Mais nada. Isso, porém, é tanto que chega a ser uma tirania exigil-o ou, sequer, pedil-o.

* * *

Averiguou-se, afinal de contas, que os dois projectos apresentados na Camara revogando a lei do affastamento tinham ido parar á commissão de legislação criminal, que se declarára incompetente para os apreciar. Não lhe cheirava ou melhor, cheiraram-lhe a morrão. Agora, os pobresinhos seguiram para a commissão de administração publica. Porque ha-de essa ser mais competente que a outra? Não é facil descobril-o. São uns miseros vagabundos, os excommungados projectos. Porque não hão de submettel-os á apreciação da commissão de pescarias!? E' que no fundo d'este mar immenso de interesses deve andar peixe graudo. Para o apanhar são precisos bons pescadores. E n'aquella commissão ha quem, na arte de manejar anzoes e rêdes, seja mestre consumado. Mettam-lhes os projectos nas mãos. Podem ter a certeza que irão ambos ao fundo...

* * *

Outra vez Pimenta de Castro. Outra vez linguagem despejada. Outra vez apprehensões de jornaes. E, o que é peior, outra sarrasina do sr. Almeida Ribeiro, que no genero tenebroso não tem quem o exceda. Para trapalhadas comico-legislativas, não ha quem o exceda. E' um mestre. Hoje, porem, o sr. ministro do interior teve acolyto. Foi o sr. Arthur Costa, que é o seu genio bom, a inspiral-o permanentemente. Este é o sub-ministro e é quem, nas horas vagas, empunha o bastão e manda. Ahi tens, leitor amigo, porque os cargos, lá pelos interiores, andam assim. O sr. Almeida Ribeiro, n'aquelle labirinto impenetravel, já se sentia ás aranhas. Puzeram-lhe o sr. Costa á perna. Ahi o tendes. Não ha forma de lhe arrancar do bestunto coisa de geito. Os bons espiritos encontram-se sempre. Eis porque o sr. Almeida Ribeiro e o sr. Arthur Costa se collaram, para constituirem aquelle meio homem que no Parlamento tem feito e continuará fazendo o que se chama um figorão...

* * *

O sr. Faustino é um homem das Arabias. Hoje, no Senado, cahiu-lhe sob a eloquencia fulminante um projecto—bem humilde, por signal—reorganisando os quadros dos governos civis. Não precisou mais nada. O glorificador da *próbe* Ignez apodera-se do misero, commenta-o, apreeia-o, esfacela-o, esfarrapa-o. Do projectosinho insignificante, batido pela catadupa historica do sr. Fautino, não escapou nada. Mais: nem a propria familia do eminente senador logrou sahir incolume. E' que, alem de mais, averiguou-se, pela oração faustinica de sua senhoria, que nos seus antepassados houvera dois que tinham sido miguelistas e que, com os malhados nunca tinham querido nada. E' por isso, é por isso! O sr. Faustino anda a fazer penitencia, á razão de 600 escudos por anno, para pôr a limpo toda a historia de Portugal e ilhas adjacentes. Mas para quê? O que temos nós com isso? Que nos importam os peccados nefandos dos illustres faustinos que lá vão e foram correligionarios do sr. D. Miguel?

O concerto Blanch de domingo no Republica

No concerto da Orchestra Symphonica Portugueza que se realisa no proximo domingo, no theatro Republica, executa-se em 1.ª audição a introducção do 3.º acto do «Tristão e Isolda», de Wagner; a peça symphonica de Cesar Franch, «Redemption», a «ouverture» «Sakuntala», de Goldmarck, a «Rapsodia hungara em dó», de Liszt; a «6.ª symphonia (Patetica)», de Tchalkowsky; uma «Serenata», de Saint-Sans, em 1.ª audição, e outras obras notaveis. Depois do concerto ha chá elegante no jardim de inverno, com um magnifico sextetto, sendo a entrada franca.

PEQUENAS NOTICIAS

A banda da guarda republicana executa ámanhã, na parada do quartel do Carmo, das 13 ás 14 1|2 horas o seguinte programma: «Meridional», marcha, Mendes Canhão; «Oberon», ouverture, Weber; «Momento musical», Schubert; «Manon Lescaut», selecção, Puccini; «Rosamunde», suite: n.º 1, «Introduction et andante», n.º 2, «Entr'acte», n.º 3, «Air de Ballets», Schubert; «Rapsodia em dó», Liszt; «Marche aux flambeaux n.º 2», Meyerbeer.

—Januario dos Reis Oliveira, pintor dos caminhos de ferro do Sul e Sueste e morador no Barreiro, foi alli colhido por uma vagoneta, ficando com o pé esquerdo bastante ferido. Depois de ser operado recolheu á enfermaria 4 do hospital de S. José.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Trabalhadores d'imprensa—Sob a presidencia do sr. Eduardo Coelho, secretariado pelo sr. Julio d'Almeida e Safara da Costa, reuniu hoje a assembleia geral da Associação dos Trabalhadores da Imprensa. Antes da ordem dos trabalhos o sr. Alvaro Neves mandou para a mesa uma proposta para se nomear uma commissão para junto das empresas jornalistas tratar da questão do papel. Depois de terem usado da palavra varios oradores ficou resolvido aguardar-se as negociações que estão entaboladas entre o governo e as empresas jornalistas, ficando a direcção com plenos poderes para tomar parte nos futuros trabalhos. Seguidamente foi apresentado e approvado um protesto contra a apprehensão de jornaes.

A eleição dos corpos gerentes deu o seguinte resultado:

Assembleia geral: presidente, Eduardo Coelho; vice-presidente, dr. José Pontes; 1.º secretario, Julio d'Almeida; 2.º, Jorge Gonçalves; vogal, Francisco Vidal.

Direcção: presidente, Acurcio Pereira; vice-presidente, Alvaro Neves; 1.º secretario, C. M. Barata; 2.º, Luiz Saude; thesoureiro, J. J. d'Almeida; substitutos: Pinto Quartin, Luiz Galhardo, Adriano Costa, Napoleão Gonçalves e Safara da Costa.

Commissão Revisora de Contas: effectivos: Julio Candido da Costa, Brito Freire e Luthero de Moraes; substitutos: Balate Quadrio, Julio Marques da Costa e Antonio Garcia.

Delegado á União Operaria Nacional, Pinto Quartin e delegados fiscaes do descanço semanal Alvaro Neves e José Joaquim d'Almeida.

Club Recreativo Lusitano.—No domingo desempenha o grupo dramatico d'este Club a celebre peça *Kean*, existindo grande interesse pela sua representação, pelo que, devido ao grande numero de socios novos, sobe á scena em duas recitas, sendo esta para as familias dos socios pares e no domingo 6 de fevereiro para impares.

Na segunda feira, 31, o mesmo grupo desempenha a comedia em 3 actos *Agua mole em pedra dura*.

No final das recitas continuação da kermesse e baile, havendo no de segunda feira diversas surprezas.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Coimbra, terra d'amores—Dôr suprema.

REPUBLICA—A's 21,30—L'émigré—La paix chez soi—Versos por mesdames Grumbach e Jeanne Lion.

TRINDADE—A's 21—A dama rox...

POLYTEAMA—A's 21—A martyr—A fuga de madame Caramon.

GYMNASIO—A's 21—O manequim.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—O diabo a quatro.

APOLLO—Não ha espectaculo.

AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

MODERNO—A's 20,45 e 22,45—Sempre fresquinho.

PHANTASTICO—A's 20,30 e 22,30—Já vi tudo (Revista).

COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21-Palhaços-Cavaleria rusticana.

Agenda da semana

HOJE — **Gymnasio** — Primeira representação da comedia *O manequim.*

AMANHÃ — **Eden-Theatro**—Reapparição do Nascimento Fernandes na revista *O diabo a quatro.*

Phantastico—Primeira representação da revista *Já vi tudo.*

SEXTA-FEIRA — **Apollo** — Primeira representação da revista *Palavra de honra.*

Primeiras representações

REPUBLICA—**O assalto**, trez actos de Bernstein, oitava recita de Lucien Guitry

Extraordinaria e justificada curiosidade... A pedra dos confrontos, perfeitamente comprehensivel, chamou hontem ao Republica uma enorme concorrencia de espectadores desejosos de vêr em que se distinguia a interpretação de Guitry da de Augusto Rosa, que tantos applausos obteve no protagonista da peça de Bernstein. São diversos, sem duvida, Merital Rosa e Merital Guitry, comquanto ambos dignos de admiração, porque se o comediante francez é uma gloria da scena contemporanea, o nosso actor é das figuras mais bellas e mais illustres do theatro portuguez de todos os tempos. Em Augusto Rosa deslumbra-nos a distincção, a exuberancia, a vibratilidade, a eloquencia, o ardor; em Guitry assombram-nos a força, a energia dominadas pela contenção do espirito sereno e reflexivo, a sobriedade, que de tão perfeita dir-se-hia excessiva, na maneira de expor, de dizer, de gesticular, mas tudo respirando o luctador que, no meio dos rudes embates da politica, serenamente expõe a unica mancha do seu passado juvenil á mulher que o ama a despeito dos seus cabellos brancos, para assim experimentar a grandeza d'essa paixão que vae absorver toda a sua vida...

Guitry faz de cada uma das suas personagens uma creação differente, sem repetições, sem pontos de contacto, sem reminiscencias, e assim succedeu hontem. Quem apenas o haja visto em o *Assalto*, embora tivesse farto ensejo de lhe admirar os meritos excepcionaes, não apreciou decerto as multiplas facetas do seu prodigioso talento dramatico e precisamente porque as figuras interpretadas por Guitry são inconfundiveis.

A'manhã vêl-o-hemos, de novo, no *Emigrado*. Ainda bem que tornaremos a applaudil-o no marquez de Claviers-Grandchamp. Na sua galeria de personagens exhibida em Lisboa essa occupa, sem duvida, o primeiro logar. Para realce maior da despedida representa-se tambem uma comedia de Courteline e recitam-se versos de grandes poetas.

A. de A.

Noticias

Entre nós

O reapparecimento do actor Alvaro na *Vida d'um rapaz pobre*, que se representará uma unica vez, ao que nos consta, no theatro Nacional, está despertando um justissimo interesse, sabido como o eminente artista tem na peça de Feuillet uma das suas grandes corôas de gloria. *A vida d'um rapaz pobre* representa-se no dia 1 de fevereiro em festa artistica de Albertina d'Oliveira, distincta actriz-societaria d'aquelle theatro e uma das figuras femininas mais sympathicas e que nos nossos palcos mais se impõem pela sua intelligencia e pelo seu estudo.

● Hoje, no Colyseu dos Recreios, *Madame Butterfly* em que Salomea Kruceniski é soberba. No sabbado, a primeira representação, em Portugal, da opera de Catalani *Loreley*, cuja protagonista é desempenhada pela mesma illustre cantora.

● No Phantastico é ámanhã, como noticiámos, a *première* da revista *Já vi tudo.* Do elenco artistico fazem parte Humberto Amaral, Antonio Costa, Alberto Silva, José dos Santos, Reginaldo Duarte, Lina Sant'Anna, Alice Figueira, Esther de Sousa, Sarah Mattos e Anna Cruz.

Concertos David de Sousa

Damos hoje completo o programma sensacional do concerto do proximo domingo no Politeama, repetição do 7. concerto de tão extraordinario exito:

1.ª parte:—«Rienzi» (abertura); «Lohengrin» (prelúdio); «Walkyria», (cavalgada), Wagner.

2.ª parte:—«Peer Gynt», Grieg; «Marcha Camões», João Arroyo.

3.ª parte:—«Celebre minuetto», Beethoven; «Abertura solemne», Tschajkowski

A «Walkyria» e a «Abertura solemne» serão executadas segundo as exigencias da partitura. Para este concerto excepcional só serão reservadas marcações de bilhetes até ás 15 horas de ámanhã.

Tribunaes militares

No 1.º tribunal militar, sob a presidencia do coronel sr. Rodrigues Bastos, sendo juiz auditor o sr. dr. Alves Ferreira, promotor de justiça o capitão Adrião e defensor o tenente sr. Urosa Gomes, responderam hoje os soldados de infantaria 5, Jacques Avelino Mendes e Alberto Quaresma, o primeiro accusado de ter praticado um furto de 600 escudos n'uma casa da rua do Conde Redondo e outro de 1.000 escudos n'uma das Avenidas Novas e de deserção, tendo fugido a uma escolta, e o segundo de lhe dar fuga. As testemunhas são em grande numero e como se receiassem conflictos foi requisitada uma força de cavallaria para escoltar os presos á sahida do tribunal. A sentença deve ser lida depois das 22 horas.

«NOBLESSE OBLIGE...»

O sentimento das proporções

Os coches do funeral do embaixador não eram condignos

O funeral do dr. Regis d'Oliveira, que a concorrencia do publico tornou imponente, presta-se a considerações varias que n'este momento, attenuada já a impressão dolorosa do acontecimento, convem frizar.

Não nos preoccupa saber quem foi o organisador do funeral, nem com o que vamos dizer pretendemos offender ninguem.

Sómente queremos apontar um erro que é preciso emendar em futuras emergencias d'este genero.

A toda a gente feriu a attenção o facto dos côches funebres não terem a grandeza e o luxo que um funeral de tal ordem requeria.

Eram vulgares carros que no enterro de qualquer abastado burguez não ficariam mal, mas que no funeral d'um embaixador se faziam notar pela sua mesquinhez incompativel com a alta dignidade do cargo exercido pelo morto, o qual em toda a parte tem honras de principe.

Falou-se então nos côches da antiga casa real, logo com aquella pontinha de murmuração politiqueira tão em uso nas criticas aos acontecimentos da Republica, e muita gente perguntava porque não foram alguns d'esses côches os escolhidos para figurar no cortejo funebre do embaixador.

Ora esses carros estão, desde a proclamação, no Muzeu dos Côches de Belem e nunca mais serviram para nenhuma ceremonia official.

Não era pois natural, nem logico, irem buscal-os agora para o enterro do representante do Brazil.

O caso é muito outro e todo o mal apontado deriva de não se proceder com intelligencia e calma na escolha dos côches que deviam figurar no funeral.

Se as pessoas encarregadas d'essa missão tivessem ido procurar ás casas dos armadores funebres haviam de encontrar muito melhor do que o que figurou no passamento do illustre diplomata.

Ha em Lisboa uma casa da especialidade que possue para esse fim o que de melhor ha e se usa nas grandes capitaes. Nada mais luxuoso e condigno para o effeito do que o magnifico carro nobre e ainda os que para o acompanhar essa casa possue. Vimol-os, a proposito, e pasmamos de que, existindo em Lisboa uma casa por tal forma bem fornecida, se fossem escolher os carros que no cortejo figuraram e que eram pouco mais que modestos.

Se aquelle que foi encarregado da organisação do funeral tivesse sahido fazer a sua escolha o reparo, por tanta gente e com tanta razão feito, não teria logar, tendo-se por essa forma demonstrado que em Lisboa se tem elementos para fazer o funeral d'um embaixador.

Da forma, por que elle se realisou, é que não!

Além do que, bom seria que se soubesse que os celebres «gatos pingados», de tochas em punho, é coisa já fóra da moda e o facto de ir um carro a trés parelhas e os outros a quatro tambem é absolutamente improprio para uma cerimonia d'aquella natureza.—C. S.

Salão Foz

A despedida de Churri el Bonito

Faz hoje a sua despedida do publico lisboeta o inimitavel comico excentrico Churri el Bonito, que no Salão Foz tem feito as delicias dos espectadores. Churri el Bonito deixa saudades porque a sua graça, o seu espirito era d'aquelles a quem o mais sisudo não resiste. Com Churri el Bonito despede-se tambem a especialista de canções regionaes, Estrella de Levante que tantas ovações recebeu. A empreza do Salão Foz, sempre desejosa de dar ao publico frequentador da sua sala de espectaculos bons numeros, contractou os bailarinos andaluzes Los Gitanillos que são os mais celebres, no seu genero, em toda a Hespanha e que com certeza vão obter no palco do Salão Foz o successo que teem obtido em todos os palcos em que se teem apresentado.

A troupe Pichel que ha dias se estreiou continúa recebendo os mais calorosos applausos do publico, justificado nos seus trabalhos originaes de acrobacia e jogos icarios em que são eximios. Les Flores, festejados duettistas que tomam parte em limitado numero de espectaculos tambem recebem todas as noites fartos applausos de que compartilha a bailarina internacional Julita Sola. Para sexta-feira já está annunciada a estreia do celebre duetto lyrico Les Beriguardis.

A despedida de Guitry

A'manhã é definitivamente a ultima recita e despedida do grande actor Lucien Guitry com o seguinte assombroso programma:

«Le naufragé», de F. Coppé; «Aux soldats de l'an II», de Victor Hugo, por Lucien Guitry; «Les trois hussards», de G. Nadaud, por madame Grumbach; «L'alouette et ses petits», de La Fontaine, por madame Jeanne Lion; «Poesias», por madame Osborne; a peça de Courteline «La paix chez soi», em que toma parte madame Jeanne Desclos; a peça «L'émigré», extraordinario successo de Guitry. O espectaculo principia infallivelmente ás 8 horas e meia em ponto.

Festas associativas

Concentração Musical 5 d'Outubro (Banda da Republica). — Continuam amanhã as festas commemorativas do 2.º anniversario, realizando-se ás 21 horas uma «soirée» dramatica e dançante, estando a parte dramatica a cargo do grupo Eden.

Sociedade Recreativa Camões. — Continuam a manhã e no domingo festas commemorativas do 3.º anniversario, havendo quinta-feira reunião familiar e no domingo sarau dramatico com o entre acto *A taberna*, a comedia *Um ensaio do Hamlet* e um acto de variedades seguindo-se baile.

ULTIMAS NOTICIAS

Camara dos Deputados

Approva-se, na generalidade, o projecto das subsistencias

Preside o sr. Simas Machado. Estão presentes 76 deputados e os srs. ministros do interior e da justiça. Approva-se a acta e lê-se o expediente. O sr. Pereira Victorino diz que, pela ultima vez, pergunta quando é que é dado para ordem do dia o projecto que trouxe á Camara revogando a lei do afastamento. Essa lei foi approvada para ser applicada immediatamente, é todavia inda agora ella não teve execução em tres ministerios. Se o seu projecto ainda não tiver parecer, requererá ámanhã, de harmonia com o regimento, que elle entre desde logo em discussão.

O sr. Henrique de Vasconcellos:—Mas a lei das subsistencias é muito mais importante do que essa!

O sr. presidente esclarece que mandará indagar na secretaria da sorte do projecto. Depois, informará o sr. Pereira Victorino.

O sr. Mesquita de Carvalho, torna a occupar-se da questão da apprehensão de jornaes e do folheto Pimenta de Castro. N'este ultimo não ha uma palavra sequer que o colloque sob a alçada da lei. Acha que o governo fez bem em deixar circular «A Capital» e declara que o folheto só podia ser impedido de circular se inserisse revelações perigosas para o Estado. Como o orador prolongue demasiado as suas considerações, a presidencia advente-o uma e duas vezes, terminando o sr. Mesquita de Carvalho por affirmar novamente que o governo, procedendo como procedeu, exorbitou. O sr. Pereira Victorino é informado pela presidencia de que os projectos revogando a lei do afastamento já estão sobre a meza, tendo-se a commissão de legislação criminal declarado incompetente para os apreciar. Foi enviado hoje para a commissão de administração publica. Em resposta, o sr. Victorino diz que esperará ainda dois dias, depois dos quaes requererá que o seu projecto entre em discussão. O sr. ministro do interior replica ao sr. Mesquita de Carvalho, citando varios artigos de lei para provar que fez o que devia tomando as medidas violentas que tomou contra os jornaes e contra o folheto Pimenta de Castro. Diz que applicou aquelle decreto que regula a circulação de publicações periodicas e affirma que não ha lei nenhuma onde se defina e fixe o que seja ordem publica. O governo cumpriu o seu dever.

Entra-se na ordem do dia.

O sr. Costa Junior reata o debate sobre a lei das subsistencias. Manda para a meza uma moção, esperando que o ministro do fomento traga brevemente á Camara medidas de caracter economico e agricola, beneficas para o paiz, e expõe o criterio do partido socialista a respeito das subsistencias. São necessarias medidas que protejam a pequena propriedade, os rendeiros e o proletariado rural, dando garantias aos rendeiros, que lhes assegurem o capital-trabalho, gasto na propriedade arrendada; revendo as matrizes, no sentido de beneficiar a pequena propriedade, etc. Não concorda em absoluto com a proposta em discussão, mas dá-lhe o seu voto, por achar justos os principios que n'ella se defendem.

O sr. Antonio Portugal faz ao projecto uma critica longa, acerba e violenta, atacando principalmente a União Fabril, que é um Estado dentro do Estado, que á lavoura tem trazido prejuizos enormes. O governo não pode, em nenhuma circumstancia, contar com ella, porque sempre que a'ella recorrer a encontrará pouco disposta a attendel-o. Foi a União Fabril que evitou que se semeasse tanto quanto seria para desejar, visto ter augmentado o preço dos adubos, logo que lhe foi permittida a exportação. E o que fez com os adubos, está agora a fazel-o com os azeites. Manda para a mesa uma moção na qual se affirma que a proposta ministerial não resolve a crise, a qual só pode ser solucionada com largas medidas de fomento, que por ora não vieram ainda ao parlamento. Condemna tambem a acção exercida pela Manutenção Militar na questão dos trigos e accusa-a de fazer despezas exageradas e inuteis, que vão sobrecarregar os productos e encarecel-os sensivelmente.

O sr. Antonio Macieira ataca tambem com violencia a Companhia União Fabril, que não é aquella entidade benemerita que ella proclama, antes pretende, servindo-se de uma ingenuidade falsa, servir os seus interesses, bem poucas vezes legitimos. E' preciso que estas instituições não exorbitam. E isso só o Estado pode conseguir. O sr. Jorge Nunes diz que da applicação da lei que se discute não resultará apenas a fome, porque ha de resultar tambem a impossibilidade de se manter a ordem publica. O Estado é que tem sugado o consumidor e não a lavoura. Só em 1913, o Estado cobrou, de impostos sobre o trigo estrangeiro, mais de tres mil contos. Fala dos preços dos trigos nacional e estrangeiro e diz que este já se paga a 140 réis o kilo, posto em Lisboa. Porquê? Porque houve imprevidencias da parte dos governos e incompetencia por parte da Camara, quando se occupou da questão. Prova que o trigo a importar custará ao Estado tres ou quatro mil contos. E será possivel encontrar-se o trigo necessario nos mercados estrangeiros? E havendo-o, onde alcançar os meios de transporte? E ainda agora vamos a caminho da guerra. Quer dizer, temos ainda na nossa frente largos tempos de angustia, que ninguem pode dizer onde nos levarão. Defende a lei de 1899, que o ministro do fomento não conseguiu demonstrar que seja má. A lavoura vae receber mais 18 réis por cada kilo de trigo, que o consumidor pagará, e não o Estado. Crê que, proteger a lavoura nacional, na presente conjunctura, é bem mais patriotico do que preparar-lhe a ruina. Todo o organismo da lei é condemnado pelo orador. Elle não dará os resultados que se espera.

O projecto é approvado na generalidade. A'manhã ha sessão.

NO SENADO

Um ligeiro incidente — Adia-se a discussão d'um projecto e continua a discussão hontem iniciada sobre remodelação dos quadros dos governos civis

Abre a sessão ás 14,45 o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes de Almeida e Lourenço Serro, com a presença de 34 senadores. Acta e expediente approvados e ao seu destino. Antes da ordem o sr. Antonio de Campos diz que tendo ha dias annunciado ao ministro da guerra uma interpelação sobre a administração da justiça criminal militar e em especial sobre o funccionamento dos dois tribunaes de guerra em Lisboa e dos ultimos concursos para promotores de justiça, desejando tambem interrogar o ministro sobre a nomeação da commissão parlamentar de inquerito ás causas que motivaram o incendio de Santa Clara e ainda sobre o fornecimento ao exercito de que o Senado tambem se devia occupar, vinha por isso dizer á Camara a fim de poder chegar ao conhecimento do ministro que julga urgente que s. ex.ª se dê por habilitado a responder a tal interpelação. Mostrará quando a interpelação se realisar os motivos imperiosos que o levaram a tomar a iniciativa da interpelação mas quer dizer á Camara que depois de eleita na Camara dos Deputados uma commissão d'inquerito sobre o incendio do Deposito de Fardamentos e fornecimentos militares pretende provar a necessidade de tal commissão alargar o seu inquerito a factos de muita gravidade de que os tribunaes militares de Lisboa teem tratado nos ultimos tempos, e com os quaes teem sido prejudicados os interesses materiaes do Estado, os interesses moraes da boa administração da justiça militar. E porque tees factos são de tal gravidade e prendem-se tão directamente com o objecto do inquerito votado na outra camara e insiste em que é urgente que se realise a interpelação para que d'ella resulte o convencimento do Senado e do ministro de que deve aprovaitar-se aquelle inquerito para conhecer dos factos a que já fez referencia e a que virá a referir-se e que longe de assentarem em boatos vagos e imprecisos proveem do conhecimento profissional do interpelato, que tomou a presente attitude sem d'ella engeitar quaesquer responsabilidades, no cumprimento do seu dever, aqui como senador, lá fóra como funccionario.

—Não apoiado, grita-se da esquerda. Ordem! Ordem! Está fóra da ordem!

Da direita grita-se tambem:

—Não querem ouvir! Não querem que se faça luz! Os senhores é que estão fóra da ordem!

Terminado o incidente e como não esteja presente nenhum membro do governo passa-se immediatamente á ordem do dia approvando-se sem discussão as alterações já approvadas tambem na outra Camara e que dizem respeito ao projecto sobre alienação de objectos d'arte

Entra-se seguidamente no projecto de lei reintegrando no serviço do exercito o alferes miliciario Mario Augusto da Fonseca Barbosa no posto de tenente com a antiguidade de 1 de dezembro de 1913, logar que lhe competia por escala. O sr. Lima Duque combate o projecto para o qual não vê razão de existencia, antes uma injustiça flagrante que vae offender e melindrar os officiaes do exercito. Se porém lhe demonstrarem a razão de justiça de tal acto até mesmo talvez o venha a votar. O sr. Antonio Maria Baptista explica a razão porque não foi relator do projecto visto entre elle e o promovido se ter dado um conflicto de caracter pessoal.

Propõe depois que o projecto vá á commissão de guerra. A proposta é admittida e entra conjuntamente em discussão com o projecto. O sr. Alberto Silveira queixa-se de que sendo presidente d'esta commissão não fosse consultado antes da apresentação do projecto que se discute. Por principio, vota contra elle, visto não admittir como premio de serviços revolucionarios a promoção aos postos do exercito. Isso é a quebra de disciplina. Façam-n'o papa se pódem, mas não toquem na disciplina hierarchica do exercito que é a base de toda a ordem. O sr. Botto Machado, auctor do projecto, defende-o.

O projecto é tudo o que ha de mais justo e não se trata de premios. Todo o official n'estas condições póde requerer a sua reintegração mesmo sem allegar serviços revolucionarios que elle orador desconhece, e para que não apella. Faz depois o seu rasgado elogio referindo os seus altos serviços prestados á Patria e á Republica. O sr. Antonio Maria Baptista insiste pela approvação da sua proposta de adiamento que é approvada.

E como esteja presente o sr. ministro do interior volta á discussão o projecto de lei sobre a organisação dos quadros do pessoal dos governos civis já hontem largamente debatida.

Sobre ella falam novamente os srs. Fortunato da Fonseca, Faustino da Fonseca e Sousa Fernandes. Antes de se encerrar a sessão o sr. dr. Pedro Martins reclama contra o pessimo serviço de transportes de mercadorias nos caminhos de ferro do Sul e Sueste. Lê a proposito um telegramma d'um fornecedor do Estado victima d'esse serviço. O sr. ministro do interior promette transmittir o assumpto ao seu collega do fomento dizendo no entanto que essas difficiencias provém da guerra europeia. O sr. Pedro Martins não concorda e insta pelas suas reclamações.

O sr. coronel Silveira protesta contra o facto da camara municipal de Silves apprehender gados quando ha transgressões de postura e sem mais formalidades os vender em hasta publica. Pede para o caso a attenção do ministro e providencias immediatas. O sr. Almeida Ribeiro regista e vae averiguar para depois proceder.

A'manhã ha sessão.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. ministro das colonias conferenciaram os srs. Massano d'Amorim, governador geral de Angola, que tratou de assumptos relativos ao governo d'aquella provincia, e o sr. Pedro Botto Machado, governador de S. Thomé, que tratou egualmente de assumptos do seu governo.

O sr. Botto Machado segue no proximo dia 1 de fevereiro a bordo do vapor «Portugal» a reassumir as suas funcções. O sr. Massano d'Amorim tenciona seguir para Angola no dia 1 de março proximo.

—Com o sr. ministro do fomento conferenciaram hoje o sr. Mello e Sousa, presidente do conselho de administração dos caminhos de ferro, e uma numerosa commissão de ferro-viarios, apresentada pelo engenheiro sr. Arthur Mendes, a qual esteve tratando da melhoria de situação.

—O submersivel *Espadarte* sahiu hoje novamente a barra, a fim de continuar em exercicios de submersões.

ESCLARECIMENTOS

As declarações do sr. ministro do interior sobre a apprehensão de jornaes tratada hontem e hoje no Parlamento

E' a triste sina do sr. ministro do interior! Póde tratar-se da questão mais inoffensiva, mais clara, menos propria para irritação de animos ou apostrophes violentas. O sr. Almeida Ribeiro é chamado a explicações, fala—e dez minutos depois ninguem se entende. Perde-se a noção das coisas, desenham-se conflictos e torna-se impossivel prever a que funestos resultados poderá conduzir a «guigne» que acompanha aquelle sr. ministro.

Foi assim, hoje, na sessão da Camara, que o sr. Almeida Ribeiro emmaranhou mais uma vez os aspectos d'uma questão que só ganhava em ser exposta e discutida com simplicidade e clareza. Repisou, baralhou, trocou, confundiu, quando devia limitar-se a meia duzia de affirmações sobrias, de sentido inequivoco, que permittissem fixar-se bem as responsabilidades que a cada um pertencem no incidente que se debatia. Mas, pouco nós importaria a baralhada confusa que o sr. ministro do interior arranjou a proposito da apprehensão de jornaes se s. ex.ª não tivesse tido a triste lembrança de se referir á «Capital» em termos menos correctos, hontem, no Senado, e menos exactos hoje, na Camara.

Parece que o sr. Almeida Ribeiro affirmou no Senado—e dizemos «parece» porque s. ex.ª tem um modo tão exquisito de se exprimir que nunca se sabe, ao certo, o que diz—que era falsa uma noticia que publicámos ante-hontem referindo que a «Capital» não tinha sido apprehendida. Hoje, parece tambem ter affirmado que a visita que a «Capital» recebeu domingo d'um funccionario superior da policia tinha sido determinada pelo exclusivo proposito de nos ser feito o aviso de que não ia estabelecer-se a censura prévia.

Vamos narrar os factos, obrigados a isso pelo sr. ministro do interior, para o publico ver que somos nós quem está «absolutamente» dentro da verdade. Domingo, ao principio da tarde, o sr. Alfredo Pinto, espontaneamente, da parte do sr. governador civil, informava-nos pelo telephone de que era errada a noticia publicada n'um jornal da manhã sobre uma supposta apprehensão da «Capital» effectuada na vespera. Não fôra ordenada apprehensão alguma, garantiu-nos o sr. Alfredo Pinto, accrescentando que o sr. director da policia de investigação criminal viria falar-nos sobre o caso. De facto, pouco tempo depois recebiamos a visita do sr. dr. Adolpho Coutinho, que nos fazia a mesma affirmação cathegorica. Não se limitou a isso, porém, o sr. director da policia. Disse-nos mais que o governo esperava dever-nos o favor de não transcrevermos mais trechos do livro do sr. Pimenta de Castro. Agradecemos as suas explicações e respondemos, quanto ao segundo ponto, que sentiamos não poder satisfazer o desejo que nos era transmittido. Já tinhamos resolvido fazer mais transcripções—e haviamos de fazel-as. Não precisavamos das indicações do sr. Almeida Ribeiro para respeitarmos as conveniencias da Republica, quer internas, quer externas, e mantinhamos a inabalavel convicção de que só era vantajoso, sob esse alto ponto de vista, transcrever e commentar determinadas passagens do livro. O sr. director da policia respondeu-nos que se tratava de uma determinação de ordem policial que elle tinha de fazer cumprir, de harmonia com as instrucções do governo. Insistindo então nas opiniões que possuimos e que effectivamos tanto quanto nos é possivel, expuzemos ao sr. dr. Adolpho Coutinho que, se não podiamos impedir a apprehensão do jornal, estavamos no legitimo direito de não consentir a censura prévia. Mais: constituia isso, para nós, uma indeclinavel obrigação. A «Capital» tinha de ser apprehendida? Pois sel-o-hia na rua, sem que os agentes da auctoridade soubessem, antes do jornal ser posto á venda, o que n'elle se continha.

O sr. director da policia sahiu. Talvez uma hora depois, voltava a falar-nos, então pelo telephone, para dizer-nos que podiamos considerar sem effeito a notificação de que o governo não desejava que effectuassemos mais transcripções.

Foi isto o que se passou entre nós e o sr. director da policia—e não o que o sr. Almeida Ribeiro confusamente expoz hoje na Camara.

No dia immediato ao da nossa entrevista com o sr. dr. Adolpho Coutinho, isto é, na segunda-feira, recebemos nova visita da policia. D'essa vez foi o chefe sr. Murtinheira que veiu participar-nos que o governo resolvera outra vez ordenar a apprehensão dos jornaes que fizessem quaesquer transcripções, fossem de que natureza fossem. Respondemos que já tinhamos transcripto o que queriamos transcrever, repetindo as mesmas declarações que já tinhamos feito ao sr. director da policia.

E pômos ponto no incidente, que não levantámos, que não tencionavamos expôr com este desenvolvimento, mas que fomos obrigados a esclarecer por culpa do proprio sr. ministro do interior.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

CONCERTO FELICIDADE PEREIRA—WAKE MARQUES

Realisa-se no dia 3 de fevereiro proximo, no salão nobre da Liga Naval (palacio Palmella, ao Calhariz), o concerto das sr.as D. Laura Wake Marques e D. Felicidade Pereira de Carvalho. O programma, artisticamente elaborado, apresentará, no que respeita á parte de canto, composições de Paradiès (1710 a 1792), Bach (1685 a 1750), Alex. Scarlatti (1649 a 1725), Lotti (1685 a 1740); constituindo o primeiro grupo e de Hann, Debussy, Liszt, Strauss e Ruy Coelho, encerrando o concerto.

No tocante ao programma de piano, annuncia a sr.ª D. Felicidade Pereira de Carvalho, iniciando o recital, a celebre «Sonata em Ré Menor», de Beethoven; o «Carnaval de Vienna», de Schumann, e, por derradeiro, um grupo de composições de Chopin.

A parte de piano dos «lieder» encontra-se a cargo do compositor Ruy Coelho.

JANTAR-CONCERTO

Realisa-se ámanhã, das 17 ás 19 horas, no Grande Hotel d'Inglaterra, o habitual jantar-concerto das quintas-feiras, tão frequentado pela nossa sociedade elegante.

SUFFRAGIOS

Suffragando a alma da sr.ª D. Beatriz Braga, celebrou-se hoje, pelas 11 horas da manhã, uma missa na egreja de S. Jorge de Arroyos.

A essa homenagem de saudade assistiram além da familia, as srs.as D. Maria Benedicta Villa, D. Virginia Augusta Santos, D. Eulalia da Silva Rego, D. Maria Gertrudes Rego, D. Maria Erminia Lencastre, D. Julia Alves Gomes, D. Maria da Annunciação Silva Rego, D. Virginia Fernandes, D. Maria Bertha Rego Loureiro, D. Amelia Santos, D. Beatriz Santos, D. Dinah Mousinho, D. Isilda Serra, D. Laura Carvalho, D. Laura da Costa Moreira Ferreira, D. Josephina Simões Rosa, D. Isabel da Conceição Silva, D. Virginia Braga, D. Josephina Simões Rego Junior, D. Eugenia, D. Palmira e D. Leonilda Martins, D. Maria Florindo Pacheco, D. Ermelinda Borges, D. Luiza de Mascarenhas. E os srs.: João Augusto Duarte de Souto, Custodio José Ferreira Junior, João Salles, Alfredo Rosa, J. Damião, Vasco da Camara Manuel, pelo sr. Sant'Anna Alves, etc.

NA LIGA NAVAL

Ao «tea»-concerto de hoje assistiram as sr.as:

D. Adalgiza Pereira de Mattos; D. Honorina Vaz; madame Camara Leme e filha; condessa de S. Miguel; D. Palmira Ximenes Telles; madame Ferreira de Mesquita; D. Carolina Paiva Couceiro, madame Morales de los Rios e filha; D. Maria Fernando de Menezes; D. Julia de Miranda e sobrinha; D. Maria Emilia Trigueiros Martel; D. Laura Serpa Pimentel e filha; D. Maria do Carmo Mimoso Alburquerque e filha; D. Palmira Castilho e filha; madame Paiva Raposo e filhas; D. Aida Ayres de Magalhães, etc. E os srs.: dr. João Barral, 1.º tenente da marinha ingleza Côrte Real, D. Jorge de Menezes, Ferreira de Mattos, dr. Camossa, Christovam Ayres (filho), conde de Paraty, conselheiro Fernando de Sousa, conselheiro Serpa Pimentel, tenente-coronel Vieira da Rocha.

LUTUOSA

Falleceu o sr. Henrique Botelho do Amaral, empregado da exploração do porto de Lisboa, realisando-se o funeral ámanhã, ás 15 horas, do hospital de S. José para o cemiterio oriental.

Ainda as apprehensões

O discurso do sr. dr. Pedro Martins no Senado

Tem sido largamente debatido, hontem e hoje, no parlamento, o caso do procedimento que as auctoridades tiveram perante os jornaes que transcreveram trechos do livro do sr. Pimenta de Castro. Já hontem apreciámos o incidente que se deu na Camara, mas, como o sr. dr. Pedro Martins largamente apreciou o mesmo assumpto na outra casa do Congresso, queremos frisar que s. ex.ª, tratando a questão com o maior desassombro, teve tambem a extrema correcção de salientar que não pedia a apprehensão de mais nenhum jornal além do que foi apprehendido. O sr. dr. Pedro Martins, pela parte que nos diz respeito, reconheceu que fizemos as transcripções no uso d'um inatacavel direito e folgou com que o nosso jornal não fosse apprehendido. As palavras do illustre senador são tanto mais dignas de referencia especial quanto é certo que, ouvindo-se os repetidos ápartes de alguns deputados, durante a discussão do incidente, na Camara, hontem e hoje, ficava-se com a impressão de que elles não estavam indignados por se ter apprehendido um jornal. Não! O que elles queriam, a todo o transe, é que fossem apprehendidos, pelo menos, dois. Tudo isso em nome, está bem de vêr, da sagrada liberdade de imprensa!

A febre typhoide

A excursão ao Porto

O «Primeiro de Janeiro», diario do Porto, publica hoje a seguinte carta, que não é, de molde algum, justificada no seu transparente exagero:

Recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor—No interesse da saude publica peço a publicação do seguinte

Aviso importante

Grassa a febre typhoide em Lisboa e, pelo que se vê, com caracter epidemico.

O Porto prepara-se para as festas de 31 de Janeiro, para as quaes se annuncia grande incursão de lisboetas.

Ora, sendo a febre tiphoide uma doença contagiosa, é mais que provavel a vehiculação, para aqui, do terrivel micróbio. Ahi fica o aviso.

O resto é com os depositarios dos sagrados papiros do poder e mando. — 25-1-916.—Roberto Frias.

A crise do papel

Vendedores de jornaes

Convidam-se todos os vendedores de jornaes quer sejam socios ou não da associação, a reunir pelas 14 horas de ámanhã, 27 do corrente, na rua dos Poyaes de S. Bento, 70, 1.º, a fim de tratar da questão dos jornaes e da elevação do seu preço.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34 1|4	34 1|8
Londres, 90 d|v	34 3|4	—
Paris, cheque	$75	$75,4
Allemanha, cheque	$26,5	$27,0
Hollanda, cheque	$64,5	$65,5
Madrid, cheque	1$39	1$40
Suissa, cheque	$85,5	$86,5
Italia, cheque	$65	$67
New York	1$46,5	1$48
Rios|Londres	11 7|16	—
Libras	7$02	7$09
Agio do ouro	51 °|°	57 °|°

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,10	39,00
» » 500$	39,10	39,05
» » 100$	—	39,25

Obrigações d'Estado: 3 0|0 1905, 9$50; 4 0|0 1888, 22$60; 4 1|2 1905, coup. 89$.

Externas: 1.ª serie 75$70 e 3.ª 77$.

Acções: Banco de Portugal 186$; Lisboa e Açores 125$; Ultramarino, assent. e coup. 129$; Assucar 45$80; Ilha do Principe 220$; C. Nacional dos Caminhos de Ferro 4$70; Tabacos, coup. 81$10; Agricultura Colonial 116$.

Obrigações: Ultramarino, hypothecarias, 93$50; Ambacas 93$90; Norte e Leste, 1.º grau, 78$; C. de Ferro de Bengella tit. 5, 79$50; Assucar 42$.

SPORT

Jiu-Jitsú, arte dos japonezes

Os fracos tornam-se fortes

Irving Hancock foi discipulo de Inouye San, professor da policia de Nagasaki

Temos estudado varios processos de gymnastica e de cultura phisica. Esse trabalho ainda está em principio porque o esboço da sua architectura geral comprehende a analyse de todos os systemas educativos, hygienicos, de «cultura» athletica e de sport. Vão desde os methodos de Ling aos de Hebert, de Demeny aos de Trial, de John aos de Schraebert. Faremos, segundo o nosso criterio pessoal de medico e de jornalista, a critica d'esses systemas. Ampliaremos o estudo com a informação do que fazem certos povos, e dos motivos que os levaram a dar preferencia a um ou outro systema.

Hoje, falaremos do «jiu-jutsu», arte maravilhosa dos japonezes, educativa e combativa, de que os lisboetas conhecem a invulgar efficacia com as demonstrações publicas dos profissionaes Sade Yeinishi (Raku), ha um anno fallecido no Japão; Yukio Tani, agora com uma escola em Londres ;Deko; e Kirano, morto o anno passado na praia de Santa Cruz. Servimo-nos dos ensinamentos colhidos no convivio d'esses profissionaes, um dos quaes foi nosso amigo, e do livro de Irving Hancock, que foi discipulo do mestre da policia de Nagasaki, de nome Inonye San.

Esses ensinamentos e essa leitura deunos a convicção de que o «jiu-jutsu», não é apenas um processo d'um fraco se defender d'um forte, mas um admiravel processo de cultura phisica, que torna maleavel a musculatura, que a torna forte e disciplinada e que pode fazer d'um forte um fraco e d'um inutil um athleta.

O «jiu-jutsu» pode considerar-se um methodo completo de gymnastica porque movimenta por egual todos os musculos e por consequencia dá um desenvolvimento egual e harmonico á ossatura ,uma mobilidade completa ás articulações e um perfeito equilibrio ao funccionamento thoraxico.

Hancock tornou-se um fanatico pelo «jiu-jutsu» por que o estudou com regularidade e com methodo, durante sete annos, no Japão. E os seus traductores, em lingua franceza, os officiaes de artilharia Pesseaud e Ferrus, tambem verificaram o seu excepcional merecimento quando o viram executar pelos povos orientaes e n'estes analysaram os beneficios da sua pratica.

Ferrus affirma que o «jiu-jutsu» não é «uma simples collecção de trucs de combate» mas «...na realidade, um methodo completo de educação phisica, que deve o seu apparecimento no estado social e particular do Japão». Esta ultima affirmativa de concludente convicção é completada com as seguintes e significativas palavras, que devem ser tidas na devida conta porque as profere um homem illustrado, que viu de perto, que estudou e praticou o «jiu-jutsu»:

«...Tem o merito de ser uma gymnastica capaz de dar ao homem o desenvolvimento mais harmonioso e o mais completo sob todos os pontos de vista que se imaginem...»

Estes historiadores do «jiu-jutsu» dizem que, no Japão, o seu curso dura quatro annos e que quando um europeu deseja frequental-o, lhe exigem uma prova de que é «egual de caracter». «Mesmo depois da admissão na Escola, se um homem branco demonstra impulsivismo ou facilidade de se «zangar», pedem-lhe muito delicadamente, que vá aprender fóra». Tudo isto, porque esta sciencia gymnastica e combativa «...deve ser abordada com circumspecção, porque comprehende, na applicação, um grande numero de golpes perigosos para os membros e para a vida».

Notas do dia

Explicações do Sport Lisboa e Bemfica

Nas vesperas do desafio,—que foi bastante discutido,—entre o Sporting Club de Portugal e o Sport Lisboa e Bemfica, a direcção d'esta ultima e importante aggremiação, enviou uma «nota official» á imprensa, dizendo que aguardavam para depois da realisação do desafio a explicação dos motivos que tinha para não desejar que o jogo se effectuasse no Stadium.

Effectivamente, temos em nosso poder um officio do Bemfica, pormenorisando com minucia certos factos já passados. E', porém, muito longa a exposição impossivel de transcrever na integra dada a escassez d'espaço de qualquer dos diarios lisbonenses. Na «Capital» occuparia perto de duas columnas! Mas, porque queremos mostrar ao Bemfica os desejos de dar ampla publicidade aos seus motivos de protesto e de explicações, vamos extratar o melhor possivel todos os argumentos d'esse officio, que vem assignado pelo secretario da direcção do popular e importante club.

—O Bemfica foi calumniado nos seus propositos sportivos e quer que o grande publico que lhe manifesta sympathia ouça as suas razões para ter «força para o defender é direito para o estimar.»

—O Bemfica não mandou vir o «team» de Barcelona em junho de 1915, para prejudicar o Sporting, mas elle é que foi prejudicado, porque o Sporting, para beneficiar a empreza do Stadium mandou vir o Vigo na mesma data e conseguiu beneficio de reclamo que o Barcelona não teve.

—O Bemfica não jogou com o Vigo porque este club gallego faltou aos seus compromissos tomados quando da sua visita á Galliza. Não o fez, como calumniosamente se diz, por menos consideração com o Sporting.

—O Bemfica declara inexacta a affirmativa que por Lisboa se faz, de que reclamou do Imperio uma elevada percentagem para jogar contra o Red Star.

—O Bemfica entende que deve haver consideração da parte dos outros clubs para os que mais trabalham e mais treinam e que com esse trabalho e treino obtiveram o favor publico.

—O Bemfica diz que o Stadium, aproveitando-se do nome do Sporting, o desconsiderou prejudicando-lhe a visita dos jogadores de Barcelona.

Foi este ultimo o motivo principal do incidente de ha dias, accrescido de que o Bemfica se via forçado, pelo arrendamento feito, á ultima hora, pelo Sporting, do campo do Stadium, a jogar o seu «match» do campeonato no mesmo Stadium. O officio termina dizendo que foi por attenção a um seu antigo consocio, ao publico e á direcção da Associação de Foot-ball que o Bemfica se apresentou em campo contra os campeões de Lisboa.

Algumas anedotas

Eram «cães» que não tinham crédores...

Na semana passada, á porta do Marinho, um notavel automobilista que é tambem um fanatico pelo hippismo e pela caça, contava n'uma roda d'amigos os progressos do seu «grupo de Santo Huberto». Ao lado estava um jornalista, que tem muito talento mas pouco dinheiro e cuja caracteristica é uma distracção permanente. E o «sportsman» dizia:

—«Somos cerca de 50 e já realisámos duas grandes «batidas»... Possuimos vinte «cães...»

Quando tal ouviu, o jornalista pareceu acordado d'um sonho e exclamou:

—«E os credores não os apoquentam? Que felizes que vocês são!...

—«Ora essa, os «cães» não são dos que pulgas.

—«Ah! são d'outros? Pois olhem, os meus não ladram menos...»

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Recreios Desportivos da Amadora

No primeiro domingo de fevereiro começam os treinos do grupo da Amadora no seu novo campo dos Recreios Desportivos, cuja vedação está completa em fins de fevereiro.

Domingo e segunda-feira, na séde dos Recreios realisam-se bellos espectaculos com «films» educativos, entre elles «Os perigos de Paulina».

Congresso de Educação Phisica

Reunem hoje, na séde do Gymnasio Club, os jornalistas sportivos lisbonenses, que vão tratar com a direcção do prestimoso club assumptos relativos ao proximo Congresso Nacional.

Grupo Sport Cruz Quebrada

Realisa-se no proximo dia 29 uma ceia de despedida ao socio Carlos Galvão, que parte para a Africa no dia 1 do proximo mez. A commissão organisadora pede a todos os consocios a fineza de se inscreverem na séde do club até sexta feira, 28 do corrente.

Patinagem

A Escola de Educação Physica, que é um dos nossos mais animados centros de patinagem, tem no proximo sabbado mais uma elegantissima festa. Uma commissão de frequentadores do seu «rink» promove para essa noite uma reunião particular de patinagem, seguida de baile. As admissões são feitas por bilhetes especiaes de convite, cuja distribuição já começou.

— Nos Recreios da Amadora ha sessões de patinagem nos dias 30 e 31, de tarde e á noite.

Gymnastica infantil

Os Desportos de Bemfica crearam recentemente, classes de gymnastica sueca para adultos e para creanças, que confiaram respectivamente aos conhecidos professores Arthur dos Santos e Levy Jenochio. Como a frequencia tem sido grande e os progressos dos alumnos teem sido evidentes, a direcção do club incluiu no programma de festas futuras uma destinada especialmente á apresentação da classe infantil. Será uma festa de boa propaganda.

Club União de Amigos

No proximo sabbado o grupo cyclista d'este club, composto pelos srs. Victor Braga, Sant'Anna Alves, Camara Manuel, João Sant'Anna Alves e N. N. partem em excursão para Beja. O itinerario é do Barreiro a Beja. Para aquella cidade parte em comboio o presidente da direcção d'este Club, sr. Mello Bandeira, que aguardará ali a chegada dos excursionistas. A partida é ás 8 horas e um quarto, da estação do Terreiro do Paço.

Subsidios a estudantes pobres

A direcção da Associação Escolar do Lyceu de Pedro Nunes, avisa todos os alumnos que careçam de subsidio dado pela Provedoria da Assistencia Publica por intermedio da Associação Escolar de que existem duas vagas para preencher o numero de subsidios, os quaes deverão ser entregues na séde da associação até ao dia 31 de janeiro e que os requerimentos feitos á junta, devem indicar nome, morada, filiação e edade do requerente, classe em que está matriculado e o nome e morada do encarregado de educação.

O requerente deve tambem apresentar um attestado da junta de parochia provando que é pobre.

O 31 de Janeiro

No Gremio Republicano Federal e nos Centros Republicano de Santos e 27 d'Abril

Commemorando a data de 31 de Janeiro e o 12.º anniversario da sua fundação, o Gremio Republicano Federal realisa na proxima segunda-feira, pelas 21 horas, nas salas da Associação do Registo Civil, no largo do Intendente, uma sessão solemne para a qual estão convidados o governo, camara municipal, directorio do Partido Republicano Portuguez e todas as demais collectividades filiadas n'este partido.

Farão uso da palavra os srs. drs. Magalhães Lima, Felix Motta, Daniel Rodrigues e Estevam de Vasconcellos e Agostinho Fortes, Eugenio Vieira, Carlos Simões Torres e Augusto José Vieira.

A sessão é abrilhantada pelo sextetto Mozart.

Para commemorar a data de 31 de Janeiro e a inauguração da nova séde, na rua de S. João da Matta, 16, 1.º, ha no Centro Republicano de Santos festas no domingo e segunda-feira, realisando-se no primeiro d'esses dias, de tarde, concerto pela banda da Associação Concentração 24 d'Agosto e ás 21 horas baile, e na segunda-feira, pelas 14 horas sessão solemne para que foram convidados os srs. dr. Magalhães Lima, dr. Vieira da Rocha, dr. Alvaro dos Santos, Felisberto Pedroso, Carvalho Araujo, Pires de Campos, e deputados pelo circulo, e ás 21 horas sarau dramatico e a segunda apresentação do orpheon infantil do Centro, composto de alumnas e alumnos das aulas do Centro.

Tambem o Centro Republicano Escolar 27 d'Abril resolveu commemorar a data de 31 de Janeiro com alvorada ás 6 horas e sessão solemne ás 21.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo Civil.—Realisa-se hoje, pelas 21 e meia horas, a sessão ordinaria conjuncta dos corpos gerentes da Associação em harmonia com o artigo 57.º dos estatutos e com a resolução tomada em 30 de dezembro ultimo.

Asylo de Santa Catharina.—Foi publicado o relatorio e contas, d'onde se vê que a direcção continúa empregando os seus melhores esforços por melhorar todo o regimen interno, a começar pela alimentação, que é hoje sadia e abundante, ao invez do que succedia no tempo da monarchia, em que era má e deficiente. O mesmo se dá com respeito a limpeza. O fundo permanente do Asylo de Orphãos Desvalidos da freguezia de Santa Catharina eleva-se actualmente a 240.265$00 em papeis de credito, sendo de 70 o numero de educandas internas e de 49 o de semi-internas.

Movimento maritimo

R. J. e R Prata, «Amiral Troude»(Hav)	27
Lon. «Cheny Castle» (d'Af. oriental)...	27
Col., M., etc. «C. Lop. y Lopez» (de L.)	28
R. J., Sant. e R. Prat. «Deseado»(de L.)	29

um transporte que estava fóra do arsenal. Finalmente, quando regressava, voltou ainda atraz para torpedear um transporte.

Essas incursões foram o inicio de um periodo de actividade dos submarinos no mar de Marmara, que continuou por muito tempo. A consternação em Constantinopla era grande, as communicações turcas por mar eram incessantemente interrompidas e a lista das perdas turcas entre Constantinopla e a peninsula de Gallipoli augmentava dia a dia.

A 27 d'abril, os aviadores inglezes avistaram um transporte turco de cêrca de 8.000 toneladas proximo dos estreitos, ao largo de Maidos. Avisado o «Queen Elisabeth», este disparou tres granadas, a terceira das quaes fez afundar o navio. Não se soube se elle transportava tropas. A armada bombardeou os fortes dos estreitos nos dias seguintes aos da batalha de desembarque.

O «Triumph» bombardeou Maidos por cima da peninsula a 29 d'abril e á noite a cidade estava em chammas.

Dois dias depois da batalha, que terminou, como já dissemos, a 28 d'abril, as tropas na linha de Krithia estavam relativamente socegadas, embora muito occupadas. Haviam perdido em parte a sua formação normal durante a phase final da batalha. Algumas das unidades da 86.ª e da 88.ª brigada haviam-se misturado, especialmente nos pontos de contacto.

Durante todo o dia 29 o trabalho de fortificar e fortalecer o linha continuou e embora se trocassem alguns tiros d'artilharia e de fuzilaria o inimigo não se mostrou muito aggressivo.

No dia 30, continuou o mesmo trabalho. Os alliados terminaram o desembarque da artilharia e os francezes, que augmentavam em numero, occuparam uma linha mais extensa. Mais dois batalhões da Real Divisão Naval desembarcaram e ficaram temporariamente de reserva com tres batalhões da 88.ª brigada, que retiraram das trincheiras.

A 1 de maio chegou a brigada de infantaria india e ficou de reserva, voltando os tres batalhões da 88.ª brigada a tomarem o seu logar na fronte.

A primeira batalha de Krithia começou ás 10 horas da noite de 1 de maio e não era esperada pelos inglezes. Apoz um bombardeamento que durou uma meia hora, os turcos avançaram em tres fortes linhas, exactamente antes de nascer a lua. Tinham-se preparado bem sob a direcção de officiaes allemães. Os que marchavam na frente não levavam cartuchos, a fim de os obrigarem a só contar com a bayoneta. Ordem havia sido dada aos turcos para avançarem de rastos até chegar o momento de carregar.

O primeiro embate deu-se perto do centro da linha ingleza, á direita da 86.ª brigada. Foi terrivel, sendo quasi todos os officiaes mortos ou feridos. Os soldados foram apanhados de surpreza devido ao silencioso avanço turco e o inimigo conseguiu arranjar uma abertura nas trincheiras, carregando á bayoneta. A situação era critica. O 5.º de Reaes Escocezes, o bravo batalhão territorial que fazia parte da 88.ª brigada que estava contiguo, fez frente ao flanco esquerdo turco e carregou os intrusos impetuosamente, á bayoneta.

O regimento de Essex, pertencente á mesma brigada, foi egualmente mandado carregar, tapando-se assim a abertura feita. O ataque contra o resto da linha ingleza não foi dado com o mesmo vigor e o general Hunter-Weston não precisou lançar mão das suas reservas.

Mas a esquerda franceza, que se seguia á direita da 88.ª brigada, d'ahi a pouco via-se em sérias difficuldades. Compunha-se d'uma força de senegalezes, detraz da qual estavam duas brigadas inglezas d'artilharia de campanha e uma de artilharia pezada. Os turcos atacaram os senegalezes com grande violencia e apoz uma lucta terrivel os africanos começaram a perder terreno.

O luar mostrou o que se estava passando e uma companhia do 4.º de Worcesters, pertencente á 88.ª brigada, foi em auxilio dos senegalezes,

talha de desembarque. O grande ataque foi dado e embora kilometro e meio de terreno fôsse ganho na maior parte da fronte, falhou quanto ao seu objectivo principal.

A linha avançou ás 8 horas da manhã. A 29.ª divisão recebera ordem para avançar sobre Krithia, indo na frente a sua brigada esquerda, a 87.ª. Os francezes deviam estender a sua esquerda em concordancia com o movimento dos inglezes, mas não deviam avançar além do rio Kereves Dere. Krithia era o principal objectivo e da aldeia esperava-se que seriam alcançadas as encostas occidentaes de Achi Baba.

A 87.ª brigada comprehendia o batalhão Drake, da Real Divisão Naval, que fôra substituir os Fronteiriços Escocezes do Rei e os Fronteiriços da Gales do Sul.

A brigada avançou rapidamente durante trez kilometros, mas depois o 1.º regimento de Fronteiriços encontrou no flanco esquerdo uma forte obra de defeza do inimigo. O batalhão parou e preparou-se para o ataque, mas antes d'elle avançar os turcos deram um violento contra-ataque. O inimigo foi repellido, mas conseguira o seu fim, porque o avanço parára n'esse ponto.

O «Queen Elisabeth» veiu em auxilio dos homens do Regimento de Fronteiriços e as suas granadas impediram os turcos de alcançar maior exito, mas o regimento inglez não poude continuar a avançar.

Os homens entrincheiraram-se para passar a noite onde estavam. O regimento do 1.º de Reaes Fuzileiros de Inniskilling, á direita do regimento de Fronteiriços, chegou a um ponto a cerca de mil e duzentos metros de Krithia, mas não poude continuar a avançar e teve de recuar.

A 88.ª brigada, mais á direita, tinha avançado audaciosamente até ás 11 horas e meia da manhã, quando se viu forçada a parar perante a resistencia que encontrou. Estavam-lhe tambem faltando as munições e a situação tornava-se critica. Ambas as brigadas que iam na frente da 29.ª divisão estavam estacionarias.

A 86.ª brigada, sob o commando do tenente coronel Casson, ficára de reserva. Recebeu ordem para passar por entre a 88.ª brigada e fazer todos os esforços para chegar a Krithia. O novo ataque foi dado á 1 hora da tarde, mas pouco avançou. Algumas forças conseguiram ainda abrir caminho e chegar a poucas centenas de metros da aldeia. O grosso, porém, da brigada não poude avançar além da linha occupada pela 88.ª. Os francezes tiveram a mesma sorte. Haviam chegado á encosta occidental do valle de Kereves, mas encontraram postado alli o inimigo em grande força. A sua esquerda, em contacto com a 88.ª brigada, conseguiu avançar pela direita e dentro em pouco tempo estavam a kilometro e meio de Krithia.

Mas não puderam avançar mais. A resistencia turca augmentou e mais tarde, n'esse mesmo dia, os francezes foram obrigados a recuar.

Pelas 2 horas da tarde viu-se que os objectivos que os alliados se propunham não poderiam ser conseguidos n'esse dia. Todas as tropas disponiveis, com excepção apenas do batalhão Drake da Real Divisão Naval, estavam então na linha de fogo. Sir Ian Hamilton escreveu no seu relatorio:

«Os homens estavam exhaustos e os poucos canhões a esse tempo desembarcados não podiam dar-lhes apoio efficaz de fogo d'artilharia. A pequena quantidade de transportes não era sufficiente para assegurar o abastecimento de munições e os cartuchos estavam faltando apesar de todos os esforços para os levar dos logares de desembarque».

Esperava-se pelo menos manter o terreno ganho, mas até mesmo isso foi impossivel quando uma hora mais tarde grandes massas turcas avançaram á bayoneta contra o centro e a direita inglezes e contra os francezes. Deu-se uma retirada parcial e durante algum tempo pareceu que a linha ia ser rôta no ponto de juncção entre inglezes e francezes.

O flanco direito da 88.ª brigada estava a descoberto, pelo que o 4.º de Worcesters teve grandes perdas. Os francezes foram tambem obrigados a recuar, como dissemos, e as suas perdas foram grandes, especialmente entre os seus bravos officiaes. A's seis horas toda a linha recebeu ordem para se entrincheirar e esforçar-se por se manter onde estava. Assim se fez com exito e tendo os invasores tido uma pausa, a batalha de desembarque terminou.

Apesar do objectivo de sir Ian Hamilton não ter sido conseguido por completo, póde dizer-se que o dia não foi perdido. As forças atacantes ganharam kilometro e meio de frente e nunca mais, durante os mezes de lucta que se seguiram, os alliados ganharam tanto terreno n'um só dia. Sir Ian Hamilton, resumindo os resultados da lucta do ultimo dia, escreveu:

«Se tivesse sido possivel fazer avançar reforços em homens, artilharia e munições durante o dia, Krithia teria cahido e a lucta que se deu depois para a sua tomada teria sido evitada.

Dois dias depois teria podido tental-o, mas eu tinha a certeza de que o inimigo, a esse tempo, havia já recebido grande copia de reforços. Levantava-se na minha frente o problema de arrostar o perigo e embora o resultado não fôsse o que eu esperava não tenho motivos para crêr que qualquer hesitação ou demora servisse melhor o fim que me propunha.»

Disse-se mais tarde, com verdade, que homens, artilharia e munições de que se necessitava em frente de Krithia estavam a esse tempo em Anzac. Se sir Ian Hamilton tivesse podido trazer os australianos e neo-zelandezes para oppôr aos turcos no sul, em vez da exhausta 29.ª divisão, poderia talvez ter entrado em Krithia na noite de 28 d'abril e vêr Achi Baba occupado pelas suas tropas ao nascer do sol da manhã seguinte.

A batalha de desembarque conseguiu o seu objectivo inicial, porque o desembarque effectuára-se. Falhou quanto aos outros objectivos, que eram: effectuar a juncção dos australianos e neo-zelandezes com os contingentes do sul, tomar Krithia e Achi Baba e avançar sobre Maidos e os estreitos. O primeiro motivo do não conseguimento foi o dos alliados terem atacado em força insufficiente. O segundo foi o das forças disponiveis terem sido dispersas.

Além d'estes, houve um outro motivo: o da falta de conhecimentos topograhicos d'uma peninsula que durante seculos fôra objecto de fundo interesse de ardentes soldados e especialmente de soldados inglezes. A todos esses motivos póde accrescentar-se o ter-se a principio confiado unica e simplesmente no poder da força naval.

As perdas totaes da batalha de desembarque não foram discriminadas, mas póde asseverar-se terem sido superiores a 10.000 homens, não incluindo as dos francezes, que foram egualmente grandes.

Uma das causas por que sir Ian Hamilton se viu privado de lançar mão das reservas no dia 28 d'abril foi o ter sido obrigado a enviar auxilio ao general Birdwood, a quem foram mandados como reforço quatro batalhões da Real Divisão Naval. Os batalhões de marinha de Chatham e Portsmouth, juntamente com a brigada do quartel general, sob o commando do brigadeiro general C. N. Frotman, desembarcaram proximo de Gaba Tepe ás 5 horas da manhã de 28 d'abril.

Foram addidos á divisão australiana commandada pelo major-general sir W. F. Bridges e, juntos avançaram para as encostas, a fim de prestar auxilio a algumas unidades australianas. Os australianos e neo-zelandezes não haviam conseguido o seu objectivo. As linhas turcas haviam-se aproximado a pouca distancia em varios pontos e mantinham um fogo incessante de dia e de noite contra as trincheiras occupadas por estas unidades.

Uma companhia de secção do Maxims da Real Divisão Naval desembarcou na manhã seguinte e ficou de reserva. Outro batalhão de marinha e o batalhão Nelson da Real Divisão Naval desembarcaram tambem a 29 d'abril, sob o commando do brigadeiro-general David Mercer.

Os australianos, assim reforçados, puderam reconquistar um pouco de terreno que haviam perdido e reorganisar as suas dispersas unidades. Os recem-chegados em breve viram que a artilharia turca atirava bem e o constante explodir de granadas causava grandes perdas. Por diversas vezes n'esse periodo os turcos deram pequenos ataques e a 30 de abril apoderaram-se d'uma pequena secção da trincheira de frente occupada pelo batalhão Chatham, que foi reconquistada na noite seguinte.

Ao cabo de trez dias e quatro noites d'um trabalho violento, os batalhões inglezes foram rendidos por uma brigada australiana sob o commando do birgadeiro general Walker.

Um dos objectivos dos alliados n'aquella conjunctura era impedir que os turcos que estavam na peninsula de Gallipoli recebessem reforços e mantimentos. As communicações do inimigo por terra eram difficeis. O caminho de ferro mais proximo era o da Thracia e a unica estrada aproveitavel que penetrava na peninsula podia ser bombardeada nas linhas de Bulair.

Sabia-se que homens e mantimentos estavam sendo enviados para Gallipoli principalmente por transportes pelo mar de Marmara. O almirante de Robeck resolveu, por isso, tentar impedir as communicações por mar por meio de submarinos. A tentativa foi coroada de exito desde principio, embora no começo se perdesse um submarino. O «A E 2», da armada australiana, commandado pelo tenente Henry Hugh Gordon Dacre Stoker, afundou-se a 30 d'abril quando tentava penetrar no mar de Marmara. O tenente Stoker, o tenente Geoffrey Arthur Gordon Haggard, o tenente John Pitt Cary e dezesete homens foram feitos prisioneiros e doze homens foram perdidos.

O submarino «E 14», commandado pelo tenente Edward Courtney Boyle, teve mais sorte. Passou os campos de minas dos estreitos a 27 d'abril, metendo a pique um torpedeiro turco, permaneceu nas aguas inimigas até 18 de maio e tornou a atravessar os Dardanellos com o melhor exito. Metteu a pique um transporte a 29 d'abril, um torpedeiro no dia 3 de maio, um grande transporte carregado de tropas no dia 10 e obrigou um pequeno paquete a encalhar no dia 13. O submarino percorreu todo o mar de Marmara até á entrada do Bosphoro.

Mohamed Bey Farid

O submarino «E 11», commandado pelo tenente Martin E. Nasmith, executou egualmente brilhantes façanhas no mar de Marmara n'esse mesmo mez. Metteu a pique um navio que levava uma grande carga de munições d'artilharia e um canhão de 6 pollegadas. Deu caça a um navio cheio de provisões e torpedeou-o proximo de Rodosto. Depois deu caça e fez encalhar um navio mais pequeno de reabastecimento. Animado por esse successos, penetrou no Corno d'Ouro e torpedeou

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1967—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 27 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2233—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A FOME

Só quem quizer fechar os olhos e tapar os ouvidos é que poderá negar a evidencia d'este facto tremendo: a questão das subsistencias entrou n'um periodo que não podemos denominar agudo, porque agudo é elle já ha muito tempo, mas verdadeiramente angustioso, creando uma situação que só pode levar ao desespero.

Os generos alimenticios não estão só por um preço fabuloso como começam a faltar. Em Lisboa, dentro de poucos dias não haverá carne para o consumo, e na provincia falta o trigo, falta o milho, o que mesmo é dizer que falta já o pão.

Ha perto de anno e meio que dura a guerra, e logo desde o primeiro dia as subsistencias encareceram extraordinariamente. Esse aggravamento de preços tem-se ido desenvolvendo, a ponto tal que o que admira é que as classes pobres ainda tenham conseguido viver até agora.

Por isso mesmo não surprehende que estejamos chegando ao começo do fim. Os pobres estão miseraveis, os remediados estão pobres. E ainda por cima os generos faltam.

Ha um mez, principalmente, a situação tem-se aggravado da maneira mais alarmante. Não tem querido a imprensa pôr em destaque essa situação, movida pela idéa de não complicar a questão. Mas não se pode eximir a noticiar o que se passa, e embora relegando esse noticiario, para a sua terceira pagina, os orgãos de maior informação não deixam de o publicar, e basta a narração dos factos, por mais succinta e apagada, para significar a gravidade extrema do actual estado de coisas.

Assim, para o norte tem-se succedido assaltos a depositos de generos, a estações de caminhos de ferro, d'onde são arrebatadas as saccas de cereaes, em transito, e dividido o seu conteudo pelas populações esfomeadas. Do norte, esse movimento expontaneo das necessidades populares tem-se alargado aos outros pontos do paiz. Agora pode dizer-se que é toda a provincia, a ulular a sua miseria, a clamar que tem fome, e a apoderar-se dos generos que são indispensaveis á sua vida embora assim attente contra o direito de propriedade.

Ainda hoje, o «Seculo» traz uma columna em typo miudo narrando factos que se referem á crise das subsistencias. Em Villa Velha de Rodam o centeio já escasseia tanto que é vendido a 96 centavos os 15 kilos. Em Aljustrel vae-se fazer um comicio por causa da carestia da vida. No Algarve, a fabrica de moagens de Faro e a de S. Braz de Alportel estão paralisadas devido á falta de trigo. No Crato, a camara municipal trata da pessima farinha fornecida pela fabrica d'aquella villa, na presença d'uma multidão sobreexcitada. Em Odemira houve um comicio, motivado pela escassez das subsistencias. Em Ponte de Sôr as ruas estão policiadas, para evitar excessos populares. Em Torres Novas não existem tabellas, vendendo cada qual pelo preço que quer. No Sardoal, mais de 600 homens protestam junto do administrador contra a carestia dos generos. Em Reguengos, o povo, alarmado, impede a sahida de trigos. Em Mação ha uma gréve de trabalhadores ruraes motivada pela sua miseria crescente. Em Tortozendo, os sinos tocam a rebate, o povo percorre as ruas gritando: «Temos fome!» arromba as portas da estação do caminho de ferro, apodera-se de saccos de milho e de bagaço. Em Gouveia, a agitação popular é intensa, tendo a multidão impedido a sahida de alguns carros de milho.

E' este o estendal da miseria publica, é este o rol da fome em Portugal, dando origem a scenas de violencias que já teem collocado, e certamente tornarão a collocar, em frente, uma da outra, a força armada executando a sua obra de repressão, e a força popular executando a sua rebeldia, provocada pelo instincto mais poderoso da humanidade, que é o da conservação da vida.

Tudo reclama medidas mais do que necessarias, mais do que urgentes: immediatas. E no parlamento portuguez, emquanto o povo tem fome, e no horisonte se desenha a perspectiva de dias de sangue e luto,—discute-se, aos berros, se os jornaes para defender o regimen, podem ou não fazer transcripções d'um folheto idiota, que só compromette o seu auctor, authentico inimigo da Republica!

Declarações d'um senador

Do senador sr. Faustino da Fonseca, recebemos a seguinte carta:

Sr. director de «A Capital», e meu prezado collega—Evito o mais que posso esclarecer referencias a actos politicos meus, pelo escrupulo de, como velho jornalista, temer tornar-me impertinente.

Na sua nota de hontem do meu discurso no Senado faltam, porém, assumptos essenciaes, que não desejo que o publico ignore.

Reclamei a revisão do codigo administrativo no sentido de impôr ás camaras municipaes o cumprimento dos seus deveres, e salientei a sua obrigação de, como administradoras dos mercados, regularem a questão das subsistencias, da sua tradição e do seu inadiavel dever.

Repeti que a camara de Lisboa deve municipalisar a venda da carne e facultar ao publico o accesso directo ao mercado do peixe.

Em Lisboa é tudo caro e mau: o alimento, a agua, a luz, a viação. Desculpe tomar-lhe tempo, mas julgo de inadiavel necessidade a discussão e a resolução d'estes assumptos fundamentaes, sempre esquecidos, embora sobeje tempo e espaço para toda a casta de insignificancias.

Reclamei para Angra do Heroismo a justa classificação do districto, pela necessidade de manter o prestigio do poder central na séde de incomparaveis tradições que é a Ilha Terceira. Rapidamente me referi á descoberta portugueza da America, anterior á viagem de Colombo, realisada por navegadores da Ilha Terceira. Como me fosse indicado o exiguo valor economico de Angra, respondi que se arruinam as terras que resistem, e progridem os que facilmente se accommodam. Como a Belgica e a Servia foi a Ilha Terceira devastada pela guerra com o estrangeiro e pelas luctas civis. Quando evocava a bravura dos voluntarios do Mindello respondi a um aparte garantindo o exacto conhecimento d'essa incomparavel historia, pois que além de ser a da minha terra tambem fôra a dos meus. Havendo na Ilha Terceira a séde de um bispado em torno do qual se reunem ainda os representantes do absolutismo, devem possuir o necessario prestigio, inherente á justa classificação do districto, os representantes da Republica, legitima herdeira da tradição liberal d'essa adoravel e gloriosa terra.— Saude e Fraternidade. —Collega e admirador—Faustino da Fonseca.

PORTUGUEZES ILLUSTRES

Almeida Garrett e a Bazilica da Estrella

Sr. Manuel Guimarães—Desculpe v. se volto a importunal-o com esta minha mania d'agente de funeraes; mas é possivel que, se v. der guarida á mais esta carta, fique solucionado um assumpto que ameaça eternisar-se.

Trata-se do visconde d'Almeida Garrett, cujos restos estão depositados no convento dos Jeronymos, mas que ali não poderão ficar por não serem do cyclo da India.

Já vimos que egual fatalidade aconteceu ao Marquez de Pombal, o qual, no entanto, não perdeu com a troca, visto a «Capital» lhe ter arranjado um pantheon especial.

Tratemos pois d'Almeida Garrett, que, tendo nascido em 1799, n'esse mesmo anno lhe começou a ser erigido um magnifico pantheon, onde, não só elle, mas todos os grandes portuguezes, que não pertencem ao cyclo das Indias, podem encontrar condigna jazida. Foi, segundo a descripção a que me reporto, em 1799 que se lançou a primeira pedra da Basilica da Estrella, e, é n'ella que eu collocaria o pantheon dos portuguezes contemporaneos dignos d'essa honra, porque é a Basilica da Estrella a mais elegante e mais apropriada construcção de Lisboa para tal fim.

Deixemos pois á historia as obras de Santa Engracia, que nunca poderão acabar-se capazmente, e não esperdicemos um monumento que merece melhor applicação do que a que hoje tem, pois que egrejas não faltam em Lisboa, antes as ha demais, para obstarem á realisação de muitos melhoramentos que, sem ellas, mais facilmente se effectuariam.

Agradecendo a publicação d'esta, creia-me de v. etc.—João de Deus Pires.

Ainda a proposito dos restos do grande estadista Marquez de Pombal recebemos a seguinte carta:

Sr. director de «A Capital»—Deve-se ao seu jornal o ter-se chegado ao feliz resultado de dar o grande Marquez de Pombal uma ultima morada condigna do seu valor historico, conforme muito bem diz o sr. João de Deus Pires n'uma carta que «A Capital» publicou na terça-feira.

Oxalá que entraves identicos aos acontecidos com os projectos de monumento áquelle estadista não reduzam a zero as esperanças dos admiradores do grande Marquez.

Que «A Capital», que defendeu a idéa do sarcophago, tome a peito tambem a defeza da prompta execução do monumento, seja qual fôr, desde que seja digno, são os votos de—Armando de Vasconcellos Massano.

UM DIA AGITADO NO MATADOURO

Lisboa sem carne

Os marchantes decidem não comprar mais gado bovino aos preços actuaes

Pois, senhores, aqui estamos em frente de um novo paradoxo n'esta epocha de surprezas e anomalias: o Matadouro nadou hoje positivamente em sangue, fez-se a maior matança de bois de que ha memoria, e comtudo Lisboa está ameaçada de não ter carne. Calculem os leitores! Matam-se ali, diariamente, 70 bois em média, e só nos dias grandes, como por exemplo, em sexta-feira de Paixão, esse numero ascende a 160 ou 180. Muito bem: pois hoje nada menos de 232 cabeças de gado bovino tombaram sob a choupa dos magarefes. E amanhã? Não se mata. E depois? E no dia seguinte? Lisboa ficará sem carne, a menos que... Mas contemos a historia desde o principio, summariamente.

Os marchantes adquirem o gado aos lavradores por um preço tal que lhes é impossivel sem pesadissimos sacrificios vender a carne ao publico pelos preços indicados na tabella official. Ultimamente, o preço do gado tem attingido 7 a 8$000 réis a arroba, e n'essas condições, todos os talhos teem vendido com manifesto prejuizo. Reuniram, discutiram, convenceram-se de que a situação era insustentavel, e accordaram em combinar que de hoje para o futuro não pagariam o gado ao lavrador por mais de 5$700 réis a arroba, preço que reputam largamente remunerador para os creadores e intermediarios. E como quem quer, com energica decisão, separar-se inteiramente do passado, decidiram mais, abater hoje mesmo todo o gado existente, o que simplifica brutalmente a solução do problema.

Ora o lavrador vende caro porque na realidade tem muito para onde vender. Em primeiro logar, a concorrencia que fazem os proprios marchantes entre si, e que, com a decisão tomada agora se annula por completo, visto haver entre todos, ao que parece, inteira solidariedade. Depois, o contrabando de gados para Hespanha. E' inacreditavel o numero de cabeças que passam constantemente á fronteira, quer illudindo a vigilancia da guarda fiscal, quer sophismando as disposições legaes que a tal respeito vigoram. Tal lavrador, que possue propriedades em Hespanha, consegue uma guia de pastos para 300 bois, e d'ahi a dias, quando volta o gado, a guia traz uma nota dizendo que morreram por lá duzentos... Accresce ainda a sangria constante do reabastecimento de Gibraltar, que devia absorver-nos dez bois diarios, mas que na realidade nos leva muito mais do que isso, servindo ainda porventura de pretexto para a conclusão de negocios feitos á sombra de tal accordo.

Em taes condições, os marchantes só vêem solução para o caso em uma medida governativa rapidamente tomada no sentido de tornar efficaz a vigilancia das fronteiras, para que os lavradores se vejam forçados a moderar as suas ambições. Evidentemente, desde que uma entidade apenas — que pode muito bem ser a Camara Municipal, se resolva adquirir o gado necessario ao abastecimento de Lisboa, distribuindo-o depois pelos diversos marchantes, a especulação sobre a venda dos bois tem fatalmente que terminar.

Em resumo: a hecatombe foi hoje tremenda no Matadouro. Os pobres empregados não tiveram um minuto de descanço. Repousarão amanhã, e depois e por tanto tempo ainda quanto aos lavradores fôr necessario para se convencerem de que não é precisamente uma epocha de miseria que devem escolher para a realisação de extraordinarios lucros.

Portugal e Brazil

A proposito d'um gesto do finado embaixador sr. Regis de Oliveira

Do sr. A. Rigaud Nogueira, cidadão brazileiro, engenheiro civil, residente no Porto, recebemos a seguinte carta:

Sr. director de «A Capital»: — Leitor assiduo do seu estimado diario, o melhor jornal da tarde que se publica em Portugal, vi com certa estranheza algumas noticias que vieram a lume primeiramente publicadas por alguns jornaes contrarios ao regimen republicano e depois transcriptas pela «Capital», e referentes ao fallecido embaixador brazileiro o sr. dr. Regis d'Oliveira.

Trata-se do procedimento do representante do meu paiz para com os culpados da dictadura Pimenta de Castro, que pediram a protecção e o abrigo das legações estrangeiras, durante a revolução que restabeleceu a ordem e a lei na Republica Portugueza.

Sem querer entrar em apreciações sobre esse procedimento, que deixo á consciencia de quem leu a inconveniente noticia, estando apenas convencido de que o representante do meu paiz daria egual abrigo ás victimas da atroz perseguição dictatorial, se ellos se lhe dirigissem pedindo a sua protecção, peço, porém, licença á illustre redacção de «A Capital» para enviar uma ligeira rectificação a umas observações que sobre o assumpto faz, comparando este facto com o que se passou na revolta, de tristissima memoria, de Custodio de Mello, em 1893, no Rio de Janeiro.

E' facto que então os que lá attentaram contra as leis e a segurança da Republica apellaram, como os de cá, para a protecção dos representantes estrangeiros, recebendo uma negativa de todos os commandantes das respectivas esquadras, offerecendo-se apenas o official portuguez sr. Augusto de Castilho, sempre muito intimo dos revoltosos, a recebel-os sob a protecção da bandeira portugueza. Não foi, porém, isso, como dá a entender «A Capital» que motivou o rompimento das relações diplomaticas entre as duas nações irmãs. Esse facto deve-se exclusivamente a uma falta gravissima commettida pelo almirante portuguez.

O sr. Augusto de Castilho, depois de acolher a bordo do seu navio os revoltosos que tinham sido a causa da morte selvagem de tanto milhares de brazileiros, comprometteu-se sob sua palavra de honra a trazel-os directamente a Portugal, condição sem a qual o bravo marechal Floriano Peixoto não deixaria sahir a barra o mesmo navio. Esquecendo-se da palavra de honra que havia dado, o sr. Augusto de Castilho tomou outro rumo e foi desembarcar alguns dos mais importantes na Argentina, de onde elles se passaram de novo ao Brazil, levando outra vez a guerra e a morte aos brazileiros que heroicamente se batiam em defeza da santa causa da Patria e da Republica.

E lá morreu, no Rio Grande do Sul, o mais perverso de todos, Saldanha da Gama, o heroe dos morticinios da Ilha do Governador e da Ponta da Armação, onde a mocidade academica se batia como leões e morria como valentes.

Ahi tem «A Capital» o motivo do facto de tão triste recordação que empanou por alguns momentos a grande e sincera amizade que nunca mais deve desapparecer entre as duas Republicas irmãs. Agradecendo a publicação d'esta carta, sou com a maior estima e consideração

Seu assiduo leitor e admirador—A. Rigaud Nogueira.

Conheciamos os pormenores do caso em que Augusto de Castilho desempenhou tão importante papel, mas não os recordámos para evitar, precisamente, que se suppuzesse nosso proposito pôr ainda em maior evidencia certas approximações e semelhanças. Convem distinguir, já agora, visto o sr. engenheiro Rigaud Nogueira ter chamado, de novo, a nossa attenção para o assumpto, entre o patrocinio dispensado, por exemplo, aos que em 14 de maio se acolheram sob a bandeira do Brazil, com o pretexto, que não discutimos, de se furtarem a excessos revolucionarios, e o que se dispensou ao tenente Henrique Constancio, o cabecilha de Mafra. Ninguem ainda esqueceu o procedimento d'esse ex-official do exercito que, tendo-se posto á frente d'um grupo de militares e civis, com armas na mão, veiu para a rua soltar vivas á monarchia e morras á guerra, decidido a mudar as instituições, mas que, ao primeiro movimento das tropas fieis e do povo republicano, abandonou a sua gente e foi refugiar-se na embaixada brazileira... Quem estava então no governo? O sr. dr. Bernardino Machado, antigo embaixador de Portugal, os srs. Almeida Lima, Santos Lucas, Freire de Andrade, pessoas pacificas e que ninguem ousaria suppôr sanguinarias... Não queremos comparar os revoltosos brazileiros que se bateram valentemente e insistiram, mais tarde, na sua aventura, com o ex-tenente Constancio que se escapou, como um gamo, antes mesmo de liquidada a miseravel tentativa de 20 de outubro. Não comparamos. A «Capital» apenas reproduziu a revelação do «Dia» e relembrou que esteve imminente um rompimento de relações entre o Brazil e Portugal por causa do gesto de Augusto de Castilho, o que não succedeu quando do caso de Mafra, fructo de novas conspirações monarchicas —cujos agentes, na perspectiva do malogro, parece terem contado sempre—e não se illudiam—com a larga generosidade do saudoso representante da grande republica sul-americana. Essa constante protecção, inspirada, sem duvida, nos mais nobres sentimentos humanitarios, nunca foi interpretada pelo governo portuguez por forma que d'ahi resultasse sequer frieza de relações. Tantos e tão fortes são os laços de affecto que prendem Portugal ao Brazil!

PORTUGAL E HESPANHA

O programma de recepção

aos delegados das aggremiações commerciaes já está elaborado

Vão muito adeantados os preparativos para a recepção aos delegados das corporações commerciaes e industriaes hespanholas, que, em meados do proximo mez visitam a cidade de Lisboa.

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes resolveu offerecer um passe valido por 15 dias, em todas as suas linhas, a cada um dos representantes das camaras de commercio ou sindicatos do paiz visinho, fazendo tambem uma reducção de 60 por cento nas passagens das pessoas que os acompanhem.

O programma, na parte já elaborada e assente definitivamente é o seguinte:

Recepção na séde da Associação Commercial de Lisboa;

Visita ao porto, embarque em Santos, com visita aos armazens de tabacos e assucares; desembarque no caes dos Soldados, com visita aos entrepostos de cacau, café e borracha, jantar a bordo, offerecido pela Exploração do Porto;

Sessão solemne organisada pela União da Agricultura, Commercio e Industria, sob a presidencia do seu presidente honorario, sr. dr. Bernardino Machado, na sala do Tribunal do Commercio;

Visita ao Muzeu Colonial e recepção á noite na séde da Sociedade de Geographia;

Visita a bancos, escriptorios e armazens de exportadores;

Conferencia na séde da União Colonial e visita ás companhias coloniaes;

Visita ao Instituto Superior do Commercio;

Banquete offerecido pela municipalidade;

Visita ao Instituto Superior technico;

Parada agricola na Tapada d'Ajuda, promovida pelo Instituto Superior de Agronomia;

Visita ás escolas commerciaes e industriaes;

Inauguração da aula de hespanhol na Academia de Commercio e Exportação;

Recepção no palacio da Presidencia da Republica;

Recepção no ministerio do Fomento;

Banquete offerecido pela Associação Commercial de Lisboa;

Recepção no Senado Universitario e visita ao Muzeu de Historia Natural e jardim Botanico;

Visita aos muzeus de Arte Antiga e Coches;

Recepção offerecida pela missão hespanhola, na Associação Commercial, a todos os que desejem tratar de assumptos commerciaes;

Excursão e almoço em Cintra, offerecido pela Sociedade Propaganda de Portugal;

Garden-Party offerecido pela Empreza Estoril;

Nas visitas aos centros productores, entrepostos e outros, a missão será acompanhada por entidades que farão conferencias e prelecções elucidativas, as quaes devem ser reunidas em volume, de que se fará uma larga distribuição.

Consta que, além do referido programma, se pensa em offerecer á missão hespanhola uma excursão ao centro do paiz, a fim de que os nossos hospedes possam visitar Coimbra e a Figueira.

UM NOVO CINEMA

O antigo theatro da Rua dos Condes

vae ser transformado no mais elegante salão animatographico de Lisboa

O theatro da Rua dos Condes rompe com as suas velhas tradições. Divorcia-se da revista popular, dos numeros picantes, das celebridades de café-concerto e vae, sob a intelligente direcção de uma nova empreza, explorar o «film»; não o «film» banal desempenhado por ignorados artistas, mas o «film» de arte emocionante de verdade e perfeitissimo de execução, porque não ha duvida que n'este recente ramo de actividade humana realisam-se hoje em dia verdadeiros prodigios. São precisamente as maravilhas do animatographo que o «écran» da Rua dos Condes vae começar a exhibir dentro de breves dias, visto que, segundo nos informam, acaba de ser assignado o contracto que garante á empreza a quintessencia da producção estrangeira na arte cinematographica, os primores do «film», nas suas mais requintadas e elevadas manifestações. E a prova é que, para estreia do novo cinema, foi já comprada uma das mais bellas fitas que ultimamente se teem conseguido: «A guarda de Sua Magestade», drama de aventura, de amor, de ternura e de paixão, inspirado na recente historia politica de um reino da Europa, de onde foi arrancado um dos mais emocionantes episodios que a imaginação poderia conceber.

A data da inauguração, que deve realisar-se nos primeiros dias do proximo mez de fevereiro, não está comtudo ainda fixada.

Poeira da Arcada

Um lente da Escola Medica do Porto, o dr. Roberto Frias, publicou no «Primeiro de Janeiro» uma carta, denunciando o perigo que representa a excursão que de Lisboa vae áquella cidade, no dia 31 de janeiro, visto que se póde tornar propagadora do bacilus do typho. Justifica-se tal nota de alarme? Chama-se isto fazer da prudencia uma virtude turbulenta. Entre as duas cidades o trafico de passageiros e mercadorias é constante. Porque só no dia 31 de janeiro convem deter a possivel infecção? Talvez o dr. Roberto Frias seja, por sua vez, um exemplo caracteristico de uma epidemia conhecida que grassa em todo o paiz...

* * *

Na agencia do Banco de Portugal, do Porto, um homem, pobremente vestido, apresentou-se a trocar por notas do novo typo, quinze contos das antigas. Declarou que ha muitos annos guardava este thesouro, furtando-o á cubiça dos gatunos e á especulação dos negocios.

Como se vê, a paixão da avareza manifesta-se n'este caso com um caracter absolutamente antiquado.

O avarento moderno é mais complicado porque á ancia de guardar, junta a de ganhar. Grandet é que procedia assim. Seria interessante obrigar o pobretão a dar emprego a tamanho capital. Os amadores de expressões physionomicas alcançariam um cliché de alto valor.

* * *

Pimenta de Castro publicou as memorias da sua dictadura, n'um pequeno volume. O governo prohibiu-lhe a venda, o que aguçou os apetites de muita gente.

Fez bem? Fez mal? Pouco nos interessa a affirmativa ou a negativa, visto que actualmente as opiniões errantes dos plumitivos não modificam as sentenças dos Fados. O que fôr soará! Não deixaremos, porém, de dizer que Pimenta de Castro, reduzindo a sua sabedoria politica a compendio, expunha-se aos olhos do publico com mais franqueza do que durante o seu governo. Era provavel que assim não conquistasse um forte prestigio. Impedido de circular, até os indifferentes talvez fiquem julgando que a sua figura ainda é maior que a sua obra. Fornece-se d'esta maneira um bello estimulo ás amplificações da lenda.

MONUMENTOS DE LISBOA

A sé patriarchal

O que é esse venerando templo ao cabo de oito seculos de inclemencias e provações

Lisboa é uma cidade pobre de monumentos e pelo que diz respeito a architectura sacra não possue uma d'essas creações geradas pelo abraço do sentimento e da arte, tal como uma basilica christã, ou uma d'essas maravilhosas fabricas da Edade Media que é uma cathedral gothica.

A egreja dos Jeronymos, memorando um fausto acontecimento como foi a descoberta do caminho maritimo para a India, é um admiravel e precioso relicario de pedra, alegre, espaçoso, lavado d'ar e de luz, mas sem mysterio nem religiosidade, com os seus pilares que evocam mastros de navios e a riquissima decoração ornamental que é uma transcreação de motivos nauticos por marmoristas navegadores. No edificio manuelino—em que precisamente o que ha de hieratico é essa disparatada capella-mór em estylo classico que remata a grande nave, como um barrete de clerigo na cabeça d'um marinheiro—no edificio manuelino o que se reverenceia é a Patria e o unico culto logico que elle admitte é o do esforço, do valor e do genio, o poder humano offuscando ali a grandeza divina. Acertadamente fizeram de Belem um pantheon. Essa assombrosa abobada cruzeira, pasmo e delicia do architecto d'hoje, talvez, sem exagero, a mais bella abobada do mundo, é bem o condigno docel d'um Camões e d'um Vasco da Gama.

Mas ha em Lisboa um outro monumento querido dos archeologos e dos artistas que, pela sua alta tradição secular, exprime melhor do que qualquer outro o sentimento que n'uma certa phase da evolução dos povos foi a sua principal determinante sociologica e de que hoje nos restam apenas as carcassas dos templos, hirtas e frias como corpos sem alma. Esse monumento é a Sé Cathedral, cuja restauração só começou a ser emprehendida methodica e criteriosamente pelo fallecido engenheiro Fuschini, estando actualmente superintendendo nos trabalhos, segundo nos informaram ali, o illustre architecto sr. Antonio Couto, um dos co-auctores do 1.º premio do monumento ao marquez de Pombal.

Era a Sé, indubitavelmente, uma bella e magestosa construcção na primitiva fabrica romanica d'Affonso Henriques, enriquecida depois por D. Affonso IV com as adjuncções gothicas para lá do transepto; e se hoje batida por oito seculos d'inclemencias e provações, uma deploravel ruina apouca e desfigura a veneranda cathedral—tão pouco estudada ainda na sua já vasta bibliographia, —ella é, apesar de tudo, uma das nossas raras fontes d'ensinamento e d'estudo e o mais completo exemplar que possuimos de planta typica romanico-ogival da escola franceza, que predomina nos grandes edificios religiosos do centro da Europa, com todos os elementos caracteristicos, triforio, deambulatorio, capellas radiantes, etc.

A egreja propriamente dita—sem remontarmos ao periodo historico anterior á fundação da monarchia, do qual não ha vestigios serios de substructura, sendo portanto hypothese inverificavel a que lhe attribue genealogia prechristã,—a egreja é do typo romanico, como o demonstram, além da disposição do plano que é essencial, os detalhes decorativos, a conformação interna das arcadas, pilares, bases e triforio, a fachada e as duas torres lateraes, e o portal de pleno cintro com o seu «ébrasement» guarnecido d'archivoltas repousando em capiteis do seculo XII. Mas é já o chamado romanico secundario, em transito para o gothico, e revelado sobretudo na frequencia dos columnelos e na evolução do talhe das molduras de secção rectangular para o toro arredondado.

Actualmente, o interior do edificio, com a decoração arrebicada em estylo classico e o emolduramento congestionado e molle, pouco deixa transparecer do antigo aspecto e desconcerta o visitante desprevenido. Uma espessa camada branca folheia inteiramente o templo, deformando os contornos, encobrindo as mutilações e falseando a perspectiva. Nada do que se vê é primitivo. A abobada, outr'ora de pedra, era bandada transversalmente por arcos-mestres que hoje se reproduzem como elemento decorativo, sustentaculos d'uma miserrima cobertura de madeira e estuque, como de estuque e madeira são os repolhudos capiteis corynthios e o revestimento das meias columnas dos pilares que se inserem ainda por grotescas molduras de madeira nos pedestaes de marmore que occultam as bases romanicas.

Mas franqueado o deambulatorio ou charola que envolve o côro e é o prolongamento para lá do transepto das naves collateraes, entra-se em pleno periodo ogival e começa o estylo que, pelo elançamento gracioso dos cintros quebrados como mãos postas em adoração, e fuga suave de linhas, arterias vivas colleando, deslisando, d'alto a baixo, nas abobadas, nas dobras das archivoltas, ao longo das arcadas, melhor exprime a perturbante ascese mystica. A nave é alta, em hemicyclo, cheia de penumbra e de mysterio, seccionada em tramos curtos, trapezoides, em disposição radiada, como triplo systema penetrante d'arcos-mestres, ogivos e «formerets» recahindo d'um lado e d'outro em columnelos e pilares.

Este deambulatorio, cuja abobada solidamente artezonada pelos mestres da construcção d'Affonso IV resistiu ao terramoto pombalino, é um admiravel especimen da architectura religiosa do seculo XIV, com o seu escrinio das capellas gothicas, onde os arganazes de sachristia, mais perniciosos que os abalos sismicos, fizeram um destroço enorme. Irmandades e confrarias—essas termites dos templos—instalaram-se n'estes delicados alveolos feitos para orar e meditar, furaram escadas, roeram nervuras, uma devastação pavorosa que a restauração felizmente tem ido a pouco e pouco recompondo e erguendo dos escombros pela mão habil dos nossos artistas canteiros, brilhantes successores dos operarios «lathomici» da edade-media.

Mas d'este deambulatorio e das capellas radiantes—a veneravel abside da Sé —nos occuparemos especialmente n'um proximo artigo.

Manuel Ribeiro

Noticias parlamentares

Tudo emperra n'este paiz, tudo se oxida, tudo se enferruja lamentavelmente. O que está organisado, desorganisa-se. O que gira bem passa a girar mal. E' uma fatalidade contra a qual ninguem resiste e nada pode. O mal invade tudo, até o elevador da Camara dos Deputados, que deixou hoje de funccionar, depois de ha muito vir dando evidentes signaes de cansaço e de anemia. A companhia mandou cortar a agua que o movia. Porquê? Ignora-se. Diz-se, porém, que por estar amuada com o parlamento, que lh'as tem dito tezas. D'ahi o castigo aos deputados, obrigando-os a trepar pela escadaria até aos Passos Perdidos. E' quasi sempre assim. Aonde se fazem é que se pagam. O que é pena é o castigo ser tão suave. Mas o delicto tambem não foi grande...

* * *

Cortiças, barcos, subsistencias. Canaes, um coco novo, um sobretudo novo e uma eloquencia levadinha do diabo. Trapalhadas, confusões, subsistencias caras, leis que não se cumprem. Tudo isto e o mais que não se ouviu, serviu hoje de thema ao sr. Virgolino Chaves, que por instantes, na Camara dos Deputados, fez as delicias do auditorio. A lingua de trapos em que o sr. Virgolino põe a claro o que lhe vae pela mioleira é uma coisa absolutamente inconcebivel. Ninguem o entende, ninguem o percebe, tal é a gigajoga de palavras que elle faz, falando aos saltinhos, cofian lo a pera, como um gato que mie e cóce, ao mesmo tempo, com a patinha molhada de saliva a bigodeira façanhuda. Cortiças, barcos, subsistencias. Sim, deve ser isso! Mas para a outra vez fale portuguez, sr. Virgolino, se quizer que o entendam...

* * *

Ainda hoje o sr. dr. Manuel Monteiro, que com tanta correcção tem exercido a presidencia da Camara dos Deputados, não voltou a occupar o seu logar. A proposito, dizia-se que a vaga presidencial vae declarar-se por estes dias, em virtude do sr. dr. Manuel Monteiro não se encontrar disposto a esquecer as evidentes provas de desaffecto que a maioria lhe deu durante o incidente que o forçou a affastar-se da direcção dos trabalhos parlamentares. E é natural que seja assim. Pessoas como o sr. Manuel Monteiro não podem estar sujeitas aos percalços politicos, que tão frequentemente se encontram na Camara, a impedir quem quer que seja de, em determinadas circumstancias, ser perfeitamente correcto e conciliador. O sr. Godinho é que é o homem da situação, muito embora o sr. Arthur Costa tambem não seja de deitar fora. Entre os dois, o sr. Pires de Campos e mais o sr. Virgolino não sabem por qual optar...

* * *

Ha dias, consumiu-se na Camara uma sessão inteira discutindo-se o caso do pagamento dos «coupons» da divida externa. O palavriado correu em ondas, enovelado e diffuso, não chegando nunca os profanos a averiguar se a Junta do Credito Publico tinha ou não procedido de harmonia com os interesses da nação. Perdeu o Estado com a operação? Não perdeu? Ganhou? O misterio ficou de pé. Agora, porém, diz-se que a adopção, em Lisboa, do cambio de Amsterdam, em vez do de Londres, custou ás finanças publicas quantia que vae muito além de trezentos contos. Já é alguma coisa e ninguem dirá que se pagou por pouco dinheiro uma irreflexão ou uma imprevidencia. Este caso era hoje muito commentado pelo parlamento, affirmando-se que não faltará quem, por estes dias, o faça resurgir.

* * *

O projecto das subsistencias anda enguiçado. Quando ha gente inscripta, não pode ser votado. Quando não ha, a maioria falta e não ha maneira de o votar. E' então um circulo vicioso este em que as subsistencias andam mettidas? E'. E como dura ha muito, parece que não está já pouco apertado. A Camara parece que não ouve o rugir abafado da fome, que vae já espalhando por todo o paiz o seu som rouco e ameaçador. Se o ouvisse, de ha muito que o projecto estaria votado e em execução, para se saber se d'elle advirá a solução d'esta crise tremenda em que todos nos encontramos mettidos, ou se se trata de mais uma esperança que murchará, por falta de seiva vivificante que lhe dê forte vida. Palpita-nos que a experiencia vae ser dolorosa. Mas Deus queira que nos enganemos, porque de males incuraveis devem todos, em Portugal, andar fartos...

As invenções dos officiaes allemães

HAVRE, 27.—O governo belga terminou a resposta ao «livro branco allemão» no qual se faz justiça ás accusações allemãs ácerca da attitude das populações para com as tropas do kaiser. A resposta da Belgica demonstra irrefutavelmente que os testemunhos dos officiaes allemães foram inventados pelas necessidades da causa.—(*Havas*).

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Coimbra, terra d'amores —Dôr suprema.
REPUBLICA — A's 21 — Os postiços.
TRINDADE—A's 21 — O dia de juizo. (Revista).
POLYTEAMA — A's 21 — A martyr—A fuga de madame Caramon.
GYMNASIO—A's 21 —O manequim.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas.
MODERNO—A's 20,45 e 22,45 —Sempre fresquinho.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Rigoleto.

Agenda da semana

HOJE — **Eden-Theatro**—Reapparição de Nascimento Fernandes na revista *O diabo a quatro.*

AMANHÃ — **Apollo** — Primeira representação da revista *Palavra de honra.*

Primeiras representações

GYMNASIO — **O manequim**, quatro actos de P. Gavault, trad. de Mello Barreto.

Como construcção theatral, primor de carpintaria e de engenho, caricatura de typos, satyra de costumes, modelo de maliciosa, por vezes picante, graça parisiense, contrabalançada por um fio de sentimento, a peça que hontem subiu á scena no Gymnasio, e que Mello Barreto com o seu reconhecido esmero trasladou para portuguez, faria o nome d'um comediographo, se Paul Gavault, que a firma, já não fosse considerado, e justamente, um mestre em tal genero litterario. Com effeito, o auctor da *Menina do chocolate*, que tantas representações obteve n'aquelle mesmo palco, tem no *Manequim* um dos seus mais curiosos e mais scintillantes trabalhos. Que meio caricaturou o auctor com a desprotenção, a leveza, o brilho necessarios para que da obra só resultassem agradaveis impressões? Colette, a protagonista, n'um dialogo do terceiro acto, o descreve a Octavio, com evidente nausea, quando exclama, em commovido desabafo: «Estou farta d'este meio, d'esta sociedade falsa, que vive da mentira, d'esses homens que arranjam amantes por capricho, d'essas mulheres casadas que se entregam só pelo prazer de trahir, d'esses amigos viciosos que protegem o adulterio dos outros... o das outras...» Esses homens, essas mulheres, essas amantes, esses amigos encontramol-os no *Manequim*, cujo entrecho tem como figura central uma das muitas raparigas que nos estabelecimentos das grandes modistas vestem, para que as clientes possam apreciar-lhes a elegancia e a belleza, as *toilettes* que assignam como o pintor o seu quadro e o esculptor a sua esculptura...

Colette, o manequim para os vestidos, será, como tambem ella o diz na hora amarga das desillusões, o manequim para os sentimentos. Mauricio de Lursange, querendo vencer a reluctancia de madame Gréhart, que recusa a sua côrte, adopta o expediente de tomar uma amante, seguindo o conselho do proprio marido da dama dos seus pensamentos, velho e experimentado *noccur*. Essa amante é Colette, que já o amava. Madame Gréhart, vendo Mauricio nos braços do manequim e suppondo-o realmente apaixonado, tem o capricho de desmanchar aquelle idylio. Pelo telephone convida-o para um *rendez-vous*. Gréhart, que está presente, comprehende a situação e procura impedir o encontro de sua mulher com o seu amigo. Como? Levando Colette a escrever, contrariada, uma carta amorosa ao seu antigo cortejador Octavio, a quem concede uma entrevista. Arranjam-se as coisas de modo que Mauricio, cheio de ciumes, se não affaste da amante: a leitura da carta propositadamente deixada aberta sobre uma meza obstará á consummação do adulterio. Mas como o seu maior desejo é libertar-se da rapariga, Mauricio remette a carta ao seu destino e corre a ter com a mulher que adora. Gréhart volta a casa de Colette e não vê Mauricio, mas sim Octavio aos pés do manequim. O estratagema falhára. Mauricio estaria decerto com sua mulher e Colette, reconhecendo-se abandonada, resolve acquiescer aos rogos de Octavio e partir com elle para Roma. Mas o sr. Gréhart, cheio de brios, decide-se a ir surprehender a esposa em flagrante. O provisorio ninho de amor está descoberto. E' no atelier d'um esculptor futurista que cedeu a chave para se vingar de desditas varias que attribue ao casal Gréhart. Ao imaginar que Mauricio póde ser victima dos furores do marido atraiçoado, Colette esquece-se do solemne compromisso com Octavio. Quando chega, porém, ao atelier do esculptor, apenas encontrou Mauricio. Precedera-a Gréhart, que chega a tempo de impedir a deshonra do seu nome e que sae com a mulher depois de lhe ouvir uma sarabanda aspera em que ella justifica a sua estranha attitude com a vida licenciosa do marido. Colette, porém, reconhece que o seu amor por Mauricio morreu e quando elle, a seus pés, supplica o perdão e faz promessas e juras, annuncia-lhe a proxima viagem com Octavio nomeado correspondente da *Femina* em Roma...

As peripecias, as situações accumuladas por Paul Gavault, e que logicamente se encadeiam na urdidura magistral da sua comedia, não se contam, não se descrevem—tantas e por vezes tão imprevistas surgem, de acto para acto, até o enternecedor desfecho. Mas, apesar de tudo decorrer n'um meio que Colette, desilludida, verbera com aspereza, o grande comediographo ladeia as escabrosidades em que outros facilmente cahiriam e em que os menos conhecedores dos processos do auctor do *Manequim* a cada passo crêem vel-o ir esbarrar. E' com curiosidade crescente, póde dizer-se com enlevo que acompanhamos Colette desde o atelier da casa de modas ao do esculptor-futurista, atravez do Salão de Outomno e dos luxos do seu *faux-ménage*...

O desempenho do *Manequim* foi, em geral, muito correcto. Maria Mattos incumbiu-se do papel principal, bem diverso dos que lhe grangearam o merecidissimo renome de que goza. Só a maleabilidade do seu formoso talento, a sua sciencia de representar, o seu constante estudo lograriam alcançar o exito que hontem obteve na delicada figura do manequim, conseguindo commover-nos na scena final, que fez de um modo superior.

Mendonça de Carvalho (Mauricio de Lursange) compôz com o habitual cuidado a sua personagem, de um comico excellente no ultimo acto. João Lopes tem no sr. Gréhart um dos seus melhores typos. Joaquim Almada, no desenhador Octavio, mostra que estuda com intelligencia e que sabe o valor da sobriedade em theatro. Silves Alegrim gracioso, como sempre. Bertha de Albuquerque, em madame Gréhart, faz, sobretudo, o quarto acto de modo a evidenciar apreciaveis recursos scenicos, e Bemvinda de Abreu, Celeste Leitão, Luiza Lopes, etc., concorrem com o seu esforço para uma harmonia de conjuncto que não deve passar despercebida. Não serão ellas requintadamente parisienses em tudo? São-no, pelo menos, nas *toilettes* de bom gosto, segundo os mais recentes figurinos...

Mas alguma coisa ha ainda a registar: a admiravel montagem da peça, a que presidiu verdadeiro carinho. Ella impoz-se á admiração e ao applauso dos espectadores pouco costumados a ver nos nossos palcos primores de scenario e mobiliario luxuoso e moderno, como na peça estreada hontem no Gymnasio. As tradições da empreza manteem-se. Todos os emboras lhe são devidos e o publico seria profundamente ingrato se não soubesse premiar tão boa vontade e tamanho arrojo. Mas sabel-o-ha, estamos seguros d'isso...

A. de A.

Boatos e informações

Entre nós

No dia 7 de fevereiro realisa-se no Polytheama uma recita em beneficio do cofre de soccorros a estudantes pobres da Associação da faculdade de sciencias. O programma é formado pela farça em 2 actos, original dos estudantes Henrique Galvão e Flavio dos Santos *A pensão da Briolanja* e pela revista em 1 acto e 4 quadros *Macaquinhos no sotão* dos mesmos estudantes, com, com musica do maestro Herminio do Nascimento. Os poucos bilhetes que restam encontram-se á venda na séde da Associação de Estudantes da faculdade de sciencias.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Colyseu dos Recreios

Palhaços e Cavalleria Rusticana

Foi um grande exito a recita de hontem com *Madame Butterfly* em que Salomea Kruceniski fez erguer a platea na mais expontanea e calorosa das ovações.

Hoje a enchente deve ser collossal pois se canta em recita elegante o adoravel *spartito* de Mascagni *Cavalleria Rusticana* e a sempre applaudida opera de Leoncavallo *Os Palhaços*. Na recita de accionistas de ámanhã toma parte o notavel soprano ligeiro Nadina Tagelei, cantando a parte de *Gilda* no *Rigoletto*, em que tão applaudida foi na noite da sua estreia.

Sabbado teremos uma noite de arte, pois é a estreia em Portugal da opera de grande espectaculo de Catalani *Loreley* á qual está por certo reservado um exito sem precedente. A parte do protogonista será cantada pela eminente prima dona Salomea Kruceniski.

Academia dos Amadores de Musica

Serão sobre a arte da dança

Commemorando o 32.º anniversario da Academia de Amadores de Musica, realisa-se depois d'ámanhã, ás 21 horas, no salão do Conservatorio, um serão, cujo programma é o seguinte:

Primeira parte

I—«As Alegres Comadres», ouverture, pela orchestra, Nicolai; II— «A Arte da Dança», conferencia pelo sr. dr. Manuel de Sousa Pinto; Recitações: a) «Bailada», de Aires Nunes, (seculo XIII), por M.elle Leonor Cachudo, b) «O Minuete», de Gonçalves Crespo, por M.elle Aline Benamor Lopes, c) «A Valsa», de Casimiro de Abreu, por M.elle Emma Torres Gomes.

Segunda parte

III — a) «Dança Hungara n.º 5», Brahms; b) «Minuetto», pela orchestra, Boccherini; IV—«Mazurka», para harpa, por M.elle Cecilia Borba da Costa, Alph. Hasselmans; V—a) «Sarabande», Debussy; b) «Bourrée Fantasque», Chabrier, para piano, por M.elle Hilda Bandeira Carneiro; VI— «La Valse des Feuilles», J. Faure, para canto, por M.elle Maria Manuela Navarro de Sampaio, acompanhada a piano por M.me Magdalena Metello Antunes.

Terceira parte

VII — «Gavotte», para violino, por M.elle Benedita Santos de Jesus, Bach; VIII—a) «Gavotte, Lully; b) «Danças Hungaras, n.os 2 e 6», Brahms, pela orchestra; IX—«Marcha», pela orchestra, Joachim.

No Lyceu Passos Manuel

Festa de estudantes

Realisa-se no proximo sabbado, pelas 21 horas, uma *soirée* organisada pela Caixa Escolar do Lyceu de Passos Manuel em honra dos socios e suas familias.

Para a festa, cujo producto reverte em favor do fundo da caixa, conta-se já com a cooperação dos mais distinctos alumnos do lyceu taes como o sr. Mario de Tavares Mendes, que fará uma conferencia intitulada «O Vestuario» e a recitação de poesias de auctores celebres pelos srs. Helder de Lemos Alcoentre da Silva e outros alumnos.

O concerto Blanch de domingo no Republica

E' dos mais extraordinarios o programma organisado pelo maestro Pedro Blanch para o proximo concerto da sua notavel Orchestra Symphonica Portugueza, que se realisa no domingo no theatro Republica e que é o seguinte:

1.ª parte—I, «Sakuntala», «ouverture», Goldmarck; II, «Serenata» (1.ª audição), Saint Saens; III, «Redemption», «morcean sinfonique», Cesar Franck, 2.ª parte —IV, «6.ª symphonia» (Pathetica), Tchaikowsky; a) «Adagio-alegro non troppo», andante-alegro vivo; b) Alegro con grazia; c) Alegro molto vivace; d) Adagio lamentoso; 3.ª parte—V, «Tristão e Isolda», introducção do 3.º acto (1.ª audição), Wagner); VI, «Rapsodia hungara em dó», Liszt.

Depois do concerto ha chá elegante no jardim de inverno, com um magnifico sextoto, sendo a entrada franca.

No Salão Foz

A estreia do duetto Les Beriguardis

Os proprietarios do Salão Foz não descançam. As estreias succedem-se. Hoje faz-se a apresentação do duetto lyrico Les Beriguardis e para ámanhã, em recita da moda está annunciada a estreia dos celebres bailarinos Los Gitanillos.

O duetto que hoje se estreia tem um passado glorioso; é dos mais reputados duettos lyricos que nos teem visitado e não admira porque d'elle faz parte o soprano ligeiro Aida Saroglio que os nossos amadores de opera tão bem conhecem das noites lyricas de S. Carlos.

A estreia de ámanhã é sensacional porque Los Gitanillos são os reis das danças gitanas. São no seu genero, os melhores bailarinos conhecidos.

O contractal-os foi um *tour de force* feito pela empreza do Salão Foz, que a coisa nenhuma se poupa para agradar ao publico.

No espectaculo de hoje fazem a sua despedida a bailarina Julita Sola e o duetto Les Flores. A troupe Pichel está obtendo um successo extraordinario com os seus trabalhos de acrobacia.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Sociedade da Matinha.—Pelas 21 horas de amanhã realiza-se n'esta antiga sociedade uma reunião, a fim de se proceder á eleição da meza da assembleia geral, á leitura do relatorio e contas da gerencia do anno findo e á eleição da commissão revisora de contas, isto além de varios assumptos importantes que se devem tratar na mesma reunião, no que diz respeito a novos melhoramentos a introduzir na Sociedade.

Pela armada

Desegualdade nos serviços de embarque

Mais uma vez chamamos a attenção do sr. ministro da marinha para a desegualdade que se dá na escala dos serviços de embarque, tanto para praças, como para graduados, e a que é preciso de uma vez por todas pôr termo, para honra da corporação e para evitar justas reclamações.

Assim, por exemplo, podemos hoje citar um facto que se dá com despenseiros e creados de bordo. Alguns ha que estão exercendo funcções de continuos e serventes ha annos, prejudicando duplamente camaradas seus. E duplamente, porque os que estão ao serviço são sobrecarregados, visto que no quadro não estão todos os que devem estar, portanto accrescimo de trabalho; os reformados, porque a esses, como justa compensação, pertencem os logares que elles estão desempenhando, mercê de empenhos ou protecções varias, protecções que se não justificam de fórma alguma.

Olhe o sr. ministro da marinha para estes e outros factos semelhantes e evitará assim descontentamento justificados, ao mesmo tempo que fará cumprir rigorosamente a lei, o que o prestigiará aos olhos da corporação de que é chefe supremo.

PEQUENAS NOTICIAS

Recolheram ao hospital de S. José: á enfermaria 7, Antonio Augusto, morador na rua do Norte, 7, que cahiu no Posto de Desinfecção, ficando ferido na perna direita; á enfermaria 9, José da Costa João, guarda republicano reformado, morador no pateo do Pereira, á rua Saraiva de Carvalho, que tentou suicidar-se por enforcamento.

—No banco do hospital curaram-se: José Maria, que foi atropellado pelo automovel 235, ficando contuso pelo corpo e ferido na perna direita, José Cardoso, colhido por um guindaste n'um armazem de Braço de Prata, e ferido na cabeça, e Felisbella d'Assumpção, colhida por uma machina na fabrica das Varandas, ficando com dois dedos da mão esquerda esmagados.

—Maria de Moraes Leite, residente na rua Ponta Delgada, 5, 1.º, queixou-se de que um individuo desconhecido havia ido á sua residencia com uma carta pedindo esmola e aproveitando a sua ausencia lhe havia furtado uma estatua de bronze no valor de 50 escudos.

—O semanario republicano *Portugal* suspende temporariamente, a fim de modificar o formato e introduzir outros melhoramentos.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 27. — Communicado official das 15 horas:

No Artois, no sector Neuville Saint Vaast houve violento canhoneio durante a noite. Nas immediações da estrada de Neuville Folie, continuámos a reoccupar os postos de observação e as escavações onde o inimigo havia posto pé e ahi encontrámos numerosos cadaveres de allemães e uma metralhadora e fizemos alguns prisioneiros.

Em Argonne fizemos explodir algumas minas com exito, sendo uma d'ellas perto de Haute Chevauché e outra nos arredores de Vauquois.—(*Havas*).

O partido operario inglez perante a conflagração e o recrutamento

LONDRES, 27.—A conferencia annual do partido trabalhista em Bristol approvou por 1:503.000 votos contra 668.000 uma importante resolução ácerca da guerra, e cujo texto é o seguinte: «A Conferencia ao mesmo tempo que manifesta a sua opposição em conformidade com as opiniões anteriormente expressas, a todos os systemas de militarismo permanente como constituinte d'um perigo para o progresso humano, considera que a acção actual da Gran-Bretanha e do seu governo está plenamente justificada, e exprime o seu horror pelas atrocidades commettidas pela Allemanha e seus alliados que brutalmente e sem remorsos assassinaram pessoas não-combatentes, inclusive mulheres e creanças; proclama o compromisso da Conferencia de auxiliar tanto quanto possivel o governo a proseguir na guerra até ao triumpho.» A Conferencia approvou tambem a resolução seguinte apresentada pela associação dos empregados dos caminhos de ferro. A Conferencia convencida de que a guerra europea actual põe em jogo questões de uma importancia transcendente para as democracias da Gran-Bretanha e dos outros paizes, proclama a sua inteira approvação pela attitude do partido trabalhista parlamentar que cooperou com os outros partidos politicos na campanha nacional do recrutamento.—(*Havas*).

O reforço do bloqueio da Allemanha

LONDRES, 27. — A camara dos communs discute uma proposta de um deputado pedindo que seja reforçado o bloqueio da Allemanha. Sir Edward Grey declara que ha engano na quantidade de mercadorias importadas pela Allemanha. Os numeros publicados pela imprensa não resistem ao exame; as fugas inevitaveis foram menos consideraveis do que se esperava. Respeitamos os direitos dos neutros que fazem correr o commercio legal. Tenciono perguntar aos neutros se admitem as praticas do bloqueio da Guerra da Successão. Se os neutros admmittirem essas praticas deverão auxiliar-nos; se responderem negativamente, dividir-se-hão na sua neutralidade. Sir Edward Grey terminou dizendo: «Iremos até ao fim». A discussão da moção do bloqueio foi encerrada sem votação.—(*Havas*).

NOTAS DIVERSAS

Sobre assumptos do governo de Angola voltou hoje a conferenciar com o sr. ministro das colonias o novo governador geral d'aquella provincia, sr. Massano de Amorim.

—O sr. ministro dos negocios estrangeiros não deu hoje recepção ao corpo diplomatico.

—Com o sr. ministro do fomento conferenciaram os srs. Alberto Macieira, Camara Manuel, José Maria Pereira, Ramos Pereira, José Maria da Costa, Teixeira Rebelo, Gastão Rodrigues e Raymundo Meira.

—A fim de continuar em exercicios de submersiveis sahiu hoje a barra o submersivel *Espadarte*.

—Chegou hoje a Lisboa o governador civil de Braga, que foi chamado telegraphicamente, pelo sr. ministro do interior, com quem esteve conferenciando.

—No governo civil, conferenciando com o sr. dr. Costa Gonçalves, estiveram hoje alguns empregados ferro-viarios.

A crise do papel

Vendedores de jornaes

Sob a presidencia do sr. Francisco Maria da Cruz, reuniu esta tarde a assembleia geral da Associação de Classe e Liga dos Vendedores de Jornaes, declarando o presidente quaes os fins da missão, que era o augmento do preço dos jornaes, e terminando por mandar para a meza uma proposta para se nomear uma commissão de tres membros para se entender com as emprezas jornalisticas a fim de se conseguir que não se faça o projectado augmento e, se essas emprezas não derem resposta satisfatoria, a commissão fique com plenos poderes para tratar do preço por que os jornaes devem ser vendidos aos vendedores. Usaram da palavra varios vendedores, sendo por fim nomeada a commissão, que ficou composta dos srs. Manuel José da Costa, José Maria da Silva, José Maria Fernandes, Francisco Maria da Cruz e Joaquim Rodrigues. Os commissionados devem ámanhã procurar as emprezas jornalisticas, tendo sido marcada nova reunião para o proximo sabbado ás 14 horas. Os vendedores de jornaes pensam em pedir que aos domingos não haja jornaes da noite.

Camara dos deputados

Approva-se o projecto das subsistencias

Sempre se consegue reunir o numero preciso para a camara funccionar. O sr. Godinho declara approvada a acta. Lê-se o expediente. Está presente o sr. ministro da justiça. O sr. Cruz e Sousa volta a tratar da situação em que se encontram o commandante da guarda republicana e o da guarda fiscal do Porto. O sr. general Carvalhal é um reformado, e, sendo-o, não póde, sem grave escandalo, continuar no cargo que presentemente occupa. Diz isso bem alto, por estar convencido de que a lei, com o procedimento do governo para com aquelle official, está sendo gravemente ultrajada. O sr. ministro da justiça diz que transmittirá aos seus collegas da guerra e do interior as considerações do sr. Cruz e Sousa. Dirá, porém, que o sr. general Carvalhal é um official distinctissimo, que á Republica tem prestado os melhores serviços. Replicando, o sr. Cruz e Sousa pede ao sr. Catanho de Menezes que não se esqueça de transmittir aos seus collegas com a maior fidelidade, as suas palavras. O sr. Eduardo de Sousa manda para a meza um requerimento de José Clemente, empregado na Imprensa Nacional, pedindo a indemnisação pelo tempo de prisão soffrida, a exemplo do que, com outros funccionarios se tem praticado. Esse individuo constitue uma excepção unica. O sr. Amadeu Monjardino manda para a meza um projecto de lei que interessa a Angra do Heroismo. O sr. Antonio Portugal aprecia a fórma como, nos diversos concelhos, a guarda republicana applica as posturas municipaes. Aponta anomalias diversas que devem desapparecer quanto antes, tanto ellas são prejudiciaes a todos. O sr. ministro da justiça responde que se o orador entende que a lei deve ser modificada, o melhor é trazer á Camara um projecto n'esse sentido. O sr. Celorico Gil chama a attenção do governo para a fórma como a Companhia dos Phosphoros está servindo o publico. Os seus productos são de pessima qualidade e o governo deve intervir para que a companhia os melhore.

Na ordem do dia, continua a discutir-se o projecto sobre a questão das subsistencias. O sr. Celorico Gil combate o projecto com a vehemencia do costume, affirmando que elle não resolverá a questão das subsistencias antes concorrerá para a agravar. O sr. Julio Martins diz que a proposta do governo não passa d'um mero expediente de occasião, que não surtirá effeito. Deseja, porém, que o projecto entre desde já em execução, para se vêr onde vae a sua efficacia. O Estado que faça de tendeiro e que estude desde já a maneira de explicar ao povo porque é que a vida é cara. Não ha de ter grande facilidade n'isso. O sr. ministro do fomento contesta as affirmações dos oradores antecedentes e demonstra a utilidade e a necessidade do projecto, ao mesmo tempo que indica a maneira das commissões districtaes effectuarem um trabalho util. Procede-se em seguida á votação das moções e do projecto. A do sr. Costa Junior é approvada, bem como a do sr. Antonio Macieira. O projecto é tambem approvado na generalidade e na especialidade. Sobre a base primeira, fala o sr. Jorge Nunes, que lamenta que a Camara não lhe preste a devida attenção, d'isso se queixa amargamente, visto tratar-se d'um assumpto importante.

O sr. Antonio Macieira:—Mas, sr. Jorge Nunes, a attenção conquista-se!...

O orador:—Eu não tenho nada que me impôr a v. ex.ª! O que tenho é que invocar o regimento, para que eu possa falar.

E, criticando a base primeira, o sr. Jorge Nunes propõe que o provedor geral da Assistencia Publica seja eliminado da lista dos funccionarios que hão de compôr a commissão central. O sr. Lima Bastos tambem apresenta emendas, succedendo outro tanto com outros deputados. O sr. Vieira da Rocha aprecia essas emendas, que são rejeitadas. Approvam-se as bases primeira, segunda e terceira.

A'manhã ha sessão.

NO SENADO

O sr. ministro da guerra convida o sr. Antonio Campos a formular todas as suas accusações—Aquelle senador não prova nada do que affirmou, recusando-se depois a falar apenas da sessão ter sido prorogada para aquelle effeito

Preside, como de costume e de direito, o sr. Correia Barreto, que os srs. Paes de Almeida e Agostinho Fortes secretariam. A' chamada respondem 34 senadores, ficando a acta approvada e indo o expediente ao seu destino sem reparos.

Antes da ordem o sr. Silva Barreto envia para a meza uma nota de interpelação ao sr. ministro da instrucção publica sobre promoções no professorado primario. O sr. Lima Duque insta pela remessa de documentos pedidos ha mais de dois mezes.

O sr. Thomaz da Fonseca volta a falar sobre o celebre e debatido caso de Tondela: a lucta entre dois padres—um pensionista e administrador do concelho e o outro parocho da freguezia. E' um caso politico-religioso diz, sendo o padre Ezequiel Ferreira, que elle conhece muito bem, um optimo padre e um exemplar administrador do concelho. E para o demonstrar o sr. Fonseca cita trechos de latim e lê cartas de cidadãos de Tondella elogiosas para o padre Ezequiel, que o respectivo bispo excommungou injustamente. Rebate depois as affirmações do sr. Paes Gomes feitas ha dias no Senado. Faz ainda a larga historia do rival do padre Ezequiel; o padre Chaves, que, elle orador, classifica de arruaceiro e brigão sem escrupulos e sem brio. E' este o padre assassino que o sr. Paes Gomes defendeu. O padre instrumento do jesuita, o padre-fomentador da desordem.

O sr. Paes Gomes historia o seu passado de republicano em Vizeu, negando que n'um jornal de então tivesse atacado o bispo ou tratado a questão religiosa como o sr. Thomaz da Fonseca affirmou. Foi infeliz o sr. Thomaz da Fonseca visando-o pessoalmente. Elle, orador, não tratou de padres nem de bispos. Fez uma apresentação de factos pedindo para um administrador de concelho que faltára ao respeito á lei um inquerito rigoroso. Foi isto o que fez.

O sr. padre Silva Gonçalves respondendo tambem ao sr. Thomaz da Fonseca frisa bem o facto de que quando versou o assumpto o fez dentro da orthodoxia da egreja. E mais não podia fazer porque do caso propriamente dito ninguem o avisou nem por meio d'um simples postal sequer!

E entra-se na ordem do dia, continuando mais uma vez em discussão a organisação dos quadros dos governos civis. Falam hoje de novo os srs. Paes Gomes, Antonio Campos, Sousa Fernandes, Fortunato da Fonseca e Machado Serpa.

Chega o sr. ministro da guerra e é-lhe dada immediatamente a palavra.

Não poude vir mais cedo, diz, por isso lhe ter sido absolutamente impossivel, nem podia prevêr que na interpelação do sr. Antonio Campos pudesse haver accusações graves a fazer. Mas desde que as ha, ellas que se façam aqui claramente, sem meias palavras nem tergiversações. Ha apoiados e apartes vivos da esquerda da Camara. Pede-se ordem. O sr. Antonio Campos usando depois da palavra lastima primeiramente que no calor das suas palavras se não tivesse dado por habilitado a responder á sua interpellação. (Apoiados da direita). O orador fala depois largamente e com uma dicção rapida em excesso. E como se isso fosse pouco ainda por cima os srs. senadores fazem uma barreira compacta entre a mesa da imprensa e o orador impedindo-nos quasi por completo de o ouvirmos com as suas trocas de impressões e com as suas palestras. Vale-nos o sr. Correia Barreto que se vê obrigado a mandar lá alguem pedir-lhes que retomem os seus logares. E então conseguimos ouvir o orador que diz, estar prompto a reaffirmar o que disse perante a commissão de inquerito declarando que não precisa das intimações exaltadas do sr. ministro para cumprir o seu dever.

Refere-se ao seu passado de republicano de 1891 que historia. A mesa chama o orador ao assumpto. Voltam os apartes.

O sr. Simão José:—Retire o que disse hontem ou confirme-o é o que quer o sr. ministro.

O orador:—Perdão, estou respondendo ás palavras do sr. ministro da guerra.

O sr. Norton de Mattos respondendo declara que durante meia hora em que falou o orador nem um só facto se disse que fosse grave, nem uma só accusação se fez que fosse grave e peremptoria.

O sr. Daniel Rodrigues: — E' uma exauctoração completa.

O sr. Antonio de Campos:—Dê-se v. ex.ª por habilitado e saberá tudo.

O sr. ministro guerra:—Se isso é necessario que um dos srs. senadores peça a prorogação da sessão e eu dou-me habilitado para ouvir as accusações do sr. Antonio Campos.

O sr. Estevam de Vasconcellos requer a prorogação da sessão o que é approvado pela Camara.

Mas o sr. Antonio Campos recusa-se agora a falar e invoca o regimento. Ha apartes violentos da esquerda. Grita-se: Isto é demais! Invoca-se o regimento para não falar! Nunca se viu uma coisa assim!

O sr. Antonio Campos senta-se.

O sr. Agostinho Fortes:—Isto é demais. Quem é torpe que saia d'aqui!

O sr. Antonio Campos:—Não falo por que não quero. Lá fóra os julgarão.

Vozes:—Ordem! Ordem!

O sr. presidente:—Está encerrada a sessão. A proxima é ámanhã á hora regimental.

Durante minutos os apartes da esquerda, violentos, sangrentos, cruzam a sala.

Esboça-se no centro um conflicto pessoal entre o sr. Campos e o sr. Simão José. Amigos trazem para a coxia da esquerda o sr. Simão José e tudo começa sahindo.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

PRÓ-ALLIADOS

Na reunião effectuada em casa dos srs. Balthasar Dias e A. P. Bosanquet, á Lapa, na qual estiveram presentes diversos membros das colonias ingleza, franceza e belga, o sr. dr. Magalhães Lima annunciou a proxima realisação d'um festival no Colyseu dos Recreios, promovido por elementos officiaes, a favor da Cruz Vermelha anglo-franco-belga.

O illustre democrata obteve, desde logo, de todos os membros das colonias o mais franco concurso á iniciativa da commissão portugueza, manifestando todos o maior empenho em dedicar a essa festa toda a sua adhesão.

CONCERTO NA LIGA NAVAL

O programma do concerto Felicidade Pereira-Wake-Marques, a que já nos referimos, é o seguinte:

I—«Sonata em Ré Menor», Beethoven, por D. Felicidade Pereira de Carvalho; II—a) «Quel ruscelleto», Paradies; b) «Viens près de moi», Bach; c) «Le violette», A. Scarlatti; d) «Pur dicesti», Lotti, canto, por D. Laura Wake Marques; III—«Carnaval de Vienna», Schumann, por D. Felicidade Pereira de Carvalho; a) «Si mes vers avaient des ailes!...», Hahn; b) «Mandoline», Debussy; c) «Oh! quand je dors!...», Liszt; d) «Dans la jetée d'Alexandrie», Ruy Coelho; «Sérénade», Strauss.

O concerto realisar-se-ha no salão nobre da Liga Naval (Palacio Palmella, ao Calhariz), na noite de 3 de fevereiro proximo, pelas vinte e uma e meia horas.

MUSICA DE CAMARA

N'um dos domingos do proximo mez realisa-se na sala nobre do Atheneu Commercial um concerto de musica de camara pelo distincto pianista sr. Alexandre Rey Colaço, em que tomarão parte os srs. Julio Cardona e João Passos e a sr.ª D. Alice Rey Colaço.

DIAS PEREIRA

Está em Lisboa e deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado amigo e dedicado agente no Porto sr. A. Dias Pereira, importante commerciante n'aquella cidade. Os nossos cumprimentos de boas vindas.

NOTAS MUNDANAS

Completamente restabelecido da grave doença que o acommetteu, regressou já a Lisboa o conceituado advogado sr. dr. José Gomes Motta.

LUTUOSA

Em Condeixa-a-Nova falleceram o sr. Antonio Joaquim de Paiva e a sr.ª D. Rosalina da Silva e Castro, esposa do sr. Julio de Castro, empregado da administração do concelho.

O incendio em Santa Clara

O sr. dr. Meyrelles Leite, juiz do 1.º juizo de investigação criminal, ouviu hoje, acerca do incendio no Deposito de Fardamentos, os srs. coronel Macedo Coelho, tenente Gonçalves Ritta, o mestre da officina de sapataria Arthur Virgilio Futré, o contra-mestre João Tavares e o servente Antonio de Almeida. O director do Deposito, tenente coronel sr. Vasconcellos Dias, vae ser tambem ouvido, para o que já foi pedida a sua comparencia ao Senado. O guarda Antunes constituiu seu advogado o sr. dr. Caldeira Coelho.

Colonia allemã

O anniversario de Guilherme II

Passando hoje o 51.º anniversario de Guilherme II, a colonia allemã residente em Lisboa, assistiu a uma missa que se realisou na egreja do largo do Rilvas, comparecendo ali a maioria da colonia, o sr. Rosen, ministro da Allemanha e todo o pessoal da legação e do consulado.

Não houve recepção por ordens recebidas de Berlim. A' noite ha baile no Club Allemão.

Falsa denuncia

D'um argueiro um cavalleiro...

Ha dias o sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação, recebeu denuncia de que n'uma casa da rua de S. Marçal havia armamento escondido. Para investigar do caso nomeou o agente Pires, que, auxiliado por varios guardas fardados e á paisana, seguiu para o local, a fim de apurar o que havia de verdade. Na casa indicada, com os numeros 2, 4 e 6, tornejando para a rua Eduardo Coelho e travessa da Palmeira, reside a sr.ª viscondessa Sanchos de Bayena, viuva do escriptor Visconde Sanchos de Bayena. Habituada a viajar, essa senhora, devido á guerra tem-se conservado em Lisboa, residindo ali com seu filho, uma sua sobrinha e os creados João Alves e Maria da Graça, além de uma mulher a dias e um jardineiro.

Sendo apaixonada por flores, ordenou ao jardineiro que modificasse os canteiros, para o que elle comprou duas carroçadas de terra, que foram mettidas no jardim pela travessa da Palmeira. Alguem viu as carroças e tratou de o participar para a policia, declarando que em casa d'essa titular havia armamento. D'ahi a diligencia. O agente Pires e os seus auxiliares, pouco depois do nascer do sol, entraram no palacio e passaram uma busca a todas as casas, fazendo levantar a dona da casa, que estava descançando, sendo até os colchões remexidos. Passada a busca, que não deu resultados, a policia prendeu e levou para o governo civil o João Alves e a Maria da Graça, os quaes ás 10 horas eram postos em liberdade. No governo civil esteve á tarde o procurador da sr.ª viscondessa apresentando a sua queixa contra o abuso da auctoridade.

Interesses regionaes

Uma numerosa commissão de naturaes de Castello Branco e residentes em Lisboa, que a convite da direcção da Associação Commercial e Industrial d'aquella cidade, a quem veiu tratar da collocação ali d'um regimento de cavallaria, reuniram hoje na séde da Associação Commercial de Lojistas, foi ao ministerio da guerra conferenciar com o sr. Norton de Mattos a esse respeito. Era acompanhada pela direcção convocante e pelos senadores e deputados do circulo.

O deputado sr. dr. Joaquim d'Oliveira esteve hoje com o sr. ministro do fomento tratando da approvação dos estatutos do Gremio Operario de Ponte de Lima e pedindo que seja approvado o projecto do lanço da estrada de S. Julião do Freixo á Ponte de Anhel.

A instancias do mesmo deputado vae ser creada a cadeira de inglez na Escola Industrial e Commercial de Braga, tendo ainda o sr. dr. Joaquim d'Oliveira pedido ao sr. ministro da instrucção que mande proceder a obras em alguns edificios escolares d'aquelle districto e que sejam dotadas algumas escolas.

Tambem o governador civil de Braga, sr. dr. Eduardo Cruz, conferenciou com o sr. Antonio Maria da Silva sobre a construcção do lanço da estrada ligando a estrada nacional 30 á estrada municipal de Barcellos a Ponte de Anhel.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 25.—Não se sabe por emquanto o alcance do pagador geral das obras publicas sr. Mario de Sá, que abandonando o seu logar, se ausentou para parte incerta. De algumas dezenas de contos se diz que foi o desfalque.

O inquerito a que se vae proceder dirá de sua justiça e oxalá que toda a verdade se esclareça para bem da moralidade.

—O queijo da Serra da Estrella que aqui se estava vendendo pelo excessivo preço de 1$00 e 1$20, cada kilo, baixou de repente para 0$70 e 0$80.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34 5/16	34 3/16
Londres, 90 d/v.	34 13/16	—
Paris, cheque	$74,8	$75,3
Allemanha, cheque	$26	$27,5
Hollanda, cheque	$63,5	$64,5
Madrid, cheque	1$39	1$40
Suissa, cheque	$85	$86
Italia, cheque	$65	$67
New York	1$46	1$48
Rios/Londres	11 7/16	—
Libras	7$02	7$09
Agio do ouro	51 %	57 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	—	—
» » 500$	—	89,05
» » 100$	—	—

Externas: 1.ª serie 75$60.

Acções: Banco de Portugal 186$; Lisboa e Açores 125$; Ultramarino, assent. 129$20 e coup. 129$50; Assucar 45$80; Moçambique 3$20; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro 4$70; Moagem (Nova) 56$50.

Obrigações: Aguas, assent. 81$50 e coup. 83$50; Ambaca 93$80; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie 78; Norte e Leste, 2.º grau, 86$; Panificação 50$; Caminhos de Ferro de Benguela, tit. 5,80$ e tit. 1,81$50.

SPORT

Medicina com e sem drogas

Insufficiencia de uns, charlatanismo d'outros

Os grandes mestres da fisiotherapeutica fizeram os seus estudos durante annos

Sejamos justos e claros...

Fala-se d'uma therapeutica nova, a dos exercicios physicos, da hygiene athletica e dos «sports».

Muitos clinicos apregoam n'esses trabalhos modernos a sua proficiencia mas o campo é tão vasto e tão mal definido que muito charlatão se mistura n'estes assumptos querendo fazer o mesmo que os medicos, chegando a realisar interesses á custa d'um reclamo espaventoso e falso. Ora o certo é que os proprios medicos, teem de reconhecer uma certa insufficiencia n'estes estudos, que não se fazem de maneira a qualquer os conhecer em «dois mezes de investigação». Os grandes mestres da physiotherapeutica gastaram, só em saber e aprender qualquer coisa, annos de trabalho incessante, investigador no laboratorio, pratico pela experiencia pessoal.

Sendo assim porque apparece tanta gente a falar d'um assumpto que desconhece? E' que a therapeutica sem drogas presta-se ao charlatanismo, e a therapeutica das drogas tem o inconveniente do doseamento pharmaceutico e da receita para a pharmacia.

O facto é que abundam os especialistas» da physioterapia, os peritos da massagem, os sabios da gymnastica medica, «auctoridades» da hidrotherapia, os entendidos dos «sports» hygienicos e os criticos de «methodos naturaes» de trabalho muscular. São ás centenas, mas a sciencia é tão falha e tão apoucada que chamados a terreno, para confirmar a sua competencia não apparecem. E' que, podiam exhibir a sua reduzida illustração, ás primeiras investidas d'uma apertada controversia, quando tivessem de recorrer aos seus conhecimentos de anatomia, physiologia, hygiene e analyse scientifica dos methodos adoptados.

Querem um exemplo de que isto é assim? Procurem os organisadores do 1.º Congresso de Educação Physica Nacional e elles dirão o que teem soffrido, em desillusões e contrariedades, para ordenar os programmas technicos da sua louvavel iniciativa.

A verdade é que em todos os paizes tem succedido assim, até que a verdade sobre o valor d'estes assumptos se vulgarisa ao ponto de todos saberem que estes problemas, sem terem uma transcendencia excepcional, não podem, em todo o caso, ser tratados pelo primeiro videirinho ou pelo mais atrevido charlatão.

Como de costume, vamos procurar um exemplo extranho para confirmar as nossas impressões sobre o assumpto. Aproveitamo-nos do nome prestigioso do medico Fernand Lagrange, que pelos seus trabalhos, muitas obras de technica e bastantes obras de vulgarisação scientifica, conseguiu um nome de auctoridade e o ser coroado por todas as academias europeias.

Fernand Lagrange estudou, leu e trabalhou nos laboratorios durante annos. Depois que encaminhou o seu espirito n'uma orientação firme, acceitou a incumbencia do governo do seu paiz e em trez missões de estudo pelos paizes do centro e norte europeu, Belgica, Allemanha, Hollanda, Dinamarca e Suecia, confirmou o resultado dos seus estudos. Passou trez invernos successivos em clinicas de especialidade. Conseguiu a amizade dos technicos como Brandt, Ferngrëen, drs. Murray, Wide, acompanhou Oertel nos seus processos de «cura dos terrenos».

E apesar d'isso...

O dr. Fernando Lagrange, bem differentemente dos nossos «sabichões» que tudo aprendem e tudo sabem em poucos mezes, affirmava publicamente as suas opiniões mas não queria escudal-as com «intransigencia nem com infallibilidade». Admittia a evolução, a melhoria de methodos e de processos. Tanto assim, que fazendo a descripção d'esses varios methodos e processos gymnasticos que tinha conhecido nas suas viagens de estudo atravez da Europa, deixava ao criterio dos seus collegas medicos e especialistas da therapeutica, campo livre para escolherem o que melhor lhes parecesse...

gramma para aqui se passarem os dias?...

—Não ha, meu ex.mo senhor. Mais ou menos, é sempre a mesma coisa. Despertar ás 7 horas; das 8 ás 11 grandes caçadas na matta; ás 12 almoço; ás 2 tennis; ás 4 banhos no lago. Vae-se até lá a pé... E' muito perto, apenas uns 5 kilometros. A's 6 horas...

—Pare, pare, pelo amor de Deus... E ámanhã?

—A'manhã faz-se a mesma coisa...

—Tome, meu amigo estes dez escudos e diga á senhora que um telegramma me chamou immediatamente a Paris...

Nota do dia

Um «mez» de athletismo

O Stadium de Lisboa annuncia para o ultimo domingo do mez de março a inauguração do seu «mez» sportivo, cujo programma, á semelhança do que succedeu no anno passado, comprehenderá uma serie de grandes festas de aerostação, motocicIismo, «sports» athleticos e «foot-ball» com caracter internacional.

Esta noticia foi-nos directamente communicada pela empreza que nos pediu a publicidade com a nota de que os clubs se percebessem bem dos seus intuitos e de maneira que não venham mais tarde alegar que uma empreza os prejudicou. E' do secretario do Stadium a seguinte phrase:

—Os clubs teem os seus mezes, de fins de setembro a principios de abril. Durante esses mezes não os incommoda o Stadium. Depois d'essa data não é o Estado que os póde prejudicar, mas sim os clubs que pódem fazer mal ao Stadium...

Algumas anecdotas

Muita parra e pouca uva...

Uma amostra do que é o sport mundano, do que valem os «sportsmen» elegantes. Chegou o sr. J. A. ao Castello.

Tinha feito uma viagem de 17 horas. Vinha cançado. Mas dava-se por feliz pelo amavel convite da marqueza para passar oito dias na sua propriedade. O primeiro cuidado que teve foi o de perguntar ao creado de quarto:

—Supponho que ha, um certo pro-

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Grande sessão solemne e concerto na Sociedade de Geographia

E' no proximo sabbado, 5 de fevereiro, que terá logar na sala «Portugal», da Sociedade de Geographia de Lisboa, a festa de distribuição de premios de 1915, do Club Naval. Esta festa que foi adiada por tão justo motivo, de todos já conhecido, não perderá por isso a imponencia que os seus organisadores estão empenhados em dar-lhe. Pela grande afluencia de gente da nossa melhor sociedade que se notou na noite de 22, e que encheria por completo a ampla sala «Portugal», viu a direcção do Club Naval quão grandiosa seria a sua festa, servindo-lhes isso de estimulo para que esta seja superior á primeira, não só no concerto que foi augmentado com alguns numeros de canto por distinctas cantoras já consagradas no nosso meio lyrico, bem como a orchestra que ficará com mais figuras e sobretudo pela comparencia a esta festa do corpo diplomatico, ministerio, etc., que a morte do dr. Regis de Oliveira não permittiu que assistissem á do dia 22.

S. ex.a o sr. presidente da Republica digna-se presidir á sessão solemne, assistindo tambem ao concerto.

Nova reunião hippica

O resultado da reunião hippica realisada no sabbado, 15 do corrente, fez com que aproveitando-se o bello sol que tem feito n'estes dias, se annuncie para o proximo domingo, 30, uma nova reunião.

Apesar de ainda se não ter annunciado já é enorme o numero de pedidos de bilhetes que teem sido feitos e que continuarão a ser distribuidos até o proximo sabbado.

Sessão de tiro aos pombos

Em virtude de, no proximo domingo, se realisar a reunião hippica, a «poule» mensal, com premios fixos e a inscripção de 5$00 fica transferida para a segunda-feira seguinte, o que pouco ou nada prejudicará os atiradores, visto esse dia ser de feriado official.

Assembleia geral do Luzitano Club

Reune, no dia 29, ás 21 horas, o Lusitano Club Ciclista para discussão do relatorio da direcção e parecer da commissão fiscal, e eleições dos corpos gerentes para 1916.

Brindes e calendarios

A casa Modelo Americano, da avenida Almirante Reis, 6, distribue um chromo-calendario com uma graciosa caricatura.

"O Farol,,

«Os marinheiros e a Republica»

Referimo-nos com o devido louvor ao apparecimento de «O Farol», cuja redacção é a bordo do cruzador «Almirante Reis», escripto apenas por marinheiros e a marinheiros principalmente destinado. «O Farol», cujos dois primeiros numeros foram tirados a copiographo, passou a ser impresso e vae já no numero 6, hontem sahido.

Do seu artigo de fundo intitulado «Os marinheiros e a Republica», subscripto pelo cabo telegraphista I. D. Santos, recortamos os seguintes periodos, que mostram bem o culto que na alma dos marinheiros teem a Patria e a Republica:

«Ha dias appareceram uns papeluchos escriptos á machina dizendo, entre outras sandices, «que se approximava o momento tragico da Patria Portugueza» e «que a marinha precisava ir pelos ares».

Refinadissimos pateus! Como se enganavam, afinal, os pobres visionarios! Ainda julgarão que a bordo da nossa pequena esquadra se dorme a somno solto?

A bordo dos navios da Divisão Naval —fiquem sabendo os «morcegos» e as «toupeiras»—pulsa em cada marinheiro o coração da Patria.

Nas suas veias corre o sangue do cantor dos nossos feitos. Debaixo das suas camisolas de alcaxe existe uma alma de ferro, um coração de bronze e uns pulsos d'aço, promptos a reprimir energicamente qualquer ataque á integridade da Patria e da Republica.

A bordo dos navios não se dorme, repito. Todos nós estamos attentos ao menor signal de alarme. Elle que appareça, e nós bradaremos:

—A's armas, pela defeza da Republica!

Porque os marinheiros não são homens cujo caracter vergue a uma terrivel commoção, a um tremendo golpe vibrado na Alma Nacional; são, ao mesmo tempo, soldados estoicos para as eventualidades da guerra e não está nos seus regulamentos voltar as costas ao inimigo. Não temem ameaças de quem quer que seja.

Venha quem vier, encontrará sempre pela frente 4.500 marinheiros a embargar-lhe a passagem, 4.500 «Viriatos» não a esmagar mouros nas serranias da Peninsula Hispanica, mas a esmagar vendilhões da Patria em pleno Tejo. Não ha divergencias de qualquer especie n'esta grande familia de patriotas. Todos elles teem o coração bem republicano. Escusado é tambem pretender subornal-os. A sua dignidade é impoluta».

Capitão Tavares de Carvalho

Sessão de homenagem

Realisa-se depois d'ámanhã, pelas 20 e meia horas, no Centro Republicano dr. Bernardino Machado, rua da Costa, 4, 1.º, a Alcantara, uma sessão de homenagem ao sr. capitão Tavares de Carvalho.

Farão uso da palavra, entre outros oradores, os srs. Pedro Botto Machado, Luiz Filippe da Matta, dr. Felix Horta e dr. Albino de Menezes.

Na sessão far-se-hão representar diversas collectividades republicanas.

Pela instrucção

No Gremio Instrucção do Povo abre na proxima quarta-feira a aula diurna de instrucção primaria para ambos os sexos, continuando a inscripção na secretaria do Gremio, ao preço de $20 por mez.

Movimento maritimo

Col., M., etc. «C. Lop. y Lopez» (de L.) 28
R. J., Sant. e R. Prat. «Deseado» (de L.) 29

cezes na direita. Toda a linha avançou á hora indicada, sem haver o minimo signal quer de fadiga, quer de reluctancia.

Os inglezes progrediram, excepto na extrema esquerda. O pinhal de novo foi tomado á bayoneta. Sobre os francezes cahia um fogo ininterrupto dos novos canhões turcos, tão desconcertador que as suas linhas tiveram um movimento de ondulação e de recuo. O general d'Amade lançou para a frente as suas reservas, que rapidamente salvaram a situação.

Os inglezes de novo avançaram ás 6,10' da tarde, mas foram esmagados pelas shrapnels turcas e ao anoitecer o combate tornou-se mais fraco. O grande esforço dera pouco resultado.

Resolveu-se fazer nova tentativa no dia seguinte. As exhaustas tropas de novo se entrincheiraram e de noite pouco incommodadas foram. A brigada de Fuzileiros de Lancashire retirára para ficar de reserva, sendo substituida pela neo-zelandeza.

Tudo se preparou para o ataque final depois do almoço. O motivo que levou sir Ian Hamilton a continuar a batalha era o de estarem chegando novos reforços turcos e não se dever perder tempo, caso se quizesse obter uma victoria.

No terceiro dia, 8 de maio, a acção recomeçou com mais violencia, porque todos comprehendiam que ou n'aquelle dia se vencia, ou então se deviam perder todas as esperanças.

Pouco depois das 10 horas da manhã os navios recomeçaram o bombardeamento, com o mesmo pouco resultado dos dias anteriores, o que se provou porque quando a brigada neo-zelandeza se pôz em marcha sobre Krithia immediatamente foi recebida por um fogo furioso de fuzilaria e de metralhadoras. Os resolutos neo-zelandezes carregaram, apoiados pela artilharia ingleza e pelas metralhadoras da 88.a brigada. O seu centro passou além do pinhal sendo então posto em cheque, mas pela 1 hora e meia da tarde os neo-zelandezes estavam 200 metros mais proximos de Krithia do que qualquer outra unidade até então chegára.

Pequenas forças da 87.a brigada estavam no emtanto avançando por uma ravina á esquerda, com a esperança de cahirem no meio das metralhadoras do inimigo. Mas os turcos repelliram o ataque e os francezes que estavam avançando para Kereves Dere fizeram saber que não podiam mover-se a não ser que a linha ingleza avançasse.

Houve longa acalmia e muitos pensaram que a acção havia terminado. Sir Ian Hamilton estava, porém, combinando o plano para o momento decisivo da batalha. A's 4 horas da tarde ordenou que toda a linha carregasse á bayoneta e avançasse sobre Krithia ás 5 horas e meia.

A's cinco e um quarto todos os navios de guerra e todas as baterias abriram fogo, sendo o troar simplesmente horroroso. O som dos canhões ouvia-se muito longe e longas filas de bayonetas relampejantes se viam avançando. Passaram pela zona devastada pelo bombardemento e desappareceram nas dobras do terreno. Os francezes iam de tambores á frente rufando e os clarins tocando a carregar.

A scena era occulta pelas nuvens de fumo e quando anoiteceu os resultados eram ainda vagamente conhecidos. Pódem dar-se em poucas palavras. Mais terreno foi ganho, mas a linha turca não foi rota.

Assim terminou a segunda batalha de Krithia e com ella terminou toda a esperança de tomar Krithia e Achi Baba por meio de assalto.

Os episodios finaes só na manhã seguinte se tornaram conhecidos. As primeiras linhas de neo-zelandezes haviam passado além das metralhadoras do inimigo sem as descobrir, e os que as apoiavam tinham em consequencia d'isso soffido consideravelmente.

A brigada, que era commandada pelo brigadeiro general F. E. Johnston, tinha apesar d'isso chegado a poucos metros das trincheiras tur-

Os turcos não recuaram, porém, tendo uma outra companhia do mesmo regimento de ir fazer-lhes frente, cessando então o ataque gradualmente.

A's 2 horas da manhã, um batalhão da Real Divisão Naval foi mandado para fortalecer a extrema direita franceza, terminando assim a primeira phase da acção.

Tres horas depois, ás 5 da manhã, os alliados deram um contra-ataque. Toda a linha avançou. A esquerda ingleza, pelas 7 horas e meia, ganhára uns quatrocentos e oitenta metros e o centro egualmente ganhára terreno, e infligira grandes perdas ao inimigo.

A direita ingleza e a esquerda franceza avançaram tambem, mas o resto da linha franceza nada conseguiu, por Kereves Dere estar fortemente guarnecido.

Assim, o contra-ataque, que a principio se annunciára deveras prometedor, começou a enfraquecer. O centro e a esquerda inglezes foram apanhados sob um fogo cruzado de metralhadoras e não puderam manter o terreno ganho. Toda a força, por esse motivo, recuou para as trincheiras que occupava anteriormente.

Apezar d'isso, as honras da primeira batalha de Krithia pertenciam aos alliados. Haviam repellido o ataque turco e tinham morto grande numero de inimigos, tendo sido aprisionados no decurso do combate 350 homens.

Os turcos sepultaram os seus mortos sob a protecção da bandeira do Crescente Vermelho durante o dia 2 de maio e á noite atacaram a parte franceza da linha, sendo mais uma vez repellidos com grandes perdas. De novo avançaram contra os francezes na noite de 3 de maio, sendo naturalmente a secção franceza a escolhida, por mais facilmente d'ella se poderem approximar.

Durante os tres ataques nocturnos as perdas francezas foram tão grandes que no dia 4 elles tiveram de abandonar parte da sua linha á segunda brigada naval. Reforços chegaram aos inglezes no dia 5, quando a brigada de Fuzileiros de Lancashire (5.º, 6.º, 7.º e 8.º regimentos de Fuzileiros de Lancashire) da divisão territorial do Lancashire Oriental desembarcou, vinda do Egypto, e ficou de reserva atraz da esquerda ingleza.

Continuaram os preparativos para um novo avanço e a chegada de reforços tornou possivel dar de novo batalha.

As perdas das forças de desembarque, excluindo o dia 5 de maio e não contando com as dos francezes, foram: 177 officiaes e 1.990 homens mortos; 412 officiaes e 7.807 homens feridos; 13 officiaes e 3.580 homens desapparecidos.

A segunda batalha de Krithia foi determinada por sir Ian Hamilton a 5 de maio e dada de 6 a 8. Merece a maior attenção porque foi a muitos respeitos a mais importante batalha dada nas operações de desembarque nos Dardanellos.

As lições d'ella tiradas teem de ser consideradas como conclusivas, porque demonstraram claramente a crescente força da linha turca em frente de Krithia e das defezas de Achi Baba.

Segundo o que sir Ian Hamilton mais tarde escreveu, o seu objectivo immediato era apoderar-se de um kilometro pouco mais ou menos do disputado terreno que ficava entre as forças inimigas, porque precisava de campo mais vasto na peninsula. Conseguiu uma extensão variando de 540 a 360 metros, mas o objectivo real da batalha dos tres dias era evidentemente a tomada de Krithia e de Achi Baba, objectivo que os turcos fizeram frustrar.

A segunda batalha de Krithia provou plenamente que não havia a mais ligeira esperança de tomar a peninsula de Gallipoli ou qualquer parte importante d'ella por meio de uma batalha. Levou, por isso, á adopção da guerra de sitio. Deve tambem ter levado a uma cuidadosa reconsideração em Londres e Paris ácerca da situação dos Dardanellos.

A batalha dava mais uma vez occasião a tornar-se a examinar o projecto, occasiões tão frequentemente

offerecidas aos alliados, mas tão invariavelmente desconhecidas até ao outomno passado. A guerra de sitio nos Dardanellos podia trazer operações tão dilatadas como o cêrco de Troya. Toda a peninsula estava sendo transformada n'uma vasta fortaleza, n'uma escala como Vauban e Brialmont nunca tinham sonhado. A sua configuração offerecia possibilidades de linha apoz linha de defezas quasi inexpugnaveis.

Theodoro Roosevelt, ex-presidente da Republica dos Estados Unidos

Quando os japonezes incendiaram um ponto da fieira interior dos fortes em Porto Arthur, conheceram que a fortaleza tinha cahido. Em Gallipoli a tomada d'uma linha de defezas apenas revelava uma nova série quasi infindavel de linhas atraz da que fôra occupada.

Era sob este aspecto que o verdadeiro objectivo do ataque aos Dardanellos — arranjar meio da armada poder passar—devia ser considerado tanto na metropole como no proprio local. As obstinadas tentativas para tomar uma série de defezas turcas tornaram-se por si mesmas um objectivo. Os inglezes desejavam mostrar que nunca foram batidos, um desejo digno de louvor, mas não de importancia vital n'uma guerra mundial.

Mesmo quando os homens começaram a perguntar—e com o maior direito—o que poderia a armada fazer no caso de conseguir alcançar o mar de Marmara, poucos ligavam a pergunta com a continuação dos extraordinarios esforços para vencer os bem entrincheirados turcos em Gallipoli. Esses esforços continuavam cegamente e muitas razões engenhosas, mas evasivas, foram dadas para os justificar.

As forças alliadas haviam sido gradualmente reorganisadas apoz a primeira batalha de Krithia. Sir Ian Hamilton tivera ao menos a habilidade de crear uma reserva geral. Trouxera de Anzac a segunda brigada australiana de infantaria e a brigada neo-zelandeza e formára com ellas e com uma brigada naval composta dos batalhões Drake e Plymouth uma divisão composta, conservada de reserva.

A 29.ª divisão fôra reconstituida por quatro brigadas, compostas da 88.ª e 87.ª brigadas, da brigada de Fuzileiros de Lancashire (territoriaes) e da 29.ª brigada de infantaria indiana. O corpo francez havia sido reforçado pela segunda brigada naval. Na primeira manhã da batalha a 29.ª divisão occupou a linha ingleza, sendo a outra parte da fronte occupada pelo corpo francez e pela 2.ª brigada naval. A communicação entre as duas secções era feita pelos batalhões Drake e Plymouth.

A missão commettida á 29.ª divisão era a de se apoderar do terreno perto de Krithia, emquanto os francezes deviam apoderar-se da elevação que domina o valle atravez do qual corre o Kereves Dere. O ataque francez era muito importante, porque se não fôsse bem succedido a esquerda da fronte alliada podia ter avançado de mais e encontrar-se no perigo de ser batida por fogos de enfiada.

A valorosa 29.ª divisão, enfraquecida mas indomavel, entrou em acção ás 11 horas da manhã, apoiada pelo fogo dos navios que estavam no golpho de Saros. Os canhões francezes de 75 proximo da aldeia de Sedd-ul-Bahr abriram simultaneamente fogo sobre as posições turcas além de Kereves Dere, enviando descargas de quatro granadas de cada vez.

A's 11 horas e meia da manhã o corpo francez avançou para o ataque, indo na frente as tropas senegalezas. Alguns navios inglezes esforçaram-se por os auxiliar, dirigindo o seu fogo para dentro do valle do Kereves e para além d'elle.

O avanço dos inglezes á esquerda foi irresistivel, mas vagaroso, porque cada metro de terreno era valentemente disputado pelos turcos. Algumas trincheiras turcas isoladas foram tomadas, mas as principaes posições do inimigo não foram alcançadas.

Em duas horas a linha avançára entre duzentos a trezentos metros e tres horas depois estava ainda na mesma posição. A lucta era violenta em toda a parte, mas a fronte não estava ainda alterada.

A 88.ª brigada foi recebida por um fogo terrivel, ao que parecia de metralhadoras occultas por detraz d'um pinhal, que a brigada tentou tomar. Uma apoz outra, as companhias quizeram apoderar-se d'elle, mas foram repellidas.

A brigada de Fuzileiros de Lancashire soffrera tambem muito com o fogo das metralhadoras. Depois da batalha ter durado cinco horas na fronte ingleza foi dada ordem para as tropas se entrincheirarem onde estavam. N'esse dia, o ataque falhára.

O corpo francez pouco mais feliz havia sido. Ao alcançar o cume que dominava o valle do rio fôra recebido com fogo tão violento que não pudera avançar mais. Os senegalezes avançaram umas poucas de vezes, mas tinham de retirar perante a tremenda fuzilaria que os acolhia. Mais tarde descobriram á sua esquerda um reducto occulto que lhes impedia enormemente os movimentos. Só depois de anoitecer é que puderam entrincheirar-se. Tiveram de fazer frente a um ataque á bayoneta durante a noite, mas no resto da linha a noite passou-se em socego.

O segundo dia da batalha abriu com um terrivel bombardeamento dos navios dirigido contra o terreno em roda de Krithia, em frente da esquerda ingleza. Uma sentinella que estava n'um cume distante disse mais tarde que «as granadas esphacelavam cada metro de terreno e que parecia impossivel haver um ser vivo a dentro d'essa zona, porque outeiros e ravinas estavam amarellos com a lydite que explodia».

Um quarto de hora depois, cerca das 10 da manhã, a brigada de Fuzileiros de Lancashire avançou em terreno descoberto para um novo ataque. Teve de atravessar a area parcialmente cultivada proximo de Krithia, mas era um terreno muito falso, no qual metralhadoras haviam sido escondidas. Um fogo tremendo acolheu os que avançavam e tornou-se evidente que os canhões navaes não haviam nem destruido nem desmoralisado os turcos.

A birgada não poude atravessar o terreno descoberto. Comtudo, o avanço progrediu á direita, porque a 88.ª brigada caminhou para a frente e o 5.º de Escocezes Reaes fez o mesmo, indo descobrir atiradores turcos em plataformas occultas entre o pinhal. Esses atiradores foram desalojados.

O 1.º de Reaes Fuzileiros de Inniskilling, da 87.ª brigada, avançou pela esquerda da 88.ª e durante um certo tempo pareceu que era possivel avançar mais. A' 1,20' da tarde, porém, os turcos deram um contra-ataque, retomando o pinhal, e a batalha ficou então indecisa.

Os Inniskiling tomaram trez trincheiras turcas, que foram guarnecidas pelo 1.º de Fronteiriços Escocezes do Rei. Mas os Fuzileiros de Lancashire foram detidos pelo fogo cruzado de metralhadoras e pelas 3 horas da tarde tiveram de recuar.

Os francezes, na ala direita, tinham-se conservado em socego durante a manhã, mas pouco depois das 3 horas da tarde conquistaram algum terreno.

Sir Ian Hamilton resolveu fazer um esforço supremo. Ordenou um ataque geral para as 4,45' da tarde, hora a que os turcos punham novos canhões em acção contra os fran-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1968—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 28 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Faça-se luz

O que hontem se passou no Senado comprova uma situação, que ha muito existe, mas que nunca se denunciou n'um aspecto mais flagrante. Essa situação é gravissima, não só no ponto de vista politico como tambem no ponto de vista moral e social.

Sabem os leitores de que se trata. Um senador, o sr. Antonio Campos, que na vespera affirmára que, tendo já ha bastantes dias apresentado uma nota de interpellação ao sr. ministro da guerra, sobre assumptos de caracter militar, entendia que não devia protelar as considerações que na actual conjunctura se lhe impunham, considerações que envolviam accusações graves que desde logo se reclamou na imprensa que fossem esclarecidas, communicou hontem ao sr. Norton, que se declarava habilitado para responder á sua interpellação, que não queria fazel-a immediatamente!

Na vespera o sr. Antonio Campos entendia que se estava demorando a fixação do dia para a sua interpellação a ponto tal que não podia deixar de fazer considerações que a situação impunha. Hontem, não só essa urgencia desappareceu, como nem aos reiterados convites do ministro se decidiu a dizer uma palavra sobre as suas accusações que não só o parlamento como a opinião publica tinham o direito de exigir que fossem inteiramente esclarecidas.

Como muito bem disse o sr. Norton de Mattos ha coisas que não podem ficar em suspenso. O sr. ministro da guerra pelos termos da nota de interpellação, não podia suppôr que se tratasse de verdadeiros crimes, que o sr. Antonio Campos depois declarou existirem, promptificando-se a provar as suas arguições dentro e fóra do Senado. Desde o momento em que taes accusações se formulavam, não se podia dilatar o seu esclarecimento, para honra não só do governo, mas tambem do parlamento e tambem do sr. Antonio Campos.

Vem o ministro á camara, e convida o senador em questão a precisar as suas accusações. O Senado, para que nada impedisse esse debate, absolutamente urgente para a honra do regimen, proroga a sua sessão. E quem se não declara habilitado a tratar do assumpto é o proprio accusador, é o proprio interpellante, que devia por isso mesmo estar inteiramente senhor d'elle. Devemos concordar em que a situação em que se collocou o sr. Antonio Campos é realmente singular.

Todavia, a impressão dominante d'este incidente não é a da indignação: é a da tristeza. Estamos envenenando-nos uns aos outros! Estes processos de fazer politica, dando acolhimentos aos boatos mais tendenciosos e perversos, accusando sem a apresentação d'uma unica prova, insinuando monstruosidades que ás vezes não resistem ao mais rudimentar bom senso, é um processo que não só não honra nenhuma politica, como até deprime a sociedade que o consente.

Precisamos acabar com este envenenamento, que a todos nos intoxica. E' preciso pôr tudo a claro, acabar com esta atmosphera de suspeição e perversidade que conturba o ambiente nacional. Acabemos com isto! Acabemos com as accusações gratuitas, acabemos com insinuações, com boatos miseraveis, muitos dos quaes grotescos, mas não menos odiosos. Que quem fez essas accusações, que quem perfilha esses boatos, que quem divulga essas suspeições, seja chamado á responsabilidade dos seus actos. Só assim se dignificará a politica portugueza, se sanará o nosso meio.

Abra-se um largo inquerito, e que [illegible] sejam chamados a dizer o que sabem. Todos! Parlamentares, jornalistas, cidadãos de todas as cathegorias. Não ha o direito de infamar a Republica, de deprimir o paiz, fugindo á prova das accusações que se formulam. Nenhuma consideração, nenhuma reserva, nenhum escrupulo, são attendiveis. A Republica tambem tem a sua honra, o paiz tambem tem a sua honra, e quem não póde provar o que diz, procede criminosamente. Não ha tangente que possa salval-o.

Faça-se um inquerito, não só sobre as accusações do sr. Antonio Campos, mas sobre todos os factos que se apresentam diariamente rebaixando tudo, conspurcando tudo. E se se provar que essas accusações são verdadeiras, castiguem-se os culpados que ellas apontam. Se não se provarem, castiguem-se os calumniadores que as formulam.

Dr. Regis d'Oliveira

O sr. dr. Velloso Rebello, encarregado de negocios do Brazil, esteve ainda hoje no Supremo Tribunal Administrativo, directoria da faculdade de lettras, Conselho da Liga Naval, Assistencia Publica, Sociedade de Beneficencia Brazileira, Club Brazileiro, etc., para agradecer o comparecimento no funeral do embaixador Regis d'Oliveira.

Com o fim de prevenir qualquer omissão involuntaria, pede-nos o sr. dr. Velloso Rebello para sermos interpretes do profundo agradecimento da embaixada do Brazil junto de todas as corporações que se fizeram representar n'aquelle funeral, assim como de todas as pessoas que a elle compareceram.

Voluntarios portuguezes na Legião Estrangeira

PORTO, 27.—Partiram ha dias d'esta cidade, em direcção a França, dois moços estudantes, Arnaldo Teixeira da Silva e Julio Walter Allen, com o fim de se alistarem no exercito francez.

Noticias recebidas dos dois arrojados e valentes rapazes dão-nos incorporados no 3.º grupo da 1.ª legião extrangeira, em Lyon, Arnaldo Teixeira da Silva com o n.º 36:939 e Julio Walter Allen com o n.º 36:942.

Os dois voluntarios são naturaes do Porto e teem 19 annos. O primeiro é filho de um industrial de carpintaria da rua de Santa Catharina, e o segundo é filho de um importante industrial que tem uma fabrica de chapelaria na rua do Bomfim.

AS SURPREZAS DA GUERRA

Neutralidades de que especie?

A diplomacia dos alliados vae entrar, segundo parece, na phase positiva

Disse em Paris Jean Finot a um redactor d'este jornal que a guerra teria já por certo terminado se, em vez de estarem com generosas contemplações, os alliados tivessem desde o inicio feito a guerra á maneira allemã: brutalmente. Assim, a Inglaterra esperou um anno antes de se resolver a declarar o algodão contrabando de guerra. Se o tivesse feito em agosto de 1914, a Allemanha não teria já essa materia prima de explosivos.

Parece comtudo que os governos das potencias alliadas não estão decididos a contemporisar por mais tempo. Pelo menos, assim se depprehende das declarações de Lord Grey, que annunciou já para breve um accrescimo de rigor no bloqueio dos imperios centraes. E' evidente que os paizes de raça germanica, a Hollanda, a Suecia, a Noruega e a Dinamarca, por onde os allemães tão largo contrabando teem feito, vão resentir-se com isso. Mas, mesmo a consideração de que novos conflictos poderão surgir não faz hesitar a Grã-Bretanha em se resolver a averiguar de que especie são essas neutralidades; se contra os alliados se a favor d'elles.

E' um caso novo que constitue um magnifico symptoma: os alliados estão firmemente dispostos a vencer. Para isso, resolveram aperfeiçoar a sua vigilancia, e effectivar por completo o bloqueio.

E' a phase positiva. Não nos surprehenderá por isso que, de um dia para o outro, appareça a indicação de se aproveitarem os navios allemães existentes em portos portuguezes, como de resto já se devia ter feito, deixando o caso para ser examinado e discutido no fim da guerra. Desde que se entra n'uma phase positiva, é logico que se lance mão de todas as medidas praticas.

Pelo telegrapho

A Inglaterra só deporá as armas no dia da victoria

LONDRES, 27.—No discurso da corôa, que leu antes da prorogação do parlamento, o rei Jorge declarou que a determinação do povo do imperio o sustenta para conduzir a bandeira á victoria decisiva; e accrescentou: «Não deporemos as armas na lucta que nos foi imposta por aquelles que tratam levianamente as liberdades e as convenções internacionaes, que consideramos como sagradas, até que a causa que comprehende o futuro da civilisação seja reposta no seu logar de honra.—(*Havas*).

Um protesto dos Estados-Unidos

LONDRES, 28.—Segundo informação official foi recebido um «memorandum» dos Estados-Unidos protestando contra a apprehensão a bordo de navios neutros do correio e mercadorias americanas.

Sir Edward Grey declarou que não poderá responder senão depois da Inglaterra ter consultado os alliados visto que a politica seguida foi decidida de commum accordo. Uma nota do Foreign Office declara que nenhum correio foi submettido á censura ou retirado dos navios conduzidos aos portos britannicos.—(*Havas*).

A campanha italo-austraica

ROMA, 27.—Destruimos alguns postos e observatorios nos vales de Fanes, Crodarossa, e Maznik. Na zona de Gorizia mantemos solidamente as posições occupadas. No Carso ganhámos terreno hontem em direcção á egreja de San Martino, onde pudemos sustentar-nos.—(*Havas*).

UMA REFORMA URGENTE

Da generosidade dos gatunos e desordeiros

é que dependem a vida e os haveres da população de Lisboa

Suspeita d'um "complot,, monarchico-germanophilo em todo o paiz

Ha questões, n'este paiz, que se renovam periodicamente no Parlamento e nas columnas dos jornaes. A reforma de policia pertence a esse numero. Approvadas as suas bases nas duas casas do Congresso, ha coisa d'uns cinco mezes, toda a gente suppoz que não tardaria a publicação do respectivo decreto, com tamanha anciedade se affirmava e se repetia que era indispensavel e urgente dotar a Republica com um organismo policial que correspondesse ás necessidades da sua defeza. Afinal, deu-se um lamentavel incidente politico, que mais propriamente se deveria chamar *impolitico*, e a reforma não se fez. O sr. dr. Ferreira da Silva, ministro do interior, teve de abandonar o governo, e sobre a reforma da policia voltou a fazer-se um sepulchral silencio.

Agora, a questão vae ser novamente debatida. O sr. dr. Antonio Fonseca, parlamentar vigoroso, é das pessoas que não desistem facilmente de vêr triumphar as opiniões que possuem. Está firmemente convencido de que a policia precisa ser reformada e ha de empregar todos os esforços para que essa reforma se effective. E não lhe faltam qualidades para se manter com brilho, dentro da Camara, na empreza a que se abalançou. A questão vae ser posta em todos os seus aspectos, analysada com um grande poder de claro raciocinio e, sobretudo,—sustentada com tenacidade.

—Não faço mais, diz-nos o dr. Antonio Fonseca, que ir de encontro aos desejos do governo, que annunciou na declaração ministerial a disposição de modificar os serviços policiaes de Lisboa. Simplesmente, dou uma maior amplitude ás intenções do governo, pois o meu projecto tende a reorganisar os serviços policiaes de todo o paiz. Com pequenas alterações, que não lhe modificaram a estructura geral, elle assemelha-se quasi inteiramente ao decreto que o ministro Ferreira da Silva tencionava publicar em novembro passado.

«Em cada dia que passa, a necessidade d'essa reforma avoluma-se aos olhos de toda a gente. Não ha muitos dias ainda que o illustre chefe do governo foi procurado por delegados das commissões politicas do partido republicano portuguez, que insistiram nas suas conhecidas opiniões sobre a corporação que tem a seu cargo a manutenção da ordem e a defeza da Republica. Aquelles infatigaveis e dedicados soldados do partido não se cançam de pregar a necessidade d'uma urgente reforma da policia. Porque os inspiram odios, más vontades? Não. Porque estão convencidos, sinceramente, absolutamente, das perigosas deficiencias que a actual organisação policial encerra, quer sob o ponto de vista politico, quer considerada apenas a funcção que mais propriamente compete á policia e que é a simples manutenção da ordem. Mesmo admittindo-se, como mera hypothese, que a actual policia, é capaz de exercer as suas funcções diligentemente, ella não pode fazel-o, porque lhe falta a confiança do povo republicano, porque se incompatibilisou com elle. E sem essa confiança não pode haver boa policia, principalmente em Lisboa, onde o problema da manutenção da ordem, nos seus aspectos mais graves, não é mais que um problema politico. Estamos, pois, em presença d'um facto averiguado. Já se torna inopportuno discutil-o. O que é preciso é resolvel-o.

«De resto, são os factos que se encarregam de demonstrar que a policia se mostra incapaz de realisar o papel que lhe compete. Sob o ponto de vista politico, ella vive alheada dos acontecimentos. Só sabe o que lhe dizem. Não possue meios de informação, não deduz nem conclue coisa alguma das averiguações que faz. Aos meus ouvidos chegou, por exemplo, a suspeita de que existe em todo o paiz um vasto *complot* onde pontificam monarchicos e germanophilos, constando-me mesmo que o governo já foi informado d'essa suspeita. Que sabe a policia a esse respeito? Certamente, o que o governo lhe disse, porque é de suppôr que a informasse. Sob o ponto de vista do simples policiamento da cidade, a situação é a mesma, se não é ainda peor. E' lêr nos jornaes os casos da rua, durante dez ou quinze dias, e conclue-se que os habitantes de Lisboa estão á mercê... da generosidade dos gatunos e desordeiros. Depois das duas horas da manhã, raro se lobriga um policia nos pontos mais centraes da cidade. Ou estão a dormir, ou escondem-se com medo d'alguma facada.

«Ora, esta situação não pode manter-se. E' preciso que a policia seja aquillo que deve ser: um organismo capaz de assegurar a ordem e de garantir a vida e os haveres da população. Assim como está, não é nada. Seria mesmo preferivel—dissolvel-a. Os habitantes da cidade poderiam depois revezar-se, em turnos, para o policiamento da dita. Ficava mais barato ao Estado e talvez fosse melhor —para todos.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados sete volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas, o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, o sexto de 21 de outubro a 5 de dezembro, com 180 paginas, o setimo de 6 de dezembro a 23 de janeiro com 188 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

MARAVILHAS DO "CINEMA,,

"A Guarda de Sua Magestade,,

Uma verdadeira obra de arte que vae por certo obter um exito retumbante

Noticiámos hontem que o antigo theatro da Rua dos Condes vae brevemente reabrir as suas portas, transformado n'um elegante salão animatographico, e alludimos ao «film» de estreia como a uma das obras primas mais delicadas que no genero tem apparecido. «A guarda de Sua Magestade» é, de facto, uma verdadeira obra prima, tanto sob o ponto de vista dramatico como até pelo lado technico, pois é das projecções mais perfeitas e mais nitidas que se teem visto em Lisboa.

A acção decorre quasi toda n'um meio de requintadas elegancias. O episodio inicial, passado na côrte de um poderoso imperio, desvenda-nos uma intriga de chancellaria que profundamente empolga o espectador: trata-se de machinar a annexação de um pequeno reino, cujo soberano depois de ter heroicamente sustentado os seus direitos com a espada na mão, é forçado a refugiar-se, vencido e desalentado, na terra amarga do exilio. E' então que intervem uma formosissima mulher, que a diplomacia do imperador encarrega de inspeccionar o exilado rei no intento de evitar que elle consiga fazer valer os seus direitos junto das outras grandes potencias. Hesperia, sob o disfarce de um titulo, encontra-se com o monarcha em plena «Riviera», e realisa prodigios de seducção com o fim de captar o amor do joven soberano. Um bello dia, no emtanto, reconhece que está loucamente enamorada do rei, e resolve neutralisar todo o mal que até então lhe tem causado. O desenlace que então se segue, e que é tudo o que ha de mais inesperado, emociona profundamente, tanto mais que o desempenho por parte dos protagonistas é realmente inexcidivel.

Eis em rapidas palavras o assumpto do magnifico «film» de arte com que dentro de breves dias vae reabrir o theatro da Rua dos Condes.

Noticias parlamentares

O sr. Costa Junior levantou hoje na camara a questão das carnes. Podia ter levantado tambem a questão do bacalhau, a da farinha, a do azeite, a dos ovos e até mesmo a das cebolas e a das batatas, porque tudo isso está pela hora da morte. Que vae faltar a carne, disse aprehensivo, o sr. Costa Junior. E faltarão tambem as hortaliças e as fructas? Se se der só a primeira crise, os vegetarianos vão ter um alegrão. Mas se ella fôr seguida dos outros? Como ha de alimentar-se o dr. Amilcar de Sousa, que é, em Portugal, o Papa maximo da gente que se alimenta com o verde? Deixam-no morrer de fome? Seria um crime revoltante. O melhor é cada um de nós mandar-lhe um saquinho de pinhões, para que o Carnaval lhe corra farto como sempre...

* * *

Que não se paga em dia aos professores primarios, disse hoje, em S. Bento, o sr. Vasco de Vasconcellos. E protestou, vehementemente, contra semilhante desleixo, do qual está sendo victima a mais prestimosa classe de funccionarios d'este Paiz. Mas que ha de estranho em que os professores primarios não recebam em dia os seus vencimentos? Pois não trabalham elles como negros? Logo não merecem que os remunerem. Quem não faz nada é que tem todo o direito a metter no bolso contos e contos de réis. Ha-os por ahi ás duzias, anichados em inspecções em contadorias e em commissariados, onde não põem nunca os pés. E esses não se queixam. Vejam se o sr. Arthur Costa tuge ou muge. E esse não é dos mais desinfelizes.

* * *

Parece que ha ainda revolucionarios do 31 de janeiro para galardoar. Ninguem o supporia, tantos teem sido os que, só por se encontrarem no Porto n'essa madrugada tragica, teem sido elevados á cathegoria de martyres e, portanto, á de pupilos da Republica. O sr. Eduardo de Sousa diz, porém, que sim, que ainda os ha. Mais. Affirma que alguns d'esses esquecidos estão na miseria. Pois, sendo assim, que se lhes acuda immediatamente. A Patria não póde ser mãe para uns e madrasta para outros. E se tanto sargento felizardo foi guindado ás culminancias d'um officialato commodissimo, como não ha de adoptar-se para os que realmente se bateram benevolencia egual? E' indispensavel não offender gravemente a justiça, cujas roupagens rasgadas de farpões, não lhe encobrem já sufficientemente a nudez...

* * *

Uma estreia. E está um homem calado tanto tempo para isto! Andavam em volta do sr. Alfredo de Sousa famas que o comprometteram. Diziam-no eloquente. Faziam-no passar como orador de primeira agua. Afinal, nada. Lamego, Castro Daire, Vizeu, os presuntos saborosos, as cerejas de Penajoia, o Relogio do Sol, estradas arrazadas e disse. E a voz? Hatirante, a cana rachada. E o gesto? Para o sr. Sousa, não é preciso d'isso. Sua senhoria abomina o movimento. E o semblante? Oh! o semblante? O sr. Alfredo de Lamego faz, quando fala, tanta careta esquisita, que dir-se-hia estar furioso com todos. Ha quem diga que o rosto se lhe affligia em tantas contracções, por causa do esforço com que as palavras lhe acudiam aos labios tremulos. Sim, sim, deve ter sido isso. Em todo o caso, ao pé do sr. Virgolino, o sr. Sousa é um alho. Valha-nos, ao menos, isso...

* * *

Aquella syndicancia á extincta repartição dos serviços de doenças infecciosas do Porto, e suas dependencias, está, ao que consta, destinada a dar ainda, e muito, que falar. Pelo menos, o sr. Eduardo de Sousa jura que não a largará de mão e ainda hoje enviou para a meza dos deputados uma nota de interpellação sobre o assumpto. Trabalho inutil. Aquillo deu a alma ao creador. Para desapparecer o delicto, desappareceu o local onde elle se praticára. E em mortos não se bate. Logo, tempo virá em que, na campa fria da repartição, nasçam e floresçam açucenas candidas, simbolos immaculados da innocencia que, por tanto tempo, dirigiu os serviços que por causa das duvidas, foram obrigados, prematuramente, a dar a alma ao creador.

* * *

Annuncia-se uma votação. O sr. Jorge Nunes requer que ella se faça nominalmente. Grande atrapalhação em todos os lados da Camara. A maioria, sobretudo, fica ultra-atarantada. E' que, para o requerimento ser approvado, basta apenas um terço. E haverá numero? Não haverá? As colicas succedem-se e multiplicam-se. Ganha-se tempo. Fazem-se contagens sobre contagens. Por fim, o sr. Godinho, que está na presidencia, põe a lingua a funccionar. O requerimento é approvado, diz elle. Votaram a favor 20 deputados e contra cincoenta e um. Logo, o sr. Jorge Nunes teve o terço regimental a seu favor. E' esta a arimetica do sr. Godinho. Mas como não é a do sr. Pope, o eminente filho d'Almeirim não teve remedio senão confessar que se enganára. Ai, sr. Godinho, mais taboada, mais taboada! Talvez não lhe fizesse nada mal...

A crise da imprensa

O problema do papel—Serenidade e firmeza—Em Hespanha e na Italia

A Noruega resolveu prohibir a exportação da pasta indispensavel ao fabrico do papel. Quer dizer, as difficuldades actuaes vão ser ainda mais aggravadas se é possivel, como se não fossem poucas!

O governo, se está, como crêmos, disposto a coadjuvar a industria jornalistica, deve empregar os seus melhores esforços no sentido de obter que a importação da pasta continue a ser feita como até aqui.

A falta de papel é cada vez mais sensivel. O nosso stock acha-se exgotado e o mesmo succede, segundo nos consta, com a «Republica» e outros collegas. Parece que só o «Diario de Noticias» possue reservas que lhe permittem aguentar a tremenda crise cujo prolongamento se não sabe até onde irá. Aconselha o nosso illustre collega a maior serenidade n'esta conjunctura. Muito bem. Estamos de accordo. Mas é preciso, absolutamente necessario que essa serenidade não queira dizer affrouxamento na lucta por interesses perfeitamente justos e que como nunca se encontram ameaçados de prejuizos que podem ser irremediaveis.

Em Hespanha, a industria jornalistica trabalha activamente para accudir á situação embaraçosa em que se debate e já reconheceu a necessidade de augmentar o preço dos jornaes e diminuir o numero de paginas.

Em Italia a crise do papel tambem preoccupa a imprensa que resolveu egualmente recorrer á diminuição do numero de paginas para a attenuar.

O escandalo do gaz

A questão do Gaz está prendendo, mais uma vez, as attenções do publico. O preço augmentou depois do começo da guerra ao maximo permittido pelos contractos e até já o excedeu! Os contadores erram as contas em favor da Companhia, por modo que os consummidores não sabem explicar nem logram comprehender. A qualidade nunca foi tão inferior e consta que se pensa em prejudicar ainda mais o publico com um gaz que lhe pode deteriorar a saude depois de lhe arruinar a bolsa.

A questão do gaz não deve mais uma vez ser adiada. O que vae fazer a camara municipal que tantas responsabilidades tem na situação?

OS DOIS FANATISMOS

Na vespera d'um leilão de imagens

O que se passa em S. Martinho de Cintra — O encerramento da egreja ha nove mezes — O desgosto da população — O que fazem as auctoridades superiores?

Após o 14 de maio, a egreja matriz de S. Martinho de Cintra foi encerrada ao culto. A junta de parochia, sob o pretexto de que o parocho era inimigo da Republica, fechou as portas do templo, onde se suspenderam os actos cultuaes nunca interrompidos durante seculos, a não ser quando o terramoto de 1755 o destruiu. As diligencias feitas até hoje para que se lhe restituissem as chaves não surtiram resultado, antes parece terem radicado ainda mais a referida junta de parochia no seu proposito de obstar a que o exercicio do culto se reate...

Cumpre accentuar, antes de mais nada, que a attitude politica do parocho, fosse qual fosse, não originou contra elle qualquer procedimento legal, continuando a residir em Cintra e a attender os que entendem necessitar dos serviços do seu ministerio. Como lhe prohibissem a entrada na egreja, transformou naturalmente em capella a sala da sua casa, onde celebra missa e administra aos fieis os sacramentos, mandando a verdade, no entanto, observar que o espirito religioso da população permanente jámais o obrigou a grandes fadigas.

Ninguem ignora, porém, que Cintra é a mais celebre e uma das mais concorridas e justamente apreciadas das nossas estações de verão. Um numero muito importante de pessoas que na encantadora villa passam alguns mezes do anno praticam a religião catholica e frequentavam a egreja parochial de S. Martinho cuja concorrencia, sobretudo aos actos de culto dominicaes, augmentou, como era de prever, depois de encerradas as capellas do velho Paço e da Misericordia. O 14 de maio, que em Lisboa deitou por terra a dictadura de Pimenta de Castro, em Cintra assignalou-se, como dissemos, pelo encerramento de S. Martinho cujos sinos emudeceram, não echoando mais, alegremente, nas quebradas da serra e cujas mortiças lampadas, onde o azeite já havia muito escasseava, se extinguiram de todo. Quaes foram as consequencias de semelhante medida, que na lei talvez acceitavel é que desagradou profundamente até a republicanos e a livre-pensadores? [illegible]

Vae o leitor conhecel-as. As capellas particulares abriram-se aos fieis privados da egreja publica; em muitas casas ricas ou nobres ergueram-se altares e aos adversarios das instituições forneceram-se assim novos argumentos contra o regimen que coarctava a liberdade de culto, banindo-o do seu logar proprio e fazendo recordar os sombrios, perturbados tempos em que a Revolução forçava os crentes a buscar abrigo nos celeiros para a pratica dos seus mysterios...

Fechando a egreja, arrecadando as chaves, trabalhando para que se malogrem os esforços de quem desejaria vêl-a reaberta em nome da liberdade, do direito, da justiça e do bom senso, os revolucionarios cintrenses do 14 de maio não prejudicaram materialmente o parocho, que continuou e continuará a exercer a sua missão pastoral, nimbado aos olhos dos fieis com a aureola do martyrio e patrocinado pelos que se julgam no dever de o amparar como victima... Se alguns d'esses revolucionarios suppuzeram ainda que o encerramento da egreja contribuiria para desviar d'ella e da observancia dos preceitos religiosos os que a frequentavam, a estas horas devem estar convencidos da fallencia do seu contraproducente plano. As antigas capellas e as capellas novas, improvisadas em salas, passaram a ser concorridas como o não era a egreja e para lá elles proprios impelliram, sem querer, a gente do campo, em cujas almas simples por esta maneira se inocula a antipathia pela Republica...

* * *

Mas o caso do encerramento da parochial de S. Martinho de Cintra reveste n'este instante um aspecto de singular melindre e que, segundo nos consta, preoccupa dolorosamente a maior parte da população da villa. Como a egreja esteja fechada e as irmandades n'ella erectas hajam desapparecido ou atravessem uma existencia angustiosa, resolveram os da junta—diz-se—promover a venda de certas imagens, paramentos e vasos sagrados, despojando assim o templo do recheio indispensavel ao culto. Entre essas imagens avulta uma sempre admirada pela sua belleza esculptorica e pela sua impressionante expressão de soffrimento: a do Senhor dos Passos. Affirma-se que tratam de removel-a secretamente de Cintra, para com outros objectos ser vendida em leilão. O povo da villa não é beato, nunca o foi, mas doe-se de que arrebatem á antiga egreja, em torno da qual se aconchega a casaria, a velha imagem de Christo que uma vez cada anno era levada em procissão na qual se encorporavam, de opa e vara, alguns d'aquelles que hoje pensam em promover a sua venda!

Ha de certamente invocar-se a lei para se conseguir manter encerrada a parochial de S. Martinho, em cujo cartorio Anselmo Braamcamp Freire procedeu a estudos para a sua obra monumental sobre os «Brazões». Ha de invocar-se a lei—torcendo-a com esse intuito—para se levar a cabo o projecto de leiloar santos e alfaias cujo producto de venda não livrará o thesouro dos apertos com que lucta. Mas—sr. ministro da justiça—não haverá quem, sobrepondo-se ás influencias d'um caciquismo que mais desprestigia do que enaltece os que o cultivam, impeça a realisação da obra intoleravel e esteril dos detentores da parochial de S. Martinho e ordene a reabertura d'esse templo ha nove mezes fechado? Quem faz esta pergunta metteu hombros, em pleno regimen monarchico e na hora em que a monarchia nova de D. Manuel II ainda em muitos alimentava esperanças de regeneração nacional, a uma campanha contra os abusos do clericalismo dominante e os erros da pessima politica inspirada pelos congreganistas. O redactor da «Lanterna» escreve hoje com a mesma independencia e o mesmo desassombro de então. Todos os fanatismos lhe repugnam e entende que tão detestavel é o hypocrita phariseu como o jacobino feroz.

Avelino de Almeida

NO PORTO

Os serviços da Mizericordia

são dignos de todo o louvor —O caso dos doidos do Aljube

Meu querido amigo:—Perdoe-me v. ainda uma vez importunal-o. Volto ao assumpto com o desgosto que póde presumir, desde que se trata de contrariar um camarada, embora impenitente. Errar é proprio dos homens e nunca me custou confessar que errei, desde que errei. O sr. Silva Esteves quer considerar-se infallivel, e insiste não só no seu erro como parece querer desviar a contenda para uma questão misera de lana-caprina. Infelizmente para o estimado camarada, nem elle é infallivel nem a sua passagem pelo jornalismo catholico lhe adjudicou prerogativas que no proprio papa são discutiveis.

O sr. Silva Esteves affirmou, por informação de um «medico distincto», que o Hospital do Conde Ferreira «nunca» tem logar para receber desgraçados e que «quem não puder pagar uma diaria que vae desde um escudo e vinte centavos não tem logar no hospital».

Por se tratar de coisas de caridade, caridosamente mostrei ao sr. Silva Esteves e ao seu informador que o manicomio do Porto hospitalisa normalmente 300 individuos cujo tratamento é inteiramente gratuito; que tem 240 pensionistas a 400 réis diarios que lhe dão prejuizo; 75 de 2.ª classe que lhe não dão esse prejuizo, a 1$300 réis; e apenas 15 de 1.ª classe a dois escudos. Esclareci tudo, e para não maçar nem o sr. Silva Esteves, nem o leitor, nem a mim, lembro que os meus esclarecimentos foram publicados na «Capital» de 11 do corrente. Tenho a certeza de que são concludentes e irrespondiveis, porque contra factos não ha subterfugios.

Na «Capital» de 16 o sr. Silva Esteves diz que o «medico distincto» não concorda «em parte» commigo, o que considerei já uma boa fortuna, pois que concorda no resto, e transcreve do seu informador esta pergunta:

«No Aljube estão ha quatro annos dois pobres doidos: uma mulher da Foz, a Serafina, e um desgraçado, que é do Porto. Então a Santa Casa da Misericordia do Porto—desde ha «quatro» annos—que vão fazer-se em março proximo, ainda não teve logar para «admittir» no Conde Ferreira esses dois pobres e desgraçados doidos?».

O sr. Silva Esteves, transcrevendo, já ahi tentou derivar o caso dos dois alienados para os outros serviços a cargo da Misericordia. Mesmo ahi procurei esclarecel-o. Mas como principalmente de doidos se tratava, não o deixei fugir, e ainda caridosamente o esclareci, e ao medico distincto, de que a percentagem dos alienados que se inscrevem para a admissão é de tal maneira grande, em relação ás vagaturas que o tempo que medeia entre uma inscripção e a probabilidade de um logar é geralmente de seis annos; sendo a Misericordia inteiramente impotente para remediar este horror, e portanto um crime consideral-a culpada da sua falta de recursos. Isto seria bastante para esclarecer que a Serafina mesmo que estivesse ha quatro annos no Aljube o estava sem culpa da Misericordia. Mas mesmo sobre esse tempo de reclusão da infeliz havia erro. A doente não está tal no Aljube ha quatro annos, mas ha menos de dois, ou seja desde 3 de maio de 1914, dando-se ainda a circumstancia de que a requisição da auctoridade para ser inscripta a fim de ser admittida na sua altura, foi feita em 6 de julho do mesmo anno. Quanto ao homem disse:

«O medico distincto não lhe cita o nome e não posso por isso esclarecel-o; não me repugna todavia acreditar que as suas circumstancias sejam as mesmas da Serafina».

Não foi isto? Foi isto.

Pois o sr. Silva Esteves vem negar o que é um facto, embora para o caso principal—a deficiencia de hospitalisação—inteiramente secundario. E fala na sua probidade profissional, que eu nunca puz em duvida e que não vem nada ao caso.

juntado pelo seu informador. Ao mesmo tempo transcreve coisas da sua lavra no publicado na «Capital» e cola o registo do Aljube.

Pois muito bem: Na secretaria do hospital do Conde Ferreira está a requisição do sr. inspector da policia, que pede ao sr. Esteves licença para transcrever integralmente. Reza assim o documento:

SERVIÇO DA REPUBLICA
Policia Civil do Porto
3.ª REPARTIÇÃO, N.º 3.151

Ex.mo Sr. Director clinico do Hospital do Conde Ferreira.

Venho rogar a V. Ex.ª se digne mandar inscrever, para como indigente dar entrada n'esse manicomio, logo que seja possivel, a alienada Serafina,—não se obteve filiação—a qual se acha nos presos do Aljube desde o dia 3 de maio do corrente anno. A referida alienada é pobre e não tem pessoas de familia que a possam sustentar, o que certifico. Saude e fraternidade, Porto, 6 de julho de 1914.

Pelo commissario geral,
O inspector dos Serviços de Segurança e Policia Administrativa
(a) Romulo d'Oliveira

Se o sr. Esteves me dá ainda licença, este documento é insophismavel. Por elle e só por elle a Misericordia pôde saber que havia mais uma indigente a internar, ou antes a inscrever para ser internada, quando houvesse vagatura. «Et voilà».

Mas o presado sr. Silva Esteves fala ainda em mais dois alienados, Simão Maria Pinto e Delfina de Jesus, e diz que entraram no Aljube em 1912. E' possivel. Mas a requisição do sr. inspector da policia feitas á Misericordia diz que entraram em 1914, no mesmo dia da Serafina. Tenho aqui as copias authenticadas dos officios e a facilidade de lh'os estampar os originaes em photogravura, se duvida.

O meu caro sr. Silva Esteves: tenha paciencia e ouça-me:

Nem V. Ex.ª nem eu estamos em idade para leviandades, nem o nosso caracter permitte que sophismemos a verdade. Os reparos do sr. Silva Esteves que me forçaram a vir responder-lhe visavam, evidentemente, não em especial as deficiencias da hospitalisação, mas uma supposta incuria da gerencia da Misericordia. Se quer que lhe transcreva as suas proprias palavras e as do seu medico, dizendo, em transcreve. Como era uma injustiça, respondi-lhe defendendo essa gerencia, com a qual nada tenho, a não ser a certeza de que é escrupulosamente mantida.

Nenhum interesse a não ser o de fazer bem, anima as pessoas que a compõem. Não lhe parece triste que trabalhando de graça e a esforço seja ainda em cima alvo de injustiças? Deixemos isso, sr. Silva Esteves! Deixemol-o e collaboremos todos no sentido de dar á Misericordia, não mais censuras, mas mais recursos, para que os serviços de hospitalisação possam corresponder ás necessidades publicas. E está dito tudo.

GUEDES D'OLIVEIRA

Eneida dos Baptistas

A fundação d'uma créche

Da direcção da «Eneida dos Baptistas», a benemerita sociedade de beneficencia da freguezia de Santa Izabel, recebemos uma amabilissima carta, em que nos agradece a cooperação que lhe temos prestado com a publicação das noticias a essa sociedade referentes.

Não tem a «Eneida dos Baptistas» que nos agradecer e a carta que temos presente só a um requinte de gentileza podemos attribuir. Instituições da natureza da «Eneida» são dignas de todos os louvores e todos os louvores são para ellas poucos.

E não nos referiríamos á carta que recebemos, para que se não julgasse que era a vaidade que nos levava a falar, se n'ella não viesse uma noticia que mais contribue para elogiarmos a «Eneida dos Baptistas».

Essa instituição vae agora fundar uma créche, o que quer dizer que á populosa freguezia de Santa Izabel vae ser prestado mais um valioso serviço por quem já tantos lhe tem prestado.

Que a «Eneida» em breve veja a sua obra realisada são os votos que formulamos.

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Frei Luiz de Sousa—Um anjinho da pelle do diabo.
REPUBLICA — A's 21 — Os posticos.
TRINDADE—A's 21 — O rei damnado.
POLYTEAMA — A's 21 — A vida d'um rapaz pobre.
GYMNASIO—A's 21 — Festa do camaroteiro—Em boa hora o diga—Soror Marianna.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30 —Maré de rosas.
MODERNO—A's 20,45 e 22,45 —Sempre fresquinho.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Loreley.

Agenda da semana

AMANHÃ — **Apollo** — Primeira representação da revista *Palavra de honra*.

EDEN THEATRO—*Réprise* da revista Diabo a quatro.

Para reapparição do sympathico e popular actor Nascimento Fernandes, completamente restabelecido da doença que o teve afastado da scena e o forçou a uma cura de repouso na Suissa, durante o periodo de trez mezes, deu-nos hontem a empreza d'este theatro a *réprise* da applaudida revista de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos convenientemente remodelada e actualisada de fórma a não perder o equilibrio que lhe garantiu o successo quando da sua primeira representação, ha já alguns mezes. Sem prejuizo da peça, algumas alterações houve no desempenho da mesma, todas a contento do publico que, n'uma grande manifestação de sympathia, applaudiu calorosamente Nascimento Fernandes na sua soberba creação do *Colla Tudo*, bem como Alvaro Cabral no *João Pestana*, papel primitivamente creado por Henrique Alves. Por sua vez, Amarante, João Silva, Berthe Bailly, Egidia, Carmen d'Oliveira e Luiza Durão mereceram os applausos que o publico lhes tributou.

A regencia da orchestra afinada. Marcação e *mise-en-scène* como da primitiva.

Alvaro Lima

Boatos e informações

Entre nós

No Colyseu dos Recreios hoje canta-se o *Rigoleto*, ámanhã a *Loreley*, no domingo *Cavalleria rusticana* e *Palhaços* e na segunda feira, em recita da moda, o *Othello*.

● Os artistas do theatro da Republica offerecem ámanhã um almoço á empreza do mesmo theatro. Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

● A peça *Vida d'um rapaz pobre*, de que no dia 1 de fevereiro se faz *réprise* no theatro Nacional, em festa da gentilissima actriz Albertina de Oliveira, e em que toma parte o grande actor Alvaro, foi assim distribuida:

«Maximo Odiot», Alvaro; «Laroque», Augusto de Mello; «Bevalan», Henrique de Albuquerque; «Laubepin», Pato Moniz; Luiz Vanberger», Antonio Pinheiro; «Dr. Desmarets», Lage; «Germano», Carlos Shore; «Champlain», Lacerda; «Yvonnet», Rosa Matheus; «Margarida», Albertina de Oliveira; «Heloneq», Palmyra Torres; «Senhora Laroque», Maria Augusta; «Senhora Aubry», Berardi; «Christina», Judith de Castro.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Calçada Sociedade Operaria Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Capitão Chagas Roquette

Falleceu, apoz prolongado soffrimento, o capitão de infanteria sr. Manuel Xavier Trindade Chagas Roquette, secretario perpetuo da Sociedade da Cruz Vermelha e official muito distincto e illustrado. Serviu por largo tempo nas colonias, desempenhando importantes commissões em Angola, India e Timor e contando varios louvores na sua brilhante folha de serviços. Escreveu sobre a Ordem Militar de Santhiago, do que era cavalleiro, sobre monumentos militares em Portugal e um estudo sobre prisões. Possuia ainda além do habito de Santhiago, o habito de Aviz e merito militar de Hespanha e as medalhas de comportamento exemplar e de bons serviços no ultramar.

O funeral realisa-se ámanhã, ás 11 horas, da rua D. Estephania, 155, para o cemiterio Occidental.

A' familia enlutada e em especial a seu sobrinho, o sr. Victorio Chagas Roquette, nosso presado collaborador, os nossos sentidos pezames.

Salão Foz

Estreia de Los Guitanillos

O Salão Foz dá hoje, em recita da moda, a estreia dos celebres dançarinos, Los Gitanillos. E' um acontecimento esta estreia porque Los Gitanillos são os melhores e mais celebres dançarinos gitanos da actualidade. O seu nome n'um cartaz, seja onde fôr, impõe-se. E' que elles com os seus bailados enthusiasmam uma platéa.

Los Gitanillos, que a empreza contractou ha já bastante tempo e que só agora conseguiu apresentar ao nosso publico, teem contractos fechados já por dois annos. Isto revela o seu muito valor.

Mas não são só os Gitanillos, numero de sensação, que hoje se apresentam. A empreza não se contenta em dar ao publico frequentador do seu salão só um numero de valor.

Hontem estrearam-se Les Berigaurdis, duetto lyrico do que faz parte o celebre soprano ligeiro Aida Saroglio, cuja estreia foi um verdadeiro successo; todos os seus numeros foram bisados, taes os applausos recebidos e applausos bem justos porque Les Berigaurdis, são o melhor duetto que tem passado os nossos palcos.

A' troupe Pichel tambem não faltaram applausos pelos seus trabalhos de acrobacia. Julita Sola, a especialista do bailados internacionaes, compartilhou dos applausos.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

4813 .... 12:000$
7344 .... 1:000$

2960	400$	5038	100$
6416	400$	5235	100$
7217	400$	5948	100$
2743	100$	6393	100$
4410	100$	6965	100$
4475	100$	7042	100$
4503	100$	7120	100$
4709	100$		

O concerto Blanch de domingo

E' dos mais extraordinarios o programma organisado pelo maestro Pedro Blanch para o proximo concerto da sua notavel Orchestra Symphonica Portugueza, que se realisa no domingo no theatro Republica e que é o seguinte:

1.ª parte—I, «Salmatola», «ouverture», Goldmarck; II, «Serenata» (1.ª audição), Saint Saens; III, «Redemption», «morceau symphonique», Cesar Franck; 2.ª parte—IV, «6.ª symphonia» (Pathetica), Tchaikowsky; a) «Adagio-alegro non troppo», andante-alegro vivo; b) Alegro con grazia; c) Alegro molto vivace; d) Adagio lamentoso; 3.ª parte—V, «Tristão e Isolda», introducção do 3.º acto (1.ª audição), Wagner; VI, «Rapsodia hungara em do», Liszt.

Depois do concerto ha chá elegante no jardim de inverno, com um magnifico sextetto, sendo a entrada franca.

Companhia dos Caminhos de Ferro

As reclamações dos obrigacionistas do 2.º grau

O Tribunal da Relação de Lisboa começa ámanhã a julgar a questão dos obrigacionistas do 2.º grau da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, que reclamam o que sejam integralmente cumpridos os estatutos da companhia na parte em que esta, pelo convenio feito em 1894 com os seus credores, pretende garantir a esses obrigacionistas o pagamento integral do «coupon», pela applicação das receitas geraes da mesma companhia. A questão foi levada perante os tribunaes pelo sr. dr. Henrique Kendall do Porto, que accusa a companhia de ter dado ás suas receitas uma applicação diversa d'aquella a que pelo convenio era obrigada, resultando d'ahi o receberem os obrigacionistas menos do que deviam receber.

PELO BAIRRO DA ALFAMA

Uma festa de confraternisação

E' no dia 31 que se realisa, no bairro da Alfama, a grande festa de confraternisação escolar, em homenagem ao sr. Pedro Botto Machado, que segue para a Africa no dia 1 de fevereiro. E' promovida pelo dr. Magalhães Lima e professores do centro que tem o nome do venerando republicano. Na festa, que começa ás 15 horas, entram todas as creanças das escolas do bairro.

A entrada para as creanças é feita pelo portão principal do Centro Republicano Dr. Magalhães Lima. A imprensa e os convidados officiaes entram pela porta 25. Os socios entram pela porta do arco, mediante a apresentação da quota do mez de janeiro ou dezembro.

Emigração clandestina

Pelos agentes da policia especial de emigração srs. Hypolito d'Aguiar e Coelho da Costa, foram hontem capturados quando atravessavam a fronteira para emigrar clandestinamente, eximindo-se assim ao serviço militar, 28 individuos de varios concelhos do norte, que, com os 22 presos no principio da semana em identicas circumstancias e pelos mesmos agentes, foram enviados a juizo.

PEQUENAS NOTICIAS

No Dafundo foi atropellado por um carro electrico o professor Hypolito Jol, residente na rua Martim Vaz, 26, 2.º, que recolheu á enfermaria 4 do hospital de S. José com a perna esquerda fracturada.

—Manuel dos Santos Villar, residente na rua da Manutenção do Estado, predio do Santos, queixou-se de que, tendo confiado aos carroceiros Antonio Ferreira, o «Meudos», morador na mesma rua, e José Maria, o «Gago», no pateo da Quintinha, ao Beato, duas carregadas de madeira no valor de 70 escudos para serem entregues a um armazem da rua de S. João da Praça, elles se foram levar a Eleutherio Nunes, residente na estrada de circumvalação, queixou-se o sr. Villar tambem mandou prender o seu carroceiro o Vicente da Costa Thiago, porque tendo-lhe confiado uma carroça de madeira no valor de 11$44 para a entregar a Filippe Rodrigues, morador no Campo Grande, 147, elle a entregou a um tal Sabino, morador na Quinta dos Apostolos.

—A policia continua a prender os mendigos. Um agente deteve hoje no Rocio, Maria Theodora da Conceição, mais conhecida pela «Preta do Rosario», que deve contar mais de 100 annos. A sua policia occasionou a grande ajuntamento e uma senhora que censurou o serviço da policia foi presa e levada para o governo civil, recolhendo a um dos calabouços. Declarou chamar-se Adelia Lopes e ser casada com um funccionario do Monte-pio Geral.

—Por uma carroça da camara foi atropellado e morto de 3 annos Avelino d'Almeida, morador no Arco do Carvalhão, Villa Almeida, 2. Recolheu, por apresentar varias contusões pelo corpo, no hospital de Santa Martha.

—Suicidou-se com um tiro de revolver n'Alberto Nunes de Sousa, de 42 annos, estabelecido na rua Possidonio da Silva, 47. O cadaver deu entrada na Morgue.

—Antonio Ferreira de Lemos, residente na travessa das Flores, 6, loja, ao Campo de Santa Clara, queixou-se de que lhe desappareceu de casa seu filho de 14 annos Manuel Ferreira de Albuquerque Lemos.

Soccorros aos feridos militares

Comité anglo franco-belga

O producto liquido da festa organisada nas salas da legação de França pelo grande actor Lucien Guitry, cujo gesto generoso veiu coroar uma serie de incomparaveis successos e demonstrar que o talento e a caridade sempre se encontram unidos, foi entregue ao Comité anglo-franco-belga de soccorros nos feridos militares.

O sr. ministro de França offereceu amavelmente aos assistentes um *five o'clock tea*, que foi abrilhantado por um excellente sextetto.

Assim se angariaram mais recursos para os feridos dos exercitos britannico, belga e francez que, unidos, combatem pela santa causa do direito, da justiça e da liberdade.

A receita liquida passa de 450$00.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

LONDRES, 27.—Na frente occidental bombardeámos algumas porções das linhas allemãs. Respondemos efficazmente ao canhoneio feito contra a parte leste e nordeste de Loos; o bosque Grenier, e contra o nordeste de Armentière e nordeste de Ypres.—(*Havas*).

PARIS, 28.—Communicação official das 15 horas:

No Artois fizemos explodir durante a noite um fornilho de mina a leste de Neuville Saint Vaast. Foram repellidas duas tentativas de ataques allemãs a este da estrada de Arrhas a Lens.

Entre o Oise e o Aisne a nossa artilharia fez ir pelos ares um deposito de munições proximo de Frisaleine.

Nada de importante se passou no resto da linha, afóra alguns tiros disparados sobre os trabalhadores inimigos a oeste do bosque Le Prêtre e na região de Bain de Sapt.—(Havas).

Os russos repellindo os austro-allemães

PETROGRADO, 27.—A sudoeste do lago Nartche infligimos perdas consideraveis ás tropas allemãs. Ao norte de Boyano repellimos varias tentativas. Na região de Erzeroum detivemos egualmente as tentativas de offensiva.—(*Havas*).

Inglezes e turcos na Mesopotamia

LONDRES, 27.—Na Mesopotamia os turcos evacuaram as trincheiras do lado de torre de Kutelamara e retiraram-se para cerca de 1 milha dos entrincheiramentos britannicos.—(*Havas*).

Os francezes no Oriente

SALONICA, 27.—Os fusileiros da marinha franceza, acompanhados de voluntarios da ilha e apoiados por dois barcos de pesca armados, desembarcaram hontem na ilha proxima de Castellorizo. Foram feitos prisioneiros 1 capitão e 25 soldados. As familias gregas que tinham fugido, voltaram para os seus lares.—(*Havas*).

Presidente da Republica

O sr. presidente da Republica recebeu hoje a saudação militar francez em Madrid e Lisboa, que o foi cumprimentar, e o sr. dr. Augusto Nobre, que o convidou a assistir, no lançamento da primeira pedra para o edificio da Escola de Pharmacia do Porto.

Na sua viagem ao Porto, o sr. presidente da Republica será acompanhado pelos srs. coronel Manuel Maria Coelho e tenente coronel Malheiro, dois officiaes que tomaram parte na revolta de 31 de janeiro de 1891.

Torpedeiros francezes no Tejo

Entraram hoje a barra, fundeando pelas 15 horas em frente da Rocha do Conde d'Obidos, os torpedeiros francezes «Tramontane» e n.º 312, 335 e 336, vindos do norte.

O commandante da flotilha foi apresentar os seus cumprimentos ás auctoridades superiores da marinha, cumprimentos que hoje mesmo foram retribuidos.

Na Camara dos Deputados

discute-se ainda o projecto das subsistencias

Sob a presidencia do sr. Simas Machado, a sessão abre com 60 deputados, estando assentes todos os ministros. Lê-se a acta, que é approvada. O sr. Costa Junior, em negocio urgente, pergunta ao governo quaes as providencias que se tomaram ou vão tomar-se para obstar á exagerada carestia da carne, a qual se vende já a mais de oitenta centavos o kilo. A propria camara municipal, em cada rez que faz abater, perde vinte e vinte e quatro escudos. Porque se dá tal augmento de preço? Por causa das especulações dos marchantes, por virtude do gado que se exporta para abastecimento da população civil de Gibraltar e ainda por virtude do gado que sahe, sob varios pretextos, para Hespanha. O que ha a fazer? Dividir proporcionalmente o gado que vier do Mercado Geral dos Gados, incluindo o que segue para Gibraltar, por todos os marchantes. Além d'isso, deve regular-se o peso das rezes que se abaterem, para evitar graves desperdicios. Dirigindo-se ao sr. ministro das finanças, pergunta-lhe porque é que deixou exportar ha dias cerca de 50 toneladas de coiros verdes. Esse facto resultou em grande prejuizo para varias industrias, vindo encarecer o preço das pelles curtidas, e muito principalmente das de cordovão, que se destina ao calçado de baixa qualidade. O sr. ministro das finanças diz que a exportação de coiros é precisa para manter a reciprocidade com mercados da Inglaterra e da Hespanha, que convem manter. De resto a industria nacional não fez reclamações contra a exportação de coiros pequenos, desde que ella não afecte a sua producção. Quanto aos coiros grandes, elle adoptou providencias e proibiu-lhes a exportação, porque isso influe poderosamente no barateamento do preço da carne. Além d'isso, os interessados tambem não reclamaram. O sr. Costa Junior replica que houve, pelo menos uma exportação, que reclamou contra a exportação e affirma que o sr. ministro das finanças não compriu devidamente a lei.

O sr. Vasco de Vasconcellos põe em relevo a circumstancia de não se pagar, pontualidade os seus vencimentos, á bem pouco avultados. Ha professores que só no final de dezembro receberam os seus ordenados de outubro. Protesta contra semelhante facto e pede, para elle, providencias. Refere-se ainda ás avaliações da propriedade rustica e diz que é preciso que ellas continuem. Aprecia ainda a questão das buscas domiciliarias, fazendo ver que é justo protestar contra a fórma como se fazem certas buscas domiciliarias e que não póde ser mais violenta. Quanto ao caso das matrizes, responde, dando varias explicações, o sr. ministro das finanças. O sr. Eduardo de Sousa apresenta um projecto de lei concedendo ás viuvas e filhos menores dos funccionarios civis ou militares fallecidos e que por causa dos acontecimentos de 31 de janeiro tenham sido separados do serviço e reintegrados com mais de 50 annos de edade, cincoenta por cento dos vencimentos do seu fallecido chefe. O chefe do governo diz que por si e pelos seus collegas vê com bons olhos quanto sirva para reparar injustiças d'estas, até onde fôr possivel, attendendo-se á situação de cada um. E' votada a urgencia para o projecto. O sr. Thomaz Rosa insurge-se contra o facto de permanecerem nas fileiras, além do tempo determinado nos regulamentos, as praças promptas. Protesta tambem por lhes ser descontado o tempo de prisão soffrida, o que é illegal. O sr. ministro da guerra diz que providenciará. O sr. Alfredo de Sousa entende que deve ser melhorado o serviço da conducção de malas no concelho de Lamego. O sr. ministro do fomento promette providenciar.

Na ordem do dia, continua a discutir-se o projecto das subsistencias. Falam os srs. Jorge Nunes, ministro do fomento e outros, sendo approvadas as bases até á decima, devendo o projecto ficar approvado até ao final da sessão.

A sessão seguinte é na terça-feira.

NO SENADO

Liquida-se o incidente Antonio Campos e approva-se na generalidade o projecto de lei sobre quadros dos governos civis

Trinta e cinco senadores presentes. O sr. Simão José lê a acta. O sr. Antonio Campos deseja ouvir melhor o final do incidente de hontem, no que o sr. Correia Barreto accede perguntando ao sr. Campos se tem alguma rectificação a fazer.

— Não senhor. Está bem.

Vozes—Ora! Ora!

O sr. Arantes Pedroso—Está até muito benevola. Muito benevola mesmo, é que está!

Approvada finalmente a acta e lido o expediente, o sr. Paes Abranches envia para a mesa uma nota de interpellação ao sr. ministro do fomento, e pergunta quaes os serviços da secretaria do Senado se installem proximo da sala e não longe como estão actualmente. Quer tambem que a agua fornecida aos srs. senadores seja esterilisada exactamente como é na outra camara. O sr. padre Silva Gonçalves chama a attenção do sr. ministro da justiça por ter sido, segundo alguns jornaes, transferido o seu collega da guerra que se encontra presente, para o facto do sr. juiz da comarca da Ponta do Sol, ilha da Madeira, se encontrar no tribunal com monospreso da lei e flagrante injustiça chegando até a insultar os réus que está julgando. O sr. ministro da guerra promette transmittir estas considerações ao seu collega da pasta da justiça.

Vae-se entrar na ordem do dia. Do seu logar, o sr. Antonio Campos pede a palavra para explicações.

Vozes—Não póde ser. Antes da ordem? Não póde ser.

Vozes—Fale. Fale.

O sr. presidente—Tem v. ex.ª a palavra para explicações.

Em toda a camara ha um visivel movimento de anciedade. A esquerda do Senado está de pé. As galerias encontram-se bastantes concorridas. Nos coxias e de entrada veem-se varios deputados e secretarios dos srs. ministros.

O sr. Antonio Campos, perturbado, nervoso, diz: Se bem me recordo v. ex.ª sr. presidente disse-me hontem apoz a sessão que o incidente ficára liquidado. Foi isto o que v. ex.ª me disse?

O sr. Correia Barreto—O que eu disse a v. ex.ª é que tinha ficado liquidado o incidente levantado por v. ex.ª sobre accusações graves. Fica portanto de pé a interpellação de v. ex.ª ao sr. ministro da guerra e para a qual s. ex.ª ainda se não deu por habilitado.

O orador—Muito bem. Nesse caso tenho a participar a v. ex.ª e ao Senado que hoje mesmo communico á commissão do inquerito da Camara dos Deputados que desejo ser ouvido para concretizar as minhas accusações, e espero que o sr. ministro da guerra fique habilitado a julgar dos crimes apontados. E a proposito o orador, voltando-se para a esquerda da Camara diz que vai n'um isto é fóra da ordem.

—Tenho, um apartes que deseja ver esclarecidas.

Vozes—E o regimento sr. presidente? Isto é fóra da ordem.

Outras vozes—Deixem-no falar. Deixem desabafar o homem!

O sr. Estevam de Vasconcellos—Isso não é para aqui. Liquide essas coisas lá fóra.

O orador—Oh! senhores! Mas que mal fiz eu para me tratarem assim? Desafio a maioria a que o diga.

Risos prolongados na esquerda.

O sr. Agostinho Fortes—É um phrase do sr. Agostinho Fortes que eu desejo ver explicada e o que só ele entende que elle fizera uma insinuação torpe á maioria. Não fez nem tinha que a fazer. Falou na generalidade. Não offendeu ninguem.

Vozes—Offendeu! Offendeu!

O sr. Simão José—Eu tomo todas as responsabilidades do que disse.

O sr. Agostinho Fortes—E eu tambem. Peço a palavra, sr. presidente.

Durante muito ninguem se entende. Ha apartes da esquerda ridicularisantes. A' excepção dos senadores da direita toda a Camara fala.

O sr. presidente toca insistentemente a campainha e dá a palavra ao sr. Agostinho Fortes; mas o sr. Campos que se tem conservado de pé, fala ainda.

O sr. Estevam Vasconcellos—Isto não póde continuar, sr. presidente. O sr. Agostinho Fortes não póde falar sem que aquelle senhor se sente.

Vozes—Ordem! Ordem!

O sr. Correia Barreto—Já dei a palavra ao sr. Agostinho Fortes. Tem v. ex.ª a palavra.

O sr. Agostinho Fortes—(Com vehemencia). Assumo toda a responsabilidade das palavras que proferi na sessão de hontem. Não admitto insinuações torpes e v. ex.ª hontem dirigiu-as, dirigiu-se para este lado da Camara, dizendo que elle se não comprava de senadores mas de politicos aposentados e afundando todos os interesses da facção que pertencem. Isto é offensivo e elle, orador, não podia consentir tal. Isso seria a maior das infamias.

O sr. Antonio Campos—Mas eu não disse isso. Eu não fiz essa insinuação.

O sr. Agostinho Fortes—Nesse caso tambem eu retiro a minha phrase.

Os senadores da esquerda sentam-se. E emquanto o sr. Antonio Campos se conserva ainda de pé fixando a esquerda da Camara, o sr. presidente declara que, liquidado o incidente, se passa á ordem do dia.

Volta-se assim de novo ao projecto de lei organisador dos quadros dos governos civis.

O sr. Faustino da Fonseca e Madureira e Castro declaram-se favoraveis ao projecto.

O sr. Leão Azedo, em questão prévia, propõe que o projecto vá á commissão de finanças, com o que não concorda o sr. presidente do ministerio e que o sr. Pedro Martins defende. O sr. Machado Serpa concorda completamente com o projecto que approvando é odespezo.

Rejeitado depois em votação nominal com treze votos 15 contra 9 a proposta do sr. Leão Azedo, de maneira que a discussão continua, falando ainda varios oradores. Por fim é approvado o projecto na generalidade. Antes de se encerrar a sessão o sr. Teixeira Rebello insta pela remessa de documentos. A proxima sessão é na terça-feira á hora regimental.

NOTA POLITICA

As "accusações„ do sr. Antonio Campos

A especulação monarchica—O silencio d'aquelle senador, republicano que consente que a Republica seja enlameada

Hoje, na sessão do Senado, o sr. Antonio Campos, falando sobre o incidente da vespera, não adeantou uma palavra sobre as suas gravissimas accusações que prometteu fazer. Lá estava novamente, para o ouvir, o sr. ministro da guerra. Nem sequer um indicio de accusação conseguiu balbuciar o recente senador, que tamanho alarido conseguiu com um nada espalhar pelas ruas, sem ao nome! Além da apresentação das supostas provas para a commissão de inquerito, depois de ter provocado, na imprensa monarchica, uma ignobil e desenfreada especulação contra a Republica.

E' ver o «Dia» de hontem. Ali se relacionam «os factos» apontados pelo sr. Antonio Campos com «o objecto do inquerito sobre o incendio de Santa Clara». Os commentarios veem depois. São d'este genero:

«Quando a decadencia n'um regimen politico chega a estes extremos, tornase inutil combatel-o, não é preciso abalal-o: o desabamento é fatal e do chão em que se precipita não ha salvação. O que succedeu hontem é mais do que uma indicação de morte: é já a decomposição cadaverica».

Escreve-se isto, a proposito do sr. Antonio Campos ter dito no Senado não se sabe bem o que, e aquelle senhor, confessando-se republicano de velha data, deixa que a Republica seja d'este modo enlameada, nem fazendo as accusações que diz querer fazer, para que os criminosos fossem rigorosamente punidos, se existissem, nem saindo á estacada para protestar contra aquella especulação, se é que as suas palavras não permittam aquelles achincalhantes commentarios.

O sr. Antonio Campos, ante-hontem, quando reclamou a presença do sr. Norton de Mattos, apenas apontou um facto: o d'um official que falsificava recibos no ministerio da guerra. Simplesmente, esqueceu-se de accrescentar que esse official foi punido com 6 annos de prisão cellular, seguidos de oito de degredo. Se o tivesse dito, não deixaria margem a suspeições infamantes, como deixou.

E' preciso dizer-se que o sr. ministro da guerra se declarou hontem habilitado a responder a todas as accusações que o sr. Antonio Campos fizesse. Que fizesse, e não discurso tudo! Hoje, voltou ao Senado, com a mesma intenção de o ouvir e de lhe responder. Para a sua interpellação é que ainda se não declarou habilitado, nem podia declarar-se, visto que essa interpellação versa sobre estes pontos:

a) Administração da justiça criminal militar.

E em especial:

b) Funccionamento dos tribunaes de Lisboa, depois do ultimo concurso para promotores de justiça, realisado em fins de julho.

Não teem nada com as accusações que o sr. Antonio Campos disse, fazer e que adiou depois para a commissão de inquerito parlamentar. Pois que aquelle senador fale—e quanto antes. Lá se encontram, n'essa commissão, representantes de «todos» os partidos politicos. Elles poderão ouvir as suas revelações, e, certamente, acompanhar a opinião publica na certeza que ellas tem, de grande escandalo.

Questões academicas

Faculdade de direito

Uma commissão de alumnos do 4.º anno da faculdade de direito de Coimbra avistou-se hoje com o ministro da instrucção a fim de pedir uma epoca extraordinaria de exames em março ou abril. O ministro, adduzidas as razões, achou de justiça a petição, attendendo á situação anormal de alguns alumnos da nova reforma.

A'manhã será entregue um relatorio contendo as reclamações, elaborado pelas commissões do 4.º e 5.º anno da faculdade de direito de Lisboa e do 4.º anno da faculdade de direito de Coimbra.

Reclamações operarias

O presidente da Associação de Classe dos Fragateiros do Porto de Lisboa apresentou hoje ao sr. governador civil uma commissão de fragateiros de Villa Franca de Xira que lhe expôz a necessidade de melhoria de situação. Mais tarde o sr. dr. Costa Gonçalves conferenciou com o administrador do concelho a que os reclamantes pertencem.

Divisão naval

Devem largar esta noite do Tejo, a fim de realisarem exercicios na barra sul e fóra da mesma, todos os navios da divisão naval.

Alguns d'esses navios irão ao Porto no dia 31 e desembarcarão forças com metralhadoras e canhões, a fim de fazerem a guarda de honra ao sr. presidente da Republica.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros esteve reunido hoje no ministerio das finanças desde as 9 ás 14 horas.

—Realisou-se hoje uma conferencia entre o sr. ministro da guerra, governador civil de Vizeu e deputado por aquelle circulo sr. Amaral Reis, a proposito das obras que o mesmo ministro auctorisou no quartel de cavallaria 7, em Nellas. O sr. Norton de Mattos deu já as ordens precisas para essas obras começarem na primeira quinzena de fevereiro. Como se vê, cavallaria 7 não sahirá da villa de Nellas.

—Foram mandados admittir no proximo concurso de officiaes torpedeiros, accumulando com a instrucção no submersivel, os 1.ºs tenentes srs. Barbosa Casqueiro e Sousa Ventura e os 2.ºs tenentes srs. Mesquita Guimarães, Victor Serra e Pereira da Fonseca.

—A direcção do Club Naval foi hoje convidar o sr. ministro da marinha a assistir á conferencia que o sr. Correia se realisa no proximo dia 5 de fevereiro na Sociedade de Geographia.

Dr. Alexandre Braga

Nos primeiros dias do mez de fevereiro vae realisar-se um banquete de homenagem ao sr. dr. Alexandre Braga, offerecido no grande tribuno pelos parlamentares do seu partido, como demonstração de apreço pessoal e de solidariedade politica. Assistirão apenas parlamentares, estando já inscriptos mais de 70.

O sr. dr. Alexandre Braga, pelo seu fulgurante talento e pelos serviços que tem prestado á Republica, sempre com a mesma extrema dedicação, sempre com a mesma fé patriotica, é bem digno da homenagem que os seus correligionarios vão prestar-lhe.

Academia de Estudos Livres

Visita de estudo — Inscripção de alumnos

Realisa-se depois d'ámanhã a visita á Sé de Lisboa, segunda da serie que a Academia vae effectuar á Lisboa antiga, ao monumento... Será dirigida pelo architecto sr. Eduardo Tavares, devendo começar ás 14 horas.

Havendo algumas vagas na Escola Marquez de Pombal, secção a Academia, foi resolvido abrir nova inscripção para creanças pobres de ambos os sexos, dos 4 aos 12 annos. O ensino, que está a cargo de quatro professoras e de um professor de gymnastica, abrange a sala maternal, uma classe transitoria e as 4 classes ordinarias de instrucção primaria.

A inscripção faz-se na séde da Academia, rua da Emenda, 153, todas as noites uteis desde as 20 horas.

Capitão Tavares de Carvalho

Festa de homenagem

Na festa de homenagem que ámanhã, pelas 20 e meia horas, como noticiámos, se realisará em honra do sr. capitão Tavares de Carvalho, falarão, entre outros oradores, os srs. Pedro Botto Machado, dr. Felix Horta, Bernardo Botto Machado, dr. Albino de Menezes, Julio Sousa Pinto, dr. Chatelain Barreto, capitão de fragata Leotte do Rego, coronel Oliveira, capitão Marreiros e coronel Manuel Coelho.

A festa não tem caracter partidario e a entrada é por bilhetes de convite, que são distribuidos na praça de D. Pedro, 105, rua do Ouro, 285, rua Augusta, 177, rua da Prata, 242, e na séde do Centro Republicano Dr. Bernardino Machado.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

JANTAR-CONCERTO

Ao de hontem, no Grande Hotel d'Inglaterra, assistiram:

Madame Mimoso Guedes Brandão de Mello, madame Katz, D. Isabel de Queiroz Guedes, D. Luiza de Vasconcellos, madame Payot, madame Field, madame James, D. Laura de Castro, madame Carvalho, madame Firt, D. Anna Maria dos Santos Elvas, D. Maria das Neves, D. Maria Irene, madame Goncelro Bastos, madame Prates, D. Joanna d'Oliveira e D. Amelia de Castro Lemos.

E os srs.: dr. Virgilio Dias Rebello, dr. Diniz Cosneiro, dr. Candido Craz, Ricardo Garnier, dr. Adrião Ferreira dos Santos, Agostinho d'Almeida, dr. Jeronymo do Couto Rosado, Maurice Katz, Augusto Briant, mr. Mather, Avelino Vieira Braga, Edward Frondthman, mr. Hawkins, René Berand Villar, Walther Frei, mrs. James, Luiz Patricio, Franc Bulton, Jules Gautier, dr. José de Castro, Mr. Brunel, mrs. Goodal e Albagli, dr. Alfredo Torres, mrs. Katz, mrs. Firth, dr. Alberto Barradas dos Reis, Hugo Nunes, Salomon Katz, dr. Angelo da Fonseca, dr. Carlos Barata, dr. Tudesky, dr. Celorico Gil e dr. José Maria dos Santos Elvas.

LUTUOSA

Realisa-se ámanhã, pelas 14 horas e meia, no cemiterio dos Prazeres, a trasladação dos restos mortaes de Henrique Borges d'Oliveira, filho do sr. João Borges d'Oliveira.

A provincia n'A CAPITAL

ANCIÃO, 27.—Responde n'esta comarca no proximo sabbado João Masto, da Regoa Parada, freguezia de Santiago da Guarda, accusado de ter morto, por estrangulamento, um rapaz seu afilhado, sendo seu defensor o sr. dr. Barbosa de Magalhães, deputado.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34 3/8	34 1/4
Londres, 90 d/v	34 7/8	—
Paris, cheque	$74,7	$75,1
Allemanha, cheque	$26,5	$27,5
Hollanda, cheque	$63	$64
Madrid, cheque	1$38,5	1$39,5
Suissa, cheque	$83,5	$84,5
Italia, cheque	$65	$67
New York	1$46,5	1$47,5
Rios/Londres	11 15/16	—
Libras	7$00	7$03
Agio do ouro	51 %	57 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	39,00	38,90
» » 500$	—	39,25
» » 100$	—	39,25

Externas: 1.ª serie, 75,50; 2.ª, 73,80 e 3.ª 76,60.

Acções: Banco de Portugal, 186$; Lisboa e Açores, 125$; Ultramarino, coupon, 129$; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 4$80; Moagem (nova), 36$50; Zambezia, 2$; Companhia Mercantil Internacional, 6$.

Obrigações: Ambaca, 95$80; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 3.ª, 76$; Norte e Leste, 1.º grau, 78$; 2.º, 56$80; Panificação, 50; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 5, 80$20; Assucar 42$.

SPORT

A gymnastica sueca e o jogo de socco

Theorias de Lefebure contra as de Demeny

Ponham uns em frente dos outros e vamos a ver quem dá mais pancada..

Os defensores da gymnastica sueca, para a defender, cahem algumas vezes n'um reclamo espalhafatoso e apresentam theorias que fazem rir o menos instruido n'estes assumptos.

O caso é que os mais intelligentes se afogam n'esse exagero. E, procedendo assim, fazem propaganda contraria ao seus systema educativo, o systema de Ling, que não sendo o que elles pretendem «coisa imutavel e intangivel» é, no entanto, um maravilhoso methodo gymnastico, medico e hygienico.

Está por exemplo, n'estas circumstancias, o commandante belga Lefebure, que as noticias da guerra dizem que morreu defendendo a sua patria contra os allemães e que foi o mais intelligente adaptador do methodo sueco de Ling para os paizes do centro europeu. Pois, o commandante Lefebure, já depois de haver abandonado a direcção da Escola Militar e Esgrima de Bruxellas, quiz fazer o reclamo da gymnastica sueca, dizendo-a melhor que o «treino intensivo», para educar os jogadores de socco!...

São do official belga as seguintes opiniões: «... emquanto que persistimos em affirmar que não são mais que applicações, jogos e «sports» para os quaes os exercicios do methodo sueco «preparam admiravelmente e praticamente» o corpo; os jogos olympicos deram a demonstração pratica.

«O sr. Demeny affirma que um socco e a sua «parada» constituem um exercicio de gymnastica educativa cuja acção é physiologicamente differente de aquella que produz uma extensão de braços, e merece, por consequencia, uma classificação especial e necessaria em cada lição de gymnastica. O dr. Demoor e tambem o inspector de gymnastica Fosseprez admittem esta these singular.

«Nós, porém, julgamos que existe uma differença anatomica entre as extensões de braço da gymnastica sueca e o socco, no ponto de vista do desenvolvimento e robustecimento do corpo; é que a gymnastica sueca faz executar extensões completas dos membros superiores, comprehendendo os extensores dos dedos, emquanto que o socco constitue uma extensão incompleta dos braços, não comprehendendo os extensores dos dedos; a extensão completa não é, nem mais nem menos energica, que a extensão executada com o punho cerrado...»

Quem lêr attentamente estas linhas, vê a differença essencial dos dois methodos preconisados respectivamente pelo professor Demeny e o commandante Lefebure. O primeiro pretende que a educação physica deve ser feita em face das funcções dos orgãos que se devem tornar aptos a desempenhar o seu papel; o segundo, com a gymnastica sueca, pretende que desenvolvendo simplesmente esses orgãos, elles estarão aptos a tudo.

Assim, Demeny para desenvolver e formar os braços recommenda, entre outros exercicios, o «box». O commandante Lefebure, critica esta maneira de proceder e oppõe-lhe a extensão completa dos braços, inclusivé a dos dedos.

Tudo isto quer dizer que o commandante Lefebure, entende que se está melhor preparado para dar um socco tendo os braços completamente estendidos pela sua gymnastica que treinando os mesmos braços especialmente para dar soccos!...

E' curioso, não é? Mas convidado a fazer experiencia com homens escolhidos não quiz... E' que... Sim, já comprehendem...

Nota do dia

Acerca das declarações do S. L. B.

Recebemos a copia da carta que o sr. José Roquete (Alvalade) mandou aos directores do Sport Lisboa e Bemfica e que é bastante elucidativa sobre os propositos da empreza do Stadium, que pelo seu arrojo, em terras portuguezas, deve contar sempre com prejuizos e nunca com beneficios:

Srs. directores do Sport Lisboa e Bemfica.—Lisboa:—N'uma carta publicada por v. nos jornaes, ha referencias á empreza do Stadium que merecem reparos, por absolutamente injustas.

Nunca teve esta empreza o proposito de desconsiderar ou lezar fosse quem fosse.

E, tanto assim é, que não tendo o Stadium outros recursos, a não ser as festas desportivas que promove, pois que não tem associados que com as suas quotas cubram as enormes despezas que tem, todas essas diversões se effectuaram fóra da epocha de «foot-ball» e assim continuaremos fazendo, a fim de não prejudicarmos os interesses dos clubs, com quem, sem excepção, desejariamos manter as mais cordeaes relações.

A epocha do Stadium vae de abril a julho e já é muito prejudicada pelas corridas de touros.

O insuccesso do grupo de Barcelona, que infelizmente veio dentro da epocha que o Stadium reserva para as suas festas e quando este tinha grandes encargos com os seus contractos, não póde ser attribuida a esta empreza pois houve um dia que não coincidiu com essas festas e todos sabem que o insuccesso foi unicamente devido á falta de reclamo, resultado de questões que o Sport Lisboa tinha com a imprensa, questões com que o Stadium nada tem.

Quanto ao arrendamento do nosso campo ao Sporting terão v. occasião de observar que elle é um facto e que se prolongará por epochas futuras.

Nós entendemos que estas questões, infelizmente tão frequentes no nosso meio, são em desproveito da causa pela qual sempre temos trabalhado e, por isso, esquecendo em absoluto as menos agradaveis e muito injustas referencias da vossa carta nos dirigimos hoje ao S. L. B. para lhe communicar-mos que tendo o conhecimento de que este club está em relações com um grupo dinamarquez, e que este «team» vem a Lisboa dentro da nossa epocha de festas, o Stadium de Lisboa, com prejuizo proprio, está disposto a todo e qualquer accordo, para que a vossa iniciativa tenha o mais brilhante exito.

Esta empreza, que merece uma certa consideração que muita gente por ignorancia lhe não dispensa, sabe apreciar qualquer movimento que resulte em favor do desporte, e sendo a propaganda d'este a sua unica missão põe de parte todo o resentimento quando se trate do bem da causa.

Fazendo votos pelas vossas prosperidades creiam na nossa consideração.—*José Holtreman Roquete.*

Algumas anecdotas

Uma conversa sportivo-politica

Passou-se o caso á sahida d'uma reunião no Gymnasio Club. Alguns athletas falavam do proximo Congresso de Educação Physica e commentavam:

—E' uma reunião de «sport» e athletismo que não mette politica...

—Assim é que é, accrescentava o sr. Mario S...

Mais adeante, porém, dois amigos pareciam não estar d'accordo e commentavam.

—Elles dizem que não ha politica. Não ha não, nem haverá, mas eu sempre gosto de fazer um bocadinho...

—Tu?

—Sim, eu... «Brinco» aos politicos. Hoje compuz um anagrama curioso com as palavras democraticos, evolucionistas, unionistas e socialistas, que, como sabes, são os partidos existentes. E' a palavra Deus.

—Isso é engano e cá pelo «sport» gente d'essa não queremos... Antes o diabo...

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Sport Grupo Progresso Almirante Reis

Reuniu hontem a direcção d'este grupo, tratando entre outros assumptos: 1.º, continuar a propaganda do grupo; 2.º, chamar a este os antigos socios; 3.º, formar desde já um «team» de «foot-ball» de 4.ª cathegoria e outro infantil. O capitão geral pede a comparencia de todos os jogadores em campo, no proximo domingo, para inicio dos treinos.

A segunda reunião hippica

Tem a animação d'um concurso a reunião hippica do proximo domingo, tal tem sido a procura de bilhetes. O Hippodromo de Palhavã será o ponto de reunião elegante.

O numero de cavalleiros inscriptos é avultado e a inscripção fecha ámanhã, pelas 10 horas da noute, não entrando na disputa dos artisticos premios que se adquiriram aquelles que só o fizerem na propria tarde da reunião. Esses poderão tomar parte mas não poderão concorrer a qualquer premio ainda mesmo que obtenham classificação para tal.

O premio para a 2.ª «poule» é constituido por uma bella taça que será ganha definitivamente pelo cavalleiro que maior numero de vezes comsiga inscrever n'ella o seu nome. Já tem a inscripção dos nomes dos srs. Barroso da Camara e Carlos Marin.

Poule de tiro aos pombos

A proxima segunda-feira será certamente de regosijo para os amadores d'este «sport» que mais uma vez vão disputar a importante «poule» mensal, cujos premios são constituidos por 40$00 para o 1.º classificado, 20$00 para o 2.º e 10$00 para o 3.º A inscripção é de 5$00, atirando-se a 10 pombos.

Club União de Amigos

Partem ámanhã para Beja os srs. Victor Braga, Francisco José Sant'Anna Alves, Camara Manuel e João Sant'Anna Alves que compõem o grupo ciclista d'este club. Em comboio partem para aquella cidade os srs. Raul Tornelli e Mello Bandeira, que aguardam ali a chegada dos excursionistas.

Festas associativas

Caixeiros de Lisboa.—Realisa-se depois d'ámanhã a festa commemorativa do 10.º anniversario da fundação d'esta collectividade. Do programma faz parte uma sessão solemne que se effectuará pelas 14 horas, para a qual estão convidados, entre outros oradores, a sr.ª D. Anna de Castro Osorio e os srs. drs. Carneiro de Moura, Adolpho Lima, Castro Junior, Tovar de Lemos, Ladislau Piçarra, Alfredo Ladeira, Albino Pimento d'Aguiar, Agostinho Fortes, J. Sequeira Coutinho e Aurelio Quintanilha, e ás 21 horas uma conferencia pelo sr. Jacintho Simões, que versará o thema «A arte e o povo».

Abrilhanta a sessão solemne a Tuna dos Caixeiros de Lisboa, sob a regencia do maestro sr. Francisco Teixeira.

Grupo Dramatico Lisbonense.—Inaugura-se depois d'ámanhã a serie de festas, promovidas pela commissão permanente, que constará de recita com a comedia «Casar por annuncio» e um acto de Folies Bergéres, seguindo-se baile com valsa a premio. N'esta festa estreia-se um quintetto sob a direcção do sr. Luiz Cesar das Neves, composto de socios da collectividade.

Tuna Commercial de Lisboa.—Realisa-se depois d'ámanhã uma festa promovida por uma commissão de socios, em homenagem a um valioso elemento da collectividade. A festa, que será abrilhantada pelo quintetto Cyriaco, constará d'uma sessão solemne e uma «soirée», havendo tambem uma surpreza a todas as damas.

O 31 de Janeiro

No Centro Miguel Bombarda

Commemorando o 5.º anniversario da sua fundação e a data gloriosa de 31 de Janeiro, realisam-se no Centro Escolar Republicano Dr. Miguel Bombarda, na proxima segunda-feira, festas com o seguinte programma:

A's 8 horas, alvorada por um terno de corneteiros da armada que gentilmente se offereceram e salva de morteiros, sendo içada n'essa occasião uma nova bandeira offerecida por uma commissão de socios; ás 13, sessão solemne e exposição de trabalhos feitos pelos alumnos e alumnas da escola e inauguração de um busto da Republica gentilmente oferecido pelo consocio benemerito sr. dr. Alfredo da Fonseca e Aragão, estando convidados a fazer uso da palavra varios oradores, entre elles os srs. dr. Estevam de Vasconcellos, dr. Albino Vieira da Rocha, Agostinho Fortes, Augusto José Vieira, Thomaz da Fonseca, Luiz Viegas, Marianno Martins e Gaudencio Pires de Campos. Abrilhanta a sessão uma banda musical que no fim dará um concerto.

A's 21 horas ha sarau dramatico promovido pelo grupo infantil «Os Amigos do Povo», que tanto agradou nas festas ultimamente realisadas.

A provincia n'A CAPITAL

CONDEIXA-A-NOVA, 26.—Manifestou-se incendio, hontem, pelas 20 horas, na casa do sr. Antonio da Encarnação Jacintho, alfaiate d'esta villa, sendo os prejuizos de pouca importancia.

—Reuniu hontem o senado municipal, nada deliberando sobre a nomeação da nova commissão executiva. Foi marcada nova reunião para o dia 5 de fevereiro.

Opera lyrica

A opera «Loreley» no Colyseu dos Recreios

Sóbe ámanhã á scena no Colyseu dos Recreios a opera *Loreley*, considerada a melhor partitura do maestro Catalani. Do genero wagneriano, *Loreley* é a dramatisação da velha lenda do Rheno, onde a mysteriosa e linda Loreley, a fada dos cabellos de ouro, encanta e perde com a magia da sua voz e a belleza do seu corpo os pobres navegantes enamorados.

Musica e entrecho são magnificos e a eminente cantora Kruceniski interpretando a protagonista tem n'esta opera o seu mais admiravel trabalho artistico.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Junta de parochia de Monte Pedral—A partir de hoje, a séde d'esta junta é na rua do Paraiso, 1, 1.º, continuando o expediente todos os dias uteis das 19 ás 21 horas.

Centro Eleitoral dos Defensores da Republica—Os socios que não estejam recenseados e desejem fazel-o devem comparecer na séde, em todos os dias uteis, das 21 ás 23 horas.

Banco Lisboa & Açôres.—Para apresentação de contas, votação das propostas da direcção e eleição da direcção e conselho fiscal, reune a assembléa geral no dia 5 de fevereiro, ás 15 horas. Os lucros liquidos durante o anno findo foram de 345.188$21, a que a direcção propõe a seguinte applicação: para dividendo de 7 por cento, 260.344$00; percentagem á direcção, 13.524$67; saldo para o corrente anno, 71.319$54.

Brindes e calendarios

A Companhia da Borracha distribue um calendario de escriptorio pelos seus clientes. Egual brinde distribue a fabrica de cortumes Giestal, da travessa do mesmo nome, 9 e 10.

Movimento maritimo

Amsterdam, «Hollandia»	29
Bordeus «Flandre» (do Brazil)	29
Brazil, R. Prata e Pacifico «Orita» (Liv)	29
R. J. e R. Prata «Amiral Troude» (Hav.)	29
R. J., Sant. e R. Prat. «Desеado» (de L.)	29

Fallecimento

Falleceu hoje ás 11 1/2 da manhã a sr.ª D. Maria José Xavier, senhora de um coração bondoso e que deixa na maior magua a sr.ª D. Arminda Paredes e a familia Ramalho da qual especialisava a menina Maria Adelaide Ramalho a quem dedicava o maior affecto e carinho.

O funeral realisa-se ámanhã, 29, ás 4 horas da tarde, sahindo o prestito da rua de S. José, 141, r/c. D. A' familia enlutada os nossos sentimentos.

DOCUMENTO N.º 36

Contra factos não ha argumentos

Ex.mo Sr.

Pela applicação interna e externamente, durante alguns dias, da maravilhosa Agua das «Caldas Santas», de Carvalhelhos, no tratamento dos dartros de que ha quatro longos annos soffria e que sempre foram rebeldes á acção dos remedios applicados, fiquei completamente curado.

E' pois com grande satisfação que lhe communico tão excellente resultado e ao mesmo tempo agradecer-lhe tanto o haver-me aconselhado o seu uso como o offerecimento gentil da mesma agua, podendo v. ex.ª fazer d'esta o uso que lhe approuver.

Brazil-Manaus, 17 de novembro de 1914.

De v. ex.ª am.º ven.dor e Creado
Alves de Miranda
(Firma reconhecida)

R. F. Penna, 10—Manaus.

Agua Caldas Santas-Infallivel nas doenças de pelle, figado, estomago, rins, etc., etc.—Depositario geral, Mario de Lima Netto—Largo de S. Julião, 12 1.º, Telephone n.º 246 Central, Lisboa—Dourado, Carvalho, Irmão, L.da—Praça da Liberdade, 133-A Porto 1.º

foi concentrado sobre os australianos e neo-zelandezes, que permaneceram abrigados nas suas trincheiras, pouco soffrendo.

A's 4 horas da manhã começou a segunda batalha de Anzac, avançando uma enorme columna turca ao assalto. Foi repellida, principalmente pelo fogo de fuzilaria. Outras columnas seguiram a primeira e varias frontes da linha foram assaltadas. A's 5 horas o ataque turco desenvolvera-se de tal modo que se tornára geral e a artilharia pezada entrou em acção.

Durante cinco horas o inimigo fez os maiores esforços para se apoderar das trincheiras inglezas, nunca o conseguindo. Nem uma unica trincheira cahiu em seu poder.

Os turcos morriam aos montões. A batalha degenerou em carnificina, porque os canhões de campanha e a artilharia pezada dos australianos e neo-zelandezes cumpriram á maravilha a sua obra de destruição. O ataque dado pelo general von Sanders era uma loucura e o castigo dos seus desgraçados instrumentos foi terrivel.

Quando a lucta terminou, tinha elle perdido pelo menos uma quarta parte das suas forças, porque as perdas dos turcos só n'aquella manhã foram avaliadas em numero superior a 7.000 homens. O calculo foi talvez demasiado baixo. Mais de 3.000 morreram em frente das trincheiras australianas. N'um pequeno tracto de terreno de 100 metros de comprimento por 80 de largura nada menos de 400 cadaveres foram contados.

Mais tarde viu-se que o fogo da artilharia causára ainda muito maior numero de perdas. Da parte dos australianos e neo-zelandezes houve cêrca de 100 mortos e 500 feridos, incluindo nove officiaes feridos.

Houve algumas curiosas negociações durante os dias que se seguiram á segunda batalha de Anzac. A's 5 horas da tarde de 20 de maio os turcos arvoraram bandeiras brancas e do Crescente Vermelho, avançando alguns dos seus officiaes em terreno descoberto. Sahiu-lhes ao encontro o major-general H. B. Walker, commandante da divisão australiana, de quem solicitaram um armisticio para sepultarem os mortos e recolherem os feridos.

O general Walker disse-lhes que não tinha poderes para poder tratar e que, mesmo que os tivesse, os officiaes turcos não traziam credenciaes. Veiu a noticia de que os turcos se estavam de novo concentrando e o general Birdwood ordenou a todas as trincheiras que estivessem preparadas. Ao que parece, o objectivo dos turcos era effectuar uma nova concentração sem serem incommodados pelo fogo da artilharia.

Ao pôr do sol, massas de turcos avançaram por detraz das linhas dos homens desarmados que estavam na frente. Um immenso tiroteio estalou e continuou até á 1 hora e 20 minutos da manhã quando o inimigo atacou o posto de Quinn em grande força. Foram repellidos e esse extranho procedimento, que tinha o cunho accentuado da inspiração allemã, terminou assim. Quando sir Ian Hamilton soube o que se passava mandou o major-general W. P. Braithwaite, a 22 de maio, auxiliar o general Birdwood em ulteriores negociações.

O general Braithwaite era o chefe do estado maior general nos Dardanellos e sir Ian Hamilton descreveu-o como o melhor chefe que conhecera durante qualquer guerra.

Um armisticio foi combinado com os turcos, durando desde as 7 horas e meia da manhã até ás 4 e meia da tarde no dia 24. Concorreu para elle se fazer o attender-se ás condições sanitarias dos combatentes. O enterramento dos mortos fez-se rapidamente e o armisticio foi escrupulosamente observado d'ambos os lados.

Até 5 de junho, a lucta foi violentissima. Os episodios da lucta só na frente de Anzac dariam para encher um capitulo.

Uma nova ameaça contra a armada alliada se estava desenvolvendo nos Dardanellos durante o mez de maio. Semanas antes, grandes submarinos allemães tinham sido vistos atravessando a bahia de Biscaya e

cas e a sua primeira linha entrincheirára-se n'esse ponto. A 2.ª brigada da infantaria australiana, sob o commando do brigadeiro-general J. W. McCay, mostrára egual valor e, apesar de soffrer grandes perdas, tinha conquistado quasi quatrocentos metros de terreno.

A 87.ª brigada, commandada pelo major-general W. R. Marshall na extrema esquerda, tentára avançar pela area descoberta entre a ravina e o mar, mas fôra impedida de o fazer por metralhadoras, que causaram grande mortandade entre os Fronteiriços da Galles do Sul. Depois do pôr do sol, a brigada avançou de novo contra o inimigo e conquistou 200 metros de terreno.

Os francezes haviam sido batidos pelo fogo da artilharia pezada turca e embora a 2.ª divisão atacasse com ardor, os senegalezes recuaram. A columna atacante foi valorosamente reorganisada pelo general d'Amade e pelo general Simonin, pessoalmente. Recuperaram animo os seus homens e tomaram e occuparam o reducto na extremidade do valle do Kereves Dere que tantos damnos causára e que tanto concorrera para os primeiros ataques não serem coroados de exito.

A 1.ª divisão havia luctado valorosamente no valle de Kereves e um batalhão de zuavos foi momentaneamente repellido, mas o tenente coronel Nieger, do 1.º regimento de Marcha d'Africa, consolidou immediatamente a posição, encontrando-se a divisão por fim senhora de duas linhas completas de reductos e trincheiras turcas.

As honras do dia, na secção ingleza pertenceram aos australianos e neo-zelandezes, que tiveram grandes perdas. Foram elogiados por sir Ian Hamilton pelo seu valor e pela admiravel tenacidade com que mantiveram o terreno que haviam conquistado.

Apezar d'algum terreno ter sido ganho, póde dizer-se que o resultado da segunda batalha de Krithia não foi bom. O proprio sir Ian Hamilton confessava que o obrigava a recorrer a operações differentes das que até então realisára.

Voltemos a Anzac, que havia sido violentamente atacada em todos os dias que durára a segunda batalha de Krithia. A tarefa dos australianos e neo-zelandezes em Gaba Tepe foi definida como sendo, primeiro, «para conservar aberta uma porta dando para o limiar da posição turca», segundo, «para deter o maior numero possivel de inimigos», de modo a diminuir o esforço no extremo da peninsula.

Os australianos e neo-zelandezes estavam então occupando uma posição em semi-circulo no cume da penedia, com um diametro de cerca de 990 metros. Estavam constantemente sob o fogo dos canhões, bastando dizer que n'uma hora haviam cahido n'essa area 1.400 granadas. Em redor de todo o semi-circulo as trincheiras turcas estavam quasi á mão.

A lucta homerica n'esse pequeno tracto de terreno em cima da penedia era incessante e semelhante ás que se estavam dando a esse tempo em todas as outras partes. Um exemplo typico de duzias d'esses recontros póde citar-se.

Na noite de 2 de maio, os australianos e neo-zelandezes, cuja concepção de se conservarem na defensiva se cifrava para elles em atacarem quando tinham occasião para o fazerem, avançaram contra os turcos por uma funda e estreita ravina, que se denominava «Monash Gully». Conseguiram o que queriam e entrincheiraram-se, mas os turcos responderam ao ataque com metralhadoras e fogo d'artilharia, tornando-se assim a posição critica.

Em soccorro dos bravos australianos e neo-zelandezes foram enviados os batalhões Chatham e de Portsmouth da Real Brigada de Marinha. Levou-se todo o dia e a noite seguinte a consolidar a posição e só n'aquelle local os marinheiros perderam 500 officiaes e homens entre mortos e feridos.

A primeira batalha de Anzac foi tão sobrepujada pela segunda bata-

O CAPITÃO

Manuel Xavier Trindade Chagas Roquete

FALLECEU

Maria da Conceição Godinho Roquette, Maria das Dores Victoria Godinho Roquete, Victorio Miguel Maria Chagas Roquete, Maria das Dores Trindade Roquete, José Maria Trindade Chagas Roquete e sua mulher, Victorio Trindade Chagas Roquette e sua mulher, participam aos seus parentes e pessoas das suas relações, que foi Deus servido de chamar á sua presença, seu muito querido marido, pae, filho, irmão e cunhado, devendo o seu funeral realisar-se no dia 29, pelas 11 horas, sahindo o prestito funebre da sua residencia, rua Estephania, 155, 1.º, E.º, para o cemiterio Occidental.

Associação de Soccorros Mutuos dos Empregados no Commercio e Industria

Rua do Commercio, 56, 3.º

Convocação extraordinaria da assembleia geral

Por ordem do Ex.mo Sr. Presidente da Mesa da Assembleia Geral e a pedido da Direcção, é esta convocada extraordinariamente para reunir na sua séde no proximo dia dois de fevereiro, pelas 21 horas, sendo a ordem da noite:

Tomar conhecimento e resolver sobre a compra de terreno e construcção da sua nova séde.

Lisboa, 26 de janeiro de 1916.—O Secretario, *Carlos Barateiro.*

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha

O presidente da sociedade portugueza da Cruz Vermelha cumpre o doloroso dever de participar á Commissão Central e mais dignos consocios d'esta Sociedade o fallecimento do Ex.mo Sr. Manuel Xavier Trindade Roquette, secretario perpetuo da Cruz Vermelha, cujo funeral ha de realisar-se amanhã, 29 do corrente, ás 11 horas, sahindo o prestito funebre da rua D. Estephania, 155, para o cemiterio occidental. Espera que todos os srs. associados o acompanhem a prestar esta ultima homenagem a tão dedicado consocio.—Domingo Tasso de Figueiredo, presidente.

Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha

ASSEMBLEIA GERAL

Em consequencia do fallecimento do Ex.mo Sr. Manuel Xavier Trindade Roquette, secretario perpetuo d'esta Sociedade, fica transferida para quando novamente se annunciar a assembleia geral que devia reunir ámanhã, 29, em segunda convocação.

lha de Krithia que sir Ian Hamilton nem sequer a mencionou. Começou a 6 de maio e durou cinco dias. Nos primeiros trez, os turcos fizeram repetidos ataques e empregaram desesperadas tentativas para subjugar as enfraquecidas forças que se lhes oppunham.

No quarto dia o 15.º e 16.º batalhões da 4.ª brigada de infantaria australiana deram um ataque á bayoneta e tomaram trez linhas de trincheiras turcas. No quinto dia, ao romper d'alva, os turcos retomaram as trincheiras, mas nada puderam contra a principal posição australiana.

Mais reforços começaram a chegar aos inglezes que estavam no cabo Helles. A 42.ª divisão desembarcára no fim da segunda batalha de Krithia e no dia 11 de maio a heroica 29.ª divisão estava retirando da linha onde permanecera dezoito dias e noites. Toda a fronte deante de Krithia estava dividida em quatro secções e começou a guerra regular de sitio.

Na noite de 12 de maio o «Goliath», navio de 12.950 toneladas, acabado de construir em 1902, foi torpedeado ao largo da bahia Morto, á entrada dos estreitos, quando estava protegendo o flanco francez. Mais de 500 officiaes e homens, incluindo o capitão, morreram, sendo salvos 20 officiaes e 160 homens.

O caso deu-se inesperadamente. O «Mouavenet-Milieh», de 620 toneladas, destroyer turco de construcção allemã, terminado em 1909, atravessára o estreito favorecido pela escuridão. Conseguiu torpedear o «Goliath» e pôr-se a salvo. O «Goliath» tinha estado na costa oriental de Africa antes de ir para os Dardanellos e havia bombardeado Dar-es-Salaam.

N'essa mesma noite a esquerda ingleza avançou quasi 500 metros por meio de um estratagema que foi coroado de exito. N'um promontorio que havia sido abandonado por occasião da batalha do desembarque, os turcos tinham estabelecido um forte reducto armado com metralhadoras, que faziam fogo incessante sobre a linha ingleza. Os regimentos de Munster e de Dublin tentaram inutilmente tomar esse promontorio nos dias 8 e 9 de maio.

O tenente coronel C. G. Bruce, do 6.º de Gurkhas, *habituado ás montanhas*, lembrou que os seus homens, que subiam como gatos, podiam tentar apoderar-se da posição por escalada, depois do anoitecer. Os seus

Slatin Pachá

batedores haviam feito um reconhecimento nas penedias na noite de 10 de maio, tendo sido descobertos pelo inimigo e obrigados a recuar por sobre elles ter sido feito intenso fogo.

O major-general H. B. Cox, commandante da 29.ª brigada de infantaria indiana, concebeu um bem elaborado plano, que incluia um bombardeamento do mar e da praia e uma demonstração da infantaria, a coberto dos quaes os Gurkhas repetiriam a tentativa de escalar em maior força. O plano deu magnifico resultado.

A's 6 horas e meia da tarde de 12 de maio os cruzadores «Dublin» e «Talbot» começaram a arremeçar granadas emquanto o 29.º regimento de artilharia divisional iniciava o bombardeamento, partindo das li-

nhas inglezas. A brigada Manchester da 42.ª divisão cooperou com fogo de fuzilaria e no meio d'esse ruido uma companhia reforçada de Gurkhas escalou a penedia e tomou o reducto d'uma arrancada.

Uma outra companhia egualmente reforçada seguiu o mesmo caminho e na manhã seguinte o terreno ganho era consolidado e junto á fronte ingleza. Essa parte passou a ser conhecida pelo nome de «Promontorio Gurkha». As perdas n'esse ataque foram 21 mortos e 92 feridos. Façanhas semelhantes se teem praticado nos Dardanellos, mas poucas foram tão dramaticas como a que acabamos de narrar.

Os francezes terminaram o desembarque d'uma segunda divisão na segunda semana de maio e no dia 14 o general Gouraud recebeu das mãos do general d'Amade o commando supremo de todo o corpo francez. O general Gouraud tinha 47 annos, era o general mais novo do exercito francez e portára-se de tal modo no commando da secção da Argonne na fronte occidental que os seus compatriotas lhe haviam dado o cognome de «Leão da Argonne».

Durante o resto de maio e nos primeiros dois dias de junho a lucta foi mais violenta na fronte de Anzac do que no resto da linha. Os turcos nunca deixaram de ter receio de que os australianos e neo-zelandezes tentassem um ataque contra o centro das suas obras de fortificação que dominavam os estreitos. Na orla exterior da curva de Anzac havia um local conhecido pelo nome de Posto de Quinn. Foi assim chamado por o major Quinn, do 15.º de infantaria australiana, ter encontrado a morte perto d'esse ponto durante um contra-ataque no dia 29 de maio.

N'esse posto as trincheiras dos australianos estavam á beira d'um precipicio que se erguia a 200 pés acima do valle. As trincheiras do inimigo estavam a poucos metros de distancia e o posto nunca foi occupado seguramente senão quando semanas depois um corpo de sapadores neo-zelandezes fez magnificas galerias subterraneas de abrigo. O posto de Quinn em breve se tornou afamado pela sua interminavel serie de sortidas, de ataques e de contra-ataques.

No dia 9 de maio os australianos tomaram as trincheiras inimigas em frente do posto por meio d'um ataque á bayoneta dado de noite. No dia seguinte os turcos contra-atacaram ao romper d'alva e reconquistaram as trincheiras, mas foi tal a matança n'elles feita, que, segundo os prisioneiros que foram feitos declararam, só dois regimentos turcos tiveram n'esse dia 600 mortos e 2.000 feridos.

Em Anzac não havia sitios onde se pudesse encontrar abrigo e os proprios generaes que commandavam não podiam tomar as precauções usuaes e corriam os mesmos riscos que os soldados. A 14 de maio o logar tenente-general sir W. R. Birdwood foi ligeiramente ferido, mas não quiz deixar o commando. No dia seguinte o major-general sir W. T. Bridges, commandante da divisão australiana, foi gravemente ferido, morrendo d'ahi a poucos dias.

Durante o dia 18 em Anzac soube-se que o inimigo mostrava uma actividade fóra do vulgar. Dos navios viam-se tropas concentrando-se em varios pontos proximo da costa. Os aviadores viam outras forças desembarcando proximo do estreito e seguindo em direcção a Pasha Dagh. O bombardeamento turco redobrou de intensidade durante todo o dia.

Sobre Anzac choveram as granadas de 12 e de 9 pollegadas, disparadas por canhões de grosso calibre e de campanha. Os avisos recebidos eram verdadeiros. O general Liman von Sanders em pessoa propunha-se tomar Anzac, fazendo um movimento envolvente por mar. Planeára um grande ataque e estava concentrando 30.000 homens contra essa zona. De trincheira em trincheira passou-se palavra para os seus defensores estarem alerta e preparados para o assalto.

A' meia noite a tempestade estalou e o fogo de metralhadoras e de fuzilaria de uma medonha violencia

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1969—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, L.º

LISBOA—Sabbado, 29 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2299—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, I.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O estado da guerra

A imprensa ingleza está interpellando vivamente o governo do seu paiz, em consequencia d'este, desde o principio da guerra, não ter querido utilisar-se dos navios allemães retidos nos seus portos.

Esta attitude do governo inglez não é natural que possa manter-se, não só porque ella causa extranheza á opinião publica como tambem porque novas circumstancias a tornam necessariamente insusceptivel de se manter.

A extranheza da opinião publica em Inglaterra é tanto mais justificavel quanto é certo que os allemães não estão com taes attenções para com os navios das nações inimigas. Fazem mais do que apoderar-se d'elles: mettem-os ao fundo, e a França, e a Inglaterra, principalmente, teem soffrido já importantes perdas.

No momento em que o sr. Edward Grey annuncia no parlamento britannico que a Inglaterra vae fazer um bloqueio rigoroso aos paizes do norte, visinhos da Inglaterra, que se averiguou estarem abastecendo ha muito o imperio germanico, o governo inglez não poderá prescindir dos navios da Allemanha que estão retidos nos seus portos. A costa a vigiar é extensissima, e não se pode desprezar nenhuma unidade que possa assegurar a effectividade do bloqueio.

A necessidade reconhecida pelos inglezes vem comprovar o que já dissemos em tempo n'estas mesmas columnas. Não ha neutralidades possiveis n'esta conflagração que assume aspectos ainda até agora ineditos nas grandes pugnas entre os homens. E por isso mesmo se está fazendo já uma subtil distincção entre neutralidades, que nenhum tratadista de direito internacional ousaria phantasiar, ou seja a classificação das neutralidades entre favoraveis ou desfavoraveis a qualquer dos grupos de potencias que se degladiam.

O termo juridico de neutralidade não pode ter outra accepção que não seja a d'uma abstenção completa e escrupulosa perante conflictos alheios. Qualquer desvio d'esta attitude demonstrará uma parcialidade que representa a sahida da situação neutral.

Na realidade, é isso mesmo que se exige. A' medida que o tempo decorre, o conflicto aggrava-se, os prejuizos em vidas e dinheiro são cada vez mais duros de supportar, a catastrophe approxima-se, e a catastrophe só pode ser conjurada pela victoria. E' preciso vencer! E então lança-se mão de todos os recursos proprios, e lança-se o olhar para os alheios. As situações neutraes não servem... São consideradas dubias, quando não hostis. A verdade, quando se fala em neutralidades favoraveis ou desfavoraveis, é que os paizes em lucta só conhecem amigos ou inimigos.

Quem não é por nós, é contra nós! Ao chegar a tal acuidade n'um conflicto, esta expressão representa fielmente o estado de alma dos povos.

A Inglaterra vae bloquear a Hollanda, a Suecia, a Noruega, a Dinamarca. Para isso ha de lançar mão de todos os navios disponiveis, e entre esses contam-se os allemães que se encontram nos seus portos. Lançará mão d'elles, como a opinião publica já exige ao seu governo. E se para debellar economicamente a Allemanha tiver de fazer a guerra aos neutros que a abastecem, fal-a-ha tambem.

Poeira da Arcada

Na imprensa hespanhola apparecem com bastante frequencia artigos com este titulo—*Nós e Portugal*. E n'uma ou duas columnas de prosa, escriptas no tom paternal de quem aconselha e corrige, o nosso paiz é encarado sob alguns aspectos favoraveis á constituição de uma Hespanha que em Lisboa, Madrid e Barcelona teria os seus centros principaes de industria, commercio, arte e sciencia. Não se fala claramente na absorpção de Portugal, mas os rodeios empregados simplesmente accentuam a força do desejo: Ainda assim, o facto de taes jornaes usarem expressões pouco claras, evitando as grandes hespanholadas, indica bem a consideração que nos votam os nossos visinhos. Agradecemos.

⁂

O «Diario de Noticias» publica uma correspondencia de Margão que se occupa dos pomposos funeraes de Subraia Naique, em religião Subramona Ananta Tirla. Era uma personagem hindu da maior consideração. Aborrecido do mundo, entregou-se ao misticismo, crescendo em virtudes, até que a morte o levou mirrado como um pau, mas perfumado de aromas divinos. O seu corpo foi lavado em agua de poço e a seguir em agua de côcos tenros. Na sua sepultura foram esparsidos pós odoriferos, sandalo, açafrão. A ceremonia durou cinco horas.

Parece-nos que para dar a um morto um pouco da gloria que as religiões attribuem ás almas libertas da treva da materia, o ritual hindu é cheio de compostura e acerto. Quando a terra se abre, para recolher no seu seio a carcassa de alguem, fica bem tributar a esse derradeiro despojo uma homenagem de saudade. Subraia Naique não sentirá, além da morte, o desprezo que se liga á vil argila que o Peccado manchou.

⁂

Os bons livros resistem a duas, trez e a muitas leituras. Prestam-se a reflexões, suggerindo pensamentos novos. Uma pagina de Virgilio tem sempre o seu sorriso de perpetua juventude. Quanto mais se lê mais se admira e quanto mais se admira melhor se comprehende. Não acontece o mesmo com os teus livros—oh! psicologo dos sentimentos equivocos—que para se poder aguentar exige que o leitor abdique do natural poder do seu coração.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

O elogio de Bulhão Pato

por Julio Dantas

Foi na sessão solemne da Academia das Sciencias de Lisboa celebrada em 7 de dezembro de 1913 que Julio Dantas leu o elogio historico de Raimundo Antonio de Bulhão Pato cuja cadeira academica passara a occupar como socio effectivo. N'esse mesmo dia relatou a «Capital» o [illegible], que revestiu grande imponencia e ao qual assistiram o chefe do Estado, os membros do governo e os do corpo diplomatico, além de muitas outras individualidades.

O elogio historico de Bulhão Pato é uma das mais bellas, das mais nobres e das mais eloquentes affirmações do talento do seu successor na Academia, como lavor litterario, como evocação d'uma epoca e d'uma figura, como arrojo de estylo, de desenho e de critica, se tivermos em vista as praxes e os moldes seguidos e adoptados em semelhantes panegiricos. O auctor da «Paquita», que sobreviveu ao seu tempo, retrata-o Julio Dantas não apenas como o conheceu na decrepitude, já morto «pelo anachronismo da sua propria existencia», mas como elle foi nos dias aureos da sua mocidade, dos seus triumphos nos salões, da sua realeza nas almas femininas... E' não sómente o retrato phisico do cantor do «Livro do Monte», mas tambem o seu retrato psychologico, magistralmente traçado por um maravilhoso evocador de sociedades, de meios e de typos como outro se não encontra mais subtil, mais penetrante e mais suggestivo na litteratura portugueza contemporanea.

O caracter do poeta, em que a inspiração e o orgulho se irmanavam e a quem «bastava que a vida lhe corresse entre um sorriso de mulher e uma taça de champagne, entre uma ode de Horacio e uma caçada ás lebres», deu-nol-o o grande escriptor que é Julio Dantas na sua formosissima prosa com uma inegualavel finura de traço e um colorido e um relevo inexcediveis.

A edição que temos presente pertence á Academia e é uma separata do tomo XII, parte II, das suas «Memorias». Estamos certos de que os admiradores de Julio Dantas farão votos por que o elogio de Bulhão Pato seja incluido em alguns dos tomos que o eminente homem de lettras traga a lume, formados de escriptos seus dispersos. Por todos os titulos, o primoroso trabalho merece não ficar esquecido entre as publicações academicas, de tão restricto ambito.

Estados Unidos e Mexico

O que diz o presidente Wilson

NEW-YORK, 28. — Discursando na presença dos commerciantes o presidente Wilson recordou que empregou todos os meios para evitar a guerra, mas os americanos estão sempre promptos em pegar em armas para defenderem a sua honra; não procurarão conflictos mas tão pouco os evitarão por pusilaminidade, devendo a America estar armada e prompta para a defeza. Depois o presidente Wilson defendeu a sua politica no Mexico accrescentando que a invasão do Mexico pelos Estados-Unidos faria perder a confiança de todas as Americas nos Estados-Unidos.—(*Havas*).

EM TORNO DA GUERRA

Um encontro real em Nich

Como um jornalista inglez viu Fernando da Bulgaria e Guilherme II juntos

Londres, 24 de janeiro

Um correspondente do «Daily Mail» assistiu ao encontro de Guilherme II e do czar Fernando em Nich. A descripção que faz d'esse encontro não deixa de despertar verdadeiro interesse, motivo por que a reproduzimos a seguir:

«Procedente de Constantinopla, cheguei a Nich a 17 de janeiro. Por uma feliz coincidencia, achava-se ali o kaiser. Nich é hoje o quartel-general do exercito allemão nos Balkans, mas não do exercito austriaco. O vasto arsenal trasborda de munições de guerra, especialmente de granadas, e de canhões. A cidade está cheia de soldados servios prisioneiros que podem circular quasi livremente e que se não queixam da sua sorte. Nich estava coberta de neve. Esperei o ensejo de ver o kaiser.

«O acaso favoreceu-me. Ao descer do comboio dei de frente com elle. O rei Fernando acabava de recebel-o e ambos passeavam sem ceremonia, de braço dado, no caes. Havia oito annos que eu não via Guilherme II.

«Como está mudado! Já não é o homem alto representado pelas photographias e ao lado de Fernando, macisso, de nariz de falcão, dir-se-hia quasi ter diminuido de estatura. Trazia uma comprida capa cinzenta, um abafo pequeno de pelle castanha e um capacete coberto d'uma especie de panno kepi. A guarda era feita por allemães.

«A população, na qual se encontravam numerosos austriacos e uma ou duas enfermeiras hollandezas, não mostravam essa grande curiosidade que a presença do kaiser despertaria na maior parte das capitaes da Europa.

«Que impressão me deixou o kaiser? Ou fosse por causa das fadigas da guerra, ou por effeito de dois dias de viagem, ou em consequencia do seu mau estado de saude, a phisionomia do kaiser era a de um homem cançado e exhausto. Embranqueceu-se-lhe o cabello, ao passo que o bigode é d'um negro suspeito. Nos seus gestos já não havia a antiga actividade, os movimentos rapidos e nervosos... O kaiser deixára de ser o homem que nunca estava quieto e de quem eu me lembrava perfeitamente, por me ter encontrado com elle, anteriormente a 1908.

«Guilherme II empregava, sem duvida, todos os esforços no sentido de se tornar agradavel. Examinava com interesse apparente as medalhas dos soldados bulgaros. Palestrava com real affabilidade e sorria para a direita e para a esquerda. Isso não evitava que parecesse muito envelhecido.

«Tinha na mão um lenço de que se servia constantemente e notei mais tarde, no banquete, que se servia d'elle para abafar uma tosse continua. Notei tambem, no banquete, que o lenço era um panno, vermelho, com a estrella e o crescente bordados na ponta.

«No fim do jantar, a musica tocou os hymnos allemão e bulgaro. Ao café, accenderam-se charutos. Bismarck e os convivas separaram-se com a maior simplicidade.

«Tendo travado conhecimento com o chefe do «Bureau» da imprensa bulgara, o sr. Romakof, perguntou-me este se eu desejava assistir ao banquete que seria simples mas historico. Acceitei e fui assim um dos quatro reporters presentes.

Passeei, no entretanto, pelas ruas de Nich, que algumas semanas antes estavam decoradas com bandeiras da «Entente» cujos soldados se esperava que apparecessem em soccorro da Servia. Actualmente, a cidade parece estar em certo modo conformada com a situação. A maior parte dos grandes predios estão transformados em hospitaes.

«O banquete effectuou-se na camara municipal, n'uma sala profusamente ornamentada com bandeiras allemãs. A bandeira austriaca não se encontrava em evidencia. Durante o repasto, fez-se ouvir uma banda composta de guardas do corpo em numero de vinte, dissimulados por detraz d'um renque de palmeiras.

«As mezas, em numero de tres, achavam-se ornamentadas com rosas, predominando a côr amarella. Serviram ordenanças bulgaras. O rei Fernando estava sentado á direita do kaiser que tinha á esquerda o presidente do conselho bulgaro. O rei Fernando tinha á sua direita o general von Falkenhayn.

«Guilherme II não bebeu nem comeu quasi nada, em vintude da tosse.

«Os discursos foram pronunciados no meio do banquete. O rei Fernando falou em allemão, salvo algumas phrases latinas que intercalou. O general von Falkenhayn respondeu em breves palavras aos cumprimentos que o rei da Bulgaria lhe dirigiu.

«Lord Northcliffe, que me enviou, conhece o meu itenerario, que ponho á disposição do governo inglez».

A lucta no theatro occidental e nos Balkans

PARIS, 28 ás 23 horas.—Communicação official. No Arteis a lucta de artilharia foi particularmente intensa. O inimigo dirigiu ataques successivamente a varios pontos da linha. A oeste da cota 140, ao sul de Givenchy, depois de uma serie de explosões de minas, o inimigo conseguiu estabelecer-se n'alguns elementos das trincheiras avançadas.

Outro ataque dirigido no mesmo momento contra as nossas posições na visinhança do caminho de Neuville a La Folie foi completamente repellido. Um terceiro ataque que na mesma occasião se preparava ás nossas fortificações ao norte de Roelincourt foi immediatamente detido pela nossa artilharia e pela nossa fuzilaria. O inimigo poude sahir das suas trincheiras.

Emfim, um quarto ataque na estrada que vae de Saint-Laurent a Saint Nicolas, a nordeste de Arras soffreu um revez completo. Ao sul do caminho de Neuville a La Folie retomámos esta manhã uma nova escavação depois de, em lucta vivissima, termos repellido um contra-ataque violento do inimigo.

Confirma-se que n'esta região, durante as acções precedentes, o inimigo soffreu perdas importantes. N'uma excavação retomada por nós contaram-se 150 cadaveres. Na direcção de Arras e ao sul d'esta cidade houve bombardeamento intenso das nossas posições, mas sem ataques de infantaria tendo as nossas baterias contrabatido energicamente a artilharia inimiga. Entre o Somme e o Oise os nossos canhões de trincheiras destruiram as fortificações inimigas e demoliram um observatorio. A sudoeste de Lassigny, nos Vosges, a nossa artilharia effectuou tiros eficazes sobre Stocka e Stosswhir.

Em represalia do bombardeamento effectuado no dia 25 do corrente por um Zeppellin sobre as aldeias d'esta região e sobre as aldeias da região de Epernay um dos nossos dirigiveis bombardeou Fribourg-en-Brisgau. Na noite de 27 para 28 dezoito granadas de 135 e vinte granadas de 90 foram lançadas sobre a gare e os estabelecimentos militares que soffreram prejuizos importantes.

Situação dos exercitos servios: A retirada dos contingentes servios que ficaram na Albania prosegue em boa ordem, sem qualquer incidente notavel, singularmente favorecidos por uma melhoria de temperatura e com a construcção de pontes que a missão britannica estabeleceu nos principaes rios. Ao longo das estradas organisaram-se depositos de viveres.

A retirada dos canhões e das caixas de munições que o exercito servio deixou em S. João de Medua foi feito por barcos de pesca francezes que os transportaram para Brindisi. Os embarques das tropas servias proseguem regularmente. Os austro-hungaros cujas forças principaes occupam Scutari e Bojana levaram os seus elementos avançados até S. João de Medua a leste.

Exercito bulgaro:

A situação não mudou ha um mez a esta parte. Um destacamento bulgaro occupa Dibra e uma brigada de reserva estaciona em Struga, ao norte do lago Cohrida.—(*Havas*).

LONDRES, 29.—Official.—Repellimos um ataque precedido de violento canhoneio e intensa fusilaria contra o saliente a nordeste de Loos e respondemos com um activo canhoneio ao norte de Maricourt, entre Loos e o canal de La Bassée, a leste de Armentières e ao norte de Wyschaete, tendo avariado as trincheiras allemãs em numerosos pontos.—(Havas).

142 toneladas de carne apprehendidas

LONDRES, 29.—Segundo informação official foi feita uma nova busca a bordo do vapor «Stockolm» que teve por resultado a descoberta de quinhentas caixas contendo 142 toneladas de carne que depois de haverem sido mencionadas na carga do navio, foram riscadas nos documentos. Esta eliminação suspeita deixa suppôr intenção de fraude.—(Havas).

Os alliados no Oriente

SALONICA, 29.—Na madrugada de 28 do corrente desembarcaram na peninsula de Karabournu forças de marinha dos alliados e occuparam a fortaleza.—(Havas).

Os artistas do Republica

offerecem um almoço á empreza d'aquelle theatro

Realisou-se hoje o almoço offerecido pelos artistas á empreza do theatro Republica. Presidiu ao banquete o actor Augusto Rosa, tendo á direita os srs. visconde de S. Luiz Braga, Eduardo Schwalbach, Lucinda Simões e Mello Barreto, e á esquerda os srs. Antonio Ramos, Santos Tavares, Chaby Pinheiro e Jesuina Saraiva. Em frente sentava-se o actor Eduardo Brazão, tendo á direita os srs. dr. Julio Dantas, Emilia de Oliveira, Ferreira da Silva e Luz Velloso, e á esquerda os srs. Augusto de Castro, Angela Pinto, Leonor Faria e Paz Rodrigues. O banquete foi de 47 talheres, tendo tomado parte n'elle todos os artistas d'aquelle theatro, escriptores e jornalistas.

Foram lidos telegrammas de saudação, sendo pronunciados brindes ás prosperidades da empreza e aos seus collaboradores.

Isoterismo, integralismo e sardinhismo

Algumas revelações curiosas

A'cerca da polemica entre catholicos monarchicos e catholicos acima de tudo, recebemos uma curiosa carta assignada por «Um observador» e da qual reproduzimos o seguinte:

Tem v. muita razão no seu artigo sobre a situação do «Dia» perante os Bispos. Estes já disseram o que tinham a dizer, na Pastoral Collectiva e n'outros documentos citados e transcriptos no orgão catholico do Porto. Falar agora? Para quê? Para satisfazer a manhosa tactica do «Dia»? Era o que faltava! Ver os Bispos com praça assente na gazeta do sr. Moreira d'Almeida, ou no integralismo do sr. Sardinha que em Coimbra era um jacobino feroz!

Eu conto: estes integralistas de hoje são a mesma gente de um celebre corrilho litterario «snob» e apedantado de Coimbra, presidido pelo sr. Gayo, secretario da Universidade, e pelo fallecido conde de Monsaraz de quem o filho é uma «pallidissima» sombra «em tudo». Chamava-se esse corrilho «Os Isotéricos» e os seus membros tratavam de «Magna Besta» o resto da academia. Eram quasi todos republicanos, os mais ardentes «isotéricos» de então! O sr. Sardinha estava na extrema esquerda, embora todas as tardes desse a direita ao poeta Eugenio de Castro seu desvelador protector... litterario. Lembro-me bem de que elle votava uma «raiva jacobina» (como agora diz o sr. Almeida) ao Centro Academico Democratico Christão, troçava do dr. Sousa Gomes, papa da rapaziada catholica, etc. Disse-me até ha pouco um condiscipulo do sr. Sardinha «que elle applaudiu o regicidio!...». Hein? E hoje já é socio da Juventude Catholica de Lisboa, é monarchico, e escreveu um «Valor da raça» que ninguem supporta, como prova de erudição do sr. Sardinha...

Pois o Integralista Luzitano é apenas o «Isoterismo» em politica: com o seu snobismo e o seu ar de «incomprehensivel». Em Coimbra troçavam-o. Cahiram pelo ridiculo da sua sobranceria. Agora dão-lhes ofóros de intellectuaes. Vê-se que em Portugal já não ha espiritos amigos da clareza—uma vez que tudo fica extasiado ante as tiradas do sr. Luiz de Braga esmoendo a Saudade de Olivença que deve ser aquella «Saudade a escorrer» de que fala o sr. Sardinha na sua «Epopeia» — é assim como elle diz—que para o sr. Pinheiro Torres é uma obra-prima, talvez parecida com o seu livro «Alva», de rabelaiseana memoria.

O mais engraçado é que os mesmos principios arrevesados que levam o sr. Sardinha para o catholicismo pela porta da monarchia, não conseguiram tanto do sr. de Amaral e do sr. dr. Hypolito Rapozo, que, embora integralista, é atheu como um... republicano! Porque será? Explicar-se-ha tambem pelo «colomnato romano» que serve para o sr. Sardinha demonstrar á sua moda que os Estados Unidos não são uma republica que tem por base os principios de 89 da «democracia revolucionaria» que os papas condemnaram? Mas se esses principios dão bom resultado lá, sob o ponto de vista de liberdade da Egreja, é porque... não são assim maus de todo! Pelo menos assim o disseram Mgr. Ireland e o padre Felix Klein que não teem positivamente o appellido de Sardinha!

«Um observador» allude em seguida ao padre Avelino de Figueiredo, proto-martyr da Republica, mas os termos em que o faz ou, para melhor dizer, os factos que revela sobre essa personagem que ha pouco tambem botou sentença no «Dia», impedem-nos que reproduzamos tal passagem da sua carta.

A proposito do pontificado leigo do sr. Pinto Coelho escreve ainda «Um observador»:

Para não passar muito tempo, ahi vão noticias frescas da intervenção dos Bispos na contenda entre catholicos extremes e catholicos do sr. Moreira d'Almeida. O «golpe de preto» (tal como a «Liberdade» a respeito dos «golpes» do sr. dr. Pereira Osorio) o «golpe de preto» diz foi combinado e forjado pelo sr. Pinto Coelho. Toda a gente sabe em Lisboa que o patriarchado da rua do Ouro vale mais que o outro. Ora, d'esta influencia sobre o animo alquebrado do sr. patriarcha se aproveitou o legitimista de tinta azul e branca que é o sr Pinto Coelho. Até ha pouco a «Nação» esteve callada. Poder-se-hia estranhar este silencio da parte de um jornal «catholico», mas acceitava-se. Era a neutralidade. O que não se entende nem é liso, é vir de repente metter foice na questão. E de que modo!... O sr. Pinto Coelho approva o Centro Catholico que quer fóra das luctas partidarias, mas... só com monarchicos! Esta attitude deve ser considerada desleal pelos catholicos do Centro que teem por orgão a «Liberdade» e vem pôr de novo em fóco a doblez politica da «Nação» e do seu mentor, emparceirados com o sr Moreira d'Almeida, que já disse cobras e lagartos do mesmo Pinto Coelho, quando elle estava em Portugal.

DEFEZA NACIONAL

A nossa preparação militar

E' de dia para dia mais completa, mercê do intensivo trabalho que se está realisando

Casualmente, esta tarde, um official do exercito—distincto entre os mais distinctos—deteve-me no meu caminho e disse-me pouco mais ou menos isto:

—Você tem-se occupado por vezes de coisas militares. Ha tempos, alludiu até, se me não engano, á nossa preparação militar, a proposito de uma palestra com um camarada meu...

—E' exacto, confirmei.

—Mas não tornou a tocar no assumpto...

—Pelo simples motivo de que não tenho tido mais nada de novo a accrescentar. Forneça-me você alguns elementos, e ainda hoje se aborda novamente a questão.

O meu interlocutor fez uma pausa, reflectida e prudente. E retorquiu depois:

—São coisas melindrosas, sabe você? Se eu pudesse dizer-lhe tudo quanto sei, fornecer-lhe-hia assumpto magnifico para um artigo. Não d'esses que ás vezes leio, assignados por você, e onde não raro transparece uma pontinha de desalento. Pelo contrario. A respeito da nossa preparação militar tem-se avançado, nos ultimos mezes, muito mais que em annos anteriores. O que se fez até agora é tudo o que ha de mais animador, e enche-nos de legitima esperança ácerca do futuro.

—Diga, diga...

—Posso falar-lhe um pouco a tal respeito, mas vagamente, muito vagamente... Você comprehende: não ha necessidade de, n'estas coisas, se proclamarem pormenores. Escute: como sabe, projecta-se para, d'aqui a tres mezes, se concentrar em Tancos uma divisão de instrucção. Logo a seguir, ali ou n'outro ponto, proceder-se-ha á concentração de uma segunda divisão, que ficará instruida ainda este anno. E trabalha-se activamente para que, no mais breve lapso de tempo possivel, se instruam as oito divisões do activo e as oito da reserva...

—Mas o material para tudo isso?

—Tem-se adquirido e continua a adquirir-se constantemente. A esse respeito, poderia fornecer-lhe notas curiosissimas, que por completo desfazem todas as atoardas que se teem [illegible]gar, deixe-me dizer-lhe que a esses contractos tem presidido sempre um criterio altamente patriotico: tudo o que pode ser produzido pela industria nacional encommenda-se á industria nacional. Ha milhares de contos n'este capitulo, e comprehende-se bem como assim se influe beneficamente na nossa economia publica...

—Não ha duvida. Mas... não sahirão os fornecimentos mais caros?

—Pelo contrario: e aqui tem você uma nova surpreza. Organisou-se a estatistica dos preços por que ficam os artigos actualmente comprados, e verificou-se que a maior parte saem mais baratos do que se tivessem sido adquiridos antes da guerra. E' claro que algumas coisas ha que sahem mais caras, mas a resultante geral é favoravel. E dos artigos importados do estrangeiro, se não fosse a brutalidade dos cambios, poderia dizer-se o mesmo.

—Ha muitos artigos, comtudo, que aqui se não fabricam, insisti, obstinadamente.

—Ha. Mas cada vez menos. Já hoje se produzem em Portugal variadissimas coisas que antigamente vinham de fóra. Um exemplo: as cupulas de latão para os cartuchos. Importavam-se feitas, e aqui eram mettidas nas machinas de estirar que lhes davam a forma definitiva de capsulas. Pois bem: agora já se fazem em Portugal, e dentro em breve o proprio latão será fabricado aqui, utilisando-se os minerios nacionaes...

—Mas isso é prodigioso!

—Vamos fabricar espingardas do nosso modelo. Ha muitas machinas para isso, outras, que faltam, fabricam-se tambem na nossa industria. A nossa producção de cartuchos é consideravel por que se fizeram em Portugal muitas machinas para esse fim, e que teem dado optimo resultado. Mas ha mais: de futuro, a acquisição de peças de artilharia limitar-se-ha á acquisição dos canhões, visto poderem muito bem fazer-se entre nós os carros de munições e os reparos. Em materia de automoveis, apenas se importarão os «chassis», que serão «carrocados» por operarios portuguezes. Como vê, tem-se feito tudo quanto é possivel para intensificar a nossa industria e tornal-a independente.

«Mas ha mais ainda: na Manutenção Militar fez-se um matadouro destinado não só a produzir carne ensacada e de conserva, mas até a fornecer de carne fresca os quarteis. Além d'isso, construiu-se o primeiro deposito territorial na região do Entroncamento, e outros se lhe seguirão em breve, realisando-se d'esta forma o programma consignado na lei. A carreira de tiro vae ser uma coisa modelar e de muito mais ampla capacidade que outr'ora.

—Uma unica pergunta, se não for indiscreta: o material até agora adquirido é só para a divisão de instrucção?

O meu interlocutor sorriu, hesitante.

—Não posso dizer-lhe para quantas, mas destina-se a varias divisões, respondeu. O que lhe peço para fixar é a preferencia que sempre foi dada á nossa industria, não só a grandes emprezas, mas muito principalmente a pequenas officinas, sobretudo no norte. E é tudo o que «A Capital» pode affirmar ao publico.

—Falta ainda qualquer coisa que todos teem empenho em conhecer. O que ha a respeito de aviação?

—Ha dez officiaes a instruir em differentes aerodromos estrangeiros, onde teem dado muito boa conta de si. Dentro em breve voltarão com as suas cartas, e devem trazer apparelhos dos mais recentes modelos. N'esse dia começará intensivamente a instrucção no nosso aerodromo militar, que você já uma vez visitou. Em summa: pode estar certo que o anno que começa marca uma gloriosa «étape» em materias de realisações praticas no exercito portuguez.

Hermano Neves

O "film,, da Rua dos Condes

E' no proximo dia 4 de fevereiro que se inaugura o novo cinema

A bailarina Hesperia, que desempenha o papel de protagonista no sensacional drama «A guarda de Sua Magestade»

O «film» com que no proximo dia 4 de fevereiro o antigo theatro da Rua dos Condes, transformado n'um dos melhores salões cinematographicos de Portugal, vae reabrir ao publico as suas portas, está certamente destinado a provocar um profundo interesse. Já no nosso numero de hontem alludimos ao emocionante entrecho da «Guarda de sua magestade», um dos «films» mais sensacionaes e mais perfeitos que nos ultimos tempos se teem exhibido.

D'entre as personagens d'esse pungente drama, em que, par a par, se desencadeiam as mais violentas e desencontradas paixões, destaca-se uma delicada e singular figura de mulher, a formosissima Hesperia, rainha da eterna belleza, possuidora de todos os segredos femininos de seducção, dominadora e voluntariosa, mas que tudo isso acaba por sacrificar, incluindo a propria vida, ao amor que soube inspirar-lhe um soberano exilado.

A morte de Hesperia é uma das scenas mais lancinantes que porventura se tem projectado nos «écrans» de todo o mundo. Vae exhibir-se pela primeira vez entre nós este «film» e o exito que lhe está por certo reservado ha de sem duvida corresponder á fama que, do estrangeiro, o acompanhou até nós.

Pela armada

Queixas e reclamações

Continuam a chegar até nós queixas contra o modo como está escalado o serviço dos despenseiros e creados nos navios de guerra. Affirmam-nos que ha favorecidos que estão exercendo commissões que nada teem com o serviço, prejudicando assim os que estão na effectividade e que por tal motivo são extraordinariamente sobrecarregados.

Accresce a circumstancia, que já frisámos, de serem prejudicados os reformados, pois a esses competem taes commissões.

Para o caso tornamos a chamar a attenção do sr. ministro da marinha.

Festas associativas

Academia Recreio Artistico.—Em homenagem ao amador dramatico Raul Seabra e promovida por uma commissão de amigos, realisa-se ámanhã uma festa, constando de sarau dramatico, musical e dançante, abrilhantado por um grupo de actores e amadores.

Sociedade Guilherme Cossoul.—A'manhã, recita com a peça *O caminheiro*, desempenhada pelo grupo Actor Calazans, seguindo-se baile.

Tuna Commercial de Lisboa.—Como já noticiámos, ha ámanhã festa em homenagem a um valioso elemento d'essa collectividade, constando de sarau dramatico e dançante.

Centro Socialista Occidental.—A'manhã, ás 15 horas, sessão solemne, ás 21, recita com o drama *O bombeiro municipal*; segunda-feira, ás 20, conferencia, ás 21, recita com a comedia *Dar corda*.

Grupo Recreativo «Os estudiosos».—A'manhã, pelas 20 horas, espectaculo e baile promovida pela direcção.

Centro Democratico Español.—Amanhã, recita com as comedias *Un casal de grillos* e *Milagres de Santo Antonio* e um acto de variedades, seguindo-se baile familiar.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Industriaes de panificação independentes.—Reune a assembléa geral no dia 3 de fevereiro, ás 13 e meia horas, para discussão do relatorio e contas e eleição de corpos gerentes.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Coimbra, terra d'amores — Um anjinho da pelle do diabo.

REPUBLICA — A's 15 — Concerto — Serenata das flores.

TRINDADE — A's 21 — O dia do juizo (Revista).

POLYTEAMA — A's 15 — Concerto — A's 21 — A vida d'um rapaz pobre.

GYMNASIO — A's 21 — O maquinino.

EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Palavra d'honra! (Revista).

AVENIDA — A's 20,30 e 22,30 — Maré de rosas.

MODERNO — A's 20,45 e 22,45 — Sempre fresquinho.

COLYSEU DOS RECREIOS — Companhia de opera lyrica — A's 21 — Cavalleria rusticana-Palhaços.

Agenda da semana

AMANHÃ — Apollo — Primeira representação da revista *Palavra honra*.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

Los Gitanillos

Ha tempo que via annunciado nos jornaes a apparição de uns bailarinos a que davam o nome de Gitanillos e que apellidavam de reis da dança gitana. Como a sua estreia estava annunciada para hontem no Salão Foz, lá fui vel-os. Tenho um enorme fraco pelas danças andaluzas de todas as que o nosso visinho reino nos exporta, as melhores para o meu gosto de impulsivo. Installei-me n'um «fauteuil» em que se está com uma enorme commodidade e esperei que os annunciados gitanillos apparecessem. Depois dos «films, dos bailados variados, da acrobacia e do canto, porque n'aquella casa ha de tudo, appareceram os taes Gitanillos os que por cá chamam reis das danças andaluzas. E os meus olhos, que tinham passeado constantemente por todas as caras bonitas que ornavam o vasto salão, excepção feita quando ouvi o «Barbeiro», attendo com toda a virtuosidade por uma cantora, que me disseram ter já estado em S. Carlos, fixaram-se n'essas duas figuras elegantes, que constituem a palavra Gitanillos. O que vi foi uma coisa phantastica para o meu espirito. Elle, alto, forte, elegante e flexivel que nem uma lamina d'aço; muito rapido nos movimentos que nunca perdem a elegancia e o rithmo. Ella, a cigana pura, de olhos negros, cabellos negros e olhar scintillante. Todos os seus movimentos são harmoniosos, mas cheios de vibração, dança sentindo a dança; encarna-se no seu papel fazendo-nos sentir pena de não sermos dançarinos tambem. Foi o que me aconteceu, tal o enthusiasmo que me causaram todos aquelles differentes bailados tão cheios de vida, tão cheios de alegria.

O meu enthusiasmo por esses Gitanillos foi tanto que não me contentei em vel-os e applaudil-os, quiz fallar-lhes, saber ha quanto tempo bailavam e como tinham conseguido tanto «gacho» e tanta elegancia. Uma amizade antiga com Raul Freire, um dos sympathicos emprezarios do Salão Foz, porque são sempre sympathicos os emprezarios das casas de espectaculos—proporcionou-me a satisfação do meu desejo e como é sempre mais agradavel fallar com uma senhora do que com um homem, foi para ella que pedi a apresentação. Rafaela Mongo, pois que é assim que se chama a endiabrada bailarina, recebeu-me com a galhardia de uma hespanhola culta. Sabedora do que eu queria, não se fez rogada porque pouco era o que me podia dizer. Trabalhavam ha annos juntos, ainda que isso contrariasse os seus primos, que não gostavam de os ver exhibindo-se nos palcos. E ao pronunciar essa palavra primos, notei-lhe na voz uma pequena alteração e como não conhecia esses taes primos, accentuei a pergunta bem natural de quem eram.

—Pois não sabe que somos primos dos celebres toureiros Gallo e Gallito?

Não sabia e por uma razão: é que eu não sou gallista, mas sim Belmontista.

Esta resposta franca desapontou-a e foi com uma certa irritação na voz que me disse que a elegancia e a graça se não adquiriam. Bailavam por amor á arte, porque gostavam e... nem mais uma palavra.

Nunca lhe tivesse manifestado essa sympathia por Belmonte!...

J.

Concertos David de Sousa

E' soberbo o concerto de ámanhã no Polytheama, verdadeiro *tour de force* da orchestra de David de Sousa, que executará um magnifico programma cheio de attractivos mas tambem de pesadas responsabilidades. Sabe-se bem quanto é difficil interpretar Wagner, que enche toda a 1.ª parte do programma, mas ainda n'este caso as responsabilidades augmentam com a execução da magestosa *Abertura solemne*, de Tchaykowsky, que fecha com chave de ouro um concerto a todos os respeitos notabilissimo.

PEQUENAS NOTICIAS

A mesa administrativa da irmandade de S. Nicolau deliberou que estejam ámanhã e segunda feira, das 13 ás 16 horas, patentes ao publico as suas sécias, que comportam 200 alumnos de ambos os sexos e cuja entrada é pela rua dos Douradores, 57.

Juntas de parochia

De Santa Catharina.—Na sua ultima reunião resolveu insistir com a camara municipal de Lisboa sobre a collocação de um chafariz na escadinha que liga a rua de Santa Catharina, ao cimo da calçada Castello Branco Saraiva. A junta recebeu um officio da Academia de Estudos Livres offerecendo algumas matriculas a creanças pobres na sua escola primaria Marquez de Pombal mediante a mensalidade de dez centavos, excepto para as creanças cujas familias sejam tão pobres que não possam satisfazer a referida mensalidade, para as quaes será a matricula gratuita. A inscripção está aberta nos dias destinados ao expediente d'esta junta até ao dia 15 de fevereiro.

O concerto Blanch de ámanhã no Republica

Não fica decerto um só logar vago ámanhã no Republica, porque o concerto da Orchestra Symphonica Portugueza dirigida pelo illustre maestro Blanch, que alli se realisa em «matinée», está destinado a constituir o maior acontecimento artistico d'estes ultimos tempos, não só pelo valor affirmado já da orchestra e do seu director, como pelo assombroso programma organisado.

Em primeira audição executam-se a introducção do 3.º acto do «Tristão e Isoldae, de Wagner, e uma encantadora serenata de Saint-Saens, e tambem a famosa «6.ª symphonia (Pathetica)», de Tchaikowsky; a «Redempção», de Cesar Frank; a «ouverture» «Santuntala» de Goldmarck; a extraordinaria «Rapsodia hungara em dó», de Listz, e outras obras notaveis. No fim do concerto ha chá elegante no jardim de inverno, com um magnifico sextteto, sendo a entrada franca.

Brindes e calendarios

A Companhia de Seguros «O Futuro» offerece aos seus clientes e amigos um calendario de escriptorio com um chromo.

Opera lyrica

A «LORELEY»

A velha lenda allemã fazendo povoar o Rheno nas suas grutas e rochedos de fadas mysteriosas amantes e escravas do velho rio, tem servido de assumpto a poetas e musicos para as mais variadas composições.

De todas a mais bella é por certo a que hoje vamos admirar no Colyseu dos Recreios.

Conta a lenda que de todas as ninfas a mais linda era *Loreley*, que a meio do rio sobre um rochedo solitario com a sua belleza deslumbrante e a sua voz encantadora attrahia e dominava os incautos navegantes.

A opera que hoje se estreia em Portugal é a historia dos amores de *Loreley* por um fidalgo cujo castello se ergue sobre os penhascos altaneiros nas margens do velho rio. Musica e entrecho são magnificos, fazendo da recita de hoje o maior e mais extraordinario acontecimento artistico da actividade.

A parte de *Loreley* foi confiada á eminente cantora Kruceniski, pelo que podemos affirmar que não se poderia ter encontrado uma melhor interprete.

Figura, belleza, voz harmoniosa em fim de tudo tem Kruceniski para nos dar um *Loreley* como os poetas a teem sonhado e digna da partitura grandiosa e imponente que o maestro Catalani escreveu para esta opera.

A festa em Alfama

Homenagem ao sr. Pedro Botto Machado

Todas as escolas do populoso bairro da Alfama vão cooperar na grande festa de confraternisação infantil [illegible] Magalhães Lima e por iniciativa do seu venerando patrono e professores promove em homenagem ao sr. Pedro Botto Machado, presidente do dador que dirigindo o centro tem sido o elemento primacial do seu progresso e sabe fazer-se amar por milhares de creancinhas.

A festa começa ás 13 horas da proxima segunda-feira, na séde do centro e com a presença do dr. Magalhães Lima, elemento official e amigos do sr. Botto Machado.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

O horario do trabalho dos caixeiros

O empregado commercial sr. Manuel Gomes Junior escreve-nos uma longa carta em lamenta que, tratando-se, hontem á noite, na reunião plena do senado municipal de uma questão de vital importancia para a classe dos caixeiros, como é a do horario definitivo do trabalho, apenas á ella tivesse comparecido menos de um terço da classe.

Entende o sr. Manuel Gomes Junior que é assumpto que não deve ser descurado e que conviria nova reunião para que a proxima reunião comparecessem todos os seus collegas.

Arbitrariedade policial?

A' nossa redacção veiu hontem queixar-se o machinista do theatro Polytheama, sr. Alfredo Carvalho, de que, hontem, no theatro, quando trabalhava, como contra-regra, em seu scenario que lhe pertence, o sr. tenente Ochoa o maltratou, trazendo-o aos empurrões até á porta da rua, chegando ainda a deitar-lhe as mãos ao pescoço, fazendo-lhe algumas ecchymoses. Do caso, segundo diz o queixoso, deve dar conhecimento ao sr. governador civil.

Os postaes carnavalescos

Escreve-nos *Um pae*, pedindo que chamemos a attenção da auctoridade superior do districto para a exhibição, nas montras de diversos estabelecimentos, dos chamados postaes carnavalescos. Não se comprehende—diz elle—que se tenham prohibido os tremoços, os ovos, etc., e se consinta na exhibição d'esses postaes indecentes e com uma linguagem desbragada, imprópria d'uma cidade civilisada. E só as creanças que por elles se contaminam tão desmoralisador espectaculo.

Predio que ameaça ruina

Queixa-se-nos o sr. Carlos A. G. Frederico, estabelecido na rua dos Fanqueiros, 257, de que tendo pedido uma vistoria a esse predio, o qual ameaça ruina por se terem tirado os terrenos aos terrenos e installados depositos de fazendas de algodão, onde se accumulam pesos brutais, até hoje se não tem providenciado, continuando imminente a perspectiva de um lamentavel incidente.

Accrescenta o sr. Carlos Frederico que ha cerca de 6 annos se deu uma vistoria, tendo os peritos intimado a despejar o armazem, o que se fez no prazo de 24 horas, como sendo o que mais perigo offerecia. O predio não teve obras e o armazem para ali voltou ha anno e meio.

Para o caso, que pode ter de um momento para outro graves consequencias, chamamos a attenção das auctoridades competentes.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 29.—Communicação official das 15 horas:

Em Artois, proximo da cota 140, retomámos por meio de um vivo contra-ataque, esta manhã, parte dos elementos de trincheiras tomadas hontem pelos allemães. Ao sul do Somme, depois de um violento bombardeamento, o inimigo atacou hontem as nossas posições n'uma extensão de varios kilometros a partir da embocadura do Somme, até Frise, e mais ao sul, em toda a parte meridional. O seu ataque malogrou-se por completo, tendo apenas conseguido vantagens na povoação de Frise, ao norte do Somme, contra uma aldeia á retaguarda do rio e que era defendida por uma das nossas grandes guardas. O ataque inimigo está actualmente contido e os primeiros contra-ataques que demos permittiram-nos retomar algumas das nossas trincheiras tomadas pelos allemães. Na região de Lihons o inimigo iniciou um ataque durante a noite, que foi immediatamente interceptado no valle de Setch. Em Munster o nosso fogo de artilharia de grande calibre provocou um incendio n'uma fabrica transformada em deposito de munições, ouvindo-se innumeras explosões.—(Havas).

A campanha da Russia

PETROGRADO, 28.—Pequenas escaramuças com exito nos Strypa medio e ao norte de Bojan. No Caucaso a oeste de Melazghert esmagamos um importante columna turca fazendo prisioneiros 17 officiaes e 274 askaris e perseguindo o inimigo, penetrámos na cidade de Khnyssakala, entre Erzeroum e Mouch. Os turcos fugiram na direcção de Mouch. Ao sul do lago Ourmia derrotamos grandes forças turcas capturando egualmente um grande numero de prisioneiros e tomando-lhes munições. A sudoeste de Hamadam rechaçámos o inimigo em direcção do sul.—(Havas).

Os montenegrinos e os alliados

LYON, 28.—O sr. Miouchkovitch presidente do conselho de ministros do Montenegro telegraphou ao sr. Briand exprimindo-lhe a invariavel dedicação do governo montenegrino á causa dos alliados e o seu reconhecimento pela activa sympathia da França para com o Montenegro. O sr. Briand respondeu agradecendo e affirmando que a França e os alliados luctarão até á victoria final.—(Havas).

Troca de prisioneiros

HAYA, 28.—Em consequencia da intervenção do governo neerlandez a Bulgaria resolveu pôr em liberdade os guardas dos archivos das legações franceza e britannica em Sofia. A titulo de reciprocidade a França soltará o pessoal consular bulgaro de Salonica e o guarda da legação da Bulgaria em Paris.—(Havas).

Na frente italo-austriaca

ROMA, 28.—Na Carnia canhoneio intenso. No alto Isonzo repellimos trez fortes ataques, infligindo grandes perdas ao inimigo. Nas alturas a oeste de Gorizia reoccupamos uma parte do terreno abandonado na noite de 25. No Carso um destacamento fez erupção no entrincheiramento inimigo.—(Havas).

A falta de carne em Lisboa

far-se-ha já sentir ámanhã

Na capital deve já ámanhã fazer-se sentir a falta de carne. Esgotado o *stock* proveniente da grande matança de gado, de que démos larga noticia, os habitantes de Lisboa vão vêr-se sem esse genero de primeira necessidade, pois talhos haverá ámanhã que já não podem servir a sua clientella.

Os marchantes manteem a resolução tomada e, assim, hoje, no Matadouro Municipal, apenas foram abatidas duas dezenas de rezes, sendo oito para os talhos municipaes e duas para os hospitaes, e dozes vitellas para diversos talhos. E, ao que nos informam, talvez ámanhã nem já tantas sejam abatidas.

O problema, como se vê, é grave e urge que se lhe dê prompto remedio.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	37 7/16	34 5/16
Londres, 90 d/v	34 15/16	—
Paris, cheque	$74,5	$75
Allemanha, cheque	$26	$27,5
Hollanda, cheque	$63	$64
Madrid, cheque	1$38	1$39
Suissa, cheque	$84	$85
Italia, cheque	$65	$67
New York	1$46	1$47
Rios/Londres	11 15/32	—
Libras	7$00	7$10
Agio do ouro	50 %	56 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	38,95	38,90
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Externos: 1.ª serie 76$50 e 3.ª 76$70. Acções: Ultramarino, coup. 123$; C. Nacional dos Caminhos de Ferro 4$80; Gaz, coup. 47$10, Agricultura Colonial 118$; Companhia Mercantil Internacional $810.

Obrigações: Aguas, coup. 81$50; Ambaca 93$80; Norte e Leste, 1.º grau, 75$; C. de Ferro de Benguella, tit. 5, 79$50.

O 31 de Janeiro

A visita presidencial ao Porto

E' o seguinte o programma da visita do sr. presidente da Republica ao Porto:

Dia 30:—Partida no rapido do Porto, ás 8 horas e 30 minutos; almoço, ás 12 horas, no comboio. Chegada á estação de Campanhã, ás 11 e 7 minutos, recebendo o chefe do Estado os cumprimentos na sala da estação. A's 15 e 30 partida de Campanhã para o palacio da Bolsa (cortejo). A's 16 e 30, visita á camara municipal. A's 16 e 45, desfile das forças da guarnição. A's 21 horas, recita de gala no theatro Aguia d'Ouro. A's 23 e 30 recepção no Club dos Fenianos.

Dia 31:—A's 10 horas, visita do chefe do Estado ao mausoleu dos heroes de 31 de janeiro no cemiterio do Repouso; ás 11 visita aos terrenos onde vae ser edificado o hospital da cidade (Contomil); ás 12, lançamento da pedra fundamental do lyceu Alexandre Herculano; ás 13, almoço no palacio da Bolsa; ás 15, cortejo civico á praça da Liberdade, assistindo o presidente da Republica das janellas da camara municipal; ás 16, recepção official no palacio da Bolsa; ás 21,30, concerto no Salão Trindade.

Dia 1 de fevereiro:—A's 10 horas, visita á Escola de Pharmacia; ás 11, inauguração do Museu de Zoologia na Universidade (assiste ás 12,30, almoço no palacio da Bolsa; ás 14, festival infantil na praça da Alegria; ás 16, inauguração das obras da cidade (praça da Liberdade); ás 17, visita ás obras da cidade e estabelecimentos municipaes; ás 20, jantar no palacio da Bolsa.

Dia 2.—Partida ás 8,37, na gare de S. Bento.

Do Tejo, largou hoje pelas 7 horas e meia, com destino ao Porto, a divisão naval, composta dos cruzadores *Vasco da Gama* e *Almirante Reis* e contra-torpedeiros *Douro* e *Guadiana*.

Commemorando a gloriosa data

E' o seguinte o programma das festas com que a Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 9, com séde na rua de Santa Martha, 215, commemora o dia 31 de janeiro:

A's 7 1/2 horas, alvorada pelo terno de corneteiros, embandeiramento na séde e girandola de foguetes; ás 10 distribuição de esmolas a 31 indigentes da parochia civil de Camões; ás 20 1/2, illuminação na séde, sessão solemne commemorativa, sob a presidencia de um representante do governo, usando da palavra varios oradores. Nos intervallos o orpheon da Sociedade cantará, sob a regencia do sr. Henrique Lopes, algumas canções patrioticas. Em seguida haverá baile abrilhantado por um quartetto de saxophones, que alternará com piano. Duas escolas, com bandeira e terno de corneteiros, farão a guarda de honra.

A junta de parochia de Santo Estevão distribue na segunda feira aos pobres da sua parochia a quantia de 200$00, proveniente do legado Pereira Crespo e do donativo que para o mesmo fim recebeu da commissão administrativa dos rendimentos do Pantheon de S. Vicente. Serão contemplados todos os pobres que requereram e que se provem residentes na freguezia.

Na rua Nova do Calhariz, á Ajuda, realisa-se, no dia 31, ás 12 horas, a festa da implantação da arvore e da ampliação da cantina das escolas primarias officiaes n.º 19 e 60.

No centro Republicano de Santos começam ámanhã, como já noticiámos, as festas commemorativas do 31 janeiro e da inauguração da nova séde, rua de S. João da Matta, 16, 1.º A'manhã, concerto pela banda da Associação Musical 24 de Agosto e á noite sarau dançante; na segunda feira, sessão solemne, ás 14 horas, presidida pelo dr. Magalhães Lima, e ás 21 horas sarau dramatico.

BARREIRO, 29.—Depois d'ámanhã, no coreto da praça da Republica, tocará, das 16 ás 18 horas, a banda Democratica União Barreirense, executando um magnifico programma.

O Centro Republicano Portuguez festeja o dia 31 com alvorada e illuminações.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NO CONSERVATORIO

Ámanhã, pelas 14 horas, realisa-se no salão nobre do Conservatorio uma audição publica gratuita pelos alumnos da Escola de Arte de Representar. Eis o programma:

I—A representação do 1.º acto da tragedia de Sophocles, adaptação em verso francez de Henrique Lopes de Mendonça e Julio Dantas, «Edipo».

«Edipo», Armando Baptista; «Tiresias», Vital dos Santos; «Creonte», Raul Pereira; «Summo sacerdote», Jorge Beltran; um «Velho», Victor Moraes; «1.ª virgem thebana», D. Ema Videira; «2.ª virgem», D. Zulmira Vargas. Povo, côro de virgens thebanas, musica original de Herminio Nascimento.

II—Dança da opera «Ballado das Sylphides» de Weber, pelas alumnas do curso de bailarinas da Escola de Arte de Representar, D. Josefa Ruiz, D. Laura Guiterres, D. Maria Amelia de Carvalho, D. Maria Pueblo.

III—A representação do poema em 3 quadros, de Antonio Corrêa de Oliveira, musica original de Herminio Nascimento, «Auto do Fim do Dia». Sonetos, recitados por D. Hortense da Luz, D. Lilia Lopes, D. Alice Ribeiro e D. Maria Emilia Leitão; «Velhinha», D. Irene Neves; «O Soldado», Salvador Costa; «Ceifeiras»: D. Alice Machado, D. Carolina Baptista, D. Ema Videira, D. Hortense da Luz, D. Lilia Lopes, D. Maria Emilia Leitão, D. Rachel Rodrigues, D. Zulmira Vargas; «Ceifeiros»: Armando Baptista, Arthur Duarte, Jorge Beltran, Raul Pereira, Victor Moraes.—Malhadores, ceifeiros, etc.

LUTUOSA

Falleceu a sr.ª D. Domingas Piedade Godinho, cujo funeral se realisa ámanhã, ás 15 horas, da rua de S. João da Praça, 24, 3.º, para o Alto de S. João.

PAQUETE «AMBACA»

Dos portos d'Africa, entrou hoje no Tejo o paquete «Ambaca», trazendo 130 passageiros, entre os quaes alguns officiaes e praças expedicionarias.

SOCIEDADE ESTORIL

A direcção da Associação Commercial de Lisboa lançou na acta da sua ultima sessão um voto de louvor á Sociedade Estoril, pelo patriotico e intelligente impulso que está dando á industria do Turismo no nosso paiz.

NOTAS DIVERSAS

A assignatura presidencial effectuou-se esta tarde no palacio de Belem, seguindo-se uma conferencia entre o chefe do Estado e o governo.

—Pelo commando da policia foram ordenadas, desde as 17 horas, prevenções n'essa corporação.

—O ministerio da guerra officiou ao da justiça pedindo providencias no sentido de facilitar a cobrança das multas impostas aos reservistas, que, não se alegando se recusarem a receber-las.

—O senador sr. Vera Cruz, estove hoje com o sr. ministro das colonias tratando de assumptos relativos a sua residencia na ilha Brava, Cabo Verde. Como as indicações da planta eram insufficientes para se poder fazer um estudo completo, o sr. Rodrigues Gaspar resolveu que fossem pedidos com urgencia ao governador do Cabo Verde os elementos necessarios para se pronunciar sobre a conveniencia de substituir a ponte caes que ali existia e que abateu ha tempos por um caes para acostagem.

—O adido militar francez junto da embaixada em Hespanha e da legação em Portugal foi hoje cumprimentar os srs. ministros da guerra e dos estrangeiros.

Academia de Estudos Livres

A visita á Sé de Lisboa que devia realisar-se ámanhã, fica transferida para domingo, 6 de fevereiro. A transferencia é devida ao facto de ámanhã se effectuar a visita dos alumnos da Academia das Bellas Artes ao mesmo monumento.

O incendio em Santa Clara

Ainda ácerca do incendio no Deposito Central de Fardamentos foram hoje ouvidos pelo sr. director da policia de investigação, os srs. Francisco Carlos Parente, commandante dos bombeiros municipaes, Caetano de Carvalho e Baptista Ribeiro, chefes da 1.ª e 2.ª divisão, capitão Manuel Gomes Rebello, thesoureiro do Deposito e o bombeiro 131, Antonio Clemente, tambem d'aquelle Deposito.

O sr. dr. Meyrelles Leite, juiz do 1.º juizo de investigação criminal, esteve hoje ouvindo no seu gabinete as testemunhas dadas como defesa por Epiphanio Rodrigues Duarte e Antunes, respectivamente, mestre geral das officinas de alfaiataria e roudista do Deposito Central de Fardamentos, preso no Limoeiro: João Flores, Joaquina José da Costa, José Maria Caiado, Filippe Nery, Antonio Clemente, bombeiro n.º 131, Antonio Carvalho, Francisco Lima, Alvaro da Conceição, Julio Victor Lopes, Cesario Goitanio e contra-mestre Cordeiro. Os depoimentos foram reduzidos a auto na presença dos advogados dos reus, srs. drs. Caldeira Coelho e Sá Nogueira.

Diligencias policiaes

O agente Felisberto d'Oliveira foi hoje passar uma busca a casa do conhecido propagandista do movimento associativo Bernardino dos Santos, morador na rua da Cruz, em Alcantara, 58, que não deu resultado. O agente Bernardino Luiz tambem esteve hoje ouvindo o propagandista carruageiro delegado á União Nacional Operaria, Joaquim Nogueira.

NOTA POLITICA

Boatos

Ha quem procure estabelecer na sociedade portugueza uma constante atmosphera de sobresalto, de intranquillidade. Simples boatos, avolumados pela phantasia mal intencionada dos que tem interesse em manter aquella atmosphera? Não sabemos. Nos ultimos tempos, porém, certos episodios politicos, determinadas coincidencias, fazem suppôr que alguma coisa se passa, na sombra, contra a ordem publica. Os do inimigos do regimen não desarmam—prova-se e evidencia com a sua attitude de sempre. Que não teem força para ver triumphantes os seus designios—elles proprios o reconhecem. Mas, apesar d'isso, os boatos renascem, surgem não se sabe d'onde. E' facil concluir que ha elementos interessados em que esse sobresalto exista. Quem são? Compre ás auctoridades verifical-o.

Hoje, não se comprehendem os motivos d'uma agitação politica. Não ha nada, nada que a possa servir de sombra de justificação. E, por bem sentir essa verdade, é que o povo republicano, justamente indignado com as suspeitas que chegam aos seus ouvidos, se mantem n'uma firme espectativa, mais uma vez disposto a provar que a Republica e está inabalavelmente consolidada e que não é possivel desviar a sua marcha das normas constitucionaes. O 14 de maio devia ter sido uma lição e um exemplo a toda a casta de aventureiros—mais ou menos perigosos, mais ou menos doidos.

... Emfim, os boatos renascem, dissolventes de energias, provocadores de sobresaltos. Quando se convencerão da sua impotencia os inimigos da Republica e aquelles que, fingindo defendel-a, são capazes de a apunhalar? Quando houver, emfim, n'esta boa terra portugueza, um dia de paz?

Por causa do aluguer d'um automovel

Um tiro que fere um «reporter» photographico

Na rua de S. Julião deu-se esta tarde um incidente entre o sr. dr. Antonio Macieira e um «chauffeur» por causa do preço d'um serviço de automovel. Juntou-se gente que tomou parte na discussão, sendo então que se ouviu um tiro que foi ferir n'uma perna o sr. Anselmo Franco, reporter photographico, o qual recebeu curativo na Cruz Vermelha. O «chauffeur» foi preso.

Em S. Martinho de Cintra

O caso do encerramento da egreja e da venda de imagens

A proposito do artigo do nosso collega Avelino de Almeida que publicámos hontem, recebemos da commissão central da execução da lei da separação a seguinte nota:

«A Commissão Central da Execução da Lei da Separação, não auctorisou nem auctorisará a venda de quaesquer objectos (alfaias, paramentos, etc.), da egreja matriz de S. Martinho de Cintra, emquanto necessarios ao culto, em conformidade do artigo 89.º da Lei da Separação.

A egreja, visto os catholicos não terem constituido «corporação encarregada do culto» nos termos do artigo 17.º da mesma lei, e artigo 2.º da lei de 10 de julho de 1912, cujos estatutos fenham sido approvados por este ministerio (Portaria de 24-10-1913), está confiada á guarda e responsabilidade da junta de parochia, (al como preceitua o artigo 106.º da lei da separação) e para o qual tem attribuições definidas na portaria de 30 de dezembro de 1912, n.º 1, 2 e 3.

No uso d'estas attribuições as juntas de parochia entregam as egrejas e respectivos paramentos, a quem lhes merece confiança, não se lhes podendo impôr que façam a entrega a este ou aquelle ministro da religião, contra o que as mesmas entendam, sob pena de ser illudida a responsabilidade, que a lei por sua vez lhes impõe.

E' certo que pelo ministerio da justiça corre um processo disciplinar contra o actual parocho de S. Martinho de Cintra.

Comtudo as juntas de parochia não podem manter as egrejas definitivamente encerradas, pois só ao governo pelo mesmo ministerio compete retirar e desafectar do culto, o que estão entregues, os templos do Estado, conforme está esclarecido na circular n.º 465 de 30-4-1913 da Direcção Geral da Administração Politica e Civil.

A Commissão Central vae entretanto providenciar e investigar, se ha abuso ou falta de cumprimento de todas estas instrucções.»

As considerações que nos suggere esta nota reservamol-as para ámanhã.

A provincia n'A CAPITAL

BARREIRO, 29.—Como já noticiámos, o Centro Republicano Portuguez d'esta villa mudou a sua séde para a rua Ezebio Leão, onde ficou com uma bella e magnifica installação. Foi nomeada uma commissão para levar a effeito festas e conferencias politicas.

—Foi nomeado electricista principal dos caminhos de ferro do Sul e Sueste o intelligente e activo operario dos mesmos caminhos de ferro sr. Eduardo Rodrigues da Silva.

O Porto n'"A Capital,,

Serviço telegraphico e telephonico

18,15

Gréves academicas

Por ordem superior, foi reaberto hoje o Instituto Commercial e Industrial, mas os alumnos não compareceram ás aulas.

Pistola que se dispara

Esta tarde, estando o guarda civico n.º 442 a examinar, na arrecadação policial, uma pistola, esta disparou-se inesperadamente, levando-lhe um dedo da mão esquerda.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Ramalho Ortigão»

Em livro foi agora publicada a carta que a proposito da morte do grande escriptor Ramalho Ortigão o distincto professor que é o sr. dr. Eduardo Burnay dirigiu ao sr. dr. Luiz de Magalhães. Já conhecida por ter vindo n'um jornal da noite, dispensamo-nos de a apreciar, comtudo não tivessemos ensejo de a tributar-lhe, accrescentando que a valorisar a edição vem um retrato do fallecido e o *fac-simile* das ultimas palavras que o illustre auctor das *Farpas* traçou.

«Questões economicas, financeiras, sociaes e coloniaes»

Em edição da livraria Aillaud e constituindo um grosso volume de mais de quinhentas paginas, foram colligidos os artigos que o sr. Constancio Roque da Costa publicou durante alguns annos, a partir de 1910, no *Jornal do Commercio*. Conhecedor dos assumptos que versava, intelligencia viva e perspicaz, embora por vezes se dirija do ponto de vista sob que o auctor encara os problemas que propõe, não podemos deixar de reconhecer que escreveu de sr. Constancio Roque da Costa verdadeiro valor.

E bem fez a livraria editora em os colligir, porque, assim, é mais facil compulsal-os do que dispersos por numeros de jornaes.

«A' roda do Brazil»

Edição da casa Figueirinhas & C.ª do Porto, e original de José Agostinho. Sahiu o 1.º volume d'esta obra em que o auctor, sob a forma de romance, descreve a historia do Brazil, as suas ciclicas, melhoramentos, e o que n'ella se passou e tem passado de mais importantes, ao mesmo tempo que ministra grande somma de conhecimentos uteis. Trabalho consciencioso e de valor.

Le protestantisme allemand.—Original de J. Paquier e da serie de publicações do Comité Catholico de propaganda franceza no estrangeiro, sahiu este volume da casa Bloud et Gay, de Paris, analyse das doutrinas de Luthero, Kant e Nietzsche.

Pages actuelles.—Da mesma casa editora recebemos os seguintes opusculos pertencentes á serie «Pages actuelles»: «La signification de la guerre», de H. Bergson; «Les Surboches», de André Beaunier; «L'esprit philosophique de l'Allemagne et la pensée française», de Victor Delbons; «Guerre et philosophie», de Maurice de Wulf.

Compendio fiscal.—D'esta publicação, codificação de regras e leis para uso das praças da guarda fiscal, intelligentemente feita pelo sargento sr. Francisco Marques, sahiu o 5.º fasciculo.

João Ruiz e Il Pentimento.—Os srs. A. Silva e J. Pereira, da rua de Santo Ildefonso, Porto, iniciou em fasciculos, ao preço de 6 centavos, esta obra de A. Kotzbue, original de um livro que appareceu por um inglez que entre nós viveu dez annos. Ao que nos affirmam os editores, a obra é valiosa, pois d'ella se pódem tirar grandes ensinamentos.

Pressões para o eclipse solar.—O observatorio astronomico de Lisboa (Tapada) publica um magnifico estudo sobre o eclipse solar que se dará no proximo dia 3 e que em Lisboa passará quasi despercebido. E' um estudo que honra os nossos astronomos.

SPORT

São moda elegante as "Danças Gymnasticas,,

Desde a "pavana,, ao "tango argentino,,

Demeny é o mais enthusiasta dos apostolos d'estas danças

Vae por Lisboa a «moda» das classes de dança nos clubs e gymnasios.

E' frequente nas «matinées» d'esses clubs e gymnasios que appareçam um ou mais grupos de creanças dançarinas, exhibindo a sua maior ou menor habilidade coreographica que um mestre, Pedroso, Rodrigues ou Zenoglio, pacientemente descobrisse.

Os estabelecimentos d'ensino particular, que annunciam para os seus alumnos uma educação completa, manteem com certa regularidade aulas de dança, já com os competentes modernismos do «argentino», da «furlana», etc. Os Recreios Desportivos da Amadora vão ter uma classe de dança. O ....eneu Commercial ensina a dança aos socios e filhos de associados. O Gymnasio Club Portuguez tem orgulho na apresentação d'um ou outro alumno das suas classes infantis como especialista do «two-step» e do «minueto».

Mas, perguntamos nós, a dança tem realmente condições para ser tão acarinhada por aquelles que dirigem a educação phisica da mocidade?

Responderemos immediatamente que a questão tem sido muito discutida, chegando-se, porém, a uma instavel plataforma de accordo, a de que é um excellente exercicio phisico, desde que seja feito em salões higienicos, ao ar livre, nos gymnasios rasgados de luz e de ar.

Entre os pedagogos alguns ha que são fanaticos pelo ensino da dança. A muitos d'esses pedagogos juntam-se por vezes muitos phisiologistas e muitos mestres da higiene.

M.elle Billotey, directora da Escola Normal Franceza de Professoras do Sena, onde a dança occupa um dos principaes papeis diz: «As «danças gymnasticas» apresentam um caracter esthetico sensivel áquelles que as virem executar; não lembram, em nada os exercicios coreographicos propriamente ditos; não são o «contrabando» ou má imitação das pavanas, minuetos e gavotas. O sr. Demeny reconheceu a inspiração da dança antiga ou melhor o principio da dança antiga, que constituia uma arte expressiva e plastica, extremamente interessante».

N'estas opiniões, vê-se citado o nome d'um homem cuja auctoridade technica tem sido frequentemente procurada para os maiores estudos nos problemas da regeneração das raças pelos exercicios de sport. Effectivamente, a citação justifica-se. E' que Demeny é um apostolo das «Danças Gymnasticas», que constituem, no seu conjuncto, uma admiravel lição na gymnastica feminina, tendo-lhe dedicado um livro que fez de collaboração com Sandoz.

N'esse livro, Demeny diz claramente o que pensa, nas seguintes palavras que dispensam commentarios e que justificam a propaganda que, em favor da dança, se tem feito em todos os clubs e gymnasios:

«...A dança apresenta todos os elementos d'uma gymnastica incomparavel.

O «salto» é n'ella praticado em todas as fórmas. O «equilibrio» e a estabilidade do corpo são escrupulosamente observados. As «attitudes» particularmente estheticas necessitam da «amplitude» dos movimentos com extensão do rachis, «ampliação» do peito e contracção das paredes do abdomen. O dispendio de trabalho é generalisado e repartido pelo corpo inteiro; são activadas a respiração e a circulação do sangue. A «agilidade» e a «elegancia» que caracterisam as «danças gymnasticas» são o resultado d'uma boa «coordenação» e d'uma economia intelligente no dispendio das nossas forças».

Na obra de Demeny e Sandoz, que é um verdadeiro manual, expõem-se sete exercicios com acompanhamento de musica, que são precedidos d'uma parte theorica que comprehende os differentes «passos», posições do corpo e diversos movimentos.

O torneio de lucta das tres cidades

E' absolutamente certo que se vae realisar o torneio de lucta greco-romana das trez cidades de Coimbra, Porto e Lisboa. Effectua-se dias depois de se effectivar na cidade do Mondego, o «match» proveniente do repto lançado pelo campeão lisbonense Antonio Neves aos amadores de Coimbra.

Sobre o torneio, porém, levantam-se duvidas ácerca da facilidade de se organisarem os nucleos representativos das trez cidades. Não se impacientem os que tão cedo criticam. As trez cidades hão de ser muito bem representadas. No Porto ha alguns luctadores regulares. Coimbra tem já esboçada a constituição da sua «equipe». Em Lisboa ha homens de excepcional merecimento que pódem impôr-se aos luctadores de fóra. Evidentemente, que estes ultimos, não são seleccionados entre os «esqueleticos» tão discutidos; mas entre homens que pódem usar titulos de campeões. Até se diz que alguns «consagrados» voltam a apresentar-se n'este torneio.

E a Associação de Foot-ball reconsiderou...

Temos sobre a nossa banca de trabalho duas «notas officiosas» ou melhor «officiaes» da Associação de Foot-ball de Lisboa, que merecem referencias e que estas sejam louvaveis. Documentam que a Associação quer trabalhar a bem do «sport» e que elle n'um ou outro caso que surja em volta da sua actividade procura sempre resolvel-o pela melhor fórma.

A primeira «nota» annuncia-nos que foi levantada a suspensão de 60 dias ao Sport Club Imperio, perante as explicações apresentadas pela direcção d'este club, sobre um caso succedido ha dias. Ainda em que assim se resolveu porque essa suspensão retirava do campeonato um club que representa o papel do mais perigoso «outsider».

A segunda «nota» diz o seguinte: «A Associação de Foot-ball de Lisboa no empenho de manter sempre com a imprensa a maior cordealidade reconhecendo o papel que ella representa no desenvolvimento e propaganda dos «sports» e tendo conhecimento que o numero de bilhetes que segundo a lei estatuaria póde ser fornecido á imprensa seria insufficiente, resolveu participar a todos os clubs inscriptos que até a primeira assembleia geral, em todos os desafios com entradas pagas desiste da percentagem sobre bilhetes pedidos a troco de requisições régularmente sollicitadas pelos jornaes diarios, nas bilheteiras, mediante a apresentação pelo club d'essas requisições.»

Algumas anecdotas

Antes que eu pague, que me paguem...

O excellente mergulhador Peyrusson, homem para quem estar debaixo de agua trez ou mais minutos constituia uma brincadeira, foi nos principios da sua vida athletica um jogador de socco. Uma vez, n'um assalto amigavel n'um gymnasio, deram-lhe tal murro que lhe deformaram o nariz!... Peyrusson chamou um medico especialista para lh'o endireitar. O clinico, depois de lhe pedir perto de trezentos escudos, disse-lhe:

—«Sou obrigado a quebrar-lhe outra vez o nariz para lh'o pôr direito...»

Peyrusson, que é um homem pratico, respondeu com muita cortezia:

—«Obrigado, meu caro doutor, mas n'esse caso para que m'o parta e eu lh'o pague, prefiro que m'o partam e ainda me paguem.»

E voltou a fazer «box».

Notas do dia

Porto contra Lisboa em foot-ball

A'manhã, no campo de Sete Rios, que é um dos mais preferidos pelos «sportsmen» portuguezes, realisa-se um desafio de «foot-ball» que está despertando excepcional interesse porque colloca em frente um do outro os dois «teams» de selecção que representam officialmente as cidades do Porto e de Lisboa. E' um desafio annual, mas que d'esta vez apresenta prognosticos muito abertos pois que o grupo portuense tem uma «linha» homogenea e o grupo lisboeta tem uma «linha» de bons jogadores mas que não treinaram em conjuncto.

Os «players» do Porto partem hoje d'aquella cidade, sendo aguardados de madrugada pelos directores da Associação.

A constituição dos «teams», feita respectivamente pelas Associações de Foot-ball do Porto e de Lisboa, é a seguinte:

Wright

Germano Harrisson

Falcão Palma Figueiredo

Figueiredo Weber Diogo Reis Floriano

Rio Armour Pereira Herculano Stromp

Sobral Arthur Figueiredo

Duarte Henrique

Picão Caldeira

São «reservas» do grupo de Lisboa Mocho, Magalhães, Arthur Augusto, F. Castro e Carreira.

O desafio começa ás 15 horas e é arbitrado pelo sr. Mario Monteiro.

Antes do desafio entre cidades realisa-se um encontro «em fórma» entre o 2.º e o 3.º grupos do Sport Lisboa e Bemfica, campeões das respectivas cathegorias, que se espera resulte uma bella demonstração do jogo. Este desafio é arbitrado pelo sr. Arthur Santos e começa ás 13 horas.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Gymnastica sueca no Gymnasio Club

No proximo mez de fevereiro apresenta o professor Arthur Santos a sua classe infantil de gymnastica sueca n'uma «matinée» organisada por este club.

A apresentação d'esta classe, que este anno tem estado extraordinariamente concorrida, deve constituir uma interessante e utilissima festa, sendo o programma constituido por uma serie de movimentos livres, evoluções, saltos á vara, equilibrios, trepar á corda, etc., feitos pelos alumnos da classe.

Nos Recreios Desportivos da Amadora

A linda patinagem da Amadora vae ser, amanhã e na segunda-feira, o ponto de reunião de dezenas de patinadores, que no vasto «rink» vão realisar elegantes exercicios em patins.

Grande numero de senhoras e meninas, de Queluz, Bemfica e Amadora tambem ali se reunem e treinam durante as tardes de domingos e segundas-feiras. A patinagem dos Recreios foi sempre a mais concorrida, a mais elegante e a preferida pelos nossos melhores patinadores, pois nenhuma outra reune um conjuncto tão perfeito. No «court» de «tennis» realisam-se «matches» amigaveis entre os associados, e no salão de Festas exhibe-se o mais grandioso «film» da actualidade, pois consta de 30 series com 1.050 metros, e que serão passadas em sessões successivas, de fórma que as colonias de Cintra, Cacem, Bellas, Queluz, Amadora e Bemfica possam vêr a mais extraordinaria pelicula de aventuras até hoje reproduzida nos «écrans».

Club União de Amigos

Partem hoje ás 8 e meia horas da noite para Beja os srs. Victor Braga, João Sant'Anna Alves, Camara Manuel e Francisco Sant'Anna Alves, que compõem o grupo ciclista d'este club.

Em comboio segue para aquella cidade o sr. Mello Bandeira que aguardará ali a chegada dos excursionistas. O trajecto do grupo ciclista é do Barreiro a Beja sendo acompanhado pelos srs. N. N. e J. Baptista.

Convocações de foot-ball

O capitão do grupo de «foot-ball» da S. I. M. P. n.º 5, pede a comparencia ámanhã, no Terreiro do Paço, ás 10 horas, a fim tomar logar ao Seixal contra o Sport Lisboa e Seixal, dos seguintes jogadores: Izidro Barbosa, Palhé, Azevedo, Oliveira, Braz Barbosa (cap.), Barão, N. N., Antonio Galvão, Vieira, Aguiar, Pacheco. Supplentes Maia, M. B.

A «poule» hippica

E' ámanhã, pelas 2 horas da tarde que no Hippidromo de Palhavã, já bem conhecido pelas elegantes festas que ali se costumam realisar, se realisa a «poule» hippica.

O programma compõe-se de duas provas, sendo os obstaculos da 1.ª os seguintes: sebe; muro, 1 m.; cancella de caminho de ferro, 1 m.; vallados, 0,80; vala, 2,50; muro em crista, 1 m.; com taquet; oxer, 1 m.; e barra, 1 m.

Para a 2.ª «poule» o numero de obstaculos são 12, sendo a altura maxima de 1,20 e são os seguintes: sebe, barra, 1 m.; valados, 1 m.; muro em crista com varas, 1 m.; com taquet; oxer, 1,10; ria entre varas, 1 m.; muro, com taquet, 1,10; entrada de parque com taquet, 1,20; cancella de caminho de ferro, 1 m.; cancella curva, com taquet, 1 m.; cancella branca, 1,20.

Poule do tiro aos pombos

Depois de ámanhã, segunda-feira, realisa-se a annunciada «poule» mensal na qual tomarão parte os principaes atiradores lisbonenses que não querem deixar perder o treino que lhes proporcionará esta «poule» para estarem preparados para a da Taça Lisboa, que este anno se deverá realisar muito mais cedo que nos annos anteriores.

Patinagem em Lisboa e Bemfica

Promette ser uma das mais brilhantes que se tem realisado, a festa que o Club Naval promoveu na Sociedade de Geographia sob a presidencia do sr. presidente da Republica.

Não só pela grande quantidade de bilhetes de convite que teem sido requisitados, mas ainda pelas pessoas que por ellas se interessam, que fazem parte da nossa melhor sociedade, se avalia o brilhantismo que ella terá.

A direcção do club resolveu que dessem ingresso nas salas da Sociedade de Geographia, para assistirem á sessão solemne e ao concerto, os bilhetes com a data de 22, os quaes serão distribuidos no club, todas as noites da proxima semana.

O sr. ministro da guerra auctorisou a cedencia d'uma banda regimental que tocará durante a distribuição dos premios, tendo o sr. ministro da marinha, com quem a direcção teve hontem uma entrevista, promettido que a guarda de honra fosse feita por uma força de marinheiros, acompanhada pela banda do mesmo corpo.

E'-nos grato constatar o superior criterio com que os actuaes homens de Estado encaram todas as grandes manifestações sportivas protegendo-as no possivel.

E' o melhor symptoma de victoria de uma causa nobre como é aquella do «sport» cujo fim altamente patriotico, começa, emfim, a ser comprehendido e a ser tratado como merece.

O Club Naval de Lisboa

No «rink» da Escola de Educação Physica effectua-se ámanhã a habitual reunião elegante, estando de dia o «rink» patente aos amadores de patinagem e com a assistencia permanente de um instructor. Esta noite effectua-se ali uma reunião particular, das que um grupo de amadores de patinagem ali organisam frequentemente com entradas rigorosas por convites. Será seguida de baile.

—Os Desportos de Bemfica devem ter ámanhã movimentadissimo o seu «rink», que é o maior que existe entre nós. O tempo, que tem estado melhorado, deve permittir que se reunam ali os patinadores do Club, que são muitos e entre os quaes ha alguns que pelos seus meritos e interessantes exercicios tornam attrahentes estas reuniões.

Associação de Foot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes).—Faltaram á ultima reunião quinzenal os seguintes clubs: Lisboa F. C., S. F. Palmense e S. Grupo Sacavenense.

—Avisam-se os clubs filiados de que o Carcavellos Sport Club mantem a sua filiação.

—*Campeonato escolar.*—Inscreveram-se os clubs seguintes: na 1.ª cathegoria, Associação Escolar da Casa Pia; na 2.ª cathegoria, Associação Escolar da Casa Pia, Grupo Desportivo do Instituto Profissional do Exercito, Lyceu de Pedro Nunes; na 3.ª cathegoria, Associação Escolar da Casa Pia, Grupo Foot-ball Escola P. Rodrigues Sampaio, Academico Sport Club, Lyceu de Pedro Nunes, Grupo Desportivo do Inst. P. do Exercito, Calipolense Sport Club, Grupo Desportivo da Esc. Ferreira Borges, Lyceu Passos Manuel. Os jogadores inscriptos são: na 1.ª cathegoria, pela Associação Escolar da Casa Pia de Lisboa, os srs. Francisco Grillo Fevereiro, Sabino Nascimento Porto, Adelino dos Santos Gaiotes, João Vicente Soares, Avelino da Costa, Americo Marinho, Antonio Lopes Rocha, Orlando aMrtins Pereira, Henrique Carlos Simões, Francisco da Purificação Reis e Manuel de Deus.

Na 2.ª cathegoria, pela Ass. Esc. da Casa Pia de Lisboa, os srs. Mario da Luz, Antonio de Pinho, Adelino Duarte, Francisco Paulo, Arnaldo Antunes, José de Sousa, Mario Penicheira, Americo Alves de Mello, Abel Caeiro, Alvaro dos Santos Gralha, José Correia Mesquita; pelo Lyceu Pedro Nunes, os srs. Fernando Lima Alves da Silva, Jacintho Paiva Simões, Carlos Moniz Pereira, Frederico Conceição Costa, Diogo Hass Sotto Maior, Raul José Pinto, Carlos Queiroz Fonseca, Antonio Pimenta, Duarte Moniz Pereira, Faustino Othero Ferreira e José Pimenta; pelo Grupo Desp. do Inst. Profissional do Exercito, os srs. Carlos da Purificação Nascimento Santos, Antonio José Carvalho Guerra, José Julio da Silva Diniz Gago, Albino Gonçalves Silva, Raul Joaquim Sousa Neves, Thomaz J. Hartley Fernandes, Antonio Rodrigues, Antonio da Luz Guerreiro, Othelo Rodrigues Tavares, Mario Augusto Soares Pinto e Eduardo Ferreira do Olival.

Na 3.ª cathegoria, pela Ass. Esc. da Casa Pia, os srs. Vasco da Costa Jacob, Jayme Abreu, Antonio da Cruz, José Pinto Guedes Beltrão, Carlos Silva, Viriato Egidio, José Maria Gralha, Carlos Domingos Costa, Maximino de Jesus, Joaquim dos Santos, Serafim Adrião, Myrtho dos Santos Oliveira, Bernardino Leitão, Amadeu da Cunha, Luiz de Sousa, Alberto Nunes, Antonio Marques, Manuel Machado, Affonso da Silva, Fernando dos Santos, Antonio d'Oliveira e José Travassos; pelo Grupo de Foot-ball da Esc. Rodrigues Sampaio, os srs. Ignacio Azevedo e Silva, Manuel José Lopes, David Sebastião da Silva, José Pereira Junior, Leonel Nunes d'Oliveira, José Maria Rascão, José Travassos, Emilio Simões Raposo, Manuel Antunes Lopes, João Bastos, Mario Diniz Rodrigues, Antonio Sobral, Joaquim Lourenço, Carlos Soares, Arthur Florentino dos Santos e Alvaro Valentim Noronha; pelo Academico Sport Club, os srs. Eduardo Romeu, Jacintho Gomes, João Deus, Luiz Pontes, Mario da Silva Santos, Agostinho de Almeida, João Nunes Marques, Carlos Oreiro, Euclides da Cunha, Manuel Vinhas, Silvestre Luiz Lima, Albino Faria, Francisco Lima, Annibal Almeida e Jorge Shore; pelo Calipolense Sport Club, os srs. José Simões, Augusto Faria, Francisco Antunes, Francisco Alexandre, Joaquim Barbosa, Gabriel de Sousa, João Duarte, Abilio Martins, Joaquim Frazão, Manuel Fogaça, Luiz Radjeh, Antonio Albino, Humberto Silva, Carlos Pinho e Joaquim Garcia; pelo Lyceu Pedro Nunes, Oscar Ribeiro Guisado, Antonio Ganinho Junior, Horacio Rebordão, Amadeu Ingaci Pereira Nogueira, Raul Simões Cabrita, Frederico Silva, Augusto da Fonseca Vibeira, Domingos Othero Ferreira, Antonio Maximiano da Silva, Antonio Freire Gameiro, Antonio Vieira Monteiro, D. Bernardo J. da Costa Mesquitella, Henrique Rosa da Costa, Jorge Cesar Oom; pelo Grupo Desportivo do Inst. P. do Exercito, os srs. Adelino Bandeira, Manuel José de Mendonça Pereira, Julio A. S. Malagueno, Anibal Raul Palma, José Domingos Lampreia, José Eduardo Correia, Salvador Pereira da Silva, Accacio Monteiro Cabral, Antonio d'Oliveira Matheus, José Tavares Leitão, José Roxo, José Mathias, João Augusto Lima, Raul Joaquim Lopes Monteiro, Amilcar Gonçalves, Leonel Pereira da Costa, João da Silva Guerreiro; pelo Grupo Desportivo da Escola Commercial Ferreira Borges, os srs. Frederico Pereira, Franklin Pereira, Jayme Barreiros, João Ribeiro Conde, Carlos Monteiro, Gabriel Moreira, Antonio Serrano Silva, João Abreu, Henrique Brito, Joaquim Manuel Rocha, Jorge Ignacio do Carmo, Ilidio Santos Moreira; pelo Lyceu Passos Manuel, os srs. Julio Montalvão e Silva, Fernando Montalvão e Silva, Mario Marques, João Francisco, Nuno Leitão, Henrique Lopes, João Mil-Homens, Augusto Maia Pinto, Jorge Rivotte, Antonio Lourenço, Salustiano Espirito Santo e Luiz Saavedra.

Campeonato mundial de turismo

Visitou-nos o sr. Manuel Perez Fernandez, que se propõe dar a volta ao mundo a pé, tendo já percorrido 120.000 kilometros.

Ao Ex.mo Sr. Dr. Santos Reis

Agradecimento

Julio Ventura Martiniano, proprietario no Funchal, e accidentalmente n'esta cidade, não deseja retirar-se sem por esta forma patentear a sua gratidão ao distincto clinico Ex.mo Sr. Dr. Santos Reis, com consultorio no Largo de Camões n.º 4, 2.º, pela forma carinhosa e inexcedivel zelo e proficiencia com que tratou seu filho, hoje restabelecido, d'uma grave doença, já por outros medicos condemnado a um perpetuo soffrimento. Que S. Ex.ª me perdoe se o melindro, mas casos d'estes não devem ficar no olvido. Torno aqui extensivos os meus agradecimentos a todos que se interessaram pelo restabelecimento do meu referido filho. Lisboa, 28-1-916.

mesma fronte. A 1.ª divisão franceza por duas vezes contra-atacou na noite seguinte, mas, com excepção d'essa lucta, o combate terminou antes do anoitecer. Muitas reservas haviam sido trazidas para a linha de fogo e entendeu-se no dia seguinte não ser conveniente renovar o ataque.

Os inglezes fizeram 400 prisioneiros, incluindo 11 officiaes, tendo sido muitas das capturas effectuadas pela 42.ª divisão, que era commandada pelo major general W. Douglas. Entre os prisioneiros havia cinco allemães, que faziam parte do pessoal d'uma metralhadora fornecida pelo «Goeben».

A terceira batalha de Krithia não póde ser considerada como uma victoria. Muito do terreno a principio ganho foi perdido e o seu principal resultado foi revelar que a força de resistencia do inimigo augmentava incessantemente.

Os francezes só por si tiveram uma acção brilhante a 21 de junho, quando combateram desde o romper do dia até ao escurecer a fim de se apoderarem das obras de fortificação turcas que dominavam o valle do Kereves Dere. Ao meio dia a 2.ª divisão tomára duas linhas de trincheiras e de novo se apoderára do cobiçado reducto «Haricot».

A' direita, a 1.ª divisão luctou durante horas para tomar as linhas de trincheiras turcas, que eram tomadas por ella e retomadas alternadamente pelos turcos. O general Gouraud fez um pequeno discurso a essa divisão pelas 2,45' da tarde. Disse que se as trincheiras não fossem tomadas antes do anoitecer as que a 2.ª divisão conquistára tinham de ser abandonadas.

Os mancebos que haviam vindo de França reforçar a 1.ª divisão responderam nobremente. O seu general dispunha d'elles a seu bel-prazer e pelas 6 horas e meia todas as posições sobre o Kereves Dere estavam em poder dos francezes.

Um batalhão da Legião Estrangeira e outro de zuavos deram uma carga final brilhante, que assegurou o exito completo. Durante o dia, o navio de guerra francez «Saint Louis» bombardeou a artilharia turca da costa asiatica dos estreitos de um ponto proximo de Kum-Kale. Durante todas as operações na peninsula não houve outra acção por parte dos francezes mais brilhante do que aquella.

As suas perdas foram de 2.500 homens, sendo as dos turcos avaliadas em 7.000. O general Gouraud foi no dia 30 ferido gravemente por uma granada e o commando do corpo francez passou a ser exercido pelo general Bailloud. O general Gouraud retirou para França e os ferimentos aggravaram-se de tal modo que durante a travessia teve de lhe ser amputado o braço direito. A' côxa direita e a perna esquerda tinham sido fracturadas.

O vice-almirante Nicol, o mais novo da armada franceza, fôra nomeado dias antes para o commando da armada do seu paiz nos Dardanellos, ficando o contra-almirante Guépratte como seu immediato.

A victoria franceza marcou o fim da phase de ataques geraes ao longo de toda a linha, sendo d'ahi em deante substituidos por ataques por secções. A 28 de junho, a esquerda ingleza repetiu d'um modo brilhante o que os francezes haviam feito na direita.

Os turcos tinham continuado a estar em grande força e eram extremamente tenazes na costa do golpho de Saros, em frente da esquerda ingleza. Eram auxiliados por um fundo precipicio conhecido pelo nome de Ravina de Gully, que se estendia para Krithia, e a acção de 28 de junho foi denominada batalha da Ravina de Gully.

O plano do ataque foi preparado pelo general Hunter-Weston e a batalha foi dada pela 29.ª divisão, pela 156.ª brigada da divisão Lowland e pela brigada india. A 29.ª divisão havia perdido grande parte dos seus primeiros effectivos e alguns batalhões não tinham um unico dos officiaes que haviam desembarcado a 25 d'abril, mas tinham-lhe sido addicionados outros effectivos e a divisão estava em grande força.

mais tarde proximo de Gibraltar e ao largo da costa norte da Africa. Nem o almirantado nem o almirante de Robeck tiveram um momento sequer illusões a respeito dos movimentos d'esses submarinos. O almirante von Tirpitz estava-se preparando para dar um golpe no mar Egeu e difficilmente podia occultar os seus movimentos. O exercito carecia do apoio dos canhões navaes. Por outro lado, mesmo os velhos navios de guerra não podiam conservar-se estacionarios proximo da peninsula.

O primeiro resultado de se saber tal coisa foi o «Queen Elisabeth» ter sido mandado para o Mar do Norte, apesar das observações do ministerio da guerra inglez. Os outros navios foram tambem pouco a pouco afastados dos Dardanellos e alguns abrigos contra os submarinos foram preparados para os que ali ficaram. Comtudo, esses ainda se sujeitavam a grandes riscos. Emquanto os novos monitores que estavam sendo construidos em Inglaterra não pudessem para ali ser enviados, pelo menos alguns dos navios tinham de ficar na costa dos Dardanellos em posições deveras expostas.

Os primeiros signaes da presença dos submarinos inimigos nos Dardanellos foram dados a 22 de maio. Em consequencia d'isso, o «Albion» encalhou, devido ao nevoeiro, ao largo de Anzac ás 4 horas da manhã seguinte. O «Canopus» foi em seu auxilio, mas levou seis horas a safal-o da praia d'areia em que havia encalhado. Durante todo esse tempo ambos os navios estiveram sob violento fogo dos canhões de campanha turcos, mas felizmente não puderam elles pôr em posição canhões pezados.

A's 8 horas da manhã do dia 25, um submarino foi avistado e o «Swiftsure» fez fogo sobre elle, mas não o attingiu. A's 10 horas e meia despediu elle um torpedo contra o «Vengeance», proximo de Gaba Tepe, mas sem resultado. Mais tarde, o «Triumph», de que era commandante o capitão Maurice Fitzmaurice, navio de 11.800 toneladas de deslocamento, que havia sido construido para o governo do Chili, foi torpedeado e afundou-se ao sul de Gaba Tepe. Tinha as rêdes contra torpedos estendidas, mas apezar d'isso os dois torpedos contra elle despedidos atravessaram as rêdes e bateram no costado.

Oito minutos depois, começou a adornar e finalmente afundou-se decorrida meia hora. O commandante e quasi toda a tripulação foram salvos por destroyers.

Todos os destroyers e os navios destinados a patrulhas sahiram em procura dos dois submarinos, porque um outro havia sido avistado ao largo da ilha de Rabbit. O «Swiftsure» foi mandado para proteger as aguas da bahia de Mudros e a insignia d'almirante foi transferida para o «Majestic», do commando do capitão H. F. G. Talbot, o navio mais antigo que ali estava, com o deslocamento de 14.900 toneladas, construido em 1895.

Na noite de 26 de maio o «Majestic» ancorou ao largo do cabo Helles, rodeado de transportes. A's 6.40' da manhã seguinte um submarino torpedeou-o. Em poucos momentos, o navio adornou. Officiaes e tripulação lançaram-se ao mar e todos os navios proximos deitaram á agua lanchas e escaleres. Poucas vidas se perderam. O «Majestic» afundou-se rapidamente.

Milhares de soldados que estavam na praia presenciaram o desastre. O capitão Talbot foi recolhido por uma lancha, mas depois lançou-se á agua e salvou dois dos seus homens prestes a afogarem-se.

Embora a perda dos dois navios causasse grandes apprehensões, durante um longo periodo apoz esse desastre os submarinos allemães foram muito procurados e não puderam praticar nenhuma outra façanha.

As perdas inglezas em mortos, feridos e desapparecidos nos Dardanellos até 31 de maio subiram ao todo a 38.636, incluindo 1.722 officiaes. Assim, só n'esse theatro da guerra tinha havido em menos de seis [illegible] mais perdas do que as qu[illegible] [illegible]tado durante toda a

guerra sul-africana, na qual, n'um periodo de tres annos, tinha havido 38.156.

A terceira batalha de Krithia deu-se no dia 4 de junho e terminou no mesmo dia. Tanto inglezes como francezes tinham estado procedendo a trabalhos de sapa e de mina durante a ultima metade de maio, preparativos para uma nova tentativa para tomar as trincheiras turcas.

Houvera mais d'um pequeno avanço e os turcos tinham dado muitos ataques sem conseguirem resultado algum definitivo. Sir Ian Hamilton sentiu que chegára o momento opportuno d'um outro esforço geral. N'essa terceira batalha grandes perdas foram infligidas aos turcos e foi conquistado terreno de 200 a 400 metros em quasi cinco kilometros de frente, mas muito do terreno ganho nas primeiras phases do combate não poude ser mantido porque os turcos repelliram a esquerda franceza por um violento contra-ataque e a linha ingleza ficou, em consequencia d'isso, sob um fogo de enfiada. As perdas inglezas e francezas foram tambem grandes.

Basta uma passagem do communicado de sir Ian Hamilton para o demonstrar. «O batalhão Collingwood da Real Divisão Naval—escreveu elle—que avançára para apoiar a linha atacante foi anniquilado».

A linha de batalha era formada, da direita para a esquerda, pelo corpo francez, pela Real Divisão Naval, pela 42.ª (Lancashire Oriental) divisão e pela 29.ª. Os inglezes tinham 24.000 homens concentrados n'uma frente de 4.000 metros e o general Hunter-Weston, que commandava então o 8.º corpo d'exercito, tinha 7.000 homens como corpo de reserva.

A posição do inimigo tinha a esse tempo sido desenvolvida em fileiras e fileiras de trincheiras correndo a direito atravez da peninsula. Achi Baba estava cheio de obras de fortificação e galerias e encimado por um forte reducto. «A barreira—escreveu um correspondente especial no dia anterior á batalha—constitue uma das posições defensivas mais fortes que um exercito tem guarnecido ou tomado durante a presente guerra».

Os factos iam mostrar que assim era, com effeito. A batalha começou com um intenso bombardeamento de terra e do mar, ás 8 horas da manhã, que durou duas horas e meia, parou por meia hora e continuou depois durante vinte minutos, apoz o qual um rapido ataque simulado foi feito.

A's 11 horas e meia os alliados recomeçaram o bombardeamento, que continuou até ao meio dia, hora a que foi dado o signal para um avanço geral. Acompanhada de partidos de lança-bombas, toda a linha avançou de bayoneta em riste. O ataque obteve rapido exito. A primeira divisão franceza, na extrema direita, tomou as trincheiras na sua frente e a 2.ª divisão assaltou e apoderou-se do forte reducto «Haricot» no cume do valle do Kereves Dere, que anteriormente já por tres vezes haviam tentado tomar.

O logar fraco era o ponto de juncção das forças inglezas e francezas, na extrema esquerda da frente franceza. Ahi, os turcos, que estavam bem servidos por trincheiras de communicação, desenvolveram rapidos contra-ataques e deram um cheque nos atacantes. A descoberta de esse ponto fraco na linha fez mudar immediatamente o aspecto de toda a batalha.

A Real Divisão Naval, que occupava a linha logo a seguir, pelejou com a maior bravura e n'esse dia mais brilhantemente do que nunca. No espaço de quinze minutos carregou as trincheiras turcas e apoderou-se de toda a posição que estava na sua frente. O batalhão Anson atacou um reducto turco que formava um saliente na linha inimiga e os batalhões Howe e Hood pelas 12.25' estavam consolidando as linhas turcas que haviam sido tomadas. A brigada Manchester da 42.ª divisão ainda fez mais e taes foram as suas façanhas que lhe deram nome immortal.

Essa brigada apoderou-se da primeira linha de trincheiras em menos de cinco minutos. Pelas 12.30' avançára uns seiscentos metros, tomára

a segunda linha turca e começou socegadamente a estabelecer-se nas novas posições. Lancashire, Irlanda, Australia e Nova Zelandia partilham entre si as tragicas glorias de Gallipoli.

A 29.ª divisão, á esquerda, travára uma lucta desesperada. A 88.ª brigada estava luctando á bayoneta com os turcos, mas não os poude desalojar. Na extrema esquerda, estava a brigada india, cujos movimentos eram peiados pelas rêdes d'arame farpado que a artilharia ingleza não conseguira destruir. O 14.º de Sikhs perdeu tres quartos do effectivo emquanto estava detido por esses obstaculos e uma companhia do 6.º de Gurkhas, que avançára ao longo das penedias, viu-se durante algum tempo isolada.

Logar-tenente general sir J. Maxwell, que repelliu a primeira invasão turca do Egypto

A brigada india teve de recuar para a sua linha anterior, onde foi reforçada.

Mas o brilhante exito alcançado a principio não persistiu. Os turcos arremeçaram-se n'um furioso contra-ataque contra os francezes que haviam occupado o reducto «Haricot», que retomaram com o auxilio dos seus bem servidos canhões. Os francezes recuaram, deixando por isso a Real Divisão Naval exposta a um fogo de enfiada. O batalhão Anson teve de abandonar o seu reducto com grandes perdas e os batalhões Howe e Hood foram por seu turno expostos e obrigados a recuar por terreno aberto sob um terrivel fogo de fuzilaria e de metralhadoras.

Foi ao ir prestar soccorro a esses batalhões que os Callingwoods foram anniquilados. Na primeira phase da acção a Divisão Naval havia sido apoiada pelos seus automoveis blindados, armados de Maxims.

Pela 1 hora e meia da tarde essa divisão perdera todas as trincheiras que havia tomado e estava recuando para a sua linha anterior, estando o inimigo por seu turno fazendo fogo de enfiada sobre os Manchester. O fogo era terrivel e esse regimento foi cruelmente experimentado. Perdeu o brigadeiro e muitos outros officiaes. Durante cinco horas conservou-se na sua posição, esperando que os turcos que o estavam batendo seriam forçados a recuar.

O seu flanco direito teve de fazer frente ao inimigo, que estava n'uma posição vantajosa. Foram-lhe enviados reforços. A Real Divisão Naval recebeu ordem para cooperar com os francezes n'um novo ataque, ás 3 horas da tarde.

Por duas vezes o general Gouraud ordenou o avanço, mas pelas 6 horas e meia o valente commandante francez viu-se obrigado a declarar que não o podia fazer. Os Manchesters tiveram de recuar para a primeira linha das trincheiras tomadas e tal era a coragem dos homens que quando pela primeira vez lhes foi ordenado que recuassem recusaram-se a cumprir a ordem.

No entretanto os Reaes Fuzileiros haviam avançado, mas tiveram tambem de recuar, para manter uma

ra Constantinopla, ao que se presume deveras desconcertado.

Houve tambem lucta violenta em julho, que n'um outro capitulo descreveremos; o facto essencial da situação nos Dardanellos no fim de junho era o das difficuldades estarem augmentando diariamente. Sir Ian Hamilton concretisa parte d'ellas do seguinte modo:

«Os esforços e expedientes aos quaes um grande exercito tivera de recorrer para que lhe não faltassem os mantimentos bateram, creio eu, os «records» mundiaes.

O paiz é cheio de quebradas, montanhoso, arido e falho de recursos; a agua encontrada nas areas occupadas pelas nossas forças é absolutamente improprio para as suas necessidades; as praias praticaveis são pequenas e encaixadas no meio de penedias; estando o vento de certos quadrantes não ha meio possivel de desembarcar.

Para aggravar a situação, appareceram de subito os submarinos inimigos. A 22 de maio todos os transportes tiveram, por medida de prudencia, de ser mandados para Mudros. Por isso, homens, provisões, canhões, cavallos, etc., tinham de ser trazidos de Mudros—uma distancia de sessenta e quatro kilometros—em pequenos vapores e outras pequenas embarcações menos attingiveis pelos submarinos. Os perigos e as difficuldades redobraram».

Um factor ainda mais vital era a formidavel e crescente força das posições turcas. Verdade era que ataques parciaes, como o da ravina do Gully, tinham sido coroados de exito, mas havia oitenta kilometros de ravinas na peninsula de Gallipoli e os turcos ao que parecia preparavam-se para disputar uma a uma.

No fim de junho o problema tornou a ser cuidadosamente examinado em Londres. O resultado foi o assentar-se nos planos d'um novo desembarque ao norte de Anzac e mandar novas forças, que iam soffrer um desastre nas aridas margens da bahia de Suvla.

CAPITULO II

A campanha de verão na fronte occidental

Descrevemos já, n'outra parte de esta obra, as operações na fronte occidental entre La Bassée e a fronteira suissa até 31 de março de 1915. A lucta desde La Bassée até ao mar em Nieuport-Bains, incluindo a batalha de Neuve Chapelle, a segunda batalha de Ypres e as batalhas de Aubers e de Festubert, foram já mais ou menos narradas.

As duas ultimas, que se deram em maio, correlacionavam-se estreitamente com a batalha de Artois, nome por que póde ser designada a offensiva franceza em maio e junho ao sul de La Bassée e ao norte de Arras.

No presente capitulo vamos descrever a campanha franco-allemã desde 31 de março e a campanha anglo-belga desde 25 de maio—o ultimo dia da batalha de Festubert—até 25 de setembro, quando os generaes Joffre e French repelliram de novo violentamente as linhas allemãs na Champagne e em Artois.

Durante esse periodo grandes mudanças occorreram fóra do theatro occidental da guerra. Pelo afundamento do «Lusitania»—a 7 de maio—e por numerosas intervenções na politica interna dos Estados Unidos, o governo allemão mais exasperára o povo americano. No dia 12 de maio, o general Botha tomára Windhoek e a Africa Allemã do Sudoeste fôra rapidamente conquistada. A 25 de abril, forças inglezas e francezas haviam desembarcado na peninsula de Gallipoli. A 23 de maio, a alliada da Allemanha, a Italia, declarava guerra á Austria-Hungria.

Comtudo, os allemães e os austro-hungaros e os seus dirigentes desenvolveram a maior energia de abril a setembro. Aproveitando o facto dos francezes e dos inglezes na fronte occidental não terem ainda accumulado um numero sufficiente de homens e munições para destruirem as obras de fortificação de arame farpado, trincheiras, reductos e fortalezas subterraneas que haviam sido tão habilmente construidas pela engenharia allemã ao longo da nova fronteira da Allemanha, o kaiser arremeçou enormissimas forças contra os russos, que tinham grande falta de armas e de munições.

Przemysl, tomada pelos russos a 22 de março, teve de ser por elles abandonada. A 22 de junho, Lemberg foi evacuada. Em agosto, os allemães entraram em Varsovia e, uma a uma, as fortalezas—Ivangorod, Novo Georgievsk, Brest Litovski, Grodno—que protegiam a Russia d'uma invasão foram perdidas e a 18 de setembro os allemães estavam em Vilna.

Os russos não conseguiram cetar-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1970—6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, L.º

LISBOA—Domingo, 30 de Janeiro de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 — Preço 1 centavo

A crise da alimentação

O que hontem succedeu em Lisboa tem de ser encarado sob varios aspectos. E tem de ser encarado sem sophismas nem hesitações. Denuncia uma situação muito grave que requer providencias não só necessarias, não só urgentes—mas immediatas.

Primeiro do que tudo temos de encarar a acção do governo e do parlamento. A acção do governo, perante a grande crise das subsistencias, tem sido demorada e destituida de energia. Com toda a franqueza o dizemos. Não é apenas ha semanas que o mal estar da população se manifesta. Desde que rebentou a conflagração europeia que o povo portuguez, que não é experimentado pela guerra no ponto de vista dos combates, como outros paizes, experimenta comtudo as suas consequencias de ordem economica d'uma maneira tremenda. E o nosso povo é um dos mais pobres da Europa, e no nosso paiz o preço das subsistencias, ainda em tempo de paz, era, em geral, exaggeradissimo. Ha dezoito mezes que a guerra dura, e de dia para dia o preço das subsistencias é maior. Essas subsistencias, com effeito, quando não faltam, augmentam, augmentam sempre de preço apesar das tabellas que se não cumprem, sem que o governo energicamente, severamente, duramente, as faça cumprir, como, com o mesmo rigor, deveria descobrir e castigar os miseraveis açambarcadores que estão fazendo fortunas com a fome do povo.

Por isso mesmo não se comprehende que este governo, imitando os anteriores, não procurasse tomar desde o primeiro dia em que ascendeu ao poder providencias efficazes para obstar á carestia da vida. Mas é tambem justo consignar que o sr. ministro do fomento já apresentou ao parlamento um projecto que resolverá ou attenuará consideravelmente a crise das subsistencias, e que esse projecto, que a urgencia das circumstancias devia fazer approvar, quanto antes, por maioria e minorias, n'uma unanimidade que o paiz reconheceria como propria da sua representação legislativa, tropeça a cada instante em toda a especie de mesquinhos incidentes politicos que mais envergonham o parlamento do que o dignificam.

E' ahi, effectivamente, que se gastam sessões a discutir se se pode ou não transcrever, precisamente para justificar o regimen que elle ataca, uma ou outra passagem d'um folheto inhabilmente impedido de circular, quando a sua circulação só poderia servir para liquidar politica e intellectualmente o seu auctor, criminoso contra a Republica que da Republica se apresenta como martyr! E esse debate travou-se estando para se discutir o projecto das subsistencias, e quando, do paiz inteiro, vinha já um grito de afflicção entremeiado com uma expressão de revolta!

Porque os acontecimentos de Lisboa não representam um facto isolado. Ha n'elles a destrinçar as responsabilidades dos agitadores, dos pescadores de aguas turvas, dos inimigos naturaes da Republica e dos elementos que só procuram combatel-a e convulsional-a. Mas ha tambem o fundo da questão, que a ninguem é licito desconhecer, e esse fundo da questão é a crise das subsistencias, é a fome que já roe as entranhas do povo, é a impossibilidade de se viver, com a carencia absoluta dos generos, ou com a elevação dos seus preços, que só tornam possivel a sua acquisição pelos ricos.

Ha o instincto da conservação individual, que só não reconhecem os que não sentem em perigo a sua propria conservação. E contra este instincto nada ha a allegar. E' o direito á vida, que passa acima de todos os direitos. E governo, parlamento, classes predominantes, assim o teem de reconhecer, sob pena de serem esmagados por um impeto que não ha forças no mundo susceptiveis de deter.

Para uma situação de tal forma excepcional só medidas excepcionaes são admissiveis. O resto é pueril e ridiculo. As providencias a adoptar pelos que dirigem teem de ser excepcionaes e immediatas. Trata-se de uma questão de salvação publica. A miseria existe. A fome é um facto. Não é só em Lisboa que ella se faz sentir. Faz-se sentir em todo o paiz. Os jornaes veem cheios de gritos de appello, e clamores de protesto. Os gestos populares succedem-se. O direito de propriedade é attingido? Sem duvida elle é muito respeitavel; governo e povo devem-o respeitar, mas ha alguma coisa mais respeitavel ainda: é o direito á vida. Que os que dirigem resolvam de maneira a salvaguardar todos os direitos quanto possivel, mas tendo sempre em vista garantir primeiro que tudo o direito de viver.

Não queremos justificar nem sequer attenuar os lamentaveis successos de hontem. Mas prestariamos um mau serviço á Republica se não frisassemos o fundo da questão. E' a esse que é preciso attender. Assegure-se a alimentação do povo dentro dos parcos recursos de que elle dispõe. Esta necessidade está acima de tudo. Só assim se curará o mal. Nos successos de hontem andaram envolvidos elementos simultaneamente empenhados em ferir a Republica e em explorar o soffrimento popular? Não duvidamos acreditál-o. Mas está sobejamente provado que esses elementos, só com os seus manejos politicos, nada conseguem, nada conseguirão nunca. Se os acontecimentos teem gravidade é porque realmente elles são produzidos por um mal estar publico. Teem gravidade porque ha fome. Quer dizer: ha desgraçadamente um terreno propicio ás explorações dos inimigos da Republica. Só por isso os seus venenosos intuitos conseguirá germinar em actos que podem ferir a Republica e a Patria.

Assim como ha um estomago popular, ha uma consciencia republicana. E' preciso que as exigencias da alimentação, necessaria para garantir a vida, não obscureçam essa consciencia. E' preciso que o povo tenha sempre o cuidado de não servir propositos que não estão no seu espirito. A Patria e a Republica são intangiveis. O povo tem direito a viver, mas tem egualmente o dever de as salvaguardar de todos os ataques, não se prestando a nenhuns manejos que as attinjam.

Falta de carne em Lisboa

No Matadouro Municipal foram hoje apenas abatidas 12 rezes, sendo seis para os talhos municipaes, trez para embarque e trez para fornecimento dos hospitaes. Para diversos talhos foram abatidas quatro vitellas.

Cinema Condes

A inauguração do novo cinematographo e o sensacional programma abertura

E' definitivamente no proximo dia 4 de fevereiro que, pelas 8 horas da noite, o antigo theatro da Rua dos Condes reabre as suas portas transformado n'um elegante salão animatographico. Já n'este jornal alludimos ao «film» de estreia, o emocionante drama «A guarda de sua magestade». Tem 2.500 metros a maravilhosa pellicula, que é dividida em um prologo e quatro partes, e na qual os episodios se succedem n'um «crescendo» de interesse.

Mas, apezar da magnifica exhibição que esse drama cinematographico por si só representa, o programma de estreia comporta ainda outras projecções de «films» comicos, dramaticos e de actualidade, inteiramente novos em Portugal e entre os quaes avultam alguns episodios da guerra europeia, surprehendidos pela objectiva dos operadores nos proprios campos de batalha.

O programma, que opportunamente publicaremos, é pois, tudo o que ha de mais interessante e constitue sem duvida o melhor attractivo dos nossos salões animatographicos.

Patria

São os seguintes admiraveis versos de João de Barros que Chaby dirá ámanhã na recita de gala que se realisa no theatro Aguia d'Ouro do Porto, com a assistencia do sr. presidente da Republica:

I

Patria! Patria! Na hora em que venho cantar-te
Ruge lá fóra a vida em temporal e em dôr!
E a preamar de morte, erguida em toda a parte,
Já para ti caminha, alteando o seu clamôr!

Morreram, um por um, todos os sonhos d'arte.
Fugiu de cada peito, a ingenua voz do amôr.
E embora o claro sol de ti nunca se aparte
Uma nevoa de pranto oculta o seu fulgor!

Patria! Como hei-de então celebrar-te a grandeza,
Teu sereno heroismo, ancioso de belleza,
Teu épico Passado, ardente de ambição!...

Emudeço de magua ante o horror nunca visto.
E uma noite maior do que a noite de Christo
Desce, funda e cruel sobre o meu coração!

II

Ah! mas se eu emudeço, outros cantam agora...
Outros, na terra alheia em que o choro não cessa,
Cantam a vida, o amôr, e o clarear da aurora
Que dos campos da morte irrompeu tão depressa!

Outros cantam, morrendo. Outros cantam, embora
Saibam que a todo o instante a lucta recomeça...
—E não hei-de eu cantar-te, ó Patria, n'esta hora
Em que o mundo, na dôr, ouve a boa promessa!...

Canto, canto bem alto á noite que me gela.
—Quero, que em ti se esculpa o gesto de quem vela
A velada do Heroe, ebrio de força ideal!

E que, se a nós chegar o temporal que passa,
Resuscites em gloria a epopeia da raça,
E combatas sorrindo, Alma de Portugal.

31-1-1916.

João de Barros

A crise da imprensa

«A Capital» a 2 centavos

A partir da proxima terça-feira, e emquanto subsistirem as condições onerosissimas que pesam hoje sobre a imprensa, *A Capital* será vendida ao preço de 2 centavos. Não foi sem uma grande contrariedade que decidimos tomar essa resolução extrema, mas, entre o desapparecimento do jornal e o seu augmento de preço, optamos por confiar na sympathia que o publico nos tem dispensado. Elle decidirá, em ultima instancia, da existencia d'*A Capital* ou do seu breve desapparecimento.

Ainda hontem *O Dia*, referindo-se a este mesmo assumpto, frisa que só *O Seculo* (edição da manhã) e o *Diario de Noticias* e *O Mundo*, dos jornaes de Lisboa, manterão o preço de 1 centavo. *O Seculo* e o *Diario de Noticias* são jornaes de grande penetração popular, constituindo emprezas poderosas e tendo ao mesmo tempo uma receita de annuncios que póde calcular-se em muitas dezenas de contos cada anno. Quanto ao *Mundo*, a sua orientação politica é apoiada pelo partido mais forte da Republica, o mesmo acontecendo, no Porto, aos diarios *A Montanha* e a *A Lanterna*, que tambem conservam o preço de 1 centavo. *O Primeiro de Janeiro* e o *Jornal de Noticias* desempenham no norte a juncção exercida em Lisboa pelo *Seculo* e pelo *Diario de Noticias*. Já a *Liberdade*, que não tem elementos para supportar o *deficit* da crise actual, se vê na necessidade de elevar tambem o seu preço a 2 centavos.

E' esta a situação da imprensa. A proposta levada ha dias á Camara pelo sr. ministro do fomento tende, principalmente, a evitar a escassez do papel, contribuindo tambem para a regularisação do seu preço, evitando futuras especulações da industria nacional. Por isso mesmo, a sua approvação é indispensavel. Mas tudo indica, dadas as condições dos mercados externos, que o papel continuará mantendo sensivelmente o actual preço. Evita-se, e já não é pouco, que a Companhia do Prado o possa augmentar todos os mezes, a seu bel prazer, chegando a annunciar como já fez, augmentos indeterminados. Mas, se isso não existisse, d'aqui a alguns mezes, persistindo as actuaes circumstancias, só o preço do papel de cada exemplar poderia ser 2, 3, 4 centavos ou mais, porque seria aquelle que a Companhia quizesse que fosse. Não haveria freio que lhe reprimisse a ganancia ou corrigisse as ganancias da sua exploração. E' esse, e só esse, o alcance da proposta apresentada pelo sr. Antonio Maria da Silva, que mostra a melhor boa vontade, diga-se de passagem, em conciliar as justas reclamações da imprensa com os interesses legitimos da industria nacional, garantindo-lhe o consumo de toda a sua producção.

Precisavamos dizer ao publico estas palavras. E, cumprido este dever, resta-nos exprimir a segura confiança de que a *Capital* conseguirá sahir triumphante das difficuldades que a actual crise lhe acarretou. N'uma existencia de quasi seis annos estabelecemos uma tradição na consciencia publica. Tradicção firmemente republicana, apoiada n'uma constante defeza dos principios de liberdade e de democracia. Temos a convicção de que a *Capital* não desapparecerá!

Por ser ámanhã dia feriado, não se publica «A Capital», estando os nossos escriptorios fechados.

Missão de estudos ao Sul de Angola

Uma historia a esclarecer

Noticiaram os jornaes que o sr. deputado Jorge Nunes vae interpellar no parlamento o sr. ministro das colonias ácerca da famosa missão de estudos ao Sul de Angola, dissolvida logo no começo da guerra e que, como se sabe, era composta de portuguezes e allemães.

Esperemos que finalmente se venha a fazer luz sobre o assumpto, pois é necessario averiguar-se o que ha de verdade no que abertamente se diz sobre as fabulosas e inuteis despezas de tal commissão, entre cujos membros se contava o famoso espião Schubert, recommendado ao governo pela firma Weinster, a que por mais de uma vez alludiu «A Capital». Affirma-se por exemplo que mais de 25 contos foram absorvidos em phantasticos reconhecimentos e copias de trabalhos já de ha muito redigidos por technicos da provincia. Bom será, pois, que a questão se esclareça e se apurem as responsabilidades de tão peregrina iniciativa.

Poeira da Arcada

A noite passada assignalou-se por acontecimentos que, apesar de originados na crise das subsistencias, foram além do que era licito esperar de uma manifestação tumultuosa de estomagos em «deficit» de nutrição. Nas ruas estalaram petardos, cujos estilhaços feriram bastante gente. A tropa deu descargas e effectuaram-se muitas prisões. Raziaram-se mercearias, drogarias e depositos de generos de consumo. Violencias taes é de crer que se não repitam, tanto mais que terão como resultado directo aggravar o mal que nos punge. Os tempos que vão correndo exigem aquillo que um grande escriptor chamava *silencio amargo*. O soffrimento toca a todos, exigindo, portanto, que acceitemos a sua dura disciplina. Dias melhores hão de chegar. Entretanto, tratemos de minorar uma situação que, sobretudo, para as classes pobres se torna compungente. A guerra explica um grande numero de difficuldades economicas actuaes. Outras ha, porem, que se derivam da ancia criminosa de fazer lucros copiosos, á custa dos orçamentos frageis das familias proletarias. Porque se não procede contra taes manejos?

*

O *Diario de Noticias*, na sua secção *Ha quarenta annos*, lembra a estada de Madame Ratazzi em Lisboa. Homens de lettras e artistas deram-lhe um banquete. As suas impressões sobre Portugal publicou-as ella depois.

Na apreciação dos nossos escriptores teve o mau gosto de roçar aggressiva o nome de Camillo: Este não esteve com mais medidas: tratou-a como elle costumava tratar os atrevidos do sexo forte. Zurziu-a da cabeça aos pés. Crivou-a de ironias e farpeou-a de sarcasmos crueis. A creatura pôde assim apreciar quanto uma mulher é susceptivel de se parecer com um homem a quem fustigam as toleimas. Camillo quasi lhe duplicou com a sua tareia os meritos litterarios.

Os dois já hoje pertencem ao mundo das sombras. Se alguma vez se encontrarem, entre as murtas e loureiros dos Elyseos, a Ratazzi talvez perceba que o Mestre foi o mais illustre dos homens com quem falou ou de quem escreveu. E cahindo no seu erro, esconder-se-ha com as mãos no rosto, para se não envergonhar.

*

Os talhos hoje venderam pouca carne, pela razão de a não terem. Os vegetarianos e frugiveros esfregaram as mãos de contentes, porque julgam que assim a humanidade se regenerará. Se as hortaliças e as fructas tambem começarem a faltar no mercado, talvez elles comprehendam o seu engano. E deixando de ser tão apostolicos como agora, olharão com maior humildade e reverencia para os talhos abastecidos.

Cabecilhas boers

O tenente-coronel Maritz

Este celebre cabecilha boer, que tomou parte tão activa na ultima rebellião sul-africana e que, como então noticiámos, conseguira evadir-se do Cabo e, disfarçado em commerciante, refugiar-se em Angola, onde foi preso pellas auctoridades portuguezas, foi restituido á liberdade apoz um rigoroso inquerito e esteve de passagem, em principios de dezembro, em Malange.

A QUESTÃO DAS SUBSISTENCIAS

Os assaltos de hontem á noite

Prejuizos avaliados em dez contos de réis

São já do conhecimento publico os acontecimentos da noite passada. Grupos armados assaltaram em Campo de Ourique e Alcantara varios estabelecimentos. Acabamos agora de percorrer os sitios onde se deram os tumultos. Em Alcantara a normalidade é absoluta. Apenas junto do mercado alguns grupos discutem o que se passou. Ha opiniões pró e contra. Na rua Direita vêem-se ainda vestigios do assalto: milho e feijão espalhados em frente da mercearia do sr. Theodoro da Costa, cujas portas teem evidentes signaes de arrombamento. Alguem d'um grupo illucida-nos: levaram-lhe tudo, até as balanças e os pezos!

Frente á casa assaltada fica a pharmacia Nogueira, onde até ás 3,30' da madrugada se foram curar seis pessoas, sendo os curativos feitos pelo empregado da casa sr. Santa Clara, que foi d'uma dedicação extraordinaria para com os feridos. Quatro d'elles recolheram á suas casas, sendo os dois restantes conduzidos em automovel para o hospital de S. José, por ser mais grave o seu estado.

Subimos d'ali a Campo de Ourique e logo á esquina das ruas Ferreira Borges e Domingos Sequeira, encontramos defronte da mercearia Coelho um grande magote de populares contidos por uma força de 12 praças da guarda republicana. Aqui os estragos são mais visiveis. Os vidros das vitrines estão em estilhas. Lá dentro, rodeando o dono da casa vêem-se bastantes amigos seus e sobre o balcão uma verdadeira miscelania de coisas: garrafas umas inteiras outras partidas, caixas de figos, porções de atum, de feijão, latas e frascos de conservas, bolos, braços de balanças, sabonetes, garrafas de vinhos finos, etc. Todos estes objectos foram já hoje apprehendidos em varias casas do sitio, principalmente na rua do Jardim e no Pateo das Barracas.

Lá dentro lamenta-se o occorrido. Cá fóra nos grupos a opinião geral é a de que assim não se pode viver, com os generos de primeira necessidade pela hora da morte.

Encostados ás paredes os pobres guardas republicanos já quasi se não teem de pé, tão cansados estão. Um d'elles, diz-nos: «Se lhe parece! Desde as dez horas da noite de hontem que me não sento! Já nem sinto as pernas!...

—E o cofre?—perguntamos a um empregado da casa.

—Escapou porque era forte. Quer vêr?

Acompanhamos o empregado da mercearia Coelho a um pequeno compartimento que um tabique divide do armazem d'azeite. O cofre está a um canto ao fundo, e apresenta vestigios de ter sido violentamente forçado. Como? Com um martello e um formão que os assaltantes lá deixaram ficar, na precipitação da fuga. Mais meia hora de demora na chegada da força e o cofre tinha cedido.

Fômos depois á rua Thomaz da Annunciação. Outros grupos discutem e apreciam os factos occorridos. Junto das portas 161, 163, 165 e 167, outra das mercearias assaltadas, vê-se, alastrando pelo chão, grandes quantidades de azeite.

Passam por nós os guardas e os policias que andam fazendo os rusgas. A' sua passagem ha protestos. Um operario grita indignado:—«Eu sou um homem honrado e tenho credito. Para que vieram a minha casa remexer tudo? Para quê?»

Descemos ao Rato. Ha novos grupos e novas discussões. Um policia informa-nos solicito: «Por aqui não houve nada. Nem foi assaltada a «Casa do Bacalhau», como disseram os jornaes».

Acercamo-nos d'um grupo. Fazem-se calculos dos prejuizos soffridos. Ennumeram-se as casas victimas dos assaltantes: mercearia de Manuel Lopes Coelho, regedor da freguezia de Santa Isabel, rua Saraiva de Carvalho, 150 a 152, esquina da rua Domingos Sequeira; Castanheira & Carlos, rua Thomaz da Annunciação, 187 e 183; Theodoro da Costa, rua d'Alcantara, 6-C. e 6-D; Joaquim Nunes Moreira da Fonseca, rua S. João dos Bemcasados, 14 e 16; J. Valente, rua Maria Pia, á Meia Laranja; J. Baptista & C.ª, Irmão, rua das Fontainhas, a Alcantara; Castanheira e Moura, rua Thomaz da Annunciação, 161 a 167; mercearia Godinho, rua S. João dos Bemcasados; e mercearia João Nunes Morgado, na mesma rua 33 a 35.

Prejuizos? Dez contos, diz-se n'este grupo.

E é tudo quanto podemos saber do occorrido hontem.

Os dez feridos que deram entrada no hospital de S. José, continuam em estado satisfatorio.

São tres soldados da guarda republicana, uma mulher e seis civis.

No hospital militar da Estrella estão seis soldados da guarda republicana, cujo estado é tambem satisfatorio.

Na rua do Jardim do Regedor, onde de noite houve um ataque por meio de bombas a uma força de infantaria da guarda republicana, esteve hoje muito povo vendo os estragos feitos pelos projecteis.

Nas paredes de alguns predios estão muitos estilhaços cravados e buracos feitos por balas de espingarda. Nas janellas são em grande numero os vidros quebrados.

São 79 os presos a bordo do "S. Gabriel,, e da "Zaire,,

No governo civil houve durante o dia grande movimento, vendo-se constantemente entrar e sahir agentes e guardas. Em frente do edificio tambem se viam muitas pessoas. O sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação, acompanhado do seu ajudante sr. dr. Clemente Gomes e dos agentes Belmarce, Felisberto de Oliveira e Alberto Correia e dos guardas 721, 346 e 773, foi de tarde para bordo do cruzador «S. Gabriel» e canhoneira «Zaire», a fim de identificar os presos, que são em numero de 75 homens e 4 mulheres. O chefe da 1.ª secção, sr. Albino Sarmento, ouviu varias testemunhas que assistiram aos assaltos e cujos depoimentos foram reduzidos a auto por um agente. Para procederem a diversas buscas na cidade foram escalados os agentes Leite, Cavaco e Cunha. Para o governo civil veiu de manhã uma bomba que a policia encontrou abandonada no Beato e que não explodiu. Cerca das 14 horas chegou ao governo civil uma escolta de cavallaria n.º 4 conduzindo Antonio Simões, morador na rua Alliança Operaria, 59, Albino da Silva Lans, na mesma casa, e Thomaz Rodrigues, na travessa das Florindas, 11, que se encontravam junto de uma taberna da rua Alliança Operaria, conversando sobre o caso e tratando-o a seu modo. Alguem foi prevenir a policia e d'ahi a prisão.

O sr. dr. Adolpho Coutinho, acompanhado dos agentes Pires e Felisberto de Oliveira, andou pelas varias esquadras interrogando os presos. Estes estavam nas esquadras dos Terramotos, Estrella, Beato, Anjos e Alcantara e nos quarteis do corpo de marinheiros e da guarda republicana do Carmo e Estrella. Os presos tomaram logar no «camion» da policia acompanhados pelo agente Leite e varios guardas fardados que os conduziram para o Arsenal. No quartel do Carmo estavam os 14 individuos presos no Centro 27 d'Abril, seguindo parte d'elles, ás 8 horas, n'uma escolta para o pateo da Escola Naval, embarcando no vapor «Operario» que os levou para bordo do «S. Gabriel» e os restantes tomaram logar no vapor «Azinheira», seguindo para a «Zaire» que se encontra a oeste da Torre de Belem. Quando o «camion» sahia da esquadra dos Terramotos o povo quiz impedir a sua passagem e tentou assaltar a esquadra, o que fez com que os presos fossem de novo levados para o calabouço. Participado o caso para o governo civil e d'aqui para o quartel do Carmo, seguiu para o local uma força de cavallaria que tratou de afastar os manifestantes. Os presos foram então mettidos no «camion» e seguiram para o Arsenal.

Como suspeitos de terem tomado

Folhetim d'A CAPITAL 30-1-1916

31 de Janeiro

Apenas algumas horas faltarão, quando este jornal circular, para se estar completando o vigesimo quinto anniversario sobre o primeiro movimento republicano que em Portugal se registou.

Um quarto de seculo é já mais que sufficiente, senão para fazer completamente a historia d'esse acontecimento com todos os seus detalhes, pelo menos para tirar d'elle, com exactidão e serenidade, toda a lição que elle comporta.

Ha vinte e cinco annos que, pela primeira vez, a bandeira da Republica se desfraldou na nossa terra. Ella desappareceu então n'uma fumarada de polvora. A sua haste foi cortada pelas balas. Cahiu, cobrindo o corpo de generosos luctadores que por ella tinham cahido tambem, sob a fuzilaria monarchica. Deixou de ser um bello estandarte para ser uma nobre mortalha. Menos de vinte annos depois, a mortalha dos vencidos volvia-se de novo n'um pendão, que d'essa vez foi o dos vencedores.

Seria, porém, um erro suppôr que essa apparição instantanea da bandeira da Republica, na fria madrugada de 31 de janeiro de 1891, transparecendo entre as neblinas na velha cidade do Porto, onde a patria teve o seu berço, não representou uma condição essencial do triumpho definitivo de 5 de outubro de 1910. Na realidade, essa aventura não representou uma derrota. Foi antes uma preparação. E tanto assim que desde esse dia nunca mais em Portugal deixou de existir um pensamento de insurreição, germinando, robustecendo-se a toda a hora. A revolução republicana, desde 31 de janeiro de 1891, não fez senão marcar successivas «étapes» em Portugal.

*

A principal razão d'este facto é que a revolta do Porto,—«definiu».

Até então, com effeito, em todos os incidentes politicos da vida portugueza, a opinião publica mostrara conservar esperanças em que a monarchia constitucional ainda podesse resolver os problemas nacionaes, senão satisfazendo integralmente o espirito liberal pelo menos contentando-o, e levando-o por isso áquella transigencia do absoluto dos seus principios que era um dos termos do pacto estabelecido entre o regimen dynastico e a aspiração democratica. O 31 de janeiro veiu provar que todas essas esperanças tinham desapparecido. Entre o povo e a monarchia já não podia haver senão uma guerra de morte.

E todavia esse povo fizera o mais largo credito ao constitucionalismo monarchico. Houve partidos, militando n'esse regimen, que tiveram uma aura popular. A sua constante defecção, provocada pelo servilismo ante o throno, acabou, porém, por extinguir essas dedicações. Um dia chegou em que o paiz procurou no campo monarchico um partido ou um homem que ainda não houvessem trahido a sua confiança, e não os encontrou.

O «ultimatum» surgiu, infligindo ao brio nacional o golpe mais doloroso que uma geração experimentára. Todos os partidos monarchicos, todas as individualidades do regimen, eram responsaveis pela situação a que nos arrastára a nossa humilhante fraqueza. E então o povo, o paiz inteiro, lançou os olhos para longe do campo monarchico, e uma voz intima clamou no seu peito esta palavra de esperança e de vida, este nome de resgate e de futuro: «Republica!»

*

Havia vinte annos que meia duzia de homens, apodados de lunaticos, quasi considerados doidos, tinham começado a fazer em Portugal a propaganda d'um regimen novo. Lenta e difficil propaganda, n'um paiz povoado de analphabetos! Para que essa propaganda desse resultados fortes, para que a predica dos doutrinarios grangeiasse uma multidão enorme de adeptos, seria preciso primeiro ensinar a lêr quasi um povo inteiro. Mas ha alguma cousa que faz irradiar o pensamento com uma rapidez a que a palavra falada ou escripta não attinge. Ha a acção. A acção esclarece, illumina, conquista. E' que a acção é a propria vida. No dia 31 de janeiro de 1891 a Republica entrou em acção, e desde esse momento a Republica ficou sendo conhecida de todo um povo. A Republica era qualquer cousa de melhor, de mais nobre, de mais elevado, electrisante como a esperança, poderosa como a fé, casta como a alma. A Republica era alguma cousa pela qual se luctava, pela qual se morria. O sentimento popular vibrou. A Republica ficou consagrada. Estava definido o remedio aos males da Patria, estava aberto o caminho para a libertação das consciencias.

Até esse dia, a Republica fôra a abstracção. D'ahi em deante, concretisou. Animou-a uma vida propria. A monarchia julgou tel-a fusilado. Pensou que a exterminára definitivamente. Foi quando ella começou a viver, tomou uma apparencia real, quasi diriamos se corporisou. Teve uma fórma, como tinha um espirito. Como dizia aquelle obscuro soldado julgado nos tribunaes de Leixões ella devia ser uma cousa santa para que tanto electrisasse o coração!

E sendo desde esse dia que a Republica penetrou na alma popular, tambem desde esse dia ella entrou no dominio vital da acção. Os lunaticos do Pateo do Salema só pensaram conquistar laboriosamente alguns espiritos. Após a revolta do Porto, os republicanos não pensaram senão em triumphar de facto, esmagando o regimen que julgara esmagal-os a elles. N'esses vinte annos que decorreram até á implantação da Republica, o pensamento da acção dominou todos os seus verdadeiros adeptos. Não se cessou de conspirar, não se cessou de pensar em adquirir armas com que vibrar um golpe mortal ao coração gasto da monarchia. Sem duvida, esses homens de acção eram poucos, os republicanos encontraram-se reduzidos em numero após a jornada de 31 de janeiro, mas os que tinham ficado eram de boa tempera. Eram legionarios. Já em 1894, quando se fez a colligação liberal, o pensamento dos republicanos era aproveital-a para a Revolução. Em 1897, a conspiração Bazilio esteve a ponto de a desencadeiar. Dois ou trez annos depois, quando a politica nacional se agitou por causa do convenio, o movimento gorado dos officiaes da marinha, em que entrava Candido dos Reis, tinha a participação republicana, que tendia, como sempre, a dar-lhe um caracter revolucionario. Em 1906, a revolta da marinhagem tinha, latente, o espirito republicano. Em 1908, uma vasta conspiração, fracassada em 28 de janeiro, esteve a ponto de transformar as instituições portuguezas. Finalmente em 1910 a revolução rebentava, e triumphava.

A revolta de 31 de janeiro de 1891 não é pois um acto isolado. Elle constitue o inicio da acção revolucionaria. Por isso é grande. Os seus homens foram os precursores. Não ha ideia que os não tenha: na doutrina e na acção. E a alma do paiz esteve sempre com elles. Desde 1891 que nunca mais houve esperança na regeneração da monarchia. Só a houve, d'um a outro extremo de Portugal, na implantação da Republica.

*

A questão definia-se. O povo começou a vêr claro na situação. E divorciou-se totalmente da monarchia. Não ha regimen que subsista quando esse divorcio se estabelece. Desde que tal resultado se obtem a ideia que provocou esse divorcio marcha, a passo de carga, para o seu triumpho.

Foi o que succedeu entre nós, e por isso mesmo a data de hoje é merecidamente glorificada. Na realidade ella é a maior da nossa historia. O facto da Republica, no seu primeiro tentamen, não ter obtido a victima completa, não significa, como já disse, que ella fosse derrotada. Não ha derrotas que não sejam o esmagamento. Quando, d'um campo de batalha, uma idéa se ergue ensanguentada, mas purificada pelo sacrificio, illuminada pelo heroismo, essa ideia está mais viva do que nunca, tem mais certa do que nunca a victoria. Foi o que succedeu.

MAYER GARÇÃO

parte nos assaltos estavam presos nos calabouços do governo civil 4 homens e 4 mulheres. O agente Pires encarregado de investigar sobre o que dizia respeito ás mulheres apurou que ellas nada tinham com o caso, pelo que foram mandadas em liberdade. Os homens, porém, ainda se encontram detidos.

Os commerciantes dos bairros de Alcantara e Campo de Ourique, tendo á frente os srs. Theodoro da Costa, José Castanheira e Coelho, regedor da freguezia de Santa Izabel, estiveram hoje no ministerio do interior com o sr. ministro do interior. Como o sr. Almeida Ribeiro não estivesse presente seguiram para o governo civil, para conferenciarem com o chefe do districto. Conseguiram falar com os srs. commandante da policia e chefe Sarmento e mais tarde com o sr. Alfredo Pinto, secretario do sr. dr. Costa Gonçalves. Esses senhores pediram ás auctoridades providencias a fim de evitar novos assaltos, obtendo como resposta que providencias seriam tomadas. Parte d'esses commerciantes declararam que se as suas propriedades não fossem garantidas, fechariam os estabelecimentos.

A policia continua nas suas buscas domiciliarias. Os agentes e guardas que procedem a essas diligencias véem-se em sérios embaraços visto a multidão não acceitar bem taes averiguações. Tanto no exercito como na policia as prevenções continuam rigorosas. As esquadras policiaes dos bairros mais populosos estão reforçadas. A guarda fiscal tambem se encontra de prevenção. Todas as sentinellas dos quarteis de cavallaria da guarda republicana passaram hoje a fazer serviço de carabina. A lista dos nomes dos presos encontra-se em poder do sr. dr. Adolpho Coutinho que de tarde ainda não voltára de bordo.

Bombas que explodem—Um rapaz ferido

Esta tarde andava á beira do Tejo, na Ribeira Nova, em procura de peixe que costuma cahir das canastras, o aprendiz de funileiro Francisco Ferreira, de 17 annos, morador na rua de S. João da Praça.

Em certa altura encontrou um objecto de metal com fórma espherica. Não sabendo que se tratava de uma bomba de dynamite, depois de ver que não tinha fórma facil de analysar o seu conteudo, atirou-a fóra.

Com o embate no chão, a bomba explodiu, indo um dos estilhaços alojar-se-lhe na côxa da perna esquerda.

A detonação attrahiu muita gente que acudiu ao rapaz, fazendo-o conduzir ao hospital de S. José, onde o ferimento lhe foi pensado no banco, recolhendo a casa depois de prestar declarações no governo civil.

Ainda bem este caso se não tinha dado e já no pateo do Cachenete, no Alto do Carvalhão, rebentava uma outra bomba de dynamite. O estampido foi medonho. As vidraças voaram feitas em estilhaços. Todas as pessoas que proximo estavam do local fugiram espavoridas. Felizmente não houve desastres pessoaes. Conhecido o caso no governo civil seguiu para o local a policia, que apenas poude apprehender uma outra bomba que estava por descarregar. Os postos dos bombeiros e da Cruz Vermelha estão reforçados com enfermeiros e maqueiros. Os armazens existentes na zona oriental da cidade estão guardados pela policia, vendo-se esses locaes patrulhados por cavallaria da guarda republicana. Segundo nos consta, nas esquadras de Alcantara e Terramotos ha já grande quantidade de generos apprehendidos pela policia.

Segundo dizem na policia as prisões ascendem a mais de 100 estando os presos espalhados por varias esquadras.

DESMENTINDO BOATOS

O governo tomou providencias para a manutenção da ordem

Um telegramma expedido para os governadores civis — A chegada ao Porto do chefe do Estado e dos membros do governo

Esta tarde, ás 17 horas, procurámos avistar-nos com o sr. ministro do interior ou ministro da guerra para conhecermos as impressões do governo sobre os acontecimentos da noite passada. Não o conseguimos, porque os srs. dr. Almeida Ribeiro e Norton de Mattos estavam reunidos em conferencia no ministerio do interior, assistindo tambem a essa conferencia os srs. ministro da marinha e general commandante da divisão. Soubemos, no emtanto, que o governo tinha tomado as providencias que julgou necessarias para a segura manutenção da ordem. Do ministerio do interior foi expedido para todos os governadores civis o seguinte telegramma:

Durante a ultima noite, agitadores profissionaes conseguiram induzir alguns magotes de populares a assaltarem lojas de mercearias sob o pretexto da carestia das subsistencias e aggrediram com bombas pequenos nucleos de guarda republicana, resultando do conflicto varios ferimentos quasi todos sem gravidade e a morte de um popular. A ordem ficou restabelecida ás primeiras horas da madrugada, havendo completo socego.

Noticias recebidas do Porto dizem que o sr. presidente da Republica e os membros do governo foram alli recebidos com grandes acclamações, organisando-se o cortejo sem incidente algum. Durante o trajecto, principalmente na estação de Coimbra, foram tambem muito ovacionados tanto o chefe do Estado como os ministros que o acompanhavam.

Hontem á noite foram cortados por elementos perturbadores as linhas telegraphicas em Evora, ficando interrompidas as communicações com o sul. Duas horas depois, em feita novamente a ligação, restabelecendo-se as communicações.

O socego é completo em todo o paiz, não tendo fundamento os boatos que correram hoje pela cidade e que mencionavam suppostas alterações da ordem no norte.

ARTE

A exposição de Sousa Pinto

Em que se saúda um grande pintor

No atrio do Palacio da Sociedade Nacional muni-me do catalogo da exposição inaugurada hontem. No prefacio, José de Figueiredo diz algures:

«A critica, que não deve, aqui, partir de outra base que não seja o parallelismo entre a obra de arte e a natureza que n'ella se procurou reproduzir, deante dos desenhos expostos por Sousa Pinto, só póde ter uma attitude: descobrir-se».

Creio que não sou exagerado reclamando para toda a exposição, em bloco, a mesma attitude. E por minha parte, de cabeça descoberta, eu saúdo em Sousa Pinto o grande pintor que ora vem trazer á sua terra o carinhoso beijo da sua obra de maravilhosa sinceridade, documentação fulgurante do seu talento de eleição, para que nossos olhos, amargurados na ausencia da Belleza, repousassem um pouco, extasiados apaixonados, sedentos de luz e de verdade, na visão grandiosa da sua arte.

Deslumbrados, antes que a nossa impressão esfrie até o possivel de uma analyse, é no seu soberbo conjuncto que havemos de dizer da grande sensação esthetica intensamente produzida pela obra que Sousa Pinto ora expõe e que representa, além do divino prazer que banha as almas ao quedarem-se os olhos na visão magnanima, uma forte, salutar e eminentemente necessaria lição aos nossos artistas, a quem a falta de exposições internacionaes, ia seguidamente arrojando para a mesquinha producção d'uma arte menos que restricta, especie de habilidade domestica, em que se esterilisam admiraveis temperamentos amarrados, por malaventura, dos pessimos exemplos dos mestres.

Antes que os labios se permittam detalhar as nossas impressões, sejamos sinceramente leaes repetindo o grande «evohé!» do nosso espirito—Salvé triumphador!

Silva-Passos

Nota:

O sr. presidente da Republica não podendo assistir á inauguração fez-se representar pelo sr. ministro da instrucção publica, tendo tambem enviado ao illustre pintor uma carta em que se desculpava de não realisar hontem a sua visita, promettendo-a para outro dia, á sua volta do Porto.

Tambem estiveram presentes os srs. ministro dos estrangeiros e secretarios do ministro do interior e dos estrangeiros, assim como a commissão d'Arte e Archeologia e o conselho do Muzeu de Arte Contemporanea que adquiriu 12 quadros.

E' a seguinte a nota dos quadros já vendidos:

Anonymo, «A ladeira de Francelos»; D. Luiza Balsemão, «Debaixo da ramada»; J. A. Ferreira das Neves, «As ultimas papeulas»; Carlos Seixas, «L'appel au passeur», «crepusculo»; F. S. Ferreira das Neves «Lavadeiras da Bretanha»; J. S. Esteves Brandão, «Rio Scorff»; dr. Correia Leite, «Ao entardecer»; F. S. Ferreira das Neves, «Surprehendida»; José Amorim, «O moinho velho»; Mario de Artagão, «Casa do Corveu»; dr. Francisco Falcão, «Arco-Iris»; dr. Reinaldo dos Santos, «Perfil»; dr. Reinaldo dos Santos, «Creança a dormir», sanguinea»; Carlos Machado Ribeiro Ferreira, «Estudo»; e dr. Reinaldo dos Santos, «Um dia de chuva no areal».

Academia de Amadores de Musica

O sarau de hontem foi uma verdadeira festa d'arte

O serão sobre a «Arte da dança» hontem realisado no Salão do Conservatorio para celebrar o 32.º anniversario, revestiu uma imponencia que faz honra aos seus habeis organisadores srs. Lobo de Campos quanto á parte litteraria e maestro Blanch, D. Lola Veneruse Sá e M. Garin quanto á parte musical. A conferencia do dr. Manuel de Sousa Pinto um dos mais brilhantes escriptores e criticos de arte da actual geração, foi uma oração magnifica em que se fez a apologia da dança em que das mais bellas artes que deve interessar ao sexo feminino.

Fez a historia da dança em todos os tempos, por uma maneira deveras culta e interessante recebendo no final uma prolongada ovação, e da direcção da Academia o honroso diploma de seu socio benemerito. Entrecortando a conferencia houve a deliciosa recitação d'uma «Bailada do seculo XIII», o «Minuetto» de Gonçalves Crespo, e «A Valsa», de Casimiro de Abreu, que tiveram em mesdemoiselles Leonor Cachudo, Aline Benamor Lys e Ema Torres Gomes, tres talentosas interpretes, articulando, gesticulando e dando suave sentimento aos bellos versos que foram applaudidos com caloroso enthusiasmo.

A esplendido orchestra sob a direcção magistral de Pedro Blanch, desempenhou-se com verdadeiro relevo da sua parte sobre danças, salientando o «Minuetto» de Boccherini que foi bisado por entre palmas prolongadas. N'um solo de canto temos de salientar mademoiselle Maria Manuela Navarro de Sampaio, discipula de madame Mantelli, que acompanhada a piano por madame Metello Antunes, revelou grandes dotes de artista e possue uma esplendida e bem collocada voz.

Em sólos de violino, harpa e piano confirmaram os seus creditos de artistas de merito mesdemoiselles Benedita Santos, Cecilia Borba da Costa e Hilda Carneiro, sendo todas muito festejadas.

A direcção, representada pelos srs. marquez de Borba e João Vieira foi affectuosamente saudada durante a noite assim como os professores Pedro Blanch, Lobo de Campos e Marcos Garin.

O DIREITO DE ANGARIA

Navios allemães em Portugal

A situação presente justifica o seu aproveitamento no serviço de transportes

Do sr. João Baptista Horta, capitão da marinha mercante portugueza, recebemos a seguinte carta que com tanto maior prazer publicamos o quanto é certo possuir a sua opinião toda a auctoridade de um profissional:

Sr. redactor.—As considerações feitas n'*A Capital* a proposito d'estes navios, refugiados nos, mas surtos antes por conveniencia propria em aguas portuguezas, teem merecido reparos áquelles a quem o progresso de Portugal seja feito sob a egide da Republica e a outros, em cujo espirito doutrinas ou theorias partidarias se sobrepõem á principal questão que, não só no nosso paiz como nos outros, actualmente se agita—a questão economica. Quando n'estas columnas se disse que os Estados Unidos da America e a Hespanha estudavam a forma de poder aproveitar em seu serviço semelhantes navios em seus portos surtos logo um jornal da noite veio dizer que se nós seguissemos tal exemplo crearíamos um direito «novo».

Distinguamos: Não sabemos as bases em que os governos d'aquelles paizes procuraram assentar para a promulgação de taes medidas, mas não andarão arredados, certamente, d'aquelle direito «velho» baseado no principio d'angaria.

O direito d'angaria baseia-se, como se sabe e os principios consuetudinarios do direito internacional maritimo estatuem, na razão em que um Estado legalmente constituido tem em se apossar, para seu uso, de quaesquer navios surtos em seus portos devendo aos mesmos o salario correspondente aos serviços prestados ou a outros que em qualidade de circumstancias seus armadores auferissem.

Não é pois como vê direito «novo» nem tão pouco revolucionaria tal medida quando razões outras não bastassem, entre nós, para justifical-a base nova apresentada parlamento no dia 28 pelo sr. ministro do fomento no seu projecto de subsistencias. Nem se devem atemorisar os mal intencionados ou aquelles a quem a politica contraria veda os olhos de bom senso pelo procedimento que a Inglaterra, especie de papão com que se tem mystificado a opinião, por tal motivo teria para comnosco. Pois não será ainda tempo de colhermos resultados praticos da nossa situação internacional?

Julgamos que sim, e, como nós, já na imprensa estrangeira se fazem referencias á situação de Portugal tal medida tem sido preconisada.

De resto, isto não envolve senão o claro desejo que temos em ver solucionada, pela parte correspondente, o problema das subsistencias para o encarecimento das quaes tem contribuido o augmento excessivo de fretes proveniente da falta de transportes maritimos. Qualquer augmento que se faça logo ele é indicado como consequencia do que deixamos dito e até hontem o «Seculo» referindo-se ao preço do gaz nos mostrou a cáse com a «Companhia se escudou não só para tal augmento no augmento do preço para a obtenção de gaz de agua». E a escassez de transportes maritimos no nosso paiz mais se tem feito sentir devido á pequenez da tonellagem da nossa marinha mercante e necessario tem sido ir-se á frota dos navios bacalhoeiros deslocal-os do trafego para que foram adequados, a fim de os empregar no commercio de transporte. E talvez, agouramos, o consumidor venha a sentir na algibeira o desvio... de vez que se tem ouvido que com proveito... as suas... muitos... que armarão para na epocha proxima irem aos bancos da Terra Nova buscar o artigo que foi dos pobres, hoje remediados e ámanhã só accessivel a ricos.—De v., etc.—*João Baptista Horta*, capitão da marinha mercante.

A festa artistica de Augusto Rosa

Noite de gloria e de extraordinario enthusiasmo vae ser a do proximo sabbado em que se realisa no theatro da Republica a festa artistica de Augusto Rosa, o grande mestro da scena portugueza. N'esta noite representa-se a celebre peça de Bernstein «Samsão», uma das maiores corôas artisticas do grande actor. Os assignantes teem preferencia até amanhã sobre os logares até á proxima quarta-feira. Na quinta principia a venda avulso.

Theatro Republica

A'manhã representam-se a festejada peça «D. Cezar de Bazan», admiravel trabalho de Augusto Rosa e a peça de Julio Dantas «A Ceia dos Cardeaes».

Depois d'ámanhã é a 2.ª recita de assignatura com a celebre peça «Primerose».

ULTIMAS NOTICIAS

EM TORNO DA GUERRA

A Inglaterra e o bloqueio dos neutros

Luctaremos até final, diz Edward Grey

A sessão de 26 do corrente na camara dos communs, em que se discutiu a necessidade de se intensificar o bloqueio dos paizes neutros, revestiu uma excepcional importancia. As galerias e a sala regorgitavam. M. Shirley Benn apresenta uma moção no sentido de que o governo tome rapidas e seguras medidas para o isolamento da Allemanha, sem que, todavia, se prejudiquem os legitimos interesses das nações visinhas do imperio inimigo.

A moção que n'este sentido apresentou, está redigida nos seguintes termos:

«Se nós tivessemos, desde o inicio de guerra, declarado o bloqueio, nos mesmos termos em que foi feito o de Lincoln, durante a guerra da Successão, teriamos impedido a Allemanha de receber muitas coisas, das que lhe são mais necessarias. Confio em que o governo por da parte as deliberações que tomou em conselho, as quaes nem satisfizeram os neutros, nem impediram o inimigo de receber aquillo de que tinha necessidade e que, tomará, de accordo com os nossos alliados uma decisão relativa ao bloqueio dos portos germanicos.

Dever-se-hia estabelecer uma linha de demarcação de aguas territoriaes norueguezas, em relação á Escossia, atravez da Mancha e do Estreito de Gibraltar e deter tudo o que por ali passasse, em direcção á Allemanha. Ainda mesmo que os neutros nos accusassem de violar o seu direito, deveriamos tomar immediatamente em consideração o bloqueio rigoroso, se é que pensamos que semelhante medida nos conduz a uma rapida solução da guerra.

A America não se opporá certamente a isso. A população ingleza sentir-se-hia reconfortada e o imperio britannico e o mundo inteiro veriam que os nossos governos teem coragem para agir em conformidade com o que julgam nosso direito legal e moral. Sir Steewart considera que seria de toda a vantagem que se conseguisse á França a missão de induzir as negociações com os Estados Unidos, relativamente ao bloqueio.

O secretario de Estado dos negocios estrangeiros, sr. Edward Grey, diz:

«Esta discussão revela que ha engano sobre a quantidade de mercadorias, importadas na Allemanha e ainda ácerca do que o governo fez, a fim de evitar essa importação. Os numeros, a que a imprensa deu publicidade, não resistem a um exame serio. Os neutros importam dos Estados Unidos as mercadorias que estes recebiam da Allemanha. Citam-se os generos exportados dos Estados Unidos, sem se preoccuparem com elles até ao seu destino. Os carregamentos de carnes expedidos pelos neutros, por exemplo, são detidos e remettidos ao tribunal de prezas».

«Sir» Eduardo Grey analisa os numeros publicados, mostrando o erro das deducções que a imprensa fez, a tal respeito. Assim, a Hollanda e os paizes scandinavos não exportaram trigos para a Allemanha, porquanto apenas receberam a quantidade necessaria ao consumo normal. Os desvios são montaveis. Não são estes desvios são menos consideraveis do que se podia esperar. O «Foreign Office» não perde nenhum ensejo de acção, que tudo se relaciona acerca de mercadorias.

Sir Edward Grey explora o procedimento havido para com os carregamentos levados a portos britannicos, accrescentando:

«E' necessario não afastar de nós a sympathia dos neutros, de não contar a fonte dos nossos aprovisionamentos e dos nossos alliados e, ao mesmo tempo, explicar, justificar e defender a nossa intromissão no commercio dos neutros.

«Se estabelecessemos uma linha de bloqueio, deveriamos respeitar o direito dos neutros e deixar seguir o commercio leal, destinado aos portos neutros. E' o que fazemos. Temos deter todas as marcadorias que entram ou sahem da Allemanha. Applicamos a doutrina, a que vulgarmente se chama de «viagem continua». Devemos proceder de accordo com os nossos alliados. Assim o fazemos com a França, desde março ultimo.

«Os francezes deram precisamente as mesmas instrucções que nós demos n'esse mez á marinha britannica. Se nós e os nossos alliados declararmos o bloqueio cada um de nós publicará a sua declaração.

«Estou de accordo quando quereis uma acção commum entre os alliados e é precisamente o que, desde março, se tem feito com o governo francez. Vamos responder á ultima nota dos Estados Unidos, contendo as objecções americanas. Estudamos a questão, mas, antes, faremos conhecer, tal é o nosso dever, egualmente ao governo francez, egualmente interessado n'ella.

Esta consulta tem presentemente em vista não só prosegir a mesma politica, mas justificar pelos mesmos argumentos e expor ao mundo inteiro o problema com o mesmo aspecto (applausos).

Nós podemos tambem estudar esta politica com alguns dos outros alliados que podem ser chamados a participar effectivamente na sua execução, depois, somente, dizer aos neutros que estamos perfeitamente dispostos a examinar todo o methodo para levar por deante a politica de março ultimo, que consiste em exercer o direito de belligerantes, deter todo o commercio inimigo, sem occasionar qualquer outra que sendo mais agradavel aos neutros ou menos incommoda para elles, seja, todavia, egualmente eficaz.

«Devo dizer aos neutros: Não podemos renunciar ao direito de entravar o commercio inimigo. Todavia o exercicio d'este direito pode incommodar consideravelmente o vosso commercio. Admittis que procedamos exactamente como os americanos por occasião da guerra da Successão e empregamos que as mercadorias cheguem ao inimigo por intermedio dos paizes neutros?

«Se os neutros responderem affirmativamente, como por equidade o devem fazer, dir-lhe-hemos: então, faremos todo o possivel, para que nós facilmente possamos distinguir. Se responderem que não temos o direito de impedir o commercio com o inimigo; será então o momento de sahir da neutralidade.

O ministro concluiu:

«Estamos compromettidos n'esta guerra com os nossos alliados. Não tenho intenção de dizer quaes sejam as nossas condições de paz. E' questão para ser discutida e regulada com elles.

«Direi sómente que devemos acabar com o militarismo prussiano que constitue uma ameaça permanente contra a paz.

«Pômos todos os nossos recursos n'esta guerra. O «summum» do nosso poder militar naval e financeiro será posto á disposição dos nossos alliados para com elles liquidar o conflicto. Iremos até ao fim. Continuaremos a dar todo o nosso esforço. Exerceremos o «maximum» de pressão sobre os nossos inimigos. Todo o poder da nossa marinha será utilisado para impedir o seu revigoramento. Com os nossos alliados luctaremos com todas as forças, até que tenhamos o nosso fim.

Vivos applausos coroaram o discurso do ministro.

Uma esquadra japoneza na defeza do canal de Suez

ROMA, 30.—Consta n'esta cidade que uma esquadra japoneza, constituida por varios cruzadores vem a caminho do Mediterraneo, devendo estacionar no canal Suez. Ao que se affirma é duplo o motivo d'esta visita da armada nipponica: a protecção aos navios mercantes d'aquella nacionalidade, alguns dos quaes já foram afundados e a cooperação eventual com a esquadra ingleza na defeza do canal.

Entre os navios, cuja visita se annuncia, figura o «Kasuga», cruzador de 7.800 toneladas, construido em arsenal italiano e que foi entregue pouco antes da conclusão da paz entre russos e japonezes.—(Corresp.)

Os "zeppelins" sobre Paris

São 7 os mortos e 22 os feridos

PARIS, 30.—O «Zeppelin» que voou sobre Paris lançou 13 bombas, ficando desmoronadas 9 casas. Morreram 7 pessoas e ficaram 22 feridas, sendo todas as victimas mortas em casa; na rua não morreu ninguem. Nos locaes acham-se o presidente Poincaré, o ministro do interior, sr. Malvy, os generaes Clergerie e Galopin e os prefeitos da policia e do Sena.—(Havas).

A lucta no theatro occidental

PARIS, 30.—Communicado official das 15 horas:

Os allemães pronunciaram hontem á noite um ataque ás nossas posições. Ao sul do Somme, em frente de Dompierre, por duas vezes a infanteria inimiga foi repellida pela nossas trincheiras pelos nossos tiros de enfiada e pela nossa fuzilaria.

Nenhum acontecimento importante a assignalar no resto da linha de batalha.—(Havas).

Rebeldes batidos pelos francezes

TAZA, 29.—As nossas tropas, sob o commando do coronel Simon, surprehenderam no dia 27 e destruiram completamente o acampamento do agitador Abdel Malek, dispersando a «harka». O agitador fugiu.—(Havas).

Na fronte austro-italiana

ROMA, 29. — Official. Ha noticia de pequenas escaramuças felizes para as nossas tropas. Na Carnia a artilharia deteve a acção contra as nossas posições de Belgrande. Bombardeamos a «gare» de S. Pietro.—(Havas).

Na Albania

ATHENAS, 29.—Dizem de Janina que os albanezes occuparam Beratre e Noirons.—(Havas).

Uma industria ameaçada

Os fabricantes francezes de tecidos de lã receiam que a Inglaterra lhes recuse a materia prima

PARIS, 28.—Os fabricantes francezes de tecidos de lã que, desde a invasão nas suas fabricas da região actualmente occupada pelo inimigo tentaram organisar um pouco a producção no centro e no meio dia da França, estão alarmados com a decisão tomada pelo governo inglez de prohibir a exportação da penteada, que era até agora a unica materia prima de que dispunham.

O presidente da camara syndical de tecidos em França acaba de escrever sobre o assumpto ao ministro do commercio para lhe chamar a attenção sobre a gravidade de tal medida, cujas consequencias seriam inevitavelmente as seguintes: paralysação immediata das fabricas francezas, falta de trabalho para milhares de operarios, encarecimento exaggerado dos tecidos de lã e a annullação dos esforços da industria textil no sentido de conquistar os mercados perdidos pelos allemães.

O presidente da camara syndical accrescenta que os concorrentes inglezes, a cujas reclamações se deve tal medida, não obteriam com ella a menor vantagem, visto que as lãs exportadas para França são mais finas e mais curtas que as que emprega a industria ingleza, e portanto inutilisaveis n'essa industria. Alem d'isso, tendo já os fabricantes inglezes de tecidos assegurado mercados para toda a sua producção, a Inglaterra não conseguirá outra coisa mais do que crear, a favor de alguns privilegiados, o monopolio dos tecidos de lã.

Os fabricantes francezes pedem pois, ao governo para que intervenha rapidamente junto da Inglaterra a fim de não ser aniquilada a sua industria.

O 31 de Janeiro

A partida do sr. presidente da Republica para o Porto

Como estava determinado, seguiu hoje para o Porto, onde vae assistir ás festas commemorativas do 31 de Janeiro, o sr. presidente da Republica. A's 8 horas, quando a agglomeração de povo era já grande na estação do Rocio, compareceu na gare o sr. Luiz Barreto da Cruz, 1.º official da secretaria da presidencia, a fim de verificar se tudo estava prompto para a partida do sr. dr. Bernardino Machado. Entretanto chegava á estação um batalhão de infantaria 5, sob o commando do capitão, servindo de major, sr. Correia dos Santos, com a respectiva banda. Commandava a primeira companhia o capitão sr. Oliveira e a 2.ª o capitão sr. Canhão. A força foi postar-se na rampa, ficando a banda na *passerelle*. Pouco depois chegava á estação o sr. ministro da marinha acompanhado dos seus ajudantes, não tardando a comparecerem os srs. ministros da instrucção, extrangeiros, guerra, fomento, interior e colonias, general Correia Barreto e ajudantes, general Encarnação Ribeiro e ajudantes, dr. Levy Marques da Costa, dr. Germano Martins, governador civil, general Pereira d'Eça e ajudantes, etc. A's 8,15 minutos chegam o sr. presidente do ministerio, acompanhado do chefe do seu gabinete, sr. Arthur Costa, e dos seus secretarios, srs. Antonio Tudella e Urbano Rodrigues.

Vinte minutos depois a força apresenta armas. E' o sr. presidente da Republica que chega. A' frente um esquadrão de cavallaria e depois um coupé com o sr. dr. Bernardino Machado e o secretario geral da presidencia, sr. Maia Pinto, o coronel Manuel Maria Coelho e outro coupé com os srs. Americo da Camara Leme e tenente-coronel Rodolpho Malheiro. O sr. presidente da Republica encaminhou-se para a gare e tomou o salão n.º 6, ao qual ia atrellado o vagon-restaurant, sendo muito acclamado e levantando-se vivas á Patria, á Republica, aos heroes do 31 de Janeiro e á cidade do Porto. O comboio partiu com 15 minutos de atrazo, acompanhando o sr. presidente da Republica os srs. coronel Manuel Maria Coelho, tenente-coronel, Malheiro, dr. Affonso Costa, Barreto da Cruz, capitão Maia Pinto, Americo Camara Leme, ministros do fomento e instrucção e respectivos secretarios. Tambem seguiram o chefe da 2.ª secção da policia de investigação criminal Murinheira e os agentes Alfredo Maria, Eduardo Tavares e Joaquim de Figueiredo. Tanto á chegada do sr. presidente da Republica como á partida do comboio a banda tocou a *Portugueza*.

Os excursionistas ao Porto

O comboio especial organisado por uma commissão de republicanos sahiu da estação do Rocio em direcção ao Porto ás 8,55 minutos, vendo-se a gare repleta de pessoas, muitas das quaes tinham ido apresentar as suas homenagens ao sr. presidente da Republica. Os excursionistas que eram em grande numero, tomaram logar em duas carruagens de 2.ª classe e 4 de 3.ª. Quasi todos empunhavam bandeiras, levantando-se á partida do comboio inumeros vivas.

A chegada ao Porto

O sr. presidente da Republica calorosamente acclamado

PORTO, 30.—A' sua chegada á estação de Campanhã, o sr. presidente foi cumprimentado pelas auctoridades civis e militares, dando-lhe as boas vindas em nome da cidade, o governador civil, sr. dr. Alberto d'Aguiar. Depois dos cumprimentos organisou-se o cortejo que atravessou as ruas da cidade, por entre filas de tropa e de uma massa compacta de povo. Chegado ao palacio da Cidade houve novos cumprimentos. O chefe do Estado depois de descançar alguns minutos, dirigiu-se com o seu secretario aos paços do concelho, sendo saudado durante o trajecto pela numerosa multidão que enchia as ruas, as janellas e até mesmo os telhados, e que o saudava com enthusiasmo. Na camara recebeu os cumprimentos, respondendo á allocução do sr. dr. Alberto d'Aguiar, em termos de muito agradecimento. Depois voltou ao palacio da Cidade, onde recebeu os cumprimentos de varias collectividades.

A's 17 horas as tropas desfilaram em frente do edificio municipal, em cuja saccada se achava o sr. dr. Bernardino Machado. N'essa occasião foi o sr. presidente da Republica alvo de uma enthusiastica ovação.

A ordem é absoluta.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

LUTUOSA

Falleceu a sr.ª Mathilde do Carmo Moura, cujo funeral se effectua amanhã, pelas 14 horas, sahindo da egreja parochial do Coração de Jesus, a Santa Martha, para o cemiterio oriental.

—Repentinamente falleceu hoje o sr. Caetano José Simões, chefe da policia aposentado e que durante largo tempo dirigiu a esquadra da Camara Municipal. O funeral realisa-se ámanhã, pelas 15 horas, sahindo o prestito da rua da Magdalena, 202, 3.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

Os acontecimentos

NOTA OFFICIOSA

Quando o nosso jornal estava para entrar na machina fomos informados pelo ministerio do interior que o governo ia mandar para os jornaes uma nota officiosa sobre os acontecimentos.

N'essa nota diz-se que os tumultos foram provocados por agitadores operarios e secundados por elementos irrequietos que viviam de interesses auferidos nsa casas de jogo. Faz-se o relato dos tumultos, salientando-se os estragos que os manifestantes causaram nos estabelecimentos.

O governo informa que as prisões continuaram durante o dia de hoje e que tambem foram postos em liberdade alguns dos presos cuja innocencia se averiguou, estando tomadas as medidas tendentes a garantirem a tranquillidade publica.

EM EVORA

Informações recebidas de Evora dizem que se deram ali hontem á noite tumultos de certa importancia, que foram suffocados por uma força de cavallaria que ali se encontra. As auctoridades relacionam esses tumultos com os acontecimentos de Lisboa.

MUSICA

Concerto David de Sousa

O 9.º concerto da orchestra da Associação dos Musicos Portuguezes foi o que, sem medo aos exageros, se póde chamar uma completa maravilha para ouvidos, como os nossos, pouco habituados a, n'uma só tarde, servirem ao espirito uma tão grande somma de commoções estheticas.

Todo o escolhido e audacioso programma foi admiravelmente executado, devendo affirmar-se que hoje, mais do que nunca, definitivamente se reconheceu a victoria incontestavel de David de Sousa.

A orchestra, o maestro e João Arroyo, de quem se ouviu a bella «Marcha a Camões», foram ovacionados pelo publico que enchia absolutamente toda a locação do Polytheama. Foi uma audição esplendida, no estricto e verdadeiro sentido da palavra, a da «Abertura solemne» de Tschaikowski, com a qual os excellentes musicos e David obtiveram triumphaes applausos.

S. P.

Concerto da Orchestra Symphonica Portugueza

O concerto de hoje, cujo programma peccava, como o de domingo passado, por falta de trechos classicos, comprehendia duas primeiras audições: a «Serenata» de Saint-Saens, que tão bem agradou á publico nacional que foi bisada, e a introducção do terceiro acto do «Tristão».

O andamento d'esta deveria ser mais lento para assim se crear a atmosphera de desolação e ruina que o auctor evocou; o solo interno de trompa ingleza foi tocado com segurança mas sem doçura; d'este modo a impressão do quadro wagneriano ficou frustrada.

Repetiu a orchestra o trecho symphonico da «Redempção», de Franck; boa foi essa repetição porque a sua execução melhorou; e conveniente será repetil-o ainda, para que a obra musical que por si só se impõe, mas ainda para que o publico chegue a convencer que está ouvindo uma grande e bella obra.

A «Symphonia Pathetica» de Tschaikowsky obteve uma excelle te interpretação, sendo de especialisar o «allegro molto vivace», em que Blanch foi em verdade superior.

Fechava o concerto a «Rapsodia hungara em dó» em que a orchestra foi brilhante, como de resto costuma ser em todas as rapsodias de Liszt.

A. de A.

O incendio em Santa Clara

Em vista do corpo de delicto a que se procedeu sobre o incendio no Deposito Central de Fardamentos não ter fornecido prova alguma para serem pronunciados, o sr. dr. Meyrelles Leite, juiz do 1.º juizo de investigação criminal, mandou hoje em liberdade Epiphanio Rodrigues Duarte, mestre geral das officinas de alfaiate, que se achava preso por ser indiciado como auctor do incendio, e José Antunes, que n'esse dia deu baixa do serviço.

Sport

O desafio de foot-ball

No desafio de hoje, que attrahiu numerosa concorrencia, o grupo da Associação de Lisboa venceu o da Associação do Porto por 2 *goals* a 1.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Arbitrariedade policial?

Informam-nos ser menos exacta a queixa que a nossa redacção veiu fazer o mestre d'obras do theatro Polytheama, sr. Alfredo Carvalho, contra o sr. tenente Ochôa, que o não aggrediu, limitando-se apenas a mandal-o sahir do theatro em virtude da attitude incorrecta pelo sr. Carvalho assumida. E foi na qualidade de particular, pois como particular ali estava, que o sr. tenente Ochôa assim procedeu, e nunca na sua qualidade de official ao serviço da policia.

ESPECTACULOS

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Coimbra, terra d'amores — Um anjinho da pelle do diabo.
REPUBLICA — A's 21—Ceia dos cardeaes—D. Cezar de Bazan.
TRINDADE—A's 21 — O dia de juizo. (Revista).
POLYTEAMA — A's 21 — A vida d'um rapaz pobre.
GYMNASIO—A's 21—O maroquinho.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — O diabo a quatro.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Palavra d'honra! (Revista).
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
MODERNO—A's 20,45 e 22,45—Sempre fresquinho.
COLYSEU DOS RECREIOS—Companhia de opera lyrica—A's 21—Othello.

Agenda da semana

HOJE — Apollo—Primeira representação da revista *Palavra honra*.

Primeiras representações

COLYSEU DOS RECREIOS —*Loreley*, opera de Catalani.

A opera *Loreley* chamou hontem ao Colyseu enorme e escolhida assistencia. Salomea Cruceniski foi, como sempre, uma cantora eminente. Correctissima como actriz, admiravel como cantora, a sr.ª Kruceniski recebeu as mais vibrantes, expontaneas e calorosas ovações.

Os srs. Mimo Zuffo e Tincani muito bem, assim como a sr.ª Assunta Garginlo na parte de *Anna de Rebberg*.

A orchestra, sob a habil regencia do grande maestro Puccetti, esteve admiravel.

Os bailados muito bonitos, sendo muito applaudida a primeira bailarina sr.ª Santanina Azzolini.

Ao correr da pena

Realisou-se hontem, no theatro da Republica, um almoço offerecido pelos artistas á empreza. Mau grado meu não pude assistir a essa festa e honrar o convite pessoal que me tinha sido dirigido pelos promotores. Com profunda alegria me teria associado á justissima homenagem prestada a S. Luiz Braga e aos seus socios. Elles tinham absoluto direito a essa prova de grata estima dos seus escripturados e bem fizeram estes em testemunhar mais uma vez os sentimentos a que os obrigam os esforços feitos no theatro do Thesouro Velho. Ali se reune hoje a melhor companhia de declamação portugueza e é justo que ella reconheça que o prestigio que a cérca depende não simplesmente do alto valor d'alguns dos seus membros, mas tambem da forma intelligente como ella tem sido conduzida pela mão do mestre de S. Luiz Braga, da composição habil dos repertorios em que teem sido valorisadas as primeiras figuras e as utilidades, da gerencia felizmente conduzida que tem proporcionado aos nossos primeiros comediantes um publico do escól n'um theatro que alguem soube tornar o preferido entre todos os da capital. Que a festa de hontem não tenha apenas uma significação passageira, que a ella corresponda uma solidariedade de esforços sinceros, que todos os que hontem ergueram as suas taças ergam tambem os seus corações n'uma amisade dirigida a quem bem a merece, pela bondade do seu espirito e da sua alma e por tudo quanto tem realisado em favor dos seus queridos artistas.

Boatos e informações

Entre nós

Na festa em homenagem a Eduardo Schwalbach que se realisa na proxima quinta-feira para solemnisar a centesima representação da revista «O dia de juizo», serão recitados por artistas versos de Julio Dantas, Accacio de Paiva e Felix Bermudes. A convite de Affonso Taveira, André Brun pronunciará uma allocução.

—Na recita de gala que se effectua hoje no Porto, no theatro Aguia d'Ouro os artistas do theatro Republica, Chaby Pinheiro, Thomaz Vieira, Jesuina Saraiva e Laura Hirsch representarão as peças «1023» e «Cavalheiro respeitavel».

—No theatro Olympia do Porto deve subir brevemente á scena uma revista «Porto-Lisboa», original de Arnaldo Leite, Carvalho Barbosa e Ernesto Rodrigues.

—Tem estado doente a actriz Barbara.

—A festa da intelligente actriz Albertina d'Oliveira realisa-se, como já dissémos, no Nacional, não no dia 1, mas sim no dia 2, quarta-feira. Está despertando o mais justificado interesse, por se tratar da «première» da «Vida d'um rapaz pobre», em que o actor Alvaro reapparece no seu antigo papel.

—No Colyseu dos Recreios cantase ámanhã o «Othello», em recita da moda. Na quarta-feira, recita extraordinaria com a «Loreley».

Estrangeiro

Promovida pela Associação da Imprensa romana, com o concurso dos criticos musicaes e outros escriptores da especialidade, vae realisar-se na Cidade Eterna o centenario da opera de Rossini o *Barbeiro de Sevilha*. O celebre *spartito* será executado no theatro Argentina, onde recebeu o baptismo triumphal, tendo por interpretes os melhores cantores nacionaes.

O producto d'essa audição sensacional reverte a favor da Cruz Vermelha e dos mutilados de guerra.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella; Salão Lisboa, Salão dos Anjos, Salão Cosmopolita.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Uma preterição illegal

Pessoa de familia do agrimensor da provincia d'Angola sr. João de Azevedo vein pedir-nos que chamemos a attenção do sr. ministro das colonias para um acto illegal de que aquelle senhor acaba de ser victima. Ha dois annos que o sr. João de Azevedo fôra promovido á 2.ª classe, logar de que acaba de ser esbulhado, voltando á 3.ª, para na 2.ª classe ser collocado um outro agrimensor que, ao que parece, dispõe de grandes empenhos.

E tanto assim é, accrescenta a pessoa que nos informa, que os trabalhos do actualmente nomeado tiveram todos a nota de *errados*, o que não obstou a que o conselho colonial, por influencias de alguem, se pronunciasse em favor d'esse candidato, apesar dos trabalhos do sr. João de Azevedo serem melhores.

O caso é grave—a dar-se como se passou—e para elle chamamos a attenção do sr. ministro das colonias.

Sala dos sargentos e Fraternidade militar

A corporação dos sargentos do Deposito militar colonial resolveu fundar uma Sala dos sargentos e Fraternidade militar, sendo os seus fins: prestar auxilio a todos os associados que d'elle necessitem, crear uma bibliotheca e proporcionar diversões aos sargentos que tenham de permanecer no quartel.

Auxiliados pelos srs. capitão Antonio Ferreira das Neves e tenente Francisco de Oliveira Cidreiros, os promotores de tão util melhoramento vêem a sua ideia effectivada, realisando-se ámanhã, ás 13 horas, a inauguração da sala no quartel da Junqueira, revestindo o acto grande pompa e tendo sido convidados a assistir os sargentos de todos os corpos da guarnição.

A sala possue um bilhar e grande variedade de jogos.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Livro do viajante—D'esta publicação mensal superiormente dirigida pelo sr. A. Estevão de Victoria Pereira, sahiu o numero 2, que vem profusamente illustrado e muito interessante.

A Palcada—D'este quinzenario sahiu o numero 3. Apresenta-se bem redigido e traz um bello retrato de Mendonça de Carvalho, o activo e intelligente emprezario do Gymnasio.

Voluntarios portuguezes na guerra

Sargento cabo-verdeano ferido nos Dardanellos

Um cabo-verdeano, natural da cidade da Praia, chamado Miguel Gomes, filho do sr. Manuel Gomes Varella, commerciante estabelecido na rua da Republica d'aquella cidade, alistou-se como voluntario no exercito francez, onde rapidamente alcançou o posto de sargento, pelos seus actos de bravura.

Tendo seguido para os Dardanellos, ali foi ferido no dia 25 d'agosto findo, pelo que foi mandado para França a convalescer.

De tal modo se tem distinguido o nosso valoroso compatriota que foi condecorado com a medalha militar e a Cruz de guerra do valor militar, medalhas que lhe foram collocadas ao peito pelo presidente da Republica franceza.

Portugal e Brazil

O gesto do almirante Castilho

Sr. redactor. Tendo lido na «Capital» uma carta do sr. Rigaud Nogueira, do Porto, em que é calumniado o fallecido almirante Castilho, peço a v. a publicação d'estas linhas para desfazer essa monstruosidade. O almirante, a esse respeito, não deu nunca a sua palavra de honra, nem tinha que a dar, como diz o signatario. Elle telegraphou ao governo portuguez dizendo ter o navio atulhado de gente e a mais uma epidemia a bordo. A resposta foi mandarem-no para o sul.

Quem faltou á sua palavra foram os revoltosos que fugiram. Quem conheceu o caracter do almirante que foi uma das mais puras glorias da marinha portugueza, não pode ler sem indignação as palavras do sr. Rigaud. Está ainda na memoria de todos o que foi a sua absolvição, uma verdadeira apotheose, bem contra vontade de João Franco que lhe fez todas as picardias possiveis, mandando-o prender por um official mais novo, negando-lhe homenagem e acabando por não consentir na publicação do seu relatorio que era a sua defeza.

Mas o sr. Rigaud tinha pelo illustre almirante uma grande antipathia. Porquê? não sabemos mas um facto basta para o provar.

Tendo sido photographado no Porto um grupo em que estava o sr. Rigaud, veiu a photographia reproduzida na revista Brazil Portugal. Pois o sr. Rigaud ficou furioso só porque o director d'essa revista era o almirante Castilho!

Pela publicação d'estas linhas que restabelecem a verdade muito grato se confessa o—De v., attento leitor.—J. A. de Lemos.

dar a reoccupação, pelos austro-allemães, da Galicia e a invasão do seu paiz.

Embora fôssem grandes as forças e as quantidades de munições dos alliados na fronte occidental, não eram tão grandes como as que o kai-

Sheikh Shawish, um dos agitadores egypcios

ser possuia quando em agosto de 1914 invadiu a Belgica e a França. Se Guilherme II, com todas as vantagens d'uma enorme superioridade de momento, artilharia pezada e metralhadoras, não pudera abrir caminho por entre as defezas francezas, não é de admirar que os francezes e os inglezes em 1915 fizessem vagarosos progressos contra um inimigo cujos intuitos haviam sido frustrados, mas que não fôra derrotado por completo, que estava em numero talvez egual e munido de novos e horriveis engenhos de destruição.

Era evidente que, a não ser com um enorme sacrificio de vidas, era só algum se podia fazer que não fôsse preparado com um prodigioso dispendio de granadas. O perigo, em frente d'um inimigo amplamente provido de granadas e de cartuchos, de não ter de reserva grandes quantidades de munições fôra demonstrado no estado maior fran-

cez pelas batalhas na Galicia e na Polonia russa.

Cada sector da fronte de Joffre, contando de extensão seiscentos e quarenta kilometros, tinha de ter as munições sufficientes para impedir os commandantes allemães d'abrirem caminho por entre as tropas que o guarneciam. As estradas ferreas e os automoveis permittiam aos commandos allemães que concentrassem rapidamente as suas reservas atraz de qualquer ponto na sua immensa fronte de batalha e uma falta, embora momentanea, de munições em qualquer ponto da parte dos alliados podia acarretar um desastre irremediavel.

A offensiva allemã em redor de Ypres e na Argonne por meio de gazes asphyxiantes e de liquidos inflammaveis provou que o inimigo estava longe de considerar que a sua causa estava perdida na fronte occidental e havia sempre a probabilidade de que a invasão da Russia podia ser suspensa e que Mackensen com a sua phalange e gigantesca artilharia podia ser transferido para a Belgica ou para a França.

Postos estes preliminares, passemos a narrar os principaes acontecimentos que occorreram na fronte atlada desde 1 d'abril a 24 de setembro de 1915. Mencional-os-hemos por ordem estrictamente chronologica, ao longo de toda a linha de batalha desde o mar em Nieuport-Bains até aos Vosges.

Antes, porém, dediquemos algumas linhas á guerra no ar. No dia 1 d'abril, um aviador allemão, que estava lançando bombas sobre Reims, teve de aterrar, perseguido pelo fogo da artilharia.

No dia seguinte, aviadores inglezes bombardearam Hoboken e Zeebrugge e aviadores francezes causaram grandes estragos nas estações de Neuenburg e Mulheim. A 3 de abril, St. Dié foi atacada por um aviador. Zeebrugge foi de novo, no dia 8, bombardeada por aviadores inglezes.

Os francezes a 11 d'abril arremessaram explosivos sobre a estação de caminho de ferro e uma fundição em

O ataque deu-se em fórma de arco; cinco trincheiras tinham de ser tomadas proximo do mar e duas mais no interior.

Houve o usual bombardeamento iniciador da acção e o cruzador «Talbot», cuidadosamente guardado por destroyers e canhoneiras, ancorou junto do cabo Tekke e fez fogo de enfiada sobre as trincheiras turcas mais proximas.

O inimigo parecia ter falta de munições e durante todo o dia os seus canhões de campanha deram menos de 300 descargas. A 10.ª bateria ingleza destruiu as vedações d'arame farpado e os francezes fizeram um magnificamente de alguns morteiros de trincheiras. O bombardeamento, que começou ás 9 horas da manhã, durou quasi duas horas.

Exactamente antes das 11, o 1.° batalhão do regimento de Fronteiriços apoderou-se d'uma pequena obra de fortificação chamada pelos inglezes o «Forte Boomerang», no lado direito da ravina. Dez minutos depois, a 87.ª brigada, commandada pelo major-general W. R. Marshall e composta dos regimentos de Fronteiriços Escocezes Reaes, Fuzileiros Reaes Innskilling e Fronteiriços da Galles do Sul, tomou trez linhas de trincheiras turcas entre a ravina e o mar.

Muitos turcos morreram nas trincheiras, sob os escombros produzidos pelo bombardeamento, mas uns cem renderam-se. Na direita da ravina, o 4.° e o 7.° de Escocezes Reaes da divisão Lowland tomaram duas linhas de trincheiras, mas o resto da 156.ª brigada foi detido pelo fogo turco.

A's 11 e meia, a 86.ª brigada, precedida pelo 2.° de Fronteiriços Reaes, passou pelas trez trincheiras occupadas pela 87.ª brigada e tomou as outras duas trincheiras na costa.

A brigada india estava no entretanto avançando ao longo das penedias e apoderou-se d'um contraforte que corria do oeste das trincheiras que haviam sido tomadas para o mar. Era esse o extremo do objectivo inglez. As trincheiras á direita do

ataque, mais proximas de Krithia, não foram tomadas.

O inimigo deu muitos contra-ataques nas duas noites seguintes, mas sem resultado. As perdas inglezas na acção foram de 1.750 homens, sendo consideradas pequenas. A façanha mais brilhante da batalha foi a esplendida carga da 86.ª brigada. Os ganhos foram definitivos e consideraveis; umais de kilometro e meio ao longo da costa, cinco linhas de trincheiras turcas, cerca de 200 prisioneiros, trez canhões de montanha e immensa quantidade de munições e muitas espingardas.

Acção alguma depois do primeiro desembarque deu tantas esperanças aos inglezes. Parecia ser o inicio de outros progressos. Os turcos haviam sido desalojados de fortes posições e tinham sido impotentes para as retomar.

Mr. Ellis Ashmed-Bartlett, cuja narrativa dos primeiros mezes de lucta na peninsula de Gallipoli é de um grande valor para os historiadores, e que visitou a ravina de Gully no dia seguinte descreveu o que ahi viu: montões de cadaveres, montões de armas e de bayonetas, umas torcidas, outras ainda intactas, n'uma confusão medonha, horrorosa á vista.

O ultimo ataque mais importante em Gallipoli durante o mez de junho foi um violento assalto a Anzac, dirigido pessoalmente por Enver Pachá. Viera de Constantinopla e ordenára ao exercito que repellisse os australianos e neo-zelandezes para o mar.

Na noite de 29 de junho um violento fogo de fuzilaria e de artilharia estalou pela meia noite, principalmente contra a parte da fronte commandada pelo major-general sir A. J. Godley. Pela 1 hora e meia da manhã uma grande columna avançou ao ataque, sendo em breve repellida pela fuzilaria e pelo fogo das metralhadoras do 7.° e 8.° regimentos de Cavallaria Ligeira.

Outro ataque dado uma hora depois contra a esquerda e o centro, pequeno foi repellido com a mesma rapidez, e Enver Pachá voltou pa-